T. E. LAWRENCE

Os sete pilares da sabedoria



RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GRANDES TRADUÇÕES

Esta coleção reúne livros fundamentais, de ficção e não-ficção, que nunca foram lançados no Brasil, tiveram circulação restrita ou estão há décadas fora de catálogo e agora chegam ao mercado em edições traduzidas e comentadas pelos melhores profissionais em atividade no país.

Outros títulos

MIDDLEMARCH, de George Eliot, por Leonardo Fróes
A CONDIÇÃO HUMANA, de André Malraux, por Ivo Barroso
A CIÊNCIA NOVA, de Giambattista Vico, por Marco Lucchesi
O GATTOPARDO, de Tomasi di Lampedusa, por Marina Colasanti

T. E. LAWRENCE

Os sete pilares da sabedoria

Tradução de
C. MACHADO

Prefácio de
FERNANDO MONTEIRO

7ª EDIÇÃO



2015

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Lawrence, Thomas Edward, 1888-1935
L449s Os sete pilares da sabedoria [recurso eletrônico] / Thomas Edward Lawrence; tradução C.
7. ed. Machado. - 7. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.
recurso digital

Tradução de: Seven pillars of wisdom
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
ISBN 978-85-01-10696-4 (recurso eletrônico)

1. Guerra mundial, 1914-1918. 2. Romance americano. 3. Livros eletrônicos. I. Machado, C. Título.

15-27710

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês
SEVEN PILLARS OF WISDOM

Copyright © 1926, 1935 by Doubleday & Company

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 –Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10696-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



TO S.A.

I loved you, so I drew these tides of men into my hands
and wrote my will across the sky in stars
To earn you Freedom, the seven-pillared worthy house,
that your eyes might be shining for me

When we came.

Death seemed my servant on the road, till we were near
and saw you waiting:
When you smiled, and in sorrowful envy he outran me
and took you apart:

Into his quietness.

Love, the way-weary, groped to your body, our brief wage
ours for the moment
Before earth's soft hand explored your shape, and the blind
worms grew fat upon

Your substance.

Men prayed me that I set our work, the inviolate house,
as a memory of you.
But for fit monument I shattered it, unfinished: and now
The little things creep out to patch themselves hovels
in the marred shadow

Of your gift.

A S. A.

Amava-te, por isso tomei nas mãos estas ondas de homens e a minha vontade escrevi-a em estrelas, pelo céu,
Para ganhar-te a Liberdade, o solar de sete pilares,
que talvez brilhasse para mim em teus olhos
Quando chegássemos.

Pareceu-me ter por valete, na estrada, o deus da Morte, até que, próximos, vimos-te a esperar:
Quando sorriste, ele, invejoso e triste, excedeu-me
e guardou-te
Na sua quietude.

O amor, arquejante andarilho, esquadrinhou-te o corpo, fugaz recompensa, nossa por um instante
Antes que a mão macia da terra te explorasse as formas, e os vermes cegos se nutrissem da
Tua substância.

Pediram-me os homens que firmasse minha obra, a casa inviolada como memória de ti.
Em monumento adequado, contudo, demoli-a, inacabada: e agora
Saem as criaturinhas a construir abrigos
na sombra poluta
Da tua dádiva.

Geoffrey Dawson persuadiu o All Souls College a dar-me, entre 1919-1920, tempo disponível suficiente para escrever sobre a revolta árabe. *Sir* Herbert Baker permitiu-me que morasse e trabalhasse nas suas casas de Westminster.

O livro assim produzido passou à prova em 1921, quando foi feliz nos amigos que o criticaram. Deve ele em particular sua gratidão ao sr. e sra. Bernard Shaw, pelas incontáveis sugestões de grande valor e diversidade: e por todos os aperfeiçoamentos presentes.

Não pretende ser imparcial. Escrevi-o de próprio punho e por minha própria iniciativa. Queira o leitor aceitá-lo como uma narrativa pessoal extraída de memória. Não me foi possível tomar devidamente os apontamentos: com efeito, seria falta de dever para com os árabes eu colher semelhantes flores enquanto eles combatiam. História idêntica poderiam contar todos os meus oficiais superiores, Wilson, Joyce, Dawnay, Newcombe e Davenport. O mesmo é verdadeiro com relação a Sterling, Young, Lloyd e Maynard; a Buxton e Winterton; a Ross, Stent e Siddons; a Peake, Hornby, Scott-Higgins e Garland; a Wordie, Bennett e MacIndoe; a Bassett, Scott, Goslett, Wood e Gray; a Hinde, Spence e Bright; a Brodie e Pascoe, Gilman e Grisenthwaite, Greenhill, Dowsett e Wade; a Henderson, Leeson, Makins e Nunan.

E havia muitos outros líderes ou combatentes isolados a quem não seria justo este relato. Menos justo ainda, evidentemente, como todas as histórias de guerra, com os que não receberam menção, e perdem, como devem, até que tenham sua bravura reconhecida, a sua quota de crédito.

Cranwell, 15 de agosto de 1926
T. E. S.

PREFÁCIO
DE
FERNANDO MONTEIRO

Reclama-se das traduções — com razão e com menos razão — um pouco por toda parte; setores da *intelligentsia* vêem as versões como um vidro opaco, em comparação com o fino cristal das obras originais, e a verdade é que parece ser de bom-tom, "civilizado", endossar as queixas várias contra os tradutores. Por rigor ou por afetação.

Pode soar até sensato no caso da poesia — que não se transfere de língua para língua sem perda, substancial, do que o som agrega ao significado —, mas nem por isso se justificam fobias puristas, num país onde o público-leitor é como o nosso: basicamente monoglota e, para sua sorte, historicamente favorecido por uma linhagem de tradutores merecedores de elogios e homenagens no panteão da classe, esse nicho escuro no altar da literatura.

No Brasil, em retrospecto, creio que se deveria acender a luz sobre a contribuição de um grupo seleto, cujo trabalho conferiu altos padrões à tradução brasileira, no "nicho" aqui iluminado. Tivemos a lente fiel — na aproximação de obras inclusive consideradas difíceis — de intelectuais como Mário Quintana, Octávio de Faria, Rachel de Queiroz e outros que lidaram com Lord Jim, Jude the Obscure, Moby Dick etc. Foi numa época em que traduções eram entregues a ótimos escritores, embora alguns não assinassem com os seus verdadeiros nomes.

É, provavelmente, o caso desta admirável versão de *Os sete pilares da sabedoria*, de Thomas Edward Lawrence, traduzido por C. Machado, para a Cia. Brasil Editora, há mais de meio século. Uma edição — hoje das mais raras — que ainda é procurada nos sebos, por alguns aspectos inerentes à obra, ao autor e à versão, perfeitamente lograda, do livro controverso naquela altura (1938) e ainda agora.

Lawrence, todos sabem, é mais famoso por sua vida do que pela escassa herança desse texto autobiográfico, de um ensaio acadêmico (sobre castelos dos cruzados), uma versão em prosa da *Odisséia* de Homero, *The Mint* — apenas um libelo anticastrense — e os volumes das cartas do erudito de ascendência irlandesa, nascido em Tremadoc, País de Gales, em 1888. Mobilizado para atuar no *front* oriental, de 1916 a 1918 — mas com experiência direta da região desde 1911 —, foi ele o "agente de ligação" que capitaneou a chamada Revolta Árabe, daí associada para sempre ao nome e à figura do jovem inglês de baixa estatura, vestido com as roupas de "príncipe de Meca" (na imagem que ficou para a posteridade).

Ainda em vida, entretanto, iria ver a sua lenda ganhar corpo, e certamente contribuir para o interesse em torno da narrativa que lhe fora solicitada, no começo dos anos 20, quando o estado depressivo do então "mais novo herói da Inglaterra" fizera temer que cometesse alguma loucura, nas ruas da capital do império, onde vagava com fome, com vergonha do desfecho político da Revolta e com horror de si próprio. Se não viesse a se ocupar, raciocinaram seus amigos, com alguma tarefa exaustiva, de sobrevivência material e psicológica, havia o risco do colapso daquela poderosa personalidade que acabava de recusar, das mãos do rei, o título de Comendador da Ordem do Banho e da Ordem do Serviço do Mérito.

Diante disso, Geoffrey Dawson arranjou para que T. E. Lawrence fosse acolhido no All Souls College, em Oxford, sob a justificativa de que ali encontraria os meios e a tranqüilidade para coligir as suas notas de campanha, a fim de deixar um documento autorizado das principais operações militares de que participara, no Oriente.

Esse pretexto para lhe salvar a vida (ou a sanidade) é a verdadeira gênese do livro escrito pelo personagem saído da vida real com o impacto de uma ficção entre espantosa e barata, ao passar pelas mãos de jornalistas — como Lowel Thomas — que ajudaram a espalhar a lenda de "Lawrence da Arábia", em sessões de espetáculos públicos, com venda de ingressos.

A obra assim produzida viria a extrapolar, de muito, a tarefa "encomendada" — porque feita na hora exata, a um homem disposto a ajustar as contas com o assunto da Rebelião, o mito nascente do apelido (odioso para ele) e os seus pontos de vista sobre a Causa Árabe, que ainda lhe interessava, mesmo na noite escura da alma na qual tateava, desiludido e esgotado, desde o retorno para a luta pós-armistício, em Londres e Paris.

Tão introspectiva quanto movimentada, a estranha narrativa bélica do famoso "aventureiro" seria logo traduzida aqui, onze anos antes, por exemplo, da versão italiana... e isso no Brasil de final dos anos 30, longe da Arábia como da Lua. Os nossos leitores tupiniquins tomavam, portanto, contato quase imediato com o livro inglês lançado em 1935, ano da morte do autor e da primeira edição pública de *Seven Pillars of Wisdom**, a cargo de Jonathan Cape.

A pronta tradução brasileira da obra integral (280.000 palavras) era assim apresentada pela Cia. Brasil Editora, nas páginas dos anúncio dos seus lançamentos:

"Esta é a memória de um gênio, recordando aquillo que acreditava ser seu insuccesso como também aquilo que sabia ser seu triumpho. É uma mistura inextrincável de documentação humana, literatura pura, philosophia, aventura, e também uma confissão. Preço: 25$000. CIA. BRASIL EDITORA, Caixa Postal 3066 — Rio de Janeiro."

Em formato grande, capa dura, coberta de percalina impressa com a imagem meditativa de Lawrence desenhada por Augustus John, a edição (712 páginas, incluindo ilustrações) iria se tornar, já se sabe, uma raridade bem disputada por colecionadores, pela beleza gráfica e pela qualidade da versão, uma das mais perfeitas de que se tem notícia no Brasil e em Portugal.

Nela não foram feitos, agora, mais do que pequenos "ajustes" (de certos anacronismos evitáveis), para reapresentar o leitor, pelo vidro cristalino do trabalho de C. Machado, a um livro de nuances suntuosas nas páginas em que ressoam os ritmos do chamado "estilo de ouro" (da bíblia do rei James) e demais ecos, de dourados elizabetanos, do Livro de versos de Oxford, da Morte d'Arthur e de alguns relatos modernos, de orientalistas e viajantes (como *Arábia deserta*, de Dougthy), que impressionaram a juventude de Thomas Edward.

A tarefa de traduzir a obra que T. E. reescreveu várias vezes — e na qual é ele o assunto (e a "Revolta" um pano de fundo colorido, drapejando como bandeira carmesim na tarde) — obriga a "acertar", desde logo, o tom lawrenciano típico, numa gestal medieval que mistura o acento épico com dinamite e vôos rasantes de aviões sobre dunas e oásis. C. Machado foi fiel e feliz, literariamente, ao transpor a atmosfera natural, de subjetividade peculiar, entre cargas de camelo e incursões guerrilheiras, não sofrendo o texto qualquer solução de continuidade entre o aventuresco e o meditativo, as influências clássicas e uma certa "esportividade" que livra a epopéia de parecer pesada. Quando se trata de introduzir o leitor à ação e aos bastidores da ação, ao cenário "vivo" e ao passado remoto daquelas paragens, Lawrence é direto, humorado e erudito — e se

descarta da bagagem "oxfordiana" sempre que é preciso privilegiar o movimento, a fluência solene (mas nunca pedante) da narrativa.

Um dos homens mais enigmáticos do nosso tempo — conforme é freqüente defini-lo — aqui se apresenta de corpo inteiro, e usa da primeira pessoa de um modo entre modesto e narcisístico, que exige cuidados do tradutor atento à auto-exposição (Lawrence mesmo alertou para isso), impiedosa, da "pele esticada da mente" de um jovem arqueólogo feito tenente e, em menos de dois anos, general de dez mil irregulares em marcha, fanatizados por suas promessas, no deserto ainda romântico.

A trajetória é surpreendente, o gênio do autor-personagem é imprevisível, e seu ser atormentado nenhum verbete de enciclopédia seria capaz de situar *en passant*, entre os extremos da biografia de curtos anos. Nela, é rápida a sombra: o herói visto sob o sol da glória se converte, sem transição, no soldado raso das casernas do anonimato, por decisão própria — e a dura vontade, inabalável, de autopunição ou de aniquilamento daquele eu que ele dizia "detestar", pelo "horror de existir" (que alguns capítulos de *Os sete pilares da sabedoria* reiteram quase com desespero). Parece um romance de Conrad, meio truncado, cujo enredo levasse ainda mais longe os dilemas e as dúvidas de um "Lord Jim" de carne e osso, expressando a própria perplexidade. O místico de uma idéia política tornada em projeto de libertação pessoal se auto-inquire, sem trégua, sobre os motivos da ação, a validade do esforço, o sentido da luta em nome do movimento nacionalista de outro povo, de outra cultura que não a sua... e tal interrogação se amplia, metafisicamente, ainda quando Lawrence parece descrever desfiladeiros, estrelas, cadáveres e camelos.

São 122 capítulos que se acompanha como o romance de um rapaz saído de Oxford para a Idade Média, a extraordinária aventura de alguém preparado, na juventude, para brigar no máximo pelo brilho professoral, numa cátedra universitária, e que é jogado no meio do Oriente prestes a ser alcançado pelo primeiro grande conflito mundial.

Embora não reste dito com todas as palavras, será fácil entender que, caso o quadro da região, no começo do século, não houvesse convocado especialistas para ajudar na mobilização das tribos de beduínos levantadas contra a Turquia (aliada da Alemanha), o jovem diplomado em História jamais teria como vestir a pele do "agente de ligação" ou qualquer coisa parecida. Na altura em que os ingleses resolvem insuflar e apoiar o Movimento Árabe nacionalista chefiado — nominalmente — pelo Xerife de Meca, Lawrence está desempenhando a função de cartógrafo-militar, afeto ao Estado-maior britânico, no Egito, e suas tarefas

dão ensejo a que exiba um amplo conhecimento, útil aos militares. Isso — e mais a influência de D. G. Hogart — credencia o arqueólogo para ser uma espécie de observador-militar, junto à família real hachemita, enviado pelo Cairo.

De "conselheiro", o impetuoso tenente passa a "animador" de um movimento, mais amplo, de libertação — porque buscava empregar seus altos talentos em objetivo que se confundisse com os anseios mais antigos da sua juventude imaginativa, motor das transformações seguintes (e nada poderia ser mais conradiano no ânimo, no cenário e no desfecho da perigosa posição que ele assumia perante os árabes).

Ampliada a influência do "agente", também se amplia a ilusão: veste-se com a seda branca como se a indumentária bordada a ouro fosse o passaporte da sua sinceridade de possuído, ou a cota de malha dourada de um cruzado de relógio no pulso, medindo as horas da personalidade dividida. Hamlet moderno, esse é o homem que o leitor logo verá saindo das cismas para o mergulho na ação, conduzindo as tribos à conquista de Akaba, ou preparando a arremetida para Damasco, entre reflexões sobre o fracasso dos melhores homens e a ruína das mais belas crenças (que não o distraem de especular sobre a idade geológica das pedras encontradas no grande vazio etc.).

Profeta sem Deus, Lawrence diz ter tomado aquelas "ondas de homens, nas mãos", para escrever a sua "vontade no céu, entre as estrelas", embora pisasse em palco minado pelos interesses (no petróleo, inclusive) das potências governadas por políticos incapazes de sonhar com reinos do passado e céus conquistados pelo auto-sacrifício. A saga desse desencontro de sonhadores e soldados, tratados e intenções, objetivos militares e lutas nacionalistas, virá pelo menos servir de tarefa final para o ex-oficial transformado em poeta épico e dramático, na quietude de All Souls, tecer a história de um triunfo militar e de uma derrota pessoal, de tintas sombrias, quando o Hamlet do Hedjaz encontra "algo de podre" no caminho da paz.

Se o epílogo da Conferência de Versalhes — decepcionante pelo menos para as esperanças árabes — também não consta da narrativa, poucas obras são capazes de deixar, como esta, a impressão de moira, de destino inevitável que se cumpre segundo a sabedoria lapidar do pensamento digno de Nietzsche: "Nada acontece na vida de um homem que não se pareça com ele." O *scholar* improvisado em comandante de exército irregular irá pagar o alto preço da sua esperança de *outsider*: a libertação através daquela da antiga nação dominada pelos turcos. Fica claro, ao final da leitura, que há um homem destruído voltando não para casa, mas para vagar nas ruas de Londres, à beira da insânia.

Aclamado como obra literária e aproveitado até como livro de estratégia de guerrilha (nos anos da Resistência em luta contra o nazi-fascismo), *Os sete pilares da sabedoria* inspirou centenas de ensaios, análises e obras de apaixonado estudo, investigando-se igualmente a vida desse autor que nunca consta dos manuais de introdução à literatura inglesa. Robert Graves, Bernard Shaw, Liddell Hart, André Malraux, E. M. Forster, David Garnett, Roger Callois e muitos outros escreveram sobre a magnitude da façanha e sobre a estranheza do herói atormentado que protagonizou a última epopéia guerreira vivida, neste século, nos termos antigos. Também um belo filme, produzido em 1962 (*Lawrence da Arábia* — ganhador de sete Oscar), tornou-se paradigma do superespetáculo, pelas lentes de David Lean — com o foco, bem escolhido, no lado solar da aventura no deserto real que se torna o deserto da alma de Thomas Edward Lawrence... O corpo presente mas o espírito longe do movimento do exército de beduínos deslocando-se ao ritmo dos camelos (impresso aos parágrafos), sob as estrelas ou sob um sol capaz de até cegar os combatentes extenuados por entre o ouro do dia e a noite da dúvida... (isso é como soa o tom do relato, que costuma apaixonar os leitores) — no respiro de mistério e de naturalidade equilibrados entre as altitudes do pensamento e a observação mais rasteira e bem-humorada. Por isso, é este um livro fascinante, de ritmo poderoso na alternância dos detalhes de operações militares e do desconforto — existencial — que irrompe, nos "capítulos metafísicos", sem que se trave o interesse na narrativa, antes pelo contrário: tais capítulos contrapontam a movimentação do guerrilheiro-sabotador e comandante de loucos dinamitadores de trens... e o resultado é que nunca se tem a impressão de coisa datada, de relato aposentado pelos conflitos posteriores (Segunda Guerra Mundial, Coréia, Vietnã), mas sim de estar ao lado de um herói verdadeiramente homérico, na superfície de Marte, interrogando as estrelas enquanto ajusta a mira de um velho rifle.

Esse tom já está presente na abertura do livro, a partir do pórtico misterioso da dedicatória**, em forma de poema (A S. A.), e assim prossegue, ao longo das páginas chamadas de imortais por Winston Churchill: "figura entre os maiores livros escritos em inglês. Se Lawrence nada mais houvesse feito do que escrever essa obra, como simples trabalho de imaginação, o seu nome, para usar a frase tantas vezes repetida de Macaulay, haveria de viver enquanto o inglês fosse falado num recanto do globo".

O elogio — arrancado não ao político mas ao homem muito exigente nas suas admirações — é perfeitamente justo com relação a *Sete pilares da sabedoria*, sem dúvida um dos maiores livros do século que estamos vendo terminar em tom

baixo, com o gemido literário de obras saídas de uma espécie de vazio que nada tem a ver com a altissonante grandeza da experiência narrada por um homem inteiro nesta obra que se coloca de novo ao alcance do leitor brasileiro, em boa hora: o Oriente Médio permanece um estopim aceso, os heróis (com e sem aspas) estão cansados e a literatura não sabe enxergar além do próprio umbigo... no momento em que reaparece, aqui, uma autêntica obra-prima, na tradução de C. Machado — primeira e única à sua altura.

F. M.

Notas

* Antes, circulara uma "edição para subscritores", impressa e distribuída — privadamente — por Lawrence, em 1926. Uma versão reduzida — Revolt in the Desert (cerca de 130.000 palavras) — foi também publicada, em 1927.

** Rios de tinta já correram em torno dessas duas letras. Apesar disso, ainda não há acordo sobre quem — ou o quê — Lawrence quis dissimular sob as iniciais da Dedicatória, abertura que homenageia alguém (ou algo) de suma importância para o autor de *Os sete pilares da sabedoria*. Os próprios versos dão a medida disso — e, em biografia publicada por esta Editora (*T. E. Lawrence: Morte num ano de sombra*), desenvolvemos teoria própria sobre o assunto.

SUMÁRIO

Prefácio por A. W. Lawrence

INTRODUÇÃO

OS FUNDAMENTOS DE UMA REVOLTA ÁRABE

CAPÍTULO 1 . A constrangida mentalidade de rebelião que me contagiou, e que ainda, um ano mais tarde, me inibe o raciocínio
CAPÍTULO 2 . A Arábia e os árabes, emigrações, imigrações e a corrente de movimentos de tribos, sessis ou nômades
CAPÍTULO 3 . O incompromitente semita. Invenção religiosa. Seus profetas, credo e fanatismo
CAPÍTULO 4 . Decadência árabe. Nacionalismo. Sociedades secretas
CAPÍTULO 5 . Xerifes de Meca. A Guerra Santa. Pensamentos de rebelião. Feisal e Jemal. Enver. A revolta
CAPÍTULO 6 . Decadência do imperialismo turco. Necessidade de um novo fator. O *bureau* árabe de Clayton. Mesopotâmia
CAPÍTULO 7 . As negociações de McMahon. As dificuldades com os seus colegas. Minhas dificuldades pessoais. Uma evasão

LIVRO I

A DESCOBERTA DE FEISAL

CAPÍTULO 8 . O *Lama* chega a Jidá. O coronel Wilson dá-nos as boas-vindas, a mim e Storrs. Emir Abdulla. Governo árabe. Situação militar A persuasão de Storrs
CAPÍTULO 9 . Jidá. Um jantar. A banda turca
CAPÍTULO 10 . Emir Ali em Raleigh. Seguimos rumo do interior. O Theama e uma discussão sobre abastecimento de água, relativamente à influência sobre a estratégia árabe. Encontro num poço. Truques de xerife

CAPÍTULO 11 . Colinas do Hedjaz. Bir el Sheikh. As terras altas à noite. Um espião nos serve alimentos. Uma aldeia com água
CAPÍTULO 12 . Economia de escravatura. Aldeia em ruínas. Os rebeldes. Meu primeiro encontro com o emir Feisal em Hamra
CAPÍTULO 13 . Tropas egípcias. A história de Feisal sobre sua primeira ação em Medina. Seus planos para o momento. A sua pessoa
CAPÍTULO 14 . Um jantar político. A família real do Hedjaz. Nacionalismo entre citadinos e nômades. Religião
CAPÍTULO 15 . Repórter improvisado. As tropas e o modo nativo de guerrear. A situação. Artilharia. *Envoi*
CAPÍTULO 16 . A estrada arruinada. Em Wadi Yenbo. Yenbo, Boyle e chapéus. O almirante Wemyss. Khartoum, onde discutimos com *Sir* Regionald Wingate a Revolta Árabe. Uma idéia francesa. *Sir* Archibald Murray. Sou bom

LIVRO II

DESENCADEANDO A OFENSIVA ÁRABE

CAPÍTULO 17 . Clayton manda-me de volta. Garland. Yenbo
CAPÍTULO 18 . Modos de equitação do xerife Abd el Kerim. Surpresa na estrada. Feisal explica seu movimento
CAPÍTULO 19 . O controle de Feisal. Vida nos quartéis-generais árabes
CAPÍTULO 20 . Minha nova indumentária. Retorno a Yenbo. Uma derrota. Traição, talvez. Defendendo nossa base
CAPÍTULO 21 . Políticas em conflito. Franceses e ingleses. Desenvolve-se a situação militar. Wilson arrisca a seu respeito
CAPÍTULO 22 . Feisal prepara-se para avançar sobre Wejh. Tropas para a sua expedição. Um ataque de surpresa de teste. O emir Abdulla
CAPÍTULO 23 . O exército marcha. Política naval. Civil versus militar. Evacuação de Yenbo. Meu alívio. Boyle em Um Lejj. Wejh planeia. Dois para a frente
CAPÍTULO 24 . A comitiva de Feisal. A rotina da marcha. Ageyl. Newcombe alcança-nos. A rota
CAPÍTULO 25 . As nossas unidades. Boas-novas. Wadi Hamdh
CAPÍTULO 26 . Chegam reforços profusos. Novamente a armada
CAPÍTULO 27 . A vitória de Boyle. Reorganizamos Wejh

LIVRO III

ENTREATO FERROVIÁRIO

CAPÍTULO 28 . Prêmios de vitória. Necessidade de canhões. Paxá Jaafar assume o comando. A proposta de Brémond
CAPÍTULO 29 . A vida em Wejh. Carros blindados e a armada
CAPÍTULO 30 . A guerra geral. Trabalho político. Propaganda de Feisal. E a qualidade da sua realização

CAPÍTULO 31 . A bomba de Clayton. Novas disposições. Viagem ao interior. Enfermidade. Morte por morte
CAPÍTULO 32 . Nas colinas. Lava e vulcões resfriados. Implacável hospitalidade. O campo do emir Abdulla
CAPÍTULO 33 . Generalizando a teoria militar da nossa revolta
CAPÍTULO 34 . Convalescença. Projeto de um ataque surpresa. Um pastor. Planos novos. Colocação de minas. Uma exibição
CAPÍTULO 35 . O triunfo de Shakir. Outro ataque surpresa. Tempestade. Colocação de minas. O alarme. Retirada
CAPÍTULO 36 . O emir Abdulla, natureza e vida. Shakir
CAPÍTULO 37 . Partida para Wejh. Caracteres beduínos
CAPÍTULO 38 . Feisal outra vez. Auda abu Tayi. A estratégia dominante. Minha crítica. O plano de Akaba

LIVRO IV

EXPANSÃO PARA AKABA

CAPÍTULO 39 . Nossa partida. Nós. O xerife Nasir e sua grande valia. Um jardim de montanha. Interlúdio.
CAPÍTULO 40 . Linguagem árabe. Nossas suposições. Uma pausa que me reconforta da fadiga. Dois recém-chegados
CAPÍTULO 41 . A caminho de novo. Auda guia-nos. Noite. Vulcões, lava, barro seco e areia. Mal de camelo
CAPÍTULO 42 . Travessia da linha férrea. No verdadeiro deserto. Rajada quente. O refrescante crepúsculo
CAPÍTULO 43 . Um novo dia. Camelos. Avestruz e órix
CAPÍTULO 44 . Um homem em falta. Só. Pilhéria excessiva. Vencemos caminho ao Sirhan. O poder da sede
CAPÍTULO 45 . Os novos poços. Alarme. Nossa chegada
CAPÍTULO 46 . Provamos a medida cabal da hospitalidade beduína
CAPÍTULO 47 . Com as tribos. Serpentes. Recrutas
CAPÍTULO 48 . Ambições. Verdadeiro objetivo. Falsas primícias. Meu dilema. Uma nota para a história. Poder discordante. A última festa. Pequena palestra
CAPÍTULO 49 . A caminho. Dinamite. Serviço fraco
CAPÍTULO 50 . Uma diversão o atrair a atenção dos turcos. Emboscada. Desertores. O poder de Zaal e minha renúncia pessoal
CAPÍTULO 51 . Um prisioneiro. A tentação da carne fresca prova ser fatal a um gordo chefe de estação. Tomamos uma indigestão
CAPÍTULO 52 . O poço do Rei. Ação. Cálculos. Muitas pontes tomadas e explodidas imediatamente. Resistência
CAPÍTULO 53 . Ao salvamento. Combate ardoroso. Um galope. Carga de camelos. Prisioneiros. Vitória em apreço
CAPÍTULO 54 . Depois da batalha. Os mortos. A crista. Mais vitória. A barreira final. Divisão de conselhos. Capitulam os inimigos. Recuperamos nosso terreno familiar

LIVRO V

MARCANDO TEMPO

CAPÍTULO 55 . O senso da vitória. Assegurando Akaba. Ao Egito para auxílio. Prossegue a Junta de Água Interna
CAPÍTULO 56 . Lyttleton. Permissão-polícia na zona do canal. Auxílio naval. Allenby. Duas escolas
CAPÍTULO 57 . A organização de Akaba. Navios-guardiães. Transferência de Feisal e toda a sua tropa. O rei Hussein concorda. Paliando relações secretas com o inimigo
CAPÍTULO 58 . Uma nova situação. Mudança de métodos. Invasão da Síria. As varias populações que compõem a Síria
CAPÍTULO 59 . As cidades da Síria. Os sírios. Política síria. Nossa estratégia. Tática. Nosso espírito
CAPÍTULO 60 . Começam as operações. Ataques aéreos distraem o inimigo. Minas elétricas. Canhões e canhões Lewis
CAPÍTULO 61 . Plano de ataque à ferrovia. Pontos de caráter. Política de tribo. Patrulha aérea turca
CAPÍTULO 62 . Rumm, posto de água nas montanhas
CAPÍTULO 63 . A procura de adjutório. Um banho. Excursão às origens do cristianismo. Um profeta inarticulado
CAPÍTULO 64 . Marchamos. Reunindo-nos. Salutar bebida à noite e uma mudança de idéia. *Reconnaissance*
CAPÍTULO 65 . Modéstia. Colocação de minas. Patrulha turca
CAPÍTULO 66 . Ameaçam-nos os turcos. Chega um trem. E pára. Dez minutos. Saque. Prisioneiros
CAPÍTULO 67 . Confusão. Evacuação. Salvamento. Uma retirada limpa em grande ordem. Rumm à noite
CAPÍTULO 68 . Treino de ataque surpresa. Obrigações do comando. Sucesso. Seus frutos. O que tínhamos em mira

LIVRO VI

A INCURSÃO CONTRA AS PONTES

CAPÍTULO 69 . Allenby assume a cena. Seu pessoal. Nosso papel adequado. Minha hesitação particular e as razões para isso
CAPÍTULO 70 . Uma escolha em mérito. Xerife Ali ibn el Hussein. Abd el Kadir. Uma adesão questionável
CAPÍTULO 71 . Novos guardas. Velhos guardas. Lloyd e Wood. Nossa caravana parte, oferecendo porém mau aspecto
CAPÍTULO 72 . Um Sherari encontra serviço e si mesmo. Marcha noturna. A estrada de ferro. Auda. Falso alarme
CAPÍTULO 73 . Política de tribo. Nossa marcha. Maneiras de deserto que quase deram cabo de nós. Auxílio prazeroso
CAPÍTULO 74 . Na estrada. Turcos e ingleses. Obtemos dois grandes voluntários. Mais acidentes. Noite de pulgas no quartel. Denunciando um receio. Calma
CAPÍTULO 75 . Azrak. Resistência. Escondida. Promto
CAPÍTULO 76 . Apreensão. Marcha forçada. Chegamos à ponte afinal. Pânico. E um insucesso

CAPÍTULO 77 . Uma nova idéia. Minas. Fome, garoa e frio exasperam nossa paciência. Um momento demorado
CAPÍTULO 78 . Distrações, sábias e tolas. Explode a mina de modo embaraçantemente bom. Um salvamento. Saímos
CAPÍTULO 79 . Recondicionamento de Azrak. Provisões. Visitantes. Nosso chefe. Noites de Azrak. Uma digressão
CAPÍTULO 80 . Uma guarnição turca. Em detenção. Um argumento. Persuasões. Que são levadas muito longe. Os salários ganhos de rebelião. Acalmando uma vontade contrafeita
CAPÍTULO 81 . Progresso. Quero partir. A despeito de mim mesmo. Cavalgada ininterrupta a Akaba. Outro falseamento. Estou-me curando em Jerusalém

LIVRO VII

A CAMPANHA DO MAR MORTO

CAPÍTULO 82 . Allenby em Jerusalém. Põe-me novamente em ação. Avanço árabe. Bom humor entre Joyce e mim. Não atinam os ingleses com a nossa inconclusividade
CAPÍTULO 83 . Meu preço e guarda de corpo. O Nahabi. Nossos camelos. Asperezas do serviço. Vão niilismo
CAPÍTULO 84 . Estendendo o nosso *front* .O xerife Nasir captura Jurf. Chega o inverno. Em Tafileh
CAPÍTULO 85 . Contra-ataque turco. Fugimos. Mas decidimos depois aceitar combate. O campo da luta
CAPÍTULO 86 . Nossa linha de frente se constrange. Um pouco de sol. Um ataque triplo. O que se seguiu. Lucros
CAPÍTULO 87 . Desimpedindo o mar Morto. Um arranco. Através de dificuldades. Frio corrosivo
CAPÍTULO 88 . Conforto em Guweira. Uma caravana de ouro. Campo aberto. O vento hibernal edomite. Pela noite
CAPÍTULO 89 . Exaustão. Meu camelo. O castelo. Criação de infantes. Cúmulos de neve. Fim de jornada
CAPÍTULO 90 . Nosso programa seguinte. Obstáculo inopinado. Regresso à Palestina. Queixa e renúncia justificadas pela descoberta de me haverem falhado os nervos e o tato
CAPÍTULO 91 . Novamente em arreios. Operações conjuntas impõem novo entendimento com Feisal e outros recursos

LIVRO VIII

A RUÍNA DE ALTA ESPERANÇA

CAPÍTULO 92 . Pessoal. Sexo. Planos. Disciplina
CAPÍTULO 93 . Em companhia de Mirzuk. Primavera. Allenby recua. Espionagem de amador. Morte de Farraj
CAPÍTULO 94 . Os índios. Captura de Semna. Ataque de Maan. A Dawnay. Seu êxito. Young
CAPÍTULO 95 . Surpresa de Allenby. Sua força reduzida. Dádiva de camelos. Planos de conservação. Atividade

CAPÍTULO 96 . Nasir na liderança. Nossa maior demolição
CAPÍTULO 97 . A procura de reforços para ofensiva árabe. Allenby opera contra o tempo. O rei Hussein recusa-se

LIVRO IX

MANOBRA PARA UM GOLPE FINAL

CAPÍTULO 98 . As ambições de Allenby. Para obscurecer a vista dos turcos. Corpo Imperial de Cameleiros para o nosso setor. Ataque contra Deraa. Programa de arranco para o C.I.C. Complicam-se os problemas de abastecimento. Amaciando o caminho
CAPÍTULO 99 . Contemporizando o plano. Buxton. Nuri Shaalan. Confirmando os Ruallas em sua fé. Sermões de Feisal. O grande golfo entre ele e mim
CAPÍTULO 100 . Ressarcimento, redenção, força de conseqüência
CAPÍTULO 101 . Ataque noturno de Buxton. Negociações de paz. Promessas britânicas à França, xerife, árabe e judeu
CAPÍTULO 102 . De carro a Azrak. Tropas. Buxton
CAPÍTULO 103 . Meu aniversário, por felicidade, passa-se em paz
CAPÍTULO 104 . Ataque hostil. O. C.I.C. na estrada. Buxton faz-se móvel, e meus homens, cameleiros
CAPÍTULO 105 . Vistos. Renúncia. Em Amruh. Azrak. Com carros blindados
CAPÍTULO 106 . O rei Hussein rompe de novo. Começamos a reparar danos. Uma quase falsificação

LIVRO X

A LIBERTAÇÃO DE DAMASCO

CAPÍTULO 107 . Winterton. Em Azrak. Descanso. Planos, Reforços. Concentração. Primeiro passo
CAPÍTULO 108 . Mau começo. Combate no ar. Bombas em Deraa. A operação de um Rolls-Royce. Consertos
CAPÍTULO 109 . Captura da linha principal. Peake e as suas tulipas. Interferência aérea. Junor toma parte
CAPÍTULO 110 . Para a linha da Palestina. Tomada de Mazerib. Nosso saque e grande incêndio à noite atraem visitantes
CAPÍTULO 111 . Projeto clássico. Espera. A prudência firma sua excelsa personalidade. Percurso circular 701
CAPÍTULO 112 . Linha do Hedjaz. Pôr-de-sol. A última ponte
CAPÍTULO 113 . Visitantes. Alvoroçando-nos. Alvoroçando-os. Necessidade de reforço aéreo. Confusão noturna. Allenby na vitória. Os chefes da Força Aérea Real
CAPÍTULO 114 . De volta ao dever. Resistindo a importunidades. Êxito no ar. O Handley-Page. Nuri Shaalan
CAPÍTULO 115 . Outro *affaire* .Os turcos rompem. Nova partida. Oposição. Cinco mentes em divergência
CAPÍTULO 116 . O exército novamente nos olhos de todos. Três empreendimentos. Uma pausa. Prisioneiros às mancheias

CAPÍTULO 117 . A principal retirada. Seu mal. Auda assume o comando. Sede de sangue. O terror à noite. Sozinho a Deraa. Boas-vindas de Barrow. Feisal
CAPÍTULO 118 . Muito próximo do fim. A guerra como deve ser. Grande reconquista britânica. Serviço militar
CAPÍTULO 119 . Ocupação de Damasco. Armazéns incendiados. No Town Hall. Auda rompe contra os Drusos. O general Chauvel assume o principal controle
CAPÍTULO 120 . Cavando. Nova administração. Ordem pública. Abastecimentos. A noite nos surpreende
CAPÍTULO 121 . Desordem ao alvorecer. Retorna a paz. O hospital silencioso. Prisioneiros de guerra. Extenuação
CAPÍTULO 122 . Manhã tranqüila. Dois estalões de perfeição. De Allenby. E de Feisal. Evasão

EPÍLOGO

Por que a tomada de Damasco pôs termo aos meus esforços na Síria

Índice

PREFÁCIO
POR
A. W. LAWRENCE

Os sete pilares da sabedoria têm na Bíblia a sua primeira menção, no Livro de Provérbios (ix. I):

"A Sabedoria construiu uma casa: ela talhou os sete pilares."

O título, aplicou-o o autor a um livro seu tratando de sete cidades. Decidiu-se a não publicar esse livro primitivo por considerá-lo imaturo; todavia transferiu o título, como preito de memória.

Meu irmão, T. E. Shaw, com o título ALGUMAS NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO DE *OS SETE PILARES DA SABEDORIA*, publicou um folheto de quatro páginas, dirigido a todos os que haviam comprado ou recebido exemplares da edição de 1926. Era a seguinte a informação ali contida:

MANUSCRITOS

Texto I

Escrevi os Livros 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 10 em Paris, de fevereiro a junho de 1919. A Introdução foi escrita entre Paris e o Egito, na minha ida ao Cairo, a bordo de um Handley-Page, entre julho e agosto de 1919. Mais tarde escrevi, na Inglaterra, o Livro 1. Perdi então tudo, salvo a Introdução e os rascunhos dos

Livros 9 e 10, ao fazer baldeação num trem na Reading Station. Isso se passou no Natal de 1919.

O texto I teria, caso tivesse sido terminado, cerca de 250.000 palavras, pouco menos que a impressão particular de *Os sete pilares*, na forma pela qual os receberam os subscritores. Minhas notas redigidas durante a guerra, sobre as quais se baseavam grandemente, foram sendo destruídas à medida que era terminada cada seção. Somente três pessoas leram muita coisa do seu conteúdo, antes de eu os ter perdido.

Texto II

Um mês ou mais, depois, comecei em Londres a rabiscar o que me vinha à memória sobre o texto primeiro. Naturalmente dispunha ainda da Introdução original. Completei os outros dez livros em menos de três meses, escrevendo muitos milhares de palavras a cada vez, em demoradas sessões. Assim, o Livro VI foi inteiramente escrito entre um nascer de sol e outro. O estilo sofreu necessariamente a falta de esmero: e dessa forma o Texto II (se bem que apenas introduzisse poucos episódios novos) ultrapassou 400.000 palavras. Corrigi-o em intervalos no decorrer de 1920, confrontando-o com os arquivos do *Arab Bulletin* e dois diários, além de alguns apontamentos remanescentes. Conquanto péssimo como texto, tornou-se substancialmente completo e exato. De todo esse texto somente uma página foi por mim lançada ao fogo em 1922.

Texto III

Com a presença do Texto II sobre a mesa, comecei em Londres o Texto III, continuando-o depois em Jidá e Amã durante o ano de 1921, e novamente em Londres até fevereiro do ano seguinte. Grande cuidado foi exercido em sua composição. Ainda existe esse manuscrito. Contém quase 330.000 palavras.

Oxford 1922

Apesar de parecer-me difusa e pouco satisfatória a história, conforme foi completada no Texto III, como medida de prudência foi impressa textualmente em folhas não encadernadas em Oxford, no primeiro trimestre de 1922, sob os auspícios do pessoal do *Oxford Times*. Visto haver a solicitação de oito exemplares e ser muito grande o livro, preferiu-se a forma impressa à datilografada. Cinco exemplares (encadernados em livro para comodidade dos antigos membros da Força Expedicionária do Hedjaz, que se prontificaram a criticá-lo) não foram ainda (abril de 1927) destruídos.

Texto dos Subscritores I.xii.26

Esse texto, conforme entregue a subscritores em dezembro de 1926 e janeiro de 1927, foi uma revisão das folhas de Oxford em 1922. Foram condensadas (sendo literário o único cânone de alteração) durante 1923 e 1924 (Royal Tank Corps) e 1925 e 1926 (Royal Air Force) nas minhas noites de lazer. Os literatos principiantes são propensos a hesitação ante um punhado de adjetivos ao enfrentarem o esboço de um episódio que desejam descrever: mas eu aprendera em 1924 minha primeira lição de literatura, e podia não raro fundir, numa única frase, duas ou três orações escritas em 1921.

À regra de condensação apresentaram-se quatro exceções:

i) Um incidente de menos de uma página foi eliminado porque dois maiorais de nosso grupo o julgaram desagradavelmente dispensável.

ii) Modificaram-se dois perfis de ingleses: um passou à insignificância do nada, pois que não mais valia a pena pisar o verme; o outro, convertido em mero louvor, porque o que eu inocentemente escrevera como queixa fora interpretado ambiguamente por uma autoridade assaz capaz de julgar.

iii) Omitiu-se um capítulo da Introdução. O melhor crítico que eu tinha declarou-me ser ele muito inferior ao resto.

iv) O Livro VIII, cuja redação tinha o propósito de atenuar a relativa excitação do Livro VII e o avanço de remate sobre Damasco, transformou-se em curta *reconnaissance* abortiva, numa extensão de umas 10.000 palavras. Vários

leitores do texto de Oxford lamentaram a desordenada e enfadonha "calmaria", o que me levou a refletir e dar-lhes razão, admitindo que possivelmente tivesse evidenciado demasiado êxito.

Com a excisão procedida, de 3 por cento, e a condensação do resto do texto de Oxford, foi conseguida uma redução de 15 por cento, resumindo-se então a cerca de 280.000 palavras a extensão do texto de subscritores. É mais rápido e pungente que o texto de Oxford; e teria lucrado ainda mais se eu tivesse tido tempo para levar avante o processo de revisão.

Os sete pilares foram assim impressos e reunidos, de maneira que ninguém mais senão eu sabia quantos exemplares foram produzidos. Penso em guardar comigo esse segredo. As notas dos jornais, declarando haver um número de 107 cópias podem facilmente ser desmentidas, posto que havia mais subscritores que 107; e ademais eu dera, talvez não tantos exemplares quantos me competira fazê-lo, mas tantos quantos puderam os meus banqueiros, àqueles que comigo participaram do esforço árabe, ou na efetiva produção do volume.

TEXTOS PUBLICADOS

Texto de Nova York

A prova do texto de subscritores foi remetida a Nova York, sendo ali reimpressa pela George Doran Publishing Company. Isso foi necessário a fim de garantir *copyright* nos Estados Unidos para *Os sete pilares*. Dez exemplares foram oferecidos à venda por preço fabuloso visando impossibilitar a transação. Enquanto eu viver não se fará outra edição de *Os sete pilares*.

Revolta no Deserto

Este resumo de *Os sete pilares* contém cerca de 130.000 palavras. Fi-lo pessoalmente em 1926, com o mínimo de ajuste necessário (talvez três parágrafos novos ao todo), no intuito de manter o sentido de continuidade. Porções do mesmo apareceram seriadas no *Daily Telegraph* em dezembro de 1926. O

conjunto total foi publicado na Inglaterra por Jonathan Cape, e nos Estados Unidos por Doran, em março de 1927.

T. E. SHAW.

A fim de colocar em dia a informação, acrescento que as cópias remanescentes do texto de Oxford impresso em 1922 existem ainda, mas não serão dadas à publicidade senão depois do lapso de pelo menos dez anos, e então em edição limitada. A *Revolta no deserto* não terá nova impressão, pelo menos na vigência do termo legal de *copyright*.

O texto da presente edição é idêntico ao da edição de 1926 ao custo de trinta guinéus, exceção feita às seguintes omissões e alterações. As omissões são necessárias para que se evitem melindres à susceptibilidade de pessoas ainda vivas; ocorrem às páginas 69, 70 e 364, onde foram deixadas lacunas de certa extensão no presente texto. A edição de 1926 não apresenta o Capítulo 11; os capítulos foram agora renumerados, com o fim de remover essa anormalidade.

A ortografia de nomes árabes varia enormemente em todas as edições, e não fiz alteração alguma. Cabe explicar que em árabe somente se contam três vogais, não havendo para algumas das consoantes equivalentes em inglês. A prática geral dos orientalistas, em anos recentes, tem sido a adoção de um dos vários grupos de sinais convencionais para a grafia de letras e vogais do alfabeto árabe, transliterando Mohamed, como Muhammad, *muezzin* como mu'edhdhin, e *Koran* como Qur'an ou Kur'án. Este método é útil para aqueles que sabem o que isso significa, mas este livro segue a maneira antiga de escrever as melhores aproximações fonéticas de acordo com a ortografia comum inglesa. O mesmo nome de localidade se encontra grafado de vários modos diferentes, não somente porque o som de muitas palavras árabes pode ser legitimamente representado em inglês por uma variedade de modos, mas ainda porque os nativos de um distrito amiúde divergem relativamente à pronúncia de um nome de localidade, que ainda não esteja fixado na linguagem corrente, ou adquirido fama no país. (Por exemplo, uma localidade próxima de Akaba denomina-se Abu Lissan, Aba el Lissan ou Abu Lissal.) Reimprimo a seguir uma série de perguntas do editor e as competentes respostas pelo autor, com relação à impressão da *Revolta no deserto*.

P.

Junto aqui uma lista de questões levantadas por F., que se acha encarregado da leitura das provas. Acha-as muito limpas, porém cheias de incongruências na grafia de nomes próprios, uma questão que os revisores sempre trazem. Quer anotar à margem, de modo a permitir-me corrigir as provas?

Ficha 1. Djedda e Jidá, empregados imparcialmente em toda parte. Intencional?

Ficha 16. Bir Wahei*da*, era Bir Wahei*di*?

Ficha 20. Nuri, emir do Ruwalla, pertence à "principal família dos Rualla". Na ficha 23 "Cavallo Rualla", e ficha 38 "morto um Rueli". Em todas as fichas subseqüentes "Rualla".

Ficha 28. O Bisaita também se grafa Biseita.

Ficha 47. Jedha, a camela, era Jedhah na ficha 40.

R.

Anotado; não, talvez, de maneira muito eficaz. Os nomes árabes não vão em inglês exatamente, posto que as consoantes não são as mesmas que temos em nossa língua, e as vogais, como as nossas, variam de distrito a distrito. Há certos sistemas "científicos" de transliteração, valiosos aos que conhecem o árabe suficientemente para dispensar auxílio, mas inútil para os leigos. Os meus nomes, grafo-os a esmo, a fim de mostrar quão banais são os sistemas.

Certamente!

Por que não? Tudo é um só lugar.

Ruwala e Ruala.

Está bem.

Era um esplêndido animal.

Ficha 53. “Meleage, o poeta imoral.” Fiz dizer poeta “imortal”, contudo poderia o autor ter dito mesmo imoral.

A imoralidade eu a conheço. Todavia não posso passar julgamento a respeito da imortalidade. Como queira: Meleager não nos processará por calúnia.

Ficha 65. O autor é tratado “Ya Auruns”, mas na ficha 56 lê-se “Aurans”.

Também Lurens e Runs: para não mencionar “Shaw”. Se permitir o tempo, mais virá.

Ficha 78. Xerife Abd el Mayin da ficha 68, torna-se el Main, el Mayein, el Muein, el Mayin, e el Muyein.

Excelente sujeito. Acho isso verdadeiramente engenhoso.

A. W. LAWRENCE

INTRODUÇÃO

OS FUNDAMENTOS DE UMA REVOLTA ÁRABE

CAPÍTULOS 1 A 7

Alguns ingleses, dos quais Kitchener era chefe, acreditavam que uma rebelião de árabes, contra os turcos, permitiria, à Inglaterra, enquanto lutava contra a Alemanha, derrotar simultaneamente a aliada desta última, que era a Turquia.

Seu conhecimento a respeito da natureza, da força e da terra dos povos de língua árabe os levou a pensar que a deflagração de semelhante revolta poderia ser feliz; e indicaram, pois, o seu caráter e o seu método.

Deixaram, assim, que a rebelião começasse, depois de obterem garantias formais de auxílio, da parte do governo britânico. Nem por isso, entretanto, a rebelião do xerife de Meca deixou de se afigurar, a muitos, como verdadeira surpresa, encontrando os aliados ainda desprevenidos. Despertou sentimentos confusos, conquistando fortes amigos e inimigos, em meio a cujos ciúmes contraditórios passou a malograr.

CAPÍTULO 1

Algumas das falhas da minha narrativa devem ser inerentes às nossas circunstâncias. Por anos e anos consecutivos vivemos de qualquer modo, uns com os outros, no deserto nu, sob o céu indiferente. Durante o dia, castigava-nos o calor; e aturdia-nos o vento fustigante. À noite, éramos molestados pelo orvalho, e reduzidos a insignificâncias pelos inumeráveis silêncios das estrelas. Constituíamos um exército sem gala nem ação, centralizado em si mesmo, devotado à liberdade — que é o segundo credo do homem —, finalidade tão voraz que tragava todas as nossas energias, e esperança tão transcendente que as nossas primeiras ambições desmaiaram ao seu fulgor.

À medida que passava o tempo, crescia a nossa necessidade de lutar em prol do ideal, a ponto de já não admitir discussão, e de cavalgar de espora e rédea solta sobre as nossas dúvidas. De bom ou de mau grado, transformou-se afinal em fé. Entregamo-nos à sua escravidão, algemamo-nos à sua malta, curvamos o pescoço, para servir a sua santidade com a máxima devoção. A mentalidade dos escravos humanos comuns é terrível — porque eles perderam apenas o mundo — e nós entregamos não somente o corpo, mas também a alma, à voracidade aniquiladora da vitória. Por nossos próprios atos, fomos esvaziados de moralidade, de vontade e de responsabilidade, como folhas mortas ao vento.

O batalhar perene eliminou de nós todo cuidado com as nossas vidas, e também com a dos outros. Trazíamos cordas ao redor do pescoço, e, sobre nossas cabeças, pesavam preços que bem mostravam que o inimigo premeditava submeter-nos a horripilantes torturas, se fôssemos aprisionados. Todos os dias, um de nós falecia; e os que prosseguiam vivendo sabiam que eram títeres conscientes no palco de Deus: com efeito, nosso fado era impiedoso, absolutamente impiedoso, enquanto os nossos pés feridos pudessem vacilar para a frente, na estrada. Os fracos invejavam os que se haviam cansado o bastante para morrer; porque o êxito parecia remoto, e o fracasso, próximo e certo, senão

total, afigurava-se-nos como sendo uma libertação da fadiga. Vivíamos sempre ou em plena tensão, ou em pleno relaxamento de nervos, ora na crista, ora no cavado das vagas do sentimento. Esta impotência era amarga para nós, e fazia-nos viver apenas para o horizonte à vista, indiferentes às contrariedades que infligíamos ou que suportávamos, porque a sensação física se mostrava miseravelmente transitória. Furacões de crueldade, perversões e cobiças passavam de leve pela superfície, sem nos perturbar; porque as leis morais, que pareciam constituir, outrora, barreiras contra tais incidentes disparatados, deviam ser, então, palavras ainda mais débeis do que as sensações. Viemos a saber que havia angústias excessivamente agudas, mágoas demasiadamente profundas, êxtases infinitamente altos para o nosso "eu" finito, e portanto, impossíveis de serem registrados. Quando a emoção atingia estes píncaros, a mente embotava-se; e a memória fazia-se branca, até que as circunstâncias voltassem a ser vulgares outra vez.

Semelhante exaltação do pensamento, enquanto deixava o espírito vaguear, permitindo-lhe pairar por estranhos ares, fazia-o perder o antigo domínio sobre o corpo. O corpo era inferior em demasia para sentir o infinito das nossas tristezas e das nossas alegrias. Portanto, abandonávamo-lo, como a refugo; deixávamo-lo por baixo de nós, a marchar, mero simulacro respirante, no seu nível desamparado, sujeito a influências de que, em tempos normais, o nosso instinto se afastaria. Os homens eram jovens e robustos; a carne e o sangue, quentes, clamavam inconscientemente pelos seus direitos, atormentando-lhes as entranhas com bizarras aspirações. As privações e os perigos empanavam o calor viril, sob um clima tão torturante como se possa conceber. Não tínhamos recinto fechado onde ficar a sós, nem tecidos espessos para ocultar a nossa natureza. O homem vivia candidamente, em todos os sentidos, com o homem.

O árabe era, por índole, continente; e o uso do casamento universal quase que abolira todas as práticas irregulares em suas tribos. As mulheres públicas dos raros acampamentos, que encontramos nos nossos meses de vida errante, nada seriam para o nosso número, ainda que a sua oferta repugnante fosse saboreável a qualquer homem de organismo sadio. Tomada de horror perante tão sórdido comércio, a nossa juventude começou a saciar mutuamente as suas poucas necessidades nos seus próprios corpos limpos — conveniência fria, que, por via de comparação, se afigurava assexual e até pura. Mais tarde, alguns passaram a justificar este processo estéril, jurando que os amigos, palpitando juntos sobre areias movediças, com órgãos íntimos em supremo arroubo, encontravam, ali, ocultos na escuridão, o coeficiente sensual de paixão mental capaz de soldar as

nossas almas e os nossos espíritos num único esforço flamejante. Outros, ansiosos por punir apetites que não podiam evitar de todo, manifestavam orgulho selvagem na degradação do corpo, oferecendo-se a si próprios para todas as práticas que prometessem sofrimentos físicos ou imundície.

Eu fui enviado a estes árabes como estranho, incapaz de pensar os seus pensamentos, ou de aderir às suas crenças, mas encarregado, pelo dever, de os conduzir à frente, e de desenvolver ao máximo qualquer movimento seu, proveitoso para a Inglaterra, na guerra que se estava travando. Embora eu não pudesse assumir o perfil moral daqueles povos, devia, pelo menos, ocultar o meu, e passar no meio deles sem provocar atritos, nem discórdia, nem crítica, e sim exercendo, tão-somente, despercebida influência. Embora tenha sido companheiro deles, não desejo ser seu apologista, nem defensor. Hoje, envergando as minhas roupas antigas, eu poderia desempenhar o papel de espectador, obediente às sensibilidades do nosso teatro... mas é mais honesto assinalar que estas idéias e estas ações, então, transcorreram naturalmente. O que agora parece dissoluto ou sádico, parecia, ali, inevitável, ou mera rotina sem importância.

Havia sempre sangue em nossas mãos: tínhamos permissão para isto. Ferir e matar pareciam sofrimentos efêmeros, tão breve e desaventurada se nos mostrava a vida. Com a tristeza de uma vida tão grandiosa, a tristeza da punição tinha de ser impiedosa. Vivíamos para o dia, e morríamos por ele. Quando havia razão e desejo de punir, escrevíamos a nossa lição com a carabina, ou vergastávamos imediatamente a carne imunda do sofredor; e o caso pairava acima de qualquer direito a apelo. O deserto não proporcionava as penalidades requintadamente lentas dos tribunais e das masmorras.

Como era natural, as nossas recompensas e os nossos prazeres se dissipavam tão rapidamente como os nossos aborrecimentos; mas, para mim, em particular, aqueles se faziam sentir em número muito menor do que estes. O modo de vida dos beduínos era rude, mesmo para os afeitos a ele, sendo, para os estranhos, simplesmente horrível: assemelhava-se à morte em plena vida. Quando se terminava a marcha, ou a operação, eu não tinha mais energia para registrar as sensações; nem, durante as mesmas, me sobrava tempo para apreciar o enternecimento espiritual que, por vezes, se apoderava de nós. Em minhas notas, o cruel, ao invés do belo, encontrava lugar. Gostávamos mais, sem dúvida, dos raros momentos de paz e de esquecimento; mas eu me recordo mais das agonias, dos terrores e dos erros. A nossa vida não se acha condensada no que escrevi (há coisas que não devem ser repetidas a sangue-frio, por muito vergonhosas); mas o

que escrevi fez parte da nossa vida. Peço a Deus que os homens, lendo a narrativa, não aspirem, por amor ao brilho das coisas estranhas, a prostituírem-se, a si e aos seus talentos, servindo a outra raça.

O homem que se entrega à posse de estranhos leva uma vida brutalizada, porque vende a alma a um bruto. Ele próprio não pertence aos estranhos. Pode, portanto, permanecer contra eles, persuadindo-se do cumprimento de sua missão, comprando-os e forçando-os a ser alguma coisa que eles, por vontade e acordo próprios, jamais conseguiriam ser. Depois, esse homem se utiliza das forças do seu ambiente natural, fazendo pressão para que os estranhos abandonem o próprio. Ou, de conformidade com o que aconteceu comigo, imita-os tão bem, que eles, espuriamente, passam a imitá-lo por sua vez. A esta altura, tal homem renuncia ao seu ambiente, e pretende integrar-se no deles; e as pretensões são ocas, sem valor. Em nenhum dos casos ele realiza coisas particularmente suas, nem coisa suficientemente limpa para ser sua (sem idéia de conversão), permitindo que os estranhos manifestem a ação ou a reação que lhes apraz, em face do silencioso exemplo.

No meu caso, o esforço daqueles anos, para viver em trajes árabes, e para imitar a sua feição mental, roubou-me ao meu "eu" inglês, levando-me a considerar o Ocidente e as suas convenções com novos olhos: e estes destruíram tudo para mim. Ao mesmo tempo, eu não podia vestir, sinceramente, a pele árabe: tratava-se apenas de uma simulação. Com facilidade se torna infiel um homem, mas dificilmente pode ele ser convertido a outra fé. Desvencilhei-me de uma fôrma, sem adotar a outra, tornando-se qual ataúde de Mohammed, na nossa lenda, com o resultante sentimento de intensa solidão na vida, e de estranheza, não relativamente aos outros homens, mas a tudo o que eles fazem. Tais alheamentos se verificam, por vezes, no ser exausto em virtude de prolongado esforço físico e de contínuo isolamento. O corpo vagabundeia mecanicamente, enquanto a mente lúcida o abandona e, situando-se do lado de fora, põe-se a olhar para dentro dele mesmo, com espírito crítico, desejando saber o que o fútil traste fez e por quê. Às vezes, estes "eus" conversam no vácuo; e então, a loucura se encontra muito perto, como creio que deve ter estado junto do homem que pôde ver as coisas, a um só tempo, através dos véus de dois costumes, de duas educações e de dois ambientes.

CAPÍTULO 2

A primeira dificuldade do movimento árabe foi a de se saber onde os árabes se encontravam. Sendo povo resultante de cruzamentos, seu nome havia mudado de sentido, lentamente, de ano para ano. Em tempos remotos, designava um árabe. Existia um país chamado Arábia; mas isto nada significava para o nosso caso. Conhecia-se uma língua denominada árabe; e era nela que nos devíamos apoiar. Tratava-se do idioma corrente da Síria, da Palestina, da Mesopotâmia e da grande península denominada Arábia, nos mapas. Antes da conquista dos muçulmanos, estas regiões foram habitadas por povos diferentes, falando idiomas da família árabe. Chamávamo-los semíticos, mas incorretamente (dando-se o mesmo com termos mais científicos). Contudo, os idiomas árabe, assírio, babilônio, fenício, hebraico, aramaico e siríaco eram aparentados; os vestígios das influências recíprocas, no passado, e mesmo da origem comum, reforçavam-se pelo nosso conhecimento, segundo o qual o aspecto e os hábitos dos povos de língua árabe da atualidade, na Ásia, embora sendo variados como campo de papoulas, ofereciam semelhanças permanentes e essenciais. Podíamos, pois, com perfeita propriedade, denominá-los primos — e primos certamente, embora tristemente, cônscios do seu próprio parentesco.

As regiões de língua árabe, na Ásia, neste sentido, formavam um tosco paralelogramo. A linha norte corria de Alexandria, no Mediterrâneo, através da Mesopotâmia, a caminho do oriente, até o Tigre. A linha sul era a margem do oceano Índico, desde Aden até Muscat. A oeste, limitava-se pelo Mediterrâneo, pelo canal de Suez e pelo mar Vermelho, até Aden. A leste, pelo Tigre e pelo golfo pérsico, até Muscat. Este quadrado de terra, tão grande como a Índia, formava a pátria dos nossos semitas, onde nenhuma raça estranha conseguiu manter-se por longo tempo, embora os egípcios, os hititas, os filistinos, os persas, os gregos, os romanos, os turcos e os francos o houvessem tentado, por maneiras várias. Todos, ao fim, se viram derrotados, e os elementos dispersos foram

absorvidos pelas fortes características da raça semítica. Os semitas, por vezes, alastraram-se para fora dessa área, sendo assimilados pelo mundo exterior. O Egito, a Argélia, Marrocos, a ilha de Malta, a Sicília, a Espanha, a Cilícia e a França absorveram e fizeram desaparecer colônias semíticas. Somente em Trípoli, na África, e no perene milagre da Judéia, os remotos semitas conservaram alguma coisa da sua identidade e da sua força.

A origem destes povos foi motivo para debates acadêmicos; mas, para a compreensão da sua revolta, as atuais diferenças sociais e políticas se revestiam de importância, e só podiam ser assinaladas após o exame da sua geografia. O continente por eles habitado continha certas grandes zonas, cujas profundas diversidades físicas impunham costumes diversos aos seus nativos. A ocidente, o paralelogramo se emoldurava, de Alexandria até Aden, numa cadeia de montanhas, chamada (ao norte) Síria, e, progressivamente, em direção ao sul, denominada Palestina, Média, Hedjaz, e, afinal, Iêmen. A cordilheira erguia-se à altura média de novecentos metros, com picos de três a quatro mil metros. Voltava-se para oeste, era bem irrigada pelas chuvas e pelas nuvens que vinham do mar, e, em geral, inteiramente povoada.

Outro renque de montanhas habitadas, de face para o oceano Índico, formava o lado sul do paralelogramo. A fronteira oriental constituía-se, a princípio, de uma planície aluvial, denominada Mesopotâmia, mas, ao sul de Basra, não passava de litoral ao nível do mar, chamado Kuwait, e depois Hasa, até Gattar. A maior parte desta planície era povoada. Tais planícies e montanhas habitadas emolduravam uma zona de deserto sem água, em cujo coração se encontrava um arquipélago de oásis povoados e dotados de água, chamados Kasim e Aridh. Neste grupo de oásis, ficava o verdadeiro centro da Arábia, o repositório do seu espírito nativo, e a sua mais cônscia individualidade. O deserto envolvia-o todo, mantendo-o livre de contatos.

O deserto que desempenhou esta grande função em torno dos oásis, construindo, assim, o caráter da Arábia, variava de natureza. Ao sul dos oásis, parecia ser um intransponível mar de areia, estendendo-se até perto do populoso escarpamento da margem do oceano Índico, separando-o, a leste, da história da Arábia, e evitando que exercesse qualquer influência sobre a moral e a política árabe. Hadhramaut, como chamavam a esta costa sul, fazia parte da história das Índias Holandesas; e o seu pensamento se projetava para Java, mais do que na direção da Arábia . A oeste dos oásis, entre estes e as montanhas do Hedjaz, havia o deserto de Nejd, zona de cascalho e de lava, contendo pouca areia. A leste, entre eles e Kuwait, estendia-se outra zona semelhante, de cascalho, mas

com algumas grandes faixas de areia fofa, o que tornava difícil a travessia. Ao norte dos oásis, desdobrava-se uma zona de areia, e, depois, uma imensa planície de cascalho e de lava, tomando conta de tudo, entre a linha oriental da Síria e as margens do Eufrates, onde começava a Mesopotâmia. A viabilidade deste deserto norte, para homens e para automóveis, fez com que a revolta árabe obtivesse êxito imediato.

As montanhas do ocidente e as planícies do oriente foram sempre as partes mais populosas e mais ativas da Arábia. Particularmente no ocidente, as montanhas da Síria, da Palestina, do Hedjaz e do Iêmen, de quando em quando entravam na corrente da vida européia. Etnicamente, estas montanhas férteis e saudáveis pertenciam à Europa, não à Ásia, visto como os árabes olhavam sempre para o Mediterrâneo, e não para o oceano Índico, em virtude das suas simpatias culturais, dos seus empreendimentos, e, em particular, da sua expansão; o problema da emigração era a força maior e mais complexa, na Arábia, empolgando-a de maneira geral, embora variasse de intensidade nos diversos distritos árabes.

Ao norte (Síria), a taxa de nascimentos mostrava-se baixa, nas cidades, e a de mortalidade muito alta, em virtude das condições insalubres e da vida agitada vivida pela maioria. Conseqüentemente, o excesso de agricultores encontrava espaço nas cidades, e ali era absorvido. No Líbano, onde as condições higiênicas haviam sido melhoradas, verificou-se grande êxodo de jovens, a caminho da América, êxodo que foi se tornando maior de ano para ano, e ameaçando (pela primeira vez desde os tempos dos gregos) modificar o aspecto de todo um distrito.

No Iêmen, a solução foi diferente. Não havia comércio exterior, nem um conjunto de indústrias que acumulassem populações em lugares insalubres. As cidades eram apenas mercados, limpas e simples como aldeias comuns. Portanto, a população aumentava devagar; o nível de vida baixava em demasia; e sentia-se, em geral, a congestão do número. Os habitantes não podiam emigrar para o outro lado dos mares; o Sudão afigurava-se terra ainda pior do que a Arábia, e as poucas tribos que se aventuravam por ali viam-se compelidas a modificar profundamente o seu teor de vida e a sua cultura semítica, para poderem existir. Não podiam tomar o caminho do norte, ao longo das montanhas; estas eram barradas pela cidade santa de Meca, e pelo seu porto, Jidá: este não passava de zona estrangeira, continuamente reforçada por forasteiros vindos da Índia, de Java, de Bokhara e da África — fortemente dotadas de vitalidade — violentamente hostil à consciência semítica, e mantida, apesar dos problemas

econômicos, da geografia e do clima, pelo fator artificial de uma religião mundial. A congestão do Iêmen, portanto, tornando-se extrema, encontrou o seu único alívio no oriente, forçando os mais fracos agregados das fronteiras a descer pelas encostas das montanhas, ao longo do Widian, distrito semi-arruinado dos grandes vales dotados de água de Bisha, Dawasir, Ranya e Taraba, que corriam em direção aos desertos de Nejd. Estas tribos mais fracas tiveram de trocar, continuamente, boas primaveras e palmares férteis por primaveras menos felizes e por palmares menos fecundos, até que, afinal, chegaram a uma área onde se tornara impossível toda vida agrícola regular. Começaram, então, a substituir a precária lavoura pela criação de carneiros e de camelos, e, com o correr do tempo, passaram a depender cada vez mais dos seus rebanhos para subsistir.

Finalmente, sob um último impulso da poderosa população que lhes ia no encalço, os povos da fronteira (já agora inteiramente pastoris) foram repelidos para longe, para fora dos oásis extremos e enlouquecedores, passando para o deserto pleno, e vivendo a vida dos nômades. Este processo, que pode ser contemplado hoje, através de clãs e de tribos, a cujas marchas deveria dar-se um nome exato, fixando-se-lhes também as datas, vem se realizando desde os primeiros dias do povoamento do Iêmen. Os Widians, abaixo de Meca e de Taif, estão repletos de memórias e de nomes de lugares de meia centena de tribos, que de lá saíram, e que podem ser agora encontrados em Nejd, em Djebel Shammar, no Hamad, e mesmo nas fronteiras da Síria e da Mesopotâmia. Esta foi a fonte da emigração, a fábrica de nômades, a origem da torrente dos caminheiros do deserto.

Os povos do deserto revelavam-se tão pouco estáticos como os das montanhas. A vida econômica do deserto baseava-se no fornecimento de camelos, e estes eram mais bem alimentados e criados nas pastagens dos rigorosos planaltos, em virtude dos espinheiros e espicanardos altamente nutritivos. Os beduínos viviam desta atividade; e isto, por sua vez, amoldou-lhes a maneira de existir, aumentou as áreas das tribos, mantendo os clãs na rotina das pastagens de primavera, de verão e de inverno, no ritmo em que os animais devoravam os escassos brotos de cada estação. Os mercados de camelos na Síria, na Mesopotâmia e no Egito determinaram a quantidade de população que o deserto poderia comportar, regulamentando estritamente o seu padrão de vida. Não obstante, o deserto se superpovoava da mesma forma em diferentes oportunidades; e então se verificavam sublevações e assaltos entre as tribos aglomeradas, por se acotovelarem mutuamente, em natural disputa do direito de viver. Não podiam ir para o sul, para as areias inóspitas, nem para o mar. Não

podiam dirigir-se para o ocidente; porque as íngremes montanhas do Hedjaz estavam completamente guardadas pelos povos da montanha, que tiravam inteiro proveito da sua posição, para defesa. Por vezes, encaminhavam-se para os oásis centrais de Aridh e Kasim e, se as tribos em busca de novo local fossem fortes e vigorosas, obtinham êxito na ocupação de parte deles. Se, entretanto, o deserto não tivesse esta força, seus povos iam sendo impelidos gradualmente para o norte, entre Medina do Hedjaz e Kasim de Nejd, até se encontrarem na bifurcação de dois destinos. Poderiam, então, irromper para o oriente, através do Wadi Rumh ou de Djebel Shammar, no intuito de seguir, se possível, o Batn, para Shamiya, onde se tornariam árabes ribeirinhos do Baixo Eufrates; ou subiriam, a passos lentos, as escadas dos oásis ocidentais — Henakiya, Kheibar, Teima, Jauf e Sirhan — até que o destino as levasse para perto de Djebel Druse, na Síria, ou a dar água aos seus rebanhos nas redondezas de Tadmor, do deserto norte, a caminho de Aleppo ou da Assíria.

Nem a esta altura cessava a pressão: a inexorável tendência para o norte prosseguia. As tribos eram obrigadas a sair dos limites das plantações da Síria ou da Mesopotâmia. A oportunidade e a fome impunham-lhes a convicção relativa às vantagens de possuírem cabras, e, depois, de possuírem carneiros; e por fim começavam a semear, ainda que fosse apenas um pouco de cevada para os seus animais. Já então deixavam de ser beduínos, e passavam a sofrer, como os habitantes das aldeias, as incursões dos nômades que vinham atrás. Insensivelmente, faziam causa comum com os camponeses já fixados na região, e descobriam que eles também eram gente do campo. É assim que vemos clãs, nascidos nos planaltos do Iêmen, impelidos, por clãs mais poderosos, para o deserto, onde involuntariamente se tornaram nômades, a fim de se manterem vivos. Vemo-los errando, mudando-se todos os anos um pouco mais além, para o norte, ou um pouco mais além, para o oriente, conforme a sorte os conduzia para uma ou outra linha de poços do deserto, até que, afinal, a pressão constante os levava de novo para longe do areal, a caminho das regiões semeadas, em que manifestavam a mesma ausência de vontade do primeiro retraimento em relação à experiência da vida nômade. Esta foi a circulação que manteve o vigor do corpo semítico. Havia poucos, se é que havia algum, semitas do norte, cujos ancestrais não tivessem em qualquer época obscura atravessado o deserto. A marca do nomadismo, esta profunda e aguda disciplina social, se encontrava em cada um deles, na devida graduação.

CAPÍTULO 3

Se os homens de tribo e os homens de cidade, na Ásia de língua árabe, não fossem de raças diferentes, mas apenas criaturas de diversos graus de evolução social e econômica, qualquer semelhança de família deveria ser vislumbrada no funcionamento da sua mente, e seria, assim, apenas razoável que elementos comuns aparecessem no produto de todos aqueles povos. Bem no começo, ao primeiro encontro com eles, verificou-se haver uma nitidez, ou rigidez de crença, universal e quase matemática em suas limitações, e impenetrável na sua forma impassível. Os semitas não possuíam meios-tons no registro da sua visão. Compunham povos de cores primárias, ou melhor, povos de branco-e-preto, que viam o mundo sempre de perfil. Eram dogmáticos, e desprezavam a dúvida, esta nossa moderna coroa de espinhos. Não compreendiam as nossas dificuldades metafísicas, nem as interrogações introspectivas. Só conheciam a verdade e a inverdade, a crença e a descrença, sem os nossos matizes sutis de reticências hesitantes.

Estes povos eram preto-e-branco não apenas na visão, mas também em sua constituição mais íntima; preto-e-branco não somente na clareza, mas também na justa-posição. Seus pensamentos ficavam à vontade apenas nos extremos. Aplicavam superlativos por gosto. Às vezes, as incoerências pareciam possuí-los por inteiro, em preponderância simultânea e geral; mas nunca tergiversavam: seguiam a lógica de várias opiniões incompatíveis entre si para atingir absurdos fins, sem perceberem o disparate. Com a cabeça fria e a faculdade de julgamento tranqüila, imperturbavelmente inconscientes em face do salto, oscilavam de assíntota para assíntota.*

Povos de mente estreita e limitada, seu intelecto inerte repousava em uma resignação indiferente. A imaginação era vivaz, não criadora. Havia tão pouca arte árabe na Ásia, que se poderia dizer que estes povos não tinham arte alguma, embora as suas classes se compusessem de patronos liberais, que encorajavam

todos os talentos em arquitetura, em cerâmica ou em outros ofícios que os seus vizinhos e escravos cultivavam. Também não lidavam com grandes indústrias: não possuíam organização de espírito, nem de corpo. Não inventaram sistemas de filosofia, nem mitologias complexas. Singravam a sua rota entre os ídolos da tribo e os da caverna. Sendo os menos mórbidos dos povos, haviam aceito o dom da vida de maneira inquestionável, como que axiomática. Para eles, viver era coisa inevitável, inerente ao homem — um usufruto, além de todo controle. O suicídio tornava-se impossível, e a morte sem mágoa.

Eram povos de espasmos, de sobressaltos, de idéias — raça dos gênios individuais. Seus movimentos tinham algo de ainda mais chocante, pelo contraste com a quietude de todos os dias, e seus grandes homens se afiguravam maiores pelo contraste com a humanidade das turbas. Suas convicções eram instintivas, suas atividades institucionais. Os credos formavam a sua maior produção: quase monopolizavam as religiões reveladas. Três destes esforços haviam persistido no seio deles: dois, dos três, foram exportados (em forma alterada) para povos não-semíticos. O cristianismo, traduzido para os diferentes espíritos das línguas grega, latina e teutônica, conquistara a Europa e a América. O islã, em várias transformações, ainda estava subjugando a África e partes da Ásia. Estes eram os êxitos semíticos. Os fracassos mantiveram-se circunscritos a eles próprios. As margens dos seus desertos juncavam-se de crenças fracassadas.

É significativo o fato de estes destroços de religiões decaídas se encontrarem na linha divisória entre os areais e as superfícies semeadas. Assinalava a origem de todos aqueles credos. Tratava-se de asserções, não de argumentos; assim, requeriam um profeta para as levar adiante. Os árabes diziam que tinha havido quarenta mil profetas; nós possuíamos a lista de pelos menos algumas centenas. Nenhum deles pertencera ao deserto; mas as suas vidas obedeciam a determinado padrão. O nascimento situava-os em lugares habitados. Um anseio ininteligível e apaixonado os impelia para o deserto. Ali viviam por maior ou menor tempo, em meditação e em abandono físico; depois, regressavam com as suas imaginárias mensagens articuladas, a fim de as pregar aos seus antigos companheiros, agora céticos. Os fundadores dos três grandes credos seguiram este ciclo: a sua possível coincidência foi tida como lei, pela trajetória de vida paralela de miríades de outros, de infortunados que fracassaram, e que devemos considerar de confissão não menos verdadeira, mas para os quais o tempo e a desilusão não empilharam almas ressequidas, prontas para serem incendiadas. Para os pensadores da cidade, o impulso no sentido de Nitria sempre fora irresistível, provavelmente não

porque encontrassem a morada de Deus ali, mas porque, na solidão, podiam ouvir, com mais certeza, o verbo vivo que traziam dentro deles próprios.

A base comum de todos os credos semíticos, vitoriosos ou fracassados, era a idéia perenemente presente da inutilidade do mundo. A profunda reação dos profetas contra a matéria conduzia-os à pregação da nudez, da renúncia e da pobreza; e a atmosfera desta invenção tornava impiedosamente rígidos os espíritos do deserto. A primeira noção do seu sentido da pureza da rarefação me foi proporcionada quase que imediatamente, quando nos dirigimos às longínquas planícies ondulantes do norte da Síria, a caminho de ruínas do período romano, que os árabes acreditavam houvessem sido construção de certo príncipe da fronteira, qual palácio do deserto, para a sua rainha. Dizia-se que a argamassa, que serviu na sua edificação, fora ligada, para maior riqueza, não com água, mas com preciosos óleos essenciais de flores. Meus guias, farejando o ar como cães, conduziram-me de uma sala em ruínas para outra, dizendo: "Isto é jasmim, isto é violeta, isto é rosa."

Por fim, Dahoum puxou-me: "Venha e cheire o perfume muito mais doce do que todos os outros" e fomos para a sala principal, junto do assombroso parapeito da janela da fachada oriental, e lá aspiramos, com a boca bem aberta, o vento do deserto, desalentado, vazio e direto, que apenas palpitava ao passar. Aquela imponderável brisa havia nascido longe, além do distante Eufrates, e havia percorrido o seu caminho, durante muitos dias e muitas noites, sobre ervas mortas, até encontrar o primeiro obstáculo, que eram as muralhas feitas pela mão do homem e que constituíam, agora, o nosso palácio em escombros. Ao redor delas, o vento parecia deslizar e pairar, murmurando uma canção de ninar. "Este", disseram-me os guias, "é o melhor: não tem sabor." Meus árabes davam as costas a perfumes e a luxos, para escolher coisas em cuja criação a humanidade não havia tomado parte.

Os beduínos do deserto, nascidos e crescidos nele, haviam abraçado, com todas as forças da sua alma esta nudez excessivamente áspera, portanto involuntária, pela razão, sentida mas não articulada, de que se encontravam indubitavelmente livres dentro dela. O beduíno perdeu, assim, todos os liames materiais, todo o conforto, todas as superfluidades e outras complicações, a fim de conseguir uma liberdade pessoal acossada pela fome e pela morte. Ele não via virtude alguma na pobreza em si mesma: gozava pequenos vícios e luxos — café, água fresca, mulheres — que ainda podia conservar. Na sua vida, existiam ar e ventos, sol e luz, espaços abertos e grandes vazios. Não havia esforço humano, nem fecundidade, na Natureza: apenas o céu em cima, e a terra imaculada

embaixo. Ali, inconscientemente, aproximava-se de Deus. Aos seus olhos, Deus não se afigurava antropomorfo, nem tangível, nem moral, nem ético; não se relacionava com o mundo, nem com ele, beduíno; não era natural: era, ao contrário, o ser, £crèmatoj, £schm£tlstoj, ¢gaf¹j, assim qualificado não por despojamento, mas por investidura, Ser compreendedor, núcleo de toda atividade, tendo a natureza e a matéria apenas como espelho a refleti-lo.

O beduíno não podia procurar Deus em si próprio: estava certo demais de que era ele que se encontrava dentro de Deus. Não podia conceber coisa alguma que fosse ou que não fosse Deus; Este, e só Este, era grande; não obstante, havia simplicidade, cotidianeidade, neste Deus árabe climático, que constituía o seu alimento e a sua luta, bem como o seu desejo, o mais comum dos seus pensamentos, o seu aconchego costumeiro e a sua companhia, em forma absolutamente impossível de ser aceita por aqueles cujo Deus se encontra tão misteriosamente velado e separado deles, pelo desespero da sua desvalia carnal perante Ele e pelo decoro da adoração formal. Os árabes não percebiam incongruência alguma em introduzir Deus nas fraquezas e nos apetites das suas causas menos defensáveis. Deus era a mais familiar das suas palavras; e com efeito perdemos muita eloqüência quando O transformamos no mais breve e no mais feio dos nossos monossílabos.**

Este credo do deserto parecia inexprimível em palavras, e até mesmo em pensamentos. Era facilmente sentido como influência, e os que andaram pelo deserto durante tempo bastante para esquecer os seus espaços abertos e os seus vazios foram inevitavelmente impelidos para Deus, como único refúgio e único ritmo do ser. O Bedawi podia ser Sunni nominal, ou Wahabi também nominal, ou qualquer outra coisa na bússola semítica, mas não se preocupava muito com isso, um pouco à maneira das sentinelas da Porta de Sião, que bebiam cerveja e riam, em Sião, porque eram sionistas. Cada indivíduo nômade tinha a sua religião revelada, não oral, nem tradicional, nem expressa, mas instintiva, dentro dele próprio; foi assim que tivemos todos os credos semíticos (tanto no caráter como na essência) com profunda ênfase na vacuidade do mundo e na ponderabilidade intrínseca de Deus; e a expressão desses credos se fazia conforme ao poder e à oportunidade do crente.

O habitante do deserto não podia reclamar méritos por sua crença. Nunca havia sido evangelista, nem prosélito. Chegara àquela intensa condensação de si mesmo em Deus fechando os olhos ao mundo e a todas as complexas possibilidades que se achavam latentes no seu ser, e que só o contato com a riqueza e as tentações poderia fazer com que se apresentassem. Atingira uma

credulidade segura e poderosa, mas em que campo estreito! A estéril experiência privava-o da compaixão, transformando a qualidade humana à imagem do deserto em que morava. De conformidade com isso, feria-se a si próprio, não apenas para ser livre, mas também para se agradar. Seguia-se profundo deleite no sofrimento, e esta crueldade, para ele, era e valia mais do que qualquer coisa na terra. O árabe do deserto não encontrava alegria igual àquela dos que voluntariamente se abstêm. Tinha a volúpia da abnegação, da renúncia, da autoprivação. Tornava a nudez da alma tão sensual como a nudez do corpo. Salvava a alma, talvez, e sem perigo, apenas em áspero egoísmo. Seu deserto, assim, transformava-se em um depósito de gelo espiritual, onde se preservava, intacta mas também sem aperfeiçoamentos, através de todas as idades, a visão da unidade de Deus. Para essa casa, às vezes, os exploradores do mundo exterior poderiam fugir, durante uma temporada, para contemplar, em isolamento, a índole da geração que deveriam converter.

Esta fé do deserto era impossível nas cidades. Apresentava-se, ao mesmo tempo, muito simples, muito estranha, e muito impalpável, para exportação e uso comum. A idéia, a crença-fundamento de todos os credos semíticos se encontrava ali, mas precisava ser diluída, a fim de se tornar compreensível para nós. O grito do morcego fazia-se agudo demais para muitos ouvidos: o espírito do deserto escapava por entre as malhas da nossa tessitura vulgar. Os profetas voltavam do deserto com a sua visão de Deus, e, através do seu meio maculado (como se fossem vidro escuro), mostravam alguma coisa da majestade e do brilho, cuja plena visão nos poderia cegar, ensurdecer e emudecer, escravizando-nos, como escravizou o beduíno, tornando-o grosseiro — homem completamente à parte.

Os discípulos, na tarefa de se despirem, a si e aos seus vizinhos, de todas as coisas, de acordo com a palavra do Mestre, tropeçavam na fraqueza humana e fracassavam. Para viver, o aldeão ou o homem da cidade precisa abandonar-se todos os dias aos prazeres da aquisição e da acumulação; e, pelo ricochetear das circunstâncias, transforma-se na mais crassa e na mais material das criaturas. O reluzente desafio da vida, que conduz os outros ao mais rude ascetismo, leva-o ao desespero. Assim, na Arábia, malbarata-se negligentemente, como pródigo: dissipa a toda pressa a sua herança carnal, aspirando ao fim. O judeu na metrópole, em Brighton, o avarento, o adorador de Adônis, o lascivo nos bordéis de Damasco foram provas semelhantes da capacidade semítica para o prazer, e expressões do mesmo temperamento que nos deu, no outro pólo, a autonegação dos essênios, ou dos primitivos cristãos, ou dos primeiros califas, achando o

caminho do céu mais fácil para os pobres de espírito. O semita sempre oscilou entre a ambição e a autonegação.

Os árabes podiam ser amarrados por uma idéia, como por uma corda; porque a displicente lealdade do seu espírito os tornava servos obedientes. Nenhum deles seria capaz de fugir ao pacto, até a chegada do êxito, com todas as suas responsabilidades, os seus deveres e os seus compromissos. Depois, ia-se a idéia, e todo o trabalho terminava — em ruínas. Sem credo, eles poderiam ser levados aos quatro cantos da terra (mas não ao céu), mostrando-se-lhes as riquezas e os prazeres do mundo; mas, se no caminho, enquanto levados por esta forma, encontrassem o profeta de uma idéia que não tivesse um lugar para pousar a cabeça, e que dependesse, para se alimentar, da caridade ou dos pássaros, então todos eles abandonariam os seus bens em troca desta inspiração. Incorrigíveis crenças da idéia, destituídos de engenho e cegos para as cores, dentro deles o corpo e o espírito se achavam, sempre e inevitavelmente, em oposição. Tinham a mente estranha e cheia de trevas, repleta de depressões e de exaltações, carente de princípios normativos, mas muito mais ardorosa e mais fértil, em crenças, do que a de qualquer outro povo do mundo. Gente de ímpetos, para a qual o abstrato constituía o motivo mais poderoso, o processo da infinita coragem e da variedade infinita; e a finalidade nada significava. Criaturas instáveis como a água, e como a água talvez prevalecerão afinal. Desde a aurora da vida, em ondas sucessivas, arremessaram-se contra as rochas da carne. Todas as ondas se quebraram, mas, como as do mar, também elas foram desgastando, continuamente, uma pequena partícula do granito contra o qual se desfizeram: e algum dia, em épocas futuras, é possível que venham a rolar abertamente por cima do local onde o mundo material existiu, e Deus passeará sobre a superfície de tais águas. Uma destas ondas (e não a mais insignificante) eu levantei e fiz rolar à frente do temporal de uma idéia até atingir o apogeu, rematando-se e tombando em Damasco. A água desta onda, repelida para trás pela resistência das coisas contingentes, fornecerá material para o vagalhão que se seguir, quando, na maturidade do tempo, o mar for sublevado outra vez.

Notas

* A metáfora de oscilação, “de assíntota para assíntota”, teve origem numa conversação com um amigo que me informa haver equivocadamente aplicado o termo “assíntota aos ramos da hipérbole”. (A.W.L.)

** Em inglês “God” (*N. do T.*)

CAPÍTULO 4

A primeira grande investida à beira do Mediterrâneo havia mostrado ao mundo o poder de um árabe exacerbado, durante um breve dispêndio de intensa atividade física; mas quando o esforço se dissipou, a falta de resistência e a rotina do espírito semítico tornaram-se igualmente evidentes. Negligenciaram os árabes as províncias que haviam invadido, na sua profunda aversão para com qualquer sistema, sendo obrigados a recorrer ao auxílio dos súditos conquistados, ou de estrangeiros mais vigorosos, para administrarem os seus impérios mal alinhavados e ainda rudimentares. Assim, já na Idade Média, os turcos firmaram pé, nos Estados árabes, primeiro como escravos, depois como auxiliares, e, a seguir, como parasitas, sufocando a vida do velho corpo político. A última fase foi de inimizade, quando os Hulagus, ou Timures, saciaram a sua sede de sangue queimando e destruindo tudo que os enfadava com pretensões a superioridade.

As civilizações árabes foram de natureza abstrata, mais morais e intelectuais do que propriamente aplicadas; e a falta de espírito público tornou fúteis as excelentes qualidades privadas. Foram felizes na sua época: a Europa fizera-se bárbara; e a memória dos ensinamentos gregos e latinos ia se empalidecendo na mente dos homens. Comparativamente, as maneiras imitativas dos árabes pareciam educadas; sua atividade mental, progressiva; seu estado, próspero. Prestaram inestimáveis serviços, preservando alguma coisa do passado clássico para um futuro medieval.

Com a chegada dos turcos, esta felicidade se transformou em sonho. Gradualmente, os semitas da Ásia passaram ao seu jugo, encontrando, aí, a morte lenta. Seus produtos foram roubados; e sua valentia se retraiu na rotina emperrada de um governo militar. A administração turca era aquela do gendarme, e a teoria política turca tão cruel como a sua prática. Os turcos ensinaram aos árabes que os interesses de uma seita eram superiores aos do patriotismo: que as mesquinhas conveniências da província significavam mais do

que as da nacionalidade. Por via de sutis dissensões, levaram-nos a desconfiar uns dos outros. Até a língua árabe foi banida das cortes e das repartições públicas, dos serviços governamentais e das escolas superiores. Os árabes só podiam servir ao Estado mediante o sacrifício das suas características raciais. Tais medidas não foram aceitas pacificamente. A tenacidade semítica revelou-se nas muitas rebeliões da Síria, da Mesopotâmia e da Arábia, contra os grosseiros processos de penetração turca; e ofereceram-se resistências às mais insidiosas tentativas de absorção. Os árabes não desistiram do seu idioma, rico e flexível, em troca da rude língua turca: ao contrário, encheram o turco de palavras árabes, e apegaram-se aos tesouros da sua própria literatura.

Perderam o sentido geográfico, bem como as memórias raciais, históricas e políticas; mas agarraram-se cada vez mais tenazmente ao idioma, erigindo-o quase à categoria de verdadeira pátria. O primeiro dever de todo muçulmano estava em estudar o Corão, livro sagrado do islã, e, incidentemente, os maiores monumentos literários árabes. A consciência de que esta religião era sua própria, e de que somente ele, povo árabe, se encontrava perfeitamente qualificado para a compreender e a praticar, dava a todos os árabes o padrão pelo qual julgavam as banais realizações dos turcos.

Surgiu, porém, a revolução turca, com a conseqüente queda de Abdul Hamid e a supremacia dos Jovens-Turcos. Os horizontes ampliaram-se momentaneamente para os árabes. O movimento jovem-turco significava revolta contra a concepção hierárquica do islã, e contra as teorias pan-islâmicas do velho sultão, que havia aspirado, fazendo-se diretor espiritual do mundo muçulmano, a ser também (e sem apelo) o seu diretor em assuntos temporais. Rebelaram-se os jovens políticos, e atiraram-no ao cárcere, sob o impulso de teorias constitucionais de Estado soberano. Assim, na época em que a Europa ocidental começava apenas a passar da nacionalidade para o internacionalismo, e a retumbar com guerras profundamente alheias aos problemas de raça, a Ásia ocidental começou a evoluir do universalismo para a política nacionalista, e a sonhar com guerras em favor de um governo próprio e de soberania, em vez de o fazer em prol de uma fé ou um dogma. Manifestara-se esta inclinação, pela primeira vez, e muito mais fortemente, no Oriente Próximo, nos pequenos Estados balcânicos, sustentando-se, através de martírios quase sem precedentes, na consecução da sua meta, que era a separação da Turquia. Mais tarde registraram-se movimentos nacionalistas no Egito, na Índia, na Pérsia e finalmente em Constantinopla, onde foram fortalecidos e aguçados pelas novas idéias americanas sobre a educação: idéias que, quando espalhadas pela alta e

velha atmosfera do Oriente, produziram uma mistura explosiva. As escolas americanas, ensinando pelo método das inquirições, estimularam o desprendimento científico e a livre troca de opiniões. Visivelmente sem esse intuito, ensinaram a revolução, dada a impossibilidade de ser um indivíduo moderno na Turquia, e ao mesmo tempo leal, se nascido de uma das raças subjugadas — grega, árabe, curda, armênia ou albanesa — sobre as quais os turcos foram por longo tempo levados a manter absoluto domínio.

Os jovens-turcos, confiantes, em virtude do primeiro êxito, deixaram arrastar-se pela lógica dos seus princípios, e, sinal de protesto contra o pan-islamismo, passaram a pregar a fraternidade otomana. As crédulas raças subjugadas — muito mais numerosas do que os próprios turcos — acreditaram que eram chamadas para construir um novo Oriente. Correndo para a sua tarefa (imbuídas de Herbert Spencer e de Alexander Hamilton), assentaram plataformas de idéias avassaladoras, e apelaram para os turcos, como associados. Os turcos, apavorados com as forças que haviam despertado, acenderam os fogos assim que as inventariaram. A Turquia, tornada turca para os turcos — *Yeni-Turan* — foi o grito de guerra. Mais tarde, esta política deveria conduzi-lo ao resgate dos seus *irredenti* — que eram as populações turcas submetidas à Rússia, na Ásia Central; mas antes de tudo, precisavam limpar o império das raças subjugadas, porém incômodas, que vinham resistindo ao padrão normativo. Os árabes, os maiores componentes estrangeiros da Turquia, deviam ser liquidados imediatamente. De conformidade com este pensamento, os representantes árabes foram expulsos, as sociedades árabes proibidas, e os árabes notáveis proscritos. As manifestações árabes e o idioma árabe foram suprimidos pelo paxá Enver de maneira muito mais enérgica do que o haviam sido por Abdul Hamid, antes dele.

Não obstante, os árabes já tinham provado o sabor da liberdade: não podiam mudar de idéias tão rapidamente como de conduta; e os espíritos mais valorosos, entre eles, dificilmente seriam abatidos. Liam os jornais turcos, substituindo a palavra "turco" por "árabe", nas exortações patrióticas. A repressão sobrecarregou-lhes a alma com uma violência doentia. Desprovidos de recursos constitucionais, tornaram-se revolucionários. As sociedades árabes passaram para a clandestinidade, transformando-se, de clubes liberais, em conspirações. A "Akhua", sociedade-tipo dos árabes, foi publicamente dissolvida. Substituiu-a, na Mesopotâmia, a perigosa "Ahad", comunidade radicalmente secreta, limitada quase que exclusivamente a oficiais árabes do exército turco, que juravam adquirir

os conhecimentos militares dos seus senhores a fim de os aplicar contra estes a serviço do povo árabe, quando chegasse o momento da rebelião.

Tratava-se de uma grande sociedade, com base segura na parte desértica ao sul do Iraque, onde Sayid Taleb, o jovem John Wilkes do movimento árabe, concentrava todo o poder em suas mãos pouco escrupulosas. À referida associação pertenciam sete de cada dez oficiais nascidos na Mesopotâmia; suas reuniões mantinham-se tão secretas, que os associados chegaram a ocupar altos postos de comando na Turquia, até o fim. Quando a derrocada se declarou, quando Allenby marchou através de Armageddon, e quando a Turquia caiu, um vice-presidente da sociedade secreta comandava o que restara dos exércitos da Palestina em retirada, e outro dirigia as forças turcas, do outro lado do Jordão, para a área de Amã. Mesmo mais tarde, depois do armistício, altos postos no funcionalismo turco ainda eram ocupados por homens dispostos a voltarem-se contra os seus senhores, à palavra de ordem dos chefes árabes. A muitos deles, essa palavra nunca foi proferida; porque as sociedades secretas tinham exclusiva finalidade pró-árabe, não desejando lutar senão pela independência árabe; e não poderiam ver vantagem alguma em apoiar os Aliados, de preferência aos turcos, pois não acreditavam nas nossas garantias de que tornaríamos os árabes livres. Com efeito, a maioria delas preferia uma Arábia unida pela Turquia, em miserável submissão, a uma Arábia preguiçosa e dividida em esferas de influência, sob o mais cômodo controle de várias potências européias.

Maior do que a "Ahad", havia a "Fetah", a sociedade da libertação da Síria. Os proprietários de terras, os escritores, os sábios e eruditos, os mais altos funcionários públicos, todos se uniam nessa associação, por meio de juramento comum, de senhas e de sinais, de uma imprensa e de um tesouro central, no intuito de arruinarem o império turco. Com a ruidosa presteza dos sírios — povo de abelhas, tendo muito da vivacidade japonesa, mas superficial —, logo se pôs de pé, em pleno funcionamento, uma formidável organização. A "Fetah" dirigiu-se ao exterior em busca de auxílio, esperando que a liberdade afinal despontasse por meio de preces, e não de sacrifícios. Correspondia-se com o Egito, com a "Ahad" (cujos membros, com a verdadeira severidade da Mesopotâmia, quase a desprezavam) com o xerife de Meca e com a Grã-Bretanha: procurava, por toda parte, aliados que a servissem. Também a "Fetah" era absolutamente secreta; e o governo, embora lhe suspeitasse a existência, nunca pôde encontrar provas claras a respeito dos seus chefes, nem dos seus membros. O governo turco viu-se obrigado a manter-se de mãos atadas, até poder vibrar o golpe com provas suficientes, a fim de satisfazer os diplomatas ingleses e franceses que

representavam o papel da moderna opinião pública na Turquia. A guerra, em 1914, fez com que estes agentes se retirassem, ficando o governo turco com liberdade de ação.

A mobilização entregou todos os poderes nas mãos dos componentes do quadro governamental — tais como Enver, Talaat e Jemal — que eram, ao mesmo tempo, os mais tenazes, os mais lógicos e os mais ambiciosos dos jovens-turcos. Começaram a identificar todas as correntes não-turcas no Estado, e especialmente as do nacionalismo árabe e armênio. Para o primeiro passo, encontraram armas capciosas e convenientes nos documentos secretos do cônsul francês na Síria, que deixara atrás de si, no consulado, cópias de correspondência (a respeito da liberdade árabe) trocada entre ele e a associação árabe, não em conexão com a "Fetah", mas constituída pela mais conservadora e menos formidável *intelligenzia* da costa síria. Os turcos, logicamente, se sentiram encantados; porque a agressão "colonial", na África do Norte, propiciara a formação de uma péssima reputação aos franceses, no mundo muçulmano de língua árabe; e isto serviu para que Jemal provasse, aos seus correligionários, que os árabes nacionalistas se mostravam suficientemente infiéis, preferindo a França à Turquia.

Na Síria, como era natural, a revelação de tais documentos constituiu novidade sem importância; mas os membros da associação eram conhecidos e respeitados, embora fossem pessoas um pouco acadêmicas; sua prisão, sua condenação, as levas de deportação, os exílios e as execuções, em que culminaram os processos instaurados, comoveram profundamente o país, demonstrando, aos árabes da "Fetah", que, se não tirassem proveito da lição, o mesmo destino dos armênios se desencadearia sobre eles. Os armênios estavam bem armados e organizados; mas os seus chefes falharam. Foram, depois, desarmados e inteiramente destruídos — os homens por meio de massacres, as mulheres e as crianças por meio de pressão, a caminho das estradas poeirentas que conduziam ao deserto, onde, nuas e famintas, se tornaram presa comum dos passantes, até que a morte as colheu. Os jovens-turcos mataram os armênios não porque fossem cristãos, mas por serem armênios; e, pela mesma razão, amontoaram árabes muçulmanos e árabes cristãos nos fundos dos mesmos cárceres, enforcando-os juntos, no mesmo patíbulo. Jemal Pachá uniu todas as classes, condições e credos da Síria sob a pressão da miséria comum e do perigo coletivo, tornando assim possível a revolta organizada.

Os turcos suspeitavam dos oficiais e dos soldados árabes do exército, e esperavam empregar, contra eles, a tática da dispersão, que dera bons resultados

contra os armênios. A princípio, dificuldades de transporte se opuseram a esta manobra; depois, apareceram as perigosas concentrações de divisões árabes (cerca de um terço do exército turco original se constituía de gente de língua árabe) ao norte da Síria, no começo de 1915. Destruíram estas concentrações, sempre que possível, fazendo os seus elementos marcharem para a Europa, para os Dardanelos, para o Cáucaso e para o canal de Suez — para qualquer parte, contanto que fossem rapidamente postos nas linhas de fogo, ou afastados do auxílio e do alcance dos seus compatriotas. Proclamou-se a Guerra Santa, a fim de se dar à bandeira da "União e Progresso" alguma coisa da tradicional santidade das ordens de combate do califa, aos olhos do velho elemento clerical; e o xerife de Meca foi convidado, ou melhor, teve ordem de responder ao grito.

CAPÍTULO 5

A posição do xerife de Meca era, de longa data, anômala. O título de xerife implicava descendência do profeta Mohammed através da sua filha Fátima, e de Hassan, filho mais velho desta. Os xerifes autênticos se encontravam inscritos na árvore genealógica da família — imenso rol, conservado em Meca, sob a custódia do emir de Meca, eleito xerife dos xerifes, que se supunha ser o mais velho e o mais nobre de todos. A família do profeta havia exercido autoridade temporal em Meca, durante os novecentos últimos anos, e contava cerca de duas mil pessoas.

Os velhos governos otomanos contemplavam esta família com uma estranha mistura de reverência e de desconfiança. Visto ser muito forte para poder ser destruída, o sultão ressalvava a própria autoridade confirmando solenemente o emir no seu cargo. Esta inócua aprovação adquiriu dignidade, com o correr do tempo, até que o último detentor do título começou a sentir que o gesto do sultão poria sanção final à sua eleição. Por fim os turcos notaram que precisavam ter o Hedjaz sob a sua autoridade, de maneira inquestionável, como parte do cenário para a nova noção pan-islâmica. A fortuita abertura do canal de Suez possibilitou-lhes guarnecer as Cidades Santas. Projetaram, então, a estrada de ferro do Hedjaz, aumentando a influência turca no seio das tribos por meio de dinheiro, de intrigas e de expedições armadas.

Assim que o sultão se tornou mais forte ali, aventurou-se a afirmar a sua autoridade, cada vez com mais insolência, junto do xerife, mesmo dentro de Meca, e quando se lhe ofereceu a ocasião arriscou-se a depor um xerife excessivamente magnífico aos seus olhos e a nomear, como seu sucessor, um elemento da família rival do clã, na esperança de obter as costumeiras vantagens decorrentes da dissensão. Afinal Abdul Hamid levou alguns membros da família do xerife para Constantinopla, em honroso cativeiro. Entre estes, encontrava-se Hussein ibn Ali, futuro governador, que foi mantido como prisioneiro durante cerca de dezoito anos. Este colheu a oportunidade de proporcionar aos seus

filhos — Ali, Abdulla, Feisal e Zeid — educação e experiência modernas, o que, mais tarde, os habilitou a conduzir os exércitos árabes à vitória.

Quando Abdul Hamid caiu, os menos astutos dos jovens-turcos subverteram a política antiga, tornando a enviar o xerife Hussein a Meca, na qualidade de emir. Este se pôs imediatamente em ação, de maneira desembaraçada, a fim de restaurar o poderio do emirato, reforçando a própria posição sobre as antigas bases e mantendo contato estreito e amistoso com Constantinopla, através de seus filhos Abdulla, vice-presidente da Câmara Turca, e Feisal, deputado por Djedda. Ambos o mantiveram continuamente informado a respeito das opiniões políticas da capital, até que a guerra se declarou; foi quando eles regressaram a toda pressa a Meca.

A declaração da guerra provocou perturbações no Hedjaz. A peregrinação cessou, e, com ela, suspenderam-se as rendas e os negócios das Cidades Santas. Havia razões para se temer que os navios de abastecimento da Índia deixariam de aportar ali (visto que o xerife se tornara, tecnicamente, súdito inimigo); e, como a província quase não produzia víveres por si mesma, esta passaria a depender, de forma precária, da boa vontade dos turcos, os quais poderiam reduzi-la à fome, paralisando o tráfego da estrada de ferro do Hedjaz. Hussein nunca estivera, antes disso, inteiramente à mercê dos turcos; e neste momento infeliz os turcos precisavam, em particular, da sua adesão ao "Jihad", a Guerra Santa de todos os muçulmanos contra a cristandade.

Para que a Guerra Santa se tornasse popularmente efetiva, era preciso que fosse endossada por Meca; e se o fosse, mergulharia o Oriente em sangue. Hussein, homem honrado, sagaz, tinha índole obstinada e profundamente pia. Percebeu que a Guerra Santa seria doutrinariamente incompatível com uma guerra agressiva, e absurda com uma aliada cristã: a Alemanha. Por isto, recusou o pedido turco, fazendo, ao mesmo tempo, um edificante apelo aos aliados para que não reduzissem à fome a sua província em virtude daquilo que não constituía, de forma alguma, culpa do seu povo. Em represália, os turcos instituíram imediatamente o bloqueio parcial do Hedjaz, por meio do controle do tráfego da estrada de ferro dos peregrinos. Os ingleses deixaram os portos abertos aos navios de gêneros de primeira necessidade, devidamente regulamentados.

O pedido turco, entretanto, não foi o único recebido pelo xerife. A 15 de janeiro de 1915, Yisin, chefe dos oficiais da Mesopotâmia, Ali Riza, chefe dos oficiais de Damasco, e Abd el Ghani el Areisi, em nome dos civis sírios, enviaram-lhe uma proposta concreta, relativa a uma sublevação militar na Síria,

contra os turcos. Os povos oprimidos da Mesopotâmia e da Síria, e as delegações da "Ahad" e da "Fetah", também apelaram para ele, na sua qualidade de Pai dos Árabes, muçulmano dos muçulmanos, maior dos seus príncipes, e mais idoso dos seus notáveis, a fim de que os salvasse dos sinistros desígnios de Talaat e de Jemal.

Hussein, como político, príncipe, muçulmano, modernista, e como nacionalista, foi forçado a ouvir semelhante apelo. Enviou Feisal, seu terceiro filho, a Damasco, a fim de discutir, como seu representante, os projetos dos proponentes, e de elaborar um relatório. Enviou Ali, seu filho mais velho, a Medina, com ordens de agrupar forças, em silêncio, sob qualquer pretexto que se lhe afigurasse mais oportuno, do seio dos aldeães e das tribos do Hedjaz, e de mantê-las prontas ao primeiro chamado se Feisal se pronunciasse. Abdulla, seu segundo filho, de índole política, incumbiu-se de sondar os britânicos por meio de carta, para saber qual seria a atitude destes em face de uma possível revolução árabe contra a Turquia.

Feisal informou, em janeiro de 1915, que as condições locais se apresentavam boas, mas que a guerra geral não corria muito bem para semelhantes aspirações. Em Damasco, achavam-se três divisões de forças árabes, prontas para a rebelião. Em Aleppo, outras duas divisões, perpassadas de nacionalismo árabe, garantiram que tomariam parte no movimento, desde que as outras começassem. Havia apenas uma divisão turca deste lado do Taurus, de maneira que era certo que os rebeldes poderiam tomar posse da Síria logo ao primeiro esforço. Do outro lado, a opinião pública estava menos preparada para aceitar medidas extremas, e as classes militares mostravam-se absolutamente seguras de que a Alemanha ganharia a guerra, e que a ganharia em breve tempo. Se, entretanto, os aliados desembarcassem a sua expedição australiana (que se estava preparando no Egito) em Alexandria, cobrindo, por essa forma, o flanco sírio, então seria prudente e seguro deixar de crer na vitória final da Alemanha e enfrentar a necessidade de concluir a paz separada com os turcos.

Seguiu-se uma apreciável demora, porque os aliados se dirigiam aos Dardanelos, e não a Alexandria. Feisal foi-lhes no encalço, a fim de obter informações de primeira mão sobre as condições de Galípoli, visto que o baquear da Turquia deveria ser o sinal dos árabes. Depois, houve estagnação, durante os meses da campanha dos Dardanelos. Naquele matadouro, o restante da primeira linha do exército otomano foi destruído. O desastre, para a Turquia, representado pelas perdas acumuladas, foi tão considerável que Feisal regressou à

Síria, julgando ser aquele o momento possível para a irrupção, mas verificou que no interregno a situação local se tornara desfavorável.

Os sustentáculos sírios se encontravam presos, ou ocultos; os amigos estavam sendo enforcados aos magotes, sob acusações políticas. Encontrou as bem-dispostas divisões árabes, ou exiladas para linhas de frente muito distantes, ou dispersas em pequenos grupos distribuídos entre unidades do exército turco. O campesinato árabe estava sob o jugo do serviço militar turco, e a Síria se via prostrada em face do desapiedado Jemal Pachá. Os pontos de apoio tinham desaparecido.

Feisal escreveu a seu pai, aconselhando-lhe novo adiamento, até que a Inglaterra estivesse pronta e a Turquia fosse arrastada ao extremo. Infelizmente, a Inglaterra encontrava-se em deploráveis condições. Suas forças recuavam, dispersas, dos Dardanelos. A lenta e prolongada agonia de Kut estava em sua última fase; e o levante dos senussis, coincidindo com a entrada da Bulgária na guerra, ameaçava a Inglaterra por novos flancos.

A posição de Feisal tornou-se extremamente arriscada. Encontrava-se ele à mercê dos membros da sociedade secreta, de que havia sido presidente antes da guerra. Tinha de viver como hóspede de Jemal Pachá, em Damasco, aperfeiçoando os seus conhecimentos militares, porque seu irmão Ali estava promovendo o levante das tropas no Hedjaz, sob o pretexto de que ele e Feisal as conduziriam contra o canal de Suez, para auxiliar os turcos. Assim, Feisal, como bom otomano e oficial a serviço dos turcos, via-se obrigado a viver em quartéis-generais, suportando, resignadamente, os insultos e as indignidades atirados contra a sua raça pelo insolente Jemal.

Jemal mandava chamar Feisal à sua presença, e conduzia-o, depois, a assistir ao enforcamento dos seus amigos sírios. As vítimas da justiça não ousavam mostrar que tinham conhecimento das verdadeiras esperanças de Feisal, como também não revelavam os seus propósitos por meio de palavras, nem de olhares, pois qualquer declaração equivaleria a condenar-lhe a família, e talvez toda a raça, à mesma sorte. Apenas uma vez Feisal exclamou que aquelas execuções acabariam custando a Jemal tudo quanto ele estava procurando evitar; e foi necessária a intervenção dos seus amigos de Constantinopla, homens de alta posição na Turquia, para o salvar da punição equivalente àquelas palavras temerárias.

A correspondência de Feisal com seu pai constituía, por si só, toda uma aventura. Comunicavam-se por meio de velhos membros da família, homens acima de qualquer suspeita, que viajavam em todos os sentidos, na estrada de

ferro do Hedjaz, conduzindo cartas em bainhas de espadas, em doces, costuradas entre solas de sandálias, ou escritas com tinta invisível em envoltórios de pacotes inócuos. Em todas as cartas, Feisal comunicava dados desfavoráveis, suplicando ao pai que adiasse a ação até um momento mais oportuno.

Hussein, entretanto, não era espírito para ser desencorajado pelo emir Feisal. Aos seus olhos, os jovens-turcos afiguravam-se ateus, transgressores do credo e do dever humano — traidores do espírito do tempo e dos superiores interesses do islã. Embora fosse um homem de sessenta e cinco anos, estava profundamente resolvido a combatê-lo, confiando que a justiça da causa valia o preço a ser pago. Hussein confiava tanto em Deus, que deixou de aplicar o seu sentido militar, pensando que o Hedjaz fosse capaz de vencer os turcos com grande vantagem. Por isso, enviou Abd el Kader el Abdu a Feisal, com uma carta explicando que tudo, agora, se achava pronto para a sua inspeção, em Medina, antes que as tropas partissem para a frente. Feisal informou Jemal, e pediu permissão para ir, mas para seu assombro, Jemal respondeu-lhe que Enver Pachá, o Generalíssimo, estava a caminho da província, e que eles visitariam Medina juntos, procedendo, assim, à inspeção. Feisal havia planejado hastear a bandeira carmesim de seu pai quando chegasse a Medina, de maneira a tomar os turcos de surpresa; e, ao contrário, agora ele ia ser embaraçado por dois hóspedes não convidados, aos quais, pela lei da hospitalidade árabe, não poderia causar dano algum. Era possível, por outro lado, que ambos dessem origem ao adiamento da ação por prazo tão longo que todo o segredo da revolta ficaria ameaçado de ser posto em xeque!

No fim as coisas correram bem, embora a ironia da revista militar houvesse sido horrível. Enver, Jemal e Feisal contemplavam as tropas rodando e marchando na planície poeirenta, fora dos muros da cidade, e correndo para baixo e para cima, em simulações de batalhas de camelos, ou esporeando cavalos, em exercícios de lançamento de dardos, de acordo com o imemorial costume árabe. “E todos estes voluntários se destinam à Guerra Santa?”, indagou Enver, por fim, dirigindo-se a Feisal. “Sim”, disse Feisal. “Prontos para combater até a morte, contra os inimigos dos fiéis?” “Sim”, disse de novo Feisal; a seguir, aproximaram-se os chefes árabes, a fim de serem apresentados. O xerife Ali ibn el Hussein, de Modhig, puxou Feisal para um lado, murmurando: “Meu senhor, devemos matá-los agora?” E Feisal disse: “Não. Eles são nossos hóspedes.”

Os xeques protestaram veementemente, pois, matando-os, acreditavam que poderiam liquidar a guerra rapidamente. Estavam resolvidos a pressionar Feisal; e este se viu obrigado a ir para o meio deles, longe de poder ser ouvido, mas

ainda assim francamente visto, pleiteando a vida dos ditadores turcos que haviam assassinado os seus melhores amigos no patíbulo. Ao fim, Feisal teve de pedir desculpas, conduzir os hóspedes apressadamente para dentro da cidade de Medina, guarnecer o salão do banquete com escravos seus, e escoltar Enver e Jemal até Damasco, a fim de os salvar da morte em plena estrada. Explicou-lhes esta complicada cortesia dizendo tratar-se da maneira árabe de devotar tudo aos hóspedes; mas Enver e Jemal, sentindo-se profundamente desconfiados com o que viram, impuseram um bloqueio impenetrável contra o Hedjaz, ordenando um amplo reforço das tropas turcas dali. Desejavam deter Feisal em Damasco; mas chegaram telegramas de Medina, reclamando a sua volta imediata, a fim de se prevenirem desordens, e com relutância Jemal deixou-o partir, com a condição de a sua comitiva ali permanecer, na qualidade de refém.

Feisal encontrou Medina repleta de forças turcas, com o estado-maior e o quartel-general do décimo segundo corpo sob a chefia do paxá Fakhri, velho e corajoso carniceiro que havia "purificado" sangrentamente Zeitun e Urfa, eliminando dali os armênios. Era evidente que os turcos se encontravam de sobreaviso, e as esperanças de Feisal, a propósito de uma irrupção de surpresa, e de uma vitória conquistada quase sem deflagração de tiros, tornou-se de todo impossível. Não obstante, já se fazia tarde demais para mostrar prudência. De Damasco, quatro dias depois, a sua comitiva alugou cavalos e viajou para o oriente, em direção ao deserto, a fim de se refugiar junto de Nuri Shaalan, chefe beduíno; e, no mesmo dia, Feisal entrou em ação. Quando ergueu a bandeira árabe, o Estado pan-islâmico supernacional, em prol do qual Abdul Hamid havia massacrado, trabalhado e perdido a vida, bem como a esperança alemã a respeito da cooperação do islã, nos planos mundiais do *Kaiser*, passaram para o reino dos sonhos. Pelo mero fato desta rebelião, o xerife encerrou esses dois fantásticos capítulos da história universal.

A rebelião representava o mais grave dos passos que os homens políticos poderiam dar; o êxito e o fracasso da revolta árabe eram um jogo demasiadamente entregue ao acaso, não se podendo, por isso, fazer profecia alguma. Contudo, pelo menos uma vez a fortuna favoreceu o jogador audacioso, e a épica árabe percorreu a sua tempestuosa trajetória, desde o nascimento, passando através da fraqueza, do sofrimento e da dúvida, até chegar à rubra vitória. Foi o justo fim para uma aventura que havia ousado tanto — mas, depois da vitória, sobreveio o tempo tedioso da desilusão, e, a seguir, fez-se uma noite em que os guerreiros viram que todas as suas esperanças se dissipavam. Agora, afinal, deve ter chegado, a eles, a branca paz do fim, através da consciência de

haverem realizado uma obra imortal, inspiração luminosa para as crianças de sua raça.

CAPÍTULO 6

Eu vivi muitos anos, indo para baixo e para cima, na zona do oriente semítico antes da guerra, a aprender as maneiras dos aldeães e dos homens de tribo, bem como dos cidadãos da Síria e da Mesopotâmia. Minha pobreza me obrigara a misturar-me a elementos das classes mais humildes — àqueles raramente encontrados pelos viajantes europeus; assim, minha experiência me proporcionou um ângulo de visão todo especial, e este me habilitou a compreender e a pensar para as massas ignorantes, bem como para os mais letrados, cujas raras opiniões se formavam, não muito para o dia de hoje, e sim para o dia de amanhã. Além disso, eu vira alguma coisa das forças políticas que atuavam no espírito do Oriente Próximo, notando, em particular, em todos os recantos, sinais inequívocos da decadência da Turquia imperial.

A Turquia ia morrendo de exaustão, na tentativa, que lhe diminuía os recursos, de deixar, nos termos tradicionais, todo o império como herança a si. A espada havia sido a virtude dos filhos de Othman, mas as espadas saíram de moda nos nossos dias, cedendo lugar a armas muito mais mortíferas e mais científicas. A vida ia se tornando excessivamente complicada para aquele povo infantil, cuja força residira na simplicidade, na paciência e na capacidade de sacrifício. Era a mais lenta das raças da Ásia Ocidental, pouco adequada para se adaptar às novas ciências da administração governamental e da vida, e menos ainda para inventar qualquer coisa nova em benefício próprio. Sua administração se tornara forçosamente assunto de pastas e de telegramas, de alta finança, de eugenia e de cálculos. Os velhos governantes, que ocupavam os postos de comando por meio da força de seu braço ou da força do seu caráter, eram iletrados, diretos, pessoais, e deviam inevitavelmente desaparecer. O governo foi transferido a novos homens, dotados de agilidade e sutileza bastantes para se encaminharem no ritmo da máquina. Os componentes superficiais e pouco polidos da junta dos jovens-turcos descendiam de gregos, albaneses, circassianos,

búlgaros, armênios, judeus — de todos, menos de *seljuks* e de otomanos. As câmaras deixaram de estar de acordo com os governantes, cuja cultura era levantina e cuja teoria era francesa. A Turquia estava em decadência; e só o bisturi poderia restaurar-lhe a saúde.

Amando persistentemente as velhas maneiras, os anatólios continuaram a ser bestas de carga em suas aldeias e soldados submissos fora delas, ao passo que as raças subjugadas do império, que formavam cerca de sete décimos da sua população total, aumentaram diariamente em força e em conhecimentos; a falta de tradição e de responsabilidade, bem como a mente mais clara e mais ágil, predispunham-nas à aceitação de novas idéias. O antigo respeito natural e a velha supremacia do nome turco começaram a esmaecer-se em presença de comparações mais amplas. Este cambiante equilíbrio da Turquia e das províncias subjugadas exigia aumentos de guarnições, se é que se desejasse manter o velho estado de coisas. Trípoli, a Albânia, a Trácia, o Iêmen, o Hedjaz, a Síria, a Mesopotâmia, o Curdistão, a Armênia, representavam contas deficitárias, verdadeiros fardos impostos aos camponeses da Anatólia, devorando anualmente enormes saques contra o futuro. Os encargos pesavam mais sobre as pobres aldeias, e a cada ano estas pobres aldeias se tornavam ainda mais pobres.

Os recrutas aceitavam o seu destino sem discutir: resignadamente, de acordo com os hábitos do campesinato turco. Eram como carneiros: neutros, sem vícios nem virtudes. Deixados a sós, nada faziam, ou, talvez, sentavam-se estupidamente no chão. Recebendo ordens para serem gentis, eles, sem pressa, tornavam-se tão bons amigos e tão generosos inimigos como fosse possível imaginar. Mandados a ultrajar seus pais, ou a abrir o ventre de suas mães, executavam a voz de comando tão calmamente como se nada estivessem fazendo — ou como se praticassem o bem. Havia, neles, uma desesperadora falta de iniciativa, que os tornava os mais obedientes, os mais resistentes e os menos vigorosos soldados do mundo.

Estes homens constituíam vítimas naturais dos oficiais levantinos, de vícios requintados, destinando-se a serem levados à morte, ou abandonados na estrada, sem o menor cuidado. Com efeito, nós os encontramos servindo de cepo às paixões mais vis dos seus comandantes. Tão pouco valor tinham essas criaturas aos olhos dos chefes militares, que, em relação a elas, estes não aplicavam qualquer das medidas comuns de precaução. Inspeções médicas de algumas turmas de prisioneiros turcos revelaram que cerca da metade dos examinados se encontrava atacada de enfermidades venéreas adquiridas por via não-natural. Vacinas e coisas semelhantes não conseguiram ser compreendidas no país; e as

infecções passavam de uns a outros, por todo o batalhão em que os recrutas serviam durante seis ou sete anos, até que, ao fim do seu período, os sobreviventes, se provindos de famílias bem reputadas, se sentiam envergonhados de voltar para casa, passando a servir, então, ou na gendarmeria, ou, como homens inutilizados, em ocupações ocasionais ao redor das cidades; assim, decrescia a taxa de natalidade. O campesinato turco, na Anatólia, morria em virtude do serviço militar.

Verificamos que um novo fator se tornava necessário no Oriente — alguma potência ou alguma raça que vencesse os turcos em número, em produção e em atividade mental. Nenhuma indicação recebemos da história para pensar que estas qualidades poderiam ser fornecidas, do dia para a noite, por importação, da Europa. Os esforços das potências européias, no intuito de manter o pé no levante asiático, haviam sido uniformemente desastrosos; e não desgostávamos de povo ocidental algum ao ponto de o arrastar a outras tentativas. A nossa solução deveria ser local; e, felizmente, o padrão de eficiência requerido também era local. A competição deveria ser com a Turquia; e a Turquia estava podre.

Alguns de nós julgaram que houvesse uma força latente, em quantidade bastante, e de sobra, nos povos árabes (os maiores componentes do velho império turco), prolífica aglomeração semítica, grande em pensamentos religiosos, razoavelmente industriosa, mercantil, política, e, ainda assim, de caráter dissolvente, em vez de dominante. Estes povos haviam servido durante quinhentos anos sob o jugo turco, tendo começado, entretanto, a sonhar com a liberdade; assim, quando afinal a Inglaterra se desentendeu com a Turquia, e quando a guerra se declarou no Oriente e no Ocidente ao mesmo tempo, nós, que acreditávamos ser depositários dos destinos futuros, pusemos mãos à obra, a fim de unir os esforços da Inglaterra no sentido de estimular a criação de um novo mundo árabe no interior da Ásia.

Não éramos muitos; e quase todos confiávamos e dependíamos de Clayton, chefe do Serviço de Inteligência, civil e militar, no Egito. Clayton revelou-se um perfeito comandante do selvagem bando de homens que nós constituíamos. Calmo, desprendido, dotado de visão clara, de coragem inconsciente, assumia qualquer responsabilidade. Deixava a rédea solta aos seus subordinados. Suas perspectivas pessoais eram amplas, como os seus conhecimentos; atuava mais por meio de influência do que por intervenção direta. Nunca foi fácil averiguar até onde se exercia e desde onde deixava de se exercer a sua influência. Como água, ou óleo permeabilizante, esta influência subia, silenciosa e insistentemente, pelas fibras de tudo e de todos. Não era possível dizer onde o traço de Clayton se

achava e onde não se achava, nem especificar a porção de qualquer efeito que pertencesse de fato a ele. Nunca chefiava ostensivamente; mas as suas idéias manifestavam-se tão amplas como as dos que assim procediam: impressionava os homens pela sobriedade, bem como por certa moderação tranqüila e positiva de esperança. Em assuntos práticos, mostrava-se desleixado, irregular, inconstante — um homem com quem os homens independentes podiam contar.

O primeiro, entre nós, era Ronald Storrs, Secretário Oriental da Residência, o mais brilhante cidadão inglês no Oriente Próximo, sutilmente eficiente, a despeito dos desvios da sua energia no sentido do amor à música, às letras, à escultura, à pintura, a tudo quanto fosse belo em meio às coisas do mundo. Não obstante, Storrs semeava o que colhíamos, sendo ele, porém, o primeiro e o maior de nós todos. Sua sombra poderia envolver o nosso trabalho, bem como a política britânica no Oriente, como uma capa, se ele conseguisse negar o mundo a si próprio, preparando o corpo e o espírito, com severidade de atleta, para um grande vôo.

George Lloyd fazia parte do nosso grupo. Inspirava-nos confiança, e, com o seu conhecimento a respeito de dinheiro, mostrou ser um guia seguro através dos subterrâneos dos negócios e da política, sendo, ao mesmo tempo, um verdadeiro profeta quanto às futuras artérias do Oriente Médio. Não teríamos realizado tantas coisas, em tão breve tempo, sem a sua colaboração; mas tinha alma infinitamente irrequieta, mais ansiosa de saborear do que de se exaurir. Para ele, muitas coisas eram necessárias; e, por isso, não podia permanecer um longo tempo conosco. Nunca percebeu o quanto gostávamos dele.

A seguir, havia o imaginativo advogado dos não-convincentes movimentos do mundo, Mark Sykes: um monte de preconceitos, de intuições e de semiciências. Suas idéias ficavam sempre do lado de fora; e faltava-lhe paciência para provar os materiais antes de escolher o estilo da construção. Poderia tomar qualquer aspecto da verdade, desligá-lo de todas as circunstâncias, inflá-lo, torcê-lo e remodelá-lo, até que a primitiva verossimilhança e a nova inverossimilhança, reunidas, despertassem o riso; e as gargalhadas constituíam os seus triunfos. Seus instintos convergiam para a paródia: por vocação, era mais caricaturista do que artista, mesmo em assuntos de Estado. Via o estranho e o esquisito em tudo, e deixava de captar a realidade. Podia esboçar, em poucos traços, todo um mundo novo, tudo fora de escala, mas tão palpitante como a visão de alguns aspectos das coisas a que aspirávamos. Seu concurso nos produziu benefícios e danos. Por causa disto, na sua última semana, em Paris, procurou recolocar as coisas no devido lugar. Regressara de um período de missões políticas na Síria, depois da

pavorosa realização da verdadeira forma dos seus sonhos, para dizer, com arrogância: "Eu não tinha razão: aqui está a verdade." Os antigos amigos não podiam perceber, nem conceber, a sua nova seriedade, e o julgaram volúvel, sempre caindo em erro; faleceu logo depois. Foi a tragédia das tragédias, graças aos árabes.

Não um homem selvagem, mas *Mentor* de nós todos, tal se nos afigurava Hogarth, nosso padre confessor e conselheiro, que nos proporcionou os paralelos e as lições da história, da moderação e da coragem. Para os espectadores, desempenhava o papel de negociador da paz (eu era todo unhas e dentes e tinha o diabo no corpo), tornando-nos favorecidos e ouvidos, em virtude do peso dos seus julgamentos. Possuía um delicado sentido do valor, e podia apresentar, com clareza, aos nossos olhos, as forças ocultas por trás dos miseráveis capachos e das pustulentas peles que conhecíamos como sendo os árabes. Hogarth foi o nosso árbitro e o nosso incansável cronologista, aquele que nos ofereceu um saber imenso e uma cuidadosa prudência, mesmo nas menores coisas, porque acreditava naquilo que estávamos realizando. Por trás dele, figurava Cornwallis, homem aparentemente rude, mas que parecia construído com algum desses incríveis metais que têm o ponto de fusão a milhares de graus de calor. Podia permanecer, durante meses e meses, mais "esquentado" do que os outros homens, por sua vez elevados ao máximo da temperatura, e, não obstante, parecer frio e rígido. Por trás dele, ainda, figuravam outros — Newcombe, Parker, Herbert, Graves — todos do mesmo credo, e trabalhando orgulhosamente, cada qual à sua maneira.

Nós nos denominávamos "intrusos", como grupo; porque alimentávamos a intenção de irromper em meio às aceitas antecâmaras da política exterior da Inglaterra, e construir um novo povo no Oriente, apesar dos trilhos assentados para nós pelos nossos antepassados. Portanto, do nosso híbrido Escritório de Inteligência, no Cairo (desagradável recinto, que, em virtude dos incessantes toques de campainhas, das altercações e do ir-e-vir sem trégua, fora comparado, por Aubrey Herbert, a uma estação de estrada de ferro oriental), começamos a fazer pressão sobre todos os chefes, próximos e distantes. *Sir* Henry McMahon, Alto Comissário no Egito, foi naturalmente, objeto do nosso primeiro esforço; e seu espírito astuto, introspectivo, provado e experimentado, logo compreendeu os nossos desígnios, considerando-os bons. Outros, como Wemyss, Neil Malcolm, Wingate, confortavam-nos com o seu prazer em ver a guerra transformar-se, de destrutiva, em construtiva. Suas declarações confirmaram, por *Lord* Kitchener, a favorável impressão que este recebera, anos antes, quando o xerife Abdulla apelou

para ele, no Egito; e, assim, McMahon, por fim, conseguiu a nossa pedra angular — o entendimento com o xerife de Meca.

Contudo, antes disto, havíamos tido esperanças em relação à Mesopotâmia. O começo do Movimento Pró-Independência Árabe havia sido registrado ali, sob o vigoroso impulso de Seyid Taleb, despido de escrúpulos, e, mais tarde, de Yasin el Hashimi, bem como da liga militar. Aziz el Masri, rival de Enver, que vivia em grande parte graças a nós, era o ídolo dos oficiais árabes. Fora abordado por *Lord* Kitchener, nos primeiros dias da guerra, com a esperança de se provocar a vinda das forças turcas da Mesopotâmia para o nosso lado. Infelizmente, a Grã-Bretanha inflamava-se de confiança numa fácil e rápida vitória: o esmagamento da Turquia estava sendo considerado um simples passeio. Por causa disto, o governo hindu mostrava-se contrário a qualquer pretensão dos árabes nacionalistas que pudesse limitar as suas ambições no sentido de fazer com que a colônia da Mesopotâmia desempenhasse o papel de sacrifício, cedendo, como Burma, para o bem geral. Suspendeu as negociações, afastou Aziz e internou Sayid Taleb, que se havia confiado às nossas mãos.

Pela força bruta, as coisas transladaram-se para Basra. As tropas inimigas, no Iraque, eram quase todas árabes, com o nada invejável predicado de serem obrigadas a lutar a favor dos opressores seculares contra o povo que haviam, por longo tempo, considerado libertador, mas que se recusavam obstinadamente a desempenhar o seu papel. Como é fácil imaginar, lutaram muito mal. As nossas forças ganharam batalhas após batalhas, até que chegamos a pensar ser um exército hindu melhor do que um exército turco. Seguiu-se o nosso temerário avanço sobre Ctesiphon, onde encontramos tropas turcas nativas, cujo coração havia sido lançado no nosso jogo, e fomos subitamente batidos. Recuamos, confusos: e começou, aí, o longo tormento de Kut.

Enquanto isso, o nosso governo havia se arrependido, e por motivos não independentes da queda de Erzerum enviou-me à Mesopotâmia, a fim de ver o que poderia ser feito, por meios indiretos, no sentido de se beneficiar a guarnição sitiada. Os ingleses do local opuseram as mais vivas objeções à minha chegada; e dois generais foram suficientemente bondosos ao ponto de me explicar que a minha missão (que eles na verdade desconheciam) se lhes afigurava desonrosa para um soldado (coisa que eu não era). Era indubitavelmente tarde demais para agir, pois Kut estava morrendo; conseqüentemente, nada fiz do que se encontrava no meu espírito e nas minhas forças fazer.

As condições apresentavam-se ideais para um movimento árabe. O povo de Nejef e Kerbela, bem na retaguarda do exército do paxá Halil, havia se revoltado

contra ele. Os árabes sobreviventes, no exército de Halil, mostravam-se, de acordo com a sua própria confissão, abertamente desleais para com a Turquia. As tribos do Hai e do Eufrates passariam para o nosso lado assim que vissem acenos amigos da parte dos britânicos. Houvéssemos nós publicado as promessas feitas ao xerife, ou mesmo a proclamação mais tarde afixada em Bagdá, ao cair esta em nosso poder, e insistido nisto, muitos guerreiros locais se teriam juntado a nós no intuito de cortar a linha turca de comunicações entre Bagdá e Kut. Algumas semanas de ação deste gênero, e o inimigo, ou se veria forçado a levantar o cerco e retirar-se, ou sofreria, por sua vez, a nossa investida do lado de fora de Kut, mais ou menos tão prementes como a de Townshend, pelo lado de dentro. O tempo necessário para se pôr em prática este plano poderia ser facilmente ganho. Houvesse o quartel-general britânico da Mesopotâmia obtido do ministério da Guerra mais oito aeroplanos, a fim de se reforçar o transporte diário de víveres para a guarnição de Kut, e a resistência de Townshend teria sido prolongada indefinidamente. Sua defesa era turcamente inexpugnável; e somente erros crassos, por dentro e por fora, a forçaram a render-se.

Entretanto, como não era este o modo de pensar dos grupos diretores ali, voltei imediatamente para o Egito; e até o fim da guerra os ingleses, na Mesopotâmia, continuaram sendo substancialmente uma força estrangeira a invadir território inimigo, com o povo local a manifestar-se passivamente neutro, ou estupidamente adverso; conseqüentemente, as referidas tropas não tiveram a liberdade de movimentos, nem a elasticidade de Allenby na Síria, que penetrou no país na qualidade de amigo, tendo o povo local ativamente ao seu lado. Os fatores número, clima e comunicações favoreciam-nos na Mesopotâmia mais do que na Síria; e o nosso comando superior não era, depois do começo, eficiente, nem menos experimentado. Todavia, a sua lista de perdas, comparada com a de Allenby, bem como a sua tática dispersa, se comparada com o jogo de florete, revelaram como era formidável a influência de uma situação política adversa no sentido de frustrar qualquer operação puramente militar.

CAPÍTULO 7

Nossa derrota na Mesopotâmia foi uma desilusão; mas McMahon prosseguiu nas negociações com Meca, e finalmente conduziu-as a bom êxito, a despeito da desocupação de Galípoli, da rendição de Kut e do infeliz aspecto geral da guerra naquele momento. Pouca gente, mesmo entre os que tinham conhecimento de todas as negociações, acreditava que o xerife lutaria de fato; conseqüentemente, a sua rebelião posterior e a abertura dos portos do seu país aos nossos navios e aos nossos reforços colheram-nos de surpresa.

Percebemos que as nossas dificuldades, então, apenas começavam. O mérito deste novo fator pertencia a McMahon e a Clayton: ciúmes profissionais aqueceram imediatamente a cabeça de ambos. *Sir* Archibald Murray, o general do Egito, não desejava, muito naturalmente, encontrar competidores, nem campanhas de competição, a sua esfera. Não gostava das autoridades civis, que por tão longo tempo haviam mantido a paz entre ele próprio e o general Maxwell. Não podia ser incumbido do caso árabe; porque nem ele, nem o seu estado-maior possuíam a competência etnológica necessária para lidar com tão curioso problema. De outro lado, era capaz de tornar suficientemente ridículo o espetáculo de uma alta comissão dirigindo uma guerra particular. Tinha temperamento muito nervoso, fantasioso e essencialmente combativo.

Encontrou apoio no chefe do seu estado-maior, general Lynden Bell, bom soldado, dotado de instintivo alheamento em relação aos políticos e de sinceridade conscienciosamente manifesta.

Dois dos oficiais do estado-maior acompanharam o grito dos chefes; assim, o infortunado McMahon se viu desprovido do auxílio do exército e reduzido à obrigação de conduzir a guerra na Arábia com a assistência dos adidos do ministério das Relações Exteriores.

Alguns manifestaram ressentimentos em face de uma guerra que permitia que terceiros se intrometessem nos seus assuntos. Também o tirocínio em matéria de simplificação — por meio do qual, de maneira exclusiva, as cotidianas trivialidades da diplomacia assumiam um aspecto de realizações humanas — se havia entranhado tanto neles, que quando o fato mais importante se verificou eles o tornaram banal. A fraqueza de temperamento e as desonestidades bizantinistas praticadas por uns contra outros levaram os militares ao desgosto; e isto era ruim também para nós, pois eles, de maneira inequívoca, abandonaram o alto comissário, cujas botas os G...s nem sequer seriam capazes de limpar.

Wingate, que depositava absoluta confiança na sua própria compreensão da situação do Oriente Médio, previu vantagens e grandes proveitos para o país no desenvolvimento árabe; mas como as críticas lentamente se erguiam contra McMahon, separou-se deste, e Londres começou a sugerir que melhor emprego deveria ser dado, por mão experimentada, a meada tão sutil e tão embrulhada.

Fosse como fosse, o estado de coisas no Hedjaz passou de mau para pior. Nenhuma informação militar foi fornecida aos xerifes; nenhum conselho tático, ou estratégico, foi sugerido; nenhuma tentativa se levou a termo, no sentido de se estudarem as condições locais e de se adaptarem os recursos materiais aliados ali existentes para que se adequassem às suas necessidades. A Missão Militar Francesa (que a prudência de Caytan sugerira fosse enviada ao Hedjaz, a fim de tranqüilizar os nossos aliados profundamente desconfiados, conduzindo-os bem para dentro dos bastidores e dando-lhes o que fazer ali) teve oportunidade de levar avante uma complicada intriga contra o xerife Hussein, nas suas cidades de Djedda e de Meca, e de propor, ao mesmo xerife e às autoridades britânicas, medidas que arruinariam a sua causa aos olhos de todos os muçulmanos. Wingate, agora à testa do controle militar da nossa cooperação com o xerife, foi induzido a desembarcar algumas tropas estrangeiras em Rabegh, a meio caminho entre Medina e Meca, para a defesa de Meca, bem como para suster o avanço posterior dos revigorados turcos de Medina. McMahon, entre a multidão de conselheiros, embaraçou-se e deu motivo para que Murray gritasse contra as suas incoerências. A revolta árabe caiu em descrédito; e os oficiais de estado-maior, no Egito, profetizaram alegremente para nós o próximo fracasso e a subida do xerife Hussein ao cadafalso turco.

Minha posição pessoal não era cômoda. Como capitão de estado-maior, às ordens de Clayton, na seção do Serviço de Inteligência de *Sir* Archibald Murray, fui incumbido da "distribuição" do exército turco e da preparação dos mapas. Por

inclinação natural, acrescentei, a essas tarefas, a invenção do "Boletim Árabe", registro semanal secreto da política do Oriente Médio; e por necessidade Clayton passou a precisar cada vez mais de mim na seção militar do Departamento Árabe, sutil serviço de inteligência e de guerra dos negócios exteriores, que agora estava organizando para McMahon. Aconteceu que Clayton foi afastado do estado-maior; e o coronel Holdich, oficial de inteligência de Murray em Ismaília, passou a ocupar o seu lugar, com autoridade de comandante sobre nós. Sua primeira intenção foi a de continuar com os meus serviços; e uma vez que evidentemente não precisava de mim, interpretei o caso, não sem alguma prova de amizade, como sendo forma de me manter separado da questão árabe. Resolvi fugir imediatamente, ou jamais o faria. Um requerimento direto solicitando meu afastamento foi recusado; assim, apeguei-me aos estratagemas. Tornei-me, ao telefone (o quartel-general se encontrava em Ismaília e eu no Cairo) perfeitamente intolerável ao estado-maior que se achava no canal de Suez. Colhi todas as oportunidades para lhes pôr em evidência a sua relativa ignorância, a ineficiência do departamento de inteligência (coisa não muito difícil!) e os irritei ainda mais, assumindo ares de literato, corrigindo os verbos no infinitivo e as constantes tautologias dos seus relatórios.

Em poucos dias, todos se encontraram de comum acordo a meu respeito, e por fim determinaram não me suportar por mais tempo. Colhi esta oportunidade estratégica para solicitar uma licença de dez dias, dizendo que Storrs estava para dirigir-se a Jidda, a negócios com o Grande Xerife, e que eu apreciaria uma folga e uma viagem de recreio com ele no mar Vermelho. Não gostavam de Storrs, e sentiram-se satisfeitos por se verem livres de mim naquele momento. Assim, concordaram imediatamente, começando a preparar, com o propósito de evitar o meu regresso, alguma conveniência oficial. É desnecessário dizer que eu não tinha intenção alguma de lhes proporcionar esta oportunidade; embora sempre pronto a dispor de minhas energias físicas para serviços de subordinado, hesitava em desistir das minhas intenções. À vista disso, dirigi-me a Clayton e confessei-lhe os meus problemas; ele combinou com a Residência para que esta remetesse mensagens telegráficas ao ministério das Relações Exteriores, pedindo a minha transferência ao Departamento Árabe. O ministério trataria do caso diretamente com o ministério da Guerra; e o comando do Egito nada viria a saber, até que tudo estivesse consumado.

Storrs e eu, então, saímos de lá juntos — felizmente. No Oriente, jura-se que por três lados se encontra o caminho decente através de um quadrado; e a minha artimanha para fugir foi, neste sentido, oriental. Mas eu me justificava pela

confiança que depositava no êxito da revolta árabe, desde que esta fosse adequadamente dirigida. Eu havia sido agitador, em seu começo; minhas esperanças concentravam-se nela. A fatalística subordinação do soldado profissional (pois a intriga é desconhecida no exército britânico) teria feito qualquer oficial correto sentar-se e contemplar o seu plano de campanha, destroçado por homens que nada podiam pensar a respeito, e sobre cujo espírito o traçado nenhuma fascinação exercia. *Non nobis, Domine*.

LIVRO I

A DESCOBERTA DE FEISAL

CAPÍTULOS 8 A 16

Eu acreditava que estes infortúnios da Revolta fossem devidos principalmente a uma chefia incapaz, ou melhor, à falta de chefia, tanto árabe como inglesa. Assim, dirigi-me à Arábia, para ver e apreciar os seus grandes homens. O primeiro, o xerife de Meca, sabia-se que era idoso. Achei Abdulla excessivamente hábil, Ali demasiadamente cortês, e Zeid extraordinariamente frio.

A seguir, viajei terra acima, ao encontro de Feisal, e descobri nele o chefe dotado do indispensável ardor, e além disso razoável o bastante para levar a efeito nossa ciência. Seus homens de tribo pareciam ser instrumento suficiente, e suas colinas proporcionavam vantagens naturais. Regressei confiante ao Egito, e contei aos meus chefes como Meca estava defendida, não pelo obstáculo de Rabegh, mas pela ameaça de flanco de Feisal, em Djebel Subh.

CAPÍTULO 8

Esperando, ao largo de Suez, encontrava-se o *Lama*, pequeno vapor de linha convertido em navio armado; uma vez a bordo, partimos imediatamente. Tais pequenas viagens, em navios de guerra, representavam deliciosos entreatos para nós, passageiros. Desta feita, entretanto, havia algum embaraço. Nosso grupo heterogêneo parecia incomodar a tripulação do navio no seu próprio elemento. Os jovens abandonaram os seus beliches, a fim de nos proporcionar alojamento à noite; durante o dia, enchemos as suas salas de estar com palestras irregulares. O intolerante gênio de Storrs raramente desejava companhia. Deu duas voltas ao redor do convés do navio, e espirrou: "Não há ninguém que valha uma conversa", e sentou-se em uma das duas cadeiras-de-braço para começar uma discussão sobre Debussy com Aziz el Masri (que se achava na outra cadeira). Aziz, o ex-coronel árabe-circassiano do exército turco, agora general no exército do xerife, encaminhava-se para conferenciar, com o emir de Meca, sobre o equipamento e a situação dos soldados regulares árabes que estava arregimentando em Rabegh. Poucos minutos depois, ambos abandonaram Debussy, passando a depreciar Wagner: Aziz, em fluente alemão; e Storrs, em alemão, francês e árabe. Os oficiais do navio de guerra acharam aquela conversa completamente desnecessária.

Fizemos a costumeira viagem calma para Jidda, no delicioso clima do mar Vermelho, que nunca é excessivamente quente quando o navio singra. Durante o dia, ficávamos à sombra; e, durante grande parte das noites encantadoras caminhávamos de uma ponta para outra das cobertas molhadas, sob as estrelas, ao sopro quente do vento sul. Mas quando, por fim, ancoramos no porto exterior, fora da branca cidade dependurada entre o céu fulgurante e o seu reflexo na miragem, que pairava sobre a ampla laguna, então os calores da Arábia se fizeram sentir, como uma espada desembainhada, prostrando-nos sem fala. Era meio-dia; e o sol das doze horas, no Oriente, tal como o luar, adormecia as cores.

Só havia luz e sombra, as casas brancas e as aberturas negras das ruas: em frente, o pálido reflexo do mormaço, tremulando sobre o porto interior; por trás, o deslumbramento de léguas e léguas de areia sem forma, desdobrando-se até à linha de pequenas montanhas vagamente sugeridas na distância ofuscante de calor.

Bem ao norte de Djedda, havia um segundo grupo de edifícios branco-e-pretos, movendo-se para baixo e para cima, como pistões na miragem, à medida que o navio rolava ao redor da âncora e o vento intermitente estendia as ondas de calor no ar. Aquilo tinha um aspecto horrível. Começamos a lamentar que a inacessibilidade, que garantia a segurança do Hedjaz como teatro da revolta, implicasse tão mau clima e tanto desconforto.

Entretanto, o coronel Wilson, representante britânico junto do novo Estado árabe, havia enviado a sua lancha para nos buscar; e tivemos de ir para terra firme, a fim de tomar conhecimento da realidade dos homens que levitavam na miragem. Meia hora mais tarde, Ruhi, assistente consular oriental, arreganhava os dentes num encantado discurso de boas-vindas ao seu velho chefe Storrs (Ruhi, o engenhoso, mais parecido com uma mandrágora do que com um homem) enquanto os policiais recentemente nomeados da polícia síria, e os funcionários do porto, na incômoda posição de sentido, se alinhavam no cais da alfândega, em saudação a Aziz el Masri. Ao que parecia, o xerife Abdulla, segundo filho do nosso velho homem de Meca, acabara de chegar à cidade. Tínhamos de nos avistar com ele; assim, a nossa chegada havia sido auspiciosamente sincronizada.

Passamos pela branca alvenaria do dique ainda em construção atravessando, depois, a opressiva aléia do mercado de gêneros de primeira necessidade, iniciando o nosso caminho em direção ao consulado. No ar, dos homens às tâmaras e aos alimentos, esquadrões de moscas, como partículas de poeira, dançavam, subindo e descendo pelos raios de sol que se metiam como punhaladas através dos mais escuros recantos das barracas, passando por frestas rasgadas nas tábuas e na aniagem dos toldos, acima da nossa cabeça. A atmosfera era como um banho. O couro escarlate das poltronas, na coberta do *Lama*, havia manchado a túnica e as calças brancas de Storrs, tão brancas como só elas, no seu sujo contato dos quatro últimos dias, e, agora, o escorrer do suor, pelas suas roupas, começava a brilhar como verniz através das manchas. Afigurava-se-me tão fascinante o seu aspecto que eu não notava o marrom profundo da minha farda cáqui, nas partes em que tocava no meu corpo. Ele desejava saber se o passeio até o consulado seria suficientemente longo para, molhando-me de suor,

imprimir às minhas roupas uma cor decente, igual e harmoniosa; e eu desejava saber se tudo sobre o que ele se sentasse se tornaria escarlate como ele próprio.

Chegamos ao consulado cedo demais para as esperanças de ambos; e, ali, em uma grande sala ensombrada, com uma janela aberta por trás, sentava-se Wilson, preparado para receber alegremente a brisa do mar que se havia atrasado por aqueles últimos dias. Recebeu-nos de maneira rigidamente formal, por pertencer ao tipo de inglês honesto e íntegro, para quem Storrs apresentava algo de suspeito, ainda que apenas em virtude do seu sentido artístico; ao passo que o seu contato comigo, no Cairo, havia consistido em uma pequena diferença de opinião a respeito do problema de se determinar se as roupas nativas eram ou deixavam de ser uma indignidade para nós. Eu dizia que tais roupas se tornavam desconfortáveis, apenas. Para ele, eram erradas. Wilson, entretanto, a despeito dos seus sentimentos pessoais, estava sempre disposto a agir. Havia feito preparativos para a próxima entrevista com Abdulla, manifestando-se pronto a proporcionar todo o auxílio que estivesse ao seu alcance. Além disso, éramos seus hóspedes; e a esplêndida hospitalidade do Oriente estava muito de acordo com o seu espírito.

Abdulla, montado sobre uma égua branca, veio a nós, suavemente, com um enxame de escravos ricamente armados a pé, atrás de si, através das respeitosas saudações da cidade. Ruborizava-se de orgulho, pelo êxito em Taif, e sentia-se feliz. Eu o via pela primeira vez, ao passo que Storrs era seu velho amigo, com quem mantinha as relações mais cordiais; todavia, quase que imediatamente, à medida que ambos conversavam, comecei a suspeitar da constante alegria de Abdulla. Seus olhos tinham um tremor sempre repetido; embora contando apenas trinta e cinco anos de idade, manifestava uma tendência a engordar. Talvez devesse isto ao excesso de risadas. A vida parecia ser muito agradável para ele. Era de pequena estatura, robusto, de pele clara, barba cuidadosamente aparada, mascarando o rosto suavemente redondo e ocultando os lábios pequenos. De maneiras francas, ou, pelo menos, de afetada franqueza, foi encantador durante a apresentação. Não se apegava a cerimônias, e agia, em relação a todos os recém-chegados, de modo desenvolto; não obstante, quando iniciamos um diálogo mais sério o seu bom humor parece-me que empalideceu. Passou, então, a escolher as palavras, fazendo perguntas astutas. Naturalmente, discutia com Storrs, e este exigia grande capacidade do interlocutor.

Os árabes consideravam Abdulla um estadista de larga visão, e um político sutil. Afigurava-se-me, sem dúvida, astuto, mas não o suficiente para nos convencer a propósito da sua sinceridade. Sua ambição tornava-se patente. Os

boatos transformavam-no em cérebro, tanto do seu pai, como da revolta árabe; mas ele parecia pouca coisa para semelhante posição. Seus objetivos, logicamente, se resumiam na conquista da independência árabe e na construção de nações árabes; mas tencionava manter em família a direção dos futuros Estados. Assim, observava-nos e interpretava o seu papel, procurando produzir efeito nas galerias inglesas.

De nossa parte, eu desempenhava um papel especial, observando-o e examinando-o. A rebelião do xerife havia sido insatisfatória, nos últimos meses (permanecia quieta, o que, em uma guerra irregular, eqüivalia a um prelúdio de desastre); e a minha suspeita foi a de que tudo se devia à falta de comandantes: não era o intelecto, nem o julgamento, nem a sabedoria política, mas a flama do entusiasmo o que poderia atear fogo ao deserto. Minha visita visava principalmente a encontrar o até então desconhecido espírito-chefe do movimento, e medir-lhe a capacidade para a condução da revolta à meta que eu havia para ela concebido. À medida que a nossa conversa prosseguia, ia-me tornando cada vez mais seguro de que Abdulla se apresentava excessivamente equilibrado, excessivamente frio, excessivamente bem-humorado para ser profeta; e menos ainda o profeta armado, que, se a história fosse verdadeira, obteria êxito em revoluções. Seu valor talvez viesse à tona na paz, depois do desenlace vitorioso. Durante a luta corporal, quando precisávamos de olhar dominante, de força magnética, de devotamento e de auto-sacrifício, Abdulla seria um instrumento muito complexo, não podendo levar adiante um simples propósito, embora, mesmo nessa ocasião, não devesse ser desprezado.

Desde logo, falamos com ele a respeito do Estado de Jidda, a fim de que se sentisse à vontade, discutindo, nesta primeira das nossas entrevistas, o desnecessário assunto da administração do xerife. Respondeu que a guerra se tornava excessiva para um governo civil. Haviam herdado o sistema turco, vigente nas cidades, e persistiam nele, em escala mais modesta. O governo turco não se mostrava, com freqüência, indelicado para com os homens fortes, os quais obtinham consideráveis férias quando sem serviço ativo. Conseqüentemente, alguns dos licenciados do Hedjaz lamentavam o advento do governo nativo. Particularmente em Meca e em Jidá, a opinião pública manifestava-se contrária ao Estado árabe. A massa dos cidadãos se compunha de estrangeiros — egípcios, hindus, javaneses, africanos e outros — perfeitamente incapazes de simpatizar com as aspirações árabes, principalmente como haviam sido proclamadas pelos beduínos; porque os beduínos viviam do que podiam subtrair aos forasteiros, nas

estradas, ou nos vales; e estes e os citadinos alimentavam uma perpétua antipatia recíproca.

Os beduínos eram os únicos guerreiros que o xerife havia reunido; e a revolta dependia do seu concurso. O xerife estava-os armando livremente, e a muitos pagava pelos serviços no seu exército, alimentando-lhes as famílias enquanto os chefes se encontravam fora de casa, e alugando, delas, camelos para transporte, no intuito de manter as tropas em campo. Em virtude disso, o interior se mostrava próspero, enquanto as cidades se viam em dificuldades.

Outro aborrecimento, nas cidades, se relacionava com a lei. O código civil turco havia sido abolido, registrando-se o regresso às velhas leis religiosas constituídas pelo processo corânico, rudimentar, do árabe Kadi. Abdulla explicou, com um sorriso abafado, que, quando houvesse oportunidade, eles descobririam, no Corão, as opiniões e os critérios requeridos para o tornar adequado às modernas operações comerciais, como as bancárias e as cambiais. Enquanto isso, como era natural, os beduínos ganhavam o que os citadinos perdiam por causa da abolição da lei civil. O xerife Hussein havia sancionado silenciosamente a restauração da velha ordem tribal. Os beduínos, com rusgas entre si, defendiam os seus casos peculiares perante o homem-da-lei da tribo — sendo que este exercia uma função hereditária de uma das famílias mais respeitadas, reconhecida pelo pagamento de um bode por cada casa mantida, como tributo anual. O julgamento se fazia de acordo com os costumes, comparando-se cada caso a uma grande massa de precedentes lembrados. A justiça distribuía-se publicamente, sem taxas. Nas pendências entre elementos de tribos diferentes, o homem-da-lei era escolhido por mútuo consentimento, ou se apelava da sentença para o homem-da-lei de uma terceira tribo. Se o caso fosse contencioso e difícil, o juiz pedia o auxílio de um júri de quatro membros — dois nomeados pelo queixoso, devendo pertencer à família de quem se defendia, e dois pelo acusado, que deviam pertencer à família do queixoso. As decisões eram sempre unânimes.

Contemplamos a visão que Abdulla nos apresentava, com tristes pensamentos relativos ao Jardim do Éden e a tudo quanto Eva, agora na tumba logo fora dos muros da cidade, havia perdido para o gênero humano médio; e então Storrs me introduziu na discussão, pedindo a Abdulla que nos expusesse o seu ponto de vista sobre o estado da campanha, para meu benefício, bem como para comunicação ao quartel-general no Egito. Abdulla fez-se subitamente sério, e disse que desejava acentuar, perante os ingleses, o seu interesse imediato e pessoal na matéria, passando a descrever as coisas assim:

Graças à nossa negligência, quando deixamos de cortar a estrada de ferro do Hedjaz, os turcos haviam podido organizar transportes e fornecimentos para reforço de Medina.

Feisal havia sido impelido para trás da cidade; e o inimigo estava preparando uma coluna móvel, composta de todas as armas, para uma avançada sobre Rabegh.

Os árabes, nas montanhas que atravessavam o seu caminho, tinham sido, por nossa culpa, reduzidos à fraqueza, encontrando-se desprovidos de fornecimentos, de metralhadoras e de artilharia que lhes permitissem defesa por longo tempo.

Hussein Mabeirig, chefe dos Masruh Harbs, bandeara para os turcos. Se a coluna de Medina avançasse, os Harbs bandeariam também.

Só restava, para o pai de Abdulla, colocar-se à testa do seu povo de Meca e morrer lutando em frente à Cidade Santa.

Neste momento, soou o telefone: o Grande Xerife desejava falar com Abdulla. Foi informado sobre o ponto a que a nossa conversa havia chegado, e imediatamente confirmou que agiria por essa forma, em último caso. Os turcos entrariam em Meca passando por cima do seu cadáver. O telefone foi desligado; e Abdulla, sorrindo ligeiramente, pediu que, para impedir semelhante desastre, uma brigada britânica, se possível composta de tropas muçulmanas, fosse mantida em Suez, com meios de transporte suficientes, a fim de se dirigir a Rabegh assim que os turcos partissem de Medina para o ataque. Que é que devíamos pensar desta proposta?

Repliquei; primeiro, historicamente, que o xerife Hussein nos havia pedido para não cortar a linha ferroviária do Hedjaz, uma vez que dela precisaria para a sua vitoriosa avançada na Síria; segundo, praticamente, que a dinamite que havíamos remetido, para demolições, fora devolvida por ele, com uma nota informando que era excessivamente perigosa para ser usada pelos árabes; terceiro, especificamente, que não tínhamos recebido pedidos de equipamento da parte de Feisal.

Com relação à brigada para Rabegh, a questão complicava-se. Os navios eram preciosos; e nós não podíamos manter indefinidamente os transportes ociosos em Suez. Não possuíamos unidades muçulmanas no nosso exército. Uma brigada britânica seria um problema embaraçoso, requerendo demoradas operações de embarque e desembarque. A posição de Rabegh apresentava-se ampla. Uma só brigada dificilmente a sustentaria, e seria perfeitamente incapaz de destacar forças para evitar que uma coluna turca deslizasse por ali, a caminho do interior da região. O máximo que a brigada poderia fazer seria defender a

praia, por meio de canhões marítimos, e um navio de guerra levaria isto a efeito muito bem, sem as tropas.

Abdulla replicou que os navios seriam moralmente insuficientes, uma vez que a luta travada nos Dardanelos já havia destruído a velha lenda da esquadra britânica, bem como da sua onipotência. Nenhum turco poderia deslizar para Rabegh, porque Rabegh era o único ponto de fornecimento de água no distrito, e os árabes precisavam tirar água dos seus poços. Os rumores a respeito da brigada e dos transportes tornavam-se necessários apenas temporariamente, pois ele, Abdulla, estava conduzindo as suas tropas vitoriosas de Taif para a estrada oriental que ia de Meca a Medina. Assim que se encontrasse em posição, daria ordens a Ali e a Feisal, e estes fechariam as alas, vindo do sul e do ocidente; as forças combinadas, portanto, poderiam desfechar um grande ataque, com o que, se Deus o permitisse, Medina seria tomada. Enquanto isso, Aziz el Masri estava preparando os voluntários da Mesopotâmia e da Síria, e dividindo-os em batalhões, em Rabegh. Acrescentando-se os árabes prisioneiros de guerra, vindos da Índia e do Egito, haveria tropa suficiente para o cumprimento dos deveres que momentaneamente caberiam à brigada britânica.

Disse-lhe que eu apresentaria os seus pontos de vista ao Egito, mas que os britânicos relutariam em face da retirada de tropas de defesa vital do Egito (embora não se devesse imaginar que ele acreditasse estar o canal em perigo, no que se refere aos turcos) e, mais do que isso, em face da remessa de cristãos para a defesa do povo da Cidade Santa contra os seus inimigos; alguns muçulmanos da Índia, que consideravam que o governo turco tinha o imprescindível direito de se apoderar de Haramein, interpretariam mal os nossos motivos e as nossas ações. Pensei que talvez pudesse acentuar ainda mais suas opiniões se eu fosse capaz de relatar a questão de Rabegh, à luz dos meus próprios conhecimentos da posição e dos sentimentos locais. Eu gostaria, igualmente, de me encontrar com Feisal e conversar com ele a respeito das suas necessidades e dos projetos de prolongada defesa das suas montanhas por meio dos homens de tribo, se os reforçássemos com material de guerra. Eu gostaria, ademais, de cavalgar de Rabegh, pela estrada Sultani, em direção a Medina, até chegar ao campo de Feisal.

Storrs, a esta altura, tomou a palavra; apoiou-me com toda a sua autoridade, acentuando a importância vital de informações imediatas e completas, obtidas por meio de um observador experimentado, a fim de serem remetidas ao comandante-em-chefe das forças britânicas no Egito; assegurou que o fato de me haver enviado para ali, a mim, seu mais qualificado e mais indispensável oficial de estado-maior, mostrava a alta consideração que estava sendo dispensada aos

assuntos árabes por *Sir* Archibald Murray. Abdulla foi ao telefone e procurou obter o consentimento do pai para a minha ida à cidade. O xerife encarou a proposta com grave desconfiança. Abdulla discutiu este ponto, apresentou algumas vantagens, e transferiu o fone a Storrs; este derramou toda a sua diplomacia sobre o velho homem. Quando se achava de vento em popa, era uma delícia ouvir Storrs falando, à maneira dos discursos árabes; sua palestra constituía, também, uma lição para todo inglês ativo sobre o processo de se lidar com orientais suspeitos e de má vontade. Impossível resistir às suas palavras, por mais de poucos minutos; e também neste caso lhe coube a vitória. O xerife chamou novamente por Abdulla, autorizando-o a escrever a Ali, para sugerir-lhe que, se julgasse oportuno e se as condições fossem normais, eu poderia ter permissão de me dirigir até ao campo de Feisal, em Djebel Subh; e Abdulla, sob a influência de Storrs, transformou esta mensagem em instruções escritas e diretas, a Ali, para que este me desse um animal tão bom e tão cedo quanto possível, e mandasse escoltar-me, por homens de confiança, até o campo de Feisal. Sendo isto tudo o que eu desejava, e metade do que Storrs queria, suspendemos a entrevista para o almoço.

CAPÍTULO 9

Jidá agradara-nos, no nosso caminho para o Consulado: assim, depois do almoço, quando a atmosfera se tornou um pouco mais fresca, ou pelo menos, quando o sol já não se achava tão alto, saímos para ver a cidade, sob a orientação de Young, assistente de Wilson, homem que encontrava qualidades em muitas coisas velhas, mas poucas nas que então estavam sendo feitas.

Era de fato, uma cidade impressionante. As ruas eram aléias, cobertas com tetos de madeira no bazar principal, mas, fora dali, abertas ao céu pela pequena distância que havia entre os telhados das altas casas de paredes brancas. Estas haviam sido construídas com quatro ou cinco andares, de cascalho de coral, ligando-se entre si por vigas quadradas, e decorando-se de amplas janelas bojudas que iam do solo ao teto com seus painéis verdes de madeira. Não havia vidraças, em Jidá, e sim farta profusão de boas gelosias, e baixos-relevos muito delicados nos painéis dos caixilhos. As portas tinham duas folhas pesadas, de teca, profundamente entalhadas, na maioria das vezes com postigos; possuíam ricas aplicações e aldravas de ferro batido. Havia muitas obras de estuque moldado ou trabalhado, e, nas casas mais velhas, viam-se delicados trabalhos de pedra nas janelas que davam para os pátios internos.

O estilo da arquitetura assemelhava-se ao dos trabalhos de madeira do tempo de Elizabeth, à moda complicada de Cheshire, mas reduzido a caráter de quinquilharia em um grau incrível. As fachadas residenciais eram cinzeladas, perfuradas e rendadas até parecerem recortadas em bastidor, como cenário de palco romântico. Todos os andares se projetavam, todas as janelas pendiam de um ou de outro lado; às vezes, as próprias paredes se inclinavam. Parecia uma cidade morta, de tão limpa e tão quieta que se apresentava. As ruas, planas e tortuosas, pavimentavam-se de areia batida, solidificada pelo tempo, sendo tão silenciosas ao caminhar como qualquer tapete. As gelosias e as reentrâncias das paredes anulavam todo eco de voz. Não havia carros, nem ruas suficientemente

amplas para a passagem de veículos, nem animais vagando a esmo, nem ruídos, fosse por onde fosse. Tudo silencioso, tudo fatigado, e até mesmo furtivo. As portas das casas cerravam-se suavemente, quando passávamos. Não havia cães latindo, nem crianças chorando: com efeito, à exceção do bazar, ainda meio adormecido, viam-se poucos transeuntes de qualquer espécie; e as raras pessoas que encontrávamos, todas esguias, como se fossem devastadas por enfermidades, com semblantes glabros e olhos a saltar, deslizavam por nós, rápida e cautelosamente, sem nos dirigir o olhar. As roupas curtas e brancas, as cabeças raspadas, cobertas por pequenos barretes, os xales de algodão vermelho presos ao ombro, bem como os pés descalços, apresentavam-se sempre tão iguais, como se compusessem o todo de um uniforme.

A atmosfera era opressiva, mortal. Parecia não haver vida nela. Não fazia um calor de rachar, mas o ar continha certa umidade, certo vago sabor de senectude e de cansaço, de maneira a não parecer igual ao de qualquer outro ponto da terra: não havia a volúpia dos odores, como em Esmirna, Nápoles ou Marselha, e sim a sensação de prolongado uso, de exalações de muita gente, de contínuo vapor de banho, ou de suor. Dir-se-ia que, durante anos, Jidá não fora varrida por qualquer brisa fria firme: que as ruas conservavam o mesmo ar, do fim de um ao fim de outro ano, desde o dia em que foram construídas, e por tanto tempo quanto tivessem as casas de durar. Nada havia, no bazar, para se adquirir.

À tarde, o telefone soou; e o xerife chamou Storrs ao aparelho. Perguntou se não gostaríamos de ouvir a sua banda. Storrs, atônito, indagou: "Que banda?", e congratulou-se com sua santidade por haver progredido tanto no sentido da urbanidade. O xerife explicou que o quartel-general do comando do Hedjaz possuíra, sob o regime turco, uma banda de instrumentos de sopro, que tocava, todas as noites, para o governador geral; e, quando o governador geral foi aprisionado por Abdulla, em Taif, a banda fora feita prisioneira com ele. Os outros prisioneiros haviam sido enviados ao Egito, para ali serem internados; mas a banda fora objeto de exceção. Permaneceu em Meca, para tocar música aos vencedores. O xerife Hussein pousou o fone sobre a mesa da sua sala de recepção, e nós, chamados solenemente ao aparelho, um por um, ouvimos a banda tocar no palácio, em Meca, a setenta quilômetros de distância. Storrs expressou a gratidão geral; e o xerife, aumentando a sua generosidade, respondeu que a banda seria enviada, em marcha forçada, para Jidá, a fim de tocar também no nosso pátio, "e", disse ele, "o senhor me dará o prazer de chamar-me ao telefone, daí, para que eu possa compartilhar da sua satisfação".

No dia seguinte, Storrs visitou Abdulla na sua tenda, nas proximidades da tumba de Eva; e juntos inspecionaram o hospital, as barracas, as repartições públicas da cidade, recebendo as homenagens do prefeito e do governador. Nos intervalos entre uma cerimônia e outra, falavam a respeito de dinheiro, do título do xerife, das suas relações com outros príncipes da Arábia, e do curso geral da guerra: de todos os lugares-comuns, obrigatórios, entre enviados de dois governos. Aquilo era tedioso, e durante a maior parte do tempo mantive-me afastado, com as devidas escusas, visto que, depois de uma conversação pela manhã eu já havia resolvido que Abdulla não personificava o chefe de que se necessitava. Pedimos-lhe que nos delineasse a gênese do movimento árabe: e a sua resposta iluminou o seu caráter. Começou ele por uma longa descrição de Talaat, o primeiro turco que lhe falou da inquietação do Hedjaz; Talaat desejava ter essa região, inteira e adequadamente submetida, introduzindo-se-lhe, como por todas as outras terras do império, o serviço militar.

Abdulla, no intuito de se lhe antecipar, havia traçado um plano de insurreição pacífica para o Hedjaz, e depois de sondar Kitchener sem proveito algum marcou a data provisória do movimento, que deveria manifestar-se em 1915. Pensara em chamar as tribos durante as festas e prender os peregrinos. Entre estes, deveriam estar muitos chefes da Turquia, além de notáveis muçulmanos do Egito, da Índia, de Java, da Eritréia e da Argélia. Com estes milhares de reféns em mãos, Abdulla esperava atrair a atenção das grandes potências interessadas. Pensou que estas fariam pressão junto à Sublime Porta, para que garantisse a liberdade dos seus compatriotas. A Sublime Porta, incapaz de tratar militarmente com o Hedjaz, ou faria concessões ao xerife, ou confessaria a sua impotência perante os Estados da Europa. Neste último caso, Abdulla aproximar-se-ia das potências, diretamente, pronto para lhes satisfazer as exigências, a troco de garantia de imunidade em relação à Turquia. Eu não gostei do seu programa, e senti-me satisfeito quando me disse, quase com escárnio, que Feisal, receoso, havia implorado ao pai para que não o executasse. Isto foi bom para Feisal; porque para a sua pessoa as minhas esperanças relativas ao encontro de um grande chefe iam, agora, lentamente convergindo.

À noite, Abdulla apareceu para jantar com o coronel Wilson. Recebemo-lo no pátio, junto às escadarias. Atrás dele, vinham os seus brilhantes criados e escravos, e, atrás destes, uma pálida coleção de homens barbudos e emaciados, com rostos de desenterrados, envergando andrajos que deveriam ter sido uniformes militares e carregando reluzentes instrumentos de música de latão. Abdulla acenou com a mão para eles, e cacarejou, deleitado: “A minha banda.”

Os músicos sentaram-se em bancos, no pátio; Wilson distribuiu-lhes cigarros, enquanto nós fomos para a sala de jantar, de onde o balcão se abria para a amplidão, como que com sede da brisa do mar. Assim que nos sentamos, a banda, sob as carabinas e as espadas dos homens de Abdulla, começou — agindo cada instrumento por conta própria — a tocar músicas turcas de partir o coração. Os nossos ouvidos doíam, com o barulho; mas Abdulla estava radiante.

O grupo era curioso. Abdulla, em pessoa, vice-presidente *in partibus* da Câmara turca, e agora ministro das Relações Exteriores do Estado rebelde árabe; Wilson, governador da província do Sudão do mar Vermelho, e ministro de sua majestade o rei da Inglaterra junto ao xerife de Meca; Storrs, secretário oriental, sucessivamente junto de Gorst, de Kitchener e de McMahon, no Cairo; Young, Cochrane e eu, adidos do estado-maior; Sayed Ali, general do exército egípcio, comandante do destacamento enviado pelo Sidar, a fim de auxiliar os primeiros esforços dos árabes; Aziz el Masri, agora chefe do estado-maior do exército regular árabe, mas outrora rival de Enver, chefe das forças turcas e senussis contra os italianos, principal conspirador dos oficiais árabes do exército turco contra a junta "União e Progresso", homem condenado à morte pelos turcos por obedecer ao tratado de Lausanne, e salvo por *The Times* e por *Lord* Kitchener.

Cansamo-nos da música turca, e pedimos música alemã. Aziz ergueu-se, foi para o balcão e dirigiu-se, em turco, aos homens da banda, pedindo-lhes que tocassem alguma coisa estrangeira. Passaram a tocar, aos solavancos, o "Deutschland über Alles", precisamente no momento em que o xerife foi ao telefone, em Meca, a fim de ouvir a música da nossa festa. Pedimos mais música alemã; e tocaram "Eine feste Burg". Depois, tudo desmaiou em ligeira discórdia de tambores. O abrasamento da atmosfera dissipara-se na neblina de Jidá. Os homens pediram fogo; os criados de Wilson e a escolta de Abdulla levou-lhes montes de palha e de caixotes. Os membros da banda aqueceram os tambores, girando-os lentamente em torno do braseiro, e a seguir irromperam no que se dizia ser o "Hino do Ódio", embora ninguém conseguisse reconhecer qualquer andamento europeu naquilo tudo. Sayed Ali voltou-se para Abdulla e disse: "É uma marcha de morte." Os olhos de Abdulla alargaram-se; mas Storrs, que se apressou a evitar algo desagradável, desfez o caráter crítico do momento com uma risada; e nós recompensamos, com o remanescente da festa, os tristes músicos, que não podiam ter prazer algum com os nossos louvores, mas que suplicavam que os mandássemos para as suas casas. Na manhã seguinte, deixei Jidá, por mar, com destino a Rabegh.

CAPÍTULO 10

Amarrado em Rabegh, encontrava-se o *Northbrook*, navio da marinha hindu. A bordo já estava o coronel Parker, nosso oficial de ligação com o xerife Ali, ao qual remetera a minha carta dada por Abdulla, comunicando as "ordens" patentes para que me enviasse imediatamente a Feisal. Ali ficou assombrado com o teor da missiva, mas nada pôde fazer; porque o seu único recurso telegráfico para Meca se concretizava no rádio do navio, e sentiu-se com vergonha de enviar demonstrações de desobediência por nosso intermédio. Assim, fez o que pôde, mandando preparar, para mim, o seu próprio camelo, esplêndido animal de marcha arreado com os próprios arreios de uso de Ali, todo adornado de abrigos e coxins de couro trabalhado de Nejd, com aplicações de várias cores, franjas trançadas e malhas debruadas de tecidos metálicos. Como pessoas de confiança, escolheu Tafas el Raashid, homem da tribo de Hawazim Harb, e seu filho, a fim de me guiarem até ao campo de Feisal.

Fez tudo isto com a mais evidente boa vontade, em homenagem a Nuri Said, oficial de estado-maior de Bagdá, com o qual eu travara amizade outrora, no Cairo, quando se achava enfermo. Nuri, agora, era o segundo na hierarquia de comando da força regular que Aziz el Masri estava arregimentando e treinando. Outro amigo meu na corte era Faiz el Ghusein, um secretário. Tratava-se de um xeque Sulut, vindo do Hauran, e ex-funcionário do governo turco, tendo escapado da Armênia durante a guerra e casualmente encontrado a srta. Gertrude Bell em Basra. Esta o enviara a mim, com calorosa recomendação.

Para com Ali, comecei a experimentar grande afeição. De estatura média, delgado, parecia ter mais do que os seus trinta e sete anos reais. Coxeava um pouco. Sua pele era pálida; os olhos, grandes, profundos e escuros; o nariz, fino e ligeiramente em arco; e a boca, triste e caída. Tinha a barba preta bem tratada e mãos realmente delicadas. Suas maneiras eram cheias de dignidade e admiráveis, mas diretas; impressionou-me como cavalheiro muito agradável, consciencioso,

sem grande força de caráter, nervoso e levemente fatigado. A fraqueza física (era tuberculoso) tornara-o propenso a ímpetos de súbitas vontades, precedidos e seguidos de longos períodos de obstinação enfermiça. Gostava de livros, iniciara-se em leis e em religião, mostrando-se pio quase que ao fanatismo. Tinha plena consciência da alta categoria em que o nascimento o colocara, e, no entanto, não era ambicioso; e a sua índole, correta demais, impedia-lhe de ver, ou de suspeitar, motivos de interesse vulgar nos que o rodeavam. Conseqüentemente, acabava sempre sendo a presa de qualquer companheiro assíduo; excessivamente sensível, não era indicado para ser um grande chefe, embora a pureza de suas intenções e a retidão da sua conduta lhe houvessem granjeado a simpatia de quantos entravam em contato direto com ele. Se Feisal tivesse de se revelar incapaz de assumir o papel de profeta, a revolta poderia ir para a frente muito bem, tendo Ali à testa. Julguei-o mais nitidamente árabe do que Abdulla, e mesmo do que Zeid, seu jovem irmão colaço, que o estava auxiliando em Rabegh, e que desceu, em companhia de Ali, Nuri e Aziz, ao bosque de palmeiras, a fim de assistir à minha partida. Zeid, rapazola tímido, branco, glabro, de cerca de dezenove anos, calmo e petulante, não manifestava grande entusiasmo em relação à revolta. Na verdade, sua mãe era turca, e ele crescera no harém, de maneira que dificilmente poderia sentir fortes simpatias para com a ressurreição árabe; contudo, fez o que esteve ao seu alcance no intuito de ser agradável naquele dia, e ultrapassou Ali, talvez porque os seus sentimentos não se melindrassem muito com a partida de um cristão a caminho da Província Santa, sob os auspícios do emir de Meca. Zeid, naturalmente, serviria ainda menos do que Abdulla para ser o chefe que eu procurava. Não obstante, agradou-me, e achei que poderia ser homem decidido quando se encontrasse a si próprio.

Ali não me deixou partir senão depois do crepúsculo, a fim de que nenhum dos seus sequazes me visse sair do campo. Manteve a minha estada em segredo, mesmo entre os seus escravos; deu-me um manto árabe e um turbante, para que os enrolasse em torno de mim e do meu uniforme, a fim de eu apresentar silhueta adequada na escuridão, sobre o camelo. Não levei alimentos comigo; Ali deu instruções a Tafas, no sentido de obter alguma coisa para comer em Bir el Sheikh, primeira etapa, a cerca de noventa quilômetros dali, e o incumbiu, também, e muito encarecidamente, de evitar que me interrogassem ou que eu fosse alvo de curiosidade pelo caminho, bem como de se desviar de todos os acampamentos e encontros. Os Harb Masruhs, que moravam em Rabegh e no distrito, eram simplesmente súditos protocolares em relação ao xerife. Sua verdadeira devoção voltava-se para Hussein Mabeirig, ambicioso xeque da

comunidade, que se mostrara enciumado do emir de Meca, e que havia caído nas más graças do mesmo. Agora, não passava de mero fugitivo, vivendo nas montanhas do oriente; sabia-se que estava em contato com os turcos. Sua gente não parecia de todo pró-turcos, mas devia-lhe obediência. Se Hussein Mabeirig ouvisse notícias da minha partida, bem poderia ordenar que um bando dos seus me fizesse parar a meio caminho, através do distrito.

Tafas descendia dos Hazimi, do ramo Harb, dos Beni Salem, mantendo, portanto, relações não muito suaves com os Masruhis. Isto o inclinava a favorecer-me; e uma vez que aceitou a incumbência de escoltar-me até o acampamento de Feisal, podíamos confiar nele. A fidelidade aos companheiros de estrada afigurava-se muito cara aos homens das tribos árabes. O guia tinha que responder, perante um público sentimental, com a própria vida, pela vida do seu companheiro. Certo Harbi, que prometera conduzir Huber a Medina, e quebrara a palavra, matando-o na estrada perto de Rabegh, quando percebeu tratar-se de um cristão, foi posto no ostracismo pela opinião pública e, apesar dos preconceitos religiosos que militavam a seu favor, passou a viver desde então da maneira mais miserável possível, sozinho, nas montanhas, inteiramente tolhido de relações amistosas, e privado de permissão para se casar com qualquer filha da tribo. Assim, podíamos confiar na boa vontade de Tafas e de seu filho, Abdulla; e Ali procurou, por meio de pormenorizadas instruções, assegurar-se de que o cumprimento do dever seria tão perfeito quanto a intenção.

Marchamos através dos bosques de palmeiras que ficavam, como cinta, ao redor das casas dispersas da aldeia de Rabegh, e dali para a frente, sob as estrelas, ao longo do Tehama, faixa de deserto de areia, sem característica, bordejando a costa ocidental da Arábia, por entre praias de mar e montanhas de litoral, num trajeto de centenas de monótonos quilômetros. Durante o dia, esta baixa planície apresentava-se insuportavelmente quente, e o seu defeito, que era a falta de água, proibia a passagem por ali; contudo, aquilo se tornava inevitável, pois as montanhas mais frutíferas tinham encostas excessivamente íngremes e irregulares, não permitindo a marcha, ao norte e ao sul, de animais carregados.

O frescor da noite era agradável, depois do dia repleto de discussões que se vivera em Rabegh. Tafas ia à frente, sem falar, e os camelos marchavam em silêncio por cima de areia fofa e plana. Meus pensamentos, à medida que nos adiantávamos, se resumiam nesta pergunta: como havia podido ser aquilo a rota dos peregrinos, rota pela qual, através de incontáveis gerações, os povos do norte visitaram a Cidade Sagrada, levando consigo presentes de fé para o santuário? Parecia-me que a revolta árabe deveria ser, em certo sentido, uma peregrinação

de retorno, a fim de se levar de novo ao norte, para a Síria, um ideal por um ideal — nova fé na liberdade por sua passada fé na revelação.

Marchamos por algumas horas, sem encontrar variedade, exceto de quando em quando, nos instantes em que os camelos afundavam e se esforçavam um pouco sob as selas que ringiam: indicações de que a planície fofa se transmudava em camada de areia socada, pontilhada de arbustos esguios, e portanto de nível desigual, uma vez que as plantas reuniam montículos ao redor da base do tronco, e que o remoinho dos ventos do mar cavava depressões nos espaços intermediários. Os camelos pareciam não marchar com muita segurança na escuridão; a areia, brilhando às estrelas, quase não formava sombra, de maneira que dificilmente se avistavam depressões e buracos. Paramos, antes da meia-noite, e eu me enrolei mais apertadamente no meu manto; escolhi uma depressão do meu tamanho e da minha forma, e ali dormi muito bem, até quase pela madrugada.

Assim que sentiu que o ar se ia fazendo mais frio, com a mudança que se anunciava, Tafas levantou-se, e dois minutos mais tarde estávamos balouçando outra vez para diante. Uma hora depois, o dia clareou, enquanto subíamos por uma garg anta de lava, levada até quase ao topo da encosta pelas rajadas de areia. Dava para um regato, perto da orla do principal campo de lava do Hedjaz, cuja imagem ocidental corria à nossa direita e fazia com que a estrada da encosta se situasse onde se situava. A garganta era pedregosa, mas breve: de ambos os lados, a lava azul formava corcovas por si mesma, de onde, ao que dizia Tafas, poderíamos ver navios zarpando no mar. Os peregrinos haviam construído pirâmides, pela rota. Às vezes, sinais individuais, de três pedras, uma assentada por cima da outra; outras vezes, monumentos coletivos, ao qual todos os passantes bem-dispostos deviam acrescentar nova pedra — não com qualquer critério, nem por motivo conhecido, mas apenas porque os outros procediam dessa forma, e porque talvez esses outros soubessem o motivo por que o faziam.

Além do espigão, a senda descia para vasto campo aberto, o Masturah, ou planície, pelo qual o Wadi Fura afluía para o mar. Riscando a sua superfície com inúmeros canais entrelaçados de pedra solta, de poucos centímetros de profundidade, havia os leitos para a água da enchente, nas raras ocasiões em que se manifestavam chuvas no Tareif; e os cursos de água corriam como rios para o mar. O delta, ali, tinha a largura de cerca de nove quilômetros. Lá embaixo, em qualquer ponto, a água fluía por uma ou duas horas, ou mesmo por um ou dois dias, a cada período de vários anos. Sob a terra, havia sempre umidade abundante, que a eternidade da areia jacente protegia contra o calor do sol;

espinheiros e arbustos selvagens tiravam proveito disto, florescendo. Alguns troncos apresentavam o diâmetro de trinta centímetros; a altura talvez fosse de seis metros. As árvores e os arbustos mantinham-se afastados entre si, em grupos, com parte dos ramos inferiores devorada pelos camelos famintos. Assim, as plantas pareciam ser cuidadas, com um ar de coisa que foi pensada, o que causava uma forte sensação de estranheza em pleno deserto, principalmente porque o Tehama tinha sido, até ali, uma completa nudez.

Duas horas pela corrente acima, ao que Tafas me informou, encontrava-se a garganta de onde o Wadi Fura saía das últimas montanhas de granito; e lá se havia construído uma pequena aldeia, Khoreiba, com canais de água corrente, poços e bosques de palmeiras, e habitada por uma insignificante população de criaturas livres, empenhadas na cultura de tâmaras. Isto era importante. Não tínhamos compreendido que o leito do Wadi Fura servia de estrada direta, desde perto de Medina até as redondezas de Rabegh. Ficava tão longe, ao sul e a leste, da suposta posição de Feisal nas montanhas, que dificilmente se poderia dizer que a dominasse. Ademais, Abdulla não nos havia informado da existência de Khoreiba, embora isto afetasse materialmente a questão do Rabegh, por proporcionar, ao inimigo, um possível olho-d'água, livre da nossa interferência e fora do alcance dos canhões dos nossos navios de guerra. Em Khoreiba, os turcos podiam concentrar grandes forças para atacar a nossa proposta brigada em Rabegh.

Em resposta a novas perguntas, Tafas explicou que, em Hajar, leste de Rabegh, nas montanhas, havia ainda outro ponto de fornecimento de água, nas mãos dos Masruhs, agora sede do quartel-general de Hussein Mabeirig, seu chefe turcófilo. Os turcos poderiam fazer, daquilo, a sua próxima etapa, indo de Khoreiba em direção a Meca, e deixando Rabegh inatacada e inofensiva ao flanco. Isto significava que a solicitada brigada britânica seria incapaz de salvar Meca dos turcos. Para este objetivo, requeria-se uma força com frente ou raio de ação de cerca de trinta quilômetros, de maneira a manter fora do alcance do inimigo os três pontos de fornecimento de água.

Entrementes, à luz do sol matutino, pusemos os nossos camelos a trote cerrado, pela senda mais conveniente, pavimentada de cascalho, por entre as árvores, rumando para o poço de Masturah, primeiro ponto de parada vindo-se de Rabegh, na rota dos peregrinos. Ali poderíamos tomar água e repousar um pouco. Meu camelo era uma delícia, pois eu nunca montara animal tão excelente antes daquela viagem. Não havia camelos bons no Egito; e os do deserto do

Sinai, embora robustos e resistentes, não eram amestrados para marchar suave e rapidamente como estes ricos e esplêndidos animais dos príncipes árabes.

Contudo, a eficiência do camelo ia sendo agora em grande parte desperdiçada, visto que se reservava para quem tivesse destreza e a exigisse, e não para mim, que apenas desejava ser levado e não tinha noção alguma de como se devia montar. Coisa fácil, sentar-se a gente no dorso de um camelo, sem cair para trás, mas muito difícil compreender e obter o máximo rendimento, de maneira a poder fazer longas jornadas sem sentir fadiga e sem forçar o animal. Tafas ia me dando lições, à medida que progredíamos: na verdade, isto era dos poucos assuntos sobre os quais ele podia falar. As ordens que recebera, no sentido de me excluir de qualquer contato com o mundo, parecia haverem-lhe fechado até a boca. Era uma pena, porque o seu dialeto me interessava.

Já bem perto da margem norte do Masturah, encontramos o poço. De um lado, viam-se alguns muros de pedra em ruínas que haviam formado um abrigo; do lado oposto, projetavam-se algumas sombras de folhas de palmeira, sob as quais se achavam sentados uns poucos beduínos. Não os saudamos. Em vez de os cumprimentar, Tafas passou além dos muros em ruína e apeou; eu sentei-me à sombra dos referidos muros, enquanto Tafas e Abdulla deram água aos animais, tirando também um gole para eles próprios e para mim. O poço era velho e amplo, de boa pedra, dotado de robusto parapeito ao redor da boca. Sua profundidade talvez fosse de cerca de seis metros; e, para conveniência dos viajantes desprovidos de cordas, como nós, uma chaminé quadrada havia sido aberta através da alvenaria, com apoios para pés e mãos, nos cantos, de maneira que qualquer pessoa podia descer até a água e encher o seu odre.

Mãos ociosas haviam atirado tantas pedras chaminé abaixo que metade do fundo do poço se encontrava obstruída, já não sendo a sua água abundante. Abdulla amarrou as mangas esvoaçantes ao redor dos ombros, enfiou a fralda do manto por baixo da cartucheira e desceu e subiu pela chaminé, trazendo, de cada vez, dezoito ou vinte litros cujo conteúdo derramava, para os nossos camelos, numa bacia de pedra, ao lado do poço. Os camelos beberam cerca de vinte litros cada um, pois se haviam hidratado apenas em Rabegh no dia anterior. A seguir, deixamos os animais vagando por ali um pouco, enquanto ficávamos sentados em paz, respirando a leve brisa que vinha do mar. Abdulla fumou um cigarro, como recompensa pelo seu trabalho.

Chegaram alguns Harbs, conduzindo uma grande tropa de camelos de raça, e começando logo a dar-lhes água; mandaram um dos seus homens ao fundo do poço, para lhes encher continuamente o enorme balde de couro, que era puxado

para cima por outros beduínos ao ritmo de vozes em coro. Observávamo-los, sem lhes dizer palavra; eles eram Masruhs e nós Beni Salems; embora as duas tribos estivessem presentemente em paz, podendo os membros de uma transitar tranqüilamente pelos distritos da outra, isto não passava de acomodação temporária, a fim de se prosseguir na guerra dos xerifes contra os turcos, e tinha, na realidade, pouco fundamento na mútua boa vontade.

Enquanto observávamos, dois viajantes, trotando leve e cerradamente em camelos muito bem alimentados, se aproximaram de nós, vindos do norte. Ambos pareciam jovens. Um trajava ricas roupagens de *cashmere*, trazendo, à cabeça, um pesado turbante debruado de seda. O outro se vestia mais simplesmente, de algodão branco, com turbante vermelho, também de algodão. Pararam ao lado do poço; o mais vistoso saltou graciosamente ao solo, sem fazer o camelo ajoelhar-se, e atirou as rédeas ao companheiro, dizendo, descuidadamente: "Dê-lhes água, enquanto eu vou para lá, para descansar." Passeou um pouco, a esmo, e depois se sentou ao pé do nosso muro; antes, porém, olhou para nós, com afetado descaso. Ofereceu-nos cigarros recentemente enrolados e gomados, dizendo: "São da Síria?". Aparei o golpe de curiosidade sugerindo que ele era de Meca, ao que, da mesma forma, não deu resposta direta. Falamos um pouco sobre a guerra e sobre a magreza dos camelos dos Masruhs.

Enquanto isso, seu companheiro se mantinha junto dos animais, tendo nas mãos, negligentemente, as rédeas, talvez à espera de que os Harbs acabassem de dar água aos seus camelos, e de que chegasse a sua vez. O jovem senhor exclamou: "Que é que há, Mustafá? Dê-lhes água imediatamente." O criado aproximou-se para lhe dizer, um tanto timidamente: "Eles não deixarão." "Pela graça de Deus!", gritou o senhor, furioso, pondo-se agilmente de pé e vibrando, na cabeça e nos ombros do infortunado Mustafá, três ou quatro golpes firmes de relho. "Vá e peça-lhes." Mustafá mostrou-se ofendido, atônito e zangado, como se pretendesse devolver os golpes; mas pensou melhor e correu para o poço.

Os Harbs, impressionados, tiveram piedade dele e cederam-lhe lugar, permitindo até que desse água aos dois camelos nos seus baldes. Murmuraram: "Quem é ele?", e Mustafá disse: "Primo de nosso Senhor de Meca." Imediatamente, todos correram, desataram um fardo dependurado a uma das selas, e tiraram alguma forragem que foi espalhada à frente dos dois camelos. Costumavam colher folhas verdes e brotos de espinheiros, surrando os arbustos baixos com uma ripa pesada até que as pontas quebradas dos ramos caíssem sobre um pano estendido por baixo, no chão.

O jovem xerife contemplou-os, satisfeito. Quando o seu camelo acabou de comer, tornou a montar, com vagar e sem esforço visível; sentou-se comodamente sobre a sela, e proferiu um gentil "até logo!" a todos nós, pedindo a Deus que nos recompensasse com generosidade. Os árabes desejaram-lhe boa viagem; e ele partiu para o sul, enquanto Abdulla nos trouxe os camelos, e nós, por nossa vez, saímos para o norte. Dez minutos depois, ouvi a risadinha entre dentes do velho Tafas, e vi-lhe rugas de deleite entre o bigode e as barbas grisalhas.

"Que é que há com você, Tafas?", indaguei.

"Meu senhor, viu aqueles dois viajantes, no poço?"

"O xerife e o criado?"

"Sim; mas eram o xerife Ali ibn el Hussein de Modhig, e seu primo, xerife Mohsin, senhores de Harith, inimigos encarniçados dos Masruhs. Temiam ser detidos, ou afastados do olho-d'água, se os árabes os reconhecessem. Assim, fingiram ser senhor e criado, vindos de Meca. Reparou como Mohsin se revoltou, quando Ali lhe bateu? Ali é um diabo. Quando tinha apenas onze anos, fugiu da casa paterna para a do tio, cuja profissão era a de salteador de peregrinos; e com este viveu, ganhando a própria vida, durante muitos meses, até que o pai o mandou prender. Encontrou-se com o nosso senhor Feisal, desde o primeiro dia de batalha, em Medina, e conduziu os Ateiba nas planícies, ao redor de Aar e de Bir Derwish. Foi uma batalha a dorso de camelo; e Ali não possuía homem algum que não fizesse o que ele fazia; corria ao lado do seu animal, e saltava para a sela com uma só mão, tendo, na outra, o fuzil. Os filhos de Harith são criaturas guerreiras".

Pela primeira vez a boca do velho homem se mostrou cheia de palavras.

CAPÍTULO 11

Enquanto ele falava, passamos ao longo da cintilante planície, agora quase nua de árvores, e cada vez mais fofa ao pisar, à medida que se avançava. A princípio, o chão cobria-se de cascalho esverdeado, misturado com areia. Depois, a areia aumentou e as pedras se fizeram mais raras, até que pudemos distinguir as cores das camadas separadas — pórfiro, xisto verde, basalto. Por fim, o chão passou a ser quase que de pura areia branca, sob a qual jazia um estrato mais duro. A marcha, assim, era como se fosse feita sobre grossos tapetes, para os nossos camelos. As partículas de areia estavam limpas e polidas, e captavam o brilho do sol como pequenos diamantes, reverberando-o com tanto fulgor que, depois de pouco tempo, eu já não o podia suportar. Cerrava as sobrancelhas, puxava o turbante para a frente, como quebra-luz sobre meus olhos; por baixo destes, fazia o mesmo com o manto, como um castor, procurando repelir o calor que subia do solo em ondas vitrificadas, e que me golpeava em pleno rosto. Cento e vinte quilômetros à nossa frente, o gigantesco pico de Rudhwa, por trás do Yenbo, rebrilhava e empalidecia, no ofuscamento dos vapores que ocultavam a sua base. Bem perto, na planície, erguia-se a pequena montanha Hesna, sem forma, que parecia barrar o caminho. À nossa direita, ficava a orla íngreme de Beni Ayub, de perfil dentado como lâmina de serra, primeira muralha da cadeia de montanhas entre o Tehama e o elevado escarpamento do planalto ao redor de Medina. Estes maciços de Tareif Beni Ayub descambavam, ao norte, para uma série azul de colinas menores, de ondulação suave, por trás das quais, cadeias após cadeias, à guisa de escadarias desencontradas e vermelhas, agora que o sol baixava, subiam para a torreante massa central do Djebel Subh, com as suas fantásticas pontas de granito.

Pouco adiante, viramos para a direita, fora da rota dos peregrinos, e tomamos uma vereda de través que subia gradualmente por um chão de corcovas chatas de basalto, enterradas em areia, de maneira que só os cabeços mais elevados se

mostravam à superfície. O solo, ali, continha umidade suficiente para se recobrir de grama e de arbustos que pareciam feitos de arame, nas encostas e nas baixadas, onde algumas ovelhas e poucas cabras pastavam. Tafas mostrou-me uma pedra, que era o limite do distrito dos Masruh, e contou-me, com malicioso prazer, que ele, agora, se encontrava em casa, na propriedade da sua tribo, podendo ficar tranqüilo quanto à guarda que montava à minha pessoa.

Os homens habituaram-se a considerar o deserto como sendo uma zona árida, propriedade livre de quem dela se apodera; na realidade, porém, ali, cada colina e cada vale tinha um homem reconhecido como seu dono, e capaz de afirmar imediatamente o direito da sua família, ou da sua tribo, contra qualquer agressão. Até os poços e as árvores tinham donos, que permitiam que os passantes colhessem lenha e tomassem água, livremente, em quantidade bastante para as suas necessidades, mas que reagiam instantaneamente contra toda pessoa que procurasse tirar lucros da propriedade, explorá-la, ou aos seus produtos, ou exercer comércio com outros, para usufruir benefícios pessoais. O deserto era mantido em aloucado comunismo, por meio do qual a Natureza e os elementos se destinavam ao uso franco de qualquer pessoa conhecida e amiga, para satisfação de necessidades individuais e não mais do que isso. Os resultados lógicos traduziam-se na redução desta licença em privilégio, pelos homens do deserto, e na dureza desses mesmos homens para com os estrangeiros desprovidos de apresentação ou de garantias, pois a segurança comum repousava na comum responsabilidade dos membros da tribo. Tafas, no seu distrito, podia suportar com galhardia o fardo da guarda à minha pessoa.

Os vales começavam a ser nitidamente marcados, com limpos leitos de areia ou de cascalho, e, ocasionalmente, com grandes diques derrubados pela enchente. Havia, por ali, muitos arbustos, de um cinza e de um verde repousantes para os olhos, e ótimos para forragem, embora inúteis para pastagem. Subimos continuamente até chegarmos à pista principal da rota dos peregrinos. Ao longo desta, mantivemos a nossa marcha até o crepúsculo, quando avistamos a aldeia de Bir el Sheikh. Às primeiras trevas, assim que os fogos do jantar iam sendo acesos, atingimos as suas amplas ruas, e paramos. Tafas foi para uma das vinte miseráveis cabanas, e, em poucas palavras apenas murmuradas entre longos silêncios, comprou farinha que, com água, formou um bolo de cinco centímetros de espessura e vinte de diâmetro. Mergulhou-o nas cinzas de um braseiro, que lhe fora arranjado por uma mulher Subh, que ele parecia conhecer. Quando o bolo se aqueceu, retirou-o das cinzas, e sacudiu-o, para limpá-lo; a seguir, dividimo-lo, enquanto Abdulla saiu para adquirir tabaco para o seu vício.

Disseram-me que a localidade possuía dois poços forrados de pedra, ao fundo da baixada sul, mas não me senti com desejos de ir vê-los, pois a longa jornada havia forçado em demasia os meus músculos não habituados a tamanha tensão; além disso, o calor da planície fora penoso. Minha pele estava chamuscada pelo sol, e meus olhos doíam em virtude do fulgor da luz reverberada pelas arestas das partículas prateadas de areia e pela superfície polida dos seixos. Havia passado os últimos dois anos no Cairo, permanecendo o dia todo à mesa, ou pensando profundamente, numa pequena repartição sempre repleta de gente e de rumores entediantes, com centenas de coisas apressadas a dizer, mas sem outra necessidade de esforço físico que não fosse a de chegar e de retirar-me, todos os dias, do hotel à repartição, e vice-versa. Em conseqüência, a novidade da mudança foi severa, pois o tempo não fora bastante para habituar-me gradualmente com o pestilento dardejar do sol árabe e com a longa monotonia da marcha do camelo. Deveríamos vencer outra etapa, naquela noite, e realizar uma longa jornada no dia seguinte, antes de chegarmos ao acampamento de Feisal.

Por isso, senti-me grato para com aqueles pequenos atos de compra e de culinária, que demoraram cerca de uma hora, bem como para com a segunda hora de repouso que, depois disso, tomamos por mútuo consentimento; e senti-me triste quando o repouso chegou ao fim; tornamos a montar e marchamos dentro da noite, descendo vales e subindo vales, atravessando, de quando em quando, correntes de vento que eram quentes nas depressões confinadas do solo, mas frescas e estimulantes nos lugares abertos. O solo, sob as patas dos camelos, devia ser arenoso, porque o silêncio da nossa passagem feria os meus ouvidos fatigados; devia ser, igualmente, liso, porque eu estava sempre a cair de sono sobre a sela, cochilando aqui para despertar poucos metros adiante, de maneira súbita e aborrecida; apertava as pernas contra a sela, para recobrar o equilíbrio, que eu por vezes perdia, em virtude de qualquer movimento irregular do animal. A escuridão era excessiva e as formas topográficas da região muito neutras, de modo que se tornava difícil a gente manter abertos os olhos pesados. Depois de longa marcha, paramos para repousar; era bem mais que meia-noite; e eu já me encontrava enrolado no meu manto e adormecido numa depressão extraordinariamente confortável do chão de areia, antes que Tafas pusesse o meu camelo em repouso, de joelhos.

Três horas mais tarde, estávamos de novo a caminho, auxiliados, desta feita, pelos últimos raios do luar. Marchamos pelo Wadi Mared abaixo; a noite afigurava-se morta, quente e silenciosa; de ambos os lados, montanhas de cimos agudos se erguiam, desenhadas a branco e preto, no ar cansado. Havia muitas

árvores. A madrugada, finalmente, surgiu, quando passávamos das sendas estreitas para a planície aberta, sobre cujo chão achatado soprava, sem remoinhos, um vento incômodo, a formar, caprichosamente, círculos de poeira. O dia adiantava-se, e já nos fazia ver Bir ibn Hassani exatamente à nossa direita. O casario, composto de casinholas marrom-e-brancas que se apoiavam umas às outras para maior segurança, parecia uma fila de casas de boneca, dando a impressão de ser ainda mais solitário do que o deserto na imensa sombra do escuro precipício do Subh, que lhe ficava por trás. Enquanto o contemplávamos, esperando ver alma viva às portas, o sol subia velozmente, e os imensos rochedos, que se situavam a milhares de metros acima da nossa cabeça, se desenharam entre feixes de luz branca e crua contra um céu ainda pálido na transição da madrugada.

Continuamos a marchar através do grande vale. Um viajante a camelo, alegre e velho, saiu do grupo de casas e apressou o passo, para nos alcançar. Disse-nos chamar-se Khallaf, e parecia excessivamente receptivo. Sua saudação veio-nos depois de uma pausa, na vulgar torrente de tagarelice; e quando lhe retribuímos o saudar, procurou forçar-nos a entabular conversa. Não obstante, Tafas parecia desagradar-se com aquela companhia, dando-lhe respostas breves. Khallaf persistiu, e, finalmente, para melhorar o seu apoio, curvou-se, e esgaravatou em sua sela, até encontrar um pequeno vaso de ferro esmaltado, contendo uma apreciável porção de provisão alimentar, de viagem, do Hedjaz. O mesmo tipo de bolo do dia anterior, sem fermento, mas amassado entre os dedos enquanto ainda quente, e umedecido com manteiga derretida, de maneira que as suas partículas custavam a desprender-se. Fazia-se necessário adoçá-lo, depois, com açúcar moído, e enquanto a gente o comia, desfazia-se como serragem entre os dedos.

Comi um pouco, nesta minha primeira tentativa, enquanto Tafas e Abdulla se entregavam ao prazer de devorar aquilo, com certa pressa; assim, por sua generosidade, Khallaf não satisfez a própria fome; mas merecia-o, porque, entre os árabes, considera-se gesto efeminado levar provisões quando se fazem pequenas jornadas de apenas cento e cinqüenta quilômetros. Agora já éramos companheiros, e a tagarelice voltou a entrar em ação: Khallaf contou-nos alguma coisa a respeito da última batalha, bem como do revés que Feisal sofrera no dia anterior. Parecia que o príncipe havia sido batido fora de Kheif, na cabeceira do Wadi Safra, encontrando-se, agora, em Hamra, a pequena distância à nossa frente; pelo menos, Khallaf pensava que ele ali estivesse: deveríamos tomar informações mais precisas em Wasta, próxima aldeia na nossa rota. A batalha não fora violenta; mas as poucas perdas se haviam verificado entre homens de

tribos de Tafas e e Khallaf; os nomes e os ferimentos de cada um foram referidos em ordem.

Entrementes, andei de olhos fitos por ali, interessado por me ver em nova terra. A areia e os detritos da noite passada, bem como de Bir el Sheikh, haviam desaparecido. Viajávamos pelo vale acima, por encostas de duzentos a quinhentos metros de largura, sobre chão de cascalho ou de areia fofa, mais ou menos firme, com cimos ocasionais de pedras verde-escuras a surgir no centro. Viam-se muitos espinheiros, alguns da altura de nove metros ou mais, de linda cor verde, e numerosos arbustos e tamareiras, com um ar de parque encantador e bem tratado, entre as sombras macias e longas da primeira manhã. O chão era tão plano e tão limpo, e os seixos tão variegados, de cores tão alegremente combinadas, que davam um quê de quadro à paisagem; e esta sensação se acentuava em virtude das linhas retas e nítidas das montanhas. As colinas erguiam, de ambos os lados, regularmente, precipícios de milhares de metros, de rocha de granito escuro e pardo da cor do pórfiro, com manchas rosadas; por estranho acaso, estas brilhantes montanhas repousavam em bases de centenas de metros de pedras granuladas, cujo colorido insólito recordava o verde macio do musgo.

Marchamos onze quilômetros, por este lindo lugar, a caminho de um curso de água que exercia função divisória, atravessado por uma grande parede de lápides de granito, que agora não passava de pouco mais de um monte informe de pedras, mas que fora, outrora, sem dúvida, uma excelente barreira. A muralha ia de rochedo a rochedo, subindo pelas encostas, e por todos os pontos em que as faldas não se apresentavam muito íngremes. No centro, por onde a rota passava, existiam dois recintos que pareciam currais. Perguntei a Khallaf o motivo da muralha. Respondeu que tinha estado em Damasco, em Constantinopla e no Cairo, e que possuía muitos amigos entre os grandes homens do Egito. Conheceria eu, porventura, algum inglês dali? Khallaf parecia curioso a respeito das minhas intenções e da minha história. Procurou fazer-me cair em armadilhas de frases egípcias. Quando lhe respondi no dialeto de Aleppo, falou dos notáveis sírios do seu conhecimento. Eu também os conhecia; ele enveredou por assuntos de política local, fazendo meticulosas perguntas, delicada e indiretamente, a respeito do xerife e de seus filhos, e a propósito do que eu pensava que Feisal iria fazer. Eu entendia disto ainda menos do que ele, e rebati os golpes, sem maiores conseqüências. Tafas veio em meu auxílio, mudando de tema. Soubemos, mais tarde, que Khallaf estava a soldo dos turcos, e costumava enviar freqüentes relatórios sobre o que se passava além de Bir ibn Hassani, com as forças árabes.

Transposta a muralha, chegamos a um afluente do Wadi Safra, em vale mais pedregoso e mais deserto, em meio a montanhas menos brilhantes. Corria para outro rio, muito abaixo do qual, para leste, ficava um bosque de palmeiras escuras, que os árabes diziam ser Jedida, uma das aldeias de escravos do Wadi Safra. Viramos para a direita, cruzando outra corcova, e depois nos encaminhamos colina abaixo, por vários quilômetros, em direção a um maciço de rochedos altos.

Contornamos os penhascos e encontramo-nos de súbito no Wadi Safra, vale que procurávamos, e, precisamente, em meio a Wasta, sua maior aldeia. Wasta parecia ser composta de várias fileiras de casas, dependuradas como ninhos aos flancos das montanhas, de cada lado do leito do rio, em barrancas de chão aluvial, ou sobre ilhas de detritos, entre vários canais profundos cuja soma compunha o vale.

Marchando por entre duas ou três destas ilhas construídas pela mão do homem, tomamos a direção do barranco. No nosso caminho, ficava o leito principal das enchentes do inverno, descampado de seixos brancos e de pequenos diques, perfeitamente plano. Além da sua parte central, de um bosque de palmeiras a outro, havia um reservatório de água clara, talvez do comprimento de duzentos metros e de quatro de largura; o fundo era de areia; circundava-o, de ambos os lados, um gramado de três metros, com vegetação espessa e algumas flores. Ali paramos por alguns instantes, deixando que os camelos abaixassem a cabeça e bebessem à saciedade; o alívio provocado pela grama, aos nossos olhos, depois da longa marcha em meio a terríveis revérberos de seixos, foi tão repentino, que, involuntariamente, olhei para o céu, procurando ver se uma nuvem não havia coberto a face do sol.

Prosseguimos na marcha, corrente acima, para o jardim de onde o rio brotava, rutilando, em canais forrados de pedras; e ali viramos seguindo a muralha de lama do jardim, à sombra das palmeiras, até chegarmos a outra aldeia perdida. Tafas abria caminho pelas ruas estreitas (as casas eram tão baixas que, da sela, contemplávamos os tetos de cima) e, perto de uma das maiores casas, parou; bateu à porta de um pátio descoberto. Um escravo abriu, e nós nos apeamos, cada qual por sua vez, no recinto. Tafas aliviou a carga dos camelos, afrouxou os arreios e derramou, diante deles, os brotos verdes tomados da fragrante pilha que ficava ao lado do portal. Depois, conduziu-me à sala dos hóspedes da casa, ambiente limpo, escuro, pequeno, feito de tijolos de barro, coberto de meios troncos de palmeiras, com chão de terra batida. Sentamo-nos sobre esteiras de folhas de palmeiras, dispostas ao longo do estrado. O dia, naquele inóspito vale,

se havia tornado muito quente; deitamo-nos ali, lado a lado. A seguir, o zumbir das abelhas, nos jardins externos, e das moscas pairando sobre o nosso rosto velado, ninou-nos a alma, até que adormecemos.

CAPÍTULO 12

Antes que acordássemos, já a refeição de pão e tâmaras havia sido preparada para nós, pela gente da casa. As tâmaras eram novas, extraordinariamente doces e frescas, como até então eu não havia provado. O dono daquela propriedade, um Harbi, encontrava-se, com os vizinhos, longe dali, ao serviço de Feisal; suas mulheres e seus filhos estavam morando em tendas, nas montanhas, com os camelos. Os árabes de tribo do Wadi Safra moravam em suas aldeias durante no máximo cinco meses por ano. Nas outras estações, os jardins se confiavam a escravos — negros iguais aos rapazolas que nos trouxeram a bandeja — cujos braços, lustrosos, pareciam curiosamente deslocados entre árabes de perfil de pássaro. Khallaf contou-me que estes eram originários da África, criados dos como filhos por pais adotivos Takruris, e vendidos, durante a peregrinação, em Meca. Quando robustos, valiam de cinqüenta a oitenta libras cada um, sendo tratados com cuidado, como convinha, em virtude do seu preço. Alguns se tornavam criados domésticos, ou escolta de seus senhores; mas a maioria era enviada às aldeias de palmeiras, situadas naqueles vales febris de água corrente, de clima excessivamente ruim para o trabalhador árabe, onde, apesar de tudo, os escravos progrediam, construindo sólidas casas para seu uso, unindo-se a mulheres escravas e realizando todos os trabalhos manuais da propriedade.

Eram muito numerosos — por exemplo, havia treze aldeias deles, lado a lado, no Wadi Safra — de maneira que formavam uma sociedade à parte, vivendo bem a seu gosto. O trabalho só podia ser árduo, sendo, porém, a vigilância fraca e a fuga fácil. Seu estado legal afigurava-se ruim, pois não tinham direito de apelar para a justiça da tribo, nem sequer para os tribunais do xerife; a opinião pública, entretanto, e o interesse pessoal, impediam que se praticasse qualquer crueldade contra eles; e o princípio da fé, segundo o qual emancipar escravos é uma boa ação, significava na prática que quase todos acabavam conquistando a liberdade. Acumulavam um apreciável pecúlio durante a servidão,

quando engenhosos e precavidos. Os que eu vi possuíam propriedades, declarando-se satisfeitos. Cultivavam melões, castanhas, pepinos, uvas e tabaco, por sua conta, além das tâmaras, cujas sobras eram enviadas ao Sudão por meio de *dhows* a vela, e ali se trocavam por trigo, tecidos e objetos de luxo da África ou da Europa.

Depois que o calor do meio-dia passou, tornamos a montar, marchando ao longo de um riacho claro e lento, até que este se ocultou no interior de jardins de palmeiras, por trás de baixos muros de delimitação, brancos de cal ressecada pelo sol. Por entre as raízes das plantas, haviam sido cavados canais de trinta a sessenta centímetros de profundidade, dispostos de maneira que a corrente, vindo do canal de pedra, por ali passasse, e que cada árvore se irrigasse. A fonte era de propriedade da comunidade, e a água era dividida entre os proprietários de terras por tantos minutos ou horas, por dia ou por semana, de acordo com o costume tradicional. A água apresentava-se um pouco salobra, como era necessário para a produção das melhores palmeiras; mas era bastante doce nos poços particulares, dentro dos bosques. Estes poços apareciam com freqüência, encontrando-se água a cerca de um metro abaixo da superfície do solo.

O nosso caminho nos fez passar pela aldeia central e pela rua do mercado. Havia pouca coisa nas lojas; a localidade toda parecia em decadência. Uma geração antes, Wasta havia sido populosa (dizia-se que possuíra mil casas); mas um dia desabou o gigantesco dique do Wadi Safra, romperam-se as represas de muitos jardins de palmeiras, e as plantas foram varridas dali. Algumas das ilhas, sobre as quais as casas haviam existido durante séculos, foram submersas, e as residências de barro voltaram a se fundir em lama, matando ou arrastando consigo os desafortunados escravos que nelas moravam. Homens e árvores poderiam ter sido substituídos se o solo houvesse permanecido naquele lugar; mas os jardins haviam sido construídos sobre terra pacientemente conquistada às inundações normais, através de anos de trabalho, e aquela onda de água — de dois metros e meio de profundidade, a correr loucamente por três dias — reduzira o aterro à primitiva situação de leito de pedras.

Pouco acima de Wasta, chegamos a Kharma, gentil povoado dotado de ricos bosques de palmeiras, onde desembocava um rio vindo do norte. Além de Kharma, o vale se ampliava um pouco, apresentando a largura de quatrocentos metros, com fundo de areia e de cascalho fino, suavizado pelas chuvas de inverno. Os flancos eram de rocha nua, vermelha e preta, apresentando arestas agudas como gumes de canivete, e refletindo a luz do sol como se fossem de metal. Isto fazia com que o frescor das árvores e da grama parecesse luxuriante. Já então,

avistamos grupos de soldados de Feisal, e bandos de camelos selados pastando. Antes de atingirmos Hamra, notamos que toda gruta, nos rochedos, ou todo esconderijo em meio a árvores, continha um acampamento. Os soldados lançavam gritos de saudação alegre a Tafas, que novamente se animava, acenando com a mão e respondendo aos gritos, enquanto apressava o camelo a fim de terminar sua missão a meu respeito.

Hamra apareceu à nossa esquerda. Parecia ser uma aldeia de cerca de cem casas, sepultadas por jardins em meio a montes de terra de uns seis metros de altura. Vadeamos uma pequena corrente de água, e subimos por uma vereda emparedada, entre árvores, até o topo de um daqueles montes, onde fizemos com que os nossos camelos se ajoelhassem ao portal de uma casa longa e baixa. Tafas disse alguma coisa a um escravo que ali se achava com uma espada de punho de prata na mão. Conduziu-me a um pátio interno, em cujo fundo, emoldurado pelos batentes de uma porta escura, se encontrava um vulto branco, esperando nervosamente por mim. Senti, de súbito, que este era o homem que eu estava procurando na Arábia — o chefe que poderia conduzir a revolta árabe a pleno triunfo. Feisal era um homem de aparência robusta, sólido como um pilar, muito alto, metido em longas roupas de seda branca e usando um turbante pardo, preso por meio de brilhantes cordões escarlate e ouro. Suas pálpebras estavam abaixadas; e a barba negra, no rosto sem cor, dava-lhe ao semblante um quê de máscara, em contraste com a estranha e silenciosa atitude de alerta de todo o corpo. As mãos cruzavam-se à frente, sobre o punho da adaga.

Saudei-o. Abriu-me caminho, até ao interior da sala, e sentou-se no seu tapete, perto da porta. Assim que meus olhos se habituaram à sombra do ambiente, vi que a pequena sala continha muitas figuras também silenciosas, todas a olhar para mim ou para Feisal, de maneira insistente. Feisal ficou a contemplar, demoradamente, as próprias mãos, que se torciam em movimentos lentos ao redor da adaga. Por fim, indagou com suavidade se eu havia feito boa viagem. Falei-lhe do calor; respondeu-me indicando a que distância nos encontrávamos de Rabegh, e comentando, a seguir, que eu havia viajado com grande rapidez para aquela estação do ano.

— E gosta da nossa localidade, aqui, no Wadi Safra?

— Sim; mas é muito longe de Damasco.

A minha resposta caiu como uma espada no círculo. Houve um frêmito. Todos os presentes fitaram o ponto em que Feisal se sentava, suspendendo a respiração, num instante de silêncio. Alguns talvez estivessem sonhando com um êxito distante; outros devem ter pensado que o que eu disse era um reflexo da sua

recente derrota. Feisal, por fim, ergueu os olhos, sorrindo para mim, e disse: "Graças se rendam a Deus; há turcos mais perto de nós." Todos sorrimos com ele; e eu me levantei, pedindo permissão para me retirar.

CAPÍTULO 13

Sob amplas arcadas de palmeiras de nervuras estriadas e recruzadas, numa pradaria fofa, encontrei o acampamento dos soldados do exército egípcio, às ordens do bei Nafi, o major também egípcio, todos recentemente enviados do Sudão por *Sir* Reginald Wingate a fim de prestarem auxílio à rebelião árabe. Tais forças compreendiam uma bateria de montanha e poucas metralhadoras, e os militares mostravam-se mais animados do que se sentiam. Nafi era amável e foi gentil e hospitaleiro para comigo, a despeito da fraca saúde e do ressentimento por ter sido enviado para tão longe, em pleno deserto, com a incumbência de servir numa guerra desnecessária e inútil.

Os egípcios, sendo pessoas amigas do lar e votadas ao conforto, achavam sempre aflitivo permanecer fora de sua terra. Naquela desolada distância, sofriam severamente em prol de uma finalidade filantrópica, o que lhes tornava os padecimentos ainda mais duros. Combatiam contra os turcos, para com os quais alimentavam certo respeito sentimental, e a favor dos árabes, povo para eles estranho, falando um idioma aparentado ao seu, mas por isso mesmo afigurando-se-lhes dessemelhantes quanto ao caráter e muito rudes quanto à vida. Os árabes pareciam hostis às bênçãos materiais da civilização, em vez de se mostrarem seus apreciadores. Respondiam com vaias insolentes às tentativas bem-intencionadas no sentido de se lhes cobrir a nudez.

Os ingleses, convencidos de sua absoluta excelência, poderiam persistir no auxílio, sem resmungar muito; mas os egípcios haviam perdido a fé. Não possuíam o sentido coletivo do dever para com o seu Estado, nem o sentimento da obrigação individual de impelir a humanidade beligerante pelo caminho certo. A missão policial, que era a mais forte emoção dos ingleses para com as balbúrdias de outros povos, se substituía, no caso dos egípcios, pelo instinto de passar, tão discretamente quanto possível, do outro lado. Assim, embora tudo estivesse em boas condições no que se referia a estes soldados, pois tinham rações

abundantes, ótima saúde e não haviam sofrido baixas, ainda se sentiam descontentes com a direção do universo, e esperavam que este inesperado inglês que era eu conseguisse recolocá-lo em ordem.

Feisal foi anunciado com Maulud el Mukhlus, o fantástico árabe de Tekrit, que, por insolente nacionalismo, havia sido duas vezes degradado no exército turco, tendo vivido no exílio durante dois anos, em Nejd, na qualidade de secretário de ibn Rashid. Comandara a cavalaria turca em Shaiba, tendo sido preso por nós ali. Assim que teve notícia da rebelião do xerife, apresentou-se como voluntário, sendo o primeiro oficial a aderir a Feisal. Agora ocupava o cargo de algo como seu ajudante-de-ordens.

Queixou-se amargamente de que os soldados se encontravam mal equipados em todos os sentidos. Esta constituía a causa principal da situação presente. Recebiam trinta mil libras mensais do xerife, mas pouca farinha e pouco arroz, quase nenhuma cevada, raros fuzis, munição escassa, nenhuma metralhadora, nenhum canhão de montanha, nenhum auxílio técnico, e nada de informações.

Fiz com que Maulud parasse por aí, dizendo-lhe que a minha chegada tinha a finalidade expressa de se vir a saber o que lhes faltava e de se elaborar um relatório a respeito; mas expliquei-lhe que só poderia auxiliá-lo se me fosse exposta a situação geral. Feisal concordou e começou a esboçar para mim a história da revolta, desde os mais remotos primórdios.

A primeira arrancada para Medina fora um episódio desesperado. Os árabes estavam mal armados e parcamente municiados; os turcos, ao contrário, dispunham de grandes forças, visto que o destacamento de Fakhri havia chegado precisamente naqueles dias; e que as tropas destinadas a escoltar Von Stotzinge ao Iêmen ainda se encontravam na cidade. No apogeu da crise, Beni Ali cedeu; e os árabes foram impelidos para além das muralhas. Os turcos, então, abriram fogo sobre eles, com a artilharia; e os árabes, não habituados a esta nova arma, tomaram-se de terror. Os Ageyls e os Ateibas procuraram colocar-se a salvo, recusando-se a marchar de novo. Feisal e Ali ibn el Hussein cavalgaram inutilmente à frente dos seus homens, em campo aberto, para mostrar que as granadas, a explodir com violência, não eram tão mortíferas como pareciam. A desmoralização tornou-se profunda.

Grupos inteiros de homens da tribo de Beni Ali se aproximaram do comando turco, com propostas de rendição, se as suas aldeias fossem poupadas. Fakhri fingiu aceitar, e no amortecimento subseqüente das hostilidades cercou o subúrbio de Awali com suas tropas; depois, de súbito, ordenou-lhes que o tomassem de assalto e que massacrassem todo ser vivente encontrado dentro dos

seus muros. Centenas de habitantes foram estuprados e castigados até a morte; as casas foram incendiadas; e mortos e vivos, afinal, igualmente atirados às chamas. Fakhri e os seus homens haviam servido juntos, tendo aprendido tanto a arte de matar devagar como a arte de matar depressa, na campanha contra os armênios, no norte.

O amargo sabor deixado por esta maneira de os turcos conduzirem a guerra repercutiu por toda a Arábia ; a primeira regra árabe, na luta armada, é que as mulheres são invioláveis; a segunda, que a vida e a honra das crianças, demasiadamente novas para lutar contra homens, devem ser poupadas; a terceira, que a propriedade que não pode ser levada deve ser deixada sem se lhe causar dano. Os árabes que se encontravam com Feisal perceberam que estavam diante de novos costumes, e retiraram-se do alcance inimigo, pretendendo ganhar tempo para se recomporem. Já não podia tratar-se mais de submissão — a pilhagem de Awali estabeleceu uma dívida de sangue contra um crédito de sangue, impondo aos árabes o dever de lutar até ao extremo das suas forças —, mas era claro, agora, que a luta seria longa, e que, sendo as espingardas carregadas pela boca as suas únicas armas, dificilmente conseguiriam alimentar a esperança de vencer.

Por isso, retrocederam das planícies ao redor de Medina, indo para as montanhas, além da estrada Sultani, perto de Aar, de Raha e de Bir Abbas, onde repousaram um pouco, enquanto Ali e Feisal enviavam mensageiros após mensageiros a Rabegh, sua base naval, para saberem quando as novas provisões, mais dinheiro e mais armamentos poderiam ser esperados. A revolta começara ao acaso, por ordem explícita de seu pai, e o velho homem, muito independente para depositar inteira confiança nos filhos, não estabelecera negociação alguma com eles no sentido de a prolongar. Assim, a resposta trazida pelos mensageiros foi apenas um pouco de víveres. Mais tarde apareceram alguns fuzis japoneses, na maior parte rotos. Os canos que chegaram inteiros eram de qualidade tão ordinária que os árabes assanhados os romperam logo nas primeiras experiências. Nenhum dinheiro se remeteu; para lhe fazer as vezes, Feisal encheu um cesto decente com pedras, fechou-o com cadeado e amarrou-o com todo o cuidado; colocou-o sob a guarda dos seus próprios escravos, durante as marchas diárias, depositando-o meticulosamente em sua própria tenda, todas as noites. Por meio de semelhante artimanha, os irmãos procuraram manter de pé uma força que já se ia dissipando.

Por fim, Ali dirigiu-se a Rabegh, para verificar o que não se achava bem assentado em toda a organização. Observou que Hussein Mabeirig, chefe local,

se convencera de que os turcos deveriam sair vitoriosos (já havia lutado com eles, por duas vezes, pessoalmente, levando a pior), e, conseqüentemente, resolveu que a causa deles era a melhor e a mais digna de ser seguida. Assim que as remessas para o xerife foram desembarcadas pelos ingleses, apropriou-se delas e as armazenou secretamente em suas próprias casas. Ali protestou e enviou mensagens urgentes ao irmão colaço, Zeid, para que este fosse ao encontro de Hussein Mabeirig, partindo de Jidá, com reforços. Hussein, receoso, dormia nas montanhas, como qualquer fora-da-lei. Os dois xerifes tomaram posse das aldeias. Nestas, encontraram grandes depósitos de armas, e suficiente provisão de víveres para os seus exércitos durante um mês. A tentação de uma folga foi demasiada para eles — e permaneceram em Rabegh.

Isto fez com que Feisal ficasse só, na região; e ele logo se viu isolado, em situação incômoda, e arrastado à dependência dos recursos nativos. Suportou a emergência por algum tempo, mas em agosto tirou proveito da visita do coronel Wilson ao Yenbo, então recém-conquistado, e desceu, apresentando-lhe a exposição completa das necessidades urgentes. Wilson sentiu-se impressionado pela figura de Feisal, bem como pela sua história, e, sem perder tempo, prometeu-lhe uma bateria de canhões de montanha e algumas metralhadoras Maxim, tudo destinado a ser manuseado por homens e oficiais da guarnição do exército egípcio do Sudão. Isto explicava a presença do bei Nafi e de suas unidades.

Os árabes rejubilaram-se quando as armas chegaram, acreditando que já se encontravam em pé de igualdade com os turcos; mas os quatro canhões eram Krupps velhos, de mais de vinte anos, com alcance de apenas três mil metros; os homens de sua guarnição, de resto, não estavam suficientemente em forma para combates regulares. Não obstante, seguiram para a frente com os revoltosos, obrigaram os postos avançados turcos a um grande recuo, atingindo mesmo a sua retarguarda, até que Fakhri, alarmando-se seriamente, se dirigiu às linhas, em pessoa, inspecionou toda a frente, e reforçou logo a seguir o destacamento ameaçado em Bir Abbas, aumentando-o para cerca de três mil homens. Os turcos possuíam canhões de campanha e morteiros, gozando da vantagem adicional da topografia alta, para observações. Começaram a molestar os árabes com fogo indireto, e quase que acertaram uma granada na tenda de Feisal, no momento em que todos os chefes ali se encontravam em conferência. Os artilheiros egípcios tiveram ordens de responder ao fogo e reduzir a silêncio os canhões inimigos. Viram-se, assim, obrigados a informar que suas armas eram inúteis, uma vez que não venciam a distância de oito mil metros, a que se

achavam os turcos. Foram ridicularizados; e os árabes retrocederam para os desfiladeiros.

Feisal sentiu-se profundamente desencorajado. Seus homens estavam cansados. Havia perdido muitos deles. Sua única tática eficaz, contra o inimigo, tinha sido a de irromper, de súbito, na retaguarda, por meio de rápidas cargas montadas; assim, muitos camelos haviam sido mortos, ou feridos, ou, ainda, fatigados ao extremo, em virtude de tão exaustivos processos. Hesitou em face da necessidade de levar avante a guerra sozinho, enquanto Abdulla se demorava em Meca, continuando Ali e Zeid em Rabegh. Finalmente, retirou o grosso das tropas, deixando as subtribos de Harb, que viviam em Bir Abbas, com a incumbência de manter a pressão contra as colunas turcas de reabastecimento e de comunicações por meio de repetidas séries de incursões idênticas às que ele sabia que seria impossível manter.

Todavia, não receava que os turcos investissem subitamente contra ele. O fracasso que obtivera na tentativa de causar alguma impressão ao inimigo não o imbuíra da menor sombra de respeito para com os turcos. Sua última retirada para Hamra não havia sido forçada — fora apenas um gesto de desgosto, porque se sentia cansado da própria impotência, resolvendo, por um breve lapso de tempo, gozar a dignidade do repouso.

No fim de contas, os dois lados ainda se mostravam inexperientes. O armamento dos turcos tornava-os tão superiores a longa distância, que os árabes nunca chegaram ao corpo-a-corpo. Por esta razão, a maior parte das lutas a baioneta se dava durante a noite, quando os canhões não podiam funcionar. Aos meus ouvidos, aquilo soava como uma narrativa de estranhas batalhas primitivas, com torrentes de palavras de ambos os lados, em encontro preliminar de ânimos. Depois dos mais descabelados insultos, nos idiomas que conheciam, chegavam ao apogeu — e, então, os turcos, enfurecidos, chamavam os árabes de "ingleses", e os árabes retrucavam, chamando os turcos de "alemães". Não havia, é claro, alemão algum no Hedjaz, e, quanto a ingleses, eu era o primeiro; mas cada uma das partes se comprazia em insultar, e qualquer epíteto servia para fazer vibrar a língua de semelhantes artistas.

Perguntei a Feisal quais eram os seus planos, agora. Disse-me que, até que Medina caísse, ele e os seus se encontravam inevitavelmente de mãos atadas ali, no Hedjaz, dançando de acordo com a melodia de Fakhri. Na sua opinião, os turcos visavam a recapturar Meca. O grosso da força turca se achava, agora, numa coluna móvel, que poderiam fazer marchar para Rabegh, por uma ampla série de rotas, e isto mantinha os árabes em constante alarme. A defesa passiva

das montanhas de Subh havia demonstrado que os árabes não brilhavam em atos de resistência desse gênero. Quando o inimigo se movia, eles deviam ser levados à ofensiva.

Feisal pensava retirar-se mais ainda, até à orla do Wadi Yenbo, da grande tribo dos Juheina. Com tropas frescas, tomadas do seu seio, poderia marchar para o oriente, na direção da estrada de ferro do Hedjaz, por trás de Medina, no momento em que Abdulla avançasse pelo deserto de lava, a fim de atacar Medina pelo ocidente. Esperava que Ali conseguisse irromper simultaneamente, de Rabegh, enquanto Zeid se encaminhasse para o Wadi Safra, a fim de dar combate ao grosso da tropa turca, em Bir Abbas, mantendo-o fora da batalha principal. Por meio deste plano, Medina poderia ser ameaçada ou atacada por todos os lados, ao mesmo tempo. Fosse qual fosse o resultado do ataque, a concentração, em três lados, faria pelo menos com que se aniquilasse o preparado avanço turco pelo quarto flanco, proporcionando-se assim, a Rabegh e ao sul do Hedjaz, um pouco de repouso, para que as tropas locais se equipassem no intuito de realizar uma defesa eficiente, ou, mesmo, de levar a efeito um contra-ataque.

Maulud, que havia manifestado inquietações durante toda a nossa longa e prudente conversa, não pôde mais conter-se, e exclamou: "Não interessa escrever a história. O necessário é lutar, lutar, e matá-los. Dê-me uma bateria de canhões Schneider de montanha e algumas metralhadoras e eu acabarei com isto por você. Nós estamos aqui a falar — a falar, sempre, sem fazer coisa alguma." Respondi-lhe, em tom igualmente acalorado; e Maulud, esplêndido guerreiro, que considerava qualquer batalha ganha como sendo desperdiçada se ele não pudesse mostrar algum ferimento para provar que nela tomara parte, procurou vencer-me. Altercamos algum tempo, enquanto Feisal se pôs de lado, fazendo caretas, prazerosamente, para nós.

Esta conversa foi, para Feisal, um desafogo. Sentiu-se encorajado até mesmo pela insignificância da minha chegada; era homem de temperamento, oscilando entre a glória e o desespero, e precisamente naquela hora se encontrava mortalmente cansado. Parecia bem mais velho do que de fato era, tendo trinta e um anos de idade; e os seus olhos, escuros e profundos, marcavam-lhe certo emaciamento nas faces, e mostravam-se injetados de sangue, enquanto o encovamento do rosto se acentuava profundamente e se encarquilhava por causa da meditação. Sua índole era contrária à reflexão, pois esta impedia uma ação rápida — o trabalho de pensar enrugava sua fronte, marcando fundas linhas sutis de sofrimento. Quanto à aparência, era alto, gracioso e robusto; tinha lindo porte, e uma dignidade imperial na cabeça e nos ombros. Sem dúvida, sabia

disto, e grande parte da sua expressão, em público, se fazia por sinais e por gestos.

Seus movimentos eram impetuosos. Mostrava-se, por vezes, exaltado e sensível, e até desajuizado, perdendo logo as estribeiras. Os apetites e a fraqueza física, nele, casavam-se com o brio da coragem. O encanto pessoal, a imprudência e a patética alusão à fragilidade como única reserva do seu caráter orgulhoso tornavam-no ídolo de seus sequazes. Ninguém, jamais, indagara se ele tinha escrúpulos ou não; mais tarde, porém, Feisal mostrou que sabia retribuir a confiança com confiança, a suspeita com suspeita. Tinha mais ânimo do que humor.

A permanência entre as camarilhas de Abdul Hamid fizera dele um rematado mestre em diplomacia. O serviço militar, entre os turcos, deu-lhe conhecimentos ativos e práticos a respeito de tática. A vida em Constantinopla, bem como no parlamento turco, familiarizara-o com os problemas e as maneiras da Europa. Era um meticuloso julgador de homens. Se tivesse a força necessária para realizar os seus sonhos, iria muito longe, pois se deixava absorver totalmente pela sua missão, não vivendo para nenhuma outra coisa; mas o perigo estava em poder vir ele a exaurir-se, visando a um objetivo sempre um pouco mais alto do que o verdadeiro; poderia até morrer por excessos de ação. Seus homens me contaram que, depois de um longo período de luta em que ele tivera de cuidar de si próprio e conduzir as cargas contra o inimigo e de controlar e encorajar os homens, havia desfalecido, sendo levado para longe da sua vitória, desmaiado, com espuma a salpicar-lhe os lábios.

Aqui, ao que parecia, se apresentava às nossas mãos, que não precisavam mais do que ser suficientemente grandes para conter a oferta, um profeta que, embora velado, daria forma conveniente e convincente à idéia que dava significado à atividade da revolta árabe. Algo mais do que havíamos ousado esperar — muito mais do que a nossa corrida coxeante merecia. A finalidade da minha viagem estava atingida.

Meu dever, agora, estava em tomar a estrada mais breve, em direção ao Egito, com as informações conseguidas: e a sabedoria conquistada, naquela tarde, no bosque de palmeiras, cresceu e floresceu na minha mente, derramando-se em mil ramos, todos carregados de frutos e de folhas umbrosas, como aquelas sob as quais eu me sentei e fiquei em um topor meio delirante, enquanto o crepúsculo se escurecia e a noite se aproximava; até que uma fileira de escravos, com lâmpadas às mãos, veio a mim, pelas sinuosas trilhas abertas entre troncos de palmeiras; e, com Feisal e Maulud, voltamos, através dos jardins, para a pequena

casa, cujos pátios ainda se achavam cheios de gente que esperava, e para o acalorado quarto interno, onde os familiares se encontravam reunidos; e ali nos sentamos, juntos, ao redor do bolo fumegante de arroz e de carne, disposto pelos escravos sobre o tapete de refeições, para nosso jantar.

CAPÍTULO 14

Tão heterogênea era a companhia — xerifes, gente de Meca, xeques dos Juheinas e dos Ateibas, gente da Mesopotâmia e de Ageyl — que lancei vários pomos de discórdia, temas incendiários de conversa entre eles, a fim de observar seus brios e suas crenças, sem perda de tempo. Feisal, fumando inúmeros cigarros, mantinha o domínio da conversação, mesmo nos momentos mais exaltados, e era interessante segui-lo. Revelava absoluta mestria de tato, acompanhada de real força para dispor o desejo dos homens de acordo com a sua vontade. Storrs afigurava-se-me igualmente eficiente; mas Storrs exibia a sua força, expondo toda a sua habilidade e toda a sua bateria, com os movimentos das mãos que faziam as criaturas dançar. Feisal parecia governar os seus homens inconscientemente — tornava-se difícil perceber como ele imprimia o seu pensamento nos ouvintes; difícil especificar se estes o obedeciam. Tratava-se de uma arte tão grande como a de Storrs; e ocultava-se por si, porquanto Feisal nascera para isso.

Os árabes amavam-no abertamente; com efeito, estas reuniões casuais revelavam de maneira clara até que ponto, para as tribos, o xerife e seus filhos eram heróicos. O xerife Hussein (Sayidna, como o chamavam) era tão polido, tão gentil, que quase parecia fraco; mas a aparência encobria um poderoso sentido político, uma profunda ambição e clareza de visão, coisa absolutamente estranha à índole árabe, uma rara força de caráter e uma terrível obstinação. Seu interesse para com a história natural reforçava-lhe os instintos esportivos, fazendo dele (quando o queria) esplêndida estampa de príncipe beduíno; sua mãe era circassiana e lhe havia transmitido qualidades alheias tanto aos turcos como aos árabes; e ele manifestava considerável astúcia, apoiando-se ora nesta, ora naquela das qualidades que herdara, para obter vantagens imediatas.

Não obstante, a escola política turca fora tão ignóbil que nem mesmo os melhores conseguiram formar-se nela sem dela se ressentir. Hussein, quando

jovem, havia sido honesto e franco... e aprendeu não somente a suprimir as palavras, mas também a empregar as palavras para ocultar até os mais honrados propósitos. A arte, por excessiva, transformou-se em vício, de que ele não podia mais se libertar. Na idade madura, a ambigüidade passou a impregnar todas as suas comunicações. Como nuvem, ocultava-lhe a decisão do caráter, a sabedoria universal e a bem-humorada robustez. Muitos lhe negavam tais qualidades, mas a história ofereceu provas.

Exemplo da sua sabedoria universal foi a educação dos filhos. O sultão fizera-os viver em Constatinopla, para que recebessem educação turca. O xerife viu que aquela educação era geral e boa. Quando eles voltaram ao Hedjaz, como jovens efêndis em trajes europeus com maneira turcas, o pai lhes deu ordem para que retomassem as roupas árabes; e, para aperfeiçoar-lhes o idioma árabe, deu-lhes companheiros naturais de Meca, enviando-os, depois, ao deserto, e integrando-os no Corpo de Cameleiros a fim de patrulharem as rotas dos peregrinos.

Os moços pensaram se tratar de uma excursão agradável, mas se sentiram frustrados quando o pai lhes proibiu alimentos, camas macias e selas especiais. Não lhes permitiu que voltassem a Meca, mantendo-os fora da cidade durante vários meses, em todas as estações do ano, a montar guarda às estradas, de dia e de noite, a lidar com todas as espécies de homens, e a aprender novos métodos de viagem e de combate a dorso de camelo. Logo se enrijeceram, tornando-se confiantes em suas próprias forças e dotados dessa complexa combinação de inteligência nativa e de vigor que com tanta freqüência aparece em estirpes bem cruzadas. O formidável grupo da família era admirado e eficiente, mas curiosamente isolado em seu mundo. Não pertenciam os seus membros, por nascimento, a religião alguma, nem amavam em particular qualquer zona de terra árida, de preferência às semeadas. Não possuíam confidentes reais, nem ministros; e nenhum dos irmãos parecia abrir-se a outro, nem sequer ao pai, a quem sempre à temiam.

A discussão, depois do jantar, foi animada. No meu disfarce de sírio, fiz referências simpáticas ao chefes árabes que haviam sido executados em Damasco pelo paxá Jemal. Revidaram-me ardorosamente: os documentos publicados revelaram que aqueles homens se encontravam em contato com governos estrangeiros, prontos a aceitar a suserania francesa ou britânica a troco de auxílio. Isto era crime contra a nacionalidade árabe, e Jemal havia apenas cumprido a sentença implícita. Feisal sorriu e quase piscou um olho para mim. “Os senhores vêem”, explicou ele, “nós, agora, estamos ligados, por necessidade, aos britânicos. Sentimo-nos encantados por sermos seus amigos, agradecidos pelos auxílios que

nos prestam, e esperançosos quanto ao nosso futuro proveito comum. Mas não somos súditos ingleses. Sentir-nos-íamos muito mais à vontade se eles não fossem aliados tão desproporcionados."

Contei uma história a respeito de Abdulla el Raashid, passada durante a nossa viagem para Hamra. Resmungara contra mim, porque os marinheiros ingleses desciam a terra firme, todos os dias, em Rabegh. "Logo permanecerão em terra também as noites; depois passarão a viver aqui para sempre, e tomarão o país." Para rebater-lhe as asserções, eu lhe falara de milhões de ingleses que se encontravam em terra firme na França sem que isto causasse receio aos franceses. Ao que ele se voltara para mim, com escárnio, perguntando-me se desejava comparar a França com a terra do Hedjaz!

Feisal cismou um pouco e disse: "Não sou hedjazi por educação; e, não obstante, por Deus que me sinto enciumado pelo Hedjaz. Embora eu saiba que os ingleses não aspiram a tomá-lo, ainda assim que é que se pode dizer, quando eles tomaram o Sudão, também sem aspirar a isso? Os britânicos têm forme de terras desoladas, para as formar; e assim, talvez um dia a Arábia venha a parecer-lhes preciosa. O seu bem e o meu bem talvez sejam diferentes, e tanto o bem forçado como o mal forçado fazem o povo gritar de dor. Será que o minério admira a chama que o transforma? Não há razão para ofensas, mas um povo, mesmo excessivamente fraco, também reclama o pouco que é seu. A nossa raça terá sempre humor agressivo, até que firme pé."

Os homens de tribo maltrapilhos e sujos que haviam comido conosco assombraram-me com a sua compreensão familiar da intensa nacionalidade política, idéia abstrata que dificilmente poderiam ter colhido das classes cultas das cidades do Hedjaz, das cidades indianas, dos javaneses, dos Bokhariots dos sudaneses, dos turcos, todos alheios a qualquer simpatia para com os ideais árabes, e precisamente naquela altura a sofrer um pouco em virtude da força do sentimento local, que alçava vôo excessivamente alto, depois da súbita fuga ao controle turco. O xerife Hussein tivera a sabedoria universal necessária para basear seus preceitos na crença instintiva dos árabes, segundo a qual eles eram o sal da terra e se bastavam a si próprios. Agora capacitado pela aliança conosco a apoiar a doutrina nas armas e no dinheiro, sentiu-se seguro do êxito final.

Evidentemente, este êxito não era coisa de todo fácil. O grande corpo de xerifes — oitocentas ou novecentas figuras — compreendia a sua doutrina nacionalística; cada xerife transformara-se em seu missionário, corando-se, de resto, com excelentes resultados, graças à venerada descendência do Profeta, o

que lhes dava força moral para dominar a mente dos homens e para a orientar no sentido da espontânea quietude da obediência.

As tribos haviam seguido a fumaça do seu fanatismo racial. As cidades podiam suspirar pela enjoativa inatividade do governo otomano: as tribos estavam convencidas de que haviam formado um governo livre, e além disso inteiramente árabe; e cada tribo julgava ser ela O governo. Eram independentes e rejubilavam-se — convicção e resolução que poderiam conduzir todos à anarquia, se não se tornassem ainda mais estreitos e íntimos os laços de família e mais clara a noção de co-responsabilidade. Isto, porém, implicava a negação de um poder central. O xerife podia ter soberania legal no exterior, se lhe agradasse essa expressão pomposa; mas os assuntos domésticos continuavam a ser consuetudinários. O problema dos teóricos estrangeiros — "deve Damasco governar o Hedjaz, ou pode o Hedjaz governar Damasco?" — não os preocupava de maneira alguma, pois nunca o haviam formulado. A idéia semítica de nacionalidade era a da independência de clãs e de aldeias, e o seu ideal de união nacional se concretizava na mera resistência combinada e episódica contra qualquer intruso. Política construtiva, Estado organizado, império extenso e expansivo não ficavam tão longe dos seus olhos como coisas odiosas em si. Encontravam-se em luta para se livrarem do império, não para o conquistar.

O sentimento dos sírios e dos filhos da Mesopotâmia, que se achavam incorporados a estes exércitos árabes, visava a um objetivo indireto. Acreditavam esses elementos que, em virtude de lutarem nas fileiras locais, mesmo no Hedjaz, estavam reivindicando os direitos gerais de todos os árabes à existência nacional; e sem terem em vista um Estado ou mesmo uma confederação de Estados, olhavam diretamente para o norte, desejando acrescentar uma Damasco e uma Bagdá autônomas à família árabe. Eram fracos quanto aos recursos materiais, e assim o seriam mesmo depois da vitória, visto que seu mundo tinha caráter agrícola e pastoril, sem minerais, nunca podendo, portanto, ser forte em armamentos modernos. Fosse de outra maneira, deveríamos pensar um pouco mais antes de provocar, no centro estratégico do Oriente Médio, novos movimentos nacionais tão vigorosos.

De fanatismo religioso havia poucos vestígios. O xerife recusara-se, em termos categóricos, a emprestar cunho religioso à sua rebelião. Seu credo de batalha era a nacionalidade. As tribos sabiam que os turcos eram muçulmanos e pensavam que os alemães fossem, provavelmente, amigos fiéis do islã. Sabiam que os ingleses eram cristãos, sendo, igualmente, seus aliados. Naquelas circunstâncias, a religião não lhes poderia servir de grande auxílio, e portanto

colocaram-na de lado. “Os cristãos lutam contra os cristãos, e, à vista disto, por que motivo não podem os maometanos fazer o mesmo? O que desejamos é um governo que fale o nosso idioma árabe e que nos deixe viver em paz. Além disso, odiamos aqueles turcos.”

CAPÍTULO 15

Na manhã seguinte levantei-me cedo, dirigindo-me para a posição das tropas de Feisal, do lado de Kheif, sozinho, a fim de sentir o pulso das suas opiniões em poucos momentos por meio de artimanhas idênticas às aplicadas aos seus chefes na noite anterior. O tempo era a essência do meu esforço, pois se tornava indispensável receber em dez dias impressões que em geral seriam fruto de semanas de observação, à minha maneira de caranguejo, deslizando sempre de lado. Normalmente eu marcharia para a frente, durante o dia todo, colhendo dados imediatos, mas conservando-me cego a todos os pormenores e apenas cônscio de que as coisas eram vermelhas, ou cinzentas, ou claras, ao meu redor. Desta feita, porém, meus olhos deveriam permanecer em íntima conexão com o meu cérebro para poderem notar uma ou outra coisa com mais nitidez, por efeito do contraste com o enevoamento anterior. As coisas resumiam-se quase sempre em formas: rochas e árvores, ou corpo de homens em repouso ou em movimento; não em coisas pequenas, como flores, nem em qualidades, como cores.

Contudo, ali havia a necessidade de um observador vivaz. Naquela guerra monótona, a menor novidade constituía motivo de alegria para todos, e o maior júbilo de McMahon estava em explorar a imaginação latente do estado-maior. Eu acreditava no movimento árabe e sentia-me confiante, muito antes de visitar-lhes as linhas, na idéia de se reduzirem os turcos a pedaços; outros, porém, no Egito, não tinham fé, e não haviam recebido nenhuma notícia útil a respeito dos árabes em campanha. Tomando nota de algo do espírito daqueles românticos, nas montanhas ao redor das Cidades Santas, eu poderia conquistar a simpatia do Cairo para com as futuras medidas necessárias para os auxiliar.

As tropas receberam-me alegremente. Por baixo de todo grande rochedo ou moita, os homens estendiam-se como preguiçosos escorpiões, descansando do calor e refrescando os corpos morenos com os frescores matutinos das pedras ensombradas. Em virtude do meu uniforme cáqui, tomavam-me por oficial

treinado entre os turcos e que houvesse desertado, e mostravam-se pródigos de sugestões bem-humoradas, embora horríveis, a respeito de como os turcos me tratariam se eu de novo caísse em suas mãos. Muitos dos homens que eu via eram moços, embora a expressão "guerreiro", no Hedjaz, significasse qualquer pessoa, entre doze e sessenta anos, suficientemente sadia para deflagrar tiros. Trata-se de uma multidão coriácea, de matiz escuro, contendo alguns elementos negróides. Todos os indivíduos se apresentavam fisicamente delgados, mas muito bem formados, movendo-se com elasticidade oleosa, em geral agradável de ser contemplada. Não parecia possível que homens pudessem ser mais arrojados, ou mais resistentes. Podiam viajar no dorso de um camelo por imensas distâncias, durante dias e dias consecutivos; correr sobre areia ou sobre rochedos, sempre descalços, em plena canícula, durante horas a fio, sem manifestar sofrimento algum; e escalar as colinas como cabritos. Suas roupas se compunham principalmente de uma camisa ampla, às vezes conjugada com calças curtas de algodão, e de turbantes, geralmente de tecido vermelho, que serviam igualmente de toalha, de lenço e de saco, segundo as exigências do momento. Sobrecarregavam-se de cartucheiras e disparavam tiros festivos sempre que podiam.

Manifestavam-se asselvajadamente animados, clamando que a guerra deveria durar dez anos. Aquele era o tempo de maior abundância que as montanhas jamais houvessem visto. O xerife alimentava não somente os guerreiros, mas também as respectivas famílias, pagando duas libras por mês por um homem e quatro por um camelo. Nada, além disso, produziria o milagre de manter o exército de tribos em campanha durante sequer cinco meses. Costumávamos escarnecer do amor que os soldados orientais manifestavam pelo soldo; mas a campanha do Hedjaz constituía um excelente exemplo da estreiteza desse argumento. Os turcos ofereciam grandes recompensas, mas só obtinham pequenos serviços — e nenhuma ação ativa. Os árabes recebiam o dinheiro, e só davam, em troca, provas de gratidão; não obstante, essas mesmas tribos poderiam estar em contato com Feisal, e este recebia serviços em troca dos seus pagamentos. Os turcos abriam a garganta dos seus prisioneiros com facas, como se o fizessem a carneiros de corte. Feisal oferecia a recompensa de uma libra por cabeça de prisioneiro, e muitos foram conduzidos à sua presença incólumes. Pagava também por mulas ou fuzis capturados.

Os contingentes efetivos mudavam a toda hora, em obediência à lei do sangue. Uma família possuía um fuzil, e os filhos serviam, por turnos, poucos dias seguidos cada um. Os casados alternavam-se entre o campo de batalha e a

esposa e, por vezes, todo um clã se mostrava fatigado, e passava para o repouso. Conseqüentemente, os homens pagos eram em maior número do que os mobilizados; e o tato político freqüentemente mandava dar, como ordenado aos grandes xeques, grandes somas que não significavam mais do que subornos corteses para que se mantivessem amistosos. Os oito mil homens de Feisal eram cameleiros na razão de um por dez; o resto se constituía de montanheses. Serviam unicamente sob ordens dos xeques de suas tribos e perto das regiões nativas, ocupando-se com a própria alimentação e o próprio transporte. Oficialmente, cada xeque tinha mil homens. Os xerifes atuavam como chefes de grupos, em virtude da sua posição privilegiada que os colocava acima dos ciúmes e das rivalidades que minavam os membros de tribo.

As dívidas de sangue consideravam-se nominalmente pagas e realmente suspensas na área dos xerifes: Billis e Juheinas, Ateibas e Ageyls viviam e guerreavam lado a lado no exército de Feisal. Da mesma forma, os membros de uma tribo se mantinham reservados em relação aos de outra, e, no seio de cada tribo, nenhum homem confiava inteiramente no vizinho. Cada qual poderia sentir-se, como de fato se sentia, cordialmente impelido contra o turco, mas talvez esse ímpeto não chegasse ao ponto de impedir que as rusgas entre famílias continuassem a se manifestar no campo de batalha. Conseqüentemente, não poderiam atacar. Uma companhia de turcos, firmemente entrincheirada em campo aberto, seria capaz de desafiar um exército inteiro de árabes; e uma derrota, com as perdas de homens, daria por finda a guerra, em virtude do mais profundo horror.

Concluí que os membros de tribo só serviam para a defesa. A agressividade impiedosa tornava-se excelente em saques; estimulava-os a fazer saltar trilhos de estrada de ferro, a saquear caravanas e a roubar camelos; mas eram todos de mente excessivamente livre, não podendo suportar comando, nem conseguindo guerrear em pelotões. O homem que pudesse lutar otimamente, por sua conta, daria, em regra, um péssimo soldado, e semelhantes campeões não me pareceram material para a nossa prova; mas se os reforçássemos, fornecendo-lhes armas automáticas leves, tipo Lewis, destinadas a serem manobradas por eles próprios, poderiam manter as suas posições nas montanhas, servindo de escudo eficiente por trás do qual poríamos em pé de guerra, talvez em Rabegh, uma coluna árabe móvel, regular, capaz de enfrentar as forças turcas (dispersas por meio de séries de guerrilhas) e de as derrotar por partes. Para semelhante corpo de verdadeiros soldados, nenhum recruta deveria ser enviado do Hedjaz. A coluna precisava ser formada de homens pesadões, de aspecto não-guerreiro, vindos das cidades da

Síria e da Mesopotâmia que já se encontravam em nossas mãos; seria comandada por oficiais de idioma árabe, treinados no exército turco — homens de tipo e história idênticos aos de Aziz el Masri, ou Maulud. Poderia esse corpo, no futuro, pôr termo à guerra num golpe único, enquanto os homens de tribo guerrilhariam ao acaso, embaraçando e ludibriando os turcos por meio de incursões alfinetantes.

A guerra do Hedjaz, entrementes, seria uma guerra de dervixes contra forças regulares. Era a luta de uma região rochosa, montanhosa e estéril (reforçada por hordas selvagens de montanheses) contra um inimigo tão enriquecido em equipamento pelos alemães, ao ponto de quase perder toda a virtude na sustentação de uma guerra sem ordem. As colinas eram um paraíso para as tocaias; os árabes sempre foram artistas em ciladas. Duzentos ou trezentos homens decididos, conhecendo uma cadeia de montes, sustentariam qualquer posição, porque as encostas eram excessivamente íngremes para serem escaladas. Os vales, únicos caminhos viáveis, não eram exatamente vales, e sim abismos e gargantas, através de quilômetros, com uma largura que às vezes atingia, a duzentos metros, mas que, outras vezes, não passava de vinte; além disso, apresentavam-se cheios de sinuosidades, curvas e corcovas, cujas ladeiras iam a trezentos e até a mil e duzentos metros de profundidade; e em geral eram desprovidos de pontos cobertos, sendo marginados, de ambos os lados, por enormes paredões de granito, de basalto e de pórfiro; mas não se tratava de encostas polidas, e sim de elevações serrilhadas e repletas de arestas, empilhadas umas sobre outras, em centenas de montes desencontrados de fragmentos duros como metal e quase que igualmente cortantes.

Aos meus olhos desacostumados, parecia impossível que, sem traições da parte das tribos das montanhas, os turcos conseguissem abrir caminho por ali. Mesmo com os traidores por aliados, seria perigoso atravessar as colinas. O inimigo nunca estaria certo de que a volúvel população não se voltasse contra ele; e de mais a mais, ter semelhante labirinto de desfiladeiros por trás, em meio às linhas de comunicação, seria muito pior do que tê-lo pela frente. Sem a amizade das tribos, os turcos poderiam sustentar apenas o chão em que os seus soldados se achavam; e linhas tão longas e tão complexas derrubariam milhares de homens numa quinzena, não deixando sequer um na frente de combate.

A única particularidade desagradável e inquietante era o verdadeiro êxito dos turcos na tentativa de amedrontar os árabes por meio da artilharia. Aziz el Masri havia encontrado, na guerra turco-italiana de Trípoli, o mesmo terror, mas também observava que o espanto se dissipava com o tempo. Podíamos esperar

que idêntico fenômeno se desse aqui; contudo, para o momento, o troar de um canhão disparado fazia com que todos os homens que o ouvissem corressem para se esconder em abrigos. Acreditavam que o poder de destruição de tais armas fosse proporcional ao barulho que produziam. Não se amedrontavam por causa das balas, e não tinham medo de morrer; o que havia era que, para eles, morrer por meio de granada era insuportável. Pareceu-me que a confiança moral só poderia ser restaurada pela posse de canhões, úteis ou inúteis, mas barulhentos, do seu lado. Desde o magnífico Feisal, até o mais esfarrapado homem daquele exército, o tema não mudava: artilharia, artilharia, artilharia.

Quando lhes disse do desembarque de canhões de cinco polegadas em Rabegh, sentiram-se jubilosos. Tais notícias quase compensaram, na mente daqueles soldados, a decepção da última retirada para o Wadi Safra. Os canhões não lhes serviriam para coisa alguma; na realidade, pareceu-me até que só poderiam causar mal aos próprios árabes, porque a virtude destes residia na mobilidade e na inteligência; dando-lhes canhões, embaraçávamos os seus movimentos e reduzíamos a sua eficiência. Entretanto, se não lhes déssemos canhões, abandonariam as montanhas.

Junto dos guerreiros, a grandeza da revolta me impressionou. A bem povoada província, que ia de Um Lejj a Kinfida, de mais de 15 noites de marcha em lombo de camelo, mudara subitamente de caráter: os ataques dos salteadores ocasionais e nômades transformaram-se em verdadeira irrupção contra a Turquia; a região toda a guerreava, naturalmente não à nossa maneira, mas de forma suficientemente galharda, a despeito da religião que estava para erguer o Oriente contra nós, em guerra santa. Além de tudo o que pudesse ser calculado em número, havíamos deflagrado uma verdadeira paixão de sentimento antiturco, paixão que, amargada como fora por várias gerações de jugo, dificilmente poderia morrer. Havia, entre as tribos, na zona de guerra, um entusiasmo nervoso, comum, ao que suponho, a todos os levantes nacionais, mas estranhamente inquietante para qualquer pessoa vinda, como eu, de um país liberto há tão longo tempo que a liberdade nacional se tornara como água para a boca: sem sabor.

Mais tarde, encontrei-me de novo com Feisal e prometi-lhe fazer o que estivesse ao meu alcance. Meus chefes estabeleceriam uma base em Yenbo, onde os armazéns e os suprimentos de que ele necessitasse seriam desembarcados, para seu uso exclusivo. Procuraríamos, também, arranjar-lhe oficiais não-voluntários, tirados do seio dos prisioneiros de guerra capturados na Mesopotâmia ou no Canal. Formaríamos guarnições de artilheiros e de metralheiros, com oficiais e

homens do exército regular, que se achavam em campo de internamento, e equipa-los-íamos com os canhões de montanha e com as metralhadoras leves que fossem encontráveis no Egito. Por fim, eu aconselharia que oficiais do exército britânico, profissionais, fossem enviados para ali, a fim de atuarem como conselheiros e como oficiais de ligação com eles, no campo.

Desta vez, a nossa conversação foi a mais agradável possível, terminando pelos calorosos agradecimentos da parte de Feisal e pelo convite para que eu regressasse tão cedo quanto me fosse possível. Expliquei-lhe que os meus deveres no Cairo excluíam o trabalho nos campos de batalha, mas que talvez os meus chefes me permitissem visitá-lo outra vez, quando as suas necessidades do momento estivessem satisfeitas e quando o seu movimento revolucionário evoluísse de maneira feliz. Entrementes, solicitei-lhe facilidades para dirigir-me a Yenbo, e dali ao Egito, a fim de poder pôr as coisas em termos, imediatamente. Ele, sem perda de tempo, designou-me uma escolta de quatorze xerifes dos Juheinas, todos parentes de Mohamed Ali ibn Beidawi, emir dos Juheinas. Foram incumbidos de me entregar intacto, em Yenbo, ao xeque Abd el Kader el Abdu, seu governador.

CAPÍTULO 16

Deixando Hamra assim que as trevas caíram, regressamos pelo Wadi Safra até o rio oposto, Kharma, onde viramos para a direita, subindo o vale lateral. O vale estava coalhado de sarças duras, em meio às quais guiamos estrenuamente os nossos camelos, depois de desenrolar as pontas dos alforjes, a fim de evitar que os animais fossem picados pelos espinhos. Cerca de três quilômetros adiante, começamos a subir pela estreita passagem do Dhifran, que, mesmo durante a noite, oferecia provas do trabalho realizado ao longo da rota. O chão havia sido artificialmente aplainado e as pedras amontoadas de cada lado, de maneira a formarem espessos paredões de proteção contra a invasão das águas no tempo das chuvas. Algumas partes se apresentavam niveladas e se estendiam, por vezes, sobre caminhos elevados semelhantes, da altura de dois metros ou dois e meio, e compostos de blocos de pedra não lavrada; mas a pista havia sido fendida pelas torrentes em todas as curvas, encontrando-se em ruína desoladora.

A subida alongou-se, talvez, por um quilômetro e meio; e a forte descida, do outro lado, tinha mais ou menos o mesmo percurso. Daí passamos para o plano, encontrando-nos numa região de regos, toda sulcada por uma intrincada rede de vádis, cuja corrente principal se situava aparentemente a sudoeste. A pista era boa para os camelos. Marchamos durante cerca de 11 quilômetros no escuro, chegando a um poço: Bir el Murra, no leito de um vale, ao pé de uma escarpa baixa em cujo cimo as muralhas quadradas de um pequeno forte de silhar se ostentavam contra o céu estrelado. Sem dúvida, tanto o pequeno forte como o planalto haviam sido construídos por um mameluco egípcio para a passagem das suas caravanas de peregrinos vindos do Yenbo.

Paramos ali, para o pernoite; dormimos durante seis horas, luxo estupendo na estrada, embora o repouso tenha sido interrompido duas vezes por gritos de grupos montados, apenas vislumbrados, que encontraram o nosso bivaque. Depois disso, erramos por entre sulcos de irrigação ainda menores, até que a

madrugada nos mostrou suaves vales de areia com esquisitas montanhas de lava ao redor. A lava, ali, não era petrificada e azul-negra como nos campos ao redor de Rabegh: tinha cor de ferrugem, apresentava-se amontoada em enormes blocos de superfície escorregadia, encurvados e retorcidos na sua textura, como se alguém com eles houvesse brincado caprichosamente quando a matéria vulcânica ainda se encontrava quente. A areia, a princípio semelhante a um tapete ao redor da base de dolerite, ganhava gradualmente espessura sobre a mesma. As colinas iam se tornando mais baixas, por causa dos bancos arenosos que se haviam arremessado contra elas, em grandes torrentes, de tal forma que até as cristas se achavam pontilhadas de areia, e, por fim, desapareciam de vista. Assim, quando o sol subiu e se tornou penosamente ardente, encaminhamo-nos para uma região de dunas, que rolavam para o sul através de vários quilômetros, colina abaixo, até ao mar enevoado, onde este se mostrava como um lençol azul esverdeado, na ilusória distância do calor.

As dunas eram estreitas. Lá pelas sete e meia, encontrávamo-nos numa planície de areia vítrea, misturada a cascalho, semeada de arbustos ressecados e espinhosos e de algumas belas árvores de acácia. Marchamos rapidamente através dela; eu me sentia pouco confortável, pois não era hábil cameleiro: o movimento do animal fatigava-me em extremo; o suor escorria da minha fronte gotejando sobre as pálpebras já ressecadas pelo sol. O suor era realmente bem-vindo, quando uma gota dele caía da ponta de uma mecha de cabelos para atingir a face, fria, súbita e inesperada, como um borrifo; mas estes refrigérios vinham de raro em raro, e não compensavam o sofrimento imposto pelo calor. Apressávamos a marcha dos camelos, à medida que a areia ia cedendo lugar ao cascalho; mais adiante, o piso voltou a ser de areia, formando o leito endurecido do grande vale, que corria por bocas entrelaçadas e pouco profundas em direção ao mar.

Atravessamos uma lombada, e descortinamos de um lado, bem longe, um vasto horizonte aberto e desimpedido; era o delta do Wadi Yenbo, o mais amplo vale do norte do Hedjaz. Parecia um bosque vívido de tamargueiras e de espinheiros. À direita, alguns quilômetros acima, viam-se os bosques escuros de palmeiras de Nakhl Mubarack, uma aldeia e os jardins de Beni Ibrahim Juheina. Na distância, bem à nossa frente, ficava o maciço do Djebel Rudhwa, torreando por cima do Yenbo, embora se encontrasse a mais de trinta quilômetros ao longe. Já o havíamos visto de Masturah, pois era uma das grandes montanhas do Hedjaz, e a mais maravilhosa ao mesmo tempo, porque se erguia em um só cabeço desde a base do Tehama até a crista. Meus companheiros sentiam-se como que em casa, sob a sua proteção; assim, uma vez que a planície agora

dançava aos nossos olhos, em virtude do calor insuportável, acolhemo-nos à sombra dos ramos de uma acácia copada, à margem da vereda, e ali dormimos até o meio-dia.

À tarde demos água aos camelos, num poço pequeno e salobre, cavado no leito de areia de um braço de água, à frente de um bosque de tamargueiras, e depois seguimos em uma marcha que durou duas horas bem mais felizes. Por fim, paramos para o pernoite numa região típica do Tehama, toda de areia fina e movediça e de cascalhos, com vales pouco profundos.

Os xerifes acenderam fogo com madeiras aromáticas, a fim de assar pão e ferver água para o café; e dormimos docemente, com a brisa salgada e fria do mar a acariciar o nosso rosto queimado. Acordamos e pusemo-nos de pé às duas da madrugada; no dorso dos nossos camelos, corremos por uma planície sem característica alguma, toda de cascalho duro e de areia molhada, até o Yenbo, que ficava lá em cima, com seus muros e suas torres, num recife de coral, a seis metros sobre o nosso nível. Conduziram-me através de portais por ruas vazias e maltratadas — Yenbo passara a ser como uma cidade dos mortos desde que se inaugurara a estrada de ferro do Hedjaz — até a casa de Abd el Kader, agente de Feisal, homem bem-informado, eficiente, tranqüilo e cheio de dignidade, com quem tivéramos correspondência quando ele era administrador postal em Meca e quando o Serviço de Vigilância no Egito fazia selos para o novo Estado. Acabara de ser transferido para ali.

Com Abd el Kader, na sua pitoresca residência que dava para uma praça deserta, de onde tantas caravanas haviam partido para Medina, demorei-me quatro dias, à espera do navio, que parecia dever falhar ao encontro marcado comigo. Entretanto, o *Suva* por fim apareceu, com o capitão Boyle, que me levou de regresso a Jidá. Foi aquele o meu primeiro encontro com Boyle. Este havia feito muito, no começo da revolta, e estava para fazer mais ainda, no futuro: mas não pude produzir boa impressão no seu espírito. Encontrava-me com roupas deslavadas, e não levava bagagens comigo. Pior ainda — eu trazia um turbante dos nativos, usado a título de homenagem para com os árabes. Boyle não gostou.

A nossa persistência no uso do chapéu (devida à incompreensão de como castigava o sol) havia levado o Oriente a ver algum significado nela, e, depois de longa meditação, os cérebros mais sábios da raça concluíram que os cristãos usavam uma coisa odiosa, para que as suas amplas abas pudessem interpor-se entre os fracos olhos e uma incompatível visão de Deus. Assim, o chapéu recordava continuamente, ao islã, que Deus era mistificado e desagradado pelos cristãos. Os britânicos consideravam repreensível semelhante preconceito

(perfeitamente diversos do nosso ódio ao turbante) e, portanto, merecedor de ser corrigido a qualquer preço. Se o povo árabe não nos quisesse de chapéu, não nos teria de maneira alguma. Ora, acontecia que eu havia sido educado na Síria antes da guerra, de maneira que tinha usado a roupa árabe, quando necessário, sem nenhuma sensação de estranheza, nem de humilhação social. Os saiões de linho eram incômodos quando se subiam escadas, mas o turbante se me afigurava até conveniente naquele clima. Por isso, eu o aceitara quando me pusera em marcha para o interior, e devia, agora, apegar-me a ele, mesmo sob a vergastada da desaprovação naval, até que alguma loja, em terra firme, me vendesse um chapéu.

Em Jidá, encontrava-se o *Euryalus*, com o almirante Wemyss, a caminho de Porto Sudão, porque *Sir* Rosslyn deveria visitar *Sir* Reginald Wingate, em Khartum. *Sir* Reginald, como sirdar do exército egípcio, fora investido do comando da parte militar inglesa da aventura árabe no lugar de *Sir* Henry McMahon, que continuava a dirigir a política do caso; e eu tinha necessidade de o ver, a fim de lhe comunicar as minhas impressões. Pedi, pois, ao almirante, passagem para o outro lado do mar, bem como lugar no seu trem para Khartum. Isto logo me foi assegurado, depois de ele me haver interrogado por longo tempo.

Percebi que sua mente ativa e sua larga inteligência manifestavam interesse para com a revolta árabe, desde o início. Estivera por ali, várias vezes seguidas, sempre no seu navio-capitânia, para prestar auxílio quando as coisas se tornavam críticas, e saíra da sua rota vinte vezes para oferecer concurso em terra firme, o que era, mais propriamente, assunto do exército. Dera aos árabes canhões, metralhadoras, forças de desembarque e auxílio técnico, tudo com ilimitada cooperação naval e de transportes, sempre recebendo os pedidos com real prazer, e executando-os em medida francamente generosa.

Não fossem a boa vontade do almirante Wemyss, a sua presciência e a maneira admirável com que o capitão Boyle executava as suas vontades, o ciúme de *Sir* Archibald Murray teria feito fracassar a rebelião do xerife logo no início. *Sir* Rosslyn Wemyss atuara como um Deus-Pai, até que os árabes se puseram de pé; depois, foi para Londres; e Allenby, recém-vindo do Egito, achara que os árabes eram um apreciável fator na sua frente de combate, pondo energia e recursos do exército à sua disposição. Isto foi oportuno, representando uma feliz reviravolta; o sucessor do almirante Wemyss, no comando naval do Egito, não era considerado apoio importante pelos outros comandantes, embora aparentemente não os tratasse de maneira pior do que a dispensada aos seus próprios subordinados. Naturalmente, não podia ser fácil suceder a Wemyss.

Em Porto Sudão, vimos dois oficiais do exército britânico do Egito esperando embarcar para Rabegh. Haviam sido incumbidos de comandar as forças egípcias do Hedjaz, e de fazer o possível em auxílio de Aziz el Masri na organização da força regular árabe, que deveria pôr termo à guerra, partindo de Rabegh. Este foi o meu primeiro encontro com Joyce e Davenport, os dois ingleses aos quais a causa árabe devia a maior parte da sua dívida externa de gratidão. Joyce trabalhou longo tempo a meu lado. Dos êxitos de Davenport, no sul, tivemos notícias por meio de constantes relatórios.

Khartum parecia fria, depois da Arábia, e enervou-me ter de mostrar a *Sir* Reginald Wingate os meus longos relatórios escritos naqueles dias de espera, em Yenbo. Frisei que a situação parecia cheia de promessas. A principal necessidade era de assistência hábil; e a campanha continuaria prosperamente se alguns oficiais regulares britânicos, profissionalmente competentes e sabendo falar árabe, fossem adidos aos chefes nativos, na qualidade de conselheiros técnicos, a fim de nos manter no devido contato.

Wingate pareceu satisfeito por ouvir coisas esperançosas. A revolta árabe tinha sido o seu sonho de muitos anos. Enquanto eu me encontrava em Khartum, o acaso lhe deu força para desempenhar, nela, o papel principal; porque as manobras contra *Sir* Henry McMahon chegaram a termo, foram felizes, e acabaram provocando a sua chamada a Londres. *Sir* Reginald Wingate recebeu ordens de ir para o Egito, no seu lugar. Depois de dois ou três dias bem confortáveis, em Khartum, repousando e lendo a *Morte d'Arthur*, no hospitaleiro palácio, tomei o caminho do Cairo, acreditando que a pessoa responsável já estava de posse de todas as minhas informações. A excursão pelo Nilo foi como um período de férias.

O Egito encontrava-se, como de costume, na angústia de mais um problema de Rabegh. Alguns aeroplanos haviam sido enviados para ali; e discutia-se sobre se se devia ou não remeter uma brigada de tropas depois disso. O chefe da Missão Militar Francesa, em Jidá, coronel Brémond (contrapartida de Wilson, mas com mais autoridade, pois se tratava de um perito em assuntos de guerras nativas, inteiramente coroado de êxito na África Francesa, e ex-chefe de estado-maior de um exército no Somme) insistiu encarecidamente no desembarque de forças aliadas no Hedjaz. A fim de nos tentar, levara para Suez algumas peças de artilharia, várias metralhadoras, corpos de cavalaria e de infantaria e todo o elenco argelino-muçulmano, com oficiais franceses. Isto, acrescido às tropas britânicas, daria à força uma qualidade internacional.

A plausível apreciação de Brémond, a respeito do perigo oferecido pelo estado de coisas na Arábia, convenceu *Sir* Reginald. Wingate era general britânico, comandante de uma força expedicionária oficial — a Força do Hedjaz — que, na realidade, compreendia uns poucos oficiais de ligação e um punhado de tropas de reserva e de instrutores. Se Brémond conseguisse o que visava, poderia ser comandante de genuína brigada de tropas mistas, inglesas e francesas, com todo o seu agradável mecanismo de responsabilidades e de despachos, bem como com a sua perspectiva de incremento e de reconhecimento oficial. Conseqüentemente, redigiu um telegrama atencioso, que tendia um pouco à interferência direta.

Visto como minha sondagem dos sentimentos árabes, na região de Harb, me havia dado opinião segura a respeito da questão de Rabegh (com efeito, a maior parte das minhas opiniões era segura) enviei, ao general Clayton, a cujo departamento árabe eu fora formalmente transferido, um veemente memorando sobre o assunto. Clayton recebeu bem o meu parecer, segundo o qual as tribos poderiam defender Rabegh durante muitos meses, se lhes oferecessem conselhos técnicos e canhões, mas se dispersariam de novo, sem dúvida, voltando para as suas tendas, assim que recebessem notícias do desembarque de forças estrangeiras. Além disso, acatou o meu ponto de vista, de acordo com o qual os planos de intervenção eram tecnicamente ineptos, pois uma brigada seria certamente incapaz de defender a posição, de impedir o fornecimento de água das redondezas aos turcos e de barrar o caminho destes na direção de Meca. Acusei o coronel Brémond de ter motivos pessoais, não-militares, que não consideravam os interesses árabes nem correspondiam à importância da revolta para nós; citei suas palavras e seus atos no Hedjaz como prova contra ele próprio. Isto deu cor plausível à minha acusação.

Clayton apresentou o memorando a *Sir* Archibald Murray, que, gostando da sua acidez e da sua força de expressão, telegrafou imediatamente o documento, na íntegra, a Londres, como prova de que os peritos árabes, que pediam o sacrifício de valorosas tropas suas, se encontravam divididos quanto à sabedoria e quanto à honestidade, dentro do próprio acampamento. Londres pediu explicações; e a atmosfera lentamente se esclareceu, embora, em forma menos aguda, a questão de Rabegh desse pano para mangas durante dois meses mais.

Minha popularidade no seio do estado-maior do Egito, em virtude do repentino auxílio por mim dado aos preconceitos de *Sir* Archibald, era coisa nova, bastante divertida. Os outros membros começaram a ser atenciosos para comigo, e a dizer que eu era prestimoso, dotado de estilo pungente e de forte

caráter. Acentuavam que fora de bom aviso poupar-me, para que eu trabalhasse depois em prol da causa árabe na hora das dificuldades. Fui chamado pelo comandante-em-chefe, mas a meio caminho, quando para ele me dirigia, fui interceptado por um ajudante, que me esperava todo agitado e que me conduziu, primeiro, à presença do chefe de estado-maior, general Lynden Bell. A tal ponto deixara ele de cumprir o seu dever, no sentido de amparar *Sir* Archibald nos seus caprichos, que os circunstantes, em geral, confundiam a ambos numa única inimizade. Por isso, senti-me atônito quando, assim que entrei, ele se pôs de pé, pulou para a frente e me agarrou pelo ombro, silvando: "Agora, não vá amedrontá-lo; não se esqueça do que lhe digo."

Meu rosto, com toda probabilidade, manifestou surpresa, porque o seu único olho se tornou brando e ele mandou que me sentasse; falou-me comovidamente de Oxford, dizendo-me das suas notas nas aulas, bem como do interesse oferecido pelo meu relatório sobre a vida que se vivia nas fileiras de Feisal; referiu-se à sua esperança de que eu pudesse regressar, a fim de levar a termo o que eu havia tão bem começado, e misturou estas amabilidades com observações a respeito do nervosismo do comandante-em-chefe, e a propósito dos aborrecimentos que o mesmo tivera com todas as coisas; frisou a necessidade que havia, para mim, de apresentar ao comandante-em-chefe um quadro tranqüilizador do assunto, embora não fosse indispensável pintar as cenas de cor-de-rosa, pois estas não podiam proporcionar digressões em qualquer sentido.

Diverti-me imensamente, em meu íntimo, e prometi ser bondoso; mas observei que o meu objetivo era garantir suprimentos extras, armas e oficiais para as necessidades dos árabes, e que, para este fim, tornava-se indispensável revelar profundo interesse, provocando, se necessário (pois eu não me importaria com coisa nenhuma, no cumprimento do meu dever), a própria irritação do comandante-em-chefe; a esta altura, o general Lynden me apartou, dizendo que os fornecimentos se encontravam a seu cargo, e que, nisto, ele agia sem necessidade de complicações burocráticas, com plena independência; disse pensar que podia imediatamente admitir a sua nova resolução de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance, a nosso favor.

Acreditei que ele manteria a palavra e que se mostraria mais liberal para conosco, dali por diante. Fui muito lisonjeiro para com o seu chefe.

LIVRO II

DESENCADEANDO A OFENSIVA ÁRABE

CAPÍTULOS 17 A 27

Meus chefes ficaram assombrados, perante novas tão favoráveis, mas prometeram auxílio, e, entrementes, tornaram a enviar-me, bem contra a minha vontade, para a Arábia. Cheguei ao acampamento de Feisal no dia em que os turcos venceram a defesa de Djebel Subh. Por terem eles feito isto, toda a base da minha confiança numa guerra de tribos se desfez.

Conversamos à toa, por algum tempo, em Yenbo, esperando recuperar a posição; mas os homens de tribo mostraram ser inúteis para assaltos, e percebemos que, se a revolta tivesse de persistir, seria preciso criar um novo plano de campanha, sem perda de tempo.

Era muito arriscado, pois os prometidos peritos militares britânicos ainda não haviam chegado. Não obstante, resolveu-se que, para se retomar a iniciativa, deveríamos ignorar a existência do principal corpo inimigo, procedendo à concentração dos homens bem ao longe do seu flanco ferroviário. O primeiro passo para isto seria mudar a nossa base para Wejh; e o fizemos de maneira eficiente.

CAPÍTULO 17

Dias mais tarde, Clayton aconselhou-me a regressar à Arabia, para junto de Feisal. Sendo isto muito contra os meus desejos, salientei a minha completa inadequabilidade para a missão: disse-lhe que odiava a responsabilidade — que, obviamente, a posição de conselheiro consciencioso deveria ser de responsabilidade — e que, em toda a minha vida, os objetos me haviam sido mais agradáveis do que as pessoas, e as idéias mais do que os objetos. Assim, a tarefa de obter êxito com homens, de os dispor a qualquer finalidade, seria duplamente árdua para mim. Eles não eram o meu instrumento: eu não tinha prática naquela técnica. Eu era o oposto do soldado: odiava a soldadesca. Sem dúvida, tinha lido os livros costumeiros (livros em demasia), Clausewitz e Jomini, Mahan e Foch; tinha trabalhado nas campanhas de Napoleão, desempenhado missões na tática de Aníbal, bem como nas guerras de Belisário, como qualquer outro homem, em Oxford; mas nunca me havia pensado nem concebido na pele de um verdadeiro comandante, obrigado a levar avante uma campanha própria.

Por último, recordei a Clayton, de maneira bem enfática, que o Sirdar telegrafara a Londres pedindo certos oficiais regulares e competentes para dirigirem a guerra árabe. A resposta foi a de que muitos meses se passariam; enquanto isso, Feisal deveria ser ligado a nós e as suas necessidades imediatamente comunicadas ao Egito. Assim, eu tinha de ir; deixando a outrem o Boletim Árabe que fundara, os mapas que desejava desenhar, a pasta da correspondência de guerra do exército turco e todas as fascinantes atividades em que os meus conhecimentos me auxiliavam — e assumindo um papel para o qual não tinha inclinação alguma. Como a nossa revolta teve êxito, os observadores louvaram a sua liderança: — mas, nos bastidores, encontravam-se todos os vícios de um controle de amador, de conselhos experimentais, de fragmentações, de caprichos.

A minha viagem foi para Yenbo, agora base especial do exército de Feisal, onde Garland sozinho estava ensinando aos homens do xerife a maneira de se fazerem saltar trilhos de estrada de ferro com dinamite e de se manterem os armazéns militares em ordem sistemática. A primeira dessas atividades era a melhor. Garland era pesquisador de física, tendo anos e anos de prática em matéria de explosivos. Tinha dispositivos seus, particulares, para minar trens, derrubar postes telegráficos e cortar metais; seus conhecimentos da língua árabe e o seu desvencilhamento das teorias do comum mestre-escola o habilitavam a ensinar a arte da demolição a beduínos iletrados, de maneira rápida e infalível. Os alunos admiravam o homem que nunca perdia.

Incidentalmente, ele fez com que eu me tornasse familiarizado com os altos explosivos. Os sapadores lidavam com a mina, como se esta fosse um sacramento, mas Garland podia meter mancheias de detonatores no bolso, com um rolo de pavio, fósforos e espoletas e saltar alegremente para o dorso do seu camelo, a fim de viajar uma semana inteira para a estrada de ferro do Hedjaz. Sua saúde era fraca e o clima tornava-o normalmente enfermo. O coração débil o molestava depois de qualquer esforço considerável, ou de qualquer crise; mas ele também lidava com estes incômodos tão livremente como o fazia com os detonadores; persistiu até descarrilar o primeiro trem e destruir o primeiro túnel na Arábia. Logo depois, faleceu.

As coisas no Hedjaz haviam sofrido uma apreciável alteração durante os meses transcorridos. Executando o seu antigo plano, Feisal transladara-se para o Wadi Yenbo, e procurava pôr a salvo a retaguarda, antes de ir avante, a fim de atacar a estrada de ferro em grande estilo. Com o intuito de o livrar do fardo das tribos Harb, seu meio-irmão, Zeid, se encontrava em viagem de Rabegh para o Wadi Safra, como subordinado nominal do xerife Ali. As tribos Harb de vanguarda estavam agindo eficientemente na interrupção das comunicações turcas entre Medina e Bir Abbas. Enviavam a Feisal, quase todos os dias, pequenas tropas de camelos capturados, fuzis tomados depois de breve combate, prisioneiros, ou, ainda, desertores.

Rabegh, sacudida pelo primeiro aparecimento de aeroplanos turcos, a 7 de novembro, tranqüilizara-se em virtude da chegada de uma esquadrilha de quatro aeroplanos britânicos, máquinas B. E., ao comando do major Ross, que falava árabe de maneira tão consumada e era chefe tão esplêndido que não poderia haver duas opiniões quanto à sábia orientação do seu auxílio. Mais canhões foram chegando, de semana a semana, até que contamos vinte e três, na maior parte obsoletos e de quatorze modelos diferentes. Ali tinha uma infantaria árabe

de cerca de três mil homens; destes, dois mil eram soldados de linha, trajando cáqui, sob o comando de Aziz el Masri. Com eles, encontravam-se novecentos elementos de corpos cameleiros, e trezentos homens de forças egípcias. Artilheiros franceses haviam sido prometidos.

O xerife Abdulla havia, finalmente, deixado Meca, a 12 de novembro. Uma quinzena depois, encontrava-se onde de fato lhe incumbia estar, ao sul, a leste e a nordeste de Medina, pronto para cortar os fornecimentos a essas regiões, vindos de Kasim e de Kuait. Abdulla tinha cerca de quatro mil homens consigo, mas apenas três metralhadoras e dez canhões de montanha ineficientes, tomados ao inimigo em Taif e em Meca. Em conseqüência, não se encontrava bastante forte para desenvolver o plano de ataque combinado contra Medina, com Ali e Feisal. Só poderia assediá-la, e, para este fim, situou-se pessoalmente em Henakiya, localidade desértica, a 120 quilômetros a nordeste de Medina, onde ficava demasiadamente isolado para ser de fato útil.

O assunto dos depósitos, na base de Yenbo, havia sido liquidado. Garland havia deixado o controle e a continuação da obra a Abd el Kader, delegado de Feisal, homem sistemático e rápido. Sua eficiência era um grande conforto para nós, pois que nos permitia manter a atenção voltada para coisas mais importantes e mais ativas. Feisal ia organizando os seus camponeses, os seus escravos e os seus pobres em batalhões formais, imitação irregular do novo exército modelo de Aziz, em Rabegh. Garland dava aulas de lançamento de bombas, disparava canhões, consertava metralhadoras, rodas e arneses, sendo o armeiro deles todos. O sentimento era de atividade e de confiança.

Feisal, que ainda não atuara de acordo com os nossos conselhos a respeito da importância de Wejh, estava imaginando uma expedição dos Juheinas, para tomá-la. Entrementes, mantinha-se em contato com os Billis, tribo numerosa com quartel-general em Wejh, e esperava o apoio deles. O principal xeque dos Billis, Suleiman Rifada, estava contemporizando, por ser verdadeiramente hostil ao movimento; os turcos o haviam feito paxá, condecorando-o; mas seu primo, Hamid, estava de armas na mão ao lado do xerife, e acabava de capturar uma compensadora caravana de setenta camelos no seu caminho, vindo de El Ula, com munições e provisões destinadas à guarnição turca de Wejh. Quando eu partia para Kheif Hussein, a fim de fazer pressão com o plano de Wejh, sobre Feisal, chegaram notíciais de uma derrota dos turcos perto de Bir ibn Hassani. Uma tropa de reconhecimento da cavalaria e do corpo de cameleiros turcos havia avançado excessivamente pelas montanhas, e os árabes a surpreenderam, destruindo-a. Melhor, sempre melhor.

CAPÍTULO 18

Assim, tive um feliz começo de viagem, sendo meu padrinho de jornada o xerife Abd el Kerim el Beidawi, meio-irmão de Mohammed, emir dos Juheinas, mas, para meu assombro, de tipo abissínio puro. Mais tarde, contaram-me que sua mãe fora uma jovem escrava, desposada pelo velho emir, já quase no fim da vida deste. Abd el Kerim era homem de estatura média, delgado e preto como carvão, mas bonachão, contando vinte e seis anos de idade, embora parecesse mais moço e tivesse apenas uma fina barba no queixo aguçado. Era incansável e ativo, dotado de humor fácil e mordaz. Odiava os turcos, que o haviam desprezado em virtude da sua cor (os árabes não alimentavam preconceitos de cor para com os africanos — eram os indianos que evocavam a sua incompatibilidade de raça) e mostrava-se muito alegre e dado para comigo. Com ele, iam três ou quatro dos seus homens, todos bem montados; e tivemos uma viagem rápida, pois Abd el Kerim era viajante famoso, que se orgulhava de vencer as etapas em velocidade três vezes maior do que a normal. Não se tratava do meu camelo, e o tempo estava fresco e nublado, com prenúncios de chuva. Não opus, portanto, objeção.

Depois da partida, galopamos durante três horas seguidas. Isto sacudiu as nossas entranhas o suficiente para requererem mais alimento; paramos, comemos pão e bebemos café até o pôr-do-sol, enquanto Abd el Kerim rolou sobre o tapete, em luta com um dos seus homens. Quando se viu exausto daquele jogo, sentou-se; e os homens contaram histórias e gracejaram, até que se animaram o bastante para se erguerem e começarem a dançar. Tudo era muito livre, tudo se apresentava muito bem-humorado, embora não muito edificante.

Quanto tornamos a partir, uma hora de corrida aloucada pela treva a dentro nos levou ao fim do Tehama, ao pé de uma baixa cadeia de rochas e areia. Um mês antes, vindo de Hamra, havíamos passado mais ao sul; agora, cruzamos as rochas, a caminho do Wadi Agida, vale estreito, arenoso e retorcido entre colinas. Por haver chovido a cântaros dois dias antes, o chão era firme para a

marcha dos camelos ofegantes; mas a subida era íngreme, e tivemos de fazê-la a passo. Isto me agradou, mas enfureceu tanto Abd el Kerim, que, quando menos de uma hora depois, atingimos a linha divisória de água, ele lançou a sua camela para a frente e conduziu-nos, em velocidade louca, montanha abaixo, dentro da noite (felizmente, tratava-se de boa estrada, de areia e de cascalho) durante cerca de meia hora; depois disto, o chão aplainou-se de novo e chegamos às plantações de Nakhl Mubarak, principal jardim de tâmaras do sul de Juheina.

À medida que nos aproximávamos, víamos labaredas por entre as palmeiras e fumaça avermelhada de vários fogos, enquanto a ampla abertura do vale devolvia o eco dos urros de milhares de camelos excitados e das descargas de tiros ou de gritos de homens perdidos na escuridão, que procuravam chegar junto dos seus amigos. Como havíamos tido notícia em Yenbo de que o Nakhl se achava deserto, este tumulto tinha para nós um significado estranho, talvez hostil. Deslizamos silenciosamente pelo fim de uma alameda e ao longo de certa rua estreita, entre muros de lama seca da altura de um homem, até atingirmos um grupo de casas. Abd el Kerim forçou a porta do pátio da primeira casa à nossa esquerda, levou os camelos para dentro e amarrou-os junto ao muro, para que não fossem vistos. A seguir, meteu um cartucho no fuzil e saiu, na ponta dos pés, rua abaixo, a caminho do lugar de onde procedia aquele barulho para saber o que se estava passando. Esperamos por ele; o suor da cavalgada foi secando lentamente nas nossas roupas enquanto estivemos ali, na noite fresca, a espiar.

Abd el Kerim voltou depois de meia hora para nos dizer que Feisal, com o seu corpo de cameleiros, havia chegado momentos antes e que nós devíamos descer e apresentar-nos a ele. Retiramos os camelos do pátio e montamos; e, em fila, passamos para outro gramado, num barranco entre casas, deixando um jardim de palmeiras afundado à nossa direita. O fim do barranco estava formigando com uma compacta multidão de árabes e de camelos, tudo misturado na mais selvagem e rumorosa confusão. Marchamos através dos grupos de gente e de animais e depois seguimos rampa abaixo, dando subitamente no leito do Wadi Yenbo, um grande espaço aberto: sua largura só poderia ser adivinhada pelas linhas irregulares das fogueiras que tremulavam por ali afora, numa grande distância. Havia muita umidade na atmosfera; o limo, vestígio de pequena inundação de dois dias antes, ainda cobria as pedras. Os camelos, percebendo o chão escorregadio, começaram a andar timidamente.

Não tivemos oportunidade de observar estas ou quaisquer outras coisas a não ser a massa do exército de Feisal, que enchia o vale de lado a lado. Havia centenas de fogueiras de espinheiro; ao redor dos fogos ficavam ao árabes, a fazer

café ou a comer, ou ainda a dormir, metidos como criaturas mortas em seus capotes e empilhados todos juntos, em plena promiscuidade com os camelos. Assim, os camelos, em enormes grupos, apresentavam um espetáculo indescritível, ajoelhados ou amarrados por toda a área do acampamento; outros camelos vinham depois, os mais velhos a saltar com três pernas para se juntar ao grupo, mugindo de fome e de inquietação. As patrulhas partiam para fora do campo; as caravanas descarregavam-se; e dezenas de mulas egípcias pinoteavam, zangadas, em meio à cena.

Abrimos caminho através desta balbúrdia e, numa ilhota de calma, bem no centro do vale, encontramos o xerife Feisal. Paramos os camelos ao lado dele. Sobre o seu tapete, estendido por cima das pedras, ele se encontrava sentado entre o xerife Sharraf, o Kaimmakam de Imaret e de Taif, seu primo, e Maulud, o rude e velho patriota da Mesopotâmia que agora agia como seu ajudante-de-ordens. À sua frente, ajoelhava-se um secretário, tomando notas para a redação de uma ordem, e, depois deste, havia ainda outro secretário, que lia relatórios em voz alta à luz de uma lâmpada prateada que um escravo segurava. A noite estava sem vento algum, o ar afigurava-se-nos pesado e a chama desprotegida lá ficava, ereta, sem tremelicar.

Feisal, calmo como sempre, deu-me as boas-vindas com um sorriso até terminar o ditado. Depois disto, escusou-se pela desordenada recepção que me oferecia e acenou para que os escravos recuassem a fim de nos deixar a sós. Assim que eles se retiraram com os espectadores, um camelo selvagem pulou para o espaço aberto à nossa frente, corcoveando como se houvesse enlouquecido. Maulud saltou-lhe à cabeça, procurando levá-lo dali, mas foi o camelo que o arrastou; e como a sua carga de feno, para alimento dos camelos, estivesse desatada, desabou sobre o taciturno Sharraf, sobre a lâmpada e sobre mim uma avalanche de feno. "Graças a Deus", disse Feisal, gravemente, "por não se tratar nem de manteiga, nem de sacos de ouro!" A seguir, explicou-me as inesperadas coisas ocorridas nas últimas vinte e quatro horas na frente de combate.

Os turcos deslocaram-se ao redor da vanguarda das forças árabes de barragem, no Wadi Safra, por uma estrada lateral nas colinas, cortando-lhes a retirada. Os Harbs, tomados de pânico, dispersaram-se pelos barrancos de ambos os lados e escaparam através deles, em grupos de dois a três, preocupados com o destino de suas famílias ameaçadas. Os homens montados das forças turcas enveredaram pelo vale vazio, atravessaram o Passo de Dhifran, a caminho de Bir Said, onde Ghalib Bey, seu comandante, quase apanhou o despreocupado Zeid a dormir na própria tenda. Todavia, o aviso chegou exatamente em tempo. Com o

auxilio do xerife Abdulla ibn Thawab, velho guerreiro Harith, o emir Zeid sustentou o ataque inimigo o bastante para que algumas das suas tendas e toda a sua bagagem fossem carregadas em camelos e levadas para longe. A seguir, ele escapou; mas as suas forças se desfizeram em uma turma de fugitivos, a cavalgar furiosamente dentro da noite, na direção do Yenbo.

Em virtude disto, a estrada de Yenbo fora deixada livre aos turcos, e Feisal descera para o ponto em que o fui encontrar apenas uma hora antes da nossa chegada com cinco mil homens, no intuito de proteger a sua base até que alguma obra de real valor defensivo pudesse ser efetuada. O seu sistema de espionagem vinha abaixo: os Harbs, perdendo a presença de espírito na escuridão, traziam informações alarmantes e contraditórias de um lado e de outro, a respeito das forças dos turcos, dos seus movimentos e das suas intenções. Feisal não tinha idéia alguma a propósito de qualquer possibilidade de os turcos irromperem em Yenbo, ou de se darem por satisfeitos com a posse das passagens do Wadi Yenbo para o Wadi Safra, enviando o grosso das tropas para a costa, a caminho de Rabegh e de Meca. Em qualquer das hipóteses, a situação seria muito séria: o melhor que poderia acontecer era a presença de Feisal, ali, atrair os turcos, fazendo-os perder mais dias na esperança de lhe capturarem o exército de campo, enquanto nós reforçássemos Yenbo. Enquanto isso, Feisal ia fazendo o que estava ao seu alcance, de bom grado; assim, sentei-me e ouvi as novidades; ou as petições, as queixas e as dificuldades encontradas, e por ele expostas de maneira sumária.

Sharraf, a meu lado, mexia nervosamente um palito, para a frente e para trás, sobre a própria face lustrosa, falando apenas uma ou duas vezes durante uma hora para reprovar solicitações demasiado urgentes. Malud por várias vezes se inclinou para mim, contornando o corpo imóvel de Feisal e repetindo ansiosamente, para nosso benefício coletivo, todas as palavras de qualquer informação que pudesse ser interpretada a favor da sua tese, que era a de se lançar um contra-ataque repentino e formal.

Isto durou até quatro e meia da madrugada. Fazia frio, pois a umidade do vale atravessava o tapete e embebia as nossas roupas. O acampamento foi se reduzindo gradualmente ao silêncio à medida que homens e animais se iam entregando ao sono, cansados; uma neblina branca se acumulou suavemente sobre todas as coisas e todos os seres e, na bruma, as fogueiras se transformaram em indolentes colunas de fumaça. Imediatamente atrás de nós, assomando por cima da camada de névoa, Djebel Rudhwa, mais íngreme e rude do que nunca,

tinha sido trazida para tão perto pela luz pálida da lua, que parecia estar dependurada por cima da nossa cabeça.

Feisal, por fim, terminou o trabalho urgente. Comemos meia dúzia de tâmaras, um frígido conforto, e enrodilhamo-nos sobre o tapete molhado. Enquanto estive ali, a tremer, vi os guardas Biashas aproximarem-se e estenderem as suas capas, delicadamente, sobre o corpo de Feisal, depois de se certificarem de que ele estava dormindo.

Uma hora mais tarde, levantamo-nos rígidos de frio na madrugada hesitante (fazia frio demais para se continuar a dormir) e os escravos acenderam uma fogueira de folhas de palma para nos aquecer, enquanto Sharraf e eu fomos em busca de alimento suficiente para o momento. Os mensageiros continuavam a chegar de todos os pontos, trazendo rumores funestos a respeito de um ataque imediato; e o acampamento não se encontrava longe do pânico. Assim, Feisal resolveu mudar-se para outra posição, primeiro porque nós podíamos ser varridos daquela em que nos encontrávamos se chovesse nas montanhas, e depois porque era preciso entreter o espírito dos seus homens e dissipar a inquietação geral.

Quando os tambores começaram a ruflar, os camelos foram carregados às pressas. Depois do segundo sinal, cada soldado saltou para a sua sela e marchou, para a direita ou para a esquerda, deixando amplo espaço no meio, por onde Feisal cavalgou sobre a sua égua, tendo Sharraf logo atrás de si e logo a seguir Ali, o porta-estandarte, esplêndido homem selvagem de Nejd, com rosto de gavião emoldurado em cabelos infinitamente negros a cair pela fronte. Ali trajava roupas vistosas e montava um camelo de grande altura. Atrás dele seguia todo o corpo de xerifes, xeques e escravos — e eu — em perfeita promiscuidade. Havia oitocentos homens na escolta, naquela manhã.

Feisal galopou de um lado para outro à procura de espaço para estabelecer o acampamento, por fim, parou no flanco de pequeno vale aberto ao norte de Nakhl Mubarak; as casas desta aldeia estavam tão enterradas em meio às árvores que poucas delas podiam ser vistas do lado de fora. No limite sul do vale, ao pé de alguns montes rochosos, Feisal plantou as suas duas grandes tendas. Sharraf também tinha a sua tenda pessoal; e alguns dos outros chefes se aproximaram e ficaram conosco. Os guardas tomaram as precauções indicadas no momento; e os artilheiros egípcios fizeram alto, ao nosso lado, erguendo as suas vinte tendas em perfeita forma, com aspecto bem militar. Assim, em pouco tempo, o acampamento se fez populoso, embora pouco imponente nos pormenores.

CAPÍTULO 19

Ali estivemos dois dias, em cuja maior parte passei na companhia de Feisal, recebendo assim conhecimento mais profundo do seu método de comando, em momento deveras interessante, quando o moral dos seus homens sofria seriamente em virtude dos assustadores relatórios trazidos, bem como da deserção dos Harbs do norte. Feisal, lutando para lhes reerguer o ânimo, conseguiu o seu intento de maneira mais segura por meio do contato com cada qual que se punha ao seu alcance. Era acessível a todos os que se achavam fora de sua tenda, e esperava notícias; e nunca indeferiu sumariamente as petições, nem sequer quando os homens se lhe aproximavam em coro, com a queixa expressa em canção de muitos versos, cantando-os ao redor de nós, na noite. Feisal ouvia sempre, e quando não lhe era possível regularizar qualquer pendência por si, chamava Sharraf ou Faiz para o fazer em seu nome. Esta extrema paciência foi para mim uma boa lição a respeito do significado da chefia nativa na Arábia.

O seu autocontrole parecia igualmente grande. Quando Mirzuk el Tikheimi, seu mordomo, chegou da parte de Zeid para lhe expor a vergonhosa história da derrota, Feisal apenas riu para ele, em público, e o mandou colocar-se ali ao lado, à espera, enquanto passou em revista os xeques dos Harbs e dos Ageyls, cuja negligência havia sido a principal causa do desastre. A estes apresentava ora censuras, ora elogios, sempre com gentileza, reprochando-os às vezes por haverem feito isto ou aquilo ou realçando-lhe os méritos por haverem infligido tais perdas, ou, ainda, por terem suportado tais outras. A seguir, tornou a chamar Mirzuk, e abaixou a cortina da tenda — sinal de que havia assuntos privados a tratar. Pensei no significado do nome de Feisal (espada refulgindo ao vibrar o golpe) e temi uma cena, mas ele ofereceu lugar a Mirzuk no seu tapete, e disse: "Venha! Conte-nos mais a respeito das suas 'noites' e das maravilhas da batalha: divirta-nos." Mirzuk, jovem desembaraçado e de boa aparência (de feições um pouco afiladas em demasia), entrando no espírito do tema, começou no seu

dialeto anasalado de Ateibi a traçar para nós um quadro verbal a respeito de Zeid na retirada; disse do terror de Ibn Thawab, o famoso bandido; e, última desgraça, de como o venerável Hussein, pai do xerife Ali, o Harithi, havia perdido os seus bules de café!

Feisal, ao falar, tinha voz rica e musical, e utilizava-se deste recurso cuidadosamente para se impor aos seus homens. A estes, falava no dialeto da respectiva tribo, mas de maneira curiosa e hesitante, como se cambaleasse penosamente entre as frases e estivesse a procurar dentro de si a palavra correta. Seu pensamento talvez caminhasse apenas pouca coisa à frente de suas palavras, pois as frases afinal escolhidas eram em geral as mais simples, o que produzia um efeito emocionante e sincero. Parecia possível, de tão sutil que era o véu das palavras, ver o espírito puro e bravo irradiar.

De outras vezes, mostrava-se cheio de bom-humor — o pólo magnético invariável da boa vontade árabe. Certa noite, falou aos xeques, quando os mandou à frente, para ocuparem a planície, aquém de Bir el Fagir, emaranhada região de acácias e mandrágoras, na quase imperceptível linha de água divisória que ficava ao longo da depressão que unia Bruka Bir Said. Disse-lhe, delicadamente, que os turcos estavam se aproximando e que era dever deles, xeques, resistir e ofertar a Deus o mérito da vitória; acrescentou que isto se tornaria impossível se eles fossem dormir. Os velhos — e na Arábia os velhos tinham maior importância do que os jovens — irromperam em declarações de satisfação e, depois de dizerem que Deus lhes daria a vitória, ou melhor, duas vitórias, envolveram os seus desejos numa prece para que a vida de Feisal fosse prolongada e acumulasse um número sem par de triunfos. O melhor é que montaram guarda efetiva durante a noite toda, sob o efeito daquela exortação.

A rotina da nossa vida, no acampamento, era simples. Imediatamente antes do romper do dia, o imã do exército costumava subir ao topo de uma pequena colina que encimava a da tropa adormecida, e de lá lançava a tonitruante chamada para a prece. Sua voz era rouca e muito poderosa, e as reentrâncias, como as de uma caixa sonora, difundiam ecos por todas as montanhas, que os devolviam, como que indignadas. Efetivamente, a esta altura todos se erguiam, rezassem ou blasfemassem. Assim que terminava, o imã de Feisal se punha a carpir, gentil e musicalmente, bem ao lado da porta da tenda. Em um minuto, um dos cinco escravos de Feisal (todos alforriados, mas que se recusavam a abandonar o posto enquanto isto lhes desse prazer — visto como era bom e não deixava de ser lucrativo o ofício de criado do senhor) se aproximava de Sharraf e

de mim, com café adoçado. O açúcar, para a primeira taça, no frio da madrugada, era considerado de bom efeito.

Uma hora mais tarde, a cortina da tenda de dormir de Feisal era atirada para trás: um convite aos que tomavam conta da manutenção do exército. Havia quatro pessoas presentes; e, depois das notícias da manhã, uma bandeja contendo uma leve refeição era distribuída. O principal elemento da refeição eram as tâmaras de Wadi Yenbo; por vezes, a avó circassiana de Feisal enviava-lhe uma caixa dos seus famosos doces, de Meca; e, de outras feitas, Hejris, o escravo da guarda de corpo, nos dava estranhos biscoitos e cereais de seu preparo. Depois da refeição, ficávamos a entreter-nos com café amargo e chá doce, alternadamente, enquanto se dava conta da correspondência de Feisal, por meio de ditado aos seus secretários. Um destes era Faiz el Ghusein, o aventureiro; outro era o imã, pessoa de semblante triste, que se tornara conspícuo no exército em virtude do enorme guarda-chuva que pendia sempre de sua sela. Ocasionalmente, concedia-se audiência privada a alguém, naquela hora, mas de raro em raro; porque a tenda de dormir era estritamente para uso pessoal do xerife. Tratava-se de uma tenda comum, em forma de sino, dotada de cigarros, camas de campanha, esplêndido tapete curdo, um pobre tapete Shirazi, e do velho e delicioso tapete de orações Baluch, sobre o qual Feisal rezava.

Mais ou menos às oito horas da manhã, Feisal afivelava a sua adaga de cerimônia, e passeava no interior da sua tenda de recepção, pavimentada com dois horríveis kilims. Feisal sentava-se ao fundo da tenda, de face para o lado aberto, e nós colávamos as nossas costas à parede de lona, em semicírculo, longe dele. O escravos levantavam a parte traseira da barraca, e ficavam ao redor dela, para fiscalizar os suplicantes que jaziam na areia, à boca da tenda, ou pouco além, à espera da sua vez. Quando possível, o assunto ficava liquidado pelo meio-dia, hora em que o emir gostava de se levantar.

Nós, considerados de casa, e todos os hóspedes reuníamo-nos depois na tenda de estar; e Hejris e Salem traziam a bandeja do almoço, sobre a qual havia tantos pratos quantos permitiam as circunstâncias. Feisal era fumante desbragado, mas comia pouco; costumava fingir que comia, mexendo com os dedos ou com a colher no meio do feijão, das lentilhas, dos espinafres, do arroz e dos doces, até o momento em que julgava que os hóspedes já se encontravam satisfeitos; a esta altura, a um aceno da sua mão, sua bandeja desaparecia, enquanto outros escravos se adiantavam para derramar água sobre os nossos dedos, à porta da tenda. Os gordos, como Mohammed ibn Shefia, faziam caretas cômicas em presença do delicado e rápido comer do emir, e já tinham alimento

seu, particular, preparado para eles, para quando dali se retirassem. Depois do almoço, falávamos um pouco, enquanto saboreávamos umas duas xícaras de café e dois copos de chá verde, de aparência xaroposa. Depois, até às duas horas da tarde, a cortina da tenda de estar se mantinha abaixada, significando que Feisal dormia, ou lia, ou tratava de assuntos privados. A seguir, Feisal sentava-se de novo na tenda da recepção, atendendo a todos que o desejassem ver. Nunca vi árabe algum se retirar insatisfeito ou maltratado — tributo ao seu tato e à sua memória; porque ele nunca se interrompia por se esquecer de um fato, nem deixara de lembrar as antigas relações.

Se restasse tempo depois da segunda audiência, gostava de caminhar em companhia de amigos, falando de cavalos ou de plantas, contemplando os camelos, ou pedindo a qualquer pessoa os nomes das características visíveis das regiões. A prece do crepúsculo era, por vezes, pública, embora Feisal não fosse muito pio aos olhos de outrem. Depois da prece, recebia gente, individualmente, na tenda de estar, organizando as patrulhas e os reconhecimentos para a noite — pois a maior parte do trabalho do acampamento era feita após o anoitecer. Entre as seis e as sete, servia-se a refeição da tarde, para a qual os presentes no quartel-general eram convidados pelos escravos. Assemelhava-se ao almoço, diferindo apenas porque postas de carneiro cozido se espalhavam pela enorme bandeja de arroz, *Medfa el Suhur*, o prato de resistência. Conservávamo-nos em silêncio até que todos houvessem comido.

Esta refeição terminava o nosso dia, salvo o furtivo oferecimento, feito por escravos descalços, de uma bandeja de copos de chá a longos intervalos. Feisal não costumava dormir se não muito tarde, e nunca traía o desejo de apressar a nossa retirada. À tarde, repousava tanto quanto possível, adiando todo trabalho adiável. Chamava algum xeque para que lhe contasse casos do distrito, bem como histórias da tribo e da sua genealogia: de outras vezes, os poetas da tribo cantavam-nos as suas narrativas guerreiras em versos: velhas fórmulas tradicionais, com epítetos repetidos, sentimentos comuns e incidentes costumeiros, vividos de novo pelos esforços de cada nova geração. Feisal gostava apaixonadamente da poesia árabe, e com freqüência motivava a realização de recitais, julgando e recompensando os melhores versos da noite. Muito raramente jogava xadrez, com a despreocupada segurança de um esgrimista, e sempre de maneira brilhante. Às vezes, talvez para meu benefício, contava casos a respeito do que havia visto na Síria, oferecia trechos da história secreta da Turquia, ou abordava assuntos de família. Dos seus lábios, aprendi muita coisa sobre os homens e os partidos do Hedjaz.

CAPÍTULO 20

De súbito, Feisal perguntou-me se eu usaria roupas árabes, iguais às dele, durante a minha estada no acampamento. Seria melhor para mim, visto tratar-se de vestimenta confortável para se viver à maneira árabe, como deveríamos fazer. Além do mais, os homens da tribo compreenderiam então como me deveriam tratar. Os únicos que usaram roupas cáqui, ao que se lembravam, haviam sido oficiais turcos, perante os quais eles tomavam uma atitude instintiva de defesa. Se eu usasse roupas de Meca, considerar-me-iam como se eu fora realmente um dos chefes; e eu poderia entrar e sair da tenda de Feisal, sem produzir estranheza alguma; Feisal vinha sendo obrigado a explicar o caso a estranhos toda vez que isto se dava.

Concordei imediatamente, e com alegria; o uniforme militar era abominável quando se viajava em lombo de camelo, ou quando a gente se sentava por ali, no chão; e as coisas árabes que eu aprendi a fazer antes de guerra eram mais limpas e mais decentes no deserto. Hejris também ficou satisfeito com a idéia, e deu largas à fantasia vestindo-me com esplêndidas roupagens nupciais, de seda branca, bordadas a ouro, que haviam sido enviadas a Feisal recentemente (tratar-se-ia de uma indireta?) por sua tia-avó de Meca. Passeei ao léu, naquelas roupas folgadas, em torno dos jardins de palmeiras de Mubarak e Bruka, a fim de me habituar ao seu uso.

Aquelas aldeias eram pequenos lugares agradáveis, construídas de tijolos de terra, sobre os altos montes que circundavam os jardins de palmeiras. Nakhl Mubarak ficava ao norte, e Bruka exatamente ao sul dos montes, depois do vale de espinheiros. As casas eram pequenas, rebocadas de barro por dentro, frescas e muito limpas, com uma ou duas esteiras, um almofariz, vasos para conter alimentos e bandejas. As ruas estreitas se sombreavam, aqui e ali, por meio de uma árvore de grande porte. Os diques de terra, ao redor da área cultivada, eram por vezes da altura de quinze, tendo sido, em sua grande parte, construídos

artificialmente com o excesso da terra que se retirava de entre as árvores, com entulho e com pedras recolhidas do Wadi.

Os diques serviam para defender as plantações contra as enchentes. O Wadi Yenbo, de outra maneira, logo inundaria os jardins, pois que estes para serem irrigados deviam ficar abaixo do nível do leito do vale. As estreitas faixas de terra estavam divididas por cercas de talos de folha de palmeira, ou por muros de lama seca, apresentando córregos de água doce em canais construídos ao seu redor. Todo portal de jardim se situava sobre água, e tinha uma ponte de três ou quatro troncos de palmeiras dispostos paralelamente, para a passagem de jumentos ou camelos. Cada terreno possuía uma comporta, que se retirava quando chegava o seu turno de irrigação. As palmeiras, regularmente dispostas em linhas simétricas e muito bem tratadas, constituíam a plantação principal; mas entre elas plantavam-se cevada, rabanetes, ervilhas, pepinos, fumo e hena. As aldeias mais altas do Wadi Yenbo eram suficientemente frescas para o cultivo da uva.

A estada de Feisal em Nakhl Mubarak só podia ser, em face do estado de coisas, uma simples pausa, e percebi que seria melhor voltar a Yenbo a fim de pensar seriamente na defesa anfíbia desse porto, uma vez que a esquadra havia prometido todo auxílio. Decidimos que eu deveria consultar Zeid, e agir com ele, como melhor nos parecesse. Feisal deu-me um esplêndido camelo baio para a viagem de volta. Marchamos através das colinas de Agida, seguindo nova estrada, o Wadi Messarih, em virtude da ameaça das patrulhas turcas na rota mais direta. Bedr ibn Shefia encontrava-se comigo; e vencemos a distância suavemente numa única arrancada de seis horas, chegando a Yenbo antes da madrugada. Sentindo-me cansado depois de três laboriosos dias de pouco sono em meio a constantes alarmes e apreensões, fui diretamente para a casa vazia de Garland (ele vivia a bordo de um navio, no porto) e caí no sono sobre um banco; mas logo depois fui chamado e obrigado a sair, por causa da notícia de que o xerife Zeid estava prestes a chegar, e desci até as muralhas para ver a entrada das tropas derrotadas.

Havia cerca de oitocentos homens, tranqüilos, mas sem revelar mortificação alguma pela vergonha. O próprio Zeid parecia superiormente indiferente. Assim que entrou na cidade, voltou-se para Abd el Kadir, o governador, que cavalgava atrás dele, e gritou-lhe: “Arre! Como a sua cidade está em ruína! Vou telegrafar a meu pai, pedindo-lhe uns quarenta pedreiros, para fazerem concertos nos edifícios públicos.” E foi isto, de fato, o que fez. Eu havia telegrafado ao capitão Boyle informando-o de que Yenbo se achava seriamente ameaçada, e Boyle imediatamente respondeu que a sua esquadra deveria chegar a tempo, ou antes.

Esta solicitude foi uma oportuna consolação: notícias piores chegaram no transcorrer do dia seguinte. Os turcos, lançando considerável força de Bir Said contra Nakhl Mubarak, haviam fechado a passagem às tropas de Feisal quando estas ainda se encontravam desprevenidas. Depois de breve combate, Feisal conseguiu romper o cerco, cedeu terreno, achando-se em retirada para Yenbo. A nossa guerra parecia estar no seu último ato. Tomei a minha máquina fotográfica e, do parapeito da porta de Medina, obtive uma excelente fotografia dos irmãos que chegavam. Feisal trazia consigo cerca de dois mil homens, mas nenhum dos membros da tribo dos Juheinas. Aquilo me pareceu traição e verdadeira deserção das tribos, hipóteses que tanto Feisal como eu havíamos desdenhado, considerando-as impossíveis.

Visitei-o imediatamente em sua casa e ele me contou a história. Os turcos haviam chegado com três batalhões e certo número de infantaria montada em mulas e em camelos. Os comando turco estava nas mãos de Ghalib Bey, que manobrava as tropas com grande acuidade de espírito, agindo como se estivesse a mostrar-se aos olhos do comandante do corpo de exército. O paxá Fakhri, em caráter privado, acompanhava a expedição, cujo guia e companheiro, junto dos árabes, era Dakhil-Allah el Kadhi, o distribuidor de justiça dos Juheinas, por hereditariedade, rival do xerife Mohammed Ali el Beidawi e, depois deste, segundo homem da tribo.

Os turcos atravessaram o Wadi Yenbo, atingindo os bosques de Bruka, na primeira arrancada e assim ameaçaram as comunicações árabes com Yenbo. Colocaram-se também em posição de bombardear livremente Nakhl Mubarak com os seus sete canhões. Feisal não se sentia nem sequer ligeiramente desencorajado, mas lançou os Juheinas para a esquerda, a fim de guardar o grande vale. O centro e a direita foram por ele mantidos em Nakhl Mubarak, enviando-se a artilharia egípcia para tomar posição em Djebel Agida, para impedir que os turcos ali chegassem. A seguir, abriu fogo contra Bruka com os seus dois canhões de projéteis de quinze libras.

Rasim, oficial sírio, ex-comandante de bateria no exército turco, dirigiu o fogo destas duas peças; e fez uma bela demonstração com elas. Os canhões haviam sido enviados do Egito, como presente; eram ferro-velho que se julgou utilizável pelos árabes do deserto, tal como os sessenta mil fuzis fornecidos ao xerife, que eram armas condenadas, últimas relíquias da campanha de Gallipoli. Assim, Rasim não tinha mira, nem calculador de alcance, nem tábua de distâncias, nem altos explosivos.

A distância, ali, devia ser de pouco mais de cinco mil metros; mas as espoletas das suas granadas eram antigüidades da guerra dos bôeres, cheias de azinhavre e, quando explodiam, isto se dava antes do tempo, no ar, e às vezes logo ao sair a boca da peça. Entretanto, Rasim não possuía meios para transportar a sua munição dali, se as coisas corressem mal; por esta razão, desfechou tiros a toda velocidade, rindo-se desesperadamente daquela maneira de fazer guerra; e os homens de tribos, vendo o comandante tão alegre, tomaram-se também de alegria. "Por Deus!", disse um deles, "estes é que são os verdadeiros canhões: a Importância do seu barulho!" Rasim jurou que os turcos estavam morrendo aos magotes; e os árabes carregaram avante, com ânimo, as suas palavras.

As coisas transcorriam bem; e Feisal alimentava esperança de êxito decisivo, quando, de súbito, a sua ala esquerda no vale ondeou e parou; por fim, a tropa deu as costas ao inimigo e retirou-se tumultuosamente para os terrenos do acampamento. Feisal, ao centro, galopou para a posição de Rasim, e gritou-lhe que os Juheinas haviam sido derrotados e que era preciso salvar os canhões. Rasim reuniu as guarnições e marchou para o Wadi Agida, onde os egípcios se estavam consultando medrosamente uns aos outros. Depois de Rasim, saíram os Ageyls e os Atbans, os homens de Ibn Shefia, os Harbs e os Biashas. Feisal e a sua comitiva compuseram a retaguarda, e, em procissão ordenada, todos rumaram para Yenbo, deixando os Juheinas com os turcos, no campo de batalha.

Ainda me encontrava a ouvir este triste fim, amaldiçoando, com Feisal, os traidores irmãos Beidawi, quando se observou certo nervosismo à porta; Abd el Kerim irrompeu por entre os escravos, saltou para o estrado, beijou os cordões do turbante de Feisal, à guisa de saudação, e sentou-se ao nosso lado. Feisal, fixando-o com olhar severo, perguntou-lhe: "Como?", e Abd el Kerim explicou o desfalecimento das tropas, à vista da súbita retirada de Feisal; contou como ele e seu irmão, com os valentes guerreiros, haviam lutado contra os turcos durante a noite toda, sós, sem artilharia, até que os bosques de palmeiras se tornaram insustentáveis, retirando-se todos, por sua vez, pelo Wadi Agida. Seu irmão, com metade dos elementos masculinos da tribo, estava entrando na cidade precisamente naquele instante. Os outros haviam descido para o Wadi Yenbo, em busca de água.

"E por que se retirou para o acampamento, por trás de nós, durante a batalha?", indagou Feisal. "Apenas para prepararmos uma xícara de café", disse Abd el Kerim. "Havíamos lutado desde o nascer do sol, e já era noite; encontrávamo-nos muito cansados e com sede." Feisal e eu deitamo-nos e rimos

muito; depois tratamos de ver o que seria necessário levar a efeito para salvarmos a cidade.

O primeiro passo foi simples. Enviamos todos os Juheinas de regresso ao Wadi Yenbo, com ordem para se reunirem em Kheif, e de manterem contínua pressão sobre a linha turca de comunicações. Deveriam, igualmente, lançar grupos de emboscada pelas montanhas de Agida.

A diversão deveria segurar ali certo número de turcos, de maneira que estes se sentissem incapacitados de levar contra Yenbo uma força superior em número à dos defensores que, ademais, tinham a vantagem da boa posição. A cidade, no platô do recife de coral, erguia-se, talvez, a seis metros acima do nível do mar, sendo cercada de água por dois lados. Os outros dois flancos davam para faixas planas de areia, fofa em certos pontos, destituídas de abrigos encobertos através de vários quilômetros, e totalmente desprovida de água fresca. Durante o dia, se defendidas por fogo de artilharia e de metralhadora, as referidas faixas seriam intransponíveis.

A artilharia estava para chegar a cada minuto; porque Boyle, como sempre, agindo melhor do que falava, havia concentrado cinco navios nas nossas águas em menos de vinte e quatro horas. Situou o monitor *M. 31*, cujo pequeno calado o recomendava para a tarefa necessária, ao fim da enseada sudeste do porto, de onde poderia dominar a provável direção do avanço turco com os seus canhões de seis polegadas. Crocker, capitão do monitor, mostrava-se ansioso por disparar aquelas peças de boca larga. Os navios maiores achavam-se ancorados para fazer fogo sobre a cidade a distâncias mais apreciáveis, ou para cobrir o outro flanco, da parte norte do porto. Os faróis do *Dufferin* e do *M. 31* cruzavam-se na planície, além da cidade.

Os árabes, encantados em enumerar aquela quantidade de navios no porto, prepararam-se para oferecer a sua contribuição às atividades da noite. Deram-nos a segurança de que já não haveria mais pânico; contudo, para os tranqüilizar plenamente, seria preciso que se lhes desse uma espécie de baluarte para defender, à maneira medieval — de nada valia cavar trincheiras, em parte porque o chão era de rocha de coral, e, além disso, porque os árabes não tinham experiência de trincheiras e não conseguiriam guarnecê-las de homens como deveria ser, para inspirar confiança. Assim, tomamos a muralha claudicante e salpicada de sal do lugar, reforçamo-la com uma segunda parede, amontoamos terra entre ambas, e as levantamos, de tal forma que os nossos bastiões do século XVI pareceram à prova de fogo, pelo menos de fuzilaria, e, talvez, à prova do tiro dos canhões de montanha dos turcos. À frente dos bastiões, montamos cercas de

arame farpado, festonadas entre cisternas, por sobre os córregos pluviais além das muralhas. Cavamos abrigos para metralhadoras nos melhores ângulos, guarnecendo-os com os atiradores regulares de Feisal. Os egípcios, como todos os que receberam lugar no plano, mostraram-se imensamente felizes. Garland era engenheiro chefe e principal conselheiro técnico.

Depois do cair do sol, a cidade estremecia de excitação mal reprimida. Durante o dia todo tinha havido por ali gritos e tiros festivos, bem como selvagens explosões de contentamento frenético entre os trabalhadores militares; mas quando o dia escureceu, retiraram-se para se alimentar, e o silêncio se fez. Quase todos ficaram de pé, naquela noite. Houve alarme, lá pelas onze horas. Os nossos postos avançados avistaram os inimigos a apenas cinco quilômetros fora da cidade. Garland, com um arauto, correu pelas ruas, chamando a guarnição. Os homens acorreram imediatamente, dirigindo-se cada qual para o seu lugar, num silêncio de morte, sem disparar um tiro e sem desperdiçar um grito. Os marinheiros do minarete enviaram avisos aos navios, cujos faróis combinados começaram a cruzar lentamente a planície, em complexas interferências, desenhando círculos de luz pela faixa de areia que as forças atacantes deveriam atravessar. Contudo, nenhum sinal foi lançado, nem nos foi dado motivo para abrirmos fogo.

Mais tarde, o velho Dakhil-Allah me disse que havia guiado os turcos a caminho de Yenbo, em investida noturna, a fim de surpreender o exército de Feisal de uma vez por todas; mas a coragem turca falhara na hora oportuna, em presença do silêncio e do brilho dos navios iluminados, que tomavam o porto de ponta a ponta, bem como dos atemorizantes feixes de luz dos faróis revelando o caráter desabrigado da zona que deveria ser atravessada. Por isso, os turcos recuaram: e naquela noite, creio eu, os turcos perderam a sua guerra. Pessoalmente, eu me encontrava a bordo do *Suva*, a fim de não ser importunado e de poder, por fim, como realmente o fiz, dormir esplendidamente; senti-me grato a Dakhil-Allah pela prudência que recomendara aos turcos, pois, mesmo que tivéssemos conquistado uma gloriosa vitória, eu estaria pronto a dar muito mais do que isso precisamente por aquelas oito horas de repouso ininterrupto.

CAPÍTULO 21

No dia seguinte, a crise já havia passado: os turcos fracassaram de maneira absoluta. Os Juheina mostraram-se ativos na sua posição de flanco, agindo do Wadi Yenbo. Os esforços arquitetônicos de Garland ao redor da cidade, construindo bastiões, tornaram-se impressionantes. *Sir* Archibald Murray, para quem Feisal apelara no sentido de se fazer uma demonstração no Sinai, para que se evitassem futuras retiradas de elementos turcos que fossem enviados a serviço para Medina, deu resposta animadora, e todos nós respiramos a plenos pulmões. Poucos dias mais tarde, Boyle dispersou os navios, prometendo outra concentração luminosa ao primeiro aviso; e eu colhi a oportunidade para ir a Rabegh, onde me encontrei com o coronel Brémond, chefe de grandes barbas da missão militar francesa e único soldado autêntico existente no Hedjaz. Ainda se utilizava do destacamento francês no canal de Suez, como alavanca para mover uma brigada inglesa na direção de Rabegh; e, visto que suspeitava não ser eu da sua opinião, tentou novo esforço para me converter.

No curso dos argumentos que se seguiram, eu disse alguma coisa a respeito da necessidade de se atacar logo Medina; porque, como todos os britânicos, eu também acreditava que a queda de Medina fosse preliminar indispensável para qualquer futuro progresso da revolta árabe. Atalhou-me as palavras, de maneira decisiva, dizendo que não era recomendável de forma alguma para os árabes a tomada de Medina. A seu ver, o movimento árabe havia atingido o ponto máximo da utilidade pela simples rebelião em Meca; e as operações militares contra os turcos ficariam melhor se continuassem a cargo exclusivo da Grã-Bretanha e da França. Desejava desembarcar tropas aliadas em Rabegh, porque isto arrefeceria o ardor das tribos, tornando o xerife suspeito aos seus olhos. A forças estrangeiras passariam a ser, então, a sua principal defesa; a continuação desta seria nosso trabalho, de acordo com o nosso parecer, até o fim da guerra; a esta altura, sendo a Turquia derrotada, as potências vitoriosas poderiam tomar

Medina do sultão, por meio de tratado, e entregá-la aos cuidados de Hussein, conferindo-lhe soberania legal sobre o Hedjaz como recompensa pelos leais serviços prestados.

Não me senti animado pela sua leviana confiança; não me pareceu que fôssemos suficientemente fortes para podermos dispensar pequenos aliados; assim, disse-lhe laconicamente que as minhas opiniões eram opostas às dele. Acentuei, da maneira mais enérgica, a necessidade da imediata conquista de Medina, tanto que estava aconselhando Feisal a tomar Wejh de forma a ampliar a sua ameaça sobre a estrada de ferro. Em resumo, no meu parecer, o movimento árabe não justificaria a sua criação se o seu entusiasmo não levasse os árabes a Damasco.

Isto foi mal recebido por Brémond; porque o tratado Sykes-Picot, de 1916, entre a França e a Inglaterra, havia sido redigido por Sykes precisamente para esta eventualidade; e para a compensar, estipulava o estabelecimento de Estados árabes em Damasco, Aleppo e Mosul, distritos que, de outra maneira, cairiam sob o irrestrito controle da França. Nem Sykes, nem Picot, haviam acreditado que o caso fosse possível; mas eu sabia que era, e estava certo de que depois disto o vigor do movimento árabe impediria a criação — por nós ou por outros — na Ásia ocidental de indevidos esquemas de exploração "colonial".

Brémond apoiou-se na sua esfera técnica, e garantiu-me, sob palavra de honra de oficial de estado-maior, que Feisal deixar Yenbo e ir para Wejh seria puro suicídio militar; mas não vi força alguma nos argumentos que ele voluvelmente apresentou; e eu lhe disse isto. Foi uma entrevista curiosa, aquela, entre um velho soldado e um jovem em roupas de fantasia; e deixou sabor amargo na minha boca. O coronel, como os seus compatriotas, era realista no amor e na guerra. Mesmo em situações de poesia, os franceses se conservavam como incorrigíveis escritores em prosa, encarando as coisas pelo jorro direto da luz da razão e da compreensão, e não através de olhos semicerrados, em névoa, pela irradiação essencial das coisas, à maneira dos ingleses imaginativos; assim, as duas raças operavam mal, juntas, no grande empreendimento. Todavia, eu me dominei o suficiente para não dizer palavra a respeito desta conversação a qualquer árabe, mas enviei um relatório completo ao coronel Wilson, que dali a pouco deveria chegar para ver Feisal, tendo em mente a discussão do projeto de Wejh em todos os seus pontos capitais.

Antes que Wilson chegasse, o centro de gravidade dos turcos mudou-se abruptamente. O paxá Fakhri percebera a inutilidade de atacar Yenbo, bem como de se encaminhar contra os inexpugnáveis Juheinas, em Kheif Hussein.

Também havia sido violentamente bombardeado em Nakhl Mubarak por dois hidroplanos britânicos, que realizaram arrojadas proezas sobre o deserto, colhendo o inimigo em cheio por duas vezes, a despeito dos seus *shrapnels*.

Conseqüentemente, resolvera retirar-se para trás, a toda pressa, a caminho de Bir Said, deixando ali uma pequena força para deter os Juheinas e percorrer a estrada de Sultani, na direção de Rabegh, com o grosso das suas tropas. Estas modificações foram, sem dúvida alguma, sugeridas em grande parte pelo insólito vigor de Ali em Rabegh. Assim que Ali soube da derrota de Zeid, enviou-lhe reforços e carabinas; e quando o próprio Feisal desfaleceu, Ali decidiu mudar-se mais para o norte com todo o seu exército a fim de atacar os turcos no Wadi Safra, e os expulsar de Yenbo. Ali possuía cerca de sete mil homens; e Feisal percebeu que, se aquela mudança fosse sincronizada com outra, de sua parte, as forças de Fakhri poderiam ser esmagadas entre as tropas de ambos, nas montanhas. Telegrafou, sugerindo isto, e pedindo o adiamento em alguns dias, até que os seus homens abalados se preparassem.

Ali estava ansioso e não podia esperar. Feisal, portanto, enviou Zeid a Masahali, ao Wadi Yenbo, para fazer os preparativos. Quando estes se completaram, mandou que Zeid ocupasse Bir Said, o que foi feito com inteiro êxito. A seguir, ordenou que os Juheinas avançassem, para reforço. Os Juheinas hesitaram, porque ibn Beidawi estava enciumado em face do poderio sempre crescente de Feisal no seio de suas tribos, e desejou fazer com que o xerife sentisse que ele era indispensável. Feisal galopou inesperadamente para Nakhl Mubarak, e, em uma única noite, convenceu os Juheinas de que ele, Feisal, era o seu chefe. Na manhã seguinte todos se moveram, enquanto Feisal foi adiante, a fim de reunir os Harbs do norte no Passo de Tasha, e interromper a retirada turca no Wadi Safra. Tinha cerca de seis mil homens; e, se Ali tomasse a montanha sul do vale, os fracos turcos ficariam entre dois fogos.

Infelizmente isto não se deu. Quando se encontrava de fato em mudança, ele soube, por Ali, que depois da pacífica retomada de Bir ibn Hassani os seus homens haviam sido minados por falsas comunicações relativas a deslealdades entre os Subhs, retirando-se, em rápida desordem, para Rabegh.

Durante esta lamentável pausa, o coronel Wilson chegou a Yenbo com o objetivo de nos persuadir da necessidade de uma operação imediata contra Wejh. Um plano muitas vezes emendado havia sido estabelecido, pelo qual Feisal deveria lançar toda a força dos Juheinas, bem como os batalhões permanentes, contra Wejh, com o máximo de auxílio naval. Esta pujança tornava o êxito razoavelmente certo, mas deixava Yenbo vazia e sem defesa. No momento, Feisal

temeu incorrer em semelhante risco. Fez-nos observar, e não sem justo critério, que os turcos, nas suas redondezas, ainda dispunham de mobilidade; que a força de Ali se havia revelado vã, incapaz de defender a própria Rabegh contra qualquer ataque sério; e que, como Rabegh era o baluarte de Meca, antes de a ver perdida deveria abandonar Yenbo e embarcar por mar, com os seus homens, a fim de que todos morressem lutando na sua praia.

Para o tranqüilizar, Wilson pintou a força de Rabegh com cores quentes. Feisal pôs-lhe em prova a sinceridade pedindo-lhe a palavra de honra para a afirmação de que a guarnição de Rabegh, com o auxílio naval britânico, conseguiria resistir a ataques inimigos até que Wejh caísse. Wilson procurou apoio ao redor da silenciosa coberta do *Dufferin* (sobre a qual estávamos conferenciando), e, nobremente, deu a garantia requerida: foi uma manobra sábia, pois que, sem isto, Feisal não se moveria; e este desvio contra Wejh, única ofensiva das forças árabes, era a sua última oportunidade, não tanto para garantir o cerco decisivo de Medina, mas para impedir que os turcos capturassem Meca. Poucos dias mais tarde, ele se reforçou fazendo com que Feisal recebesse ordens paternas, no sentido de se encaminhar imediatamente para Wejh com todas as tropas disponíveis.

Nesse meio tempo, a situação de Rabegh piorou. O inimigo, no Wadi Safra e na estrada de Sultani, fora calculado em cerca de cinco mil. Os Harbs do norte suplicaram-lhe a preservação dos bosques de palmeiras. Os Harbs do sul, os de Hussein Mabeirig, esperavam evidentemente a sua avançada para atacar os xerifianos pela retaguarda. Numa conferência entre Wilson, Brémond, Joyce, Ross e outros, realizada em Rabegh, na véspera de Natal, decidiu-se estabelecer na praia, junto do aeródromo, uma pequena posição, capaz de ser mantida sob a proteção dos canhões dos navios, pelos egípcios, pelas forças aéreas e por um destacamento de desembarque de marinheiros do *Minerva*, por poucas horas — o necessário para embarcar ou destruir os depósitos. Os turcos avançavam pouco a pouco; e a praça não se encontrava em condições de resistir a um batalhão bem comandado e reforçado pela artilharia de campanha.

Contudo, Fakhri foi desmasiado lento. Não passou Bir el Sheikh até quase o fim da primeira semana de janeiro e, sete dias mais tarde, ainda não estava pronto para atacar Khoreiba, onde Ali mantinha um posto avançado de poucas centenas de homens. As patrulhas mantinham-se em contato; e um assalto era esperado todos os dias, mas diariamente adiado com perfeita regularidade.

Na verdade, os turcos estavam se defrontando com insuspeitadas dificuldades. O seu quartel-general se viu tomado de enfermos no seio das

tropas, bem como de crescentes casos de fraqueza dos animais: ambas as coisas eram sintomas do excesso de esforços e da falta de alimentação adequada. A atividade dos homens de tribo, por trás das suas linhas de retaguarda, continuava a embaraçá-los. Alguns clãs por vezes se separavam da causa árabe, mas não se transformavam por isso em partidários seguros e certos dos turcos; estes, assim, logo se viram situados em região hostil às duas partes. As incursões das tribos na primeira quinzena de janeiro causaram-lhes perdas diárias na média de quarenta camelos e cerca de vinte homens mortos ou feridos, com o correspondente custo em material.

Estas incursões podiam verificar-se em qualquer ponto, a 15 quilômetros, do lado do mar, de Medina, e a 110 quilômetros através das montanhas. Elas revelaram os obstáculos existentes no caminho do novo exército turco, com a sua semigermanizada complexidade de equipamento, quando, a partir de uma longínqua cabeça ferroviária, com estradas não construídas, esse exército tentou avançar sobre regiões extremamente irregulares e hostis. O desenvolvimento administrativo da guerra científica havia-lhe impedido a mobilidade e destruído o ímpeto; e as perturbações aumentaram em razão geométrica, em vez de o fazerem em progressão aritmética, a cada novo quilômetro que os oficiais comandantes punham entre eles próprios e Medina, base mal organizada, insegura e inconveniente.

A situação era tão pouco auspiciosa para os turcos que Fakhri provavelmente se sentiu quase satisfeito quando os súbitos movimentos próximos de Abdulla e de Feisal, nos últimos dias de 1916, alteraram a concepção estratégica da guerra do Hedjaz, apressando o regresso da expedição de Meca (depois de 18 de janeiro de 1917) pelas estradas de Sultani, de Fara e de Gaha, bem como pelo Wadi Safra, a fim de manter uma defesa passiva de trincheiras, à vista das muralhas de Medina: posição estática que durou até que o armistício deu por finda a guerra e arrastou a Turquia à funesta rendição da Cidade Santa e da sua impotente guarnição.

CAPÍTULO 22

Feisal era homem de ação, ardoroso e sutil, fazendo com cordial alegria todas as coisas com as quais concordasse. Empenhou a palavra em que atingiria Wejh imediatamente; assim, ele e eu conferenciamos, no dia de Ano-Novo, para considerarmos juntos o que este movimento significava para nós e para os turcos. À nossa volta, tomando o Wadi Yenbo para baixo, e para cima, ao longo de muitos quilômetros, em pequenos grupos em torno de jardins de palmeiras, ou sob as árvores mais copadas, ou ao longo de todos os tributários, fosse onde fosse que houvesse abrigo contra o sol e a chuva ou boa pastagem para os camelos, encontravam-se os soldados do nosso exército. Os montanheses, soldados a pé, seminus, haviam-se reduzido muito. A maior parte dos seis mil ali presentes se constituía de homens montados e de valor. Seus apetrechos para fazer café eram vistos de longe, cercados pelas selas dos camelos, dispostas em círculo ao redor do fogo, como se servissem para a gente se reclinar sobre elas entre uma refeição e outra. A maleabilidade física dos árabes permitia-lhes o repouso sobre as pedras, como lagartos, moldando-lhes o corpo de acordo com a aspereza do terreno, em abandono semelhante ao dos cadáveres.

Mostravam-se tranqüilos e confiantes. Alguns, que serviam a Feisal havia seis meses ou mais, tinham perdido aquele prístino calor de entusiasmo que tanto me impressionara em Hamra; em compensação, muito haviam ganho em experiência; e o poder de apego ao ideal era muito mais importante para nós do que a primitiva valentia. Seu patriotismo, agora, era consciente; e a sua obediência ia-se tornando mais regular, à medida que aumentava a distância entre eles e suas terras natais. A independência de ordens das tribos ainda se mantinha; mas todos haviam estabelecido um tipo comum de rotina, tanto para a vida de acampamento como durante as marchas. Quando o xerife se aproximava, os soldados se dispunham em linha irregular, e, juntos, faziam a reverência e passavam o braço sobre os lábios, o que constituía a saudação oficial. Não

costumavam lubrificar as carabinas: diziam que, pondo-se-lhes óleo, a areia as emperrava; além disso, não possuíam óleo, e se o possuíssem, dar-lhe-iam melhor emprego amaciando a pele crestada pelo vento; mas os fuzis eram conservados decentemente, e alguns dos donos podiam atirar a longa distância.

Em conjunto, aqueles homens não eram formidáveis, pois não possuíam espírito de corporação, nem de disciplina, nem de confiança mútua. Quanto menor fosse a unidade em ação, melhores seriam os feitos. Mil homens eram apenas um tumulto, absolutamente sem eficiência contra qualquer companhia treinada de soldados turcos; mas três ou quatro árabes, em suas montanhas, valiam por doze turcos. Napoleão já havia feito esta observação a respeito dos mamelucos. Encontrávamo-nos muito afobados para podermos transformar em princípio a nossa apressada prática — a nossa tática consistia em captar empiricamente o primeiro meio que surgisse e que nos levasse a vencer as dificuldades. Mas íamos aprendendo, como os nossos homens.

Desde a batalha de Nakhl Mubarak, abandonamos o método de misturar as tropas egípcias às irregulares. Embarcamos os oficiais e soldados egípcios depois de enviarmos o seu equipamento completo a Rasim, artilheiro de Feisal, e a Abdulla el Deleimi, seu oficial de guarnição de metralhadora. Eles formaram companhias árabes com material local, aproveitando uma leva de homens da Síria e da Mesopotâmia, treinados no exército turco, de que haviam desertado. Maulud, valente ajudante-de-ordens, pediu-me cinqüenta mulas, pôs sobre elas cinqüenta homens de infantaria treinados e disse-lhes que eram cavalaria. O próprio Maulud era oficial regular, tendo nascido já com a qualidade de comandante montado, e por meio de exercícios espartanos os homens sobre mulas se transformaram penosamente em ótimos soldados, dotados de obediência instantânea e de capacidade suficiente para a realização de um ataque formal. Eram prodígios nas fileiras árabes. Telegrafamos pedindo mais cinqüenta mulas, a fim de dobrarmos o efetivo da infantaria montada, pois que o valor de semelhantes unidades para reconhecimentos era evidente.

Feisal sugeriu a conveniência de levar consigo quase todos os Juheinas a Wejh, acrescentando-lhes um bom número de Harbs e de Billis, de Ateibas e de Ageyls, para dar à massa um caráter multitribal. Desejávamos a realização desta marcha, que seria, à sua maneira, o ato final da guerra no norte do Hedjaz, para que fizesse correr grandes rumores por todo o comprimento e toda a largura da Arábia ocidental. Deveria ser a maior operação dos árabes de que se tivesse memória; desapareceriam os que a encarassem como benefício apenas para o seu torrão natal, adquirindo todos a certeza de que o seu mundo havia de fato

mudado; assim, não haveria mais estúpidas deserções, nem ciúmes de clãs por trás de nós, no futuro, para nos embaraçar com politiquices de famílias em pleno vórtice da nossa batalha.

Não que esperássemos uma oposição imediata. Aceitamos o incômodo de levar conosco, para Wejh, aquela turba pouco manobrável, sem qualidades de eficiência e sem experiência, precisamente porque não havia batalha prevista no programa. Tínhamos fatores imponderáveis do nosso lado. Em primeiro lugar, os turcos já haviam empenhado a sua reserva de reforços atacando Rabegh, ou melhor, prolongando a área de ocupação, como que para atacar a cidade de Rabegh. Requerer-se-iam dias para que eles se transferissem de novo para o norte. Depois, os turcos eram estúpidos, e confiávamos em que não receberiam notícias imediatas a propósito do nosso movimento, em que não acreditariam, de resto, logo às primeiras narrativas, e em que não veriam, senão muito tarde, a oportunidade que este movimento lhes proporcionaria. Se realizássemos a marcha em três semanas, talvez tomássemos Wejh de surpresa. Por último, poderíamos desenvolver a esporádica atividade das pequenas incursões tão a gosto dos Harbs, transformando-as em operações conscientes, com fins de pilhagem, se possível, para nos mantermos por nós mesmos; principalmente, porém, assim agiríamos para bloquear um grande número de turcos nas suas posições de defesa. Zeid concordou em descer até Rabegh, a fim de organizar semelhantes irrupções na retaguarda dos turcos. Dei-lhe cartas endereçadas ao capitão do *Dufferin*, navio-guarda de Yenbo, e essa missiva lhe asseguraria uma rápida passagem para baixo, porque todos os que tinham conhecimento do projeto relativo a Wejh se mostravam ansiosos por prestar auxílio.

No intuito de me exercitar no gênero das incursões, tomei comigo um grupo de experiência de trinta e cinco Mahamids, vindos de Nakhl Mubarak, no segundo dia de 1917, e levei-os ao velho poço fortificado da minha primeira viagem de Rabegh para Yenbo. Quando a noite desceu, apeamos e deixamos os camelos com dez homens para os guardar contra possíveis patrulhas turcas. O resto subiu comigo para Dhifran: foi uma escalada penosa, pois as montanhas tinham arestas que pareciam gumes de faca que corriam, em linha oblíqua, desde o topo até a base. Ofereciam uma boa superfície de apoio, negando, porém, pontos de agarramento, porque as pedras se encontravam tão miudamente trincadas que qualquer segmento se desprenderia do todo, esfarelando-se nas mãos assim que nelas se tocasse.

O topo do Dhifran era frio e brumoso, e o tempo se arrastou até pela madrugada. Dispusemo-nos em fendas de rochas, e por fim vimos as pontas das

tendas em forma de sino a trezentos metros longe de nós, lá em baixo, à direita, por trás do contraforte. Não podíamos obter uma visão completa, e contentamo-nos com o lançamento de balas através dos topos das tendas. Uma multidão de turcos saiu delas, e saltou, como veados, para as trincheiras. Eram alvos excessivamente móveis e, com toda probabilidade, sofreram pouco. Em resposta, abriram rapidamente fogo em todas as direções, produzindo um terrível tumulto; como se estivessem fazendo sinais às forças de Hamra para que acorressem em seu auxílio. Como o inimigo já se apresentava na razão de mais de dez para um, o reforço impediria a nossa retirada: à vista disto, rastejamos de volta, cuidadosamente, até que pudemos correr montanha abaixo para o primeiro vale, onde caímos sobre dois turcos tomados de espanto, desabotoados, ocupados em suas tarefas matutinas. Encontravam-se maltrapilhos, mas constituíam alguma coisa que se pudesse mostrar, e os levamos conosco; as notícias que estes nos deram no acampamento foram muito úteis.

Feisal ainda se mostrava nervoso a respeito do abandono de Yenbo, que fora, até ali, a sua indispensável base e o segundo porto de mar do Hedjaz; e quando ruminávamos à procura de novos expedientes para despistar os turcos e distraí-los das suas ocupações, de súbito nos recordamos de Sidi Abdulla, que se achava em Henakiya. Este possuía cerca de cinco mil soldados irregulares, algumas carabinas e poucas metralhadoras, gozando a reputação que lhe adviera do cerco feliz que conseguira impor (embora muito lento) contra Taif. Parecia um ato vergonhoso deixá-lo a desperdiçar-se em pleno deserto. A primeira idéia foi a de que ele deveria marchar para Kheibar, a fim de ameaçar a estrada de ferro ao norte de Medina: mas Feisal melhorou grandemente o meu plano recordando-se do Wadi Ais, o histórico vale de olhos-d'água e de aldeias de palmeiras, correndo através das inexpugnáveis montanhas dos Juheinas, desde a parte traseira de Rudhwa, para leste, até o vale de Hamdh, perto de Hedia. Ficava precisamente a cem quilômetros ao norte de Medina, constituindo ameaça contra as comunicações ferroviárias de Fakhri com Damasco. Dali, Abdulla poderia manter o combinado bloqueio de Medina, a leste, contra as caravanas que procedessem do Golfo Pérsico. Ficava, também, perto de Yenbo, que facilmente lhe poderia fornecer víveres e munições.

A proposta foi, como é lógico, uma verdadeira inspiração, e enviamos Raja el Khuluwi imediatamente para a apresentar a Abdulla. Estávamos tão certos de que este adotaria o plano que fizemos pressão sobre Feisal para que se retirasse do Wadi Yenbo em direção ao norte, realizando a primeira etapa a caminho de Wejh sem esperar pela resposta.

CAPÍTULO 23

Ele concordou, e tomamos a ampla estrada superior do Wadi Messarih para Owais, grupo de poços a cerca de 25 quilômetros ao norte de Yenbo. As montanhas estavam lindas naquele dia. As chuvas de dezembro haviam sido abundantes, e o sol quente, depois delas, iludia a terra, fazendo-a pensar que fosse primavera. Uma grama fina havia brotado em todos os recôncavos e em todos os trechos planos. As folhas (singelas, retas e muito esguias) despontavam por entre as pedras. Se um homem se curvasse por cima da sela e olhasse para baixo, não veria cores novas no chão; mas olhando para a frente e abarcando o declive distante, a um bom ângulo de visão, poderia ver a névoa de verde vívido pairando aqui e acolá sobre a superfície dos rochedos azul-violeta e vermelho-escuros. Em certos lugares, a grama apresentava-se basta, e os nossos castigados camelos se tornaram prósperos, a pastar por ali.

O sinal de partida foi dado, mas apenas para nós e para os Ageyls. As outras unidades do exército, estando todos os homens de pé junto de seus camelos ajoelhados, alinharam-se ao lado da nossa estrada, e assim que Feisal se aproximou, saudaram-no, em silêncio. Feisal gritou, voltando-se para trás: "A paz esteja convosco!", e cada xeque repetiu a frase. Quando passamos, eles montaram, à voz de comando dos respectivos chefes, e assim as forças atrás de nós ondearam até que se formou uma longa linha de homens e de camelos, serpenteando ao longo da estreita passagem que dava para a divisória de água e estendendo-se, às nossas costas, até onde a nossa vista podia alcançar.

As saudações de Feisal foram os únicos sons proferidos antes que atingíssemos o topo de uma elevação, onde o vale se abria, transformando-se em suave declive para a frente, cujo chão era de seixo e pedregulho acamados sobre areia: mas ali, ibn Dakhil, o astuto xeque de Russ, que havia levantado o seu contingente de Ageyls dois anos antes para auxiliar os turcos e o transladara intacto para a banda do xerife quando a revolta se declarou, recuou um ou dois

passos, ordenou que o seguíssemos em larga coluna de filas bem dispostas e fez com que os tambores rufassem. Cada homem irrompeu numa canção de rachar a garganta, em honra do emir Feisal e da sua família.

A marcha tornou-se esplêndida e bárbara. À testa, ia Feisal, todo de branco; depois, Sharraf, à sua direita, com turbante vermelho, túnica e capa tingidas de hena; e eu, à sua esquerda, de branco e de escarlate; atrás de nós, três pendões, de seda carmesim, desbotada, com lanças douradas; depois disto, os tambores tocando marchas, e a seguir a confusa massa de doze mil vigorosos camelos da escolta, reunidos tão apertadamente quanto possível — os homens na mais profusa variedade de roupas coloridas e os camelos quase que igualmente brilhantes em seus adornos. Enchemos o vale até suas margens com a torrente fulgurante das nossas forças armadas.

À boca do Messarih, um mensageiro galopou ao nosso encontro, trazendo cartas para Feisal, da parte de Abd el Kader, que se encontrava em Yenbo. Entre as missivas, havia uma datada de três dias antes, para mim, procedente do navio *Dufferin*, informando-me que esse navio de guerra não podia receber Zeid a bordo antes que o seu comandante se encontrasse comigo e obtivesse pormenores a respeito da situação local. O navio encontrava-se em Sherm, solitária enseada a 12 quilômetros costa acima, a partir do porto, onde os oficiais podiam jogar críquete na praia, sem a praga das moscas que infestavam Yenbo. Como é lógico, o pessoal de bordo impediu a chegada de notícias, por se transladar para tão longe: aquilo era motivo de velho atrito entre nós. O comandante, homem de boa fé e boas intenções, não tinha o fôlego de Boyle, o fogoso político e o constitucionalista revolucionário, nem o cérebro de Linberry, do *Hardinge*, que se enchia de noticias e tagarelices a cada porto que tocava, e que se dava ao trabalho de compreender a índole de todas as classes que encontrava em sua rota.

Aparentemente, seria melhor, para mim, correr em direção ao *Dufferin* e regularizar o assunto. Zeid era bom rapaz, mas faria, sem dúvida, qualquer coisa inesperada ou inconveniente durante a folga forçada; e nós precisávamos de paz precisamente naquela altura. Feisal enviou alguns Ageyls comigo, e marchamos na possível velocidade a caminho de Yenbo: com efeito, lá cheguei em três horas, deixando a minha aborrecida escolta (que dizia que não estava disposta a fatigar camelos, nem a maltratar as nádegas por causa da minha impaciência) a meio caminho, na estrada, cruzando a planície tão minha conhecida. O sol, que havia sido um deleite, lá em cima nas montanhas, agora, à tarde, rebrilhava diretamente contra o nosso rosto com uma fúria branca, em presença da qual me vi obrigado a manter a mão, como escudo, sobre os olhos. Feisal me havia dado

um camelo de corrida (presente do emir de Nejd a seu pai), o mais fino e o mais resistente animal que jamais montei. Mais tarde, morreu de excesso de fadiga, de sarna e de negligência, na estrada para Akaba.

Ao chegar a Yenbo, as coisas não eram as esperadas. Zeid fora embarcado, e o *Dufferin* já havia partido naquela manhã para Rabegh. Assim, pus-me a calcular o que necessitávamos, quanto a auxílios navais, na marcha para Wejh, e a esboçar os recursos de transporte. Feisal prometera esperar em Owais até receber informação minha dizendo que tudo estava pronto.

A primeira contrariedade foi o conflito entre os poderes militares e os poderes civis. Abd el Kadir, enérgico mas genioso governador, fora tão assoberbado pelas tarefas, à medida que a nossa base aumentara de proporções, que Feisal lhe enviou, como adido militar, um comandante, Tewfik Bey, sírio de Homs, para cuidar dos depósitos de artilharia. Infelizmente, ali não havia árbitro capaz de resolver sobre o sentido dessa incumbência. Naquela manhã, os homens só encontraram caixas de armas vazias. Abd el Kadir fechara o depósito e fora almoçar. Tewfik desceu ao cais, com quatro soldados, uma metralhadora e um malho, e abriu a porta. Abd el Kadir foi para dentro de um bote, remou até ao navio-guarda britânico — o esbelto *Espiegle* — e disse ao seu capitão, embaraçado mas hospitaleiro, que vinha para ficar a bordo. Seus criados levaram-lhe alimentos de terra firme, e ele dormiu a noite toda numa cama de campanha, no convés do navio.

Eu desejava apressar a tarefa; e tratei de resolver a pendência, fazendo Abd el Kadir escrever a Feisal, pedindo-lhe a sua decisão, e mandando que Tewfik passasse o depósito às minhas mãos. Arrastamos o rebocador *Arethusa* para perto da corveta, a fim de que Abd el Kadir dirigisse o carregamento das disputadas caixas para bordo do seu navio, e, por fim, levamos Tewfik para o *Espiegle*, no intuito de se estabelecer uma reconciliação temporária. Isto se tornou fácil em virtude de um acidente, pois quando Tewfik saudou a sua guarda de honra, no passadiço (guarda que não era estritamente regular, mas política) seu rosto se iluminou e ele disse: "Este navio me prendeu em Kurna", apontando para o troféu da tabuleta do nome da canhoneira turca *Marmaris* que o *Espiegle* havia posto a pique, em ação de guerra, no Tigre. Abd el Kadir interessou-se pela narrativa tanto quanto Tewfik, e a divergência cessou.

Sharraf entrou em Yenbo no dia seguinte, como emir, no lugar de Feisal. Era um homem poderoso, talvez o mais capaz de todos os xerifes do exército, mas desprovido de ambição: — agia por dever, não por ímpeto. Era rico, tendo sido, durante vários anos, juiz-chefe do tribunal do xerife. Conhecia e lidava com os

membros de tribo melhor do que qualquer outra pessoa, e esses homens o temiam, por ser ele severo e imparcial; seu semblante era sinistro; uma das sobrancelhas caía sobre os olhos (efeito de um antigo ferimento) e lhe dava um certo ar de impiedosa dureza. O cirurgião do *Suva* operara-lhe a vista, corrigindo a maior parte do dano sofrido, mas o rosto continuara a não inspirar liberdades ou fraquezas. Achei fácil lidar com ele; tinha a mente muito lúcida, sábia e gentil; mantinha sempre um sorriso afável — nesses momentos, a sua boca se suavizava, ao passo que os olhos continuavam a ser terríveis — e revelava a determinação de realizar tudo bem, em qualquer oportunidade.

Concordamos em que o risco da queda de Yenbo, enquanto tentássemos a captura de Wejh, era grande, e em que, portanto, seria prudente remover dali todos os depósitos. Boyle ofereceu-me uma boa oportunidade assinalando-me que nem o *Dufferin*, nem o *Hardinge* poderiam ser postos à disposição para serviços de transporte. Respondi que, como as dificuldades ameaçavam ser severas, eu preferia o *Hardinge*! O capitão Warren, cujo navio interceptou a mensagem, achou isto supérfluo, mas é certo que a minha resposta fez com que o *Hardinge* aparecesse no porto, com a tripulação muito bem-humorada, dois dias mais tarde. O navio era um barco de transporte de forças indianas, e a sua coberta inferior tinha grandes compartimentos quadrados ao longo do nível da água. Linberry abriu-os para nós, e atiramos por ali, sem mais preâmbulos, oito mil fuzis, três milhões de tambores de munições, milhares de granadas, grande quantidade de arroz e de farinha, fardos de uniformes, duas toneladas de altos explosivos e todo o nosso petróleo, em absoluta desordem. Era como se estivéssemos postando cartas em caixas do correio. Em tempo algum aquele navio havia tomado a bordo um milhar de toneladas de material.

Boyle chegou ansioso por notícias. Prometeu deixar o *Hardinge* como navio-depósito, pelo tempo que fosse necessário, a fim de desembarcar alimentos e água onde fosse preciso, e isto resolveu a nossa principal dificuldade. A esquadra já se ia reunindo. Metade da esquadra do mar Vermelho deveria estar presente. O almirante era esperado, e batalhões de desembarque iam sendo treinados em todos os navios de guerra. Todos preparavam os uniformes, tingindo de cáqui o tecido branco, ou afiavam as baionetas, ou praticavam tiro ao alvo com carabinas.

Eu esperava, silenciosamente, a despeito deles, que não haveria combate. Feisal tinha cerca de dez mil homens, o suficiente para encher a região de Billi com grupos armados, e retirar dali tudo que não fosse muito pesado ou excessivamente deteriorável. Os Billis sabiam disto, e agora mostravam-se

generosos em atos de lealdade para com o xerife, inteiramente convertidos à nacionalidade árabe.

Era certo que nós poderíamos tomar Wejh: o receio era de que uma numerosa tropa de Feisal morresse de fome ou de sede no caminho. O abastecimento era tarefa minha, e mais do que tarefa, séria responsabilidade. Entretanto, a região de Um Lejj, a meio caminho, era amiga: nada de trágico se passaria, pelo menos até lá; portanto, enviamos um comunicado a Feisal, informando que tudo estava pronto, e ele deixou Owais no mesmo dia em que Abdulla respondeu aceitando o plano Ais e prometendo partida imediata para ali. No mesmo dia, chegou a notícia da minha licença. Newcombe, o coronel enviado ao Hedjaz como chefe da nossa missão militar, havia chegado ao Egito, e os seus oficiais de estado-maior, Cox e Vickery, se encontravam de fato a caminho do mar Vermelho a fim de se unirem a esta expedição.

Boyle conduziu-me a Um Lejj, no *Suva*, e descemos a terra firme para obter mais notícias. O xeque nos contou que Feisal deveria chegar naquele dia a Bir el Waheidi, ponto de abastecimento de água a seis quilômetros para o interior. Enviamos-lhe uma mensagem e depois nos encaminhamos para o forte que Boyle havia bombardeado alguns meses antes, a bordo do *Fox*. Era apenas uma barraca em escombros; Boyle olhou para as ruínas e disse: "Sinto-me envergonhado por bombardear esta olaria!" Era oficial profissional de verdade, alerta, com muita coisa de homem de negócios, e protocolar; por vezes, manifestava-se intolerante para com coisas e pessoas fáceis de lidar. Homens de cabelos vermelhos raramente são pacientes. "Ginger Boyle", como o chamavam, era esquentado.

Enquanto contemplávamos as ruínas, quatro velhos notáveis da aldeia vieram até nós, pedindo licença para falar. Disseram que, meses antes, um inesperado navio de duas chaminés havia aparecido e destruído o forte local. Exigia-se, agora, que eles o reconstruíssem, para a polícia do governo árabe. Poderiam pedir ao generoso capitão daquele pacífico navio de uma única chaminé um pouco de madeira, ou outro auxílio material, no sentido da restauração da fortaleza? Boyle ficou impaciente, à vista da longa explicação, e perguntou-me, bruscamente: "De que é que se trata? Que é que desejam?" Eu disse-lhe: "Nada; estão descrevendo os terríveis efeitos do bombardeio do *Fox*". Boyle olhou ao redor de si, durante um momento, e sorriu, com escárnio: "É uma bela desordem."

No dia seguinte, Vickery chegou. Era artilheiro, e durante os seus dez anos de serviço no Sudão aprendera a falar árabe, tanto literário como dialetal; e o fazia tão corretamente que nos dispensou de toda necessidade de intérprete.

Combinamos subir, com Boyle, para o acampamento de Feisal, a fim de se preparar o programa do ataque, e depois do almoço ingleses e árabes começaram a trabalhar e a discutir sobre o restante da marcha para Wejh.

Resolvemos dividir o exército em seções: estas deveriam agir independentemente, encaminhando-se para o nosso ponto de concentração de Abu Zereibat, em Hamdh, depois do qual não havia água, por todo o trajeto até Wejh; mas Boyle concordou em que o *Hardinge* faria escala por uma única noite em Sherm Habban — que se supunha fosse um possível porto —, desembarcando vinte toneladas de água para nós, na praia. Assim, este assunto ficou resolvido.

Para o ataque contra Wejh, oferecemos a Boyle um grupo árabe de desembarque, de milhares de Harbs e Juheinas, composto de camponeses e homens alforriados, sob o comando de ibn Shefia, rapaz negróide de excelente coragem (com a faculdade de fazer amigos), que mantinha os seus homens em ordem razoável por meio de conjurações e de apelos, e que nunca se incomodava com a verificação de quanto a sua dignidade era ultrajada por eles ou por nós. Boyle aceitou os soldados e resolveu colocá-los em outra coberta do *Hardinge*, navio de muitos estômagos. Aqueles homens, com o batalhão naval, deveriam desembarcar ao norte da cidade, onde os turcos não tinham posto algum que lhes servisse para impedir o desembarque, e de onde Wejh e o seu porto seriam mais bem contornados.

Boyle deveria ter, pelo menos, seis navios, com cinqüenta canhões, para ocupar a atenção dos turcos, e um hidroplano de bordo, para dirigir o tiro. Nós deveríamos estar em Abu Zereibat, no dia vinte do mês: em Habban, para receber a água do *Hardinge*, a vinte e dois; e a tropa de desembarque deveria estar em terra firme na madrugada do dia vinte e três; por esta altura, os nossos homens montados já teriam fechado todas as estradas de saída da cidade.

As notícias chegadas de Rabegh eram boas, e os turcos não haviam feito tentativa alguma no sentido de tirar proveito do desamparo de Yenbo. Estes os nossos temores: e quando o rádio de Boyle dissipou as dúvidas a tal respeito, nós nos sentimos poderosamente encorajados. Abdulla estava quase em Ais; nós nos encontrávamos a mais de meio caminho de Wejh; a iniciativa havia passado para os árabes. Eu me sentia tão jubiloso que por um momento me esqueci do meu autocontrole, e disse, exultando, que em um ano estaríamos batendo às portas de Damasco. Um frio correu pelo sentimento dos que se achavam nas tendas, e a minha esperança morreu. Mais tarde, soube que Vickery se dirigira a Boyle e, perante ele, me condenara com veemência como fanfarrão e visionário; todavia,

embora aquela explosão houvesse sido extemporânea, a proeza não era um sonho impossível, pois cinco meses mais tarde eu me encontrava em Damasco, e um ano depois disso eu era seu governador *de fato*.

Vickery desapontara-me, e eu o encolerizara. Sabia que eu era militarmente incompetente, e julgava-me politicamente absurdo. Eu sabia que ele era o soldado experimentado de que a nossa causa necessitava, e ainda assim parecia cego quanto ao seu poder. Os árabes quase naufragaram em virtude desta cegueira dos conselheiros europeus, que não percebiam que rebelião não era guerra: com efeito, aquilo era mais da natureza da paz — quando muito, um golpe nacional. A união dos semitas, uma idéia e um profeta armado, continham ilimitadas possibilidades: em mãos hábeis, não seria Damasco, mas Constantinopla, o ponto atingido em 1918.

CAPÍTULO 24

Bem cedo, na manhã seguinte, tendo verificado que o *Hardinge* estava descarregado sem contratempos, desci para terra firme, no intuito de me avistar com o xeque Yusuf; encontrei-o auxiliando a sua polícia de Bisha, os aldeões atemorizados e um pelotão de homens do velho Maulud, a construir rapidamente uma barricada ao fim da rua principal. Contou-me que cinqüenta mulas selvagens, sem cabresto, nem rédea, nem sela, haviam sido soltas na praia, naquela manhã, pelo pessoal de um navio. Mais por acaso do que por habilidade, os animais foram encurralados na praça do mercado: as saídas já estavam seguramente barradas, e ali as mulas deveriam ficar, tentando subir pela cerca de tábuas dos casebres, até que Maulud, a quem elas se consignavam, criasse uma selaria no deserto. Esta era a segunda remessa de cinqüenta mulas para a unidade militar montada, e, em virtude do nosso temor em Yenbo, havíamos felizmente armazenado cordas e cabos em quantidade suficiente para elas a bordo do *Hardinge*. Assim, lá pelo meio-dia, as vendas do mercado encontravam-se novamente abertas, e nós efetuávamos o pagamento dos danos.

Encaminhei-me para o acampamento de Feisal, que se achava em plena azáfama. Algumas das tribos estavam sacando o soldo de um mês; todos recebiam alimento para oito dias; tendas e bagagens pesadas iam sendo armazenadas; e os últimos preparativos para a marcha se ativavam. Sentei-me e fiquei a ouvir a tagarelice do estado-maior: Faiz el Ghusein, xeque beduíno, oficial turco, cronista dos massacres armênios, e agora secretário; Nesib el Bekri, latifundiário damasceno, e hóspede de Feisal na Síria, agora exilado de sua região, tendo sentença de morte já lavrada contra si; Sami, irmão de Nesib, bacharel da Escola de Direito, agora assistente de tesoureiro; Shefik el Eyr, ex-jornalista, agora secretário assistente, pequeno homem de rosto branco, de maneiras furtivas, sempre parecendo estar sussurrando alguma coisa, honesto no seu patriotismo, mas perverso na vida, e, assim, péssimo colega.

Hassan Sharaf, o médico do quartel-general, nobre homem que havia posto não somente a vida mas também a bolsa a serviço da causa árabe, queixava-se, com excesso de desgosto, por haver encontrado as ampolas esmagadas e as drogas em desordem no fundo da sua caixa. Shefik, zombando dele, disse: "Espera que uma rebelião seja confortável?", e o contraste entre a desolada aflição de ambos nos divertiu. Nos momentos difíceis, o bom humor de qualquer vulgaridade contrabalança e vale todo um mundo de inteligência.

Com Feisal, à tarde, falamos a respeito das marchas próximas. A primeira etapa era breve: ia até Semna, onde havia bosques de palmeiras e poços de água abundante. Depois disso, havia vários rumos possíveis, o que se determinaria apenas quando os nossos mensageiros voltassem com informações relativas ao represamento das águas pluviais. Pela costa, que era a rota direta, havia 95 quilômetros secos, até ao primeiro poço, e a nossa multidão de homens a pé acharia isto excessivo.

O exército, em Bir el Waheidi, montava a cinco mil e cem cameleiros, e a cinco mil e trezentos homens a pé, com quatro canhões Krupp de montanha e dez metralhadoras: e para o transporte possuíamos trezentos e oitenta camelos de carga. Tudo foi reduzido ao absolutamente indispensável, muito abaixo do padrão dos turcos. Nossa partida foi fixada para 18 de janeiro, à tardinha e, pontualmente, pela hora do almoço, Feisal já se encontrava pronto. Formávamos um grupo alegre: o próprio Feisal, descansado das responsabilidades; Abd el Kerim, nunca muito sério; o xerife Jabar, Nesib e Sami, Shefik, Hassan Sharaf e eu. Depois do almoço, a tenda se desfez. Dirigimo-nos para os nossos camelos, ajoelhados em círculo, arreados e carregados, cada qual seguro por um escravo; este mantinha o pé pousado sobre as pernas dianteiras dobradas do animal. O timbaleiro, ao lado de ibn Dakhil, que comandava a escolta, rufou o tambor, sete ou oito vezes, e tudo se pôs em silêncio. Olhamos para Feisal. Este se levantou do seu tapete, sobre o qual estivera a dar as últimas instruções a Abd el Kerim, agarrou o arção da sua sela, fincou o joelho de um lado, e disse, em voz alta: "Faze de Deus teu auxiliar." O escravo soltou o camelo, que se ergueu. Quando o animal se pôs em ordem, Feisal passou a outra perna por cima do dorso, puxou a blusa e a capa por baixo com um gesto ondulante do braço, e sentou-se comodamente sobre a sela.

Quando o seu camelo se moveu, nós já estávamos montados nos nossos, e todo o acampamento se ergueu de uma só vez; alguns animais mugiam; a maioria, porém, se mantinha quieta, como devem manter-se as camelas bem treinadas. Apenas um animal novo, macho ou mal domesticado, espinoteava na

estrada; mas o beduíno que se respeitasse não o montaria nunca, pois o barulho os denunciaria a todos, à noite, dificultando, de outro lado, ataques de surpresa. Os camelos deram os seus primeiros passos abruptos, e nós, os montadores, tivemos de rapidamente enlaçar as nossas pernas ao redor da extremidade dianteira da sela e apanhar o cabresto para lhes ajustar a marcha. Procuramos então saber onde Feisal se encontrava; batemos delicadamente na cabeça dos nossos animais, e fizemos-lhes pressão às espaduas, com os pés descalços, até que se puseram em linha com o animal dele. Ibn Dakhil aproximou-se de nós e, depois de lançar o olhar pela região e na direção da marcha, passou uma breve ordem para os Ageyls, a fim de que se dispusessem em alas, à direita e à esquerda, na distância de duzentos ou trezentos metros, camelo com camelo, em linha, tão perto um do outro quanto o permitissem os acidentes do terreno. A manobra foi executada com correção.

Estes Ageyls eram citadinos de Nejd, toda a juventude de Aneyza, Boreida ou Russ, contratados para servir no corpo regular de cameleiros, pelo prazo de vários anos. Eram moços, de dezesseis a vinte e cinco anos, e bons rapazes, de grandes olhos, alegres, um pouco educados, católicos, inteligentes e bons companheiros na estrada. Raramente se encontrava um que fosse lerdo. Mesmo em repouso (quando a maioria dos rostos orientais se esvaziava de vida), estes rapazes se mantinham espertos e galhardos. Falavam um árabe delicado e elástico, e tinham boas maneiras, ligeiramente afetadas, por hábito. A docilidade e a razoabilidade de sua mente formada em ambiente urbano faziam com que eles tratassem de si próprios e respeitassem os seus superiores sem reiteradas instruções. Seus pais negociavam com camelos, e eles haviam prosseguido neste comércio desde a infância; em conseqüência, viviam uma vida errante, como beduínos; a lânguida doçura da sua índole os tornava promissores, tolerantes para com as asperezas e para com os sofrimentos físicos, o que, no Oriente, era a mais alta prova de disciplina. Eram essencialmente submissos; não obstante, possuíam têmpera de soldados, e combatiam com inteligência e coragem quando conduzidos com afabilidade.

Como não formavam uma tribo, não tinham inimigos de sangue, e passavam livremente pelo deserto: os transportes e o comércio do interior se concentravam em suas mãos. Os ganhos do deserto eram poucos, mas suficientes para os tentar, porque as condições da sua vida doméstica eram destituídas de conforto. Os Wahabis, sequazes de fanática heresia muçulmana, haviam imposto as suas normas rígidas aos Kasims civilizados e tolerantes. Em Kasim, havia pouca oferta de café, muita reza e jejum, nenhum tabaco, nada de requintados

entretenimentos com mulheres, nem de roupagens de seda, nem cordões de turbante de ouro e prata, nem sequer de adornos. Tudo era forçosamente pio, ou forçosamente puritano.

Era fenômeno natural aquele periódico aparecimento, a intervalos de pouco mais de um século, de credos ascéticos na Arábia Central. Os devotos sempre achavam a crença do vizinho confundida com as coisas não essenciais, o que parecia ímpio à ardente imaginação dos seus sacerdotes. Vezes e vezes seguidas, tais credos ascéticos apareceram, tomando posse, em corpo e em alma, das tribos, e despedaçando-se depois de encontro aos semitas urbanos, homens mercadores e concupiscentes do mundo. Ao redor dos seus bens de conforto, os novos credos fluíam e refluíam, como marés ou como as cambiantes estações do ano, e cada movimento trazia em si a semente da morte prematura, em virtude do seu excesso de perfeição. Sem dúvida, estes movimentos deverão repetir-se, porque as causas — o sol, a lua, o vento — atuando no vazio dos espaços descampados pesarão sem contraste sobre a mente dos habitantes do deserto, desapressados e desoprimidos.

Contudo, naquela tarde, os Ageyl não estavam pensando em Deus, e sim em nós, e quando ibn Dakhil os enfileirou à direita e à esquerda colocaram-se animadamente em forma. Ouviram-se rufos de aviso, dados pelos tambores, e o poeta da ala direita irrompeu num canto estridente, de um só dístico improvisado, sobre Feisal e sobre os prazeres que ele nos proporcionaria em Wejh. A ala direita ouviu os versos atentamente, decorou-os e cantou-os de novo em coro, uma, duas e três vezes, com orgulho, auto-satisfação e certa zombaria. Todavia, antes que a entoasse pela quarta vez, o poeta da ala esquerda irrompeu em resposta extemporânea, na mesma métrica e na mesma rima, rematando o sentimento. A ala esquerda a entoou num rugido de triunfo; os tambores rufaram de novo; os porta-estandartes içaram as suas grande bandeiras carmesim, e toda a guarda, direita, esquerda e centro, cantou conjuntamente, formando um coro regimental de vibrações sempre crescentes:

> Perdi a Bretanha, a Gália perdi, mudo,
> Perdi Roma também; pior que tudo,
> Perdi Lalage...

O que haviam perdido, porém, eram só Nejdes e as mulheres de Maabda; e o seu futuro se estendia pela estrada de Jidá até Suez. Não obstante, era uma boa

canção, com ritmo compassado de que os camelos gostavam, tanto que abaixaram a cabeça, esticaram o pescoço e, com passo alongado, avançaram alegremente enquanto o canto durou.

A estrada era fácil para os camelos, pois corria sobre declives de areia firme, por longas ondas de dunas de rampa suave, inteiramente a descoberto, à exceção dos espinheiros nos bosques, ou de solitárias palmeiras nas depressões úmidas. Lá adiante, em planície aberta, dois cavaleiros vieram galopando da esquerda, para saudar Feisal. Eu conhecia o primeiro, o velho sujo e ramelento Mohammed Ali el Beidawi, emir dos Juheina: mas o segundo parecia estranho. Quando este se aproximou, notei que se encontrava em uniforme cáqui, com uma capa para o cobrir; trazia um turbante de seda e cordões de turbante já muito usados. Olhou para cima, e lá estava a face vermelha e descascada de Newcombe, com olhos cansados, boca veemente e uma forte ruga de bom humor entre os dois maxilares. Chegara a Um Lejj naquela manhã, e ao saber que tínhamos partido precisamente então, tomara o mais veloz dos cavalos do xeque Yusuf e galopara atrás de nós.

Ofereci-lhe o meu camelo de reserva e uma apresentação a Feisal, a quem saudou como a velho amigo de colégio; ambos entraram imediatamente na névoa dos acontecimentos, sugerindo, discutindo e planejando com a velocidade do relâmpago. A rapidez inicial de Newcombe era enorme; o frescor do dia e da vida e o sentimento de plenitude do exército davam inspiração à marcha, pondo o futuro a borbulhar nos nossos lábios, sem esforço.

Passamos Ghowashia, escabroso bosque de palmeiras, e marchamos sobre um campo de lava, comodamente, pois a sua aspereza se encontrava amortecida pela areia cuja espessura era suficiente para a suavizar mas não bastante profunda para apresentar um chão demasiadamente fofo. Os topos mais altos dos montes de lava mostraram-se lá adiante. Uma hora mais tarde, chegamos, como que de súbito, a uma corcova que decaía para a frente em declive de areia, abrupto, raso e reto, a ponto de poder ser denominado rochedo de areia, dando para um vale amplo e magnífico, de seixos redondos. Era Semna, e a nossa estrada ia por ali abaixo, através de terraços de palmeiras.

O vento soprara em direção à nossa marcha, e assim havia silêncio e calor ao fundo do vale, a sotavento da grande barranca de areia. Aí estava a nossa água, e aqui paramos, até que os batedores voltassem da procura de poços pluviais à nossa frente; a isto nos aconselhara Abd el Kerim, nosso guia-chefe. Vencemos os quatrocentos metros através do vale, e subimos os aclives posteriores até ficarmos a salvo de enchentes, e ali Feisal deu algumas palmadas leves no pescoço

da sua camela até que o animal se pôs de joelhos, escarvando o cascalho, e afinal se sentou. Hejris estendeu o tapete para nós e, com os outros xerifes, sentamo-nos e gracejamos enquanto o café se aquecia.

Eu sustentei, contra Feisal, a grandeza do paxá Ibrahim, chefe dos Milli-curdos, no norte da Mesopotâmia. Quando ele se encontrava prestes a marchar, as suas mulheres saíam do leito antes do alvorecer e, caminhando sem fazer o menor rumor por cima do esticadíssimo pano de tenda, umas desprendiam as suas tiras, enquanto outras, por baixo, removiam as estacas, até que a barraca se desfizesse e tudo fosse dividido em bagagem de camelo e afinal carregado. A seguir, elas partiam, de maneira que o paxá despertava sozinho sobre o seu catre, ao ar livre, onde, durante a noite, havia repousado em meio ao rico compartimento interno da sua tenda-palácio.

Levantava-se comodamente e tomava café sobre o seu tapete: e, depois, os cavalos lhe eram apresentados, e todos podiam tomar o caminho do novo acampamento. Mas, se, no caminho ele se sentisse com sede, acenaria com um dedo para os seus criados, e o homem do café galoparia até se pôr ao lado dele, com os bules prontos e o braseiro a queimar sobre um suporte de bronze da sela para servir taças de café durante a marcha, sem interromper o ritmo do passo; e, ao crepúsculo, já as mulheres se encontravam à sua espera, na tenda armada, como havia acontecido na tarde anterior.

Aquele nosso dia era tão cinzento, e nos parecia tão estranho depois de tanto sol a pino que havíamos tido, que Newcombe e eu caminhávamos, encurvados, para ver onde se encontrava a nossa sombra, enquanto falávamos do que eu esperava e do que ele queria. Esperança e desejo eram uma e mesma coisa, de maneira que ficamos com o cérebro desanuviado para observar Semna e os seus lindos bosques de palmeiras bem tratadas, entre pequenas sebes de espinheiros mortos; havia, aqui e acolá, choupanas de bambu e de talos de folhas de palmeiras para abrigar os proprietários e suas famílias nas épocas da fertilização e da colheita. Nos jardins de nível mais baixo e no leito do vale, ficavam os poços, pouco profundos, revestidos de madeira, cuja água era, ao que diziam, extraordinariamente doce, e nunca faltava: mas corria em tão pequena quantidade que para dar de beber à nossa coorte de camelos foi preciso a noite toda.

Feisal escreveu cartas, de Semna, a vinte e cinco chefes dos Billis, dos Howeitat e dos Beni Atiyeh, dizendo que, com o seu exército, estaria incontinenti em Wejh, e que eles deveriam tomar as medidas necessárias. Mohammed Ali meneava-se todo e, como a quase totalidade dos nossos homens

era composta de gente da sua tribo, revelou-se útil na disposição dos destacamentos, explicando a cada qual a rota que deveria percorrer no dia seguinte. Os nossos batedores de água chegaram, informando-nos haver tanques pouco profundos em dois sítios bem distantes um do outro, na estrada da costa. Depois do interrogatório cruzado, resolvemos enviar quatro seções por aquele caminho, e as outras cinco pela rota das montanhas: desta maneira, pensávamos poder chegar mais rápida e seguramente a Abu Zereibat.

Não era fácil resolver sobre o rumo, com o insignificante auxílio dos Musa Juheinas, nossos informantes. Parecia que não conheciam unidade de tempo menor do que meio dia, nem unidade de distância entre o palmo e a etapa; e uma etapa podia ser de seis a dezesseis horas, de conformidade com a vontade do homem e do camelo. As comunicações, entre as nossas unidades, apresentavam-se obstruídas, por que com freqüência não se encontrava pessoa que pudesse ler ou escrever, em qualquer delas. Atrasos, confusão, fome e sede perturbavam a nossa expedição. Tudo isso teria sido evitado se tivéssemos tido tempo para examinar a rota com antecedência. Os animais ficaram sem alimento durante quase três dias, e os homens marcharam os últimos oitenta quilômetros com apenas dois litros de água e sem comer coisa alguma. Isto, porém, não lhes abateu o ânimo; galoparam todos bastante alegremente, a caminho de Wejh, cantando cantos roucos e fazendo troça: mas Feisal disse que outro meio dia igualmente acalorado e sem recursos lhes teria arrasado tanto a velocidade como a energia.

Quando tudo terminou, Newcombe e eu saímos para dormir na tenda que Feisal nos emprestara como luxo todo especial. As condições de transporte de bagagens eram tão árduas e tão importantes, que nós, os ricos, tínhamos o orgulho de nos conduzir como os homens que não podiam transportar coisas desnecessárias: e nunca, antes daquele dia, eu tinha possuído tenda própria. A barraca foi por nós armada ao pé de uma escarpa, junto à montanha. Era uma escarpa não mais ampla do que a tenda, e toda arredondada, de maneira que o declive corria diretamente para baixo, a partir da estaca da cortina da porta. Ali encontramos, sentado e à nossa espera, Abd el Kerim, o jovem xerife Beidawi, envolto até os olhos pelo turbante e pela capa, por estar a tarde fria e haver ameaças de chuva. Ele viera para pedir-me uma mula, com sela e rédeas. A elegante aparência dos companheiros de Maulud, de calções e polainas, montados em lindos animais novos no mercado de Um Lejj, havia-lhe espertado este anseio.

Brinquei com o seu desejo e tentei pô-lo dali para fora, propondo a condição de que deveria me fazer o mesmo pedido depois da nossa feliz entrada em Wejh; e, com isto, o homem se deu por satisfeito. Estávamos ansiosos por dormir, e, afinal, ele se levantou, mas, acontecendo lançar o olhar através do vale, viu, nos recôncavos que ficavam lá em baixo e ao nosso redor, piscando, os fogos-fátuos dos destacamentos dispersos. Abd el Kerim chamou-me para contemplar e fez um gesto amplo com o braço, dizendo meio tristemente: "Já não somos mais árabes, mas um Povo."

Ele se sentia, igualmente, meio orgulhoso, pois a avançada sobre Wejh representava o maior esforço daquele povo; era a primeira vez, na memória de todos os tempos, em que os varões de uma tribo, com transportes, armas e alimento para trezentos quilômetros, deixava o seu distrito e marchava sobre território alheio sem a esperança do saque e sem o estímulo da vingança de sangue. Abd el Kerim sentia-se contente porque a sua tribo havia revelado este novo espírito de colaboração; mas mostrava-se também entristecido. Para ele, as alegrias da vida eram um camelo rápido, ótimas armas e uma breve incursão feliz contra as hordas dos inimigos: e a gradual consecução dos objetivos de Feisal ia tornando tais alegrias cada vez menos fáceis para os dirigentes.

CAPÍTULO 25

Durante a manhã, choveu persistentemente; e sentimo-nos contentes por ver mais água vir a nós; era tão confortável estar a gente nas tendas, em Semna, que retardamos a partida até que o sol brilhou de novo, logo ao começo da tarde. Depois, marchamos para o ocidente, vale abaixo, à fresca luz ambiente. Em primeiro lugar, atrás de nós, vinham os Ageyls. Depois deles, Abd el Kerim encabeçava os seus homens de Gufa, cerca de setecentos montados e mais do que isso a pé. Vestiam-se de branco, com grandes turbantes de algodão listado de preto e de vermelho, e desfraldavam no espaço ramos de palmeiras em vez de pendões.

A seguir, vinha o xerife Mohammed Ali abu Sharrain, velho patriarca de longa barba encaracolada e grisalha, na atitude muito ereta que lhe era peculiar. Seus trezentos cameleiros eram Ashraf, do ramo de Asiaishi (Juheina), reconhecidos como xerifes, mas apenas reconhecidos em conjunto, pois não possuíam árvores genealógicas registradas. Trajavam túnicas vermelho-escuras, tingidas de "hena", por baixo de capas negras, e usavam espadas. Cada qual tinha um escravo acocorado atrás de si na garupa, para o auxiliar com fuzil e adaga no combate, cuidar do camelo e cozinhar para ele, quando em marcha. Os escravos, como convinha a escravos de patrões pobres, vestiam-se muito pouco. Suas pernas robustas, negras, agarravam-se aos lanosos flancos dos camelo, a fim de suavizar os solavancos inevitáveis nas gibas ossudas em que se encarapitavam; os farrapos da camisa amarravam-se à correia ao redor da cintura, para que eles, os escravos, não perdessem o equilíbrio nem caíssem durante a marcha, e para que os trapos não fossem atingidos pelas defecações do animal. As águas de Semna eram medicinais, e as fezes dos nossos camelos, naquele dia, fluíram por suas nádegas abaixo.

Atrás dos Ashrafs, vinha a bandeira carmesim do nosso último destacamento de tribo, os Rifaa, sob o comando de Owdi ibn Zuweid, velho e fascinante pirata

marítimo, que havia assaltado a Missão Stotzingen e atirado os seus aparelhos de rádio, bem como os seus auxiliares indianos, ao mar, em Yenbo. É presumível que os tubarões tenham recusado os aparelhos de telegrafia sem fio, mas nós empregamos várias horas, inutilmente, procurando pescá-los no porto. Owdi ainda usava um longo capote de oficial alemão forrado de peles, vestimenta pouco adequada para o clima, mas, como insistia em afirmar, esplêndida presa de guerra. Tinha cerca de mil homens, três quartos dos quais marchavam a pé; depois dele, figurava Rasim, o comandante de artilharia, com os seus quatro velhos canhões Krupp, puxados por mulas de carga, tal como os havíamos retirado do exército egípcio.

Rasim era um damasceno sardônico, que emergia, rindo, em todas as situações críticas, safando-se, porém, com dores de cabeça e queixas, sempre que as coisas corriam bem. Naquele dia, houve murmúrios de toda espécie, pois ao lado dele viajava Abdulla el Deleimi, encarregado das metralhadoras, oficial ativo, esperto, superficial mas atraente, de tipo bem profissional, cuja maior alegria era provocar grosseiros aborrecimentos a Rasim até que este os descarregasse em cheio sobre Feisal ou sobre mim mesmo. Naquele dia eu o auxiliei, porque ri para Rasim dizendo-lhe que estávamos nos movendo a intervalos de uma quarto de dia em escalões de subtribos. Rasim olhou para os arbustos lavados de fresco, pelos quais escorriam gotas de chuva à luz do sol que se ia, rubro, além das ondas, sob um céu de nuvens, e olhou, também, para a desordenada cadeia de beduínos a correr aqui e acolá atrás de pássaros e de coelhos, de gigantescos lagartos e gerbos, e até uns atrás de outros: e concordou, melancolicamente, que também ele em breve se transformaria em subtribo, formando, só por si, um escalão de meio dia deste lado ou daquele, para se livrar das moscas.

Logo no início da marcha, um homem de tropa havia atirado contra uma lebre, da sela, mas em virtude do perigo de tiros ao léu Feisal proibiu atos semelhantes; as outras lebres despertadas pelas patas dos nossos camelos eram caçadas a pau. Nós ríamos à súbita comoção, na companhia em marcha: gritos, camelos volteando violentamente e saindo da linha, e cameleiros saltando ao chão e batendo com selvageria as suas varas para matar ou para apanhar um animal já morto. Feisal sentia-se feliz por vêr o exército conquistar tanta carne, mas desgostava-se em presença do desvergonhado apetite dos Juheinas por lagartos e gerbos.

Marchamos sobre a areia plana por entre espinheiros que abundavam aqui e eram enormes, até que saímos numa praia de mar e viramos para o norte,

seguindo uma senda ampla, de leito bem batido — a estrada dos peregrinos do Egito. Corria a cinqüenta metros à beira da praia, e nós podíamos caminhar por ela, trinta e quarenta fileiras de frente, de gente a cantar. Um velho leito de lava, meio sepulto em areia, saltava das montanhas, a seis ou oito quilômetros terra adentro, formando um promontório. A estrada passava por este, mas, ao lado, bem perto, existiam lagoas de lama, em que rasas poças de água pareciam inflamar-se à luz do ocidente. Este era o nosso esperado ponto de parada, e Feisal deu ordem para que se fizesse alto. Saltamos dos camelos, esticamos os músculos e nos espreguiçamos; uns sentaram-se, outros caminharam ao léu, antes do jantar, na direção do mar, tomando banho em grupos de centenas — turbas de homem nus, luzentes, gritando, mergulhando, semelhantes a peixes, e apresentando todas as cores da terra.

Era preciso cuidar também do jantar, pois um Juheina havia caçado, naquela tarde, uma gazela para Feisal. A carne de gazela era por nós considerada a melhor entre todas, no deserto, porque este animal, por mais árida que fosse a terra e por mais secos que estivessem os olhos-d'água, parecia possuir sempre o corpo suculento.

A refeição obteve o êxito esperado. Retiramo-nos cedo, sentindo-nos excessivamente fartos: mas logo depois de Newcombe e eu nos havermos estendido na nossa tenda, fomos inquietados por uma onda de rumores que passava pelas linhas: camelos a correr, tiros e algazarra. Um escravo arfante meteu a cabeça por baixo do pano da tenda, gritando: "Novidade! Novidade! O xerife Bey foi preso." Pus-me de pé, num salto, e corri através da aglomeração a caminho da tenda de Feisal, que já estava à frente de amigos e de criados. Com Feisal, sentava-se, portentoso e artificial, em meio a tamanha balbúrdia, Raja, o homem de tribo que havia levado a Abdulla a ordem para que tomasse o rumo do Wadi Ais. Feisal estava radiante; seus olhos congestionavam-se de alegria, quando ele saltou ao meu encontro e gritou, suplantando o vozerio: "Abdulla aprisionou Eshref Bey." Aí foi que eu soube como era importante e bom o acontecimento.

Eshref era aventureiro notório dos bastidores escusos da política turca. Na meninice, perto da sua região natal de Esmirna, havia sido apenas bandido, mas, com o andar dos anos, transformara-se em revolucionário, e quando finalmente foi presos Abd el Hamid o exilou para Medina, por cinco agitados anos. A princípio, foi quase que confinado ali, mas um dia arrombou a janela secreta e escapou para junto de Shehad, o emir bêbado, no seu subúrbio de Awali. Shehad estava, como de costume, em guerra contra os turcos, e deu-lhe asilo; mas

Eshref, achando a vida insossa, por fim conseguiu tomar em empréstimo uma excelente égua e cavalgou para as barracas turcas. No terreiro destas, encontrava-se o oficial do seu inimigo, o governador, comandando os exercícios de uma companhia de gendarmes. Galopou até ele, içou-o para a sua sela e fugiu antes que a polícia atônita pudesse protestar.

Tomou o caminho de Djebel Ohod, sítio inabitado, levando o prisioneiro à sua frente, dando-lhe o epíteto de asno e carregando-o com trinta pães e os odres de água necessários para a alimentação de ambos. Para resgatar o filho, o paxá concedeu a Eshref liberdade sob palavra e quinhentas libras. Eshref comprou camelos, uma tenda, uma esposa, e vagamundeou ao redor de tribos até à revolução dos jovens turcos. Então, reapareceu em Constantinopla e tornou-se bravo, perpetrando os assassínios projetados por Enver. Seus serviços lhe valeram a nomeação de inspetor do campo de refugiados da Macedônia, aposentando-se um ano mais tarde, com renda assegurada de propriedades rurais.

Quando se declarou a guerra, tomou o caminho de Medina com fundos e com cartas do sultão para os árabes neutros; sua missão era a de estabelecer comunicações com a guarnição turca isolada no Iêmen. O seu percurso, na primeira etapa da jornada, cruzou, por acaso, a rota de Abdulla, no caminho para o Wadi Ais, perto de Kheibar, e alguns dos árabes, tomando conta dos seus camelos durante uma parada de meio-dia, foram detidos por homens de Eshref e interrogados. Disseram ser Heteyms, afirmando que o exército de Abdulla era uma caravana de víveres a caminho de Medina. Eshref deu liberdade a um, com ordens de trazer o resto da caravana para a revista, e este homem contou a Abdulla que havia soldados acampados na montanha.

Abdulla sentiu-se intrigado e enviou cavaleiros para que investigassem. Minutos após, foi sobressaltado pelo súbito tagarelar de uma metralhadora. Inclinou-se a concluir que os turcos haviam remetido uma coluna volante para lhe cortar a retirada, e ordenou que os seus homens montados os atacassem desesperadamente. Os cavaleiros galoparam contra a metralhadora, sofrendo várias perdas, e desbarataram os turcos. Eshref fugiu, a pé, para o topo da montanha. Abdulla ofereceu a recompensa de mil libras a quem o prendesse; e, ao cair da noite, ele foi encontrado, ferido, e depois feito prisioneiro pelo xerife Fauzan el Harith, em seguida a obstinada luta.

Na bagagem, havia vinte mil libras em moeda, trajes de gala, presentes caros, documentos interessantes e camelos carregados de fuzis e de pistolas. Abdulla escreveu uma carta exultante ao paxá Fakhri (informando-o da captura), e pregou-a num poste telegráfico arrancado quando cruzou a estrada de ferro na

noite seguinte, ao marchar pelo caminho desimpedido em direção ao Wadi Ais. Raja deixou-o ali, acampado em calma e com conforto. A novidade foi uma sorte dupla para nós.

Por entre os homens tomados de alegria, deslizou a triste figura do imã, que ergueu a mão. Fez-se silêncio por um instante. "Ouçam-me", disse ele, e entoou uma ode em louvor do acontecimento, asseverando que Abdulla havia sido especialmente favorecido, atingindo rapidamente a glória que Feisal ia ganhando lenta mas seguramente por meio de árduas lutas. O poema tinha méritos como obra de apenas dezesseis minutos, e o poeta foi recompensado em ouro. Aí, Feisal viu uma adaga ricamente ornada de pedras preciosas, à cintura de Raja. Raja gaguejou que a arma pertencia a Eshref. Feisal atirou-lhe a sua e tomou a dele, para dá-la, afinal, ao coronel Wilson. "Que foi que meu irmão disse a Eshref?" "É esta a sua paga pela nossa hospitalidade?" Ao passo que Eshref havia replicado, como Suckling: "Eu posso combater, com ou sem razão, devotadamente!"

"Quantos milhões receberam os árabes?", indagou, quase sem poder respirar, o velho Mohammed Ali, quando ouviu dizer que Abdulla se metia até os cotovelos na arca tomada, distribuindo ouro a mancheias às tribos. Raja era solicitado de todos os lados, e dormiu já mais rico naquela noite, merecidamente, pois a marcha de Abdulla para Ais tornava segura a situação de Medina. Com Murray a fazer pressão no Sinai, Feisal aproximando-se de Wejh e Abdulla entre Wejh e Medina, a posição dos turcos, na Arábia, passava a ser simplesmente defensiva. A maré da sorte havia mudado de direção; e todo o acampamento, vendo-nos de rosto alegre, esteve em azáfama até pela madrugada.

No dia seguinte, marchamos facilmente. Uma refeição se sugeriu por si, ao encontrarmos mais alguns pequenos olhos-d'água, num valado nu que descia de El Sukhur, grupo de três extraordinárias montanhas semelhantes a bolhas de granito sopradas do fundo da terra. A jornada foi agradável, pois o tempo estava fresco; havia muita gente; e nós, os dois ingleses, tínhamos uma tenda em que nos podíamos fechar e ficar a sós. Um dos desagradáveis costumes do deserto era viver a gente sempre em companhia, cada membro de grupo ouvindo tudo quanto fosse dito e vendo tudo quanto fosse feito pelos outros, de dia e de noite. Não obstante, o desejo de solidão parecia constituir parte da ilusão da auto-suficiência, afetada maneira de se fazer uma pessoa rara e rogada, a fim de aumentar, por esta estranheza, o valor da própria estima. Ter vida privada, como Newcombe e eu tínhamos, era mil vezes mais repousante do que a vida ao ar livre, mas a obra sofria em virtude de tal separação entre chefes e comandados.

No seio dos árabes, não havia distinções, naturais ou tradicionais, exceto a inconsciente força dada a um xeque famoso, em virtude das suas realizações; e eles me disseram que homem algum podia ser seu chefe a menos que comesse a comida comum dos soldados, usasse as suas roupas, vivesse a mesma vida dos seus comandados e, ainda assim, parecesse melhor do que todos.

Pela manhã, marchamos em direção a Abu Zereibat, tendo o sol matinal e incandescente a rebrilhar num céu sem nuvens, com o costumeiro fulgor de fazer doer os olhos e a dança dos raios solares sobre a areia polida ou sobre partículas de cristal de rocha. A nossa estrada se elevava suavemente por um agudo barranco de pedra calcária, de flancos escarvados pela erosão, e dali lançávamos a vista sobre a baixada de cascalho negro que ficava entre nós e o mar. O mar se situava, agora, a cerca de doze quilômetros a ocidente: mas era invisível.

De uma feita, fizemos alto e começamos a sentir a grande depressão que se prenunciava à nossa frente; mas só a vimos lá pelas duas da tarde, quando cruzamos o afloramento de basalto e olhamos através de um descampado de vinte e cinco quilômetros, que era o Wadi Hamdh, a escapar das montanhas. A noroeste, abria-se o grande delta através do qual o Hamdh se derramava por vinte bocas; e vimos as linhas escuras, que eram moitas de espinheiros nos canais de enchentes, de leitos já secos, ziguezagueando para dentro e para fora, pela planície, vindo da borda da montanha abaixo de nós, e indo para a nossa frente até perderem-se no mormaço a cinqüenta quilômetros de distância, à nossa esquerda, já perto do mar invisível. Por trás do Hamdh, erguia-se subitamente, da planície, a dupla montanha, Djebel Raal: uma espécie de cutilada cortava-a ao meio. Para os nossos olhos cansados de pequenas coisas, constituía um esplêndido espetáculo esta ponta extrema de um rio seco, mais longo do que o Tigre; era o maior vale da Arábia, conhecido primeiro por Doughty, e ainda agora inexplorado; ao passo que Raal era uma bela montanha, esguia e altaneira, que fazia honra ao Hamdh.

Cheios de curiosidade, descemos as ladeiras de cascalho, sobre as quais os tufos de grama se iam tornando cada vez mais freqüentes, até que, às três horas, entramos no rio propriamente dito. Era um leito de cerca de um quilômetro e meio de largura, repleto de grupos de arbustos de *asla*, ao redor dos quais se haviam formado outeiros arenosos, de poucos metros de altura. A areia não era muito pura, mas parecia possuir traços de gesso seco e quebradiço, últimos indícios de antigos níveis de inundações. As linhas de gesso dividiam nitidamente os outeiros em várias camadas, corroídas por lama salgada, de maneira que se desprendiam em escamas; os camelos afundavam-se ali,

provocando rumor semelhante ao produzido quando se esmaga um pastel. A poeira subia em nuvens espessas, que ainda mais se espessavam em virtude da luz do sol que as atravessava porque o ar morto da depressão era ofuscante.

As tropas que vinham atrás não podiam ver para onde iam, o que lhes dificultava a marcha, pois os outeiros arenosos se tornavam cada vez mais próximos entre si, e o leito do rio se estilhaçava num labirinto de canais, que representavam a obra de enchentes parciais, ano após ano. Antes de chegarmos ao meio do vale, tudo se mostrou tomado pelos espinheiros, com brotos laterais a sair dos montículos e entrelaçados uns aos outros por emaranhados rebentos novos, mas secos, poeirentos e quebradiços como osso velho. Firmamos as escoras dos nossos sacos de sela, para evitar que fossem arrancados pelos ramos dos arbustos, apertamos a capa ao redor de nós, curvamos a cabeça para a frente, a fim de proteger os olhos, e disparamos por ali, como uma ventania por entre juncos. A poeira cegava e sufocava, e o embaraço dos ramos, os rugidos dos camelos, os gritos e as gargalhadas da tropa constituíam uma rara aventura.

CAPÍTULO 26

Antes que atingíssemos a outra margem, o chão de súbito se ampliou em um fundo de argila, onde apareceu uma profunda poça escura de água, de oitenta metros de comprimento e cerca de quinze de largura. Era esta a água de enchente de Abu Zereibat, nossa meta. Fomos alguns metros mais adiante, através das últimas moitas de espinheiros, e chegamos à margem norte, aberta ao céu, onde Feisal determinara que se acampasse. Era uma enorme planície de areia e quartzo, que ia até o sopé de Raal, oferecendo espaço para todos os exércitos da Arábia. Paramos os nossos camelos; os escravos os descarregaram e armaram as tendas; enquanto isso, voltamos a pé para ver as mulas, sedentas depois da longa marcha de um dia, a correr com os soldados até a poça, escarvando e patinhando com prazer na água doce. A abundância de árvores era uma felicidade adicional, e fosse onde fosse que se escolhesse o local do acampamento, cada grupo de amigos tinha o seu fogo crepitante — de resto muito bem-vindo, pois a úmida bruma da tarde se ergueu a dois metros e meio do chão e as nossas capas de lã endureceram e se tornaram frias, com as contas de prata da neblina metidas no tecido grosseiro.

A noite era negra, sem lua, mas, por cima do banco de neblina, apresentava-se brilhante de estrelas. No alto de uma pequena colina, perto das nossas tendas, recolhemo-nos em nós mesmos e ficamos a contemplar os brancos blocos rolantes de bruma. Por cima das camadas de névoa, repontavam os picos agudos das tendas e subiam espirais de fumaça a desfazer-se, espirais que se tornavam luminosas nas bordas inferiores quando as labaredas lambiam o ar limpo, como que impelidas pelos rumores do exército invisível. O velho Auda ibn Zuweid corrigiu-me gravemente, quando lhe disse isto: "Não é um exército, é um mundo que se move para Wejh." Rejubilei-me à sua insistência, pois havia sido para criar precisamente este sentimento que tínhamos acompanhado aquela confusa multidão de homens, em marcha tão difícil.

Naquela noite, os Billis começaram a vir a nós, timidamente, jurando fidelidade, pois o vale do Hamdh era a sua fronteira. Entre eles, Hamid el Rifada cavalgara com uma numerosa comitiva, a fim de prestar a homenagem do seu respeito a Feisal. Contou-nos que seu primo, o paxá Suleiman, o exemplo da tribo, se encontrava em Abu Ajaj, a vinte e cinco quilômetros ao norte de nós, tentando desesperadamente, e de uma vez por todas, convencer o próprio espírito que havia meditado e hesitado proveitosamente através da sua longa vida. A seguir, sem aviso nem parada, veio o xerife Nasir de Medina. Feisal pôs-se de pé, abraçou-o e conduziu-o logo à nossa presença.

Nasir causou esplêndida impressão, tal como havíamos ouvido falar dele, e tal como havíamos esperado. Abria os caminhos, era o precursor do movimento de Feisal, o homem que deflagrara o seu primeiro tiro em Medina e que estava para disparar o nosso último cartucho em Muslimieh, além de Aleppo, no dia em que os turcos pedissem armistício; e, do começo ao fim, tudo quanto se podia dizer dele era bom.

Era irmão de Shehad, o emir de Medina. Os membros de sua família descendiam de Hussein, o mais moço dos filhos de Ali, sendo os únicos descendentes de Hussein considerados Ashrafs, e não Saada. Eram Shia desde os dias de Kerbela, e, no Hedjaz, respeitados como os únicos dignos de figurar em primeiro lugar, depois dos emires de Meca. Nasir, pessoalmente, gostava de jardins, e seu destino fora o de fazer involuntariamente a guerra, desde a infância. Tinha, agora, uns vinte e sete anos. Sua fronte, baixa e larga, combinava com os olhos sensíveis enquanto a boca agradável e o queixo pequeno se faziam ver claramente através de uma pêra preta e bem aparada.

Havia estado por ali durante dois meses, vigiando Wejh, e a sua última notícia era a de que a vanguarda do corpo de cameleiros turcos, na nossa estrada, se havia retirado naquela manhã a caminho da principal posição de defesa.

Dormimos até tarde do dia seguinte, a fim de nos prepararmos para as necessárias horas de palestra. Feisal tomou a si a incumbência de dirigir as conversações. Nasir o apoiou, sendo o segundo na ordem de comando, e os irmãos Beidawi ficaram sentados, de lado, para ajudar. O dia estava claro e quente, ameaçando ficar mais quente ainda, pela tarde; Newcombe e eu vagamos ao léu, contemplando os homens que desalteravam os camelos, os soldados e a constante afluência de novos elementos. Quando o sol ficou a pino, uma enorme nuvem de poeira, vinda do oriente, anunciou a chegada de uma grande multidão, e regressamos às nossas tendas para ver Mirzuk el Tikheimi, mestre-de-cerimônias de Feisal, com cara de rato, chegar a cavalo. Veio chefiando os

homens do clã dos Juheinas e passou pelo emir a trote, para fazer uma demonstração. A tropa nos sufocou com a poeira levantada, pois o grupo de doze xeques, conduzindo uma enorme bandeira vermelha e um amplo pendão branco, desembainhou a espada e levou a efeito uma carga volteando várias vezes ao redor das nossas tendas. Não admiramos a sua maneira de montar, nem as suas éguas: talvez porque fossem, para nós, causa de aborrecimentos.

Lá pelo meio-dia, os Harbs de Wuld Mohammed e os homens montados do batalhão de ibn Shefia deram entrada: trezentos homens, ao comando do xeque Salih e de Mohammed ibn Shefia. Mohammed era suarento, de pequena estatura e vulgar, de cinqüenta cinco anos de idade, dotado de bom senso e enérgico. Ia ganhando fama rapidamente no exército árabe, pois levava a termo qualquer trabalho manual. Seus homens eram varreduras do Wadi Yenbo, sem terra e sem família, ou laboriosos citadinos de Yenbo, desembaraçados de toda dignidade hereditária. Eram mais dóceis do que qualquer outro grupo das nossas tropas, à exceção dos Ageyls de mãos brancas, belos demais para poderem ser operosos.

Já estávamos atrasados de dois dias, em relação a nossa promessa à marinha, e Newcombe resolveu marchar à frente, naquela noite, para Habban. Lá se avistaria com Boyle, explicando-lhe que havíamos sido obrigados a faltar ao encontro com o *Hardinge*, mas que nos sentiríamos felizes se esse navio pudesse voltar para ali, na tarde do dia vinte e quatro, quando chegaríamos com uma premente necessidade de água. Boyle trataria de fazer com que o ataque naval fosse adiado até o dia vinte e cinco, a fim de conservarmos o plano de conjunto.

Depois de descer a noite, chegou uma mensagem de Suleiman Rifada, com um camelo de presente, para que Feisal o recebesse se fosse amigo, ou devolvesse se lhe fosse hostil. Feisal sentiu-se embaraçado, e expressou a sua incapacidade de compreender um homem tão fraco. Nasir afirmou: "Oh, isto se dá porque ele come peixe! Peixe faz inchar a cabeça, e é lógico que ele tenha semelhante conduta!" Os homens da Síria, da Mesopotâmia, do Jidá e de Yenbo riram alto, para manifestar que não compartilhavam a mesma opinião do árabe das montanhas, segundo a qual um homem de sua cepa se desgraçava por saborear os três alimentos — galinhas, ovos e peixes. Feisal disse, com mordaz gravidade: "O senhor insulta o exército; nós gostamos de peixe!" Outros protestaram: "Nós o abandonamos e procuramos refúgio em Deus", e Mirzuk, para mudar o curso dos debates, assegurou: "Suleiman é de nascimento prematuro, nem cru, nem maduro."

Cedo, pela manhã, marchamos em ordem dispersa durante três horas a caminho do Wadi Hamdh. Ali, o vale ia para a esquerda, e nós nos atiramos por uma região baixa, desolada e desprovida de características. O dia era fresco: um forte vento do norte nos batia no rosto e seguia para a costa. À medida que avançávamos, ouvíamos fuzilarias intermitentes na direção de Wejh, e receávamos que a marinha tivesse perdido a paciência e houvesse iniciado o ataque sem nós. Como quer que fosse, não podíamos recuperar os dias perdidos; seguimos pelo terreno árido, cruzando afluentes e mais afluentes do Hamdh. A planície apresentava-se recortada por pequenos rios, todos rasos, retos e nus, tão numerosos e tão intrincados como as nervuras de uma folha. Por fim, chegamos de novo ao curso principal do Hamdh, em Kurna, e embora o seu leito de argila contivesse apenas lama, resolvemos acampar ali.

Enquanto nos dispúnhamos a armar as tendas, houve um súbito tumulto. Foram avistados camelos a pastar longe, a leste, e os enérgicos homens de Juheina se encaminharam para eles, agarraram-nos e os trouxeram para o acampamento. Feisal ficou furioso e gritou-lhes que parassem, mas os homens se encontravam excessivamente entusiasmados para o ouvir. Feisal apanhou o fuzil e atirou contra o homem mais próximo; este, tomado de medo, caiu da sela, e os outros suspenderam a corrida. Feisal mandou que todos se reunissem à sua presença, prostrou os principais promotores com o seu bastão de camelo e encurralou os animais roubados bem como os ladrões até que a inteira verificação do ocorrido se completou. A seguir, devolveu os animais aos seus proprietários Billis. Se não houvesse procedido por esta forma, teria colocado os Juheinas em estado de guerra privada com os Billis, nossos supostos aliados do dia de amanhã, e isto poderia impedir a nossa expansão para além de Wejh. O nosso êxito dependia também destas pequenas rusgas.

Na manhã seguinte, rumamos para a praia, indo por ela acima até Habban, às quatro horas. O *Hardinge* encontrava-se devidamente ali, para nosso conforto, e descarregava água: a baía rasa oferecia pouco abrigo, e o mar encrespado, balançando o navio, tornava arriscado o trabalho dos botes de descarga. Reservamos a primeira remessa para as mulas, e demos a água restante aos mais sedentos dos homens a pé; mas foi uma noite difícil; aglomerações de homens em sofrimento vagavam ao léu, acotovelando-se ao redor dos tanques, sob os raios dos faróis de bordo, à espera de um novo gole de água, no caso de os marinheiros se arriscarem de novo.

Fui para bordo e ouvi a notícia de que o ataque naval havia sido levado a efeito como se o exército de terra se encontrasse presente, pois Boyle receava que

os turcos se retirassem, se ele tardasse. Conseqüentemente, no dia em que chegamos a Abu Zereibat, Ahmed Tewfik Bey, governador turco, discursou perante a guarnição, dizendo que Wejh deveria ser sustentada até à última gota de sangue. A seguir, já ao crepúsculo, dirigiu-se ao seu camelo e marchou para longe dali, na direção da estrada de ferro, em companhia de uns poucos homens preparados para a fuga. Os duzentos homens de infantaria resolveram levar a efeito a tarefa já abandonada contra a tropa de desembarque; mas foram superados em número, na razão de três para um, e o fogo se mostrou pesado demais para que eles pudessem fazer uso adequado de suas posições. Tanto quanto o *Hardinge* sabia, a batalha não estava terminada, mas a cidade de Wejh havia sido ocupada pelos marinheiros e pelos árabes de Saleh.

CAPÍTULO 27

Boatos proveitosos entusiasmaram o exército, que começou a praticar incursões em direção ao norte logo depois da meia-noite. Pela madrugada, reunimos os vários contingentes no Wadi Miya, dezenove quilômetros ao sul da cidade, e avançamos sobre ela, em ordem, encontrando poucos turcos dispersos, dos quais apenas um grupo ofereceu uma breve resistência. Os Ageyls apearam para tirar as capas, os turbantes e as camisas; e seguiram para a frente, morenos e seminus, dizendo que a nudez assegurava ferimentos limpos, caso fossem atingidos: ademais, as preciosas roupas não ficariam danificadas. Ibn Dakhil, no comando, obteve obediência perfeitamente regular. Avançaram em companhias alternadas, em ordem aberta, a intervalos de quatro ou cinco metros, com companhias igualmente numerosas para servir de apoio e fazendo bom uso dos escassos abrigos existentes.

Era agradável contemplar aqueles homens, limpos e escuros, em marcha pelo vale arenoso batido de sol, com a turquesa das poças de água salgada no meio a separar os estandartes carmesim que dois porta-bandeiras conduziam na primeira fila. Seguiram para diante, em galope sustentado, vencendo distâncias a quase nove quilômetros por hora, em silêncio mortal, atingindo o sopé e subindo ao cume das colinas sem disparar um tiro. Certificamo-nos de que o nosso trabalho estava terminado e trotamos à frente para encontrar o rapaz Saleh, filho de ibn Shefia, já de posse da cidade. Contou-nos que as suas perdas consistiam em cerca de vinte mortos; mais tarde, ouvimos que um tenente inglês, da força aérea, fora mortalmente atingido durante um reconhecimento em hidroplano, constando também a existência de um marinheiro britânico ferido no pé.

Vickery, que dirigira a batalha, mostrava-se satisfeito, mas eu não pude compartilhar da sua satisfação. Para mim, toda ação desnecessária, todo tiro inútil, toda perda dispensável, não representavam desperdício, mas pecado. Sentia-me incapaz de adotar o ponto de vista dos militares profissionais, segundo

o qual toda ação coroada de êxito é considerada ganha. Os nossos rebeldes não eram materiais, como os soldados, mas amigos nossos, confiantes na nossa chefia. Não assumíramos o comando por imposição nacional, mas por solicitação; e os nossos homens eram voluntários, individuais, homens da mesma região, parentes, de maneira que qualquer morte se tornava motivo de tristeza pessoal para muitos no exército. E mesmo do ponto de vista puramente militar, o assalto me parecia um despropósito.

Os duzentos turcos de Wejh não tinham transporte nem alimentos, e, se deixados sós por alguns dias, se renderiam. Se fugissem, isto não teria o valor de uma vida árabe. Queríamos ter Wejh como base contra a estrada de ferro e ponto de apoio para a extensão da nossa frente; o esmagamento e o massacre, na sua tomada, haviam sido supérfluos.

Foi inconveniente esmagar a aldeia. O povo citadino havia sido avisado, por Feisal, do próximo ataque, aconselhado a não perturbar a ação militar por meio de sublevação e a não fugir; mas a maioria era composta de egípcios de Kosseir, que preferiam os turcos a nós, e resolveu esperar pelo êxito final; assim, os homens de Shefia e de Biasha encontraram as casas repletas de material para saque, e varreram tudo. Roubaram as lojas, arrombaram portas, devassaram todos os quartos, destruíram baús e armários, arrancaram tudo quanto fosse lixo, e rasgaram todos os colchões e todas as almofadas em busca de tesouros escondidos; ao mesmo tempo, o fogo da esquadra abriu enormes rombos em todos os muros ou edifícios proeminentes.

A nossa principal dificuldade era o desembarque de víveres. O *Fox* havia afundado todas as barcaças e todos os botes a remo, e ali não havia qualquer espécie de cais; mas o expedito *Hardinge* confiou em si mesmo e entrou no porto (que era suficientemente largo, mas muito curto) e desembarcou o nosso material utilizando-se dos seus próprios botes. Chamamos um grupo de cansados trabalhadores de ibn Shefia, e, com seu auxílio, ora desajeitado, ora lânguido, conseguimos trazer para terra firme víveres bastantes para as necessidades do momento. Os habitantes da cidade voltaram famintos e ficaram furiosos à vista do estado em que encontraram as suas propriedades; e começaram a desforra roubando tudo quanto não estivesse guardado, chegando até a rasgar sacas de arroz na praia e a levar consigo grandes quantidades de cereais nas fraldas dobradas das blusas. Feisal corrigiu a situação nomeando o impiedoso Maulud governador da cidade. Este procedeu à entrada dos seus violentos cavaleiros na praça, e, num dia de prisões em massa e de punições sumárias, persuadiu a todos

que era melhor deixar as coisas correrem por si. Depois disto, Wejh manteve o silêncio do medo.

Mesmo nos poucos dias que transcorreram antes que eu partisse para o Cairo, os proveitos da nossa marcha espetacular começaram a se manifestar. O movimento árabe já não tinha opositores na Arábia Ocidental, e já havia superado e passado além do perigo de fracasso. Morreu a questão vexatória de Rabegh; e nós aprendemos as primeiras regras da guerra beduína. Quando contemplada retrospectivamente, diante do lucro representado pelos nossos novos conhecimentos, a morte lamentável daqueles vinte homens, nas ruas de Wejh, não parecia tão terrível. A impaciência de Vickery estava justificada, talvez, a sangue-frio.

LIVRO III

ENTREATO FERROVIÁRIO

CAPÍTULOS 28 A 38

A nossa conquista de Wejh produziu o desejado efeito sobre os turcos; estes desistiram da avançada sobre Meca, preferindo colocar-se na defesa passiva de Medina e de sua estrada de ferro. Os nossos técnicos arquitetaram planos para os atacar.

Os alemães perceberam o perigo de envolvimento e convenceram Enver da necessidade de ordenar a imediata evacuação de Medina. Sir *Archibald Murray solicitou-nos um ataque sustentado que destruísse o inimigo em retirada.*

Feisal logo se mostrou à altura do seu papel: e eu me dirigi a Abdulla, a fim de obter a sua cooperação. No caminho, senti-me enfermo e, enquanto permaneci deitado, só, com as mãos vazias, fui levado a meditar sobre a campanha. O pensamento me convenceu de que a prática recente havia sido muito melhor do que a nossa teoria.

Restabelecido, não pensei mais na estrada de ferro; voltei a Wejh com idéias novas. Tentei fazer com que outros as aceitassem e adotassem o desdobramento como princípio básico; tentei fazer com que, igualmente, se fizesse propaganda, mesmo antes de combater. Os outros preferiram o objetivo militar limitado e direto de Medina. À vista disto, resolvi correr a Akaba por minha conta, pondo em prova a minha própria teoria.

CAPÍTULO 28

No Cairo, as autoridades ainda emocionadas prometeram ouro, fuzis, mulas, mais metralhadoras e canhões de montanha; estes últimos, porém, como era lógico, nunca os recebemos. O problema dos canhões era um tormento perpétuo. Em virtude de a região ser montanhosa e destituída de bons caminhos, os canhões de campanha para nada nos serviram; e o exército britânico não possuía canhões de montanha, exceto o indiano, de projéteis de dez libras, que só prestava serviços contra arcos e flechas. Brémond possuía alguns excelentes Schneider, de sessenta e cinco, em Suez, com artilheiros argelinos, mas ele os considerava principalmente como sua alavanca para mover tropas aliadas a caminho da Arábia. Se lhe pedíssemos, para no-los enviar, com ou sem homens, responder-nos-ia primeiro que os árabes não tratariam as guarnições adequadamente, e depois que não cuidariam devidamente dos canhões. O seu preço era uma brigada britânica para Rabegh; e nós estávamos dispostos a pagar.

Brémond temia tornar formidável o exército árabe — argumento que facilmente se entendia — mas o caso do governo britânico era incompreensível. Não se tratava de má vontade, pois dava-nos tudo o mais que precisávamos; nem de mesquinhez, pois o seu auxílio total aos árabes, em materiais e em dinheiro, excedia dez milhões. Penso que se tratava de pura estupidez. Mas era demência mostrar generosidade para com muitos empreendimentos e avareza para com outros, pela razão técnica de que não podíamos conter a artilharia turca, por serem os canhões desta de maior alcance do que os nossos, na proporção de três a quatro mil metros. Afinal, felizmente Brémond derrotou-se a si próprio depois de manter em ociosidade as baterias em Suez durante todo um ano. O major Cousse, seu sucessor, ordenou que os canhões nos fossem remetidos, e, com o seu auxílio, entramos em Damasco. No decorrer daquele ano de ociosidade, as peças haviam sido, para todo oficial árabe que entrasse em Suez, prova silenciosa e incontestável da malícia francesa no que se refere ao movimento árabe.

Recebemos grande reforço para a nossa causa com o paxá Jaafar, oficial de Bagdá, do exército turco. Depois de notáveis serviços prestados nos exércitos alemão e turco, fora escolhido por Enver para organizar as tropas do xeque el Senussi. Para lá foi de submarino, transformou os homens selvagens em uma força decente e revelou habilidade tática contra os britânicos em duas batalhas. A seguir, foi aprisionado e alojado na cidadela fortificada do Cairo, com outros oficiais prisioneiros de guerra. Conseguiu escapar, certa noite, atirando uma corda feita de lençóis aos fossos que cercavam o edifício em que se achava; mas os lençóis se romperam com o esforço e, na queda, Jaafar se feriu nos quadris, tendo sido novamente preso. No hospital, deu a sua palavra e foi solto depois de pagar os lençóis rotos. Certo dia, porém, leu nos jornais árabes notícias relativas à revolta do xerife e à execução, pelos turcos, de notáveis árabes nacionalistas — seus amigos — e sentiu que havia permanecido, até então, do lado errado.

Feisal tinha ouvido falar deste oficial, como era natural, e desejava tê-lo na qualidade de comandante-em-chefe das forças regulares, cujo aperfeiçoamento concentrava, agora, o nosso maior esforço. Sabíamos que Jaafar era dos poucos homens com suficiente reputação e personalidade para aplainar as dificuldades e reunir os elementos reciprocamente desagradáveis no seio do exército. O rei Hussein, entretanto, não o queria; era velho e de visão estreita, não gostando de homens da Mesopotâmia, nem da Síria: Meca deveria libertar Damasco. Recusou os serviços de Jaafar. Feisal teve de o engajar sob sua própria responsabilidade.

No Cairo, estavam Hogarth, George Lloyd, Storrs e Deedes e muitos velhos amigos. Além deles, o círculo dos simpatizantes para com a causa árabe havia aumentado estranhamente. No exército, as nossas apólices subiam à medida que revelávamos lucros. Lynden Bell continuava sendo firmemente nosso amigo, e jurava que certo método ia saindo do desenfreamento árabe. *Sir* Archibald Murray percebeu, em golpe súbito, que mais tropas turcas estavam lutando contra os árabes do que contra ele próprio, e começou a recordar como havia sempre favorecido a revolta árabe. O almirante Wemyss mostrava-se tão pronto para auxiliar agora como o estivera nos nossos maus dias, ao redor de Rabegh. *Sir* Reginald Wingate, alto comissário no Egito, sentia-se feliz com o êxito da operação que advogara durante anos. Eu reconhecia-lhe de má vontade esta satisfação; porque McMahon, que tomara a responsabilidade de iniciar o movimento, fracassara precisamente quando a prosperidade começou. Entretanto, não era culpa de Wingate.

Em meio à minha procura das pontas sutis de todos estes fios, registrou-se uma rude surpresa. O coronel Brémond visitou-me para me felicitar pela captura de Wejh, dizendo que o fato confirmava a sua fé nos meus talentos militares, animando-o a esperar o meu auxílio em uma futura extensão do nosso êxito. Desejava ocupar Akaba com forças anglo-francesas e apoio naval. Pôs em relevo a importância de Akaba, único porto turco deixado no mar Vermelho, o mais próximo do canal de Suez, o mais próximo também da estrada de ferro do Hedjaz, ao flanco esquerdo do exército de Bersheba; sugeriu, afinal, a sua ocupação por uma brigada mista, que avançaria pelo Wadi Itm acima para o golpe decisivo em Maan. Começou a insistir sobre a natureza do terreno.

Disse-lhe que eu conhecia Akaba desde antes da guerra, e que percebia ser o seu projeto tecnicamente impossível. Poderíamos tomar a praia do golfo; mas as nossas forças, ali, tão desfavoravelmente situadas como na praia de Gallipoli, ficariam sob a observação e sob o fogo dos canhões das montanhas costeiras — e aquelas montanhas de granito, de centenas de metros de altura, eram impraticáveis para tropas pesadas: as passagens entre elas eram formidáveis desfiladeiros, muito difíceis de serem tomados de assalto ou transpostos. Na minha opinião, Akaba, cuja importância era tão grande e ainda maior do que ele dizia, seria mais facilmente tomada pelos árabes irregulares procedentes do interior, sem auxílio naval.

Brémond não me revelou (mas eu sabia) que ele desejava o desembarque em Akaba para decapitar o movimento árabe, pelo recurso de lhe colocar uma força mista à frente (como em Rabegh), de maneira que os árabes ficassem confinados na Arábia e obrigados a desperdiçar os seus esforços contra Medina. Os árabes ainda temiam que a aliança do xerife conosco estivesse baseada em um acordo secreto para os vender, afinal, e tamanha invasão cristã confirmaria tais receios, destruindo a sua cooperação. De minha parte, não disse a Brémond (mas ele sabia) que eu tencionava anular os seus esforços e levar logo os árabes para Damasco. Divertia-me esta rivalidade infantil e presunçosa a respeito de finalidades vitais, mas ele terminou a palestra de maneira agourenta, dizendo que, de qualquer forma, partiria para expor o plano a Feisal, em Wejh.

Ora, eu não havia prevenido Feisal de que Brémond era politiqueiro. Newcombe encontrava-se em Wejh, animado pelo amistoso desejo de conseguir novos progressos. Não havíamos conversado sobre o problema de Akaba. Feisal não lhe conhecia o terreno, nem as tribos. Perspicácia e ignorância fariam com que se prestassem ouvidos favoráveis à proposta. Pereceu-me melhor correr de novo para Wejh e colocar os do meu lado em guarda; na mesma tarde, parti para

Suez e zarpei nessa noite. Dois dias depois, em Wejh, expliquei-me; de maneira que, quando Brémond chegou dez dias após, e abriu o seu coração, ou parte dele, a Feisal, a sua tática lhe foi devolvida com aperfeiçoamentos.

O francês começou oferecendo seis armas automáticas Hotchkiss, completas, com instrutores. Era um nobre presente; mas Feisal colheu a oportunidade para lhe pedir que aumentasse a generosidade com uma bateria dos canhões de montanha de tiro rápido, que se encontrava em Suez, explicando que se sentira triste por deixar a área de Yenbo a caminho de Wejh, uma vez que Wejh ficava muito à frente do seu objetivo — Medina —, mas havia sido realmente impossível para ele tomar os turcos (que possuíam artilharia francesa) de assalto com fuzis ou com os velhos canhões fornecidos pelo exército britânico. Seus homens não tinham a excelência técnica necessária para fazer um canhão ruim prevalecer sobre um canhão bom. Teve, pois, de explorar as suas próprias vantagens — número e mobilidade — e, a menos que o seu equipamento pudesse ser melhorado, seria impossível dizer até onde iria a expansão da sua frente de batalha!

Brémond procurou torcer o caso, desprezando os canhões como inúteis para a guerra do Hedjaz (absolutamente certo, do ponto de vista prático). Mas a guerra acabaria imediatamente se Feisal fizesse os seus homens subir ao redor da região, como cabritos, e destruir a estrada de ferro. Feisal, zangado pela metáfora (pouco polida, em árabe) contemplou o metro e oitenta de altura do confortável corpo de Brémond e perguntou-lhe se já havia tentado ser cabrito por sua vez. Brémond reportou-se galantemente à questão de Akaba, bem como ao real perigo, por ela representada, para os árabes, se os turcos ali permanecessem: insistiu em que os ingleses, que possuíam meios para uma expedição com esse fim, deveriam ser instados para a empreender. Feisal, em resposta, apresentou-lhe um esboço geográfico do terreno que ficava por trás de Akaba (eu reconheci a parte menos marcada do traçado) e expôs as dificuldades das tribos, bem como o problema da alimentação — e todos os pontos que constituíam um verdadeiro obstáculo. Terminou dizendo que, depois da nuvem de ordens, contra-ordens e confusão, sobre as tropas aliadas, por causa de Rabegh, ele, Feisal, na verdade não era tão cínico para se aproximar de *Sir* Archibald Murray tão cedo com outro pedido para nova excursão.

Brémond teve de se retirar da batalha em boa ordem, disparando uma última palavra ferina contra mim, no ponto em que eu me encontrava sentado, sorrindo despreocupadamente, com o pedido para que Feisal insistisse em que os carros blindados britânicos, que se achavam em Suez, fossem remetidos a Wejh. Mas

também este golpe errou o alvo, pois os carros já haviam sido embarcados! Depois de Brémond partir, regressei ao Cairo para uma semana de folga, em que distribuí, aos meus superiores, muitos bons conselhos. Murray, que de má vontade designara a brigada de Tullibardine para Akaba, aprovou-me ainda mais quando me declarei também contrário a este espetáculo circunstancial. Depois, para Wejh.

CAPÍTULO 29

A vida, em Wejh, era interessante. Havíamos posto em ordem nosso acampamento. Feisal instalou as suas tendas (aqui um opulento grupo delas: tendas de estar, tendas de recepção, tendas de estado-maior, tendas para hóspedes, tendas para criados) a cerca de um quilômetro e meio do mar, ao pé de um "biombo" de coral que corria suavemente desde a praia até terminar em precipício, a pique, de frente para o oriente e para o sul, sobre amplos vales, irradiando como estrela desde o porto abraçado pela terra. As tendas dos soldados e dos homens de tribos agrupavam-se nos vales arenosos, deixando para nós as alturas mais frescas; e nós, os nórdicos, achávamos aquela situação muito agradável, quando a brisa vindo do mar nos trazia o murmúrio das ondas, dissipado e longínquo, como o eco do tráfego em rua secundária de Londres.

Imediatamente atrás de nós postavam-se os Ageyls, em grupo irregular e cerrado de tendas. Ao sul deles encontrava-se a artilharia de Rasim; e ao lado deste, para lhe fazer companhia, os metralhadores de Abdulla, em linhas regulares, com os seus animais dispostos em renques que eram uma lisonja para o oficial profissional e uma conveniência quando o espaço se tornava precioso. Bem adiante, o mercado estava instalado e cheio, no terreiro, com punhados fervilhantes de homens ao redor das mercadorias. As tendas dispersas e os abrigos dos homens de tribo tomavam todos os sopés de barranco e todos os lugares em que não batesse vento. Além da última tenda, estendia-se o chão aberto, com grupos de camelos indo daqui para acolá em torno das palmas disseminadas junto do poço mais próximo, de água excessivamente salobra. Como fundo, havia os montes na parte inferior de montanhas mais altas, rochedos e massas de coisas semelhantes a castelos em ruínas, como que empurrados em escarpa para o horizonte da linha costeira.

Como era costume em Wejh acampar os homens bem distantes uns dos outros, minha vida ali foi empregada em andar para a frente e para trás, para as

tendas de Feisal, para as tendas inglesas, para as tendas do exército egípcio, para a cidade, para o norte, para a estação de rádio, caminhando o dia todo, sem pausa, para cima e para baixo das veredas de coral, de sandálias ou descalço, enrijando os pés, conquistando, lenta e gradativamente, a faculdade de caminhar quase que sem sofrimento sobre um chão de pedras agudas e queimantes e retemperando o meu corpo, já treinado, para maiores empreendimentos.

Os pobres árabes indagavam o motivo por que eu não tinha égua; e eu me abstive de os intrigar mais com a explicação, para eles incompreensível, em torno da necessidade de me preparar para tarefas mais árduas, ou com a declaração de que eu preferia caminhar a pé a montar, para poupar os animais: todavia, a primeira razão era verdadeira, e a segunda era verdadeira. Alguma coisa chocante para o meu orgulho, e desagradável, erguia-se à vista daquelas formas inferiores de vida. A sua existência punha um reflexo servil na nossa maneira humana de ser: era o estilo pelo qual Deus deveria olhar para nós; e fazer uso deles, dever-lhes qualquer obrigação passível de ser evitada, pareciam-me coisa vergonhosa. Eu recebia a mesma impressão dos negros, entregando-se à demência do seu tantã, todas as noites, ao pé dos recifes. Seus rostos, sendo perfeitamente diversos dos nossos, eram toleráveis; mas impressionava a possibilidade de eles possuírem uma contrapartida para todos os membros do nosso corpo.

Feisal, no acampamento, trabalhava dia e noite com a sua política, coisa em que muito poucos de nós o poderiam auxiliar. Fora do acampamento, a multidão nos ocupava e nos divertia com paradas, tiros festivos e marchas triunfais. Havia também acidentes. De uma feita, um grupo, brincando por trás das nossas tendas, provocou a explosão de uma bomba de hidroplano, relíquia da captura da cidade por Boyle. Na explosão, os membros das pessoas do grupo se disseminaram pelo campo, marcando o pano das tendas com manchas vermelhas, que logo se tornaram escuras e depois pálidas. Feisal mandou que se mudassem as tendas, ordenando que as ensangüentadas fossem destruídas: os escravos, por economia, as lavaram. Em outro dia, incendiou-se uma tenda, queimando parcialmente três dos nossos hóspedes. O acampamento aglomerou-se ao redor e berrou gargalhadas até que o fogo se extinguiu, e depois, mais ou menos envergonhados, tratamos dos feridos. No terceiro dia, uma égua ficou ferida por uma bala perdida e muitas tendas foram furadas.

Certa noite, os Ageyls amotinaram-se contra o seu comandante ibn Dakhil, por os censurar de maneira muito geral e por os punir de forma excessivamente severa. Assaltaram-lhe a tenda, rugindo e gritando, dispersaram todas as coisas ao acaso e surraram os seus criados. Não bastando isto para aplacar a fúria,

começaram a recordar Yenbo, e saíram para matar os Ateibas. Feisal, do nosso morro, viu as tochas deles, e correu descalço para lá, golpeando os amotinados com o lado da espada, como quatro homens. A fúria do xerife deteve os Ageyls, enquanto os escravos e os cavaleiros, chamando por socorro, correram montanha abaixo aos gritos, rugidos e golpes de espadas embainhadas. Deram-lhe um cavalo, e montado nele Feisal carregou contra os chefes do motim, enquanto nós dispersávamos os grupos por meio de foguetes luminosos "Very". Apenas dois foram mortos e trinta feridos. Ibn Dakhil demitiu-se no dia seguinte.

Murray havia-nos dado dois carros blindados Rolls-Royce, retirados da campanha na África Oriental. Eram comandados por Gilman e Wade, e suas guarnições se compunham de britânicos, homens vindos da A.S.C. para guiar, e do corpo de metralhadores para atirar. Tê-los em Wejh tornava as coisas ainda mais difíceis para nós, porque os alimentos que comíamos e a água que bebíamos haviam sido de pronto condenados pelo médicos; mas a companhia dos ingleses constituía um prazer compensador, e o trabalho, empurrando automóveis e motocicletas através dos desesperadores areais ao redor de Wejh, era grande.

A enorme dificuldade de conduzir veículos através da região dava, aos homens, braços de pugilistas, de maneira que eles balançavam profissionalmente os ombros, no andar. Com o tempo tornaram-se hábeis, aperfeiçoando um estilo e uma arte de guiar automóveis sobre areia, o que os fazia escolher cuidadosamente as melhores veredas e correr em boa velocidade sobre lugares fofos. Um destes lugares eram os últimos trinta quilômetros de planície, em frente a Djebel Raal. Os carros costumavam atravessá-lo em pouco mais do que meia hora, saltando de crista em crista, das dunas, e derrapando perigosamente nas curvas. Os árabes gostavam dos novos brinquedos. As bicicletas eram por eles denominadas cavalos-do-diabo, filhotes dos automóveis, e estes, por sua vez, eram filhos e filhas dos trens. Isto nos dava três gerações de transporte mecânico.

A marinha trabalhou grandemente, no nosso interesse, em Wejh. O *Espiegle* foi enviado por Boyle como navio-estação, com deliciosas ordens para "fazer o que estivesse ao seu alcance, cooperando nos vários planos que fossem sugeridos pelo coronel Newcombe, embora fazendo sentir claramente que a sua colaboração era um favor". O comandante do *Espiegle*, Fitzmaurice (bom nome, na Turquia), era a alma da hospitalidade, e encontrou muitos atrativos no nosso trabalho em terra firme. Auxiliou-nos de mil e um modos; principalmente em sinalizações; era perito em rádio, e certo dia, às doze horas, o *Northbrook* entrou e desembarcou um aparelho de rádio de exército, montado em um pequeno caminhão, para nós. Como não havia quem pudesse explicar o funcionamento,

nada nos adiantou; mas Fitzmaurice correu para terra firme com metade da sua equipagem, conduziu o caminhão para um lugar adequado, instalou profissionalmente as antenas, pôs o motor em movimento e conseguiu tamanho efeito que, antes do crepúsculo, chamou o assombrado o *Northbrook* e manteve uma longa conversação com o seu operador. A estação de rádio aumentou a eficiência da base de Wejh, e funcionou dia e noite, enchendo o mar Vermelho de mensagens em três idiomas, com vinte diferentes espécies de códigos cifrados do exército.

CAPÍTULO 30

O paxá Fakhri ainda jogava o nosso jogo. Sustentava uma linha de trincheiras ao redor de Medina, longe desta precisamente a distância necessária para tornar impossível aos árabes o bombardeio da cidade. (Semelhante tentativa nunca foi levada a efeito, nem imaginada.) As outras tropas foram distribuídas ao longo da estrada de ferro em fortes guarnições agrupadas em torno de todos os olhos-d'água entre Medina e Tebuk, e em pequenos grupos entre estas guarnições, de maneira que patrulhas diárias pudessem garantir o percurso. Em poucas palavras, o turco se retirou para uma posição defensiva tão estúpida quanto fosse possível conceber. Garland encaminhou-se para o sudeste, partindo de Wejh, e Newcombe para o nordeste, a fim de abrir buracos e os encher de explosivos. Deveriam cortar trilhos e pontes, e colocar minas automáticas para trens em movimento.

Os árabes passaram da dúvida para o otimismo violento, prometendo serviços exemplares. Feisal arrolou a maioria dos Billi e dos Moahib, o que o tornou senhor da Arábia entre a estrada de ferro e o mar. Depois, enviou os Juheinas a Abdulla, no Wadi Ais.

Feisal podia, agora, preparar-se para tratar solenemente da estrada de ferro do Hedjaz; mas, com uma prática melhor do que os meus princípios, pedi-lhe que prolongasse a sua estada em Wejh e pusesse em ação um intenso movimento no seio das tribos além das nossas posições, para que no futuro a nossa revolta pudesse estender-se, ameaçando a estrada de ferro de Tebuk (nosso atual limite de influência), para o norte, até Maan. A minha visão do curso da guerra árabe ainda era a de um míope. Eu ainda não vira que a propaganda era a vitória e o combate a decepção. Até então, eu havia misturado estas duas coisas, e, posto que, felizmente, Feisal gostava mais de mudar a opinião dos homens do que de fazer saltar trilhos de estrada de ferro, a pregação levou a melhor.

Com os seus vizinhos do norte, os Howeitats do litoral, ele já havia tido um começo — mas, a seguir, dirigimo-nos aos Beni Atiyehs, povo mais forte do nordeste; e demos um grande passo quando o chefe, Asi ibn Atiyeh, veio a nós e nos jurou fidelidade. Seu motivo principal era o ciúme que sentia de seus irmãos, de maneira que não esperávamos dele um apoio ativo; mas o pão e o sal, com ele dividido, dava-nos liberdade de movimento através do território de suas tribos. Além, ficavam várias tribos que obedeciam a Nuri Shaalan, o grande emir dos Euwallas, o qual, depois do xerife, de ibn Saud e de ibn Rashid, era a quarta figura entre os precários príncipes do deserto.

Nuri era velho, tendo governado as tribos Anazeh durante trinta anos. Sua família era a principal dos Ruwallas, mas Nuri não tivera precedência entre elas, pelo nascimento, não era amado, nem se havia revelado um grande homem nas batalhas. Subira à chefia pela sua extraordinária força de caráter. Para conquistá-la, matara dois dos seus irmãos. Mais tarde, acrescentara Sherarat e outros ao número dos seus sequazes, e, em todo o seu deserto, sua palavra passara a ser lei absoluta. Nada tinha da sedutora diplomacia do xeque comum; uma palavra, e punha-se fim a qualquer oposição, ou a qualquer opositor. Todos o temiam e o obedeciam: para usarmos as suas estradas, precisávamos dispor da sua boa vontade.

Felizmente, esta foi fácil. Feisal a havia conseguido anos antes, mantendo-a por intercâmbio de presentes de Medina e Yenbo. Agora, de Wejh, Faiz el Ghusin se dirigiu a ele, e no caminho cruzou com ibn Dughmi, um dos principais homens dos Ruwalla, que vinha a nós com o desejável presente de algumas centenas de bons camelos de carga. Nuri, como era natural, ainda mantinha amizade com os turcos. Damasco e Bagdá eram seus mercados, e eles poderiam reduzir-lhe os camelos à fome em três meses se o considerassem suspeito; sabíamos, porém, que quando o momento viesse, obteríamos o seu apoio armado e, até então, nada de atritos com a Turquia.

Os seus favores nos abririam Sirhan, a famosa estrada, local de acampamento e seqüência de pontos de água, que, numa série de depressões contínuas, se estendia de Jauf, capital de Nuri, a sudeste, para o norte, até Azrak, perto de Djebel Druse, na Síria. Era da liberdade de passagem por Sirhan que nós precisávamos para chegarmos às tendas dos Howeitats orientais, os famosos Abu Tayi, dos quais Auda, o maior dos guerreiros do norte da Arábia, era chefe. Somente por meio de Auda abu Tayi conseguiríamos sacudir violentamente as tribos de Maan até Akaba, de maneira que elas nos auxiliassem a tomar Akaba e as suas montanhas das mãos das guarnições turcas: somente com este apoio ativo

poderíamos nos aventurar a uma arremetida partindo de Wejh, pelo longo percurso até Maan. Desde os nossos dias de Yenbo, ansiávamos por ele, procurando conquistá-lo para a nossa causa.

Realizamos um grande passo à frente, em Wejh; ibn Zaal, seu primo e chefe guerreiro dos Abu Tayi, chegou no dia 17 fevereiro, que foi, por todos os títulos, um dia feliz. Pela manhã, vieram cinco homens principais dos Sherarats, do deserto a oriente de Tebuk, trazendo ovos de avestruzes árabes como presente, abundantes no seu pouco freqüentado deserto. Depois deles, os escravos anunciaram Dhaif-Allah, abu Tiyur, primo de Hamd ibn Jazi, figura principal dos Howeitat centrais do planalto de Maan. Estes eram numerosos e pujantes; esplêndidos guerreiros; mas inimigos de sangue dos seus primos, os nômades Abu Tayi, em virtude de antiga pendência entre Auda e Hamd. Sentimo-nos orgulhosos ao vê-los chegar de tão longe para nos saudar, mas não estávamos contentes, pois eram menos apropriados do que os Abu Tayi para o nosso planejado ataque contra Akaba.

Logo a seguir, chegou um primo de Nawwaf, filho mais velho de Nuri Shaalan, com uma égua enviada por Nawaf a Feisal. Os Shaalans e os Jazis eram hostis entre si, e lançaram olhares pouco amigos uns aos outros; assim, dividimos a recepção e improvisamos um novo campo de hóspedes. Depois dos Ruallá, anunciou-se o abu Tageiga, chefe dos sedentarios Howeitats do litoral. Trouxe as respeitosas homenagens das suas tribos e as presas de Dhaba e Moweilleh, os dois últimos escoadouros turcos para o mar Vermelho. Fez-se lugar para ele, sobre o tapete de Feisal, e os mais calorosos agradecimentos foram apresentados pela atividade das suas tribos; estas atividades conduziam-nos às fronteiras de Akaba por veredas muito impraticáveis para tropas de operação, mas convenientes para pregação e propaganda, e ainda mais para a obtenção de notícias.

À tarde, ibn Zaal chegou, com outros dez chefes sequazes de Auda. Beijou a mão de Feisal, uma vez por Auda e outra vez por ele próprio e, sentando-se, declarou que vinha da parte de Auda para apresentar a sua saudação e solicitar ordens. Feisal, com fino saber político, controlou a exteriorização da sua alegria e apresentou-o gravemente aos seus inimigos de sangue, os Jazi Howeitats. Ibn Zaal cumprimentou-os, bem de longe. Mais tarde tivemos longas conversações com ele e nos despedimos com ricos presentes e mais ricas promessas, bem como com uma mensagem do próprio Feisal dirigida a Auda dizendo que a sua mente não se tranqüilizaria enquanto não o visse face a face, em Wejh. Auda era imenso nome cavalheiresco, mas quantidade desconhecida para nós; e, em assunto tão

vital como Akaba, não podíamos tolerar o menor equívoco. Ele deveria vir a nós, para que o pesássemos bem e déssemos corpo aos nossos futuros planos em sua presença e com o seu auxílio.

A não ser pelo fato de todos os acontecimentos terem sido felizes, aquele dia não foi essencialmente diverso dos dias comuns de Feisal. A afluência de notícias recheou o meu diário. As estradas para Wejh foram varridas por enviados e por voluntários, bem como por grandes xeques, que se encaminhavam para o nosso acampamento a fim de jurar fidelidade. O contágio da sua constante passagem tornava os mornos Billis cada vez mais aproveitáveis para nós. Feisal fazia com que os novos adeptos jurassem, solenemente, sobre o Corão entre suas mãos, "esperar enquanto ele esperasse, marchar quando ele marchasse, não dispensar obediência a turco algum, tratar gentilmente todos os que falavam árabe (fossem de Bagdá, de Aleppo, da Síria, ou de sangue puro) e colocar a independência acima da vida, da família e dos bens terrestres".

Feisal começou, igualmente, sem perda de tempo, a promover o encontro, à sua presença, de inimigos com inimigos e a regularizar as suas querelas. Um balanço de lucros e perdas surgia, por vezes, entre as partes; Feisal intercedia e com freqüência desempenhava o papel de mediador, ou contribuía com seus próprios fundos para compensar prejuízos, a fim de apressar o pacto de paz. Havia já dois anos que Feisal trabalhava por essa forma, ajustando e colocando na ordem natural as inumeráveis pequenas partes que compunham a sociedade árabe e combinando tudo para o único objetivo da guerra contra os turcos. Não havia, assim, dívida de sangue que fosse deixada em ativo, em quaisquer dos distritos pelos quais ele passara, e ele era a Corte de Apelação, última e indiscutível, para toda a Arábia do ocidente.

Feisal mostrou-se à altura desta realização. Nunca adotou uma decisão parcial, nem tomou resoluções tão impraticavelmente justas que conduzissem a novas desordens. Nunca árabe algum impugnou as suas sentenças, nem pôs em dúvida a sua sabedoria, ou a sua competência em assuntos de tribo. Por meio da investigação paciente em torno das razões e das sem-razões, por meio do seu tato e da sua maravilhosa memória, conquistou autoridade sobre os nômades de Medina a Damasco, e de mais além. Era reconhecido como força que transcendia a tribo, sobrepujando chefes de sangue, ainda maior do que as rivalidades mais profundas. Assim, o movimento árabe se tornou, na melhor acepção da palavra, nacional, posto que, na sua moldura, todos os árabes eram um e todos os interesses privados foram colocados à margem; e, nesse movimento, o lugar de chefe, pelo direito da vontade e pelo direito da

competência, foi devidamente conquistado pelo homem que o preencheu durante aquelas poucas semanas de triunfo e durante meses muito mais longos de desilusão, depois que Damasco foi libertada.

CAPÍTULO 31

Mensagens urgentes de Clayton irromperam em meio a esta alegre azáfama, com ordens para esperarmos em Wejh, durante dois dias, e receber o *Nur el Bahr*, navio-patrulha egípcio, que descia com novidades. Eu não me encontrava bem e esperei com a mais acentuada boa vontade. O navio chegou no dia marcado e desembarcou MacRury, que me deu uma cópia de longas instruções telegráficas do paxá Jemal a Fakhri, em Medina. Estas instruções, emanadas de Enver e do estado-maior alemão em Constantinopla, ordenavam o imediato abandono de Medina e a desocupação das tropas por marcha de estrada em massa, primeiro para Hedia, depois para El Ula, mais adiante para Tebuk e finalmente para Maan, onde se constituiriam nova cabeça de estrada de ferro e nova posição entrincheirada.

Este movimento favorece os árabes de maneira excelente; mas o nosso exército do Egito se sentiu perturbado à perspectiva de vinte e cinco mil soldados da Anatólia, com muito mais do que a artilharia usual para um corpo de exército, a descer de súbito para a frente de Beersheba. Clayton, em sua carta, dizia-me que o desenvolvimento deveria ser manobrado com a mais extrema cautela, fazendo-se todos os esforços para a tomada de Medina, ou para se destruir a guarnição quando as tropas de lá saíssem. Newcombe encontrava-se na linha, realizando vigorosamente uma grande série de demolições, de maneira que a responsabilidade do momento caiu sobre mim. Receei que pouca coisa se pudesse fazer em tempo, pois a mensagem era de vários dias passados e a desocupação ordenada para logo.

Relatei a Feisal, com franqueza, a nossa posição, fazendo-o sentir que os interesses aliados exigiam o sacrifício ou pelo menos o adiamento de vantagens imediatas dos árabes. Ele se ergueu, como sempre, em face da proposta de honra, e concordou instantaneamente em que faria o que estivesse ao seu alcance. Reunimos os nossos possíveis recursos e preparamo-nos para pôr as forças em

contato com a estrada de ferro. O xerife Mastur, velho homem honesto e tranqüilo, e Rasim, com homens de tribo, infantaria montada sobre mulas e um canhão, ficaram de rumar diretamente para Fagair, a primeira boa base de água ao norte do Wadi Ais, a fim de sustentar a nossa primeira seção de estrada de ferro, da área de Abdulla para o norte.

Ali ibn el Hussein, desde Jeida, atacaria a seção seguinte da linha que ia para o norte, partindo de Mastur. Dissemos a ibn Mahanna que se aproximasse de El Ula, e ali ficasse de tocaia. Ordenamos ao xerife Nasir para ficar perto de Kalaat el Muadhdham, mantendo os homens ao alcance da mão para qualquer esforço. Escrevi pedindo a Newcombe que viesse a nós, para informações. O velho Mohammed Ali deveria mover-se de Dhaba para um oásis perto de Tebuk, de maneira que, se a desocupação chegasse tão longe, nós estaríamos prontos. Toda a nossa linha de duzentos e quarenta quilômetros ficaria, assim, bloqueada, enquanto Feisal, em pessoa, em Wejh, permaneceria pronto para proporcionar auxílio a qualquer setor que porventura mais viesse a necessitar.

A minha incumbência era a de sair ao encontro de Abdulla, no Wadi Ais, a fim de apurar a razão pela qual ele nada havia feito durante dois meses e de o persuadir de que, se os turcos saíssem, ele deveria marchar diretamente contra os mesmos. Eu esperava que poderíamos desanimar os inimigos na retirada por meio da realização de tantas pequenas incursões na comprida linha quantas fossem necessárias para desorganizar seriamente o tráfego, tornando, ao mesmo tempo, impraticável a remessa de provisões para o exército em cada etapa principal. A força de Medina, sofrendo escassez de transporte animal, pouca coisa poderia levar consigo. Enver havia distribuído instruções para que pusessem carabinas e víveres em trens e para que enquadrassem os mesmos trens em colunas, marchando juntos estrada de ferro acima. Tratava-se de manobra sem precedentes, e, se ganhássemos dez dias até chegarmos ao lugar e se eles tentassem alguma coisa de caráter tão tolo, teríamos oportunidade de destruir todos.

No dia seguinte, deixei Wejh, enfermo e fora de condições para uma longa marcha, ao passo que Feisal, na sua pressa e tomado por múltiplas ocupações, escolheu para mim um grupo de estranhos companheiros de viagem. Havia, nessa escolta, quatro Rifaas e um Merawi Juheina como guias, um Arslan, soldado-criado sírio, para preparar pão e arroz para mim e atuar como anteparo aos árabes, quatro Ageyls, um mouro e um Ateiba, Suleiman. Os camelos, magros em virtude da má pastagem daquele território Billi, deveriam marchar lentamente.

Demora após demora se verificou em nossa partida, até nove horas da noite, e então saímos de má vontade — mas eu estava resolvido a deixar Wejh, fosse de que maneira fosse, antes da manhã seguinte. Assim, marchamos quatro horas e depois dormimos. No dia seguinte, cobrimos duas etapas de cinco horas cada uma, e acampamos em Abu Zereibat, no nosso amplo acampamento de inverno. O grande tanque se havia reduzido muito nos dois meses transcorridos, mas estava notavelmente mais salgado. Algumas semanas mais tarde e a sua água se tornaria imprestável para beber. Dizia-se que um poço raso, ali perto, proporcionaria água tolerável. Não o procurei, pois as bolhas aparecidas às minhas costas e a febre alta me tornavam penosos os solavancos do camelo e, de resto, eu me sentia cansado.

Muito antes do amanhecer, partimos de novo, e depois de cruzar o Hamdh confundimo-nos na superfície irregular de Agunna, área de pequenas colinas. Quando o dia despontou, recobramos a direção e seguimos por uma linha de água divisória, ladeira abaixo, para El Khubt, planície encerrada em círculo de montanhas que se estendia até Sukhur; as torres de granito de El Khubt eram as que haviam sido avistadas da nossa estrada, na ida, desde Um Lejj. A região era luxuriante de coloquíntidas, cujas vergônteas e cujos frutos ofereciam um aspecto festivo à luz da manhã. Os Juheinas diziam que tanto as folhas como as hastes eram excelente alimento para os cavalos que os comessem, defendendo-os contra os efeitos da sede durante muitas horas. Os Ageyls diziam que o melhor aperitivo era leite de camela, bebido em casca esvaziada do fruto dessa planta. O Ateiba assegurou que se sentiria suficientemente estimulado se esfregasse apenas o suco da fruta na planta dos seus pés. O mouro Hamed asseverou que a polpa seca do tronco dava bom estopim. A respeito de um ponto, entretanto, todos eles estiveram de acordo: que a planta toda era inútil ou venenosa, se utilizada como forragem para os camelos.

Esta conversação nos levou através de Khubt, cinco quilômetros agradáveis, fazendo-nos entrar numa sebe baixa e passar dali para uma segunda seção, menor do que a primeira. Víamos agora que, dos Sukhur, dois ficavam juntos para o nordeste, grandes pilhas de rochas vulcânicas estriadas de cinzento e coloridas de vermelho na parte protegida contra o ardor do sol e contra as rajadas dos ventos arenosos. O terceiro Sakhara, que ficava um pouco de lado, constituía a montanha rochosa que despertara a minha curiosidade. Vista de perto, parecia mais uma bola de futebol semi-enterrada no chão. Também ela era de cor vermelho-escura. As faces do sul e do oriente eram lisas e sem rupturas; o cimo regular, em forma de cúpula, apresentava-se polido e brilhante, tendo, porém,

finas fendas subindo pelo bojo como cicatrizes suturadas: no conjunto, era das mais estranhas montanhas do Hedjaz, por sua vez uma região de estranhas cordilheiras. Marchamos suavemente na sua direção, debaixo de uma chuva fina que caía oblíqua, estranha e lindamente, atravessando os raios do sol.

A nossa vereda ia por entre o Sakhara e os Sukhurs, ganhando uma estreita garganta de chão arenoso em meio a íngremes paredes nuas. A coluna era tosca. Tivemos de subir por barreiras de pedra bruta e passar ao longo de um grande vão no flanco da montanha, entre dois recifes inclinados e vermelhos, feitos de rocha dura. O topo da vereda era como gume de cutelo, e dali descemos por uma abertura de chão obstruído, semibarrada por um dique arrebentado, que havia sido gravado com marcas de tribos de todas as gerações humanas que se utilizaram daquela rota. Além da barragem, abriam-se espaços cobertos de vegetação, terrenos coletores, no inverno, das águas das chuvas que corriam dos flancos vitrificados dos Sukhurs. Viam-se veios de granito aqui e acolá, e um excelente leito de areia prateada nos canais de irrigação ainda úmidos. A drenagem se fazia em direção a Heiran.

Depois, entramos em uma inextricável confusão de lascas de granito, empilhadas ao acaso e formando pequenas colinas, para dentro e para fora das quais marchamos de qualquer forma, por qualquer vereda praticável que encontrávamos para os nossos hesitantes camelos. Logo depois do meio-dia, isto cedeu lugar a amplo vale arborizado, pelo qual viajamos durante uma hora, até que os nossos empecilhos começaram de novo; tivemos de apear e conduzir os animais por uma estreita azinhaga, montanha acima, por degraus rotos de rocha tão polida pelos longos anos de uso que se tornava perigosa em um clima úmido. Os degraus levaram-nos para cima do chapadão, sobre as montanhas, e depois para baixo, por entre outeiros menores e vales; a seguir, entramos em outro ziguezague rochoso, descendo para o leito de uma torrente. Este logo se tornou estreito, não podendo dar passagem a camelos carregados, e a vereda se desviou mais adiante para trepar, angustiosamente, pelo flanco da montanha, tendo um rochedo por cima e outro rochedo por baixo. Depois de quinze minutos de marcha nestas condições, sentimo-nos satisfeitos por atingir um espigão alto, sobre o qual viajantes anteriores haviam empilhado pirâmides de comemoração e de agradecimento. Da mesma natureza eram os marcos à margem da rota para Masturah, na minha primeira jornada árabe, de Rabegh ao acampamento de Feisal.

Paramos para acrescentar nova pedra aos montes e depois marchamos vale abaixo, para o Wadi Hanbag, amplo e bem arborizado tributário do Hamdh.

Após a região irregular em que havíamos sido aprisionados por longas horas, o descampado de Hanbag era um refrigério. O leito branco e limpo corria para o norte através de árvores numa linda curva por baixo de montanhas em precipício, com esplêndidos panoramas, durante dois ou três quilômetros, acima e abaixo do seu curso. Havia ervas verdes e grama vicejante no declive inferior de areia do tributário, e ali paramos meia hora para deixar que os nossos camelos famintos comessem daquela vegetação suculenta e saudável.

Os animais não se haviam revigorado de maneira idêntica desde Bir el Waheidi, e comeram afobadamente, estojando a erva não mastigada no estômago e deixando para tempo melhor a digestão folgada. A seguir, cruzamos o vale para tomarmos um grande braço oposto à nossa entrada. Este Wadi Kitan também era belo. A superfície de pedregulho, sem rocha solta, estava cheia de árvores. À direita, viam-se pequenas colinas; à esquerda, grandes alturas denominadas Jidhwa, subindo de bases paralelas de granito estilhaçado e apresentando-se bem vermelhas, agora, quando o sol se punha, em meio a bancos de nuvens de chuva.

Por fim, acampamos, e quando os camelos se apresentaram descarregados e foram levados à pastagem, deitei-me por baixo das rochas e repousei. Meu corpo estava pesado; tinha dores de cabeça e febre alta; o acompanhamento de um agudo ataque de disenteria, que me embaraçara ao longo de toda a marcha, obrigando-me a apear duas vezes naquele dia nas partes mais difíceis da escalada, havia exigido muito das minhas forças. A disenteria daquele litoral árabe costumava aparecer como um golpe de martelo, esmagando as suas vítimas durante várias horas, depois do que os efeitos mais agudos passavam; mas deixava os homens curiosamente cansados, e sujeitos, durante algumas semanas, a súbitas depressões de nervos.

Meus companheiros haviam altercado o dia todo; e, enquanto eu me encontrava deitado, junto dos rochedos, um tiro se ouviu. Não prestei atenção; havia lebres e pássaros no vale; mas, pouco mais tarde, Suleiman me despertou e me fez segui-lo ao outro lado do vale para uma reentrância oposta, nas rochas, onde um dos Ageyls, homem de Boreida, jazia morto, tendo uma bala a atravessar-lhe a região temporal. O tiro deveria ter sido disparado de perto, porque a pele estava chamuscada ao redor do ferimento. Os restantes Ageyls, desesperados, corriam ao léu, por ali; e quando lhes perguntei o que houve, Ali, chefe do grupo, disse que Hamed, o mouro, era o autor do assassínio. Suspeitei de Suleiman, por causa das dívidas de sangue entre os Atbans e os Ageyls, que já haviam provocado dissabores em Yenbo e em Wejh; mas Ali me assegurou que Suleiman estivera com ele, a trezentos metros de distância, no vale, apanhando

gravetos, quando o tiro foi deflagrado. Mandei que todos procurassem Hamed, e engatinhei de novo para o ponto das bagagens, sentindo que aquilo não deveria ter acontecido naquele dia, entre todos os dias, quando eu me encontrava indisposto.

Assim que me deitei de novo ouvi murmúrios e abri os olhos vagarosamente, dando com as costas de Hamed no momento em que ele se debruçava por cima de seus sacos de sela; estes ficavam precisamente um pouco além da minha rocha. Apontei para ele a pistola e falei-lhe. Havia deixado em terra o seu fuzil; e ficou à minha mercê até que outros chegaram. Reunimo-nos em tribunal imediatamente, e logo Hamed confessou que ele e Salem haviam tido uma forte altercação; ele perdera o discernimento e atirara contra o adversário, de súbito. O nosso inquérito terminou. Os Ageyls, como parentes do morto, exigiram sangue por sangue. Os outros os apoiaram; eu procurei amavelmente, mas em vão, dissuadir Ali. Minha cabeça doía de febre e eu não podia pensar; mas dificilmente, mesmo com saúde e toda a minha eloqüência, seria possível arrancar Hamed às suas mãos; porque Salem havia sido companheiro amistoso, e o seu súbito assassínio fora um crime estúpido.

Aí surgiu o horror que faria o homem civilizado fugir da justiça como de uma praga se não tivesse os necessitados para lhe servir, como carrasco, por dinheiro. Havia outros marroquinos em nosso exército; e permitir que os Ageyls matassem um, por vingança, significaria abrir a porta a represálias pelas quais a nossa união seria posta em perigo. Era preciso que aquela fosse uma execução perfeitamente formal; por fim, já desesperado, eu disse a Hamed que ele deveria morrer por punição, e tomei a mim a responsabilidade de o matar. Talvez não me considerassem qualificado para saldar dívida de sangue. Pelo menos, porém, nenhuma vingança teria lugar contra os meus companheiros; porque era estrangeiro e sem parentes.

Fi-lo passar para uma gruta estreita do contraforte, lugar úmido e penumbroso, repleto de ervas daninhas. O chão havia sido corroído por fios de água procedentes dos rochedos, pelas últimas chuvas. Ao fundo, reduzia-se a gruta a uma fenda de poucos centímetros de largura. Os paredões eram verticais. Fiquei à entrada e dei-lhe alguns momentos de prazo, que ele passou chorando, atirado ao chão. Depois, fi-lo erguer-se, e atirei-lhe contra o peito. Ele caiu sobre a grama, gemendo, com o sangue a borbotar sobre as roupas, e esperneando até rolar para perto do ponto em que eu me encontrava. Apertei novamente o gatilho, mas tremi, e assim só lhe rompi o pulso. Ele prosseguiu gemendo, cada vez menos alto; pôs-se de dorso, com os pés para mim; inclinei-me para a frente

e atirei contra ele pela última vez, acertando no pescoço, junto ao maxilar. Seu corpo estremeceu um pouco, e eu chamei os Ageyl; estes o enterraram no lugar em que expirou. Depois, a noite passada em branco arrastou-se sobre mim, até que, poucas horas antes da madrugada, despertei os meus homens e mandei que carregassem os camelos, na minha ânsia de me ver livre do Wadi Kitan. Tiveram de erguer-me até a minha sela.

CAPÍTULO 32

A madrugada encontrou-nos cruzando uma passagem breve e íngreme do Wadi Kitan, a caminho do principal vale de drenagem daquelas sucessivas montanhas. Desviamo-nos para o Wadi Reimi, um tributário, a fim de obter água. Não havia poço propriamente dito, mas apenas um buraco de escoamento no leito pedregoso do vale; e o encontramos, em parte, em virtude do nosso nariz, embora o gosto, mesmo abominável, fosse curiosamente diverso do olor. Tornamos a encher os nossos odres. Arslan assou pão, e descansamos durante duas horas. Depois, seguimos em frente, pelo Wadi Amk, fácil vale verdejante que oferecia marcha confortável aos camelos.

Quando o Amk se voltou para o leste, cruzamo-lo, seguindo deserto acima por entre pilhas do granito cinzento e aluvial (parecido com caramelo), comum nas regiões mais altas do Hedjaz. O desfiladeiro culminava ao pé de uma rampa natural e de algo semelhante a uma escadaria: — tudo roto, retorcido, difícil de ser atravessado pelos camelos, mas breve. A seguir, encontramo-nos em vale aberto, pelo qual viajamos durante uma hora, tendo baixas colinas à direita e montanhas à esquerda. Havia lagoas nos despenhadeiros e tendas de Merawins por baixo das belas árvores que se semeavam no plano. A fertilidade das vertentes era grande: sobre elas, pastavam rebanhos de carneiros e de cabras. Obtivemos leite dos árabes — o primeiro leite que os meus Ageyl receberam em dois anos de seca.

A pista, além do vale, quando atingimos a colina, era execrável, e a descida depois dela para o Wadi Marrakh apresentava-se quase perigosa; mas a vista descortinada da crista compensou-nos. O Wadi Marrakh, ampla e tranqüila avenida, corria entre dois paredões regulares e retos de colina em direção a um círculo, seis quilômetros além, onde os vales da esquerda, da direita e da frente pareciam encontrar-se. Montes artificiais de pedra não lavrada haviam sido empilhados pelas redondezas. Assim que entramos no círculo, vimos que os

verdes paredões de colinas recuavam de ambos os lados, formando um semicírculo. À nossa frente, para o sul, a curva era barrada de través por um muro reto de lava azul-negra, dando sobre um pequeno bosque de espinheiros. Encaminhamo-nos para estas árvores e deitamo-nos à sua sombra, tão grata naquele ar demasiadamente opressivo para se alimentar qualquer pretensão de frescor.

O dia, agora no seu zênite, estava quentíssimo; e a debilidade havia aumentado de tal forma que minha cabeça dificilmente conseguia controlar os meus atos. Rajadas de vento de febre nos raspavam, como mãos escorchantes, o rosto, queimando-me os olhos. Meu sofrimento me fazia arfar, respirando, pela boca; o vento fendia-me os lábios e ressecava-me a garganta até que me senti incapaz de falar; beber era ato doloroso; todavia, eu precisava beber, pois a sede não me permitia ficar quieto, nem obter a paz de que necessitava. As moscas eram uma praga.

O leito do vale era de fino cascalho de quartzo e areia branca. Seu brilho atirava-se de encontro ás nossas pálpebras; e o nível do chão parecia dançar à medida que o vento movia as pontas brancas da erva hirsuta de um lado para outro. Os camelos gostavam daquela erva, que crescia em tufos, com cerca de quarenta centímetros de altura, em hastes de verde-ardósia. Os animais devoraram grande quantidade daquilo, até que os homens os recolheram e os puseram em repouso perto de mim. Naquele momento, eu odiava os pobres animais, pois o excesso de alimentos fazia-os exalar odores fétidos, ao respirar; e eles arrotavam rumorosamente, fazendo subir novos bocados do estômago logo que terminavam de ruminar e engolir o bocado anterior, até que uma baba verde aflorou por entre os lábios caídos, por cima dos dentes laterais, e escorreu pelas faces murchas.

Deitado e zangado ali, atirei uma pedra à camela mais próxima; esta se levantou e ficou a mover-se ao léu, atrás da minha cabeça: finalmente, ampliou em curva as pernas traseiras, e urinou em jorro amplo; e eu tinha cedido tanto ao calor, à fraqueza e ao sofrimento, que não pude senão ficar ali mesmo, a chorar, impotente. Os homens haviam ido tratar do fogo para cozinhar uma gazela que um deles, felizmente, conseguira abater; e eu me pus a pensar que, em qualquer outro dia, aquela pausa teria sido agradável para mim; as montanhas eram muito estranhas e as suas cores muito vívidas. A base dos morros apresentava o verde quente de luz de sol há muito tempo armazenada, ao passo que, pelas cristas, corriam veios estreitos de pedra colorida como granito, geralmente aos pares, seguindo o contorno da linha do horizonte, como os enferrujados metais de uma

abandonada estrada de ferro de cenário. Arslan dizia que as montanhas se apresentavam à observação ainda mais aguda — como cristas de galo.

Depois que os homens se alimentaram, tornamos a montar e subimos facilmente a primeira onda da torrente de lava. Era curta, tal como a segunda, ao topo da qual ficava um amplo terraço, tendo ao centro uma formação aluvial de areia e de cascalho. A lava era quase como um limpo assoalho de cinzas rochosas, rubras como ferro em brasa, por sobre o qual se semeavam manchas de pedra solta. A terceira e última esplanada subia ao sul, mas nós viramos para o oriente, pelo curso do Wadi Gara.

Gara havia sido, talvez, um vale de granito, pelo meio do qual a lava fluíra, enchendo-a lentamente e erguendo-se em arco para formar o espinhaço ao centro. De ambos os lados viam-se cavados de vaga entre a lava e a base. A água das chuvas inundava tudo, com a freqüência com que as tempestades batiam sobre as montanhas. O fluxo de lava, ao coagular-se, foi sendo retorcido como uma corda, fendido e recurvado irregularmente sobre si mesmo. A superfície era insegura, cheia de fragmentos, e por ela várias gerações de caravanas de camelos haviam sulcado uma pista inadequada e penosa.

Cambaleamos para a frente, durante horas, em marcha lenta; os camelos recalcitravam a cada passo, assim que as agudas arestas deslizavam por entre os seus pés tenros. A vereda só era discriminada pelos precipícios que se abriam ao longo dela e pelas superfícies ligeiramente mais azuis das pedras polidas. Os árabes declaravam ser a pista intransitável à noite, o que era de crer, porque nos arriscávamos a perder os animais toda vez que a nossa impaciência fazia com que os apressássemos. Logo antes das cinco da tarde, entretanto, o caminho se tornou mais leve. Parecia que nos encontrávamos perto do outeiro do vale, que se ia tornando estreito. Diante de nós, à direita, uma cratera em cone perfeito, com estrias limpas marcando-a da base ao topo, prometia uma boa marcha; era feita de cinza negra, limpa, embora dura, apresentando aqui e acolá um barranco ou zona de solo mais firme, e de cinzas. Além da cratera, havia outro campo de lava, talvez mais velho do que os vales, pois as suas pedras estavam assentadas e entre uma e outra se viam trechos de terra plana onde brotavam ervas comuns. Por aqueles grandes espaços abertos, vimos tendas de beduínos, cujos proprietários correram ao nosso encontro quando notaram a nossa aproximação; e, tomando os cabrestos, com hospitaleira insistência, levaram-nos para o seu acampamento.

Aconteceu serem o xeque Fahad el Hansha e seus homens: velhos e alegres guerreiros que haviam marchado conosco para Wejh e que tinham estado com Garland na grande ocasião em que a sua primeira mina automática estourou com

pleno êxito, por baixo de um comboio de tropas turcas, perto da estação de Toweira. Fahad não queria ouvir coisa alguma a respeito do meu repouso fora da sua tenda; com a implacável igualdade dos homens do deserto, obrigou-me a passar para um lugar infeliz, dentro dela, em meio à sua própria vermineira. Ali, deu-me que fazer com tigelas e tigelas do diurético leite de camela, entre perguntas a respeito da Europa, da minha tribo de origem, dos pastos de camelo da Inglaterra, da guarda do Hedjaz e das guerras de outras regiões, Egito e Damasco, como se encontrava Feisal, por que havíamos ido ver Abdulla, e por qual perversidade continuava eu a ser cristão quando os seus corações e as suas mãos esperavam dar-me as boas-vindas no seio da Fé.

Assim se passaram longas horas, até dez da noite, quando a ovelha do hóspede foi apresentada, sendo trinchada imperialmente sobre uma enorme pilha de arroz amanteigado. Comi como a polidez exigia, enrolei-me todo na minha capa, e dormi; minha exaustão corporal, depois daquelas horas da pior das marchas imagináveis, punha-me ao abrigo da sensibilidade para com os assaltos dos piolhos e das moscas. A enfermidade, entretanto, estimulava a minha fantasia, de ordinário preguiçosa; e a fantasia trabalhou tumultuadamente naquela noite, em sonhos nos quais eu vagava nu por uma eternidade de trevas, sobre campos intermináveis de lava (como que feita de ovos rolantes, de cor azul-ferrete e todos tortos) ferina como se o chão fosse composto de ferrões; e com alguma coisa horrível, talvez um mouro morto, sempre a correr atrás de nós.

De manhã acordamos cedo e refeitos, com as roupas cheias de pontas vorazes alimentando-se de nós. Depois de mais outra tigela de leite, oferecida pelo solícito Fahad, senti-me capaz de caminhar sem auxílio para o meu camelo e de montar sobre ele, esbeltamente. Percorremos o último trecho do Wadi Gara em direção à crista por entre cones de cinza preta procedente de uma cratera ao sul. Dali, viramos por um braço de vale que terminava numa espécie de chaminé íngreme e rochosa, por onde puxamos os nossos animais.

Depois disto, tivemos descida confortável para o Wadi Murrmiya, cujo centro se eriçava de lava como ferro galvanizado; de ambos os lados ficavam faixas de areia macia, oferecendo uma boa passagem. Em breve tempo chegamos a uma falha do fluxo que servia de passagem para o outro lado. Cruzamos por ali, encontrando a lava mesclada à terra em aparência dotada de extrema riqueza, pois havia árvores frondosas e grama verdadeira, entremeadas de flores, o melhor pasto de toda a nossa viagem, parecendo ainda mais maravilhosamente verde em virtude das crostas retorcidas, de cor azul-escura, das rochas ao redor. A lava, aqui, mudava de caráter. Já não havia pilhas de pedras soltas do tamanho de um

crânio ou da mão de um homem, esfregadas e amontoadas ao acaso, mas corcovas de ramos cristalizados de rocha metálica, de todo impraticável para pés nus.

Outra linha de água divisória nos conduziu a sítio aberto, onde os Juheinas haviam arado cerca de três hectares de solo, por baixo de espessas capoeiras. Disseram que havia coisa semelhante nos outros campos vizinhos, silenciosos testemunhos da coragem e da persistência dos árabes. A região chamava-se Wadi Chetf, e, depois dela, havia outro rio de lava, o pior até então encontrado. Uma trilha umbrosa zigue-zagueava por ali. Perdemos um camelo, em virtude da fratura de uma perna dianteira, resultado de ter tropeçado num fosso; e os muitos ossos que se viam ao redor mostravam que o nosso não era o único grupo a sofrer desventuras na passagem. Entretanto, a pista era a ponta extrema de lava no nosso trajeto, ao que afirmavam os guias, e nós seguimos dali para diante através de confortáveis vales, desembocando finalmente em uma longa reta de suave aclive, por onde subimos até o anoitecer. O caminho era tão bom e a frescura do dia me revigorara tanto, que não fizemos alto, durante a noite, como de costume, mas forçamos a marcha durante uma hora, através da bacia do Murrmiya até a bacia do Wadi Ais e ali, perto de Tleih, paramos para a nossa última etapa ao ar livre.

Rejubilei-me por nos encontrarmos tão perto da meta, pois a febre ainda era alta em mim. Temi ficar realmente enfermo, e a perspectiva de cair nas mãos bem-intencionadas dos homens de tribo, em semelhante estado, não era agradável. O tratamento costumeiro para todas as doenças era a abertura, por queima, de furos no corpo do paciente, em qualquer lugar que se acreditava ser o complemento da parte afetada. Era um processo de cura tolerável para os que nele tinham fé, mas uma verdadeira tortura para os incrédulos: incorrer nisso sem o desejar era estúpido e, não obstante, certo; porque as boas intenções dos árabes, egoístas como as suas boas digestões, nunca dariam atenção aos protestos de um doente.

A manhã decorreu fácil, por vales abertos e pistas suaves, em direção ao Wadi Ais. Chegamos a Abu Markha, seu mais próximo ponto de água, apenas alguns minutos depois de o xerife Abdulla apear e no momento em que ele ordenava que armassem as suas tendas numa clareira de acácias, além do poço. Estava para abandonar o seu velho acampamento em Bir el Amri, muito mais abaixo, no vale, como havia deixado Murabba, seu acampamento anterior, porque o terreno se tornara imundo pela descuidada multidão dos homens e dos animais. Dei-lhe os documentos de Feisal, explicando-lhe a situação em Medina,

bem como a necessidade que tínhamos de apressar o bloqueio da estrada de ferro. Pensei que ele recebesse friamente as comunicações; mas, sem proferir palavra a tal respeito, prossegui dizendo que estava um pouco cansado depois de tamanha viagem, e que, com sua permissão, gostaria de deitar-me e de dormir um bocado. Mandou que se armasse para mim uma tenda perto da sua ampla marquesinha; entrei nela e repousei, por fim. Havia sido uma luta contra a fraqueza durante o dia todo na sela para chegar até ali: agora, a tensão se dissipava com a entrega da mensagem, e eu senti que mais uma hora de viagem teria me feito atingir o ponto de ruptura.

CAPÍTULO 33

Fiquei naquela tenda cerca de dez dias, deitado, sofrendo uma fraqueza física que fez o meu "eu" animal arrastar-se para longe e ocultar-se até que a vergonha passasse. Como de costume, em tais circunstâncias, meu espírito se esclareceu, os meus sentidos se tornaram mais agudos e comecei por fim a pensar com lógica e seqüência sobre a revolta árabe, como se se tratasse de um dever habitual em que me apoiar contra o padecimento. O caso deveria ter sido pensado muito antes, mas, ao meu primeiro desembarque no Hedjaz, houvera a necessidade extrema de ação, e fizemos o que melhor se afigurara ao instinto sem indagar o porquê nem formular o que realmente queríamos ao fim de tudo. O instinto assim, abusara, sem base em conhecimento do passado, a reflexão se tornara intuitiva, feminina; e agora ia-se dissipando a minha confiança; desta maneira, naquela inatividade forçada, procurei a equação entre as minhas leituras de livros e os meus movimentos e empreguei os meus intervalos de mau sono e de sonhos em destrinçar o emaranhado do nosso presente.

Como revelei, encontrava-me infelizmente no comando da campanha, na medida em que me agradasse, mas não tinha treino algum. Em matéria de teoria militar eu era toleravelmente instruído, pois a minha curiosidade de Oxford me havia feito passar de Napoleão para Clausewitz e sua escola, para Caemmerer e Moltke, bem como para os franceses recentes. Todos eles se me afiguravam unilaterais; e, depois de estudar Jomini e Willisen, encontrei princípios mais desafogados em Saxe, Guibert e no século XVIII. Não obstante, Clausewitz era, do ponto de vista intelectual, o verdadeiro mestre deles todos, e o seu livro era tão lógico e fascinante que inconscientemente aceitei a sua finalidade, até que a comparação entre Kuhne e Foch me indispôs com os soldados, me cansou com a sua glória oficial, tornando-me crítico de todas as suas luzes.

Em todo caso, o meu interesse havia sido abstrato, relacionando-se com a teoria e a filosofia da guerra, principalmente do ponto de vista metafísico.

Agora, no campo da luta, tudo havia sido concreto, particularmente o fatigante problema de Medina; e para distrair-me disto comecei a recordar máximas apropriadas sobre as condução da guerra moderna e científica. As máximas, porém, não se ajustavam ao caso, e isto me aborreceu. Até ali, Medina havia sido a obsessão de nós todos; mas agora, quando eu me encontrava enfermo, a sua imagem não se apresentava muito clara, fosse porque nos encontrássemos mais perto dela (raramente se gosta do atingível), fosse porque os meus olhos se houvessem tornado opacos pela constante fixação da mira. Certa tarde, despertei-me de pesado sono, a escorrer de suor e picado de moscas, ansioso por saber afinal para que é que Medina nos poderia servir. O seu poder ofensivo se fizera patente quando nos encontrávamos em Yenbo e quando os turcos, que nela estavam, se dispunham a marchar contra Meca; mas havíamos mudado tudo isso com a nossa ida para Wejh. Agora estávamos bloqueando a estrada de ferro, e eles apenas a defendiam. A guarnição de Medina, reduzida a proporções inofensivas, sentava-se em trincheiras, destruindo a sua própria capacidade de movimentos pelo fato de comer os animais de transporte que não mais podia alimentar. Já lhe havíamos tolhido a capacidade de nos molestar, e agora queríamos tirar-lhe a cidade. Esta, porém, não era uma base para nós, como Wejh, nem uma ameaça, como o Wadi Ais. Para que, afinal, queríamos Medina?

O acampamento espreguiçava-se depois do torpor das horas médias do dia; e rumores do mundo exterior começaram a filtrar-se até mim, através do pano amarelo da minha tenda, cujos orifícios e rasgos eram atravessados por longas punhaladas de luz do sol. Eu ouvia o escarvar e o relinchar dos cavalos atacados pelas moscas no ponto em que se encontravam, à sombra das árvores; ouvia também o lamento dos camelos, o borbulhar de bules de café e alguns tiros distantes. Ao seu ritmo, comecei a tamborilar sobre a finalidade da guerra. Os livros apresentavam-na muito bem: a destruição das forças armadas do inimigo pelo único processo — a batalha. A vitória só poderia ser conquistada pelo sangue. Sentença dura para nós. Visto como os árabes não dispunham de forças organizadas, não teria porventura um Foch turco objetivo algum? Os árabes não suportariam perdas de vidas. Como poderia o nosso Clausewitz comprar a sua vitória? Von de Goltz parecia ir mais ao fundo, dizendo ser necessário não aniquilar o inimigo, mas destruir a sua coragem. O que havia, apenas, era que nunca alimentáramos a esperança de destruir a coragem fosse de quem fosse.

Contudo, Goltz era embusteiro, e todos estes homens sabidos talvez falassem por metáforas; porque nós estávamos, sem dúvida alguma, ganhando a nossa

guerra; e, à medida que eu ponderava, ia despontando lentamente em mim a certeza de que já havíamos ganho a guerra do Hedjaz. De cada mil quilômetros quadrados do Hedjaz novecentos e noventa e nove, agora, estavam livres. Será que o meu provocado gracejo, dirigido a Vickery, segundo o qual uma rebelião se assemelhava mais à paz do que à guerra, continha tanta verdade como precipitação? Talvez, na guerra, o absoluto imperasse, mas para a paz a maioria deveria ser mais do que suficiente. Se ocupássemos o resto, os turcos seriam bem-vindos na insignificante faixa em que se encontravam, até que a paz, ou o Dia do Juízo Final, lhes mostrasse a futilidade de eles treparem às nossas janelas.

Espantei, mais uma vez, as mesmas moscas da minha face, pacientemente, satisfeito por saber que a guerra do Hedjaz estava ganha e liquidada: ganha desde o dia em que havíamos tomado Wejh, se tivéssemos tido espírito para o ver. Aí, rompi o fio dos meus pensamentos, para ouvir. Os tiros longínquos se tornaram mais freqüentes, ligando-se em descargas longas e mal alinhavadas. Depois cessaram. Apurei os ouvidos a fim de perceber outros sons que sabia que se seguiriam. Através do silêncio, chegou um rascar semelhante ao arrastão de uma fralda sobre seixos, ao redor das finas paredes de pano da minha tenda. Uma pausa, enquanto os cameleiros puxaram suas rédeas e, a seguir, ouvi o bater chocho de bengalas na parte mais espessa do pescoço dos animais, para os fazer ajoelhar.

Os camelos ajoelharam-se, sem rumor, e eu ritmei a genuflexão na minha memória: primeiro a hesitação, pois os camelos olhando para baixo examinavam o chão, com um dos pés, à procura de lugar macio; depois, o baque surdo do súbito afrouxamento do corpo, quando os animais caíam sobre suas pernas dianteiras; o grupo havia vindo de longe e se encontrava cansado; a seguir, o arrastar das pernas traseiras que se dobravam para dentro e o oscilar das corcovas, porque os camelos pendiam de um lado para outro, empurrando os joelhos para a frente a fim de os enterrar no subsolo, mais fresco, por baixo do areal escaldante; entrementes, os cameleiros, com um rápido e suave bater de pés descalços, como pássaros sobre o solo duro, iam sendo levados dali, tacitamente, ou para o bule de café, ou para a tenda de Abdulla, de conformidade com os assuntos de cada qual. Os camelos deveriam repousar ali, sacudindo desconfortavelmente a cauda entre pedregulhos, até que os cameleiros estivessem livres e cuidassem do seu encurralamento.

Eu tinha concebido um confortável começo de doutrina, mas havia sido deixado em silêncio à procura de uma alternativa para o fim e os meios da guerra. A nossa guerra não se me afigurava semelhante ao ritual de que Foch era

sacerdote; e recordei-me dele, para ver a diferença que existia, em qualidade, entre ele e nós. Na sua guerra moderna — guerra absoluta, como a chamava — duas nações, professando filosofias incompatíveis, se empenhavam em pô-las à prova da força. Filosoficamente era idiota, porquanto, se de um lado as opiniões eram discutíveis, de outro as convicções precisavam de tiros para se curarem; e a luta só poderia terminar quando os sustentadores de um princípio imaterial não tivessem mais meios de resistência contra os sustentadores de outro. Isto me soava como renovação, em pleno século XX, das guerras de religião, cuja finalidade lógica era a total destruição de um credo e cujos protagonistas acreditavam que o julgamento de Deus devesse prevalecer. Isto poderia valer para a França e para a Alemanha, mas não poderia representar a atitude britânica. O nosso exército não estava sustentando concepção filosófica alguma, em Flandres ou no Canal. Os esforços feitos para obrigar os nossos homens a odiar o inimigo em geral os levava a odiar a batalha. Com efeito, Foch havia demolido o seu próprio argumento, dizendo que semelhante guerra como a sua dependia de levas em massa, sendo impossível de ser levada avante com exércitos profissionais; ao passo que o velho exército ainda era o ideal britânico, e a sua conduta a ambição dos nossos quadros e das nossas fileiras. Para mim, a guerra de Foch parecia apenas uma exterminadora variedade, não mais absoluta do que a outra. De maneira igualmente explicável, poder-se-ia denominá-la "guerra-assassínio". Clausewitz enumerara todas as espécies de guerra... guerras pessoais, duelos entre procuradores, por motivos dinásticos... guerras de expulsão, nos partidos políticos... guerras comerciais, por finalidades de negócios... raramente duas guerras pareciam iguais. Com freqüência, os campos não sabiam qual o seu alvo, praticando desatinos até que a marcha dos acontecimentos assumisse o controle. A vitória, de acordo com o costume geral, inclinava-se para o de visão mais clara, embora a sorte e a inteligência superior pudessem realizar uma triste açorda com a lei "inexorável" da natureza.

Fiquei a indagar a razão pela qual Feisal desejava combater com os turcos e o motivo por que os árabes o auxiliavam, e percebi que os seus objetivos eram geográficos, isto é, banir os turcos de todas as terras de língua árabe da Ásia. Seu ideal de liberdade, dentro da paz, só poderia realizar-se por essa forma. Na busca das condições ideais, deveríamos matar turcos, porque alimentávamos um profundo desamor para com eles; mas a matança era puro luxo. Se eles se retirassem tranqüilamente, a guerra atingiria o fim. Do contrário, compeli-los-íamos, ou procuraríamos expulsá-los. Nesta última hipótese, seríamos obrigados ao desesperado derramamento de sangue e à aceitação da "guerra-assassínio",

mas a tão pouco preço quanto fosse possível para nós, pois os árabes combatiam pela liberdade, e esta era um prazer para ser saboreado apenas por um homem vivo. A posteridade era fria demais para se trabalhar por ela, pouco importando o quanto um homem conseguisse amar os seus próprios filhos, ou os filhos já produzidos de outra gente.

A esta altura, um escravo puxou a cortina da porta da minha tenda e perguntou se eu poderia visitar o emir. Envolvi-me em mais roupas e arrastei-me a caminho da sua grande tenda, a fim de sondar a profundidade dos seus motivos. Era um lugar confortável, abundantemente ensombrado, revestido de tapetes espessos e macios, de cores estridentes — restos tingidos a anilina dos bens da casa de Hussein Mabeirig, pilhados em Rabegh. Abdulla passava a maior parte dos dias ali, rindo com seus amigos e brincando com Mohammed Hassan, truão da corte. Esperei que terminasse a conversa entre ele, Shakir e os possíveis xeques, entre os quais se encontravam Ferhan el Aida, de coração afogueado, filho de Motlog de Doughty; e fui recompensado, porque as palavras de Abdulla eram definidas. Pôs em contraste a atual independência dos ouvintes e a passada servidão para com a Turquia, e proclamou, redondamente, que falar da heresia turca, da doutrina imoral de *Yeni-Turan* ou do califado ilegítimo era fora de propósito. Aquele era o país dos árabes, e os turcos se encontravam dentro dele: este era o único dado concreto. Os meus argumentos iam tomando corpo.

No dia seguinte, manifestou-se enorme complicação de furúnculos, para dissimular a minha febre diminuída e para acorrentar-me ainda por mais tempo à inação, de bruços, naquela tenda malcheirosa. Quando o dia ficou quente demais para se dormitar sem sonhos, retomei o fio da meada e continuei a desembaraçá-lo, considerando agora o conjunto do edifício da guerra pelo seu aspecto estrutural, que era o da estratégia, nas suas disposições, que eram tática, e no sentimento dos seus habitantes, que era psicologia; o meu dever pessoal era o do comando, e o comandante, como o arquiteto-chefe, era responsável por tudo.

A primeira confusão estava na falsa antítese entre a estratégia, objetivo da guerra, olhar sinóptico contemplando cada parte relativamente ao todo, e a tática, isto é, os meios orientados para o fim estratégico, os degraus em particular de sua escadaria. Estas antíteses pareciam apenas pontos de vista sob os quais se ponderavam os elementos da guerra: o elemento algébrico das coisas, o elemento biológico das vidas e o elemento psicológico das idéias.

O elemento algébrico afigurava-se-me pura ciência, sujeito a leis matemáticas, e inumano. Lidava com dados variáveis, com condições fixas, com espaço e tempo, com coisas inorgânicas, tais como as montanhas, os climas e as

estradas de ferro, com a humanidade em massas grandes demais para permitirem a variedade individual, com todos os auxílios e extensões artificiais proporcionados às nossas faculdades pelos inventos mecânicos. Era essencialmente formulável.

E aqui estava um começo pomposo e professoral. Os meus pendores, hostis ao abstrato, buscaram novamente refúgio na Arábia. Traduzido para o árabe, o fator algébrico deveria, em primeiro lugar, tomar conhecimento prático da área que desejávamos libertar, e eu comecei ociosamente a calcular o número de quilômetros quadrados: cento e cinqüenta; duzentos; duzentos e cinqüenta; quatrocentos mil quilômetros quadrados. E como poderiam os turcos defender tudo isso? Sem dúvida, por meio de uma linha de trincheiras através da zona, se nos aproximássemos como exército de estandartes ao vento; suponha-se, porém, que fôssemos (como deveríamos ser) uma influência, uma idéia, uma coisa intangível, invulnerável, sem frente nem retaguarda, difundindo-se por toda parte, como gás... E então? Os exércitos eram como plantas, imóveis, fixas por meio de raízes, nutridas através de longas hastes até a cabeça. Deveríamos ser um vapor, soprando por onde quiséssemos. O nosso reino se encontrava na mente de cada homem; e como não desejávamos coisa alguma que fosse material para dela viver, assim nada poderíamos oferecer de material para a matança. Parecia-me que o soldado regular poderia reduzir-se à impotência desde que se lhe tolhesse o alvo, passando a possuir apenas o terreno que conquistasse e a subjugar apenas aquilo contra o que, por ordem, pudesse assestar o seu fuzil.

Depois, pus-me a imaginar de quantos homens os turcos poderiam necessitar para se manterem em todo aquele território, para o salvarem do nosso ataque em profundidade, se a rebelião pusesse para fora a sua cabeça em cada uma daquelas centenas de milhares de quilômetros quadrados porventura desocupada. Eu conhecia o número exato do exército turco, e mesmo concedendo-lhe a extensão de faculdades proporcionada pelos aeroplanos, canhões e trens blindados (que transformavam a terra em campo de batalha ainda menor), ainda assim me parecia que eles precisariam de postos fortificados a cada dez quilômetros quadrados; e um posto não podia funcionar com menos de vinte homens. Desta maneira, os turcos viriam a precisar de seiscentos mil homens para fazerem face às más vontades de todos os povos árabes, combinadas com a hostilidade ativa de uns poucos fanáticos.

Quantos fanáticos teríamos nós? No momento, tínhamos cerca de cinqüenta mil: o suficiente, para o momento. Parecia que o balanço deste elemento de guerra era favorável a nós. Se calculássemos as nossas matérias-primas e nos

puséssemos à altura delas, o clima, as estradas de ferro, o deserto e até as armas técnicas poderiam ser acorrentados ao carro dos nossos interesses. Os turcos eram estúpidos; os alemães, por trás deles, dogmáticos. Deveriam acreditar que uma rebelião fosse absoluta, como uma guerra, e portanto lidar com ela de acordo com a analogia da guerra. De qualquer modo, a analogia em coisas humanas era palavrório; e guerra contra rebelião era coisa atravancada e lenta, como tomar sopa com faca.

Isto era bastante, quanto ao concreto; assim, pus de lado o elemento matemático, ™ttlst»mh, e mergulhei na natureza do fator biológico, do ponto de vista do comando. A sua crise parecia-me ser o seu ponto de ruptura, vida e morte, ou, menos decisivamente, fadiga e dilaceramento. Os filósofos da guerra haviam feito apropriadamente uma arte disto, elevando um item, "a efusão do sangue", à altura de necessidade essencial, que se tornou humanidade no combate, ato relacionado com todos os lados do nosso ser corporal, e muito importante. Uma linha de variabilidade, o Homem persistia como levedura através dos seus cálculos, tornando-os irregulares. As componentes eram sensitivas e lógicas, e os generais escoravam-se a si próprios pelo recurso das reservas, meio expressivo da sua arte. Goltz disse que, se se conhece a força do inimigo, e se este se desdobra por inteiro, pode-se dispensar a reserva: mas isto nunca se dá. A possibilidade de acidentes, de qualquer falha no material, sempre está presente na mente do general, e a reserva, inconscientemente, é conservada para contrabalançar o acaso.

O elemento "sentido" nas tropas, não expressável em cifras, devia ser adivinhado pelo equivalente de Platão, dÒx©, e o maior comandante de homens seria aquele cujas intuições mais de perto correspondessem à relatividade. Nove décimos da tática eram ensináveis nas escolas; mas o décimo irracional era como o alcíone relampejando pela lagoa, e nisto estava a pedra de toque dos generais. Só poderia ser apanhado pelo instinto (aguçado pelo pensamento afeito ao golpe) até que na crise surgisse naturalmente, como um reflexo. Houve homens cujo dÒx© se aproximou tanto da perfeição, que, pela sua trajetória, obtiveram a certeza do ˜ttlst»mh. Os gregos teriam denominado tais gênios de comando, se se houvessem dado ao trabalho de racionalizar a revolta.

Minha mente sofreu um repelão para trás, tentando aplicar tudo isto a nós mesmos, e, de súbito, percebeu que o caso não se relacionava somente com seres vivos, aplicando-se também a coisas materiais. Na Turquia, as coisas eram escassas e preciosas, estimando-se menos os homens do que o equipamento. As nossa arma era destruir não o exército turco, mas os seus materiais. A morte de

uma ponte, ou de uma estrada de ferro turca, de uma máquina ou metralhadora, ou mesmo de uma carga de alto explosivo, era muito mais proveitosa para nós do que a morte de um turco. No exército árabe, no momento, fazíamos uma considerável economia tanto de material como de homens. Os governos viam os homens apenas em massas; mas os nossos homens, sendo irregulares, não eram formações, e sim indivíduos. Uma morte individual, como seixo atirado à água, poderia fazer somente um pequeno orifício; não obstante, círculos de pesar se ampliariam ao seu redor. Assim, não podíamos suportar mortes.

Os materiais eram fáceis de substituir. Era nossa política óbvia sermos superiores em algum ramo tangível; em algodão para bomba, ou metralhadoras, ou em outra coisa qualquer que pudesse tornar-se decisiva. A ortodoxia havia derribado a máxima, aplicada a homens, de se ser superior no ponto crítico e no momento do ataque. Nós devíamos ser superiores, quanto ao equipamento, num momento ou num aspecto dominantes; e tanto para as coisas como para os homens, devíamos imprimir, a doutrina, uma torção para o lado negativo, em nome da economia, e sermos mais fracos do que o inimigo em tudo, exceto neste determinado ponto ou assunto. A decisão do que era crítico seria sempre nossa. A maioria das guerras se compôs de guerras de contato: ambos os lados esforçando-se por entrar em contato, a fim de se evitarem surpresas táticas. A nossa, entretanto, seria uma guerra de afastamento. Deveríamos conter o inimigo pela ameaça silenciosa do vasto deserto desconhecido sem nos descobrirmos a nós mesmos até o instante do ataque. O ataque deveria ser nominal, dirigido não contra o inimigo, mas contra o seu equipamento; o golpe, assim, não visaria a sua força, ou a sua fraqueza, mas o seu material mais acessível. Pelo arrancamento dos trilhos, haveria sempre um trecho vazio de estrada de ferro; e quanto mais vazio, maior o êxito tático. Transformaríamos o nosso dia-a-dia em regra (não em lei, posto que a guerra era antinômica), desenvolvendo o hábito de nunca nos empenharmos com o adversário. Isto se harmonizaria com a inferioridade numérica, porque nunca ofereceria alvo. Muitos turcos, na nossa linha, nunca tiveram de fato oportunidade de atirar contra nós, e nunca estivemos na defensiva, exceto por acidente e por erro.

O corolário de semelhante regra seria a perfeita "inteligência", de maneira que pudéssemos projetar as ações com certeza. O agente secreto chefe deveria ser o cérebro do general; e o seu entendimento deveria ser isento de falha, não deixando lugar algum para surpresas. A moral, quando construída sobre a sabedoria, é rota pela ignorância. Quando soubéssemos tudo a respeito do

inimigo, estaríamos mais à vontade. Deveríamos enfrentar mais tarefas penosas na consecução de informações do que qualquer estado-maior regular.

Eu estava chegando ao fim do meu tema. O fator algébrico havia sido traduzido em termos árabes e se ajustava como luva. Prometeria vitória. O fator biológico havia-nos ditado o desenvolvimento da linha tática mais de conformidade com o gênio dos nossos homens de tribo. Restava o elemento psicológico para ser construído em forma adequada. Apoiei-me em Xenofonte e roubei-lhe, confesso-o, a palavra *diatética*, que havia sido a arte de Ciro antes de atacar.

Disto, a nossa "propaganda" representava o broto desonroso e ignóbil. Era o pático, quase o ético, em guerra. Uma parte dela se relacionava com a multidão, tratando do ajustamento do seu espírito ao ponto em que este se tornasse útil para ser explorado em ação, e da pré-direção desta mudança do espírito para um determinado fim. A segunda parte dela se relacionava com o indivíduo e, então, se transformava em arte rara de compreensão humana, transcedendo, por emoção intencional, a lógica seqüência gradual do espírito. Era coisa mais sutil do que a tática, e que mais valia a pena de ser levada a efeito, porque lidava com incontroláveis, com sujeitos incapazes de comando direto. Tomava em consideração a capacidade de ânimo dos nossos homens, as suas complexidades, a sua mutabilidade, e o cultivo de fosse o que fosse, neles, que prometesse proveito para o nosso objetivo. Tínhamos que dispor os cérebros em ordem de batalha de maneira tão cuidadosa e tão formal como os outros oficiais dispunham os seus corpos. E não somente os cérebros dos nossos homens, embora estes, naturalmente, ficassem em primeiro lugar. Devíamos igualmente compor o ânimo do inimigo, tanto quanto fosse possível: a seguir, o daqueles outros cérebros da nação que nos amparava por trás das linhas de fogo, pois mais da metade da batalha se passava lá na retaguarda; depois, vinha o ânimo da nação inimiga à espera do veredicto; e, afinal, o dos neutros que nos contemplavam; círculo após círculo.

Havia muita limitação material e humilhante, mas não existiam impossibilidades morais, de maneira que o escopo das nossas atividades diatéticas era ilimitado. Dele dependeríamos em considerável parte para a consecução dos meios de vitória na frente árabe: e a sua novidade era a nossa vantagem. A máquina de imprimir e todos os métodos recém-descobertos de comunicação favoreciam o intelecto, acima do físico, pois a civilização pagava sempre o espírito com o corpo. Nós, soldados de jardim-de-infância, estávamos começando a nossa arte de guerra na atmosfera do século XX, e recebendo as

nossas armas sem preconceitos. Para o oficial regular, com a tradição de quarenta gerações de serviços atrás de si, as armas antigas eram as mais honrosas e honradas. Como raramente tínhamos de nos preocupar com o que os nossos homens faziam, mas sempre com o que eles pensavam, a diatética, para nós, seria mais do que a metade do comando. Na Europa aquilo era posto um pouco de lado e confiado a homens de fora do estado-maior. Na Ásia, os elementos regulares eram tão fracos, que os irregulares não podiam deixar as armas metafísicas enferrujarem-se por falta de uso.

As batalhas, na Arábia, eram erros, uma vez que delas o único proveito que auferíamos era o desperdício da munição do inimigo. Napoleão dissera que era raro encontrar generais que gostassem de conduzir batalhas; mas o curso desta guerra era de tal natureza que poucos poderiam fazer coisa diferente. Saxe contara-nos que as batalhas irracionais eram o refúgio dos loucos; ao contrário, elas me pareciam imposições para o lado que se considerasse mais fraco, e que o acaso tornava inevitáveis, fosse por falta de espaço territorial, fosse pela necessidade de se defender a propriedade material, mais cara do que a vida dos soldados. Não tínhamos material para perder, de maneira que a nossa melhor conduta seria não defender coisa alguma e não atirar contra coisa alguma. Os nossos trunfos eram velocidade e tempo, e não força de choque. A invenção da carne em conserva havia-nos sido de maior proveito do que a invenção da pólvora de canhão, mas nos dera robustez mais estratégica do que tática, posto que, na Arábia, o alcance valia mais do que a força e o espaço era maior do que a potência dos exércitos.

Já havia dez dias que eu jazia naquela tenda remota, mantendo o caráter geral das minhas idéias,* até que meu cérebro, enfermo de pensamentos desamparados, teve de ser arrastado ao trabalho por esforço da vontade, uma vez que caía em desmaio assim que este esforço se reduzia. A febre passou: minha disenteria cessou; e, com as forças revigoradas, o presente de novo se tornou atual, para mim. Fatos concretos e imediatos introduziram-se por si nas minhas reflexões; e o meu espírito inconstante saía de lado por todas estas vias de evasão. Assim, apressei-me a alinhar os meus obscuros princípios, para os ter bem delineados antes que o meu poder de os evocar desmaiasse.

Parecia-me provado que a nossa rebelião possuía uma base impugnável preservada não somente do ataque, mas também de qualquer medo de ataque. Tinha um inimigo alienígena, adulterado em sua importância, disperso à guisa de exército de ocupação em uma área maior do que poderia ser dominada efetivamente pelos postos fortificados. Tinha uma população amiga, de que cerca

de dois por cento eram ativos, e o resto perfeitamente simpatizante, ao ponto de não trair os movimentos desta minoria. Os rebeldes ativos possuíam as virtudes do segredo e do governo de si próprios, e as qualidades de velocidade, de resistência e de independência das artérias de abastecimento. Dispunham de equipamento técnico suficiente para paralisar as comunicações do inimigo. Uma província poderia ser por nós conquistada desde que ensinássemos os civis, seus habitantes, a morrer pelo nosso ideal de liberdade. A presença do inimigo era secundária. A vitória final parecia certa, se a guerra durasse bastante, de maneira a permitir que trabalhássemos por ela.

Nota

* Talvez não tão felizmente como aqui. Formulei os meus problemas principalmente em termos do Hedjaz, ilustrando-os com o que eu conhecia dos seus homens e da sua geografia. Isto seria excessivamente longo para escrever; e o argumento foi, pois, comprimido em forma abstrata, forma na qual cheira mais a lâmpada do que a campo. Todos os escritos militares são assim; tanto pior.

CAPÍTULO 34

Sem dúvida, encontrava-me bem de novo, e recordei-me da razão da minha jorda ao Wadi Ais. Os turcos pretendiam marchar para fora de Medina, e *Sir* Archibald Murray queria que os atacássemos de maneira profissional. Era tedioso o fato de ele passar do Egito para o nosso campo, exigindo-nos atividades estranhas à nossa tarefa. Não obstante, os britânicos eram os mais fortes; e os árabes viviam apenas pela graça da sua sombra. Encontrávamo-nos presos a *Sir* Archibald Murray, e precisávamos trabalhar com ele, até o ponto de sacrificar os nossos interesses não-essenciais pelos seus, se não pudessem conciliar-se. Ao mesmo tempo, era possível que não conseguíssemos atuar de forma igual. Feisal devia ter liberdade de movimento: o exército de *Sir* Archibald, provavelmente o mais embaraçoso do mundo, precisava ser laboriosamente puxado para a frente. Seria ridículo supor que esse exército pudesse fazer par com concepções éticas tão ágeis e sutis como o movimento árabe: era duvidoso até que as compreendesse. Contudo, obstruindo a estrada de ferro, talvez conseguíssemos atemorizar os turcos, forçando-os a renunciar ao plano de evacuar Medina, e dando-lhes motivos para ficarem na cidade, na defensiva: conclusão altamente prestimosa tanto para os árabes como para os ingleses, embora, com toda probabilidade, nem uns nem outros pudessem percebê-las ainda.

De conformidade com isto, caminhei para a tenda de Abdulla, anunciando-lhe o meu completo restabelecimento e a minha ambição de fazer alguma coisa a respeito da estrada de ferro do Hedjaz. Havia homens, fuzis, metralhadoras, explosivos e minas automáticas: o suficiente para um esforço capital. Mas Abdulla mostrava-se apático. Desejava falar das famílias reais da Europa, ou da batalha do Somme: a lenta marcha da sua própria guerra o entediava. Não obstante, o xerife, seu primo e segundo em ordem de comando, estava tomado de entusiasmo, garantindo-nos permissão para fazermos o que melhor

entendêssemos. Shakir gostava dos Ateibas, e jurava que eram a melhor tribo da face da terra; assim, resolvemos escolher principalmente Ateibas para os nossos objetivos. Depois, pensamos que era preciso ter um canhão de montanha, um dos veteranos Krupp do exército egípcio, que havia sido enviado por Feisal a Abdulla, de Wejh, como presente.

Shakir prometeu reunir a força, e concordamos em que eu deveria ir à frente (cuidadosamente, como convinha à minha fraqueza) e procurar um alvo. O maior e mais próximo era a estação de Aba el Naam. Comigo, encontrava-se Raho, oficial argelino do exército francês e membro da missão Brémond, pessoa muito leal e corajosamente trabalhadora. Nosso guia era Mohammed el Kadhi, cujo velho pai, Dakhil-Allah, juiz hereditário dos Juheinas, havia guiado os turcos a Yenbo no último mês de dezembro. Mohammed tinha dezoito anos de idade e era de natureza sólida e silenciosa. O xerife Fauzan el Harith, o famoso guerreiro que havia capturado Eshref, em Janbila, escoltava-nos, com cerca de vinte Ateiba e cinco ou seis aventureiros Juheina.

Saímos a 26 de março, enquanto *Sir* Archibald Murray estava atacando Gaza, e marchamos pelo Wadi Ais abaixo; mas, depois de três horas de viagem, o calor se tornou excessivo para mim, e paramos junto de uma grande árvore (jujubeira ou lótus, mas os frutos eram escassos), e ali repousamos até as horas médias do dia. As jujubeiras derramavam grandes sombras: soprava um vento fresco do oriente, havendo poucas moscas. O Wadi Ais abundava em espinheiros e grama, encontrando-se o ar, por ali, cheio de borboletas brancas e impregnado de perfumes de flores selvagens; desta maneira, não tornamos a montar senão muito tarde, e, ainda assim, só fizemos uma breve marcha, deixando o Wadi Ais à direita, depois de passarmos, num ângulo do vale, por um terraço e por uma cisterna em ruínas. Outrora havia aldeias por ali, sendo as águas subterrâneas cuidadosamente utilizadas nos seus númerosos jardins; agora, porém, tudo era deserto.

Na manhã seguinte, tivemos duas horas de marcha rude ao redor dos contrafortes de Djebel Serd, a caminho do Wadi Turaa, vale histórico, ligado, por meio de ampla passagem, ao Wadi Yenbo. Passamos também aquele meio-dia debaixo de uma árvore, perto de algumas tendas de Juheinas, onde Mohammed foi hóspede enquanto nós dormimos. A seguir, marchamos de novo, ou, melhor, ziguezagueamos, por duas horas mais, e acampamos depois de descida a noite. Por má sorte, um escorpião de princípios de primavera me picou severamente na mão esquerda quando eu me deitava para dormir. O lugar da picada se inflamou e o meu braço se tornou rígido e dolorido.

Às cinco horas da manhã seguinte, depois de uma longa noite, tornamos a partir, e passamos através das últimas montanhas atingindo o Jurf, espaço aberto e ondulante que corria para o sul, até Djebel Antar, velha cratera de topo fendido e acastelado, o que a transformava em marco de rota. Viramos um pouco à direita, na planície, a fim de nos protegermos à sombra das pequenas colinas que a separavam do Wadi Hamdh, em cujo leito ficava a estrada de ferro. Por trás destas colinas, marchamos em direção ao sul até ficarmos em posição oposta a Aba el Naam. Ali acampamos, bem perto do inimigo, mas perfeitamente a salvo. O topo da colina dominava o adversário; e trepamos pelos seus flancos, antes do crepúsculo, a fim de procedermos ao primeiro exame da estação.

A colina tinha, talvez, a altura de duzentos metros, e era íngreme; fiz muitas paradas durante a escalada, para repousar — mas a vista, do topo, era boa. A estrada de ferro encontrava-se a cerca de cinco quilômetros além. A estação tinha um par de grandes casas de basalto, de dois andares, uma caixa-d'água circular e outros edifícios. Havia tendas em forma de tímpano, cabanas e trincheiras, mas nenhum sinal de fuzis. Víamos, ao todo, cerca de trezentos homens.

Disseram-nos que os turcos patrulhavam as redondezas ativamente durante a noite. Era um mau hábito, este: assim, enviamos dois homens destinados a permanecer perto de cada fortim e a deflagrar alguns tiros depois do cair da noite. O inimigo, pensando tratar-se de um prelúdio do ataque, fez pé firme nas trincheiras a noite toda, enquanto nós dormimos tranqüilamente; mas o frio nos despertou cedo demais, com um incômodo vento matutino a soprar através do Jurf e a cantar nas grandes árvores ao redor do nosso acampamento. Quando subimos para o nosso posto de observação, o sol alcançou as nuvens, e uma hora mais tarde o dia se tornou excessivamente acalorado.

Deitamo-nos, como lagartos, sobre a grama, ao redor das pedras mais proeminentes, no topo da montanha, e passamos em revista a guarnição. Trezentos e noventa e nove homens de infantaria, pequenas criaturas de brinquedo, correram de um lado e de outro quando soou a corneta e formaram rígidas linhas por baixo do negro edifício, até que novos toques se fizeram ouvir: depois dispersaram-se, e após poucos minutos a fumaça de fogos de cozinha subiu. Um rebanho de carneiros e cabras, a cargo de um rapazola maltrapilho, tomou caminho na nossa direção. Antes que ele atingisse o pé das colinas, ouviu-se um silvo estridente, vale abaixo, vindo do norte, e um trem, fino e semelhante às gravuras dos livros, rodou lentamente à nossa vista através da ponte chata; parou precisamente ao lado da estação, jorrando baforadas brancas de vapor.

O pastor prosseguiu na sua marcha, conduzindo as cabras aos gritos pela nossa colina acima, em busca de melhor pastagem do lado ocidental. Enviamos dois Juheinas para baixo, por trás de um barranco, fora das vistas do inimigo; correram cada qual do seu lado, e prenderam o pastor. O rapazola era do ramo dos Heteym, párias do deserto, cujos pobres filhos eram geralmente enviados, em aluguel, para servir de pastores junto às tribos da redondeza. Este pária chorava continuamente e fez esforços para escapar todas as vezes em que viu as suas cabras desgarrarem-se ao acaso, pela montanha. Por fim, os homens perderam a paciência e o amarraram grosseiramente, enquanto ele gritava de terror temendo que o fossem matar. Fauzan teve muito que fazer para o reduzir à tranqüilidade; depois, interrogou-o a propósito dos seus senhores turcos. Mas todos os pensamentos do rapazola se concentravam no rebanho: seus olhos seguiam os animais piedosamente, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces sujas.

Os pastores formavam uma classe à parte. Para o árabe comum, a lareira era uma universidade, ao redor da qual o seu mundo passava e onde eles ouviam as melhores palestras, as novidades a respeito de suas tribos, os poemas, as histórias, os casos de amor, as sentenças da lei e os regateios. Por esta constante participação nos conselhos de lareira, os árabes se tornaram mestres da expressão, dialéticos, oradores, capazes de tomar assento, com dignidade, em qualquer assembléia, sem nunca se perderem em matéria de debates. Os pastores nada tinham disto. Desde a infância seguiam o seu destino, que os levava, em todas as estações do ano e em todas as condições do tempo, de dia e de noite, às montanhas, condenando-os à solidão e à companhia dos animais. No deserto, em meio aos secos ossos da natureza, cresciam ao natural, nada sabendo dos homens e dos seus negócios; dificilmente se mostravam fortes na conversação comum; mas sabiam muito a respeito de plantas, de animais selvagens e dos hábitos das suas próprias cabras e ovelhas, cujo leite era o seu principal alimento. Em presença de seres humanos, tornavam-se estúpidos; alguns se mostravam perigosamente selvagens, mais animais do que homens, conduzindo os rebanhos e procurando neles a satisfação dos seus apetites adultos, com exclusão de afeições mais lícitas.

Durante várias horas depois da captura do pastor, só o sol se moveu à nossa vista. Enquanto o astro subia, empalamos as nossas capas, a fim de lhes dissipar o calor, e nos aquecemos em luxuosa quentura. O tranqüilo topo de colina devolvia-me alguma coisa do interesse dos sentidos que eu havia perdido depois de cair enfermo. Encontrava-me em condições de observar novamente o cenário típico das montanhas, com as suas duras cristas de pedra, com os seus flancos de

rocha nua, com seus pequenos montes de detritos soltos, misturados, ao pé do declive, com terra fina e seca. A pedras rutilavam, amarelas e queimadas pelo sol; eram metálicas ao toque e quebradiças; rachavam-se em fendas vermelhas, verdes e castanhas, conforme o caso. De todos os pontos fofos despontavam espinheiros; e havia grama em abundância, geralmente brotando, de uma raiz, em dúzias de robustas lâminas, à altura do joelho de um homem, e cor de palha; os tufos eram espigas vazias, entre flechas emplumadas e prateadas. Com estas, e com ervas menores, cujos tufos em forma de garrafa e de cor pérola esverdeada atingiam as nossas ancas, os flancos das colinas se apresentavam vestidos de branco e curvavam-se vagarosamente para nós a cada sopro súbito do vento inconstante.

Não havia propriamente verdura, mas excelente pastagem; nos vales, viam-se maiores zonas de grama comum, alta até a cintura, de cor verde-clara quando fresca, embora logo empalidecesse no amarelo-escuro da vida de todos os dias. As ervas cresciam espessas em todos os leitos de areia e de cascalho cruzados de regatos, por entre os raros espinheiros; destes, alguns eram da altura de doze metros. As jujubeiras, com seus frutos secos e açucarados, eram raras. Mas moitas de tamargueiras escuras, altas vassouras, outras variedades de grama comum, algumas flores e tudo quanto possuísse espinhos medravam ao redor do nosso acampamento, transformando-o em rica amostra da vegetação dos planaltos do Hedjaz. Só uma daquelas plantas nos oferecia proveito, e esta era a *hemeid*: espécie de azeda, de folhas carnosas em forma de coração, cuja agradável acidez aplacava a nossa sede.

Ao crepúsculo descemos de novo, com o pastor de cabras, nosso prisioneiro, e com o que havíamos podido reunir do seu rebanho. O grosso do nosso grupo deveria chegar naquela noite, tanto que Fauzan e eu vagamos através da escura planície até que encontramos um ponto agradável onde assestar o canhão, num barranco baixo, a menos de duzentos metros da estação. Ao regresso, muito cansados, vimos fogos acesos por entre as árvores. Shakir havia chegado pouco antes, e os seus e os nossos homens estavam assando carne de cabra, satisfeitos. O pastor encontrava-se amarrado por trás da minha enxerga porque se enfurecera quando os seus animais foram ilicitamente mortos. Recusou-se a saborear o jantar; e só forçamos pão e arroz para dentro da sua boca pela ameaça de horríveis castigos, se ultrajasse a nossa hospitalidade. Os soldados procuraram convencê-lo de que deveríamos tomar a estação no dia seguinte e matar os seus senhores; mas ele não se consolou, e, mais tarde, com receio de que nos escapasse, tivemos de o amarrar de novo à mesma árvore.

Depois do jantar, Shakir me disse que havia trazido consigo apenas trezentos homens, em vez dos oitocentos ou novecentos combinados. Não obstante, aquela era a sua guerra e portanto a sua melodia; assim, modificamos rapidamente os planos. Já não tomaríamos a estação; atemorizaríamos os seus ocupantes com um ataque frontal de artilharia, enquanto minaríamos as estradas de ferro ao norte e ao sul, na esperança de colher na cilada o trem que ali se achava parado. De conformidade com esta resolução, escolhemos um grupo de dinamiteiros treinados por Garland, encarregando-o de fazer saltar os trilhos um pouco ao norte da ponte, pela madrugada, a fim de barrar a saída por aquela direção; enquanto isto se fazia, encaminhei-me com altos explosivos, uma metralhadora e sua guarnição para colocar uma mina ao sul da estação, direção provável pela qual os turcos procurariam ou enviariam auxílio na hora da emergência.

Mohammed el Khadi guiou-nos para um trecho deserto da linha férrea antes da meia-noite. Desmontei e apalpei os trilhos, com emoção, pela primeira vez, durante a guerra. Depois, numa hora de afobado trabalho, assentamos a mina, que era de ação de disparador, para deflagrar nove quilos de gelatina, quando o peso da locomotiva afastasse os metais entre si. A seguir, colocamos a metralhadora num pequeno curso de água velado por arbustos, a quatrocentos metros do ponto da mina, com inteiro domínio do lugar em que esperávamos que o trem descarrilasse. Os metralhadores ocultaram-se ali, enquanto nós fomos cortar as linhas telegráficas para que o isolamento persuadisse Aba el Naam a enviar os seus trens de reforço quando se desenvolvesse o nosso ataque.

Assim, marchamos outra meia hora e depois viramos de novo a caminho da linha férrea, e novamente fomos felizes, encontrando outro ponto desocupado. Desafortunadamente, os quatro Juheinas restantes se mostraram incapazes de subir num poste telegráfico, e eu tive de lutar poste acima pessoalmente. Subi como foi possível, depois da enfermidade e da fraqueza; e quando o terceiro fio foi cortado, o frágil poste oscilou de tal forma que eu perdi o agarre e vim abaixo, deslizando ao longo dele, de cinco metros de altura, caindo sobre os ombros de Mohammed, que acorrera para atenuar a minha queda e quase que teve fraturados os próprios ossos. Respiramos alguns momentos, mas, logo depois, fomos capazes de retomar os nossos camelos. Mais tarde, chegamos a um acampamento precisamente quando os outros já haviam arreado para ir mais à frente.

A tarefa de colocação da mina tomara-nos quatro horas de tempo a mais do que fora projetado, e o atraso nos pôs no dilema de, ou não repousar, ou deixar o corpo principal da expedição marchar sem nós. Finalmente, por vontade de

Shakir, deixamos que os homens seguissem e caímos por baixo das nossas árvores para um sono de uma hora, sem o que eu sentia que me enfraqueceria extremamente. A ocasião estava marcada precisamente para antes do despontar do dia, hora em que o desassossego da atmosfera afetava árvores e animais, fazendo com que até os dorminhocos se voltassem no leito, suspirando. Mohammed, que desejava ver a luta, levantou-se. Para fazer com que eu me erguesse, aproximou-se de mim e gritou a prece da manhã aos meus ouvidos; e a voz rouca ressoou a batalha, assassínio e a mortes súbitas em meus sonhos. Sentei-me e retirei a areia que se depositara na orla dos meus olhos avermelhados e doloridos, passando a discutir veementemente sobre rezas e necessidades de dormir. Ele assegurava que não havia uma batalha todos os dias e mostrou-me os cortes e as contusões por ele suportados durante a noite, para me auxiliar. Por minhas manchas pretas e azuis, eu podia sentir a dor dele, e saímos para alcançar o exército depois de soltar o ainda infeliz menino pastor, com a advertência de que deveria esperar pelo nosso regresso.

Uma faixa semi-revolvida pelas pisadas, num descampado cintilante de areia rodeado por água, mostrou-nos o caminho, e chegamos justamente quando os canhões abriam fogo. Estes funcionaram excelentemente e derrubaram todo o topo de um edifício, danificaram o segundo, atingiram o depósito das bombas e furaram as caixas-d'água. Uma granada feliz colheu o vagão da frente do trem, ao flanco, que logo se incendiou. Isto alarmou o pessoal da locomotiva, que desengatou e saiu, veloz, para o sul. Contemplamos a máquina ansiosamente quando ela se aproximou da nossa mina; assim que a locomotiva se pôs sobre a mina, vimos uma pequena nuvem de fumaça e de poeira, ouvimos uma detonação e a locomotiva parou. O dano foi causado na parte dianteira, porque a locomotiva ia em marcha-à-ré e a carga explodiu tarde; mas enquanto o pessoal saiu da cabina, soergueu as rodas dianteiras por meio de alavanca e tratou de reparar o estrago, esperamos em vão que a metralhadora abrisse fogo.

Mais tarde, soubemos que os metralhadores, espantados pela própria solidão, haviam empacotado tudo e marchado até a nossa posição, ali chegando quando começávamos a atirar. Meia hora depois a locomotiva reparada seguiu na direção de Djebel Antar, rodando a passo de homem e chocalhando rumorosamente; mas rodando, apesar de tudo.

Os nossos árabes abriram caminho para a estação, protegidos pelo bombardeio, enquanto mostrávamos os nossos dentes aos metralheiros. Nuvens de fumaça, saindo dos vagões atingidos, ocultavam o avanço dos árabes, que varreram um posto de vanguarda do inimigo e capturaram outro. Os turcos

recuaram os destacamentos sobreviventes para as principais posições e esperaram em suas trincheiras pelo assalto — assalto que eles não estavam com mais ânimo de repelir do que nós de desfechar. Com o nosso ganho em terreno, aquele lugar deveria ser um regalo para nós, se tivéssemos ainda que fosse uns poucos homens de Feisal para desencadear a carga.

Entrementes, o madeiramento, as tendas e os vagões, na estação, se queimavam, e a fumaça se tornou muito espessa para permitir que atirássemos; em virtude disto, interrompemos a ação. Tomamos trinta prisioneiros, uma égua, dois camelos e mais alguns carneiros; matamos e ferimos setenta membros da guarnição, custando tudo, para nós, um homem levemente ferido. O tráfego foi suspenso por três dias, para consertos e investigações. Assim, não falhamos por inteiro.

CAPÍTULO 35

Deixamos dois grupos nas vizinhanças com a incumbência de danificar a linha férrea no dia seguinte e no outro ainda, e marchamos para o acampamento de Abdulla a 1o de abril. Shakir, esplêndido em suas roupagens, fez uma grande desfile à entrada, recebendo milhares de tiros festivos em honra da vitória parcial. O indolente acampamento fez um carnaval.

À tarde, fui passear pelo bosque de espinheiros, atrás das tendas, até que comecei a ver, através dos grossos ramos, uma luz viva nascendo de explosões de uma imensa labareda; por entre a fogueira e a fumaça, vinha a mim o ritmo de tambores, acompanhando-o o bater de palmas e o profundo vozerio do coro tribal. Arrastei-me para ali, silenciosamente, e vi uma enorme fogueira cercada por centenas de Ataibas sentados no chão, um após outro, a olhar intensamente para Shakir, o qual, de pé e sozinho ao centro, dançava a dança da sua canção. Shakir tinha tirado a capa e trajava apenas o seu véu branco e as suas roupas também brancas: a poderosa iluminação da fogueira refletia-se na sua vestimenta, bem como no seu rosto pálido e devastado. Cantando, ele atirava para trás a cabeça e, ao fim de cada frase, erguia as mãos para fazer com que as amplas mangas caíssem por trás, sobre seus ombros, enquanto sacudia os braços nus, espectralmente. A tribo ao seu redor marcava o compasso com as mãos, ou repetia o estribilho ao receber a deixa do chefe. O bosque de árvores onde eu me encontrava, fora do círculo da luz, estava apinhado de árabes de outras tribos, que murmuravam e que contemplavam os Ataibas.

Na manhã seguinte determinamos fazer outra visita à linha férrea, para experiências mais completas a propósito dos dispositivos automáticos das minas que quase haviam falhado em Aba el Naan. O velho Dakhil-Allah declarou que iria pessoalmente comigo naquela incursão; a perspectiva de pilhar um trem o tentava. Conosco, foram uns quarenta Juheinas, que me pareciam homens mais robustos do que os Ataibas altamente educados. Não obstante, um dos chefes dos

Ataibas, Sultan el Abbud, alegre amigo de Abdulla e de Shakir, recusou-se a ficar atrás. Este rapaz de temperamento generoso, mas de cérebro de lebre, xeque de uma pobre seção da tribo, tivera mais cavalos mortos debaixo dele em batalhas do que qualquer outro guerreiro Ateibi. Tinha cerca de vinte e seis anos e era grande viajante a cavalo, cheio de ironias, gostando de brincadeiras práticas e muito barulhento: alto e robusto, com a cabeça enorme e quadrada, tinha a fronte repleta de rugas, e olhos claros, afundados no rosto. Um pequeno bigode e alguma barba ocultavam-lhe as faces de desapiedado, e a boca, de lábios retos, ostentava dentes brancos brilhantes e cerrados, como os de um lobo.

Tomamos uma metralhadora e a sua guarnição de treze soldados conosco para pôr fim ao trem, quando fosse colhido. Shakir, com a sua grave cortesia para com o hóspede do emir, conduziu-nos à pista, acompanhando-nos durante a primeira meia hora de viagem. Desta feita seguimos de perto o Wadi Ais, até quase a sua junção com o Hamdh, encontrando-o muito verde e cheio de pastagens, posto que tinha havido cheia por duas vezes naquele inverno. Por fim, entramos pela direita, atravessamos o fosso e passamos para a planície; ali, dormimos na areia, um pouco incomodados pelo chuvisco que sulcou pequenos regatos no chão, lá pela meia-noite: mas a manhã seguinte foi clara e quente, e marchamos pela planície afora, para onde os grandes vales Tubja, Ais e Djizil convergiam, unindo-se num só com o Hamdh. O curso da corrente principal estava coberto de *asla*, tal como em Abu Zereibat, com o mesmo leito leproso de cômoros de areia borbulhante; a parte espessa, porém, tinha apenas a largura de duzentos metros e, além dela, a planície, com o seu intrincado sistema de leitos granulosos de torrentes pouco fundos, se estendia por mais quilômetros ainda. Ao meio-dia paramos em um lugar que parecia um jardim selvagem, de erva suculenta, com a metade da altura de um homem, intercalada de flores, onde os nossos felizes camelos se fartaram durante uma hora inteira e depois se deitaram no chão, fartos e assombrados.

O dia parecia ir se tornando cada vez mais quente: o sol aproximava-se da gente, chamuscando-nos sem sequer o lenitivo de um pouco de ar. O chão, limpo e arenoso, estava tão quente que os meus pés descalços não o suportaram e tive de caminhar de sandálias, para divertimento dos Juheinas, cujas solas dos pés, de impressionante espessura, eram à prova até de fogo brando. Quando a tardinha passou, a luz se tornou fosca; mas o calor constante aumentou com tanta opressão e tanta violência sufocante que me apanhou de surpresa. Caminhei virando sempre a cabeça para trás, a fim de ver se não havia imediatamente depois de mim alguma coisa que expulsasse o ar ao redor.

Registrara-se um forte rolar de trovoadas durante a manhã toda e dois picos, os de Serd e de Jasim, encontravam-se envoltos em massas azuis e amarelas de vapores, que pareciam imóveis e maciças. Por fim, vi que a parte de nuvens amarelas, ao lado do Serd, vinha vindo lentamente contra o vento, na nossa direção, levantando quilômetros de poeira na sua base.

A nuvem era quase tão alta como a montanha. Enquanto se aproximava, duas línguas de pó, retas e simétricas como duas chaminés, avançavam, uma para a direita e outra a esquerda. Dakhil-Allah olhou seriamente para a frente, depois para os lados, esperando encontrar locais de abrigo, mas não viu coisa alguma. Avisou-me de que a tempestade seria violenta.

Quando se avizinhou de nós, o vento, que passou a chamuscar o nosso rosto com o seu sopro ardente, mudou rapidamente de direção; e, depois de esperar um momento, soprou um vento frio e úmido às nossas costas. Sua violência aumentou consideravelmente; ao mesmo tempo, o sol desapareceu, coberto por espessas camadas de ar amarelo pairando por cima das nossas cabeças. Ficamos metidos numa luz horrível, cor de ocre, desnorteante. O paredão amarelo de nuvens, que vinha das montanhas, estava agora bem perto, correndo firmemente sobre nós, com o ruído de pedra de amolar. Três minutos mais tarde estourou, estendendo um vasto lençol de poeira ao nosso redor, soprando alfinetantes grãos de areia, torcendo-se e volteando em violentos remoinhos, e ainda assim avançando para o oriente com a velocidade de um forte furacão.

Pusemos os camelos de costas para a tempestade a fim de marchar à sua frente: mas os remoinhos internos arrancaram-nos das mãos as nossas capas, que procurávamos manter com firmeza, encheram os nossos olhos, tolhendo-nos toda noção de direção, e impelindo os camelos ora para a direita e ora para a esquerda da rota. Por vezes, os animais eram arremessados, fazendo voltas inteiras sobre si mesmos: de uma feita, não pudemos evitar que os nossos camelos se lançassem uns contra os outros, num vórtice, enquanto belos arbustos e grossos tufos de grama, bem como pequenas árvores, iam sendo arrancados pelas raízes, erguendo consigo amplas ondas de chão; o que se arrancava era impelido para o nosso caminho ou arremessado contra as nossas cabeças. Nunca nos cegamos; sempre nos foi possível ver a dois ou três metros de distância, de cada lado; mas era perigoso olhar fosse para onde fosse, pois que, além dos ventos de areia, que eram certos, nunca sabíamos se vinha contra nós alguma árvore, alguma investida de seixos ou algum sopro de poeira misturada com grama.

A tempestade durou dezoito minutos e depois fugiu de nós tão subitamente como tinha vindo. O nosso grupo estava disperso em dois quilômetros quadrados, ou mais, e antes que pudéssemos nos unir — estando ainda as nossas roupas e os nossos camelos recobertos de pó, em camadas amarelas e espessas, da cabeça aos pés — desabaram enormes torrentes de chuva que nos enlamearam até a pele. O vale começou a encher-se de charcos, e Dakhil-Allah mandou que o atravessássemos tão rapidamente quanto possível. O vento soprou de novo, desta vez para o norte, marchando a chuva à sua frente com ásperas lufadas de borrifo. Houve um momento em que a água atravessou as nossas capas de lã, colando-as, bem como aos nossos camisões, rente ao corpo, e esfriando-nos até os ossos.

Atingimos a barreira de montanhas ao meio da tarde, mas encontramos o vale nu e desprovido de quaisquer abrigos; estava mais frio do que nunca. Depois de viajarmos para adiante, através de cinco ou seis quilômetros, paramos e subimos por um penhasco íngreme, a fim de ver a estrada de ferro que, ao que me informavam, devia ficar logo além. Lá em cima, o vento era tão terrível que não pudemos subir pelas rochas a pique, inteiramente molhadas, porque as nossas roupas se enfunavam ao ponto de poder carregar-nos dali. Despi a capa e subi o resto do caminho, meio nu, mas facilmente, apenas sentindo um pouco mais de frio do que antes. Todavia o esforço foi inútil, pois o ar era excessivamente espesso para se poder ver qualquer coisa. Assim, voltei para baixo, cortado e contundido, para me juntar aos outros companheiros; e vesti-me, bastante entorpecido. No nosso caminho de regresso, sofremos a única perda de vida daquela incursão. Sultan havia insistido em vir conosco, e seu servo Ateibi, que o seguira embora não suportasse as grandes alturas, escorregara em determinado ponto perigoso, caindo de mais de doze metros abaixo, de cabeça.

Quando regressamos, minhas mãos e meus pés estavam como que quebrados, não me podendo servir por mais tempo a menos que eu repousasse; deitei-me e fiquei a tremer de frio durante uma hora, mais ou menos, enquanto os outros enterravam o homem morto no flanco do vale. Voltando, o grupo encontrou-se com um viajante desconhecido que cruzava a sua pista. O viajante atirou contra os meus companheiros. Estes responderam ao fogo, disparando tiros ao acaso através das gotas da chuva, e a noite engoliu o desconhecido. Isto nos inquietou, pois a surpresa era a nossa maior aliada; só pudemos esperar que aquele homem não voltasse para avisar os turcos de que havia incursores pelas vizinhanças.

Depois que os camelos de carga, transportando explosivos, chegaram até nós, tornamos a montar, encaminhando-nos para mais perto da linha férrea; mas não havíamos feito mais do que partir quando, correndo pelas ondas do vento abaixo,

ouvimos a chamada para as refeições, feitas pelos corneteiros turcos. Dakhil-Allah apurou o ouvido para a frente, na direção do som, e compreendeu que ali por perto devia ficar Madahrij, pequena estação abaixo da qual tencionávamos operar. Assim, tomamos o rumo do odioso clangor — odioso porque recordava jantar e tendas, ao passo que nós nos encontrávamos ao desamparo e, em semelhante noite, não podíamos esperar atear fogueira e assar pão feito da farinha e da água que trazíamos nos sacos de viagem; conseqüentemente, deveríamos prosseguir com fome.

Só atingimos a estrada de ferro depois da dez horas da noite, em condições tais de invisibilidade que tornavam fútil a procura de qualquer posição para a metralhadora. Ao léu, dei com o quilômetro 1.121, de Damasco, para a colocação da mina. Tratava-se de uma mina complicada, de disparador central para deflagrar cargas simultâneas a trinta metros de distância — esperávamos, desta forma, colher a locomotiva, tanto marchando para o norte como para o sul. A colocação da mina no chão durou quatro horas, porque a chuva havia empastado a superfície, estragando-a para o nosso fim. O nossos pés deixaram enormes sinais no solo, tanto na planície como no barranco, tal como se um grupo de elefantes houvesse estado a dançar ali. Desfazer estes rastros era coisa que ficava além de qualquer consideração; assim, passamos a outra tarefa, caminhando aos tropeções por várias centenas de metros e puxando os camelos até que as pegadas passaram a dar a impressão de que todo um exército houvesse cruzado o vale; o lugar da mina não apresentava aspecto melhor, nem pior, do que o resto. Depois retiramo-nos a certa distância, parando por trás de uns outeiros miseráveis, e ali nos agachamos, à espera do dia. O frio era intenso. Os dentes castanholavam; tremíamos e patinhávamos involuntariamente, enquanto os nossos dedos se enrijeciam, como garras.

Pela madrugada as nuvens desapareceram, havendo promessas de sol rubro por cima da serrilha das colinas, além da ferrovia. O velho Dakhil-Allah, nosso ativo guia e chefe durante a noite, assumiu o comando geral e nos dispersou a todos, isoladamente ou aos pares, pelas proximidades do nosso esconderijo. Ele, por sua vez, engatinhou barranco acima, à nossa frente, a fim de observar os acontecimentos na estrada de ferro através do seu binóculo. Eu rezava para que não houvesse acontecimento algum até que o sol se fizesse forte e me aquecesse, pois os calafrios ainda me punham à margem da ação direta. Entretanto, assim que o sol se ergueu e se desanuviou, as coisas melhoraram. Minhas roupas secaram. Ao meio-dia, havia tanto calor como no dia precedente, e já ansiávamos

por um pouco de sombra e por trajes mais espessos que nos protegessem contra os raios do sol.

Contudo, em primeiro lugar, às seis horas da manhã, Dakhil-Allah assinalou um vagonete que veio do sul e passou tranqüilamente sobre a mina — para nossa satisfação, pois não havíamos colocado carga tão soberba apenas para quatro homens e um sargento. Depois, sessenta homens arrancaram de Madahrij. Isto nos inquietou até que verificamos que se destinavam a substituir cinco postes telegráficos derrubados pela tempestade da tarde anterior. A seguir, às sete e meia, uma patrulha de onze homens desceu para a linha férrea; dois a inspecionaram minuciosamente e três caminharam de cada lado do barranco, em busca de pistas transversais, e um, presumivelmente o chefe, andou pomposamente ao longo dos trilhos, sem nada fazer.

Naquele dia encontraram, de fato, alguma coisa, quando cruzaram as nossas pegadas, lá pelo quilômetro 1.121. Concentraram-se ali, entre os trilhos, ficaram a olhar para o rastro, caminharam para cima e para baixo, rasparam o paredão e pensaram exaustivamente. O tempo do exame deles passou devagar para nós: mas a mina estava bem oculta, de tal forma que, ao acaso, se encaminharam satisfeitos para o sul, onde encontraram a patrulha de Hedia; depois, ambos os grupos se sentaram, juntos, à sombra fria de um arco de ponte, descansando dos trabalhos. Entrementes, o trem, um pesado comboio, apontou ao longe, ao sul. Nove dos vagões estavam carregados de mulheres e de crianças, vindo de Medina; eram refugiados civis transladados da Síria, com todos os seus utensílios domésticos. O trem passou sobre a mina, sem a fazer explodir. Como artista, senti-me furioso; como comandante, profundamente aliviado: mulheres e crianças não eram uma pilhagem adequada.

Os Juheinas haviam corrido para a crista da montanha, onde Dakhil-Allah e eu estávamos ocultos, quando viram o trem vir, a fim de assistir à explosão que o deveria mandar em pedaços para o ar. O nosso parapeito de pedra fora arrumado para duas pessoas, apenas; assim, o topo da montanha, ostensivo cone bem oposto ao grupo de patrulhas, se tornou rápida e visivelmente superpovoado. Isto foi excessivo para os nervos dos turcos, que partiram correndo de volta a Madahrij, e, dali, a cerca de quinhentos metros, abriram viva fuzilaria contra nós. Deviam ter também telefonado para Hedia, que logo se fez presente; visto, porém, como o posto avançado mais próximo, daquele lado, ficava a quase nove quilômetros de distância, as suas guarnições contiveram o fogo e se contentaram com seleções executadas pelo corneteiro, tocadas o dia todo. A distância tornava a música grave e bela.

A própria fuzilaria não nos fazia mal algum; mas a denúncia da nossa presença foi desafortunada. Em Madahrij encontravam-se duzentos homens e em Hedia, mil e cem; a nossa retirada só podia realizar-se pela planície de Hamdh, onde ficava Hedia. As suas tropas montadas poderiam irromper e cortar a nossa retaguarda. Os Juheinas tinham bons camelos e, assim, estavam salvos; mas a metralhadora era Maxim de carreta, alemã, capturada do inimigo: carga muito pesada para a sua delicada mula. Os soldados da guarnição da arma ou estavam a pé, ou montavam outras mulas — sua velocidade máxima seria de apenas nove quilômetros por hora, e o seu valor de combate, com uma única metralhadora, não era alto. Assim, depois de um conselho de guerra, marchamos com eles de volta, até meio caminho, através das montanhas, e ali os despedimos com quinze Juheinas para que tomassem a direção do Wadi Ais.

Isto nos tornou móveis, e Dakhil-Allah, Sultan, Mohammed e eu regressamos ao nosso posto com o resto do grupo para outro golpe de vista à linha férrea. A luz do sol era, agora, terrífica; baforadas de calor escorchante sopravam contra nós, vindo do sul. Refugiamo-nos lá pelas dez horas, por baixo de algumas árvores espaçosas, onde assamos pão e almoçamos, com perfeita visão da ferrovia e abrigados dos piores efeitos do sol. Junto de nós, por sobre o cascalho, círculos de sombra fraca, das folhas encaracoladas, se moviam de cá para lá, como percevejos cor de cinza e indetermináveis à medida que os ramos delgados se afundavam, relutantes, ao esforço do vento. O nosso convescote desagradou aos turcos, os quais atiraram ou clangoraram incessantemente contra nós durante a tarde toda e até o anoitecer, enquanto nós, em resposta, dormimos, em turnos.

Lá pelas cinco horas eles se acalmaram e nós montamos e marchamos lentamente através do vale aberto a caminho da estrada de ferro. Madahrij revivesceu num paroxismo de fogo, e todos os clarins de Hedia soaram de novo. O prazer de símio, de mostrar pernas grandes e impressionantes, havia-nos tomado. Quando atingimos a linha, fizemos com que os camelos se ajoelhassem ao lado dela, e guiados por Dakhil-Allah como imã, levamos a efeito uma prece de pôr-do-sol, exatamente entre os trilhos. Era, provavelmente, a primeira reza dos Juheinas, durante um ano, ou quase; eu era noviço, mas à distância constituíamos todos boa exibição, e os turcos deixaram de atirar, estupefatos. Foi esta a primeira e última vez que jamais rezei na Arábia como muçulmano.

Depois da prece, ainda havia muita luz e não era possível ocultar as nossas ações: sentamo-nos, pois, junto à terraplenagem, fumando, até o anoitecer, quando procurei ir pessoalmente desenterrar a mina, a fim de verificar, para

melhorar na próxima ocasião, o motivo pelo qual não havia explodido. Entretanto, os Juheinas estavam interessados nisto tanto quanto eu. Vieram comigo em bando, agrupando-se sobre os trilhos durante a busca. Fizeram com que meu coração me subisse à garganta, pois precisei de uma hora para encontrar o ponto exato em que a mina havia sido oculta. Colocar minas Garland era tarefa laboriosa, mas garatujar em trevas densas, para cima e para baixo, num trecho de algumas centenas de metros de estrada de ferro em busca de um martelete sutil, parecia, no momento, ocupação quase fora de toda hipótese de segurança. As duas cargas ligadas ao gatilho eram tão poderosas que poderiam ter arrancado uns setenta metros de trilhos; e eu tive visões de súbita explosão, que faria voar pelos ares não apenas a minha pessoa mas todo o meu grupo, a qualquer instante. Sem dúvida alguma, este episódio completaria adequadamente o assombro dos turcos!

Por fim encontrei a mina, verificando pelo tato que o dispositivo de explosão havia afundado quinze milímetros em virtude de má colocação efetuada por mim mesmo, ou, ainda, por ter o chão cedido da chuva. Firmei-o no seu lugar. Depois, a fim de explicarmos plausivelmente a nossa presença perante o inimigo, começamos a praticar explosões ao norte da mina. Encontramos uma pequena ponte de quatro arcos e fizemo-la saltar. A seguir, voltamos aos trilhos e cortamos cerca de duzentos: e enquanto os homens colocavam e acendiam cargas de explosivos, ensinei a Mohammed como se fazia para subir por um poste lascado; juntos, cortamos os fios telegráficos, e por meio destes puxamos abaixo outros postes. Tudo se fazia rapidamente, pois temíamos que os turcos viessem na nossa retaguarda: e quando o nosso trabalho de explosivos terminou, corremos como lebres de volta ao ponto onde estavam os nossos camelos, montamos, sem interrupção, vale abaixo, mais uma vez a caminho da planície do Hamdh.

Ali nos encontramos sãos e salvos, mas o velho Dakhil-Allah gostara excessivamente da peça pregada à linha férrea e não podia marchar convenientemente. Quando chegamos à planície arenosa, pôs o seu camelo a galope e todos corremos loucamente atrás dele, através do plenilúnio incolor. A pista era perfeita, e não abandonamos as rédeas durante três horas, isto é, até atingirmos a nossa metralhadora e a sua guarnição que acampava na rota de regresso. Os soldados ouviram as nossas roucas chamadas na noite, pensaram que fôssemos inimigos e puseram-se a atirar contra nós com a sua Maxim: mas a arma enguiçou depois de meia carga, e eles, sendo como eram alfaiates de Meca, não puderam reajustar o tiro. Assim, ninguém ficou ferido e nós os aprisionamos alegremente.

Pela manhã, dormimos longa e preguiçosamente e almoçamos em Rubiaan, primeiro poço no Wadi Ais. Logo depois pusemo-nos a fumar e a conversar, prontos para retomar os camelos, quando, de súbito, ouvimos o estouro distante de uma enorme explosão, atrás de nós, pela linha férrea. Ficamos a indagar de nós mesmos se a mina havia sido descoberta ou realizado a sua obra de destruição. Dois batedores foram deixados para nos informar e marchamos dali, lentamente, por causa dos turcos e em conseqüência de a chuva, dois dias antes, haver posto outra vez o Wadi Ais em enchente, estando o seu leito tão manchado de poços de água verde, entre barrancos de lama prateada, que a torrente ondeava em escama de peixe. O calor do sol tornara a superfície pegajosa, sobre a qual os nossos desalentados camelos patinhavam comicamente, caindo, por vezes, com força e em abandono completo, o que era surpreendente em animais tão dignos. O mau humor dos camelos aumentava às nossas manifestações de regozijo.

A luz do sol, a marcha fácil e a espera das notícias dos batedores tornavam tudo alegre, e nós pusemos em ação virtudes sociais; mas o nosso corpo, enrijecido pelas atribulações do dia anterior e pela alimentação abundante, fez com que não chegássemos a tempo em Abu Markha, para o pernoite. Assim, lá pelo crepúsculo, escolhemos um platô seco, no vale, para dormir sobre ele. Marchei para o platô primeiro; voltei-me e olhei para os homens, de rédeas firmes, lá em baixo, em grupo, sobre os camelos, como se fossem estátuas de bronze na luz crua do cair do sol; pareciam estar sendo iluminados por uma labareda interior.

Antes que assássemos pão, os batedores chegaram para nos contar que, pela madrugada, os turcos haviam estado ocupadíssimos ao redor do ponto dos danos causados por nós; e que pouco depois uma locomotiva, com vagões cheios de trilhos e um numeroso grupo de trabalhadores no topo, havia subido de Hedia, fazendo explodir a mina à frente e atrás das suas rodas. Era isto tudo o que esperávamos, e marchamos de volta ao acampamento de Abdulla numa linda manhã de perfeita primavera, onde chegamos como se fôramos uma companhia de cantores. Prováramos que uma mina bem colocada explodiria; e que mina bem colocada era difícil de ser achada mesmo pelo seu próprio instalador. Estes pontos tinham importância; pois Newcombe, Garland e Hornby se encontravam, agora, na linha férrea, assolando-a: e as minas eram a melhor arma até então descoberta, capaz de tornar o funcionamento da estrada dispendioso e incerto para os nossos inimigos turcos.

CAPÍTULO 36

A despeito da sua gentileza e do seu encanto, eu não conseguia gostar de Abdulla, nem do seu acampamento: talvez isto se desse porque eu não era sociável e aquela gente não tinha solidão pessoal; talvez porque aquele bom humor geral me revelasse a futilidade das minhas penas, maiores do que as de Palomides, não somente para parecer melhor do que eu próprio, mas também para fazer com que os outros se tornassem melhores. Entretanto, nada era fútil na atmosfera de pensamento superior e de responsabilidades que imperava no acampamento de Feisal. Abdulla passava o seu dia alegre na grande tenda fresca, acessível apenas aos amigos, reunindo os suplicantes, ou os novos adeptos, ou os queixosos numa única sessão, à tarde. Quanto ao resto, lia os jornais, comia cuidadosamente e dormia. Principalmente, entretinha-se com jogos, realizando partidas de xadrez com o estado-maior, ou brincando com Mohammed Hassan. Mohammed, Muedhdhin oficial, era realmente o bobo da corte. Eu achava-o cansativo e velho, pois a minha enfermidade me havia deixado com menos vontade do que o habitual para brincar.

Abdulla e seus amigos Shakir, Fauzan e os dois filhos de Hamza entre os xerifes, com Sultan el Abbud e Hoshan, entre os Ateibas, e ibn Mesfer, mestre-de-cerimônias, costumavam empregar a maior parte do dia e todas as horas da tarde atormentando Mohammed Hassan. Feriam-no com espinhos, apedrejavam-no, introduziam-lhe pedregulhos aquecidos pelo sol entre as costas e a camisa, forçavam-no a sentar-se sobre o fogo. Por vezes, a brincadeira se tornava caprichosa, como quando colocavam rastros de pólvora por baixo dos tapetes, obrigando Mohammed a sentar-se numa das pontas. De uma feita, Abdulla atirou três vezes, a cafeteira pousada sobre a sua cabeça, de vinte metros de distância, e depois lhe recompensou a sofredora e paciente servidão com três meses de soldo.

Abdulla, por vezes, cavalgava um pouco, ou se exercitava ao tiro, regressando exausto à tenda para as massagens; e, a seguir, declamadores eram introduzidos, a fim de lhe suavizarem a dor de cabeça. Gostava de versos árabes e era excepcionalmente muito instruído. Os poetas locais tinham, nele, um público proveitoso. Interessava-se igualmente por história e letras, e mantinha disputas gramaticais na sua tenda, oferecendo prêmios em dinheiro.

Afetava não se preocupar com a situação do Hedjaz, considerando a autonomia dos árabes como garantida pelas promessas da Grã-Bretanha a seu pai, e apoiava-se de bom grado neste argumento. Eu ansiava por dizer-lhe que o semi-inteligente ancião não havia obtido, de nós, qualquer compromisso concreto, e que o seu barco atolaria no banco de areia da sua estupidez política; isto, porém, equivaleria a despedir os meus senhores ingleses; e a tensão mental de guerra entre a honestidade e a lealdade, depois de oscilar por instantes, se desfez, de novo, prudentemente.

Abdulla manifestava grande interesse pela guerra da Europa e estudava-a com afinco através dos jornais. Estava familiarizado com a política do Ocidente, tendo aprendido de cor as cortes e os ministérios europeus, e até o nome do presidente da Suíça. Observei, de novo, o quanto a confortável circunstância de termos ainda um rei contribuía para a reputação da Inglaterra naquele mundo da Ásia. Sociedades antigas e artificiais como as dos xerifes, e dos chefes feudais da Arábia, encontravam sensação de segurança quando tratavam conosco por terem a prova de que o posto mais alto, na nossa nação, não era prêmio ao mérito, nem à ambição.

O tempo, pouco a pouco, modificou a minha primeira opinião, que era favorável, a respeito do caráter de Abdulla. Suas constantes indisposições, que outrora despertavam compaixão, iam se tornando merecedoras de censura quando se fazia evidente que a causa era a preguiça ou a auto-indulgência, ou quando ele era visto proclamando-as como ocupações dos seus lazeres excessivamente longos. Seus pendores ocasionais para a arbitrariedade agora pareciam tirania disfarçada em bizarrice; sua amizade se tornava capricho; seu bom humor, amor ao prazer. O fermento da insinceridade operava em todas as fibras do seu ser. Até a sua simplicidade parecia falsa, à luz da experiência; e os herdados preconceitos religiosos imperavam sobre a agudeza da sua mente porque lhe davam menos trabalho do que o pensamento ainda não elaborado. Seu cérebro, por vezes, traía o complicado modelo, desvendando idéias apertadamente retorcidas sobre outras idéias, de maneira a se formar um cordão de desígnios; e, assim, a indolência frustrava também os planos. A trama

desfiava-se em virtude da negligência, pois deixava-a sempre inacabada. Ainda assim, porém, os fios nunca se separavam em desejos diretos, nem se transformavam em desejos efetivos. Ele ficava sempre a espiar, pelo canto dos seus olhos abertos e brandos, a nossa reação às suas perguntas que soavam a inocência, lendo sutilezas de significativo sentido em toda hesitação, em toda incerteza e até em todo equívoco honesto.

Certo dia, entrei, para o encontrar sentado, de olhos muito abertos, com manchas vermelhas em ambas as faces. O sargento Prost, seu velho tutor, havia chegado naquele instante, da parte do coronel Brémond, como inocente portador de uma carta que indicava a maneira pela qual os britânicos estavam cercando os árabes por todos os lados — em Aden, em Gaza, em Bagdá — e fazia esperar que Abdulla se tornasse cônscio da sua situação. Perguntou-me, acalorado, o que eu pensava da missiva. Em resposta, recorri a um artifício, e disse, numa bela frase, que esperava que ele suspeitasse da nossa honestidade quando nos descobrisse alfinetando os nossos aliados com cartas privadas. Ele gostou do meu árabe delicadamente envenenado; apresentou-nos a extrema expressão de gentileza dizendo saber que éramos sinceros, posto que, do contrário, não seríamos representados em Jidá pelo coronel Wilson. Aqui, de maneira característica, a sua sutileza se estrangulou, não percebendo ele a dupla sutileza que a tornava negativa. Não compreendia que a honestidade deve ser o melhor penhor entre velhacos, e que Wilson, por sua vez, estava pronto, ou quase, a suspeitar coisas más nos dignitários que ficavam acima dele.

Wilson nunca disse nem sequer uma meia-verdade. Se recebesse instruções para informar o rei, diplomaticamente, de que o subsidio do mês não podia no momento ser aumentado, telefonaria para Meca e diria: "Senhor, senhor, não há mais dinheiro." Quanto a mentir, não só era incapaz disso, mas também suficientemente esperto para saber que a mentira era o pior lance contra jogadores cuja vida inteira se havia passado em meio a decepções, e cuja percepção era das mais sutis. Os chefes árabes revelavam absoluta inteireza de instinto, perfeita confiança na intuição, no pressentimento não notado, o que deixava a nossa mente centrífuga a tatear. Como as mulheres, compreendiam e julgavam rapidamente, sem esforço e sem raciocínio. Era como se a exclusão oriental da mulher, em relação à política, conferisse aos homens os dotes peculiares delas. Algo da rapidez e do segredo da nossa vitória, bem como da sua irregularidade, deveria ser atribuída a esta duplicidade de dotes, dando origem e acentuando a rara característica de, de ponta a ponta do movimento árabe, nada haver de feminino além das camelas.

A figura proeminente da camarilha de Abdulla era o xerife Shakir, homem de vinte e nove anos, e companheiro, desde a meninice, dos quatro emires. A mãe era circassiana, como o havia sido a avó. Delas, herdara o tipo alvo; mas a carne do rosto havia sido retorcida e maltratada pela varíola. Da sua branca ruína, dois olhos inquietos espiavam, muito claros e enormes; porque as pestanas e sobrancelhas ralas tornavam-lhe o olhar direto e desconcertante. Figura robusta, mas esbelta, quase adolescente, em virtude de uma contínua atividade atlética. Sua voz aguda, decidida mas agradável, desafinava ao gritar. Suas maneiras, embora deliciosamente francas, eram ríspidas, realmente imperiosas; tinha o humor todo gretado, como o cacarejar da gargalhada.

A explosiva liberdade de palavra desse homem parecia não respeitar coisa alguma na terra, exceto o rei Hussein: para consigo próprio, manifestava deferência, mais do que Abdulla; este estava sempre a fazer pilhérias com os companheiros, o bando de rapazes trajando roupas de seda, que se lhe aproximava quando ele se punha à vontade. Shakir entregava-se entusiasticamente ao esporte, mas punia severamente qualquer liberdade. Vestia-se com simplicidade, mas com muito asseio e, como Abdulla, passava horas em público esgaravatando os dentes com fios e com palitos. Não manifestava o menor interesse para com os livros e nunca fatigou a cabeça com meditações; mas era inteligente e interessante ao falar. Era devoto, mas odiava Meca, e participava de jogos de azar enquanto Abdulla lia o Corão. Todavia, por temperamento, podia rezar interminavelmente.

Na guerra, era homem de armas. Seus feitos o haviam tornado o querido das tribos. Ele por sua vez descrevia-se a si próprio como sendo um Bedawi e um Ateiba, e os imitava. Usava os cabelos em trança, a cair de ambos os lados do rosto, mantendo-os lustrosos com manteiga e cheios de viço por meio de freqüentes lavagens com urina de camelo. Estimulava a proliferação das lêndeas, em deferência ao provérbio beduíno segundo o qual a cabeça abandonada continha mente parca: e usava o *brim*, cinturão trançado, de finas fitas de couro, enrolado três ou quatro vezes à altura dos quadris para delimitar e suportar o ventre. Possuía esplêndidos cavalos e magníficos camelos: era considerado o mais fino cavaleiro da Arábia, sempre pronto para medir forças, fosse com quem fosse.

Shakir dava-me a impressão de preferir o golpe de energia ao esforço sustentado, mas havia ponderação e agudeza por trás das suas maneiras loucas. O xerife Hussein utilizara-se dele em missões diplomáticas no Cairo, antes da guerra, a fim de regular assuntos privados com o quediva do Egito. A figura beduína deve ter parecido estranha no esplendor do estuque de Abdin. Abdulla

nutria ilimitada admiração para com Shakir, e procurava encarar o mundo com os seus olhos de alegre descaso. Ambos complicavam seriamente a minha missão no Wadi Ais.

CAPÍTULO 37

Com a situação tática, Abdulla preocupava-se muito pouco, alegando, com rabugice, que era tarefa de Feisal. Havia ido ao Wadi Ais para agradar ao irmão mais moço, e ali ficaria. Não iria pessoalmente fazer incursões, e apenas se animaria a encorajar os que as levavam a efeito. Percebi ciúmes de Feisal nisto, como se quisesse ostensivamente desleixar as operações militares a fim de evitar desagradáveis comparações com os feitos de seu irmão.

Não houvesse Shakir me auxiliado na primeira oportunidade, e eu teria tido atrasos e dificuldades ao começar a organização, embora Abdulla viesse a ceder em tempo e a permitir, graciosamente, tudo quanto não apelasse de modo direto para as suas próprias energias. Entretanto, já havia dois grupos na estrada de ferro com recursos suficientes para realizar uma destruição de qualquer espécie todos os dias, ou quase. Muito menor interferência bastaria para impedir o funcionamento dos trens; e, tornando a manutenção da guarnição turca em Medina apenas um pouco mais difícil do que a sua evacuação, seria o bastante para servir tanto os interesses britânicos como os árabes. Assim, considerei o meu trabalho no Wadi Ais suficientemente levado a termo, e bem-feito.

Ansiava por me encaminhar de novo para o norte, longe daquele campo sem ação. Abdulla permitir-me-ia fazer tudo quanto eu quisesse, mas nada faria por si, ao passo que, para mim, o mais alto valor da revolta estava nas coisas que os árabes empreendessem sem o nosso auxílio. Feisal era obreiro entusiasta, com a idéia de fazer a sua antiga raça justificar a própria fama através da conquista da liberdade por suas próprias mãos. Seus lugares-tenentes, Nasir, Sharraf, ou Ali ibn el Hussein, secundavam-lhe os planos, com a inteligência e com o coração, de maneira que o meu papel se tornava apenas sintetizador. Eu combinava a chuva de suas fagulhas dispersas numa labareda firme: transformava as suas séries de incidentes desconexos em uma operação consciente.

Partimos na manhã de 10 de abril, depois de amáveis despedidas da parte de Abdulla. Os meus três homens de Ageyl estavam de novo comigo; e, além deles, Arslan, pequena figura síria de capa de revista, orgulhoso das suas roupas árabes, bem como do tolo aspecto e das maneiras de todos os beduínos. Montava sem graça, e suportava amarguras durante a viagem toda, aos passos pouco confortáveis dos seus camelos: mas salvava o decoro de si mesmo fazendo observar que, em Damasco, nenhum homem decente montaria em camelo e revelando o seu bom humor ao dizer que na Arábia ninguém, a não ser um damasceno, poderia montar um camelo tão ruim como o seu. Mohammed el Kadhi era nosso guia, com seis Juheinas.

Marchamos pelo Wadi Tleih acima, por onde havíamos chegado, mas entramos à direita, evitando a lava. Não levávamos alimento conosco e, assim, paramos em algumas tendas para receber, como hóspedes, arroz e leite. A estação da primavera, nas montanhas, era uma fase de abundância para os árabes, cuja tendas estavam cheias de leite de ovelha, de cabra e de camela; e todos se alimentavam bem e tinham bom aspecto. Mais tarde marchamos, com um tempo parecido ao do verão na Inglaterra, durante cinco horas por um vale estreito e inundado, o Wadi Osman, que ziguezagueava e se retorcia pelas colinas mas oferecia uma boa pista. A última parte da marcha se efetuou depois do cair da noite e, quando paramos, demos pela falta de Arslan. Deflagramos salvas e acendemos fogueiras, esperando que ele conseguisse alcançar-nos; mas, até a madrugada, nenhum sinal de vida da sua parte; os Juheinas andaram para diante e para trás, em duvidosa busca. Não obstante, ele se encontrava apenas um quilômetro e meio atrás de nós, dormindo profundamente sob uma árvore.

Menos de uma hora depois paramos junto às tendas de uma esposa de Dakhil-Allah, para a refeição. Mohammed tomou banho, fez nova trança nos cabelos luxuriantes e vestiu novas roupas. A refeição atrasou, e só quase ao meio-dia é que foi servida: uma enorme tigela de arroz e açafrão, com um cordeiro em postas por cima. Mohammed, que julgava seu dever, em minha honra, ser delicado ao servir, puxou o grande prato, dele retirando uma caneca de cobre cheia de alimento para ele e para mim. Depois, passou o restante para os homens da companhia. A mãe de Mohammed sabia que era suficientemente velha, podendo, portanto, mostrar-se curiosa a meu respeito. Interrogou-me das mulheres das tribos dos cristãos e da sua maneira de viver, maravilhando-se em presença da minha pele branca e dos meus horríveis olhos azuis que pareciam, ao que ela disse, o céu brilhando através das órbitas de uma caveira vazia.

O Wadi Osman, naquele dia, apresentava-se menos irregular em seu curso, alargando-se gradativamente. Depois de duas horas e meia de marcha virava de súbito para a direita, passando através de um beco, e logo a seguir nos encontramos no Hamdh, numa garganta estreita emuralhada em rochedos. Como de costume, as bordas da camada de areia dura estavam nuas; e a parte central ostentava árvores brilhantes, *hamdh-asla*, com suas copas polvilhadas de areia e de sal. Adiante de nós, viam-se poças de enchentes, de água doce, sendo que a maior delas tinha cerca de noventa metros de comprimento, com fundo em cone. Seu leito estreito se cavava na argila leve e impenetrável. Mohammed disse que aquela água persistiria até o fim do ano, mas que logo se tornaria salgada e, portanto, inútil.

Depois de bebermos, tomamos banho ali e encontramos a poça cheia de pequenos peixes prateados, como sardinhas: todos famintos. Passeamos, depois do banho, prolongando o nosso prazer corporal; e, tornando a montar, já noite feita, marchamos nove quilômetros, até cairmos de sono. Então, saímos da pista, à procura do planalto, para o acampamento da noite. O Wadi Hamdh diferia dos outros vales selvagens do Hedjaz por seu ar frio. O ar frio se percebia, naturalmente, com mais rigor durante a noite, quando a bruma branca, orvalhando o vale todo com uma espécie de suor salgado, se erguia a alguns metros do solo e ali permanecia, imóvel. Mas mesmo durante o dia e à luz do sol o Hamdh parecia úmido, áspero e sobrenatural.

Na manhã seguinte, saímos cedo e passamos por grandes poças no vale; mas apenas algumas continham boa água para se beber: o resto se havia tornado verde e salobra, apresentando pequenos peixes brancos a flutuar, já mortos. Mais adiante, cruzamos o leito e rompemos para o norte, pela planície de Ugila, onde Ross, nosso comandante de aviação de Wejh, construíra recentemente um aeródromo. Guardas árabes se sentavam junto das suas latas de gasolina, e almoçamos o que nos foi oferecido por eles, seguindo, depois, ao longo do Wadi Methar, até uma árvores umbrosa, sob a qual dormimos quatro horas.

À tardinha, todos nos sentimos revigorados e os Juheinas começaram a fazer apostas uns com os outros a propósito da velocidade dos seus camelos. A princípio, foram dois a dois; mas os outros entraram na competição, até que se fizeram seis a correr. A pista era ruim, e finalmente um rapaz galopou com o seu animal de encontro a um monte de pedras. A camela desviou-se de súbito, escorregando, de maneira que o rapaz foi cuspido ao chão e fraturou um braço. Foi uma desgraça: mas Mohammed amarrou-o friamente com trapos e rédeas de camelo, deixando-o à vontade por baixo de uma árvore para que repousasse um

pouco, antes de voltar a Ugila, a fim de ali passar a noite. Os árabes eram indiferentes em presença de ossos quebrados. Numa tenda, no Wadi Ais, eu vi um jovem cujo antebraço, depois da ruptura, se colou de través; percebendo o fato, o rapaz cavou a própria carne com uma adaga até pôr o osso a nu; tornou a quebrá-lo e colocou-o na posição correta; e ali ficou, filosoficamente, suportando as moscas, com o antebraço esquerdo inchado, circundado de argila e de musgo medicinal, à espera de que a cura se produzisse.

Na outra manhã, atingimos Khauthila, um poço, onde demos de beber aos camelos. A água estava infecta e produziu efeitos laxativos. Marchamos de novo, à tarde, vencendo outros 12 quilômetros, pretendendo seguir diretamente para Wehj, numa longa e última jornada. Assim, levantamo-nos logo depois da meia-noite, e antes do romper do dia já descíamos a comprida fralda do Raal para a planície que se estendia através das bocas do Hamdh até o mar. O chão estava riscado de sulcos de automóvel; isto excitou a ambição dos Juheinas, fazendo com que se apressassem para ver as novas maravilhas do exército de Feisal. Estimulados pelo episódio, realizamos uma marcha em linha reta de oito horas, incomumente longa para os beduínos do Hedjaz.

Achávamo-nos razoavelmente cansados, o mesmo se dando com os camelos, pois que não tínhamos ingerido alimento algum depois da refeição da manhã no dia anterior. Portanto, pareceu acertado ao rapaz Mohammed apostar corridas. Saltou do camelo, tirou as roupas e desafiou-nos a correr até a moita de espinheiros que ficava no aclive à nossa frente, dando como prêmio uma libra inglesa. Todos aceitaram a justa, e os camelos dispararam atabalhoadamente. A distância, cerca de um quilômetro colina acima, sobre areia dura, valia mais, provavelmente, do que o prêmio oferecido por Mohammed. Entretanto, ele revelou surpreendente resistência e venceu, embora por alguns centímetros; a seguir, desmaiou, sangrando pela boca e pelo nariz. Alguns dos nossos camelos eram bons, e correram à maior velocidade possível quando se viram competindo uns com os outros.

O ar, ali, era quente e abafado para os nativos das montanhas, e temi que houvesse conseqüências graves em virtude da exaustão de Mohammed; mas depois de repousarmos uma hora, e de lhe prepararmos uma xícara de café, ele se pôs novamente de pé e marchou as seis horas restantes até Wejh tão alegremente como sempre; e continuou a fazer as pequenas travessuras que já nos haviam divertido na longa marcha desde Abu Markha. Se alguém se aproximasse em silêncio por trás da camela do outro e metesse uma vara, de súbito, pelas nádegas do animal, este julgaria tratar-se de macho excitado, disparando em desabalado

galope, inteiramente desconcertante para quem o montasse. Outra brincadeira consistia em lançar um animal ao galope de encontro a outro, comprimindo-o contra qualquer árvore próxima. Ou a árvore tombava (as plantas de vale, no chão leve do Hedjaz, eram coisas notavelmente instáveis) ou o cameleiro se esfolava e se retorcia; ou, o que era o melhor, vinha da sela ao chão, sendo deixado empalado num ramo espinhoso, quando não caía violentamente ao solo. Esta brincadeira gozava de geral apreço, menos da parte da vítima.

Os Bedus eram um povo estranho. Eram gente desagradável para um inglês que entre eles se demorasse, a menos que tivesse paciência ampla e profunda como o mar. Os Bedus eram escravos absolutos dos próprios apetites, sem padrão mental, bebedores de café, de leite e de água, glutões de carne guisada e desavergonhados mendigos de tabaco. Sonhavam durante semanas, antes e depois dos seus raros exercícios sexuais, e despendiam os dias de intervalo divertindo-se, e aos seus ouvintes, com narrativas indecentes. Dessem-lhes as circunstâncias da vida a oportunidade, e seriam puros sensualistas. Sua robustez era a robustez de homens geograficamente além de qualquer tentação: a pobreza da Arábia os tornara simples, continentes e resistentes. Se forçados a viver vida civilizada, sucumbiriam, como qualquer selvagem, às suas próprias enfermidades, à vileza, à luxúria, à crueldade, às intrigas e aos artifícios; e, como os selvagens, sofreriam os males de maneira exagerada por falta de vacina.

Se suspeitassem de que desejávamos conduzi-los, ou se tornariam obstinados e casmurros, ou se retirariam. Se nós os compreendêssemos, dando tempo e trabalho para fazer com que as coisas os tentassem, então enfrentariam grandes sofrimentos para nosso prazer. Se os resultados obtidos valeram ou não os esforços, é coisa que ninguém conseguiria dizer. Os ingleses, habituados a maiores recompensas, não poderiam, como de fato não podiam, ter gasto o tempo, pensado e prodigalizado gentilezas aos xeques e aos emires para tão magras finalidades. Os processos árabes eram claros; a mente árabe movia-se tão logicamente como a nossa, nada apresentando de radicalmente incompreensível ou diferente, exceto a premissa: não havia desculpa, nem razão, a não ser a nossa preguiça e a nossa ignorância, que nos levasse a denominá-los imperscrutáveis ou orientais, ou a deixá-los incompreendidos.

Eles nos seguiriam, se resistíssemos com eles, e se jogássemos o jogo de acordo com as suas regras. O mal estava em que freqüentemente começávamos a fazer isso, mas logo explodíamos de exasperação e os abandonávamos, censurando-os pelo que faltava em nós próprios. Críticas tais como a queixa de um general por causa das más tropas eram, na realidade, confissão da nossa falta

de capacidade de previsão, feita, freqüentemente, com falsidade e fingida modéstia, para mostrar que, embora equivocados, tínhamos pelo menos a coragem de conhecer os nossos erros.

CAPÍTULO 38

O asseio me fez parar fora de Wejh e mudar as minhas roupas imundas. Feisal, quando a ele me apresentei, conduziu-me ao fundo da tenda, para conversar. Parecia que tudo corria bem. Mais carros blindados haviam chegado do Egito; Yenbo fora evacuada dos últimos soldados e suprimentos; e o próprio Sharraf tinha subido, com uma inesperada unidade — uma nova guarnição de metralhadora de origens diversas. Havíamos deixado trinta homens, doentes ou feridos, em Yenbo, quando de lá partíramos; abandonamos, igualmente, montes de armas inutilizadas, com dois sargentos-armeiros para as consertar. Os sargentos, que achavam o tempo aborrecido, haviam tomado homens e armas remendados, combinando tudo numa companhia de metralhadoras tão perfeitamente treinada em sigilo que os seus membros se tornaram bons metralhadores como os melhores que possuíamos.

Também Rabegh estava sendo abandonada. Os aeroplanos dali haviam voado para o novo acampamento de Wejh, e já se encontravam acomodados. As tropas egípcias haviam sido embarcadas logo após, com os estados-maiores de Joyce, de Goslett e de Rabegh, que se encontravam, agora, incumbidos de tudo em Wejh. Newcombe e Hornby andavam pela região, destruindo estradas de ferro dia e noite, quase que com as próprias mãos, por falta de auxílio. A propaganda no seio das tribos ia para a frente: tudo corria da melhor maneira desejável, e eu estava prestes a tomar a minha licença, quando Suleiman, o mordomo, chegou correndo e murmurou alguma coisa aos ouvidos de Feisal; este se voltou para mim, com olhos brilhantes, procurando manter-se calmo, e disse: "Auda está aí." Eu gritei: "Auda abu Tayi", e, nesse instante, a cortina da tenda foi puxada, ouvindo-se uma voz profunda que reboava fazendo saudações ao nosso senhor, o Comandante dos Fiéis. Uma figura alta e robusta entrou, apresentando o rosto macilento, apaixonada e trágica. Era Auda; depois dele, vinha Mohammed, seu filho, menino na aparência, e apenas da idade de onze anos na verdade.

Feisal pôs-se de pé. Auda colheu-lhe a mão e beijou-a; ambos se puseram de lado um ou dois passos, e ficaram a olhar um para o outro — esplêndido par dessemelhante, típico de muita coisa que era o melhor da Arábia: Feisal, o profeta, e Auda, o guerreiro — cada qual desempenhando o seu papel à perfeição, e cada qual entendendo e apreciando o outro. Sentaram-se. Feisal apresentou-nos um a um, e Auda, com palavras medidas, parecia registrar cada pessoa.

Muito havíamos ouvido a respeito de Auda, e contávamos conquistar Akaba com o seu auxílio; e depois de um instante, percebi, pela força e pela correção do homem, que atingiríamos o nosso objetivo. Vinha a nós como cavaleiro errante, incomodando-se pela nossa demora em Wejh e mostrando-se ansioso apenas de conquistar méritos em prol da liberdade árabe na sua própria terra. Se as suas realizações fossem iguais à metade dos seus desejos, nós seriamos prósperos e afortunados. O peso se afastara do espírito de todos nós, antes de nos retiramos para o jantar.

Ao jantar, formávamos um grupo alegre: Nassib, Faiz, Mohammed el Dheilan, primo de Auda, Zaal, seu sobrinho, e o xerife Nasir, que repousava em Wejh alguns dias entre duas expedições. Contei a Feisal curiosas histórias sobre o acampamento de Abdulla e da alegria de estraçalhar estradas de ferro. De súbito, Auda pôs-se de pé, qual mola, com um grito: "Deus o proíbe", e voou para fora da tenda. Ficamos perplexos, a olhar uns para os outros, e ouvimos um rumor de algo que martelava lá fora. Saí para saber o que significa aquilo, e vi Auda curvado sobre um rochedo, estilhaçando a sua dentadura postiça com uma pedra. "Esquecia-me", disse-me ele, "de que o paxá Kemal me deu isto. Eu estava comendo o pão do meu senhor com dentes turcos!" Infelizmente, ele tinha poucos dentes próprios, de maneira que, dali para diante, comer a carne de que gostava foi difícil e penoso; Auda andou semi-alimentado até que tomamos Akaba e que *Sir* Reginald Wingate enviou um dentista, do Egito, para lhe colocar uma dentadura Aliada.

Auda vestia-se com muita simplicidade, à maneira do norte, de algodão branco e turbante vermelho de Mosul. Deveria ter mais de cinqüenta anos, e os seus cabelos negros se mostravam já mesclados de branco; mas era robusto e altivo, de construção solta, bem conservado e tão ativo como qualquer homem muito mais moço. O rosto era magnífico em seus lineamentos e nas suas depressões. No semblante estava escrito que era verdade que a morte de Annad, seu filho predileto, em campo de batalha, havia mergulhado em tristeza toda a sua vida, desfazendo para sempre o seu sonho de passar para as gerações futuras a

grandeza do nome de Abu Tayi. Tinha olhos enormes e eloqüentes, como rico veludo negro. A fronte era baixa e ampla, o nariz alto e agudo, poderosamente enraizado; a boca, talvez larga e móvel; a barba e os bigodes haviam sido aparados em ponta, ao estilo dos Howeitats, deixando aparecer a parte inferior do queixo raspada.

Em séculos idos, os Howeitats chegaram do Hedjaz e os grupos de famílias nômades se orgulhavam de ser verdadeiros Bedus. Auda era o tipo do seu chefe. Sua hospitalidade era extrema; e, exceto para almas muito famintas, era inconveniente. A generosidade fazia com que Auda se mantivesse pobre, a despeito dos lucros de centenas de incursões. Casara-se vinte e oito vezes, e fora ferido treze; nas guerras que provocara, vira todos os homens das suas tribos feridos e a maior parte dos seus parentes morta. Ele, pessoalmente, prostrara setenta e cinco homens, todos árabes, com sua mão, em campo de batalha: e nunca o fizera senão em batalha. Do número dos turcos mortos, não sabia a conta: não entravam no registro. Os Toweihas, sob comando, haviam se tornado os primeiros guerreiros do deserto, com a tradição de uma coragem desesperada e com um sentimento de superioridade que nunca os abandonava enquanto houvesse vida e tarefa a realizar; tudo isto, porém, os havia reduzido, de mil e duzentos, a menos de quinhentos, em trinta anos, à medida que o padrão da luta dos nômades se fora elevando.

Auda efetuava incursões sempre que se lhe oferecesse a oportunidade, e as praticava de maneira tão completa quanto possível. Havia estado em Aleppo, Basra, Wejh e no Wadi Dawasir, realizando incursões, e tinha o cuidado de se encontrar sempre em inimizade com quase todas as tribos do deserto, para possuir objetivos adequados às arremetidas. De acordo com a sua maneira de pilhagem, era tão casmurro como generoso e, nas mais aloucadas incursões, sempre havia um fator frio de possibilidade para o guiar. Na ação, dava mostras de paciência extrema: recebia e deixava de lado os conselhos, as críticas ou os abusos com um sorriso tão constante quanto encantador. Se se zangava, o rosto contorcia-se-lhe incontrolavelmente, e ele irrompia numa explosão de paixão que só se aplacava depois de matar alguém: nestas ocasiões, era uma fera selvagem, e os homens fugiam da sua presença. Nada na terra o levaria a mudar de idéia, ou obedecer a ordens para fazer a menor coisa que desaprovasse; e não prestava atenção aos sentimentos de quem quer que fosse quando o seu rosto assumia a expressão decisiva.

Encarava a vida como atos de heroísmo. Todos os acontecimentos da vida, para ele, tinham significado: todos os personagens que entravam em contato com

ele eram heróicos. Seu espírito armazenava poemas relativos a antigas incursões e narrativas épicas de batalhas; e despejava tudo isto sobre o mais próximo ouvinte. Quando lhe faltavam ouvintes, cantava lendas e poemas para si próprio, na sua voz tremenda, profunda, ressoante e alta. Não exercia controle algum sobre seus lábios; era, portanto, terrível para com os próprios interesses e feria continuamente os melhores amigos. Falava de si mesmo em terceira pessoa, e estava tão certo de sua fama que gostava de inventar anedotas sobre a sua personalidade. Por vezes, parecia possuído pelo demônio da travessura e, em plena assembléia pública, era capaz de inventar e proferir, sob juramento, desconcertantes histórias a respeito da vida privada dos seus hóspedes e dos que o hospedavam; apesar disso tudo era modesto, simples como uma criança, direto, honesto, de bom coração e ardorosamente estimado, mesmo por aqueles para os quais ele era bem constrangedor — os seus amigos.

Joyce vivia perto da praia, ao lado das linhas das tropas egípcias, em um imponente conjunto de grandes e de pequenas tendas; ali, falamos sobre coisa feitas e a fazer. Todos os esforços ainda eram orientados contra a estrada de ferro. Newcombe e Garland encontravam-se perto de Muadhdham, com o xerife Sharraf e Maulud. Tinham consigo muitos Billis, membros da infantaria montada em mulas, e bom equipamento de fuzis e metralhadoras; esperavam capturar o forte e a estação ferroviária de lá. Newcombe tencionava, então, transladar todos os homens de Feisal mais para a frente, para bem perto de Medain Salih e, tomando e mantendo uma parte da linha, cortar as comunicações com Medina e forçar a sua rendição prematura. Wilson estava para chegar, a fim de o auxiliar nesta operação, e Davenport traria consigo tantos soldados egípcios quantos lhe fosse possível transportar no intuito de reforçar o ataque árabe.

Todo este programa era o que eu acreditava ser necessário para novos progressos da revolta árabe, ainda quando tomamos Wehj. Planejei e realizei parte dele por minha conta. Agora, porém, visto que aquela febre feliz e que aquela disenteria, no acampamento de Abdulla, me haviam proporcionado tempo bastante para meditar sobre a estratégia e a tática de uma guerra irregular, parecia-me não somente que os pormenores estavam errados, mas também que a essência do aludido plano era falha. Tornou-se, pois, tarefa indispensável explicar as minhas idéias modificadas e, se possível, persuadir os meus chefes a seguirem-me na nova teoria.

Comecei, então, com três propostas. Em primeiro lugar, os soldados irregulares não atacariam praças, continuando, portanto, a ser incapazes de forçar

qualquer decisão. Em segundo lugar, eram tão incapazes de defender uma linha ou ponto como o eram de atacar. Em terceiro lugar, a virtude dos irregulares estava na profundidade, não na superfície.

A guerra árabe era geográfica, e o exército turco um mero acidente. Nosso objetivo estava em procurar o mais fraco dos elos materiais do inimigo e malhar somente sobre ele, até que o tempo fizesse a corrente partir-se. O nosso maior recurso, os beduínos, com os quais a nossa guerra deveria ser feita, não estava habituado a operações formais, mas possuía qualidades de mobilidade, robustez, enorme resistência, conhecimento da região e coragem inteligente. Com os beduínos, a dispersão era força. Conseqüentemente, deveríamos ampliar a nossa frente ao máximo a fim de se impor, aos turcos, a mais longa defesa passiva possível, pois que esta representava materialmente a sua mais dispendiosa forma de guerra.

Nosso dever era atingir a nossa finalidade com a maior economia de vidas, pois a vida era muito mais preciosa para nós do que o dinheiro ou o tempo. Se fôssemos pacientes e sobre-humanamente hábeis, poderíamos seguir a direção de Saxe e atingir a vitória sem combates por meio da pressão das nossas vantagens, tanto matemáticas como psicológicas. Felizmente, a nossa fraqueza física não era de molde a exigir isto. Éramos mais ricos do que os turcos em transportes, em metralhadoras, em carretas e em altos explosivos. Poderíamos organizar uma força de ataque, altamente móvel e altamente equipada, do menor número concebível, e fazer uso dela sucessivamente, em pontos bem estudados da linha turca, a fim de obrigar o adversário a reforçar os seus postos com mais do que o mínimo defensivo de vinte homens. Isto seria abreviar o caminho do êxito.

Não deveríamos tomar Medina. Os turcos, ali, eram inofensivos. Nas prisões do Egito, eles nos custariam alimentos e sentinelas. Queríamos que o inimigo ficasse em Medina, e em todos os outros pontos distantes, no maior número possível. Nosso objetivo era manter a sua linha férrea apenas capaz de funcionar, mas apenas nesse grau mínimo, com o máximo de perda e de desconforto. O fator alimentação confinaria os inimigos nas estradas de ferro; mas eles seriam bem-vindos à estrada de ferro do Hedjaz, à estrada de ferro da Transjordânia, à estrada de ferro da Palestina e da Síria, por toda a duração da guerra, contanto que nos dessem as outras novecentas e noventa e nove partes do mundo árabe. Se o turco pensasse em desocupar muito cedo, como medida para se concentrar em uma área pequena, que o seu número pudesse dominar efetivamente, então nós deveríamos restaurar a sua confiança reduzindo os nossos empreendimentos contra ele. A sua estupidez seria a nossa aliada, pois o turco gostaria de manter,

ou de pensar que mantinha, uma parte tão grande quanto possível das suas velhas províncias. Este orgulho relativo à sua herança imperial o manteria na sua presente posição absurda — todo flancos, sem frente.

Nos pormenores, critiquei o esquema diretivo. A manutenção de um ponto médio da estrada de ferro seria dispendiosa, pois as forças para esse fim ficariam ameaçadas de todos os lados. A mescla de tropas egípcias com homens de tribo representava uma fraqueza moral. Se havia soldados profissionais presentes, os beduínos ficavam de lado a vê-los operar, contentes por terem desculpas para não desempenhar a parte principal. Ciúmes, sobrepostos à ineficiência, seriam o resultado. Além disto, a região Billi era muito seca, e a manutenção de grandes forças junto à linha se tornava tecnicamente difícil.

Entretanto, nem as minhas razões gerais, nem as minhas objeções particulares pesaram muito. Os planos estavam feitos e os preparativos adiantados. Cada qual se mostrava tão preocupado com a própria tarefa que ninguém me dava autoridade específica para me lançar às minhas concepções. Tudo o que ganhei foi ser ouvido e a declaração qualificada de que a minha contra-ofensiva poderia ser uma variante útil. Eu estava preparando, com Auda abu Tayi, uma marcha para Howeitat, para as suas pastagens de primavera no deserto sírio. Poderíamos reunir ali uma força móvel montada em camelos e invadir Akaba pelo lado do oriente, sem fuzis nem metralhadoras.

O oriente era o lado desguarnecido, a linha de menos resistência, a mais fácil para nós. A nossa marcha seria o tipo acabado do movimento envolvente, pois que implicava uma jornada de deserto de novecentos e cinqüenta quilômetros, para a captura de uma trincheira ao alcance das bocas de fogo dos nossos navios; mas não havia ali alternativa prática alguma, e isto estava tão enraizado no espírito das minhas ruminações de enfermo que o resultado bem poderia ser feliz, devendo ser, sem dúvida, instrutivo. Auda acreditava que todas as coisas eram possíveis com dinamite e dinheiro, e que as menores tribos, ao redor de Akaba, se juntariam a nós. Feisal, que já se encontrava em entendimentos com elas, também acreditava que nos auxiliariam desde que obtivéssemos êxito preliminar em Maan e depois marchássemos com toda a força contra o porto. A marinha atuou enquanto nós pensávamos, e os turcos prisioneiros nos forneceram informações tão úteis que me tornei ansioso por sair dali imediatamente.

O caminho no deserto, para Akaba, apresentava-se tão longo e tão difícil, que não levaríamos fuzis nem metralhadoras conosco, e menos ainda suprimentos ou soldados regulares. De conformidade com isto, o elemento que eu poderia retirar do plano contra a estrada de ferro era a minha simples pessoa,

apenas; e, à vista das circunstâncias, esta quantidade se tornava negligível, posto que eu me sentia tão fortemente oposto àquele esquema que o meu auxílio, no caso, não seria dado de todo o coração. Assim, resolvi seguir o meu caminho, com ou sem ordens. Escrevi uma carta cheia de desculpas dirigida a Clayton, contando-lhe que as minhas intenções eram as melhores — e parti.

LIVRO IV

EXPANSÃO PARA AKABA

CAPÍTULOS 39 A 54

O porto de Akaba era naturalmente tão forte que só poderia ser tomado de surpresa pelo interior; mas a oportuna adesão de Auda abu Tayi a Feisal fazia-nos esperar o arrolamento de homens de tribos, no deserto oriental, em número suficiente para semelhante descida contra a costa.

Nasir, Auda e eu partimos juntos para Akaba, em longa cavalgada. Até aqui, Feisal havia sido o chefe, em público: mas a sua permanência em Wejh lançou aos meus ombros o desagradável fardo de responsabilidades desta expedição ao norte. Aceitei-o, bem como as suas circunstâncias, embora pouco decorosas, como único recurso para a nossa vitória. Induzimos os turcos em erro e entramos em Akaba com a boa fortuna.

CAPÍTULO 39

A 9 de maio todas as coisas estavam prontas e, no brilho do meio da tarde deixamos a tenda de Feisal; seus votos de felicidade ressoaram atrás de nós, vindos do topo da montanha, enquanto nos pusemos a caminho. Guiava-nos o xerife Nasir: sua luminosa bondade, que provocara devoção correspondente mesmo da parte dos depravados, fazia dele o único chefe (e uma bênção) das esperanças desamparadas. Quando lhe expusemos os nossos desejos, suspirou um pouco, pois seu corpo estava cansado depois de meses de serviço de vanguarda, e também o seu espírito se achava fatigado, com o passar dos anos descuidados da juventude. Temia a maturidade à medida que esta se produzia nele, com os seus pensamentos justos, a sua habilidade, a sua arte acabada; ainda assim, porém, faltava-lhe a poesia da mocidade para transformar o viver em pleno objetivo da vida. Fisicamente, ainda era jovem; mas a alma, mutável e mortal, ia envelhecendo mais rapidamente do que o corpo — ameaçando morrer antes dele, como acontece com a maioria das nossas almas.

A breve etapa ia até ao forte de Sebeil, no interior de Wejh, onde os peregrinos egípcios costumavam embebedar-se. Acampamos junto do grande tanque de tijolos, à sombra da muralha de proteção do forte, ou das palmeiras, acomodando e transformando em vantagens as deficiências que a marcha havia revelado. Auda e seus parentes se achavam conosco; o mesmo se dava com Nesib el Bekri, o político damasceno, para representar Feisal junto aos aldeães da Síria. Nesib tinha inteligência e posição, bem como caráter de viajante do deserto, com experiência e êxito: sua jubilosa resistência às aventuras, rara entre os sírios, destacava-o como nosso companheiro, tanto quanto à habilidade política, ao tato, à eloqüência persuasiva e bem-humorada e ao patriotismo que, por vezes, se sobrepunha à sua inata paixão pelo que fosse indireto. Nesib escolhera Zeki, oficial sírio, para seu companheiro imediato. Como escolta, possuíamos trinta e cinco Ageyls, ao comando de ibn Dgheithir, homem emuralhado dentro de seu

próprio temperamento: longínquo, abstrato, bastando-se a si mesmo. Feisal organizara a bolsa de vinte mil libras de ouro — tudo quanto podia dispor e mais do que lhe pedíamos — para pagar o soldo dos novos homens que esperávamos arrolar e para procedermos aos adiantamentos que deveriam estimular os Howeitats à ação rápida.

Esta inconveniente carga de ouro se distribuiu entre nós, como precaução contra a possibilidade de acidentes pela rota. O xeque Yusuf, que agora se encontra de novo incumbido do abastecimento, dera, a cada um de nós, meia saca de farinha, cujos vinte quilos eram reconhecidoss como ração bastante para as nossas necessidades durante seis semanas. A saca ia de través sobre a sela, e Nasir carregou, sobre camelos de carga, o suficiente para fornecer outros seis quilos a cada homem quando houvessem marchado durante a primeira quinzena e comido o bastante para lhes dar lugar em nossas sacas.

Levamos conosco algumas munições e alguns fuzis de reserva que serviriam como presentes; e carregamos seis camelos com pacotes de gelatina explosiva, para fazermos saltar trilhos, trens ou pontes, no norte. Nasir, grande emir na sua província, levava também uma excelente barraca, na qual receberia os visitantes, e um camelo carregado de arroz para lhes ser servido; mas o último resto desta carga foi comido por nós, com imensa satisfação, à medida que a inalterada dieta de pão e água, semanas após semanas, se foi tornando incômoda. Sendo principiantes neste estilo de viagem, não sabíamos que a farinha seca, que é o mais leve dos alimentos, era, por isso mesmo, a melhor para longas jornadas. Seis meses mais tarde, nem Nasir nem eu desperdiçaríamos transporte e trabalho com o luxo do arroz.

Os meus Ageyls — Mukheymer, Merjan, Ali — haviam sido aumentados com Mohammed, rapaz campônio, tisnado e obediente, vindo de uma aldeia qualquer de Hauran, e com Gasim, de Maan, um fora-da-lei de cara amarela e unhas enormes que fugira para o deserto no Howeitat depois de matar um funcionário turco numa disputa a respeito de imposto sobre gado. Os crimes contra os coletores de impostos apresentavam um aspecto simpático a todos nós, e isto outorgava a Gasim certa fama de valentia que, na verdade, estava muito longe de ser real.

Parecíamos um pequeno grupo destinado a conquistar uma nova província, e a julgar pelos modos era assim que os outros pensavam a nosso respeito; pois, de fato, Lamotte, representante de Brémond junto de Feisal, cavalgou para tirar uma fotografia de despedida de nós. Pouco mais tarde chegou Yusuf, com o bom doutor, com Shefik e com os irmãos de Nesib, para nos apresentar votos de

felicidade durante a marcha. Tomamos parte em uma ampla refeição vespertina, cujos elementos o prudente Yusuf havia trazido consigo. Seu coração, não muito delicado, talvez o enganasse quanto à noção de um jantar de pão: ou, ao contrário, teria sido porventura o belo desejo de nos oferecer a última festa antes que nos perdêssemos no deserto de padecimentos?

Depois que eles se retiraram, carregamos os camelos e partimos antes da meia-noite para outra etapa da nossa jornada, a caminho do oásis de Kurr. Nasir, nosso guia, crescera conhecendo esta região quase tão bem como a sua terra natal.

Enquanto viajávamos na noite enluarada e cheia de estrelas, sua memória se recolhia muito intimamente ao seu lar. Contou-me coisas da sua residência pavimentada de pedra, cujos salões, abaixo do nível do solo, tinham tetos em arco contra o calor de verão, dizendo, igualmente, dos jardins em que figuravam todas as espécies de árvores frutíferas, em trilhas ensombradas, onde se podia passear tranqüilamente sem se preocupar com o sol. Descreveu-me a roldana que havia sobre o poço, com o seu aparelhamento de baldes de couro puxados por bois, ao longo de uma vereda inclinada de terra batida; a água do reservatório deslizava pelos canais de concreto, aos lados das veredas; ou alimentava as fontes do pátio, ao lado da piscina ensombrada pela treliça recoberta de vinhas, de chão de cimento brilhante, em cujas profundidades verdes a sua família e a do seu irmão costumavam mergulhar ao meio-dia.

Nasir, embora habitualmente alegre, tinha em si certo inesperado pendor para o sofrimento, e naquela noite desejava saber por que fora que ele, emir de Medina, rico e poderoso, sempre em repouso naquele palácio-jardim, atirara tudo fora para se tornar um fraco chefe de desesperadas aventuras no deserto. Durante dois anos estivera longe, proscrito, sempre a combater além da linha de frente dos exércitos de Feisal, a ser escolhido para todos os empreendimentos de particular importância, pioneiro de todas as avançadas; entrementes, os turcos ocupavam-lhe a casa, estragando as suas árvores frutíferas e derrubando as suas palmeiras. Até — dizia ele — até o grande poço, que ressoara com os estalidos da rodas giradas por bois durante seiscentos anos havia caído em silêncio; o jardim, arruinado pelo calor, tornara-se deserto, como as montanhas pelas quais marchávamos.

Depois de quatro horas de viagem, dormimos duas, e despertamos com o sol. Os camelos de carga, com a maldita sarna de Wejh, moviam-se devagar, pastando o dia todo enquanto marchavam. Nós, cameleiros, montados em animais pouco carregados, poderíamos passá-los facilmente; mas Auda, que

regulava a nossa marcha, proibira que tal se fizesse, por causa das dificuldades à frente, para as quais os nossos animais precisavam de todo o vigor que pudesse ser reservado. Assim, fomos para diante sobriamente durante seis horas, no grande calor. O sol de verão, naquelas paragens de areia branca, por trás de Wejh, feria-nos os olhos cruelmente, e as rochas nuas, de ambos os lados da pista, projetavam ondas de calor que faziam a nossa cabeça doer e girar. Conseqüentemente, lá pelas onze da manhã sentimo-nos revoltados contra o desejo de Auda, que exigia que se sustentasse a marcha. Paramos e deitamo-nos por baixo de árvores até as duas e meia, cada qual procurando fazer sombra sobre si mesmo por meio de mantas dobradas, presas entre os espinhos de ramos pendentes.

Marchamos de novo depois desta pausa durante três horas suaves, sobre um chão nivelado, aproximando-nos dos paredões de um grande vale; e encontramos o verde jardim de El Kurr a estender-se exatamente à nossa frente. Tendas brancas despontavam por entre as palmeiras. Enquanto apeávamos, Rasim e Abdulla, Mahmud, o médico, e até o velho Maulud, o cavalariano, saíram para nos dar as boas-vindas. Contaram-nos que o xerife Sharraf, que desejávamos encontrar em Abu Raga, nosso próximo ponto de parada, andava longe, em excursão, onde se demoraria alguns dias. Isto queria dizer que já não havia pressa; assim, tiramos férias, em El Kurr, durante duas noites.

O fato me alegrou: porque o incômodo das bolhas e da febre, que me sacudira no Wadi Ais, me acometera de novo, de maneira ainda mais violenta, fazendo com que cada jornada fosse um longo sofrimento e com que cada pausa me parecesse um abençoado repouso para a minha vontade sempre impelida para a frente — oportunidade de acrescentar paciência a uma reserva escassa. Fiquei, pois, em silêncio, e recebi, dentro do meu espírito, a sensação da paz, do verdor e da presença da água, o que tornava aquele jardim no deserto belo e acolhedor, como se já houvesse sido por mim visitado. Ou seria apenas porque já fazia muito tempo que víramos erva fresca a crescer, na primavera?

O habitante de Kurr, o único Belluwi sedentário, o encanecido Dhaif-Allah, trabalhava dia e noite com suas filhas no pequeno terreno aterraçado que recebera de seus ancestrais. O jardim fora plantado além da borda sul do vale, num espaço defendido contra a enchente por uma maciça muralha de pedra tosca. Ao centro, abria-se o poço de água clara e fresca, sobre o qual ficava uma alavanca oscilante feita de barro e de troncos brutos. Por meio disto, Dhaif-Allah, pela manhã e pela tarde, quando o sol estava baixo, puxava grandes baldes de água que lançava em valetas de argila, cavadas por todo o jardim, por entre as

raízes das árvores. Entregava-se ao cultivo de palmeiras baixas porque as enormes folhas proporcionavam sombra às suas plantas, protegendo-as contra o sol que, do contrário, poderia, naquele áspero vale, fezê-las murchar, e plantava tabaco (sua colheita mais proveitosa); havia canteiros menores, de feijão e de melões, pepinos e berinjela, nas estações próprias do ano.

O velho homem vivia com suas mulheres numa palhoça, ao lado do poço, e manifestava desdém para com a nossa política, perguntando que coisas mais, para comer e para beber, tão extenuantes esforços e sangrentos sacrifícios poderiam trazer. Delicadamente, aborrecemo-lo com algumas noções de liberdade; com a liberdade das terras árabes para os árabes. "Não deveria este jardim, Dhaif-Allah, ser seu, e bem seu?" Entretanto, ele não nos entendia; permanecia de pé, a bater orgulhosamente no peito e a gritar: "Eu — eu sou Kurr!"

Era livre e nada desejava para os outros; e só queria o jardim para si. Nem percebia como era que os outros não se sentiam ricos em semelhante frugalidade. Seu turbante, untado de suor ao ponto de adquirir a cor e a consistência do chumbo, havia pertencido ao avô — o que ele se orgulhava de declarar — tendo sido comprado quando o paxá Ibrahim se encontrava em Wejh, um século antes; outro elemento da sua indumentária indispensável era uma camisa, e anualmente, com o produto do seu tabaco, comprava a camisa para o ano seguinte, bem como uma para cada filha, e outra para a mulher velha — sua esposa.

Não obstante, sentimo-nos gratos para com ele, porque, depois de nos dar exemplo de satisfação, a nós, escravos de desnecessário apetite, vendeu-nos legumes, e com estes, acrescidos pela generosidade em alimentos em conservas de Rasim, de Abdulla e de Mahmud, vivemos ricamente. Todas as noites, ao redor do fogo, tínhamos música, não o monótono rouquejar de garganta aberta das tribos, nem as excitantes harmonias dos Ageyls, mas as toadas em falsete da Síria urbana. Maulud possuía músicos na sua unidade; e tímidos soldados foram escolhidos, todas as noites, para tocar guitarra e cantar canções dos cafés de Damasco, ou os versos de amor das respectivas aldeias. Na tenda de Abdulla, em que eu me achava alojado, a distância, o murmúrio da água fresca a escorrer e o cicio das folhas das árvores suavizavam a música, de maneira que esta se tornava mornamente agradável ao ouvido.

Com freqüência, também, Nesib el Bekri puxava o seu manuscrito de cantigas de Selim e de Jezairi, o valente e pouco escrupuloso revolucionário que, nos momentos de lazer entre as campanhas, a escola de estado-maior e as sangrentas missões que levara a termo para os jovens-turcos seus senhores, havia elaborado versos na linguagem corrente do povo, a respeito da liberdade que

estava prestes a despontar para a raça. Nesib e seus amigos tinham um ritmo balouçante, no qual cantavam tais cantigas, pondo toda a esperança e toda a paixão possível nas palavras; e as pálidas faces de lua suavam à luz da fogueira. O acampamento dos soldados ficava em um silêncio de morte até que a quadrinha terminasse; depois, de cada homem emanava-se o eco, suspirante e demorado, da última nota. Somente o velho Dhaif-Allah continuava a verter a sua água nas valetas, seguro de que, depois que acabássemos com as nossas tolices, alguém poderia necessitar e comprar as suas hortaliças.

CAPÍTULO 40

Para os homens da cidade, este jardim era a memória do mundo anterior ao tempo em que nos enlouquecemos com a guerra e nos lançamos ao deserto; para Auda, havia indecência de exibição no ar luxuriante das plantas, ele ansiava por uma visão ampla e vazia. Assim, interrompemos de súbito a nossa segunda noite de paraíso e, às duas da manhã, saímos pelo vale acima. As trevas eram densas; as próprias estrelas, no céu, se revelavam incapazes de lançar luz para a profundidade em que nós caminhávamos. Naquela noite, Auda era o guia, e para nos inspirar confiança erguia a voz em interminável "ho, ho, ho", cantiga dos Howeitats; era uma toada épica, cantada sobre três notas graves, para cima e para baixo, para trás e para diante, em voz tão redonda que as palavras se tornavam indistintas. Depois de algum tempo fomos-lhe gratos pela canção, pois a pista se desviava para a esquerda e a nossa longa linha seguiu pela bifurcação, guiando-se pelo eco de sua voz que rolava em torno dos rochedos contorcidos e negros ao luar.

Nesta longa jornada, o xerife Nasir e o primo de Auda, de sorriso triste, Mohammed el Dheilan, tiveram de suportar o meu árabe, dando-me, em troca, lições sobre a clássica língua de Medina, bem como sobre a linguagem vivaz do deserto. A princípio, o meu árabe havia sido a voz de comando de "alto" dos dialetos das tribos do Eufrates Médio (forma, de resto, não impura); mas, agora, era uma fluente mistura do linguajar do Hedjaz e da literatura poética das tribos do norte, com palavras domésticas e frases do límpido Nejdi, além de formas literárias da Síria. A fluência apresentava certa falta de gramática, o que tornava o meu falar uma perpétua aventura para os meus ouvintes. Os recém-chegados imaginavam que eu devia ser nativo de qualquer distrito iletrado e desconhecido; terreno de despejo do rebotalho do idioma árabe.

Contudo, até ali, eu não compreendera três palavras do cantar de Auda, e depois de meia hora o canto me fatigou; enquanto isto a velha lua subiu

lentamente pela amplidão, flutuou sobre o topo das colinas mais elevadas e lançou uma luz estranha, muito menos segura do que a escuridão, por todo o vale. Marchamos até que os primeiros raios de sol, muito penosos para os que haviam viajado a noite toda, se opuseram a nós.

A refeição matinal se fez com a nossa própria farinha, aliviando-se assim, afinal, depois de vários dias de hospitalidade, a carga de alimentos sobre o dorso nos nossos pobres camelos. Como Sharraf ainda não se encontrasse em Abu Raga, não tínhamos mais pressa do que a imposta pelas dificuldades da água; e, depois de nos alimentarmos, armávamos de novo os nossos abrigos de cobertas até a tardinha, aborrecidos com o fato de termos de acompanhar a sombra instável, recebendo umidade com calor e suportando picadas constantes de moscas.

Por fim, Nasir deu o sinal de marcha e nós fomos pelos desfiladeiros, tendo montanhas mais ou menos pomposas de cada lado durante quatro horas; depois disto, concordamos em acampar de novo no leito do vale. Havia abundante sarça por ali para alimentar os animais; e sobre os rochedos à nossa direita existiam pequenas lagoas de água fresca, que nos deram deliciosamente de beber. Nasir mostrava-se impetuoso; pediu arroz para o jantar, e amigos para se alimentarem em nossa companhia.

A nossa regra de marcha era estranha e complicada. Nasir, Auda e Nesib eram como casas separadas, protocolares, admitindo a supremacia de Nasir apenas porque eu vivia com ele na qualidade de hóspede e lhes proporcionava exemplos de respeito. Cada qual queria ser consultado sobre os pormenores da marcha, bem como sobre onde e quando deveríamos fazer alto. Isto era inevitável com Auda, criatura de guerra que nunca havia conhecido chefe, desde quando, ainda tenra criança, montou o seu próprio camelo. Isto era, de outro lado, aconselhável para com Nesib, estereótipo da complicada raça síria; ciumento; hostil ao mérito e ao seu reconhecimento.

Semelhante gente requeria um grito de guerra e um pendão vindo do exterior, para se combinar entre si, e um estrangeiro para comandá-la — um estrangeiro, cuja supremacia se baseasse numa idéia — ilógica, inegável, discernidora — que o instinto tivesse de aceitar e que a razão não encontrasse base racional para rejeitar ou aprovar. Para este exército de Feisal, o conceito era o de que um emir de Meca, descendente do profeta, um xerife, era um dignitário de outro mundo, ao qual os filhos de Adão poderiam reverenciar sem desdouro. Este era o pressuposto que congregava o movimento árabe; era isto que lhe dava unanimidade efetiva, embora débil.

Pela manhã, partimos às cinco. O nosso vale se fechava lá adiante, e tomamos uma trilha que subia, íngreme, contornando um contraforte. A pista se tornou um péssimo caminho de cabra, ziguezagueando por um declive de montanha excessivamente íngreme para ser percorrido de outra forma que não fosse de gatinhas. Saltamos do dorso dos camelos e os conduzimos pelo cabresto. Logo adiante tivemos de nos auxiliar uns aos outros, indo um homem a empurrar os camelos por trás, outro a puxá-los pela frente, encorajando-os nas piores passagens e arrumando-lhes a carga para lhes facilitar a marcha.

Algumas partes da rota eram perigosas, pois nelas as rochas brotavam em infladas proeminências, estrangulando a passagem, ao ponto de um lado da bagagem roçar pela pedra, o que forçava o animal a marchar bem à beira do precipício. Fomos obrigados a acondicionar de novo os víveres e os explosivos; e, a despeito de todo este cuidado, perdemos dois dos nossos fracos camelos naquela passagem. Os Howeitats os mataram onde eles tombaram com as pernas fraturadas, enfiando um aguçado punhal na aorta, perto do peito, enquanto o pescoço ficava submetido a grande esforço, o que se conseguia puxando a cabeça do animal para perto da sela. Os camelos eram imediatamente esquartejados e divididos entre os presentes como carne para comer.

Ao fim da trilha, sentimo-nos satisfeitos por encontrar, não uma pista, mas um espaçoso chapadão, que se elevava lentamente à nossa frente, estendendo-se para leste. Os primeiros metros foram ásperos e rochosos, recobertos de capachos de espinheiros, semelhantes a urze; mas, logo a seguir, atingimos um vale de pedregulho branco, em cujo leito uma mulher beduína estava a encher o seu odre com água, utilizando-se de uma caneca de cobre, com a qual recolhia uma água leitosa, perfeitamente pura e doce, de um pequeno orifício de trinta centímetros de largura, cavado a pouca profundidade entre os seixos. Aquilo era Abu Saad e, tanto pela graça do seu nome como por mercê de sua água, e bem assim pela carga de carne fresca amontoada em nossas selas, resolvemos ficar ali uma noite, enchendo tempo mais do que o necessário para que Sharraf chegasse de volta da sua expedição contra a estrada de ferro.

Contudo, marchamos cerca de seis quilômetros mais, a fim de acamparmos por baixo de grandes árvores, em bosques espessos de espinheiros, vazios por baixo, como barracas. Durante o dia, os arbustos serviam de esteios para os lençóis esticados à guisa de toldo contra o sol prodigioso. Durante a noite, eram caramanchéis onde se instalavam os nossos dormitórios. Aprendêramos a dormir sem coisa alguma por cima além da lua e das estrelas, e sem coisa alguma aos flancos para nos proteger do vento e dos rumores noturnos; e, por via de

contraste, era estranho, mas tranqüilizador, o repouso entre paredes, com um teto por cima, apesar de paredes e teto serem apenas ramos entrelaçados, formando malhas mais escuras contra o céu semeado de estrelas.

Quanto a mim, encontrava-me enfermo de novo; a febre aumentava, e eu sofria com as bolhas e o atrito da sela encharcada de suor. Quando Nasir, sem meu pedido, mandou que se fizesse alto à meia-etapa, voltei-me e agradeci-lhe calorosamente, para seu espanto. Encontrávamo-nos agora na pedra calcária da crista do Shefa. Adiante de nós ficava um imenso campo escuro de lava e, logo depois dele, um belo renque de rochedos de pedra arenosa, listada de vermelho e de preto, com cimos cônicos. O ar, nos altos tabuleiros, não era tão quente; e, pela manhã, como pela tarde, soprava sobre nós uma corrente de vento fresco que nos reconfortava depois da quietude morta dos vales.

Comemos carne de camelo e partimos mais alegres na manhã seguinte, a caminho de um planalto em suave declive, todo de pedra arenosa e vermelha. Ali encontramos a primeira ruptura da superfície do solo, íngreme passagem para o fundo de um vale recoberto de espinheiros e de areia; de ambos os lados, precipícios e pináculos de pedra arenosa, gradualmente aumentando de altura à medida que descíamos pela pista, destacavam-se nitidamente contra o céu matutino. Havia sombra no leito do vale; o ar sabia a úmido e a murcho, como se houvesse terra arada a secar por ali. As arestas dos rochedos ao nosso redor apresentavam-se estranhamente recortadas, como fantásticos parapeitos. Serpeamos por ali adiante, indo cada vez mais para o fundo, para dentro da terra, até que, meia hora depois, por uma curva fechada, entramos no Wadi Jizil, leito principal para onde afluía a água daquelas regiões de pedra arenosa, cujo término havíamos visto perto de Hedia.

Jizil era uma garganta profunda de cerca de duzentos metros de largura cheia de tamargueiras despontando do leito de areia acamada, bem como dos fofos bancos de seis metros de altura, feitos de areia amontoada em todo ponto em que os remoinhos, nas enchentes ou nas ventanias, houvessem pousado o pó mais denso, por baixo da face lateral dos penhascos. Os paredões, de ambos os lados, eram de bandas regulares de pedra arenosa, pintalgadas de vermelho em vários tons. A união dos rochedos negros, do solo rosado e os bosques de verde pálido era bela para olhos que haviam sido saturados durante meses e meses de luz de sol e de sombra fuliginosa. Quando veio a tarde, o sol declinando avermelhou um lado do vale com o seu clarão moribundo, deixando o outro mergulhado em uma escuridão estranhamente avermelhada.

O nosso acampamento se situou em dunas macias, de areia gramada, num canto do vale, onde uma falha estreita provocava ressaca, cavando uma bacia na qual pousavam os restos salobres das enchentes do inverno. Enviamos um homem vale acima a fim de nos trazer notícias, pois num bosque de loendros havíamos visto as pontas brancas das tendas de Sharraf. Este era esperado ali no dia seguinte; assim, passamos duas noites neste lugar estranhamente colorido e repleto de ecos. A lagoa de água salobra ainda servia para os nossos camelos, e nela nos banhávamos ao meio-dia. Depois, comíamos e dormíamos generosamente, passeando, à noitinha, pelos vales mais próximos, a fim de ver as listas horizontais de cor rosada, escura, creme e vermelha, que produziam o avermelhado geral dos rochedos, deleitando-nos na observação das variadas amostras de sutis pinceladas de tintas, ora mais leves, ora mais carregadas, que se lançavam sobre o vulto dos rochedos. Passei certa tarde deitado atrás de um abrigo de pastores, feito de blocos de pedra arenosa, em atmosfera quente e macia, sob a luz plena do sol, tendo um forte vento a silvar sobre o topo do paredão, por cima da minha cabeça. O vale impregnava-se de paz, e o contínuo murmurar do vento fazia com que tudo parecesse ainda mais quieto.

Meus olhos estavam fechados e eu sonhava, quando uma voz moça me fez ver um ansioso Ageyli, um estranho, Daud, acocorando-se junto de mim. Apelava para a minha compaixão. Seu amigo Farraj havia queimado a tenda de ambos, por simples travessura, e Saad, capitão dos Ageyls de Sharraf, estava a surrar Farraj, como punição. Com a minha intervenção, ele se livraria do castigo. Aconteceu que Saad, precisamente naquele instante, chegou para me fazer visita, e eu apresentei-lhe o caso, enquanto Daud se sentou, fitando-nos, com a boca ligeira mas ansiosamente aberta; suas pestanas se apertavam sobre os olhos negros e grandes e as sobrancelhas retas se uniam de ansiedade. As pupilas de Daud, situadas ligeiramente para dentro do centro do globo ocular, davam-lhe um ar de aguda presteza.

A resposta de Saad não foi confortadora. Aquele par de amigos vivia sempre em rixa, e ultimamente se havia tornado tão ultrajante, em virtude dos seus caprichos, que Sharraf, o severo, ordenara que se desse exemplo definitivo com eles. Tudo o que Saad poderia fazer, em atenção a mim, era deixar que Daud compartilhasse a sentença instituída. Daud saltou de contentamento, beijou as mãos minhas e de Saad, e correu vale acima; enquanto isso, Saad, rindo, contou-me a história do famoso par. Os dois rapazes eram o exemplo acabado do jovem oriental e da afeição juvenil, que a segregação das mulheres tornava inevitável. Estas amizades quase sempre conduziam a amores masculinos de uma

profundidade e de uma força que iam muito além do nosso conceito da carne. Quando inocentes, tais amores eram acalorados e não-vergonhosos. Se a sexualidade despontasse, os amigos passavam a relações não-espirituais, com caráter de reciprocidade, como no casamento.

No dia seguinte, Sharraf não voltou. A nossa manhã se passou enquanto Auda falava da marcha que tínhamos de realizar; Nasir, com o indicador e o polegar, lançava-nos fósforos acesos, que tirava da caixa e que atravessavam a sua tenda, vindo cair aos nossos pés. Em meio aos nossos divertimentos, duas figuras curvas, com o sofrimento estampado nos olhos mas com sorrisos sonsos nos lábios, passaram coxeando, e saudaram. Eram Daud, o apressado, e seu companheiro de amor, Farraj; este era uma bela criatura, de traços macios como se fossem de moça, semblante inocente e suave e olhos ágeis. Disseram-me que ambos estavam a meu serviço. Eu não tinha necessidade alguma deles; e objetei que, depois da surra, não poderiam viajar em dorso de camelo. Responderam-me que tinham vindo sobre animais em pêlo. Acrescentei que era homem simples, que não gostava de servos ao redor. Daud afastou-se, derrotado e de mau humor; mas Farraj declarou que nós devíamos ter homens; ambos me seguiriam apenas para me fazer companhia, sem reclamar gratidão. Enquanto Daud, mais orgulhoso, se revoltava, Farraj dirigiu-se a Nasir, e diante dele se ajoelhou, em súplica; tudo o que havia de mulher, no seu ser, se tornou evidente naquela atitude. Por fim, a conselho de Nasir, tomei-o a meu serviço, sobretudo porque pareciam tão jovens e limpos.

CAPÍTULO 41

Sharraf tardou a vir, demorando-se até a terceira manhã, mas então tivemos notícias dele ruidosamente, porque os árabes da sua tropa de incursões descarregaram salvas baixas, sem mira, e os ecos repercutiram pelas sinuosidades do vale, tanto que as próprias montanhas áridas pareceram tomar parte na saudação. Envergamos as roupas mais limpas para sair e visitar Sharraf. Auda vestiu a esplêndida roupagem que comprara em Wejh: uma ampla capa cor de camundongo, de tecido fino e largura dupla, com gola de veludo; o todo se completava com botas de elástico amarelo aos lados: tudo isto por baixo dos seus cabelos grisalhos e da sua face em ruínas, de ator trágico fatigado! Sharraf foi gentil para conosco, pois havia capturado prisioneiros na linha e feito saltar trilhos e uma passagem subterrânea. Uma parte das suas informações dizia que no Wadi Diraa, na nossa rota, havia lagoas de água de chuva, fresca e doce. Isto abreviaria em oitenta quilômetros a nossa marcha sem água a caminho de Fejr, e removia os perigos da sede; era um grande benefício, porque a nossa carga total de água se reduzira a cerca de noventa litros, para cinqüenta homens, margem muito pequena de segurança.

No dia seguinte, deixamos Abu Raga, lá pela tardezinha; não saímos tristes, pois o lindo lugar havia sido insalubre para nós, e a febre nos aborrecera durante os nossos três dias de permanência naquele chão confinado. Auda nos guiou para um vale tributário, que logo se alargou na planície de Shegg — um chapadão de areia. Ao redor destes, em confusão dispersa, viam-se pequenas ilhas e alguns cumes de pedra arenosa, vermelha, agrupados em forma de torre, com erosões produzidas pelo vento na base, de maneira que parecia prestes a tombar, barrando a pista; a rota seguia em ziguezague por entre as ilhotas e passava por gargantas que pareciam não dar passagem, mas que sempre se abriam em novos becos. Por este labirinto, Auda guiou-nos sem a menor hesitação; rasgou

caminho, no seu camelo, com os cotovelos abertos e as mãos cruzadas no ar, balanceando, à altura dos seus ombros.

Não havia pegadas pelo chão; cada rajada de vento varria, como se fora enorme vassoura, a superfície de areia, enchendo de grãos os rastros dos últimos viajantes, até que a superfície ficasse de novo como a forma de inumeráveis ondas finas e virgens. Só o excremento seco dos camelos sedentos, que era mais leve do que a areia e redondo como avelã, conseguiu escapar, ficando por cima dos encrespamentos. Aquilo rolava por ali, para se amontoar em cantinhos, levado pelos remoinhos de vento.

Era, talvez, por tais vestígios, tanto quanto pelo seu sentindo de direção sem par, que Auda reconhecia a rota. Para nós, as formas das rochas eram objeto de constante especulação e surpresa; suas superfícies granuladas, a cor avermelhada e o cinzelado curvo lavrado pelas rajadas de areia sobre a mesa pétrea suavizavam a luz do sol, dando alívio aos nossos olhos lacrimejantes.

Ao meio da marcha, vimos cinco ou seis cameleiros que vinham da estrada de ferro. Eu estava na frente, com Auda, e recebemos o delicioso arrepio "Amigo ou inimigo?" que sempre acompanha o encontro com estranhos no deserto enquanto passávamos para o lado mais vantajoso, que deixava o braço do fuzil livre para o tiro à queima-roupa; mas quando eles se aproximaram, percebemos que pertenciam às forças árabes. O primeiro, viajando à vontade sobre um camelo desengonçado, com a sela rígida de madeira feita em Manchester, para o uso do corpo de cameleiros britânicos, era um inglês de cabelos louros, rosto hirsuto e uniforme esfarrapado. Adivinhamos que deveria ser Hornby, aluno de Newcombe, o selvagem engenheiro que com ele rivalizava na destruição de linhas ferroviárias. Depois de trocarmos as saudações neste nosso primeiro encontro, ele contou-me que Newcombe havia tomado o caminho de Wejh a fim de comunicar as suas dificuldades a Feisal e organizar novos planos para enfrentá-las.

Newcombe tinha dificuldades constantes, devido ao excesso de zelo e ao costume de fazer quatro vezes mais do que qualquer outro inglês pudesse realizar e dez vezes mais do que os árabes considerassem necessário ou prudente. Hornby falava pouco árabe; e Newcombe não falava bastante para persuadir, embora fosse o suficiente para dar ordens; mas as ordens não tinham cabimento no interior. O persistente par se apegou durante semanas à estrada de ferro, quase sem auxiliares, freqüentemente sem alimentos, até que exauriram tanto os explosivos como os camelos; e regressavam, agora, para buscar mais. A aridez das montanhas tornou a viagem difícil para os camelos, em virtude de não apresentar

pastagem alguma, e por isso os dois ingleses estragaram os melhores animais de Feisal. Nisto, o maior pecador era Newcombe, pois a viagem havia sido feita a trote; ademais, como superintendente, nunca resistira ao desejo de lançar as vistas, de cada topo de montanha, por sobre a região que cruzava, para exasperação da escolta que, ou devia deixá-lo entregue aos seus próprios caprichos (era a última desgraça abandonar um companheiros na rota), ou se via obrigada a arrebentar os animais, preciosos e insubstituíveis, para manter o passo com ele. "Newcombe é como o fogo", era a queixa da escolta, "queima amigos e inimigos"; mas todos admiravam a sua extraordinária energia, com nervosos retraimentos, pois, do contrário, poderiam ser suas amistosas vítimas da próxima vez.

Os árabes contaram-me que Newcombe não conseguia dormir, a não ser com a cabeça apoiada nos trilhos, e que Hornby atacava os metais com os dentes quando o pavio falhava. Eram lendas, mas, por trás delas, permanecia a forte alusão à conjunta selvageria orientada no sentido da destruição, até que nada mais restasse para ser destruído. Quatro batalhões turcos de operários eram mantidos por estes homens, sempre em ocupação, remendando passagens subterrâneas, substituindo dormentes e fixando novos trilhos; e os explosivos precisavam chegar cada vez em maior número de toneladas a Wejh, para fazer face ao seu apetite. Eram ambos maravilhosos, mas a sua excessiva excelência desencorajava as nossas fracas turmas, envergonhando-as com a evidência dos seus talentos inferiores; assim, Newcombe e Hornby mantiveram-se como individualistas, impedidos de saborear os frutos sétuplos da imitação.

Ao crepúsculo, atingimos o limite norte de uma arruinada planície de pedra arenosa e passamos para um novo nível, vinte metros mais elevado do que o anterior, azul-escuro e de chão vulcânico, tendo a cobri-lo uma camada gretada de estilhaços de basalto já gastos, pequenos como mão de homem, dispostos uns tão perto de outros, como pedregulho, a pavimentar um leito de cinza moída, fina, dura e negra, feita deles mesmos. A chuva, no seu infinito cair, parecia ter sido a autora daquelas superfícies pedregosas, por lavar a poeira mais leve de entre os poros até que as pedras, dispostas lado a lado e niveladas como um tapete, cobriram toda a face da planície, escudando, contra o contato direto com as intempéries, a lama salgada que enchia os interstícios da torrente de lava por baixo. A marcha tornou-se suave, e Auda aventurou-se a prosseguir depois que a luz desapareceu, orientando-se pela estrela Polar.

A escuridão era densa, a noite suficientemente limpa; mas a pedra negra do chão engolia a luz das estrelas e, às sete horas, quando por fim fizemos alto,

apenas quatro do nosso grupo se achavam conosco. Tínhamos atingido um vale suave, de leito arenoso, úmido e fofo, cheio de moitas de espinheiros, infelizmente inúteis como alimento para os animais. Andamos por ali arrancando aqueles amargos arbustos com as raízes e empilhando-os em uma grande fogueira que Auda acendeu. Quando o fogo pegou bem, uma longa serpente negra rastejou vagarosamente até o nosso grupo; talvez a houvessem colhido, entorpecida, com a lenha. As labaredas irradiavam o seu brilho pela planície, servindo de ponto de referência aos camelos de carga, tão lentos daquela feita que duas horas se passaram antes que o último grupo chegasse; os homens vieram cantando o mais alto possível, em parte para se encorajarem a si próprios e aos seus famintos animais através da planície fantasmagórica, e em parte para que assim soubéssemos que eram amigos que se aproximavam. Teríamos desejado que a sua vagarosidade fosse mais acentuada, por causa do nosso fogo confortador.

Durante a noite, alguns dos nossos camelos se perderam e alguns dos nossos homens tiveram de ir em busca deles por tão longo tempo que já eram quase oito horas e já havíamos assado pão e comido, e ainda não pudéramos partir de novo. A nossa pista corria através de outros campos de lava, mas, para o nosso vigor matutino, as pedras pareciam mais raras; as ondas, ou as superfícies duras de areia depositada, recobriam-nas quase sempre com uma camada que tornava o chão tão bom para marchar como o de uma quadra de tênis. Marchamos rapidamente dez ou onze quilômetros sobre isto e depois viramos para o ocidente de baixa cratera de cinzas, atravessando a linha de água divisória, de leito chato, escuro e pedregoso, que separava Jizil da bacia na qual corria a estrada de ferro. Estes grandes sistemas de irrigação, no seu início, foram córregos pouco fundos e arenosos, riscando linhas amarelas na planície azul-escura. Da nossa altitude, a situação das terras era patente por quilômetros, apresentando-se as características principais coloridas em camadas ou manchas como nos mapas.

Marchamos continuamente até o meio-dia e depois nos deitamos no chão nu, até as três; a parada, embora sem conforto, se tornara necessária em virtude do nosso receio de que os fatigados camelos, por longo tempo habituados apenas a pistas de areia nas planícies litorâneas, ficassem com as patas escorchadas pelas pedras ardentes e depois mancassem pela estrada. Quando de novo montamos, o caminho se tornou pior, e tivemos de evitar os vastos campos de basalto amontoado, ou profundos cursos amarelos de água, que se recortavam através da crosta na pedra mole que ficava por baixo. Depois de um breve trecho, a pedra arenosa de novo despontou em aloucadas chaminés, das quais as camadas mais

duras se projetavam, cortantes como facas, em prateleiras, para fora das rochas esmigalhadas. Por fim, estas ruínas de pedra arenosa se tornaram abundantes, tal como no dia anterior, ficando agrupadas à margem da nossa pista, com metros alternados de luz e de sombra. E de novo nos maravilhamos com a segurança com que Auda guiava a nossa pequena tropa por entre o labirinto de rochas.

As rochas passaram e tornamos a pisar em chão vulcânico. Pequenas crateras, cheias de borbulhas, ficavam ao redor; às vezes havia duas ou três juntas; e, saindo delas, espinhas de basalto, altas e quebradas, tombavam como calçadas em desordem, de través, sobre os bordos áridos; tais crateras, porém, pareciam velhas; não eram pontiagudas, nem bem conservadas, como as de Ras Gara, perto do Wadi Ais, e sim gastas e desbeiçadas, às vezes, até ao nível do chão, por grandes reentrâncias na sua abertura central. O basalto que corria delas era uma rocha esponjosa, como a dolerita síria. Os ventos de areia haviam limado as superfícies expostas, produzindo um polimento como de casca de laranja; a luz do sol empalidecera o seu azul, transformando-o em esverdeado de desespero.

Entre as crateras, o basalto espalhara-se como em pequenos tetraedros, com ângulos arredondados, pedra bem junta a pedra, qual um mosaico, sobre um leito de lama amarelo-rosada. As pistas deixadas através de tais planos, pela constante passagem dos camelos, eram muito evidentes, pois o caminhar oblíquo pela senda inclinada deixara os blocos de cada lado e a lama fina dos dias de chuva escorrera para os buracos, e agora embutia as juntas das pedras, opondo-as palidamente ao azul da amplidão. As pistas menos utilizadas eram, por centenas e centenas de metros, semelhantes a estreitas escadas através dos campos de pedra, porque a marca de cada planta de pé se enchia de lama amarela e pontas ou faixas de pedra azul-verde ficavam entre cada rastro. Depois de um trecho destes lençóis de pedra, deveria haver um campo de cinzas de basalto, negro como azeviche, firme como concreto, sobre lama cozida pelo sol, e mais adiante um vale de areia negra e fofa com outros penhascos arenosos a emergir da negrura geral, ou de ondas de grânulos vermelhos e amarelos soprados pelo vento, feitos da própria decadência das rochas.

Nada, na marcha, era normal, nem tranqüilizador. Sentíamos que estávamos em terra sinistra e árida, incapaz de dar vida, hostil à própria passagem da vida, exceto ao longo das raras e dispersas pistas que o tempo lhe marcara na face; e, ainda assim, só muito penosamente se conseguia passar por elas. Fomos forçados a seguir em fila única de camelos cansados, a sondar o chão passo a passo, por entre pedras, durante horas e horas a fio. Por fim, Auda apontou para a frente, para um barranco de quinze metros, feito de grandes blocos retorcidos, jazendo

ao léu uns por cima de outros da maneira pela qual se haviam contorcido e encolhido no seu arrefecimento. Era ali o limite do campo de lava; ele e eu marchamos juntos e vimos, à nossa frente, uma planície aberta (o Wadi Ais), de mato fino e areia dourada, além de verdes moitas espalhadas aqui e acolá. Apanhei um pouco de água em poças de onde alguém já havia bebido, depois das tempestades de três semanas antes. Acampamos por ali, soltamos os camelos não carregados até o crepúsculo, a fim de pastarem convenientemente pela primeira vez desde que partiram de Abu Raga.

Enquanto os animais se dispersavam pela região, homens montados apareceram no horizonte, a oriente, a caminho da água. Vinham rapidamente demais para serem honestos, e fizeram fogo contra os nossos pastores; mas o resto de nós correu imediatamente para os rochedos e para os outeiros, atirando ou gritando. Ouvindo, e percebendo tratar-se de muita gente do nosso lado, eles se retiraram tão velozmente quanto os camelos lhes permitiram; e do barranco, no crepúsculo, nós os vimos, talvez uma dúzia ao todo, a fugir, em atropelos, na direção da linha ferroviária. Sentimo-nos satisfeitos vendo-os evitar-nos tão redondamente. Auda pensou tratar-se de patrulha de Shammar.

Pela madrugada, arreamos os camelos para a breve etapa até Diraa, os tanques de água de que Sharraf nos falara. Os primeiros quilômetros se estenderam através do agradável areal e dos bosques do Wadi Aish; a seguir, cruzamos o chapadão de lava. Depois, atingimos um vale raso, mais cheio de pilares de pedra arenosa, de cogumelos e de outeiros, do que qualquer outro ponto atravessado no dia anterior. Era uma região maluca, com pilhas de pedra de três a vinte metros de altura. As veredas de areia, por entre elas, eram de largura apenas suficiente para uma única pessoa montada, e a nossa coluna, quase que interminável, ziguezagueou às cegas; raras vezes acontecia que uma dúzia de nós podia ver-se ao mesmo tempo. Este enrugado bosque de pedra tinha, talvez, a largura de meio quilômetro.

Além disto, uma vereda, por cima de orlas negras de pedras decompostas, nos conduziu a um platô juncado de estilhaços de basalto azul-negro, pequenos e soltos. Depois de um breve trecho entramos no Wadi Diraa, e marchamos pelo seu leito abaixo durante uma hora ou mais, por vezes sobre pedras soltas de cor verde, outras vezes ao longo de um fundo arenoso, entre baixos renques de rocha. Um abandonado local de acampamento, apresentando ainda latas vazias de sardinhas, oferecia a prova da passagem de Newcombe e Hornby. Por trás do acampamento ficaram os tanques límpidos, e ali fizemos alto, até a tarde; estávamos, já agora, bem perto da estrada de ferro, e tínhamos de encher de água

tanto os nossos estômagos como os nossos odres, prontos como deveríamos estar para a longa etapa até Fejr.

Durante a parada, Auda foi ver Farraj e Daud que untavam o meu camelo com manteiga para o aliviar da comichão intolerável da sarna irrompida recentemente na sua face. As pastagens secas da região dos Billis e o chão infecto de Wejh fizeram estragos nos nossos animais. Em toda a manada de Feisal, de camelos de montaria, já não havia sequer um com saúde; na nossa pequena expedição, todos os camelos enfraqueciam cada vez mais, diariamente. Nasir enchia-se de ansiedade, com receio de que muitos animais cedessem, na marcha forçada em perspectiva, e deixassem os seus cavaleiros a pé no deserto.

Não tínhamos remédio para a sarna e pouco podíamos fazer no sentido de a curar, a despeito da nossa necessidade. Entretanto, o esfregar e o untar fizeram bem ao meu animal, repetindo-se a operação com a freqüência com que Farraj ou Daud conseguiam encontrar manteiga na nossa tropa. Estes dois rapazes estavam dando-me uma grande satisfação. Eram laboriosos e alegres, acima da média da classe dos serviçais árabes. Assim que as suas dores e os seus sofrimentos passaram, ambos se mostraram ativos, bons cameleiros e trabalhadores de boa vontade. Eu gostava da liberdade deles para comigo, e admirava a compreensão instintiva e recíproca de ambos perante as exigências do mundo.

CAPÍTULO 42

Às quinze para as quatro já estávamos na sela, em marcha pelo Wadi Diraa abaixo, entre altas muralhas de areia móvel, tendo por vezes o cume áspero de um rochedo vermelho a despontar. Depois de algum tempo, três ou quatro dentre nós, na vanguarda do corpo expedicionário, subimos a um pico arenoso, utilizando-nos das mãos e dos joelhos, a fim de espiar a linha férrea que corria ao lado. Não havia quase ar, e o esforço da escalada era superior à nossa resistência; mas a recompensa foi imediata, pois a linha se mostrou logo adiante, tranqüila e deserta, numa pequena planície verde, à boca de um profundo vale pelo qual o resto da companhia marchava circunspectamente, com armas embaladas.

Observamos os homens ao fundo da duna estreita, estudando ao mesmo tempo a estrada de ferro. Tudo estava, de fato, em paz; tudo era vazio, até o abandonado fortim que ficava numa faixa de grama e de ervas, entre nós e a linha. Corremos para a borda da prateleira de rocha, saltamos dela para a areia seca e fina e rolamos para baixo, pelo esplêndido declive, até esbarrarmos de chofre, e quase com lesões, em chão nivelado, ao lado da coluna em marcha. Montamos de novo, apressando-nos a levar os camelos à pastagem; depois, deixando-os ali, corremos para a estrada e gritamos, chamando os outros.

Este cruzamento pacífico era uma bênção, pois Sharraf nos havia prevenido seriamente contra as patrulhas inimigas de infantaria montada em mulas e de membros do corpo de cameleiros, todas reforçadas; prevenira-nos também contra postos e trincheiras e contra a infantaria munida de metralhadoras assentadas em vagonetes. Os nossos camelos de sela se lançaram à grama, a fim de pastar por alguns minutos, enquanto os animais de carga marchavam para a frente, atravessando o vale, a linha férrea e o planalto mais adiante, até se ocultarem nas bocas de areia e de rocha da região que se situava além da estrada de ferro. Entrementes, os Ageyls divertiram-nos fixando pavios e cargas de gelatina nos pontos pelos quais havíamos chegado, sobre tantos trilhos quantos nos foi

possível atingir; e quando os nossos camelos, ainda a mastigar, foram levados para um lugar seguro, lateralmente longe da estrada, começamos, na devida ordem, a acender os pavios, enchendo o vazio dos vales com os ecos de repetidas explosões.

Auda nunca havia conhecido dinamite antes daquela irrupção e, com um prazer espontâneo de criança, desandou numa catadupa de violenta poesia à glória potente do explosivo. Cortamos três fios telegráficos e amarramos as pontas às selas de seis camelos de montaria, dos Howeitats. A turma atônita disparou pelos vales do oriente, com o peso sempre mais aumentado dos fios a zunir e a estalar e dos postes arrebentados arrastando-se atrás dela. Por fim, os quadrúpedes não conseguiram mais mover-se. A esta altura cortamos os fios, soltamos os camelos com seus cameleiros e continuamos a marchar, às gargalhadas, para junto da caravana.

Percorremos oito quilômetros, seguindo em meio à poeira por entre sulcos que pareciam estender-se como dedos à nossa frente. Afinal, as subidas e descidas se tornaram excessivamente ásperas e agudas, não podendo mais ser cruzadas com segurança pelos nossos fracos animais na escuridão; e paramos. A bagagem e o grosso dos nossos cameleiros continuaram ainda à nossa frente, mantendo a vantagem que haviam conquistado enquanto nós brincávamos com a estrada de ferro. Na noite, não pudemos encontrá-los, porque os turcos gritavam muito alto e atiravam contra todas as sombras, das suas estações que ficavam por trás de nós; e julgamos prudente manter-nos quietos, sem acender fogos nem lançar sinais que pudessem chamar a atenção.

Entretanto, ibn Dgheithir, no comando do grosso da tropa, havia deixado uma turma de ligação atrás de si, e desta maneira, antes que adormecêssemos, dois homens se aproximaram informando-nos que o resto havia acampado em plena segurança na dobra oculta de um íngreme banco de areia, pouco adiante do nosso ponto de parada. Atiramos de novo os nossos alforjes ao dorso dos camelos e cambaleamos atrás dos guias na escuridão lôbrega (aquela era quase a última noite da lua) até atingirmos o piquete oculto na borda, e ali nos deitamos ao lado dos outros sem dizer palavra.

Pela manhã, Auda fez com que nos erguêssemos antes das quatro. Marchamos colina acima, até que afinal subimos um outeiro e mergulhamos, logo a seguir, num declive de areia. Neste declive, os camelos afundavam até aos joelhos, mantendo-se de pé apesar deles próprios em virtude da carga pendente. Eram capazes de marchar ainda, mas apenas atirando-se e deixando o corpo deslizar pela face da descida, com o que conseguiam puxar as pernas mergulhadas

graças ao peso do corpo e da carga lançados para a frente. Ao fundo da descida, vimo-nos no curso de um vale que ziguezagueava na direção da estrada de ferro. Outra meia hora foi necessária para sairmos dele e demos, depois, na orla inferior de um chapadão que era a linha divisória entre o Hedjaz e Sirhan. Dez metros mais, e já nos encontramos além do litoral árabe do mar Vermelho, em pleno mistério da sua massa central.

Na aparência, aquilo era uma planície, com vista ilimitada para o oriente, colina abaixo, onde um terreno suavemente nivelado depois de outro se modulava pela distância a dentro apenas para ser chamado distância, porque era de azul mais delicado e mais carregado de mormaço. O sol nascente inundava esta planície com uma camada perfeita de luz, lançando longas sombras de contornos quase imperceptíveis e fazendo sobressair a vida e as travessuras do complicado sistema topográfico — que, de resto, era transitório; enquanto olhávamos para aquilo, as sombras se afastaram para o outro lado, tremeram um último instante por trás dos bancos e desapareceram, como se obedecessem a um sinal comum. Começava a manhã de verdade: rios de luz batendo perturbadoramente em plena face, contra nós, criaturas ambulantes, derramavam-se por igual, por sobre todas as pedras do deserto que tínhamos de trilhar.

Auda rompeu para o nordeste, à procura de uma pequena corcova que ligava a borda inferior do Ugula com uma colina na linha divisória à nossa esquerda, ou ao norte, cerca de cinco quilômetros dali. Cruzamos a corcova depois de seis quilômetros de viagem, e encontramos, sob os nossos pés, pequenos canais de passagem de água, cavados no chão. Auda apontou para eles dizendo que corriam para Nebk, no Sirhan, e que poderíamos seguir o seu leito para o norte e para leste, a fim de atingir os Howeitats, no seu acampamento de verão.

Pouco depois marchamos por um canal raso, de lascas de pedra arenosa, muito semelhante à ardósia, por vezes bem pequenas, mas outras vezes em lajes de três metros de dimensão de cada lado, e talvez com dez centímetros de espessura. Auda alinhou-se ao lado do meu camelo e, apontando com o bastão de viagem, pediu-me que escrevesse, no meu mapa, os nomes e a natureza da região. Os vales à nossa esquerda eram o Seyal Abu Arad, nascendo em Selhub e aumentado por muitas convergências procedentes da grande vertente à medida que se prolongava para o norte, até Djebel Rufeya, perto de Tebuk. Os vales à nossa direita eram o Siyul el Kelb, que vinha de Ugula, Agidat el Jemelein, Lebda e outros canais que se curvavam ao nosso redor, estendendo-se para oeste e noroeste, bordejando a grande vertente, como se andasse a saquear pela

planície. Estes dois sistemas de irrigação se uniam a oitenta quilômetros à nossa frente, em Fejr, que era uma tribo, com seu poço e o vale do seu poço. Gritei meus agradecimentos a Auda pelas informações que dava, jurando porém que eu não era colecionador de nomes de terras intactas, nem compilador de resenhas a serviço da curiosidade geográfica; e o velho homem, com visível prazer, começou a proporcionar-me notas e observações pessoais a respeito dos chefes que vinham conosco e que se achavam à frente da nossa linha de marcha. Sua prudente conversa não me fez sentir a lenta passagem daquela abominável desolação.

Os beduínos de Fejr, aos quais pertencia a terra, davam à nossa planície o nome de El Houl, porque era desolada; e naquele dia marchávamos por ela sem ver sinal algum de vida; não havia rastros de gazela, não se viam lagartos, nem tocas de ratos nem sequer se notavam pássaros. Até nós nos sentíamos aniquilados ali, e o nosso apressado progresso através da sua imensidão parecia quietude ou imobilidade de fútil esforço. Os únicos sons eram os ecos cavos, como o desabar de pavimentos sobre lugares subterrâneos por lajes de pedra decomposta a cair sobre outras lajes de pedra, quando premidas sob os pés dos camelos; acrescentava-se o ruído baixo mas enervante da areia, arrastando-se, lenta, para o oeste, adiante do vento quente que soprava, ao longo das pedras arenosas desgastadas, sob os capitéis mais duros que davam a cada rocha um aspecto carcomido, como de cortiça.

Era um vento irrespirável, com o gosto de fornalha por vezes conhecido no Egito, quando soprava o *khamsin*; e à medida que o dia passava e o sol se erguia no céu, o vento se tornava mais forte, mais saturado da poeira do Nefudh, o grande deserto de areia da Arábia do norte, perto de nós, sem dúvida, mas invisível através do mormaço. Ao meio-dia, soprou um semifuracão, tão seco que os nossos lábios já enrugados se abriram, pendidos, e a pele das nossas faces se fendeu; as pestanas, que se tornaram granulares, pareciam encaracolar-se para dentro e ferir os olhos que se retraíam. Os árabes puxaram os turbantes até sobre o nariz, estendendo as amplas mangas para a frente como viseira e deixando apenas uma fresta, estreita e trêmula, para poderem enxergar.

À custa deste sufocamento, evitavam ficar com a pele crestada, pois temiam as partículas de areia que transformavam qualquer corte em dolorosa ferida; mas, quanto a mim, eu sempre havia gostado do *khamsin*, pois o seu tormento me parecia vergastar a humanidade com consciente e bem ordenada maldade; de resto, era-me agradável enfrentá-lo diretamente, desafiando-lhe a força e vencendo-lhe o rigor. Havia prazer também nas salgadas gotas de suor que caíam, uma após outra, da mecha de cabelos acima da minha fronte, e que

escorria como água gelada sobre a minha face. A princípio, brinquei de apanhar estas gotas com a boca; mas quando avançamos mais no coração do deserto e as horas se passaram, o vento se tornou ainda mais violento, mais espesso de poeira e mais terrível de calor. Desapareceram todas as aparências de amistosa competição. O passo do camelo se tornou uma contribuição bastante para aumentar a irritação das ondas que batiam de chofre, e cuja secura me rompia a pele e me punha dores tão fundas na garganta que, três dias mais tarde, ainda pouco podia comer do nosso pão indigesto. Quando a noite, por fim, desceu sobre nós, senti-me contente só porque minhas faces queimadas ainda percebiam o outro ar, mais suave, da trevas.

Perseveramos o dia todo (mesmo que o vento nos proibisse de marchar, não poderia haver mais paradas de luxo à sombra de cobertores armados à guisa de tendas, se quiséssemos chegar com o corpo inteiro e os camelos ainda fortes a el Fejr, e nada nos fez desviar os olhos ou sequer pensar um pensamento até depois das três horas da tarde. A seguir, passando sobre dois sepulcros naturais, chegamos a um canal de través que desaparecia, afinal, dentro de uma colina. Auda sussurrou roucamente outros nomes para mim.

Além do canal, uma longa descida, de baixos degraus de superfície de pedregulho lavado com listas de leitos ocasionais de torrentes, prosseguia na direção do ocidente. Auda e eu trotávamos avante, juntos, para nos vingar da intolerável vagarosidade da caravana. Deste lado, o crepúsculo iluminava uma modesta cortina de montanhas, que barrava o nosso caminho para o norte. Logo depois, o Seil Abu Arad, voltando-se para o oriente, corria ao longo da nossa linha, num leito que tinha cerca de um quilômetro e meio de largura; sua profundidade era de alguns centímetros, com moitas de mato tão seco como madeira morta, que estalava emitindo pequenos sopros de poeira quando começamos a colher lenha para a fogueira a fim de assinalarmos aos outros o ponto em que fizéramos alto. Colhemos com vigor, até que tivemos uma enorme pilha pronta para ser acesa. Então, percebemos que nenhum de nós tinha fósforos.

O grosso da caravana não chegou senão depois de uma hora ou mais, quando o vento já se havia aplacado e a noite já se apresentava calma e negra, cheia de estrelas.

Auda dispôs sentinelas noturnas, pois aquele distrito se encontrava na linha dos grupos de incursão e, nas horas da escuridão, não havia amigos na Arábia. Tínhamos percorrido cerca de oitenta quilômetros durante o dia; era tudo o que podíamos fazer numa só arrancada, e estava perfeitamente de acordo com o

nosso programa. Assim, repousamos nas horas de trevas; em parte porque os camelos se encontravam fracos e enfermos, e a pastagem importava muito para eles; e em parte porque os Howeitats não estavam familiarizados com a região, e temiam, portanto, perder a rota, se tivessem de marchar muito ousadamente sem ver.

CAPÍTULO 43

Antes da madrugada, no dia seguinte, partimos pelo leito do Seil Abu Arad abaixo, até que o sol incandescente surgiu no topo das montanhas de Zibliyat, à nossa frente. Viramos mais para o norte, a fim de cortar um ângulo do vale, e paramos durante meia hora, até vermos o grosso da caravana aparecer. Então, Auda, Nasir e eu, incapazes de resistir passivamente aos golpes como que de martelo do sol sobre nossas cabeças curvas, lançamo-nos para a frente, em trote desabalado. Quase que de repente perdemos de vista os outros, no mormaço que tremulava sobre a planície; mas a pista era evidente, seguindo pelo leito do Wadi Fejr abaixo.

Às oito da manhã, atingimos o poço do nosso desejo. Tinha cerca de nove metros de profundidade, era forrado de pedra e parecia antigo. A água era abundante, ligeiramente turva, mas não de mau sabor, quando bebida imediatamente; logo, porém, se tornava salobra, nos odres. O vale havia sido inundado durante algum aguaceiro, no ano anterior, e por isso continha muito pasto seco e sedento: foi sobre isso que soltamos os nossos camelos. O resto da caravana chegou, tirou água do poço e assou pão. Deixamos, de caso pensado, os animais pastando, até o cair da noite; depois demos-lhe água de novo e os encurralamos junto ao barranco, cerca de um quilômetro longe da água, para ali passarem a noite: assim, deixamos o poço livre, para o caso em que viajantes dele precisassem nas horas de trevas. Contudo, as nossas sentinelas não viram pessoa alguma.

Como de costume, demos a partida antes da madrugada, embora tivéssemos marcha fácil à nossa frente; mas o clarão acalorado do deserto se tornou tão penoso que decidimos passar o meio-dia à sombra de algum abrigo. Depois de três quilômetros o vale se expandia, e mais adiante atingimos um rochedo, baixo e partido, no barranco oriental oposto à boca do Seil Raugha. Aqui, a região parecia mais verde, e pedimos a Auda que nos fosse buscar alguma caça. Ele

mandou que Zaal seguisse em certo rumo, e depois tomou o caminho do ocidente atravessando a planície que se estendia além da vista, enquanto nós regressamos aos rochedos e encontramos, por baixo das suas rugas pendentes e das suas arestas recortadas, recantos abundantes de sombra, frescos em comparação com calor do sol e repousantes para os nossos olhos já desacostumados.

Os caçadores voltaram antes do meio-dia, cada qual com uma boa gazela. Havíamos enchido os odres em Fejr e pudemos utilizar a sua água, porque a água de Abu Ajaj ficava perto: assim, houve festim, com pão e carne, nos nossos antros de pedra. Estas demoras, em meio à lenta fadiga de longas e ininterruptas marchas, eram gratas aos graciosos homens de cidade que se achavam conosco: para mim, bem como para Zeki e os criados sírios de Nesib, e, em grau menor, para o próprio Nesib. A cortesia de Nasir, como anfitrião, e a qualidade da sua gentileza nativa, tornavam-no requintado em atenções para conosco, fosse onde fosse que a marcha o permitisse. Ao seu ensino paciente, eu devia a maior parte da minha recente competência em acompanhar árabes de tribos, durante a marcha, sem lhes perturbar a ordem nem a velocidade.

Repousamos até as duas horas da tarde e atingimos a nossa etapa, Khabr Ajaj, pouco antes do crepúsculo, depois de uma estúpida marcha sobre uma planície mais estúpida ainda, que prolongava o Wadi Fejr, para o oriente, por muitos quilômetros. O tanque era de água de chuva do ano, mas já tornada espessa e salobra; mas ainda era boa para os camelos e apenas passível de ser bebida por homens. Ficava numa dupla depressão, perto do Wadi Fejr, cuja enchente o havia inundado com sessenta centímetros de água sobre uma área de duzentos metros de diâmetro. Na sua parte norte havia um outeiro de pedra arenosa. Pensávamos que encontraríamos os Howeitats ali; mas o chão estava nu de pastagem e a água havia sido agitada pelos seus animais; eles, por sua vez, se haviam ido. Auda andou à procura do rastro, mas nada encontrou: a tempestade de vento varrera a superfície de areia, produzindo novos círculos limpos. Entretanto, visto como haviam chegado vindo de Tubaik, deveriam ter saído a caminho de Sirhan: assim, se rumássemos para o norte, poderíamos encontrá-los.

O dia seguinte, a despeito de nos parecer interminável aquele lapso de tempo, era apenas o décimo quarto da nossa partida de Wejh; e o seu sol se ergueu de novo sobre nós, encontrando-nos já em marcha. À tarde, deixamos, afinal, o Wadi Fejr, para tomar a direção de Arfaja, no Sirhan, ponto que ficava a norte-nordeste. De conformidade com isso, desviamos para a direita através de planície de cal e de areia e vimos um canto distante do Grande Nefudh, famosa cadeia de

dunas de areia que separava Djebel Shammar do deserto sírio. Palgrave, os Blunt e Gertrude Bell, entre os viajantes assinalados na história, haviam cruzado por ali, e eu pedi a Auda que saísse ligeiramente do rumo para nos proporcionar passagem sobre aquela região e entrar para a companhia dos referidos viajantes; mas Auda resmungou, dizendo que os homens só iam para Nefudh por necessidade, quando em incursões, e que o filho de seu pai não realizava incursões montado em camelo cambaleante e sarnento. A nossa missão era a de chegar vivos a Arfaja.

Assim, marchamos prudentemente para diante, sobre areia monótona e coruscante; percorremos trechos piores, *Giaan*, chapadões de terra limpa, quase tão claros e macios como folha de papel estendida e, por vezes, de muitos quilômetros quadrados. A lama seca e arenosa projetava o sol contra o nosso rosto como um espelho, de maneira que seguimos com a sua luz a jorrar flechas diretas contra a nossa cabeça, tendo, de outro lado, o reflexo a subir do chão, atravessando as nossas pálpebras sem defesa. Não se tratava de opressão contínua, mas de sofrimento que baixava e refluía; em certos momentos, parecia que se intensificava até que quase desmaiávamos; mas logo a seguir desapareceria aos poucos, friamente, num lapso de falsa sombra, semelhante a uma negra teia de aranha que cruzasse a retina — isto nos dava momentos de reanimação, a fim de armazenarmos nova capacidade para o próximo sofrimento, como acontece na luta de homem que se afoga e que aspira a vir à tona.

Tornamo-nos de poucas palavras uns com os outros; mas o alívio veio lá pelas seis horas, quando paramos para o jantar e assamos pão. Dei ao meu camelo o que restou da minha porção, porque o pobre animal andava cansado e faminto em tão penosas marchas. Era o camelo de excelente raça dado por Ibn Saud, de Nejd, ao rei Hussein e, por este, a Feisal; esplêndido animal; áspero, mas de pé firme nas montanhas e de grande fôlego. Os árabes de recursos só montavam camelos fêmeas, porque marchavam mais suavemente sob a sela do que os machos, sendo, ao mesmo tempo, de melhor índole e menos barulhentos; eram também pacientes, podendo resistir a longas marchas mesmo depois de estarem cansadíssimos; marchavam, de fato, até cambalear de exaustão e cair na estrada morrendo, ao passo que os machos comuns se zangavam, atiravam-se ao chão quando cansados, podendo morrer ali, de pura raiva, desnecessariamente.

Depois do cair da noite, arrastamo-nos durante três horas, atingindo o topo de um espinhaço de areia. Ali dormimos generosamente, depois de um péssimo dia de vento queimante, de tempestade de pó e de areia móvel que feriam as nossas faces já inflamadas, e que, por vezes, nos remoinhos mais violentos, nos

tiravam a visibilidade da rota, arrojando os camelos gemebundos de um para outro lado. Auda, porém, mostrava-se ansioso a respeito do dia de amanhã, porque novo vento de frente nos reteria um terceiro dia no deserto e já não tínhamos água alguma: por isso chamou-nos a todos, logo cedo, ainda em plena treva, e marchamos pela planície de Bisaita (assim chamada por ironia, em virtude da sua enorme extensão e pela sua insipidez chata) antes que o dia rompesse. A superfície dura, de quartzo tostado pelo sol, era repousantemente escura depois do nascer do sol para os nossos olhos lacrimosos, mas quente e difícil de pisar para os camelos, alguns dos quais já mancavam de dor nas patas.

Os camelos criados nas planícies arenosas do litoral da Arábia tinham as plantas das patas muito delicadas; e, quando levados de súbito para o interior, em longas marchas, sobre cristal de rocha ou outro chão retentor de calor, suas plantas se queimavam e, por fim, se rompiam em borbulhas; tudo ficava em carne viva, numa área de cinco centímetros ou mais, ao centro. Neste estado, os camelos podiam marchar como sempre, sobre areia; mas se, porventura, a pata acertasse num pedregulho, estrebuchavam ou titubeavam, como se houvessem pisado sobre fogo; em marcha longa tombavam, rotos de dor e de fadiga, a menos que fossem muito briosos. Por esta razão, marchamos devagar, escolhendo a trilha mais fofa; Auda e eu íamos à frente.

À medida que seguíamos, alguns jatos de poeira avançavam na base do vento. Auda afirmou que se tratava de avestruzes. Um homem veio a nós com dois enormes ovos que pareciam de marfim. Resolvemos almoçar aquele saque de Biseita, e procuramos combustível; mas, em vinte minutos, encontramos apenas um punhado de grama. O deserto nu nos derrotava. Passou o grupo de camelos de bagagem, e meus olhos deram com a carga de gelatina explosiva. Abrimos um fardo, derramando e acendendo o conteúdo, com cuidado, por baixo do ovo sustentado ao alto, entre pedras, até que nos pareceu que o cozimento estivesse completo. Nasir e Nesib, realmente interessados, apearam para zombar de nós. Auda puxou a adaga de punho de prata e rompeu o topo do primeiro ovo. Um mau cheiro, como de pestilência, se expandiu pelo nosso grupo. Fugimos para um lugar limpo, rolando o segundo ovo, ainda quente, à nossa frente, com pequenos pontapés. Este era bastante fresco, e duro como pedra. Retiramos o seu conteúdo como quem cava, com a adaga, depondo-o sobre lâminas de cristal de rocha, que faziam as vezes de pratos, e comemo-lo aos poucos; persuadimos o próprio Nasir que, em toda a sua vida, nunca havia descido ao ponto de ser comedor de ovo, para que recebesse a sua parte. O veredicto geral foi este: elástico e difícil de ser comido, mas bom em Biseita.

Zaal viu um órix, perseguiu-o a pé e matou-o. As melhores partes foram retalhadas e postas sobre o dorso dos camelos de carga, para a próxima parada, e a nossa marcha continuou. Mais adiante, os gulosos Howeitats viram novos órix na distância, e correram atrás desses animais, que, aloucadamente, fugiam um pouco, mas depois paravam e ficavam a olhar, até que os homens chegassem perto e, tarde demais, tentavam escapar de novo. O ventre branco e brilhante os traía; porque, pela ampliação da miragem, acusava aos nossos olhos cada um dos seus movimentos de longe.

CAPÍTULO 44

Eu estava muito cansado e com ânimo pouco esportivo para desviar-me do caminho direto ainda que fosse por causa de todos os animais raros do mundo; assim, marchei atrás da caravana, que o meu camelo ultrapassou logo com os seus passos mais largos. À cauda do meu animal, vinham os meus homens, a pé. Temiam que alguns dos seus animais morressem antes da noite, se o vento soprasse mais forte, e os conduziam à mão, pelas rédeas, na esperança de os salvar. Admirei o contraste entre Mohammed, o alegre camponês de passo pesado, com o ágil Ageyl, e Farraj com Daud; estes dois dançavam por ali adiante, de pés nus, delicados como animais puro-sangue. Só Gasim não se achava presente: pensava-se que estivesse entre os Howeitats, porque a sua insolência ofendia os risonhos soldados e o mantinha entre os seus pares, os beduínos, que eram mais da sua índole.

Não havia viva alma atrás, e por isso marchei à frente, desejando saber como se encontrava o seu camelo; e, por fim, encontrei-o; estava sendo conduzido por um dos Howeitats. O alforje conservava-se no dorso do animal, o mesmo acontecendo com o fuzil e a ração; ele, em pessoa, porém, não estava ali; aos poucos, suspeitamos que o mísero homem se houvesse perdido. Acontecimento deplorável, porque, no mormaço e na miragem, a caravana não podia ser vista sequer a três quilômetros de distância, e, sobre chão duro como ferro, não deixava rastro: a pé, nunca ele nos poderia alcançar.

Todos haviam marchado, acreditando estar ele em qualquer outro ponto, na nossa linha folgada; mas muito tempo se passara, e já era quase meio-dia; deveria encontrar-se vários quilômetros atrás. Seu camelo carregado era a prova de que não havia sido esquecido a dormir, na nossa parada noturna. Os Ageyls adiantam que talvez ele houvesse tonteado na sela e caído, desmaiando, ou morrendo — ou, quem sabe, alguém do grupo houvesse desabafado contra ele a própria inveja. Em todo caso, nada sabiam. Tratava-se de homem de má indole e estranho, não

estando sob a responsabilidade de qualquer dos outros, e estes não se incomodavam muito.

Era verdade: mas também era verdade que Mohammed, seu conterrâneo e companheiro, que era tecnicamente seu par de rota, nada sabia do deserto, e estava com o camelo mal-ajambrado, não podendo, portanto, voltar para o procurar.

Se eu o enviasse para trás, seria um assassínio. Isto lançou a dificuldade aos meus ombros. Os Howeitats, que poderiam auxiliar, estavam longe, na miragem, fora da vista, caçando ou batendo a rota. Os Ageyls de Ibn Dgheithir eram tão fechados em si próprios e na sua tribo que não se poriam à procura de fosse quem fosse, exceto de um dos seus. Além disto, Gasim era meu homem — e sobre mim repousava a responsabilidade por ele.

Olhei debilmente para os meus homens cansados e perguntei a mim próprio, por instantes, se era possível fazer troca com algum deles, enviando-o para trás no meu camelo, para o salvamento. O esquivar-me daquela tarefa seria perfeitamente compreendido, pois eu era estrangeiro: mas esta era, precisamente, a questão que eu não ousava apresentar, porquanto se presumia que eu estivesse auxiliando aqueles árabes na sua revolta. De qualquer forma, era duro, para um estrangeiro, exercer influência sobre o movimento nacional de outro povo, e duplamente duro para um cristão, além do mais sedentário, manejar nômades maometanos. Tudo isto eu tornaria impossível para mim próprio, se reclamasse, simultaneamente, os privilégios de ambas as comunhões.

Portanto, sem dizer palavra, virei o meu camelo que já ia sem vontade, forçando-o, apesar de grunhir, gemer, e chamar pelos seus companheiros, a marchar para trás, de volta, ao longo da comprida linha de homens e do grupo dos animais de carga para dentro do vazio que ficava por ali além. Meu humor se apresentava muito pouco heróico, pois me sentia furioso para com os outros criados, para com o meu próprio atuar de beduíno e, acima de tudo, para com Gasim, rapaz resmungador, embaraçante em todas as nossas marchas, de mau gênio, desconfiado, brutal — homem cujo arrolamento lamentei, e de quem prometi a mim mesmo livrar-me assim que atingíssemos qualquer ponto de descarga. Parecia-me absurdo ter eu de pôr em perigo o peso que eu representava na aventura árabe por causa de um simples homem sem valor.

Meu camelo parecia animar-se dos mesmos sentimentos, porque rosnava profundamente; este, porém, era o constante recurso dos camelos mal-educados. Desde pequenos, acostumam-se a viver em rebanhos, e muitos cresciam absolutamente incapazes de marchar sozinhos; de outro lado, nenhum se

separava de seu grupo habitual sem grandes urros e manifestações de má vontade, tal como os que o meu animal produzia. Virava a cabeça por cima do seu longo pescoço, mugindo para a caverna, e marchava lentamente, fazendo manhas. Requeriam-se destreza e cuidado para o manter na pista, além de uma pancada de bastão de viagem a cada passo para conservá-lo em marcha. Não obstante, depois de dois ou três quilômetros o animal sentiu-se melhor, começando a ir para a frente com menos constrangimento, embora ainda com vagar. Eu viera observando a nossa direção, durante todos aqueles dias; registrara tudo, por meio da bússola a óleo, e esperava, com seu auxílio, regressar mais ou menos ao ponto de partida, a vinte e sete quilômetros dali.

Após vinte minutos, a caravana ficou fora da vista, e foi então que notei como a região de Bisaita era, de fato, nua. Seus únicos marcos ou pontos de referência eram os velhos canteiros de *samh*, cobertos de areia, através dos quais passei, porque os rastros do camelo ali permaneceriam e serviriam de indicação de rumo ao meu regresso. Este *samh* era o trigo selvagem dos Sherarats, os quais, pobres em tudo, menos em criações de camelos, se orgulhavam de encontrar no deserto o suficiente para todas as suas necessidades. Quando misturado a tâmaras e dissolvido com manteiga, o *samh* era um bom alimento.

Os canteiros, pequenas eiras, faziam-se recuando-se o quartzo, de maneira a deixar livre uma área circular de três metros de diâmetro. Os cristais, amontoados à beira de cada canteiro, davam-lhe a profundidade de alguns centímetros, e neste chão baixo as mulheres colhiam e debulhavam as pequenas sementes vermelhas. Os ventos constantes, soprando sobre eles, não podiam, de fato, recolocar ali a superfície de cristais (isto talvez pudesse ser feito pela chuva, em milhares de invernos), mas havia nivelado os canteiros com areia pálida, de maneira que se apresentavam como olhos acinzentados na negra superfície pedregosa.

Eu já havia marchado cerca de hora e meia, confortavelmente, porque a brisa que se seguiu me permitira limpar a crosta formada sobre meus olhos vermelhos e olhar para a frente quase sem sofrimento: a certa altura, vi um vulto, ou amplo arbusto, ou, pelo menos, alguma coisa preta à minha frente. A miragem móvel alterava a altura ou a distância; mas esta coisa parecia caminhar, um pouco a oriente da nossa rota. À aventura, pus a cabeça do camelo naquela direção, e em alguns minutos percebi que se tratava de Gasim. Quando o chamei, parou, confuso; galopei para perto dele e vi que estava quase cego e endoidecido; permanecia de pé, com os braços estendidos para mim e com a boca enegrecida semi-aberta. Os Ageyls haviam posto a nossa última reserva de água no meu

odre, e esta água foi por Gasim derramada loucamente sobre rosto e o peito, na pressa de beber. Parou de gorgolejar e começou a desfiar suas penas. Sentei-o à garupa do camelo; a seguir, fiz o animal erguer-se e montei.

Ao regresso, o animal pareceu aliviado, marchando livre e folgadamente. Fixei com exatidão a rota, pela bússola; tão exatamente que, por várias vezes, encontrei os rastros anteriores na areia pálida, dispersa pela superfície negra e rochosa. A despeito do peso duplo, o camelo começou a dar longas passadas; de quando em quando, até abaixava a cabeça e, durante alguns momentos, desenvolvia o rápido e confortável caminhar para o qual os melhores animais, quando novos, eram preparados, pelos domesticadores mais hábeis. Esta prova de espírito de reserva no camelo me alegrou, como me satisfez o fato de haver perdido pouco tempo na procura.

Gasim resmungava impressionantemente, por causa dos seus sofrimentos e do terror que a sede lhe impusera; pedi-lhe que parasse mas ele prosseguiu, e passou a sentar-se como em abandono; fê-lo por tal forma que, a cada passo do camelo, escorregava para a traseira da garupa, o que, com o choro, atiçava o animal a dar passos ainda maiores. Havia perigo, nisto; desta forma, logo se inflamaria o entrecasco do camelo. De novo, disse a Gasim que era preciso acabar com semelhante situação; e quando vi que ele chorava ainda mais alto, manhosamente, vibrei-lhe um golpe de vara, jurando que, se soltasse mais um grito ou gemido, eu o atiraria ao chão. A ameaça, à qual a minha raiva emprestava cor, valeu. Depois dela Gasim encolheu-se humildemente, sem emitir mais som algum.

Não se haviam transcorrido seis quilômetros, quando vi um redemoinho negro, pairando e oscilando na miragem, à frente. Dividiu-se em três e se dissipou. Fiquei a cismar que poderiam ser inimigos. Um minuto mais tarde, o mormaço se desfez com a desconcertante subitaneidade de uma ilusão; era Auda, com dois homens de Nasir, que vinham à minha procura. Lancei-lhes gracejos e zombarias, de índole amistosa, por haverem abandonado um amigo no deserto. Auda puxou a barba e rugiu que, se houvesse estado presente, nunca eu teria ido em busca de Gasim. Este foi transferido, com insultos, para outra sela, mais bem acolchoada, e marchamos a furta-passo juntos.

Auda apontou para a figura alquebrada e recurva de Gasim, censurando-me: "Por essa coisa, que não vale o preço de um camelo..." Interrompi-o: "Que não vale meia-coroa, Auda", e ele, lisonjeado, no seu espírito simples, correu para perto de Gasim, vibrando-lhe forte golpe, e procurando fazê-lo repetir, como papagaio, o seu preço. Gasim mostrou os dentes cariados, num assomo de raiva,

e mergulhou em mau humor. Mais uma hora de viagem e nos encontramos imediatamente atrás dos camelos de carga da nossa caravana; enquanto passávamos adiante da coluna tomada de curiosidade, Auda foi repetindo a minha pilhéria a cada par de cameleiros, talvez umas quarenta vezes ao todo, até que eu percebi claramente toda a sua desvalia.

Gasim explicou que havia apeado para desafogar a natureza, perdendo de vista, logo depois, o seu grupo, na escuridão; contudo, como era óbvio, pusera-se a dormir onde apeara, por causa da fadiga da jornada lenta e acalorada. Alcançamos Nasir e Nesib na vanguarda. Nesib magoara-se comigo por haver posto em perigo a vida de Auda e a minha, num capricho. Era claro, para ele, que eu sabia que partiriam à minha procura. Nasir melindrou-se a esta asserção, e Auda se sentiu satisfeito por poder impingir, a um citadino, o contraste entre a tribo e a cidade; entre a responsabilidade coletiva e o agrupamento fraternal do deserto, e o isolamento e a vida de concorrência vivida nos distritos povoados.

Com estas pequenas coisas as horas se passaram, e o resto do dia não pareceu tão longo; contudo o calor tornou-se pior e as rajadas de areia nos martirizaram as faces, de tal maneira que o ar podia ser visto e ouvido, remoinhando, ao passar pelos nossos camelos, como fumaça. O terreno manteve-se chato e sem características até as cinco horas da tarde, quando vimos pequenos outeiros à frente; pouco mais adiante, encontramo-nos em paz relativa, em meio a montanhas de areia, escassamente recobertas de tamargueiras. Eram as Kaseims do Sirhan. Os bosques e as dunas quebravam a violência do vento; era a hora do pôr-do-sol; e o crepúsculo começou a nos aveludar e a nos avermelhar, vindo de oeste. Por isto, escrevi no meu diário que o Sirhan era belo.

A Palestina tornou-se terra de leite e de mel para aqueles que viveram quarenta anos no Sinai; Damasco tinha o nome de paraíso terrestre para as tribos que só podiam entrar nela depois de semanas e semanas de penosas marchas através do quartzo desta ponte norte do deserto; e, da mesma forma, Kasseim de Arfaja, em que passei aquela noite, depois de cinco dias através do rutilante Houl, no pleno remoinhar de uma tempestade de areia, parecia-me uma região fresca e aldeã. Estas montanhas se erguiam apenas alguns metros acima das de Biseita, e delas parecia que os vales corressem declive abaixo, para o oriente, a caminho de considerável depressão, onde ficava o poço que buscávamos: mas agora, quando já havíamos cruzado o deserto e atingido o Sirhan, sãos e salvos, o terror da sede passou e percebemos que a fadiga era a nossa principal enfermidade. Assim, concordamos em acampar, à noite, no ponto em que nos

encontrávamos, e em atear fogueiras-balizas para o escravo de Nuri Shaaln que, como Gasim, havia desaparecido da nossa caravana naquele dia.

Não nos sentíamos preocupados com ele. Conhecia a região e estava com o seu camelo. Era possível que houvesse tomado intencionalmente o caminho direto para Jauf, capital de Nuri, para ganhar as alvíssaras das primeiras notícias de que estávamos chegando com presentes. Fosse como fosse, o escravo não apareceu naquela noite, nem no dia seguinte; e quando, meses mais tarde, perguntei a Nuri por ele, respondeu-me que o corpo ressecado havia sido encontrado, jazendo ao lado do seu camelo, longe, no deserto; o animal não fora saqueado. O escravo devia ter se perdido num furacão de areia e errado até que o camelo se rendeu; e ali morreu de sede e de calor. Não se tratava de morte longa — mesmo para os organismos muito mais fortes, o segundo dia, no verão, era o último — mas muito penosa; porque a sede tinha características de enfermidade ativa; um receio e um pânico, que dilaceravam o cérebro, e que reduziam o mais bravo dos homens a um trôpego maníaco balbuciante, em uma ou duas horas; a seguir, o sol o matava.

CAPÍTULO 45

Não tendo sequer um pingo de água, nós, logicamente, nada comemos: e isto deu, àquela noite, um caráter de temperança. Contudo, a certeza de beber no dia seguinte nos fez dormir comodamente, deitados de bruços, a fim de prevenir a inflação do ventre em virtude da ausência de alimentos dentro dele. Era costume dos árabes encherem-se até o ponto do vômito, em cada poço e, ainda assim, chegarem sedentos ao outro; quando levavam água consigo, usavam-na sem parcimônia no primeiro alto, bebendo-a ou fazendo pão. Como o meu desejo era evitar comentários a respeito da minha diferença, eu os copiava, confiando, com razão, em que a sua superioridade física não era tão grande a ponto de o seu modo de conduta me causar danos sérios. Na verdade, uma só vez me senti enfermo de sede.

Na manhã seguinte marchamos pelo declive abaixo, cruzando o primeiro espinhaço, depois o segundo e a seguir o terceiro; cada qual ficava a cinco quilômetros do outro; até que, às oito horas, apeamos junto aos poços de Arfaja, tendo, ao redor de nós, o fragrante perfume das moitas odoríferas. Descobrimos que Sirhan não era um vale, e sim longa baixada, drenando a região de ambos os flancos e coletando água nas sucessivas depressões do seu leito. A superfície da baixada era de cascalho de sílica, alternando-se com areia fofa; e os riachos, sem destino, pareciam quase incapazes de cavar o seu nível por entre as dunas de areia solta, sobre as quais floresciam as frondosas tamargueiras, cujas raízes, como cordas, amarravam e mantinham firmes as encostas.

Os poços desalinhados e sem peitoris tinham a profundidade de cerca de cinco metros, com água espessa ao tato, de cheiro forte e salobra ao paladar. Achamo-la deliciosa e, por haver verdura ao redor, boa para a alimentação dos camelos, resolvemos ficar ali naquele dia, enquanto procurássemos os Howeitats, enviando homens a Maigua, poço mais ao sul do Sirhan. Assim, determinaríamos se estavam ou não atrás de nós; e, se não estivessem,

poderíamos marchar para o norte, certos de que nos achávamos na sua pista. Entretanto, mal haviam os nossos mensageiros partido e já um dos Howeitats viu cavaleiros ocultando-se por trás das moitas, ao norte.

Imediatamente deram o alarme. Mohammed el Dheilan, que foi o primeiro a subir à sela, com outros Toweihas, galoparam por ali afora, contra o suposto inimigo; Nasir e eu passamos em revista os Ageyls (cuja virtude não era combater com beduínos à maneira beduína) e colocamo-los em grupos ao redor das dunas, para que pudessem defender eficientemente a bagagem. Não obstante, o inimigo se retirou. Mohammed voltou depois de meia hora para dizer que não havia realizado uma perseguição tenaz por sentimento de piedade em relação às condições do seu camelo. Vira apenas três rastros, e supunha que os homens avistados deveriam ser batedores de um grupo de incursão dos Shammars, nas vizinhanças, pois Arfaja era comumente infestada por eles.

Auda chamou Zaal, seu sobrinho, o mais agudo olhar de todos os Howeitats, e ordenou-lhe que partisse e descobrisse o número e as intenções do inimigo. Zaal era homem metálico e flexível, de aparência valente, lábios cruéis e risada fina, impregnado da brutalidade que aqueles Howeitats nômades haviam herdado do campesinato. Zaal saiu e procurou; mas encontrou os pequenos bosques de espinheiros ao nosso redor repletos de pegadas; as tamargueiras, mantendo o vento acima do chão arenoso, tornavam impossível distinguir, particularmente, os rastros anteriores das pegadas recentes.

A tarde transcorreu pacificamente e dormimos bem, colocando, embora, uma sentinela no topo da grande duna, por trás dos olhos-d'água. Ao crepúsculo, desci e me lavei naquela espécie de salmoura; e, regressando, parei junto às fogueiras dos Ageyls, a fim de tomar café com eles, enquanto ouvia o seu dialeto árabe de Nejdi. Começaram a contar-me longas histórias do capitão Shakespear, que havia sido recebido por ibn Saud, em Riyadh, como amigo pessoal, e que cruzara a Arábia, desde o golfo Pérsico até o Egito; foi, afinal, morto em combate pelos Shammars, numa derrota que os campeões de Nejd haviam sofrido durante uma das suas guerras periódicas.

Muitos dos Ageyls de ibn Dgheithir tinham viajado com ele, na qualidade de escolta ou de sequazes, e contavam coisas a respeito da sua magnificência, bem como da estranha reclusão em que ele se mantinha dia e noite. Os árabes, que habitualmente viviam aos magotes, suspeitavam houvesse motivos ocultos para qualquer retraimento excessivamente meticuloso. Lembrar isto e renunciar a toda paz e tranqüilidade de índole íntima, nas marchas com eles, constituía uma das mais desagradáveis lições da guerra do deserto: era além do mais humilhante,

pois abraçar a solidão fazia parte do orgulho dos ingleses; na solidão, nós nos considerávamos notáveis a nós próprios, quando não havia competição alguma.

Enquanto falávamos, o café torrado foi vertido, com três grãos de cardamomo, no almofariz. Abdulla triturou-o, com os golpes de dring-drang, dring-drang, da mão do almofariz, da aldeia de Nejd — dois pares iguais de pancadas, em *legato*. Mohammed el Dheilan ouviu, aproximou-se silenciosamente sobre a areia e se deitou no chão, devagar, resmungando, como camelo, perto de mim. Mohammed era bom companheiro; homem vigoroso, pensativo, de humor muito pervertido e maneiras avinagradas, por vezes dirimidas pelos seus atos, mas revelando em geral índole francamente amiga. De compleição, era invulgarmente robusto e bem formado, tendo não menos de dois metros de altura; tinha, talvez, trinta e oito anos; era determinado e ativo; suas faces eram fortemente coloridas e sulcadas de rugas, e seus olhos enganadores.

Era o segundo homem dos Abu Tayis mais rico e possuindo mais sequazes do que Auda, manifestava, igualmente, mais gosto para com o que fosse suculentamente saboroso e perfumado. Possuía uma pequena casa em Maan, e propriedades em terras (murmurava-se também que tinha "gado"), perto de Tafileh. Sob a sua influência, os grupos guerreiros dos Abu Tayi marchavam com elegância, com anteparos para os defender da crueldade dos raios de sol e com garrafas de água mineral nos alforjes, a título de refresco durante a jornada. Era ele o cérebro dos conselhos das tribos, e dirigia a política das mesmas. Seu espírito crítico, maldoso por vezes, me agradava; e com freqüência utilizava-me da sua inteligência e esforçava-me para convertê-lo à minha opinião, antes de fazer desabrochar uma nova idéia.

A longa viagem nos havia tornado companheiros de corpo e de espírito. A meta perigosa estava nos nossos pensamentos, dia e noite; consciente e inconscientemente, treinávamo-nos um ao outro, reduzíamos as nossas vontades ao simples propósito que, com freqüência, enchia os momentos de ócio e de conversa ociosa, ao redor da fogueira noturna. Estávamos assim entretidos, enquanto o cafeteiro fervia o seu café, diminuía de novo a fervura e preparava o coador de fibra de palmeira para passar a infusão, antes de servi-la (os sedimentos, nas xícaras, constituíam falta de maneiras), quando, de súbito, ouvimos uma forte salva de tiros de fuzil, vindo das dunas ensombradas de leste, e um dos Ageyls tombou para a frente, bem no centro do braseiro, emitindo um grito.

Mohammed, com seu pé maciço, lançou uma onda de areia sobre o fogo, e, na súbita escuridão de cegar que se formou corremos para os bancos de areia, por

trás das tamargueiras, e nos dispersamos em busca das carabinas, enquanto os nossos piquetes avançados começaram a responder ao fogo, tomando apressadamente por mira os clarões. Tínhamos munições ilimitadas conosco e não poupamos a demonstração.

Gradualmente o inimigo cedeu, talvez estupefato diante da nossa presteza. Finalmente seu fogo cessou e nós mantivemos o nosso, prestando atenção a novo surto ou ataque que porventura irrompesse de outro setor. Durante meia hora ficamos quietos; fez-se silêncio, ouvindo-se apenas os lamentos e, por fim, a agonia do homem atingido pela primeira rajada de tiros. Depois, ficamos impacientes e não quisemos esperar mais. Zaal saiu, para nos informar sobre o que se estava passando com o inimigo. Após outra meia hora voltou, dizendo que ninguém se encontrava ao alcance da vista. O inimigo havia fugido: cerca de vinte homens, na sua opinião de experimentado.

A despeito da afirmação de Zaal, passamos uma noite inquieta, e na manhã seguinte antes da madrugada, enterramos Assaf, nossa primeira baixa, e partimos para o norte, sempre pelo leito do vale, tendo as montanhas de areia quase sempre à nossa esquerda. Marchamos durante cinco horas, e então paramos para o almoço, no barranco sul de um emaranhamento de leitos de torrentes que corriam para o Sirhan, vindo de sudoeste. Auda contou-me que se tratava das bocas do Seil Fejr, o vale cuja cabeça havíamos visto em Selhub e cujo leito havíamos pisado diretamente através do Houl.

A pastagem era melhor do que em Arfaja, e demos aos nossos camelos as quatro horas de repouso, até o meio-dia, para que se enchessem — procedimento sem vantagem, pois o pasto do meio-dia não era proveitoso para eles; não obstante, gozamos a sombra das nossas cobertas, dormindo o sono que havíamos acumulado na noite anterior. Aqui, no areal aberto, longe de qualquer possibilidade de assalto de surpresa, não devíamos temer qualquer perturbação; além disto, a nossa força demonstrada, bem como a nossa confiança, deveriam ter dissuadido o inimigo invisível. Desejávamos lutar contra os turcos, e estas escaramuças interárabes representavam pura perda. À tardinha marchamos dezenove quilômetros a caminho de um grupo de montanhas de areia firme, que cercavam uma área limpa, suficientemente grande para nós, e dominavam toda a região ao redor. Fizemos alto ali, prevendo outro ataque noturno.

Na manhã seguinte, realizamos uma rápida marcha de cinco horas (os nossos camelos regurgitavam de vida depois do repouso do dia anterior) chegando ao cavado de um oásis de palmeiras enfezadas, com moitas de tamargueiras aqui e acolá e abundância de água, a cerca de dois metros abaixo do nível do solo, e de

sabor muito mais doce do que a água de Arfaja. Contudo, também esta, na prática, revelou ser "água do Sirhan", cujo primeiro gole era tolerável, mas que recusava espuma ao sabão, desenvolvendo (depois de dois dias de fechada em recipiente) um olor mefítico e um sabor que destruíam o aroma peculiar ao café, ao chá ou ao pão.

Na verdade, íamo-nos cansando do Wadi Sirhan, embora Neseib e Zeki ainda projetassem trabalhos de plantação e fizessem outras reclamações para serem atendidas pelo governo árabe, quando fosse por eles estabelecido. Esta imaginação empolada era típica dos sírios, que facilmente se convenciam a si próprios de possibilidades e, com a mesma rapidez, se apressavam a lançar as suas responsabilidades presentes a ombros alheios. "Zeki", disse-lhe eu, certo dia, "seu camelo está cheio de sarna." "Ai de mim! Pobre de mim!", concordou ele, num lamento, "À tarde, rapidamente, quando o sol estiver baixo, cobriremos a sua pele com ungüento".

Durante a nossa marcha seguinte, fiz menção, de novo, à sarna. "Ah!", disse Zeki, "isso me deu magnífica idéia. Imagine a organização de um departamento veterinário de Estado, para a Síria, quando Damasco for nossa. Teremos um corpo de hábeis cirurgiões, com escola de pesquisadores e estudantes, em hospital central, ou, melhor, em hospitais centrais, para camelos e para cavalos, bem como para jumentos e gado bovino, e até (por que não?) para ovelhas e cabras. Deve haver departamentos científicos e bacteriológicos para fazer pesquisas a respeito da cura universal das enfermidades dos animais. E que acha de uma biblioteca de obras estrangeiras?... e de hospitais de distrito, para fornecerem material aos centrais, além de inspetores viajantes?..." Com a solícita colaboração de Nesib, dividiu a Síria em quatro inspetorados gerais e numerosos subinspetorados.

De novo, na manhã seguinte, houve menção à sarna. Haviam dormido sobre o trabalho de projetar, e a tarefa ia sendo completada. "Por enquanto, meu caro, isto é imperfeito; e a nossa natureza não se detém por falta de perfeição. Lamentamos ver o senhor satisfeito por apanhar aquilo que é meramente oportuno. Trata-se de um defeito inglês." Fiz coro com eles. "Óh Nesib", disse eu, "e óh Zeki, não acarretará a perfeição, porventura, mesmo nas menores coisas, o término deste mundo? Estamos nós preparados para isto? Quando me sinto zangado, suplico a Deus que atire o nosso globo contra o disco afogueado do sol, impedindo, por essa forma, o sofrimento dos que ainda não nasceram; mas quando me encontro contente, desejo morrer para sempre numa sombra, até transformar-me em sombra por minha vez." Desapontados, orientaram a

conversa para as fazendas de criação e, no sexto dia, o pobre camelo morreu. Naturalmente "Porque", como Zeki asseverou, "o senhor não lhe pôs ungüento." Auda, Nasir e o resto de nós mantínhamos os nossos animais de pé em virtude de cuidados constantes. Poderíamos, talvez, deter apenas a sarna, até atingirmos o acampamento de alguma tribo bem equipada e nos pormos em condições de obter remédios para combater, com o máximo empenho, a enfermidade.

Um homem montado apareceu, rumando na nossa direção. Houve alguma inquietude, durante poucos momentos; mas depois os Howeitats gritaram-lhe saudações. Era um dos seus homens de tribo, e as saudações foram trocadas, em vozear tranqüilo, como de costume no deserto, onde o barulho era considerado, na melhor hipótese, coisa de mal-educado, e de educação citadina, na hipótese pior.

Contou-nos que os Howeitats se encontravam acampados mais adiante, entre Isawiya e Nebk, esperando ansiosamente nossas notícias. Tudo corria bem com as suas tendas. A ansiedade de Auda passou e a sua impaciência se aplacou. Marchamos à pressa para Isawiya e para as tendas de Ali abu Fitna, chefe de uma das tribos de Auda. O velho Ali, de olhos remelentos, vermelho e despenteado, entre cujas barbas proeminentes um longo nariz escorria sem parar, saudou-nos com calor, oferecendo-nos a hospitalidade da sua tenda. Escusamo-nos por sermos tão numerosos, e acampamos ali perto, por baixo de alguns espinheiros, enquanto ele e os outros donos de tendas fizeram cálculos em torno do nosso número e nos prepararam festas para a noite. A cada grupo de tendas, a sua turma de visitantes. A refeição precisou de horas para ficar pronta, e já estávamos bem dentro da noite quando nos chamaram a ela. Ergui-me, cambaleei por ali, comi, regressei ao ponto em que se encontravam os nossos camelos agachados e dormi de novo.

A nossa marcha estava auspiciosamente terminada. Havíamos encontrado os Howeitats; nossos homens se mostravam em estado excelente; tínhamos o nosso ouro e os nossos explosivos ainda intactos. Assim, juntamo-nos alegremente, na manhã seguinte, em um solene conselho de ação. Concluiu-se que, em primeiro lugar, deveríamos dar de presente seis mil libras a Nuri Shaalan, porque à custa dos seus sofrimentos, nós nos encontrávamos no Sirhan. Exigimos dele liberdade de ficar, enquanto arrolássemos e preparássemos os nossos guerreiros; e quando saíssemos dali, ele deveria cuidar das famílias, das tendas e dos rebanhos dos recrutados.

Estes eram assuntos importantes. Determinou-se que Auda, em pessoa, deveria dirigir-se a Nuri, em missão especial, porque eram amigos. A tribo de

Nuri ficava muito perto e era muito grande para que Auda a guerreasse, apesar da sua senhoril delícia na guerra. O mútuo interesse, naturalmente, dispôs os dois grandes homens a uma aliança — e a convivência deu origem a um curioso sentimento de respeito, em virtude do que cada qual suportou, com paciência, os caprichos do outro. Auda deveria explicar a Nuri o que esperávamos levar a efeito, bem como o desejo de Feisal de que ele fizesse uma demonstração pública de lealdade à Turquia. Só desta maneira poderia ele amparar-nos, continuando, não obstante, a agradar aos turcos.

CAPÍTULO 46

Entrementes, deveríamos ficar com Ali abu Fitna, movendo-nos precavidamente em direção ao norte, com ele, a caminho de Nebk, onde Auda faria com que todos os Abu Tayis se reunissem. Estaria de volta, da visita a Nuri, antes que eles se agrupassem. Este era o assunto, e carregamos seis sacos de ouro nos alforjes de Auda, que partiu. Depois disso, os chefes de Fitenna vieram ter conosco, dizendo-nos que se sentiriam honrados por festejar-nos duas vezes ao dia, pela manhã e ao crepúsculo, enquanto estivéssemos com eles; e eram sinceros no que diziam. A hospitalidade dos Howeitats era ilimitada — não vigoravam, para eles, os três dias de avareza, da lei consuetudinária do deserto — e importuna, não nos deixando evasiva alguma para fugirmos à inteireza do sonho de bem-estar dos nômades.

Todas as manhãs, entre oito e dez horas, um pequeno grupo de éguas puro-sangue, sob grande variedade de imperfeitos arreios, se aproximava do acampamento; Nasir, Nesib, Zeki e eu montávamos esses animais, e com cerca de uma dúzia dos nossos homens a pé passávamos solenemente para o outro lado do vale, pela trilha de areia que serpenteava entre arbustos. Os animais eram conduzidos pelos criados, posto que seria imodéstia cavalgar livre ou rapidamente. Assim, ao acaso, chegávamos à tenda que deveria ser o nosso salão de festas de cada feita; cada família nos disputava em turnos, ofendendo-se profundamente se porventura Zaal, o adjudicador, preferisse qualquer delas fora da justa ordem.

Quando chegávamos, os cães corriam para nós, sendo afastados por espectadores — sempre havia uma multidão reunida ao redor da tenda escolhida — e entrávamos por baixo das cordas, a caminho da metade destinada aos hóspedes; esta metade era ampliada para a ocasião e cuidadosamente ornada de cortinas, do lado do sol, para nos proporcionar sombra. O tímido anfitrião murmurava ao acolher-nos, e desaparecia de novo da nossa vista. Os tapetes da

tribo, tristes coisas vermelhas procedentes de Beirute, estavam prontos para nós, dispostos ao pé das cortinas de separação, ao longo da parede traseira e em transversal ao flanco abaixado, de maneira que nos sentávamos de três lados do espaço aberto e poeirento. Deveríamos ser uns cinqüenta homens, ao todo.

O anfitrião reaparecia, ficando de pé junto à estaca principal da tenda; os nossos companheiros locais de hospedagem, el Dheilan, Zaal e outros xeques, só com muita relutância se deixavam colocar sobre os tapetes entre nós, dividindo o nosso espaço de apoio sobre as selas, forradas de tapetes de feltro dobrados, sobre os quais nos reclinávamos. A frente da tenda ficava desobstruída e os cães eram com freqüência afastados por crianças alegres, que corriam através do espaço vazio, puxando crianças ainda menores atrás de si. Suas roupas diminuíam de acordo com a idade, e os ventres se mostravam mais redondos. As crianças menores ficavam a fitar a comitiva, com seus olhos negros como moscas, gravemente equilibradas sobre as perninhas abertas e nuas, chupando o polegar e expondo-nos a barriga expectante.

Seguia-se uma pausa incômoda, que os nossos amigos procuravam encher, mostrando-nos, no poleiro, o gavião da casa (quando possível, um pássaro marinho apanhado ainda jovem na costa do mar Vermelho), ou o pequeno galo, ou o galgo. Certa vez, um cabrito de montanha foi trazido para ser alvo da nossa admiração; de outra feita, um órix. Quando estes pontos de interesse se exauriam, procuravam e encontravam um tema para uma curta conversa, no intuito de nos distrair, fazendo-nos esquecer os rumores domésticos e não notar as urgentes ordens culinárias murmuradas através das cortinas divisórias, em meio a poderoso olor de gordura fervida e a lufadas de saborosa fumaça de carne.

Depois de algum silêncio, o anfitrião, ou seu representante, adiantava-se e murmurava "Branco ou preto?" — convite para que escolhêssemos café ou chá. Nasir sempre respondia "preto", e o escravo se lhe apresentava com o bule de café em forma de bico em uma das mãos, tendo, na outra, três ou quatro xícaras tilintando, de louça branca, empilhadas umas sobre outras. Despejava algumas gotas de café na xícara de cima e oferecia-a a Nasir; depois, enchia a segunda para mim, e a terceira para Nesib; e ficava parado, enquanto dávamos voltas às xícaras, em nossas mãos, sorvendo-as com cuidado, para receber delas, como bons saboreadores, a última gota, que era a mais rica.

Assim que as xícaras se esvaziavam, o escravo estendia a mão para as apanhar e as colocar rumorosamente de novo umas sobre as outras e distribuí-las com bebida já menos aromática a outro hóspede, pela ordem de precedência; fazia isto com a comitiva inteira, até que todos bebessem. A seguir, voltava a Nasir. Esta

segunda xícara era mais saborosa do que a primeira, em parte porque a bebida se retirava de nível mais profundo, e em parte pelo depósito espesso deixado por tantos bebedores no fundo da xícara; desta maneira, a terceira e a quarta rodadas, se se tardasse tanto para servir a refeição, passavam a ser de surpreendente aroma.

Entretanto, dois homens entravam, por fim, cambaleando através da multidão excitada; traziam o arroz e a carne, em uma grande terrina de estanho, ou mesmo numa espécie de banheira rasa, de um metro e meio de diâmetro, disposta, como grande braseiro, sobre uma coluna. Na tribo, só havia esta única bacia de alimento, de tais proporções; uma inscrição, gravada no metal, corria ao seu redor em floridos caracteres arábicos: "Para a glória de Deus, e a esperança de sua mercê final, propriedade do Seu pobre implorante, Auda, abu Tayi." Era pedida em empréstimo pelo anfitrião que ora nos hospedava; como o meu cérebro e o meu corpo me mantinham acordado, eu, da minha barraca de cobertas, logo às primeiras luzes do dia, podia ver aquele recipiente passar por ali; e, observando o ponto a que ia ter, ficava sabendo onde seríamos alimentados naquele dia.

A terrina, agora, estava cheia; debruava-se, ao longo das bordas, de arroz branco, deixando ao centro uma cratera de trinta centímetros de largura e quinze centímetros de profundidade, coroada por pernas e costelas de carneiro que torreavam sobre o conjunto. Requeriam-se duas ou três vítimas para se fazer, no centro, uma pirâmide assim recoberta, como a honra prescrevia. As postas do centro eram cabeças cozidas, voltadas para cima, apoiadas sobre o coto de pescoço, de maneira que as orelhas, amarelo-escuras como folhas velhas, se deitavam por toda a superfície de arroz. As queixadas bocejavam para cima, vazias; estavam abertas para mostrar a garganta com a língua, ainda cor-de-rosa, a pender sobre os dentes mais baixos; os incisivos coroavam a pilha de branco, muito saliente por cima dos tufos de pêlos das fossas nasais e dos lábios que parecia estar imobilizados em ricto de escárnio.

Esta carga era depositada no solo, no espaço que se abria entre nós, onde ficava a soltar vapores quentes enquanto uma procissão de auxiliares sustentava pequenos caldeirões e cubas de cobre nos quais a refeição havia sido preparada. Do interior destes apetrechos, utilizando-se de conchas muito amassadas de ferro esmaltado, passavam, para a terrina principal, tudo o que fizera parte, por dentro e por fora, dos carneiros; pedaços amarelos de intestino, gordura branca de sob a cauda, músculos e carne de cor vermelho-escura e pele retalhada, tudo a nadar na banha e na manteiga líquidas da fervura. Os circunstantes olhavam ansiosamente

para aquilo, murmurando expressões de satisfação quando um pedaço bem suculento aparecia.

A gordura queimava. A cada momento, qualquer dos homens deixava cair o caldeirão, com exclamações de dor, pondo imediatamente o dedo queimado na boca, sem relutância, para o esfriar; mas todos persistiam na tarefa até que, por fim, as conchas raspassem rumorosamente o fundo das cubas; então, com um gesto de triunfo, retiravam os fígados dos lugares em que os haviam ocultado, sob o molho, e enchiam com eles as queixadas abertas.

Dois homens erguiam cada qual um caldeirão menor, inclinando-o para que o líquido escorresse por cima da carne, até que a cratera de arroz ficasse cheia e que os grãos soltos da beirada nadassem na abundância; ainda assim continuavam a derramar molho, até que, entre gritos de admiração de nossa parte, o líquido transbordasse e uma pequena poça se congelasse no pó do chão. Isto era o toque final de esplendor, e o anfitrião nos chamava para que nos aproximássemos e comêssemos.

Fingíamos surdez, como o exigiam as boas maneiras; por fim, ouvimo-lo, e ficávamos a olhar, surpresos, uns para os outros, cada qual fazendo pressão para que o seu vizinho se movesse primeiro; esta situação durava até que Nasir se erguia timidamente, e, depois dele, todos nós nos adiantávamos para nos ajoelharmos com um joelho só ao redor da bacia, apertando-nos e agachando-nos até que os vinte e dois homens, para os quais mal havia espaço, se agrupassem ao redor da terrina. Virávamos a aba da manga direita à altura do cotovelo e, à voz de Nasir, que proferia um baixo "Em nome de Deus, o generoso, o caridoso", todos nós mergulhávamos juntos.

O primeiro mergulho, da minha mão pelo menos, era sempre cauteloso, pois a gordura líquida se me afigurava tão quente que os meus dedos desacostumados raramente a podiam suportar; assim, eu precisava brincar com um pedaço de carne, exposto e já frio, até que a escavação dos outros drenasse o meu segmento de arroz. Formávamos, entre os dedos (sem sujar a palma da mão) perfeitas bolas de arroz, de gordura, de fígado e de carne, exercendo sobre elas pequenas pressões; depois, as bolas eram projetadas, pela ação de alavanca do polegar, do indicador arqueado para a boca. Com manobra correta e sendo construída com habilidade, a bola se mantinha perfeita e saía desembaraçadamente da mão; mas quando havia excesso de manteiga, ou quando fragmentos de carne, esfriando-se, se colavam aos dedos, estes precisavam ser lambidos cuidadosamente, para que a bola seguinte saltasse com facilidade para a boca.

À medida que a pilha de comida se reduzia (ninguém, na verdade, se incomodava com o arroz: a carne era o luxo) um dos chefes Howeitats, que comia conosco, puxava a adaga, de punho de prata e incrustações de turquesa — obra-prima, assinada, de Mohammed ibn Zari, de Jauf,* e cortava, com golpes em cruz, os ossos maiores, longas postas de carne, facilmente rasgáveis com os dedos; a carne era fervida até ficar bem mole, pois todos deveriam servir-se apenas com a mão direita, única considerada honrosa.

O anfitrião ficava perto do círculo, estimulando o apetite com exclamações pias. Em grande velocidade, torcíamos, rasgávamos, cortávamos e engolíamos: nunca se conversava, posto que a conversação poderia significar um insulto à qualidade do alimento; mas era de boa educação sorrir agradecimentos quando uma pessoa íntima passava um pedaço seleto de carne, ou quando Mohammed el Dheilan, gravemente, entregava um grande osso nu, com sua bênção. Nestas ocasiões, eu retribuía a gentileza com algum odioso e impossível trecho de tripa, impertinência que alegrava os Howeitats, mas que o gracioso e aristocrático Nasir contemplava com um gesto de desaprovação.

Afinal, muitos ficavam quase cheios, começando a brincar e a debicar; olhavam para os lados, até que os restantes também se tornassem mais vagarosos em seus movimentos; finalmente, todos paravam de comer, mantendo-se com o cotovelo sobre o joelho, com a mão a pender do pulso por cima da beirada da terrina, enquanto a gordura, a manteiga e os grãos dispersos de arroz esfriavam transformando-se em uma massa pegajosa que colava os dedos. Quando todos paravam, Nasir arrotava, limpando intencionalmente a própria garganta, e todos nos levantávamos, juntos, depressa, com um explosivo "Deus vo-lo devolva, ó anfitrião", para nos agruparmos lá fora, entre as cordas das tendas, enquanto os outros vinte hóspedes herdavam os nossos restos.

Aqueles, dentre nós, que eram mais asseados, iam ao fundo da tenda, onde a banda de pano do teto, além das últimas estacas, caía como pé de cortina; e, neste lenço comum (cuja malha de pêlo de cabra estava lambuzada pelo excesso de uso) tiravam o grosso da gordura que ficara em suas mãos. Depois, voltávamos aos nossos assentos, e sobre eles nos tornávamos a sentar, suspirando; os escravos, deixando de lado a sua ração, que eram as caveiras dos carneiros, aproximavam-se do nosso círculo com uma concha de madeira cheia de água e com uma xícara de café igualmente funda, para derramar sobre os nossos dedos, enquanto nós esfregávamos as mãos com o sabão coletivo da tribo.

Entrementes, a segunda e a terceira sessões ao redor da bacia se realizavam e depois se distribuía mais uma xícara de café, ou copo de um chá semelhante a

xarope; por fim, traziam-nos os cavalos, corríamos para eles, montávamos, e lançávamos uma bênção ao homem que nos havia hospedado, quando à sua frente passávamos, afastando-nos dali. Assim que dávamos francamente as costas à tenda, as crianças corriam em desordem, tomando de assalto a bacia já desfalcada, arrancando os ossos roídos umas às outras e fugindo para o descampado com qualquer fragmento de valor, a fim de o devorar em segurança, por trás de algum bosque distante; os cães do acampamento rondavam por ali, furtando, e o senhor da tenda oferecia os restos mais escolhidos ao seu galgo.

Nota

* O mais famoso fabricante de espadas do meu tempo era ibn Bani, artesão ferreiro da dinastia de ibn Rachid, de Hail. Certa vez, cavalgou em ação de pilhagem, com os Shammars, contra os Ruallas, sendo capturado. Quando Nuri o reconheceu, fechou, com ele, na prisão, ibn Zari, seu fabricante particular de espadas, jurando que nenhum deles sairia dali enquanto o trabalho de ambos não deixasse de apresentar diferenças. Assim, ibn Zari melhorou muito seu trabalho, continuando a ser, quanto ao desenho, o melhor artista.

CAPÍTULO 47

Comemos regaladamente, no primeiro dia, uma vez; no segundo, duas vezes; no terceiro, outras duas vezes; isto em Isawiya — e, a seguir, a 30 de maio, arreamos e marchamos comodamente durante três horas através de velho campo de lava recoberto de areia rumo a um vale onde poços de dois metros de profundidade, de água salobra como de costume, se apresentaram ao nosso redor. Os Abu Tayis desfizeram o acampamento quando partimos e marcharam ao nosso lado, acampando também ao redor de nós; assim, naquele dia, pela primeira vez, me vi colocado em posição de observador, no coração de uma tribo árabe, e de ator, na rotina da sua marcha.

Aquilo era estranhamente dessemelhante da habitual imobilidade constante do deserto. Durante o dia todo, as verdes extensões de pedras e de arvoredos tremelicavam como miragem, com o movimento de homens a pé, de cavaleiros, de homens montando camelos, de camelos carregando fardos negros que eram os panos de tenda de pêlo de cabra; havia camelos a cambalear curiosamente, parecendo borboletas, e tendo ao dorso as selas aladas e franjadas das mulheres; camelos colmilhosos como mamutes, ou de cauda semelhante às de pássaros, levando as estacas de tendas, feitas de choupo cor de prata, armadas ou a arrastar pelo chão. Não havia ordem, nem controle, nem disciplina de marcha; o que havia era uma frente ampla, grupos que se mantinham juntos por si, partidas simultâneas, tudo o que a insegurança de incontáveis gerações havia tornado instintivo. A diferença era a de que o deserto, cuja disseminação cotidiana aumentava o valor de cada homem, hoje parecia, com o número dos membros de tribo, tornar-se vivo.

A marcha era cômoda e fácil; e nós, que havíamos estado a cuidar da nossa vida durante semanas, achamos que era um descanso além de toda possibilidade de expressão estarmos agora tão bem escoltados, ao ponto de podermos dividir a pequena probabilidade de perigo com um companheiro. Os próprios cameleiros

mais solenes afrouxaram um pouco a sua autoridade; os mais selvagens se tornaram desordeiros e licenciosos. Os primeiros, entre estes, figuram naturalmente Farraj e Daud, meus dois auxiliares, cujo ânimo nenhuma das privações da marcha anterior havia abatido sequer por um instante. Ao redor do seu ponto de marcha, na nossa linha, centralizavam-se dois constantes remoinhos de atividade ou de incidentes assim que as suas endiabradas travessuras encontravam repercussão ou reação.

Abusaram um pouco da minha seca paciência; a praga de serpentes, que nos havia perseguido desde a nossa primeira entrada no Sirhan, assumiu naquele dia proporções tão memoráveis a ponto de se transformar em terror. Em tempos comuns — ao que os árabes diziam — as serpentes eram um pouco piores aqui do que em qualquer ponto próximo de água, no deserto; naquele ano, porém, o vale todo parecia rastejar, coberto como estava de víboras cornutas venenosas, de cobras e de serpentes negras. À noite qualquer movimento se tornava perigoso; e, por fim, consideramos indispensável andar com bengalas, batendo nas moitas de todos os lados enquanto avançávamos cautelosamente com os pés descalços.

Não podíamos tirar água facilmente depois do cair da noite, pois havia serpentes nadando nas lagoas, ou enroladas em nós, ao longo das margens. Por duas vezes, algumas víboras entraram, retorcendo-se, na área do nosso círculo de café. Três dos nossos homens morreram em virtude de picadas; quatro se restabeleceram depois de grande medo, de indizível sofrimento e de inchaço da parte do corpo envenenada. O tratamento dos Howeitats, para o caso, resumia-se em envolver a parte atingida com uma fita de pele de cobra, e ler capítulos do Corão ao ouvido do sofredor, até ele morrer. Só quando, mais tarde, saíram da sua região, é que recobriram seus córneos pés, calçando botas damascenas, que chegavam até ao tornozelo e eram feitas de couro vermelho, com borlas azuis e tacões de casco de cavalo.

Estranha coisa era o costume das serpentes, à noite, pois se deitavam ao nosso lado, provavelmente para se aquecerem, por baixo ou por cima dos nossos cobertores. Depois que soubemos disso, o nosso despertar passou a ser feito com infinito cuidado; e o primeiro a levantar-se fazia pesquisas ao redor dos companheiros, esgaravatando tudo com uma vara, até poder declarar que todos estavam livres. O nosso grupo de cinqüenta homens matou, talvez, vinte serpentes por dia; por fim, estas malharam tanto os nossos nervos que o mais valente de nós tinha receio de tocar no chão; entrementes, os que, como eu, sentiam calafrios de horror em presença de répteis, faziam votos para que a permanência no Sirhan tivesse termo.

Não se dava o mesmo com Farraj e Daud. Para eles, aquilo significava um brinquedo novo e magnífico. Incomodavam-nos continuamente com os alarmes, bem como com o furioso espancar de ramos e raízes inofensivas que porventura lhes esporassem a fantasia. Por fim, na parada do meio-dia, ordenei-lhes severamente que não deixassem escapar dos seus lábios o menor grito designando serpentes; e assim, sentados junto às nossas armadilhas, sobre a areia, tivemos paz. A vida ao nível do solo, de onde era tão difícil erguer-se e caminhar, dispunha o homem à inação — e havia muito sobre o que pensar; de maneira que se deve ter passado uma hora antes que eu notasse os dois obscenos sorrindo e dando cotoveladas um no outro. Meus olhos acompanharam preguiçosamente os deles, até a moita mais próxima, por baixo da qual uma cobra escura se mantinha enrolada, olhando para mim.

Saltei sem demora e chamei Ali, que pulou com o seu bastão de cavalgar e matou a serpente. Ordenei-lhe que aplicasse a cada um dos dois rapazes meia dúzia de pancadas, a fim de lhes ensinar a não cumprir com excesso de rigor as minhas ordens, em meu prejuízo. Nasir, dormitando por trás de mim, ouviu tudo, e com alegria se propôs a aplicar-lhes outra meia dúzia de golpes por sua conta. Nesib imitou-o, o mesmo fazendo Zeki e depois ibn Dgheithir, até que metade dos meus homens reclamava o direito de lhes bater. Os réus se sentiram arrasados quando viram que não bastariam todos os chicotes, nem todos os bastões do grupo, para lhes redimir a culpa; não obstante, poupei-lhes as conseqüências do gesto; em vez de os surrar, proclamei-os falidos morais, com o que foram enviados para junto das mulheres para catar lenha e buscar água para as tendas.

Trabalharam, envergonhados, durante os dois dias que passamos em Abu Tarfeiyat; neste lugar, banqueteamo-nos duas vezes no primeiro e duas vezes no segundo dia. Aí, Nesib se rendeu, e, sob a desculpa da enfermidade, passou a abrigar-se na tenda de Nasir, onde, cheio de expressões de agradecimento, comeu pão seco. Zeki havia estado a gemer pela pista, e o primeiro esforço, em presença da carne ensopada e do arroz gorduroso dos Howeitats, o prostrou. Ele também ficou dentro da tenda, soltando baforadas de desgosto e de disenteria contra nós. O estômago de Nasir possuía uma longa experiência quanto à maneira de comer da tribo, e resistiu com galhardia à prova. Era um grande trabalho para ele, em honra dos companheiros hospedados, responder a toda chamada para refeições; e, para maior honra, obrigava-me sempre a ir com ele. Assim, nós, os dois chefes, representávamos o acampamento todos os dias, com uma decente proporção de famintos Ageyls.

Está claro que aquilo era monótono; mas a cristalina felicidade dos que nos hospedavam era uma satisfação para os nossos olhos, e empaná-la nos parecia crime. Tanto Oxford como Medina haviam procurado curar, a Nasir e a mim, de preconceitos supersticiosos; ao mesmo tempo, haviam-nos complicado tanto, a ponto de fazer-nos reconquistar a simplicidade. Aquela gente estava realizando, para a nossa causa, o máximo da ambição nômade — uma contínua orgia de carneiro cozido. O meu paraíso deveria ter sido uma poltrona, solitária e macia, um apoio para livro e as obras completas dos poetas, compostas em tipos Caslon, impressas em papel flexível: mas eu havia sido bem alimentado, durante vinte e oito anos, e, se a imaginação árabe pairava sobre terrinas de alimentos, mais facilmente se poderia conseguir a sua alegria. Haviam sido previdentes, de maneira expressa, por nossa causa. Poucos dias antes da nossa chegada, um guia-pastor fora ter com eles; e estes, por ordem de Auda, compraram-lhe os cinqüenta carneiros para nos hospedar condignamente. Em quinze refeições (uma semana) consumimos tudo, e a hospitalidade se esgotou.

A digestão voltou e, com ela, a nossa capacidade de movimentos. Estávamos muito cansados do Sirhan. A paisagem era de uma desesperança e de uma tristeza muito mais profunda do que em todos os desertos abertos que havíamos atravessado. A areia, o quartzo, ou mesmo o deserto de rochas nuas eram, por vezes, interessantes, e sob certas luzes apresentavam a monstruosa beleza da estéril desolação; no Sirhan, porém, havia algo de sinistro, algo de ativamente ruim, que palpitava nesta região devotada às serpentes, rica de água salgada, de palmeiras sem ramos e de moitas que não serviam para pasto nem para fogueira.

Marchamos um dia, depois outro, além de Ghutti, cujo pequeno poço continha água quase doce. Quando chegamos perto de Ageila, vimos que a região estava tomada por muitas tendas, e que uma tropa saiu para se encontrar conosco. Era Auda abu Tayi, regressando são e salvo de Nuri Shaaln, e Durzi ibn Dughmi, de um olho só, nosso velho hóspede em Wejh. Sua presença testemunhava a adesão de Nuri, o mesmo fazendo a sua forte escolta montada em cavalos de Rualla; todos, de cabeça nua e a gritar, nos conduziram à casa vazia de Nuri, onde fomos recebidos com grandes demonstrações de esporas e com selvagens deflagrações de tiros de carabinas e revólveres, em pleno galope, através da poeira.

Aquele pobre feudo possuía palmeiras frutíferas, todas cercadas; haviam armado, ao lado do jardim, uma tenda da Mesopotâmia, de pano branco. Ali, igualmente, estava a tenda de Auda, uma enorme sala de sete estacas de comprimento e três de largura; a tenda de Zaal ficava perto, e assim muitas

outras; durante a tarde toda, recebemos fuzilarias de honra, delegações e presentes de ovos de avestruz, ou de guloseimas de Damasco, ou de camelos, ou de magérrimos cavalos; a atmosfera era densa e barulhenta ao nosso redor, por causa dos gritos dos voluntários de Auda que pediam serviço, serviço imediato, contra os turcos.

As coisas pareciam correr bem; mandou-se que três homens preparassem café para os visitantes, os quais se apresentavam a Nasir, um a um, ou grupo a grupo, jurando fidelidade a Feisal e ao movimento árabe, de acordo com a fórmula de Wejh, prometendo obedecer a Nasir, e segui-lo, com os seus contingentes. Além dos presentes formais, cada novo grupo de visitantes depositou, sobre o nosso tapete, o seu presente particular e acidental de piolhos; e muito antes do crepúsculo, Nasir e eu chegamos a ter febre, por acúmulo de irritação e coceira. Auda tinha um braço rígido, efeito de um velho ferimento no cotovelo, e portanto não podia coçar-se por inteiro; mas a experiência havia-lhe ensinado o modo de meter um bastão de cameleiro, com cabo em forma de cruz, pela manga esquerda, e de girar de um lado para outro contra as costelas — método que, parece, aliviava mais o seu prurido do que o faziam os dedos para o nosso.

CAPÍTULO 48

Nebk, que estava para ser a nossa próxima etapa, tinha bastante água e alguma pastagem. Auda a havia indicado como posto de repouso, em virtude da conveniente vizinhança dos Blaidats, ou "lugarejos de sal". Ali, Auda e o xerife Nasir permaneceram dias; trataram do arrolamento de homens e prepararam a rota pela qual deveríamos marchar, aproximando-nos das tribos e dos xeques que viviam nas redondezas. Houve tempo de sobra para Nasib, Zeki e para mim próprio. Como de costume, o instável critério de julgamento sírio, incapaz de se concentrar no ponto sutil da virtude, perambulou dentro da circunferência. Na inebriante atmosfera do primeiro entusiasmo, haviam esquecido Akaba e desprezavam o propósito que nos conduzira para a região em que nos encontramos. Nesib conhecia os Shaalans e os Drusos. Sua mente admitia este, e não os Howeitats; atacara em Deraa, não em Maan; ocupara Damasco, mas não Akaba. Nesib afirmava que os turcos se achavam todos desprevenidos; que estávamos certos de atingir o nosso primeiro objetivo, por meio de surpresa pura; e que, portanto, o nosso objetivo deveria ser o mais elevado. Damasco estava sendo indicada pelo dedo de um destino inevitável.

Assinalei-lhe, em vão, que Feisal ainda estava em Wejh; os ingleses, ainda do lado impróprio de Gaza; o novo exército turco, concentrando-se em Aleppo a fim de recuperar a Mesopotâmia. Mostrei-lhe como nós, em Damasco, ficaríamos sem apoio, sem recursos nem organização, sem base, sem sequer uma linha de comunicação com os nossos amigos. Mas Nesib superava a geografia, ia além da tática, e só meios sórdidos conseguiriam abatê-lo. Assim, fui ter com Auda; disse-lhe que, adotando-se o novo objetivo, o crédito e o dinheiro deveriam ir para as mãos de Nuri Shaalan, e não de Nesib; fui ter com Nasir, e utilizei-me da influência, bem como da nossa mútua estima, no intuito de mantê-lo ao lado do meu plano; dei novo alento ao ciúme excessivamente fácil de ser ateado entre um xerife e um damasceno; entre um autêntico Shia,

descendente de Ali e do martirizado Hussein, e um descendente, de reputação muito duvidosa, do "sucessor" Abu Bekr.

Para o nosso movimento, este ponto significava vida e morte. Eu estava certo de que, se tomássemos Damasco, não conseguiríamos mantê-la em nosso poder durante seis semanas, porque Murray não se encontrava em condições de atacar imediatamente os turcos, nem o transporte marítimo estaria disponível ao primeiro chamado para desembarcar um exército britânico em Beirute; e, perdendo Damasco, perderíamos o apoio de que dispúnhamos (dos que nos amparavam, só o primeiro ímpeto era proveitoso: uma rebelião que estagnasse, ou que retrocedesse, estaria perdida) sem conquistar Akaba, que era a última base em águas seguras; e, no meu modo de pensar, era igualmente a única porta, com exceção do Eufrates Médio, que poderíamos abrir para a entrada garantidamente segura na Síria.

O valor especial de Akaba, para os turcos, estava nisto: quando o quisessem, poderiam constituir uma séria ameaça ao flanco direito do exército britânico. Ao fim de 1914, o supremo comando havia pensado em transformar Akaba em rota principal para o Canal, mas encontrou grandes dificuldades de alimentação e de água, adotando, em seu lugar, a rota de Beersheba. Agora, entretanto, os britânicos haviam abandonado as posições do Canal, avançando diretamente para Gaza e Beersheba. Isto facilitava o abastecimento do exército turco, encurtando-lhe a linha. Conseqüentemente, os turcos tinham excesso de meios de transporte. Akaba era também de grande valor geográfico — valor maior agora do que outrora — porque ficava presentemente por trás da direita britânica; uma pequena força, atuando daquele lado, ameaçaria com eficiência tanto El Arish como Suez.

Os árabes precisavam de Akaba: em primeiro lugar, para estender a linha, que era o seu princípio tático; em segundo lugar, para se ligarem aos britânicos. Se tomassem Akaba, o mesmo ato lhes daria o Sinai, realizando-se a junção positiva entre eles e *Sir* Archibald Murray. Desta forma, tornando-se realmente úteis, obteriam auxílio material. A fragilidade humana do estado-maior de Murray era tal que nada, afora o contato físico com o nosso êxito, o persuadiria da nossa importância. Murray era amigo; mas, se nos tornássemos a sua ala direita, poderia equipar-nos devidamente, quase que sem o pedirmos. De conformidade com tudo isto, Akaba significava, para os árabes, abundância de alimentos, de dinheiro, de canhões e de conselheiros. Eu queria o contato com os britânicos; queria agir como ala direita dos Aliados na conquista da Palestina e da Síria; queria satisfazer o desejo dos povos de idioma árabe e do deserto, quanto à

liberdade e ao governo próprio. Aos meus olhos, se a revolta não atingisse o principal campo de batalha contra a Turquia, teria de confessar o seu fracasso e ficar sendo mera demonstração circunstancial de outra demonstração circunstancial. Eu havia pregado, a Feisal, desde o nosso primeiro encontro, que a liberdade era coisa tomada, não dada.

Tanto Nasir como Auda, felizmente, corresponderam às minhas sugestões; e, depois de recriminações, Nesib deixou-nos, marchando com Zeki, para a montanha Drusa, a fim de ali realizar os trabalhos preliminares indispensáveis à apresentação do seu grande plano contra Damasco. Eu sabia da sua incapacidade de criar; mas não estava nas minhas intenções permitir ainda que fosse o mais fraco levante naquela região que desperdiçaria o nosso futuro material. Assim, tive o cuidado de lhe aparar as garras antes que partisse, retirando-lhe a maior parte do dinheiro que Feisal, na distribuição, lhe havia entregue. O louco facilitou-me este trabalho, por saber que não possuía o suficiente para tudo quanto premeditava; e, medindo a moralidade da Inglaterra pelo critério da sua insignificância, veio a mim, para que eu lhe prometesse ainda mais, se ele conseguisse levantar os sírios, em movimento independente do de Feisal, sob sua própria chefia. Não tive receio algum de tão desagradável milagre; e, em vez de o qualificar como desertor, ofereci-lhe imediata promessa de auxílio futuro, se se dispusesse, naquele instante, a entregar-me o seu saldo, a fim de chegarmos a Akaba, onde eu poderia pôr fundos à disposição das necessidades gerais. Rendeu-se à minha proposta, embora de má vontade; e Nasir se deliciou recebendo inesperadamente dois sacos de dinheiro.

Contudo, o otimismo de Nesib produziu seu efeito sobre mim; enquanto eu pensava que a libertação da Síria se estivesse processando por degraus, dos quais Akaba era o indispensável primeiro, agora eu via que os degraus se aproximavam e se agrupavam; e, assim que Nesib se perdeu de vista, planejei partir, mais ou menos à sua maneira, para uma longa travessia da região norte. Eu sentia que mais outro exame da Síria poria na devida ordem as idéias estratégicas que me haviam sido dadas pelos cruzados e pela primeira conquista árabe, ajustando-as aos dois novos fatores — as estradas de ferro e a presença de Murray e Sinai.

Além disto, qualquer aventura temerária se adequava ao meu humor desalentado. Deveria constituir verdadeira felicidade o fato de me sentir tão livre como o ar, com a vida visível realizando os mais extremos esforços ao longo da minha própria pista; mas o conhecimento do machado que eu estava afiando secretamente destruía toda a minha segurança.

A revolta árabe havia começado com falsas alegações. Para obter o auxílio do xerife, o nosso gabinete se oferecera, por intermédio de *Sir* Henry McMahon, no intuito de apoiar o estabelecimento de governos nativos em determinadas partes da Síria e da Mesopotâmia, "respeitando os interesses da nossa aliada, a França". A última cláusula, na sua modéstia, ocultava um tratado (mantido em segredo, até tarde demais, relativamente a McMahon, e portanto ao xerife) pelo qual a França, a Inglaterra e a Rússia concordavam em anexar algumas destas áreas prometidas e em estabelecer as suas respectivas esferas de influência sobre todo o resto.

Rumores em torno da fraude chegaram aos ouvidos árabes, procedendo da Turquia. No Oriente, as pessoas mereciam mais confiança do que as instituições. Assim, os árabes, tendo provado a minha amizade e a minha sinceridade sob o fogo, pediram-me, na qualidade de agente livre, que endossasse as promessas do governo britânico. Eu não tinha tido conhecimento prévio, nem íntimo, das garantias oferecidas por McMahon, nem pelo tratado Sykes-Picot, que haviam sido elaboradas por departamentos de tempo de guerra do ministério das Relações Exteriores. Mas, não sendo louco perfeito, eu via claramente que, se ganhássemos a guerra, as promessas aos árabes passariam a ser papel inútil. Fosse eu conselheiro honrado, teria enviado os meus homens cada qual para sua casa, e não permitido que arriscassem suas vidas em semelhante burla. Contudo, a inspiração árabe era o nosso principal instrumento para a consecução da vitória na guerra oriental. Assim, garanti-lhes que a Inglaterra manteria a sua palavra, na letra e no espírito. Nesta certeza, os árabes levaram a termo seus feitos mais notáveis; mas, naturalmente, em vez de me orgulhar pelo que juntos fizemos, eu me sentia contínua e amargamente envergonhado.

A visão clara da minha situação me foi proporcionada certa noite, quando o velho Nuri Shaalan, na sua tenda de sacadas laterais, puxou uma pasta de documentos, perguntando-me qual das promessas britânicas deveria merecer crédito. No seu humor, após a minha resposta, residia o êxito ou o fracasso de Feisal. O meu conselho, expresso com grande agonia de alma, foi o de se confiar na última das contradições, em ordem de data. Esta resposta simulada me promoveu, em seis meses, à categoria de primeiro homem de confiança. No Hedjaz, os xerifes eram tudo, e eu havia aliviado a minha consciência contando a Feisal como era oca a sua base. Na Síria, a Inglaterra era poderosa e o xerife muito pouco. Assim, tornei-me figura principal.

Em compensação, jurei fazer da revolta árabe o motor do seu próprio êxito, da mesma forma por que a tornava o esteio da nossa campanha egípcia: — e jurei

chefiá-la tão loucamente, até a vitoria final, de maneira a forçar o sentido oportunista a aconselhar, às potências, a justa regularização das reclamações morais dos árabes. Isto presumia a minha sobrevivência à guerra, a fim de ganhar a derradeira batalha da câmara do conselho — presunções imodestas, que ainda vacilam no seu cumprimento.* Contudo, a existência da fraude ficava fora de contestação.

Era claro que eu não tinha sequer sombra de direito para empenhar os árabes, incônscios, num jogo de vida e de morte. Inevitável e justamente, acabaríamos amadurecendo amarguras, triste fruto de conduta heróica. Assim, pelo ressentimento decorrente da minha falsa posição (já mentiu, porventura, um segundo-tenente, desta forma, no exterior, em prol dos seus superiores?), empreendi a longa e perigosa viagem, para durante a mesma me encontrar com os mais importantes dos amigos secretos de Feisal e estudar as posições mestras das nossas futuras campanhas; mas os resultados não podiam ser medidos pelos riscos, e o meu gesto era artisticamente injustificável, como o seu motivo. Murmurei de mim para comigo: "Arrisco agora, antes de começar", vendo, na verdade, que aquela era a última cartada e que, depois da vitoriosa captura de Akaba, eu nunca mais me possuiria a mim próprio, livremente, sem associações de idéias, com a segurança que os medíocres encontram na própria sombra protetora.

Diante de mim, abria-se o panorama da responsabilidade e do comando, o que desagradava à minha índole enigmaticamente pensativa. Sentia-me humilde para ocupar o lugar de homem de ação; porque os meus padrões de valor eram uma obstinada reação contra os deles, e eu desprezava a sua felicidade. A minha alma andava sempre ansiosa por menos do que tinha, porque os meus sentidos, mais indolentes do que os sentidos da maioria dos homens, precisavam do contato imediato para completar a percepção; distinguiam apenas espécies, e não matizes.

Quando regressei, era o dia 16 de junho, e Nasir ainda se encontrava trabalhando na sua tenda. Ele e Auda viram coisas excessivas um do outro, e isto não podia, portanto, cooperar para seu bem; mais tarde, houve ruptura; mas esta foi facilmente soldada, e, depois de um dia, o velho estava conosco tanto quanto estivera em outros tempos, mostrando-se igualmente gentil e igualmente difícil. Ficávamos de pé, sempre, quando ele entrava; não pela sua qualidade de xeque, pois sentados recebíamos xeques de cepa muito mais antiga; mas porque era Auda, e Auda era esplêndida coisa ainda a ser. O velho homem gostava disto e,

por mais que o pudéssemos disputar, todos tinham a certeza de que realmente éramos seus amigos.

Encontrávamo-nos agora a cinco semanas de distância de Wejh: tínhamos despendido quase todo o dinheiro trazido conosco; havíamos comido todos os carneiros dos Howeitats; havíamos repousado ou substituído todos os nossos velhos camelos; nada embaraçava a partida. A novidade da aventura em perspectiva nos consolava de tudo; e Auda, importando mais carneiros, ofereceu uma festa de despedida, a maior da série toda, na sua enorme tenda, na véspera da nossa marcha. Centenas de pessoas se encontravam presentes, e cinco conteúdos da grande terrina de refeições foram devorados consecutivamente, com a mesma rapidez com que eram cozidos e postos à disposição.

Veio o crepúsculo, deliciosamente rubro e, depois do banquete, a comitiva inteira se disseminou ao redor da fogueira do café, em deliciosa indolência, sob as estrelas, enquanto Auda e outros nos contavam histórias. Numa pausa notei, casualmente, que havia procurado Mohammed el Dheilan na sua tenda, naquela tarde, a fim de lhe agradecer o leite de camela que me havia dado; mas não o encontrara. Auda gritou de alegria, a tal ponto que todos ficaram a olhar para ele; e, depois, no silêncio que caiu para que todos tivessem conhecimento da pilhéria, apontou para Mohammed, que se encontrava sentado ao lado do almofariz de café, e disse na sua voz imensa: "Ah! Devo dizer por que motivo Mohammed, durante quinze dias, não dormiu na sua tenda?" Todos riram de boca fechada, mas com deleite, e a conversação parou; a multidão toda se deitou no solo, apoiando o rosto nas mãos, preparada para colher os bons pontos da história que já havia ouvido talvez umas vinte vezes. As mulheres — as três esposas de Auda, a esposa de Zaal e algumas de Mohammed — que haviam estado a cozinhar, aproximaram-se, segurando o ventre, no andar solavancado que haviam adquirido de tanto carregar pesos sobre a cabeça, até que se viram perto da cortina divisória; e ali elas ouviram, como os restantes, o que Auda contou, prolixamente, a respeito de Mohammed; este havia comprado, publicamente, no bazar, em Wejh, um caro colar de pérolas, não o dando, entretanto, a qualquer de suas esposas; por esta razão, todas elas andavam em desacordo, exceto na comum rejeição a ele.

A história era, naturalmente, pura invenção — resultante do bom humor de duende de Auda, elevado pelo estímulo da revolta — e o infeliz Mohammed, que se havia arrastado toda aquela quinzena, hospedando-se ao acaso com este ou aquele dos membros da tribo, clamou a Deus por mercê, e a mim por

testemunha, de que Auda mentia. Limpei minha garganta, solenemente. Auda pediu silêncio, implorando-me que confirmasse as suas palavras.

Comecei com a frase de introdução das narrativas formais: "Em nome de Deus, o caridoso, o misericordioso." Éramos seis, em Wejh. Havia Auda, Mohammed, Zaal, Gasim el Shimt, Mufaddhi e o pobre homem (eu mesmo); e certa noite, precisamente antes da madrugada, Auda disse: "Façamos uma incursão contra o mercado." E nós dissemos: "Em nome de Deus." E fomos; "Auda em roupagem branca e turbante vermelho; Kasim com sandálias de tiras de couro; Mohammed com uma túnica de seda de 'sete reis', e descalço; Zaal... esqueço-me de Zaal. Gasim vestia-se de algodão, e Mufaddhi de seda, com listas azuis, e turbante bordado. O seu criado estava como o seu criado."

Minha pausa se encheu de estupefação. Isto era a paródia exata do estilo épico de Auda; e eu imitava também o movimento de sua mão, a rotundidade da sua voz, bem como o tom que subia e descia, para acentuar os pontos importantes, ou os que ele pensava que fossem importantes, das suas histórias absolutamente sem importância alguma. Os Howeitats mantinham-se silenciosos como a morte, retorcendo o corpo todo dentro dos camisões endurecidos de suor, tal a sua alegria, e olhando avidamente para Auda; porque todos reconheciam o original, e a paródia era uma arte nova para eles e para ele. O homem do café, Mufaddhi, Shammar refugiado em virtude de culpa de sangue, personagem da narrativa, esqueceu-se até de empilhar novos ramos sobre o seu fogo, pela fixidez com que se pôs a ouvir o conto.

Narrei como deixamos as tendas, listando as tendas, e como marchamos a caminho da cidade, descrevendo cada camelo e cada cavalo que vimos, contando os passantes, bem como as dunas, "todas nuas de pastagem, porque, por Deus, aquela terra era nua". E marcharmos; e depois de marchamos o tempo em que se fuma um cigarro, ouvimos alguma coisa, e Auda parou e disse: "Rapazes, eu ouvi alguma coisa." E Zaal: "Por Deus, vocês têm razão." E paramos para ouvir; mas nada havia; e o pobre homem disse: "Por Deus, não ouço nada." E Zaal disse: "Por Deus, não ouço nada." E Mohammed disse: "Por Deus, não ouço nada." E Auda disse: "Por Deus, vocês têm razão."

"E nós marchamos, marchamos, e a terra era nua, e não ouvíamos nada. E, pela nossa direita, chegou um homem, um negro, sobre um jumento. O jumento era cor de cinza, com orelhas negras, um pé preto e, numa das espáduas, havia um sinal como este '(uma garatuja no ar)' e a sua cauda se movia, o mesmo fazendo as suas pernas; Auda viu aquilo e disse: 'Por Deus, um jumento. 'E Mohammed disse:' Pelo verdadeiro Deus, um jumento e um escravo.' E nós

marchamos. E então surgiu um outeiro, mas um outeiro tão grande como daqui a como-se-chama-aquilo (*lil biliyeh el hok*) isto é, bem além: e nós caminhamos para o outeiro e tudo era nu. Esta terra era nua, nua, nua.

"E nós marchamos; e, além de como-se-chama-aquilo, havia o que-quer-que-ali-estivesse, tão longe como até aqui, vindo de lá, e, depois, uma colina; e chegamos, a esta colina, e subimos colina acima; era nua, toda aquela terra era nua; e assim que chegamos ao topo daquela colina, e que nos achamos bem no topo daquela colina, e que atingimos o fim do topo daquela colina, por Deus, por Deus, pelo verdadeiro Deus, o sol despontou por cima de nós."

Isto deu por finda a sessão. Todos haviam ouvido aquele despontar de sol vinte vezes, na sua imensa passagem do sublime ao ridículo; uma agonia, amontoada de frases entrelaçadas, repetidas vezes sem conta, com entusiasmo de cortar a respiração, por Auda, a fim de prolongar por horas e horas o calafrio de uma história de incursão, na qual nada acontecia; e o resto trivial da minha narrativa foi exagerado ao grau necessário, para o tornar semelhante aos contos de Auda; o mesmo se deu com a história da caminhada em direção ao mercado, em Wejh, que muitos de nós haviam feito. A tribo toda se retorcia, em ondas de gargalhadas, pelo chão.

Auda gargalhou mais alta e mais longamente, porque gostava de gracejos a seu respeito; e a fatuidade da minha épica lhe mostrou a sua própria segura mestria na ação descritiva. Beijou Mohammed e confessou a invenção do caso do colar. Em sinal de gratidão, Mohammed convidou o acampamento a almoçar com ele, na sua tenda reconquistada, no dia seguinte, uma hora antes da partida para o nosso golpe de ave de rapina contra Akaba. Teríamos um filhote de camelo, ainda de mama, fervido em soro de leite, pelas suas esposas: cozinheiras famosas, e prato legendário!

A seguir, sentamo-nos ao pé da muralha do feudo de Nuri, e vimos as mulheres desarmar a grande tenda, maior do que a de Auda, com oito vãos de vinte e quatro estacas ao todo, mais longa, mais larga e mais leve do que qualquer outra da tribo, e nova, como o resto dos bens de Mohammed. Os Abu Tayis davam nova disposição ao acampamento, para defesa, quando os seus guerreiros partiam. Durante a tarde toda, as tendas chegaram e se armaram perto de nós. O grande pano oblongo era estendido no chão; havia cordas às extremidades, aos lados, junto à bainha das estacas, que eram esticadas e amarradas às cavilhas. Depois, a anfitriã colocava as estacas leves, uma por vez, por baixo do pano, erguia-as, até que o conjunto se armasse; os paus eram fixados no chão, por uma fraca mulher, com uma só mão, fosse qual fosse a violência do vento.

Quando chovia, uma carreira de estacas era plantada ao pé da tenda e inclinada para trás, de maneira a inclinar o pano do teto com obliqüidade suficiente para escorrer a água e tornar a tenda razoavelmente à prova de chuva. No verão, a tenda árabe era menos quente do que a nossa, porque o calor solar não era absorvido pelo pano folgadamente entretecido, de pêlo de camelo e de lã, com espaços para ar e correntes de vento entre as costuras.

Nota

* 1919: mas, dois anos mais tarde, o sr. Winston Churchill foi incumbido, pelo nosso fatigado gabinete, da regularização do Oriente Próximo; e, em poucas semanas, na sua conferência do Cairo, desfez a confusão, encontrando soluções que realizavam (eu o penso) as nossas promessas, na letra e no espírito (na medida do humanamente possível) sem sacrificar qualquer interesse do nosso Império, ou qualquer interesse dos povos em questão. Assim, ficamos quites quanto à aventura oriental do tempo da guerra, com mãos limpas; mas isto se deu três anos depois, tarde demais para merecermos a gratidão que os povos, senão os Estados, poderiam sentir.

CAPÍTULO 49

Partimos às onze horas. Nasir guiou-nos, montando a sua Ghazala — camela de grande corcova e enormes costelas, semelhante a uma galera antiga; superava os nossos animais em uns bons trinta centímetros e, não obstante, era perfeitamente proporcionada, com o andar parecido ao dos avestruzes — irracional lírico, o mais nobre e o mais bem alimentado dos camelos dos Howeitats, fêmea de nove crias memoráveis. Auda marchava ao lado de Nasir, e eu escaramuçava ao redor da gravidade de ambos sobre a Naama, "o avestruz fêmea", camela de corrida e minha última aquisição. Atrás de mim, vinham os meus Ageyls, com Mohammed, o desengonçado. Mohammed, agora, ia acompanhado por Ahmed, outro camponês, que havia vivido durante seis anos entre os Howeitats, pela força dos seus músculos e das suas astúcias — sabido e ávido rufião.

Dezoito metros de subida nos arrancaram do Sirhan, fazendo-nos desembocar no primeiro terraço dos Ard el Suwans — região de rochas de cristal negro sobre pedra calcária; nada de muito sólido, mas suficientemente duro, nas pistas, por onde os pés dos camelos, pisando ao longo de séculos, haviam desgastado o leito, de maneira a afundá-las três a cinco centímetros abaixo da superfície geral. A nossa meta era Bair, histórico grupo de poços e de ruínas de Ghassanid, no deserto, a cinqüenta ou sessenta quilômetros a oriente da estrada de ferro do Hedjaz. Bair ficava a cerca de noventa quilômetros à nossa frente, e ali deveríamos acampar durante uns poucos dias, enquanto os batedores nos trariam farinha, das aldeias das montanhas, acima do mar Morto. Os alimentos trazidos de Wejh estavam quase acabados (exceto os de Nasir, que ainda possuía parte do precioso arroz para as grandes ocasiões) e ainda não nos era possível predeterminar a data da nossa chegada a Akaba.

O nosso grupo, agora, tinha o total de mais de quinhentos homens; e a vista da esplêndida multidão destes elementos do norte, confiantes e arrojados, caçando gazelas, com selvageria, na imensidão do deserto, dissipava do nosso

espírito, em trégua momentânea, toda apreensão triste quanto ao desenlace do nosso empreendimento. Sentimos que aquela era uma noite de arroz, e os chefes dos Abu Tayis vieram jantar conosco. Depois, com as brasas da fogueira do café agradavelmente rubras, colocadas no nosso círculo, contra o frio daquela região nórdica e de planalto, sentamo-nos ao acaso sobre os tapetes, tagarelando despreocupadamente a propósito deste ou daquele acontecimento remoto.

Nasir deitou-se de costas para o chão, com o meu binóculo, e começou a estudar as estrelas, contando, em voz alta, primeiro um grupo e depois outro, e gritando, com surpresa, sempre que descobria pequenas luzes ainda não por ele notadas a olho nu. Auda levou-nos a falar sobre telescópios — sobre os grandes — e sobre como o homem, em três mil anos, havia progredido tanto em relação aos primeiros passos a ponto de agora poder construir binóculos tão longos como tendas, por meio dos quais se contavam milhares de estrelas desconhecidas. "E as estrelas — que é que são elas?" Descambamos para conversações de sóis além de sóis, de tamanhos e distâncias além de qualquer imaginação. "Que é que acontecerá, agora, com estes conhecimentos?", indagou Mohammed. "Nós ficaremos sentados, mas muitos homens sábios e alguns homens hábeis, juntos, construirão binóculos mais poderosos do que os nossos, como os nossos o são em relação aos de Galileu; e outras centenas de astrônomos distinguirão e identificarão ainda mais milhares de estrelas agora não vistas, catalogando-as e atribuindo a cada qual o seu nome. Quando conseguirmos vê-las todas, não haverá mais noite no céu."

"Por que é que os ocidentais estão sempre a desejar tudo?", perguntou Auda, provocadoramente. "Por trás das poucas estrelas nossas, podemos ver Deus, que não está por trás dos milhões das suas." "Queremos o fim do mundo, Auda", "mas isso pertence a Deus", queixou-se Zaal, meio aborrecido. Mohammed não queria mudar de assunto. "Haverá homens nesses mundos maiores?", indagou. "Deus o sabe." "E cada mundo tem o Profeta, o céu e o inferno?", Auda irrompeu contra ele. "Rapazes, nós conhecemos os nossos distritos, os nossos camelos e as nossas mulheres. O resto e a glória pertencem a Deus. Se a finalidade da sabedoria é acrescentar estrela a estrela, a nossa ignorância está confortada." E, a seguir, falou de dinheiro, e distraiu o espírito de todos, até que os homens se puseram a cochichar ao mesmo tempo. Depois murmurou para mim se eu deveria dar-lhe um valioso presente, da parte de Feisal, quando ele conquistasse Akaba.

Marchamos pela madrugada e, em uma hora, atingimos Wagf, a linha divisória, rumando pelo seu lado mais cômodo. O outeiro era apenas um banco

de greda, capeado de quartzo, da altura de cerca de sessenta metros. Achávamo-nos, agora, no cavado, entre o Snainirat, ao sul e, ao norte, os três picos brancos do Thlaithukhwat, grupo de montanhas cônicas que brilhavam como neve à luz do sol. Logo entramos no Wadi Bair, e marchamos ao longo e através dele, durante horas. Tinha havido enchente por ali na primavera, o que provocara um rico crescimento de ervas entre moitas de espinheiros. Aquilo era verde e agradável aos nossos olhos, bem como ao paladar dos camelos famintos, depois da longa hostilidade do Sirhan.

Súbito, Auda me disse que marcharia à frente, para Bair; iria eu com ele? Fomos depressa e, em duas horas, chegamos ao lugar, de súbito, no sopé de um outeiro. Auda apressara-se para visitar a tumba de seu filho Annad, que havia sido eliminado em cilada por cinco dos seus primos Motalgas, como vingança por causa de Abtan, seu campeão, abatido por Annad, em combate singular. Auda contou-me como Annad calvagara para eles, um contra cinco, morrendo como era de dever; isto, porém, deixara apenas o pequeno Mohammed entre ele e a ausência de filhos. Auda levara-me consigo para ouvi-lo lamentar grandemente aquela morte.

Não obstante, enquanto marchávamos a caminho das sepulturas, sentimo-nos estupefatos por ver fumaça espiralando do chão, ao redor dos poços. Mudamos de direção, em ângulo e, com cautela, aproximamo-nos das ruínas. Parecia não haver ninguém ali; mas o bolo de estrume ao redor da borda do poço estava superficialmente queimado, e o próprio poço apresentava o parapeito partido. O chão estava rasgado e chamuscado, como se houvesse havido uma explosão; e quando olhamos pelo poço abaixo, vimos o seu forro cheio de brechas, com partes lascadas, e muitos blocos atirados pelo vão abaixo, quase barrando a abertura e cobrindo a água no fundo. Farejei o ar e pensei que o cheiro fosse de dinamite.

Auda correu para o poço próximo, no leito do vale, abaixo das sepulturas; e também este se apresentava com estragos no parapeito e com pedras atiradas ao fundo. “Isto”, disse ele, “é trabalho dos Jazis.” Atravessamos o vale, para atingir o terceiro poço — o Beni Sakhr. Era apenas uma cratera de pedra calcária. Zaal chegou, assumindo um aspecto grave, à vista do desastre. Exploramos a estalagem oriental em ruínas, onde havia rastros, da noite anterior, de uns cem cavalos. Havia um quarto poço, ao norte nas ruínas, na planície aberta, e para ele nos dirigimos, sem esperança, a indagar o que seria de nós se Bair toda estivesse destruída. Para nossa alegria, o poço estava perfeito.

Era um poço Jazi, e a sua imunidade coloria fortemente a teoria de Auda. Sentimo-nos desconcertados ao saber que os turcos estavam tão prontos para reagir, e começamos a temer que talvez houvessem feito incursões também contra El Jefer, a leste de Maan, ao redor de cujos poços planejávamos concentrar-nos antes do ataque. A obstrução destes pontos de água constituiria um sério embaraço. Entrementes, graças ao quarto poço, a nossa situação, embora desconfortável, não era perigosa. Contudo, o suprimento de água era insuficiente para quinhentos camelos; desta maneira, tornou-se imperativa a abertura do menos danificado dos outros poços — daquele que ficava entre as ruínas, ao redor de cuja boca a turfa desmoronara. Auda e eu saímos, com Nasir, para o examinar de novo.

Um Ageyli nos trouxe uma caixa vazia de gelignite Nobel, que era, evidentemente, o explosivo que os turcos haviam empregado. Pelo escalavramento do solo, era claro que várias cargas haviam sido deflagradas simultaneamente ao redor do topo do poço, bem como no seu vão. Olhando pela abertura abaixo, até que a nossa vista se habituasse à sua escuridão, vislumbramos, de súbito, muitos nichos abertos na parede circular do poço, a menos de seis metros abaixo da boca. Alguns ainda se encontravam carregados, e tinham fios de arame a pender.

Com toda evidência, havia ali a segunda série de cargas, ou ineficientemente ligadas, ou dotadas de pavio excessivamente longo. Desenrolamos, a toda pressa, as nossas cordas de balde, entrelaçamo-las, soltando-as depois no poço, em meio à sua abertura, onde ficaram a pender de uma vara posta de través; os flancos estavam tão cambaleantes, que até o esfregar da corda poderia deslocar os blocos. Descobri, assim, que as cargas eram pequenas, de não mais de um quilo e trezentos cada uma, tendo sido ligadas em série por meio de cabos telefônicos de campo. Alguma coisa, porém, não havia corrido bem. Ou os turcos haviam fugido à sua tarefa, ou os seus batedores nos haviam visto chegar antes que os operadores tivessem tido tempo de proceder às conexões.

Assim, logo tivemos dois poços bons, e um lucro líquido de treze quilos de gelignite inimiga. Determinamos ficar uma semana naquela afortunada Bair. Uma terceira tarefa — verificar as condições dos poços de Jefer — acrescentava-se, agora, às nossas necessidades de abastecimento e de notícias relativas ao estado de espírito das tribos localizadas entre Maan e Akaba. Enviamos um homem a Jefer. Preparamos uma pequena caravana de camelos de carga, com a marca dos Howeitats, e os enviamos além da linha, para Tafileh, com três ou quatro obscuros homens de clã — gente que nunca poderia ser suspeita de

associação conosco. Estes homens tinham o encargo de comprar toda a farinha que encontrassem e trazê-las de regresso, a nós, no prazo de cinco ou seis dias.

Quanto às tribos situadas à margem da estrada de Akaba, desejávamos o seu apoio ativo contra os turcos, a fim de desenvolvermos o plano de provisões arquitetado em Wejh. A nossa idéia era a de avançar de repente de El Jefer, atravessar a linha férrea e atingir o topo da grande passagem — Nagb el Shtar — por onde a estrada se afundava do planalto de Maan até a planície vermelha de Guweira. Para dominarmos esta passagem, precisaríamos capturar Aba el Lissan, o grande ponto de água fortificado onde a passagem começava, a cerca de vinte e cinco quilômetros a partir de Maan; mas a guarnição era pequena, e esperávamos tomá-la numa arrancada. Dominaríamos, depois, a estrada, cujos postos, ao fim da semana, cairiam pela fome; era provável, embora, que antes disso as tribos das montanhas, recebendo a notícia do nosso feliz começo, se juntassem a nós para varrer o inimigo dali.

O enigma do nosso plano estava no ataque contra Aba el Lissan, pois era preciso que a força de Maan não tivesse tempo de irromper, de socorrer os postos e de expulsar-nos do cabeço de Shtar. Se, no momento, formassem apenas um batalhão, dificilmente ousariam mover-se; e se deixassem a posição cair, à espera de reforços a chegar, Akaba se renderia a nós e passaríamos a ter uma base no mar, ficando a vantajosa garganta de Itm entre nós e o inimigo. Assim, a minha garantia de êxito estava em manter Maan descuidada e fraca, sem suspeitar da nossa malévola presença nas suas redondezas.

Nunca havia sido fácil, para nós, conservar os nossos movimentos em segredo, por vivermos fazendo pregações às populações locais; os não convencidos contavam tudo aos turcos. A nossa longa marcha para o Wadi Sirhan era conhecida do inimigo, e a mais paisana das corujas não podia deixar de ver que o único objetivo possível era Akaba. A demolição de Bair (e também de Jefer, pois tivemos a confirmação de que os sete poços de Jefer haviam sido destruídos) revelavam que os turcos se encontravam alertados por toda aquela extensão.

Entretanto, não se sabia como medir a estupidez do exército turco; ponto que, de quando em quando, nos auxiliava, mas que também nos prejudicava constantemente, pois não podíamos evitar o desprezo para com eles, por causa disso (uma vez que os árabes eram raça dotada de uma incomum rapidez de mente, supervalorizando-a); assim, o exército sofria, por não poder prestar honras ao inimigo. Por enquanto, a estupidez dos turcos deveria ser utilizada; e

empreendemos uma prolongada campanha de falsas ameaças para os convencer de que o nosso objetivo ficava mais perto de Damasco.

Os turcos eram sensíveis a qualquer pressão, naquelas redondezas, porque a estrada de ferro, que procedia de Damasco, dirigindo-se ao norte para Deraa, e ao sul para Amã, era o meio de comunicação não somente do Hedjaz, mas também da Palestina; e, se nós a atacássemos, causar-lhes-íamos danos redobrados. Assim, na minha longa excursão pela região norte, eu havia deixado escapar alusões a respeito da nossa próxima chegada a Djebel Druse; e permitira que o notório Nesib para lá se dirigisse, rumorosamente, mas com poucos recursos. Nuri Shaalan havia avisado os turcos, por nós, no mesmo sentido; e Newcombe, lá embaixo, perto de Wejh, idealizara o fingimento da perda de documentos oficiais, inclusive de um plano (no qual nós éramos guarda avançada) de marcha, partindo de Wejh, passando por Jefer e Sirhan, a caminho de Tadmor, a fim de atacarmos Damasco e Aleppo. Os turcos tomaram os documentos muito a sério, e retiveram uma desafortunada guarnição em Tadmor, até ao fim da guerra, com grande vantagem para nós.

CAPÍTULO 50

Pareceu prudente realizar algum esforço concreto no mesmo sentido, durante a semana que devíamos passar em Bair, e Auda resolveu que Zaal faria incursões, comigo, ficando sob meu comando um grupo destinado a atacar a linha perto de Deraa. Zaal escolheu, um por um, cento e dez homens, e marchamos duramente, em etapas de seis horas, com uma ou duas horas de intervalo, dia e noite. Para mim, a viagem foi fecunda em acontecimentos, pelas mesmas razões que a tornavam insípida para os árabes; éramos, notadamente, um grupo comum de tribo votado ao saque, a fazer incursões de acordo com as normas convencionais de formação e de conformidade com o modelo que a prática de gerações demonstrara ser eficiente.

Na segunda tarde atingimos a estrada de ferro pouco acima de Zerga, a aldeia circassiana ao norte de Amã. O sol quente e a rapidez da marcha fatigaram os nossos camelos, e Zaal resolveu dar-lhes água em certa cidade romana em ruínas cujas cisternas subterrâneas haviam sido enchidas pelas últimas chuvas. Ficava a cerca de um quilômetro e meio da estrada de ferro e tínhamos de ser circunspectos, porque os circassianos odiavam os árabes e seriam hostis, se nos vissem. Além disso, havia um posto militar de duas tendas, sobre uma grande giba de terreno, logo adiante da linha. Os turcos pareciam ativos. Mais tarde, soubemos que estava iminente a inspeção de um general.

Depois de dar de beber aos camelos, marchamos outros nove quilômetros, e, nas primeiras trevas, viramos para a ponte de Dhuleil, que Zaal infomava ser grande, boa para ser destruída. Os homens e os camelos permaneceram no tabuleiro, a leste da estrada de ferro, para cobrir a nossa retirada se algo de desagradável acontecesse. Zaal e eu fomos para a ponte, a fim de a examinar. Havia turcos a duzentos metros além dela, com muitas tendas e fogos de cozinhar. Ficamos intrigados, sem saber explicar a pujança do inimigo, até que atingimos a ponte e vimos que ela estava sendo reconstruída; a enchente da

primavera havia arrastado quatro dos seus arcos e a linha férrea funcionava temporariamente num desvio. Um dos novos arcos estava terminado, outro tinha a abóbada apenas começada e o madeiramento central estava sendo instalado para a construção do terceiro.

Era inútil, logicamente, darmo-nos o incômodo de destruir uma ponte em tal estado; por isso retiramo-nos, quietos (para não alarmar os trabalhadores), marchando sobre pedras soltas que rolavam por baixo dos nossos pés nus, de maneira a nos impor cuidado, se quiséssemos evitar torceduras. De uma feita, pus o pé sobre algo que se movia, que era fofo e frio; e pisei com força; por acaso, era uma serpente; mas mal algum se seguiu. O brilho das estrelas difundia, ao nosso redor, uma luz falsa, não uma iluminação, mas mais propriamente uma transparência de ar que alongava levemente a sombra por baixo de cada pedra, transformando o chão em difícil lençol acinzentado.

Resolvemos ir mais para o norte, na direção de Minifir, onde Zaal pensava que a terra seria propícia para se minar um trem. Um trem era coisa melhor do que uma ponte, porque as nossas necessidades eram políticas, consistindo em fazer os turcos pensarem que o grosso da nossa tropa se encontrava em Azrak, no Sirhan, a oitenta quilômetros de distância, para o leste. Saímos num descampado chato, atravessado por um leito raso, puramente ocasional, feito de cascalho. Marchávamos facilmente sobre este leito quando ouvimos um longo murmúrio. Apuramos o ouvido, ansiosos: e surgiu, ao norte, a trêmula pluma de fogo, que corria para nós, curvada ao chão pelo vento. Parecia iluminar-nos, estendendo a sua cortina de fumaça, entremeada de faíscas, sobre nossas cabeças, de tão perto que estávamos da estrada de ferro; e recuamos, enquanto o trem passou. Se soubesse disso dois minutos antes, eu teria feito saltar a locomotiva em estilhaços.

Depois disso, a nossa marcha foi tranqüila, até a madrugada, quando nos encontramos subindo um vale estreito. Ao fim do vale, havia uma curva fechada para a esquerda, dando para um anfiteatro de rocha, onde a montanha subia pelos degraus de um penhasco roto, até a crista, sobre a qual ficava uma pirâmide maciça. Zaal dizia que a estrada de ferro seria visível dali, e, se isto fosse verdade, o lugar constituiria emboscada ideal, porque os camelos poderiam ser soltos, sem guardas, no fosso de excelente pastagem.

Subi imediatamente para a pirâmide, ruína de uma torre de observação dos árabes, ainda do período cristão, dominando um panorama gracioso, cheio de ricos tabuleiros de pastagens além da linha férrea; esta corria ao redor da base do nosso declive, em curva preguiçosa, claramente visível no trajeto de oito

quilômetros, mais ou menos. Lá embaixo, à nossa esquerda, via-se a caixa quadrada do "café", ponto de parada da ferrovia, em torno do qual uns poucos soldados pequenos se abandonavam pacificamente. Ficamos ali, observando e dormindo, alternadamente, muitas e muitas horas, durante as quais o rascar de um trem passou devagar pela rampa íngreme. Planejamos a descida até a estrada de ferro para aquela noite, na altura que mais apropriada parecesse para a colocação da bomba.

Entretanto, no meio da manhã uma enorme massa escura se aproximou, vindo do norte. Consideramos ser aquilo uma força de talvez cento e cinqüenta homens montados, marchando diretamente para a nossa montanha. Parecia que havíamos sido assinalados; coisa, de resto, perfeitamente possível, porque toda aquela região era pasto das ovelhas das tribos Belgas, cujos pastores, vendo o furtivo dos nossos movimentos, nos teriam tomado por inimigos ladrões, dando alarme às suas tendas.

A nossa posição, excelente contra a estrada de ferro, era uma armadilha mortal, onde se poderia ser colhido por forças superiores e móveis; assim, transmitimos o alarme para baixo, montamos e deslizamos através do vale pelo qual havíamos entrado, galgando o barranco oriental e passando para uma pequena planície, onde poderíamos pôr os animais a meio galope. Encaminhamo-nos rapidamente para a série de pequenos montes, do lado de lá, e pusemo-nos por trás deles, antes que o inimigo se encontrasse em posição de nos ver.

Ali, o terreno adequava-se ainda mais à nossa tática, e esperamos os turcos; estes, porém, deveriam ter sido pelo menos mal informados, porque passaram pelo nosso esconderijo anterior e logo tomaram a direção sul, deixando-nos intrigados. Não havia árabes entre eles — todos eram regulares — de maneira que não devíamos temer uma perseguição; mas, ainda assim, tudo acontecia como se os turcos houvessem sido alertados. Isto correspondia aos meus desejos, e eu me sentia satisfeito, mas Zaal, sobre quem recaíam as responsabilidades militares, ficou preocupado. Realizou uma sessão de conselho com os outros, que conheciam a região e, ao acaso, tornamos a montar e rumamos a meio trote para outra colina, mais ao norte do que a anterior, mas bastante satisfatória. Aconteceu, particularmente, que o novo local se encontrava livre de complicações de tribos.

Era o próprio Minifir, colina de duas corcovas, de cimo redondo e encostas cheias de verde. O alto pescoço, entre as corcovas, proporcionava-nos, do lado oriental, uma ampla pista perfeitamente coberta, impossível de ser vista do norte,

do sul e de oeste, o que facilitaria a retirada segura para o deserto. O colo, no topo, tinha a forma de taça, de maneira que a água recolhida das chuvas havia tornado o solo rico e a pastagem suntuosa; mas os camelos soltos exigiam cuidado constante, porque se vagassem duzentos passos além do nosso ponto, se fariam visíveis a quem estivesse na estrada de ferro, a quatrocentos metros abaixo da face ocidental da colina. De ambos os lados, as corcovas se alongavam em esporões, pelos quais a ferrovia passava através de cortes pouco fundos. O material escavado havia sido atirado por cima do vão, formando um barranco; pelo centro deste, uma passagem subterrânea permitia que a drenagem das enxurradas ziguezagueantes, vindo do colo, corressem para o grande leito de vale transversal, logo adiante.

Bem ao norte, a linha férrea se curvava, indo colina acima, a caminho do amplo nivelado do sul do Hauran, difuso como um céu cinzento, e manchado de pequenas nuvens escuras que eram as cidades mortas de basalto da Síria bizantina. Ao sul, havia uma pirâmide, da qual podíamos olhar para a linha férrea, cá em baixo, na distância de nove quilômetros ou mais.

O planalto que dava a face para nós, a ocidente, o Belga, apresentava-se pontilhado de negras aldeias de tendas, de camponeses em retiro de verão. Eles também nos poderiam ver, na nossa taça de colina; por isto enviamos-lhes comunicação, informando quem éramos. Mantiveram-se em silêncio até sairmos de lá, e depois manifestaram-se fervorosos e eloqüentes, testemunhando que nós tínhamos marchado para o oriente, a caminho de Azrak. Quando os nossos mensageiros regressaram, tivemos pão para comer — um verdadeiro luxo; desde a escassez de Bair, estávamos reduzidos a trigo ressecado que, por falta de oportunidade de o cozer, os nossos homens mastigavam cru. A provação era severa demais para os meus dentes, de maneira que eu marchava em jejum.

Zaal e eu enterramos, naquela noite, na passagem subterrânea, uma enorme bomba Garland, com dispositivo automático, a fim de fazer explodir três cargas paralelas por fusão instantânea; e depois deitamo-nos para dormir, certos de que ouviríamos os rumores se qualquer trem se aproximasse na noite e deflagrasse a espoleta. Entretanto nada aconteceu, e pela madrugada retirei os detonadores que (em adição ao funcionamento do gatilho) haviam sido depositados sobre os trilhos. Depois esperamos o dia todo, bem alimentados e com conforto, refrescados por um forte vento que rumorejava como ressaca, ao revolver-se pela encosta íngreme e verde da colina.

Durante horas, nada se passou; mas, afinal, houve alvoroço entre os árabes, e Zaal, com os Hubsis e alguns dos homens mais ativos, se lançou em direção à

linha. Ouvimos dois tiros, por baixo de nós, no chão morto e, depois de meia hora, o grupo reapareceu, conduzindo dois desertores turcos, maltrapilhos, pertencentes à coluna montada do dia anterior. Um deles havia sido gravemente ferido enquanto tentava escapar atravessando a linha; e naquela mesma tarde morreu, lamentando a miserabilidade dele próprio e do seu destino. Isto era excepcional: porque, quando a morte se tornava certa, a maioria dos homens sentia a quietude da tumba esperando por eles e ia para ela, não de má vontade. O outro homem também estava ferido, com um tiro seco no pé; mas se sentia muito fraco, e desmaiou quando o ferimento se tornou doloroso em conseqüência do frio. Seu corpo delgado se apresentava tão coberto de lesões, insígnias de serviço militar e causas da sua deserção, que só ousava deitar-se de bruços. Oferecemos-lhes o último resto do nosso pão e da nossa água, e fizemos tudo o mais que pudemos por ele — o que era pouco.

A seguir, já à tardinha, registrou-se uma viva emoção quando a infantaria montada em mulas reapareceu, rumando pela ferrovia acima, na nossa direção. Aqueles soldados tiveram de passar por baixo do nosso esconderijo, e Zaal, com seus homens, não perderam tempo, atacando-os de surpresa. Éramos cem; eles, pouco mais de duzentos. Tínhamos posição mais alta e podíamos esperar desocupar algumas das suas selas com as nossas primeiras rajadas; a seguir, faríamos uma carga de camelos contra eles. Os camelos, principalmente em declive suave, podiam alcançar as mulas em poucos passos; a massa do seu corpo, movendo-se, faria rodopiar os animais mais leves, com os seus guerreiros. Zaal deu-me a sua palavra, dizendo-me que nenhuma cavalaria regular, e menos ainda a mera infantaria montada, poderia fazer frente a camelos de tribos em uma luta de perseguição. Deveríamos tomar não somente os homens, mas também os seus preciosos animais.

Perguntei-lhe em quantas perdas incorreríamos. Disse-me que cinco ou seis, e então resolvi não fazer coisa alguma, deixando-os passar. Tínhamos um único objetivo, a captura de Akaba, e chegamos até onde nos encontrávamos tão-somente para tornar mais fácil a sua consecução, induzindo os turcos à adoção de senda falsa, por pensarem que nos achávamos em Azrak. Perder cinco ou seis homens em semelhante demonstração, por mais proveitosa que viesse a ser materialmente, seria fatuidade, ou coisa pior, porque podíamos precisar da última carabina para tomar Akaba, cuja posse era vital para nós. Depois que Akaba caísse, poderíamos perder homens se nos sentíssemos calejados; mas não antes.

Disse isto a Zaal, que não se mostrou contente; entretanto, os furiosos Howeitats ameaçavam despencar colina abaixo, em direção aos turcos,

quiséssemos ou deixássemos de querer. Queriam tomar as mulas; e eu, particularmente, não o queria, porque o saque nos desviaria da nossa finalidade. Comumente, as tribos iam para a guerra a fim de ganhar honra e riquezas. As três pilhagens nobres eram as de armas, de animais de sela e de tecidos. Se tomássemos aquelas duzentas mulas, os orgulhosos homens renunciariam a Akaba e levariam os animais pela estrada de Azrak, a caminho de suas tendas, a fim de se apresentarem em triunfo aos olhos das mulheres. Quanto aos prisioneiros, Nasir não se sentiria agradecido pelo acréscimo de duzentas bocas inúteis: assim, deveríamos matá-los; ou deixá-los ir, para revelarem o nosso número ao inimigo.

Sentamo-nos, rangemos os dentes e deixamo-los passar: provação severa, da qual nos saímos com honra. Zaal procedeu bem. Encontrava-se na sua melhor forma, esperando, para mais tarde, de minha parte, agradecimentos tangíveis. Sentiu-se alegre por poder mostrar-me a autoridade de que gozava junto dos beduínos. Estes o respeitavam na qualidade de delegado de Auda, bem como na de famoso guerreiro, por ter ele revelado, em um ou dois pequenos motins, conscientes faculdades de comando.

Agora estava sendo provado ao máximo. O Hubsi, primo de Auda, jovem corajoso, enquanto os turcos desfilavam inocentemente a menos de trezentos metros dos nossos fuzis ansiosos, pôs-se de pé e correu para a frente, gritando com o intuito de lhes chamar a atenção e de provocar a batalha; mas Zaal apanhou-o dez passos adiante, atirou-o ao chão e bateu-lhe tanto que tememos que os gritos do rapaz, agora bem diferentes, conseguissem o seu propósito anterior.

Era triste ver, por determinação própria, uma excelente e agradável pequena vitória passar e ir para longe das nossas mãos; sentimo-nos acabrunhados até o cair da noite, quando tivemos a confirmação do nosso pressentimento de que não haveria mais trens. Esta era a nossa última oportunidade, porque a sede já estava pairando sobre nós e, no dia seguinte, os camelos precisariam beber. Assim, depois do cair da noite, regressamos à linha, colocamos trinta cargas de gelignite contra os trilhos mais curvos, deflagrando-as comodamente. Escolhíamos os trilhos curvos porque os turcos eram obrigados a transportar peças novas de Damasco. Na realidade, o transporte durou três dias; e, então, o trem de reparos passou sobre a nossa bomba (que havíamos deixado, como anzol, por trás da isca da demolição), ficando com a locomotiva danificada. O tráfego cessou por mais três dias, nos quais a linha foi inspecionada contra ciladas.

No momento, entretanto, não podíamos antecipar nenhuma destas boas coisas. Realizamos a destruição, regressamos tristemente aos nossos camelos e partimos logo depois de vir a noite. O prisioneiro foi deixado atrás, no topo da colina, porque não podia andar nem cavalgar, e nós não tínhamos como transportá-lo. Tememos que morresse de fome onde se achava e, de fato, já se encontrava muito mal; assim, num poste telegráfico, caído sobre os trilhos, perto do trecho danificado, colocamos uma carta, em francês e em alemão, dando informações sobre o ponto em que ele jazia e dizendo que o havíamos capturado já ferido, depois de duro combate.

Esperávamos que isto o pusesse a salvo das penalidades que os turcos infligiam a desertores presos, ou do fuzilamento no caso em que pensassem ter estado ele em entendimento conosco; mas, quando regressamos a Minifir, seis meses mais tarde, os ossos esburacados dos dois corpos jaziam dispersos no nosso antigo acampamento. Sempre tivemos pena dos soldados do exército turco. Os oficiais, voluntários e profissionais, haviam provocado a guerra por ambição — quase que em defesa da própria existência — e desejávamos que recebessem não apenas o que mereciam proporcionalmente, mas também o que os soldados estavam sofrendo por causa do erro deles.

CAPÍTULO 51

Durante a noite, perdemos o nosso caminho por entre os outeiros pedregosos e os vales de Dhuleil, mas nos mantivemos em movimento até pela madrugada, de maneira que, meia hora depois do despontar do sol, enquanto as sombras ainda eram longas através das depressões verdes, atingimos o ponto de água em que anteriormente havíamos estado, Khau, cujas ruínas irrompiam do topo da montanha, contra Zerga, como verrugas. Estávamos trabalhando arduamente nas duas cisternas, dando de beber aos camelos para a marcha de regresso a Bair, quando um jovem circassiano surgiu à vista, conduzindo três vacas à rica pastagem verde das ruínas.

Isto não nos convinha; portanto, Zaal mandou que os indisciplinados excessivamente enérgicos do dia anterior mostrassem a sua coragem prendendo o rapaz; e eles o trouxeram, ileso, mas enormemente assustado. Os circassianos eram jactanciosos, touros desordeiros em estrada limpa; mas quando enfrentados com firmeza, viam-se perdidos; e assim este rapaz se mostrava tomado por verdadeiro fluxo de terror, dos pés à cabeça, ofendendo o nosso sentimento de respeito. Ensopamo-lo com água até que se recompôs, e depois ordenamos que lutasse, a punhal, com um jovem Sherari, que havíamos surpreendido roubando, na marcha; mas, após o primeiro arranhão, o prisioneiro atirou-se ao solo, chorando.

Entretanto, ele se transformava em um estorvo, pois, se o abandonássemos, poderia dar o alarme, fazendo com que se enviassem os cavaleiros da sua aldeia contra nós. Se o amarrássemos naquela remota paragem, morreria de fome ou de sede; e ademais, não tínhamos corda para desperdiçar. Matá-lo era coisa que ficava até fora da imaginação: indigna de cem homens. Por fim, o jovem Sherari disse que se lhe déssemos essa tarefa, conseguiria ajustar as contas e deixá-lo viver.

Amarrou o punho do prisioneiro à sela e trotou, levando-o dali, conosco, durante a primeira hora, até que o circassiano se arrastou já quase sem respirar. Ainda nos encontrávamos perto da estrada de ferro, mas a seis ou sete quilômetros de Zerga. O rapaz foi despido das roupas apresentáveis, que couberam, como ponto de honra, ao dono atual do prisioneiro. O Sherari atirou-o ao chão, de bruços, tomou-lhe os pés, puxou o punhal e, com este, lanhou-lhe profundamente as plantas. O circassiano rugiu de dor e de terror, como se pensasse que o estivessem matando.

Por estranho que tenha sido o episódio, o método pareceu eficiente, e muito mais piedoso do que a morte. Os cortes obriga-lo-iam a engatinhar, com mãos e joelhos, até a estrada de ferro, no que empregaria uma hora; e a sua nudez o manteria à sombra das rochas até que o sol baixasse. Sua gratidão não foi coerente; mas nós marchamos dali, por ondulações muito ricas em pastagem. Os camelos com a cabeça para baixo, arrancando ervas e grama, moviam-se desconfortavelmente, para nós, que íamos postos no declive dos pescoços pendentes; contudo, precisávamos deixar que comessem, pois estávamos marchando doze quilômetros por dia, com paradas que apenas bastavam para se retomar a respiração nos breves lapsos do amanhecer e do cair da noite.

Logo depois de romper o dia, viramos para o ocidente e desmontamos a pouca distância da estrada de ferro, entre penedos estilhaçados, de pedra calcária, para podermos ir para a frente, rastejando e com muito cuidado, até que a estação de Atwi ficasse por baixo de nós. Os seus dois edifícios de pedra (o primeiro a apenas cem metros de nós) apresentavam-se em linha, um ocultando o outro. Havia homens cantando, dentro deles, sem inquietação. O seu dia estava começando e, do quarto da guarda, uma fina fumaça azul espiralava no espaço enquanto um soldado conduzia para fora um rebanho de ovelhas novas, para que pastasse na rica pradaria situada entre a estação e o vale.

Este rebanho veio em boa hora, porque, depois da nossa dieta cavalar de trigo seco, suspirávamos por um pouco de carne. Os dentes dos árabes rangiam enquanto contavam dez, quinze, vinte e sete ovelhas. Zaal atirou-se ao leito do vale, onde a linha férrea atravessava uma ponte e, com um grupo em fila atrás de si, rastejou até ficar de face para a estação, do outro lado do prado.

Do outeiro onde nos encontrávamos, dominávamos o pátio da estação. Vimos Zaal apoiar a carabina no barranco, escudando a cabeça, com infinita precaução, por trás das ervas de sobre a borda. Ajustou a mira, lentamente, contra oficiais e funcionários que saboreavam café em cadeiras ensombradas, em frente ao departamento de bilhetes. Assim que apertou o gatilho, o eco lhe

trouxe o baque da bala contra a parede de pedra, enquanto o mais gordo dos homens se curvou, devagar, na sua cadeira, e caiu ao chão, sob os olhares gelados dos seus companheiros.

Um instante mais tarde, os soldados de Zaal dispararam rajadas, irromperam o vale e arrancaram para a frente: mas a porta da casa que dava para o norte se fechou e as carabinas começaram a falar por trás das suas seteiras de aço. Respondemos, mas logo percebemos a nossa impotência e cessamos o fogo, o mesmo fazendo o inimigo. O Sherrat conduziu as ovelhas culpadas para o oriente montanha acima, onde se achavam os camelos; todos correram para se juntar a Zaal, que estava em plena azáfama ao redor do edifício mais próximo, de resto indefeso.

Quase no apogeu do saque, fez-se uma pausa e instalou-se o pânico. Os árabes eram batedores tão habituados, que pode dizer-se que percebiam o perigo antes de este chegar; eram os sentidos que tomavam precauções antes que a mente se persuadisse. Ziguezagueando na linha, vindo do sul, vinha um vagonete com quatro homens, a cujos ouvidos o ranger das rodas amortecera o barulho dos nossos tiros. A seção dos Ruallas rastejou por baixo de uma passagem subterrânea, trezentos metros acima, enquanto o resto de nós se reuniu silenciosamente junto da ponte. O vagonete rodou, sem suspeitar coisa alguma, por cima do esconderijo, que dava para a linha, por trás do barranco, enquanto nos enfileiramos solenemente pelo prado em frente. Os turcos, horrorizados, reduziram a velocidade, saltaram do vagonete e correram para o mato; mas as nossas carabinas espocaram mais uma vez, e eles foram mortos. O vagonete trouxe aos nossos pés a sua carga de fios de cobre e de ferramentas telegráficas, com o que pusemos "terra" no fio de longa distância. Zaal ateou fogo à nossa metade da estação, cujo madeiramento, borrifado de petróleo, se incendiou livremente. Os pranchões e as colgaduras de tecidos torceram-se e retorceram-se convulsivamente quando as labaredas começaram a lambê-los. Entrementes, os Ageyls mediram gelatina e logo depois acendemos as cargas e destruímos uma passagem subterrânea, muitos trilhos e duzentos metros de linhas telegráficas. Com o estrondo da primeira explosão, os nossos cem camelos, parados e de joelhos, puseram-se vivazmente de pé, e a cada nova explosão pularam endoidecidos sobre três pernas até que sacudiram para longe os cabrestos de cordas, ao quarto fragor, disparando em todos os sentidos, como estorninhos dispersados, a caminho do vazio. A caça dos camelos e das ovelhas tomou-nos três horas, durante as quais os turcos gentilmente nos concederam trégua, pois, do contrário, alguns de nós teriam voltado para casa a pé.

Distanciamo-nos uns poucos quilômetros da estrada de ferro antes de nos sentarmos para a festa de carne de carneiro. Não tínhamos facas e, depois de matar as ovelhas aos poucos, recorremos a lâminas de cristal de rocha para as retalhar em postas. Como homens não habituados a tais expedientes, usamos as lâminas com espírito neolítico; e veio-me a idéia de que, se o ferro houvesse sido constantemente raro, nós lascaríamos habilidosamente os nossos instrumentos cotidianos como os paleolíticos, ao passo que, se não tivéssemos tido metal de qualquer espécie, a nossa arte se teria ostentado em pedras perfeitas e polidas. Os nossos cento e um homens comeram as vinte e quatro ovelhas naquela sessão, enquanto os camelos mordiscaram brotos e folhas ou devoraram o que lhes deixamos; porque os melhores camelos de sela eram ensinados a comer carne cozida. Quando tudo terminou, montamos e marchamos, na noite, a caminho de Bair; e em Bair entramos sem perda de vidas, coroados de êxito, bem alimentados e enriquecidos, pela madrugada.

CAPÍTULO 52

Nasir havia levado a efeito um grande trabalho. Farinha para uma semana, para nós, chegara de Tafileh, a fim de restaurar a nossa liberdade de movimento. Podíamos tomar perfeitamente Akaba, antes de sofrermos fome outra vez. Nasir recebera boas missivas dos Dhumaniyehs, dos Daraushas e dos Dhiabats, três clãs dos Howeitats no Nagb el Shtar, primeiro passo difícil da estrada Maan-Akaba. Mostravam-se desejosos de nos auxiliar, e se irrompessem logo e galhardamente em Aba el Lissan, o grande fato da surpresa talvez significasse o êxito do seu esforço.

O meu otimismo transviou-me, levando-me a realizar outra louca incursão, que fracassou. Todavia, os turcos não se alarmaram. Assim que o meu grupo irrompeu, chegou um mensageiro, a toda pressa, por ordem de Nuri Shaalan. Trouxe-nos saudações e as informações de Nuri, segundo as quais os turcos haviam recorrido ao seu filho Nawaf, na qualidade de refém e guia, a fim de retirar quatrocentos cavalheiros de Deraa e levá-los a Sirhan, à nossa procura. Nuri enviou, em vez disso, o seu sobrinho Trad, mais poupado, que os estava conduzindo por estradas vicinais, em que homens e cavalos sofriam terrivelmente por causa da sede. Encontravam-se perto de Nek, nosso antigo acampamento. O governo turco julgaria que estivéssemos no Wadi até que a cavalaria regressasse. Quanto a Maan, principalmente, não se manifestava ansiedade alguma, porquanto os engenheiros que haviam feito saltar Bair informaram que todas as fontes de água haviam sido destruídas por inteiro, ao passo que os poços de Jefer tinham sido eliminados poucos dias antes.

Era possível que Jefer, de fato, estivesse inutilizada para nós; mas não deixávamos de alimentar a esperança de que também lá seria possível encontrar malfeitos os trabalhos técnicos de demolição praticados por aqueles piedosos turcos. Dhaif-Allah, figura de proa dos Howeitats de Jazi, que se dirigira a Wejh e jurara fidelidade, havia estado em Jefer, quando o Poço do Rei saltara ao

estrondo da dinamite colocada ao redor da sua boca; e enviou-nos notícias secretas, de Maan, assegurando que havia ouvido as pedras superiores entrechocarem-se e fechar a boca do poço. Sua convicção era a de que o vão se encontrava intato, e de que a limpeza do mesmo exigiria trabalho de poucas horas. Esperamos que assim fosse; e partimos de Bair, todos em ordem, a 28 de junho, para averiguar.

Atravessamos rapidamente a planície encantada de Jefer. No dia seguinte, ao meio-dia, estávamos junto dos poços. Pareciam completamente destruídos; e surgiu o temor de encontrarmos, neles, o primeiro golpe contra o nosso plano de operações, plano tão meticuloso que qualquer contratempo acarretaria enormes conseqüências.

Não obstante, fomos para o poço — propriedade da família de Auda — cuja história Dhaif-Allah nos referira, e começamos a inspecioná-lo. O chão ecoava sob a nossa marreta, e procuramos voluntários capazes de cavar e de construir. Alguns Ageyls se adiantaram, chefiados por Mirzugi, competente rapaz, guarda de camelos de Nasir. Encetaram com as poucas ferramentas que tínhamos. O resto do grupo formou um círculo ao redor da depressão do poço e ficou a vê-los trabalhar, cantando para eles e prometendo-lhes recompensas em ouro para quando encontrassem a água.

Era tarefa árdua, no pleno fulgor do sol de verão; porque a planície de Jefer era feita de lama endurecida, chata como a palma da mão, branca de cegar por causa do sal que continha, medindo trinta quilômetros de um lado a outro; mas o tempo urgia, pois, se fracassássemos, deveríamos viajar oitenta quilômetros, durante a noite, para atingirmos o poço mais próximo. Assim, levamos avante o trabalho, por turmas, em boa velocidade, em pleno calor de meio-dia, transformando em trabalhadores todos os nossos companheiros dóceis. A escavação ia se tornando fácil, porque a explosão, que removera as pedras, havia revolvido o solo.

À medida que cavavam e que atiravam para fora a terra, o forro do poço ia surgindo como torre de pedra bruta, no centro do vão. Muito cuidadosamente, começamos a remover a parte superior, arruinada, do maciço: trabalho difícil, porque as pedras se haviam apertado umas às outras na queda; mas este era o melhor sinal, e o nosso ânimo se ergueu. Antes do crepúsculo, os trabalhadores gritaram que já não havia mais terra derrubada, que os interstícios entre os blocos estavam limpos e que ouviam o limo deslizar e esparrinhar-se, muitos metros abaixo.

Meia hora mais tarde saiu, da boca do poço, o rumor de um deslize, acompanhado pelo entrechoque de pedras e seguido por um baque e por gritos ferozes. Corremos, e com auxílio da tocha de Mirzugi, vimos o poço escancarado, não mais um tubo, e sim um buraco à guisa de garrafa virada, com seis metros de diâmetro ao fundo, preto de água, mas branco de espuma, ao centro, onde o Ageyli — que estava limpando o vão quando o fecho de arco deslizou — se agitava energicamente, no esforço para não se afogar. Todos riram para o fundo do poço, até que Abdulla desceu ao Ageyli um laço de corda; puxamo-lo para fora, todo molhado e muito zangado, mas de maneira alguma ferido pela queda.

Recompensamos os escavadores, festejando-os com um camelo fraco, que havia caído na marcha daquele dia; depois, durante a noite toda, tiramos água, enquanto uma turma de Ageyls, cantando em longo coro, edificou, ao nível do solo, uma parede de barro e de pedras, de dois metros e meio de altura. Pela madrugada, a terra estava prensada ao redor do poço, e este se apresentou completo, tão íntegro, na aparência, como sempre. Apenas a água não era abundante. Trabalhamos, puxando-a, durante vinte e quatro horas, sem repouso, e chegamos a transformá-la em pasta; e ainda assim alguns dos nossos camelos não estavam satisfeitos.

Partindo de Jefer, entramos em ação. Alguns cameleiros foram à frente, a caminho das tendas dos Dhumaniyehs, a fim de desfechar o prometido ataque contra Fuweilah, o fortim que cobria a cabeça da passagem para Aba el Lissan. O nosso ataque fora planejado para dois dias antes da aproximação da caravana semanal que, de Maan, reabastecia os clientes das guarnições. A fome tornaria fácil a redução das forças em postos tão distantes, fazendo com que elas formassem uma noção exata de como se encontravam desesperadamente separadas dos seus amigos.

Entrementes, instalamo-nos em Jefer, à espera de notícias sobre o destino do ataque. Do seu êxito ou do seu fracasso dependeria a direção da nossa próxima etapa. A parada não era desagradável, pois a nossa posição tinha o seu lado cômico. Estávamos à vista de Maan, durante os minutos do dia em que a miragem não tornava inúteis os olhos e os binóculos; e, não obstante, vagávamos por ali, admirando a nossa boca de poço em completa segurança, porque a guarnição turca julgava ser impossível obter-se água, naquela região ou em Bair, e alimentava a agradável idéia de que nós nos encontrávamos desesperadamente engajados em luta com a cavalaria inimiga, no Sirhan.

Eu me punha por baixo de alguns arbustos, perto do poço, durante horas, abrigando-me contra o calor, muito preguiçosamente pretendendo adormecer e tendo a larga manga de seda da vestimenta estendida sobre o meu rosto, à guisa de véu contra as moscas. Auda sentava-se por ali e falava como um rio, contando as suas melhores histórias em grande estilo. Afinal, reprochei-o com um sorriso, por falar tanto e fazer tão pouco. Ele chupou os lábios, com prazer, à perspectiva do trabalho que estava para vir.

Na madrugada seguinte, um fatigado cavaleiro entrou no nosso acampamento, trazendo-nos a notícia de que os Dhumaniyehs haviam atirado contra o posto de Fuweilah, na tarde anterior, logo depois que os nossos homens se encontraram com eles. A surpresa não tinha sido muito completa; os turcos haviam guarnecido os parapeitos de pedra, repelindo os assaltantes. Os árabes, de crista caída, retiraram-se para um abrigo, e o inimigo, julgando tratar-se apenas de escaramuça de tribo, realizou uma surtida montada contra o acampamento mais próximo.

Um ancião, seis mulheres e sete crianças eram os seus únicos ocupantes. Na raiva de nada encontrarem de ativamente hostil, nem capaz de lutar, os incursores destruíram o acampamento e degolaram os desamparados que ali se achavam. Os Dhumaniyehs, nos topos da montanha, nada ouviram nem viram, só sabendo do caso quando já era muito tarde; então, porém, na sua fúria, lançaram-se pela estrada de regresso dos assassinos, degolando-os quase que até o último homem. Completando a vingança, assaltaram o forte agora abastecido semanalmente, tomaram-no ao primeiro ímpeto da avançada e não trouxeram de lá prisioneiro algum.

Saltamos imediatamente para as nossas selas; e em dez minutos carregamos os animais de carga e marchamos a caminho de Ghadir el Haj, a primeira estação de estrada de ferro ao sul de Maan, na nossa rota direta para Aba el Lissan. Simultaneamente, destacamos um pequeno grupo encarregado de atravessar a linha ferroviária precisamente acima de Maan, criando uma distração por aquele lado. Tinham a missão especial de ameaçar as grandes manadas de camelos doentes, vítimas da frente da Palestina, que os turcos pasciam nas planícies de Shobek até que de novo se tornassem capazes de servir.

Calculávamos que a notícia do desastre do fortim de Fuweilah não chegaria a Maan até a manhã seguinte e que os inimigos não poderiam recolher aqueles camelos (supondo-se que o nosso grupo do norte não desse com eles) nem preparar uma expedição de reforço antes do cair da noite; se, pois, nós

atacássemos a linha em Ghadir el Haj, os turcos remeteriam o reforço para lá, deixando, assim, que nos encaminhássemos para Akaba sem ser molestados.

Com esta esperança, marchamos continuamente através da miragem flutuante até bem tarde, quando descemos para a linha férrea; e, tendo livrado de guardas e patrulhas um longo trecho da mesma, começamos pelas muitas pontes da seção capturada. A pequena guarnição de Ghadir el Haj avançou, com o valor da ignorância, contra nós, mas o brilho do mormaço cegou-os e os repelimos com perdas.

Eles achavam-se ao telégrafo, e deviam ter notificado Maan que, de outro lado, não podia deixar de ter ouvido os repetidos estrondos das nossas explosões. Era nosso objetivo atrair os inimigos contra nós durante a noite; ou melhor, atraí-los para onde nos encontrávamos, onde não encontrariam mais gente, e sim apenas pontes despedaçadas, porque trabalháramos com rapidez, causando grandes estragos. Os tubos de drenagem de água, por baixo dos arcos, comportavam de um quilo e meio a dois quilos de gelatina cada um. Nós, deflagrando as minas por meio de pavios curtos, fizemos tombar os arcos, estilhaçamos os pilares e abrimos brechas nos muros laterais em não mais do que seis minutos de trabalho. Desta maneira arruinamos dez pontes e muitos trilhos, dando cabo do nosso explosivo.

Depois do cair da noite, quando a nossa partida não podia ser notada, marchamos oito quilômetros a ocidente da linha, a caminho de abrigo. Ali, acendemos fogueiras e assamos pão. A nossa refeição, entretanto, ainda não estava cozida e já três cavaleiros galoparam até nós, para nos comunicar que uma longa coluna de novas tropas — infantaria e artilharia — aparecera em Alba el Lissan, procedendo de Maan. Os Dhumaniyehs, desorganizados pela vitória, tiveram de abandonar o lugar sem luta. Encontravam-se agora em Batra, à nossa espera. Tínhamos perdido Aba el Lissan, o fortim, a passagem e o domínio da estrada de Akaba sem que um tiro fosse disparado.

Soubemos, mais tarde, que este mal recebido e mal desejado vigor, da parte dos turcos, fora um mero acidente. Um batalhão de reforço havia chegado a Maan naquele mesmo dia. As notícias de uma demonstração árabe, contra Fuweilah, chegaram simultaneamente; e o batalhão, que aconteceu estar formado e pronto, com os seus meios de transporte no parque da estação, para marchar a caminho de seu quartel, foi apressadamente reforçado por uma seção de artilharia ligeira e alguns homens montados e saiu imediatamente, na qualidade de coluna punitiva, a fim de recuperar o fortim que se supunha sitiado.

Estas forças deixaram Maan depois do amanhecer e marcharam tranqüilamente ao longo da estrada de rodagem, com os homens a suar no calor daquela região sul, depois de viverem nas neves caucasianas do seu torrão natal, bebendo avidamente a cada fonte. De Aba el Lissan, subiram montanha acima, a caminho do fortim, que se encontrava deserto; só havia nele os silenciosos abutres, voando por cima dos muros em lentos círculos inquietantes. O comandante do batalhão receou que a vista fosse excessivamente brutal para as suas tropas jovens e levou-as para trás, para a fonte que ficava ao lado da estrada de Aba el Lissan, no vale estreito e sinuoso, onde todos acamparam a noite inteira, em paz, perto da água.

CAPÍTULO 53

Tais novas nos puseram em apuros. Atiramos as bagagens ao dorso dos camelos no mesmo instante e metemo-nos a caminho pelos declives ondulantes daquele fim de planalto da Síria. O pão quente estava ainda em nossas mãos e, à medida que o comíamos, lá se misturavam, com ele, o gosto da poeira levantada pela marcha da nossa grande força através do leito do vale, e um certo laivo do cheiro agudo e estranho do absinto que recobria as encostas. No ar irrespirável daquelas tardes, nas montanhas, depois dos longos dias do verão, tudo repercutia agudamente sobre os sentidos; e, quando em marcha, em grande coluna, como acontecia conosco, os camelos que iam à frente sacudiam os ramos aromáticos carregados de pó dos espinheiros, cujas partículas olorosas subiam ao ar e pairavam como neblina, tornando fragrante a pista dos que vinham atrás.

Os declives apresentavam-se nítidos, com o cheiro ativo do absinto, e as depressões opressivas com a riqueza da sua vegetação muito mais robusta e luxuriante. A nossa passagem noturna deveria ser efetuada através de um jardim plantado, e as suas variedades de aroma formavam parte das invisíveis belezas dos sucessivos renques de flores. Os rumores também eram nítidos. Auda pôs-se a cantar, longe de mim, à frente, e os homens se uniam ao seu canto de tempos a tempos com a fogosidade, a abundância de coração, de um exército a caminho da batalha.

Marchamos a noite toda, e quando a madrugada veio apeamo-nos na crista das montanhas entre Batra e Aba el Lissan, descortinando um esplêndido panorama a ocidente, sobre a planície de Guweira, verde e ouro; além desta planície, ficavam as rudes montanhas que ocultavam Akaba e o mar. Gasim abu Dumeik, chefe dos Dhumaniyehs, estava ansioso à nossa espera, cercado pelos seus homens asperamente provados que apresentavam as faces sofridas ainda manchadas pelo sangue da luta do dia anterior. Houve profunda saudação para Auda e Nasir. Traçamos apressadamente os planos e dispersamo-nos para a

realização do nosso trabalho, sabendo que não podíamos ir para a frente, a caminho de Akaba, estando aquele batalhão de posse da passagem. A menos que o deslocássemos, os nossos dois meses de azares e de esforços se inutilizariam antes de dar sequer os primeiros frutos.

Felizmente, a má orientação do inimigo nos deu uma vantagem imerecida. Dormiram as tropas no vale, enquanto nós ficamos dominando as montanhas, em amplo círculo, ao redor delas, sem ser percebidos. Começamos a atirar contra aqueles soldados, de tocaia e seguidamente, atingindo-os nas suas posições, ao pé das encostas e dos paredões dos penhascos, perto da água, esperando provocá-los para uma carga contra nós, montanha acima. Nesse meio tempo, Zaal cavalgou para longe, com os nossos homens montados, e cortou os fios telegráficos e telefônicos na planície.

Isto durou o dia todo. O calor era terrível — mais intenso do que em qualquer outra feita em que eu o houvesse sentido, na Arábia — e a ansiedade, bem como os movimentos constantes, tornavam-no quase insuportável para nós. Mesmo alguns dos mais ásperos homens de tribo foram prostrados pela crueldade do sol e rastejaram, ou tiveram de ser arrastados para o sopé das rochas, a fim de se recuperarem na sombra. Corremos para cima e para baixo, a fim de suprir a escassez do nosso número pela rapidez da mobilidade, sempre a olhar para um novo renque de montanhas em busca de nova posição de onde fosse possível enfrentar este ou aquele esforço dos turcos. As encostas das montanhas eram íngremes e tiravam-nos a respiração; os arbustos agarravam-se, como pequenas mãos, ao redor dos nossos quadris quando corríamos e puxavam-nos para trás. Os agudos penedos de pedra calcária, que se amontoavam sobre os cimos, rasgavam-nos os pés e, muito antes de a noite descer, os mais enérgicos dos nossos homens já deixavam pegadas cor de ferrugem sobre o chão a cada passo que davam.

As carabinas se tornaram tão quentes, com o sol e com os tiros, que chamuscavam as nossas mãos; e tínhamos de resmungar para os nossos circunstantes, calculando cada tiro e suportando grandes penas para os tornar certeiros. As rochas sobre as quais nós corríamos, para fazer pontaria, queimavam, escorchando os nossos peitos e os nossos braços, de onde, mais tarde, a pele se desprendeu em tiras enrugadas. Aquela façanha pôs-nos sedentos. Entretanto, a própria água era coisa rara, entre nós; não podíamos entregar-nos ao luxo de mandar homens buscá-la em quantidade suficiente em Batra e, se nem todos pudessem beber, melhor seria que ninguém bebesse.

Consolamo-nos com o pensamento de que o vale fechado, em que o inimigo se achava, deveria ser ainda mais quente do que as nossas montanhas ao céu aberto; de mais a mais, eles eram turcos, homens de carne branca, pouco aptos às altas temperaturas. Assim, aferramo-nos a eles, dispostos a não permitir que se movessem, nem que se reunissem, nem que conseguissem realizar surtidas contra nós, de mão beijada. Nada podiam fazer que valesse alguma coisa em resposta. Não éramos alvo para as suas carabinas, visto que nos movíamos com rapidez, excentricamente. Além disso, estávamos em condições de rir para os pequenos canhões de montanha que eles deflagravam contra nós. As balas passavam por cima das nossas cabeças, estourando atrás de nós, no ar; ainda assim, porém, considerando-se tudo o que poderiam ver da sua situação ao fundo do vale, parecia-lhes que os projéteis explodiam no seio do nosso círculo, entre os cocurutos hostis da montanha.

Logo depois do meio-dia tive uma ameaça de insolação, ou pensei que isto fosse, porque me senti mortalmente cansado de tudo e deixei de me preocupar com a marcha dos acontecimentos. Rastejei para uma depressão, onde havia uma poça de água espessa, numa cacimba lamacenta das montanhas, a fim de chupar alguma umidade da sua imundície, através do filtro da minha manga. Nasir se aproximou de mim, trepidando como um animal ofegante, com os lábios fendidos e ensangüentados, torcidos para um lado, de sofrimento; e o velho Auda apareceu, dando passadas poderosas, com os olhos fixos, injetados de sangue, e com a face nodosa, toda trêmula de excitação.

Arreganhou os dentes, com malícia, quando nos viu ali prostrados, esparramados a procurar frescor por baixo do barranco, e grasnou para mim, com aspereza: "E então? Como procedem os Howeitats? Só conversa e nenhum trabalho?" "Por Deus, com efeito", agredi-o eu, pois me encontrava zangado com todos e também comigo próprio, "eles atiram muito, mas acertam pouco." Auda, quase pálido de raiva, todo trêmulo, arrancou o turbante e atirou-o ao chão, a meu lado. Depois correu de volta colina acima, como louco, a gritar para os seus homens, com a sua voz áspera e espantosamente rouca.

Os homens reuniram-se ao seu redor e, depois de um momento, dispersaram-se montanha abaixo. Temi que as coisas corressem mal e lutei para chegar ao ponto em que Auda se encontrava, de pé, só, fitando o inimigo; mas tudo o que pôde dizer-me foi: "Tome o seu camelo, se quiser ver o trabalho do velho homem." Nasir chamou o seu camelo e montamos.

Os árabes passaram diante de nós, encaminhando-se para um pequeno local em plena depressão, ao fim da qual se erguia um outeiro; e nós sabíamos que a

montanha seguinte descia, em cômodo declive, para o vale principal de Aba el Lissan, pouco abaixo do ponto de água. Todos os nossos quatrocentos homens montados em camelos se aglomeraram densamente ali, apenas fora das vistas do inimigo. Dirigimo-nos ao seu chefe e perguntamos ao Shimt o que é que havia e para onde os cavaleiros se encaminhavam.

Ele apontou para o outeiro do vale próximo, acima de nós, e disse: "Com Auda, ali"; e, assim que ele falou, gritos e tiros choveram em súbita torrente, vindo de além da crista. Esporeamos os nossos camelos, furiosamente, até o barranco, para ver os nossos cinqüenta cavaleiros descerem o último declive e passarem para o vale principal semelhante a uma estrada, a todo galope, fazendo fogo da sela. Enquanto os contemplávamos, dois ou três tombaram, mas o resto se precipitou para a frente, em maravilhosa velocidade; a infantaria turca, aglomerada em atropelo sob uma rocha, pronta para abrir a brecha de desespero, a caminho de Maan, começou, logo às primeiras sombras, a oscilar daqui para acolá, e finalmente estourou à frente dos assaltantes, acrescentando a sua fuga ao furor da carga de Auda.

Nasir gritou-me: "Venha", com a boca cheia de sangue; e nós largamos os nossos camelos, loucamente, por cima da montanha, descendo mais adiante, para atingirmos a dianteira do inimigo em fuga. O declive não era muito íngreme para o galope dos camelos, mas suficientemente íngreme para tornar-lhes terrificante o passo e incontrolável a disparada; ainda assim, os árabes foram capazes de expandir-se para a direita e para a esquerda, a fim de atirar contra a mancha castanha formada pelos turcos. Os turcos haviam sido excessivamente atiçados pelo terror, em face da furiosa carga de Auda contra a sua retaguarda, não nos notando, por isso, quando descemos o declive oriental: também nós os colhemos de surpresa, e pelo flanco; e uma carga de camelos adestrados, na velocidade de quase cinqüenta quilômetros por hora, era irresistível.

Minha camela, a Sherari de corrida, Naama, esticou-se toda e arremeteu colina abaixo com tamanho ímpeto que logo passou muito à frente dos outros animais. Os turcos dispararam alguns tiros; a maioria, porém, apenas gritava e tornava a correr; as balas que nos remetiam não eram muito perigosas, porque se tornava difícil reduzir a monte de coisa morta um camelo em plena carga.

Aconteceu-me encontrar-me entre os primeiros, atirando com uma pistola, naturalmente, pois só os peritos poderiam usar carabina montando animais de marcha tão solavancada; de súbito, minha camela tropeçou, indo redondamente ao chão, de cara, como que abatida com um macete. Fui cuspido de chofre da sela, naveguei à grande no ar, através de apreciável distância, e vim ao solo, num

baque que pareceu aniquilar todo o poder de sentir do meu organismo. Ali fiquei, esperando passivamente que os turcos me matassem, continuando a sussurrar os versos de um poema meio esquecido, cujo ritmo alguma coisa, talvez a prolongada corrida da camela, havia feito voltar à minha memória, enquanto descíamos a montanha:

> Porque, Senhor, eu era livre de escolher entre todas as Tuas flores, e escolhi as rosas tristes do mundo; e aí está por que meus pés se encontram feridos e os meus olhos cegos de suor.

Entrementes, a outra parte do meu cérebro pensava em que coisa mole e pisada eu deveria transformar-me quando toda aquela catadupa de homens e de camelos houvesse passado sobre mim.

Depois de longo tempo, terminei o meu poema, e nenhum turco apareceu, e nenhum camelo pisou sobre o meu corpo; uma cortina parecia retirar-se dos meus ouvidos; havia grande barulho, à frente. Sentei-me e vi que a batalha estava acabada; nossos homens iam-se reunindo, e prostrando os últimos remanescentes do inimigo. O corpo da minha camela tinha ficado a meu lado, como uma rocha, e dividira a carga em duas correntes: e, na parte traseira do seu crânio, via-se a pesada bala do quinto tiro que eu mesmo disparei.

Mohammed trouxe-me Obeyd, meu camelo de reserva, e Nasir voltou, conduzindo o comandante turco que havia salvo, embora ferido, da fúria de Mohammed el Dheilan. A estúpida criatura se recusara a render-se, tendo procurado restaurar a boa situação do seu lado com uma pistola de bolso. Os Howeitats mostraram-se ferozes, porque o massacre das suas mulheres, no dia anterior, havia sido um novo e horrível aspecto da guerra, subitamente revelado aos seus olhos. Assim, havia apenas uns cento e sessenta prisioneiros, na maioria feridos; e os trezentos mortos e moribundos foram espalhados pelos vales abertos.

Poucos dos inimigos fugiram: os artilheiros com as suas parelhas, e alguns dos homens e oficiais montados, em companhia dos seus guias Jazis. Mohammed el Dheilan deu-lhes caça até cinco quilômetros para dentro de Mreigha, rugindo insultos à medida que cavalgava e proclamando que os fugitivos deveriam conhecê-lo e manterem-se à parte do seu caminho. A dívida de sangue de Auda e dos seus primos nunca se havia aplicado a Mohammed, o espírito político, que mostrava amizade para com todos os homens da sua tribo

quando se encontrava sozinho para proceder assim. Entre os fugitivos, figurava Dhaif-Allah, que nos havia prestado socorros no caso do Poço do Rei, em Jefer.

Auda aproximou-se de nós, balançando-se todo, a pé, com os olhos transfigurados pelo arroubo da batalha, com as palavras a borbulhar, em incoerente rapidez, na sua boca. "Trabalho, trabalho, onde estão as palavras, trabalho, balas, Abu Tayi..." e mostrava o seu binóculo de campanha estilhaçado, a capa da sua pistola toda esburacada e a bainha da sua espada retalhada em tiras. Havia sido alvo de uma rajada que matara a sua égua, estando ele sobre ela, mas as seis balas que passaram pelas suas roupas o deixaram ileso.

Contou-me, mais tarde, em estrita confidência, que treze anos antes havia comprado um Corão-amuleto, por cento e vinte libras, não tendo sido mais ferido desde então. De fato, a Morte havia sempre evitado o seu encontro, deslizando ao redor, vilmente, a matar irmãos, filhos e sequazes. O livro era uma reprodução de Glasgow, ao preço de dezoito pence; mas a intensidade de Auda não permitia que se risse da sua superstição.

Mostrava-se asselvajadamente alegre com a batalha, principalmente porque conseguira confundir-me e mostrar-me o que a sua tribo poderia fazer. Mohammed manifestava-se irritado conosco, como com um par de loucos, dizendo ser eu pior do que Auda, posto que eu o havia insultado com palavras que eram pedradas a fim de provocar a loucura que quase nos matara a todos: não obstante, matara apenas dois dos nossos, um Rueili e um Sherari.

Era, naturalmente, uma pena perder qualquer dos nossos homens, mas o tempo tinha tal importância para nós e tão imperativa se apresentava a necessidade de dominarmos Maan para forçarmos as pequenas guarnições turcas, entre nós e o mar, a renderem-se, que eu teria perdido de boa vontade muito mais do que dois. Em ocasiões como aquelas, a Morte justificava-se por si mesma e era barata.

Interroguei os prisioneiros a respeito deles próprios, bem como das tropas de Maan; mas a crise de nervos lhes havia sido muito severa. Alguns embasbacavam-se à minha frente, outros tagarelavam, ao passo que outros, ainda, em choro irreprimível, me abraçavam os joelhos, protestando a cada palavra nossa que eram correligionários muçulmanos e meus irmãos na fé.

Finalmente zanguei-me e tomei um deles à parte; mostrei-me áspero para com ele, forçando-o, por meio de novos sofrimentos, a um estado de meio-entendimento; só desta forma respondeu com clareza, e tranqüilizadoramente, que o seu batalhão era o único reforço, e ainda assim não passava de mero

batalhão de reserva; as duas companhias, em Maan, não bastariam para defender o seu perímetro.

Isto queria dizer que nós poderíamos tomá-la facilmente, e os Howeitats clamaram o desejo de ser conduzidos para lá, fascinados pelo sonho de imensurável pilhagem, embora o que já havíamos tomado constituísse uma rica recompensa. Entretanto, Nasir, e depois Auda, auxiliaram-me a acalmá-los. Não tínhamos apoio, nem tropas regulares, nem canhões, nem base mais próxima do que Wejh, nem comunicações, nem sequer dinheiro, visto que o nosso ouro se havia exaurido e já estávamos emitindo cédulas nossas, simples promessas de pagamento "quando Akaba fosse tomada", para as despesas cotidianas. Além disso, o plano estratégico não deveria ser alterado para se levar avante qualquer êxito tático. Deveríamos caminhar para a costa, restabelecendo o contato marítimo com Suez.

Contudo, seria de bom aviso alarmar Maan, mais do que já o havíamos feito: assim, enviamos homens montados para Mreigha, e tomamo-la; fizemos o mesmo para Waheida, e tomamo-la. As notícias destas avançadas, da perda dos camelos na estrada de Shobek, da demolição de El Haj e do massacre do batalhão de reforço chegaram todas juntas a Maan, provocando um verdadeiro pânico. O quartel-general militar telegrafou pedindo auxílio, as autoridades civis carregaram o arquivo oficial em vagões, partindo, a toda velocidade, para Damasco.

CAPÍTULO 54

Entrementes, os árabes haviam saqueado os turcos, os seus trens de carga e o seu acampamento; e logo depois do nascer da lua Auda veio a nós dizendo que deveríamos deslocar-nos. Isto irritou a Nasir e a mim. Naquela noite, soprava um vento saturado de orvalho, vindo do ocidente, e sobre os mil e duzentos metros de Aba el Lissan, depois do calor e da ardente paixão do dia, o seu frio úmido repercutia agudamente nos nossos ferimentos e lesões. A própria fonte era uma fita de água prateada, num arroio de cascalhos, atravessando uma deliciosa turfa, verde e macia, sobre a qual nos deitamos, envoltos em nossas capas, indagando, com os nossos botões, se valeria a pena preparar alguma coisa para comer; porque, no momento, estávamos subjugados pela vergonha física do êxito, reação da vitória, quando se tornava claro que nada valia a pena ser feito e que nada que valesse a pena fora feito.

Auda insistiu. Em parte, tratava-se de superstição — tinha medo dos recém-mortos ao nosso redor; em parte, receava que os turcos voltassem reforçados; e em parte, ainda, para que os outros clãs dos Howeitats não nos apanhassem, deitados ali, quebrados de cansaço e adormecidos. Alguns eram seus inimigos de sangue; outros poderiam dizer que viriam para nos auxiliar na nossa batalha; na escuridão, pensariam que fôssemos turcos, atirando cegamente. Assim, levantamo-nos e empurramos os tristes prisioneiros em linha.

Muitos tinham de andar a pé. Cerca de vinte camelos haviam sido mortos, ou estavam moribundos, em virtude de ferimentos recebidos na carga, e outros se achavam excessivamente cansados, não podendo suportar peso duplo. Os animais restantes foram carregados com um árabe e um turco; mas alguns dos feridos turcos estavam excessivamente estropiados para poderem manter-se por si na garupa. Afinal, tivemos de abandonar cerca de vinte sobre a grama espessa, à margem do riacho, onde, pelo menos, não morreriam de sede, embora houvesse pouca esperança de vida ou de salvação para eles.

Nasir começou, pessoalmente, a angariar cobertores para aqueles homens abandonados, que se achavam seminus; e enquanto os árabes arrumavam as bagagens fui para o vale, onde a batalha se havia verificado, a fim de ver se os mortos tinham roupa que lhes pudesse servir. Mas os beduínos haviam estendido a mão antes de mim, despindo-os até a a pele. Isto era para eles questão de honra.

Para um árabe, a parte essencial da vitória estava em envergar as roupas do inimigo: e, no dia seguinte, vimos a nossa força transformada (quanto à metade superior do corpo) em força turca, cada homem metido em túnica de soldado, porque aquele fora o batalhão que procedera diretamente da pátria, muito bem-posto, com seus componentes a trajar uniformes novos.

Os homens mortos pareciam maravilhosamente belos. A noite atirava luzes delicadas, amaciando-lhes as feições, como se fossem de marfim novo. Os turcos tinham a pele branca, nas partes vestidas, muito mais branca do que a dos árabes; e aqueles soldados ainda eram muito jovens. Bem perto deles, enroscava-se o escuro absinto, agora pesadamente carregado do orvalho, sobre o qual os raios da lua rebrilhavam como borrifo de espuma do mar. Os cadáveres pareciam arremessados sem piedade ao chão, e reunidos, tumultuadamente, em pequenos montes. Sem dúvida, se estendidos, se sentiriam mais confortáveis, por fim. Assim, coloquei-os em ordem, um por um, imensamente triste e desejando pertencer ao número daqueles corpos tranqüilos, não ao da turba inquieta, rumorosa e sofredora, que se achava lá em cima do vale, disputando o saque, orgulhando-se da sua velocidade e da sua resistência para suportar sabe Deus quantas tarefas e quantos sofrimentos daquela espécie e tendo a morte, vencêssemos ou perdêssemos, à nossa espera, para concluir a história.

Por fim, o nosso pequeno exército ficou pronto serpenteando logo a seguir, lentamente, pelas alturas e além delas, para passar por uma depressão abrigada do vento; e ali, enquanto os homens cansados dormiram, nós ditamos cartas aos xeques dos Howeitats do litoral, contando-lhes a vitória, dizendo-lhes que deveriam investir contra os turcos mais próximos e mantê-los ocupados até a nossa chegada. Havíamos sido gentis para com um dos oficiais capturados, um policial desprezado pelos seus colegas regulares; convencemo-lo de que deveria ser o nosso escriba turco para as cartas dirigidas aos comandantes de Guweira, Kethera e Hadra, os três postos que ficavam entre nós e Akaba, informando-os de que, se não resistissem, tomaríamos prisioneiros, e de que a rendição imediata lhes garantiria um bom tratamento e a entrega, sãos e salvos, ao Egito.

Isto durou até a aurora; a seguir, Auda chamou-nos para a estrada, conduzindo-nos através do último quilômetro de vale maciamente revestido de urze, entre as montanhas arredondadas. A região era familiar e confortável, até o último barranco verde; súbito, porém, percebemos que aquele era o último, e que além dele nada havia, senão ar claro. A encantadora mudança, desta feita, impressionou-me e deu-me prazer; e depois, toda vez que por ali passamos, sempre houve um quê de ânsia no espírito, uma certa ansiedade à frente do camelo, qualquer empolar do peito, a fazer-nos olhar, de novo, por cima da crista, na direção da imensidão.

A encosta do Shtar despencava-se por centenas e centenas de metros, em curvas, como bastiões, contra os quais as nuvens das manhãs de verão se quebravam; e, a partir do sopé, abria-se a nova terra, constituída pela planície de Guweira. Os parapeitos arredondados de pedra calcária de Aba el Lissan estavam cobertos de entulho e de urze verde, bem irrigada. Guweira era um mapa de areia cor-de-rosa, como que escovada por listas de cursos de água, num manto de arbustos enfezados; e, fora disto, marcando-lhe os limites, torreavam ilhas e rochedos de reluzente pedra arenosa, escarpados pelo vento e ranhurados pela chuva, celestialmente coloridos pelo sol matinal.

Depois de dias de viagem no planalto, em vales que eram prisões, dar com esta margem de liberdade era uma visão compensadora, como janela aberta na muralha da vida. Marchamos por todo o passo ziguezagueante de Shtar, para reconhecer-lhe a excelência, porque, sobre os camelos, cambaleávamos demais de sono e não ousávamos ver coisa alguma. No sopé, os animais encontraram um tapete de espinheiros que deu prazer às suas mandíbulas; nós, os que íamos à frente, fizemos alto, rolamos pela areia fofa como um canapé e dormimos incontinenti.

Auda chegou. Explicamos que havíamos parado por piedade dos nossos prisioneiros rotos de cansaço. Respondeu que apenas eles morreriam de exaustão se continuássemos a marchar, mas que, se perdêssemos tempo, ambas as partes pereceriam: porque, na verdade, já havia pouca água e nenhum alimento. Entretanto nada podíamos fazer, e paramos aquela noite aquém de Guweira depois de apenas vinte e cinco quilômetros de marcha. Em Guweira, encontrava-se o xeque ibn Jad, equilibrando a sua política a fim de bandear para o lado do mais forte: e, naquele dia, éramos nós os mais fortes, e a velha raposa era nossa. Recebeu-nos com discursos adocicados. Os cento e vinte turcos da guarnição eram seus prisioneiros; concordamos com ele em que os conduziria, a seu critério e à comodidade deles, para Akaba.

Estávamos a 4 de julho. Angustiava-nos o tempo, pois tínhamos fome e Akaba se encontrava ainda à nossa frente, além de dois fortins de defesa. O posto mais próximo, o de Kethira, recusara-se insolentemente a parlamentar conosco. Seus rochedos dominavam o vale — sítio fortificado que deveria custar muito a tomar. Ironicamente, outorgamos esta honra a ibn Jad e aos seus homens não fatigados, aconselhando-o a provar o golpe depois do escurecer. Ele recuou, apresentou dificuldades, alegou o plenilúnio: mas nós pusemos termo a estas desculpas prometendo-lhe que, naquela noite, por certo lapso de tempo, não deveria haver lua. Pelo meu diário, deveria haver eclipse. Como era lógico, isto se verificou, e os árabes forçaram o posto, sem perdas, enquanto os soldados supersticiosos deflagraram tiros de carabina e entrechocaram tachos de cobre a fim de salvar o satélite ameaçado.

Novamente tranqüilizados, pusemo-nos em marcha pela planície que tinha ares de praia. Niazi Bey, o comandante do batalhão turco, era hóspede de Nasir, a fim de lhe ser poupada a humilhação do atrevimento beduíno. Agora, encontrava-se a meu lado; suas pálpebras inchadas e o seu longo nariz traíam-lhe o mau humor; passou a queixar-se de que um árabe o insultara lançando-lhe uma grosseira palavra turca. Apresentei desculpas, fazendo-o observar que a palavra deveria ter sido ouvida da boca de algum dos seus patrões turcos. O árabe reembolsava César.

César, não satisfeito com isso, puxou de seu bolso um naco ressecado de pão, perguntando-me se aquilo era almoço adequado a um oficial turco. Os dois excelentes meus semelhantes, Daud e Farraj, saqueando em Guweira, haviam comprado, achado ou roubado a ração de pão de soldado turco; e nós o dividimos. Disse-lhe que aquilo não era almoço, mas merenda e jantar, e talvez também as refeições do dia de amanhã. Eu, oficial de estado-maior do exército britânico (não menos bem alimentado do que os turcos) tinha comido o meu naco com o condimento da vitória. Era a derrota, não o pão, que lhe amargava a garganta, e supliquei-lhe não me culpasse pelo desenlace de uma batalha imposta à honra de ambos.

As trilhas do Wadi Itm aumentavam de intrincada rugosidade, à medida que penetrávamos mais profundamente. Abaixo de Kethira, encontramos postos turcos depois de postos turcos, vazios. Seus homens haviam sido levados para Khadra, posição entrincheirada (à boca do Itm) que defendia Akaba magnificamente bem contra qualquer desembarque vindo do mar. Infelizmente, para eles, os turcos nunca haviam imaginado o ataque pelo interior e, de todas as suas grandes obras nem uma trincheira ou posto ficava de face para dentro da

região. A nossa avançada, procedendo de semelhante direção nova, pô-los todos em pânico.

À tarde, entramos em contato com esta posição capital, e ouvimos dos árabes locais que os soldados dos postos subsidiários, ao redor de Akaba, haviam sido chamados para longe dali, ou reduzidos, de maneira que apenas uns últimos trezentos homens nos separavam do mar. Apeamos, para reunião de conselho, ouvindo então que o inimigo resistia firmemente em trincheiras à prova de bomba e possuía um novo poço artesiano. Apenas, murmurava-se que tinham pouco alimento.

Nós não tínhamos mais. Era um beco sem saída. O nosso conselho aventou este ou aquele recurso. Os argumentos lutaram entre o prudente e o ousado. As irascibilidades eram fáceis e os corpos inquietos, naquela garganta incandescente cujos picos de granito irradiavam o sol em miríades de pontos trêmulos de luz; nas profundidades do seu leito tortuoso, nenhum vento soprava para aliviar a lenta saturação do ar pelo calor.

O nosso número havia subido ao dobro. Tão compactamente se aglomeravam os homens no estreito espaço, fazendo pressão ao nosso redor, que tivemos de suspender a sessão do conselho por duas ou três vezes, em parte porque não seria de bom aviso que soldados nos ouvissem altercando, e em parte porque, naquele sufocante confinamento, os nossos olores não lavados nos ofendiam. Nas nossas cabeças, as pesadas pulsações batiam como relógios.

Enviamos intimações aos turcos, primeiro por meio de uma bandeira branca, e depois de prisioneiros turcos, mas eles atiraram contra ambos. Isto inflamou os nossos beduínos e, enquanto nos achávamos ainda deliberando, uma súbita onda destes homens irrompeu pelos rochedos em forma, remetendo rajadas de balas contra o inimigo. Nasir saiu a correr, descalço, a fim de os parar, mas depois de dez passos sobre o chão queimante guinchou pedindo sandálias; entrementes, acocorei-me no meu átomo de sombra, já excessivamente fatigado daqueles homens (cujo espírito se vestia com a minha libré) para poder cuidar de quem regulava os seus impulsos febris.

Entretanto, Nasir prevaleceu facilmente. Farraj e Daud haviam sido os chefes. Por punição, foram obrigados a sentar sobre rochas afogueadas, até que tiveram de pedir perdão. Daud cedeu imediatamente; mas Farraj que, apesar das suas formas macias, era de couro, sendo também o espírito dominador entre os dois, riu-se da primeira rocha, sentou-se sobre a segunda teimosamente, e renunciou, com um palavrão, só quando teve ordem de sentar-se sobre a terceira.

A sua ousadia devia ser vigiada rigorosamente: mas a única punição possível, à nossa mão, naquela vida errante, era de ordem corporal; e esta havia sido provada, em ambos, com tanta freqüência e tanta inutilidade que eu me sentia enojado. Se confinado neste lado da crueldade, o sofrimento superficial parecia que só lhes irritava os músculos, lançando-os em atividades ainda mais selvagens do que aquelas pelas quais eram condenados. Seus pecados consistiam em diabruras de elfos, em faltas de pensamentos próprios de juventude sem equilíbrio e em sentimentos de felicidade quando nós não nos sentíamos felizes; e sentenciá-los impiedosamente por tais doidices, como se fossem criminosos, até o ponto em que o seu autocontrole se aniquilava e a sua hombridade se desfazia sob o sofrimento animal dos seus corpos, parecia-me coisa degradante, quase sacrilégio contra dois seres cheios de sol, sobre os quais a sombra do mundo ainda não havia tombado — os mais valentes, os mais invejáveis que conheci.

Fizemos uma terceira tentativa para nos comunicarmos com os turcos por meio de um jovem soldado, que dissera compreender como seria possível consegui-lo. Despiu-se e saiu vale abaixo, com pouco mais do que as botas. Uma hora mais tarde, trouxe-nos orgulhosamente a resposta, muito polida, dizendo que, dentro de dois dias, se não viessem reforços de Maan, eles se renderiam.

Esta loucura (porque não podíamos manter os nossos homens indefinidamente) significava o massacre de cada um dos turcos. Não me preocupava muito com eles, mas era melhor que não fossem assassinados, ainda que apenas para nos poupar o trabalho de assistir ao ato. Além disto, nós também sofreríamos perdas. As operações noturnas, sob a luz da lua, ficariam quase tão expostas como durante o dia. Nem esta era, como a de Aba el Lissan, uma batalha imperativa.

Demos ao nosso jovem soldado um soberano, a título de séria recompensa, caminhamos por ali abaixo, até perto das trincheiras, com ele, e o mandamos convidar um oficial para conversar conosco. Depois de alguma hesitação, isto foi conseguido, e explicamos a situação da estrada que ficava atrás de nós; informamo-lo a respeito do número crescente das nossas forças, bem como do nosso insignificante controle sobre o temperamento delas. A conclusão foi a promessa do inimigo de render-se ao clarear do dia. Assim, dormimos outro sono (acontecimento bem raro e digno de ser registrado) a despeito da nossa sede.

No dia seguinte, ao raiar da aurora, a batalha estourou por todos os lados, porque centenas de montanheses, novamente dobrando o nosso número, haviam chegado durante a noite; e, nada sabendo do entendimento, começaram a atirar

contra os turcos, que se defenderam. Nasir saiu a campo, com ibn Dgheithir e os seus Ageyls, marchando a quatro, a caminho do leito aberto do vale. Os nossos homens cessaram o fogo. Os turcos, então, pararam, pois os oficiais e a tropa já não tinham, em si próprios, mais ânimo de luta, nem mais pão, e pensavam que estivéssemos bem abastecidos. Assim a rendição se verificou, tranqüilamente, afinal de contas.

Quando os árabes correram montanha abaixo para saquear, vi um engenheiro, em uniforme cinza, de barba vermelha e atônitos olhos azuis; falei-lhe em alemão. Era o perfurador do poço e não conhecia o idioma turco. Os feitos recentes o haviam assombrado, e pediu-me lhe explicasse o que tencionávamos fazer. Disse-lhe que éramos uma rebelião dos árabes contra os turcos. Foi preciso algum tempo para que ele meditasse sobre o fato. Quis saber quem era o nosso chefe. Disse-lhe que era o xerife de Meca. Supôs que seria enviado para Meca. Disse-lhe que o seria, de preferência, para o Egito. Indagou o preço do açúcar e, quando lhe respondi, "barato e abundante", sentiu-se satisfeito.

Aceitou filosoficamente a perda dos seus bens, mas entristeceu-se por causa do poço, que um pequeno trabalho a mais terminaria, como se fosse o seu monumento. Mostrou-me onde o poço se encontrava, com a bomba apenas construída a meio. Puxando o balde sujo, tiramos água clara, deliciosa, suficiente para aplacar a nossa sede. Depois, corremos através de uma tempestade de areia, vale abaixo, até Akaba, seis quilômetros adiante, e desembocamos no mar a 6 de julho, precisamente dois meses depois da nossa partida de Wejh.

LIVRO V

MARCANDO TEMPO

CAPÍTULOS 55 A 68

A nossa tomada de Akaba deu por finda a guerra do Hedjaz, impondo-nos a tarefa de auxiliar os ingleses a invadir a Síria. Os árabes, agindo com apoio em Akaba, tornaram-se virtualmente a ala direita do exército de Allenby, no Sinai.

Para assinalar a mudança de relações, Feisal, com o seu exército, foi transferido para o comando de Allenby. Allenby tornou-se, então, responsável por suas operações e pelo seu equipamento. Entrementes, organizamos a área de Akaba, transformando-a em base inexpugnável, de onde fosse possível provocar danos à estrada de ferro do Hedjaz.

CAPÍTULO 55

Através da poeira turbilhonante, percebemos que Akaba era toda ruína. Os repetidos bombardeios efetuados pelos navios de guerra franceses e ingleses haviam reduzido o lugar à sua original ninharia. As pobres casas se erguiam em confusão, sujas e desprezíveis, de todo desprovidas dessa dignidade que a duração dos arcabouços desafiadores do tempo conferiam aos restos antigos.

Erramos pelo ensombrado bosque de palmeiras, justamente no ponto em que se quebravam as ondas, e ali nos sentamos a contemplar a passagem dos nossos homens em desfile, como coorte de rubras faces vazias, sem significado algum para nós. Durante meses e meses, Akaba havia sido o horizonte do nosso espírito, a nossa meta: não tínhamos tido pensamento algum, havíamo-nos recusado a pensar sobre qualquer coisa que lhe ficasse à margem. Agora, realizada a aspiração, sentíamos que desprezávamos um pouco as entidades que haviam despendido o mais extremado esforço para uma finalidade cuja consecução nada alterava de radical, no espírito ou no corpo.

Na luz vazia da vitória, mal conseguíamos identificar-nos a nós próprios. Falávamos com surpresa, sentávamo-nos exauridos, rascávamos as nossas túnicas brancas; era duvidoso compreender ou vir a saber quem éramos. O barulho dos outros era como irrealidade de sonho, como o cantarolar a ouvidos afundados na água. Contra a estupefação desta vida continuada e não solicitada, não sabíamos como interpretar o nosso presente, a fim de o fazer valer. Principalmente para mim isto era difícil, porque, embora minha visão fosse aguda, eu nunca via a fisionomia dos homens: espiava sempre um pouco além, imaginando, para meu uso, um sentido real para isto ou para aquilo; e, naquele dia, cada homem possuía o seu desejo de maneira tão manifesta, que todos se completavam nesse desejo, e este se tornava sem significado algum.

A fome despertou-nos do êxtase. Tínhamos, agora, setecentos prisioneiros, além dos nossos quinhentos homens e de dois mil aliados ansiosos. Não

tínhamos dinheiro algum (nem, com efeito, um mercado); e a última refeição se dera dois dias antes. Nos nossos camelos de marcha, possuíamos carne suficiente para seis semanas, mas era cardápio pobre, apesar de precioso, e a complacência para com aquilo nos acarretaria a imobilidade futura.

Tâmaras verdes carregavam as palmeiras, acima das nossas cabeças. Seu gosto áspero era quase tão desagradável como a necessidade de que fosse reconfortante. Cozinhá-las era torná-las ainda mais deploráveis; assim, nós e os nossos prisioneiros enfrentamos com tristeza o dilema de, ou a fome constante, ou os violentos sofrimentos cotidianos mais próprios da glutoneria do que do nosso moderado comer. O assíduo hábito alimentar de toda a vida havia treinado o corpo inglês até o ponto de produzir, com perfeita pontualidade, uma excitação nervosa na parte superior do ventre à hora fixada de cada refeição; e, por vezes, dávamos o nome honroso de fome a este sintoma que denunciava a existência, no estômago, de um espaço cúbico para mais alimento. A fome do árabe era um grito do corpo a trabalhar longamente no vazio, desmaiando de fraqueza. Os árabes viviam de mera fração do grosso do nosso alimento, e os seus modos de vida obrigavam-nos ao emprego exaustivo de tudo quanto obtinham. Um exército nômade não adubaria ricamente a terra com subprodutos.

Os nossos quarenta e dois oficiais prisioneiros constituíam um intolerável embaraço. Sentiram-se desgostosos quando perceberam o quanto mal abastecidos nos encontrávamos: de fato, recusaram-se a crer que não se tratava de fraude para os aborrecer, e importunavam-nos com pedidos de especiarias, como se o Cairo estivesse oculto em nossos alforjes. Para fugirmos deles, Nasir e eu dormimos. Procurávamos sempre assinalar cada etapa cumprida por este pouco de paz extra: porque, no deserto, apenas éramos deixados a sós, pelos homens e pelas moscas, quando estendidos de costas, com uma capa para escudar o rosto, dormindo ou fingindo dormir.

À tarde, tendo passado e se dissipado a nossa primeira reação contra o êxito, começamos a pensar em como poderíamos manter Akaba depois de a termos conquistado. Decidimos que Auda regressaria a Guweira. Deveria ser ali, amparado pelo declive do Shtar, bem como pelas areias de Guweira. De fato, tratava-se de posição tão segura quanto era preciso que fosse. Mas fazia-se mister dar a Auda ainda maiores garantias de segurança, por excesso de precaução. Poríamos, pois, um posto avançado a trinta quilômetros ao seu norte, nas inexpugnáveis ruínas rochosas de Petra nabatiana, ligando-o a ele por meio de outro posto em Delagha. Auda deveria, por sua vez, enviar homens a Batra, de maneira que os seus Howeitats ficassem num semicírculo de quatro posições ao

redor da orla dos planaltos de Maan, cobrindo todas as rotas na direção de Akaba.

Estas quatro posições existiriam independentemente. O inimigo havia devorado as impertinentes generalidades de Goltz a respeito da interdependência das praças-fortes. Ficamos a contemplar as suas valentes arremetidas contra um posto, com o resultado de terem de se sentar depois, confundidos, durante um mês de desconforto, incapazes de avançar, em virtude da ameaça dos três postos remanescentes, coçando a cabeça e indagando com os seus botões a razão pela qual estes outros postos não caíam.

O jantar sugeriu-nos a urgente necessidade de se enviarem notícias, através de duzentos e quarenta quilômetros, aos britânicos, que se encontravam em Suez, pedindo-lhes um navio auxiliar. Resolvi seguir, pessoalmente, com um grupo de oito homens, na maior parte Howeitats, montados sobre os melhores animais da força — um, até, era a famosa camela Jedhah, de sete anos de idade, pela qual os Nowaseras haviam combatido os Beni Sakhr. À medida que seguíamos pela baía, discutíamos a maneira pela qual desenvolveríamos a nossa jornada. Se fôssemos devagar, poupando os animais, estes tombariam de fome. Se marchássemos à pressa, cairiam de exaustão, ou de dores nos pés, em pleno deserto.

Finalmente concordamos em viajar a passo de homem, por mais tentadora que fosse a superfície, durante tantas horas, em cada vinte e quatro, quantas a nossa resistência permitisse. Em semelhantes competições de tempo, o homem, principalmente em se tratando de estrangeiro, caía, em regra, antes do animal; em particular, eu havia montado camelos por oitenta quilômetros por dia, durante o mês último, e já me encontrava no limite extremo da minha resistência. Se eu resistisse, chegaríamos a Suez em cinqüenta horas de marcha; e, para evitar paradas em virtude dos altos culinários, na estrada, levamos conosco pedaços de carne de camelo fervida e tâmaras grelhadas, tudo envolto num tapete, por trás das nossas selas.

Marchamos pela escarpa do Sinai acima, seguindo a trilha dos peregrinos, cortada em rocha, com rampas de um por três e meio. A subida era severa, porque apressada, e quando atingimos a crista, antes do crepúsculo, homens e camelos tremiam de cansaço. Uma camela foi dali enviada de regresso, porque era incapaz daquela viagem: com os outros, seguimos através da planície, a caminho de um bosque de espinheiros, onde os animais pastaram durante uma hora.

Perto da meia-noite chegamos a Themed, onde existiam os únicos poços da nossa rota, em um belo e amplo vale, abaixo da deserta casa de guarda da polícia

do Sinai. Deixamos que os camelos tomassem fôlego, demos-lhes água e bebemos por nossa vez. Depois pusemo-nos novamente a caminho, fatigando-nos através de um silêncio noturno tão intenso que continuamente nos fazia virar, sobre a sela, ao som de rumores imaginários, lá ao longe, no manto das estrelas. Mas a única atividade estava em nós, no estalido da nossa passagem pelos brotos, perfumados como flores espectrais, ao nosso redor.

Marchamos até bem de madrugada. Ao raiar do sol, estávamos longe, na planície, onde feixes de cursos de água se formavam tomando a direção do Arish; e paramos, para dar aos nossos camelos alguns minutos de ilusão de pastagem. A seguir, de novo na sela, até o meio-dia, até depois do meio-dia, quando, por trás da miragem, se ergueram as solitárias ruínas de Nekhl. Deixamo-las à nossa direita. Ao crepúsculo, fizemos alto durante uma hora.

Os camelos estavam frouxos e nós extremamente cansados; mas Motlog, proprietário da Jedhah, homem de um só olho, convidou-nos à ação. Tornamos a montar e, em andar mecânico, subimos as montanhas de Mitla. A lua despontou e as cristas do morro, em silhuetas de extratos de pedra calcária, reluziam como se fossem cristalizações de neve.

De madrugada passamos por um campo de melões, semeado por algum árabe aventureiro, naquelas terras de ninguém entre exércitos. Paramos durante mais algumas das nossas horas preciosas, soltando os camelos aborrecidos, a fim de que andassem pelos vales arenosos em busca de alimento enquanto nós abríamos melões verdes e refrescávamos os lábios escarificados com a sua polpa suculenta. A seguir, novamente para diante, pelo calor do novo dia; não obstante, o vale do canal, constantemente refrescado pelas brisas que vinham do golfo de Suez, nunca era opressivo em demasia.

Cerca de meio-dia encontrávamo-nos além das dunas, depois de feliz ziguezaguear para cima e para baixo das suas ondas, saindo, afinal, para a planície mais rasa. Suez precisava ser adivinhada, pois não passava de friso de pontos indeterminados, meneando-se na miragem da depressão do canal, ao longe, em frente a nós.

Chegamos a grandes linhas de trincheiras, dotadas de fortins e cercas de arame farpado, de rodovias e estradas de ferro, tudo a entrar em decadência. Passamos adiante, sem o menor incômodo. Nossa meta era o Shatt, posto do outro lado de Suez, na margem asiática do Canal, e o atingimos afinal pelas três horas da tarde, a quarenta e nove horas de Akaba. Para uma excursão de tribo, isto devia ser tempo excelente, e nós éramos homens cansados já muito antes de partir.

Shatt encontrava-se em desusada desordem, sem sequer uma sentinela para nos deter, porque a peste ali aparecera dois ou três dias antes. Assim, os velhos acampamentos haviam sido apressadamente abandonados mas deixados de pé, enquanto as tropas bivacavam no deserto limpo. Como era natural, nada sabíamos do acontecido, mas andamos vagando pelos escritórios vazios até encontrarmos um telefone. Liguei para o quartel-general de Suez, dizendo que desejava passar para o outro lado.

Lamentaram não ser aquele o seu mister. A Inland Water Transport dirigia o trânsito pelo Canal de acordo com seus próprios métodos. Havia um laivo de implicância sugerindo que tais métodos não eram os do estado-maior. Intrépido, porque nunca tinha sido partidário do meu ramo burocrático de serviço, telefonei para o escritório do Departamento de Águas e expliquei que acabava precisamente de chegar a Shatt, vindo pelo deserto, com notícias urgentes para o quartel-general. Manifestaram-se pesarosos, mas não tinham botes livres no momento. Enviariam, com segurança, a primeira embarcação pela manhã, a fim de me conduzir para o Departamento de Quarentena — e desligaram.

CAPÍTULO 56

Ora, eu tinha estado durante quatro meses na Arábia, continuamente em movimento. Nas últimas quatro semanas, havia viajado dois mil e duzentos quilômetros a dorso de camelo, não me poupando a esforços para adiantar a guerra; recusava-me, porém, a passar uma única noite supérflua com os meus insetos familiares. Precisava de um banho, e de alguma coisa com gelo para beber: precisava mudar de roupa, toda ela a colar-se nas chagas feitas pela sela, em imundície; comer alguma coisa mais tratável do que tâmaras verdes e tendões de camelos. Fiz uma ligação, de novo, para a Inland Water Transport, e falei como Chrysostomo. Não obtivera resultado e, assim, tornei-me vívido. Mais uma vez, cortaram a ligação. Ia-me tornando realmente agressivo quando um sotaque nórdico e amigo, vindo da central telefônica militar, correu pela linha abaixo: "It's no bluidy good, sir, talking to them fookin water boogers."*

Isto exprimia a verdade aparente; e o operador tagarela pôs-me em comunicação com o escritório de embarques. Ali, Lyttleton, major dos mais ocupados, havia acrescentado às suas inumeráveis tarefas a de captar navios de guerra do mar Vermelho, um por um, assim que entravam no raio de Suez, para os persuadir (como alguns gostavam daquilo!) a empilhar, nas suas cobertas, mercadorias para Wejh ou Yenbo. Desta maneira, passava por cima de milhares de papeletas e de homens, livremente, como se fosse um divertimento dentro da sua rotina; e encontrava tempo, ainda assim, para sorrir em presença do curioso jogo desenvolvido por nós, povo curioso.

Nunca nos falhara. Assim que ouviu quem eu era e onde me encontrava, e o que não se estava passando na Inland Water Transport, a dificuldade foi vencida. A sua lancha estava pronta: estaria em Shatt dentro de meia hora. Eu fiquei de ir diretamente ao seu escritório e de não revelar (talvez até agora, depois da guerra) que uma lancha comum do porto havia passado o canal sagrado sem permissão da Diretoria das Águas. Tudo se desanuviou quando ele o disse. Enviei meus

homens e meus camelos para o norte, a Kubri, onde, por telefone, de Suez, eu poderia mandar preparar-lhes rações e abrigos no acampamento de animais que ficava na costa asiática. Mais tarde, como era natural, veio-lhes a recompensa de alegres e estupendos dias no Cairo.

Lyttleton percebeu o meu cansaço e mandou-me imediatamente para o hotel. Tempos atrás, aquilo me pareceria pobre, mas agora se me afigurava esplêndido; e, depois de dissipar-se a primeira impressão a respeito da minha pessoa e da minha roupa, deram-me banhos quentes e bebidas frias (seis delas), bem como o jantar e o leito dos meus sonhos.

Um oficial do serviço secreto, apreciavelmente solícito, avisado por espiões de que havia um europeu disfarçado no Sinai Hotel, encarregou-se pessoalmente do cuidado dos meus homens em Kubri, fornecendo-me passes e bilhetes para o Cairo, para o dia seguinte.

O exaustivo "controle" do trânsito civil na zona do canal transformou a viagem em uma jornada estúpida. Uma comissão mista da polícia militar egípcia e britânica andou pelo trem, interrogando-nos e examinando detidamente os nossos passes. Era seu hábito fazer guerra aos homens em licença; assim, respondi, de maneira áspera, em inglês fluente: "Xerife de Meca... estado-maior", às suas inquirições em árabe. Ficaram atônitos. O sargento pediu desculpas: não esperava ouvir aquilo. Repeti-lhe que me encontrava com o uniforme do estado-maior do xerife de Meca. Os membros da comissão olharam para os meus pés nus, para as minhas roupas de seda branca, para as cordas de ouro do meu turbante, bem como para a minha adaga. Impossível! De que exército, senhor? "De Meca." "Nunca ouvimos falar nele; não conhecemos esse uniforme." "Reconheceria o senhor um dragão montenegrino?"

Foi uma estocada. Qualquer soldado aliado, em uniforme, podia viajar sem passe. A polícia não conhecia todos os aliados, e muito menos os seus uniformes. O meu deveria ser, de fato, de algum exército raro. Recuaram para o corredor e ficaram a espiar-me, enquanto telegrafaram para a direção da estrada de ferro. Precisamente um pouco antes de Ismaília, um suado oficial do serviço secreto, em cáqui todo molhado, abordou o trem para verificar os meus documentos. Como já estávamos chegando, mostrei-lhe o passe especial, com o qual a previdência de Suez havia duplamente armado a minha inocência. Não se deu por satisfeito.

Em Ismaília, os passageiros para o Cairo desceram para esperar até que o expresso vindo do Port Said estivesse em condições. No outro trem, rebrilhava um opulento salão, do qual desceram o almirante Wemyss, Burmester e Neville,

com um general enorme, com ares de superior. Terrível tensão se difundiu pela plataforma quando o grupo se pôs a andar para cima e para baixo, em pesada conversação. Os oficiais saudaram uma vez, duas vezes, e ainda os que haviam descido continuaram a caminhar para cima e para baixo. Saudar três vezes era demais. Alguns recuaram para a grade, ficando permanentemente em posição de sentido: estes eram os medíocres. Alguns se evadiram: eram os desprezíveis. Alguns se voltaram para as estantes do vendedor de livros e estudaram as lombadas, com avidez: eram os assustadiços. Apenas um se mostrava insolente.

A vista de Burmester colheu o meu olhar interrogativo. Quis saber de quem se tratava, pois eu estava vermelho de queimaduras e muito maltratado em virtude da viagem. (Mais tarde, verifiquei que o meu peso era de menos de sete pedras.**) Fosse como fosse, respondeu ao meu olhar; e expliquei-lhe a história da nossa não anunciada incursão contra Akaba. Isto o excitou. Pedi para que o almirante enviasse imediatamente um navio de víveres. Burmester disse que o *Dufferin*, chegado naquele dia, carregaria todo o alimento armazenado em Suez, iria diretamente a Akaba, e traria de volta os prisioneiros. (Esplêndido!) Daria a ordem pessoalmente, para não interromper o almirante Allenby.

"Allenby! Que é que ele está fazendo aqui?", exclamei. "Oh, ele é quem comanda, agora." "E Murray?" "Foi para a Inglaterra." Estas eram novas das mais sensacionais, importantíssimas no que me diziam respeito: e eu retrocedi em pensamento e fiquei a indagar, com os meus botões, se aquele homem, pesado e rubicundo, era como os generais comuns; talvez tivéssemos embaraços durante seis meses, para o ensinar. Murray e Belinda haviam começado de maneira tão cansativa, que os nossos pensamentos naqueles primeiros dias haviam sido, não derrotar o inimigo, mas fazer com que os nossos próprios chefes nos deixassem viver. Só com o tempo e com as realizações conseguíramos converter *Sir* Archibald e o seu chefe de estado-maior, os quais, nos últimos meses, escreveram ao ministério da Guerra recomendando a aventura árabe, e especialmente Feisal. Fora generosidade da parte deles e triunfo secreto da nossa, pois eram um par esquisito no mesmo carro — Murray todo cérebro e garras, nervoso, elástico, mutável; e Lynden Bell solidamente construído de camadas de opiniões profissionais, coladas umas às outras pelos exames e pela aprovação do governo e, mais tarde, debruado e polido de conformidade com o padrão geral.

No Cairo, meus pés metidos em sandálias matraquearam pelos corredores silenciosos do Savoy, a caminho do aposento de Clayton, que habitualmente eliminava a hora do almoço para lutar contra o excesso de trabalho. Assim que entrei, ele olhou para cima, mantendo-se à mesa, atirando-me um resmungado

“Mush fadi” (dialeto anglo-egípcio, para significar “engajado”); mas eu falei e recebi boas-vindas cheias de surpresa. Em Suez, na noite anterior, eu rabiscara um breve relatório; assim, tínhamos que falar apenas a respeito do que era preciso fazer. Antes de uma hora, o almirante telefonou para dizer que o *Dufferin* estava carregando trigo para a sua viagem de emergência.

Clayton tomou dezesseis mil libras em ouro e pediu escolta para conduzir essa quantia a Suez, pelo trem das três horas. Isto era urgente, para que Nasir fosse capaz de fazer frente às suas dívidas. As cédulas que havíamos emitido em Bair, em Jefer e em Guweira eram promessas a lápis, sobre fórmulas telegráficas do exército, para pagamento ao portador, em Akaba. Era um grande sistema, mas ninguém ainda havia ousado emitir notas na Arábia, porque os beduínos não tinham bolsos nas túnicas, nem cofres nas tendas, e as notas não podiam ser enterradas para segurança. Assim havia, contra as cédulas, um preconceito invencível, e para o nosso bom nome era essencial que fossem logo resgatadas.

Depois, no hotel, procurei roupas que despertassem menos a atenção pública do que meu traje árabe; mas as traças haviam danificado todo o meu guarda-roupa, e foram precisos três dias para que eu me tornasse normalmente mal vestido.

Entrementes, ouvi informações a respeito da excelência de Allenby, bem como da última tragédia de Murray, aquele segundo ataque contra Gaza, que Londres impusera a um homem muito fraco, ou muito político, para resistir; e, da maneira por que ali entramos, todos, generais e oficiais de estado-maior, e até soldados, estavam convencidos de que morreríamos.

. Cinco mil e oitocentos foi o total das mortes. Dizia-se que Allenby estava recebendo um exército composto de novas tropas e centenas de canhões, de forma que tudo passaria a ser diferente.

Antes que minhas roupas estivessem prontas, o comandante-em-chefe mandou chamar-me, por curiosidade. No meu relatório, pensando em Saladino e em Abu Obeida, eu acentuaria a importância das tribos orientais da Síria e o seu emprego adequado, como ameaça às comunicações de Jerusalém. Isto concordava com as suas ambições, e ele queria julgar a minha capacidade.

Foi uma entrevista cômica, porque Allenby era fisicamente enorme e confiante e moralmente tão grande que a compreensão da nossa pequenez muito lentamente chegou a ele. Sentou-se na poltrona olhando para mim — não diretamente, como era seu costume, mas de esconso, intrigado. Viera

recentemente da França, onde, durante anos, havia sido dente da grande engrenagem que moía o inimigo. Estava cheio de idéias ocidentais relativas ao poder e ao peso de canhões — a pior experiência da nossa guerra — mas, como oficial de cavalaria, já andava meio inclinado a renunciar à nova escola, naquele mundo diferente da Ásia, para acompanhar Dawnay e Chetwode ao longo da velha estrada gasta da manobra e do movimento; todavia, não estava preparado para coisa alguma tão estranha como a minha pessoa — um pequeno homem descalço, de túnica de seda, oferecendo-se para embaraçar o inimigo apenas por meio da pregação, se lhe fossem dados víveres, armas e o fundo de duzentos mil soberanos para convencer e controlar os convertidos.

Allenby não conseguia discernir o quanto eu era realizador genuíno e o quanto era charlatão. O problema agitava-se por trás dos seus olhos, e eu o deixei sem auxílio para o resolver. Não me fez muitas perguntas, nem falou muito, mas estudou o mapa e ouviu as minhas observações sobre a Síria oriental e os seus habitantes. Por fim, levantou o rosto e disse, de maneira direta: "Bem, eu farei pelo senhor o que puder", e isto terminou a entrevista. Não me sentia certo a respeito do ponto até o qual eu o havia convencido; mas viemos a saber, gradualmente, que ele pensava exatamente o que dizia; e que o que o general Allenby podia fazer era o bastante para o seu mais insaciável servidor.

Notas

* “Não vale a pena discutir com eles, senhor, são todos mandriões, estes transportadores marítimos.” (*N. do T.*)

** Peso antigo equivalente a 6,35 kg. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 57

Com Clayton, abri-me completamente. Akaba havia sido tomada pelo meu plano e pelo meu esforço. O custo da captura recaíra sobre o meu cérebro e os meus nervos. Restava muito mais, que eu me sentia inclinado a fazer, e capaz de fazer desde que ele pensasse que eu conquistara o direito de ser o meu próprio comandante. Os árabes diziam que cada homem acreditava que os seus carrapatos eram gazelas; eu o pensava, fervorosamente.

Clayton concordou em que eram carrapatos valentes e proveitosos; mas objetou que o comando de fato não poderia ser dado a um oficial mais moço em relação ao resto. Sugeriu o nome de Joyce para a qualidade de oficial comandante em Akaba, coisa que me convinha perfeitamente. Joyce era um homem em quem a gente podia apoiar-se contra o mundo: espírito sereno, imutável, tranqüilo. Sua mente, como paisagem pastoral, dava para quatro cantos: cuidado, amizade, comedimento, franqueza.

Conquistara opiniões de ouro em Rabegh e em Wejh, praticando precisamente aquele ato de construir um exército e uma base, ato que poderia ser necessário também em Akaba. Como Clayton, ele era boa cartilagem para ser colocada entre juntas opostas, mas era mais bem-humorado do que Clayton, sendo de espáduas amplas, irlandês, contando bem mais de um metro e oitenta de altura. Sua índole levava-o a devotar-se à tarefa mais à mão, sem esforçar muito os pés a correr atrás de maiores horizontes. Também era mais paciente do que qualquer arcanjo de que se tenha memória, e só sorria aquele lindo sorriso seu quando eu entrava com planos revolucionários; e atirava novos galões de fantasia ao pescoço da coisa selvagem que ele ia lentamente engrandecendo.

O resto era fácil. Para oficial de abastecimento, teríamos Goslett, o homem de negócios de Londres, que tornara tão engalanada a caótica Wejh. Os aeroplanos ainda não podiam ser postos em ação; mas os carros blindados podiam partir imediatamente, bem como um navio do porto, se o almirante fosse

generoso. Telefonamos para *Sir* Rosslyn Wemyss, que era muito generoso: sua nau capitânia, *Euryalus*, deveria ficar por lá durante as primeiras semanas.

Isto era genial, porque, na Arábia, os navios eram considerados pelo número de chaminés, e o *Euryalus*, com quatro, afigurava-se excepcional entre os navios. Sua grande reputação garantiu, aos homens das montanhas, que nós éramos de fato o lado vencedor; e sua enorme equipagem, por instigação de Everard Feilding, constituiu por brincadeira, para nós, um bom cais de atracação.

Do lado árabe, pedi que a dispendiosa e difícil base de Wejh fosse abandonada, e Feisal passou para Akaba, com todo o seu exército.

Isto pareceu, no Cairo, um pedido prematuro. Assim, fui além, observando que o setor Yenbo-Medina também se havia tornado antiquado; e aconselhei a transferência para Akaba dos suprimentos, do dinheiro e dos oficiais agora devotados a Ali e a Abdulla. Isto foi considerado impossível. Mas o meu desejo a respeito de Wejh foi-me garantido, à guisa de compromisso.

Então, mostrei que Akaba era o flanco direito de Allenby, a apenas cento e cinqüenta quilômetros do seu centro, mas a mil e duzentos quilômetros de Meca. À medida que os árabes prosperassem, o seu trabalho passaria a ser feito cada vez mais na esfera da Palestina. Assim, era lógico que Feisal devia ser transferido da área do rei Hussein, para se tornar comandante de exército da expedição aliada do Egito, às ordens de Allenby.

Esta idéia oferecia dificuldades. "Aceitá-la-ia Feisal?" Eu havia conversado com ele, meses antes. "E o alto comissário?" O exército de Feisal havia sido a maior e a mais notável das unidades do Hedjaz: no futuro não seria a pior. O general Wingate havia assumido inteira responsabilidade pelo movimento árabe, nos momentos mais angustiosos, com grande risco para a sua reputação; ousaríamos nós pedir-lhe que desistisse da guarda avançada, agora, bem no limiar do êxito?

Clayton, conhecendo muito bem Wingate, não sentiu receio de lhe apresentar a idéia: e Wingate respondeu prontamente que, se Allenby pudesse fazer uso direto e amplo de Feisal, seria ao mesmo tempo seu dever e seu prazer entregar-lhe tudo, para o bem geral.

A terceira dificuldade da transferência seria o rei Hussein: caráter obstinado, de mente estreita, desconfiado, pouco inclinado a sacrificar a tola vaidade pela unidade de controle. Sua oposição colocaria em risco o plano, e ofereci-me para ir ter com ele e convencê-lo, visitando, a caminho, Feisal, que daria cartas recomendando a mudança, a fim de fortalecer as poderosas cartas que Wingate

escreveria ao rei. Isto foi aceito. O *Dufferin*, de regresso de Akaba, foi incumbido de levar-me a Djedda, para a nova missão.

Precisou de dois dias para chegar a Wejh. Feisal, com Joyce, Newcombe e todo o exército, encontrava-se em Jeida, cento e cinqüenta quilômetros terra adentro. Stent, que havia sucedido a Ross no comando da força aérea da Arábia, conduziu-me pelo ar; assim, cruzamos confortavelmente, a noventa quilômetros por hora, as montanhas laboriosamente transpostas a lombo de camelo.

Feisal estava ansioso para ouvir os pormenores relativos a Akaba, e riu das nossas guerras de aprendiz. Sentamo-nos e fizemos planos a noite toda. Ele escreveu ao pai; ordenou que o seu corpo de cameleiros marchasse para Akaba imediatamente; e traçou os primeiros preparativos para que o paxá Jaafar e o seu exército fossem transportados a bordo do paciente *Hardinge*.

Pela madrugada, voamos de regresso a Wejh, e, uma hora depois, o *Dufferin* zarpava para Jidá, onde as coisas se tornaram fáceis para mim, com o poderoso auxílio de Wilson. Para tornar Akaba forte, por ser o nosso setor mais promissor, ele enviou um navio repleto de víveres e de munições de reserva, oferecendo-nos qualquer dos seus oficiais. Wilson era da escola de Wingate.

O rei desceu de Meca e conversou, de maneira digressiva. Wilson era a pedra de toque real, pela qual se provavam os rumos duvidosos. Graças a ele, a proposta transferência de Feisal para o comando de Allenby foi imediatamente aceita, colhendo o rei Hussein a oportunidade para acentuar a sua completa lealdade relativamente à nossa aliança. Então, mudando de assunto, como de costume sem a menor coerência, começou a expor a sua posição religiosa, sem ser um forte Shia, nem um forte Sunni, visando de preferência a uma simples interpretação pré-cismática da fé. Em política externa, revelou ter espírito tão estreito como ampla era a sua visão a propósito de coisas não terrenas; manifestava muito dessa tendência destrutiva dos pequenos homens a negar a honestidade dos seus contendores. Captei alguma coisa do ciúme radicado que tornava o moderno Feisal suspeito à corte do pai; e percebi como podiam os malfeitores conturbar o rei.

Enquanto agíamos de maneira tão interessante em Jidá, dois telegramas abruptos, vindos do Egito, estraçalharam a nossa paz. O primeiro informava que os Howeitats se encontravam em traiçoeira correspondência com Maan. O segundo incluía Auda na conspiração. Isto nos desalentou. Wilson havia viajado com Auda, tendo formado o inevitável conceito da sua perfeita sinceridade: contudo Mohammed el Dheilan era capaz de jogo duplo; ademais, ibn Jad e os seus amigos eram incertos. Preparamo-nos para partir imediatamente com

destino a Akaba. A traição não havia sido tomada em conta quando Nasir e eu organizamos o plano de defesa da cidade.

Felizmente, o *Hardinge* estava no porto, à nossa disposição. Na terceira tarde, chegávamos a Akaba, onde Nasir não tinha noção alguma de qualquer coisa que não estivesse em ordem. Disse-lhe, apenas, do meu desejo de saudar Auda: emprestou-me um camelo rápido e um guia; e, de madrugada, encontramos Auda, Mohammed e Zaal, todos numa tenda, em Guweira. Mostraram-se confusos quando apeei junto deles, sem pré-aviso; mas asseguraram que tudo corria bem. Fizemos a refeição juntos, como amigos.

Outros Howeitats chegaram, e houve conversação alegre a respeito da guerra. Distribuí os presentes do rei; e disse-lhes, para que rissem, que Nasir havia conseguido o seu mês de licença para ser passado em Meca. O rei, entusiasta da revolta, acreditava que os seus servidores deveriam trabalhar como valentes. Assim, não permitia visitas a Meca, e os pobres homens achavam ser o contínuo serviço militar um pesado banimento de junto de suas esposas. Havíamos discutido cem vezes, concluindo que, se Nasir tomasse Akaba, conquistaria seu direito a férias; mas ele não acreditara nestas férias enquanto não lhe entreguei a carta de Hussein, na tarde anterior. Em sinal de gratidão, vendeu-me Ghazala, camela real que ganhara dos Howeitats. Como seu proprietário, tornei-me objeto de novo interesse para os Aby Tayis.

Depois da refeição, sob pretexto de sono, fiquei livre dos visitantes; e, então, abruptamente, pedi a Auda e a Mohammed que fossem comigo ver o forte e o reservatório em ruínas. Quando nos vimos sós, mencionei a correspondência deles com os turcos. Auda começou a rir; e Mohammed, a parecer desagradado. Por fim, explicaram, laboriosamente, que Mohammed havia tomado a chancela de Auda e escrito ao governador de Maan, oferecendo-se para desertar da causa do xerife. Os turcos haviam respondido alegremente, prometendo grandes recompensas. Mohammed pedira alguma coisa como antecipação. Auda, então, soube do caso, esperou até que o mensageiro com os presentes se encontrasse a caminho, capturou-o e roubou-o até a pele; e estava negando a Mohammed a partilha da pilhagem. Era uma farsa, e rimos a valer; mas havia mais, além disso.

Sentiram-se aborrecidos porque nem canhões nem tropas ainda tinham chegado em seu apoio; e porque nenhuma recompensa lhes havia sido dada pela captura de Akaba. Mostraram-se ansiosos por saber como eu tivera conhecimento das suas combinações secretas e até que ponto eu estava a par delas. Encontrávamo-nos num barranco escorregadio. Brinquei com o receio deles, para meu divertimento de resto desnecessário, citando, entre gargalhadas

descuidadas, como se fossem minhas próprias palavras, frases verdadeiras das cartas que haviam trocado. Isto produziu a impressão por mim desejada.

À guisa de parêntese, disse-lhes que todo o exército de Feisal se encontrava a caminho; que Allenby estava remetendo carabinas, canhões, altos explosivos, alimentos e dinheiro para Akaba. Finalmente, sugeri que as presentes despesas de hospitalidade de Auda deviam ser grandes; serviria de auxílio, se eu adiantasse alguma coisa do grande presente que Feisal lhe faria, pessoalmente, assim que chegasse? Auda viu que o momento imediato não seria desaproveitável, que a chegada de Feisal seria altamente vantajosa e que os turcos sempre estariam com ele, se outros recursos falhassem. Portanto, concordou, de muito bom humor, em aceitar o meu adiantamento; e, com isto, em manter os Howeitats bem alimentados e alegres.

Deu-se o caso quase ao crepúsculo. Zaal havia matado uma ovelha e nós comemos de novo, em franca amizade. Depois, tornei a montar, com Muffadih (para ir buscar o subsídio de Auda) e Abd el Rahman, criado de Mohammed, que, ao que me sussurrou, receberia qualquer coisinha que eu desejasse enviar-lhe separadamente. Marchamos a noite toda a caminho de Akaba, onde despertei Nasir do seu sono, a fim de liquidar o nosso último negócio. Depois remei, numa canoa abandonada, do "quebra-mar *Euryalus*" para o *Hardinge*, precisamente quando os primeiros raios da aurora surgiram nos picos ocidentais.

Fui para baixo, tomei banho e dormi até o meio da manhã. Quando voltei à coberta do navio, este singrava grandioso pelo estreito golfo, a todo vapor, rumo ao Egito. O meu aparecimento causou sensação, pois nem sequer poderiam sonhar que eu conseguisse chegar a Guweira, dar cabo da minha tarefa e regressar em menos de seis ou sete dias, para embarcar no navio seguinte.

Chamamos o Cairo e anunciamos que a situação, em Guweira, era inteiramente boa, não havendo traição alguma. Era possível que isto dificilmente fosse a verdade; mas, visto que o Egito nos mantinha alertas pelas suas restrições, devíamos reduzir as verdades não-políticas a fim de o manter confiante e de nos conservarmos uma lenda. As multidões queriam heróis de livro, e nunca compreenderiam até que ponto Auda era mais humano porque, depois da batalha e do assassínio, seu coração pendia para o lado do inimigo derrotado, agora subjugado, à sua livre escolha, para ser poupado ou morto: e, portanto, nunca fora tão digno de amor.

CAPÍTULO 58

Nova pausa se verificou em meu trabalho, e de novo os meus pensamentos se arquitetaram por si. Até que Feisal, Jaafar, Joyce e o exército chegassem, pouco poderíamos fazer, senão pensar; não obstante, isto, para o nosso mérito, era o processo essencial. Até então, a nossa guerra tinha tido apenas uma operação estudada — a marcha sobre Akaba. O acaso a brincar com os homens, e as manobras daqueles cuja chefia havíamos assumido, desabonavam o nosso espírito. Jurei saber, dali para adiante, antes de me mover, para onde ia e por quais estradas.

Em Wejh, a guerra do Hedjaz estava ganha; depois de Akaba, estava terminada. O exército de Feisal havia liquidado as suas dependências árabes e, agora sob o comando do general Allenby, comandante-em-chefe, o seu papel era tomar parte na libertação militar da Síria.

A diferença entre o Hedjaz e a Síria era a diferença entre o deserto e a terra cultivada. O problema que se nos oferecia era um só, quanto ao caráter — ensinar a ser civil. A aldeia do Wadi Musa foi o nosso primeiro recrutamento campesino. A menos que também nos tornássemos camponeses, o movimento da independência não iria adiante.

Foi bom para a revolta árabe o fato de já, tão cedo, ainda nos seus albores, esta mudança se haver imposto por si. Tínhamos estado a arar desesperadamente terras gastas; a fazer a nacionalidade surgir em lugar cheio de certeza de Deus, venenosa certeza que proibia toda esperança. Em meio às tribos, o nosso credo só poderia ser como a erva do deserto — bela e rápida aparência de primavera que, depois de um dia de calor, se diluía na poeira. Objetivos e idéias deviam ser transladados para a tangibilidade, por meio de expressão material. Os homens do deserto eram excessivamente desprendidos para expressar a primeira; excessivamente pobres de bens, e afastados da complexidade, para acarretar a segunda. Se quiséssemos prolongar a nossa vida, teríamos de passar para as terras

ornamentadas; para as aldeias onde lares e campos mantinham os olhos dos homens abaixados e o olhar perto; e deveríamos começar a nossa campanha como havíamos começado a do Wadi Ais, pelo estudo do mapa e pela recordação da natureza deste nosso campo de batalha da Síria.

Os nossos pés se encontravam sobre os seus limites do sul. A oriente, estendia-se o deserto dos nômades. A ocidente, a Síria limitava-se pelo Mediterrâneo, desde Gaza até Alexandria. Ao norte, as populações turcas da Anatólia punham-lhe fim. Dentro destes limites, a terra apresentava-se muito parcelada por meio de divisões naturais. Destas, a primeira e a maior era a longitudinal; o enrugado espinhaço de montanhas que, de norte a sul, dividia a faixa litorânea da planície interior. Estas áreas apresentavam diferenças climáticas tão marcadas que assinalavam duas regiões, quase que duas raças, com suas respectivas populações. Os sírios do litoral viviam em casas diferentes, alimentavam-se e trabalhavam diferentemente, falavam um árabe que diferia, pela inflexão e pelo tom, do árabe dos que viviam no interior. Falavam do interior de má vontade, como se fora terra selvagem, de sangue e de terror.

A planície interna era subdividida, geograficamente, em faixas, pelos rios. Estes vales eram as mais estáveis e prósperas regiões agrícolas do país. Seus habitantes eram o reflexo da terra: contrastavam, do lado do deserto, com as populações estranhas e móveis dos confins, que se mudavam para o oriente ou para o ocidente, com a estação do ano, e viviam dos seus expedientes, assolados pela seca e pelos gafanhotos, bem como pelas incursões dos beduínos; e, quando isto lhes faltava, pelas suas próprias incuráveis dívidas de sangue.

Assim, a natureza havia dividido o país em zonas. O homem, atuando sobre a natureza, havia dado, aos seus compartimentos, certa complexidade adicional. Cada uma destas faixas divisórias de norte a sul era cruzada e murada artificialmente, nela vivendo comunidades em disputa. Tínhamos que reuni-las em nossas mãos, para a ação ofensiva contra os turcos. As oportunidades e as dificuldades de Feisal residiam nestas complicações políticas da Síria, que mentalmente dispúnhamos em ordem como um mapa social.

Bem ao norte, extremamente adiante de nós, a fronteira idiomática seguia, e não ineptamente, a estrada de rodagem que ia de Alexandria a Aleppo, onde se encontrava com a estrada de ferro de Bagdá, subindo com esta até o vale do Eufrates; mas alguns territórios encravados, de idioma turco, ficavam ao sul desta linha geral, nas aldeias turcomanas do norte e do sul de Antióquia, bem como nas aldeias armênias que a elas se misturavam.

De outra parte, a principal componente da população da costa era a comunidade de Ansariya, formada pelos discípulos de um culto da fertilidade, puros pagãos, anti-estrangeiros, desconfiados do islã, atraídos, por vezes, ao seio dos cristãos pela perseguição comum. A seita, vital em si mesma, era do tipo de clã, tanto no sentimento como na política. Um Nosairi nunca trairia outro, e dificilmente deixaria de trair um descrente. Suas aldeias se espalhavam como que em retalhos, pelo declive das principais montanhas, na direção da abertura de Trípoli. Os habitantes falavam árabe, mas haviam vivido ali desde a introdução das letras gregas na Síria. Habitualmente, mantinham-se à margem dos negócios e deixavam o governo turco em paz, na esperança da reciprocidade.

Entre os Ansarieyehs, havia colônias de cristãos sírios: e na curva do Orontes havia alguns blocos firmes de armênios, inimigos dos turcos. No interior, perto de Harim, encontravam-se os Drusos, árabes de origem; e alguns circassianos vindos do Cáucaso. Estes levantavam as mãos contra todos. A nordeste deles, ficavam os Curdos, povoadores de várias gerações anteriores, que se iam casando com árabes e dotando a sua política. Odiavam sobretudo os cristãos nativos; e, depois destes, odiavam os turcos e os europeus.

Logo além dos Curdos, existiam uns poucos Yezidis, de idioma árabe, mas afetados, em pensamento, pelo dualismo do Irã, sempre dispostos a aplacar o espírito do mal. Os cristãos, os muçulmanos e os judeus, povos que colocavam a revelação à frente da razão, uniam-se para cuspir nos Yezidis. Mais para dentro do país ficava Aleppo, cidade de duzentos mil habitantes, recapitulação de todas as raças e de todas as religiões turcas. A oriente de Aleppo, a noventa quilômetros de distância, viviam árabes cuja cor e cujas maneiras se iam tornando cada vez mais semelhantes às de tribo, à medida que se aproximavam da franja cultivada, onde acabavam os seminômades e os Bedawis começavam.

Uma seção transversal à Síria, indo do mar ao deserto, um grau mais ao sul, começava com as colônias de circassianos muçulmanos, perto da costa. Suas gerações novas falavam árabe e eram de raça engenhosa, mas briguenta, em acentuada oposição aos seus vizinhos árabes. Mais para dentro do país, ficava Ismaília. Os imigrantes persas haviam-se tornado árabes no curso dos séculos, mas veneravam, entre si, um Mohammed, que, na vida terrena, fora o Agha Khan. Acreditavam ser este um grande e maravilhoso soberano, que honrava os ingleses com a sua amizade. Evitavam os muçulmanos, mas ocultavam francamente as suas opiniões grosseiras sob uma tênue capa de ortodoxia.

Além deles, havia os estranhos panoramas de aldeias de árabes cristãos de tribos, governados por xeques. Pareciam cristãos vigorosos, perfeitamente

dessemelhantes dos seus lamurientos irmãos das montanhas. Viviam como os Sunnis ao seu redor, vestiam-se como eles e com eles mantinham as melhores relações. A oriente dos cristãos, jaziam comunidades pastoris de muçulmanos; e, na ultima faixa da zona cultivada, contemplavam-se algumas aldeias de proscritos de Ismaília, não se sabe se em busca de paz. Mais além, havia beduínos.

Uma terceira seção através da Síria, outro grau mais abaixo, caía entre Trípoli e Beirute. Primeiro, perto da costa havia os cristãos do Líbano; eram, na maior parte, maronitas ou gregos. Tornava-se difícil destrinçar a política das duas Igrejas. Superficialmente, uma devia ser francesa e outra russa; mas uma parte da população, para ganhar a vida, havia estado nos Estados Unidos, lá desenvolvendo talentos anglo-saxões, não menos vigorosos por serem espúrios. A Igreja grega orgulhava-se de ser Síria Antiga, autóctone, de intenso localismo, o que a levaria a unir-se à Turquia, e não a suportar o domínio irreparável de um Poder Romano.

Os adeptos das duas seitas eram dotados de imensurável capacidade de injúria, quando o ousavam, contra os maometanos. Este desdém verbal parecia aliviar-lhes a consciência de inata inferioridade. Famílias de muçulmanos viviam entre eles, perfeitamente idênticas em raça e em costumes, diferenciando-se pelo dialeto menos afetado, bem como pelo menor amor à emigração e às suas conseqüências.

Nas encostas mais altas das montanhas empoleiravam-se agrupamentos de Metawalas, muçulmanos Shias vindos da Pérsia há várias gerações passadas. Eram sujos, ignorantes, grosseiros e fanáticos, recusando-se a comer ou beber com os infiéis; consideravam os Sunnis tão ruins como os cristãos; seguiam exclusivamente os seus sacerdotes e os seus notáveis. A fortaleza de caráter era a sua virtude: virtude rara na Síria loquaz. Por cima da crista da montanha, instalavam-se aldeias de lavradores cristãos que viviam em livre paz com os seus vizinhos muçulmanos, como se nunca houvessem tido notícia das discórdias do Líbano. A oriente destes, estendia-se o seminômade campesinato árabe; e, depois, vinha o deserto descampado.

Uma quarta zona, ainda um grau mais ao sul, deveria passar perto do Acre, onde os habitantes, vindos do litoral, haviam sido primeiro árabes Sunnis, depois Drusos, mais tarde Metawalas. Nos barrancos do vale do Jordão, viviam colônias amargamente desconfiadas de refugiados argelinos em frente a aldeias de judeus. Os judeus eram de variada espécie. Alguns, discípulos hebreus de padrão tradicionalista, haviam desenvolvido um nível e um estilo de vida de acordo com a região, ao passo que outros, últimos chegados, muitos dos quais eram de

inspiração germânica, haviam introduzido maneiras estranhas e culturas também estranhas, construindo casas européias (erigidas por meio de fundos de caridade) naquela terra da Palestina, que parecia muito pequena e muito pobre para reembolsar em espécie os seus esforços: mas a terra tolerava-os. A Galiléia não mostrava, aos seus colonos judeus, a mesma antipatia profundamente enraizada que era a desagradável característica da vizinha Judéia.

Do outro lado das planícies orientais (densas de árabes) ficava um labirinto de lava fendida, o Leja, onde os homens livres e estropiados da Síria se haviam reunido durante inúmeras gerações. Seus descendentes viviam ali, em aldeias sem lei, garantidos contra turcos e beduínos, dando conta das exterminadoras dívidas de sangue a seu bel-prazer. Ao sul e a sudoeste deles, abria-se o Hauran, imensa terra fértil; habitava-a um populoso campesinato árabe, guerreiro, confiante em si próprio e próspero.

A oriente deles ficavam os Drusos, muçulmanos heterodoxos, sequazes de um louco e já morto sultão do Egito. Odiavam os maronitas com ódio amargo; isto, quando encorajados pelo governo e pelos fanáticos de Damasco, encontrava expressão em grandes matanças periódicas. Os Drusos não eram menos odiados pelos árabes muçulmanos, desprezando-os por sua vez. Encontravam-se em dívida de sangue para com os beduínos e conservavam, na sua montanha, uma amostra do cavalheiresco semifeudalismo do Líbano dos dias dos seus emires autônomos.

Uma quinta seção, na latitude de Jerusalém, deveria ter começado com os alemães e com os judeus alemães, falando alemão ou alemão-iídiche, e mostrando-se ainda mais intratáveis do que os próprios judeus da era romana, incapazes de suportar o contato com outras pessoas que não fossem da sua raça; alguns eram lavradores, a maioria comerciante; constituíam a parte mais estrangeira e descaridosa de toda a população da Síria. Ao redor deles, inflamavam-se os seus inimigos, os estúpidos camponeses da Palestina, mais estúpidos ainda do que os agricultores do norte da Síria, materialistas como os egípcios, e em plena bancarrota.

A oriente destes ficava a baixada do Jordão, habitada por servos negros; e, do outro lado, grupo após grupo, semeavam-se cristãos de aldeias que se respeitavam mutuamente, de conformidade com os seus correligionários agrícolas do vale de Orontes, os menos tímidos exemplos da nossa fé original na região. No seu seio e a oriente deles, existiam dezenas de milhares de árabes seminômades, sustentando o credo do deserto, vivendo do temor e da generosidade dos seus vizinhos cristãos. A caminho desta terra discutível, o governo otomano havia

organizado uma corrente de imigrantes circassianos, vindos dos Cáucasos russos. Estes retinham as suas terras pela espada e pelo favor dos turcos, aos quais se mostravam, necessariamente, devotados.

CAPÍTULO 59

A história da Síria não estava completa com este elenco de raças e religiões estranhas. Afora o povo do campo, as seis grandes cidades — Jerusalém, Beirute, Damasco, Homs, Hama e Aleppo — eram entidades, cada qual com o seu caráter, a sua orientação e a sua opinião. A que ficava mais ao sul, Jerusalém, era cidade esquálida, que todas as religiões semíticas haviam tornado santa. Cristãos e muçulmanos para lá se dirigiam, em peregrinação aos santuários do seu passado, e alguns judeus a procuravam por causa do futuro político da sua raça. Estas forças unidas do passado e do futuro eram tão poderosas que a cidade quase que deixava de ter presente. Seu povo, com raras exceções, era descaracterizado como os criados de hotel, vivendo das multidões de visitantes que passavam. Os ideais de uma nacionalidade árabe andavam muito longe dali, embora a familiaridade com as diferenças dos cristãos, nos seus momentos de mais pungente sensibilidade, houvesse levado as classes de Jerusalém a desprezar-nos a todos.

Beirute era inteiramente nova. Deveria ser bastardamente francesa, tanto em sentimentos como em linguagem, se não existissem o seu porto grego e o seu colégio americano. Mas a opinião pública era a dos comerciantes cristãos, homens gordos, a viver de comércio; porque Beirute, por si mesma, nada produzia. Em seguida, o mais forte dos componentes era a classe dos emigrantes de regresso, que viviam felizes, de economias empregadas na cidade da Síria que mais se assemelhava à avenida Washington, onde haviam feito fortuna. Beirute era a porta da Síria, cromática peneira levantina, através da qual entravam as influências estrangeiras mais baratas ou cheirando a loja; representava a Síria tanto quanto Soho os condados ingleses.

Contudo, Beirute, em virtude da sua posição geográfica, das suas escolas e da liberdade engendrada pelo entrelaçamento dos estrangeiros, havia contido, antes da guerra, um núcleo de gente que falava, escrevia e pensava como os

enciclopedistas doutrinários que prepararam o caminho para a revolução na França. Por sua causa, bem como por sua riqueza, e por sua voz excessivamente alta e nítida, Beirute era uma cidade com que se fazia necessário contar.

Damasco, Homs, Hama e Aleppo eram as quatro cidades antigas de que a Síria nativa se orgulhava. Estendiam-se, como corrente, ao longo dos férteis vales, entre o deserto e as montanhas. Em virtude da sua colocação, ficavam de costas para o mar e olhavam para o oriente. Eram árabes e reconheciam-se como tais. De todas elas, bem como da Síria, Damasco era a inevitável cabeça; a sede do governo civil e o centro religioso. Seus xeques eram formadores de opinião, mais "mecanos" do que os de qualquer outro ponto. Seus cidadãos, ágeis e turbulentos, sempre prontos para insurreições, eram tão extremados, em pensamentos e em palavras, como em prazeres. A cidade orgulhava-se de caminhar à frente de qualquer outra parte da Síria. Os turcos instalaram ali o quartel-general militar, tal como a oposição árabe. Oppenheim e o xeque Shawish ali se haviam estabelecido. Damasco era a estrela polar para a qual os árabes se sentiam naturalmente levados: uma capital que não se submeteria suavemente a nenhuma raça alienígena.

Homs e Hama eram gêmeas, desprezando-se mutuamente. Tudo, nelas, era manufaturado: em Homs, algodão e madeira; em Hama, sedas e brocados. Suas indústrias eram prósperas e aumentavam de proporções; seus comerciantes, hábeis e rápidos no encontro de novos escoadouros, ou na satisfação de novos gostos, na África do Norte, nos Bálcãs, na Ásia Menor, na Arábia e na Mesopotâmia. Revelavam a habilidade produtiva da Síria, que não era guiada pelos estrangeiros, como Beirute dava provas do seu senso da distribuição. Contudo, enquanto a prosperidade de Beirute lhe dava caráter levantino, a prosperidade de Homs e de Hama reforçava-lhes o localismo; tornavam-nas mais firmemente nativas, mais ciumentamente nativas. Parecia quase como se a familiaridade com a fábrica e a energia ensinasse aos seus habitantes que os processos dos antepassados haviam sido melhores.

Aleppo era uma grande cidade na Síria, mas não da Síria, nem da Anatólia, nem da Mesopotâmia. Ali se encontravam e se conheciam mutuamente, com espírito tolerante, as raças, os credos e os idiomas do império otomano. O entrechoque das características, que transformava as ruas em caleidoscópios, imbuía o aleppino de ignorantes atitudes pensativas que corrigiam, nele, o que havia de ruidoso no damasceno. Aleppo compartilhava de todas as civilizações que remoinhavam no seu âmbito: o resultado parecia ser a falta de gosto na crença do seu povo. Ainda assim, os aleppinos sobrepunham-se ao resto da Síria.

Lutavam e comerciavam mais; eram mais fanáticos e viciosos; e faziam a maioria das coisas belas — mas tudo com tal esterilidade de convicção, que tornava infrutífero o seu vigor multitudinário.

Era típico, em Aleppo, o fato de, enquanto o sentimento muçulmano permanecia alto, mais camaradagem reinar entre cristãos, maometanos, armênios, árabes, turcos, curdos e judeus, do que, talvez, em qualquer outra grande cidade do império otomano, e de mais amizade se conceder, embora com pouca licença, aos europeus. Politicamente, a cidade inteira se mantinha à parte, salvo nos bairros árabes que, como aldeias superpovoadas de seminômades e semeadas de inestimáveis mesquitas medievais, se estendiam para o oriente e para o sul da coroa mural da grande cidadela. A intensidade do seu patriotismo tingia o grosso dos cidadãos ao redor com uma cor de consciência local que era, por isso mesmo, menos vívida do que a unanimidade de Damasco adquirida de Beirute.

Todos estes povos da Síria estavam abertos a nós pela chave mestra da comum língua árabe. Suas distinções eram políticas e religiosas: moralmente, diferiam apenas na contínua gradação que ia da sensibilidade neurótica do litoral à reserva do interior. Todos tinham mente rápida; admiradores, mas não buscadores da verdade; satisfeitos consigo próprios; não se sentiam (como os egípcios) desamparados em presença de idéias abstratas, mas destituídos de senso prático; e eram espiritualmente tão preguiçosos, ao ponto de serem habitualmente superficiais. Seu ideal era estar à vontade, a fim de se intrometerem nos assuntos alheios.

Desde a infância, não tinham tido lei, obedecendo aos pais apenas pelo medo físico, e ao governo, mais tarde, principalmente pela mesma razão; contudo, poucas raças alimentavam o respeito dos sírios do planalto para com as leis consuetudinárias. Todos eles desejavam alguma coisa nova, porque, com a sua superficialidade e a sua ausência de lei, corria uma certa paixão pela política, ciência fatalmente fácil para que delas os sírios formassem noção, mas excessivamente difícil para que dela se assenhoreassem. Manifestavam-se continuamente insatisfeitos com o governo que tinham, e este era o seu orgulho intelectual; mas poucos deles pensavam honestamente em alternativas úteis, e menos ainda concordavam a respeito de uma só.

Na Síria sedentária, não havia entidade política autóctone maior do que a aldeia; na Síria patriarcal, nada era mais complexo do que o clã; e estas unidades eram falhas de formalidade, mas voluntárias, desprovidas de sanção, com chefes tirados das famílias titulares apenas pela lenta consolidação da opinião pública.

Toda a constituição superior era o sistema burocrático importado da Turquia que, na prática, se revelava, ou francamente bom, ou muito mau, de conformidade com a fraqueza dos instrumentos humanos (geralmente gendarmes) por meio dos quais, em última instância, ele funcionava.

Os habitantes, mesmo os mais cultos, patenteavam uma curiosa cegueira para com a insignificância da sua terra e uma falta de concepção do egoísmo das grandes potências, cujo curso normal fazia com que estas considerassem os seus interesses superiores aos das raças inermes. Alguns clamavam alto por um reino árabe. Eram, em geral, muçulmanos; e os cristãos católicos serviam de contrapeso, pedindo a proteção européia de uma ordem telêmica, que conferisse privilégios sem especificar obrigações. Ambas as propostas ficavam, naturalmente, longe do coração dos grupos nacionais, os quais gritavam em prol da autonomia para os sírios, tendo conhecimento do que era autonomia, mas não conhecendo a Síria; porque, na língua árabe, não existia este nome, nem qualquer nome para a região que tinham em mente. A pobreza verbal do nome tomado de empréstimo aos romanos indicava a desintegração política. Entre cidade e cidade, aldeia e aldeia, família e família, credo e credo, existiam ciúmes íntimos, assiduamente estimulados pelos turcos.

O tempo parecia haver proclamado a impossibilidade da união autônoma daquela terra. Na história, a Síria havia sido um corredor entre o mar e o deserto, ligando a África à Ásia, a Arábia à Europa. Havia sido uma arena, vassala de Anatólia, da Grécia, de Roma, do Egito, da Arábia, da Pérsia e da Mesopotâmia. Quando se lhe dera independência momentânea, em virtude da fraqueza dos vizinhos, o problema se resolvera na criação de "reinos" nórdicos, sulinos, orientais e ocidentais, agressivamente discordantes entre si, com a área, no máximo, de Yorkshire e, no mínimo, de Rutland; porque, se a Síria era, por natureza, país vassalo, era também, por hábito, foco de incansáveis agitações e de incessantes revoltas.

A chave mestra da opinião estava na linguagem comum onde, da mesma forma, residia a chave da imaginação. Os muçulmanos, cuja língua mãe era o árabe, consideravam-se, por esta mesma razão, como sendo povo eleito. A herança do Corão e da literatura clássica mantinha reunidos todos os povos de idioma árabe. O patriotismo, que comumente se relaciona com a terra ou com a raça, urdira-se em torno da linguagem.

Um segundo sustentáculo da comunidade de motivo árabe era a glória confusa dos primitivos califados, cuja memória persistira no seio do povo através dos séculos do desgoverno turco. O acaso de estas tradições parecerem mais com

contos das mil e uma noites do que com a história pura mantinha as camadas árabes, superiores e inferiores, na convicção de que o seu passado fora mais esplêndido do que o presente do turco otomano.

Não obstante, sabíamos que isto eram sonhos. O governo árabe, na Síria, embora apoiado sobre prejuízos árabes, seria tão "imposto" como o governo turco, ou como o protetorado estrangeiro, ou, ainda, como o califado histórico. A Síria continuava a ser um mosaico racial e religioso vividamente colorido. Qualquer tentativa ampla em prol da sua unidade a transformaria em coisa retalhada e parcelada, malvista por um povo cujos instintos sempre se voltavam para o autogoverno paroquial.

A nossa desculpa, para nos sobrepormos às conveniências, era a guerra. A Síria, madura para a revolta espasmódica local, poderia ser posta em efervescência até a insurreição se um novo fator, propondo-se a realização deste nacionalismo centrípeto dos enciclopedistas de Beirute, surgisse para apaziguar as seitas e as classes em disputa. Era preciso que o fator fosse novo, para evitar o surto do ciúme de si próprio; mas não estrangeiro, posto que a presunção da Síria o proibia.

Ao alcance da nossa vista, o único fator independente, com fundamentos aceitáveis e adeptos guerreiros, era um príncipe Sunni, como Feisal, que pretendia reviver as glórias de Ommayad ou Ayubid. Poderia, momentaneamente, coordenar os homens do interior até que o êxito chegasse com a sua necessidade de transferir o entusiasmo desordenado ao serviço de um governo organizado. Então, declarar-se-ia a reação, mas somente depois da vitória; e, para a vitória, tudo o que fosse material e moral deveria ser empenhado.

Restava estudar a técnica e a direção das novas revoltas; mas a direção, até um cego poderia ver. O centro crítico da Síria, em todas as idades, havia sido o vale Yarmuk, Hauran e Deraa. Quando os Haurans se juntassem a nós, a campanha estaria bem terminada. O processo deveria ser o de se preparar outra escada de tribos, comparável à de Wejh até Akaba; apenas, desta vez, a nossa escada precisava ser feita de degraus de Howitat, de Beni Sakhr, de Sherat, de Rualla e de Serahin, a fim de nos erguer quatrocentos e oitenta quilômetros, até Azrak, o oásis mais perto de Hauran e de Djebel Druse.

Quanto ao caráter, as nossas operações de desenvolvimento, para o golpe final, seriam idênticas às de uma guerra naval, em mobilidade, em ubiqüidade, em independência de bases e comunicações, sem dar importância às características do chão, às áreas estratégicas, às direções fixas, nem aos pontos

também fixos. “Aquele que comanda o mar se encontra em grande liberdade, e pode aceitar o muito ou o pouco da guerra que deseja.” E nós comandávamos o deserto. Grupos de incursões, montados em camelos, contidos em si próprios como navios, cruzariam confiantemente ao longo da fronteira cultivada do inimigo, seguros de desembaraçadas retiradas para o elemento deserto, que os turcos não podiam explorar.

A discriminação do ponto do organismo inimigo a ser desarranjado viria a nós com a prática da guerra. A nossa tática seria tocar e correr: não arrancadas, mas golpes. Nunca procuraríamos melhorar uma vantagem. Deveríamos empregar a menor força, em tempo mais breve, no lugar mais distante.

A velocidade e o raio de ação, necessários para a guerra à distância, seriam por nós conseguidos por meio da frugalidade dos homens do deserto e da eficiência quando montados em camelos. O camelo, esta intrincada e prodigiosa peça da natureza, quando em mãos experientes, proporcionava um notável rendimento. No seu dorso, tornávamo-nos independentes de abastecimento por seis semanas, uma vez que cada homem levasse consigo meio alforje de farinha, de vinte quilos de peso, a pender da sela de viagem.

De água, não precisaríamos levar mais de meio litro cada um. Os camelos deviam beber, e não havia vantagem alguma em nos tornarmos mais ricos do que os nossos animais. Alguns de nós nunca bebiam no trajeto entre dois poços, mas estes eram homens intrépidos: a maioria bebia até mais não poder em cada poço, e levava água para um dia seco de permeio. No verão, os camelos viajavam cerca de quatrocentos quilômetros depois de beberem; isto equivalia a três dias de vigorosa marcha. As etapas fáceis tinham oitenta quilômetros; as de cento e vinte eram boas; em ocasiões de emergência, poderíamos percorrer cento e setenta quilômetros nas vinte e quatro horas; por duas vezes, Ghazala, a nossa maior camela, fizera duzentos e trinta, num único dia, sozinha, levada por mim. Raramente os poços ficavam a cento e cinqüenta quilômetros de distância um do outro, de maneira que a reserva de meio litro representava o suficiente.

O nosso abastecimento para seis semanas dava-nos capacidade de marcha de mil e quinhentos quilômetros, de ida e volta.

A resistência dos nossos camelos tornava-nos possível (para mim, o cameleiro noviço no exército, “penoso” seria palavra mais justa do que “possível”) viajar dois mil e quatrocentos quilômetros em trinta dias, sem receio de fome; porque, mesmo que demorássemos mais tempo, cada um de nós se sentava sobre noventa quilos de carne, em estado potencial para alimento, e o cameleiro sem camelo

poderia montar sobre outro, viajando dois homens sobre o mesmo animal, em caso de emergência.

O equipamento dos grupos de incursão deveria visar à simplicidade; teria, não obstante, superioridade técnica sobre os turcos no setor crítico. Enviei ao Egito pedidos de grandes quantidades de armas automáticas leves, Hotchkiss ou Lewis, que serviriam de instrumentos aos bons atiradores. Os homens que treinamos com estas armas foram deliberadamente mantidos em ignorância quanto ao seu mecanismo, para não desperdiçarmos velocidade na ação ao custo de esforços para consertos. As nossas seriam batalhas de minutos, combatidas a trinta quilômetros por hora. Se a metralhadora enguiçasse, o metralheiro deveria pô-la de lado e prosseguir atirando com a carabina.

Outra característica de relevo deveriam ser os altos explosivos. Aperfeiçoamos métodos especiais de aplicação de dinamite e, pelo fim da guerra, podíamos demolir qualquer quantidade de trilhos e de pontes, com economia e segurança. Allenby era generoso em matéria de explosivos. Só os canhões é que nunca conseguimos, até o último mês — e que piedosos eram! Em guerra simulada, um canhão de longo alcance descarregou noventa e nove tiros aquém do alvo.

A distribuição dos grupos de incursões nada apresentava de ortodoxo. Não podíamos misturar ou coordenar tribos, em virtude das suas desavenças; nem nos era possível empregar uma no território da outra. Em compensação, visaríamos à mais ampla difusão das forças; e acrescentamos fluidez à velocidade, utilizando-nos de um distrito na segunda-feira, de outro na terça-feira, de um terceiro na quarta-feira. Assim, a mobilidade natural se reforçava. Na perseguição, os nossos oficiais eram substituídos por homens descansados a cada nova tribo, mantendo-se todos em excelente estado de energia. Em sentido real, a máxima desordem constituía o nosso equilíbrio.

A economia interna dos nossos grupos de incursão reunia, combinando-as, a irregularidade e a extrema articulação. As nossas circunstâncias não se apresentavam duas vezes semelhantes a si próprias, de maneira que nenhum sistema poderia adequar-se duas vezes, e a nossa diversidade lançava o serviço secreto do inimigo fora das pistas. Em se tratando de batalhões e divisões idênticos, a informação se processava por si mesma, pois a existência de um corpo de exército podia ser inferida de cadáveres de três companhias. A nossa pujança dependia da extravagância.

Servíamos a um ideal comum, sem emulações entre as tribos, e assim não podíamos aspirar ao *esprit de corps*. Os soldados comuns transformavam-se em casta, fosse por grandes recompensas em dinheiro, em roupas e em privilégios,

fosse por se eliminarem da vida, em conseqüência do desprezo. Não podíamos, pois, alinhavar homem a homem, porque os nossos homens de tribo se encontravam em armas de boa vontade. Muitos exércitos foram engajados voluntariamente, mas poucos serviram voluntariamente. Cada um dos nossos árabes podia ir para casa, sem penalidade alguma, quando a convicção lhe faltasse: o único liame era a honra.

Conseqüentemente, não tínhamos disciplina no sentido em que esta é restritiva, subjugadora da individualidade, o menor denominador comum dos homens. Em exércitos de paz, a disciplina significava a busca, não de uma média, mas de um absoluto; o padrão de cem por cento em que noventa e nove por cento se reduziam ao nível do mais fraco homem em parada. O objetivo era tornar a unidade uma unidade, e o homem um modelo, de maneira que o seu esforço pudesse ser calculável, assim como a sua produção coletiva, tanto em conjunto como em particular. Quanto mais profunda a disciplina, mais baixo o nível da excelência individual; e também mais segura a ação.

Por esta substituição do desempenho certo por uma possível obra-prima, a ciência militar fazia deliberado sacrifício de capacidade no intuito de reduzir o elemento incerto, o fator bionômico, em humanidade alistada. O acompanhamento necessário da disciplina era a guerra composta, ou social — forma em que o homem em luta era produto dos níveis múltiplos de uma longa hierarquia, desde a oficina até à unidade de abastecimento, que o mantinha em ação no campo.

A guerra árabe deveria reagir contra isto, e ser simples e individual. Cada homem alistado tinha de servir na linha de batalha e bastar-se a si mesmo dentro dela. A eficiência das nossas forças era a eficiência pessoal do homem singular. Parecia-me que, na nossa guerra articulada, a soma dada pelos homens simples deveria, pelo menos, igualar-se ao produto de um sistema composto da mesma potência.

Na prática, não empregávamos, na linha de fogo, os grandes números que o sistema simples punha teoricamente à nossa disposição, a menos que (em contraste com a nossa ameaça) o nosso ataque se tornasse demasiadamente extenso. O esforço moral da luta isolada tornava a guerra "simples" muito árdua para cada soldado, exigindo, dele, iniciativa, resistência e entusiasmo especiais. A guerra irregular era muito mais intelectual do que uma carga de baioneta, e muito mais exaustiva do que o serviço na confortável obediência imitativa de um exército disciplinado. Às guerrilhas dever-se-ia conceder espaço com liberalidade; na guerra irregular, de cada dois homens juntos, um é desperdiçado.

O nosso ideal seria transformar a nossa batalha em uma série de combates singulares, os nossos oficiais em uma feliz aliança de ágeis comandantes-em-chefe.

CAPÍTULO 60

Navios singraram o golfo de Akaba acima. Feisal desembarcou, e, com ele, Jaafar, seu estado-maior, e Joyce, a fada-madrinha. Vieram os carros blindados, Goslett, os trabalhadores egípcios e milhares de homens de tropa. No intuito de recuperar o tempo perdido durante a paz de seis semanas, Falkenhayn havia partido para dar conselhos aos turcos, e a sua fina inteligência os tornou mais dignos da nossa oposição. Maan era comando especial, sob a chefia de Behjet, o velho comandante geral do Sinai. Tinha seis mil homens de infantaria, um regimento de cavalaria e de infantaria montada, e entrincheirara Maan até torná-la inexpugnável, de conformidade com o padrão das manobras militares. Uma esquadrilha de aeroplanos operava diariamente, desde então. Organizou-se um grande fornecimento de munições.

Para o momento, os preparativos turcos estavam completos; as tropas começaram a mover-se, fazendo perceber que o seu objetivo era Guweira, a melhor estrada para Akaba. Dois mil soldados de infantaria foram até Aba el Lissan, fortificando-a. A cavalaria sustentou as redondezas, a fim de conter um possível contra-ataque árabe partindo do lado do Wadi Musa.

Este nervosismo foi a nossa alegria. Podíamos brincar com eles, provocando-os para que fossem procurar-nos no Wadi Musa, onde os obstáculos naturais eram tão tremendos que o fator humano de defesa poderia comportar-se tão mal quanto lhe agradasse e, ainda assim, sustentar a praça contra qualquer ataque.

Como isca para o anzol, os homens na vizinha Delagha foram postos em atividade. Os turcos, cheios de valentia, lançaram um contra-ataque e sofreram profundamente. Expusemos ao campesinato do Wadi Musa a rica pilhagem agora usufruída pelos seus rivais de Delagha. Maulud, o velho cavalo de guerra, saiu com o seu regimento montado em mulas, aquartelando-se por sua conta entre as famosas ruínas de Petra. Os encorajados Liathenas, sob o comando do seu xeque de um olho só, Khalil, começaram a realizar pilhagens pelo planalto e a

colher, aos dois e aos três, os animais turcos de incursão ou de transporte, juntamente com as carabinas dos seus guardas ocasionais. Isto prosseguiu durante semanas, e os irritados turcos foram se esquentando cada vez mais.

Podíamos, também, aguilhoar os turcos e levá-los ao desconforto, pedindo ao general Salmond o prometido ataque aéreo de longa distância sobre Maan. Como isto fosse difícil, Salmond recolheu Stent, com outros pilotos experimentados, de Rabegh ou Wejh, e mandou que fizessem o máximo que lhes fosse possível. Tinham experiência em matéria de aterrissagens forçadas sobre superfícies de deserto, e conseguiam acertar com qualquer destino desconhecido através de montanhas que não figuravam em mapas: Stent falava árabe perfeitamente. A incursão deveria ser inteiramente pelo ar, mas o seu comandante era cheio de recursos e de coragem, como os outros eram feixes de nervos; e todos, para se punirem a si próprios, realizavam atos insensatos. Nesta ocasião, Stent ordenou vôo baixo, para se tornar certo do objetivo; e aproveitou para chegar até Maan e lançar trinta e duas bombas na estação ferroviária despreparada e seus arredores. Duas bombas, caindo sobre o quartel, mataram trinta e cinco homens e feriram cinqüenta. Oito golpearam o abrigo da locomotiva, danificando pesadamente a instalação e o material. Uma bomba, na cozinha do general, deu cabo do cozinheiro e do almoço. Quatro caíram no aeródromo. A despeito dos *shrapnels*, os nossos pilotos e as nossas máquinas regressaram sãos e salvos ao campo de pouso provisório, em Kutilla, acima de Akaba.

Naquela tarde, remendaram as máquinas, e, depois do cair da noite, dormiram sob suas asas. Na madrugada seguinte, saíram de novo — três deles, desta vez — rumando para Aba el Lissan, onde a vista do grande acampamento pusera água na boca de Stent. Bombardearam as linhas montadas, aterrorizaram os animais, visitaram as tendas e dispersaram os turcos. Como no dia anterior, voaram baixo e foram muito atingidos, mas não de maneira fatal. Muito antes do meio-dia, estavam de regresso a Kuntilla.

Stent considerou a gasolina e as bombas restantes, e concluiu que eram suficientes para mais um esforço. Assim, deu instruções a cada qual para que tomasse cuidado com a bateria que os havia incomodado pela manhã. Partiram sob o calor do meio-dia. As cargas eram tão pesadas que os aparelhos não puderam ganhar altura e, portanto, chegaram raspando os cumes por trás de Aba el Lissan e desceram, no vale, a cerca de noventa metros. Os turcos, sempre sonolentos ao meio-dia, foram tomados completamente de surpresa. Trinta bombas se lançaram: uma silenciou a bateria, as outras mataram dezenas de

homens e de animais. Depois, as máquinas aliviadas roncaram pelo espaço acima, tomando o rumo da base, em El Arish. Os árabes rejubilaram-se; os turcos sentiram-se seriamente alarmados. O paxá Behjet pôs os seus homens a cavar abrigos, e quando os seus aeroplanos se apresentaram consertados, dispô-los inocuamente pelo planalto, para defesa do acampamento.

Pelo ar, perturbamos os turcos; por meio de irritantes incursões terrestres, levamo-los a caminho de objetivos enganosos. O nosso terceiro expediente, para lhes arruinar a ofensiva, foi o de molestar a estrada de ferro, cuja necessidade os faria espalhar a força de ataque em tarefas de defesa. De acordo com isto, preparamos numerosas demolições para meados de setembro.

Resolvi, igualmente, reviver a velha idéia de minar um trem. Alguma coisa mais vigorosa e certeira do que minas automáticas se tornava necessária, e eu havia imaginado a explosão direta, por meio de eletricidade, de uma carga, por baixo da locomotiva. Os sapadores britânicos encorajaram-me a tentar, principalmente o general Wright, engenheiro-chefe no Egito, cuja experiência tomava interesse esportivo pelas minhas irregularidades. Enviou-me ele os instrumentos recomendados: um detonador e algum cabo isolado. Com isto, fui para bordo do *Humber*, nosso novo navio de vigilância, e me apresentei por mim próprio ao capitão Snagge, seu comandante.

Snagge sentia-se feliz no seu navio, que havia sido construído para o Brasil e que era muito mais confortavelmente mobiliado do que os monitores britânicos; e nós nos sentimos duplamente felizes, por ele e pelo navio, porquanto Snagge era o espírito da hospitalidade. Sua natureza curiosa se interessava pelo que ia em terra firme, e percebeu o lado cômico até dos nossos pobres desastres. Contar-lhe a história de qualquer fracasso era rir do próprio fracasso e, por uma boa história, ele tinha sempre, para mim, um banho quente e chá com complementos civilizados, livre de toda suspeita de rajadas de areia. Sua gentileza e o seu auxílio nos serviram, substituindo as visitas ao Egito para consertos, e permitindo-nos malhar contra os turcos com meses e meses de desalentado desapontamento.

O detonador estava numa formidável caixa branca, fechada a chave, muito pesada. Rompemo-la, encontramos um arco de roquete, e descemo-lo de bordo sem danificar o navio. O cabo elétrico era grosso e isolado com borracha. Cortamo-lo pela metade, firmamos as extremidades a parafusos terminais situados na caixa e transmitimos choques, uns aos outros, convincentemente. Funcionava.

Fui buscar os detonadores. Firmamos as extremidades livres do cabo em um deles, e manobramos o roquete: nada se seguiu. Tentamos outra vez, mais outra,

sem efeito algum, afligindo-nos com o fato. Por fim, Snagge fez soar o sino chamando o oficial artilheiro, que sabia tudo a respeito de circuitos. Sugeriu o emprego de detonadores elétricos especiais. O navio tinha seis; deu-me três deles. Colocamos um na nossa caixa e, quando o roquete desceu, ouviu-se o estouro, lindamente. Assim, senti que já sabia tudo a propósito, e pus-me a especificar os pormenores da incursão.

Quanto aos objetivos, o mais promissor e mais facilmente atingível parecia ser Modwwara, ponto de água a cento e vinte quilômetros ao sul de Maan. Um trem destruído, ali, embaraçaria o inimigo. Quanto a homens, teria comigo os experimentados Howeitats; e, ao mesmo tempo, a expedição poria em prova os três camponeses Hauranis, que eu havia acrescentado aos meus comandos pessoais. À vista da nova importância dos Hauranis, tínhamos necessidade de conhecer o seu dialeto, a estrutura e os melindres da estrutura do seu clã, bem como os seus nomes e as suas estradas. Aqueles três rapazes, Rahail, Assaf e Hemeid, me revelariam os assuntos domésticos, imperceptivelmente, à medida que marchássemos para as nossas tarefas, tagarelando.

Para nos garantirmos contra o trem que fosse descarrilado, requeriam-se canhões e metralhadoras. Quanto aos primeiros, por que não nos servirmos dos morteiros de trincheira? Quanto às segundas, metralhadoras Lewis? De conformidade com isto, o Egito escolheu dois robustos sargentos-instrutores da escola do exército, em Zeitun, para ensinar, aos esquadrões de árabes em Akaba, a maneira de se usarem semelhantes coisas. Snagge deu-lhes alojamento no seu navio, porquanto ainda não possuíamos acampamento inglês, conveniente, em terra firme.

Os nomes dos sargentos talvez fossem Yells e Brooke, mas se transformaram em Lewis e Stokes, derivados dos instrumentos ciumentamente amados. Lewis era australiano, alto, esbelto e sinuoso, com o corpo mole a balouçar em curvas pouco militares. O semblante duro, as sobrancelhas arqueadas e o nariz predatório punham em evidência o ar australiano de inamovível força de vontade e de capacidade para fazer logo alguma coisa. Stokes era o tipo comum do inglês lavrador, laborioso e silente; estava sempre à procura de ordens para obedecer.

Lewis, cheio de sugestões, surgia estourando de prazer em presença do que fosse bem-feito, sempre que algo acontecesse. Stokes nunca adiantava opinião alguma até depois da ação, quando se punha a coçar a cabeça pensativamente e a contar, com pena, os erros que deveria evitar na vez seguinte. Ambos eram homens admiráveis. Em um mês, sem linguagem comum nem intérprete, entraram em boas relações com os alunos, ensinando-lhes o manejo das armas

com razoável precisão. Não se requeria mais, porque o hábito empírico parecia concordar com o espírito das nossas incursões de acaso de maneira muito mais perfeita do que um conhecimento científico completo.

À medida que elaborávamos a organização das incursões, os nossos apetites foram despertando. A estação ferroviária de Modwwara parecia vulnerável. Trezentos homens poderiam capturá-la de súbito. Isto seria um feito, porque o profundo poço local era o único existente no seco setor abaixo de Maan. Sem a sua água, o serviço de trens, pela brecha dos morros, tornar-se-ia antieconômico quanto à carga.

CAPÍTULO 61

Lewis, o australiano, em tão ambicionado momento, disse que ele e Stokes gostariam de ser do meu grupo. Idéia nova e atraente. Com eles, poderíamos sentir-nos seguros quanto ao nosso destacamento, quando atacássemos qualquer praça guarnecida de soldados. Além disto, os sargentos queriam muito ir conosco, e o seu excelente trabalho merecia recompensa. Foram avisados de que as experiências poderiam, no momento, não parecer de todo alegres. Não havia regulamentos; e não poderia haver alívio na marcha, na alimentação, nem na luta, pela terra adentro. Se quisessem ir, deveriam renunciar ao conforto e aos privilégios do exército britânico para compartilhar com os árabes aquela vida (menos na pilhagem), suportando exatamente a sua sorte quanto aos alimentos e à disciplina. Se algo de mal me acontecesse, eles, não falando árabe, se encontrariam em posição delicada.

Lewis respondeu que andava em busca precisamente daquela estranheza de vida. Stokes supunha que, se nós pudéssemos, ele também poderia. Assim, foram-lhes emprestados dois dos meus melhores camelos (com alforjes repletos de latas de carne em conserva e biscoitos), e, a 7 de setembro, partimos juntos pelo Wadi Itm acima, a fim de reunir os nossos Howeitats de Auda em Guweira.

Para felicidade dos sargentos, e para os enrijar gradualmente, as coisas foram feitas melhor do que as minhas palavras. Marchamos muito comodamente naquele dia, enquanto fomos os nossos próprios senhores. Nenhum deles montara camelos antes daquilo, e havia o risco de o espantoso calor dos paredões de granito nu de Itm os colocar fora de combate antes que a viagem tivesse propriamente início. Setembro era um mês ruim. Poucos dias antes, à sombra dos jardins de palmeiras da praia de Akaba, o termômetro marcara quarenta e oito graus centígrados. Assim, paramos, pelo meio-dia, debaixo de um rochedo, e à tardinha marchamos apenas quinze quilômetros, a fim de acampar para passarmos a noite.

Sentíamo-nos bem com latas de chá, de arroz e de carne; e era intimamente agradável assistir à percussão dos alforjes ao redor dos dois homens. Ambos reagiram da maneira esperada.

O australiano, a princípio, parecia encontrar-se em casa, e comportava-se com desenvoltura em presença dos árabes. Quando estes penetraram nas suas intenções, e retribuíram a camaradagem, ele sentiu-se atônito — quase ressentido —; nunca havia imaginado que os nativos pudessem ser seduzidos pela sua gentileza ao ponto de esquecerem a diferença entre um homem branco e outro cor de bronze.

Isto pôs algum humor na situação, porque ele era ainda mais brônzeo do que os meus novos comandados, dos quais o mais jovem muito me interessava. Este, Rahail, era apenas adolescente: rapazola robusto, de corpo bem construído, excessivamente carnudo para a vida que estávamos para viver, mas, por isto, mais tolerante em relação aos padecimentos. Seu rosto era vivamente colorido; suas faces, um pouco cheias e puxadas, quase pendentes. Sua boca era carnuda e pequena, e o queixo muito pontudo. Isto, acrescentado à altura, às fortes sobrancelhas e aos olhos ampliados pela ação do antimônio, dava-lhe um ar misto de artifício e de petulância, com cansada paciência imposta a si próprio, tendo o orgulho por base. Falava desalinhadamente (mastigando o seu árabe); vulgar quanto ao dialeto; atrevido e impudente quanto às palavras; punha-se sempre à frente, pavoneava-se, era irrequieto e nervoso. Seu ânimo não era tão forte como o seu corpo, mas era vivaz. Quando exausto, ou atribulado, rompia em lágrimas piedosas, e estas eram facilmente estancadas por qualquer interferência; e, depois, estava pronto para resistência ainda maior. Meus comandados, Mohammed e Ahmed, com Rashid e Assaf, os aprendizes, permitiam, a Rahail, muita licença de conduta; em parte por causa da sua fascinação animal e da sua tendência de fazer propaganda da própria pessoa. Teve de ser censurado uma ou duas vezes, por tomar liberdade com os sargentos.

Stokes, o inglês, foi levado, pela estranheza árabe, a tornar-se mais ele próprio; mais isolado. Sua tímida correção lembrava aos meus homens, a todo instante, que ele era diferente dos outros, e inglês. Esta consideração ia obtendo, gradualmente, a retribuição do respeito. Para os árabes, ele era “o sargento”, ao passo que Lewis era “o comprido”.

Estes eram os pontos de caráter, que se revelavam na devida graduação. Era humilhante descobrir que a nossa experiência livresca de todos os países e de todas as idades ainda nos deixava cheios de preconceitos como lavadeiras, sem, porém, a habilidade verbal destas, para entrarmos em relações com estranhos. Os

ingleses, no Oriente Médio, dividiam-se em duas classes. A primeira, sutil e insinuante, colhia as características das gentes ao redor, a linguagem, as convenções mentais, e quase que as maneiras. O inglês desta classe dirigia os homens secretamente, guiando-os a seu bel-prazer. Neste hábito de exercer influência sem provocar atritos, a sua natureza própria se mantinha oculta, despercebida.

A segunda classe, o John Bull dos livros, tornava-se tanto mais agressivamente inglesa quanto mais distante se encontrasse da Inglaterra. O elemento desta classe inventava, por sua conta, um País de Ouro, que julgava ser a pátria, um lar de todas as virtudes lembradas, tão esplêndido na distância que, ao regressar à terra natal, freqüentemente verificava que a realidade era uma triste diminuição, e lançava o seu "eu" entontecido na irascível defesa dos bons tempos antigos. No exterior, através da sua blindada certeza, era a amostra perfeita dos nossos traços. Revelava o inglês completo. Havia atritos na sua trajetória, e a sua direção era menos suave do que a do tipo intelectual; todavia, o seu orgulhoso exemplo ceifava faixa maior.

Ambas estas espécies tomavam a mesma direção no exemplo, uma vociferadamente e a outra por dedução. Cada qual presumia que o inglês era o ser eleito, inimitável; e copiá-lo era ato blasfemo ou impertinente. Nesta convicção, incitavam os povos a serem a melhor coisa depois deles. Deus não lhes concedia a graça de serem ingleses; restava-lhes, pois, o dever de serem bons no seu tipo. Conseqüentemente, nós admirávamos os costumes nativos; estudávamos os idiomas; escrevíamos livros a respeito da sua arquitetura, das suas canções e lendas populares, bem como das suas indústrias moribundas. Depois, certo dia, despertávamos para perceber que este espírito ctônico se tornava político, e abanávamos a cabeça com tristeza sobre o seu desagradável nacionalismo — que, na verdade, era a fina flor dos nossos inocentes esforços.

Os franceses, embora partissem de doutrina semelhante a respeito do francês, considerando-o a perfeição da humanidade (o que é dogma entre eles, não instinto secreto), prosseguiam, ao contrário, encorajando os seus súditos para que estes os imitassem; porque, embora estes não pudessem nunca atingir o nível deles, ainda assim a sua virtude seria maior à medida que mais se aproximassem desse padrão. Nós considerávamos a imitação como paródia; eles a consideravam como louvor.

No dia seguinte, no calor da manhã, estávamos perto de Guweira, atravessando confortavelmente a planície arenosa, de repousante cor rosada, com o seu leito verde-acinzentado, quando se ouviu um zumbido pelo ar. Pusemos

rapidamente os camelos fora da estrada livre, levando-os para a margem coberta de moitas, onde o colorido irregular dos animais não seria notado pelos aviadores inimigos; porque as cargas de gelatina, meu explosivo favorito e muito poderoso bem como os numerosos cartuchos cheios de amônio do canhão de Stokes, seriam péssimos vizinhos em qualquer operação de bombardeio. Esperamos ali, quietos, sobre a sela, enquanto os camelos pastavam o pouco que valia a pena ser comido dos arbustos, até que o aeroplano deu duas voltas em torno da rocha de Guweira, à nossa frente, e lançou três bombas estrondosas.

Enfileiramos de novo a nossa caravana na pista e marchamos suavemente para o acampamento. Guweira regurgitava de vida, pois era a feira dos Howeitats das montanhas e dos planaltos. Até a distância que a vista atingia, a planície movia-se com suavidade; eram as manadas de camelos, cuja multidão esgotava os pontos de água próximos dali todas as manhãs, antes do alvorecer, de maneira que os que acordavam tarde deviam viajar muitos quilômetros para beber.

Isto não importava muito, porque os árabes nada tinham a fazer, mais do que esperar pelo aeroplano da manhã; e, depois da sua passagem, nada se fazia, além de falar para matar o tempo, até que a noite se tornasse bastante alta para a gente dormir. As tagarelices e o ócio eram excessivos, revivendo velhas pendências. Auda alimentava a ambição de usufruir vantagem do fato de dependermos do seu auxílio na classificação das tribos. Reteve o grosso do soldo destinado aos Howeitats; e, por meio desse dinheiro, procurou compelir as facções menores, livres, à aceitação da sua chefia.

Estas seções se ressentiram e estavam, ou para se retirar para as montanhas, ou para retomar contato com os turcos. Feisal enviou para ali o xerife Mastur, como mediador. Os milhares de Howeitats, em centenas de seções, se mostraram contrários a qualquer transigência, casmurros, gananciosos. Mantê-los satisfeitos, sem encolerizar Auda, era tarefa suficientemente delicada para o mais paciente dos espíritos. Além disto, tudo se passava a quarenta e três graus à sombra, e a sombra era uma onda de moscas.

Os três clãs do sul, com os quais tínhamos contado para a nossa incursão, figuravam entre os dissidentes. Mastur falou-lhes; os chefes dos Abu Tayis falaram; todos nós falamos, sem resultado. Parecia que os nossos planos estavam sendo destruídos no início.

Certo dia, caminhando ao léu por baixo das rochas, antes do meio-dia, Mastur encontrou-me, dando-me a notícia de que os do sul estavam montando para desertar do nosso acampamento e da nossa rebelião. Cheio de mortificação, abalei-me para a tenda de Auda. O velho guerreiro estava sentado sobre o chão

de areia, comendo sopa de pão, em companhia da sua última esposa, bela moça, cuja pele bem morena se azulava com o índigo da camisa. Quando irrompi de súbito dentro da tenda, a pequena mulher desapareceu rapidamente pela cortina traseira, como lebre. Para ganhar terreno no espírito de Auda, comecei a zombar do velho homem, por ser tão idoso e, não obstante, tão aloucado como o resto da sua raça, que considerava o nosso cômico processo reprodutivo não como prazer anti-higiênico, mas como tarefa principal da vida.

Auda retrucou com o desejo de ter herdeiros. Perguntei-lhe se havia achado a vida suficientemente boa para agradecer aos seus pais eventuais por lha haverem dado — ou para, egoisticamente, conferir o duvidoso presente a um espírito ainda não nascido.

Sustentou o seu modo de ver. "Com efeito, eu sou Auda", disse ele, com firmeza, "e o senhor conhece Auda. Meu pai (para quem Deus deve ser misericordioso) era mestre, maior do que Auda; e ele louvava meu avô. O mundo é cada vez maior, à medida que retrocedemos." "Mas, Auda, nós dizemos que honra seja feita aos nossos filhos e às nossas filhas, herdeiros do nosso valor acumulado, executores da nossa interrompida sabedoria. Com cada geração, a terra se faz mais velha, e a humanidade cada vez mais se afasta da infância..."

A velha coisa que ele era, que não devia ser importunada naquele dia, olhou para mim, com os seus olhos apertados, numa expressão de bom humor, e apontou para Abu Tayi, seu filho, que lá estava na planície, adiante de nós, provando um novo camelo, batendo-lhe no pescoço com o bastão, no vão esforço de fazer o animal marchar como puro-sangue. "Oh, prole do mundo", disse ele, "se aprouve a Deus, ele herdou os meus méritos, mas, graças a Deus, ainda não tem a minha força; e, se encontrar falha nele, avermelhar-lhe-ei a parte traseira. Não há dúvida de que o senhor é muito sensato." A conclusão da nossa conversa foi a de que eu deveria sair para lugar limpo, a fim de esperar pelos acontecimentos. Alugamos vinte camelos para o transporte dos explosivos; e, no dia seguinte, para as duas horas, depois da vinda do avião, foi fixada a nossa partida.

O aeroplano era o curioso regulador dos negócios públicos no acampamento de Guweira. Os árabes, levantando-se, como sempre, antes da madrugada, esperavam por ele; Mastur punha um escravo no pico do rochedo, a fim de emitir o primeiro aviso. Quando a hora habitual se aproximava, os árabes encaminhavam-se, tagarelando, em grupos ou isoladamente, mas com andar ocioso, para o rochedo. Em chegando por baixo deste, cada homem subia pela proeminência que mais lhe agradasse. Atrás de Mastur, subia o bando dos seus

escravos, com o café sobre o braseiro e o tapete. Em um recanto cheio de sombra, ele e Auda sentavam-se e falavam, até que o pequeno frêmito de excitação passava para baixo e para cima, pelas proeminências apinhadas de gente, assim que se ouvisse o canto do motor sobre o passo de Shtar.

Cada qual se encostava mais no paredão, esperando, em silêncio, enquanto o inimigo dava voltas por cima do estranho espetáculo desta rocha carmesim, povoada de milhares de árabes alegremente vestidos e que se aninhavam, como íbis, em todos os escaninhos da penha. O aeroplano atirava três bombas, ou quatro bombas, ou cinco bombas, de acordo com o dia da semana. A fumaça densa dos estouros pairava, compacta, sobre a planície verde de malva, como bolos de creme; espiralava alguns minutos no ar imóvel, espalhando-se depois vagarosamente, e dissipando-se. Embora soubéssemos não haver nisso ameaça alguma, não podíamos senão suspender a respiração quando o silvo agudo e crescente, das bombas a cair, nos chegava do rumoroso aparelho voando sobre nossas cabeças.

CAPÍTULO 62

Foi com satisfação que deixamos o rumor e o ódio de Guweira. Assim que perdemos a escolta de moscas, paramos; de fato, não havia necessidade de pressa, e os dois desafortunados rapazes que me seguiam estavam sofrendo um calor que nunca haviam conhecido; porque o ar sufocante era como máscara de metal sobre nossos rostos. Era admirável vê-los lutar para não falar do calor, para manter o espírito empreendedor manifestado em Akaba, para resistir com tanta firmeza como os árabes; mas, por causa deste silêncio, os sargentos iam muito além dos seus limites. Era a ignorância da língua árabe que os tornava tão superfluamente bravos, pois os próprios árabes proferiam exclamações altas contra o sol tirano e contra a falta de ar; mas o resultado da prova era satisfatório; e, para produzir efeito, brinquei com o caso, parecendo divertir-me.

Já à tardinha, marchamos de novo e paramos, para o pernoite, sob espessa cortina de tamargueiras. O campo era muito bonito, pois por trás de nós se erguia um rochedo, talvez da altura de cento e vinte metros, de profunda cor vermelha ao crepúsculo. Só embaixo, estendia-se o chão de lama de cor amarelo-clara, tão duro e tão silencioso como assoalho, plano como um lago, até oitocentos metros de cada lado; e sobre um pequeno barranco, a um dos lados, ficava o bosque escuro de tamargueiras, marginado por uma franja esparsa e poeirenta de relva, que se esmaecera sob o efeito da seca e do sol a ponto de parecer da cor verde-prateada da parte inferior das folhas de oliveira perto de Les Baux, quando o vento, vindo da boca do rio, sussurrava por cima do arvoredo do vale e fazia com que as árvores se tornassem pálidas.

Marchávamos a caminho de Rumm, ponto de água ao norte dos Beni Atiyehs: lugar que esporeava o meu pensamento, porque mesmo os nada sentimentais Howeitats me diziam que era lindo. O dia seguinte seria novo e diferente como a nossa entrada ali; mas bem cedo, enquanto as estrelas ainda brilhavam, fui despertado por Aid, o humilde xerife Harithi que nos

acompanhava. Rastejou até perto de mim e disse, com voz desalentada: “Senhor, estou me tornando cego.” Fi-lo deitar-se, e percebi que tremia como se estivesse com frio; mas tudo o que me pôde contar foi que, durante a noite, despertando, não notara mais luz, mas apenas dor nos olhos. O clarão do sol os havia queimado.

O dia ainda estava nascendo quando nos pusemos em marcha por entre dois grandes picos de pedra arenosa, no sopé de um aclive longo e fofo, produzido pela areia descida das montanhas acampanadas à nossa frente. O aclive cobria-se de tamargueiras: era o começo do vale de Rumm, disseram eles. Olhamos para cima, à esquerda; vimos a longa muralha de rochas, desviando-se como onda de trezentos metros, para o meio do vale, e cujo arco oposto, à direita, era uma linha de colinas íngremes, denteadas, de cor vermelho-escura. Marchamos pelo aclive acima, varando caminho sobre chão quebradiço.

À medida que avançávamos, os arbustos iam-se agrupando em moitas, cujas folhas em massa adquiriam um estranho matiz verde, do mais puro, em virtude de contraste com a areia ao descoberto, que era de um delicado e alegre cor-de-rosa. A subida tornou-se suave, até quando o vale se apresentou como planície confinada e coberta. As montanhas, à direita, se faziam cada vez mais altas e mais agudas, em contraposição ao outro lado que se endireitava por si, transformando-se em maciço baluarte avermelhado. Ambos os flancos corriam em linha convergente até que apenas três quilômetros os dividiam; e então, torreando gradualmente, a ponto de os seus parapeitos paralelos parecerem estar a trezentos metros acima da nossa cabeça, alinhavam-se para a frente, em avenida, por vários quilômetros.

Não eram paredões inteiriços de rocha; haviam crescido em seções, em penhascos semelhantes a gigantescos edifícios, ao longo de ambos os lados da passagem. Becos laterais, profundos, de quinze metros de largura, dividiam os rochedos, cuja silhueta se apresentava amaciada pelo tempo, com imensas absides e baías, e arabescada pela corrosão e pela fratura da superfície, como num desenho. As cavernas, lá em cima, na boca do precipício, eram redondas como janelas; outras, perto da base, pareciam portas. Manchas escuras corriam pela frente ensombrada abaixo, por centenas de metros, parecendo efeitos do uso. Os rochedos tinham estrias verticais e eram de estrutura granulosa; sua ordem principal empinava-se lá em cima, sobre sessenta metros de pedra partida, mais profunda na cor e mais rija na contextura. Este plinto não pendia, como a pedra calcária, em dobras, qual roupagem; mas se lascava em cadeias soltas de cascalho, tão horizontais como o nível da base de uma parede.

Os rochedos rematavam-se em ninhos, em forma de domo, menos vermelho do que o corpo da montanha; eram quase verdes e esmaecidos. Imprimiam um toque de semelhança com a arquitetura bizantina àquele lugar irresistível: aquele caminho processional, maior do que qualquer imaginação. Os exércitos árabes se perderiam no seu comprimento e na sua largura e, dentro das muralhas, uma esquadrilha de aeroplanos bem poderia voar em formação regular. A nossa pequena caravana se tornou autoconsciente e caiu em silêncio mortal, atemorizada e envergonhada por ostentar sua pequenez em presença das estupendas montanhas.

As paisagens, no sonho da infância, eram assim vastas e assim silenciosas. Espiávamos para trás, na nossa memória, à procura do protótipo por onde todos os homens marcharam entre semelhantes muralhas, a caminho de semelhante espaço aberto, exatamente como aquele no qual a nossa estrada parecia desembocar. Mais tarde, quando fizemos freqüentes incursões pelo interior, meu espírito habituou-se a desviar-se da rota direta, a fim de desafogar os sentidos com uma noite em Rumm, e com um passeio pelo seu vale abaixo, iluminado pela aurora, a caminho das planícies brilhantes, ou vale acima, ao crepúsculo, a caminho daquele rutilante quadrado que a minha tímida antecipação, em sonho, nunca me fez atingir. Eu dizia: "Devo eu cavalgar, desta vez, além de Khazail, e conhecer isto tudo?" Na verdade, porém, eu gostava infinitamente de Rumm.

Naquele dia, marchamos durante horas, e as perspectivas se tornaram maiores e mais cheias de esplendor, em desenho ordenado, até que um beco rasgado na face do rochedo abriu, à nossa direita, uma nova maravilha. O beco, talvez de trezentos metros de largura, não passava de simples brecha em semelhante muralha: e dava para um anfiteatro de forma oval, achatada na parte dianteira, e bojuda à direita e à esquerda. Os paredões eram despenhadeiros, como os paredões de Rumm; mas pareciam maiores, porque o fundo de depressão do solo ficava bem no coração da montanha mestra, e a sua pequenez fazia as alturas ao redor parecerem esmagadoras.

O sol havia desaparecido por trás da muralha ocidental, deixando a depressão em sombra; mas o seu clarão moribundo inundava de surpreendente coloração rubra as alas de cada lado da entrada, bem como o impetuoso maciço do restante da muralha, além do vale. O chão da depressão era de areia úmida, a negrejar de arbustos; ao passo que, no sopé de todo os rochedos, surgiam blocos de pedra maiores do que casas e por vezes, com efeito, semelhantes a fortalezas que houvessem desmoronado das alturas lá de cima. À nossa frente, uma vereda, desgastada pelo uso, ziguezagueava pelo plinto do penhasco acima, até o ponto

em que se erguia a fachada principal, e ali se dobrava perigosamente para o sul, correndo ao longo de pequena cornija sublinhada por uma ou outra árvore frondosa. Por entre estas árvores, e de ocultas cavernas da rocha, saíam gritos estranhos; eram os ecos, transformados em música, do vozerio dos árabes que davam de beber aos camelos nas fontes que ali fluíam a noventa metros acima do solo.

As chuvas, caindo sobre as verdes cúpulas de pedra do topo da montanha, pareciam haver embebido, lentamente, o corpo da rocha porosa; e a minha mente seguia a marcha da água, filtrando-se, centímetro por centímetro, através daquelas montanhas de pedra calcária até atingir a impermeável camada horizontal do plinto e começar a correr sobre a sua superfície superior, sob pressão, em jorros que irrompiam pela face do maciço, nas junções das duas camadas rochosas.

Mohammed encaminhou-se para o bojo do lado esquerdo do anfiteatro. Na sua extremidade mais distante, a habilidade árabe havia desbastado um espaço, sob a rocha pendente: ali descarregamos os camelos e repousamos. As trevas vieram sobre nós, rapidamente, naquele sítio confinado; e sentimos o ar frio, carregado de umidade, premer a nossa pele queimada pelo sol. Os Howeitats, que haviam cuidado da carga constituída pelos explosivos, reuniram a sua manada, conduzindo-a com gritos reboantes pela vereda da montanha acima a fim de lhe dar água, para o próximo regresso a Guweira. Acendemos fogueiras e cozinhamos arroz, para ser acrescentado à carne de vaca em conserva dos sargentos, enquanto os meus preparadores de café se puseram em ação para servir aos visitantes que deveriam vir até nós.

Os árabes, das tendas que ficavam ao longe da depressão dos olhos-d'água, haviam-nos visto entrar, e não tardaram a ter notícias nossas. Dentro de uma hora, tínhamos ao nosso redor os chefes dos Daraushas, Zelebanis, Zuweidas e Togatgas; e fizeram-se grandes palestras, mas nenhuma excessivamente feliz. Aid, o xerife, estava demasiadamente desacoroçoado pela sua cegueira, não podendo, portanto, tirar dos meus ombros o fardo do entretenimento devido aos hóspedes. Aqueles pequenos grupos, em desavença com os Abu Tays, suspeitavam que estivéssemos instigando Auda nas suas ambições, no sentido de conquistar predomínio sobre eles. Não tinham desejos de servir ao xerife, antes de estarem seguros quanto ao apoio deste às suas mais extremadas aspirações.

Gasim abu Dumeik, o belo guerreiro que havia conduzido os homens do planalto no dia da carga de Aba el Lissan, parecia particularmente intratável. Era homem sombrio, de rosto arrogante e sorriso de lábios finos: muito bom no

coração, mas coberto de crosta. Naquele dia, inflamava-se de ciúmes contra os Toweihas. Sozinho, nunca eu poderia vencê-lo; assim, para tornar patente sua hostilidade, levei-o em conta de adversário, e lutei contra ele, vigorosamente, com a minha língua, até ele ficar reduzido ao silêncio. Envergonhada, sua platéia o abandonou, bandeando, embora muito pouco, para o meu lado. Os espíritos vacilantes fizeram com que os homens começassem a murmurar contra os chefes e passassem a advogar a marcha para a frente comigo. Colhi a oportunidade para dizer que Zaal ali estaria na manhã seguinte, e que ele e eu aceitaríamos o apoio de todos, exceto dos Dhumaniyehs; estes, cujo apoio se tornara impossível ante as palavras de Gasim, teriam seu nome riscado do livro de Feisal e perderiam o direito à conquistada boa vontade, bem como às recompensas. Gasim, blasfemando que poderia aderir aos turcos incontinenti, retirou-se de perto da nossa fogueira fortemente zangado, enquanto amigos cautelosos em vão procuravam fazê-lo fechar a boca.

CAPÍTULO 63

Na manhã seguinte, lá estava ele, com seus homens, pronto para aderir ou para se opor a nós, de acordo com o capricho. Enquanto hesitava, Zaal chegou. A obstinação de Gasim logo se chocou com a crueldade metálica de Zaal, e o par trocou palavras acaloradas. Pusemo-nos entre eles, antes que a luta começasse, mas já se havia passado o suficiente para desfazer a débil melhoria proporcionada pela noite. Os outros clãs, desgostosos em face da brutalidade de Gasim, aproximaram-se de nós, aos grupos de dois e três, na qualidade de voluntários; mas me pediram para levar a sua lealdade ao conhecimento de Feisal antes da nossa partida.

As dúvidas determinaram que eu me comunicasse imediatamente com ele, em parte para recompor esta situação, e em parte para conseguir camelos que carregassem os explosivos. Alugar camelos dos Dhumaniyehs não seria conveniente; e não havia outros por lá. O melhor era ir eu, pessoalmente; porque, ao passo que Gasim poderia deter qualquer mensageiro, não ousaria nunca molestar-me. Os dois sargentos foram recomendados a Zaal, que jurou responder pelas suas vidas; e dali partimos, Ahmed e eu, sobre camelos em pêlo, com a intenção de ir apressadamente para Akaba e de lá voltar.

Só conhecíamos o caminho muito longo que passava pelo Wadi Itm. Existia um atalho, mas não conseguíamos encontrar quem nos guiasse. Inutilmente andamos à sua procura, para cima e para baixo do vale; e já nos sentíamos desesperados quando um rapaz nos disse, abruptamente, que devíamos marchar ao longo do vale próximo, à nossa direita. Por ali, depois de uma hora, chegamos a uma linha de água divisória, de onde alguns vales se irradiavam para o ocidente. Só poderiam dar para o Wadi Itm, pois não havia outros por aquelas redondezas, através das montanhas, até o mar; e corremos por eles abaixo, cruzando de quando em quando, à aventura, os córregos que ficavam à nossa direita e que corriam para tributários paralelos, a fim de encurtarmos a rota provável.

No começo, foi paisagem de pedra calcária limpa, de agradáveis formas de rochedos; mas, à medida que avançávamos, espinhaços de granito, material da praia, ergueram-se à nossa frente, e depois de cinqüenta quilômetros de bom trote, passamos, pelo sul de Itm, para o vale principal, exatamente acima do poço da rendição de Akaba. A viagem durou apenas seis horas.

Em Akaba, fomos diretamente à casa de Feisal. Minha volta súbita assombrou-o, mas uma palavra bastou para explicar-lhe o pequeno drama que se estava desenrolando em Rumm. Depois da refeição, demos os passos necessários. Os vinte camelos de carga deveriam partir dentro de dois dias, com bom número de cameleiros de Feisal, para o transporte dos explosivos, e com alguns dos seus escravos pessoais para os guardar. Feisal emprestar-me-ia o xerife Abdulla el Feir, o melhor dos seus partidários agora no acampamento, na qualidade de mediador. As famílias dos homens que marchassem comigo, até a estrada de ferro, poderiam retirar provisões dos depósitos de Feisal, por meio de certificado meu.

Abdulla e eu partimos antes da madrugada e, à tarde, depois de agradável marcha, chegamos a Rumm, para encontrar tudo em ordem; assim, a ansiedade se dissipou. O xerife Abdulla pôs-se imediatamente à obra. Tendo reunido os árabes, inclusive o recalcitrante Gasim, começou a aplainar os ressentimentos mútuos com aquela pronta capacidade de persuasão que era o pendor inato de um chefe árabe, e que toda a sua experiência contribuíra para aguçar ainda mais.

No ócio forçado por causa da nossa ausência, Lewis havia explorado o rochedo, relatando que as fontes eram muito boas para se tomar banho; assim, para me livrar do pó e do cansaço, depois das longas cavalgadas, encaminhei-me barranco acima, atingindo a encosta da montanha, ao longo arruinado do muro do conduto pelo qual um jorro de água outrora havia corrido, indo pelos barrancos abaixo, até a casa do poço nabatiano, ao fundo do vale. Tratava-se de uma subida de quinze minutos para uma pessoa cansada, e não muito difícil. Já no cimo, a cascata el Shellala, como os árabes a denominavam, encontrava-se a poucos metros de distância.

O rumor do correr do líquido chegou-me da esquerda, junto de um bastião saliente de rocha, sobre cuja face carmesim corriam ramos pendentes de folhas verdes. A vereda margeava o bastião, por uma orla cavada na pedra. Sobre o bojo da rocha, mais acima, viam-se inscrições nabatianas, bem talhadas, e um painel cavado, com monograma ou símbolo. Ao redor e por cima havia inscrições árabes, inclusive sinais de tribos, alguns dos quais eram testemunhas de

migrações esquecidas; mas a minha atenção se prendia apenas ao tombar da água, num buraco, à sombra de uma rocha pendente.

Desta rocha, um pequeno córrego prateado saía para a luz do sol. Olhei, para ver a bica, pouco mais fina do que o meu pulso, jorrando firmemente de uma fenda do teto, e caindo com aquele murmúrio límpido num tanque raso e espumante, por trás do degrau que servia de entrada. Os flancos e o teto da caverna gotejavam de umidade. Fetos espessos e ervas do verde mais fino tornavam aquilo um paraíso de precisamente meio metro quadrado.

Sobre a borda lavrada e fragrante, despi meu corpo imundo e entrei na pequena bacia, para saborear, afinal, o frescor do ar e da água em movimento, que passou a acariciar a minha pele cansada. Aquilo era deliciosamente refrescante. Lá fiquei deitado, quietamente, deixando que a água limpa, de cor vermelho-escura, corresse por cima de mim em filetes tumultuados, e levasse para longe a sujeira da viagem. Enquanto eu me sentia tão feliz, um homem de barba grisalha e em andrajos, com o rosto marcado de sulcos, exprimindo grande energia e infinito cansaço, aproximou-se devagar, pela vereda, até ficar em frente à fonte; e ali se deixou cair, com um suspiro, sobre minhas roupas estendidas por cima de uma rocha, ao lado da azinhaga, para que o calor do sol delas expulsasse o tropel de insetos.

Ouviu-me e inclinou-se para a frente, espiando, com olhos remelosos, para esta coisa branca que chapinhava no tanque, além do véu feito pela névoa do sol. Depois de longo fitar, pareceu satisfeito, e fechou os olhos, resmungando. “O amor vem de Deus; e é de Deus, e para Deus.”

Suas palavras, apenas murmuradas, chegaram distintamente ao meu tanque, por qualquer efeito acústico do recinto. Fizeram-me parar, de súbito. Acreditava que os semitas fossem incapazes de empregar o amor como elo entre eles e Deus e, na verdade, incapazes de conceber semelhante relação, exceto com a intelectualidade de Spinosa, que amava tão racionalmente, tão assexuadamente, tão transcendentalmente, que não procurou, ou melhor, não chegou a permitir a retribuição. O cristianismo parecera-me ser o primeiro credo a proclamar o amor neste mundo superior, do qual o deserto e o semita (de Moisés a Zenão) o haviam expulso; e o cristianismo era produto híbrido, e exceto na sua primeira raiz, essencialmente não-semítico.

O nascimento do cristianismo, na Galiléia, o havia livrado de ser apenas mais uma das inumeráveis revelações do semita. A Galiléia constituía província não-semítica da Síria, e o contato com ela era quase impuro para o perfeito judeu. Como Whitechapel em relação a Londres, ela permanecia alheia a Jerusalém.

Cristo, por eleição, desempenhou a sua missão na liberdade intelectual daquela província; não no seio das choupanas de barro de uma aldeia síria, mas em ruas limpas, entre casas dotadas de colunários e de banhos rococós, produtos de civilização grega intensa, embora corrupta e provincialmente exótica.

Os habitantes desta colônia de forasteiros não eram gregos — pelo menos não o eram em sua maioria — mas de descendência levantina, imitando a cultura grega; e produzindo, em compensação, não o helenismo banal e correto da pátria original já exausta, mas uma fecundidade tropical de idéias, em que o equilíbrio rítmico da arte grega e da grega idealidade desabrochou em formas novas, vistosas, mas sem elegância, em virtude das cores apaixonadas e untuosas do Oriente.

Os poetas de Gadara, balbuciando os seus versos na excitação predominante, espelhavam a sensualidade e o fatalismo desiludido, passando pela desordenada concupiscência, própria da sua idade e do seu lugar; da terrenalidade disto, a religiosidade semítica ascética talvez tenha colhido o travo de humanidade e de real amor, que deu caráter distintivo à música de Cristo, adequando-a e tornando-a apta a atravessar os corações da Europa, de uma forma como o judaísmo e o islã não poderiam atuar.

E, a seguir, a cristandade tivera a fortuna de possuir ulteriores arquitetos de gênio; e, na sua passagem através do tempo e do clima, sofrera mudanças incomparavelmente maiores do que as do imutável judaísmo da livresca abstração alexandrina à prosa latina, para o continente da Europa; e, último e mais terrível de todos os acontecimentos, da forma latina à forma teutônica, em síntese formal para se adequar ao nosso norte friamente disputador. O credo presbiteriano ficava tão longe da fé ortodoxa, na sua primeira ou segunda encarnação, que, antes da guerra, éramos capazes de enviar missionários para persuadir aqueles cristãos orientais, mais flexíveis, com a nossa apresentação de um Deus lógico.

O islã, também, havia inevitavelmente sofrido alterações, de continente a continente. Evitara a metafísica, exceto no misticismo introspectivo dos devotos iranianos; mas, na África, revestira-se de cores de fetichismo (para expressar, com vocábulo rude, as variadas animalidades do continente negro); e, na Índia, tivera de submeter-se ao formalismo e ao literalismo da mente dos seus convertidos. Na Arábia, entretanto, conservara o caráter semítico, ou melhor, o caráter semítico resistira através da fase do islã (como através de todas as fases dos credos com os quais os habitantes de cidades continuamente vestiam a simplicidade da fé), expressando o monoteísmo dos espaços abertos, a qualidade permeabilizadora do

infinito, peculiar ao panteísmo, bem como a utilidade cotidiana de se possuir um Deus-lar que presidisse tudo.

Em contraste com esta fixidez, ou com o meu saber a tal respeito, o velho homem de Rumm surgiu portentoso na sua breve e simples sentença, parecendo derrocar as minhas teorias sobre a natureza árabe. Com receio de uma revelação, pus fim ao meu banho e avancei para recuperar as minhas roupas. Ele ocultou os olhos com as mãos e resmungou pesadamente. Com ternura, persuadi-o a levantar-se e a permitir que me vestisse, e depois a ir comigo, ao longo da aloucada vereda que os camelos haviam riscado, subindo e descendo das outras fontes. O velho sentou-se junto do nosso local de tomar café, onde Mohammed reacendeu o fogo enquanto eu procurava fazê-lo explicar a sua doutrina.

Quando a refeição da tarde ficou pronta, alimentamo-lo, parando, assim, por alguns minutos, a sua torrente subterrânea de lamentos e de pedaços de palavras. Mais tarde, à noite, levantou-se penosamente, e lá se foi, trôpego e insensível, noite adentro, levando a sua fé, se é que a tinha, com ele. Os Howeitats disseram-me que, durante a vida toda, ele andara vagando assim pelas tribos, murmurando coisas estranhas, sem distinguir o dia ou a noite, e sem se preocupar com a procura de alimento, de trabalho ou de abrigo. Era alvo da generosidade de todos, como se fora criatura aflita; mas nunca respondia palavra, nem falava alto, a não ser quando se encontrava no descampado, fazendo-o, porém, consigo próprio, ou quando se encontrava só entre ovelhas e cabras.

CAPÍTULO 64

Abdulla fazia progressos com os seus entendimentos. Gasim, já não mais desconfiado, mas ainda de mau humor, não procederia à admoestação pública; assim, cerca de cem homens dos menores clãs ousaram desafiá-lo, prometendo marchar conosco. Discuti o caso com Zaal, e resolvemos tentar a nossa sorte até o extremo desta força. Com maiores delongas, arriscar-nos-íamos a perder os adeptos que já possuíamos, oferecendo-se-nos pouca esperança de obtermos outros, em face do presente estado de ânimo das tribos.

Era um grupo escasso o nosso, apenas a terça parte do que se esperava. A nossa fraqueza teria de modificar lamentavelmente os nossos planos; faltava-nos, igualmente, um chefe seguro. Zaal, como sempre, mostrava-se capaz de ser chefe, presciente e ativo em todos os preparativos concretos. Era um homem de grande valor, mas muito íntimo de Auda, não seguindo, portanto, os outros; a língua descontrolada e o sarcasmo a pairar sobre os seus lábios úmidos e azulados davam origem a desconfianças e tornavam os homens relutantes quanto a obedecer aos seus bons conselhos.

No dia seguinte, chegaram os camelos de carga enviados por ordem de Feisal, sendo em número de vinte, a cargo de dez homens livres, e guardados por quatro dos seus escravos pessoais. Estes eram os subordinados de mais confiança no exército, possuindo conhecimento particular dos deveres do pessoal de serviço. Morreriam para evitar que seu senhor fosse atingido, ou morreriam com ele, se fosse atingido. Agregamos dois desses homens a cada sargento, de maneira que, acontecesse o que acontecesse à minha pessoa, o seu regresso, sãos e salvos, ficaria garantido. As bagagens necessárias para a reduzida excursão foram selecionadas, e tudo se aprontou para a partida, pela manhã.

De acordo com o que foi decidido, no dia 16 de setembro, pela madrugada, saímos de Rumm. Aid, o xerife cego, insistiu em vir conosco, a despeito da visão perdida; dizia que podia cavalgar, embora não pudesse atirar, e que, se Deus nos

favorecesse a prosperidade, se despediria de Feisal no apogeu do êxito, voltando para sua casa, sem grande tristeza, para viver a vida vazia que deveria ser por ele vivida. Zaal conduziu os seus vinte e cinco Nowaseras, clã dos árabes de Auda, que se diziam meus homens, e eram famosos por toda a extensão do deserto em virtude dos seus camelos de sela. Minhas penosas viagens os tentaram a fazer-me companhia.

O velho Motlog el Awar, proprietário de el Jedha, a melhor camela da Arábia do Norte, cavalgava-a na nossa vanguarda. Nós a contemplávamos com olhos orgulhosos ou vorazes, de acordo com as nossas relações com o dono. A minha Ghazala era mais alta e maior, possuindo trote mais rápido, mas era excessivamente velha para galopar. Contudo, era o único animal, no grupo, ou, na verdade, em todo aquele deserto, que poderia ser comparado à Jedha, e a minha honra aumentava pela sua dignidade.

O resto da nossa comitiva se desgarrava como pérolas de colar partido. Havia grupos de Zuweidas, de Daraushas, de Togatgas e de Zelebanis; e foi nesta marcha que a virtude de Hammad el Tugtagi se apresentou pela primeira vez ao meu espírito. Hora e meia depois da partida, surgiram, de um vale marginal, alguns homens envergonhados, dos Dhumaniyehs, incapazes de suportar o fato de verem os outros em marcha enquanto eles se mantinham em ociosidade com as mulheres.

Nenhum grupo marchava ou falava com outro, e eu andei o dia todo para trás e para a frente, como lançadeira de máquina de tecer, falando primeiro a um sombrio xeque, e depois a outro, lutando para situá-los juntos, de maneira que, antes da voz de comando para a ação, pudesse haver alguma solidariedade. Até então, só concordavam em não querer ouvir sequer uma palavra de Zaal, a propósito da ordem da nossa marcha, embora se admitisse que ele fosse o guerreiro mais inteligente e o mais experimentado. Na minha opinião particular, ele era o único em quem se podia confiar além do alcance da vista. Quanto aos outros, parecia-me que nem as palavras, nem os conselhos, e talvez nem sequer os fuzis, eram seguros.

A inutilidade do pobre xerife Aid, mesmo como chefe nominal, forçou-me a assumir pessoalmente o comando, tanto contra o meu princípio como contra o meu discernimento — porque as artes especiais da incursão de tribos, bem como os pormenores das paradas para alimentação e pastagem, o rumo, o pagamento, as disputas, a divisão de pilhagens, as dívidas de sangue e a ordem de marcha ficavam muito fora do currículo da Escola de História Moderna de Oxford. A necessidade de alinhavar estes assuntos manteve-me excessivamente ocupado, o

que me impediu de ver a região, e evitou, igualmente, que me aborrecesse pensando em como deveríamos assaltar Modwwara e imaginando quais seriam os melhores empregos de surpresa do explosivo.

Realizamos a parada do meio-dia em local fértil, onde a chuva da última primavera, caindo sobre um talude arenoso, fizera brotar uma espessa moita de erva prateada, que os nossos camelos apreciavam. O tempo era suave, tão perfeito como o de agosto na Inglaterra, e vagamos muito satisfeitos, a salvo, por fim, das alterações e dos apetites dos dias anteriores à partida, bem como da lenta extenuação dos nervos, inevitável mesmo quando se abandonava um acampamento temporário. O homem, nas nossas circunstâncias, de pronto fincava raízes.

Mais tarde, ainda durante o dia, marchamos de novo, serpenteando pela montanha abaixo a caminho de um vale estreito, entre modestas muralhas de pedra calcária; até que, antes do crepúsculo, desembocamos em outro chapadão de lama amarela, depositada, como aquele que havia servido de prelúdio tão maravilhoso à glória de Rumm. Perto da sua orla, acampamos. Os meus cuidados deram frutos, pois acampamos em apenas três grupos, junto de grandes fogos de tamargueira, rutilantes, a crepitar. Com um grupo, jantaram os meus homens; com o segundo, Zaal; com o terceiro, os outros Howeitats; e, tarde da noite, quando todos os chefes se encontravam bem-postos, regalados com carne de gazela e pão quente, tornou-se possível conduzi-los à minha lareira neutra e discutir, meticulosamente, sobre as tarefas do amanhã.

Parecia que, lá pelo crepúsculo do dia seguinte, poderíamos tomar água do poço de Modwwara, a três ou quatro quilômetros deste lado da estação ferroviária, em vale coberto. Depois, às primeiras trevas, iríamos avante, para examinar a estação e ver se, apesar da nossa fraqueza, ainda era possível tentar o golpe contra ela. Sustentei vigorosamente este ponto (contra a opinião comum), por se tratar do trecho mais crítico da linha. Os árabes não podiam perceber isto, porque seu espírito não formava a imagem da longa e bem intercomunicada frente turca, com as suas necessárias exigências. Contudo, conseguimos a harmonia interna, e dispersamo-nos, confiantes, para dormir.

Pela manhã, demoramo-nos para comer de novo, tendo apenas seis horas de marcha à nossa frente; e, a seguir, saímos pelo chapadão de lama, desembocando em uma planície de pedra granulosa e firme, semeada de quartzo escuro, de arestas embotadas pelo tempo. Isto foi seguido por pequenas montanhas, com leitos de areia fofa, na base dos declives mais íngremes, onde os ventos remoinhantes haviam deixado pousar o seu pó. Por ali viajamos subindo vales

rasos, até atingirmos uma crista; e, depois, por vales iguais, descemos do outro lado, de onde avistamos, de repente, saindo da escuridão, confusos montes de pedra espalhados pela imensidão embebida de sol da planície. Além desta, uma duna isolada, baixa, riscava uma linha movediça.

Havíamos feito a nossa parada de meio-dia à primeira entrada daquela região desconjuntada; e, como se previra, na tarde adiantada, chegamos ao poço. Era um tanque descoberto, de poucos metros quadrados, em vale raso, de grandes lajes de pedra, de quartzo e de areia. A água estagnada parecia pouco convidativa. Sobre a sua superfície, jazia um espesso monte de limo verde, de que emergiam ilhotas infladas de gordura cor-de-rosa, bojudamente flutuantes. Os árabes explicaram que os turcos haviam atirado camelos mortos dentro do tanque para tornar a água pestilenta; mas que o tempo passara e o efeito se ia dissipando. Estaria ainda mais dissipado, se o critério do esforço deles fosse ao meu gosto.

Todavia, aquilo era a única bebida que poderíamos obter por ali, a menos que capturássemos Modwwara; assim, sentamo-nos e enchemos os nossos odres. Um dos Howeitats, enquanto dava o seu auxílio a esta tarefa, escorregou da borda molhada, caindo dentro da água. O verde tapete da superfície fechou-se oleosamente sobre a sua cabeça, ocultando-o à nossa vista por uns instantes; depois veio à tona e, agarrando-se vigorosamente, trepou de gatinhas pela borda, saindo dali em meio às nossas gargalhadas; deixou atrás de si um buraco negro na espuma, de onde subiu um forte cheiro de carne deteriorada, como se fosse uma coluna visível, que pairou ao redor de nós, dele e do vale, de maneira a desconcertar-nos.

Ao escurecer, Zaal e eu, com os sargentos e outros, rastejamos à frente, em silêncio. Em meia hora encontramo-nos na última crista, no lugar onde os turcos haviam cavado trincheiras e construído, com pedras sobrepostas, um complicado posto de vanguarda, de seteiras dentadas, que, naquela noite escura de lua nova da nossa incursão, estava vazio. Em frente e embaixo, ficava a estação, com suas portas e suas janelas nitidamente marcadas pelas luzes amarelas dos fogos de cozinhar, bem como pelas luzes da guarnição. Parecia ficar perto de nós; mas o canhão de Stokes conseguia atirar apenas a trezentos metros. Aproximamo-nos mais, ouvindo os rumores do inimigo; íamos atentamente, receosos, para que os cães ladradores não nos percebessem. O sargento Stokes explorou à esquerda e à direita, à procura de posição para o canhão, mas nada encontrou que fosse satisfatório.

Entrementes, Zaal e eu engatinhamos pela última planície até que pudemos contar as tendas sem luz e ouvir os homens falando. Um indivíduo saiu, tomando

a direção do ponto em que nos encontrávamos e depois hesitou. Riscou um fósforo para acender o cigarro, e a luz invadiu-lhe o rosto, de maneira que o vimos em cheio — era um oficial jovem, de faces cavadas, doentio. Agachou-se, esteve ocupado por um momento, e voltou para junto dos seus companheiros que se calaram quando ele passou.

Voltamos à nossa montanha e consultamo-nos em sussurros. A estação era longa, compondo-se de edifícios de pedra tão sólidos que poderiam resistir às nossas granadas de espoleta regulada. A guarnição parecia ser de duzentos homens. Nós éramos cento e dezesseis carabinas e uma família não muito feliz. A surpresa era a única vantagem de que poderíamos estar certos.

Assim, afinal propus que deixássemos a estação, sem alarmá-la, para oportunidade futura, que deveria chegar logo. De fato, porém, acidentes após acidentes salvaram Modwwara; e só em agosto de 1918 é que o corpo de cameleiros de Buxton, por fim, lhe aplicou o destino por tanto tempo adiado.

CAPÍTULO 65

Tranqüilamente, fomos ter com os nossos camelos e dormimos. Na manhã seguinte, regressamos pelo nosso rastro, para fazer com que uma ala da planície nos ocultasse aos olhos de quem estivesse na estrada de ferro, e depois marchamos para o sul, através do chapadão arenoso; vimos pegadas de gazela, de órix e de avestruzes; a certa altura, apresentaram-se velhos sinais de passagem de leopardo. Encaminhávamo-nos para as baixas montanhas que limitavam o lado de lá, no intuito de fazer saltar um trem; porque Zaal dizia que, onde as montanhas se encontravam com os trilhos, havia uma curva, tal como desejávamos para a colocação de minas, e que o contraforte que dominava o lugar nos daria abrigo oculto, além de campo de onde seria possível atirar com as nossas metralhadoras.

Assim, atingindo os barrancos do sul, viramos para o oriente, até oitocentos metros de distância da linha. Ali, o grupo fez alto num vale de nove metros, enquanto alguns dos nossos se dirigiram à linha, que se encurvava um pouco para o oriente, a fim de evitar a ponta das regiões mais altas que estavam sob nossos pés. A ponta terminava em terreiro plano, a quinze metros acima dos trilhos, voltada para o norte, para o outro lado do vale.

O leito da estrada cruzava a depressão por cima de alto paredão terraplenado, furado por uma ponte de dois arcos para a passagem da água da chuva. Este parecia ser o lugar ideal para a colocação da carga. Era a nossa primeira experiência com minas elétricas, e não tínhamos a menor idéia do que iria acontecer; mas afigurava-se, à nossa razão, que o trabalho seria mais seguro com um arco por baixo do explosivo, porque, fosse qual fosse o efeito na locomotiva, a ponte se destruiria e os vagões subseqüentes descarrilariam de maneira inevitável.

A orla superior do valado constituía uma posição excelente para Stokes. Para as armas automáticas, era alto demais; mas o tiro de enfiada dominaria tudo, tanto se o trem subisse como se descesse a linha. Determinamos instalar as peças,

com as desvantagens do tiro para baixo. Foi bom ter as minhas duas responsabilidades britânicas num só lugar, a salvo de surpresas e com retirada independente para o maciço — porque, naquele dia, Stokes andava sofrendo de disenteria. Com toda probabilidade, a água de Modwwara lhe havia revoltado o estômago. Muito poucos ingleses pareciam ter sido dotados, por sua nutrição, de qualquer resistência orgânica à enfermidade.

Voltando com os nossos camelos, descarregamos a bagagem e deixamos que os animais fossem livremente pastar perto de algumas rochas cavadas por baixo, de onde os árabes rasparam sal. Os homens livres de Feisal transportaram para o local escolhido o canhão de Stokes, com suas balas, as metralhadoras Lewis e a gelatina com o fio isolado, com o magneto e com as ferramentas. Os sargentos assentaram seus instrumentos num terraço, enquanto nós fomos para baixo da ponte a fim de cavar um nicho entre as extremidades de dois dormentes de aço, onde colocar os meus vinte quilos de gelatina. Rasgamos o envoltório de papel de cada um dos pinos de segurança dos explosivos e transformamo-los todos em geléia trêmula com auxílio do calor do sol, num saco de areia.

Enterrar a mina não era fácil. O barranco era íngreme e, numa depressão abrigada, entre ela e o flanco da montanha, ficava um banco de areia depositada pelo vento. Ninguém cruzou este banco, senão eu, trepando cuidadosamente; contudo, deixei grandes e inevitáveis rastros sobre a sua maciez. Tive de recolher em minha capa o material escavado para ser transportado, em viagens repetidas, à passagem subterrânea, onde poderia ser igualado ao chão, naturalmente, sobre o leito de pedregulho do curso de água.

Precisei de quase duas horas para cavar e enterrar a carga; então se seguiu o difícil trabalho do desenrolamento dos pesados cabos de cobre, desde o detonador até as montanhas, de onde poderíamos deflagrar a mina. A camada superior da areia era como crosta, e teve de ser partida para enterrarmos os fios. Estes eram rígidos, e arranhavam a superfície alisada pelo vento, nela traçando grandes linhas semelhantes ao rastro de serpentes pesadas e desproporcionadamente finas. Quando premidos para baixo, num lugar, os arames saltavam para o ar em outro. Por fim tiveram de ser seguros ao chão por pedaços de rocha, e estes pedaços, por sua vez, precisaram ser enterrados a custo de grande modificação da fisionomia do terreno.

Depois foi necessário, por meio de um saco de areia, transformar os rastros em superfície ondeada; e, finalmente, com golpes de fole e movimentos de abanar da minha capa, simulamos suaves depósitos do vento. O trabalho todo exigiu cinco horas para ser levado a termo; mas, então, estava bem acabado: nem

eu, nem qualquer outra pessoa, poderia notar onde se encontrava a carga, ou perceber que aqueles cabos duplos iam dar, por baixo da terra, no ponto de deflagração, a duzentos metros de distância, atrás do barranco escolhida pelos nossos atiradores.

Os cabos tinham apenas o comprimento bastante para cruzar este barranco e passar para a depressão. Ali deixamos as duas extremidades, ligando-as por meio dos pontos do magneto e do detonador elétrico. Era o lugar ideal, tanto para o detonador como para os homens que deveriam acioná-lo; apenas, a ponte não era visível deste lugar.

Contudo, isto significava tão-somente que alguém deveria acionar a maneta a um sinal dado de outro ponto, a cinqüenta metros à frente, de onde se avistavam a ponte e os terminais dos cabos. Salem, o melhor escravo de Feisal, reclamou para si este posto de honra, que lhe foi outorgado por aclamação. O fim da tarde foi empregado em mostrar-lhe (com o detonador desligado) o que deveria fazer, até que ele pôde agir com perfeição e descer a manivela exatamente no instante em que ergui a minha mão, ao apontar uma locomotiva imaginária sobre a ponte.

Marchamos de regresso ao acampamento, deixando um homem de guarda, perto da linha. Os bagageiros se haviam dispersado e olhamos ao redor, intrigados quanto ao destino dos homens restantes, até que os vimos, de súbito, sentados contra a luz dourada do crepúsculo, ao longo da crista alta de um barranco. Gritamos-lhes para que se deitassem ou voltassem, mas insistiram em ficar no poleiro, como fileira de corvos, bem à vista do norte e do sul.

Por fim, corremos para eles e os retiramos da linha do horizonte, mas já era tarde. Os turcos, em um pequeno posto de montanha perto de Hallat Ammar, a seis quilômetros de distância, ao sul, haviam-nos visto e abriram fogo, alarmados, contra as longas sombras que o sol em declínio projetava gradualmente pelas encostas, na direção do posto. Os beduínos eram mestres na arte de utilizar-se do terreno, mas, no constante desafio à estupidez dos turcos, não se davam à precaução de os evitar. Aquele barranco era visível ao mesmo tempo de Modwwara e de Hallat Ammar, e os nossos homens haviam assustado ambas as guarnições, em virtude da súbita e lamentável contemplação ansiosa.

Não obstante, a escuridão se fechou sobre nós, e notamos que poderíamos dormir durante a noite pacientemente, à espera do dia seguinte. Talvez os turcos nos considerassem retirados dali, se o lugar onde estávamos parecesse desocupado pela manhã. Assim, acendemos uma fogueira numa depressão profunda, assamos pão e nos dispusemos com conforto. A tarefa comum transformara-nos em um único grupo, e a loucura do topo do barranco

envergonhou a todos, levando-os a concordar em que Zaal deveria ser o nosso chefe.

O dia rompeu docemente, e durante horas ficamos a contemplar a estrada de ferro vazia, com os seus acampamentos pacíficos. O cuidado constante de Zaal e de seu primo coxo, Howeimil, manteve-nos ocultos, embora com dificuldade, em virtude da insaciável impaciência dos beduínos, que nunca eram capazes de se sentar por dez minutos e se mantinham inquietos, devendo fazer ou dizer sempre alguma coisa. Este defeito os tornava inferiores aos estólidos ingleses para a longa e tediosa tensão de uma guerra de espera. Em parte, o fato se devia aos seus incertos estômagos em defesa. Naquele dia, fizeram-nos zangar.

Talvez, ao fim das contas, os turcos nos houvessem visto, porque, às nove horas, cerca de quarenta homens saíram das tendas a caminho do topo da montanha, em Hallat Ammar, em direção ao sul, avançando em ordem dispersa. Se os deixássemos agir, eles nos impeliriam para longe da nossa mina em uma hora; se nos opuséssemos a eles, com a nossa força superior em número, e os repelíssemos, a estrada de ferro observaria o fato e o tráfego seria suspenso. Era uma perplexidade que, no momento, procuramos resolver enviando trinta homens incumbidos de combater gradualmente a patrulha inimiga, e se possível arrastá-la, devagar, para o lado, para dentro das montanhas fendidas. Isto ocultaria a nossa posição principal, tranqüilizando o inimigo quanto à insignificância da nossa força e do nosso propósito.

Durante algumas horas, tudo correu como esperávamos; a fuzilaria passou a ser irregular e distante. Uma patrulha permanente se aproximou, confiante, vindo do sul, e marchou do lado da nossa montanha, por cima da nossa mina, a caminho de Modwwara, sem dar pela nossa presença. Compunha-se de oito soldados e de um robusto cabo, que franzia as sobrancelhas contra o calor, pois já eram mais de onze horas e o tempo estava, de fato, quente. Quando passou além de nós, dois ou três quilômetros, a fadiga da marcha a pé se tornou excessiva para o cabo. Levou a patrulha para a sombra de uma passagem subterrânea, sob cujos arcos um fresco regato, vindo de leste, fluía suavemente; e ali, em pleno conforto, todos se deitaram sobre a areia macia, beberam água de duas garrafas, fumaram e, por fim, dormiram. Presumimos se tratasse do repouso do meio-dia, a que todo turco sólido se entregava, no acalorado verão da Arábia, como decorrência de um princípio, e supusemos que o fato de eles se darem pausa mostrava que a nossa presença havia sido desmentida ou ignorada. Entretanto, incorríamos em erro.

CAPÍTULO 66

O meio-dia trouxe-nos uma nova preocupação. Através dos meus poderosos binóculos, vimos cem soldados turcos saírem da estação de Modwwara, rumando diretamente pela planície de areia, a caminho de onde estávamos. Vinham muito devagar, e sem dúvida de má vontade, pelo aborrecimento da perda do desejado sono do meio-dia; mas mesmo com a pior das marchas e dos humores, dificilmente poderiam viajar mais de duas horas para nos alcançar.

Começamos a arrumar a bagagem, preparando-nos para sair dali, depois de resolver deixar a mina e os cabos no lugar, na esperança de que os turcos não os encontrariam, e de que pudéssemos depois regressar e tirar vantagem de todo o cuidadoso trabalho. Enviamos um mensageiro ao grupo de cobertura, ao sul, informando-o de que deveria encontrar-se conosco mais adiante, perto daquelas rochas escalavradas que serviam de biombo, ocultando os nossos camelos que pastavam.

Assim que o mensageiro partiu, a sentinela gritou que uma nuvem de fumaça se erguia de Hallat Ammar. Zaal e eu corremos montanha acima e vimos, pela forma e pelo volume, que, de fato, devia ser um trem parado naquela estação. Quando nos dispúnhamos a contemplá-lo do topo da rocha, de súbito o comboio se moveu na nossa direção. Gritamos aos árabes para que assumissem os seus postos, tão depressa quanto possível, e houve tumulto pela areia e pelos rochedos. Stokes e Lewis, estando calçados, não puderam ganhar a corrida; saíram-se bem, entretanto, esquecendo-se dos sofrimentos e da disenteria.

Os homens de carabina postaram-se em longa linha, por trás do contraforte que corria da posição dos canhões, passando pelo detonador, até a boca do vale. Dali, poderiam atirar diretamente contra vagões descarrilados, a menos de cento e cinqüenta metros, ao passo que o alcance, para os canhões de Stokes e Lewis, era de cerca de trezentos metros. Um árabe se pôs de pé, lá no alto, por trás dos canhões, a fim de gritar, para nós, o que o trem ia fazendo — precaução

necessária, porque, se transportasse tropas e as desembarcasse por trás do nosso barranco, teríamos de enfrentá-las como um relâmpago e retirarmo-nos, combatendo, vale acima, para salvarmos as nossas vidas. Felizmente o trem sustentava o máximo de velocidade que as suas duas locomotivas podiam desenvolver alimentando-se de lenha.

O comboio aproximou-se do ponto em que as patrulhas nos haviam assinalado, abrindo fogo ao léu contra o deserto. Eu ouvia o barulho que vinha vindo, sentado sobre a minha colineta, ao lado do barranco, pronto para dar o sinal a Salem, que dançava, de joelhos, ao redor do detonador, gritando de excitação e apelando urgentemente para Deus, para que tornasse profícuo o seu gesto. Os tiros turcos ressoavam pesadamente, e fiquei a indagar comigo mesmo qual seria a quantidade de homens com que teríamos de lidar, e se a mina seria vantagem bastante para que os nossos oitenta companheiros se medissem com eles. Teria sido melhor se a primeira experiência elétrica fosse mais simples.

Entretanto, neste momento, as locomotivas, parecendo enormes, surgiram à vista, com silvos agudos, lá pela curva. Por trás delas vinham os vagões, repletos de coronhas de carabinas, às janelas e às portas; e, em meio à esteira de pequenos sacos de areia nos tetos, os turcos se mantinham perigosamente, atirando contra nós. Eu não havia pensado nas duas máquinas, e no momento resolvi detonar a mina por baixo da segunda locomotiva, de maneira que, por menor que fosse o efeito da descarga, a máquina não atingida não pudesse desligar-se e levar avante os vagões.

De conformidade com esta resolução, quando a parte dianteira da segunda locomotiva entrou na ponte, ergui a mão, em sinal para Salem. Seguiu-se um estrondo terrífico, e a linha férrea desapareceu da vista, por trás de uma esguichante coluna de poeira negra e de fumaça, com cerca de trinta metros de altura e de largura. Daquele negror surgiram choques esmigalhantes, e longas e altas estridências de aço que se partia, com numerosos frangalhos de ferro e de chapas; uma roda inteira de locomotiva rodopiou, de súbito, toda negra, para fora da nuvem de fumaça, na direção do céu, e viajou musicalmente por cima das nossas cabeças para ir cair pesadamente lá atrás, no deserto. Com exceção desta peça, fez-se silêncio mortal na ponte; nem um grito de homens, nem um tiro de carabina; a bruma cinzenta da explosão rumou da linha para a nossa direção, passando por nosso barranco, até perder-se nas montanhas. Na calmaria, corri para o sul, a fim de me encontrar com os sargentos. Salem apanhou a sua carabina e carregou contra a escuridão. Antes que eu chegasse aos canhões, o vale já se encontrava animado pelos tiros, e as figuras tostadas dos beduínos já

saltavam para a frente a fim de entrar em contato com o inimigo. Olhei ao redor, para observar o que é que estava acontecendo tão rapidamente, e vi o trem estacionado e desmembrado, ao longo da linha, com os flancos dos vagões a desprenderem-se sob a ação das balas que os perfuravam, enquanto os turcos saltavam pelas portas das extremidades para se abrigarem no barranco da linha férrea.

Enquanto eu contemplava, as nossas metralhadoras tagarelaram por cima da minha cabeça, e as longas filas de turcos, de sobre as cobertas dos vagões, rolaram, sendo varridos dali como fardos de algodão ante a furiosa chuva de balas que repicou contra o comboio, espalhando nuvens de cavacos das pranchas. A posição dominante de canhões vinha sendo, até ali, uma grande vantagem para nós.

Quando cheguei junto de Stokes e de Lewis, a batalha já havia tomado outra feição. Os turcos restantes se abrigaram por trás do barranco, a cerca de três metros de altura, e acobertados pelas rodas puseram-se a atirar em horizontal contra os beduínos que se achavam a vinte metros de distância, do outro lado da depressão cheia de areia. Os inimigos, no crescente da linha encurvada, estavam a salvo das metralhadoras; mas Stokes introduziu no canhão a sua primeira bala, e depois de poucos segundos ouviu-se o estrondo da explosão além do trem, no deserto.

Ele regulou o parafuso de elevação, e a segunda bala caiu exatamente ao lado dos vagões, na profunda depressão por baixo da ponte, onde os turcos estavam agora se refugiando. O lugar foi transformado em matadouro. Os sobreviventes do grupo irromperam em pânico pelo deserto, jogando fora as carabinas e o equipamento à medida que corriam. Esta foi a oportunidade dos metralheiros de Lewis. O sargento disparou, inflexivelmente, fitas após fitas de projéteis, até que o areal aberto ficou juncado de cadáveres. Mushagraf, o rapazola Sherari que se achava à retranca da segunda metralhadora, viu que a batalha estava terminada; atirou para o lado a arma automática com uma exclamação e lançou-se pelo barranco abaixo em grande velocidade, levando a sua carabina, para se juntar aos outros que estavam começando, como feras selvagens, a estilhaçar os vagões para o saque. Aquilo durou cerca de dez minutos.

Olhei pelos trilhos acima, através do meu binóculo, e vi a patrulha de Modwwara batendo em retirada incertamente na direção da estrada de ferro, para se encontrar com os fugitivos do trem, os quais corriam a não mais poder, a caminho do norte. Olhei para o sul, para ver os nossos trinta homens galopando os seus camelos, pescoço a pescoço, na nossa direção, a fim de tomar parte na

pilhagem. Os turcos, lá adiante, vendo-os desfilar, começaram a marchar no seu encalço, com infinita precaução, descarregando salvas. Evidentemente havíamos tido meia hora de trégua, mas depois uma dupla ameaça se delineou contra nós.

Corri para as ruínas, a fim de ver o que a mina havia feito. A ponte desaparecera; e, no vão deixado, caíra o vagão da frente, que estava cheio de enfermos. A catástrofe matara a todos, menos a três ou quatro, fazendo rolar mortos e moribundos num amontoado sanguinolento de encontro à extremidade estilhaçada do vagão caído. Um dos ainda vivos gritou delirantemente a palavra tifo. Assim, fechei bem a porta, e deixei-os lá, sozinhos.

Os vagões haviam sucessivamente sido descarrilados e destruídos; alguns estavam com as estruturas irreparavelmente afiveladas umas às outras. A segunda locomotiva transformara-se em uma pilha disforme de ferro fumegante. As rodas dianteiras haviam sido viradas, pondo-se de pé e arrancando o flanco do compartimento da fornalha. O tênder foi torcido e reduzido a tiras, entre as pedras empilhadas do remate da ponte. Nunca mais poderia rodar. A locomotiva dianteira saíra-se melhor — embora pesadamente descarrilada e tombada, ainda assim o seu vapor estava com pressão e o mecanismo de condução se apresentava intacto.

O nosso maior objetivo era destruir locomotivas, e eu havia conservado, comigo, uma caixa de algodão-pólvora, com fuso e detonador já fixados, para me garantir em tais casos. Coloquei tudo em posição, do lado de fora do cilindro. Sobre a caldeira teria sido melhor, mas o vapor sibilante fez-me temer a explosão geral, que poderia varrer todos os meus homens (a pular como formigas sobre os escombros), com um arremesso de fragmentos arrancados. Contudo, não poriam termo ao saque antes que os turcos se aproximassem. Assim, acendi o pavio e no meio minuto da sua combustão, puxei os saqueadores um pouco para trás, com dificuldade. Depois, a carga estourou, reduzindo o cilindro a estilhaços, dando-se o mesmo com o eixo. No momento, sentia-me aborrecido com a incerteza sobre se os danos eram ou não suficientes; mas os turcos, mais tarde, consideraram a máquina fora de uso e a desmontaram.

O vale oferecia um espetáculo tremendo. Os árabes, em plena loucura delirante, corriam em todas as direções, a toda velocidade, de cabeça descoberta e seminus, vociferando e atirando para o ar, enclavinhando-se uns aos outros, com unhas e punhos, enquanto abriam vagões e cambaleavam para a frente e para trás, levando imensos fardos, que amontoavam ao lado dos trilhos, e revistavam tudo, destruindo o que não queriam. O trem havia sido carregado com

refugiados e enfermos, com voluntários para o serviço de botes no Eufrates e com famílias de oficiais turcos que regressavam de Damasco.

Havia inúmeros tapetes estendidos por ali; dúzias de colchões e de cobertores bordados; lençóis aos montes; roupas para homens e para mulheres, em toda a sua variedade; relógios, panelas, alimento, adornos e armas. De um lado, havia trinta ou quarenta mulheres histéricas, sem véus, rasgando as próprias roupas e puxando os próprios cabelos; e amaldiçoavam-se a si mesmas, demenciadas. Os árabes, sem consideração para com elas, prosseguiam na pilhagem e na destruição dos utensílios domésticos, saqueando à saciedade. Os camelos tornaram-se propriedade comum. Cada homem tratava de carregar freneticamente o que mais próximo estivesse, com tudo o que fosse possível transportar, e despachava o animal em direção ao ocidente, para o vazio, ao passo que ele voltava para uma nova colheita.

Vendo-me toleravelmente desocupado, as mulheres correram e me cumularam de clamores, pedindo mercê. Assegurei-lhes que tudo estava correndo bem, mas elas não me deixariam em paz enquanto algum marido não me libertasse delas. Os maridos arremessaram as esposas para longe, e agarraram-se aos meus pés, na pura agonia do terror do momento da morte. Um turco reduzido a isto era um espetáculo nojento; dispersei-os a pontapés, tão bem como me foi possível com os pés descalços, e finalmente me vi livre.

A seguir, um grupo de austríacos, oficiais e oficiais não comissionados, apelaram para mim, em perfeita língua turca, pedindo trégua. Respondi-lhes com o meu alemão coxeante; ao que outro, em inglês, solicitou um médico para cuidar dos seus ferimentos. Não tínhamos médicos — o que não importava, porque ele estava mortalmente ferido e já moribundo. Disse-lhes que os turcos voltariam dentro de uma hora e tratariam deles. O ferido, porém, morreu antes, o mesmo acontecendo a muitos outros (instrutores dos novos canhões de montanha Skoda, fornecidos à Turquia para a guerra do Hedjaz) porque alguma disputa irrompeu, entre eles e a minha guarda de corpo, e um deles disparou um tiro de pistola contra o jovem Rahail. Os meus homens, enfurecidos, ceifaram-nos, com exceção de dois ou três, antes que eu pudesse voltar para interferir.

Tanto quanto era possível ver, na hora da excitação, o nosso lado não tinha sofrido perdas. Entre os noventa prisioneiros militares, encontravam-se cinco soldados egípcios, em trajes menores. Conheciam-me, e explicaram que durante uma incursão noturna de Davenport, perto do Wadi Ais, haviam sido isolados pelos turcos e afinal capturados. Contaram-me alguma coisa sobre o trabalho de Davenport; sobre as suas contínuas alfinetadas no setor de Abdulla, que foi

mantido alerta por ele, durante meses a fio, sem qualquer dos estímulos que nos eram proporcionados pelo êxito e pelo entusiasmo local. Os seus melhores auxiliares eram homens de infantaria tão obstinados como os que me falavam, aos quais dei a incumbência de conduzir os prisioneiros para longe, ao nosso combinado ponto de encontro, nas rochas salgadas.

CAPÍTULO 67

Lewis e Stokes vieram para me auxiliar. Sentia-me um pouco preocupado a respeito deles; porque os árabes, tendo perdido o juízo, estavam prontos a assaltar amigos e inimigos. Por três vezes eu tivera de me defender, quando pretenderam não conhecer-me e arrancar-me as minhas coisas. Entretanto, o cáqui manchado de guerra dos sargentos oferecia poucas atrações. Lewis saiu para leste da estrada de ferro, para contar os trinta homens que havia prostrado; e, incidentalmente, para descobrir ouro e troféus em suas mochilas. Stokes foi passar pela ponte derrocada, viu os cadáveres de vinte turcos reduzidos a pedaços pela sua segunda bala, e retirou-se apressadamente.

Ahmed veio a mim, com os braços cheios de material pilhado e gritou (nenhum árabe podia falar normalmente na excitação da vitória) que uma velha mulher, no último vagão, o único que restava, desejava falar-me. Mandei-o, imediatamente, que fosse, de mãos vazias, buscar meu camelo e alguns camelos de carga para a remoção dos canhões; porque o fogo do inimigo, agora, já era claramente audível, e os árabes, fartos de pilhagem, começavam a fugir para as montanhas, levando à frente os camelos vacilantes, para um local seguro. Era má tática deixar os canhões para o fim, mas a confusão da nossa primeira e estupenda experiência embotara o nosso critério.

Ao fim do vagão, sentava-se uma dama árabe, anciã e toda trêmula, que me perguntou o que era que estava acontecendo. Expliquei-lhe. Disse-me que, embora velha amiga de Feisal, tendo-o hospedado por vezes, estava muito alquebrada para viajar e deveria esperar pela sua morte ali. Respondi-lhe que não seria molestada. Os turcos estavam a chegar e recolheriam o que restasse do comboio. Aceitou isto e me pediu para lhe encontrar a sua velha negra, a fim de que esta lhe levasse água. A escrava encheu uma taça ao jorro do tênder da primeira locomotiva (água deliciosa, com a qual Lewis estava mitigando sua sede), e depois eu a conduzi para a sua grata senhora. Meses depois, veio-me,

secretamente de Damasco, uma carta e um pequeno e agradável tapete Baluchi, da parte da senhora Ayesha, filha de Jellal el Lel, de Medina, em memória de um estranho encontro.

Ahmed nunca me trouxe os camelos. Meus homens, tomados de voracidade, dispersaram-se pela região com os beduínos. Os sargentos e eu ficamos sós entre os escombros, agora reduzidos a um estranho silêncio. Começamos a temer que tivéssemos de abandonar os canhões e corremos em busca deles, mas precisamente então vimos dois camelos correndo de volta. Zaal e Howeimil tinham dado pela minha falta e regressavam para me procurar.

Estávamos enrolando o cabo isolado, nossa única peça. Zaal apeou do seu camelo e quis que eu montasse e partisse; mas, ao contrário, carregamos o animal com os cabos e o magneto. Zaal teve tempo de rir do nosso estranho troféu, depois de todo o ouro e toda a prata do trem. Howeimil coxeava desesperadamente, por causa de um ferimento no joelho, e não podia andar; mas nós o fizemos deitar o camelo e guindar as armas de Lewis, amarrando-as de ponta a ponta, como tesouras, por trás da sela. Restavam os morteiros de trincheira; mas Stokes reapareceu, conduzindo desajeitadamente pelo focinho um camelo de carga que achara ao léu. Carregamos os morteiros à pressa; pusemos Stokes (que ainda estava fraco por causa da disenteria) sobre a sela de Zaal, com as armas de Lewis, e enviamos para longe os três animais a cargo de Howeimil, obrigando-os a marchar o máximo possível.

Entrementes, Lewis e Zaal, numa depressão abrigada e invisível, por trás da posição do canhão, fizeram fogueira com caixas de balas, petróleo e refugo, empilharam ao redor dela os tambores de Lewis e a reserva da munição de pequenas armas; e, cuidadosamente, no topo disto, depositaram as balas abandonadas de Stokes. Depois, corremos. Assim que as labaredas atingiram a cordite e o amônio, ouviu-se um rumor colossal e contínuo. Os milhares de cartuchos explodiram em série, como grupos de metralhadoras, e as balas roncaram para longe, em densas colunas de poeira e de fumaça. Os turcos, de flanco, impressionados pela tremenda defesa, acreditaram que fôssemos numerosos, e que estivéssemos fortemente situados. Fizeram alto na sua avançada, recolheram-se a abrigos, e começaram a circundar cuidadosamente a nossa posição, procurando fazer o reconhecimento, de acordo com a regra militar, enquanto nós corríamos, trepidantes, para os esconderijos, por entre os espinhaços.

Parecia ser um termo feliz do empreendimento, e sentíamo-nos felizes por nos retirarmos sem outra perda que não fossem os meus camelos e as minhas

bagagens, embora estas incluíssem as queridas mochilas dos sargentos. Entretanto, havia alimento em Rumm, e Zaal pensou que talvez encontrássemos os nossos bens com os outros, que estavam esperando, na nossa frente. E encontramos. Meus homens se achavam carregados com o material saqueado, e levavam consigo todos os nossos camelos cujas selas foram de súbito desembaraçadas dos despojos, a fim de parecerem prontas para o nosso montar.

Suavemente, expliquei o que eu pensava dos dois homens que haviam recebido ordem de buscar os camelos, quando o fogo cessara. Argumentaram que a explosão dispersara a todos pelo terror, e depois cada árabe se apropriara de qualquer animal à vista. Isto, provavelmente, era verdade; mas os meus homens tinham bom físico e deveriam ter agido por si. Perguntamos se alguém estava ferido, e uma voz declarou que o rapaz de Shimt — criatura muito arrojada — havia sido morto na corrida para a frente, a caminho do trem. Esta irrupção fora um erro, feita como foi sem instruções, posto que tínhamos a certeza de que os canhões de Lewis e de Stokes poriam fim ao assunto caso a mina funcionasse devidamente. Assim, assegurei-me de que esta perda não se dera diretamente por culpa minha.

Três homens foram levemente feridos. Aí, um dos escravos de Feisal declarou que faltava Salem. Reunimos todos os presentes, interrogando-os. Por fim, um árabe disse que o vira prostrado e atingido, logo adiante da locomotiva. Isto recordou a Lewis o fato de ter visto um negro, no chão, ali, gravemente ferido, ignorando porém que se tratava de um dos nossos. Nada me haviam referido, e zanguei-me, pois todos os Howeitats deviam saber daquilo e Salem estava sob a minha responsabilidade. Agora, por culpa deles, pela segunda vez, eu deixara um amigo para trás.

Chamei por voluntários que quisessem voltar e buscá-lo. Depois de pouco tempo, Zaal concordou, e então, com ele, doze dos Nowaseras se resolveram. Trotamos velozmente através da planície, na direção da linha. Assim que atingimos o topo da crista do último espinhaço, vimos os escombros do comboio com os turcos pululando sobre eles. Deveriam ser cento e cinqüenta homens, e a nossa missão não tinha mais razão de ser. Salem já estaria morto, porque os turcos não tomavam prisioneiros. De fato, costumavam matá-los horrivelmente; assim, por piedade, nós dávamos cabo dos nossos homens que ficassem gravemente feridos e tivessem de ser abandonados no terreno da luta.

Tivemos de renunciar a Salem; mas, para tirar proveito do nosso regresso, sugeri a Zaal uma corrida pelo vale, a fim de recobrarmos as mochilas dos sargentos. Concordou de boa vontade, e marchamos até que a fuzilaria dos turcos

nos impeliu a abrigar-nos por trás de um barranco. O nosso acampamento havia sido armado na depressão seguinte, do outro lado, em cem metros de chão raso. Assim, esperando o momento propício, um ou dois dos rapazes mais moços para ali se dirigiram, a fim de arrastar os alforjes. Os turcos estavam longe, e o tiro dos turcos, a longa distância, era sempre falho; mas, para a nossa terceira incursão, empregaram uma metralhadora, e o poeirento ricochetear das balas sobre o chão duro fez com que os moços se agrupassem em boas condições junto de nós.

Mandei-os embora, colhi o que era leve e melhor da nossa bagagem restante e voltei ao grupo. Descemos cuidadosamente a encosta e saímos para diante. Em campo aberto, os turcos puderam perceber com clareza que éramos poucos. Tornaram-se valentes e correram de ambos os lados para nos cortar a retirada. Zaal saltou do camelo, subiu, com cinco homens, ao pico do espinhaço que acabávamos de transpor e abriu fogo para trás, contra eles. Era um atirador maravilhoso; eu o vira abater, estando em sua sela, uma gazela correndo, logo à segunda bala, a trezentos metros de distância; e o seu fogo sustou os turcos.

Mandou-nos, a nós homens carregados, correr através da depressão seguinte e sustentá-la, enquanto ele viria de novo para nós e, desta forma, retiramo-nos de espinhaço a espinhaço, pondo em vigor um bom trabalho de demora do inimigo e eliminando treze ou quatorze turcos, à custa de quatro camelos nossos que ficaram feridos. Por fim, quando nos vimos a dois espinhaços dos nossos pontos de apoio e nos sentimos certos de que os galgaríamos facilmente, apareceu um cameleiro solitário. Era Lewis, com uma metralhadora Lewis eficientemente mantida de través sobre suas coxas. Ouvira o rápido tiroteio e pensou em vir ver se precisávamos de auxílio.

Sua presença alterou muito a nossa força, bem como o meu ânimo, pois me sentia enfurecido contra os turcos, que haviam tomado Salem e nos repeliam ofegantemente para tão longe, na poeira e no calor, a escorrer de suor. Portanto, tomamos posição para vibrar o golpe contra os perseguidores; mas, ou suspeitaram do nosso silêncio momentâneo, ou tiveram receio da distância a que haviam chegado; em todo caso, não os vimos mais. Depois de poucos minutos refrescamo-nos e nos sentimos com a cabeça a postos para marchar ao encontro dos outros.

Os nossos homens haviam marchado com cargas excessivas. Dos noventa prisioneiros que fizéramos, dez eram mulheres de Medina, todas amigas, que desejavam ir a Meca por intermédio de Feisal. Havia vinte e dois camelos sem cameleiros. As mulheres treparam sobre cinco selas de carga, e os feridos se puseram aos pares sobre os animais restantes. Já era tarde adiantada. Sentíamo-

nos exaustos; os prisioneiros haviam bebido toda a nossa água. Tivemos de abastecer os odres no velho poço de Modwwara, naquela noite, a fim de nos mantermos até Rumm.

Como o poço ficava perto da estação ferroviária, era imensamente desejável que fôssemos até ele e nos retirássemos logo, para que os turcos não adivinhassem o nosso rumo e não nos encontrassem ali, sem defesa. Dividimo-nos em pequenos grupos e rumamos para o norte. A vitória sempre desorganizava qualquer força árabe, de maneira que já não éramos grupo de assalto, mas apenas uma desatinada caravana de carga, carregada até mais não poder, com mercadorias e utensílios suficientes para enriquecer uma tribo árabe durante anos.

Meus sargentos pediram-me uma espada para cada um, como lembrança da sua primeira batalha irregular. Percorrendo a coluna, para observar alguma coisa, de súbito me encontrei com os alforriados de Feisal; e, para meu espanto, na garupa, atrás deles, amarrado a eles por meio de correias, ensopado de sangue, inconsciente, encontrava-se Salem.

Trotei à frente, ao encontro de Ferhan, e perguntei-lhe onde havia encontrado o infeliz. Contou-me que, quando o canhão de Stokes disparou a primeira bala, Salem correu além da locomotiva e um dos turcos atirara contra ele, pelas costas. A bala saíra perto da espinha, sem, ao seu ver, feri-lo mortalmente. Depois de se tomar o comboio, os Howeitats despojaram-no da capa, da adaga, da carabina e do turbante. Mijbil, um dos homens livres, encontrara-o, pusera-o sobre o seu camelo e marchara à frente, de volta, sem nada dizer. Ferhan, atingindo-o na estrada, aliviara-o de Salem; este, quando se restabeleceu, como se deu mais tarde, de maneira completa, passou a devotar-me sempre certo rancor por tê-lo deixado para trás, sendo ele do meu grupo e estando ferido. Eu faltara quanto à fidelidade para com ele. O meu costume de ocultar-me por trás de um xerife era para evitar o fato de ser medido pelo impiedoso padrão árabe, feito de ausência de mercê para com estrangeiros que usavam as suas vestimentas e imitavam as suas maneiras. Não fui freqüentemente abrigado por escudo tão pobre como o cego xerife Aid.

Atingimos o poço em três horas e tomamos água sem contratempos. Depois, marchamos por quinze quilômetros, ou coisa semelhante, sem qualquer temor de perseguição. Ali nos deitamos e dormimos, e pela manhã encontramo-nos fatigados mas felizes. Stokes havia sofrido pesadamente com a sua disenteria na noite anterior, mas dormiu e o fim das preocupações lhe fez bem. Ele, eu e Lewis, os únicos não carregados, fomos para a frente, atravessando imensas

planícies de lama, uma após outra, até que, precisamente antes do crepúsculo, nos encontramos no leito do Wadi Rumm.

Esta nova rota era importante para os nossos carros blindados, porque os seus trinta quilômetros de lama endurecida lhes permitiria atingir Modwwara com facilidade. Se isto se desse, poderíamos suspender a circulação dos trens quando nos agradasse. Pensando nisto, vagamos pela avenida de Rumm até que esta se tornou pitorescamente colorida à luz do crepúsculo; os rochedos fizeram-se tão vermelhos como as nuvens a ocidente, e como tais, no tamanho, erguiam-se contra o céu. De novo sentimos até que ponto Rumm reprimia as excitações, pela sua serena beleza. Tão esmagadora grandeza nos tornava insignificantes, despojando-nos da capa de gargalhadas com a qual havíamos galopado pelas planícies aprazíveis.

A noite desceu e o vale tornou-se uma paisagem de sonho. Os rochedos invisíveis eram sentidos como presenças; a imaginação procurava emoldurar o quadro da sua estrutura, seguindo a mancha negra que cortavam no dossel de estrelas. A escuridão, naquela profundidade, era muito densa — tratava-se de noite capaz de desaconselhar qualquer movimento. Sentíamos apenas o marchar dos camelos, à medida que, horas após horas, monótona e suavemente, iam vencendo a vereda tortuosa, ao longo da planície desobstruída, com o muro à frente não mais perto e o muro de trás não mais longe do que no começo.

Cerca de nove horas da noite encontrávamo-nos diante do fosso em que se situavam a água e o nosso velho acampamento. Conhecemos o lugar, porque a profunda escuridão ali se tornara úmida e ainda mais escura. Guiamos os camelos para a direita e avançamos a caminho das rochas, que atiravam as cristas em cúpula tão para o alto, para cima das nossas cabeças, que os cordões dos nossos turbantes escorregavam para trás, ao redor do pescoço, quando lhes fitávamos o topo. Seguramente, se alongássemos para a frente os próprios bastões de viagem, tocaríamos nos paredões que nos enfrentavam; não obstante, através de muitos passos ainda, prosseguimos subindo, sempre por baixo dos rochedos.

Por fim, atingimos as matas altas — e então gritamos. Um árabe gritou em resposta. Os ecos da minha voz, rolando pelo penedo abaixo, encontraram-se com o grito dele que subia, e os sons se enrolaram, contorcendo-se entre os precipícios. Uma labareda tremulou palidamente à esquerda e ali encontramos Musa, nosso homem de observação. Acendeu uma fogueira com lenha fortemente aromática e, à sua luz, puxamos a carne em conserva, devorando-a ferozmente; engolimos, com os bocados, canecas e canecas da deliciosa água, fria

de gelar e quase estonteante, depois da bebida chilra de Modwwara; esta secara por vários dias a nossa garganta.

Dormimos durante a chegada do resto da tropa. Dois dias mais tarde, estávamos em Akaba; ali entramos em glória, carregados de preciosas coisas e alardeando que os trens turcos se encontravam à nossa mercê. De Akaba, os dois sargentos tomaram um navio rápido para o Egito. O Cairo recordara-se deles, mostrando-se impaciente por causa da sua prolongada ausência. Entretanto, eles podiam pagar com alegria a penalidade daí decorrente. Tinham ganho uma batalha por si próprios; tinham tido disenteria; tinham vivido de leite de camela; e tinham aprendido a viajar em lombo de camelo oitenta quilômetros por dia, sem sofrer. Além disso, Allenby deu-lhes uma medalha a cada um.

CAPÍTULO 68

Passaram-se dias, falando-se de política, de organização e de estratégia com Feisal, enquanto os preparativos para nova operação se ultimaram. A nossa felicidade estimulava o acampamento; e o ato de minar trens prometia tornar-se popular, desde que fôssemos capazes de treinar, na técnica dos explosivos, homens em número bastante para formar vários grupos. O capitão Pisani foi o primeiro voluntário. Era o experiente comandante dos franceses em Akaba, soldado ativo que ardia de desejo de distinção — e de distinções. Feisal descobriu para mim três jovens damascenos de boa família, que aspiravam a comandar incursões de tribos. Fomos para Rumm e anunciamos que aquela incursão seria especialmente reservada ao clã de Gasim. Esta brasa escorchou-os; mas a avareza não permitiu que se negassem. Durante vários dias, todos os das redondezas enxamearam para aderir. Muitos foram recusados; não obstante, partimos com cento e cinqüenta homens e uma enorme fileira de camelos de carga, levando alforjes vazios, para a colheita dos despojos.

Para variar, determinamos agir pelos lados de Maan. Assim, marchamos para Batra, passando do calor para o frio, da Arábia para a Síria, da tamargueira para absinto. Assim que atingimos a corcova da passagem e que vimos manchas vermelhas como sangue nas montanhas, por cima dos poços infestados de sanguessugas, veio ao nosso encontro o primeiro sopro do deserto do norte; ar excessivamente sutil para ser descrito, anunciando uma solidão perfeita, erva ressecada. E sol sobre o chão queimante de sílex.

Os guias diziam que o quilômetro 475 seria bom para minar; mas nós o encontramos bloqueado de fortins, e tivemos de nos retirar com cautela. Marchamos pela linha férrea abaixo até o ponto em que ela cruzava o vale, por cima de um alto barranco furado por arcos de pontes nas extremidades e no meio. Ali, depois da meia-noite, colocamos uma mina automática, do novo e poderoso tipo de lidite. O enterramento da mina exigiu horas, e a madrugada nos

apanhou ainda trabalhando. Não havia iluminação perceptível, e quando olhamos ao redor, para ver onde as trevas começavam a ceder, não conseguimos distinguir qualquer manifestação especial do dia que despontava. Longos minutos mais tarde o sol se abriu, bem alto, por cima da borda da terra, sobre um banco de bruma informe e sem contorno.

Retiramo-nos cerca de mil metros, pelo leito do vale cheio de mato, para abrigar-nos do dia intolerável. À medida que as horas passavam, o sol aumentava de furor, e brilhava tão perto, sobre a nossa trincheira radiante, que nos sentíamos comprimidos pelos seus raios. A tropa compunha-se de homens em geral loucos, agora ainda mais ansiosos pela esperança do êxito. Não ouviam outra voz que não fosse a minha, e comunicavam-me as suas questiúnculas, para que eu as julgasse. Nos seis dias da incursão vieram a foro, e foram resolvidos, doze casos de assalto à mão armada, quatro furtos de camelos, um casamento, dois roubos, um divórcio, quatorze dívidas de sangue, dois maus-olhados e uma feitiçaria.

As decisões foram felizes apesar do meu imperfeito conhecimento do árabe. A fraude da minha atuação deu-me remorsos. Ali estavam, pois, mais frutos, amargos frutos, da minha resolução, em frente a Akaba, de me tornar figura principal da revolta. Eu estava erguendo os árabes sob falsas alegações e exercendo falsa autoridade sobre os meus homens crédulos, com base em prova pouco maior do que a evidência revelada pelos seus rostos, como se apresentavam aos meus olhos fracamente aguados e doídos depois de anos de exposição ao vibrar da luz do sol.

Esperamos aquele dia e aquela noite. Ao crepúsculo, um escorpião saiu rápido do arbusto junto do qual eu me sentara para tomar nota das vicissitudes do dia e, agarrando-se à minha mão esquerda, picou-me, parece que repetidamente. O sofrimento do braço inchado me manteve desperto até a segunda madrugada; e isto para benefício do meu espírito sobrecarregado, porque o corpo já se ia tornando bastante exigente para interromper as minhas introspecções, quando o fogo de uma lesão superficial como aquela sacudiu os nervos indolentes.

Todavia, um sofrimento de tal natureza nunca duraria o bastante para curar, de fato, os achaques do espírito. Depois de uma noite, daria lugar à dor pouco fascinante, interna e nada honrosa, que por si mesma provocaria pensamentos, deixando a sua vítima ainda mais fraca e incapaz de resistir. Nestas condições, a guerra parecia-me uma loucura tão grande, como a minha vergonhosa chefia se assemelhava a um crime; e, chamando os nossos xeques, estive a ponto de

demitir-me e de entregar as minhas pretensões às suas mãos intrigadas, quando o chefe de fila anunciou a aproximação de um trem.

Procedia de Maan, conduzia água e passou sobre a mina sem acidente algum. Os árabes agradeceram-me, pois a pilhagem de água não era o sonho deles. A ação da mina falhara; assim, ao meio-dia, com os meus alunos, desci para colocar outra mina elétrica sobre a carga de lidite, a fim de que a detonação da primeira fizesse explodir a segunda. Para ocultar a nossa operação, confiamos na miragem e na sonolência do meio-dia dos turcos; e isto justificadamente, porquanto não houvera alarme algum durante a hora que empregamos no enterramento da carga.

Da ponte que dava para o sul, puxamos os fios elétricos para a ponte do centro, cujo arco podia ocultar o detonador aos olhos de quem estivesse no trem. As metralhadoras de Lewis foram colocadas por baixo da ponte ao norte, para varrer o outro lado do trem, quando a mina explodisse. Os árabes se alinhariam sob os arbustos de um canal transversal ao vale, a trezentos metros aquém da entrada de ferro. Esperamos, depois, durante um dia inteiro de calor e de moscas. Patrulhas inimigas andaram ativamente ao longo da linha, pela manhã, pela tarde e ao anoitecer.

No segundo dia, lá pelas oito da manhã, uma coluna de fumaça partiu de Maan. Ao mesmo tempo, a primeira patrulha se aproximou. Era apenas meia dúzia de homens, mas o seu alvo bastaria para deter o trem; e ficamos a espiar, estrenuamente, desejando saber quem ganharia a corrida. O trem era muito lento, e por vezes a patrulha parava.

Calculamos que os homens estariam a duzentos ou trezentos metros de nós quando o comboio chegasse. Assim, ordenamos que todos se mantivessem a postos. Com doze vagões carregados, a locomotiva ofegou pelo aclive. Todavia, manteve marcha constante. Sentei-me junto a um arbusto, no leito da torrente, a cem metros da mina; encontrava-me à vista da mina, do grupo detonador e das metralhadoras. Quando Faiz e Bedri ouviram a locomotiva correr sobre o seu arco, dançaram a dança da guerra ao redor da pequena caixa elétrica. Os árabes, no valado, sussurravam delicadamente, para mim, que era tempo de fazer fogo: mas só quando a locomotiva se apresentou exatamente sobre o arco foi que eu pulei fora e sacudi a minha capa. Faiz apertou instantaneamente a manivela, e o grande estrondo, a poeira e a escuridão saltaram aos ares, tal como em Modwwara, na semana anterior, chegando a envolver-me no ponto em que me encontrava sentado, enquanto a fumaça enfermiça, de cor verde amarelada da lidite, deslizou, lentamente, por cima dos destroços. As metralhadoras de Lewis

repicaram sem perda de tempo, irradiando três ou quatro rajadas breves; houve algazarra entre os árabes e, chefiados por Pisani, que emitia o vibrante grito de guerra das mulheres, eles correram, em selvagem tumulto, na direção do trem.

Um turco apareceu sobre o pára-choque do quarto vagão, a contar do fim, soltou o engate e deixou a cauda do comboio deslizar para trás, na pendente. Fiz um esforço lânguido para me situar por trás da roda com uma pedra, mas nem sequer pensei muito em agir bem. Pareceu-me esportivo e justo que esta parte da presa conseguisse escapar. Um coronel turco, da janela, atirou contra mim, com uma pistola Mauser, ferindo meu lábio. Ri-me desta excessiva energia do homem que pensava, como bom oficial regular, fazer progredir a guerra pelo ato de matar um indivíduo.

A nossa mina havia arrancado o arco mais próximo da ponte. Da locomotiva, a caixa da fornalha estava rasgada e muitos tubos estouraram. A cabina havia sido arrasada, um cilindro se despedaçara, a estrutura se afivelou e duas rodas dianteiras, com os seus eixos, se estilhaçaram. O tênder e o primeiro vagão entraram um no outro. Cerca de vinte turcos tombaram sem vida, e outros prisioneiros, inclusive quatro oficiais, que ficaram junto aos trilhos chorando pela vida que os árabes não tinham intenção de lhes tirar.

O conteúdo dos vagões eram gêneros de primeira necessidade, cerca de vinte toneladas ao todo; eram "urgentemente necessários" de acordo com o documento-guia, em Medain Salih. Enviamos um dos documentos a Feisal, como pormenorizado relatório do nosso êxito, deixando o outro recibo no vagão. Remetemos, a pontapés, também para o norte, doze civis, que pensavam que estavam indo para Medina.

Pisani superintendeu a retirada ou a destruição do material pilhado. Como antes, os árabes eram, agora, meros condutores de camelos, marchando por trás de animais de carga carregados. Farraj segurou o meu camelo, enquanto Salem e Dheilan me auxiliaram a recolher o magneto e os pesadíssimos fios. Grupos de desforra, dos turcos, foram vistos a quatrocentos metros de distância quando terminamos, mas saímos dali sem sequer um homem morto ou ferido.

Meus alunos praticaram, depois, a arte de colocar minas, por si próprios, e a ensinaram a outros. A fama do seu êxito rolou pelas tribos, em onda sempre maior, mas nem sempre inteligentemente. "Mande-nos um lurens* e nós faremos saltar trens com isso", escreveram os Beni Atiyehs a Feisal. Este lhes emprestou Saad, um Ageyl impulsivo e briguento, com o auxílio do qual colheram um importante comboio que conduzia Suleiman Rifada, nosso velho aborrecimento

de Wejh, com vinte mil libras em ouro e outros preciosos troféus. Saad repetiu a minha história, trazendo apenas os fios como sua parte no saque.

Nos quatro meses seguintes, os nossos técnicos de Akaba destruíram dezessete locomotivas. Viajar tornou-se uma incerteza terrificante para o inimigo. Em Damasco, os passageiros batiam-se para conseguir assentos traseiros nos vagões e até pagavam preços extras por eles. Os maquinistas fizeram greve. O tráfego civil quase cessou; e nós estendemos a nossa ameaça até Aleppo, com a mera afixação, em cartaz, de um aviso, certa noite, na prefeitura de Damasco, segundo o qual as mercadorias árabes seriam, dali por diante, remetidas pela estrada de ferro síria, sob o risco dos remetentes. A perda das locomotivas foi pesada para os turcos. Visto como o material rodante fora remetido para a Palestina e para o Hedjaz, as nossas destruições não somente tornavam impossível a evacuação em massa da cidade de Medina, mas começavam também a alfinetar o exército ao redor de Jerusalém, precisamente quando a ameaça britânica ia se fazendo formidável.

Entrementes, o Egito telegrafara, chamando-me. Um aeroplano me conduziu ao quartel-general onde Allenby, por milagre da sua força de vontade, estava criando de novo o estraçalhado exército britânico. Indagou o significado dos nossos esforços ferroviários; ou melhor, perguntou se tinham algum sentido, além da propaganda melodramática que deles decorria para a causa de Feisal.

Expliquei a minha esperança de deixar a linha apenas funcionando, mas tão-somente isso, para Medina; ali, os corpos de exército de Fakhri se alimentariam a preço muito menor, para nós, do que na prisão, no Cairo. O meio mais seguro de se limitar o tráfego sem combate era o de atacar os trens. Os árabes punham, no ato de minar, um gosto alheio ao da destruição militar pura. Ainda não podíamos cortar a linha, porque o fim da linha era o ponto mais forte da estrada de ferro; preferíamos obter a fraqueza na vizinhança mais próxima do inimigo, até que o nosso exército regular se apresentasse treinado e equipado, além de suficientemente numeroso para investir contra Maan.

Ele perguntou-me a respeito do Wadi Musa, porque as mensagens turcas revelavam a intenção que os turcos alimentavam de o assaltar imediatamente. Expliquei que havíamos tentado provocar os turcos para que atacassem o Wadi Musa e estávamos prestes a ser recompensados pela queda, caça e perplexidade do inimigo na nossa armadilha. Íamos para ali em grupos, não em formação rígida, e os aeroplanos turcos não nos podiam calcular. Os espiões, igualmente, não nos podiam contar, pois nem nós próprios tínhamos a menor idéia da nossa força em determinado momento.

De outro lado, sabíamos exatamente a quantos montavam os turcos — cada unidade em separado e cada homem que eles moviam. Ameaçavam-nos como regulares e, antes de aventurar qualquer manobra contra nós, calculavam a força total com a qual nós talvez pudéssemos enfrentá-los. Nós, menos ortodoxos, sabíamos exatamente com o que eles nos enfrentariam. Esta era a nossa vantagem. Naqueles anos, o movimento árabe vivia no plano inclinado hilariante e escorregadio do "poderia" e do "deveria". Não se nos permitia margem alguma para acidentes: de fato, "nada de margens" era o lema de Akaba, continuamente na boca de todos.

Quando por fim, foi desferrado, contra o Wadi Musa, o grande ataque de Jemal não produziu rumor. Maulud presidiu-o lindamente. Abriu o centro da sua linha e, com o maior bom humor, deixou que os turcos entrassem até que rompessem as próprias faces contra os rochedos verticais do refúgio árabe. Aí, enquanto eles se mostravam ainda intrigados e surpresos, Maulud desceu simultaneamente por ambos os flancos. Nunca mais os turcos atacaram qualquer posição árabe preparada. Suas perdas foram pesadas, mas a destruição da fibra moral, ao perceberem que éramos invisíveis, e, não obstante, cheios de recursos chicoteantes, custou-lhes mais do que os sacrifícios de vidas. Graças a Maulud, Akaba viu-se livre de toda preocupação quanto à sua própria segurança presente.

Nota

* “Lurens” era o nome que os árabes davam a Lawrence; transformaram-no em substantivo comum, pensando tratar-se de coisa e não de pessoa, em regiões onde ele não aparecia. (*N. do T.*)

LIVRO VI

A INCURSÃO CONTRA AS PONTES

CAPÍTULOS 69 A 81

Em novembro de 1917, Allenby estava pronto para desfechar um ataque geral contra os turcos, ao longo de toda a sua frente. Os árabes deveriam fazer o mesmo, no seu setor; mas eu receava lançar todas as forças numa única arrancada e projetei, ao contrário, a operação isolada da interrupção das comunicações ferroviárias do vale Yarmuk, a fim de provocar desordem na esperada retirada turca. Esta meia medida teve o fracasso que merecia.

CAPÍTULO 69

Outubro, portanto, foi mês de espera para nós, sabendo-se que Allenby, com Bols e Dawnay, estava planejando o ataque à linha Gaza-Beersheba; ao passo que os turcos, exército de resto bem pequeno e fortemente entrincheirado, com excelentes comunicações laterais, estavam inflados por sucessivas vitórias ao ponto de imaginar que os generais britânicos fossem incapazes de manter o que as suas tropas lhes conquistavam a golpes de puros ímpetos de arrojo.

Desiludiram-se por si próprios. A vinda de Allenby refez os ingleses. O sopro da sua grande personalidade varreu a bruma de ciúmes privados ou departamentais, por trás da qual Murray e seus homens haviam trabalhado. O general Lynden Bell cedeu o lugar ao general Bols, chefe de estado-maior de Allenby na França, homem pequeno, rápido, valente e agradável; soldado tático, talvez, mas principalmente admirável e despercebido "duplo" de Allenby, que costumava apoiar-se por inteiro em Bols. Infelizmente, nenhum deles tinha o poder de escolher colaboradores; mas o critério de Chetwode completara-os com Guy Dawnay, operando este na qualidade de terceiro membro do comando.

Bols nunca tinha tido opinião, nem qualquer conhecimento. Dawnay era principalmente intelecto. Este não tinha a veemência de Bols, nem a conduta calma e a compreensão humana de Allenby, que era o homem para o qual os homens atuavam, e a imagem que adorávamos. O espírito de Dawnay, frio e reservado, contemplava o nosso esforço com olhos frios, sempre a pensar, a pensar. Por trás da superfície matemática, ocultava apaixonadas convicções multilaterais, razoável escolaridade em estudos superiores de guerra e brilhante amargura de desapontado julgamento sobre nós e sobre a vida.

Era o menos profissional dos soldados, banqueiro que lia história grega, estrategista sem preconceitos e poeta ardente, com apego às coisas cotidianas. Durante a guerra, tinha tido o pesar de planejar o ataque contra Suvla (inutilizado por táticos incompetentes) e a batalha para a captura de Gaza. Visto

que todo trabalho seu era arruinado, recolheu-se ainda mais à dureza do gelado orgulho, porque era da massa de que se fazem os fanáticos.

Allenby, sem perceber a sua insatisfação, conquistou-lhe a simpatia; e Dawnay correspondeu dando, para a avançada de Jerusalém, todo o talento que possuía com abundância. A união cordial de dois homens como estes tornou a posição dos turcos desesperada desde o começo.

Os caráteres divergentes de Allenby e Dawnay espelharam-se no intrincado plano. Gaza havia sido entrincheirada em escala européia, com linhas após linhas de defesa de reserva. Era, assim, tão obviamente o ponto mais forte do inimigo que o comando superior britânico por duas vezes o escolhera para ataque frontal. Allenby, recém-chegado da França, insistiu em que todo ataque ulterior deveria ser desfechado com esmagadora superioridade numérica de homens e de canhões, devendo ser a arrancada mantida por enormes quantidades de toda espécie de transportes. Bols consentiu, com um aceno da cabeça.

Dawnay não era o homem para travar batalha direta. Procurou destruir a potência do inimigo com o menor embaraço possível. Como político mestre, empregou o título de chefe como ás de engodo, fazendo-o servir de capa para o último resíduo de justificável astúcia. Aconselhou uma arrancada contra a extremidade distante da linha turca, perto de Beersheba. Para tornar fácil a vitória, desejava ter a principal força inimiga por trás de Gaza, o que seria mais bem garantido se a concentração britânica fosse oculta, de maneira que os turcos acreditassem que o ataque de flanco não passava de fraco fingimento. Bols consentiu, com um aceno da cabeça.

Conseqüentemente, os movimentos foram feitos em grande segredo; mas Dawnay encontrou um aliado no corpo de inteligência que o aconselhou a ir além das preocupações negativas e a dar ao inimigo informações específicas (e propositadamente erradas) sobre os planos que acalentava.

Este aliado era Meinertzhagen, estudioso de aves migradoras aplicadas ao serviço militar, e cujo ódio mortal e abrasador contra o inimigo se expressava tão nitidamente nas artimanhas como na violência. Persuadiu Dawnay; Allenby, relutando, concordou; Bols consentiu, e o trabalho começou.

Meinertzhagen não conhecia meias medidas. Era lógico, idealista dos mais profundos, e, portanto, tão possuído das próprias convicções, que não hesitaria em atrelar o mal à carroça do bem. Era estrategista, geógrafo, de temperamento dominador, e ria silenciosamente; auferia tanto prazer em iludir o inimigo (ou amigo) por meio de qualquer manobra sem escrúpulo, como em esmagar as cabeças de uma turba acantonada de alemães, uma por uma, com o seu bastão

africano. Seus instintos eram instigados por um corpo imensamente robusto e por um cérebro selvagem, que escolhia sempre o melhor processo para a consecução do seu propósito, sem a peia da dúvida ou dos hábitos. Meiner arquitetou falsos documentos de exército, caprichosos e confidenciais, os quais, para qualquer oficial treinado de estado-maior, indicariam posições erradas da principal formação de Allenby, direção também errada do próximo ataque e data de alguns dias posterior à verdadeira. Esta informação foi completada com cuidadosas alusões dadas em mensagens cifradas de rádio. Quando soube que o inimigo já havia recebido tudo, Meinertzhagen partiu com os seus livros de notas, em reconhecimento. Avançou tanto, até que o inimigo o viu. No galope da perseguição, perdeu quase todo o seu equipamento solto e quase que a própria vida, mas foi recompensado por ver as reservas do inimigo concentrarem-se por trás de Gaza e o todo dos preparativos turcos deslocar-se para a costa, tornando-se menos acelerados. Simultaneamente, uma ordem do exército, dada pelo paxá Ali Fuad, proibiu ao seu estado-maior o porte de documentos na linha.

Nós, na frente árabe, éramos muito íntimos do inimigo. Os nossos oficiais árabes haviam sido oficiais turcos e conheciam pessoalmente todos os chefes do outro lado. Tinham sofrido o mesmo treino, pensado o mesmo pensamento, adotado o mesmo ponto de vista. Aproximando-nos dos árabes, nós podíamos conhecer e explorar os turcos: conhecer, quase que penetrar no espírito deles. As relações entre nós e os inimigos eram universais, porque a população civil da área inimiga era inteiramente nossa, sem pagamento nem persuasão. Conseqüentemente, o nosso serviço de inteligência era o mais amplo, o mais completo e o mais certeiro que se pudesse imaginar.

Conhecíamos, melhor do que Allenby, a vacuidade do inimigo, bem como a magnitude dos recursos britânicos. Desdenhávamos o efeito destruidor da artilharia excessivamente abundante de Allenby, bem como a embaraçante complexidade da sua infantaria e da sua cavalaria, que se moviam apenas com vagarosidade reumática. Desejávamos que fosse dado, a Allenby, um mês de bom tempo; e, neste caso, esperávamos vê-lo tomar não somente Jerusalém, mas também Haifa, varrendo os turcos, em ruínas, para além das montanhas.

Este deveria ser o nosso momento, e precisávamos estar prontos para ele, no lugar onde o nosso peso e a nossa tática fossem menos esperados e mais danificadores. Para os meus olhos, o centro de atração era Deraa, junção das estradas de ferro Jerusalém—Haifa, Damasco—Medina, umbigo dos exércitos turcos na Síria, ponto comum de todas as suas frentes; e, por acaso, área em que existiam grandes reservas intatas de guerreiros árabes, educados e armados por

Feisal, desde Akaba. Ali poderíamos empregar os Ruallas, Serahins, Serdiyehs, Khoreishas; e, muito mais poderosos do que as tribos, os povos radicados de Hauran e Djebel Druse.

Ponderei, por algum tempo, sobre se deveríamos ou não recrutar estes adeptos e lesar as comunicações turcas em vigor. Estávamos certos, em qualquer circunstância, de receber doze mil homens, o suficiente para invadir Deraa, para destruir todas as linhas ferroviárias e até para tomar Damasco de surpresa. Qualquer destas coisas tornaria crítica a posição do exército turco de Beersheba: e a minha tentação de arriscar a nossa capital imediatamente era muito tormentosa.

Não era a primeira nem a última vez que o fato de prestar serviço para dois senhores me aborrecia. Eu era um dos oficiais de Allenby, merecendo-lhe confiança; em retribuição, ele esperava que eu agisse da melhor maneira que me fosse possível. Eu era conselheiro de Feisal, e Feisal confiava na honestidade e na competência do meu conselho, a tal ponto que o aceitava sem discutir. Contudo, eu não podia explicar a Allenby toda a situação árabe, nem revelar todo o plano britânico a Feisal.

O povo local implorava a nossa ida. O xeque Talal el Areidhin, chefe da baixa região, nos arredores de Deraa, enviava repetidas mensagens, assegurando-nos que, com uns poucos dos nossos cameleiros, como prova do apoio árabe, ele nos daria Deraa. Semelhante empreendimento concordava com os interesses de Allenby, mas não era de natureza que o escrúpulo de Feisal pudesse permitir, a não ser que alimentasse grande esperança de se estabelecer pessoalmente ali. A captura súbita de Deraa, seguida de retirada, implicaria o massacre ou a ruína de todo o esplêndido campesinato do distrito.

Aqueles homens só poderiam rebelar-se uma vez, e o seu esforço, nessa feita, precisaria ser decisivo. Chamá-los à ação, agora, era arriscar o melhor bem que Feisal tinha para todo o êxito futuro, na hipótese de que o primeiro ataque a Allenby conseguisse varrer o inimigo à sua frente, e de que o mês de novembro não trouxesse chuvas, sendo, portanto, favorável a uma rápida avançada.

Pesei o exército britânico em meu espírito e honestamente não pude sentir-me seguro a seu respeito. Os homens eram, por vezes, valentes guerreiros, mas os generais, com igual freqüência, cediam em estupidez o que ganhavam em ignorância. Allenby estava completamente destreinado, tendo sido enviado a nós, da França, com uma folha de serviços não isenta de faltas, as suas tropas tinham cedido em qualidade, e continuavam ainda cedendo em virtude do período de Murray. Naturalmente, estávamos lutando pela vitória Aliada e, visto que os

ingleses eram os principais interessados, os árabes teriam, em última instância, de ser sacrificados por eles. Seria aquela, porém, a última instância? A guerra, em geral, marchava nem bem, nem muito mal, e parecia que haveria tempo para outra experiência no próximo ano. Assim, resolvi adiar a cartada, pela graça dos árabes.

CAPÍTULO 70

Entretanto, o movimento árabe vivia da boa vontade de Allenby, de maneira que era necessário empreender qualquer operação, menor do que uma revolta geral, na retaguarda do inimigo: — operação que pudesse ser efetuada por um grupo de incursão, sem envolver os povos radicados; e, ainda assim, operação que agradasse a Allenby, por constituir material à perseguição britânica contra o inimigo. Estas condições e qualificações aconselharam, depois de detida consideração, a tentativa de supressão de uma das grandes pontes do vale Yarmuk.

Era pela estreita garganta, em forma de precipício, do rio Yarmuk, que a estrada de ferro da Palestina subia para Hauran, na sua trajetória para Damasco. A profundidade da depressão do Jordão, bem como o abrupto da orla do planalto oriental, tornaram este trecho da linha ferroviária de difícil construção. Os engenheiros tiveram de assentar os trilhos bem no curso do sinuoso rio-vale; e, para possibilitar o próprio desenvolvimento, a linha foi obrigada a cruzar e recruzar a corrente vezes e vezes seguidas, por meio de séries de pontes; destas, a mais distante, para o ocidente, e a mais longínqua, para o oriente, eram as de mais difícil substituição.

Fazer saltar qualquer destas pontes equivalia a isolar o exército turco dentro da Palestina por uma quinzena, separando-o da sua base em Damasco e destruindo-lhe a capacidade de fuga em face da avançada de Allenby. Para chegarmos ao Yarmuk, deveríamos partir de Akaba, pelo caminho de Azrak, a cerca de seiscentos e setenta quilômetros. Os turcos consideravam o perigo, da nossa parte, tão remoto, que guardavam as pontes de maneira insuficiente.

De conformidade com isto, sugerimos o esquema a Allenby, que pediu que a operação fosse feita no dia 15 de novembro, ou num dos três dias seguintes. Se fôssemos felizes, e se o tempo nos ajudasse depois durante uma quinzena, o singular seria que qualquer unidade coerente do exército de von Kress

sobrevivesse à própria retirada para Damasco. Os árabes teriam, então, oportunidade de levar a sua onda para a frente, para dentro da grande capital, partindo do meio caminho dos britânicos, cujo impulso original ficaria, nessa ocasião, quase que exausto, com a exaustão dos seus transportes.

Para semelhante eventualidade precisávamos ter, em Azrak, uma autoridade que orientasse os adeptos em potencial locais. Nasir, nosso pioneiro do costume, encontrava-se ausente; mas, com os Beni Sakhrs, estava Ali ibn el Hussein, jovem e fascinante xerife dos Hariths, que se havia distinguido nos primeiros dias desesperados de Feisal, ao redor de Medina, e que mais tarde se mostrou mais newcombizado do que o próprio Newcombe ao redor de el Ula.

Ali, tendo sido hóspede de Jemal em Damasco, havia aprendido alguma coisa da Síria: por isto, pedi-o em empréstimo a Feisal. Sua coragem, seus expedientes, bem como a sua energia, eram provados. Nunca houvera uma aventura, desde os nossos primórdios, excessivamente perigosa para que Ali não a tentasse, nem um desastre excessivamente grave para que ele não o enfrentasse com o alarido da sua gargalhada.

Era fisicamente esplêndido: não corpulento, nem pesado, mas tão robusto que poderia se ajoelhar, pousando os antebraços no chão, com a palma das mãos para cima, e pôr-se, de pé, erguendo um homem em cada palma. Além disso, Ali podia, correndo de pés descalços, adiantar-se a um camelo a trote, manter a mesma velocidade do animal por meio quilômetro, e depois saltar para a sela. Era impertinente, casmurro, convencido; impiedoso em palavras como em atos; causava impressão (quando queria) em ocasiões públicas, e era muito educado para uma pessoa cuja ambição nativa estava em ser melhor do que os nômades do deserto, na guerra e no esporte.

Ali nos traria os Beni Sakhrr. Tínhamos boas esperanças a respeito dos Serahin, a tribo de Azrak. Eu estava em contato com os Beni Hassans. Os Ruallas, naturalmente, naquela estação do ano, encontravam-se fora, nos seus quartéis de inverno, de maneira que a nossa maior cartada, no Hauran, não poderia ser jogada. Faiz el Ghusein tinha ido para Lejah, a fim de preparar a ação contra a estrada de ferro de Hauran, se o sinal fosse dado. Os explosivos estavam armazenados em locais convenientes. Os nossos amigos, em Damasco, estavam avisados; e o paxá Ali Riza Rikabi, o governador militar da cidade, por conta dos inocentes turcos e, ao mesmo tempo, agente e conspirador principal em prol do xerife, tomou silenciosas providências para manter o controle, se a emergência se declarasse.

O meu plano pormenorizado era precipitar-me, de Arak, sob a chefia de Rafa (o valente xeque que me havia escoltado em junho) para Um Keis, em uma ou duas gigantescas marchas, com uma tropa de talvez, cinqüenta homens. Um Keis era Gadara, muito preciosa com as suas memórias de Menippus e de Meleagro, o imoral sírio-grego, cuja confissão marcara o ponto culminante das letras sírias. Encontrava-se exatamente sobre a mais ocidental das pontes do Yarmuk, obra-prima de aço cuja destruição me incluiria, com vantagem, na escola gadarena. Apenas meia dúzia de sentinelas estacionava, de fato, sobre as longarinas e as extremidades. A guarda era rendida pela guarnição de sessenta homens, abrigados nos edifícios da estação ferroviária de Hemme, onde as fontes quentes de Gadara ainda jorravam, para vantagem dos enfermos locais. Minha esperança era a de persuadir alguns dos Abu Tayis, ao comando de Zaal, a virem comigo. Estes homens-lobos tornariam certo o desmoronamento efetivo da ponte. Para impedir que reforços inimigos subissem, poderíamos varrer as redondezas com metralhadoras, manuseadas pelos voluntários indianos do capitão Bray, pertencente à divisão de cavalaria, vinda da França, sob a chefia de Jemadar Hassan Shah, homem experiente e firme. Estes voluntários haviam estado vários meses na região, ao norte, destruindo estradas de ferro, desde Wejh, bem podendo ser considerados como peritos em cavalgar camelos e adequados para as possíveis marchas forçadas.

A demolição das grandes longarinas, sustentadas por baixo, com limitadas quantidades de explosivo, era trabalho de precisão, e exigia um colar de gelatina, detonado eletricamente. O *Humber* forneceu-nos correias e laços de lona, para simplificar a fixação do material explosivo. Não obstante, o trabalho continuou sendo difícil de ser feito sob o fogo inimigo. Por temor de perdas de vida, Wood, o engenheiro da base, em Akaba, único sapador disponível, foi convidado a vir conosco e a me substituir. Concordou imediatamente, embora sabendo que havia sido condenado pelos médicos para o serviço ativo, como resultado de uma bala que atingiu sua cabeça, na França. George Lloyd, que estava passando os últimos dias em Akaba antes de partir para Versalhes, com uma lamentável comissão interaliada, disse que viajaria conosco para Jefer; como era o melhor dos companheiros e o menos embaraçante dos viajantes vivos, a sua vinda concorreu muito para animar a nossa perigosa antecipação.

Estávamos terminando os nossos últimos preparativos quando um inesperado aliado chegou, na pessoa do emir Abd el Kader el Jezairi, neto do cavalheiresco defensor da Argélia contra os franceses. A família exilada vivera em Damasco durante uma geração. Um dos descendentes, Omar, fora enforcado por Jemal,

por traição descoberta nos documentos de Picot. Os outros foram deportados, e Abd el Kader contou-nos a longa história da sua fuga de Brusa, bem como da sua jornada, com mil aventuras, através da Anatólia, até Damasco. Na realidade, ele havia sido posto em liberdade e engrandecido pelos turcos, a pedido do quediva Abbas Hilmi, e enviado por este, para negócios privados, a Meca. Foi para Meca, viu o rei Hussein e voltou com uma bandeira carmesim e nobres presentes, trazendo o espírito, já aloucado, meio persuadido quanto ao nosso direito, e resplandecendo desajeitadamente de entusiasmo.

A Feisal, oferecera os corpos e as almas dos seus aldeães, argelinos robustos, duramente provados, exilados, vivendo compactamente ao longo do espinhaço norte do Yarmuk. Apegamo-nos à oportunidade que isto nos daria para controlar, por algum tempo, a seção média da estrada de ferro do vale, inclusive duas outras pontes mestras, sem a inconveniência de levantar a região rural; porque os argelinos eram estrangeiros odiados, e o campesinato árabe não se juntaria a eles. De acordo com este pensamento, desistimos de chamar Rafa para que se encontrasse conosco em Azrak e não dissemos nada a Zaal, concentrando as nossas atenções, ao contrário, no Wadi Khalid e nas suas pontes.

Enquanto estávamos neste estado de espírito, chegou um telegrama do coronel Brémond, avisando-nos de que Abd el Kader agia como espião pago pelos turcos. Era desconcertante. Observamo-lo bem de perto e não encontramos prova da acusação; esta não devia ser aceita às cegas, principalmente partindo de Brémond, que era perigo maior do que o nosso colega; seu humor militar podia ter influenciado o próprio julgamento, por haver ele ouvido Abd el Kader proclamar denúncias públicas e privadas contra a França. A concepção dos franceses, relativamente à própria pátria, como se esta fora uma linda mulher, inclinava-os a votar desprezo nacional contra os que zombavam dos seus encantos.

Feisal mandou que Abd el Kader viajasse com Ali e comigo, e disse-me: "Eu sei que ele está louco. Penso que é honesto. Conserve a sua cabeça fria e empregue-o." Seguimos à frente, dando-lhe mostras da nossa completa confiança, de acordo com o princípio de que um trapaceiro não daria crédito à nossa honestidade e de que um homem honesto se tornaria trapaceiro mais depressa pela suspeita. Escusado dizer que ele era islâmico fanático, meio insano pelo entusiasmo religioso e por violenta crença em si mesmo. As suas susceptibilidades muçulmanas foram ultrajadas pelo meu indisfarçado cristianismo. Seu orgulho se sentiu ferido pela nossa companhia; porque as tribos saudavam Ali como sendo maior e me tratavam como sendo melhor do que ele.

A sua estupidez agressiva fez com que Ali perdesse o controle, duas ou três vezes, em cenas penosas; ao passo que o seu esforço final foi o de deixar-nos ao abandono, em momento de desespero, depois de molestar a nossa marcha e de perturbar o nosso humor e os nossos planos, na medida que lhe foi possível.

CAPÍTULO 71

A partida foi tão difícil como sempre. Para minha guarda de corpo, tomei seis recrutas. Destes, Mahmud era nativo de Yarmuk. Rapaz de dezenove anos, alerta e genioso, com a petulância que freqüentemente acompanha os cabelos crespos. Outro, Aziz, de Tafas, pouco mais velho, passara três anos com os beduínos para fugir ao serviço militar. Embora capaz de lidar com camelos, era espírito parvo, com boca quase que de coelho, mas orgulhoso. O terceiro era Mustafa, delicado jovem de Deraa, muito honesto, que andava sempre triste consigo próprio por ser surdo, envergonhando-se da própria enfermidade. Certo dia, na praia, com breve frase, solicitara admissão à minha guarda de corpo. Tão evidentemente esperava ele ser recusado que eu o aceitei; e foi boa escolha para os outros, por se tratar de camponês submisso, a quem podiam meter insolentemente em todas as tarefas subalternas. Contudo, também ele se sentia feliz, porque se encontrava entre gente desesperada, e o mundo, assim, lhe parecia desesperado. Para contrapesar-lhe a ineficiência na marcha, alistei Showak e Salem, dois cameleiros Sheraris, el Abd e Rahman, escravo fugitivo de Riyadth.

Da velha guarda de corpo, dei repouso a Mohammed e a Ali. Encontravam-se cansados, depois das aventuras de destruição de trens; e, como os seus camelos, precisavam pascer tranqüilamente por algum tempo. Isto fez com que Ahmed se tornasse o inevitável chefe. Sua implacável energia merecia promoção, mas a escolha óbvia, como sempre, falhou. Empregou mal a sua autoridade e se tornou opressivo; assim, aquela foi a última marcha comigo. Levei Kreim para tratar dos camelos; e Rahail, rapaz Haurani, alegre e pretensioso, para quem o excesso de trabalho era a graça que o mantinha comedido. Matar, companheiro parasita dos Beni Hassans, agarrou-se a nós. Suas amplas nádegas de campônio enchiam a sela do camelo e tomavam parte igualmente grande nas pilhérias licenciosas ou lúgubres que, durante a marcha, ajudavam a passar o ócio dos meus guardas. Deveríamos entrar em território dos Beni Hassans, onde ele tinha

alguma influência. Sua avidez descarada nos fez confiar nele, até que as suas esperanças fracassaram.

Meu serviço era, agora, proveitoso, pois eu conhecia o meu valor em face do movimento e agia livremente, de maneira a me manter a salvo. A fama, uma vez ao menos de bom humor, dourava a minha mão aberta. Farraj e Daud, com Khidr e Mijbil, dois Biashas, completavam o grupo.

Farraj e Daud portaram-se bem e alegremente na estrada, que eles amavam, como todos os flexíveis Ageyls a amavam; no acampamento, porém, o excesso de ânimo de ambos colocava-os continuamente em questões que lhes custavam caro. Desta feita, ultrapassaram-se a si próprios, desaparecendo na manhã da nossa partida. Ao meio-dia, chegou a mensagem do xeque Yusuf, comunicando-nos que ambos se achavam na sua prisão e perguntando se eu desejava falar com ele a propósito do caso. Fui à sua casa e encontrei a sua massa enorme a sacudir-se ao mesmo tempo entre risadas e fúrias. Acabava de comprar um camelo de marcha, cor de creme, do mais puro sangue. O animal havia se perdido, à tardinha, no jardim de palmeiras, onde os meus Ageyls estavam acampados. Estes nunca suspeitaram que o camelo pertencesse ao governador, e trabalharam até a madrugada para lhe tingir a cabeça de vermelho vivo, com hena, e as pernas de azul, com índigo, antes de o soltar de novo.

Akaba borbulhou em alvoroço ao redor deste animal de circo. Yusuf reconheceu-o com dificuldade, e rugiu ordens para que a sua polícia encontrasse os criminosos. Os dois amigos foram arrastados ao banco dos réus, pintados, como estavam, até os cotovelos com a mesma tinta, e ali protestaram, em altas vozes, a sua inocência. As provas circunstanciais, entretanto, eram muito fortes; e Yusuf, depois de fazer o possível para lhes melindrar os sentimentos, com nervura de folha de palmeira, pô-los a ferros, para que passassem uma lenta semana em meditação. Minha intervenção compensou o dano de Yusuf pelo empréstimo de um camelo até que o dele voltasse à aparência respeitável. Depois, expliquei-lhe a nossa necessidade imediata dos pecadores, prometendo outra dose igual de punição para eles, no lugar em que a pele dos mesmos parecesse adequada: assim, ordenou a libertação. Os dois amigos sentiram-se encantados por fugir à imunda prisão a qualquer preço, e vieram ao nosso encontro cantando.

Este assunto nos atrasou. Por causa disso, tivemos uma imensa refeição final no luxo do acampamento, e partimos à tarde. Durante quatro horas, marchamos lentamente: a primeira marcha era sempre lenta, e tanto os camelos como os homens detestavam a partida a caminho de novos azares. As cargas

escorregavam, as selas precisavam ser de novo encilhadas e os homens mudavam de animais. Além dos meus próprios camelos (Ghazala, a velha avó, agora bem adiantada na cria, e Rima, esplêndido animal Sherari, que os Sukhrs haviam roubado aos Ruallas), e dos da guarda de corpo, tive de fornecer animais aos indianos e emprestar um a Wood (que era delicado na sela, e montava sobre novo animal todos os dias) e outro a Thorne, soldado da guarda particular de Lloyd que se mantinha em sela como um árabe e parecia um quadro quando se encontrava de turbante, com uma capa listada sobre o uniforme cáqui. Lloyd, por sua vez, ia sobre um animal Dheraiyeh, de boa raça, que Feisal lhe emprestara: animal fino, rápido, mas tosquiado pela sarna, e magro.

O nosso grupo se dispersou. Wood atrasou, e os meus homens, sendo novos e tendo muito que fazer para manter os indianos juntos, perderam o contato com ele. Assim, Wood ficou só, com Thorne, e não percebeu a nossa virada para o oriente, na escuridão que sempre enchia as profundezas da garganta do Itm durante a noite, exceto quando a lua se encontrava diretamente a prumo. Foram adiante pela pista principal que conduzia a Guweira, marchando durante várias horas; mas, por fim, resolveram esperar pelo dia, num vale lateral. Ambos eram novos naquela região e não se sentiam seguros quanto aos árabes, razão pela qual ficaram de vigilância por turnos. Adivinhamos o que acontecera quando deixaram de aparecer na nossa parada da meia-noite e, antes da madrugada, Ahmed, Aziz el Abd e Rahman voltaram, com ordens para pesquisar três ou quatro estradas praticáveis e de conduzir a Rumm o par que faltava.

Mantive-me, com Lloyd e o grupo principal, como guia, através das encostas sinuosas de pedra calcária cor-de-rosa dos vales, repletos de verdes tamargueiras, a caminho de Rumm. O ar e a luz eram tão maravilhosos que marchamos sem pensar de maneira alguma no dia de amanhã. Com efeito, não tinha eu, porventura, Lloyd, para conversar? O mundo tornou-se muito bom. A tênue chuva da tarde anterior havia unido a terra e o céu na suavidade do dia. As cores nos rochedos, nas árvores e no chão eram tão puras, que aspirávamos a um contato real com elas, e sofríamos pela nossa incapacidade de conduzir conosco alguma coisa delas. Tínhamos abundância de vagares. Os indianos mostravam ser péssimos cameleiros, ao passo que Farral e Doud revelaram nova forma de dor de sela chamada "Yusufiyeh", que os fez caminhar a pé quilômetros após quilômetros.

Entramos em Rumm, por fim, quando o crepúsculo carmesim incendiava os estupendos penhascos e armava escadas de fogo enevoado pela avenida emuralhada abaixo. Wood e Thorne já se achavam ali, no anfiteatro de pedra

calcária, onde se situavam os poços. Wood sentia-se doente, e jazia no patamar do meu velho acampamento. Abd el Rahman encontrara-os antes do meio-dia e persuadira-os a segui-lo, depois de boa quantidade de mal-entendidos, porquanto as poucas palavras egípcias dos ingleses não os ajudavam muito em presença do brando dialeto Aridh, ou do calão Howeiti, do qual o árabe se socorria. Abd el Rahman cortara as montanhas de través, por uma vereda difícil, para grande desconforto dos britânicos.

Wood sentira-se faminto, acalorado e aborrecido, e também zangado, ao ponto de recusar a comida nativa que Abd el Rahman oferecera, numa tenda à beira do caminho. Começara a crer que nunca mais nos veria de novo, e foi indelicado quando nos manifestamos excessivamente dominados pelo assombro que Rumm impunha aos visitantes do lugar, o que não nos permitia simpatizar com os seus sofrimentos. De fato, olhamos e dissemos "Sim", e o deixamos deitado ali, enquanto vagamos, murmurando a respeito da maravilha de Rumm. Felizmente, Ahmed e Thorne pensaram mais em alimentos; e, com a refeição, as relações cordiais foram restabelecidas.

No dia seguinte, enquanto estávamos encilhando, Ali e Abd el Kader apareceram. Lloyd e eu tivemos um segundo almoço com eles, pois ambos estavam em querela, e o fato de serem considerados hóspedes mantinha-os reprimidos. Lloyd era da estranha espécie de viajantes que podiam comer fosse o que fosse com qualquer pessoa, de qualquer jeito e a qualquer hora. Depois, feitas as pazes entre os querelantes, marchamos atrás do nosso grupo, em descida, pelo gigantesco vale, cujas montanhas só não eram arquitetônicas no desenho.

Ao fundo, atravessamos a planície de Gaa, provando os nossos camelos numa corrida sobre a superfície aveludada, até alcançarmos o grosso do grupo e dispersarmos os seus componentes com o entusiasmo do nosso galope. Os camelos dos indianos, soberbamente carregados, dançaram em barulheira de ferragens, fazendo cair as respectivas cargas. Então, acalmamo-nos e agrupamo-nos gentilmente, subindo juntos pelo Wadi Hafira, que parecia cortado a espada no planalto. Lá adiante, ficava uma passagem íngreme, dando para as alturas de Batra; mas, naquele dia, chegamos aquém dela; tomados de indolência e almejando algum conforto, paramos no leito abrigado do vale. Acendemos grandes fogueiras, que eram alegres na tarde fria. Farraj preparou arroz à sua maneira, para mim, como de costume. Lloyd, Wood e Thorne trouxeram consigo carne em conserva e biscoitos do exército britânico. Assim, juntamo-nos todos e fizemos uma festa.

No dia seguinte, subimos a passagem em ziguezague, bem como a rua gramada que era o Hafira, que, lá embaixo, emoldurava uma colina em forma de cone, erguida no seu centro, tendo por fundo os fantásticos domos cinzentos e as rutilantes pirâmides das montanhas de Rumm, prolongadas, agora, em fantasias ainda mais amplas pelas massas de nuvens aninhadas sobre elas. Contemplamos a subida da nossa longa e sinuosa caravana, até que, antes do meio-dia os camelos, os árabes, os indianos e as bagagens atingiram o topo, sem acidente. Satisfeitos, precipitamo-nos ao primeiro vale verde adiante da crista, abrigado do vento e aquecido pelo tênue brilho do sol que temperava o frio de outono daquele alto chapadão. Alguém começou de novo a falar em comida.

CAPÍTULO 72

Saí para o norte, escoltando, com Awad, um rapaz cameleiro dos Sheraris, que fora admitido em Rumm ao nosso serviço sem investigação. Havia tantos camelos de carga em nosso grupo, e os indianos mostraram ser tão bisonhos na carga e no trato dos mesmos, que a minha guarda de corpo se desviou do seu justo dever de viajar comigo. Assim, quando Showakh apresentou o seu primo, um Sherari Khayal, que estava disposto a servir comigo sob quaisquer condições, aceitei-o imediatamente; e agora punha-me a medir-lhe o valor em situação de apuro.

Fizemos o giro ao redor de Aba el Lissan, para ficarmos certos de que os turcos se encontravam em aparente ociosidade, pois tinham o costume de enviar patrulhas montadas para a região de Batra, a qualquer pedido súbito, e eu ainda não estava com a intenção de lançar o meu grupo em ações desnecessárias. Awad era um rapazola andrajoso, de pele morena, de talvez dezoito anos de idade, esplendidamente bem-formado de corpo, com músculos e tendões de atleta, ágil como gato, vivaz na sela (montava magnificamente) e não de aspecto enfermiço, embora tivesse algo da aparência ordinária dos Sherarats e, no seu olhar selvagem, pairasse um ar ansioso, quase que desconfiado, tal como se esperasse, a todo momento, que algo de novo saltasse da vida, e que este algo não fosse por ele procurado, nem ordenado, nem inteiramente agradável.

Estes escravos Sherarats eram o enigma do deserto. Outros homens podiam ter esperanças ou ilusões. Os Sherarats sabiam que nada melhor do que a existência física lhes era de boa vontade permitido, pela humanidade, neste mundo ou em outro. Tão extrema degradação servia de base positiva para que sobre ela se construísse a confiança. Eu tratava-os exatamente como os outros na minha guarda de corpo. Isto lhes parecia assombroso; e acharam agradável, quando souberam que a minha proteção era ativa e suficiente. Enquanto me serviam, tornavam-se minha inteira propriedade, e eram bons escravos, porque

nada do que se pratica no deserto ficava abaixo da sua dignidade, nem além da sua bem temperada robustez, ou, ainda, da sua experiência.

Awad, na minha presença, mostrava-se confuso e quase tímido, embora pudesse, com os seus companheiros, ser alegre e cheio de gracejos. Sua admissão a meu serviço era uma felicidade inesperada, além dos seus sonhos, e ele se mostrava miseravelmente resolvido a seguir as minhas ordens. Por enquanto, as ordens eram para que cruzasse a estrada de Maan, de maneira a atrair a atenção dos turcos. Quando conseguimos este objetivo e os turcos saíram a trote, para dar-nos caça, regressamos, tornamos a virar e, assim, enganamos os seus guerreiros montados em mulas, que foram para o norte, fora da direção do perigo. Awad portou-se alegremente no assunto e manejou bem a sua nova carabina.

Depois subi com ele ao topo de uma montanha que dominava Batra, bem como os vales que desciam para Aba el Lissan, e lá ficamos, ociosamente, até a tarde, contemplando os turcos a galopar em falsa direção, os nossos companheiros a dormir, os seus camelos a pastar e as sombras das nuvens baixas a assemelharem-se a suaves depressões à medida que iam ocultando a grama à luz pálida do sol. Sentia-me tranqüilo, frio, muito distante do mundo cansativo. A austeridade da altura tornava ridículo e encolhia o peso vulgar dos nossos cuidados. No lugar das conseqüências, punha a liberdade, o poder de ser só, de despir os parâmetros do nosso "eu" manufaturado; dava o repouso e o olvido das cadeias do ser.

Awad, porém, não podia esquecer o apetite, nem a nova sensação de, na minha caravana, poder satisfazê-lo regularmente, todos os dias; assim, inquietava-se, rastejando no chão, sobre o ventre, mastigando inúmeros fios de grama e falando-me das suas alegrias animais em frases impacientes, com o rosto virado de lado, até que vimos a caravana de Ali começar a surgir sobre a corcova da passagem. Então, corremos encosta abaixo, para os encontrar, e viemos a saber como Ali perdera quatro camelos na passagem, dois mortos pela queda e dois desfalecidos de fraqueza enquanto subiam o espinhaço rochoso. Além disso, Ali brigara de novo com Abd el Kader, de cuja surdez, de cujo convencimento e de cujas maneiras rústicas, pedi a Deus que o livrasse. O emir, assim, marchara embaraçadamente, pois não tinha o sentido da rota; e recusara-se, redondamente, a passar, com Lloyd e comigo, a outra caravana, como medida de segurança.

Deixamos que nos seguissem, depois do escurecer e, como não tinham guia, emprestei-lhes Awad. Encontrar-nos-íamos de novo nas tendas de Auda.

Depois, marchamos à frente, por vales rasos e outeiros transversais, até que o sol se pôs por trás do último espinhaço alto, de cujo topo vimos a caixa quadrada da estação ferroviária, em Ghadir el Haj, surgindo artificialmente acima do nível, a quilômetros de distância. Por trás de nós, nos vales, havia arbustos; por isto, fizemos alto e acendemos as fogueiras da refeição. Naquela noite, Hassan Shah descobriu uma nova e agradável maneira (que mais tarde se tornou costume) de subir até onde estávamos e regar a nossa comida com a oferta do seu chá indiano. Estávamos com muita fome e sentíamo-nos muito gratos para recusar e, desavergonhadamente, acabamos com o seu chá e o seu açúcar antes que novas rações pudessem ser remetidas da base.

Lloyd e eu assinalamos o rumo da estrada de ferro, no trecho em que nos propúnhamos a cruzá-la, logo abaixo de Shedia. Assim que as estrelas apareceram, concordamos em que devíamos marchar guiando-nos pela Órion. Assim, partimos e marchamos pela Órion durante horas e horas, com o resultado de a Órion nunca parecer mais próxima e de não haver sinal de coisa alguma entre nós e essa estrela. Desembocamos dos outeiros na planície, e a planície era interminável, monotonamente riscada por leitos rasos de rios, com margens retas, chatas e baixas que, na leitosa luz das estrelas, pareciam sempre as barragens da esperada estrada de ferro. O piso pelo qual marchávamos era firme, e o ar frio do deserto, vindo de frente, fazia com que os camelos se lançassem para diante livremente.

Lloyd e eu fomos à frente, para espiar a linha, a fim de que o grupo principal não fosse envolvido se o acaso nos colocasse contra um fortim ou uma patrulha noturna dos turcos. Os nossos ótimos camelos, levemente montados, adiantavam-se muito; tanto que, sem dar por isso, nos situamos cada vez mais à frente dos carregados animais dos indianos. Hassan Shah, o Jemadar, enviou um homem de ligação para nos ter sempre à vista, e depois outro, e mais tarde o terceiro, até que o seu grupo se transformou em uma apressada fileira de elementos de conexão. A seguir, fez passar, num murmúrio, o pedido para que marchássemos mais devagar, mas a mensagem, que nos chegou depois de se escoar por três idiomas, já era ininteligível.

Paramos e assim soubemos que a noite tranqüila estava cheia de rumores, enquanto os aromas da grama fanada fluíam e refluíam ao nosso redor, com o vento a morrer. Depois, marchamos de novo, mais devagar, ao que parece durante horas, e a planície ainda se apresentava barrada por diques decepcionantes, que mantinham a nossa atenção em alerta sem proveito. Sentíamos que as estrelas se moviam e que estávamos rumando por senda errada.

Lloyd possuía uma bússola em qualquer lugar. Paramos e procuramos, às apalpadelas, nos seus profundos alforjes. Thorne veio até nós e achou a bússola. Ficamos em torno dela, fazendo cálculos pela ponta luminosa da sua flecha, e desistimos de Órion, substituindo-a por uma estrela do norte, mais auspiciosa. Depois, retomamos o andar interminavelmente até que, quando subimos por um espinhaço maior, Lloyd sustou a marcha, ofegando, e apontou. Longe, na nossa pista, lá no horizonte, havia dois cubos mais negros do que o céu, e perto deles um telhado em ponta. Estávamos rumando diretamente para a estação ferroviária de Shedia, e encontrávamo-nos quase que dentro dela.

Desviamo-nos para a direita e atravessamos a meio trote um espaço aberto, um pouco nervosos, com receio de que algum membro da caravana, desgarrado por trás de nós, deixasse de perceber a nossa abrupta mudança de curso; mas tudo correu bem, e poucos minutos mais tarde, na depressão seguinte, trocamos as nossas emoções em inglês e em turco, em árabe e em curdo. Por trás de nós, irrompeu um longínquo ladrar de cães, no campo dos turcos, que acelerou o latejar dos nossos corações.

Agora conhecíamos o nosso lugar, e tomamos novo rumo para evitar o primeiro fortim abaixo de Shedia. Seguimos confiantes, esperando cruzar a linha dentro em pouco. Contudo, de novo o tempo passou a arrastar-se, e nada se fazia ver. Era meia-noite, havíamos marchado durante seis horas e Lloyd começou a falar amargamente da sua chegada a Bagdá pela manhã. Não poderia haver estrada de ferro alguma por ali. Thorne viu uma aléia de árvores, e percebeu que estas se moviam; os ferrolhos das nossas carabinas estalaram, mas aquilo eram apenas árvores.

Desistimos da esperança e marchamos descuidadamente, cabeceando sobre as selas, deixando que as nossas pálpebras se fechassem por conta própria. Rima, o meu animal, logo perdeu a paciência. Com um rugido alto e agudo, atirou-se ora para um lado, ora para outro, quase me cuspindo ao chão, cabriolou asselvajadamente por cima de dois barrancos e de um fosso e deixou-se cair de borco em um lugar poeirento. Vibrei-lhe pancadas à cabeça e o animal se ergueu, pondo-se a caminhar para diante, nervosamente. De novo os indianos ficaram muito atrás de nós; mas, depois de uma hora, o último outeiro daquela noite bruxuleou de maneira diversa à nossa frente. Tinha forma escorreita, e por todo o seu comprimento surgiam pontos mais negros, que deviam ser as bocas ensombradas de passagens subterrâneas. Concentramos a atenção neste novo motivo de interesse e guiamos os camelos, suave e silenciosamente, para diante. Quando chegamos perto, a barreira apresentava uma grade de barras agudas ao

longo do seu bordo. Eram os postes telegráficos. Uma figura de cabeça branca nos enfrentou por um instante mas, como não se movesse, julgamos tratar-se de um marco quilométrico.

Rapidamente demos ordem de parada ao grupo e marchamos, sós, para um lado, e depois de novo para a frente, a fim de desafiar o que estivesse por trás da tranqüilidade da região; esperávamos que a escuridão esguichasse fogo contra nós, de súbito, e que o silêncio emanasse rajadas de balas de carabina. Mas não houve o menor alarme. Atingimos a barreira e encontramo-la deserta. Apeamos e corremos para cima e para baixo, em todos os sentidos, cerca de duzentos metros: ninguém. Havia lugar para a nossa passagem.

Ordenamos que os outros rumassem imediatamente para o deserto vazio e amigo, a oriente, e sentamo-nos sobre os trilhos, sob os fios que uniam, enquanto uma longa linha de vultos de sombra ondeava nas trevas, arrastava-se um pouco sobre a barreira e passava por baixo de nós, sob os arcos, a caminho do escuro, naquela tensa ausência de rumor que era a marcha noturna de camelos. O último animal passou. O nosso pequeno grupo se reuniu junto de um poste telegráfico. Depois de breve luta, Thorne se ergueu, devagar, subiu por um poste, a fim de apanhar o fio mais baixo e dar o balanço do corpo para atingir a barra dos isoladores. Alcançou o topo e, um instante depois, ouviu-se o zunido metálico e alto, bem como o estremecimento do poste, assim que o fio cortado se encurvou de lado a lado soltando-se por si de seis ou mais postes de cada ponta. O segundo e o terceiro fios se seguiram, torcendo-se rumorosamente sobre o chão pedregoso, e contudo nenhum barulho de resposta saiu da noite, o que revelava que havíamos passado exatamente na distância vazia que ficava entre dois fortins. Thorne, com as mãos feridas, deslizou pelo poste claudicante abaixo. Fomos ter com os nossos camelos ajoelhados, e corremos atrás da nossa companhia. Outra hora, e ordenamos repouso até a madrugada; mas, antes disto, fomos despertados por um breve repicar de tiros de carabina, bem como pelo tagarelar de uma metralhadora, muito longe, ao norte. O pequeno Ali e Abd el Kadir não estavam atravessando tão despreocupadamente a linha ferroviária.

Na manhã seguinte, à luz alegre do despontar do sol, marchamos paralelamente aos trilhos, para saudar o primeiro trem vindo de Maan, e depois entrar pelo interior, por cima da estranha planície de Jefer. O dia estava perto e a violência do sol aumentava, produzindo miragens por todos os chapadões aquecidos. Seguindo ao lado do nosso grupo desconjuntado, vimos alguns dos companheiros engolidos pelo dilúvio cor de prata, outros nadando alto, sobre a

superfície cambiante da chapada, que se ampliava e se retraía a cada balanço do camelo, ou a cada desigualdade do terreno.

Logo à tardinha, encontramos Auda acampado desembaraçadamente numa expansão arborizada e irregular, a sudoeste dos poços. Recebeu-nos constrangido. Suas amplas tendas, com as mulheres, haviam sido mandadas embora, para longe do alcance dos aeroplanos turcos. Poucos Toweihas estavam presentes; e estes, ainda assim, em violenta disputa a respeito da distribuição dos pagamentos da tribo. O velho guerreiro sentiu-se triste por o encontrarmos em tal fraqueza.

Fiz o que pude, com tato, para suavizar as rixas, apresentando, aos espíritos exaltados, outro rumo e novos interesses compensadores. Fi-lo com felicidade também, porque eles sorriram, o que, com os árabes, era quase sempre meia batalha ganha. Era vantagem bastante por enquanto; saímos para comer com Mohammed el Dheilan. Este era melhor diplomata, porque menos tagarela do que Auda; e mostrar-se-ia alegre, se julgasse oportuno, fosse qual fosse a verdade. Assim, fomos muito bem recebidos à sua bandeja de arroz, de carne e de tomates secos. Mohammed, citadino no coração, alimentava-se demasiadamente bem.

Depois da refeição, quando caminhávamos ao léu, de regresso, pelos fossos cinzentos e secos, como carcaças de mamute, que as inundações haviam fendido profundamente na lama fibrosa, expus a Zaal os meus planos a respeito da expedição às pontes do Yarmuk. A idéia desagradou-o muito. O Zaal de outubro não era o Zaal de agosto. O êxito ia transformando o resistente guerreiro arrojado da primavera em homem prudente, cuja nova riqueza lhe ia tornando a vida preciosa. Na primavera, ele seria capaz de me conduzir fosse aonde fosse; mas a última incursão lhe havia fatigado os nervos, e agora me dizia que só tornaria a montar se eu fizesse pessoalmente questão disso.

Perguntei-lhe qual o grupo que poderíamos escolher; mencionou o nome de três dos homens do acampamento, como sendo bons companheiros para tão desesperada empresa. O resto da tribo se dispersara, insatisfeito. Tomar conosco três Toweihas era pior do que inútil, porque o orgulho destes inflamaria os outros homens, ao passo que, por si próprios, eram muito poucos para serem suficientes sozinhos: assim, disse que procuraria algures. Zaal manifestou o seu alívio.

Enquanto ainda discutíamos sobre o que fazer (porque eu precisava do conselho de Zaal, um dos mais finos incursionistas vivos, e bastante competente para julgar o meu esquema meio elaborado) um rapazola assustado correu para o nosso fogão de café e disse, abruptamente, que cavaleiros, em nuvens de pó,

vinham vindo rapidamente do lado de Maan. Os turcos ali possuíam um regimento montado em mulas e um regimento de cavalaria, e estes sempre alardeavam que, algum dia, visitariam os Abu Tays. Assim, pusemo-nos de pé para os receber.

Auda tinha quinze homens, dos quais cinco eram fisicamente aptos, e o resto se compunha de barbas grisalhas ou de rapazes, mas nós éramos trinta robustos, e eu ponderei sobre a sorte ingrata do comandante turco, que havia escolhido, para a realização da sua surpresa, o dia em que acontecia ser hóspede dos Howeitats uma seção de metralheiros indianos que conheciam o seu ofício. Pusemos os camelos, deitados ou de joelhos, nos cursos de água mais profundos e situamos as metralhadoras Vickers e Lewis em outras destas trincheiras naturais, admiravelmente ocultas por moitas de álcalis, e dominando o campo raso até oitocentos metros de cada lado. Auda desmontou suas tendas e mandou que os seus atiradores auxiliassem o nosso fogo; e depois esperamos comodamente, até que o primeiro cavaleiro surgiu na colina e rumou para a nossa planície; e vimos que eles eram Ali ibn el Hussein e Abd el Kadir, vindo de Jefer, da direção do inimigo. Reunimo-nos alegremente, enquanto Mohammed apresentou uma segunda edição do arroz com tomate, para conforto de Ali. Haviam perdido dois homens e uma égua na fuzilaria da estrada de ferro, naquela noite.

CAPÍTULO 73

Lloyd tinha de regressar dali para Versalhes, e pedimos a Auda um guia que o levasse para o outro lado da linha. A respeito do homem, não houve dificuldade, mas a grande dificuldade foi montá-lo; porque os camelos dos Howeitats estavam pastando; e a pastagem mais próxima ficava à distância de todo um dia de viagem, a sudeste daqueles poços estéreis. Eliminei esta dificuldade; proporcionei o animal para o novo guia, tomando-o de entre os meus próprios. A escolha recaiu sobre a velha Ghazala, cuja prenhez a tornara mais pesada do que pensávamos. Antes de estar terminada a nossa expedição, ficaria imprestável para trabalho rápido. Assim, em honra da sua correta atitude na sela e do seu espírito alegre, Thorne foi transferido para a aludida camela, enquanto os Howeitats a contemplavam, boquiabertos. Consideravam Ghazala acima de todos os camelos do seu deserto, e muitos pagariam pela honra de a montar; entretanto, aqui estava a camela, entregue a um soldado, cujo rosto cor-de-rosa e cujos olhos inflamados pela oftalmia o faziam parecer efeminado e lacrimoso; mais ou menos, disse Lloyd, como uma freira raptada.

Coisa triste ver Lloyd partir. Era compreensivo, auxiliava conscienciosamente, e desejava bom desfecho para a nossa causa. Além disso, era o único homem de ampla sabedoria que se achava conosco, na Arábia, e naqueles poucos dias de vida em comum os nossos espíritos subiram e se difundiram, discutindo todo um livro ou uma coisa, no céu ou na terra, que relampejasse pela nossa fantasia. Quando nos deixou, fomos de novo entregues à vida de guerras de tribos e de camelos, sem fim.

A noite começou com excesso deste gênero de trabalho. Os assuntos dos Howeitats precisavam ser regulados. Depois do escurecer, juntamo-nos ao redor da lareira de Auda e, durante várias horas, mantive-me em meio a este círculo de semblantes iluminados pela fogueira, aplicando-lhes todas as artes tortuosas que eu conhecia, ora apanhando um, ora abordando outro (era fácil ver o fulgor, nos

olhos deles, quando uma palavra colhia o alvo); ou, então, tomando rumos falsos, e consumindo minutos de precioso tempo sem obter nem dar resposta. Os Abu Tayis eram tão casmurros como resistentes, e o calor da convicção já os havia abandonado de longa data, no esforço da revolta.

Gradualmente, fui conquistando meus pontos, mas os argumentos já se estendiam até perto da meia-noite quando Auda levantou o seu bastão e ordenou silêncio. Ficamos a ouvir, indagando qual seria o perigo; depois de poucos instantes, percebemos o rastejar de um revérbero, cadência de estouros muito surdos, muito amplos e muito demorados, repercutindo facilmente nos nossos ouvidos. Era como um trovão distante e muito baixo. Auda ergueu os olhos cansados para o ocidente, e disse: "Os canhões ingleses." Allenby ia avante com os preparativos de artilharia, e os seus úteis rumores fecharam o seu pleito a meu favor, além de toda discussão.

Na manhã seguinte, a atmosfera do acampamento apresentou-se serena e cordial. O velho Auda, vendo suas dificuldades suplantadas por mais esta vez, abraçou-me calorosamente, invocando a paz sobre nós. Por fim, enquanto eu me encontrava de pé, com a mão apoiada no camelo ajoelhado, ele correu, tomou-me em seus braços e apertou-me contra o peito. Senti a sua barba áspera escovar a minha orelha quando ele murmurou, apressadamente: "Tome cuidado com Abd el Kader." Havia gente em demasia em torno de nós, para dizer mais.

Marchamos sobre as planícies intermináveis, mas espectralmente belas, de Jefer, até que a noite caiu sobre nós, ao pé de uma escarpa de quartzo que parecia um rochedo acima da chapada. Acampamos, ali, numa depressão de mata infestada de serpentes. As nossas marchas passaram a ser breves e folgadas. Os indianos demonstraram ser bisonhos na estrada. Haviam estado durante algumas semanas no interior, além de Wejh, e eu concluíra precipitadamente que eles fossem cameleiros; mas agora, sobre bons animais, e fazendo o máximo que lhes era possível, só podiam dar a média de cinqüenta e cinco quilômetros por dia, o que equivalia a férias para o resto do grupo.

Assim, para nós, cada dia representava uma locomoção cômoda, sem esforço, quase livre de extenuação corporal. Uma atmosfera dourada, de auroras brumosas, de suaves crepúsculos e de tardes frescas acrescentava a estranha tranqüilidade da nossa marcha. Aquela semana era de verão de St. Martin, que passava como recordação de sonho. Eu só percebia que era suave, muito confortável; que o ar era feliz, e os meus amigos satisfeitos. Condições tão perfeitas deveriam pressagiar, inevitavelmente, o fim da nossa jornada; mas esta certeza, por não ser contrariada por nenhuma esperança rebelde, servia apenas

para aprofundar a quietude do presente outonal. Não havia pensamento, nem cuidado, de espécie alguma. Meu espírito se mostrava silencioso naqueles dias, como nunca o fora em minha vida.

Acampamos para a refeição e para o repouso do meio-dia — os soldados regulares precisavam comer três vezes ao dia. De súbito, houve alarme. Homens, sobre cavalos e camelos, apareceram, vindo do ocidente e do norte, aproximando-se rapidamente de nós. Apanhamos as carabinas. Os indianos, habituando-se aos avisos repentinos, agora trouxeram as suas Vickers e Lewis, montadas, prontas, para a ação. Depois de trinta segundos, encontrávamo-nos em perfeita posição de defesa, embora, naquela baixada, a nossa região oferecesse pouca vantagem. À frente, de cada lado, estavam os homens da minha escolta, metidos em suas roupagens brilhantes, deitados, de pernas abertas, entre as moitas verdes, com os fuzis amorosamente encostados ao rosto. Perto deles, os quatro grupos nítidos de indianos envergando uniforme cáqui, acocorados em torno de suas armas. Por trás destes, os homens do xerife Ali, em cujo centro o próprio Ali se situara, de cabeça descoberta e olhar sagaz, apoiando-se com desenvoltura sobre sua carabina. Na retaguarda, os cameleiros traziam-nos os animais que estavam pastando, para que ficassem protegidos pelo nosso fogo.

Era um quadro o que o grupo formava. Eu o admirava e o xerife Ali exortava-nos a sustentar o fogo até que o ataque se tornasse real, quando Awad, com alegre risada, saltou à frente, e correu na direção do inimigo, sacudindo a sua manga inteira sobre a cabeça, em sinal de amizade. Os que vinham atiraram contra ele, sem efeito. Awad pôs-se de bruços e atirou em resposta, sendo que um tiro raspou a cabeça do cavaleiro mais adiantado. Isto e o nosso silêncio de alerta deixaram os atacantes perplexos. Arrastaram-se para a frente, em grupo hesitante, e depois de um minuto de discussão sacudiram no ar as suas capas em mal-humorada resposta ao nosso sinal.

Um deles se encaminhou, a passo de homem, em direção a nós. Awad, protegido pelas nossas carabinas, caminhou duzentos metros para se encontrar com ele, e viu que se tratava de um Sukhurri que, quando ouviu o nosso nome, fingiu surpresa. Caminhamos juntos para o xerife Ali, seguido, à distância, pelo resto dos recém-vindos, depois que viram a nossa pacífica saudação. Era um grupo de incursão dos Zebn Sukhurs, que se achavam acampados, como esperávamos, à frente de Bair.

Ali enfureceu-se com eles, pelo traiçoeiro ataque contra nós, e ameaçou toda espécie de penalidades. Os recém-chegados aceitaram a invectiva estupidamente, dizendo que era maneira dos Beni Sakhrs atirar contra estrangeiros. Ali aceitou

isto como sendo seu costume, e bom costume no deserto, mas protestou que o aparecimento sem aviso, contra nós, por três lados, revelava premeditação de emboscada. Os Beni Sakhrs eram um bando perigoso, nem bastante nômade para observar o código nomádico de honra, ou para obedecer à lei do deserto em espírito, nem suficientemente citadino para renunciar ao método da rapina e da incursão.

Os nossos últimos assaltantes foram para Bair a fim de comunicar a nossa chegada. Mifleh, chefe do clã, achou melhor dissimular a má recepção por meio de uma demonstração pública, em que todos os homens e os cavalos do lugar apareceram para nos dar as boas-vindas com gritos selvagens, galopes e piruetas, e muitas deflagrações de tiros e bramidos. Rodopiaram vezes e vezes seguidas ao redor de nós, em caça desesperada de uns aos outros, fazendo algazarra por cima das rochas com temerárias habilidades de cavaleiros e pouca consideração para com a nossa austeridade; irrompiam daqui e de acolá, para fora de suas fileiras, e disparavam as carabinas continuamente, por baixo do pescoço dos nossos camelos. Nuvens de poeira de pedra ressecada se levantavam, de maneira que as vozes dos homens pareciam o crocitar de corvos.

A tantas, a parada se desfez, mas então Abd el Kader, julgando desejável a opinião, mesmo dos loucos, julgou de seu dever mostrar a sua virtude pessoal. Aclamavam Alil ibn el Hussein: "Deus dê vitória ao nosso xerife!", e recuavam os cavalos para o meu lado, gritando: "Seja bem-vindo, Aurans, prenúncio de ação." Assim, Abd el Kader montou em sua égua, sobre a sua alta sela mourisca e, com os seus sete criados argelinos atrás de si, em fila, começou a cabriolar delicadamente, em curvas lentas, gritando: "Haup, Haup!", naquela sua voz rouca, e a disparar uma pistola, intermitentemente, no ar.

Os Bedus, atônitos em face desta conduta, ficaram boquiabertos e silenciosos; Mifleh veio ao nosso encontro e disse, na sua maneira sedutora: "Senhores, peço chamar a atenção do seu servidor, porque ele não pode atirar, nem cavalgar e, se atingir alguém, destruirá a nossa boa sorte de hoje." Mifleh não conhecia o precedente de família para sentir aquele nervosismo. O irmão de Abd el Kader detinha o que pode ser denominado o recorde mundial por três acidentes fatais com pistolas automáticas, no círculo dos seus amigos de Damasco. O paxá Ali Riza, principal gladiador do lugar, havia dito: "Três coisas são notoriamente impossíveis: uma, que a Turquia ganhe esta guerra; outra, que o Mediterrâneo se transforme em champanhe; terceira, que eu me encontre no mesmo lugar com Mohammed Said, e que ele esteja armado."

Procedemos à descarga dos camelos junto às ruínas. Além do nosso acampamento, as negras tendas dos Beni Sakhrs pareciam um rebanho de cabras manchando o vale. Um mensageiro veio solicitar que fôssemos à tenda de Mifleh. Antes, entretanto, Ali teve um inquérito a fazer. A pedido dos Beni Sakhrs, Feisal enviara um grupo de pedreiros e de perfuradores de poços de Bisha, para restaurar o poço demolido de que Nasir e eu havíamos recolhido a gelignite, no caminho para Akaba. Tinham estado durante meses em Bair, e ainda informavam que o trabalho não se encontrava próximo do fim. Feisal incumbiu-nos de investigar as razões da dispendiosa demora. Ali descobriu que os homens de Bisha viviam em ócio, e forçavam os árabes a fornecer-lhes carne e farinha. E acusou-os por isto. Haviam prevaricado, mas não ficariam impunes, pois os xerifes eram dotados de experimentado instinto judicial, e Mifleh estava preparando uma grande refeição para nós. Meus homens murmuraram, desassossegados, que algumas ovelhas foram vistas a morrer por trás da sua tenda, no outeiro acima dos sepulcros. Assim, a justiça de Ali correu como se tivesse asas, antes que as bandejas de alimentos estivessem prontas. Ele ouviu e condenou os negros num instante, e mandou que a penalidade lhes fosse aplicada pelos seus escravos dentro das ruínas. Quando voltaram, um pouco intimidados, beijaram as mãos do xerife em sinal de brandura e de remissão, e o grupo reconciliado se ajoelhou para a refeição.

As festas dos Howeitats tinham sido regadas a manteiga; mas as dos Beni Sakhrs eram inundadas. Os nossos albornozes ficaram salpicados, a boca a escorrer, a ponta dos dedos queimada. Quando a agudeza da fome se aplacou, as mãos se enfiaram mais lentamente; a refeição, porém, ainda estava longe do seu verdadeiro fim, quando Abd el Kader grunhiu, pôs-se repentinamente de pé, limpou as mãos num lenço e sentou-se para trás, sobre os tapetes, junto da lona que servia de parede à tenda. Hesitamos, mas Ali resmungou: “O fellah”, e a tarefa prosseguiu até que os homens do nosso grupo se deram por satisfeitos, e que os mais frugais começaram a lamber a gordura dos dedos finos.

Ali pigarreou, e nós voltamos aos tapetes, enquanto a segunda e a terceira turmas, ao redor das bandejas, passaram a satisfazer-se. Uma pequena coisa, entre cinco e seis anos, em meio à fumaça malcheirosa, sentou-se, recheou-se solenemente, com ambas as mãos, do princípio ao fim, e, quando acabou, com o ventre inchado e o rosto a brilhar de gordura, saiu cambaleando, sem dizer palavra, a apertar uma enorme costela ainda não descarnada, em triunfo, contra o peito.

Em frente à tenda, os cães roíam ossos secos, com grande rumor, e o escravo de Mifleh, a um canto, despedaçava o crânio da ovelha, para lhe sugar o cérebro. Entrementes, Abd el Kader sentou-se, cuspindo, arrotando e esgaravatando os dentes. Finalmente mandou que um dos escravos fosse à sua caixa de remédios e preparou pessoalmente uma droga, resmungando que a carne dura era nociva à sua digestão. Pensava, por meio de semelhante falta de maneiras, formar, para si próprio, uma reputação de grandeza. Seus aldeães poderiam, sem dúvida, sem tratados com tal arrogância, mas os Zebns ficavam muito perto do deserto e não podiam ser medidos pelo campesinato. Ademais, naquele dia tinham diante dos olhos o exemplo contrário do xerife Ali ibn el Hussein, senhor nato do deserto.

Sua maneira de se erguer, de súbito, de junto da bandeja de alimento, era a dos desertos centrais. Nas margens da zona cultivada, no seio dos seminômades, cada hóspede se punha de lado assim que se saciava. Os Anazehs, do extremo norte, deixavam os estrangeiros a sós e no escuro, para que não se envergonhassem do próprio apetite. Tudo eram maneiras; mas, no círculo dos clãs mais dignos de consideração, os modos dos xerifes eram geralmente apreciados. Assim, o pobre Abd el Kader não foi compreendido.

Retirou-se por si, e nós sentamos à boca da tenda, por cima da depressão escura, agora adornada com pequenas constelações de fogueiras de tendas, parecendo imitar ou refletir o céu. A noite apresentava-se calma, exceto nos momentos em que os cães se provocavam uns aos outros para os latidos em coro e, à medida que isto rareava, íamos ouvindo de novo a quietude de quando em quando assustada pelo estrondo dos canhões que preparavam o assalto na Palestina.

Com este acompanhamento de artilharia, contamos a Mifleh que estávamos prestes a realizar incursões no distrito de Derea, e que gostaríamos de levar a ele e a mais quinze homens da sua tribo, conosco, todos montados em camelos. Depois do nosso fracasso com os Howeitats, resolvemos não lhe comunicar mais o objeto direto das nossas intenções, com receio de que o seu caráter desleixado dissuadisse os nossos partidários. Contudo, Mifleh concordou imediatamente e, a julgar pela aparência, com solicitude e prazer; prometeu levar consigo os quinze melhores homens existentes na tribo, além do próprio filho. Este rapaz, chamado Turki, era velho amor de Ali ibn el Hussein; o animal que palpitava em ambos clamava pela sua união, e eles vagavam inseparavelmente, auferindo prazer do contato e do silêncio. Turki era um moço alegre, de rosto aberto, talvez de dezessete anos; não alto, mas amplo e robusto, de rosto redondo e sardento, nariz arrebitado e lábio superior muito curto, pondo-lhe à mostra os dentes fortes, mas

dando, ao conjunto da boca, um aspecto de mau gênio, desmentido pelos olhos felizes.

Consideramo-lo valoroso e fiel em duas situações críticas. Seu bom humor expiava a falta de haver ele herdado um pouco do hábito de mendigar próprio de seu pai, cujo rosto se cavara de avareza. A grande preocupação de Turki era ser reconhecido homem entre os homens; andava sempre à procura de algo para fazer, mas queria que fosse grande e maravilhoso, e que lhe permitisse pavonear coragem diante das moças da tribo. Rejubilou-se ao extremo ao envergar a nova roupa de seda que lhe dei, à refeição e, para a mostrar, atravessou duas vezes a aldeia de tendas, a pé e sem albornoz, invectivando os que pareciam vagarosos em ir ao encontro marcado, à hora da partida.

CAPÍTULO 74

As trevas caíram muito antes que a nossa caravana deixasse Bair, depois do abastecimento da água. Nós, os chefes, esperamos mais ainda, enquanto os Zebens se aprontaram. Os preparativos de Mifleh incluíam uma visita a Essad, o suposto ancestral do clã, na tumba adornada perto do túmulo de Annad. Os Beni Sakhrs já se encontravam radicados o bastante para se apegarem às superstições semíticas das aldeias, a respeito de lugares sagrados, de árvores santas e de urnas funerárias. O xeque Mifleh pensou que a ocasião lhe permitia acrescentar outro cordão de turbante à andrajosa coleção enrolada ao redor da lápide mortuária de Essad e, de maneira característica, pediu-nos que lhe fornecêssemos a oferenda. Passei às mãos dele um dos meus ricos ornamentos mecanos, de seda vermelha e de prata, observando que a virtude da oferta ficava com o doador. O econômico Mifleh insistiu em entregar-me meio penny, em troca, para que ele pudesse fingir a compra; quando por lá passei, poucas semanas mais tarde, e vi que o adorno já não estava em seu lugar, ele amaldiçoou, em voz alta, para que eu ouvisse, o sacrilégio de algum Sheraris sem Deus, que roubara ao seu ancestral. Turki deveria contar-me mais coisas.

Uma vereda, íngreme e velha, conduziu-nos para fora do Wadi Bair. Perto da crista de uma rampa, encontramos os outros já acampados para o pernoite, ao redor de uma fogueira, mas desta vez não havia conversa, nem preparação de café. Deitamo-nos uns perto dos outros, fizemos silêncio e apuramos os ouvidos, para captar o rumor dos canhões de Allenby. Estes falavam eloqüentemente: e grandes lampejos, a ocidente, assinalavam-lhes os clarões.

No dia seguinte, passamos à esquerda das Thlaithukhwat, as "Três irmãs", montanhas cujos nítidos picos brancos eram marcos, para a marcha de todo um dia; e descemos pelas macias encostas onduladas, além deles. A fina manhã de novembro tinha a suavidade própria do verão inglês; mas sua beleza teve de ser por mim posta de lado. Eu ia empregando as paradas, bem como as etapas da

viagem, entre as fileiras dos Beni Sakhrs, para habituar o meu ouvido ao seu dialeto, e para armazenar, na memória, as informações sobre a tribo, familiares ou pessoais, que deixavam cair.

No deserto pouco povoado, todos os homens dignos de apreço se conheciam mutuamente; e, em vez de livros, estudavam a própria geração. Dar provas de deficiência, em tais conhecimentos, equivalia a ser marcado, ou como mal-educado, ou como estrangeiro; e os estrangeiros não eram admitidos nas discussões ou conselhos de família, nem sequer nas confidências. Nada havia de tão cansativo, mas também nada de tão importante para o êxito dos meus propósitos do que esta constante ginástica mental de aparente onisciência, de cada vez que me encontrava com uma nova tribo.

Ao cair da noite, acampamos num afluente do Wadi Jesha, junto de moitas de folhagem verde-cinzenta, muito pálida, que agradaram aos camelos e nos deram lenha para fogueiras. Nesta noite, os canhões fizeram-se ouvir alta e distintamente, talvez por causa da depressão intermediária do mar Morto, que ricocheteava para cima os ecos, atirando-os ao nosso planalto. Os árabes murmuravam: "Eles estão mais perto; os ingleses avançam; Deus livre os homens de semelhante chuva." Pensavam, compadecidos, nos turcos que tombavam, depois de serem por tanto tempo seus fracos opressores; a estes, por sua fraqueza, embora opressores, eles amavam mais do que ao forte estrangeiro que trazia consigo a justiça cega e sem discernimento.

Os árabes respeitavam um pouco a força; respeitavam ainda mais a habilidade e, freqüentemente, a consideravam invejável; mas, acima de tudo, respeitavam a perfeita sinceridade de expressões, quase que a única arma por Deus excluída do seu armamento. O turco era todas estas coisas, vez por vez, e assim recomendava-se aos árabes como tal, enquanto os árabes não se sentissem fisicamente atemorizados. Muita coisa havia nesta distinção entre o corporal e o pessoal. Existiam ingleses que, individualmente, os árabes preferiam a qualquer turco, ou estrangeiro; mas, com apoio nisto, generalizar e dizer que os árabes eram pró-ingleses seria verdadeira loucura. Cada estrangeiro preparava a sua pobre cama entre eles.

Pusemo-nos de pé bem cedo, tencionando cobrir a longa distância que ia até Ammari, lá pelo crepúsculo. Galgamos barrancos depois de barrancos atapetados, de matéria dura e a queimar de sol, recobertos de vegetação fina, cor de açafrão, tão clara e tão cerrada que todo o panorama se apresentava dourado. Safra el Jesha, como os Sukhurs a chamavam. Os vales tinham a profundidade de alguns centímetros apenas, os leitos eram granulosos como se fossem de

marroquim, em intrincada rede recurva, feita de pequenos regatos de água das últimas chuvas. O bojo de cada curva tinha um peito cinzento de areia, bem assentada com a lama, às vezes a brilhar de cristais de sal e, outras vezes, áspera, apresentando projeções de feixes de brotos meio enterrados. Estas caudas de vales, rumando para Sirhan, eram sempre ricas em pastos. Quando havia água nos buracos, as tribos se reuniam, povoando-se de aldeias de tendas. Os Beni Sakhrs, que se achavam conosco, haviam acampado assim; e, quando cruzamos as dunas monótonas eles apontaram primeiro para uma depressão indistinta, com lareiras e valetas retas, e depois para outra, dizendo: "Ali ficava a minha tenda, e lá repousava Hamdan el Saih. Olhe as pedras secas do meu leito, e para as do de Tarfa mais adiante. Deus tenha piedade dela; ela morreu no ano de *samh*, no Snainirat, mordida por uma víbora venenosa."

Pelo meio-dia, um grupo de camelos a trote apareceu por cima do barranco, locomovendo-se com rapidez e deliberadamente na nossa direção. O pequeno Turki galopou à frente, sobre sua velha camela, com a carabina engatilhada de través, em cima das coxas, para indagar o que os homens tencionavam fazer: "Ah", exclamou Mifleh, para mim, enquanto o grupo ainda se encontrava a cerca de um quilômetro de distância, "isto é Fahad, sobre a sua Shaara, que vem à testa. São nossos parentes", e na verdade o eram. Fahad e Adhub, principais comandantes de guerra dos Zebns, haviam acampado a ocidente da estrada de ferro, perto de Ziza, quando um Gomani se lhes apresentou com a notícia da nossa marcha. Arrearam imediatamente e, depois de dura cavalgada, alcançaram-nos a apenas meio caminho na estrada. Fahad, de maneira cortês, censurou-me por pretender atravessar o seu distrito, em aventura, quando os filhos do seu pai estavam deitados em suas tendas.

Fahad era um homem melancólico, de voz apagada, pouco falador, de cerca de trinta anos de idade; tinha o rosto branco, barba longa e olhos trágicos. Seu irmão mais moço, Adhub, afigurava-se mais alto e mais forte, embora não passasse da estatura média. Ao contrário de Fahad, mostrava-se ativo, barulhento, de aparência indomável; tinha nariz chato e largo, face glabra e olhos verdes brilhantes, que borboleteavam avidamente de objeto a objeto. Sua vulgaridade se revelava nos cabelos desgrenhados e nas roupas imundas. Fahad apresentava-se mais asseado, mas ainda mais simplesmente vestido, e ambos, sobre os peludos camelos, se pareciam tão pouco a xeques da sua reputação quanto fosse possível conceber. Não obstante, eram guerreiros famosos.

Em Ammari, o forte e frio vento noturno levantava a poeira de cinza do solo salgado, ao redor dos poços, formando bruma, que fazia ranger os nossos dentes,

como o velho sopro de uma erupção; e fomos infelizes quanto à água. Esta se apresentava à superfície, tal como em Sirhan, mas a maioria dos tanques continha um líquido amargo ao paladar. Um tanque notável, entretanto, chamado Bir el Emir, foi julgado muito bom, por efeito do contraste. Jazia em um pequeno leito de pedra calcária nua, entre montículos de areia.

A água (opaca e sabendo a mistura de salmoura com amoníaco) ficava precisamente abaixo do nível da encosta da rocha, em banheira de pedra de bordas grosseiramente cortadas. Daud sondou-lhe a profundidade e atirou Farraj, todo vestido, dentro dela. Farraj afundou, desaparecendo da vista na amarelidão do líquido e, depois, veio com calma à tona, por baixo da orla da rocha, onde não podia ser visto de fora, ao anoitecer. Daud esperou durante longos minutos; mas, posto que a sua vítima não reaparecia, despiu-se e mergulhou no mesmo ponto — para ir encontrar o amigo sorrindo, sob a orla a pique. A pesca de pérolas, no golfo, havia-os tornado como peixes na água.

Foram puxados de lá, e depois travaram uma luta selvagem, sobre a areia, ao lado do olho-d'água. Cada qual se declarou machucado, e ambos regressaram à minha fogueira, gotejando água, em andrajos, e sangrando; traziam o cabelo, o rosto, as pernas, os braços e o resto do corpo cobertos de lama e de espinhos, assemelhando-se mais ao diabo dos remoinhos do que à costumeira presença delicada e suave a que me haviam habituado. Disseram-me que tinham estado a dançar, tropeçando num espinheiro; seria como que generosidade presenteá-los com outras roupas. Dissipei-lhes as esperanças e mandei-os para longe, a fim de repararem o mal.

A minha escolta e, mais especialmente, os Ageyls, eram por natureza vaidosos, e despendiam o soldo em roupas e ornamentos, perdendo muito do seu tempo em trançar os cabelos brilhantes. A manteiga dava-lhes brilho; e, a fim de manterem os piolhos quietos, freqüentemente raspavam a cabeça com um pente de dentes finos, aspergindo-o com urina de camelo. Um médico alemão, em Beersheba, ao tempo em que estivera ao serviço dos turcos (estes eram os homens que, numa brumosa madrugada, assaltaram a guarda nacional inglesa, no Sinai, destruindo um posto) havia-lhes ensinado a ser limpos, aprisionando os mais piolhosos em latrinas de exército até que engolissem os seus insetos.

O vento abrandou pela madrugada e nós partimos para Azrak, meia etapa à frente. Entretanto, mal nos livramos das dunas movediças, ao lado dos poços, quando ouvimos uma voz de alarme. Homens montados haviam sido vistos na mata. Aquela zona era propícia aos grupos de incursão. Reunimo-nos todos no melhor terreno e fizemos alto. A seção indiana escolheu um pequeno outeiro

todo entalhado por sulcos de água. Deitaram-se os camelos na depressão, logo atrás, e os homens montaram as metralhadoras na devida ordem, em um instante. Ali e Abd el Kader ergueram seus grandes pendões carmesim, na brisa intermitente. Os nossos batedores, chefiados por Ahmed e Awad, correram para a direita e para a esquerda, e vários tiros foram trocados. Tudo cessou de repente. O inimigo saiu dos abrigos e marchou em linha, na nossa direção, sacudindo ao ar os albornozes e as mangas e cantando a sua marcha guerreira de boas-vindas. Eram os guerreiros da tribo de Serhan, que iam jurar fidelidade a Feisal. Ao saber quem éramos, mudaram de rumo e marcharam conosco, jubilosos por pouparem caminho, pois não se tratava de tribo habitualmente guerreira, nem nômade. Organizaram uma pomposa cerimônia à nossa entrada conjunta em sua aldeia de tendas, em Ain el Beidha, a poucos quilômetros a oriente de Azrak, onde a tribo inteira se achava reunida; e a nossa recepção foi barulhenta e alegre, porque houvera medo e lamentos entre as mulheres, naquela manhã, quando viram os homens partir para os azares da revolução.

Entretanto, ali estavam eles, de regresso, no mesmo dia, com um xerife próprio, pendões árabes e metralhadoras, marchando ombro a ombro, em coluna de cem de frente, com homens esfarrapados, e cantando tão alegremente como quando haviam partido. Meus olhos pousaram sobre um notável camelo vermelho, talvez de sete anos de idade, montado por um Sirhani, na segunda linha. O alto animal não queria ser vencido e, com passo longo e balouçante, sem igual na nossa multidão, caminhou para a frente e manteve-se ali. Ahmed deslizou pelo seio da turba, a fim de travar relações com o dono.

No acampamento, o chefe distribuiu o nosso grupo pelas tendas, para a honra da hospedagem. Ali, Abd el Kader, Wood e eu fomos recebidos por Mteir, principal xeque da tribo, coisa velha, desdentada e amiga, cuja face solta descaía sobre a mão que a suportava quando ele falava. Fez-nos rumorosa saudação, oferecendo-nos hospitalidade generosa e ovelha cozida com pão. Wood e Abd el Kader sentiam-se, talvez, um pouco enfastiados, pois o Serahin parecia primitivo quanto à disciplina alimentar e, à bandeja comum, havia mais borrifos e confusão do que o que convinha à decência das melhores tendas. Depois, constrangidos pela insistência de Mteir, deitamo-nos nos seus tapetes, para passar aquela noite. Ao redor dos nossos corpos frescos, que assinalavam a mudança de vítimas, acumularam-se todos os insetos locais, carrapatos, pulgas e piolhos, cansados da dieta dos duros Serhans. O deleite dos insetos tornou-os tão vorazes que, com a melhor boa vontade do mundo, não pude prosseguir alimentando-os. Ao que parece, também Ali não pôde; porque se sentou e disse que sofria de insônia.

Assim, acordamos o xeque Mteir e mandamos chamar Mifleh ibn Bani, homem jovem e ativo, habituado a comandar as suas batalhas. Explicamos-lhes as necessidades de Feisal, bem como o nosso plano destinado a aliviá-lo.

Ouviram-nos gravemente. A ponte ocidental, disseram, era perfeitamente impossível. Os turcos tinham acabado de encher a região com centenas de lenhadores militares. Nenhum grupo hostil poderia passar por ali sem ser notado. Os lenhadores alimentavam grande suspeita contra as aldeias mouras e contra Abd el Kader. Nada persuadiria os nossos interlocutores a visitar os primeiros, sob a chefia do segundo. Quanto à Tell el Shehab, ponte mais próxima, temiam que os aldeães, seus inimigos inveterados, os atacassem pela retaguarda. Ademais, se chovesse, os camelos seriam incapazes de trotar, ao regresso, através das planícies lamacentas de Remthe, e o grupo todo ficaria assim isolado, e seria morto.

Encontrávamo-nos em sério embaraço. Os Serahins representavam o nosso último recurso e, se se recusassem a vir conosco, ser-nos-ia impossível conduzir avante o projeto de Allenby no prazo acordado. À vista disto, Ali reuniu, ao redor da nossa pequena fogueira, maior número dos melhores homens da tribo e fortaleceu a parte corajosa, apresentando Fahad, Mifleh e Adhub. Diante deles, começamos a combater, em palavras, a tola prudência dos Serahins, que parecia ainda mais vergonhosa aos nossos olhos depois de tão longa jornada em pleno deserto.

Dissemos-lhes, não abstratamente, mas concretamente, de acordo com o caso deles, que a vida em massa era apenas sensual, não merecendo ser vivida e amada ao extremo. Não era possível possuir casas de repouso durante a revolta, nem haver dividendo de alegrias a pagar. O espírito da revolta era cumulativo, destinado a ser suportado enquanto os sentidos resistissem; cada qual empregaria os avanços como base de aventuras posteriores, para privações mais profundas e para sofrimentos mais agudos. Os sentidos nada podiam quanto ao passado, nem quanto ao futuro. A emoção sentida era emoção conquistada, experiência morta, que sepultávamos expressando-a.

Pertencer ao deserto equivalia, como eles bem sabiam, a ser condenado a desfechar batalhas sem fim contra um inimigo que não era o mundo, nem a vida, nem coisa alguma, mas a própria esperança; e o fracasso parecia a libertação de Deus para a humanidade. Só poderíamos exercer esta nossa liberdade não fazendo o que ficava ao alcance do nosso poder de fazer, porque apenas assim a vida passaria a pertencer-nos, e nós a dominaríamos desprezando-a. A morte pareceria, portanto, a melhor das nossas obras, a última lealdade espontânea

dentro do nosso alcance, o descanso final; e, destes dois pólos, morte e vida, ou, menos terminantemente, descanso e subsistência, nós deveríamos desviar-nos da subsistência (matéria da vida) de maneira total, reduzi-la ao grau mais insignificante e apegar-nos bem ao lazer. Desta forma, serviríamos para promover o não-fazer, em lugar do fazer. Deveria haver homens não-criadores — de ócio árido — mas a atividade destes só podia ser material. Para se realizarem coisas imateriais, coisas criadoras, que participassem do espírito, não da carne, deveríamos ter a cautela de não empregar tempo ou cuidado na satisfação das exigências físicas, pois que, na maioria dos homens, a alma envelhecia muito antes do corpo. A humanidade nada havia ganho com os trabalhos forçados dos seus escravos.

Não era possível haver honra no êxito certo, mas muita glória poderia ser obtida da derrota segura. A Onipotência e o Infinito eram os nossos mais valorosos inimigos de guerra e, de fato, os únicos dignos de ser enfrentados por um homem íntegro, visto constituírem monstruosidades, de fabricação do espírito do homem; e os maiores inimigos se instalavam sempre em nossas casas. Na luta contra a Onipotência, a honra era atirar fora, com orgulho, os pobres recursos de que dispúnhamos e desafiá-La de mãos vazias; a fim de sermos derrotados, não apenas por mais espírito, e sim pela sua vantagem de melhores instrumentos. Para os clarividentes, o fracasso era a única meta. Nós devíamos crer, cada vez mais, que não havia vitória, exceto a de se ir para baixo, para a morte, lutando e clamando pelo próprio fracasso, pedindo, em veemência de desespero, que a Onipotência golpeasse ainda mais fortemente, a fim de que, pelo Seu violento golpear, Ela pudesse temperar dentro do nosso torturado "eu" as armas da Sua própria ruína.

Este foi discurso de parada, semicoerente, forjado em estado de desespero, frase por frase, instante por instante, na extrema necessidade em que nos encontrávamos, sobre a bigorna daqueles espíritos brancos, reunidos ao redor da fogueira agonizante; o sentido de tais palavras mal ficou comigo; por uma vez, a minha memória representativa esqueceu a sua função e só sentiu a lenta humilhação dos Serahins, a quietude da noite em que o amor deles para com o mundo desmaiava e, por fim, a repentina ânsia coletiva de cavalgar conosco, fosse qual fosse a meta. Antes da luz do dia, chamamos o velho Abd el Kader e, levando-o de lado, por entre as moitas arenosas, gritamos-lhe ao ouvido quase impenetrável que os Serahins partiriam conosco, sob seus auspícios, para o Wadi Khalid, depois do surgir do sol. Resmungou que estava bem; e dissemos, a nós

próprios, que nunca mais, se a vida e a oportunidade fossem prolongadas, admitiríamos um homem surdo como conspirador.

CAPÍTULO 75

Exaustos, deitamo-nos um momento, mas nos pusemos de pé de novo muito cedo, para inspecionar os cameleiros do Sirhan. Estes fizeram uma demonstração selvagem e desordenada, passando como flechas, mas só os consideramos cameleiros medíocres; jactaram-se em demasia e não nos pareceram muito convincentes. Lamentável a circunstância de não terem eles nenhum chefe de fato. Mteir era velho demais para o serviço, e ibn Bani parecia figura indistinta, mais ambicioso como político do que como guerreiro. Entretanto, constituíam a força que tinham, de maneira que se pôs termo às conjecturas e, às três horas da tarde, montamos para irmos a Azrak, porquanto outra noite na tenda nos deixaria picados e reduzidos a ossos secos. Abd el Kader e seus criados montaram sobre éguas, como sinal de que a linha de combate estava perto. Galoparam logo atrás de nós.

Aquela era a primeira vez que Ali avistava Azrak, e nós nos apressamos pelos espinhaços pedregosos com grande entusiasmo, falando das guerras, das cantigas e das paixões dos primeiros reis pastores, de nomes musicais, e que tinham amado aquele lugar; e também dos legionários romanos que se definharam ali, em tempos mais remotos ainda. Depois, o fortim azul, na sua rocha, acima das palmeiras sussurrantes, entre prados frescos e brilhantes jorros de água, surgiu à nossa vista. De Azrak, como de Rumm, alguém disse *Numen inest*. Ambos eram lugares encantados; mas enquanto Rumm era vasta, ecoante e divina, o silêncio insondável de Azrak se nos afigurava aprofundado, impregnado de história, de conhecimento de poetas errantes, de guerreiros, de reinos perdidos, de todos os crimes, dos atos cavalheirescos e da magnificência morta de Hira e de Ghassan. Cada pedra, cada fio de grama irradiava uma fraca memória do Éden cheio de luz, que passou há tanto tempo.

Por fim, Ali sacudiu as rédeas e o seu camelo escolheu com cuidado a trilha para a torrente de lava, a caminho de rica turfa, por trás das fontes. Nossos olhos

enrugados abriram-se bem, com alívio, porque a crueldade das muitas semanas tinha desaparecido da luz do sol refletida. Ali gritou "Grama", e atirou-se da sela ao chão, onde caiu de mãos e pés, com o rosto inclinado para baixo, entre as ásperas hastes que tão delicadas pareciam no deserto. Ergueu-se, ruborizado, emitindo o grito de guerra dos Hariths; atirou longe o turbante e correu ao longo do pântano, pulando por cima dos canais vermelhos, onde as águas se coagulavam entre juncais. Seus pés brancos brilhavam por baixo das dobras oscilantes das roupas de *cashmere*. Nós, no Ocidente, só de raro em raro contemplamos esta beleza adicional que o corpo adquire quando visto a pousar de leve sobre os pés descalços; então o ritmo e a graça do movimento se tornam visíveis, com o jogo dos músculos e dos tendões a revelar o mecanismo de cada passo e o equilíbrio do repouso.

Quando voltamos aos nossos assuntos, já ali não estava Abd el Kader. Procuramo-lo no castelo, no palmar e lá em cima, junto das fontes. Mandamos que os nossos homens o procurassem, e estes voltaram com árabes que nos disseram que, precisamente depois da partida, ele havia rumado para o norte, através das colinas lascadas, a caminho de Djebel Druse. Os oficiais e as tropas não conheciam o nosso plano; odiavam-no e sentiram-se alegres vendo-o retirar-se: mas aquilo era má notícia para nós.

Das nossas três alternativas, Um Keis havia sido abandonada; sem Abd el Kader, a do Wadi Khalid era impossível; isto significava que devíamos necessariamente atacar a ponte de Tell el Shehab. Para atingi-la, tínhamos de cruzar a região descampada entre Remthe e Deraa. Abd el Kader tinha ido para o lado inimigo, com informações relativas aos nossos planos e à nossa força. Os turcos, se tomassem as mais razoáveis precauções, armar-nos-iam ciladas na ponte. Pedimos o conselho de Fahad e resolvemos seguir para a frente, apesar de tudo, confiando na costumeira incompetência dos inimigos. Não foi decisão confidencial. Enquanto a tomamos, o sol pareceu menos suave e Azrak não muito afastada do medo.

Na manhã seguinte, serpenteamos pensativamente ao longo de um vale de chão endurecido e galgamos o barranco que dava para o Wadi el Harith, cujo curso verde tinha nostálgicas semelhanças com certas terras da pátria. Ali rejubilou-se ao ver vales de pastagem com o nome da sua família, e mostrou-se muito alegre como os nossos camelos quando encontramos tanques límpidos, cheios de água de chuva, da última semana, em depressões, entre as moitas. Paramos e utilizamos aquela descoberta no almoço, fazendo um alto mais demorado. Adhub saiu com Ahmed e Awad, em busca de gazelas. Voltou com

três. Assim, ali ficamos ainda mais longamente, fazendo um segundo almoço, verdadeira festa, de pedaços de carne assada em varetas de espingarda; assim, a parte exterior ficava negra como carvão, enquanto que a interna se mantinha macia e suculenta. Os viajantes do deserto gostavam da sua generosidade acidental; ademais, naquela caminhada, certa relutância ia reduzindo a soma da nossa marcha quotidiana, e todos se mostravam alegres com o atraso.

Infelizmente, o meu tempo de repouso foi estragado pela aplicação da justiça. A dívida de sangue entre Ahmed e Awad estourou durante a caça às gazelas, degenerando em duelo. Awad arrancou, a tiro, o cordão de turbante de Ahmed; Ahmed furou o albornoz de Awad. Desarmei-os e dei ordens, em voz alta, para que o polegar e o dedo indicador de cada qual fossem cortados. O terror desta penalidade impeliu-os ao beijo da paz, imediata, violenta e publicamente. Pouco mais tarde, todos os meus homens juraram que a rixa estava terminada. Referi o caso a Ali ibn el Hussein, que pôs os culpados em liberdade para experiência, depois de selar a promessa de ambos com a antiga e curiosa penitência nômade que consistia em golpear a cabeça, fortemente, com o gume de uma pesada adaga, vezes e vezes seguidas, até que o sangue corresse pelo peito abaixo e atingisse a correia da cintura. Aquilo causou ferimentos penosos, mas sem perigo, no crânio dos rixentos, cuja dor, primeiro, e cujas cicatrizes, depois, serviram de lembrete, aos faltosos, quanto à promessa dada.

Prosseguimos na marcha durante quilômetros, sobre chão perfeito, atravessando regiões ricas de pastagens para os camelos até que, em Abu Sawana, encontramos uma depressão dura, repleta de água de chuva, deliciosamente clara, a correr em estreitos canais de sessenta centímetros de profundidade e talvez três metros de largura, mas de cerca de um quilômetro de comprimento. Isto serviria de ponto de partida para a incursão contra a ponte. Para ficarmos certos da segurança do lugar, cavalgamos alguns metros mais, até o topo de um rochedo; e ali, olhando para baixo, vimos um grupo retirante de cavaleiros circassianos que os turcos haviam mandado para examinar se as águas estavam ocupadas. Não nos viram apenas pela diferença de cinco minutos, para mútuo benefício.

Na manhã seguinte, enchemos os odres, visto como nada encontraríamos para beber entre aquele canal e a ponte; e depois marchamos devagar até que o deserto terminou numa depressão de noventa centímetros, à margem de uma planície limpa, que se estendia plana até os trilhos da estrada de ferro, a alguns quilômetros de distância. Esperamos que o anoitecer tornasse possível a passagem. Nosso plano era deslizar por ali, secretamente, e ocultar-nos no sopé das colinas mais adiante, abaixo de Deraa. Na primavera, aquelas colinas

andavam cheias de rebanhos a pastar, porque a chuva atapetava as baixas encostas com ervas novas e flores. Com o sobrevir do verão, secavam-se, tornando-se desertas, exceto quanto aos viajantes ocasionais ou aos errantes obscuros. Poderíamos calcular, folgadamente, que permaneceríamos em seu sopé, durante uns dias, sem ser incomodados.

Fizemos da parada uma nova oportunidade de refeição, pois comíamos indiferentemente tudo o que fosse possível assim que se nos apresentasse o ensejo. Isto aliviava as nossas bagagens e nos tolhia todo o pensamento; mas, mesmo com tal subterfúgio, o dia ia se fazendo longo. Por fim, veio o crepúsculo. A planície estremeceu quando a escuridão, que durante horas se acumulara entre as colinas fronteiras, fluiu, devagar, inundando-a. Montamos. Duas horas mais tarde, depois de rápida marcha sobre cascalho, Fahad e eu, batendo o caminho na frente, chegamos à estrada de ferro; e, sem dificuldade, encontramos um lugar pedregoso, onde a nossa caravana não deixaria sinal algum de passagem. Os guardas turcos da estrada estavam evidentemente à vontade, o que significava que Abd el Kader ainda não provocara pânico com as notícias levadas.

Seguimos pelo outro lado da linha, durante meia hora, e depois nos afundamos numa leve depressão rochosa, cheia de plantas suculentas. Era Ghadir el Abyadh, recomendada por Mifleh para a nossa emboscada. Ouvimos a sua surpreendente declaração de que nos encontrávamos abrigados, e deitamo-nos por entre ou ao longo dos nossos animais ainda carregados, para dormir um breve sono. A madrugada revelar-nos-ia, de fato, até que ponto estávamos ocultos e a salvo.

Quando o dia começou a romper, Fahad levou-me à orla da nossa cova, a cerca de quatro metros de altura, e dali olhamos diretamente, por cima de um prado levemente inclinado, para a estrada de ferro, que parecia quase ao alcance do tiro. Ficava muito perto, mas os Sukhrs não conheciam lugar melhor. Tínhamos que ficar por ali o dia todo. A cada momento em que alguma coisa nos era comunicada, os nossos homens corriam para ver, e o barranco adquiria um friso serrilhado de cabeças humanas. Ademais, os camelos, pastando, requeriam muitos guardas, a fim de evitar que se espalhassem e fossem vistos. Sempre que uma patrulha passava, tínhamos de ser muito cautelosos no controle dos animais, visto que, se um deles mugisse ou gorgolejasse, atrairia o inimigo. O dia anterior tinha sido longo; o dia de agora era ainda maior: não podíamos comer, porque a nossa água devia ser economizada com zelosa prudência em virtude da escassez do dia de amanhã. A certeza disto nos tornava sedentos.

Ali e eu trabalhamos, ultimando os preparativos para a incursão. Ficamos encurralados até o pôr-do-sol; e devíamos atingir Tell el Shehab, fazer saltar a ponte e voltar para o oriente da estrada de ferro, pela madrugada. Isto significava uma incursão de pelo menos cento e vinte quilômetros, nas treze horas da escuridão, com uma caprichosa demolição de permeio. Semelhante realização ficava além da capacidade da maioria dos indianos. Não eram bons viajantes, e já haviam fatigado em excesso os camelos na marcha, a partir de Akaba. Um árabe, poupando o seu animal, podia voltar com ele para casa, em boas condições, depois de rude trabalho. Os indianos haviam feito o máximo que podiam; mas o rigor daquele treino de marcha os cansara, bem como aos animais, mesmo nas etapas para nós fáceis.

Chamamos os seis melhores cameleiros e os colocamos sobre os seis melhores camelos, com Hassan Shah, seu oficial e homem de maior denodo, para os chefiar. Hassan Shah afirmou que este pequeno grupo valeria mais se fosse armado apenas com uma metralhadora Vickers. Isto representava uma séria redução da nossa força ofensiva. Quanto mais eu o examinava, menos afortunado me parecia o desenvolvimento deste nosso plano de Yarmuk.

Os Beni Sakhrs eram guerreiros; mas desconfiávamos dos Serahins. Assim, Ali e eu decidimos fazer dos Beni Sakhrs, sob o comando de Fahad, o nosso grupo de assalto. Deixaríamos alguns Serahins para guardar os camelos, enquanto os outros conduzissem a gelatina explosiva até a ponte. Para favorecer o apressado transporte pelos íngremes declives das colinas, na escuridão, transformamos as cargas de explosivo em bolas de treze quilos, que foram postas, para serem visíveis, cada uma em seu próprio saco branco. Wood incumbiu-se de reacondicionar a gelatina, e compartilhou a famosa dor de cabeça que todos sentem quando lidam com semelhante material. Isto ajudou a passar o tempo.

A minha escolta tinha de ser cuidadosamente distribuída. Um bom cameleiro foi adido a cada um dos homens locais menos hábeis, que tinham a única virtude de conhecer a região; os pares assim formados foram agregados a um ou outro dos meus homens de confiança, estrangeiros, pelos quais eu era responsável, com instruções para se manterem juntos dele à noite. Ali ibn Hussein tomou seis dos seus criados, e o grupo foi completado com vinte Beni Sakhrs e quarenta Serahins. Deixamos os camelos coxos ou fracos atrás, em Abyadh, a cargo do restante dos nossos homens, com ordens de regresso a Abu Sawana antes da madrugada seguinte, a fim de ali esperar pelas nossas notícias. Dois dos meus homens caíram subitamente enfermos, o que os fez sentirem-se incapazes de

viajar conosco. Dispensei-os de qualquer serviço naquela noite, bem como nos dias que se seguiram.

CAPÍTULO 76

Precisamente ao crepúsculo, dissemos-lhes até-logo e saímos pelo vale acima, sentindo-nos miseravelmente sem vontade alguma de ir mais para adiante. As trevas tornaram-se densas quando galgamos o primeiro barranco e viramos para o ocidente, rumo à abandonada estrada de peregrinos, cujos rastros deveriam ser os nossos melhores guias. Marchávamos com dificuldade pelo declive irregular, quando os homens que se achavam à testa, de súbito, se precipitaram avante. Seguimo-los, encontrando-os reunidos em torno de um mascate aterrorizado, com duas esposas e dois jumentos carregados de uva seca, farinha e albornozes. Iam todos para Mafrak, estação que ficava logo atrás de nós. Isto era incômodo; por fim, dissemos-lhes que acampassem, e deixamos um Sirhani para não lhes permitir que se movessem; o Sirhani deveria deixá-los livres pela madrugada, e fugir para o outro lado da linha, até Abu Sawana.

Marchamos trabalhosamente pela região, na escuridão agora absoluta até vermos o brilho dos rastros brancos da estrada dos peregrinos. Era a mesma pista ao longo da qual os árabes haviam trotado comigo, na minha primeira noite na Arábia, perto de Rabegh. Desde então, em doze meses, havíamos batalhado na sua trajetória, em cerca de mil e duzentos quilômetros, além de Medina, de Hedia, de Dizad, de Modwwara e de Maan. Restava pouca coisa da sua extremidade para Damasco, onde a nossa peregrinação armada seria dada por finda.

Sentíamo-nos, porém, apreensivos, naquela noite: nossos nervos haviam sido sacudidos pela fuga de Abd el Kader, único traidor da nossa experiência. Tivéssemos calculado as coisas como convinha e teríamos sabido que ainda se nos abria outra oportunidade, a despeito dele; contudo, o julgamento desapaixonado não era compatível com o nosso humor, e pensamos, meio desesperadamente, que a revolta árabe nunca atingiria a sua última fase, mas que ficaria como mais um exemplo das caravanas que partiam com ardor para

qualquer meta enublada e morriam, homem a homem, no deserto, sem o desdouro do êxito.

Um pastor de ovelhas dissipou estes pensamentos disparando sua espingarda contra a nossa caravana, que ele vira aproximar-se silenciosamente, embora indistintamente, na noite. Não colheu o alvo, mas começou a gritar, no auge do terror, e enquanto fugiu deflagrou tiros depois de tiros contra a mancha negra formada por nós.

Mifleh el Gomaan, que nos guiava, desviou-se de maneira violenta e, a trote cego, conduziu a nossa linha pelo declive, depois por sobre um fundo de despenhadeiro e afinal ao redor das costas de uma colina. Ali encontramos de novo a noite tranqüila e quieta e rumamos para a frente, em perfeita ordem, sob as estrelas. O alarme seguinte foi dado por um cão que ladrava, à esquerda; depois, um camelo apareceu, de súbito, na nossa pista. Andava, entretanto, perdido, e não estava montado. Fomos para a frente.

Mifleh fez-me marchar com ele, chamando-me "Árabe", para que o meu nome conhecido não me traísse, indicando-me a estrangeiros invisíveis na escuridão. Estávamos chegando a uma depressão muito profunda quando percebemos cheiro de cinzas e a escura silhueta de uma mulher saltou de sob um arbusto à margem da estrada e correu, gritando e perdendo-se de vista. Devia ser uma cigana, porque nada se lhe seguiu. Chegamos a uma colina. No topo, havia uma aldeia que resplandecera aos nossos olhos quando nos achávamos ainda muito distantes. Mifleh furou para a direita, por cima de largo trecho arado; subimos por ali, vagarosamente, com as selas a ranger. Na beira da crista, fizemos alto.

Longe, ao norte, abaixo do nosso nível, havia alguns grupos de luzes. Eram as lâmpadas da estação de Deraa, acesas para o tráfego militar; e nós sentimos algo de tranqüilizador, talvez, mas também um pouco extravagante, naquele descaso turco para conosco. (Foi nossa vingança fazer, daquela, a sua última iluminação: Deraa ficou às escuras desde o dia seguinte, durante todo um ano, até que caiu.) Em grupo cerrado, marchamos para a esquerda, pelo cocuruto, e depois pelo leito de longo vale, passando para a planície de Remthe, de cuja aldeia se via uma fagulha vermelha, intermitente, na escuridão, a noroeste. O chão se fez plano; mas era solo meio arado, muito fofo, com labirintos de sulcos cônicos, de maneira que os camelos mergulhavam as patas e se esforçavam muito. Não obstante, tivemos de marchar em certa velocidade, porque os incidentes e as irregularidades do caminho nos faziam tardar demais. Mifleh pôs a trote o seu camelo relutante.

Eu tinha animal melhor do que a maioria, pois montava sobre o camelo vermelho que encabeçara a nossa procissão ao entrarmos em Beidha. Era um animal longo e cuidadoso, com movimentos duros de pistão, difíceis de suportar; surrava-me, mas não de maneira totalmente mecânica, porque havia coragem no persistente esforço que o impelia a marchar sempre na cabeça da linha. Tendo já passado todos os competidores, a sua ambição morria num passo duro, alguns centímetros mais longo do que o normal, mas semelhante ao de qualquer outro camelo, dando, porém, um sentimento de confiança na sua imensa reserva de força e de resistência. Corri para trás, por entre os oficiais, e disse-lhes que deviam ir para diante, mais depressa. Os indianos, cavalgando grosseiramente como se montassem sobre cavalos, faziam o que lhes era possível, o mesmo se dando com a maioria dos nossos; mas o chão apresentava-se tão ruim que os maiores esforços não pareciam muito profícuos, e, à medida que nos adiantávamos, ora um, ora outro, todos iam ficando atrás. À vista disto, escolhi a posição de retaguarda, com Ali ibn el Hussein, que montava um raro camelo velho de corrida. Deveria ter uns quatorze anos de idade, mas nunca deu mostras de fraqueza, nem se enervou durante toda a noite. Com a cabeça baixa, seguia por ali adiante, no passo rápido e unido de Nejd, que era tão confortável para quem montava. A nossa velocidade e as nossas varas de camelo tornavam a vida miserável para os últimos homens e os últimos animais.

Logo depois das nove horas, deixamos o terreno arado. O chão pareceu melhorar; mas começou a chuviscar, e a rica superfície do chão se tornou escorregadia. Um camelo Sirhani caiu. Seu cameleiro pô-lo de novo de pé, num instante, e trotou para a frente. Um animal dos Beni Sakhrs veio abaixo. O cameleiro também saiu ileso, e tornou a montar a toda pressa. Depois, encontramos um dos criados de Ali, de pé, junto do seu camelo parado. Ali silvou para que ele prosseguisse, e quando o rapaz resmungou uma desculpa, Ali vibrou-lhe um violento golpe selvagem à cabeça. O camelo, assustado, atirou-se para a frente, e o escravo, agarrando-se aos arreios traseiros, ainda conseguiu dar impulso ao próprio corpo, saltando para a sela. Ali perseguiu-o com uma chuva de golpes. Mustafá, meu homem, viajante inexperiente, caiu duas vezes. Awad, seu companheiro de fila, apanhou o cabresto do camelo dele, ajudando-o a erguer-se antes que os alcançássemos.

A chuva parou, e nós seguimos mais rapidamente. Agora, íamos colina abaixo. De súbito, Mifleh, erguendo-se na sela, vibrou um golpe no ar, acima da cabeça. Uma aguda pancada metálica, vinda da noite, mostrou que estávamos por baixo da linha telegráfica de Mezerib. Então, o horizonte cinzento pareceu mais

distante. Eu tinha a impressão de que viajávamos na encosta de um arco de terra, com escuridão cada vez mais densa de ambos os lados à frente. Chegou aos nossos ouvidos um fraco suspiro, como de vento entre árvores, longínquo, mas contínuo, e lentamente intensificado. Deveria proceder da grande queda de água abaixo de Tell el Shehab, e apressamos o passo, confiantes.

Poucos minutos mais tarde, Mifleh puxou as rédeas do camelo e bateu-lhe no pescoço, com delicadeza, até que o animal se pôs de joelhos, em silêncio. Saltou da sela, enquanto nós nos pusemos a seu lado, naquela plataforma gramada, perto de um monte de pedras caídas. Adiante de nós, de uma orla de trevas, fez-se ouvir o rumoroso correr do rio que tinha estado, havia muito tempo, a acariciar os nossos ouvidos. Era a garganta do Yarmuk, e a ponte ficava logo abaixo, à direita.

Ajudamos os indianos a descer dos camelos carregados, para que nenhum barulho nos traísse a ouvidos atentos; depois, realizamos uma sessão de conselho, aos sussurros, sobre a erva pegajosa. A lua ainda não estava por cima de Hermon, mas a noite já era apenas meio-escura, na promessa da madrugada, vendo-se farrapos de nuvens andrajosas a passar pela face de um céu lívido. Distribuí os explosivos aos quinze portadores e partimos. Os Beni Sakhrs, ao mando de Adhub, afundaram-se nas encostas escuras, adiante de nós, para inspecionar o caminho. A chuvarada tornara muito traiçoeira a colina íngreme, e só afundando o dedo grande dos pés, dentro da terra, é que conseguíamos solo firme. Dois ou três homens caíram pesadamente.

Quando nos vimos sobre solo mais seguro, onde as rochas surgiam desordenadas da superfície do chão, novo rumor foi acrescentado ao da água rumorejante assim que um trem sacudiu, devagar, vindo da Galiléia; as rodas estridulavam nas curvas e o vapor da locomotiva ofegava, emergindo das profundezas ocultas do barranco, em bufos brancos de fantasmas. Os Serahins deitaram-se atrás. Wood empurrou-os no nosso rastro. Fahad e eu saltamos para a direita e, à luz da labareda da fornalha, vimos vagões abertos nos quais havia homens de cáqui, talvez prisioneiros, a caminho da Ásia Menor.

Fomos um pouco mais adiante; e, por fim, abaixo dos nossos pés, vimos alguma coisa mais negra, na reconcentrada escuridão do vale, e na outra extremidade a mancha de uma luz trêmula. Paramos para examinar, através dos binóculos. Era a ponte, vista da nossa altura em projeção horizontal, com uma tenda de guardas alfinetada no pé do ensombrado paredão do barranco oposto, em cuja crista havia uma aldeia. Tudo era quieto, exceto o rio; tudo era imóvel, exceto a flama dançante de fora da tenda.

Wood, que só deveria descer se eu fosse ferido, dispôs os indianos de maneira que pudessem varrer a tenda da guarda, caso a luta se tornasse geral; Ali, Fahad, Mifleh e o restante, com os Beni Sakhrs, portadores dos explosivos, deslizaram para a frente, até a velha vereda da construção, junto da extremidade mais próxima. Seguimos furtivamente por ela, em fila de um; os albornozes e as roupas imundas confundiam-se perfeitamente com a pedra calcária por cima e com as profundezas por baixo; chegamos aos trilhos precisamente antes do lugar em que se curvavam para entrar na ponte. Ali, o grupo fez alto, e eu engatinhei para a frente com Fahad.

Atingimos o contraforte nu e arrastamo-nos ainda mais para diante, mantendo o rosto na sombra dos trilhos, tanto que quase tocávamos no esqueleto cinzento das longarinas inferiores; vimos a única sentinela apoiada ao outro contraforte, sessenta metros, do outro lado do abismo. Enquanto contemplávamos, a sentinela começou a mover-se lentamente de um lado para outro em frente à sua fogueira, sem sequer pôr um pé na ponte, que dava vertigens. Fiquei a fitar o soldado, embevecido, como se não tivesse planos, nem esperanças; Fahad arrastou-se para trás, para junto da muralha do contraforte, no ponto em que este saía da encosta da colina.

Isto não era de bom aviso, porque eu queria atacar as próprias longarinas; assim, arrastei-me para longe, a fim de cuidar dos portadores de gelatina. Antes que eu os alcançasse, ouviu-se o baque rumoroso de uma carabina caída e de uma confusa queda sobre o barranco. A sentinela alarmou-se e fitou, na direção do rumor. Viu, lá em cima, na zona de luz com que a subida da lua agora tornava linda a garganta, os metralheiros subindo a caminho de nova posição, na sombra que se dissipava. A sentinela chamou alto; depois, ergueu a carabina e atirou, gritando, ao mesmo tempo, pelo resto da guarda.

Em um instante, tudo se tornou confusão absoluta. Os invisíveis Beni Sakhrs, acocorados ao longo da vereda estreita, acima da nossa cabeça, dispararam em resposta, ao acaso. A guarda correu para as trincheiras e abriu fogo cerrado contra os nossos clarões. Os indianos, colhidos em movimento, não podiam pôr suas Vickers em ação a fim de crivar a tenda antes que ela se esvaziasse. A fuzilaria fez-se geral. As rajadas das carabinas turcas, ecoando pelo estreito recinto, foram duplicadas pelo choque das balas contra as rochas, atrás do nosso grupo. Os portadores Serahins haviam aprendido, por instruções da minha escolta, que a gelatina explodiria se fosse atingida. Assim, quando os tiros espocaram ao redor, depositaram os sacos sobre a orla e fugiram. Ali saltou para junto de Fahad e de mim, e assim ficamos despercebidos, na semi-escuridão do

contraforte, mas de mãos vazias; disse-nos que os explosivos se encontravam algures, no leito profundo do barranco.

Era inútil pensar em recuperar as cargas com semelhante inferno; saímos a toda pressa, sem contratempos, pela vereda colina acima, sob o fogo turco, chegando quase que sem respiração ao topo. Ali encontramos Wood, aborrecido, com os seus indianos, e dissemos-lhes que tudo estava acabado. Apressamo-nos para o monte de pedras desmoronadas, onde os Serahins já estavam subindo no dorso dos camelos. Imitamo-los tão depressa quanto possível e trotamos para longe, a toda velocidade, enquanto os turcos continuaram a matracar no fundo do vale. Turra, a aldeia mais próxima, ouviu o clamor e juntou-se a ele. Outras aldeias despertaram e luzes começaram a aparecer por todos os pontos, na planície.

A nossa corrida atingiu um grupo de camponeses que regressava de Deraa. Os Serahins, aborrecidos com o papel que haviam desempenhado (ou com o que eu lhes dissera, no calor da fuga) andavam em busca de complicações, e puseram a saque aquele grupo.

As vítimas saíram correndo à luz da lua, com suas mulheres, emitindo o agudo grito de socorro dos árabes. Remthe ouviu-os. O coro dos gritos alarmou todos os que dormiam na vizinhança. Seus homens montados resolveram atacar o nosso flanco, enquanto os aldeamentos, por quilômetros ao redor, guarneceram os tetos e deflagraram rajadas de tiros.

Abandonamos os agressores Serahins com a sua pilhagem e marchamos à frente, em casmurro silêncio, mantendo-nos reunidos na ordem que era possível; ao mesmo tempo, meus homens treinados realizaram um serviço maravilhoso auxiliando os que caíam, ou pondo à garupa aqueles cujos camelos se feriam a ponto de não poderem galopar. O chão ainda se encontrava lamacento, e os regos arados pareciam mais laboriosos do que nunca; mas, atrás de nós, havia o tumulto, estimulando-nos, a nós e aos nossos camelos, ao emprego máximo das energias, como se a algazarra fosse feita de matilhas a impelir-nos em busca de refúgio nas montanhas. Por fim, entramos nestas, e cortamos a rota por uma estrada melhor, a caminho da paz; não obstante, levamos tão duramente quanto possível os já maltratados animais porque a madrugada estava perto. Gradualmente, os rumores atrás de nós foram morrendo e os últimos homens extraviados chegaram ao lugar marcado, reunidos, como na marcha da vinda, pelo mangual de Ali ibn el Hussein e pelo meu, na retaguarda.

O dia rompeu precisamente quando desembocamos de novo na estrada de ferro, e Wood, Ali e os chefes, indo agora à frente para provar a passagem,

divertiram-se cortando os fios telegráficos em muitos pontos enquanto a procissão passava. Tínhamos atravessado aqueles trilhos, na noite anterior, para fazer saltar a ponte de Tel el Shehab, a fim de separar os turcos de Damasco, e na verdade só estávamos cortando o telégrafo para Medina, depois de todos os nossos sofrimentos e de todos os nossos riscos! Os canhões de Allenby, que ainda sacudiam o ar, longe, à nossa direita, eram amargos assinaladores do fracasso que acabamos de sofrer.

A madrugada cinzenta penetrava com delicadeza em tudo, pressagiando o chuvisco também cinzento que se seguiu, chuvisco tão suave e tão desesperador que parecia zombar dos nossos tropeções, a caminho de Abu Sawana. Ao crepúsculo, chegamos ao longo tanque de água; e ali os remanescentes do nosso grupo se mostraram curiosos a respeito dos pormenores dos nossos equívocos. Estávamos enlouquecidos, todos igualmente enlouquecidos, e por isso a nossa raiva não tinha ao que se apegar. Ahmed e Awad tiveram outra rixa; o jovem Mustafá recusou-se a cozer o arroz; Farraj e Daud bateram-lhe, até que ele chorou. Ali surrou dois dos seus criados; e nenhum de nós, ou deles, se incomodou de maneira alguma. Nosso espírito estava enfermo pelo fracasso, e nosso corpo se sentia cansado depois de quase uma centena e meia de quilômetros desesperados, por cima de regiões irregulares, entre crepúsculo e crepúsculo, sem paradas nem alimento.

CAPÍTULO 77

Alimentar-nos estava para ser a nossa próxima preocupação, e realizamos um conselho, sob a chuva fria, para tratarmos do que se deveria fazer. Em atenção à leveza, trouxéramos de Azrak rações para três dias, o que nos havia satisfeito até aquela noite; mas não podíamos regressar de mãos vazias. Os Beni Sakhrs queriam honras; os Serahins tinham sido infelizes muito recentemente, e clamavam por mais aventuras. Possuíamos, ainda, um saco de reserva, de treze quilos de gelatina, e Ali ibn el Hussein, que ouvira falar das realizações ao sul de Maan, e que era árabe como qualquer árabe, disse: "Vamos fazer saltar um trem." Sua palavra foi saudada com alegria geral, e todos olharam para mim; mas eu não estava em condições de compartilhar suas esperanças de um momento para outro.

Fazer saltar trens era uma ciência exata, quando levada a efeito deliberadamente, por grupo bastante numeroso, com metralhadoras em posição. Ir sem ordem, para semelhante empreendimento, era perigoso. A dificuldade, desta feita, estava em os metralheiros disponíveis serem indianos; embora bons homens quando alimentados, passavam a ser apenas meios-homens no frio e na fome. Eu não me propunha a levá-los dali sem rações para uma aventura que poderia durar uma semana. Não havia crueldade em fazer os árabes sofrer fome; estes não morriam com alguns dias de jejum, e poderiam guerrear igualmente bem com o estômago vazio; se as coisas se tornassem muito difíceis, havia camelos de sela para matar e comer; mas os indianos, embora muçulmanos, recusavam a carne de camelo, por princípio.

Expliquei estas delicadezas de dieta. Ali disse, imediatamente, que haveria o bastante para mim, a fim de fazermos saltar um trem, deixando que ele e os seus árabes fizessem o que lhe fosse possível quanto ao transporte dos destroços sem o apoio de metralhadoras. Como, naquele distrito insuspeito, bem poderíamos ir ao encontro de um trem de víveres, com civis ou apenas uma pequena guarda de

reservistas, concordei em arriscar. Aplaudida a decisão, sentamos no círculo encapado, a fim de se dar cabo do alimento restante numa refeição muito tardia e gelada (a chuva ensopara a lenha, tornando o fogo impossível), com o coração mais ou menos confortado pela oportunidade de outro esforço.

Pela madrugada, com os incapazes de entre os árabes, os indianos tomaram o caminho de Azrak, miseravelmente. Haviam partido terra acima, comigo, na esperança de um empreendimento realmente militar; viram, primeiro, a ponte na escuridão; e agora perdiam este trem em perspectiva. Era duro para eles; e, a fim de suavizar o golpe com qualquer honra, pedi a Wood que os acompanhasse. Este concordou, depois de breve discussão, por causa deles; mas a manobra foi prudente para ele próprio, porque a enfermidade, que começara a molestá-lo, já manifestava os primeiros sintomas da pneumonia.

O restante, cerca de sessenta homens, voltou de novo para a estrada de ferro. Nenhum dos homens conhecia a região, e por isso conduzi-os a Minifir onde, com Zaal, havíamos acampado na primavera. O topo da colina, recurvado, constituía excelente posto de observação, de acampamento, de pastagem e de via de retirada, e ali nos sentamos, no velho lugar, até o crepúsculo, tremendo de frio e contemplando a imensa planície que se estendia como um mapa até os picos coroados de nuvens de Djebel Druse, apresentando Um el Jemal e as suas aldeias irmãs, semelhantes a nódoas de tinta, através da chuva.

Às primeiras trevas descemos, no intuito de colocar a mina. A passagem subterrânea, reconstruída, do quilômetro 172, ainda parecia o ponto mais conveniente. Quando íamos pôr mãos à obra, ouvimos algo ressoar, ao longe; atravessando a escuridão e a neblina, um trem apareceu de súbito, pela curva norte, a apenas duzentos metros de distância. Precipitamo-nos por baixo do longo arco e ouvimos as rodas sobre nossas cabeças. Isto nos aborreceu; mas quando o curso ficou de novo desobstruído, pusemo-nos a enterrar a carga. A noite era amargamente fria, com rajadas de chuva a soprar pelo vale abaixo.

O arco, de alvenaria sólida, tinha quatro metros de abertura e apoiava-se em leito pedregoso, de curso de água, que partia do nosso topo de colina. As chuvas do inverno haviam cavado o sulco, transformando-o em um canal de cerca de um metro de profundidade, estreito e sinuoso, e este nos servia de admirável meio de aproximação até cerca de trezentos metros da linha. Dali, o barranco alargava-se e corria diretamente na direção da passagem subterrânea, aberta à vista de qualquer pessoa que se achasse junto aos trilhos.

Ocultamos com cuidado o explosivo na coroa do arco, situando-o em profundidade maior do que a habitual, por baixo de uma braçadeira, de modo

que as patrulhas não lhe pudessem perceber a maciez gelatinosa sob os pés. Os fios elétricos foram levados para o barranco, e depois para o leito de seixos do curso de água, onde foi fácil ocultá-los; dali, acompanhou-se o mesmo curso de água, até onde os fios atingiram. Infelizmente os cabos tinham apenas sessenta metros de comprimento, pois houvera dificuldades na obtenção de fios isolados no Egito e não fora possível encontrar mais quando a nossa expedição partiu. Sessenta metros eram o suficiente para a ponte, mas pouco para o trem; não obstante, as extremidades coincidiram, por acaso, com uma pequena moita de vinte e cinco centímetros de altura, à margem do curso de água, e ali as enterramos ao lado de um marco muito conveniente. Tornava-se impossível deixá-las juntas no detonador, na devida forma, porquanto o lugar era visível do caminho permanente das patrulhas, quando estas procediam à ronda.

Devido à lama, o trabalho exigiu mais tempo do que o normal, e já estávamos bem perto da madrugada quando o terminamos. Esperei, por baixo do arco batido pelo vento, até que o dia rompeu, molhado e sinistro, e depois inspecionei toda a área de ação, empregando outra meia hora a desfazer os rastros, espalhar folhas e grama seca pela pista e a regar a lama esmagada com a água de uma poça rasa de chuva que havia ali perto. A esta altura, fizeram-me sinal, informando que a patrulha se aproximava e fui para cima, a fim de me unir aos outros.

Antes que eu os alcançasse eles desceram, separando os ramos, aos lugares já preparados e caminharam pelo curso de água e pelos contrafortes, de ambos os lados. Um trem se aproximava, vindo do norte. Hamud, o antigo escravo de Feisal, estava de posse do detonador; mas antes que ele chegasse a mim, um breve comboio de vagões fechados passou, em boa velocidade. As rajadas de chuva na planície e a espessa neblina da manhã ocultaram o trem aos olhos do nosso observador, até que se fez tarde demais. Este segundo fracasso entristeceu-nos ainda mais, e Ali começou a dizer que nada sairia bem naquela expedição. Tal declaração continha perigo, como prelúdio de descoberta de mau-olhado presente; assim, para distrair a atenção, sugeri que se instalassem novos postos de tocaia, ainda mais longe, um nas ruínas ao norte, e outro no grande monte sepulcral de pedras, na crista sul.

Quanto ao resto, não se tendo comida, fingiu-se que não se tinha fome. Todos se alegraram com este jogo, e por algum tempo sentamo-nos, contentes, na chuva, acotovelando-nos uns aos outros para nos aquecermos, por trás do parapeito formado pelos nossos camelos a escorrer água. A umidade fez com que o pêlo dos animais se encrespasse como lã de carneiro, de maneira que eles pareciam extravagantemente desgrenhados. Quando a chuva estiava, o que

acontecia com freqüência, um vento frio e lamurioso varria completamente as nossas partes não protegidas. Após algum tempo, vimos que as nossas roupas não passavam de coisas viscosas e desconfortáveis. Nada tínhamos para comer, nada para fazer, e nenhum lugar para nos sentarmos, com exceção da rocha, da erva molhada, ou da lama. Entretanto, este mau tempo persistente fazia-me pensar, de maneira contínua, que obrigaria a adiar a avançada de Allenby sobre Jerusalém, tolhendo-lhe a melhor oportunidade. Tão enorme desventura para o nosso leão servia de um fraco estímulo para o seu camundongo. Seríamos companheiros no ano seguinte.

Nas melhores circunstâncias, esperar pela ação tornava-se penoso. Naquele dia, foi animalesco. As próprias patrulhas inimigas vagavam por ali, sem cuidados, perfunctoriamente, sob a chuva. Por fim, perto do meio-dia, num lampejo de bom tempo, os observadores do pico sul sacudiram suas capas, nervosamente, assinalando um trem. Corremos para nossas posições num instante, pois tínhamos passado as últimas horas acocorados sobre os calcanhares, num fosso de água corrente, perto da linha, para não perdermos outra oportunidade. Os árabes acorreram aos abrigos, como de dever. Do meu ponto de ação, olhei para trás, para o posto de emboscada, e nada vi além das encostas cinzentas da montanha.

Eu não podia ouvir o trem que vinha, mas confiava; e ajoelhei-me, pronto para agir, durante talvez meia hora; depois, a espera tornou-se intolerável e fiz sinal, indagando o que se passava. Mandaram-me dizer que o trem vinha muito devagar, e que se tratava de comboio enormemente longo. Aguçaram-se os apetites. Quanto mais longo fosse o trem, maior seria a pilhagem. A seguir, veio a comunicação de que havia parado. Tornou a mover-se.

Finalmente, perto de uma hora, ouvi o trem trepidar. A locomotiva estava evidentemente defeituosa (todos aqueles trens alimentados a lenha eram ruins), e a pesada carga, pelo aclive acima, era excessiva para a sua capacidade. Agachei-me por trás da minha moita, enquanto o comboio se arrastava lentamente para dentro do nosso campo visual, passando o corte sul, e depois ao longo do barranco, acima do nível da minha cabeça, a caminho do túnel. Os primeiros dez vagões, abertos, estavam repletos de tropas. Entretanto, mais uma vez, era tarde demais para escolher e assim, quando a locomotiva ficou por inteiro sobre a mina, puxei a manivela do detonador. Nada aconteceu. Manobrei-a para baixo e para cima, quatro vezes.

Ainda nada se passou; e só então percebi que o detonador tinha sido inutilizado e que eu me encontrava de joelhos sobre um barranco nu, tendo um

trem de tropas turcas a arrastar-se a cerca de cinqüenta metros de distância. A moita, que me havia parecido da altura de trinta centímetros, reduziu-se, parecendo-me ainda menor do que uma folha de figueira; e senti-me como sendo o objeto mais visível em toda a região. Por trás de mim, havia um vale aberto de duzentos metros, que dava para o abrigo, onde os meus árabes esperavam e se intrigavam, desejando saber o que se passava comigo. Era impossível atravessá-lo de um salto, pois os turcos desceriam do trem e acabariam conosco. Se eu ficasse quieto, haveria apenas uma esperança de passar despercebido, como se eu fora um beduíno qualquer.

Assim, lá me sentei, dependendo de um fio de vida, enquanto dezoito vagões abertos, três vagões de carga e três cabines de oficiais se arrastaram para diante. O trem trepidou cada vez mais lentamente, e pensei que a todo momento seria possível que parasse. As tropas não notaram muito a minha presença, mas os oficiais se interessaram, e passaram para as pequenas plataformas, à extremidade das suas cabinas, apontando e olhando. Acenei para eles, arreganhando os dentes, todo nervoso, e fingindo-me de improvável pastor de ovelhas nas minhas roupas de Meca, com os cordões dourados e torcidos ao redor da minha cabeça. Talvez as manchas de lama, a umidade e a ignorância deles me dessem um aspecto aceitável. O fim do vagão de freio desapareceu lentamente, no corte norte.

Quando se foi, saltei da moita, enterrei os fios, arranquei o detonador, inutilizado e corri como um coelho, encosta acima, para lugar seguro. Ali, tornei a respirar; olhei para trás e vi que o trem tinha finalmente parado. Esperou, a cerca de quinhentos metros da mina, durante quase uma hora, por novo arremesso de vapor, enquanto uma patrulha de oficiais voltou e passou tudo em revista, com muito cuidado, principalmente no lugar onde eu estivera sentado. Contudo, os fios encontravam-se bem ocultos: nada descobriram; a locomotiva retomou ânimo, e lá se foram.

CAPÍTULO 78

Mifleh estava em lágrimas, pensando que eu tivesse deixado intencionalmente o trem passar; e quando se contou aos Serahins a causa real, estes disseram: "A má sorte está conosco." Historicamente, tinham razão; mas tomaram o fato em conta de profecia, e assim eu fiz referências sarcásticas à sua coragem, junto à ponte, na semana anterior, assegurando que talvez fosse preferência de sua tribo ficar sentada de guarda aos camelos. De repente, houve tumulto; os Serahins atacaram-me furiosamente e os Beni Sakhrs me defenderam. Ali notou a rixa e veio correndo.

Quando percebeu a origem do desatino, o desânimo já estava meio esquecido. Ali apoiou-me nobremente, embora estivesse cansado, roxo de frio e todo a tremer num acesso de febre. Respirando com dificuldade, disse que o ancestral deles todos, o Profeta, havia dado aos xerifes a faculdade da "visão" e que, por esta faculdade, ele percebia que a nossa sorte estava virando. Isto lhes serviu de consolo: a minha primeira prestação de boa sorte veio quando, no molhado, sem outra ferramenta além do punhal, consegui abrir a caixa do detonador, fazendo com que a máquina elétrica funcionasse de novo corretamente.

Regressamos à nossa vigília junto aos fios, mas nada aconteceu, e a noite desceu com mais aguaceiros e mais bestialidade, estando todos cheios de queixas. Não havia trem; o tempo era úmido demais para acendermos fogo de cozinhar; nosso alimento em potencial era o camelo. Carne crua não tentava ninguém, naquela noite; e assim, os nossos animais sobreviveram para o dia seguinte.

Ali deitou-se de bruços, numa posição que aliviava a dor da fome, procurando adormecer a febre. Khazen, criado de Ali, emprestou-lhe o albornoz, como cobertor extra. Por algum tempo, tomei Khazen sob a minha capa, mas logo vi que esta se tornava povoada. Assim, deixei-a nas mãos dele e fui colina abaixo, a fim de estabelecer a conexão do detonador. Depois, passei a noite

naquele ponto, sozinho, junto dos sibilantes fios telegráficos, mal desejando dormir, de tão penoso que se apresentava o frio. Nada ocorreu nas longas horas seguintes, e a madrugada, que rompeu úmida, parecia ainda mais sinistra do que de costume. Agora, sentíamo-nos mortalmente cansados de Minifir, de estradas de ferro, de observação e de destruição de trens. Depois o dia clareou um pouco. Ali levantou-se já bem refeito, e o seu novo estado de espírito nos alegrou. Hamud, o escravo, ofereceu algumas varas que havia mantido por baixo das suas roupas, junto do corpo, a noite toda. Estavam quase secas. Raspamos um pouco de gelatina explosiva e com a sua flama quente armamos a fogueira, enquanto os Sukhurs mataram às pressas um camelo sarnento, o mais poupado dos nossos animais de sela, e começaram, com ferramentas de trincheira, a cortá-lo em postas manuseáveis.

Precisamente neste momento o observador ao norte gritou anunciando um trem. Deixamos o fogo e demos uma corrida de suspender o fôlego, de seiscentos metros, colina abaixo, a caminho da nossa antiga posição. Perto da curva, resfolegando o mais alto possível, apareceu o trem, esplêndida coisa de duas locomotivas com doze vagões de passageiros, rodando à velocidade máxima, no declive favorecedor. Dei contato por baixo da roda dianteira da primeira locomotiva e a explosão foi terrífica. O chão espirrou, em denso jato escuro, contra o meu rosto, e fui arremessado para longe volteando, até cair sentado, com a túnica rasgada à altura dos ombros e o sangue a escorrer de ferimentos longos e desiguais no braço esquerdo. Entre os meus joelhos estava o detonador, esmagado sob uma folha retorcida de ferro fuliginoso. À minha frente, achava-se a metade de um homem, queimada, soltando fumaça para cima. Quando consegui espiar através da poeira e do vapor da explosão, pareceu-me que estava faltando a caldeira toda da primeira locomotiva.

Percebi, estonteado, que era tempo de sair daquele estado para apoiar os outros; mas quando me movi, notei que havia grande dor no meu pé direito, em virtude do que só me foi possível sair coxeando, com a cabeça às voltas pelo choque. O movimento do corpo começava a dissipar o estado de confusão em que me achava, enquanto eu cambaleava a caminho do vale superior, de onde os árabes, agora, faziam fogo nutrido contra os vagões repletos. Aturdido, procurava animar-me, repetindo, em voz alta, em inglês: “Oh, eu desejaria que isto nunca houvesse acontecido.”

Quando o inimigo começou a responder ao nosso fogo, achei-me situado entre os dois. Ali viu-me cair e, pensando que eu estivesse gravemente ferido, correu a mim, com Turki e cerca de vinte homens tomados de entre os seus

criados, mais os Beni Sakhrs, para me auxiliar. Os turcos acertaram a mira e abateram sete deles em poucos segundos. Os outros, correndo, chegaram perto de mim — excelentes modelos, depois de tanta atividade, para um escultor. Suas calças de algodão se repuxavam, em forma de sino, ao redor da cintura e das ancas; seus corpos morenos apresentavam-se destituídos de pêlos; e os turbantes, torcidos, bem apertados, sobre a fronte de cada qual, em longas curvas, imprimiam-lhes o aspecto de bailarinos russos.

Porfiamos até regressarmos de novo ao abrigo, juntos; ali, secretamente, apalpei-me todo, e notei que não tinha sido sequer uma vez realmente atingido; não obstante, além das lesões e dos cortes causados pela chapa da caldeira e de um dedão do pé fraturado, eu trazia cinco sinais diferentes, chamuscados pela passagem de balas junto ao meu corpo (alguns deles dolorosamente profundos); e as minhas roupas se apresentavam reduzidas a pedaços.

Do curso de água podíamos olhar ao redor. A explosão destruíra a boca arqueada do túnel, e a estrutura da primeira locomotiva encontrava-se deitada além dela, no sopé mais próximo do barranco, por cujo flanco havia rolado. A segunda locomotiva se afivelara na entrada do túnel e jazia de través, sobre o tênder arruinado da primeira. A parte inferior estava retorcida. Considerei a ambas fora de qualquer conserto. O segundo tênder desaparecera do lado de lá; e os primeiros três vagões penetraram uns nos outros, reduzindo-se a escombros.

O resto do trem estava todo descarrilado, com os vagões colados, formando toda espécie de ângulos, e zinguezagueando ao longo da linha. Um dos vagões era um salão, ornamentado com bandeiras. Nele havia estado o paxá Mehmed Jemal, comandante do oitavo corpo de exército, acorrendo para defender Jerusalém contra Allenby. Seus cavalos de batalha tinham estado no primeiro vagão; seu automóvel encontrava-se na cauda do trem; e atiramos contra ele. Do seu estado-maior, notamos um gordo eclesiástico, que pensamos fosse Assad Shukair, imã junto do paxá Ahmed Jemal, e notório alcoviteiro pró-turcos. Assim, atiramos contra ele, até que caiu.

Tudo era feito de longas partes côncavas. Víamos que as nossas possibilidades de transportar o saque eram pequenas. Talvez houvesse cerca de quatrocentos homens no comboio e os sobreviventes, agora restabelecidos do espanto, encontravam-se abrigados e atiravam firmemente contra nós. No primeiro momento, o nosso grupo do contraforte do norte fechou a ala e quase ganhou a partida. Mifleh, sobre sua égua, expulsou os oficiais do salão para as moitas mais baixas. Estava excitado em demasia, sem poder parar e atirar e, assim, eles saíram dali incólumes. Os árabes, seguindo Mifleh, começaram a capturar algumas

carabinas e medalhas espalhadas pelo chão, e depois a puxar sacos e caixas dos vagões. Se tivéssemos tido uma metralhadora postada para cobrir o outro lado, de acordo com a minha prática de explosões, nem um turco teria escapado.

Mifleh e Adhub vieram ter conosco na montanha e perguntaram por Fahad. Um dos Serahins contou como ele tinha conduzido a primeira arrancada, enquanto eu me encontrava aturdido ao lado do detonador, morrendo perto de mim. Mostraram-me a sua cartucheira e o seu fuzil, como prova da morte e de que haviam procurado salvá-lo. Adhub não disse palavra, mas saltou para fora do córrego e correu montanha abaixo. Suspendemos a respiração até que os nossos pulmões nos fizeram mal, contemplando-o; mas parecia que os turcos não o viam. Um minuto mais tarde, ele arrastava um corpo para trás do barranco, à esquerda.

Mifleh voltou para a sua égua, montou e levou-a para trás de um contraforte. Juntos, ergueram a inerte figura ao arção da sela e regressaram. Uma bala passara através do rosto de Fahad, arrancando-lhe quatro dentes e acutilando-lhe a língua. Ele caíra sem sentidos, mas voltara a si precisamente antes que Adhub o alcançasse, e já procurava, com as mãos e com os joelhos, cego de sangue, engatinhar para longe dali. Agora, recobrava o ânimo, o bastante para não mais estar a pender da sela. Assim, puseram-no sobre o primeiro camelo que encontraram e deixaram-no ir sem perda de tempo.

Os turcos, vendo-nos tão quietos, começaram a avançar pela encosta. Deixamos que chegassem a meia altura e depois disparamos rajadas que mataram cerca de vinte, e impeliram os outros para trás. O chão, perto do trem, estava juncado de mortos, e os vagões partidos tinham vindo repletos; mas eles lutavam sob as ordens do seu comandante de corpo e, desassombradamente, passaram a abrir caminho em torno dos contrafortes para nos colher de flanco.

Éramos, agora, apenas cerca de quarenta restantes, e obviamente nada de bom podíamos fazer contra eles. Por isto, corremos, por grupos, pelo leito de uma corrente, virando e parando a cada ângulo abrigado a fim de os retardar por meio de tiros ao léu. O pequeno Turki muito se salientou pela presteza e pelo sangue-frio, embora o seu novo mosquetão de cavalaria turca o forçasse a expor a cabeça; recebeu quatro balas no turbante. Ali mostrava-se mal-humorado comigo, por me retirar lentamente. Na realidade, os meus ferimentos me retinham mas, para ocultar-lhe a verdadeira razão, fingi sentir-me muito bem, mostrando-me interessado em observar os turcos. Estas paradas sucessivas, enquanto eu ganhava coragem para nova corrida, mantiveram Ali e Turki muito atrás do restante.

Por fim, atingimos o topo da montanha. Cada homem saltou sobre o camelo mais próximo, pondo-se em fuga a toda velocidade, em direção ao oriente, a caminho do deserto, durante uma hora inteira. Depois, já a salvo, pusemos os animais em ordem. O excelente Rahail, a despeito da excitação geral, havia levado consigo, amarrado à cilha da sua sela, uma enorme anca do camelo sacrificado precisamente quando o trem chegava. Isto nos deu razão para uma parada merecida, oito quilômetros mais adiante, quando um pequeno grupo de quatro camelos apareceu marchando na mesma direção. Era o nosso companheiro, Matar, voltando da sua aldeia natal, para Azrak, com cargas de uvas secas e guloseimas campesinas.

Assim, paramos imediatamente, por baixo de grande rocha, no Wadi Dhuleil, onde havia uma estéril figueira, e cozinhamos a nossa primeira refeição de três dias. Ali, igualmente, aplicamos ataduras a Fahad, que adormecera sob a lassidão do severo ferimento recebido. Adhub, vendo isto, tomou um dos tapetes novos de Matar e estendeu-o sobre a sela do camelo, dobrando-lhe as pontas e cosendo-as, de maneira a formar duas grandes bolsas. Numa destas, pusemos Fahad, ao passo que Adhub passou para a outra, como contrapeso: e o camelo foi levado dali, rumo ao sul, a caminho das tendas da tribo.

Os outros homens feridos foram cuidados ao mesmo tempo. Mifleh reuniu os mais jovens do grupo e fê-los borrifar seus ferimentos com urina, grosseiro anti-séptico. Entrementes, nós todos nos revigoramos. Comprei outro camelo sarnento para termos carne a mais, paguei as recompensas, indenizei os parentes dos mortos e dei prêmios em dinheiro pelas sessenta ou setenta carabinas que havíamos tomado. Tratava-se de pequena pilhagem, mas não devia ser desprezada. Alguns Serahins, que tinham entrado em ação sem armas e que, portanto, só foram capazes de atirar pedras inúteis, agora se encontravam com duas carabinas cada um. No dia seguinte, saímos a caminho de Azrak, onde tivemos grande recepção, e onde alardeamos — Deus nos perdoe — que tínhamos sido vitoriosos.

CAPÍTULO 79

A chuva caía continuamente, e a região estava toda empapada de água. Allenby falhara por causa do tempo, e já não haveria grande avançada naquele ano. Contudo, determinamos manter-nos em Azrak. Em parte, a aldeia seria base de pregação e propaganda, de onde se espalharia o nosso movimento para o norte; em parte, seria centro de informações; em parte, ainda, separaria Nuri Shaalan dos turcos. Nuri Shaalan hesitava em declarar-se, apenas por causa da sua riqueza na Síria e do possível prejuízo para os seus homens de tribo se estes fossem privados do seu mercado natural. Nós, vivendo num dos seus principais feudos, faríamos com que se sentisse envergonhado de se juntar ao inimigo. Azrak manifestava-se favorável a nós, e o velho fortim seria um conveniente quartel-general se o tornássemos habitável, fosse qual fosse a severidade do inverno.

Assim, estabeleci-me na sua torre de entrada, ao sul, e mandei que os meus seis rapazes Hauranis (para os quais o trabalho manual não era desagradável) cobrissem com ramos de árvores, folhas de palmeiras e barro as antigas vigas de pedra rachada, que se apresentavam a descoberto ao céu. Ali instalou-se na torre do canto a sudeste, e mandou consertar-lhe o telhado, fazendo-o mais firme. Os indianos abrigaram contra as intempéries as suas dependências a noroeste. Dispusemos as cargas no chão da torre ocidental, perto do pequeno vão de entrada, por ser lugar melhor e mais seco. Os Biashas preferiram ficar por baixo dos meus aposentos, na porta sul. Bloqueamos esta entrada, transformando-a em pátio. A seguir, abrimos um grande arco, do pátio para o jardim de palmeiras, e construímos uma rampa, para que os nossos camelos pudessem vir para dentro todas as tardes.

Hassan Shah foi nomeado senescal. Como bom muçulmano, seu primeiro cuidado foi dedicado à pequena mesquita, no pátio. A mesquita havia sido meio destelhada, e os árabes haviam encurralado ovelhas dentro dos seus muros. Ele mandou que os seus vinte homens removessem a sujeira e lavassem o piso. A

mesquita, então, tornou-se uma atraente casa de oração. O que havia sido recinto fechado, dedicado apenas a Deus, o Tempo quebrara, abrindo-o para o Evanescente, com os seus ventos murmurantes, as suas chuvas e a sua luz do sol; e isto, introduzindo-se na adoração, ensinou aos adoradores que os dois eram um, que Deus e o Evanescente se confundiam.

O trabalho seguinte do nosso meticuloso Jemadar foi o de conseguir posições para as metralhadoras nas torres superiores, de cujo topo qualquer aproximação ficava à nossa mercê. Depois, situou uma sentinela fixa (um portento, e causa de maravilha, na Arábia) cujo dever capital consistiu em fechar a porta traseira ao cair do sol. A porta não passava de uma pesada laje de basalto armado, de trinta centímetros de espessura, girando sobre gonzos por si própria, encaixada na soleira e no batente. Exigia grande esforço para começar a mover-se, e no fim fechava-se com um choque e um estrondo que faziam tremer a muralha ocidental do velho castelo.

Entrementes, estudávamos o problema do nosso reabastecimento. Akaba ficava muito longe e, no inverno, as estradas para ali seriam difíceis: assim, preparamos uma caravana para irmos a Djebel Druse, terra neutra, a apenas um dia de viagem. Matar foi disto por nós incumbido, levando longa fila de camelos no intuito de trazer grande variedade de mantimentos para o grupo variegado. Além da minha escolta, que aprendera a viver do que conseguisse, tínhamos os indianos, para os quais alimento sem pimenta não era alimento de espécie alguma. Ali ibn el Hussein queria ovelha e manteiga, mais trigo seco para os seus homens e para os Biashas. A seguir, havia os hóspedes e refugiados, que devíamos esperar assim que a notícia da nossa instalação se espalhasse por Damasco. Antes que eles viessem, teríamos alguns dias de repouso, e sentamo-nos para gozar aqueles últimos restos do outono — dias alternados de chuva e de sol. Possuíamos ovelhas e farinha, leito e combustível. A vida, no forte, a não ser pela lama, de mau agouro, corria bastante bem.

Todavia, a tranqüilidade cessou mais cedo do que pensávamos. Wood, que estivera doente por algum tempo, sofreu um acesso agudo de disenteria. Isto nada representava por si mesmo, mas a fraqueza conseqüente poderia pô-lo em perigo quando o inverno se declarasse de maneira rigorosa. Ademais, ele era o engenheiro de base, em Akaba; e, afora o conforto que a sua camaradagem me proporcionava, não havia justificativa para o manter comigo por mais tempo. Assim, formamos um grupo destinado a ir com ele à costa, escolhendo-se, para escolta, Ahmed, Abd el Rahman, Mahmud e Aziz. Estes ficaram de voltar de Akaba com outra caravana de mantimentos, compreendendo particularmente

rações para os indianos. O resto dos meus homens deveria manter-se em gelada ociosidade, contemplando o desenvolvimento da situação.

Aí começou a nossa enchente de visitantes. Durante o dia todo, e todos os dias, vinham eles, em coluna volante de tiros, de roucas aclamações e de tropel de patas de camelo, coisas que constituíam a parada dos beduínos, podendo ser dos Ruallas, dos Sherarats, dos Serahins, dos Serdiyehs, ou dos Beni Sakhrs; ou eram os chefes de grande fama, como ibn Zuhair, ibn Kaebir, Rafa el Khoreisha; ou era algum pequeno pai de família que manifestava a sua veemente boa vontade diante dos olhos claros de Ali ibn Hussein. A seguir, havia selvagem galope de cavalos: drusos, ou camponeses desordenados e mais ou menos guerreiros da planície árabe. Por vezes, tratava-se de caravana cautelosa, conduzida devagar, de camelos montados, dos quais se apeavam, empertigados, políticos ou comerciantes sírios, não afeitos à estrada. Certo dia, chegaram cerca de cem miseráveis armênios, fugindo à fome e ao terror causado pelos turcos. Vinha, a seguir, um grupo de oficiais montados, com uniformes novos em folha; eram desertores árabes dos exércitos turcos, seguidos, uma ou outra vez, de compacta companhia de tropa árabe. Vinham sempre, dia após dia, até que o deserto, que não tinha pista alguma quando chegamos, ficou todo cruzado de estradas cinzentas.

Ali nomeou primeiro um, depois dois, e por fim três mestres-de-cerimônias, que recebiam a maré crescente dos recém-vindos, separavam dos curiosos os adoradores apresentando-os a Ali ou a mim. Todos desejavam ter notícias relativas ao xerife, ao exército árabe e ao exército inglês. Mercadores de Damasco traziam presentes: carne adoçada, sésamo, caramelos, pasta de damasco, nozes, roupas de seda para nós, albornozes de brocado, turbantes, peles de ovelhas, capachos de feltro com cordões coloridos inseridos em arabescos e tapetes persas. Dávamos-lhes, em troca, café e açúcar, arroz e rolos de lençóis de algodão branco; coisas necessárias de que haviam sido privados pela guerra. Todos souberam que em Akaba havia abundância, vindo do outro lado dos mares, de todos os mercados do mundo; e assim a causa árabe, que era a deles por sentimento, por instinto e por inclinação, tornou-se deles também por interesse. Lentamente, o nosso exemplo e a nossa pregação converteram a todos; muito lentamente, por nossa própria vontade, para que se fizessem nossos com mais segurança.

O grande valor da causa de Feisal, neste trabalho pela região norte, era o xerife Ali ibn el Hussein. O lunático competidor dos homens mais selvagens das tribos, nos feitos mais arrojados, agora orientava toda a sua força no sentido de

finalidades maiores. As índoles nele mescladas faziam com que o seu rosto e o seu corpo se tornassem poderosas petições, talvez carnais, exceto no ponto em que passavam a ser transfundidas pelo caráter. Ninguém poderia vê-lo sem ficar com o desejo de vê-lo outra vez; principalmente quando sorria, o que raramente se dava, com a boca e com os olhos ao mesmo tempo. Sua beleza era uma arma consciente. Vestia-se com roupas imaculadas, todo de preto ou todo de branco; e estudava os gestos.

O acaso unira a perfeição física a uma graça incomum, mas estas qualidades eram apenas a expressão exata do seu poder. Integravam a estrutura óbvia da resolução que nunca cedia, que o levaria a preferir ser esquartejado, mas mantendo-se de pé. Seu orgulho se revelava no seu grito de guerra, "Eu sou dos Hariths", o clã de dois mil anos de idade, todo de piratas; os olhos enormes, brancos, com amplas pupilas negras que se moviam lentamente, acentuavam a fria dignidade que compunha a sua estrutura ideal, e a qual ele batalhava para se apegar. Mas, como sempre, o riso borbulhante emanava-se dele, inconscientemente; e o que nele havia de jovem, de rapaz ou de moça, de afogueado ou de endiabrado, repontava da sua noite, como uma aurora.

Contudo, a despeito desta riqueza, havia a depressão constante do seu espírito, a saudade desconhecida que a gente simples e irrequieta alimenta para com o pensamento abstrato, além das possibilidades da sua mente. Sua robustez corporal aumentava de dia para dia, pondo carnes odiosas por cima desta humilde alguma coisa a que ele mais aspirava. Seu júbilo selvagem era apenas sintoma do vão esforço do seu desejo. Aqueles forasteiros que o cercavam sublinhavam o seu alheamento, o seu involuntário alheamento, relativamente aos companheiros. A despeito do seu grande gosto instintivo para a confidência e a companhia, não lhe era possível encontrar íntimos. Contudo, não podia ficar só. Se não tinha hóspedes, Khazen, seu criado, servia-lhe refeições, enquanto Ali e seus escravos comiam juntos à sua volta.

Naquelas noites lentas, sentíamo-nos garantidos contra o mundo. Por uma circunstância: era inverno, e na chuva, na escuridão, poucos homens se aventurariam fosse através do labirinto de lava, fosse através dos pantanais — as duas vias de aproximação da nossa fortaleza; além disso, possuíamos guardas fantasmáticos. Na primeira noite, achávamo-nos sentados, com os Serahins; Hassan Shah havia procedido à ronda, e o café estava sendo moído ao pé do fogo quando se ouviu um longo e estranho lamento vindo das torres externas. Ibn Bani agarrou-se ao meu braço e colou-se a mim, a tremer de medo. Murmurei-lhe: "Que é que se passa?", e ele respondeu, num sussurro, que os cães dos Beni

Hillals, construtores míticos da fortaleza, revistavam as seis torres todas as noites, em busca dos seus donos mortos.

Ficamos a ouvir. Através do batente de basalto negro da janela de Ali, rastejou um zunido, que era o roçar do vento noturno pelas palmeiras secas; zunido intermitente, como de chuva inglesa sobre folhas caídas, mas ainda encaracoladas. Depois, os gritos foram ouvidos de novo, seguidamente, aumentando aos poucos de tom, até que passaram a soluçar ao redor das muralhas, em ondas profundas, para morrer ao longe, abafados e miseráveis. Todas as noites, nestas ocasiões, os nossos homens moíam o café com mais vigor, enquanto os árabes irrompiam em súbitas cantigas, para distraírem os próprios ouvidos da obsessão do mau agouro. Nenhum beduíno seria capaz de permanecer fora, à espera do mistério e, das nossas janelas, não víamos coisa alguma, a não ser, no ar úmido, as gotas de água, que passavam pela radiação das nossas luzes. Assim, aquilo continuou a ser lenda; mas, lobos ou chacais, hienas ou cães rapaces, pela sua ronda fantástica os nossos homens se tornavam mais unidos do que pela necessidade das armas.

À noite, depois de fecharmos a entrada, todos os hóspedes se reuniam, ora no meu quarto, ora no de Ali; café e histórias davam voltas até a hora da última refeição e, depois desta, prosseguiam, até que o sono viesse. Em noites de tempestade, colhíamos lenha e esterco e acendíamos uma enorme fogueira no centro da sala. Ao redor, estendiam-se os tapetes e os alforjes de pele de ovelha; à luz das labaredas, contávamos as nossas batalhas, ou ouvíamos as tradições dos visitantes. As labaredas bailantes impeliam estranhamente as nossas sombras embaraçadas de fumaça para a rude muralha de pedra atrás de nós, contorcendo-as nas concavidades e nas saliências da sua superfície irregular. Quando estas histórias se alongavam por períodos, havia pausas, e o nosso apertado círculo se movia, desajeitadamente, apoiando-se no outro joelho ou no outro cotovelo; enquanto isto, as xícaras de café passavam tinindo ao redor, e um criado abanava, com a capa, a fumaça azul da fogueira, impelindo-a no sentido da abertura e fazendo a cinza brilhante remoinhar e estalidar à passagem do vento. Até que a voz dos contadores de histórias se fizesse ouvir de novo, ficávamos a contar as gotas da chuva que chiavam subitamente, caindo, do teto de traves de pedra, no coração da fogueira.

Por fim, o tempo virou decididamente para a chuva, e ninguém poderia mais aproximar-se de nós. Na solidão, vínhamos a saber da completa desvantagem do encarceramento dentro de tais palácios antigos, sinistros e sem revestimento de argamassa. A chuva gotejava de dentro da espessura das muralhas e se espalhava

nos quartos através das fendas. Construímos jangadas de ramos de palmeiras para nos manter livres do chão alagado, cobrimo-las com capachos de feltro e confundimo-nos todos deitados sobre elas, cobertos por peles de ovelha, tendo outro capacho por cima de nós, como escudo para evitar a penetração da água que tombava. Fazia um frio gelado enquanto ficávamos ali, imóveis, desde a lôbrega luz do dia até a noite; nosso espírito parecia manter-se em suspensão dentro daquelas muralhas maciças, através de cujas seteiras a neblina cortante penetrava como flâmula branca. O passado e o futuro fluíam por cima de nós, como rios sem remoinhos. Sonhávamos viver vida impregnada do espírito do lugar; cercos e festins, incursões, assassínios e serenatas de amor dentro da noite.

Estas evasões do espírito para fora do nosso corpo agrilhoado eram uma contemporização contra cujo enervamento só a mudança do cenário poderia valer. Muito penosamente, arrastei-me para o presente e forcei a consciência a dizer que deveria utilizar-se desta fase de inverno para explorar a região que ficava nas redondezas de Deraa.

Enquanto estava pensando em como poderia viajar, chegou a nós, sem ser anunciado, em certa manhã de chuva, Talal el Hareirhin, xeque de Tafas. Era um famoso fora-da-lei, cuja cabeça se encontrava a prêmio; mas tão grande, que andava por toda parte, como lhe agradava. Em dois anos de selvagerias havia assassinado, de conformidade com os relatórios, cerca de vinte e três turcos. Seus seis sequazes vieram esplendidamente montados, e ele próprio se apresentou como a mais impressionante figura de homem no mais alto estilo do Hauran. Sua capa de pele de ovelha era do mais fino angorá, recoberta de pano fino, verde, de largura dupla, com aplicações de seda e arabescos de alamares. As outras roupas suas eram de seda; e as altas botas, a sela de prata, a espada, o punhal e a carabina harmonizavam-se com a sua reputação.

Avançou, jactancioso, para a nossa fogueira de café, como homem seguro das boas-vindas, e saudou Ali rumorosamente (depois da nossa estada em meio às tribos, todos os camponeses nos pareciam rumorosos), rindo-se, com a boca toda aberta, das condições do tempo, do nosso velho fortim e do inimigo. Parecia ter trinta e cinco anos, era baixo e robusto, de rosto cheio, barba bem tratada e longa, bigodes pontudos. Seus olhos arredondados se tornavam ainda mais redondos, maiores e mais negros, pelo antimônio fartamente aplicado, no estilo citadino. Estava ardorosamente do nosso lado, e nós nos rejubilamos, porquanto o seu nome era daqueles com os quais se poderia conspirar no Hauran. Quando um dia de convivência me tornou seguro a respeito dele, levei-o secretamente para o jardim de palmeiras e revelei-lhe o meu desejo de ver as vizinhanças da sua

região. A idéia agradou-o e ele me acompanhou, durante a marcha, tão completa e tão alegremente como só um sírio, montando bom cavalo, poderia fazê-lo. Halim e Faris, homens especialmente escolhidos, viajaram comigo, como guardas.

Fomos além de Umtaiye, examinando pistas, poços e campos de lava; cruzamos a linha para Sheikh Saad, e dobramos ao sul, para Tafas, onde Talal se encontrava como em casa. No dia seguinte, fomos adiante, até Tell Arar, esplêndida posição vizinha da estrada de ferro de Damasco, dominando Deraa. Depois, cavalgamos por uma região caprichosa e movediça, a caminho de Merzerib, na estrada de ferro da Palestina; aqui também fizemos planos para os tempos próximos; para quando, com homens, dinheiro e canhões, tivéssemos que dar começo ao levante geral, na conquista da inevitável vitória. Talvez a primavera vindoura visse Allenby saltar para a frente.

CAPÍTULO 80

Para se completar esta espionagem da terra côncava do Hauran, era necessário visitar Deraa, sua capital. Isola-la-íamos ao norte, a ocidente e ao sul, destruindo as três estradas de ferro; mas seria mais simples invadir primeiro a junção, e dali partir. Talal, entretanto, não poderia aventurar-se por ali comigo, por ser muito conhecido no lugar. Assim, separamo-nos dele, com muitos agradecimentos de ambas as partes, e seguimos para o sul, ao longo da linha férrea, até perto de Deraa. Ali apeamo-nos. O rapaz, Halim, tomou os cavalos e saiu a caminho de Nisib, ao sul de Deraa. Meu plano era caminhar em torno da estação de estrada de ferro e da cidade, em companhia de Faris, e chegar a Nisib depois do crepúsculo. Faris era o meu melhor companheiro para a excursão, por ser camponês insignificante, suficientemente velho para ser meu pai, e de aspecto respeitável.

A respeitabilidade pareceu relativa quando nos pusemos a caminhar à luz aguada do sol, que começava a substituir a chuva da última noite. O chão era lamacento, nós estávamos descalços e as nossas roupas colantes mostravam as manchas de todo o mau tempo ao qual havíamos estado expostos. Eu ia na vestimenta molhada de Halim, com uma blusa rasgada dos Huranis, e ainda mancava por causa do pé ferido quando fizéramos saltar o trem de Jemal. A pista escorregadia tornava difícil o andar; precisávamos abrir os dedos dos pés bem amplamente e firmar-nos no solo por meio deles: e fazer isto, através de quilômetros após quilômetros, foi coisa requintadamente penosa para mim. Pelo fato de a dor me molestar muito, eu não desejaria insistir sobre os meus sofrimentos oriundos da revolta; contudo, dificilmente se passou um dia, na Arábia, sem qualquer dor física tendente a aumentar o senso corrosivo das minhas decepções acessórias em presença dos árabes, e da legítima fadiga do comando responsável.

Galgamos o barranco recurvado da estrada de ferro da Palestina e aproveitamos as suas vantagens para inspecionar a estação de Deraa; mas o lugar era muito aberto, não admitindo a hipótese de um ataque de surpresa. Resolvemos caminhar para a linha oriental das defesas: assim, perseveramos na tarefa, observando os depósitos alemães, as cercas de arame farpado aqui e acolá, e os rudimentos de trincheiras. Tropas turcas passavam, despreocupadas, por entre as tendas, e as suas latrinas se abriam para o nosso lado.

Ao canto do aeródromo, junto à extremidade sul da estação, resolvi rumar diretamente para a cidade. Havia velhas máquinas de vôo "Albatroz", nos galpões, e homens ociosos ao redor. Um destes, soldado sírio, começou a interrogar-nos a respeito das nossas aldeias, desejando saber se havia muito "governo" onde vivíamos. Era, com toda probabilidade, aspirante a desertor, à cata de refúgio. Por fim separamo-nos dele, e viramos para o outro lado. Alguém chamou, em língua turca. Seguimos para a frente, surdos; mas um sargento veio atrás de nós, tomou-me brutalmente pelo braço, e disse: "O bei deseja falar-lhe." Havia excesso de testemunhas para lutar ou fugir; e cedi prontamente. O sargento não notou a presença de Faris.

Fui conduzido para dentro da alta grade, a um recinto pelo qual se espalhavam muitas choupanas e poucos edifícios. Passamos para um espaço lamacento, além do qual havia uma plataforma de terra, onde se sentava um suarento oficial turco, com uma das pernas por baixo do corpo. Mal olhou para mim quando o sargento me levou à sua presença, fazendo longo relatório em turco. O oficial perguntou o meu nome, eu disse-lhe que era Ahmed ibn Bagr, circassiano de Kuneitra. "Desertor?" "Mas nós, circassianos, não temos serviço militar." Voltou-se, fitou-me longamente e disse, muito devagar: "Você é mentiroso. Arrole-o na sua seção, Hassan Chowish, e faça o que for necessário até que o bei procure por ele."

Levaram-me para a sala da guarda, em grande parte ocupada por arcas de madeira, sobre as quais jazia ou se sentava uma dúzia de homens metidos em uniformes sujos. Tiraram-me a cinta de couro, a faca, fizeram com que me lavasse cuidadosamente e deram-me de comer. Passei um longo dia ali. Não me deixaram sair de maneira alguma, mas procuraram tranqüilizar-me. A vida de soldado não era de todo má. No dia seguinte, talvez, ser-me-ia permitido sair, se eu correspondesse à vontade do bei naquela tarde. O bei parecia ser Nahi, o governador. Se ele estivesse zangado, disseram-me, eu seria enviado, para o treino de infantaria, ao depósito de Baalbek. Procurei manifestar-me como se, para o meu espírito, nada houvesse no mundo pior do que aquilo.

Logo depois do escurecer, três homens vieram ter comigo. Parecia boa oportunidade para fugir, mas um deles me segurou o tempo todo. Maldisse a minha pequenez. A nossa marcha cruzou a estrada de ferro, onde havia seis linhas, além das adjacências da oficina mecânica. Atravessamos um portão lateral, descemos uma rua, passamos por uma praça, chegando a uma casa isolada, de dois andares. Havia uma sentinela na parte de fora, e sombras de outras, em atitude indolente, na entrada escura. Levaram-me escada acima, para a sala do bei; ou, melhor, para o seu quarto de dormir. O bei era outro homem maciço, circassiano talvez, e achava-se sentado sobre a cama, com camisa de dormir, tremendo e suando como que em conseqüência de febre. Quando fui impelido para dentro, ele manteve a cabeça baixa e acenou para que a guarda se retirasse. Em voz apagada, mandou que me sentasse no assoalho, à sua frente, e depois caiu em silêncio; fiquei a olhar para o topo da grande cabeça dele, sobre a qual a cabeleira hirsuta se apresentava de pé, sem ser mais longa do que a barba negra do rosto e do queixo. Por fim, olhou para o meu lado, dizendo-me que me pusesse de pé; depois, que me voltasse. Obedeci; ele atirou-se para trás, sobre a cama, e puxou-me com ele, nos seus braços. Quando percebi o que desejava, contorci-me e pus-me de novo de pé, contente por me sentir igual a ele, pelo menos na violência.

Passou a acariciar-me, dizendo como eu era branco e fresco, como eram delicadas as minhas mãos e finos os meus pés, e como ele me evitaria os exercícios e os deveres militares fazendo-me seu ordenança e até pagando-me ordenado, se eu o amasse.

Obstinei-me e ele mudou de tom, ordenando-me rispidamente que tirasse as calças. Vendo-me hesitar, tentou arrebatar-me; e eu o atirei para trás. Ele bateu palmas, chamando a sentinela, que correu para a sala e me algemou. O bei insultou-me com horríveis ameaças e mandou que o homem que me segurava me tirasse as roupas, pouco a pouco. Seus olhos se concentraram nos pontos meio curados onde as balas haviam passado pela minha pele, pouco tempo antes. Finalmente, pôs-se de pé com dificuldade, tendo certo brilho no olhar, e começou a arranhar-me. Suportei aquilo por algum tempo, até que ele se tornou excessivamente bestial; então, vibrei-lhe um violento golpe de joelho.

Cambaleou na direção da cama, apertando-se e enrodilhando-se sobre si mesmo, a mugir de dor, enquanto o soldado chamou pelo cabo e por outros três soldados, para que me segurassem pelas mãos e pelos pés. Assim que fui reduzido à impotência, o governador ganhou nova coragem, cuspiu-me no corpo, jurando que me faria pedir perdão. Apanhou o chinelo e bateu-me repetidamente com

ele no rosto, enquanto o cabo mantinha, com o braço, a minha cabeça para trás, segurando-me ao mesmo tempo pelos cabelos, para que eu recebesse os golpes. O bei inclinou-se para a frente, firmou os dentes no meu pescoço e mordeu até jorrar sangue. Depois, beijou-me. A seguir, puxou a baioneta de um dos seus homens. Pensei que fosse matar-me, e senti-me triste; mas ele apenas puxou para cima uma prega da minha carne de sobre as costelas, enfiou a ponta da arma na mesma, depois de considerável esforço, e imprimiu meia volta à lâmina. Isto doeu, e eu recuei, enquanto o sangue escorreu pelo meu flanco abaixo e pingou sobre a minha coxa. Ele pareceu satisfeito e espalhou o sangue sobre o meu estômago, com as pontas dos seus dedos.

No desespero, falei. Seu rosto mudou de expressão, e ele ficou quieto; depois controlou a voz com esforço, para dizer, de maneira expressiva: "Deve compreender que eu sei: e será mais cômodo se fizer o que eu quero." Fechei-me em silêncio, e ficamos a fitar um ao outro, ao passo que os homens, que perceberam que existia em mim uma intenção interior além da sua experiência, moveram-se constrangidos. Mas era, evidentemente, um golpe de ensaio, pelo qual o bei não pensava ou não conseguia fazer o que eu receava. Eu não podia confiar mais na minha boca crispada, que sempre falhava nas emergências; assim, impeli para a frente o queixo, que era sinal de "Não" no Oriente; então, ele sentou-se e murmurou ao cabo, ordenou-lhe que me levasse dali e me ensinasse alguma coisa.

Os soldados levaram-me a pontapés ao patamar da escada e estenderam-me sobre o banco da guarda, espancando-me. Dois se ajoelharam às minhas ancas, segurando-se à parte posterior da curva dos joelhos, ao passo que outros dois torceram os meus punhos, até que estes estalassem; depois pisaram-nos, bem como ao meu pescoço, contra a tábua do banco. O cabo correu escada abaixo; e a seguir, voltou, com um chicote de tipo circassiano, esguia língua de couro, negra e maleável, arredondada em todo o comprimento e afinada na base, que tinha a espessura de um polegar até o centro, que estava guarnecido de prata, para acabar em ponta dura, mais fina do que a de um lápis.

Viu-me tremer, em parte, ao que penso, por causa do frio, e fez o chicote silvar ao meu ouvido, dizendo-me, com sarcasmo, que antes do décimo golpe eu gritaria pedindo piedade, e que ao vigésimo imploraria as carícias do bei; e então começou a chicotear-me loucamente, em todas as direções, com toda a força possível; eu cerrei os dentes para suportar aquela coisa que se dobrava como arame incandescente em torno do meu corpo.

Para manter o espírito lúcido, contei os golpes mas, depois de vinte, perdi a conta, e só pude sentir o peso informe do sofrimento, que não procedia de garras estraçalhadoras, para o qual me havia preparado, mas que era causado pela ruptura de todo o meu ser, sob alguma força excessivamente grande, cujas ondas rolavam pela minha espinha acima até atingirem e se encurralarem na base do cérebro, onde se entrechocavam terrivelmente umas contra as outras. Em algum lugar, no recinto, um relógio barato batia ruidosamente, e incomodava-me ver que as chicotadas não coincidiam com o seu ritmo. Torci-me e retorci-me, mas continuei a ser seguro tão inexoravelmente que os meus esforços foram inúteis. Depois que o cabo parou, os homens entraram em ação, muito deliberadamente, vibrando-me outros tantos golpes; a seguir, houve um intervalo, durante o qual eles disputaram a respeito do próximo turno, desafogaram-se e divertiram-se inenarravelmente comigo. Isto se repetiu várias vezes, por tempo que não deve ter sido mais do que dez minutos. Sempre, ao primeiro golpe de cada nova série, minha cabeça era por eles girada para o lado, a fim de que eu visse como uma lista áspera e branca, qual trilho de estrada de ferro, escurecendo-se e tornando-se violeta, marcava a minha pele, e apresentando uma gota de sangue onde duas listas se cruzavam. À medida em que a punição se adiantava, o chicote ia caindo cada vez mais sobre vergões já existentes, mordendo rudemente ou de forma mais lenta, até que a minha carne estremecia de dor acumulada e de terror diante do golpe seguinte que tinha de vir. Eles logo perceberam a minha determinação de não gritar; todavia, enquanto a minha vontade governou os meus lábios, empreguei apenas o idioma árabe e, antes do fim, um piedoso desmaio sufocou as minhas expressões.

Por fim, quando fiquei completamente inutilizado, pareceram satisfeitos. De qualquer modo, encontrei-me fora do banco, deitado de costas sobre o soalho imundo, onde me aconcheguei, tonto, suspirando por um pouco de ar, mas sentindo-me vagamente confortado. Firmei no propósito de conhecer o sofrimento todo, até morrer, sem ser mais ator, e sim espectador do drama; pensei em não me preocupar com a maneira pela qual meu corpo se retorcia ou se lamentava. Contudo, percebia, ou imaginava, o que se passava ao redor de mim.

Lembrei-me do cabo, vibrando-me pontapés, com seus sapatos de pregos, para que eu me pusesse de pé; e isto era verdade, porque, no dia seguinte, o meu flanco direito estava enegrecido e dilacerado, e uma costela dolorida fazia com que cada movimento respiratório me provocasse uma pontada aguda. Lembrei-me de lhe haver sorrido ociosamente, em virtude de delicioso calor, talvez sexual, que perpassava pelo meu corpo; e depois de haver ele balançado o braço,

enganchando-me, com todo o comprimento do chicote, pela virilha. Isto me dobrou sobre mim mesmo, gritando, ou melhor, procurando inutilmente gritar, mas apenas tremendo de boca semi-aberta. Alguém abafou uma risada, divertindo-se. Uma voz gritou: "Vergonha, vocês o mataram." Outra chicotada se seguiu. Um estrondo, e os meus olhos se fizeram negros; enquanto isto, dentro de mim, o âmago da minha vida parecia elevar-se através dos nervos dilacerados, e ser expulso do corpo por este último transe indescritível.

A julgar pelas contusões, talvez me hajam batido ainda mais; mas a seguir, percebi que estava sendo arrastado ao léu por dois homens, cada qual a puxar por uma perna, como para dividir ao meio; entrementes, um terceiro homem cavalgava sobre mim. Era momentaneamente melhor do que novas açoitadas. Depois, Nahi chamou. Borrifaram água no meu rosto, limparam um pouco da imundície e ergueram-me entre eles, vomitando e soluçando piedade; levaram-me para onde Nahi se encontrava deitado; mas ele, agora, me rejeitou, apressado, como se fora minha carne excessivamente dilacerada e sangrenta para o seu leito, maldizendo o excesso de zelo dos homens, que me havia inutilizado; entretanto, não restava dúvida que me haviam batido como de costume, e a falha estava principalmente na minha carne interna, que cedia mais do que a pele dos árabes.

Assim, o desanimado cabo, sendo o mais moço e o de melhor aparência da guarda, teve de ficar no quarto, enquanto os outros me conduziam pela estreita escada abaixo até a rua. O frescor da noite sobre as minhas carnes queimantes, e o imóvel brilho das estrelas, depois do horror da hora passada, fizeram-me chorar de novo. Os soldados, agora livres para falar, advertiram-me que os homens deviam suportar os desejos dos seus oficiais, ou pagar por isso, como eu acabava de fazer, com sofrimento ainda maior.

Levaram-me a um lugar aberto, solitário e escuro, e dali por trás da casa do governo, a um quarto de madeira adjacente, onde havia muitas colchas poeirentas. Apareceu uma camareira armênia para me lavar e me aplicar ataduras, com a pressa de quem tem sono. Depois, todos saíram; o último soldado se demorou a meu lado por um momento, para murmurar, no seu acento druso, que a porta da sala contígua não estava fechada a chave.

Deitei-me ali, tomado de estupor enfermiço, com a cabeça a doer muito, tornando-me lentamente rígido de frio até que a luz da madrugada entrou, brilhando, pelas frestas do alpendre, e que uma locomotiva silvou na estação. Isto e uma sede ressecante me devolveram à vida; então notei que não sofria mais. O sofrimento físico, ainda o mais insignificante, era a minha obsessão e o meu secreto horror, desde criança. Teria sido eu narcotizado por ele, para minha

confusão? Contudo, o primeiro movimento me causou dor; apesar disso, lutei vigorosamente para me pôr de pé e cabeceei, resmungando, a fim de me certificar de que aquilo não era sonho, nem era eu o mesmo de cinco anos atrás, quando tímido recruta em Khalfati onde alguma coisa, menos desonrosa, mas do mesmo tipo, se passara.

A sala contígua era um dispensário. Da sua porta, pendiam roupas de tecido de lã artificial. Vestia-as devagar e desajeitadamente, em virtude de estar com os punhos inchados; e, das drogas, escolhi o sublimado corrosivo, como precaução contra nova captura. A janela dava para um muro longo e branco. Rigidamente, trepei por ele e deixei-me cair do outro lado, na estrada que conduzia à aldeia; passei a pouca de gente já desperta. Ninguém me notou; com efeito, nada havia de peculiar na minha capa escura, nem no fez vermelho, nem nos chinelos; mas foi somente pelo imenso esforço no sentido de manter a língua quieta para mim próprio que me refreei, evitando enlouquecer de terror puro. Deraa apresentara-se inumana de vício e de crueldade, e senti calafrios, como de ducha fria, quando um soldado riu por trás de mim, na rua.

Junto à ponte, ficavam os poços, com homens e mulheres ao redor. Um dos lados estava livre. Tomei um pouco de água com as mãos em concha e esfreguei-a no meu rosto; depois bebi, o que foi precioso para mim; e, a seguir, vaguei ao longo do fundo do vale, rumo ao sul, retirando-me desembaraçadamente para longe da vista. Este vale continha a estrada oculta pela qual a nossa projetada incursão atingiria a cidade de Deraa secretamente, surpreendendo os turcos. Assim, na fuga, resolvi, já tarde demais, o problema que me havia levado a Deraa.

Mais adiante, um Serdi, sobre seu camelo, passou por mim, enquanto eu coxeava pela estrada a caminho de Nisib. Expliquei-lhe que tinha negócios ali e já sentia dores nos pés. Teve piedade e fez-me montar por trás dele, sobre o esquelético animal, do qual pendi durante o resto do caminho, sofrendo sobre a garupa. As tendas da tribo ficavam justamente adiante da aldeia, onde encontrei Faris e Halim, preocupados a meu respeito e curiosos por saber como eu havia escapado ao contratempo. Halim estivera em Deraa, durante a noite, e soubera, pela falta de boatos, que a verdade não tinha sido descoberta. Contei-lhes alegre história de subornos e de artimanhas, que eles prometeram manter em segredo, rindo alto da simplicidade dos turcos.

Durante a noite, procedi de maneira que pudesse ver a grande ponte de pedra perto de Nisib. Não era que a minha vontade mutilada agora se preocupasse quanto à revolta árabe (ou quanto a qualquer coisa que não fosse a sua própria

recomposição); contudo, desde que a guerra vinha sendo mania particularmente minha, pela força do hábito pelejei comigo mesmo para levá-la avante. Mais tarde tomamos cavalos e viajamos suave e cuidadosamente na direção de Azrak, sem incidentes, exceto o de um grupo montado dos Wuld Alis que nos deixou, a nós e aos nossos animais, passar sem sermos saqueados, quando souberam quem éramos. Esta consideração (manifestada de pronto, como se houvéssemos merecido a homenagem dos homens) me amparou momentaneamente, auxiliando-me a suportar a aflição em torno de uma certeza que os dias seguintes confirmaram: a de que, em Deraa, naquela noite, a fortaleza da minha integridade pessoal fora irrevogavelmente arrasada.

CAPÍTULO 81

Xuri, o emir druso de Salkhad, chegou ao nosso velho castelo precisamente antes de mim, na sua primeira visita ao xerife Ali. Contou-nos o resto da história do emir Abd el Kader, o argelino. Depois de retirar-se às escondidas, viajava diretamente para a sua aldeia, onde entrou em triunfo, com a bandeira árabe desfraldada e os seus sete cavaleiros a galopar ao redor, disparando tiros festivos. O povo ficou atônito e o governador turco protestou dizendo que tais feitos constituíam insulto à sua autoridade. Foi apresentado a Abd el Kader, e este, sentado com toda a pompa num divã, fez um discurso bombástico, afirmando que o xerife tomara Djebel Druse por seu intermédio, e que todos os funcionários existentes haviam sido confirmados em seus cargos.

Na manhã seguinte, realizou novo progresso pelo distrito. O paciente governador apresentou nova queixa. O emir Abd el Kader puxou a sua espada mecana com aplicações em ouro e jurou que, com ela, cortaria a cabeça do paxá Jemal. Os drusos reprovaram-no, asseverando que tais coisas não deveriam ser ditas na casa deles, em presença de Sua Excelência o governador. Abd el Kader chamou-os filhos de prostitutas, acidentes de canto de porta, filhos de rameiras, maridos aproveitadores de esposas infiéis e alcoviteiros, atirando estes insultos a quantos se achavam presentes na sala. Os drusos zangaram-se. Abd el Kader saiu furioso da casa e montou de novo, gritando que lhe bastaria bater no chão com o pé para que toda a Djebel Druse se erguesse ao seu lado.

Com os sete criados, correu a esporas cravadas pela estrada que conduzia à estação ferroviária de Deraa, onde entrou como havia entrado em Salkhad. Os turcos, que sabiam de longa data da sua demência, deixaram-no agir. Não acreditaram nem sequer no aviso segundo o qual Ali e eu atentaríamos contra a ponte de Yarmuk naquela noite. Quando, porém, nós o fizemos, tomaram atitude mais austera e enviaram Abd el Kader, sob custódia, para Damasco. O humor brutal de Jemal teve com que se divertir, engrandecendo-o como a um

tonel. Abd el Kader tornou-se gradualmente dócil. Os turcos passaram a utilizar-se dele, novamente, como *agent provocateur* e dissipador da energia gerada pelos sírios nacionalistas locais.

O tempo, agora, apresentava-se pavoroso, com geada, neve e tempestades contínuas; era óbvio que, em Azrak, nada se poderia fazer senão ensinar e pregar durante os próximos meses. Quanto a isto, não me sentia impaciente. Quando necessário, eu dera a minha contribuição de fadigas proselíticas, convertendo os ouvintes tão bem quanto me fora possível fazê-lo; eu tinha consciência, a todo instante, do fato de ser estrangeiro, bem como da incongruência de um forasteiro advogar a liberdade nacional. A guerra, para mim, compreendia a luta em favor de pensamentos marginais, a fim de penetrar na atitude do povo e de o fazer aceitar a revolta de maneira natural e confiante. Precisava persuadir-me a mim próprio de que o governo britânico poderia manter o espírito das suas promessas. Isto se tornava principalmente difícil quando eu me encontrava cansado e enfermo, ou quando a atividade delirante do meu cérebro reduzia a farrapos a minha paciência. E então, à maneira do embotado beduíno, que confiava em mim, aclamando-me *Ya Auruns*, e me expunha as suas necessidades sem cerimônia, estas dóceis gentes de cidade iam-se enlouquecendo à medida que se acotovelavam para obter o favor de uma audiência do seu príncipe, do seu bei, do seu senhor e do seu libertador. Tais dignidades impostas, como couraça de corpo em duelo, eram, sem dúvida, úteis; mas incômodas, e também humilhantes.

Nunca fui orgulhoso; ao contrário, vinha procurando ser acessível a todos, embora me parecesse que muitos dos recebidos se apresentavam para me ver todos os dias. Preguei, assim, tão eloqüentemente quanto me foi possível, dando o exemplo pessoal, pela manutenção da simplicidade do teor de vida. Eu não tinha tendas, nem cozinheiros, nem criados pessoais: possuía apenas uma escolta, que era guerreira, não criada; e contemplava aqueles lojistas bizantinos que tentavam corromper a nossa simplicidade! Assim, afastei-me deles, com raiva, determinado a rumar para o sul e ver se alguma coisa de ativo poderia ser feito, na estação fria do ano, pelos lados do mar Morto, que o inimigo mantinha como trincheira, separando-nos da Palestina.

O meu dinheiro restante foi entregue ao xerife Ali, para seu sustento até a primavera; e os indianos foram recomendados aos seus cuidados. Particularmente, compramo-lhes novos camelos de sela, para o caso em que a necessidade de locomoção surgisse de súbito à sua frente, no inverno; fizemo-lo apesar de as informações diárias da ameaça dos turcos contra Azrak serem sarcasticamente desmentidas pelo jovem Ali. Ele e eu nos despedimos com

expressões afetuosas. Ali deu-me a metade do seu guarda-roupa: blusas, turbantes, cintas e túnicas. Dei-lhe a metade equivalente do meu, e beijamo-nos como Davi e Jônatas, um envergando as roupas do outro. Depois, apenas em companhia de Rahail, sobre os meus dois melhores camelos, partimos para o sul.

Deixamos Azrak certa tarde, marchando na direção de um poente inflamado, enquanto, sobre nossas cabeças, bandos de corvos voavam para o crepúsculo, como farpas separadas de flechas. A viagem foi enfadonha desde a partida. A noite era profunda no Wadi Butum, onde as condições se tornaram ainda piores. Toda a planície estava encharcada, e os pobres camelos escorregavam e caíam vezes seguidas. Nós caímos com a freqüência das quedas dos animais, mas, pelo menos, o nosso papel de ficar sentados e quietos, entre duas quedas, era mais fácil e cômodo do que o papel de movimento deles. Cerca de meia-noite atravessamos o Ghadaf e o terreno pantanoso pareceu excessivamente horrível para prosseguirmos na marcha. Ademais, os maus-tratos recebidos em Deraa me deixaram curiosamente acovardado; meus músculos se apresentavam, de súbito, polpudos, intumescidos, e qualquer esforço me atemorizava de antemão. Assim, paramos.

Dormimos onde nos encontrávamos, na lama; acordamos chapados de barro, pela madrugada; e sorrimos, quebrando o barro do rosto, um para o outro. O vento soprou e o chão começou a secar. Isto era importante, porque eu desejava chegar a Akaba antes que os homens de Wood de lá partissem com a caravana de regresso, e os oito dias transcorridos na partida desta exigiam velocidade. A relutância do meu corpo a marchar duramente era outra (e perversa) razão para forçar o passo. Até o meio-dia, viajamos pouco, porque os camelos ainda afundavam os pés na crosta solta de quartzo, firmando-se na camada inferior de argila vermelha. Depois do meio-dia, em terreno mais alto, viajamos melhor e começamos a nos aproximar bem rapidamente das tendas brancas das alturas, que eram os picos de Thlaithukhwat.

De súbito, ouviram-se tiros a breve distância e quatro homens, vociferando, correram pela encosta abaixo, na nossa direção. Parei o meu camelo, sossegadamente. Observando isto, eles saltaram e aproximaram-se de nós, brandindo as armas. Perguntaram quem eu era, assegurando que eles eram Jazi Howeitats. Tratava-se de uma mentira deslavada, porque as marcas dos seus camelos eram dos Faiz. Tomaram-nos de mira a quatro metros de distância e ordenaram-nos que apeássemos. Ri para eles, o que era boa tática com os beduínos em momentos críticos. Sentiram-se intrigados. Perguntei ao mais fanfarrão se sabia o seu próprio nome. Fitou-me, pensando que eu estivesse

louco. Chegou para mais perto, com o dedo no gatilho, e eu me curvei, para lhe murmurar que o seu nome deveria ser *Teras* porque nenhum outro comerciante poderia ser tão rude. Falando-lhe, apontei contra ele a pistola oculta sob a minha capa.

Era um insulto digno de um tiro, mas ele se sentiu tão atônito, por ver que qualquer pessoa poderia provocar um homem armado, que desistiu, por um momento, da idéia de nos assassinar. Deu um passo para trás e olhou ao redor, com receio de que houvesse reservas em algum lugar que nos inspirassem coragem; imediatamente marchei para diante, com um calafrio subindo pela espinha, e disse a Rahail que me seguisse. Deixaram-no ir também sem lhe causar mal. Quando chegamos a cem metros de distância, os salteadores arrependeram-se e começaram a atirar; mas nós saltamos por cima do córrego, passamos para a depressão seguinte e, ao longo dela, trotamos mais confiantes, a caminho de região mais segura.

Do espinhaço, ao crepúsculo, olhamos para trás por um instante, descortinando a planície norte que se afundava lá adiante, cinzenta; aqui e acolá, porém, brilhavam manchas, ou grandes labaredas de fogo escuro, reflexos do sol moribundo em poças rasas de água de chuva que existiam na chapada. Estas pupilas de sangrenta vermelhidão gotejante eram muito mais visíveis do que a planície, a ponto de fazer com que o nosso olhar penetrasse na bruma; e pareciam estar dependuradas ao céu distante, em posição invertida, como as miragens.

Passamos por Bair bem depois do escurecer, quando apenas os últimos fogos das tendas ainda brilhavam. À medida que marchávamos, víamos as estrelas espelhadas no fundo de um vale e pudemos dar de beber aos camelos ofegantes numa poça de água da chuva do dia anterior. Depois que beberam, deixamo-los livres por meia hora. Esta viagem noturna era dura, tanto para os homens como para os animais. Durante o dia, os camelos enxergavam as irregularidades da pista, e ondulavam sobre elas, e quem os montava podia balançar o corpo para compensar o solavanco de um passo muito longo ou muito breve; mas, durante a noite, tudo era treva, e a marcha atormentáva-nos com sobressaltos. Eu estava com um pesado acesso de febre, o que muito me aborrecia, e assim não dei atenção aos pedidos de Rahail para repousar. Este rapaz nos havia enlouquecido a todos com o seu vigor extravasante e com as suas risadas contra a nossa fraqueza; por causa disto, sentia-me resolvido a fazê-lo viajar além das suas forças, sem conceder mercê. Antes da madrugada, ele já estava resmungando de compaixão de si próprio; mas baixinho, para que eu não o ouvisse.

A madrugada, em Jefer, surgiu imperceptivelmente, através da bruma, como um fantasma de luz de sol que deixava a terra intacta e que se mostrava como clarão trêmulo contra os olhos somente. O topo das coisas parecia diluído contra o horizonte cinzento-pérola, e a base se fundia suavemente com o chão. As nossas sombras não se recortavam; duvidávamos de que aquela mancha desmaiada, no solo, embaixo de nós, fosse projetada pelas nossas figuras. Antes do meio-dia, atingimos o acampamento de Auda; e ali paramos para uma saudação e umas poucas tâmaras de Jauf. Auda não podia fornecer-nos troca de camelos. Montamos de novo, chegando além da estrada de ferro às primeiras horas da noite. Rahail já havia superado a fase de protesto. Marchava a meu lado, com o rosto branco, desamparado e silencioso, e lutava para ombrear comigo, começando até a auferir algum orgulho do próprio sofrimento.

Mesmo que tivéssemos partido em boas condições, e em pé de igualdade, ele tinha, de qualquer forma, a vantagem da robustez sobre mim; e agora encontrava-me quase exausto. Passo a passo, eu ia cedendo a uma dor lenta que conspirava com a minha febre já em declínio e com a entorpecente monotonia da marcha, para embotar a sensibilidade dos meus sentidos. Pareceu-me, por fim, que eu me aproximava da insensibilidade que estivera sempre além do meu alcance, mas que era um mundo de deleite, principalmente para quem, como eu, nascera tão indolente que nada, deste lado do desfalecimento, lhe poderia deixar o espírito livre. Agora, sentia-me como que dividindo-me em partes. Havia alguém, em mim, que continuava a marchar prudentemente, poupando ou auxiliando cada passo do camelo cansado. Havia outro alguém, outro "eu", pairando por cima e para a direita, curiosamente curvado, e que perguntava pelo que a carne estava fazendo. A carne não dava resposta, pois, de fato, ela só tinha consciência do impulso normativo para se manter de pé; mas havia um terceiro "eu", tagarela, que conversava e se maravilhava, criticando o labor que o corpo infligia a si mesmo e reprovando a razão do esforço.

A noite passou com estas conversações íntimas. Meus olhos quase cegos viram a porta da aurora, à frente; era a cabeça da vereda, por baixo da qual aquele outro mundo de Rumm se apresentou, logo a seguir, como um mapa iluminado de sol; e os meus "eus" discutiam, dizendo que a luta poderia ser valiosa, mas que a finalidade era uma loucura, um renascer de atribulações. O corpo perdido continuava afanando-se brutalmente, sem tomar cautela, como seria de dever, porque os "eus" divididos nada diziam que eu não fosse capaz de pensar a sangue-frio; eles todos eram nativos do meu reino. Telesius, submetido a uma experiência do mesmo tipo, estilhaçou a alma. Houvesse ele ido para a frente, até

o limite máximo da exaustão, e teria visto o seu enfatuado regimento de pensamentos, de atos e de sentimentos alinhar-se ao seu redor, em vultos de criaturas separadas, espiando, como abutres, a passagem, no seu círculo, da coisa comum que lhes dava vida.

Rahail fez-me sair desta letargia, sacudindo-me a cabeça e batendo-me, ao mesmo tempo em que gritava que havíamos perdido a direção, e que íamos vagando a caminho das linhas turcas de Aba el Lissan. Ele estava com a razão, e tivemos de proceder a longo corte para trás, a fim de atingirmos Batra, sãos e salvos. Descemos a pé as porções mais íngremes da passagem, e depois cambaleamos ao longo do Wadi Hafira. A meio caminho, um Howeiti, pequeno e valente, talvez com quatorze anos de idade, correu na nossa direção, de dedo no gatilho, ordenando-nos que parássemos e nos explicássemos; coisa que fizemos, rindo. O rapaz ruborizou-se e se desculpou, dizendo que os camelos de seu pai o mantinham sempre no campo, de maneira que não nos havia conhecido de vista, nem por descrições. Suplicou que não o envergonhássemos divulgando o seu erro. O incidente rompeu a tensão entre Rahail e mim; e, tagarelando, marchamos pelo Gaa. Ali, sob as tamargueiras, passamos a hora média do dia dormindo, posto que, pela nossa lentidão na marcha para Batra, já havíamos perdido a possibilidade de chegar a Akaba no prazo de três dias a contar de Azrak. Aceitamos tranqüilamente a quebra do nosso compromisso. A glória de Rumm não permitia que um homem se consumisse em febris lamentações.

Marchamos pelo vale acima, nas primeiras horas da tarde; fomos, agora, mais folgados, trocando gracejos um com o outro, enquanto a longa noite de inverno se aproximava. Quando saímos além de Khazail, na subida, encontramos o sol velado por trás de faixas horizontais de nuvens baixas, a ocidente, e gozamos o rico dilúculo à maneira inglesa. No Itm, a neblina erguia-se delicadamente do solo, reunindo-se em massas algodoadas em cada depressão. Chegamos a Akaba à meia-noite e dormimos fora do acampamento até a hora do almoço, quando visitei Joyce e encontrei a caravana ainda não preparada para partir: de fato, Wood regressara havia apenas poucos dias.

Mais tarde, vieram ordens urgentes para mim, a fim de que me dirigisse sem perda de tempo para a Palestina, por via aérea. Croil me levou em vôo a Suez. Dali fui para o quartel-general de Allenby, além de Gaza. Ele estava tão cheio de vitórias, que o meu breve relatório explicando que tínhamos fracassado na tentativa de destruição de uma ponte de Yarmuk foi suficiente, e que os miseráveis pormenores do desastre puderam ser ocultos.

Enquanto eu ainda me achava com ele, chegou a notícia, mandada por Chetwode, segundo a qual Jerusalém havia caído; e Allenby preparou-se para ali entrar à maneira oficial, que a imaginação católica de Mark Sykes arquitetara. Allenby foi generoso, embora nada eu houvesse feito em prol daquele êxito, permitindo que Clayton me levasse como seu oficial de estado-maior. A guarda pessoal vestiu-me com suas roupas de reserva, até que adquiri o aspecto de um major do exército britânico. Dalmeny emprestou-me seus galões vermelhos, e Evans o seu capacete de cobre; por tal forma tudo se passou, que eu tive a gala correspondente ao meu grau na cerimônia da porta de Jaffa, que, para mim, foi o momento supremo da guerra.

LIVRO VII

A CAMPANHA DO MAR MORTO

CAPÍTULOS 82 A 91

Depois da captura da Jerusalém, Allenby, a fim de aliviar o seu flanco direito, designou-nos um objetivo limitado. Começamos bem; mas quando chegamos ao mar Morto, o mau tempo, o mau humor e a divergência de propósitos enfraqueceram o nosso espírito ofensivo e destruíram a nossa força.

Tive um mal-entendido com Zeid, desisti e regressei à Palestina, comunicando que havíamos fracassado, e solicitando o obséquio de nova ocupação. Allenby encontrava-se na esperançosa azáfama de um grande plano para a primavera. Enviou-me imediatamente de regresso a Feisal, com poderes novos e novos deveres.

CAPÍTULO 82

Ruborizados pelo triunfo — que não era tanto triunfo como homenagem de Allenby ao espírito dominante do lugar — voltamos ao quartel-general de Shea. Os ajudantes agitaram-se ao redor e, de grandes cestos, tiraram o almoço, variado, caprichosamente elaborado e suculento. Sobre nós, espalmou-se um breve lapso de quietude, para ser dissipado por Monsieur Picot, o representante político francês, a quem Allenby permitira que marchasse ao lado de Clayton na entrada, e que disse, na sua voz aflautada: "E amanhã, meu caro general, darei os passos necessários para se estabelecer o governo civil nesta cidade."

Foram as palavras históricas mais audaciosas que se registraram; seguiu-se um silêncio, como quando se abriu o sétimo selo no céu. Salada, maionese de galinha e sanduíches de *foie gras* ficaram intactos em nossas bocas, sem mastigar; voltamo-nos todos para Allenby e espiamos. Até ele pareceu, no momento, perder terreno. Começamos a temer que o ídolo traísse qualquer fraqueza. Mas o seu rosto se avermelhou; engoliu; o queixo pôs-se para a frente (como ele gostava de fazer); e disse, inflexivelmente: "Na zona militar, a única autoridade é a do comandante-em-chefe — eu." "Mas *Sir* Grey, *Sir* Edward Grey...", balbuciou Picot. Foi secamente interrompido. "*Sir* Edward Grey referiu-se ao governo civil que será estabelecido quando eu julgar que a situação militar o permitir." E, de automóvel, de novo, sob um sol de grande reconhecimento, descemos velozmente o flanco da montanha repleto de multidão que aclamava e fomos para o nosso acampamento.

No acampamento, Allenby e Dawnay me informaram que os ingleses tinham marchado e lutado quase que até a paralisação, nas montanhas íngremes e anfractuosas, rasgadas pelas granadas e cravejadas de balas, entre as quais combateram contra os turcos, ao longo de uma linha que ia de Ramleh a Jerusalém. Assim, eles nos pediram para, na trégua, marcharmos em direção ao norte, a caminho do mar Morto, até que, se possível, nos ligássemos à

extremidade sul e restabelecêssemos a continuidade da linha de frente. Por felicidade, isto já havia sido discutido com Feisal, que estava preparando o movimento convergente na direção de Tafileh, seu primeiro passo indispensável.

Era o momento de perguntar a Allenby o que faria a seguir. Pensava que estivesse imobilizado até meados de fevereiro, quando, então, desceria para Jericó. Muito mantimento inimigo estava sendo transportado em batelões pelo mar Morto; e ele me pediu que considerasse a suspensão daquele tráfego, como segundo objetivo, se o esforço na direção de Tafileh prevalecesse.

Eu, esperando aperfeiçoar esta arrancada, respondi que, se os turcos fossem continuamente atiçados juntar-nos-íamos a ele, Allenby, na extremidade norte do mar Morto. Se conseguisse colocar em Jericó as cinqüenta toneladas diárias de víveres, de material de reserva e de munições, necessárias a Feisal, nós abandonaríamos Akaba e transferiríamos o nosso quartel-general para o vale do Jordão. Os regulares árabes, que agora montavam a cerca de três mil, bastariam para tornar razoavelmente segura a nossa posse da margem oriental do rio.

Esta idéia se recomendou por si aos olhos de Allenby e de Dawnay. Quase que nos podiam prometer tais facilidades para quando a estrada de ferro atingisse Jerusalém, algum dia, lá pelos fins de janeiro vindouro. Ficaríamos habilitados a mudar a base dois meses depois de estar a linha férrea em funcionamento.

Esta conversa nos deu o curso claro das operações. Os árabes deveriam atingir o mar Morto tão depressa quanto possível — para suspender o transporte de alimentos até Jericó, antes de meados de fevereiro — e para chegar ao Jordão antes do fim de março. Visto como o primeiro movimento exigiria um mês para ter início e que todos os preparativos estavam para ser feitos, era-me possível tomar férias. Assim, fui para o Cairo e lá fiquei uma semana, fazendo experiências com cabos isolados e com explosivos.

Depois desta semana, pareceu-me acertado regressar a Akaba, onde chegamos no dia de Natal; encontramos Snagge, na qualidade de oficial superior em Akaba, oferecendo um jantar à comunidade britânica. Colocara um biombo na parte traseira da coberta do navio e construíra mesas, que comportaram comodamente os hóspedes e os vinte ou mais convidados. Snagge afigurou-se-nos esplêndido em hospitalidade, no empréstimo do seu médico de bordo, bem como dos seus trabalhadores, e também na alegria. Era o padrinho da base.

Nos primeiros dias da revolta, o *Hardinge* permitira-lhe desempenhar o seu papel de providência para conosco. Certa feita, em Yenbo, Feisal cavalgara, procedente das montanhas, num dia úmido de inverno, chegando molhado, com frio, infeliz e cansado. O capitão Linberry enviou uma lancha para a praia e

convidou-o a ser hóspede do navio, onde ele encontrou, à sua espera, uma cabine bem aquecida, uma refeição pacífica e um banho generoso. Depois, repousou numa cadeira de braços, fumando um dos seus constantes cigarros e disse-me, como quem sonha, que só então ficou sabendo como deveria ser o mobiliário do céu.

Joyce informou-me que as coisas corriam bem. A situação estava sensivelmente alterada, a partir da vitória de Maulud. Os turcos se haviam concentrado em Aba el Lissan. Nós os estávamos desviando por meio de incursões contra a linha que ficava ao sul de Maan. Abdulla e Ali faziam o mesmo perto de Medina; e os turcos, obrigados a vigiar a estrada de ferro, tinham de retirar homens de Aba el Lissan para reforçar as seções fracas.

Maulud reduziu orgulhosamente a pedaços os postos turcos do planalto e começou a saquear as caravanas de víveres que vinham de Maan. Via-se castigado pelo frio intenso, pela chuva e pela neve das alturas. Alguns dos seus homens mal vestidos morreram, de fato, sob as intempéries. Mas os turcos perderam igual soma em homens e muito mais em transportes, porque seus camelos sarnentos sucumbiam rapidamente nas tempestades e na lama. As perdas restringiram-lhes as remessas de mantimentos e importaram em ulteriores retiradas de homens de Aba el Lissan.

Por fim, tornaram-se excessivamente fracos para manter a vasta posição e, em princípios de janeiro, Maulud pôde forçá-los a retirarem-se na direção de Mreigha. Os beduínos surpreenderam os turcos na retirada e destruíram o batalhão da extrema retaguarda. Isto impeliu os restantes precipitadamente para o outro lado, a caminho de Uheida, a apenas nove quilômetros de distância de Maan; e quando fizemos pressão, de maneira ameaçadora, viram-se obrigados a recuar, para Semna, linha avançada de Maan, a cinco quilômetros desta cidade. Assim, a 7 de janeiro, Maulud estava cercando diretamente a posição de Maan.

A prosperidade nos deu dez dias de folga; e como Joyce e eu raramente nos encontrávamos em liberdade juntos, resolvemos celebrar a oportunidade fazendo um passeio, em automóvel, pelas chapadas de lama que conduziam a Modwwara.

Os carros agora se encontravam em Guweira, em acampamento permanente. Gilman e Dowsett, com suas equipagens e cinqüenta soldados egípcios, haviam passado meses no Wadi Itm, construindo, como engenheiros, uma estrada de rodagem através da garganta. Era uma grande obra, e já estava pronta até Guweira. Tomamos os carros Rolls, enchemo-los de pneus de reserva, gasolina e víveres para quatro dias e partimos para a nossa viagem de exploração.

Os chapadões de lama apresentavam-se secos como ossos, e proporcionavam rodagem perfeita. Nossos pneus deixavam apenas um pálido rastro através da superfície de veludo, quando virávamos de um para outro lado, em boa velocidade, naquela espaçosa maciez, roçando por grupos de tamargueiras, ou roncando em linha reta, ao sopé dos grandes penhascos de pedra calcária. Os motoristas rejubilavam-se pela primeira vez em nove meses, e atiravam-se para a frente em corrida louca. O velocímetro marcava cem; não era pouco para carros que haviam estado meses a sulcar desertos com apenas os reparos sumários que os motoristas tinham tempo e ferramentas para lhes proporcionar.

Através do desfiladeiro arenoso que ia da primeira chapada à segunda, construímos uma passagem de toras de madeira. Quando isto ficou pronto, os carros passaram correndo e silvando, com perigosa velocidade, para evitar encalhe, e solavancando por cima dos montículos, de maneira que parecia fatal para as molas. Entretanto, sabíamos ser quase impossível quebrar um Rolls-Royce e, por isso, sentíamo-nos mais tristes pelos motoristas, Tomas, Rolls e Sanderson. Os solavancos faziam-lhes fugir o volante das mãos, deixando-os ofegantes, com as palmas a sangrar, depois da passagem.

Almoçamos e repousamos e, a seguir, outro acesso de velocidade, com loucas diversões de permeio, quando se avistava uma gazela sobre a chapada e dois dos grandes carros guinavam na caça inútil.

Ao fim desta segunda chapada, a Gaa de Disi, percorremos menos de um quilômetro e meio sobre chão irregular para atingir a terceira planície, Abu Sawana, através da qual realizamos uma esplêndida corrida de vinte e cinco quilômetros, por cima de lama seca e de planícies igualmente firmes de quartzo. Dormimos ali, naquela noite fria, sentindo-nos felizes com carne em conserva, chá e biscoitos, com conversas e risadas inglesas ao redor do fogo todo dourado pela chuva de fagulhas que partiam da lenha tosca. Quando estas coisas nos cansaram, houve areia fofa por baixo dos nossos corpos e dois cobertores para que neles nos enrolássemos. Para mim, era como um feriado, sem ter sequer um árabe ali perto, diante do qual eu precisasse desempenhar o meu tedioso papel.

Pela manhã, corremos até perto de Modwwara, encontrando a superfície do solo excelente até a linha de água divisória. Assim, o nosso reconhecimento obteve êxito rápido e cômodo. Voltamos logo para trás, para buscar os carros blindados e empreender ação imediata, com o auxilio da seção de artilharia de montanha armada sobre os Talbots.

Esta seção fora coisa supérflua, que o general Clayton havia visto no Egito e enviado para nós, em momento de inspiração. Seus seis Talbots, especialmente

preparados para trabalho rude, conduziam duas peças de quatro quilos e meio, guarnecidas de artilheiros ingleses. Seria perversidade entregar a bons homens tais armamentos estragados; contudo, o espírito dos artilheiros parecia não estar afetado pela inferioridade das armas. O comandante, Brodie, era um escocês silencioso, nunca muito alegre e nunca muito preocupado; homem que achava ser vergonhoso sentir dificuldades, e que sabia comunicar a própria personalidade aos seus companheiros. Fosse árduo como fosse o trabalho que se lhes desse, eles sempre punham mãos à obra com tão decidida resolução que o que prevalecia era a sua vontade. Em todas as oportunidades e em todas as crises, encontravam-se seguramente nos seus postos no momento devido, suando, mas imperturbáveis, sem nunca proferir uma palavra de explicação ou de queixa.

Oito carros blindados, imponentes, saíram de Guweira no dia seguinte, e atingiram o nosso velho ponto de parada por trás de Modwwara ao cair do sol. Isto era magnífico; e acampamos, no intuito de encontrar passagem para a estrada de ferro na outra manhã. De conformidade com isto, saímos cedo, num carro Rolls, e pesquisamos pelas montanhas, muito sujas e baixas, até a tarde, quando nos vimos situados atrás da última colina, por cima de Tell Shahm, segunda estação ferroviária ao norte, vindo de Modwwara.

Havíamos falado vagamente em minar um trem, mas a região afigurava-se-nos muito aberta e os fortins inimigos numerosos. Em vez disso, resolvemos atacar uma pequena construção entrincheirada, exatamente oposta ao nosso esconderijo. Assim, em hora adiantada do dia do Ano-novo, dia tão frio como um bom dia de verão na Inglaterra, depois de uma agradável refeição, rodamos suavemente por cima das planícies pedregosas, rumo a uma colina de onde se descortinava o posto turco. Joyce e eu saímos de nossos carros e subimos ao cume, para inspecionar.

Joyce estava de serviço, comandando e, pela primeira vez, encontrei-me dentro da luta como espectador. A novidade era agradável. O trabalho com carros blindados parecia guerra de luxo, porque as nossas tropas, encontrando-se protegidas pelo aço, não poderiam chegar a ser atingidas. À vista disso, fizemos daquele um dia de manobra, como os melhores generais regulares, mantendo conferências lacônicas no nosso cume e observando a batalha atentamente, através de binóculos.

A bateria Talbot abriu o fogo, entrando em ação com denodo precisamente por baixo do ponto em que nos encontrávamos; enquanto isso, os três carros blindados rastejaram para os flancos da construção turca, como enormes cães farejando uma trilha. Os soldados inimigos puseram a cabeça para fora, a fim de

espiar, e tudo se mostrava cordial e curioso, até que os carros imprimiram movimento giratório às suas Vickers, começando a salpicar as trincheiras. Os turcos, percebendo que se tratava de um ataque, desceram por trás dos parapeitos e fizeram fogo contra os carros, com fúria. Era tão mortalmente inútil como procurar atingir um rinoceronte com carga de chumbo para passarinhos; depois de breve tempo, eles voltaram a atenção para os canhões de Brodie e semearam o chão de balas, junto deles.

Era óbvio que os inimigos não tencionavam render-se, e também evidente que não dispúnhamos de meios para os compelir a isso. Retiramo-nos, pois, satisfeitos por havermos rondado a linha para baixo e para cima e por ficarmos sabendo que a superfície se apresentava suficientemente dura para operações de carros em boa velocidade. Entretanto, nossos homens andavam em busca de mais coisas e, para alegrá-los, avançamos para o sul, até Shahm, em posição oposta. Ali, Brodie escolheu uma posição de artilharia a dois mil metros e começou a lançar balas após balas, exatamente dentro do pátio da estação ferroviária.

Aborrecendo-se com isto, os turcos correram para o fortim, enquanto os carros blindados introduziam comodamente várias balas pelas portas e pelas janelas da estação. Poderíamos entrar, com toda segurança, se fizéssemos questão de tomar a praça. Chamamos todos de novo e regressamos para o esconderijo das colinas. Toda a nossa preocupação e o nosso pensamento anterior haviam sido atingir a estrada de ferro, através das labirínticas dificuldades de planícies e montanhas. Quando o fizemos, encontravamo-nos completamente desprevenidos para a ação, sem concepção alguma a respeito do que deveria ser a nossa tática ou o nosso método; contudo, muito aprendemos desta perfeita indecisão.

A certeza de que, em um dia de viagem de Guweira, poderíamos operar ao longo da estrada de ferro, significava que o tráfego ficaria à nossa mercê. Todos os turcos da Arábia não podiam combater contra um único carro blindado em terreno aberto. Portanto, a situação de Medina, já por si ruim, tornou-se desesperada. O estado-maior alemão percebeu o fato e, depois da visita de Falkenhayn a Mann, insistiu repetidamente no abandono de tudo que ficasse ao sul desse ponto; mas o velho grupo turco considerava Medina como sendo o último remanescente da sua soberania nos Lugares Santos, do seu direito supérstite sobre o califado. O sentimento impeliu-os a esta decisão, contra a conveniência militar.

Os britânicos pareciam curiosamente compactos ao redor de Medina. Insistiam em que ela deveria ser capturada e derramaram dinheiro e explosivos

nas operações que Ali e Abdulla continuamente empreendiam, partindo da sua base de Yenbo. Quando sugeri o contrário, receberam o meu ponto de vista como se fosse um espirituoso paradoxo. De conformidade com isto, para desculpar a nossa deliberada inatividade ao norte, tivemos de fazer uma demonstração de impotência, o que lhes fez compreender que os árabes eram excessivamente poltrões para cortar a linha perto de Maan e para mantê-la cortada. Esta razão foi grata ao seu senso de adequabilidade, porque os soldados, sempre prontos para julgar mal qualquer ação nativa, aceitaram a inferioridade desta como sendo uma lisonja. Cevamo-nos, pois, com a nossa má reputação, o que era um estratagema pouco generoso, sendo, porém, o mais fácil. O estado-maior ficou sabendo de guerra mais do que eu sabia, a ponto de se recusar a tomar conhecimento, por meu intermédio, das estranhas condições nas quais os irregulares árabes deveriam atuar; e eu não podia perder tempo em instalar um jardim de infância da imaginação para seu benefício.

CAPÍTULO 83

Ao nosso regresso a Akaba, assuntos domésticos ocuparam os dias livres restantes. De minha parte, tratei principalmente da escolta que eu ia formando para proteção particular, à medida que a fama aumentava a minha importância. Na nossa primeira ida pela região acima, depois de Rabegh e Yenbo, os turcos se manifestaram curiosos; mais tarde, mostraram-se aborrecidos; e isto ao ponto de atribuírem aos ingleses a direção e o motivo capital da revolta árabe, tal como nós nos lisonjeávamos atribuindo a eficiência turca à influência alemã.

Entretanto, os turcos o repetiram com tanta freqüência que fizeram disso um artigo de fé, começando a oferecer a recompensa de cem libras esterlinas para cada oficial britânico vivo ou morto. À medida que o tempo passou, não somente aumentaram muito as proporções da minha figura geral, mas também estabeleceram um prêmio especial para a minha cabeça. Depois da captura de Akaba, este preço-prêmio tornou-se respeitável; ao mesmo tempo, depois que fizemos saltar o trem do paxá Jemal, puseram Ali e a mim nos primeiros lugares da lista; vinte mil libras esterlinas, vivos, ou dez mil, mortos.

Como é lógico, a oferta era teórica; não se tinha certeza de que o dinheiro fosse em ouro ou em papel, nem se a soma seria paga afinal. De qualquer maneira, justificava algum cuidado. Comecei a aumentar a minha gente para as proporções de uma tropa, acrescentando-lhe os homens fora-da-lei que encontrava, criaturas cujos atos as haviam posto em complicações. Eu precisava de rudes cavaleiros e de quem suportasse os rigores da vida; de homens orgulhosos de si próprios, e sem família. Por boa sorte, três ou quatro desta espécie se juntaram a mim desde o começo, estabelecendo o tom e o padrão.

Certa tarde, eu estava lendo tranqüilamente, na tenda de Marshall, em Akaba (eu tinha alojamento em companhia de Marshall, nosso médico escocês, todas as vezes que me encontrava no campo de concentração), quando entrou, pisando a areia silenciosa, um Ageyli, magro, escuro e baixo, mas trajado com

suntuosidade. Trazia, ao ombro, o mais rico alforje de Hasa que jamais eu vira. A tapeçaria lanosa de que era feito, de cor verde e escarlate, branca, laranja e azul, tinha borlas urdidas a mão, aos lados, em cinco fileiras; do centro e do fundo pendiam galhardetes de um metro e meio de comprimento, de padrões geométricos, cheios de borlas e de franjas.

Saudando-me respeitosamente, o jovem depôs o alforje sobre o meu tapete, dizendo: "Seu", e desapareceu de súbito, como tinha vindo. No dia seguinte, voltou com uma sela de camelo de igual beleza, tendo as longas pontas de cobre, em suas extremidades, historiadas a buril, em requintada gravação Yemeni de antigo estilo. No terceiro dia, reapareceu de mãos vazias, trajando uma pobre blusa de algodão e encolheu-se, transformando-se como que num monte diante de mim, dizendo que desejava entrar para o meu serviço. Tinha aspecto estranho, sem as roupagens de seda; seu rosto, mordido e retorcido pela varíola e, além disto, sem barba, podia ter todas as idades; entretanto, possuía o corpo elástico de moço, e apresentava alguma coisa da descuidada indomabilidade dos rapazes no andar.

Os longos cabelos negros estavam meticulosamente trançados em três cordões sobre cada face. Seus olhos eram débeis e fechavam-se, de maneira a espiar apenas por uma fresta, entre as pálpebras. Boca sensual, mole, molhada, que lhe dava uma expressão bem-humorada, quase cínica. Perguntei-lhe o nome; respondeu Abdulla, sendo seu sobrenome el Nahabi, ou o bandoleiro; a alcunha, disse-me, era herança do seu respeitável pai. Suas aventuras pessoais haviam sido infrutíferas. Nascera em Boreida e, quando adolescente, sofrera penalidades impostas pelo poder civil, em virtude da sua ausência de sentido religioso. Quando jovem, uma falta de sorte em casa de mulher casada o obrigara a abandonar a cidade natal, a toda pressa, e passar ao serviço de ibn Saud, emir de Nejd.

Neste serviço, suas blasfêmias fizeram jus a chicotadas e a prisões. Conseqüentemente, desertara para o Kuait, onde de novo se apaixonara. Desde que fora posto em liberdade, mudara-se para Hail, arrolando-se entre os partidários de ibn Rashid, o emir. Infelizmente, desagradara-se do seu oficial, a ponto de o agredir, em público, com um bastão de camelo. Os golpes foram devolvidos em regra; e, depois de lenta convalescença na prisão, fora de novo lançado, sem amizades, pelo mundo.

A estrada de ferro do Hedjaz, por aquele tempo, estava sendo construída, e nos seus trabalhos se engajou, à espera de melhor sorte; mas o empreiteiro privou-o do ordenado, por dormir ao meio-dia; retrucou privando o empreiteiro

da cabeça. O governo turco interferiu, e ele achou a vida muito dura na prisão, em Medina. Não obstante, passando através de uma janela, chegou a Meca e, em virtude da sua provada inteireza e da sua habilidade em conduzir camelos, foi nomeado estafeta entre Meca e Jidda. Neste emprego se fixou, deixando de lado as extravagâncias de moço e levando o pai e a mãe para Meca, onde os instalou numa loja para que trabalhassem por ele, com capital fornecido em comissão por mercadores e piratas.

Depois de um ano de prosperidade, caiu numa armadilha, perdendo o camelo e as consignações. A título de compensação pelas perdas, penhoraram-lhe a loja. Da derrocada, salvou o suficiente para se manter como homem em armas, na polícia montada em camelos do xerife. O mérito fê-lo oficial inferior, mas as autoridades prestaram atenção excessiva à sua seção, pelo hábito que ele tinha de lutar a punhal, bem como pela boca sem controle; era um rebento de depravação, que havia comido imundície nos bordéis de todas as capitais da Arábia. Outrora, sua boca se animara com muita freqüência de bom humor, de sarcasmo, de zombaria e de mentira; e, quando foi degradado, atribuiu a queda a um Ateibi ciumento, a quem apunhalou no tribunal diante dos olhos do ultrajado xerife Sharraf.

O senso de decência pública de Sharraf puniu Abdulla com a mais severa das suas punições por azorrague, com o que ele quase morreu. Quando restabelecido, passou para o serviço de Sharraf. Ao tempo da declaração da guerra, tornou-se ordenança de ibn Dakhil, capitão dos Ageyls reunidos a Feisal. Sua reputação cresceu; mas o motim de Wejh transformou Dakhil em embaixador. Abdulla perdeu a camaradagem dos oficiais, e ibn Dakhil deu-lhe boas referências escritas para que passasse a meu serviço.

A carta dizia que, por anos, havia sido fiel, embora desrespeitoso; costume dos filhos da vergonha. Era, porém, o mais experimentado dos Ageyls, tendo servido junto de todos os principais árabes, e sendo despedido de cada emprego, depois de açoitadas e prisões, por ofensas de excessiva gravidade. Ibn Dakhil dizia que Nahabi marchava em primeiro lugar, depois dele, sendo perito absoluto em matéria de camelos, e tão corajoso como qualquer filho de Adão; bravura que punha em prática com facilidade por ser demasiado cego para ver o perigo. Em resumo, tratava-se de um partidário perfeito, e eu o arrolei imediatamente.

Ao meu serviço, apenas uma vez provou a prisão. Foi isto no quartel-general de Allenby, quando um oficial encarregado dos presos veio correndo para dizer que um homem asselvajado, munido de armas, encontrado sentado no limiar da porta do comandante-em-chefe, fora transferido, sem resistência, para o corpo de

guarda, onde estava comendo laranjas como se fora por aposta, proclamando-se meu filho, um dos cães de Feisal. As laranjas começavam a escassear.

Desta forma, Abdulla realizou a sua primeira conversação telefônica. Disse ao A.P.M. que semelhante recurso, o da comunicação por telefone, seria verdadeiro conforto em todas as prisões, e despediu-se cerimoniosamente. Repudiava, de maneira absoluta, o princípio de que se pudesse caminhar pelas redondezas de Ramleh desarmado, e deu-se-lhe então um passe para se legalizar o porte da sua espada, do seu punhal, da sua pistola e da sua carabina. O primeiro emprego que deu ao passe foi o de tornar a visitar o corpo de guarda, levando cigarros para a polícia militar.

Examinava os candidatos ao meu serviço e graças a ele e a Zaagi, outro dos meus comandantes (homem rígido, de talhe normal de oficial), uma esplêndida turma de peritos se formou ao meu redor. Os britânicos, em Akaba, davam-lhes o nome de degoladores; mas degolavam apenas por minha ordem. É provável que, aos olhos de terceiros, constituísse falha o fato de eles não reconhecerem autoridade alguma além da minha. Contudo, quando eu me ausentava, eram gentis para com o major Marshall, e mantinham-no em incompreensíveis conversas a respeito de coisas relativas a camelos — procriação e enfermidades — desde a madrugada até noite alta. Marshall mostrava-se cheio de paciência; e dois ou três deles se sentavam atentamente ao seu lado, logo às primeiras luzes do dia, à espera de poderem continuar a educação de Marshall assim que este despertasse.

Mais de metade (cerca de cinqüenta em noventa) se constituía de Ageyls, os nervosos e flexíveis aldeães de Nejdi, que davam cor pitoresca e faziam paradas no exército de Feisal, e cujos cuidados, para com os camelos de sela, representavam mais do que uma característica das suas atividades. Chamavam os animais pelo nome, à distância de cem metros, e deixavam-nos como guardas das mochilas quando se apeavam. Os Ageyls, sendo mercenários, nada faziam bem-feito senão quando bem pagos e, por serem mal recompensados, caíram em descrédito; não obstante, o esforço individual mais prodigioso da guerra árabe pertencia àquele Ageyli que por duas vezes atravessara a nado o conduto subterrâneo de água que desembocava em Medina, regressando com informações completas sobre a cidade sitiada.

Eu pagava àqueles homens seis libras por mês, soldo corrente para um homem e um camelo, mas montava-os em animais meus, de maneira que o dinheiro era pura renda; isto fazia com que o meu serviço fosse desejado, e punha os espíritos mais audaciosos do acampamento à minha disposição. Em

conseqüência da distribuição das horas e dos trabalhos de cada dia, eu encontrava-me mais ocupado do que nunca; as minhas incursões eram longas, árduas e súbitas. O árabe comum, cujo camelo representava metade da sua riqueza, não podia dar-se ao luxo de maltratá-lo marchando na minha velocidade; de resto, tais incursões eram penosas também para o homem.

Conseqüentemente, eu tinha de levar comigo cameleiros escolhidos, dando-lhes animais meus para que montassem. Comprávamos por preços elevados os camelos mais gordos e mais robustos que se pudessem obter. Escolhíamos pelo critério da velocidade e da força, pouco importando a dureza do passo que teriam sob a sela; com efeito, muitas vezes escolhemos os de passo pesado, por serem os mais resistentes. Eram substituídos ou tinham de repousar no nosso próprio hospital de camelos quando se tornavam magros; e os seus cameleiros eram tratados da mesma forma. Zaagi considerava cada homem pessoalmente responsável pelo estado do seu camelo, bem como pela integridade dos respectivos arreios.

Os rapazes sentiam-se muito orgulhosos por pertencerem à minha escolta, que desenvolvia um profissionalismo quase retumbante. Vestiam-se como um canteiro de tulipas, de todas as cores, menos de branco; porque branca era a minha roupagem constante, e não queriam parecer presunçosos. Em meia hora podiam aprontar-se para uma excursão de seis semanas, sendo este o limite para o qual se podia levar víveres ao arção da sela. Fugiam dos camelos de carga como da desgraça. Podiam viajar dia e noite, ao meu capricho, e era para eles ponto de honra não fazer nunca menção da fadiga. Se qualquer membro novo resmungasse, os outros o reduziam a silêncio, ou mudavam-lhe o motivo das queixas, brutalmente.

Guerreavam como demônios, quando eu queria, e por vezes também quando eu não queria, principalmente com turcos ou forasteiros. A última ofensa, para um homem da minha guarda, era brigar com outro. Sabiam que havia, para isso, recompensas extravagantes e extravagantes penalidades. Faziam alarde, em todo o exército, dos seus sofrimentos e dos seus ganhos. Por esta falta de critério em ambos os sentidos, mantinham-se aptos a qualquer esforço e a todos os riscos.

Abdulla e Zaagi eram seus comandantes, sob minha autoridade, com uma selvageria apenas suavizada pelo direito que cada homem tinha de abandonar o serviço assim que o quisesse. Todavia, só houve uma demissão. Os outros, embora adolescentes e cheios de paixões carnais, sentiam-se tentados por esta vida irregular; bem alimentados, bem treinados e quase ricos, parecia que santificavam o perigo e que se deixavam fascinar pelos sofrimentos. A servidão,

como todos os métodos de conduta, afigurava-se profundamente modificada aos espíritos orientais, pela obsessão da antítese entre a carne e o espírito. Aqueles rapazes auferiam prazer da subordinação; o mesmo se verificava com a degradação do corpo, a tal ponto que davam maior relevo à liberdade de serem iguais em espírito; quase preferiam a servidão, como sendo experiência mais rica do que a autoridade, e menos exigente de cuidados cotidianos.

Conseqüentemente, as relações entre senhor e servo, na Arábia, eram ao mesmo tempo as mais livres e mais opressivas que jamais observei. Os servos tinham medo da espada da justiça, bem como do chicote do administrador, não porque a justiça pudesse pôr termo, arbitrariamente, à sua existência, ou porque o administrador tivesse o direito de lhes imprimir vergões vermelhos de sofrimento aos flancos, mas porque estes eram os símbolos e os meios aos quais se devia a obediência deles. Tinham a alegria da humilhação, da liberdade de consentimento na oferta, ao seu senhor, do último serviço, do último grau da carne e do sangue, porque o espírito deles era igual ao espírito do senhor, e o contrato voluntário. Este engajamento sem peias nem limites excluía a humilhação, a queixa e o lamento.

Nesta ostentação de resistência, desgraçava-se o homem que, em virtude de fraqueza de nervos, ou de escassez de coragem, ficasse aquém da tarefa. O sofrimento representava para eles um solvente moral, um catártico, quase que uma honorificência que devia ser galhardamente ostentada enquanto lhe pudessem sobreviver. O medo, o mais forte motivo da inatividade do homem, dissipava-se aos nossos olhos, porque o amor a uma causa — ou a uma pessoa — tinha sido criado. Diante de semelhante objetivo, as penalidades não entravam em linha de conta e a lealdade se tornava alerta, não apenas obediente. Ao objetivo dedicavam os homens o seu ser e, sob o seu domínio, não tinham espaço para a virtude, nem para o vício. Nutriam alegremente o objetivo com o que eram; davam-lhe a vida; e mais importante ainda, a vida dos companheiros; e afigurava-se muitas vezes mais árduo oferecer isto do que suportar qualquer sacrifício.

Aos nossos olhos cansados, o ideal, mantido em comum, parecia transcender o pessoal, que antes havia sido a nossa medida normal do mundo. Indicava, porventura, este instinto, que aceitávamos com alegria a nossa absorção final em algum padrão, dentro do qual os "eus" discordantes encontravam propósitos criteriosos e inevitáveis? Contudo, esta mesma transcendência em relação à fraqueza individual tornava o ideal transitório. O seu princípio passava a ser a Atividade, qualidade primal, alheia à nossa estrutura atômica, e que só podíamos

simular pelo irrequieto do nosso espírito, nossa alma e nosso corpo, além de todo ponto de limitação de resistência. Assim, a idealidade do ideal sempre se dissipava, deixando os seus adoradores exaustos: e estes passavam a considerar falso o que na véspera haviam almejado.

Todavia, para o momento, os árabes estavam possuídos, e a crueldade da governança correspondia à sua necessidade. Além disso, meus homens eram inimigos de sangue de trinta tribos; bastaria o afrouxamento do meu comando para que fossem capazes de organizar massacres entre oficiais todos os dias. Suas mútuas inimizades os impediam de combinarem-se contra mim: ao passo que a sua variedade me dava partidários e espiões, em qualquer ponto para o qual me dirigisse ou enviasse alguém, entre Akaba e Damasco, entre Beersheba e Bagdá. Ao meu serviço, cerca de sessenta deles morreram.

Com estranha justiça, os acontecimentos me forçaram a viver como a minha escolta, para que me tornasse igualmente forte, igualmente pronto, igualmente desatirado. As diferenças, contra mim, eram graves, e o clima viciava as pedras do dado. No inverno curto, eu superava-os, com os meus aliados que eram a geada e a neve: em tempo de calor, eles é que me superavam. Quanto à resistência, havia menos disparidade. Durante muitos anos, antes da guerra, afizera-me a negligência constante. Aprendera a comer uma só vez; e depois, viver dois, três ou quatro dias sem alimento algum; e depois disto comer demais. Estabeleci a norma de evitar todo método nas refeições; e, pela constância das exceções, habituei-me a não ter hábito de qualquer espécie.

Assim, do ponto de vista orgânico, eu era eficiente no deserto, não sentia fome, nem tinha indigestão e nunca me preocupava com o alimento. Durante a marcha, podia viajar, sem beber, através das distâncias que ficavam entre os poços e, como os árabes, bebia enormemente hoje pela sede de ontem e de amanhã.

Da mesma forma, embora o sono continuasse a ser, para mim, o mais nababesco dos prazeres do mundo, eu o substituía pelo incômodo cabecear sobre a sela, nas marchas noturnas, ou não me recordava dele, através de noites e noites consecutivas e laboriosas sem sofrer excesso de fadiga. Tais liberdades de conduta resultavam de anos e anos de controle (o desprezo do uso pode bem ter sido a lição da nossa virilidade) e adaptavam-se particularmente ao nosso trabalho; — mas, como é lógico, eu as obtive em parte pelo treino, e em parte pela provação, extraindo-as da mistura de vontade e de pobreza, e não sem esforço, como acontecia com os árabes. Em compensação, porém, havia nelas a minha energia de motivos. As vontades deles, menos retesadas, afrouxavam-se antes que a

minha se desembandeirasse e, pelo confronto, faziam-me parecer vigoroso e ativo.

Eu não ousava penetrar nas fontes da minha força de vontade. A concepção antitética do espírito e do corpo, que era a base da auto-renúncia do árabe, não me auxiliava de maneira alguma. Eu conseguia a renúncia (até o ponto em que a conseguia) pelo caminho exatamente oposto, através da minha noção de que o físico e o mental eram um todo inseparável: de que os nossos corpos, o universo, os nossos pensamentos e as nossas percepções, estavam contidos no lado molecular da matéria, e dele se compunham, sendo isto o elemento universal de que a forma decorria, como grumos e modelos de variável densidade. Parecia-me impossível pensar que a reunião pudesse conceber-se, a não ser em termos atômicos. O meu pervertido sentido dos valores constrangia-me a presumir que o abstrato e o concreto, como os símbolos, não denotavam oposições mais sérias do que os termos liberal e conservador.

A prática da nossa revolta fortalecia a atitude niilista existente dentro de mim. Durante a revolta, vimos os homens impelirem-se por si próprios, ou serem arrastados a cruéis extremos de resistência; contudo, nunca houve o menor sinal de aniquilamento físico. Os colapsos surgiam sempre da fraqueza moral, que corroía tudo dentro do corpo; e o corpo, por si, sem traidores internos, não tinha poder algum sobre a vontade. Enquanto marchávamos, sentíamo-nos desmaterializados, inconscientes da carne e dos sentimentos; e quando, nos intervalos, esta excitação se empanava, e passávamos a ver os nossos corpos, era com hostilidade, com emoção de desprezo, que os mesmos corpos atingiam o seu mais alto objetivo, não se fazendo veículos do espírito, mas oferecendo, dissolvidos, os seus elementos para adubar o campo.

CAPÍTULO 84

Longe da linha de fogo, em Akaba, durante esta pausa, víamos o reverso do escudo, a corrupção do nosso entusiasmo, que tornava insatisfatórias as condições morais da base. Rejubilamo-nos quando, por fim, pudemos escapar para as montanhas limpas e frescas ao redor de Guweira. O inverno prematuro nos dava dias quentes e ensolarados, ou dias escuros, cheios de nuvens acumuladas por cima do planalto, a quatorze quilômetros de distância, onde Maulud mantinha a vigilância na bruma e na chuva. As tardes continham precisamente a dose de frio necessária para adicionar um agradável valor à capa espessa e ao fogo.

Esperamos em Guweira pelas notícias da abertura das nossas operações contra Tafileh, grupo de aldeias que dominava a extremidade sul do mar Morto. Planejamos sitiá-lo pelo ocidente, pelo sul e pelo oriente, de uma só vez; o oriente abriria a dança atacando Jurf, estação mais próxima na linha do Hedjaz. A condução deste ataque foi confiada ao xerife Nasir, o Afortunado. Com ele, seguiu Nuri Said, chefe de estado-maior de Jaafar, comandando alguns regulares, um canhão e poucas metralhadoras. Entraram pelo lado de Jefer. Depois de três dias, o posto foi avistado. Como de costume, Nasir dirigiu o arremesso com habilidade e decisão. Jurf, o objetivo, era uma estação sólida, composta de três edifícios de pedra, com obras de proteção externa e trincheiras. Por trás da estação, havia um monte baixo, entrincheirado e emparedado, sobre o qual os turcos colocaram duas metralhadoras e um canhão de montanha. Além do monte, ficava um espinhaço alto e agudo, o último contraforte das colinas que separavam Jefer de Bair.

O ponto fraco da defesa estava neste espinhaço, pois os turcos eram pouco numerosos para manterem tanto o mesmo espinhaço, como o outeiro e a estação, e sua crista dava por cima da estrada de ferro. Nasir, durante a noite, ocupou todo o cume da colina sem causar alarme e depois cortou a linha acima e abaixo da estação. Poucos minutos mais tarde, quando já havia luz de sol para ver, Nuri

Said levou o seu canhão de montanha para a beira do espinhaço; e, com o terceiro disparo feliz, em tiro direto, reduziu ao silêncio o canhão turco, lá de baixo.

Nasir ficou grandemente excitado, os Beni Sakhrs montaram sobre seus camelos, blasfemando que desfeririam a carga sem perda de tempo. Nuri pensou ser isto loucura enquanto as metralhadoras turcas ainda se encontravam em ação, nas trincheiras; mas as suas palavras não produziram efeito nos Bedus. Desesperado, abriu fogo matraqueado, com tudo o que tinha, contra a posição turca, e os Beni Sakhrs fizeram a volta do sopé do outeiro do principal, lançando-se a seguir sobre o grupo de aldeias, como um relâmpago. Quando viram esta horda de camelos correndo contra eles, os turcos atiraram para longe as carabinas e refugiaram-se nos edifícios. Apenas dois árabes foram mortalmente feridos.

Nuri correu para o outeiro. O canhão turco estava intacto; virou-o e descarregou-o tomando de mira o departamento de bilhetes da estação. A turba dos Beni Sakhrs rugiu de alegria, vendo madeira e pedras voando em estilhaços; todos tornaram a montar sobre os camelos e galoparam a caminho da estação precisamente quando o inimigo se rendeu. Cerca de duzentos turcos, incluindo-se oficiais, sobreviveram, como nossos prisioneiros.

Os Bedus tornaram-se ricos: além das armas, contavam-se vinte e cinco mulas, e num desvio, sete vagões de iguarias para a mesa dos oficiais de Medina. Havia coisas de que os homens de tribo só ouviram falar; e coisas de que nem sequer haviam ouvido falar: sentiram-se supremamente felizes. Até os desafortunados regulares receberam o seu quinhão, podendo, mais uma vez, saborear azeitonas, pasta de sésamo, damasco seco e outros produtos doces ou apimentados da sua Síria natal já meio esquecida.

Nuri Said tinha gostos caprichosos, e recolheu latas de carne em conserva e garrafas de licores das mãos dos homens mais ávidos. Havia um vagão inteiro de tabaco. Como os Howeitats não fumavam, o fumo foi dividido entre os Beni Sakhrs e os regulares. Em virtude desta perda, a guarnição de Medina ficou privada de tabaco; mais tarde, suas queixas tristes agiram tanto sobre o espírito de Feisal, fumador inveterado, que este mandou carregar alguns camelos de carga com cigarros baratos e os remeteu a Tebuk, com os seus cumprimentos.

Depois do saque, os engenheiros atearam fogo a cargas de explosivo situadas por baixo das duas locomotivas, contra a torre de água, na bomba e entre as agulhas do desvio. Queimaram os vagões capturados e danificaram uma ponte; mas o fizeram perfunctoriamente porque, como de costume, após a vitória todos

se apresentaram excessivamente carregados ou demasiadamente excitados, sem poderem cuidar de trabalhos altruísticos. Acamparam por trás da estação e, lá pela meia-noite, tiveram um alarme, quando os rumores e as luzes de um trem surgiram do sul e pararam, sem dúvida em conseqüência de pressentimento, por causa do estrago da noite anterior. Auda enviou batedores para tomar informações.

Antes que estes homens voltassem, um sargento, sozinho, caminhou para o acampamento de Nasir, alistando-se como voluntário no exército do xerife. Havia sido enviado pelos turcos para explorar a estação. Disse que se encontravam apenas sessenta homens e um canhão de montanha no trem de reserva e que, se ele voltasse com boas notícias, tudo poderia ser apanhado de surpresa, sem um tiro. Nasir chamou Auda, que chamou os Howeitats, e saíram em silêncio, para preparar a armadilha; mas precisamente antes que chegassem ao seu ponto, os nossos batedores resolveram fazer o possível e, desamparados, abriram fogo contra os vagões. De medo, a locomotiva foi revertida, rolando o trem para trás, de novo a caminho de Maan, sem dano algum. Foi esta a única tristeza de Jurf.

Depois desta incursão, o tempo de novo piorou. Durante três dias consecutivos registaram-se quedas de neve. As forças de Nasir voltaram, com dificuldade, às tendas de Jefer. Aquele planalto perto de Maan ficava entre novecentos e mil e quinhentos metros acima do nível do mar, batido por todos os ventos do norte e de leste. Sopravam da Ásia central, ou do Cáucaso, varrendo terrivelmente o grande deserto, até chegar a estas baixas colinas de Edom, contra as quais a sua primeira fúria se rompia. O excesso de furor lambia a crista e produzia um inverno, bem severo pelo seu grau, lá em baixo, na Judéia e no Sinai.

Fora de Beersheba e de Jerusalém, os britânicos achavam o tempo frio; mas os nossos árabes corriam para ali para se aquecer. Infelizmente, o comando da intendência britânica só tarde demais percebeu que estávamos combatendo em pequenos Alpes. Não nos forneceu tendas sequer para um quarto das tropas, nem roupa, nem botas, nem cobertores em quantidade suficiente para darmos dois a cada homem das guarnições da montanha. Os nossos soldados, quando não desertavam nem morriam, vegetavam na dolorosa miséria que lhes gelava e dissipava a esperança.

De acordo com o nosso plano, o bom êxito de Jurf devia impelir os árabes de Petra, sob o comando do xerife Abd el Mayin, imediatamente, para o cimo das suas montanhas e para dentro da floresta, na direção de Shobek. Foi marcha

insegura, em plena bruma branca, a destes camponeses de pés congelados metidos em peles de ovelha, para cima e para baixo de vales íngremes e de perigosas encostas, de cujos montes de neve acumulados pelo vento os pesados troncos de junípero, avaros de folhas, se projetavam como se fossem fundidos em ferro cinzento. O gelo e o frio derreavam os animais, o mesmo se dando com muitos dos homens; contudo, aqueles arrojados habitantes do planalto, acostumados ao frio excessivo de longos invernos, persistiram na avançada.

Os turcos tiveram notícias deles, à medida que foram chegando mais perto, e fugiram, das cavernas e dos abrigos entre árvores, para o desvio ferroviário militar, semeando os rastros do seu pânico com bagagens e equipamentos jogados fora.

O fim da linha do desvio militar, com seus alpendres temporários, era dominado, do topo de barrancos baixos, pelo fogo de artilharia dos árabes, e não se nos afigurava melhor do que uma ratoeira. Os homens de tribo, em bando, reduziram o inimigo a pedaços, à medida que os turcos foram saindo dos seus muros incendiados e desmoronantes. Uma companhia disciplinada, de tropas regulares inimigas, ao comando de um oficial albanês, abriu caminho na direção da linha principal; mas os árabes mataram ou prenderam os outros e tomaram as mercadorias armazenadas em Shobek, o velho forte de Monreale do tempo dos cruzados, assentado lá no alto sobre um cone calcário, por cima do vale sinuoso. Abd el Mayein instalou ali o seu quartel-general e enviou comunicação a Nasir. Mastur, por sua vez, também recebeu aviso. Arrancou todo o seu exército Motalga do conforto das tendas, nas ensolaradas profundidades da Arábia, e subiu com ele pela passagem de montanha que dava para o oriente, a caminho de Tafileh.

Entretanto, a vantagem foi de Nasir, que saltou em um dia de Jefer e, depois de uma noite de tempestade, apareceu pela madrugada na orla rochosa da colina por trás da qual Tafileh se ocultava, e aconselhou-o a render-se, sob pena de bombardeio: ameaça ociosa, porque Nuri Said, com os canhões, já se havia retirado de novo para Guweira. Havia apenas cento e oitenta turcos na aldeia, mas dispunham de reservas compostas de Muhaisin, clã de camponeses, não tanto pelo amor destes à Turquia quanto pelo fato de Dhiab, o vulgar chefe de outra facção rival, se haver declarado fiel a Feisal. Assim, lançaram contra Nasir uma torrente de balas mal orientadas.

Os Howeitats espalharam-se ao longo dos rochedos para responder ao fogo dos camponeses. Esta maneira de se desenrolarem os acontecimentos desagradou a Auda, o velho leão, que ficou furioso ao ver que uma aldeia de gente

mercenária ousava resistir aos seus senhores seculares, os Abu Tayis. Sacudiu as rédeas, desceu com a mula a trote pela passagem e foi, perfeitamente visto, até as casas mais a oriente da aldeia. Ali puxou as rédeas, acenou com a mão para os camponeses, gritando, na sua voz maravilhosa: "Cães, não conhecem Auda?" Quando eles perceberam que se tratava deste implacável filho da guerra, seus corações estremeceram, e uma hora mais tarde o xerife Nasir, na casa de governo, saboreava chá, com seu hóspede, o governador turco, procurando consolá-lo pela súbita mudança de fortuna.

Ao escurecer, chegou Mastur. Os Motalgas olharam com maus olhos para os seus inimigos de sangue, os Abu Tayis, que se espreguiçavam nas melhores casas. Os dois xerifes dividiram entre si a aldeia, a fim de manterem à parte os respectivos sequazes desgovernados. Ambos tinham pouca autoridade para mediadores porque, com o correr do tempo, Nasir já havia sido quase adotado pelos Abu Tayis, e Mastur pelos Jazis.

Quando despontou o dia seguinte, as facções já estavam altercando; e o dia passou cheio de preocupações; porque, além destes inimigos de sangue, os Muhaisins lutavam para conseguir autoridade no seio dos aldeães, e ulteriores complicações se desenvolveram em dois elementos estranhos: um era a colônia de piratas Senussis, procedentes do norte da África, que haviam sido introduzidos à força pelos turcos em terras de cultivo, ricas, mas meio abandonadas; outro, um subúrbio queixoso e ativo de mil armênios, sobreviventes de uma deportação infame feita pelos jovens-turcos em 1915.

O povo de Tafileh sentiu-se amedrontado quanto ao futuro. Sofríamos, como de costume, de escassez de víveres e de escassez de transportes, e eles não podiam remediar nenhum destes males. Possuíam trigo e cevada em suas despensas; mas esconderam-nos. Possuíam animais de carga, jumentos e mulas, em abundância; mas expulsaram-nos para longe, por medida de segurança. Poderiam expulsar-nos, a nós, também, mas felizmente encontravam-se muito aquém da possibilidade de resistência. A incúria era o mais poderoso aliado da ordem que impúnhamos; porque a governança oriental não repousava tanto no consenso ou na força, como na comum negligência, na comum languidez e no embotamento comum que davam um poder imerecido à minoria.

Feisal havia delegado o comando desta arrancada na direção do mar Morto ao seu jovem meio-irmão Zeid. Era a primeira tarefa de Zeid no norte, e ele se pôs em ação cheio de esperança. Como conselheiro, tinha o paxá Jaafar, nosso general. Sua infantaria, seus artilheiros e metralheiros pararam, por falta de

reabastecimento, em Petra; mas Zeid, pessoalmente, e Jaafar cavalgaram para Tafileh.

As coisas estavam quase no ponto de ruptura. Auda afetava magnanimidade irritante para com os dois jovens Motalgas, Metaab e Annad, filhos de Abtan, que o filho de Auda matara. Os moços, figuras flexíveis, definidas, com plena consciência de si próprios, começaram a falar alto a respeito de vingança — pardais desafiando o gavião. Auda declarou que os chicotearia na praça do mercado se se mostrassem rudes. Isto foi oportuno, mas os companheiros dos Motalgas correspondiam a dois para cada homem de Auda, e teríamos a aldeia em chamas. Os moços, com Rahail, meu espadachim, saíram pavoneando-se por todas as ruas.

Zeid agradeceu, pagou Auda e mandou-o de novo para o seu deserto. Os chefes mais iluminados dos Muhaisins tiveram de marchar como hóspedes forçados para a tenda de Feisal. Dhiab, seu inimigo, era nosso amigo; recordamos, com amargura, o adágio segundo o qual os melhores aliados de um novo regime, violentamente coroado de êxito, não são os seus partidários, mas os seus oposicionistas. Pela abundância de ouro de Zeid, a situação econômica melhorou. Nomeamos um oficial-governador e organizamos as nossas cinco aldeias para o ataque ulterior.

CAPÍTULO 85

Não obstante, estes planos logo se foram por água abaixo. Antes de que se concordasse com eles, fomos surpreendidos por súbita tentativa dos turcos, para deslocar-nos. Nunca havíamos imaginado semelhante coisa, pois parecia fora de discussão o fato de eles esperarem sustentar Tafileh ou desejarem mantê-la. Allenby achava-se precisamente em Jerusalém, e, para os turcos, o êxito da guerra poderia depender da defesa eficiente do Jordão contra ele. A não ser que Jericó tombasse, ou até que caísse, Tafileh seria uma obscura aldeia sem interesse. Nem lhe dávamos valor, como posse; nosso desejo era passar por ela, a caminho do inimigo. Para homens tão criticamente situados como os turcos, desperdiçar ainda que fosse uma única vida, na sua reconquista, seria loucura da mais requintada.

O paxá Hamid Fakhri, comandante da 48ª divisão e do setor de Amã, pensou de maneira diversa, ou recebeu ordens. Reuniu cerca de novecentos homens de infantaria, organizou três batalhões (em janeiro de 1918, um batalhão turco era pobre coisa), cem cavalarianos, dois canhões Howitzers, de montanha, e vinte e sete metralhadoras, remetendo tudo, por estrada de ferro e estrada de rodagem, a Kerak. Ali, requisitou todo o transporte local, nomeou a lista completa dos funcionários civis para dirigir a nova administração de Tafileh, e marchou para o sul, a fim de nos surpreender.

Surpreendeu-nos, de fato. Tivemos as primeiras notícias dele quando os seus batedores a cavalo assaltaram os nossos piquetes do Wadi Hesa, garganta de grande largura, profunda e difícil, que separava Kerak de Tafileh, e Moab de Edom. Ao anoitecer, já havia repelido os nossos piquetes e encontrava-se em marcha sobre nós.

Jaafar esboçara uma posição de defesa, do lado sul do grande barranco de Tafileh; propunha-se, se os turcos atacassem, entregar-lhes a cidade e defender as alturas que a dominavam, pela parte traseira. Isto me pareceu duplamente

falso. As encostas eram monótonas e sua defesa tão difícil como o seu ataque. Podiam ser contornadas pelo oriente; e, abandonando a aldeia, deixaríamos de lado o povo local, cujos votos e cujas mãos passariam para os ocupantes de suas casas.

Entretanto, isto representava a idéia diretriz — tudo quanto Zeid possuía — e assim, lá pela meia-noite, ele deu a ordem e os criados e os adeptos carregaram os seus haveres. Os homens armados encaminharam-se para a crista ao sul, enquanto o comboio de bagagem foi enviado pela estrada baixa a fim de se pôr em segurança. Este movimento originou pânico dentro da cidade. Os camponeses pensaram que estivéssemos fugindo (e penso que estávamos) e correram para salvar seus bens e suas vidas. Fazia um frio rigoroso, e o chão estava coberto de gelo quebradiço e barulhento. Na tumultuosa escuridão, a confusão e a algazarra, pelas vielas estreitas, eram terríveis.

Dhiab, o xeque, contara-nos histórias pungentes sobre a desafeição do povo citadino, no intuito de aumentar o esplendor da sua própria lealdade; mas a minha impressão era a de que o povo se compunha de gente vigorosa, de importante emprego em potencial. Para o provar, sentei-me ao meu telhado, ou passeei no escuro, para cima e para baixo, pelas íngremes alamedas, disfarçado, a fim de que não me reconhecessem, tendo os meus guardas discretamente ao meu redor, ao alcance da voz. Assim, verificamos o que se passava. O povo encontrava-se em verdadeira crise de medo, crise quase perigosa, abusando de todos e de tudo; mas nada havia de favorável aos inimigos. Causava-lhes horror o regresso dos turcos e estavam todos prontos a fazer tudo que se achasse ao alcance de sua capacidade física, para amparar, contra eles, um chefe dotado de intenções combativas. Isto me pareceu satisfatório, pois concordava com o meu desejo de ficar onde estávamos e de lutar bravamente.

Por fim, encontrei-me com os jovens xeques Jazis, Metaab e Annad, belos em suas roupagens de seda e com suas armas de prata; mandei que procurassem o tio, Hamd el Arar. A este, pedi que marchasse para longe, ao norte do barranco, a fim de dizer aos camponeses, os quais, pelos rumores de fuzilaria, ainda combatiam os turcos, que nós nos achávamos a caminho, no intuito de os ajudar. Hamd, cavaleiro melancólico, cortês e denodado, saiu galopando sem perda de tempo, com vinte dos seus parentes, tudo o que pôde reunir no momento da confusão.

A passagem deles em boa velocidade pelas ruas deu o último toque requerido para completar o terror. As donas-de-casa atiraram suas coisas ao léu, pelas portas e pelas janelas, embora nenhum homem ali estivesse para as receber. As

crianças eram pisadas, e choravam, ao passo que as suas mães gritavam de todas as maneiras. Os Motalgas, durante o galope, dispararam tiros após tiros para o ar, no intuito de se encorajarem; e, como que para lhes responder, os clarões das carabinas inimigas se tornaram visíveis, iluminando os rochedos ao norte, na última escuridão do céu antes da madrugada. Subi a pé às alturas opostas, para consultar o xerife Zeid.

Zeid sentava-se gravemente sobre uma rocha, varrendo a região com binóculos de campo, voltados para o inimigo. À medida que a crise se agravava, Zeid tornava-se alheado e negligente. Eu estava em plena raiva furiosa. Os turcos, pelas regras sadias da tática, nunca se teriam aventurado a regressar a Tafileh. Aquilo era simples glutoneria, atitude de cão faminto, indigna de inimigo sério, exatamente da espécie de coisa irremediável que os turcos se haviam habituado a fazer. Como poderiam eles esperar guerra decorosa, se não nos davam oportunidade de os honrar? O nosso moral ia sendo continuamente arruinado pelas suas loucuras, porquanto nem os nossos homens podiam enaltecer-lhes a coragem, nem os nossos oficiais respeitar-lhes a inteligência. Além disto, a manhã era gelada; eu estivera em pé a noite toda, e senti-me suficientemente teutônico para resolver que eles deveriam pagar caro pela mudança das minhas intenções e dos meus planos.

Deveriam ser pouco numerosos, a julgar pela velocidade do avanço. Tínhamos todas as vantagens de tempo, de terreno, de número, de condições atmosféricas, e poderíamos facilmente desbaratá-los, mas, para a minha raiva, isto não bastava. Jogaríamos o próprio jogo deles, na nossa escala de pigmeus; dar-lhes-íamos a batalha campal que desejavam; mata-los-íamos a todos. Eu reevocaria na minha memória as máximas semi-esquecidas do livro do texto militar ortodoxo, parodiando-as na ação.

Era vilania, porque, com a aritmética e a geografia por aliadas, poderíamos poupar o fator sofrimento da humanidade; transformar a vitória em farsa consciente era crueldade. Poderíamos ganhar, recusando a batalha, e preparando armadilhas pela manobra do nosso centro como havíamos feito em vinte ocasiões antes e depois deste episódio; contudo, o mau humor e a presunção se uniram desta vez para me tornarem insatisfeito com o conhecimento do meu poder, mas resolvido a dar demonstração pública dele, ao inimigo e a todos mais. Zeid, agora, convencido da inconveniência da linha de defesa, estava predisposto a ouvir a voz do tentador.

Em primeiro lugar, sugeri que Abdulla fosse à frente com duas metralhadoras Hotchkiss para auscultar a força e a disposição do inimigo. Depois, falamos do

que se seguiria; fizemo-lo de maneira muito útil, porquanto Zeid era um pequeno guerreiro frio e valente, com o temperamento de oficial profissional. Vimos Abdula subir pelo outro barranco. A fuzilaria tornou-se intensa durante algum tempo, e depois se dissipou na distância. A sua chegada estimulou os cavaleiros Motalgas e os aldeães, os quais caíram sobre a cavalaria turca, repelindo-a para além da primeira crista, através de uma planície de três quilômetros de largura, por cima de outra coluna, e pela encosta desta abaixo até o primeiro patamar da grande depressão de Hessa.

Por trás desta depressão encontrava-se o grosso da tropa turca, reunindo-se de novo na estrada, depois da severa noite que as havia enrijecido no lugar. Entraram convenientemente em ação, e Abdulla foi parado de súbito. Ouvimos o rolar distante dos tiros de metralhadora, crescendo até desafogar-se em estouros ligados por explosões de granadas intermitentes. Nossos ouvidos nos diziam o que se estava passando tão bem como se estivéssemos vendo, e as notícias eram excelentes. Eu quis que Zeid marchasse para a frente, de imediato; mas surgiu a sua prudência, e ele insistiu para que esperássemos informação precisa da sua vanguarda, que era Abdulla.

Isto não era necessário, de conformidade com o manual militar, mas eles sabiam que eu era soldado de acaso, e tomavam a liberdade de hesitar em face do meu conselho quando este se lhes afigurava peremptório. Entretanto, eu tomava um pulso que valia por dois, e saí sozinho, para a linha de fogo, a fim de prejulgar a decisão deles. No caminho, vi meus homens da escolta revolvendo as coisas atiradas para remoção às ruas, e encontrando, naquilo, grande interesse para eles próprios. Disse-lhes que recolhessem os nossos camelos e levassem a sua arma Hotchkiss, automática, para a encosta norte da garganta, a toda pressa.

A estrada mergulhava num bosque de figueiras, de ramos nodosos, como serpentes azuladas; estavam nus, como o seriam até muito depois que o resto da natureza se tornasse verde. Depois, a estrada virava para o oriente, serpenteava longamente no vale e subia até a crista. Abandonei-a para subir diretamente pelos rochedos. Uma das vantagens de se andar descalço estava na nova e incrível segurança que se conseguia sobre as rochas, depois que as plantas dos pés se endurecessem em virtude de dolorosa insistência ou ficassem excessivamente geladas para não sentirem as fendas e as queimaduras. O novo caminho, aquecendo-me, por causa do esforço da escalada, também encurtava a distância, fazendo-me ganhar tempo de maneira apreciável; logo no topo, encontrei um trecho plano, e depois uma última coluna, dominando o planalto.

Esta última colina retilínea, ostentando alicerces bizantinos, pareceu-me adequada para uma linha de reserva ou de última defesa de Tafileh. A dizer a verdade, ainda não tínhamos reserva — ninguém tinha a menor noção de quem e do que poderíamos ter, fosse onde fosse — mas, se tivéssemos de contar com alguém, este seria o seu lugar; e precisamente naquele instante se tornaram visíveis os Ageyls e Zeid, procurando ocultar-se, enrodilhados, numa brecha. Para fazê-los sair das tocas, requeriam-se palavras capazes de lhes eriçar os cabelos trançados; mas, por fim, coloquei-os, sentados, ao longo da linha horizontal da Colina de reserva. Eram cerca de vinte e, de longe, pareciam belos, como "pontas" de considerável exército. Dei-lhes o meu sinete como sinal, com ordens para reunir ali todos os que chegassem, e especialmente os meus homens com o seu canhão.

Caminhando para o norte, na direção da batalha, Abdulla encontrou-se comigo, ao ir em busca de Zeid, levando informações. Havia esgotado as suas munições, perdido cinco homens sob o efeito dos obuses, e tivera uma arma automática destruída. Dois canhões, ao que pensava, era o que os turcos possuíam. Sua intenção seria fazer com que Zeid subisse, acompanhado de todos os seus homens, para se bater; nada restava para que eu acrescentasse à sua mensagem; e não havia sutileza alguma em deixar a sós os meus felizes senhores para que assentassem e executassem a própria decisão correta.

Tive tempo bastante para estudar o futuro campo de batalha. A pequena planície tinha a largura de cerca de três quilômetros, limitada por pequenos espinhaços verdejantes, e mais ou menos triangular, tendo a minha colina de reserva por base. Através dela passava a estrada para Kerak, afundando-se no vale de Hesa. Os turcos batalhavam abrindo caminho para esta estrada. A carga de Abdulla resultara na tomada da colina ocidental, ou da esquerda, que era, já então, a nossa linha de fogo.

As balas caíam na planície, enquanto eu a atravessava, tendo ásperos gravetos de absinto a apunhalar-me os pés já feridos. O tiro inimigo era muito longo, de maneira que os obuses roçavam a crista e explodiam longe, atrás de mim. Um caiu perto do ponto em que me encontrava, e li o seu calibre na base ainda quente. À medida que eu marchava, os tiros iam reduzindo o alcance e, quando cheguei à crista, esta se encontrava generosamente estilhaçada pelos *shrapnels*. Obviamente, os turcos tinham observadores em qualquer lugar; olhando ao redor, vi-os subir pelo lado ocidental, além do corte da estrada de Kerak. Logo nos apanhariam de flanco, na extremidade da nossa colina ocidental.

CAPÍTULO 86

"Nós" éramos cerca de sessenta homens agrupados por trás da colina em dois grupos, um perto do sopé, outro junto ao topo. O grupo inferior compunha-se de camponeses, a pé, ofegantes, miseráveis, e contudo constituíam a única coisa ardorosa que eu vira naquele dia. Diziam que suas munições se achavam esgotadas e que tudo estava acabado. Assegurei-lhes que se tratava apenas do começo, e apontei para a minha populosa colina de reserva, dizendo que todas as armas estavam lá, de reforço. Disse-lhes que corressem para trás, que tornassem a encher as cartucheiras e sustentassem a posição. Entrementes, proteger-lhes-íamos a retirada, firmando-nos ali, durante os poucos minutos ainda possíveis.

Os homens correram, animados, e eu passeei entre os componentes do grupo superior, citando autores para mostrar que não se deveria cessar o fogo de uma posição enquanto não se estivesse pronto para atirar da posição seguinte. No comando achava-se o jovem Metaab, reduzido a apenas os seus calções de montar, em virtude da rude tarefa, apresentando as madeixas de través e o rosto sujo e macilento. Estava batendo as mãos e gritava roucamente, vexado ou confuso, porque esperara fazer grandes coisas nesta sua primeira batalha a nosso favor.

A minha presença, no último instante, quando os turcos lhe rompiam a linha, era-lhe amarga; e ele ficou mais zangado ainda quando lhe disse que eu apenas desejava estudar a paisagem. Pensando tratar-se de petulância, resmungou alguma coisa a respeito de um cristão que ia para a batalha sem armas. Repliquei com uma passagem de Clausewitz a propósito de uma retaguarda que preenchia a própria finalidade mais por estar do que por agir; mas ele não estava disposto a rir, e talvez com justiça, pois a pequena colina rochosa, por trás da qual nos abrigávamos, se lascava sob a fuzilaria. Os turcos, sabendo que estávamos ali, dirigiram contra a colina vinte metralhadoras. A elevação tinha um metro de altura e quinze de comprimento, sendo feita de camadas de sílica, contra as quais

as balas ricocheteavam de maneira ensurdecedora; entrementes, o ar, por cima de nós, zunia e silvava com os ricocheteios e os estalos, e seria fatal espiar por cima do parapeito. Era claro que deveríamos sair logo dali e, como eu não tinha cavalo, parti em primeiro lugar, com a promessa de Metaab de que esperaria onde se encontrava, se o ousasse, durante mais dez minutos.

A corrida aqueceu-me. Fui contando os passos, para calcular o tiro contra os turcos, quando eles nos deslocassem e ocupassem aquela posição; só havia aquela posição para eles, pois a região era pobremente protegida do lado sul. Abandonando este espinhaço sustentado pelos Motalgas, ganharíamos, provavelmente, a batalha. Os cavalarianos sustentaram o fogo durante quase os dez minutos, e depois saíram a galope, sem perdas. Metaab ofereceu-me, de passagem, o seu estribo, levando-me consigo até que nos vimos ofegantes em meio aos Ageyls. Era exatamente meio-dia, e tínhamos tempo e tranqüilidade para pensar.

A nossa nova barreira ficava a cerca de doze metros de altura, e tinha forma adequada para a defesa. Possuíamos oitenta homens nela, e outros mais chegavam constantemente. Meus guardas achavam-se a postos, com suas metralhadoras; Lutfi, um destruidor de locomotivas, acorreu apressadamente com as suas duas armas, e, depois dele, surgiram outros cem Ageyls. O caso se transformava em convescote e, à força de dizermos "excelente" e de nos mostrarmos jubilantes, intrigamos os homens e os fizemos considerar desapaixonadamente a posição. As armas automáticas foram postadas no topo da crista, com ordens para disparar tiros ocasionais, de breve duração, no intuito de incomodar um pouco os turcos, mas não muito, de acordo com o expediente de Massena, atrasando o desenvolvimento inimigo. Aliás, sucedeu um momento de calma; deitei-me em lugar abrigado, que recebia algum sol e nenhum vento, e dormi uma hora abençoada, enquanto os turcos ocuparam a antiga colina, estendendo-se por cima dele como um grupo de gansos, e mais ou menos com a mesma sabedoria. Nossos homens os deixaram sós, mostrando-se satisfeitos com a livre exibição de si mesmos.

Ao meio da tarde Zeid chegou, com Mastur, Rasim e Abdulla. Trouxeram o grosso da nossa tropa, compreendendo vinte homens de infantaria montada sobre mulas, trinta cavaleiros Motalgas, duzentos aldeães, cinco fuzis-metralhadoras, quatro metralhadoras e o canhão de montanha do exército egípcio que havia atirado nas redondezas de Medina, de Petra e de Jurf. Isto foi magnífico, e acordei para lhes dar as boas-vindas.

Os turcos viram que nos aglomerávamos e abriram fogo com *shrapnels* e metralhadoras; mas não tinham cálculos de distância, e agiram tateando. Recordamo-nos uns aos outros que o movimento era a lei da estratégia, e começamos a nos mover. Rasim tornou-se oficial de cavalaria e saiu, com todos os nossos oitenta homens montados, para fazer o círculo em torno da colina oriental e envolver a ala esquerda do inimigo, porquanto os livros aconselhavam não o ataque contra uma linha, mas sim contra um ponto e, indo-se tão longe quanto possível, ao longo de qualquer ala finita, esta ala acabaria reduzindo-se virtualmente a um ponto constituído por um único homem. Rasim gostou disto, que era a minha concepção do seu objetivo.

Prometeu, rindo com todos os dentes, trazer-nos este último homem; mas Hamd el Arar colheu a oportunidade de maneira mais adequada. Antes de partir, fez ato de devoção até a morte pela causa árabe, desembainhou a espada cerimoniosamente e dirigiu, à espada, chamando-a pelo nome, um discurso heróico. Rasim levou cinco metralhadoras consigo; o que foi boa idéia.

Nós, no centro, fizemos uma demonstração para que a sua partida passasse despercebida pelo inimigo; este ia levando lá para cima uma procissão aparentemente interminável de metralhadoras e instalando-as à esquerda, a intervalos, ao longo da colina, como num museu. Tática de lunáticos. A crista era de sílex, sem abrigo sequer para um lagarto. Havíamos visto como, quando uma bala batia no solo, o chão e o topo disparavam estilhaços para cima, numa chuva de lascas mortais. Além disso, conhecíamos a distância e regulamos cuidadosamente os nossos Vickers, abençoando as suas miras longas e fora de moda; nosso canhão de montanha foi assestado em seu lugar, pronto para lançar uma súbita rajada de *shrapnels* sobre o inimigo quando Rasim estivesse empenhado em luta.

Enquanto esperávamos, anunciou-se que o reforço de cem homens vinha de Aima. No dia anterior, estes homens haviam altercado com Zeid, por causa de soldos, mas resolveram generosamente esquecer velhas contas na hora da crise. Sua chegada nos persuadiu a abandonar o marechal Foch e a atacar, de qualquer forma, pelo menos de três lados ao mesmo tempo. Enviamos os homens de Aima, com três fuzis automáticos, para que envolvessem a ala direita, ou ocidental. Depois abrimos fogo contra os turcos, da nossa posição central, e maltratamos as suas linhas com alvos colhidos e ricocheteios.

O inimigo sentiu que o dia já não lhe seria mais favorável. O dia passava e o crepúsculo dava freqüentemente a vitória aos defensores que ficassem firmes em seus postos. O velho general Hamid Fakhri reuniu o seu estado-maior e aos seus

auxiliares, e mandou que cada homem tomasse uma carabina. “Sou soldado há quarenta anos e nunca vi rebeldes combaterem como estes. Passem para as fileiras...” Mas era muito tarde. Rasim conduzia avante o ataque das suas cinco metralhadoras, cada qual com a guarnição respectiva de dois homens. Avançaram rapidamente, não sendo vistos senão quando já se encontravam em posição, amarfanhando a ala turca da esquerda.

Os homens de Aima, que conheciam todas as folhas de grama na região, onde se situavam os seus pastos, subiram pelas colinas, sãos e salvos, chegando a trezentos metros das metralhadoras turcas. Os inimigos, retidos pelo nosso ataque frontal, só perceberam a existência dos homens de Aima quando estes, por meio de súbita rajada, varreram dali as guarnições de metralhadoras e fizeram fugir a ala direita em desordem. Assistimos ao episódio e gritamos ordens de avançada aos cameleiros e aldeães que se achavam ao nosso redor.

Mohamed el Ghasib, administrador da casa de Zeid, conduziu-os, indo à frente, sobre o seu camelo, envergando roupagens brilhantes, infladas pelo vento, e sustentando a bandeira carmesim dos Ageyls sobre a cabeça. Todos os que haviam ficado no centro, conosco, criados, artilheiros e metralheiros, correram atrás dele, em linha aberta de cores vivazes.

O dia havia sido excessivamente longo para mim, e eu, agora, apenas tremia de desejo de lhe ver o fim; mas Zeid, a meu lado, batia as mãos de alegria à vista da esplêndida ordem do nosso plano desenrolando-se na gelada vermelhidão do sol poente. De uma banda, a cavalaria de Rasim varria os restos da destroçada ala esquerda, para além da crista do espinhaço; de outro lado, os homens de Aima prostravam sanguinolentamente os fugitivos. O centro do inimigo recuava em desordem através da brecha, tendo os nossos homens a persegui-lo a pé, a cavalo e a camelo. Os armênios, ansiosamente acocorados atrás de nós o dia todo, desembainharam os punhais e, animando-se uns aos outros com gritos, pularam para a frente.

Pensei nos vales que ficavam entre aquele ponto e Kerak, na colina de Hesa, com suas passagens recurvas e em precipício, nos pântanos, nos estrangulamentos e nos desfiladeiros do caminho. Aquilo estava para ser um massacre, e eu teria de interceder em lágrimas a favor do inimigo; mas depois das cóleras e do cansaço da batalha, o meu espírito estava fatigado demais para tratar de descer àquele lugar pavoroso e passar a noite salvando os turcos. Pela minha decisão em dar batalha, eu havia matado vinte ou trinta dos nossos seiscentos homens, e os feridos seriam, talvez, em número três vezes maior. Era um sexto das nossas

forças sacrificadas por um triunfo verbal, visto como a destruição deste milhar de pobres turcos em nada afetaria o resultado da guerra.

Ao termo da refrega, havíamos capturado os seus dois Howitzers de montanha, (canhões Skoda, muito úteis para nós), vinte e sete metralhadoras, duzentos cavalos e mulas e duzentos e cinqüenta prisioneiros. Disseram-nos que somente cinqüenta conseguiram retirar-se, fugitivos exaustos, na direção da estrada de ferro. Os árabes que se encontravam na sua rota se sublevaram contra eles e os derrotaram ignobilmente, enquanto corriam. Os próprios homens desistiram imediatamente da perseguição, por se acharem cansados, doloridos e famintos; fazia um frio piedoso. Uma batalha pode ser emocionante, no momento do choque, para generais, mas com freqüência a sua imaginação toma curso excessivamente livre antes do fato, e torna a realidade vergonhosa tão tranqüila e tão destituída de importância que eles próprios se põem a olhar ao redor, em busca do âmago essencial imaginado. Naquela tarde, não houve glória para nós, e sim o terror da carne destroçada que havia sido os nossos homens, e que era transportada, à nossa vista, para suas casas.

Quando voltávamos, começou a nevar; e só muito mais tarde, e por meio de um último esforço, conseguimos acolher os nossos feridos. Os feridos turcos ficaram ao relento, e morreram no dia seguinte. Aquilo era crueldade indefensável, como a inteira teoria da guerra; mas nenhum remorso especial nos pesou na consciência, pelo fato. Arriscávamos as nossas vidas na tempestade de neve (curvava-nos o frio da vitória) para salvar os nossos companheiros; e, se a nossa regra era a de não perdermos árabes, mesmo que fosse para matar muitos turcos, ainda menos deveríamos perder para salvar os turcos.

No dia seguinte, e no outro dia também, nevou ainda mais fortemente. Ficamos presos pelo tempo, e à medida que os dias passavam em plena monotonia, íamos perdendo a esperança de ação. Deveríamos ter ido para além de Kerak, nos calcanhares da vitória, repelir os turcos até Amã com o nosso barulho; assim como estavam as coisas, nada resultou das perdas e do esforço, exceto um relatório que remeti ao quartel-general britânico da Palestina, para uso do estado-maior. Fora escrito principalmente para causar efeito, cheio de sorrisos extravagantes e de tolas simplicidades; e fez com que os membros do estado-maior me considerassem um modesto amador, a fazer o possível, de conformidade com os grandes modelos; e não um palhaço, a fazer caretas atrás deles ao passo que eles, tendo Foch por maestro da banda, à sua frente, marchavam, ao rufar dos tambores, pela velha estrada da efusão de sangue a caminho da casa de Clausewitz. Como a batalha, o meu relatório foi quase uma

paródia do emprego do regulamento militar. O quartel-general apreciou-o e, inocentemente, para coroar a proeza, ofereceu-me uma condecoração com base no meu próprio testemunho. Nós teríamos mais peitos reluzentes no exército se cada homem fosse livre para, sem testemunhas, redigir os seus próprios comunicados.

CAPÍTULO 87

O único proveito de Hesa esteve, pois, na sua lição para mim. Nunca mais nos mostramos combativos, nem por façanha, nem pela certeza do triunfo. Com efeito, somente três dias mais tarde a nossa honra foi parcialmente redimida por uma coisa boa e séria que organizamos por meio de Abdulla el Feir, que acampava abaixo de nós, no paraíso que era a costa sul do mar Morto, planície cheia de córregos de água doce e rica de vegetação. Enviamos-lhe a notícia da vitória, com um plano de incursão contra o porto-lago de Kerak, visando à destruição da flotilha turca.

Ele escolheu cerca de setenta cavaleiros, de entre os beduínos de Beersheba. Cavalgaram, durante a noite, ao longo do parapeito da pista, entre as montanhas de Moab e a orla do mar, até o posto turco; e, aos primeiros clarões do dia, assim que seus olhos puderam ver o bastante para seguirem a galope, saltaram para fora do parapeito na direção de uma lancha a motor e de navios a vela, ancorados na enseada norte; as equipagens, nada suspeitando, dormiam na praia, ou nas cabanas de junco, ali perto.

Os marinheiros pertenciam à marinha turca; não estavam preparados para combate em terra firme, e ainda menos para receber ataques de cavalaria; despertaram apenas ao som dos cascos dos nossos cavalos, na carga; — e a peleja terminou no momento. As cabanas foram incendiadas, os armazéns saqueados e os barcos levados para o alto-mar e postos a pique. A seguir, sem perda de um homem, e com sessenta prisioneiros, os nossos cavalgaram de regresso, louvando-se a si próprios. Vinte e oito de janeiro; e já havíamos atingido o nosso segundo objetivo — a suspensão do tráfego no mar Morto — quinze dias antes do que prometêramos a Allenby.

O terceiro objetivo era a embocadura do Jordão, perto de Jericó, antes do fim de março; e teria sido esplêndida a perspectiva se não fosse a paralisação que o tempo e o temor de sofrimento nos impuseram, desde o rubro dia de Hesa. As

condições, em Tafileh, melhoraram. Feisal enviara-nos munições e víveres. Os preços desciam, à medida que os homens iam confiando na nossa força. As tribos das redondezas de Kerak, mantendo-se em contato diário com Zeid, propuseram juntar-se-lhe de armas na mão, assim que ele avançasse.

Precisamente isto, entretanto, era o que não podíamos fazer. O rigor do inverno impeliu chefes e comandados para a aldeia, encurralando-os em morna ociosidade, contra a qual os conselhos de movimento pouco valiam. Com efeito, até a Razão se encontrava de portas adentro. Por duas vezes arrisquei-me a apalpar o planalto coberto de neve, sobre cuja superfície lisa os cadáveres turcos jaziam, pobres manchas escuras, de roupas endurecidas; mas a vida, ali, não era tolerável. Durante o dia degelava um pouco, mas, durante a noite, tornava a nevar. O vento fendia a pele; os dedos perdiam força e sentido de tato; as faces arrepiavam-se como folhas mortas, até que, por fim, já nem tremer podiam, e então contraíam para cima os músculos, numa dor estúpida.

Lançarmo-nos pela neve afora, sobre camelos, animais singularmente ineptos em chão escorregadio, seria colocarmo-nos a nós próprios nas mãos de qualquer grupo de cavaleiros que quisesse opor-se a nós; e, enquanto os dias se arrastavam, até esta possibilidade desapareceu. A cevada tornou-se rara em Tafileh, e os nossos camelos, já privados pelo tempo de pastagens naturais, ficaram também desprovidos de alimentação artificial. Tivemos de os conduzir a Ghor, distrito mais feliz, a um dia de viagem da nossa guarnição principal.

Embora tão longe, pela estrada indireta, Ghor, em linha reta, não ficava a mais de nove quilômetros de distância, sendo perfeitamente visível mil e quinhentos metros abaixo de nós. Era como esfregar sal nas nossas feridas ver o espetáculo daquele quase jardim de inverno, lá embaixo, à beira do lago. Nós nos encurralávamos em casas cheias de insetos, feitas de pedra fria; nelas faltava lenha, faltava alimento; estávamos aprisionados pela tempestade nas ruas, como esgotos, em meio a rajadas de neve e de vento glacial, enquanto lá embaixo, no vale, brilhava o sol sobre vegetação de primavera, alta e florida, e sobre gado cheio de leite, num ar tão aquecido que os homens andavam sem capa.

O meu grupo particular era mais feliz do que a maioria, porque Zaagi encontrara para nós uma casa vazia, inacabada, com duas salas amplas e um pátio. Meu dinheiro deu-nos lenha, e até trigo para os nossos camelos; estes foram abrigados num canto do quintal, onde Abdulla, o amigo dos animais, podia escová-los e ensiná-los a vir, se chamados pelo nome, apanhar um pedaço de pão, como se fora um beijo da sua boca, delicadamente, com os lábios a cair. Houve, ainda, dias infelizes, porque ter fogo equivalia a ser sufocado pela fumaça

verde; nas frestas das janelas, só havia abafadores de nossa própria produção. O teto de barro gotejava água durante o dia todo, e as pulgas, sobre o chão de pedra, cantavam juntas durante a noite em louvor da nova carne que se lhes oferecia. Éramos vinte e oito nas duas salas, que se enchia do mau cheiro da nossa multidão.

No meu alforje havia uma *Morte d'Arthur*. O livro me distraía do meu desgosto. Os homens só tinham recursos físicos; e, na confinada miséria, seus humores se amargaram. Suas esquisitices, que em geral o tempo envolvia numa película salvadora de distância, agora me molestavam exasperadoramente; entretanto, um ferimento antigo, nas costas, gelou, irritando-me com penosas palpitações. Dia a dia, a tensão entre nós aumentava, à medida que o nosso estado se ia tornando mais sórdido, mais animal.

Por fim, Awad, o selvagem Sherari, altercou com o pequeno Mahmas; e, num momento, seus punhais retiniram. Os restantes evitaram a tragédia, de maneira que só houve um ferimento leve; — mas isto quebrou a maior lei da escolta e, como o exemplo e a culpa eram condenáveis, os outros se comprimiram na sala vizinha, enquanto nesta os chefes executaram a sentença sem perda de tempo. Entretanto, as calafriantes chicotadas de Zaagi eram excessivamente cruéis para a minha imaginação já experimentada, e fi-lo parar antes que se esquentasse. Awad, que havia ficado prostrado durante a sua punição, sem uma queixa, a este alívio se colocou lentamente de joelhos e, com as pernas encurvadas e a cabeça a abanar, caminhou cambaleando até o seu lugar de dormir.

Foi, depois, a vez de Mahmas, ali à espera, jovem de lábios fechados, queixo pontudo e fronte proeminente, cujos olhos minúsculos se haviam estreitado, com indiscritível ar de impaciência. Não pertencia propriamente à minha escolta; era cameleiro; porque a sua capacidade ficava muito aquém do que ele julgava, e o constante orgulho melindrado tornava-o brusco e perigoso quando em companhia. Se levasse a pior em discussão, ou se rissem dele, saltaria para a frente, com o punhal sempre à mão, e retalharia o amigo. Agora, encolhido a um canto, mostrava os dentes, jurando, por entre lágrimas, que atravessaria quem lhe fizesse mal. Os árabes não dividiam a resistência, que era a sua coroa viril, em material e moral, fazendo concessões aos nervos. Assim, o pranto de Mahmas denominou-se medo e, quando foi solto, saiu sorrateiramente para ocultar na noite a sua desgraça.

Senti-me triste por Awad; seu estoicismo envergonhava-me. Envergonhei-me principalmente quando, na manhã seguinte, ouvi passos coxeantes no quintal e o vi tentando realizar o seu dever, que era o de limpar os camelos. Chamei-o

para dentro, a fim de lhe dar um turbante de seda bordado, como recompensa por leais serviços. Veio a mim, piedosamente embotado, com a inquietação trêmula e crispante de quem receia mais castigo; as minhas maneiras modificadas fizeram-no chorar. À tarde, ele cantava e gritava, mais feliz do que nunca, por haver encontrado um tolo, em Tafileh, que lhe pagara quatro libras pelo meu presente de seda.

Tais exasperações nervosas de uns para com os outros, a cada falta alheia, eram tão revoltantes que resolvi dispersar o grupo, a fim de partir por minha conta em busca do suplemento de dinheiro de que passaríamos a necessitar quando o bom tempo viesse. Zeid havia dispendido a primeira fração da soma reservada para Tafileh e o mar Morto; parte em soldos, partes em víveres e em recompensas aos vencedores de Seil Hesa. Fosse onde fosse que puséssemos a nossa linha de fogo seguinte, deveríamos alistar e pagar forças novas, porque só homens locais conheciam por instinto a qualidade do seu solo; e combatiam melhor, defendendo suas próprias casas e colheitas contra o inimigo.

Joyce encontraria a maneira de me enviar dinheiro, mas não muito facilmente, naquela estação do ano. Seria mais seguro descer em pessoa e mais virtuoso sair, do que continuar no fedor e na promiscuidade de Tafileh. Assim, cinco de nós partimos, em dia que prometia ser um pouco mais claro do que o usual. Fizemos em bom tempo a viagem a Reshidiya e, quando cruzamos a colina lá adiante, encontramo-nos momentaneamente acima das nuvens, numa luz de sol muito pálida.

À tarde, o tempo piorou de novo; o vento soprou fortemente do norte e de leste, e fez-nos lamentar o fato de nos encontrarmos fora, em plena planície nua. Quando vagamos a corrente do rio Shobek, a chuva começou a cair, primeiro em rajadas selvagens, mas depois mais regularmente, inclinando-se para o nosso ombro esquerdo e parecendo proteger-nos contra a frieza do vento. Onde os fios da chuva batiam, o chão parecia forrar-se de branco, como se se tratasse de borrifos do mar. Prosseguimos sem parar e marchamos até muito depois que o crepúsculo inquietou os nossos trêmulos camelos, com muitos escorregões e quedas, através dos valados escorregadios. Fazíamos cerca de três quilômetros por hora, a despeito das nossas dificuldades; e o progresso da marcha era tão excitante e tão inesperado que bastava o seu exercício para nos aquecer.

Fora minha intenção marchar a noite toda; mas, perto de Odroh, a neblina desceu sobre nós, circundando-nos como uma cortina circular, por cima da qual as nuvens, como farrapos de véu, revoluteavam e dançavam, para baixo e para cima, na calma do céu. A perspectiva parecia mudada, de maneira que as

montanhas distantes pareciam pequenas e que pequenas cabeças próximas pareciam enormes. Desviamo-nos demais para a direita.

Esta região descampada, embora de aparência dura, quebrava-se como se estivesse podre, sob o peso dos camelos, afundando-lhes as pernas dez ou doze centímetros, a cada passo. O pobres animais haviam estado gelados o dia todo, e tinham caído tantas vezes que se achavam entorpecidos pelas lesões. Conseqüentemente, marchavam sem vontade contra as novas dificuldades. Apressavam-se por alguns passos, paravam de súbito, olhavam em redor, ou tentavam escapar de lado.

Controlamos-lhes os desejos e conduzimo-los para a frente até que o nosso andar às cegas deu em vales rochosos, de cimos em linha quebrada; escuridão à direita e à esquerda, e, à frente, montanhas onde não deveria haver montanhas. Recomeçava o frio glacial, e as lajes de pedra do vale se congelavam. Ir para diante, pela falsa rota, através de semelhante noite, era loucura. Encontramos um grande rochedo. Por trás dele, no que deveria ser um abrigo, ajoelhamos os nossos camelos em grupo compacto, dando a cauda para o vento; de frente para as rajadas, poderiam morrer de frio. Enrodilhamo-nos ao lado deles, esperando aquecer-nos e dormir.

Quanto ao calor, eu, pelo menos, não o senti, e pouco dormi. Cochilei uma única vez, para despertar em sobressalto, quando dedos lentos pareceram bater no meu rosto. Abri os olhos para uma noite lívida em que caíam flocos de neve, grandes e fofos. Isto durou um minuto ou dois; seguiu-se-lhe, porém, a chuva, e, depois desta, mais gelo, enquanto eu me enrolava como uma bola apertada, sofrendo de todas as maneiras possíveis, mas sentindo-me excessivamente infeliz para me mover, até a madrugada. Foi uma aurora hesitante, mas bastou: rolei pela lama, para ver os meus homens ensacados em suas capas e aconchegados em abandono contra o flanco dos animais. Sobre o rosto de cada homem pesava a mais dolorosa expressão de resignado desespero.

Eram quatro homens do sul, que o inverno adoecera em Tafileh e que estavam para ir repousar em Guweira, até que o calor voltasse; mas, ali, na bruma, se convenceram, como camelos machos, de que a morte vinha sobre eles, e embora fossem muito orgulhosos para resmungar, não se encontravam acima da silenciosa demonstração de que aquilo que faziam por mim era sacrifício. Não falaram, nem se moveram para responder às minhas palavras. Por baixo de um camelo macho, atirado ao chão, era melhor acender fogo lento, a fim de forçá-lo a erguer-se, mas eu tomei o menor destes manequins pelos cabelos encaracolados e provei-lhe que ele ainda era capaz de sentir. Os outros se ergueram e, a

pontapés, fizemos com que se levantassem os camelos entorpecidos. A nossa única perda foi um odre de água, que congelou, colado ao chão.

Com a luz do dia, o horizonte aproximou-se muito, e vimos que a nossa rota certa ficava a cerca de meio quilômetro, à esquerda. Para ela nos dirigimos a pé. Os camelos estavam muito fatigados e não podiam carregar o nosso peso (todos, menos o meu, morreram logo depois desta marcha); e havia tanta lama nas depressões de argila que nós mesmos escorregávamos e caíamos como os animais. Entretanto, o treino de Deraa serviu: o de espalhar bem amplamente os dedos do pés e fincá-los para baixo, na lama, a cada passo; e, por este meio, formando grupo, agarrando-nos e amparando-nos uns aos outros, realizamos algum progresso.

O ar parecia suficientemente frio para gelar tudo, mas não o fazia; o vento, que mudara de direção durante a noite, varria-nos vindo de oeste, atirando contra nós os flocos de neve. Nossas capas se enfunavam e puxavam-nos, como vela, para trás. Por fim, despimo-las, e caminhamos com mais comodidade, com a blusa apertadamente amarrada ao nosso redor para impedir que as pontas esvoaçassem. A direção remoinhante dos turbilhões era indicada aos nossos olhos pela bruma branca que arrastavam por sobre os picos e os pequenos vales. As nossas mãos entorpeciam-se até a insensibilidade, e só reconhecíamos os cortes que nelas havia pelas manchas vermelhas na lama ressecada que as cobria: — mas os nossos corpos não estavam tão gelados e, durante horas, tremiam sob a saraiva de cada rajada. Contorcíamo-nos para oferecer o lado menos dolorido e mantínhamos a blusa um pouco longe da pele, para escudar-nos momentaneamente.

Já bem tarde, tínhamos percorrido os quinze quilômetros que iam até Aba el Lissan. Os homens de Maulud já se haviam abrigado, e ninguém nos gritou saudação alguma; isto foi bom, porque nos encontrávamos imundos e miseráveis; e enrijecidos, como gatos pelados. A seguir, a marcha tornou-se mais fácil, por estarem geladas como ferro os últimos três quilômetros que iam até as cabeceiras do Shtar. Tornamos a montar sobre os nossos camelos, cuja respiração fumegava pelas narinas rosnantes, e corremos contemplando a maravilhosa vista da planície de Guweira, quente, vermelha e agradável, vislumbrada através dos buracos entre as nuvens. As nuvens haviam formado um estranho teto para a planície, cortando o meio do céu com uma faixa horizontal de coágulos, ao nível do topo da montanha sobre a qual nos encontrávamos; contemplamos aquilo, contentes, por alguns minutos. De quando em vez, um bloco de espuma algodoada se separava da massa e atirava-se contra nós. De pé, sobre o abismo, sentíamo-lo roçar pelas

nossas faces; e, voltando-nos, podíamos ver o branco debrum estender-se por cima da crista áspera, desfiar-se todo e dissipar-se num empoeiramento de salpicos, ou transformar-se em fio de água, logo absorvido pelo chão de turfa.

Depois de admirarmos o céu, escorregamos e corremos alegremente pelo desfiladeiro abaixo, a caminho da areia seca, num ar tépido e calmo. Contudo, o prazer não foi tão vívido como esperávamos. A dor do sangue a abrir passagem, mais uma vez, nos membros e nos rostos gelados, era muito mais aguda do que quando se havia retirado dali, e percebemos que os nossos pés tinham sido rasgados e feridos até quase a polpa, entre as pedras. Não os havíamos sentido, enquanto caminhávamos sobre lama gelada; mas a areia quente e salgada queimava os cortes. Desesperados, montamos em nossos camelos e batemo-lhes vigorosamente, tomando a direção de Guweira. Contudo, a mudança os havia tornado mais felizes, e eles nos levaram ao acampamento, tranqüilos, mas com êxito.

CAPÍTULO 88

As noites preguiçosas, em número de três, nas tendas dos carros blindados, em Guweira, eram agradáveis, com Alan Dawnay, Joyce e outros, todos falando, e com Tafileh para me vangloriar. Entretanto, estes amigos se sentiram molestados pela minha sorte, porque a sua grande expedição com Feisal quinze dias antes, destinada a esmagar Modwwara, não tivera resultado algum. Em parte, devia-se o fato ao antigo problema da cooperação de regulares com irregulares; em outra parte, fora erro do velho Mohammed Ali el Beidawi, que, colocado à frente dos Beni Atiyehs, tomara com eles o rumo dos poços, gritando: "Alto do meio-dia!", e lá se sentou por dois meses, fazendo concessões à inclinação hedonística dos árabes que os tornava escravos absolutos da carne. Na Arábia, onde o supérfluo faltava, a tentação do alimento necessário pesava sempre sobre os homens. Toda migalha levada à boca podia, se não se tomasse cuidado, transformar-se em prazer. O luxo podia ser feito de coisas tão chãs e comuns como a água corrente ou uma árvore umbrosa, cuja raridade e cujo abuso freqüentemente as tornavam orgíacas. Este caso me recordou o de Apolônio, dizendo: "Saiam daí, vocês, homens de Tarso, que estão sentados junto ao rio como gansos, embebedados pela sua água clara!"

Depois, trinta mil libras esterlinas em ouro vieram de Akaba, para mim e para minha camela de cor creme, Wodheiha, o melhor animal entre o restante do meu estábulo. Viera de uma criação dos Ateibas, e tinha ganho muitas corridas para o seu antigo dono; ademais, encontrava-se em esplêndidas condições, gorda, mas não muito, com o coxim das patas enrijecido por muitas marchas sobre o quartzo do norte, e com o pêlo espesso e acamado. Não era grande, e parecia pesada; dócil e macia de guiar, voltava-se para a esquerda ou para a direita, se se batesse no arção da sela do lado desejado. Assim, eu viajava sobre ela sem bastão, lendo confortavelmente um livro, quando a marcha o permitia.

Como os meus homens particulares estivessem em Tafileh, ou em Asrak, ou, ainda, em missão, pedi a Feisal uma escolta temporária. Emprestou-me seus dois cavaleiros Ateibas, Serj e Rameid; e, para me auxiliar a conduzir o ouro, acrescentou ao grupo o xeque Motlog, cujo valor se descobriu quando os nossos carros blindados exploraram as planícies abaixo de Modwwara, a caminho de Tebuk.

Motlog assumiu a responsabilidade de batedor, indicando o caminho com uma vara, sentado sobre as bagagens empilhadas num chassi Ford. Os automóveis corriam para dentro e para fora das dunas, em grande velocidade, como lanchas entre vagalhões. Em uma curva ruim, derraparam meia volta sobre duas rodas, loucamente. Motlog foi projetado ao chão, de cabeça para baixo. Marshall parou o carro e voltou, contrito, com desculpas já prontas pelo seu modo de guiar; mas o xeque, coçando tristemente a cabeça, disse, com delicadeza: "Não se zangue comigo. Não aprendi a andar nessas coisas."

O ouro encontrava-se em sacos de mil libras. Entreguei dois sacos a quatorze dos vinte homens de Motlog e fiquei com os dois últimos. Cada saco pesava dez quilos, e, nas lamentáveis condições da estrada, dois eram peso bastante para um camelo, sacudindo-se livremente de cada flanco, dentro dos alforjes. Partimos ao meio-dia, esperando realizar uma boa primeira etapa antes de entrar nos aborrecimentos das montanhas; mas, infelizmente, começou a chover depois de meia hora, e a chuva contínua nos ensopou as roupas e encaracolou o pêlo dos camelos como se fosse de cães molhados.

Motlog, precisamente ao fim da etapa, viu uma tenda, que era a do xerife Fahad, no recanto de um pico de pedra calcária. Apesar de minha urgência, resolveu passar a noite ali e ver no dia seguinte as condições do tempo nas montanhas. Eu sabia que se tratava de uma decisão fatal; empregaríamos dias em hesitações; assim, disse-lhe adeus e marchei à frente, com os meus dois homens, mais seis Howeitats, que se dirigiam a Shobek e que se haviam juntado à nossa caravana.

A discussão fez-nos demorar e, conseqüentemente, só atingimos o leito da passagem já ao escurecer. Por causa da chuva, triste e monótona, lamentamos a nossa virtude, inclinando-nos a invejar a Motlog o aconchego junto de Fahad, quando, de súbito, uma fagulha vermelha, à nossa esquerda, nos fez atravessar o valado, para encontrarmos Saleh ibn Shefia acampado ali, numa tenda e em três cavernas, com uma centena dos seus homens alforriados, guerreiros vindos de Yenbo. Saleh, filho do pobre e velho Mohammed, nosso bufão, era um rapaz de

boa aparência que havia levado Wejh de vencida, no assalto do dia em que o comando coubera a Vickery.

Cheyf ent? ("Como vai?") disse-lhe eu, gravemente, duas ou três vezes. Seus olhos rutilaram a esta maneira dos Juheinas. Aproximou-se de mim e, com a cabeça curva e voz intensa, desfiou um rosário de vinte *cheyf ents* antes de retomar fôlego. Eu não gostava de ser superado e, por isto, repliquei com outros doze, solenemente. Ele, porém, lançou-me outro dos seus longos rosários de saudação, muito mais do que vinte, desta feita. Assim, renunciei a saber quantas são as repetições possíveis das saudações no Wadi Yenbo.

Deu-me as boas-vindas, e a despeito das minhas lastimáveis condições, cedeu-me lugar no seu próprio tapete, em sua tenda, e deu-me roupa nova, costurada por sua mãe, enquanto esperávamos pela quente bandeja de carne e arroz. Depois, deitamo-nos e dormimos uma noite inteira com grande satisfação, ouvindo o tamborilar da chuva na lona dupla da sua tenda mecana.

No dia seguinte, saíamos pela madrugada, mordiscando um punhado de pão oferecido por Saleh. Assim que pusemos os pés no aclive, Serj olhou para cima e disse: — "A montanha pôs o barrete." Havia uma cúpula branca de neve em todas as cristas; e os Ateibas apressaram-se, curiosos, pela passagem acima, para tocar com as próprias mãos na nova maravilha. Os camelos também eram ignaros e esticaram o pescoço, a fim de farejar duas ou três vezes aquela brancura, com uma interrogativa cansada; mas depois retiraram a cabeça e olharam para diante, novamente desinteressados.

A nossa inatividade durou apenas outro momento; porque, assim que pusemos a cabeça acima do último espinhaço, o vento, vindo de nordeste, soprou contra nós, com um frio tão súbito e tão mordente que ofegamos para respirar e voltamos apressadamente para o nosso abrigo. Era como se fosse fatal enfrentar aquilo; mas sabíamos que era estúpido; reanimamo-nos e marchamos através da rajada, a caminho do semi-abrigo do vale. Serj e Rameid, terrificados por este novo sofrimento dos seus pulmões, pensaram que estivessem sendo estrangulados; e, para poupar-lhes a luta mental de passar por qualquer acampamento amigo, desviei o pequeno grupo para um lado, por trás das colinas ocupadas por Maulud, de maneira que nada se visse das suas forças batidas pela intempérie.

Os homens de Maulud estavam acampados naquele local, mil e duzentos metros acima do mar, havia já dois meses, sem alívio. Tinham de viver em covas rasas, cavadas no flanco da montanha. Não dispunham de outro combustível que não fosse o absinto escasso e molhado, sobre o qual apenas conseguiam assar o

pão necessário, um dia sim e outro não. Não possuíam roupas além do uniforme cáqui, de campanha, do tipo britânico, de inverno. Dormiam nas covas ensopadas de água pluvial e cheias de insetos, sobre sacos de farinha vazios ou semivazios, em grupos unidos de seis ou oito, para que pudessem acumular, sobre si próprios, suficiente quantidade de cobertas rasgadas a fim de produzir calor.

Bem mais da metade deles morreu ou ficou doente pelo frio e pela umidade; não obstante, os outros mantinham a guarda, trocando tiros, diariamente, com os postos avançados dos turcos, e sendo protegidos apenas pela inclemência das intempéries contra um esmagador contra-ataque. Muito devíamos a estes homens, e ainda mais a Maulud, cuja fortaleza de alma os mantinha firmes no cumprimento do dever.

A história deste velho guerreiro cheio de cicatrizes, no exército turco, era um catálogo de desavenças provocado pelo seu obstinado sentido da honra e da nacionalidade árabe, credo pelo qual sacrificara três ou quatro vezes as perspectivas da sua carreira. Devia ser fé muito robusta, para o capacitar a resistir alegremente durante três meses de inverno, em frente a Maan, para dividir parte do seu ânimo com os quinhentos homens ordinários, e para os manter de coração entusiasmado em torno dele.

Nós, num só dia, ficamos fartos de rudeza. Precisamente sobre a crista, nas vizinhanças de Aba el Lissan, o chão apresentava-se coberto de geada, mas apenas o bater do vento nos nossos olhos nos molestava; a seguir, porém, as nossas dificuldades recomeçaram. Os camelos pararam no sopé lamacento de um banco de lama escorregadia, de seis metros de altura, e mugiram desesperadamente, como para dizer que não nos poderiam levar por ali acima. Apeamo-nos para os ajudar, mas escorregávamos para trás, como os animais. Por fim, tiramos as botas, novas e queridas, que nos haviam escudado contra o frio invernal; e, descalços, puxamos os camelos para cima da coluna, como na viagem de vinda.

Isto foi o fim da nossa comodidade, e tivemos de nos apear vinte outras vezes antes do crepúsculo. Algumas vezes apeava-se involuntariamente, quando os camelos escorregavam de lado e caíam, com um barulho feito do tinir das moedas que levávamos, a repercutir no rumor cavo dos seus ventres ocos como barris. Enquanto os animais se sentiam fortes, estas quedas os tornavam tão zangados como camelos poderiam zangar-se; — depois, eles se faziam lamuriosos, e afinal tomavam-se de medo. Nós também íamos ficando lacônicos uns com os outros, porque a violência do vento não nos dava tréguas. Nada, na Arábia, podia ser mais cortante do que o vento norte em Maan, e o vento daquele dia era o mais

agudo e o mais forte que se conseguisse imaginar. Soprava através das nossas roupas, como se estivéssemos nus, crispava-nos os dedos à guisa de garras, tornando-nos incapazes de segurar as rédeas ou o bastão de viagem, e paralisava-nos as pernas, de maneira que não tínhamos agarre no arção. Conseqüentemente, quando impelidos pela queda dos camelos, éramos cuspidos para fora, e íamos de chofre contra o chão, ainda de pernas arqueadas, na postura gelada da sela.

Entretanto, já não havia mais chuva e o vento parecia secar, de maneira que seguimos obstinadamente para o norte. À tarde, chegamos quase ao riacho de Basta. Isto queria dizer que estávamos marchando a mais de um quilômetro e meio por hora; e, com receio de que, no dia seguinte, nós e os nossos camelos estivéssemos excessivamente cansados para continuar nesse teor, prossegui pela noite adentro, atravessando a pequena corrente. O riacho estava cheio e os animais refugaram, tanto que tivemos de abrir caminho, andando, através de um metro de água gelada.

Sobre os planaltos, mais adiante, o vento enfrentava-nos como um inimigo; e, lá pelas nove horas, os outros companheiros se atiraram ao chão, chorando, e recusando-se a ir mais para a frente. Eu também estava prestes a chorar; sentia-me amparado, com efeito, apenas pelo meu aborrecimento em face das lamentações deles; eu estava, portanto, embora com relutância, contente no coração por ceder ao seu exemplo. Dispusemos os nove camelos em falange e deitamo-nos entre eles, em esplêndido aconchego, ouvindo o ímpeto da intempérie a chocar-se ao redor de nós, tão alto como vagalhões, à noite, ao redor do navio, ao mar. As estrelas visíveis eram brilhantes, parecendo mudar de grupo e de lugar, aloucadamente, entre as nuvens que fugiam sobre nossas cabeças. Cada um de nós possuía dois cobertores do exército e um pacote de pão assado; assim, estávamos armados contra o mal e podíamos dormir, com segurança, na lama e no frio.

CAPÍTULO 89

Pela madrugada, seguimos para a frente, refeitos; mas o tempo se havia suavizado, apresentando um ar cinzento, através do qual se vislumbravam tristes montanhas cobertas de absinto. Pelas encostas, expunham-se dolorosamente as camadas de pedra calcária sobre aquela velha terra. Nas depressões, as nossas dificuldades aumentavam com a lama. Os vales brumosos formavam torrentes escorregadias de neve a degelar; e, por fim, nova rajada de flocos a soprar. Chegamos às desoladas ruínas de Odroh, num meio-dia que parecia crepúsculo: o vento soprava e morria intermitentemente; bancos de nuvens e ondas de chuvisco, movendo-se devagar, fechavam-se em torno de nós.

Desviei para a direita, a fim de evitar o encontro com os beduínos que ficavam entre nós e Shobek; mas os nossos companheiros Howeitats queriam guiar-nos diretamente para o seu acampamento. Havíamos viajado nove quilômetros em sete horas, e eles estavam exaustos. Os dois Ateibas se achavam não somente exaustos, mas também desmoralizados, e juravam, amotinadamente, que nada neste mundo os impediria de regressar às tendas da tribo. Fomos altercando pela margem da estrada, sob a macia queda de neve.

Quanto a mim, sentia-me perfeitamente refeito e feliz, contrário ao atraso da desnecessária hospitalidade da tribo. O estado de falta de dinheiro de Zeid era excelente pretexto para uma experiência de força com o inverno edomita. Shobek ficava a apenas quinze quilômetros à frente, e a luz do sol duraria cinco horas ainda. Assim, resolvi seguir sozinho. A viagem seria segura, pois, com aquele tempo, nem turcos nem árabes se encontravam fora, e as estradas eram minhas. Retirei de Serj e Rameid as suas quatro mil libras e empurrei-os para o vale, como a covardes; o que, na verdade, não eram. Rameid suspendia a respiração em soluços, e o nervoso sofrimento de Serj se manifestava sublinhando cada movimento do seu camelo com um gemido prolongado. Encheram-se de raiva humilhada quando os demiti; e tornei a partir.

A verdade era que eu tinha a melhor camela. A excelente Wodheiha lutou esportivamente para diante, sob o peso do ouro adicional. Nas regiões planas, eu montava; nos aclives e nos declives, íamos escorregando juntos, lado a lado, com acidentes cômicos que até parecia que a divertiam.

Ao crepúsculo, cessou a queda de neve; estávamos, então, para chegar ao rio de Shobek, e já podíamos ver uma pista escura, ziguezagueando a caminho da aldeia. Procurei encurtar, mas a crosta gelada dos bancos de lama me iludiram a caí num buraco (de arestas agudas como facas) e afundei tanto que tive medo de ser obrigado a passar a noite ali, meio fora e meio dentro da lama; ou, talvez, inteiramente dentro dela, o que seria morte mais adequada.

Wodheiha, animal sensível, recusara-se a entrar no pântano; mas ficara sem poder orientar-se, na margem rígida, e contemplava gravemente o meu espernear na lama. Entretanto, manobrei, com as rédeas que ainda tinha em mãos, para que ela se aproximasse um pouco mais. Depois, atirei-me de súbito para trás, contra o barranco que desmoronava, e tateando furiosamente por trás da minha cabeça consegui agarrar-lhe os pêlos da parte traseira da pata. A camela assustou-se e moveu-se para trás: — e o seu arranco puxou-me para fora. Patinhamos por ali abaixo até um lugar mais firme, que nos permitisse atravessar: isto depois de eu, hesitante, me sentar na corrente e lavar a lama pesada e malcheirosa que se apegara ao meu corpo.

Tremendo, tornei a montar. Subimos pela coluna, descemos do lado oposto, chegando à base do cone bem formado, cuja coroa era a muralha de cinta do velho castelo de Monreale, de aparência muito nobre, contra o céu. O chão calcário apresentava-se duro e o tempo gelava; as camadas de neve tinham trinta centímetros de profundidade de cada lado da senda em espiral que serpenteava colina acima. O gelo branco quebrava-se funebremente sob os meus pés nus, à medida que nos aproximávamos do portal, onde, para fazer uma entrada espetacular, subi no ombro paciente de Wodheiha e fui para a sela. Depois arrependi-me, porque só colocando-me de lado, ao longo do seu pescoço, consegui evitar os arcos baixos, quando a camela correu por baixo deles, tomada de terror, à vista do estranho lugar.

Eu sabia que o xerife Abd el Main ainda deveria encontrar-se em Shobek, e assim marchei corajosamente pela rua silenciosa, sob a luz calma da lua que brincava com os pingentes de gelo e com sua sombra pelos muros, pelos telhados de neve e pelo chão. O camelo avançava hesitando, tropeçando em degraus ocultos pela espessa camada de gelo; mas não me preocupei com isto, uma vez que já havia atingido a minha meta daquela noite e que podia cair, sem

conseqüências, num chão tão maciamente coberto por uma poeira de neve. Na encruzilhada, gritei a saudação da boa-noite; e, depois de um minuto, uma voz rouca invocou Deus através da espessura dos sacos que abafavam o postigo da humilde casa à minha direita. Perguntei por Abd el Mayein, e disseram-me que se achava "na casa do governo", que ficava no extremo oposto da muralha de cinta do velho castelo.

Ali chegando, chamei de novo. Abriu-se uma porta e uma nuvem de luz enfumaçada atravessou lentamente a rua, remoinhante de poeira e de rostos negros que espiaram para ver quem eu era. Saudei-os amistosamente, chamando-os pelos seus nomes, dizendo que eu vinha para comer um carneiro com o senhor: a isto, os escravos acorreram, rumorosos e surpresos, desembaraçaram-me de Wodheiha, e levaram-na ao estábulo malcheiroso onde eles próprios viviam. Um deles me iluminou o caminho, com uma tocha, pela escadaria exterior de pedra até a porta da casa; em meio a novos criados, desci por uma passagem sinuosa a gotejar de água em virtude do teto esburacado e cheguei a uma sala estreita. Lá estava Abd el Muein sobre um tapete, de face para baixo, respirando a camada de ar menos enfumaçada.

Minhas pernas tremiam; deixei-me cair a seu lado e copiei-lhe, satisfeito, a postura, para evitar a sufocante fumarada dos braseiros de cobre onde havia lenha a queimar; a lenha crepitava no recesso de um parapeito da enorme muralha. O anfitrião procurou uma blusa para mim, enquanto eu me despi das minhas coisas e as dependurei diante do fogo, a fim de que se secassem; o fogo tornou-se menos rutilante aos olhos e às gargantas, assim que a lenha se transformou em brasa. Entrementes, Abd el Mayin bateu as mãos, querendo apressar o preparo do jantar, e serviu *Fauzan* (chá, no dialeto de Harith, derivado do nome do primo de Abd el Mayein, governador da aldeia) quente e aromático, taça após taça, até que o carneiro, cozido com uvas secas e manteiga, foi trazido à nossa frente.

Abd el Mayein explicou, enquanto benzia o prato, que no dia seguinte deveriam ou morrer de fome ou roubar, pois tinha, ali, duzentos homens, mas nada de víveres, nem de dinheiro; os mensageiros enviados a Feisal haviam sido detidos pela neve. A esta altura, eu também bati as mãos mandando que me trouxessem os meus alforjes, e apresentei-lhe quinhentas libras, como adiantamento, até que o seu subsídio chegasse. Era um bom preço para a minha refeição, e nós todos nos divertimos a propósito da minha extravagância em querer viajar só, no inverno, com um quintal ou mais de ouro na bagagem. Repeti que Zeid, como ele próprio, Abd el Mayein, se encontrava em apuros; e

contei como Serj e Rameid haviam ficado com os árabes. Os olhos do xerife escureceram e ele fez arabescos no ar com o seu bastão. Expliquei, para aliviar-lhes a falta, que o frio não me incomodava, visto que o clima inglês se assemelhava àquele durante a maior parte do ano. "Deus nos livre", disse Abd el Muyein.

Depois de uma hora desculpou-se, porque acabava de casar-se com uma esposa Shobek. Conversamos a respeito do casamento árabe, cujo fim era o nascimento de crianças; manifestei-me contrário a isto, citando o velho Dioniso de Tarso.

Aos sessenta anos de Abd el Mayein, os árabes mostraram-se melindrosos por não o verem casar-se, pois consideravam a procriação e a evacuação como sendo idênticos e inevitáveis movimentos do corpo; repetiram o mandamento que ordena se honrem os pais. Perguntei-lhes como podiam olhar com prazer as crianças, provas encarnadas da volúpia consumada. E convidei-os, depois, a imaginar o espírito das crianças, vendo sair, de dentro do corpo materno, aquela coisa cega e sanguinolenta que era ele próprio! Isto pareceu a Abd el Mayein excelente brincadeira; depois, enrolamo-nos nos tapetes, e dormimos confortavelmente. As pulgas avançavam em formação, mas a minha nudez, única defesa árabe contra o leito repleto de insetos, diminuiu a praga; e os meus ferimentos não prevaleceram, porque eu me encontrava excessivamente cansado.

Pela manhã, ergui-me com uma dor de cabeça estilhaçante, e disse que devia partir. Procuraram-se dois homens para marchar em minha companhia, embora todos dissessem que não chegaríamos a Tafileh naquela noite. Entretanto, pensei que a viagem não poderia ser pior do que o fora no dia anterior; assim, patinamos temerosamente pela íngreme viela abaixo, desembocando numa planície através da qual ainda se estendia a estrada romana, com seus grupos de marcos caídos, ostentando inscrições de imperadores famosos.

Desta planície, os dois homens desacoroçoados que se achavam comigo escapuliram, de regresso para junto de seus companheiros, na montanha do castelo. Prossegui sozinho, ora a dorso de camelo, ora a pé, como na véspera, embora agora o caminho fosse inteiramente escorregadio, exceto na antiga pavimentação, último vestígio da Roma imperial que também havia, outrora, com imponência muito maior, desempenhado o papel dos turcos aos olhos dos habitantes do deserto. Sobre o trecho pavimentado, eu poderia viajar no dorso do camelo — mas era obrigado a andar e vagar nas escavações de onde as enchentes de quatorze séculos haviam varrido os alicerces da estrada. A chuva apareceu de novo e me ensopou; depois, soprou um vento fino e gelado, e eu me envolvi

numa couraça de seda branca, como um cavaleiro de teatro; ou como um bolo de núpcias, bem gelado.

O camelo e eu saímos da planície em três horas: marcha maravilhosa; mas os nossos aborrecimentos não estavam terminados. A neve, ali, estava, com efeito, como os meus guias haviam dito, e ocultava completamente a pista que serpenteava colina acima, entre muralhas, fossos e confusas pilhas de pedra. Custou-me pena infinita contornar os primeiros dois ângulos. Wodheiha, cansada de se afundar, até os joelhos, naquela matéria branca e inútil, começou a enfraquecer-se visivelmente. Contudo, subiu ainda um trecho de aclive, mas apenas para pisar em falso à beira da pista, num lugar elevado. Caímos, juntos, cerca de cinco metros, pela encosta abaixo, até uma camada de neve gelada, de um metro de espessura. Depois da queda, o animal pôs-se de pé, gemendo; e parou, a tremer.

Quando os camelos machos vêem seus esforços assim frustrados, morrem no lugar, depois de vários dias; e eu receei ter chegado ao limite do esforço de uma camela. Mergulhei na neve até o pescoço, indo à sua frente, para tentar movê-la dali, mas foi em vão. Depois, passei longo tempo batendo nela, por trás. Tornei a montar, e ela se sentou. Apeei, pu-la de pé, e indaguei de mim para comigo se, talvez, a causa daquilo não fosse o fato de ser muito espessa a camada de neve. Cavei-lhe, pois, um belo trecho de estrada, de trinta centímetros de largura, noventa de profundidade e cinco metros de comprimento, usando, como instrumentos, apenas os meus pés nus e as minhas mãos. A neve estava tão gelada à superfície, que foi preciso todo o meu peso, primeiro para a romper, e depois para a remover. A crosta era cortante e me feriu os punhos e as pernas, a ponto de eu ficar sangrando abundantemente; a borda da estrada tornou-se estriada de cristais cor-de-rosa, como polpa de melão pálida, muito pálida.

Depois, voltei para junto de Wodheiha, que ali ficara pacientemente, e pulei para a sela. O animal partiu com facilidade. Saímos correndo, e era tal a sua rapidez, que o ímpeto levou-a diretamente por cima das camadas fofas, voltando à pista. Subimos por esta, com cautela; eu fui à frente, a pé, inspecionando o chão, com o bastão de viagem, ou cavando novos trilhos quando as camadas se apresentavam muito espessas. Em três horas chegamos ao topo, encontrando-o batido por ventos que vinham do ocidente. Assim, deixamos a pista e cambaleamos penosamente ao longo da crista acidentada; dali olhávamos para baixo, por cima do enxadrezado das casas da aldeia de Dana até o ensolarado Arabah, fresco e verde, milhares de metros abaixo de nós.

Quando a crista deixou de nos convir, abandonamo-la, despendemos novos esforços rudes e, afinal, Wodheiha voltou a empacar. O caso tornava-se sério, pois a tarde vinha descendo; de súbito, percebi a solidão que nos envolvia e notei que se aquela noite nos surpreendesse no topo da montanha, Wodheiha morreria; tratava-se, porém, de animal muito nobre. Havia, também, o sólido peso do ouro, e eu não sabia até que ponto era seguro, mesmo na Arábia, colocar seis mil soberanos à margem da estrada, com um sinete como sinal de propriedade, e abandoná-los durante toda uma noite. Portanto, reconduzi Wodheiha para trás, a uns cem metros ao longo da pista já percorrida, montei e a coloquei a passo de carga contra a colina. Ela respondeu. Irrompemos na borda norte do topo, que dominava a aldeia Senussi de Rasheidiya.

Neste lado da montanha, abrigado do vento e aberto ao sol a tarde toda, o degelo se realizara. Por baixo da camada superficial de neve, ficava o leito molhado e lamacento; e quando Wodheiha marchou por cima disto, em boa velocidade, seus pés pisaram em falso e ela tombou, com as quatro pernas enroscadas. Assim, de costas, estando eu sempre sobre a sela, escorregamos, remoinhando, até lá embaixo, cerca de trinta metros. É provável que a cauda tenha ficado ferida (havia pedras sob a neve), pois, no plano, o animal se pôs nervosamente de pé, mugindo, e sacudiu-a de um lado para outro, como escorpião. Depois, começou a correr a quinze quilômetros por hora, pela pista escorregadia que desembocava em Rasheidiya, escorregando e tombando asselvajadamente: — eu agarrei-me ao arção da sela, tomado de terror à idéia de uma queda e de possível fratura de ossos.

Uma multidão de árabes, homens de Zeid, presa ali pelo tempo quando se dirigia ao acampamento de Feisal, correu para fora, ao ouvir a trombeteante aproximação da camela, e saudou com gritos esta entrada tão espetacular na aldeia. Pedi informações; disseram-me que tudo corria bem. Então, tornei a montar, para vencer os últimos doze quilômetros até Tafileh, onde entreguei a Zeid as suas cartas e algum dinheiro, e fui contente para a cama... à prova de pulgas por mais uma noite.

CAPÍTULO 90

A manhã encontrou-me quase cego pela neve, mas contente e vigoroso. Andei em busca de algo a fazer, a fim de encher os dias de inatividade, até a chegada da outra remessa de ouro. A decisão final foi a de realizar o exame pessoal das proximidades de Kerak, bem como do terreno pelo qual deveríamos avançar mais tarde, a caminho do Jordão. Pedi a Zeid que tomasse de Motlog as vindouras vinte e quatro mil libras, e que despendesse o que fosse necessário para as despesas correntes, até meu regresso.

Zeid contou-me que havia outro inglês em Tafileh. A notícia surpreendeu-me, e eu parti para me encontrar com o tenente Kirkbride, jovem oficial do estado-maior, que falava bem o árabe, enviado por Deedes, a fim de relatar as possibilidades secretas da frente árabe. Tratava-se do começo de uma conjugação de esforços, proveitosa para nós, e devida a Kirkbride; este era rapaz taciturno, resistente, apenas adolescente quanto à idade, mas temerário na ação, tendo permanecido oito meses com os oficiais árabes e sendo sempre o seu companheiro silencioso.

O frio passou e o movimento, mesmo nas alturas, já se tornava praticável. Atravessamos o Wadi Hesa e marchamos até a borda do vale do Jordão, cujas profundidades reecoavam o avanço de Allenby. Disseram-me que os turcos ainda sustentavam Jericó. Então, voltamos para Tafileh, depois de um reconhecimento muito tranqüilizador quanto ao nosso futuro. Todos os passos seriam possíveis na estrada que nos uniria aos britânicos na maior parte, as regiões apresentavam-se até fáceis. O tempo era tão belo, que podíamos, de acordo com a razão, começar de imediato;— e assistia-nos o direito de esperar dar cabo de tudo em um mês.

Zeid ouviu-me friamente. Vi Motlog depois dele, e saudei-o com sarcasmo, perguntando-lhe pelo seu ajuste de contas em relação ao ouro; a seguir, comecei a repetir o meu programa sobre o que deveríamos fazer sem perda de tempo. Zeid deteve-me: "Mas isto exigirá muito dinheiro." Disse-lhe: "Absolutamente

não"; os fundos que tínhamos à mão cobririam as despesas, e sobrariam. Zeid replicou que nada possuía; e quando o fixei, estupefato, murmurou, mais ou menos envergonhado, que despendera tudo o que eu trouxera. Pensei que estivesse pilheriando; mas ele prosseguiu dizendo que tanto se devia a Dhiab, xeque de Tafileh; tanto aos aldeães; tanto aos Howeitats Jazis; tanto aos Beni Sakhrs.

Só para uma defensiva seria concebível tal dispêndio. As tribos citadas eram elementos concentrados em Tafileh, homens cujas dívidas recíprocas de sangue os tornavam inúteis para emprego ao norte do Wadi Hesa. Admitia-se que os xerifes, à medida que avançavam, arrolassem todos os distritos, a troco de soldos mensais: — mas estava claramente entendido que o soldo seria fictício, devendo ser pago apenas se fossem chamados ao serviço ativo. Feisal tinha mais de quarenta mil homens registrados em seu livro de Akaba; entretanto, o seu subsídio, vindo da Inglaterra, não bastaria para pagar dezessete mil. Os soldos do restante eram nominalmente devidos, e freqüentemente solicitados: mas não tinham força legal. Não obstante, Zeid dizia que já os havia pago.

Fiquei agastado; porque isto representava a ruína completa dos meus planos e das minhas esperanças, o colapso do nosso esforço no sentido de sustentar a palavra dada a Allenby. Zeid firmou-se na declaração de que todo o dinheiro se havia ido. A seguir, saí para saber a verdade pela boca de Nasir, que se encontrava de cama, com febre. Disse-me, desacoroçoadamente, que tudo estava errado — Zeid era jovem demais para resistir aos seus conselheiros desonestos e covardes.

Pensei a noite toda sobre o que poderia ser feito, mas nada encontrei; e quando a manhã surgiu, só me foi possível enviar uma palavra a Zeid, informando-o de que, se não me pudesse devolver o dinheiro, eu deveria retirar-me. Enviou-me a sua suposta conta do dinheiro despendido. Enquanto eu arrumava os meus pacotes, Joyce e Marshall chegaram. Haviam viajado de Guweira, desejando fazer-me agradável surpresa. Contei-lhes como se dera o fato de eu me ver obrigado a voltar à presença de Allenby, a fim de colocar em suas mãos os meus serviços futuros. Joyce fez um inútil apelo a Zeid, e prometeu explicar tudo a Feisal.

Encarregou-se de regularizar os meus assuntos e de dispersar a minha escolta. Assim, foi-me possível partir, acompanhado de apenas quatro homens, ao fim daquela mesma tarde, a caminho de Beersheba, rota mais breve para chegar ao quartel-general britânico. A vinda da primavera tornava surpreendentemente bela a primeira parte desta viagem, ao longo da crista da escarpa do Arabah, e o

meu humor de despedida fazia-me sentir aquela beleza de maneira ainda mais acentuada. As colinas, lá em baixo, vestiam-se de árvores; mas, perto de nós, junto ao topo, as encostas a pique, vistas de cima, eram colchas de retalhos de gramados unidos, mergulhando-se para ir ao encontro de uma rocha nua, de muitas cores. Algumas das cores eram minerais, da própria rocha, mas outras tinham origem acidental, devido à água vinda da neve desfeita, que caía da crista do rochedo ora em filetes, ora em poalha, ou, ainda, em cordões de diamantes, pelas ramas pendentes dos fetos verdes.

Em Buseira, pequena aldeia situada no topo de uma rocha dando para o abismo, os companheiros insistiram para que parássemos e comêssemos.. Fi-lo de bom grado, porque, se alimentássemos os camelos ali com um pouco de cevada, poderíamos marchar a noite toda e atingir Beersheba pela manhã; mas, para evitar demoras, recusei-me a entrar em suas casas e, em vez disto, comemos num pequeno cemitério, ao lado de uma tumba em cujas juntas haviam sido cimentadas tranças de cabelos, ornamentos da cabeça sacrificados pelos parentes em luto. Depois, descemos pelos ziguezagues da grande passagem que nos conduziu para o fundo escaldante do Wadi Dhahal, por cima do qual os rochedos e as montanhas se uniam tanto que dificilmente as estrelas brilhavam na sua profunda escuridão. Paramos um instante, enquanto os nossos camelos amainavam o nervoso tremor das pernas dianteiras, resultante do esforço da terrível descida. A seguir, patinhamos, metidos até os tornozelos, pela rápida corrente abaixo, sob longa arcada de murmurantes bambus, que se fechava tão perto das nossas cabeças a ponto de os seus leques escovarem o nosso rosto. Os estranhos ecos desta passagem em arco assustaram os camelos, que se puseram a trote.

Logo nos vimos fora dela e longe dos desfiladeiros do vale, atravessando o chão descampado de Arabah. Atingimos o leito central e percebemos que estávamos fora da rota — o que não era para admirar, pois nos guiávamos apenas pelas minhas memórias, de três anos passados, relativas a um mapa de Newcombe. Meia hora se despendeu para o encontro de uma rampa que desse passagem aos camelos, por cima do outeiro de terra.

Por fim encontramos um aclive, e percorremos as sinuosidades de um labirinto pantanoso que ficava adiante — estranho lugar, estéril e cheio de sal, como um mar grosso subitamente paralisado, com todas as suas ondas encrespadas em terra dura e fibrosa, muito cinzento, à meia-lua daquela noite. Depois, desviamo-nos para o ocidente, até que as árvores robustas de Husb se desenharam contra o céu, e que ouvimos os murmúrios da grande fonte que fluía

das raízes. Nossos camelos beberam um pouco. Haviam descido mil e quinhentos metros desde as montanhas de Tafileh, e agora tinham de subir novecentos até a Palestina.

Nos pequenos morros que ficavam antes do Wadi Murra, vimos, de súbito, uma fogueira de grandes troncos, empilhados de fresco e ainda brancos de calor. Não se via pessoa alguma, prova de que os que ali haviam estado formavam um grupo de guerra; contudo, o fogo não havia sido ateado à maneira dos nômades. O vívido do braseiro demonstrava que ainda estavam perto; seu tamanho revelava que eram muitos; assim, a prudência aconselhava-nos a apressar a marcha. Na realidade, era a fogueira de acampamento de uma seção britânica de carros Ford, ao comando dos dois famosos Macs, que andavam em busca de uma estrada de rodagem do Sinai para Akaba. Os homens encontravam-se escondidos nas sombras, apontando para nós com as suas metralhadoras Lewis.

Galgamos a passagem quando o dia rompeu. Chovia um pouco, o que nos refrescava, depois dos rigores de Tafileh. Farrapos das nuvens mais finas pairavam, desarrazoadamente imóveis, sobre as montanhas, enquanto atravessávamos a confortável planície a caminho de Beersheba, lá pelo meio-dia: boa marcha, montanha abaixo e montanha acima, através de cento e vinte quilômetros.

Contaram-nos que Jericó acabava de ser tomada. Dirigi-me ao quartel-general de Allenby. Ali encontrei Hogarth, na plataforma. Confessei-lhe que eu havia arruinado todas as coisas; e que vinha para pedir a Allenby que me desse papel menos importante em qualquer outra parte. Eu tinha empenhado todo o meu ser na causa árabe, chegando, afinal, ao fracasso, por causa do meu julgamento errôneo; a razão disto era Zeid, o próprio irmão de Feisal, pequeno homem de que realmente eu gostava. Agora eu já não tinha nada que valesse uma refeição no mercado árabe, e aspirava à segurança do costume; ser conduzido; pousar a cabeça no travesseiro do dever e da obediência, irresponsavelmente.

Queixei-me de que, desde o desembarque na Arábia, eu só tivera opções e exigências, nunca uma ordem; eu estava morto de cansaço da ação arbitrária que me outorgavam, e de todas as coisas que me ficavam à margem da liberdade de ação. Durante ano e meio, estivera em movimento, percorrendo mil e quinhentos quilômetros a cada mês, sobre camelos; acrescentavam-se a isto horas nervosas em aeroplanos enlouquecidos e corridas terra adentro, em poderosos carros. Nas minhas últimas cinco ações, tinha sido ferido, e o meu corpo, assim, receava sofrimentos ulteriores, por tal forma que agora eu tinha de me esforçar para permanecer sob o fogo. Em geral, sofrera fome; nos últimos tempos, frio; e o

gelo e a imundície já haviam envenenado os meus ferimentos, transformando-os em um conjunto ulceroso de dores.

Entretanto, estes padecimentos teriam tomado o seu humilde lugar, à vista do meu desprezo para com o corpo, e em particular para com o meu corpo sujo, se não houvesse a excessiva fraudulência que estava para se transformar em hábito da minha mente; se não existissem aquela pretensão de conduzir o levante nacional de outra raça, aquele cotidiano postular em roupagens estranhas, pregando em idioma estrangeiro; e se não se patenteasse, por trás disto, o sentimento de que as "promessas" sobre as quais os árabes se apoiavam valiam o que a sua força armada valesse no momento em que a hora do cumprimento chegasse. Nós nos havíamos iludido com a esperança de que, talvez, a paz encontrasse os árabes capazes de se defenderem, sem auxílios e sem mais conselhos, com instrumentos de papel. Entrementes, atenuávamos a nossa fraude conduzindo a guerra deles, com pureza e economia. Agora, porém, este alívio se havia dissipado em mim. As acusações contra a minha vaidade eram as mortes, sem causa e sem efeitos, de Hesa. Minha vontade desaparecera, e eu receava ficar só, e que os ventos das circunstâncias, ou do poder, ou da concupiscência, varressem a minha alma vazia.

CAPÍTULO 91

Diplomaticamente, Hogarth não respondeu palavra, mas levou-me para almoçar com Clayton. Ali, vim a saber que Smuts chegara do ministério da Guerra à Palestina, com notícias que alteravam a nossa situação relativa. Durante vários dias, haviam procurado ter-me presente às conferências, e finalmente chegaram a enviar aeroplanos para buscar-me em Tafileh; mas os pilotos tinham lançado suas mensagens perto de Shobek, em meio a árabes excessivamente temerosos em face das intempéries, e que, portanto, não se moveram.

Clayton disse que, em virtude das novas condições, não era possível deixar-me partir. O Oriente estava, agora, apenas iniciando a marcha. Allenby contou-me que o ministério da Guerra se apoiava seriamente nele para reparar a paralisia do Ocidente. Devia tomar, pelo menos, Damasco; e, se possível, Aleppo, tão cedo quanto pudesse. A Turquia precisava ser posta fora da guerra, de uma vez por todas. As dificuldades de Allenby estavam no seu flanco oriental, a ala direita que, naquele tempo, se estendia pelo Jordão. Chamaram-me para calcular se os árabes podiam aliviá-lo deste fardo.

Não havia evasiva para mim. Deveria retomar, mais uma vez, o manto da fraude no Oriente. Com o meu profundo desprezo em relação às meias medidas, tomei-o rapidamente e envolvi-me nele de maneira completa. Poderia ser fraude, ou poderia ser farsa; ninguém deveria dizer que eu não fosse capaz de levá-la a termo. Assim, nem sequer fiz menção das razões que me haviam trazido para ali; mas assinalei que era este o projeto do Jordão, visto pelo ângulo britânico. Allenby concordou, perguntando se ainda podíamos realizá-lo. Eu disse que não, por enquanto, a menos que uns tantos fatores fossem antes eliminados.

O primeiro fator era Maan. Deveríamos tomá-la antes de nos atirarmos à segunda etapa. Se mais meios de transporte dessem maior alcance às unidades do exército regular árabe, este poderia tomar posição a alguns quilômetros ao norte de Maan e cortar a estrada de ferro de maneira permanente, forçando, por este

modo, a guarnição de Maan a sair e travar batalha; e, em campo aberto, os árabes desbaratariam facilmente os turcos. Precisávamos de setecentos camelos de carga; mais canhões e mais metralhadoras; e, por último, garantias contra ataques de flanco que partissem de Amã, enquanto nos ocupássemos com Maan.

Sobre esta base, preparou-se um plano. Allenby ordenou que descessem a Akaba duas unidades do corpo de cameleiros de transporte, organização de egípcios sob comando de oficiais britânicos, que já havia revelado alta eficiência na campanha de Beersheba. Era um belo presente, pois a sua capacidade de transporte assegurava-nos que passaríamos a ser capazes de manter os nossos quatro mil regulares a cento e vinte quilômetros à frente das suas bases. Canhões e metralhadoras também nos foram prometidos. Quanto a escudar-nos contra ataques procedentes de Amã, Allenby disse que isto facilmente se arranjaria. Tencionava, para segurança do seu próprio flanco, tomar dentro em breve a aldeia de Salt, além do Jordão, e mantê-la por meio de uma brigada indiana. Uma conferência do corpo de exército estava marcada para o dia seguinte e eu devia ficar para a assistir.

Nesta conferência, determinou-se que o exército árabe se moveria imediatamente para o planalto de Maan, a fim de tomar Maan. De seu lado, os britânicos cruzariam o Jordão, ocupariam Salt e destruiriam, ao sul de Amã, o maior trecho possível da estrada de ferro; particularmente, o grande túnel. Discutiu-se, em seguida, a parte que os árabes de Amã deveriam tomar nas operações britânicas. Bols pensava que deveríamos ir à frente. Opus-me a isto, porque o recuo ulterior, para Salt, provocaria rumores e reação, e seria mais fácil se não entrássemos até que a agitação amainasse.

Chetwode, que estava para dirigir o avanço, perguntou como os seus homens deveriam distinguir os árabes amigos dos hostis, uma vez que o preconceito dos nativos era contrário a todos os que usavam blusas. Eu estava ali sentado, de blusa, em meio a eles, e respondi, naturalmente, que os portadores de blusas não gostavam de homens em uniforme. Uma risada resolveu a questão, e concordou-se em que apoiaríamos a retenção britânica de Salt somente depois que as tropas ali chegassem para repousar. Assim que Maan caísse, os regulares árabes mover-se-iam para o norte, retirando víveres de Jericó. Os setecentos camelos subiriam com eles, permitindo-lhes sempre cento e vinte quilômetros de raio de ação. Isto seria o bastante para que operassem acima de Amã, no grande ataque de Allenby ao longo da linha, desde o Mediterrâneo, até o mar Morto, que era a segunda fase da operação, destinada a capturar Damasco.

Os meus assuntos terminaram. Fui para o Cairo, por dois dias, e depois me transportaram, em aeroplano, para Akaba, a fim de estabelecer, com Feisal, os novos termos. Disse-lhe que eu pensava que os árabes me haviam traído gravemente, desperdiçando, sem meu conhecimento, dinheiro de conta especial que, por mútuo acordo, eu havia retirado exclusivamente para a campanha do mar Morto. Conseqüentemente, eu abandonara Zeid, sendo impossível, a qualquer conselheiro burlado, prosseguir na tarefa.

Allenby fizera-me regressar. Mas a minha volta não significava que o dano estivesse reparado. Uma grande oportunidade havia sido perdida, e uma valiosa avançada desperdiçada. Os turcos retomariam Tafileh, dentro de uma semana, sem dificuldade.

Feisal sentiu-se incomodado, porque a perda de Tafileh faria mal à sua reputação; e surpreendido pelo meu pouco interesse em presença desta perda. A fim de o confortar, observei que, agora, Tafileh nada representava para nós. O dois interesses eram constituídos pelas extremidades da sua área, Amã e Maan. Tafileh já não valia a perda de um homem; com efeito, se os turcos se mudassem para lá, enfraqueceriam ou Maan ou Amã, tornando ainda mais fácil o nosso trabalho.

Reconciliou-se um pouco com isto, mas enviou urgentes advertências a Zeid, a respeito do perigo vindouro, sem resultado, porque seis dias após os turcos retomaram Tafileh. Entrementes, Feisal reconstituiu a base dos seus fundos de exército. Dei-lhe a boa nova de que Allenby, como agradecimento pela ação do mar Morto e de Aba el Lissan, havia posto trezentas mil libras à minha disposição e ao meu critério, dando-nos também uma caravana de setecentos camelos de carga, completa, com pessoal e equipamento.

Isto provocou grande alegria em todo o exército, pois a coluna de bagagem nos permitiria provar, no campo de batalha, o valor das tropas regulares árabes, em cujo treino e em cuja organização Joyce, Jaafar e muitos outros oficiais árabes e ingleses tinham trabalhado durante meses. Elaboramos, de maneira sumária, datas e planos; depois, embarquei, ocupadíssimo, de regresso ao Egito.

LIVRO VIII

A RUÍNA DE ALTA ESPERANÇA

CAPÍTULOS 92 A 97

Em combinação com Allenby, preparamos um plano tríplice, para nos unirmos através do Jordão, capturarmos Maan e cortarmos as comunicações com Medina, numa única operação. Era ambição excessiva, e nenhum de nós desempenhou o seu papel. Assim, os árabes trocaram a vigilância da plácida estrada de ferro de Medina pela grave responsabilidade de sitiar, em Maan, uma força turca tão considerável como o seu exército disponível.

A fim de auxiliar esta manobra, Allenby aumentou os nossos transportes, para dispormos de maior raio de ação e de mais desenvolta mobilidade. Maan apresentava-se inexpugnável, aos nossos olhos, de maneira que concentramos todos os esforços em cortar a sua estrada de ferro ao norte e em anular o esforço dos turcos destinado a aliviar-lhes as suas melhores guarnições do lado de Amã.

É claro que nenhuma decisão havia em semelhante tática; mas a avançada dos alemães, em Flandres, naquele momento, fez com que se retirassem de Allenby as suas unidades britânicas; conseqüentemente, Allenby perdeu suas vantagens sobre os turcos. Ele nos fez saber que se sentia incapaz de atacar.

A paralisia, em pleno ano de 1918, era uma perspectiva intolerável. Planejamos reforçar o exército árabe para as operações de outono, nas redondezas de Deraa e na região de Beni Sakhr. Se isto forçasse a retirada de uma divisão inimiga da Palestina, possibilitaria o ataque auxiliar inglês, de cujas finalidades uma seria a nossa reunião no baixo vale do Jordão, perto de Jericó. Depois de um mês de preparativos este plano

foi abandonado, em virtude dos seus riscos, bem como do aparecimento de um plano melhor.

CAPÍTULO 92

No Cairo, onde passei quatro dias, os nossos assuntos se encontravam longe dos azares da sorte. O sorriso de Allenby dera-nos um estado-maior. Tínhamos vários oficiais de suprimentos, um técnico de embarques, um perito em munições e um departamento de informações; o comandante era Alan Dawnay, irmão do autor do plano de Beersheba, que partira para a França. Dawnay foi o maior presente que Allenby nos deu — melhor do que milhares de camelos de carga. Como oficial de carreira, tinha o toque da classe; a tal ponto, que o mais formal dos militares reconhecia nele um autêntico oficial. Dotado de mente compreensiva, sentia instintivamente as qualidades especiais da rebelião; ao mesmo tempo, a sua experiência de guerra enriquecia o trato dispensado a este assunto antitético. Casava, no próprio espírito, a guerra e a rebelião, como, outrora, em Yenbo, havia sido meu sonho que todo oficial pudesse fazer. Contudo, em três anos de prática, somente Dawnay obtinha êxito.

Ele não podia assumir o comando direto e completo porque não sabia árabe; e também em virtude da saúde abalada nas Flandres. Tinha o dom, raro entre ingleses, de tirar o melhor proveito das boas coisas. Era excepcionalmente culto, para um oficial do exército regular, e imaginativo. Suas maneiras perfeitas lhe conquistavam amigos em todas as raças e em todas as classes. Por suas lições começamos a aprender a técnica da batalha em temas a respeito dos quais nós nos vínhamos dando por satisfeitos, regularizando tudo por meio de normas rudes e dispendiosas, traçadas com o polegar. O seu senso da justiça remodelou a nossa maneira de agir.

O movimento árabe tinha vivido como demonstração de selvagens, com recursos tão pequenos como os seus deveres e as suas perspectivas. Dali por diante, Allenby contou com ele como sensível parte do seu plano; e a responsabilidade que nos coube, de fazer tudo melhor do que desejávamos, sabendo que o pagamento do nosso fracasso seria necessariamente efetuado, em

parte, pelas vidas dos seus soldados, removeu a rebelião para longe, terrivelmente para longe da esfera de alegres aventuras.

Com Joyce, assentamos o plano tríplice, destinado a apoiar o primeiro ímpeto de Allenby. No nosso centro, os árabes regulares, sob o comando de Jaafar, ocupariam a linha do comprimento de uma etapa, ao norte de Maan. Joyce, com os carros blindados, deslizaria até Modwwara e destruiria a estrada de ferro — de maneira permanente, desta vez, porquanto agora estávamos prontos para cortar as comunicações com Medina. Ao norte, Merzuk, comigo, juntar-se-ia a Allenby, quando este recuasse para Salt, lá pelo dia 30 de maio. Esta data me proporcionava algum tempo: e resolvi ir a Shobek, com Zeid e Nasir.

Era primavera; muito agradável depois do inverno mordente, cujos excessos já nos pareciam, agora, coisa de sonho, em presença da nova frescura e da nova pujança da natureza, porque havia força naquela estação do ano, na montanha, quando a aguda frieza do cair do sol corrigia a languidez do meio-dia.

A vida toda despertava conosco: até os insetos. Na primeira noite, coloquei o turbante de *cashmere* no chão, sob a minha cabeça, à guisa de travesseiro; e, pela madrugada, quando o tomei de novo, vinte e oito piolhos se debatiam por entre a sua tessitura gelada. Depois, dormimos sobre os cobertores de sela, grandes peles de carneiro curtidas que se punham sobre a carga, a fim de proporcionar assento macio e impermeável ao suor. Nem assim fomos deixados a sós. Os carrapatos dos camelos, que se haviam alimentado (com o sangue dos animais imobilizados) até se transformarem em pequenos coxins esticados, de cor azulada, do tamanho da unha do polegar, rastejavam sob nós, apertando-se por baixo, do lado do couro das peles de carneiro; e, se rolássemos sobre eles, durante a noite, o nosso peso faria com que explodissem em manchas escuras de sangue e de poeira.

Enquanto estávamos nesta confortável atmosfera, com abundância de leite ao redor, chegaram notícias de Azrak, dizendo que Ali ibn el Hussein e os indianos ainda se encontravam de guarda. Um indiano morrera de frio, e também Daud, meu criado Ageyli, o amigo de Farraj. Farraj, pessoalmente, nos informou.

Os dois haviam sido amigos desde a infância, e viveram em perene alegria: trabalhando juntos, dormindo juntos, dividindo todo benefício e todo proveito com a largueza e a honestidade do perfeito amor. Assim, não me surpreendi ao ver Farraj tornar-se sombrio e de semblante duro, de olhar plúmbeo e envelhecido, quando veio contar-me que o seu companheiro estava morto; e daquele dia, até quando o seu serviço terminou, nunca mais nos fez rir. Cuidava caprichosamente, mais ainda do que antes, do meu camelo, do meu café, das minhas roupas e das minhas selas, e prostrava-se ao chão para rezar as suas três

preces regulamentares, todos os dias. Os outros se ofereciam para o confortar, mas, ao contrário, ele se punha a andar sem descanso, grisalho e silencioso, cada vez mais só.

Quando contemplada daquele tórrido Oriente, a nossa concepção da mulher parecia participar do clima nórdico, que também havia contraído a nossa fé. No Mediterrâneo, a influência da mulher, bem como os seus supostos propósitos, se tornavam realidade por meio de uma compreensão com a qual se lhe concedia o mundo físico, em simplicidade, sem contestação, como a pobres de espírito. Contudo, a concessão, pela negação da igualdade do sexo, tornava o amor, a camaradagem e a amizade impossíveis entre homem e mulher. A mulher fizera-se máquina de exercício muscular, enquanto o lado físico do homem só podia desafogar-se entre os seus pares. Daí surgiam aqueles consórcios de homem com homem, a fim de proporcionar, à natureza humana, mais do que o simples contato entre carne e carne.

Nós, os ocidentais desta idade complexa, monges dentro das células do nosso corpo, que procuramos alguma coisa que nos encha, além da palavra e dos sentidos, fomos, pelo mero esforço da busca, expulsos para sempre desse prazer. Contudo, era concedido às crianças, como aqueles descuidados Ageyls, contentes de receber sem devolver, mesmo um do outro. Nós nos torturamos com o remorso herdado, por causa da indulgência carnal do nosso nascimento, esforçando-nos para pagá-la através de uma vida de misérias; e contrastamos a felicidade, que é a descoberta da vida, com um inferno de compensação, bem como com o saldo do bem ou do mal, tendo sempre em vista o dia do juízo.

Entrementes, em Aba el Lissan, as coisas não corriam bem, quanto ao nosso plano de se destruir a guarnição de Maan pela colocação do exército árabe através da estrada de ferro, no norte, forçando-a a aceitar a batalha, enquanto Allenby atacasse a sua base e os seus reforços em Amã. Feisal e Jaafar aprovavam o plano, mas os seus oficiais reclamavam o ataque direto contra Maan. Joyce fez observar a sua fraqueza quanto à artilharia e às metralhadoras, a inexperiência dos seus homens e a maior sabedoria estratégica do plano ferroviário, que era o nosso: mas não obteve efeito algum. Maulud, ansioso por um assalto imediato, escreveu vários memorandos a Feisal a respeito do perigo da interferência inglesa na liberdade árabe. Nesta altura, Joyce caiu enfermo de pneumonia, e partiu para Suez. Dawnay subiu para pôr os descontentes no caminho da razão. Ele representava o nosso melhor trunfo com a sua provada reputação militar, com o requinte das suas botas e o seu ar de ciência bem trajada; mas chegou muito tarde, pois os oficiais árabes, agora, julgavam que a sua honra estava em jogo.

Concordamos em que devíamos deixá-los por sua própria conta, naquele ponto, embora fôssemos de fato onipotentes, tendo o dinheiro, os víveres e também os transportes, em nossas mãos. Entretanto, sendo o povo desajuizado, devia ter um governo igualmente sem juízo; e, particularmente, nós precisávamos ir devagar com aquela democracia autônoma, constituída pelo exército árabe, onde o serviço militar era tão voluntário como o alistamento. Entre nós, conversávamos familiarmente a respeito dos exércitos turco, egípcio e britânico; e nós mesmos elevávamos os nossos comandantes à categoria de campeões. Joyce louvava a magnificência de parada dos seus egípcios — homens formais, que gostavam do movimento mecânico, e que sobrepujavam as tropas britânicas quanto ao físico, à correção dos uniformes e à perfeição do exercício militar. Eu sustentava a frugalidade dos turcos, daquele exército trôpego e esfarrapado de servos. Quanto ao exército britânico, todos nós o conhecíamos por determinado prisma; e, pondo em contraste os serviços obtidos, encontrávamos variedades de obediência, de acordo com o grau da força disciplinada que, como sanção, servira a cada um de nós.

No Egito, os soldados pertenciam ao seu serviço, sem o controle da opinião pública. Conseqüentemente, tinham incentivos pacíficos para o aperfeiçoamento da conduta formal. Na Turquia, os soldados eram, em teoria, propriedade dos oficiais, de corpo e de alma; mas esta sorte se mitigava pela possibilidade da fuga. Na Inglaterra, o recruta voluntário servia tão severamente como qualquer turco, com a exceção de que, com o evoluir da decência civil, se havia retirado da autoridade o recurso de infligir penalidades físicas diretas; mas, na prática, sobre a nossa população menos obtusa, os efeitos dos exercícios com mochila, ou da fadiga, afiguram-se-nos pouco menos do que os do sistema oriental.

No exército regular árabe não havia o menor poder de punição: esta vital diferença se revelava em todas as nossas tropas. Não tinham formalidade de disciplina; não existia a subordinação. O serviço era ativo; o ataque, sempre iminente; e, como no exército da Itália, os homens reconheciam o dever de derrotar o inimigo. Quanto ao resto, não eram soldados, mas peregrinos, ardendo de desejo de ir sempre um pouco mais à frente.

Eu não estava descontente com este estado de coisas, pois me parecia que a disciplina, ou pelo menos a disciplina formal, fosse virtude de tempo de paz; característica ou estigma com que se separam os soldados dos homens completos, obliterando a humanidade do indivíduo. A disciplina resolvia-se mais facilmente no restritivo, no obrigar os homens a não fazer isto ou aquilo; e, assim, alimentava-se de uma norma bastante severa para fazer com que os homens

desesperassem de desobedecer. Era processo de multidão, elemento de massa impessoal, inaplicável a um homem, posto que envolvia obediência, e portanto dualismo de vontade. A disciplina não tem o fim de convencer os homens de que a sua vontade deve secundar ativamente a dos oficiais, pois, se este fosse o caso, deveria haver, como no exército árabe e no seio de todos os irregulares, aquela pausa momentânea, indispensável à transmissão de pensamento, ou digestão; o tempo para que os nervos transformassem em conseqüência ativa a vontade privada comunicada. Ao contrário, todos os exércitos regulares desenraizaram cuidadosamente esta pausa significativa, atirando-a fora das suas companhias, em parada. Os instrutores de exercícios procuraram fazer da obediência um instinto, um reflexo mental, que se segue instantaneamente à voz de comando, como se a força motriz da vontade do indivíduo se houvesse concentrado em um sistema.

Isto representava um bem, na medida em que aumentava a rapidez; mas não deixava margem para as emergências, alimentando-se com a fraca presunção de que cada subordinado ficasse com o motor de sua vontade, não atrofiado, mas mantido em reserva, em perfeita ordem e pronto, a qualquer momento, para substituir o do seu oficial superior, em caso de morte deste; assim, a eficiência do comando transladava-se suavemente pela grande hierarquia abaixo, até encarnar-se no mais velho dos dois únicos soldados sobreviventes.

Esta concepção apresentava outra fraqueza, à vista do ciúme dos homens: a de entregar o poder às mãos da velhice arbitrária, cuja petulante atividade ainda mais se corrompia em virtude do longo hábito do comando, o que arruinava a sua vítima, causando-lhe a morte do tempo subjuntivo. Além disto, eu tinha a idiossincrasia de desconfiar do instinto, por possuir este as suas raízes na nossa animalidade. A razão parecia oferecer aos homens algo decisivamente mais precioso do que o medo ou o sofrimento; e isto me fazia reduzir o valor da correção da indumentária em tempo de paz, como educação de guerra.

Porque, com a guerra, certa mudança sutil se verificava no soldado. A disciplina se modificava, sendo sustentada e até engolida pelo ardor do homem empenhado em combate. Este ardor era o que produzia a vitória, em sentido moral, e freqüentemente também em sentido físico. A guerra compunha-se de crises de intenso esforço. Por motivos psicológicos, os comandantes desejavam a menor duração possível deste esforço máximo, não porque os homens deixassem de procurar despendê-lo — em regra os homens lançavam-se para a frente até tombar —, mas porque cada esforço destes lhes enfraquecia a reserva restante. A crise desta espécie era nervosa, e, quando se manifestava em alta tensão, separava, rasgando, a carne do espírito.

Despertar a excitação da guerra, para a criação do espírito militar em tempo de paz, podia ser perigoso, tal como a unção excessivamente prematura de um atleta. Conseqüentemente, a disciplina, com a sua concomitante correção (expressão suspeita, implicando constrangimentos e sofrimentos superficiais) fora inventada para tomar-lhe o lugar. O exército árabe, nascido e crescido na linha de fogo, não conhecera nunca os hábitos de tempo de paz, nem se defrontou com os problemas da própria manutenção, até o dia do armistício: e então, fracassou, clamorosamente.

CAPÍTULO 93

Depois que Joyce e Dawnay se retiraram, saí de Aba el Lissan, com Mirzuk. O dia da nossa partida prometia coroar o frescor primaveril daquele elevado planalto.

Uma semana antes, verificara-se, por ali, uma furiosa chuva de granizo e parte da brancura da neve parecia ter passado para a luz. O chão apresentava-se animado, com erva nova; e a luz do sol, que caía obliquamente, pálida como palha, aquecia, amadurecia o vento palpitante.

Conosco viajaram dois mil camelos do Sirhan, carregando munições e víveres. A fim de não forçar a caravana, marchamos sem pressa, esperando atingir a estrada de ferro depois do anoitecer. Alguns de nós viajavam à frente, no intuito de inspecionar a linha à luz do dia e de garantir-nos tranqüilidade durante as horas que os grupos dispersos consumissem na travessia.

Minha escolta estava comigo, e Mirzuk tinha os seus Ageyls, com dois famosos camelos de corrida. A alegria do ar e da estação do ano apoderou-se deles. Logo se puseram a desafiar-se, em corridas, ameaçando-se mutuamente, ou travando escaramuças. A imperfeição do meu cavalgar sobre camelos (e o meu humor) proibia-me de me lançar entre os rapazes, que se balançavam mais para o norte, enquanto eu progredia só, livrando o meu espírito dos clamores e das intrigas do acampamento. A abstração da paisagem do deserto limpou-me o espírito, tornando-o vazio em virtude da sua supérflua grandeza: grandeza conseguida não pela adição do pensamento à vacuidade, mas pela sua subtração. Na fraqueza da vida da terra espelhava-se a força do céu, tão vasto, tão belo, tão forte.

Quase ao crepúsculo, a linha férrea se fez visível, curvando-se amplamente pela região descampada por entre tufos baixos de grama e de arbusto. Vendo que tudo se apresentava com ar pacífico, avancei, tencionando fazer algo mais adiante

e fiscalizar a travessia dos outros. Havia sempre certa pequena emoção ao tocar os trilhos, alvo de tantos dos nossos esforços.

Cavalgando colina acima, as patas do meu camelo remexeram as pedras, com algum barulho e, da longa sombra de uma passagem subterrânea, à minha esquerda, onde sem dúvida dormia o dia todo, surgiu um soldado turco. Olhou embaraçado para mim e para a pistola à minha mão e depois, com tristeza, para a sua carabina encostada ao muro do aterro, alguns metros além. Era moço; robusto, mas de aspecto sombrio. Fitei-o e disse-lhe, em voz baixa: "Deus é misericordioso." Ele conhecia o som e o sentido da frase árabe; e ergueu os olhos, como um clarão, para os meus; seu rosto, todo enrugado de sono, começou lentamente a transmudar-se, assumindo uma expressão de incrédula alegria.

Contudo, ele não disse palavra. Premi, com o pé, o ombro peludo do meu camelo, que esboçou passos cautelosos através dos trilhos e desceu pelo declive à frente; o pequeno turco foi homem bastante para não atirar contra mim por trás enquanto me afastava; e senti-me enternecido para com ele, como sempre se faz para com uma vida que a gente salvou. Chegando a certa distância, olhei para trás. Ele pôs o polegar no nariz e, com a mão aberta, mexeu os dedos para mim.

Acendemos a fogueira do café, como baliza para o resto da caravana, e esperamos até que as suas silhuetas escuras passassem a linha. No dia seguinte marchamos para o Wadi el Jinz; fomos a caminho de poças deixadas pela enchente, onde olhos-d'água, muito rasos, situados no enrugamento da argila, pareciam ter por pestanas os ramos dos espinheiros. A água era cinzenta, como a marmota do leito do vale, mas doce. Ali repousamos aquela noite, porque Zaagi havia abatido uma abetarda, cuja carne branca Xenofonte, com razão, qualificara como sendo boa. Enquanto festejávamos, os camelos também festejaram. Em virtude da generosidade da primavera, metiam-se até os joelhos em suculenta relva.

Uma quarta marcha folgada nos levou ao Atara, nossa meta, onde os nossos aliados, Mifleh, Fahad e Adhub, se achavam acampados. Fahad ainda se sentia mal, mas Mifleh, com palavras melosas, saiu ao nosso encontro para nos dar as boas-vindas, com o rosto comido pela avareza e a voz sibilante pela mesma causa.

O nosso plano, graças à parte de leão de Allenby, prometia ser simples. Quando preparados, atravessaríamos a linha a caminho de Themed, principal olho-d'água dos Beni Sakhrs. Dali, ao abrigo de uma cortina formada pela sua cavalaria, passaríamos para Madeba, onde estabeleceríamos o quartel-general, enquanto Allenby pusesse a estrada Jericó-Salt em condições. Deveríamos ligar-nos aos britânicos, confortavelmente, sem disparar sequer um tiro.

Entrementes, tínhamos apenas que esperar no Atatir que, para nossa alegria, se apresentava de fato verdejante, tendo em cada depressão uma poça permanente e oferecendo os leitos dos vales cobertos de erva alta e salpicados de flores. As cristas calcárias, estéreis por causa do sal, emolduravam deliciosamente os canais de irrigação. Do ponto mais elevado podíamos descortinar o norte e o sul e ver como a chuva, escorrendo pela encosta abaixo, havia pintado os vales, sobre fundo branco, com amplas faixas verdes, nítidas e firmes como golpes de pincel. Tudo renascia, e de dia para dia o quadro se tornava mais cheio e mais brilhante, até que o deserto tomou o aspecto de um tabuleiro de prados irrigados. Massas remoinhantes de ventos vinham de longe, cruzavam-se e atropelavam-se umas às outras, com irrupções amplas e breves, repontando por entre a erva, para curvá-la momentaneamente ao chão, em renques de cetim, escuros e claros, como trigo novo depois da passagem do cilindro. No topo da montanha, sentamos e trememos em face destas sombras passantes, à espera de pesada rajada — e lá recebíamos, no rosto, a respiração quente e perfumada, muito delicada, que ia além, para trás de nós, como uma luz cinzento-prateada pela planície verde abaixo. Nossos camelos, enfarados, pastavam durante uma ou duas horas e depois se deitavam para ruminar, fazendo voltar à boca bolo alimentar após bolo alimentar de pasta verde, cheirando a manteiga, e mastigando-a pesadamente.

Por fim, chegou a notícia de que os ingleses haviam tomado Amã. Em meia hora pusemo-nos a caminho de Themed, através da linha deserta. Mensagens ulteriores informaram-nos que os ingleses estavam recuando, e embora houvéssemos advertido os árabes a respeito desta manobra, ainda assim se mostraram perturbados. Outro mensageiro relatou como os ingleses acabavam de fugir de Salt. Isto contrariava inteiramente as intenções de Allenby, e eu jurei, imediatamente, que não era verdade. Um homem veio galopando para dizer que os ingleses haviam feito saltar apenas uns poucos trilhos, ao sul de Amã, depois de dois dias de inúteis assaltos contra a cidade. Senti-me seriamente perturbado no conflito de rumores contraditórios e mandei que Adhub, que merecia confiança por não perder a cabeça, fosse para Salt, levando uma carta destinada a Chetwode, ou a Shea, pedindo-lhes uma nota sobre a situação real. Durante as horas de permeio, vagamos inquietamente pelos campos de cevada nova, com o espírito a elaborar plano depois de plano, em febril atividade.

Bem tarde, à noite, os compassos dos cascos dos cavalos de corrida de Adhub ecoaram pelo vale, e ele chegou para nos dizer que o paxá Jemal agora se encontrava em Salt, vitorioso, enforcando os árabes locais que haviam dado as

boas-vindas aos ingleses. Os turcos ainda prosseguiam repelindo Allenby para longe, pelo vale do Jordão abaixo. Pensava-se que Jerusalém seria recuperada por eles. Eu conhecia muito bem os meus compatriotas e rejeitava esta possibilidade; mas, sem dúvida alguma, as coisas corriam muito mal. Regressamos, desconcertados, para o Atatir.

Esta reviravolta, por ser inesperada, feria-me ainda mais. O plano de Allenby parecia modesto, e era deplorável que tivéssemos de tombar assim aos olhos dos árabes. Nunca haviam confiado em nós, para a realização das grandes coisas que eu predizia; e agora, com os seus pensamentos independentes, passavam a gozar a primavera por ali. Foram atraídos por algumas famílias ciganas, vindas do norte com os seus apetrechos de latoeiro sobre jumentos. Os homens da tribo Zebn nos saudaram com uma alegria que mal compreendi — até que notei que, além dos legítimos lucros do seu ofício, as mulheres abriam-se a outros adiantamentos.

Eram fáceis, particularmente para os Ageyls; e, durante algum tempo, prosperaram de modo extraordinário, uma vez que os nossos homens tinham tanto apetite como generosidade. Eu também as utilizei. Parecia verdadeira pena estar sem coisa alguma a fazer, tão perto de Amã, sem sequer lançar um olhar ao redor. Assim, Farraj e eu alugamos três das alegres pequenas mulheres, vestimo-nos como tais, e fomos passear pela aldeia. A visita teve êxito, embora a minha decisão final fosse a de que a praça deveria ser deixada em paz. Tivemos apenas um momento ruim, junto à ponte, quando regressávamos. Alguns soldados turcos, encontrando-se conosco e tomando-nos os cinco pelo que parecíamos, tornaram-se excessivamente íntimos. Dando provas de recato, bem como de um golpe de canela pouco habitual a mulheres ciganas, escapamos, intactos. Para o futuro, decidi retomar o meu costume de usar o uniforme de simples soldado britânico, em campos inimigos. Era excessivamente jactancioso para ser suspeito.

Depois disto, determinei que os indianos de Azrak regressassem ao acampamento de Feisal, devendo voltar eu próprio para lá. Partimos em uma daquelas claras madrugadas que despertavam os sentidos com o sol, ao passo que o intelecto, cansado pelo pensar da noite, ainda continuava a cochilar. Por uma ou duas horas, em semelhantes manhãs, os sons, os aromas e as cores do mundo impressionavam o homem, um a um, diretamente, sem ser filtrados, nem transformados em tipos pelo pensamento; pareciam existir suficientemente por si próprios, e a falta de coerência e de cuidado, na criação, já não irritava.

Marchamos para o sul, ao longo da estrada de ferro, esperando cruzar com os indianos de Azrak, mais lentos do que nós; o nosso pequeno grupo, montado em excelentes camelos, passava de uma elevação a outra, a fim de vigiar o horizonte.

O frescor do dia encorajava-nos ao emprego de boa velocidade por cima de todas as colinas listradas de quartzo, desprezando a infinidade de veredas desérticas que conduziam apenas aos abandonados acampamentos do ano anterior, ou do último milhar, ou dezena de milhar de anos: porque uma estrada, uma vez palmilhada e sulcada naquele misto de quartzo e de pedra calcária, marca a face do deserto por todo o tempo em que o deserto durar.

Perto de Faraifra vimos uma pequena patrulha de oito turcos marchando linha acima. Os meus homens, refeitos depois dos dias de folga de Atatir, pediram-me que realizássemos uma incursão contra eles. Julguei o caso muito insignificante, mas, quando eles resmungaram, concordei. Os mais jovens se arremessaram instantaneamente para a frente, a galope. Pus em ordem o resto, através da linha, para repelir o inimigo, forçando-o a retirar-se do abrigo, por trás da passagem subterrânea. Zaagi, a cem metros à minha direita, vendo o que se desejava, volteou de lado, sem perda de tempo. Mohsin seguiu-o um instante depois, com a sua seção; entrementes, Abdulla e eu fomos para diante, marchando vigorosamente do nosso lado, a fim de apanharmos o inimigo de ambos os flancos, juntos e ao mesmo tempo.

Farraj, cavalgando à frente de todos, não quis ouvir os nossos gritos nem notou os tiros de advertência disparados por cima da sua cabeça. Contemplou a nossa manobra, mas prosseguiu no trote aloucado a caminho da ponte, onde chegou antes que Zaagi e seu grupo houvessem atravessado a linha. Os turcos cessaram o fogo, e supusemos que se houvessem retirado para o lado de lá da colina, em busca de maior segurança; mas, quando Farraj puxou as rédeas, parando sob o arco da ponte, ouviu-se um tiro, e ele pareceu cair ou saltar da sela, desaparecendo. Pouco depois, Zaagi colocou-se em posição, sobre a colina, e o seu grupo deflagrou ao léu vinte ou trinta tiros, como se o inimigo ainda lá estivesse.

Senti-me inquieto a respeito de Farraj. Seu camelo ali estava, ileso, junto da ponte, só. Farraj talvez estivesse ferido, ou perseguindo o inimigo. Eu não podia acreditar que ele houvesse deliberadamente cavalgado até os turcos, em campo descoberto, e depois parado; contudo, era o que parecia. Mandei que Feheyd fosse ter com Zaagi, ordenando a este que corresse pelo seu lado tão cedo quanto possível, enquanto nós marchamos a trote apressado diretamente sobre a ponte.

Ali chegamos, juntos; encontramos um turco morto, e Farraj terrivelmente ferido, com o corpo atravessado de lado a lado, jazendo junto ao arco, tal como caíra do camelo. Parecia estar inconsciente; mas, quando nos apeamos, saudou-nos, e depois caiu em silêncio, mergulhando no sentimento de solidão que

sempre sobrevém aos homens feridos que pensam estar a morte perto. Rasgamos-lhe as roupas e contemplamos, inutilmente, a ferida. A bala apanhara-o em cheio e parecia haver-lhe lesado a espinha dorsal. Os árabes disseram, imediatamente, que ele teria apenas umas poucas horas de vida.

Tentamos movê-lo, pois parecia estar sem forças, embora não revelasse sofrimento algum. Procuramos estancar o sangue, que escorria em jato amplo e lento, pondo manchas semelhantes a papoulas, na grama; mas isto parecia impossível, e, depois de breve tempo, ele próprio nos pediu que o deixássemos a sós, visto que estava morrendo, e que se sentia feliz por morrer, uma vez que já não alimentava amor algum para com a vida. Com efeito, havia longo tempo que perdera o gosto de viver; os homens muito cansados e entristecidos freqüentemente se enamoram da morte, com essa fraqueza triunfal que se manifesta depois que a força é vencida na última batalha.

Enquanto nos atarefávamos em torno dele, Abd el Latif deu o grito de alarme. Estava vendo cerca de cinqüenta turcos que subiam pela linha, na nossa direção; logo depois, um vagonete a motor foi ouvido, vindo do norte. Éramos apenas sessenta homens, em posição impossível. Eu disse que devíamos nos retirar imediatamente, transportando Farraj conosco. Os homens tentaram erguê-lo, primeiro na sua capa, e a seguir, num cobertor, mas a consciência do ferido voltou, e ele gemeu tão pungentemente que não tivemos coração bastante para o molestar mais.

Não podíamos deixá-lo onde se encontrava, para que os turcos dele se apoderassem, porque já os havíamos visto queimar vivos os nossos infelizes feridos. Por esta razão combináramos, antes de entrar em ação, que um daria cabo da vida do outro, em caso de ferimento irremediável: mas eu nunca concebera que pudesse recair em mim o dever de matar Farraj.

Ajoelhei-me a seu lado, segurando a pistola perto do chão, junto à sua cabeça, de maneira que ele não pudesse perceber o meu propósito; mas deve ter adivinhado, pois abriu os olhos e me agarrou com sua mão ardente e escamosa, a delicada mão daqueles imaturos moços de Nejd. Esperei um momento, e ele disse: "Daud ficará zangado com o senhor." O antigo sorriso aflorou estranhamente ao rosto acinzentado e crispado. Respondi-lhe: "Saúde-o por mim." Deu-me a resposta formal: "Deus lhe dará paz", e, por fim, cansado, fechou os olhos.

O vagonete turco estava, agora, bem perto, serpenteando pelos trilhos abaixo, na nossa direção, como um escaravelho; e as balas da sua metralhadora riscavam o ar ao redor das nossas cabeças, enquanto fugíamos para trás das colinas.

Mohsin conduziu o camelo de Farraj, sobre o qual se achavam o seu odre e os seus cobertores; estes conservavam ainda a forma do corpo dele, no momento em que caíra junto à ponte. Ao anoitecer, fizemos alto; e Zaagi aproximou-se de mim, sussurrando que todos altercavam para saber quem deveria montar o esplêndido animal no dia seguinte. Ele o queria para si próprio; eu sentia-me amargurado pelo fato de aquela morte haver de novo roubado a minha pobreza; e, para vingar uma grande perda por meio de outra perda, embora pequena, matei o pobre animal com a minha segunda bala.

Depois, o sol tombou sobre nós. Durante aquele meio-dia quente e irrespirável, nos vales de Kerak, o ar confinado havia pairado, na sua estagnação, sem movimento algum, enquanto o calor sugava o perfume das flores. Com a escuridão, o mundo se pôs novamente em movimento, e uma brisa, procedendo de oeste, rastejou pelo deserto acima. Encontrávamo-nos a quilômetros de distância das ervas e das flores, mas de súbito as sentimos perto de nós, assim que as ondas de ar perfumado passaram, espalhando uma doçura pegajosa. Entretanto, isto logo se dissipou, e o vento noturno, úmido e enervante, se seguiu. Abdulla trouxe-me o jantar: arroz e carne de camelo (do camelo de Farraj). Depois adormecemos.

CAPÍTULO 94

Pela manhã, perto do Wadi el Jinz, encontramos os indianos, acampados junto de uma árvore solitária. Era como nos velhos tempos, como durante a nossa memorável incursão contra as pontes, no ano anterior, pois eu estava viajando de novo através da mesma região com Hassan Shah, ouvindo as metralhadoras Vickers ainda a sacudir-se nas carretas, e ajudando os soldados a reapertar suas cargas ou suas selas que escorregavam. Eles pareciam igualmente bisonhos com os camelos, como antes; assim, não atravessamos a estrada de ferro ao crepúsculo.

Ali deixei os indianos, por me sentir preocupado e porque a marcha rápida, através da noite, curaria o meu espírito enfermo. Fomos para a frente, dentro da escuridão fria, marchando a caminho de Odroh. Quando chegamos ao topo da sua elevação, notamos fulgores de fogueira à esquerda: vívidos clarões subiam constantemente, deviam ser das redondezas de Jerdun. Puxamos as rédeas e ouvimos os roucos rumores das explosões; uma labareda apareceu, fez-se cada vez maior e dividiu-se em duas. Talvez a estação estivesse sendo incendiada. Marchamos depressa, a fim de interrogar Mastur.

Entretanto, o ponto do seu acampamento estava deserto, e só um chacal por ali andava. Resolvi ir a frente, ao encontro de Feisal. Trotamos de maneira mais rápida possível, pois o sol se ia elevando mais e mais, nos céus. A estrada infestava-se bestialmente de gafanhotos — embora, a pequena distância, os gafanhotos parecessem belos, prateando o ar com a vibração das suas asas. O verão vinha sobre nós, de improviso; era o meu sétimo estio consecutivo naquele Oriente.

À medida que nos aproximávamos, ouvíamos a fuzilaria, lá adiante, no Semna, crescente de morros, que dominava Maan. Grupos de tropa passeavam tranqüilamente pelas encostas acima, parando, porém, pouco abaixo da crista. Era evidente que havíamos tomado o Semna e, assim, cavalgamos para a nossa nova posição. Na planície, do lado de cá, encontramos um camelo carregando

uma padiola. O homem que o conduzia disse: "paxá Maulud", apontando para a carga. Corri para ele, perguntando: "Está Maulud ferido?" — pois ele era dos melhores oficiais do exército, e homem dos mais leais para conosco; e não era possível, de qualquer forma, negar admiração a um patriota tão íntegro e tenaz. O velho guerreiro respondeu da sua padiola, em voz fraca, dizendo: "Sim, com efeito, bei Lurens, estou ferido; mas, graças a Deus, não é nada. Tomamos Semna." Repliquei que me dirigia para lá. Maulud assomou, febril, à beira da padiola, quase incapaz de ver ou de falar (estava com o fêmur fraturado logo acima do joelho) e me indicou, ponto por ponto, como se deveria organizar o flanco da montanha para a defesa.

Chegamos quando os turcos estavam começando a lançar, sem ânimo, algumas balas contra a encosta. Nuri Said assumira o comando, no lugar de Maulud. Mantinha-se friamente no topo da montanha. A maioria dos homens falava mais rapidamente sob o fogo, mostrando uma desenvoltura e uma alegria que a traía. Nuri fazia-se mais calmo, e Zeid mais aborrecido.

Indaguei onde estava Jaafar. Nuri disse-me que, à meia-noite, ele deveria ter atacado Jerdun. Falei-lhe dos clarões noturnos, que talvez assinalassem o seu êxito. Enquanto nos alegrávamos juntos, os seus mensageiros chegaram, trazendo prisioneiros e metralhadoras; também a estação e três mil trilhos haviam sido destruídos. Esforço tão esplêndido resolveria o problema da linha norte por algumas semanas. Depois, Nuri disse-me que, na madrugada anterior, tomara de assalto e destruíra a estação ferroviária de Ghadir el Haj, com cinco pontes e mil trilhos. Assim, também a linha sul estava resolvida.

Ao fim da tarde, houve calma mortal. Os dois lados cessaram o bombardeio sem objetivo. Disseram-me que Feisal marchara para Uheida. Atravessamos o pequeno rio em enchente, junto do hospital provisório onde Maulud se encontrava. Mahmud, o médico desconfiado, de barba vermelha, pensava que ele se restabeleceria sem necessidade de amputação. Feisal achava-se no topo da montanha, bem à beira da crista, como estátua negra contra o sol cuja luz formava um estranho halo em torno da sua esbelta figura, polvilhando-lhe de ouro a cabeça, através da seda do turbante. Fiz o meu camelo ajoelhar-se. Feisal estendeu-me as mãos, gritando: "Graças a Deus, boas novas?" Respondi: "Sejam a Deus o louvor e a vitória", e ele arrastou-me para a sua tenda, onde procedemos à troca de informações.

Feisal soubera de Dawnay mais do que eu sabia a respeito do fracasso britânico diante de Amã; do mau tempo, da confusão, e de como Allenby havia telefonado a Shea, tomando uma das suas fulminantes decisões, para reduzir as

perdas; decisão sábia, embora nos ferisse dolorosamente. Joyce encontrava-se no hospital, mas ia se restabelecendo bem; e Dawnay mantinha-se pronto, em Guweira, a fim de partir para Modwwara, com todos os seus carros.

Feisal indagou o que eu sabia de Semna e de Jaafar, e eu disse-lhe tudo de que tinha notícia, bem como a opinião e o projeto de Nuri. Nuri queixara-se de os Abu Tayis nada haverem feito por ele, o dia todo. Auda contestou; e eu recordei a história da nossa primeira tomada do planalto, e do escárnio com o qual eu os envergonhara, provocando, por essa forma, a carga contra Aba el Lissan. A história era nova para Feisal. A sua exumação feriu Auda, profundamente. Ele jurou, com veemência, que havia feito o mais que pudera naquele dia; apenas as condições não foram favoráveis para a ação dos homens de tribo; e, como eu insistisse em arrancar-lhe declarações, saiu da tenda, fortemente irritado.

Maynard e eu passamos os dias seguintes observando as operações. Os Abu Tayis capturaram dois postos avançados, a oriente da estação ferroviária, ao passo que Saleh ibn Shefia tomou um baluarte com uma metralhadora e vinte prisioneiros.

Estes ganhos nos deram liberdade de movimento ao redor de Maan; e, no terceiro dia, Jaafar agrupou a sua artilharia sobre a colina sul, enquanto Nuri Said conduziu um esquadrão de assalto contra os pavilhões da estação ferroviária. Assim que ele atingiu o ponto visado, os canhões franceses cessaram o fogo. Nós circulávamos num carro Ford, procurando manter contato com os avanços sucessivos, quando Nuri, perfeitamente vestido e enluvado, fumando o seu cachimbo de roseira-brava, encontrou-se conosco e nos mandou ter com o capitão Pisani, comandante de artilharia, levando urgente apelo no sentido de se lhe proporcionar apoio imediato. Encontramos Pisani torcendo as mãos de desespero, pois as munições se haviam esgotado. Disse que implorava a Nuri que não atacasse naquele momento da sua penúria.

Nada havia a fazer, além de contemplar os nossos homens, rechaçados de novo da estação ferroviária. A estrada estava juncada de figuras crispadas, trajando cáqui, e os olhos dos feridos, apagados pelo sofrimento, fixavam-se em nós, acusadoramente. O controle desaparecera dos seus corpos rotos e a carne rasgada agitava-os de maneira convulsa e irreprimível. Nós podíamos ver tudo e pensar desapaixonadamente, mas sem proferir palavra: a nossa faculdade de ouvir fora tolhida pela consciência de que havíamos fracassado.

Mais tarde compreendemos que nunca esperamos tão esplêndido espírito combativo da nossa infantaria, que batalhou valorosamente, sob o fogo de

metralhadoras, e que fez uso inteligente da topografia. Requerera-se tão pouco comando que apenas três oficiais foram perdidos. Maan mostrou-nos que os árabes valiam bastante sem o amparo dos britânicos. Isto nos deu mais liberdade para a elaboração de planos; assim, o fracasso não ficou sem redenção.

Na manhã de 18 de abril, Jaafar decidiu, sabiamente, que não poderia dar-se ao luxo de mais perdas, e retirou-se para as posições do Semna, onde as tropas repousaram. Sendo velho amigo de colégio do comandante turco, que estava do outro lado, enviou-lhe, sob a proteção da bandeira branca, uma carta, convidando-o a render-se. A resposta dizia que os turcos gostariam de render-se, mas que tinham severas ordens para sustentar o fogo até ao último cartucho. Jaafar ofereceu uma trégua durante a qual eles poderiam queimar as suas reservas; mas os turcos hesitaram até que o paxá Jemal se sentiu capaz de reunir tropas vindas de Amã, de reocupar Jerdun e de fazer passar uma caravana de víveres e de munições para a cidade sitiada. A estrada de ferro permaneceu inutilizada durante algumas semanas.

A seguir, tomei um carro para me juntar a Dawnay. Sentia-me inquieto à vista de um oficial regular a travar a sua primeira guerrilha com a mais complicada das armas — os carros blindados. Além disto, Dawnay não era cultor do árabe, e tanto Peake, seu perito cameleiro, como Marshall, seu médico, não falavam correntemente o idioma local. Suas tropas eram mistas — inglesas, egípcias e beduínas. Estas duas últimas alimentavam profunda antipatia recíproca.

Rumei, pois, para o seu acampamento, acima de Tell Shahm, depois da meia-noite, e ofereci-me delicadamente como intérprete.

Felizmente ele recebeu-me bem, levando-me em visita às suas linhas. Maravilhosa exibição. Os veículos estavam geometricamente dispostos, aqui; os carros blindados, ali; sentinelas e piquetes encontravam-se de serviço, com as metralhadoras prontas. Até os árabes ocupavam lugares táticos, por trás da montanha, em reserva, mas fora da vista e do ouvido; por algum passe de magia, o xerife Hazaa e Dawnay haviam mantido os homens nos lugares em que os dispuseram. Minha língua enrolou-se pelo desejo de dizer que a única coisa que faltava era um inimigo.

Sua palestra, quando ele me expôs o plano, mergulhou a minha admiração em profundezas abismais. Havia preparado ordens de operação; coisas do governo ortodoxo, com tempo zero e bela seqüência de movimentos. Cada unidade tinha o seu dever traçado. Atacaríamos o "posto da planície" pela madrugada (carros blindados), partindo das proeminências dos montes, sobre os

quais Joyce e eu estivéramos sentados e ríramos rumorosamente quando da nossa tentativa abortada. Os carros, com os silenciosos abafados, "tomariam posição" antes da luz do dia e varreriam as trincheiras de surpresa. Os caminhões 1 e 3 demoliriam, a seguir, as pontes A e B, de acordo com o plano de operações (escala 1/250.000) a zero 1,30 hora, enquanto os autos iriam para o Posto Rochoso e, com o apoio de Hazaa e dos árabes, tomá-lo-iam (zero 2,15 horas).

Hornby e os explosivos, nos Talbots no 40.531 e 41.226, partiriam depois deles, devendo demolir as pontes D, E e F, enquanto a força almoçasse. Depois do almoço, quando o sol baixo permitisse visibilidade através da miragem, a zero 8 horas, para perfeita exatidão, as massas unidas atacariam o Posto Sul; os egípcios, vindo de leste; os árabes, vindo do norte; e todos seriam amparados por fogo de metralhadora de longo alcance, sustentado pelos carros e pelos canhões de dez libras de Brodie, situados na Montanha de Observação. O posto cairia e as forças rumariam para a estação ferroviária de Tell Shahm, que seria bombardeada por Brodie, do noroeste, bem como pelos aeroplanos que voariam vindo das planícies de lama de Rum (zero 10 horas), e atacada pelos carros de assalto vindos de oeste. Os árabes seguiriam os carros, enquanto Peake, com o seu corpo de cameleiros, desceria do Posto Sul. "A estação será tomada às zero 11,30 horas" — dizia o plano, entregando-se ao bom humor, por fim. Mas foi ali que falhou, porque os turcos, ignorantes e apressados, se renderam dez minutos mais cedo, praticando a única mancha num dia isento de efusão de sangue.

Com voz líquida, perguntei se Hazaa compreendia. Fui informado de que, como ele não possuía relógio para a sincronização (de passagem, poderia eu, por obséquio, acertar o meu?), realizaria o seu primeiro movimento quando os carros virassem para o norte, regulando as ações ulteriores por ordem expressa. Esquivei-me dali, ocultando-me para um sono de uma hora.

Pela madrugada, vimos os carros rolar silenciosamente para o topo das trincheiras arenosas e adormecidas, e os turcos, assombrados, caminhar para nós com as mãos ao alto. Foi como colher pêssegos maduros. Hornby correu para cima, nos seus dois caminhões Rolls, colocou um quintal de material explosivo sob a ponte A e fê-la saltar, de modo persuasivo. O estrondo quase nos projetou, a Dawnay e a mim, para fora do terceiro caminhão, onde nos sentávamos majestosamente, supervisionando tudo; e corremos, para mostrar a Hornby a maneira mais econômica do emprego das galerias de drenagem como câmaras de minas. As pontes seguintes vieram abaixo apenas com dez pacotes de explosivos em cada uma.

Enquanto estávamos na ponte B, os carros concentraram as suas metralhadoras sobre o parapeito do "Posto Rochoso", círculo de muralhas de pedra espessa (muito visíveis em virtude da longa sombra matutina), acima de um monte excessivamente íngreme para as rodas das viaturas. Hazaa estava pronto, ardoroso e excitado, e os turcos revelavam-se tão atemorizados pelo esmagar e pelo lascar das quatro metralhadoras que os árabes os capturaram quase que pegando-os pelas pernas. Este foi o segundo pêssego.

Em seguida, houve repouso para os outros, mas atividade para Hornby e para mim, sendo eu, agora, engenheiro assistente. Corremos pela linha abaixo, nos nossos Rolls-Royces, levando duas toneladas de material explosivo; pontes e trilhos estilhaçaram-se fosse onde fosse que a fantasia ditasse. A equipagem dos carros protegia-nos; e, por vezes, protegia-se a si própria, por baixo das viaturas, quando os fragmentos se lançavam por ali, volteando musicalmente no espaço, através do ar enfumaçado. Uma pedra de nove quilos caiu a prumo sobre o topo da torre de um carro, vibrando um golpe inofensivo. A intervalos, todos apanhavam fotografias das explosões felizes. Aquilo era batalha de luxo, demolição de luxo: divertíamo-nos. Depois do almoço perambulante, saímos para assistir à queda do "Posto Sul". Caiu no minuto marcado, mas não adequadamente. Hazaa e os Amrans encontravam-se exaltados em excesso, não podendo, por isso, avançar sobriamente, em corridas alternadas, como faziam Peake e os egípcios. Ao contrário, pensaram tratar-se de uma corrida de obstáculos e levaram a efeito uma carga de camelo contra o monte, passando, de uma arrancada só, os baluartes e as trincheiras. Os turcos, cansados de guerra, desistiram, com desgosto.

Depois foi a vez do ato central do dia, o assalto contra a estação. Peake desceu na sua direção, procedendo do norte, e conduzindo os seus homens por meio de repetidas exposições de si mesmo ao fogo inimigo; pouco êxito obtinha, porquanto os egípcios não se mostravam ferozes quanto à honra. Brodie abriu fogo, com o apuro costumeiro, enquanto os aeroplanos faziam círculos a sangue-frio, a fim de lançar bombas dentro das trincheiras. Os carros blindados foram para a frente, soltando fumaça e, através desta bruma, uma fileira de turcos, todos acenando com objetos brancos, surgiu por cima da sua trincheira principal, desmoralizados.

Demos à manivela dos nossos caminhões Rolls; os árabes subiram em seus camelos; os homens de Peake, agora tornados ansiosos, irromperam numa corrida, e a força convergiu asselvajadamente para a estação. O nosso carro ganhou a corrida; e eu ganhei o sino da estação ferroviária, peça imponente, de

bronze de Damasco. O homem que me seguiu tomou o picotador de bilhetes, e o terceiro levou o carimbo do escritório, enquanto os turcos, aterrorizados, nos fitavam com indignação, por verem que a sua importância era meramente secundária.

Um minuto depois, com um rugido, os beduínos atiraram-se para a realização do mais aloucado dos saques da sua história. Duzentos fuzis, oitocentos pentes de munições, muitas bombas, muitos víveres e roupas havia na estação, e todos destruíram e aproveitaram. Um infeliz camelo aumentou a confusão fazendo explodir uma das muitas minas de proteção dos turcos, assim que entrou no pátio. A explosão fê-lo saltar de cauda para o ar, e provocou pânico. Os saqueadores pensaram que Brodie estivesse de novo abrindo fogo.

Na pausa que se seguiu, o oficial egípcio encontrou um armazém intacto e colocou uma guarda de soldados à porta, porque as suas tropas estavam com falta de víveres. Os lobos de Hazaa, ainda não saciados, não reconheceram o direito de os egípcios participarem da pilhagem. Começou a fuzilaria; mas, por mediação, obtivemos que os egípcios tomassem primeiro as rações de que necessitavam; depois, seguiu-se o tumulto geral que derrubou as paredes do armazém.

O proveito tirado pelos Shahms foi tão enorme que oito árabes, em cada grupo de dez, se manifestaram satisfeitos com ele. Pela manhã, só Hazaa e um grupo de homens ficaram conosco, para ulteriores operações. O programa de Dawnay visava à estação ferroviária de Ramleh; mas estas ordens eram apenas esboços, uma vez que a posição não havia sido examinada. Assim, descemos para Wade, no seu carro blindado, tendo um segundo automóvel de apoio. Ele avançou, com cautela, de etapa em etapa, em silêncio mortal. Por fim, sem disparar um tiro, entrou no pátio da estação, com todo o cuidado, pelo receio das minas, cujas espoletas e cujos gatilhos, entrelaçados de arames, arabescavam o chão.

A estação estava fechada. Ele descarregou metade de um pente de metralhadora através da porta e dos abafadores; não obtendo resposta, desceu do carro, revistou o edifício e verificou estar tudo vazio de homens, embora repleto de mercadorias desejáveis, capazes de fazer Hazaa e o fiel grupo de companheiros falarem alto a respeito das próprias virtudes. Passamos o dia destruindo quilômetros da linha abandonada, até julgarmos que havíamos causado dano suficiente para dar trabalho à maior turma possível de reparos, durante uma quinzena.

O terceiro dia devia ser o de Modwwara, mas não possuíamos mais esperança, nem tropa. Os árabes tinham-se ido embora, e os homens de Peake

eram pouco guerreiros. Entretanto, a guarnição de Modwwara poderia ser tomada de pânico, como a de Ramleh, e assim passamos a noite perto da nossa derradeira conquista. O infatigável Dawnay colocou as nossas sentinelas, as quais, imitando o elegante comandante, fizeram demonstrações, como se estivessem no Buckingham Palace, para cima e para baixo, ao lado das nossas cabeças que deveriam futuramente adormecer. Isto fez com que eu me erguesse e lhes desse instruções sobre a arte de montar guarda no deserto.

Pela manhã, saímos para inspecionar Modwwara, viajando como reis, esplendidamente, nos nossos rumorosos carros, por cima das planícies lisas, de areia e de quartzo, tendo o sol ainda baixo, por trás de nós, no oriente. A luz ocultou-nos aos olhos dos inimigos, até que chegamos bem perto e vimos que um longo trem estava parado na estação. Reforço ou retirada? Um momento depois, atiraram contra nós; com quatro mil metros, realizavam tiros admiráveis, enquanto fugíamos com uma pressa desprovida de dignidade a caminho de algumas depressões longínquas. Dali, fizemos ampla curva para o ponto em que, com Zaal, havíamos minado o nosso primeiro trem. Fizemos saltar a longa ponte sob a qual a patrulha turca havia dormido naquele tenso meio-dia. A seguir, voltamos para Ramleh, e perseveramos na destruição da linha e de pontes a fim de tornar os estragos duradouros e de proceder a uma demolição excessivamente séria para que Fakhri jamais conseguisse restaurar; entrementes, Feisal enviara Mohammed el Dheilan contra as estações ferroviárias ainda intactas, que ficavam entre a nossa brecha e Maan. Dawnay juntou-se às forças dele, geograficamente, por baixo do escarpamento, no dia seguinte; e assim, estes cento e vinte quilômetros, de Maan a Modwwara, com as suas sete estações, caíram por inteiro nas nossas mãos. A defesa ativa de Medina terminou com esta operação.

Um novo oficial, Young, chegou da Mesopotâmia para reforçar o nosso quadro. Tratava-se de militar regular, de excepcionais qualidades, com longa e ampla experiência de guerra e falando perfeitamente o árabe. Seu papel previsto era o de fazer as minhas vezes, junto das tribos, para que a nossa atividade contra o inimigo pudesse ser mais ampla e mais bem dirigida. A fim de deixar que se desempenhasse por si, habituando-se às nossas novas condições, entreguei-lhe a possibilidade de organizar a colaboração entre Zeid, Nasir e Mirzuk, numa linha ininterrupta de cento e vinte quilômetros de comprimento, ao longo da estrada de ferro, ao norte de Maan, enquanto eu rumava para Akaba, onde tomei o navio com destino a Suez, a fim de discutir as operações futuras com Allenby.

CAPÍTULO 95

Dawnay veio ao meu encontro, e falamos das nossas instruções antes de nos dirigirmos ao acampamento de Allenby. Neste acampamento, o general Bols sorriu, feliz, para nós, e disse: "Bem, capturamos Salt." Aos nossos olhares interrogativos, ele prosseguiu dizendo que os chefes dos Beni Sakhrs foram a Jericó, certa manhã, a fim de oferecer a imediata cooperação dos seus vinte mil homens de tribo em Themmed; e, durante o banho, no dia seguinte, ele elaborara um plano, determinando tudo corretamente.

Perguntei-lhe quem era o chefe dos Beni Sakhrs, e ele disse: "Fahad", triunfando com esta eficiente incursão no que havia sido minha província. Isto era cada vez mais aloucado. Eu sabia que Fahad não podia levantar quatrocentos homens; e que, no momento, não havia sequer uma tenda em Themed: todos tinham partido para o sul, na direção de Young.

Corremos ao escritório para saber a verdadeira história e soubemos que esta era, infelizmente, a que Bols havia contado. A cavalaria britânica partira de súbito para as montanhas de Moab, com base em algumas vagas promessas dos xeques de Zebn: gente ávida que havia para dentro de Jerusalém somente para saborear a generosidade de Allenby, e lá fora considerada apenas pelo valor que dissera ter.

Naquela estação do ano, não havia terceiro membro do grande quartel-general. Guy Dawnay, irmão do nosso gladiador, o mesmo que organizara o plano de Jerusalém, passara para o estado-maior de Haig; Bartholomew, que estava para elaborar o plano do avanço do outono contra Damasco, ainda se encontrava com Chetwode. Assim, o quadro executivo de Allenby, naqueles meses, era inferior ao seu poder de concepção.

Porque, naturalmente, esta expedição fracassou, quando eu ainda estava em Jerusalém, consolando-me da incompatibilidade de Bols com Storrs, sendo este, já agora, o governador urbano e astuto da praça. Os Beni Sakhrs estavam

deitados em suas tendas, ou tinham partido com Young. O general Chauvel, sem o auxílio sequer de um deles, viu os turcos atrás dele reabrirem as passagens do Jordão e tomarem de novo a estrada pela qual havia avançado. Escapamos de grave desastre apenas porque o instinto de Allenby, quanto à situação, lhe revelou o perigo exatamente a tempo. Contudo, nossas perdas foram dolorosas. A contrariedade ensinou os britânicos a serem mais pacientes em relação ás dificuldades de Feisal; convenceu os turcos de que o setor de Amã constituía o seu ponto crítico; e fez com que os Beni Sakhrs sentissem que os ingleses ficavam além da sua compreensão: talvez não fossem grandes guerreiros, mas estavam prontos para, em qualquer momento, ser bizarros, sob a espora da emergência. Assim, em parte, aquilo redimiu o fracasso de Amã, pela deliberada repetição do que havia parecido acidental. Ao mesmo tempo, arruinou as esperanças que Feisal alimentara no sentido de agir independentemente com os Beni Sakhrs. Esta tribo, cautelosa e rica, exigia aliados nos quais pudesse depositar confiança.

A nossa manobra, claramente definida quando considerada a sós, em face de um simples inimigo, chafurdava-se, agora, nas contingências dos parceiros. Tínhamos de regular a nossa ação pelo teor de Allenby, e este não se mostrou satisfeito. A ofensiva alemã, na França, ia retirando e diminuindo cada vez mais as suas tropas. Ele poderia conservar Jerusalém, mas não dar-se ao luxo de perdas, e muito menos de um ataque, durante meses. O ministério da Guerra prometia-lhe divisões de indianos, vindas da Mesopotâmia, bem como novos recrutas da Índia. Com estas forças seria possível reconstituir o seu exército de acordo com o modelo indiano; provavelmente, depois do verão, estaria de novo em condições de retomar a luta; mas, no momento, ambos deveríamos contentar-nos com a manutenção do estado existente.

Isto me foi dito por ele, a 5 de maio, data escolhida, no acordo com Smuts, para a arrancada de todo o exército em direção ao norte, como prelúdio da queda de Damasco e de Aleppo. Como primeira fase desta combinação, havíamos empreendido o cerco de Maan; e a paralisação de Allenby deixava-nos empenhados num cerco que exigia emprego de forças superiores às de que podíamos dispor. Além disto, os turcos de Amã, agora, ficavam com tempo de nos varrer de Aba el Lissan, repelindo-nos para Akaba. Em tão crítica situação, o hábito comum das operações em colaboração — pondo-se de lado o outro costume — pesava fortemente sobre mim. Contudo, a lealdade de Allenby ia tratando de nos aliviar. Começara a ameaçar o inimigo por uma vasta cabeça-de-ponte, através do Jordão, como se estivesse para o atravessar uma terceira vez.

Assim, Amã conservou-se tranqüila. A fim de nos reforçar no nosso planalto, Allenby ofereceu todo o equipamento técnico de que necessitássemos.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar incursões aéreas repetidas sobre a estrada de ferro do Hedjaz. O general Salmond foi chamado, mostrando-se tão generoso, em palavras e em atos, como o comandante-em-chefe. A Força Aérea Real manteve uma pressão surda e perturbadora contra Amã, desde aquele dia até a queda da Turquia. Grande parte da inatividade do inimigo, naquela fase, foi devida à desorganização da sua estrada de ferro pelos bombardeios aéreos. À hora do chá, Allenby referiu-se à brigada imperial de cameleiros do Sinai, lamentando que a nova emergência o obrigasse a abolir o referido corpo, passando a usar os seus homens como reforço montado. Perguntei: — "Que é que irá fazer com os seus camelos?" Ele riu e disse: "Pergunte-o ao 'Q'."*

Obediente, atravessei o jardim poeirento, caí de surpresa sobre o diretor da intendência, *Sir* Walter Campbell — muito escocês — e repeti a pergunta. Respondeu, com firmeza, que os animais se destinavam ao transporte divisional, junto à segunda das novas divisões indianas. Expliquei-lhe que precisava de dois mil deles. Sua primeira resposta foi insignificante; a segunda deu-me a entender que eu poderia continuar precisando. Discuti, mas ele pareceu incapaz de ver as coisas pelo meu ponto de vista. Sem dúvida, é da natureza de um "Q" sofrer de prisão de ventre.

Voltei a Allenby e disse, em voz alta, à frente do seu grupo, que havia à disposição dois mil e duzentos camelos de sela e mil e trezentos camelos de carga. Todos se destinavam a serviços de transporte; mas, como era lógico, os camelos de sela continuavam sendo camelos de sela. O estado-maior assobiou e assumiu ar de sabido; como se também os seus membros duvidassem de que os camelos de sela pudessem transportar cargas. Esta tecnicidade, mesmo fingida, poderia ser útil. Todos os oficiais britânicos conheciam animais, pois isto constituía ponto de honra. Assim, não fiquei surpreso quando *Sir* Walter Campbell foi convidado para jantar com o comandante-em-chefe naquela noite.

Estávamos sentados, um à direita e outro à esquerda e, à sopa, Allenby começou a falar a respeito de camelos. *Sir* Walter declarou que a providencial dispersão da brigada de camelos elevava ao teor regulamentar a capacidade de transporte da divisão; um maná, porque o Oriente fora palmilhado em vão à procura de camelos. Tratava-se de exagero. Allenby, leitor de Mílton, tinha um senso agudo do estilo; e aquele verso era fraco. Pouco lhe importava o teor regulamentar, fetiche de departamentos administrativos.

Olhou para mim, piscando um olho: "E o senhor, que quer o senhor fazer dos camelos?" Respondi, vivamente: "Colocar mil homens dentro de Deraa, em qualquer dia que o senhor ordenar." Allenby sorriu e abanou a cabeça para *Sir* Walter Campbell, dizendo, tristemente: "Q, o senhor perdeu." A estas palavras, a cabra se aturdiu e o carneiro se encarneirou. Era um imenso, um real presente; o presente da mobilidade ilimitada. Os árabes, agora, poderiam ganhar a sua guerra, quando e onde o quisessem.

Na manhã seguinte, parti para me encontrar com Feisal, no seu frio ninho de ave de rapina, em Aba el Lissan. Discutimos a respeito de histórias, de tribos, de migrações, sentimentos, chuvas de primavera, pastagens, de maneira geral. Finalmente, observei, fingindo descaso, que Allenby nos havia dado dois mil camelos. Feisal reteve a respiração, agarrou-me o joelho, dizendo: "Como?" Contei-lhe o caso todo. Pôs-se de pé e beijou-me; depois, bateu palmas, alto. A forma negra de Hejris apareceu à porta da tenda. "Depressa", gritou Feisal, "chame-os." Hejris perguntou a quem deveria chamar. "Oh, Fahad, Abdulla el Feir, Auda, Motlog, Zaal..." "E não Mirzuk?", indagou Hejris, humildemente. Feisal gritou-lhe, chamando-o de louco, e o negro correu para fora; enquanto isto, eu disse: "Estamos quase no fim. Logo poderá deixar-me partir." Ele protestou, dizendo que eu deveria ficar com os árabes para sempre, e não somente até a tomada de Damasco, como eu prometera em Um Lejj. Eu, que tanto desejava ir-me dali.

Ouvi pés correndo para a porta da tenda; pararam, enquanto os chefes restabeleciam o aspecto grave dos seus rostos e arrumavam corretamente os turbantes, para a entrada. Um por um, todos se sentaram sobre os tapetes, em silêncio, cada qual dizendo, de maneira maquinal: "Graças a Deus, boas novas?" A cada um deles, Feisal respondeu: "Graças a Deus", e todos fitaram ansiosamente os olhos dançantes de Feisal.

Quando o último entrou, farfalhando, Feisal contou-lhe que Deus havia enviado os meios necessários para a consecução da vitória — dois mil camelos de sela. A nossa guerra estava para ir avante, sem mais obstáculos, a caminho da liberdade, sua meta triunfal. Os ouvintes murmuraram palavras de surpresa, fazendo, embora, o possível, como grandes homens que eram, para se conservar calmos; e olhavam para mim, tentando adivinhar a parte que eu tomara no acontecimento. Eu disse: "A generosidade de Allenby..." Zaal irrompeu, em nome de todos: "Deus conserve a vida dele e a sua." Respondi: "Tornou-nos vitoriosos." Pus-me de pé e, voltando-me para Feisal: "Com sua permissão", saí rapidamente, indo referir tudo a Joyce. Por trás de mim, os chefes árabes

explodiram em palavras violentas, a respeito dos seus futuros feitos, mais violentos ainda: — era infantil, talvez, mas seria uma bela guerra, em que cada homem não sentiria que a estava ganhando.

Joyce também se alegrou e se tornou mais enternecido por causa da notícia relativa aos dois mil camelos. Ficamos a meditar sobre o golpe em que eles deveriam ser empregados; sobre a marcha dos animais de Beersheba para Akaba; e sobre o lugar onde, por dois meses, poderíamos encontrar pastagens para esta imensa multidão de camelos; precisávamos desabituá-los da cevada, se é que deveriam ser utilizados por nós.

Estes, porém, não eram cuidados urgentes. Tínhamos, entretanto, necessidade de manter as nossas posições no planalto durante todo o verão, de sitiar Maan e de conservar as linhas ferroviárias sempre cortadas. A tarefa apresentava-se difícil.

Em primeiro lugar, o reabastecimento. Eu acabava de desconjuntar todo o mecanismo anterior. As companhias de cameleiros de transporte dos egípcios haviam funcionado continuamente, entre Akaba e Aba el Lissan, mas transportavam menos e marchavam menos do que os nossos cálculos mais reduzidos. Fizemos pressão para que aumentassem as cargas e as velocidades, mas logo nos vimos colocados contra os regulamentos de ferro-fundido do corpo de cameleiros, elaborados com o fito de reduzir e manter reduzidas as perdas de animais. Aumentando ligeiramente tanto a carga como a velocidade, poderíamos duplicar a capacidade de transporte da coluna; conseqüentemente, ofereci-me para tomar os animais e fazer regressar às suas bases os cameleiros egípcios.

Os ingleses, sofrendo escassez de homens de trabalho, saltaram à minha idéia, quase que com excessiva rapidez. Enfrentamos dificuldades terríveis na improvisação de caravanistas, no momento. Goslett, sozinho, havia até ali proporcionado víveres, transporte, munições, folha de pagamento e base de comando. Qualquer trabalho extra seria crueldade impor-lhe. Assim, Dawnay descobriu Scott, irlandês perfeito, para o cargo de comandante da base. Tinha bom humor, capacidade e brio. Akaba respirou mais tranqüilamente. As munições foram entregues a Bright, sargento ou sargento-ajudante; e Young incumbiu-se dos transportes e do trabalho de chefe da intendência.

Young excedera-se a si próprio; galopara furiosamente entre Naimat, Hejaia e Beni Sakhr, entre Nasir, Mirzuk e Feisal, esforçando-se para os combinar e fazer com que eles se movessem juntos. Ao mesmo tempo, havia esgotado também furiosamente os árabes. No serviço de transporte, o seu ímpeto e a sua habilidade poderiam ser mais bem empregados. Aplicando-se toda a sua força,

ele só se agarrou ao caos. Não tinha armazéns para as suas colunas, nem selas, nem funcionários, nem veterinários, nada de drogas e poucos condutores, de maneira que se lhe tornava impossível manter um passo harmonioso e ordenado; mas Young quase que o conseguiu, à sua maneira curiosa e desagradável. Graças a ele, o problema dos suprimentos, aos regulares árabes do planalto, foi resolvido.

Em todo este tempo, a frente da nossa revolta foi crescendo. Feisal, fechado na sua tenda, mantinha, sem cessar, o ensino e a pregação do movimento árabe. Akaba prosperava; até o nosso serviço de campanha se desenvolvia bem. Os regulares árabes conseguiram, precisamente a esta altura, o seu terceiro êxito contra Jerdun, estação de estrada de ferro muitas vezes bombardeada, a respeito da qual chegaram a estabelecer quase que o hábito de tomar e perder. Os nossos carros blindados deram com uma surtida turca, vindo de Maan, e esmagaram-na em tal estilo que oportunidade semelhante nunca mais se repetiu. Zeid, no comando da metade do exército postada ao norte de Uheida, dava mostras de grande vigor. A alegria do seu ímpeto oferecia mais atrativos aos oficiais de carreira do que a austeridade improdutiva e a poesia de Feisal; assim, a feliz associação dos dois irmãos dava, a todas as espécies de homem, o motivo de simpatia para com um ou para com outro dos chefes da revolta.

Contudo, havia nuvens ao norte. Em Amã, operava-se uma poderosa concentração de turcos destinados a Maan, quando as condições do reabastecimento lhes permitissem a manobra. As reservas de fornecimentos estavam sendo levadas por estrada de ferro, partindo de Damasco, à medida que os bombardeios da Força Aérea Real da Palestina o permitiam.

A fim de lhes fazer frente, Nasir, nosso melhor general de guerrilha, foi indicado, antes de Zeid, para levar a efeito alguma coisa de grande contra a estrada de ferro. Acampou no Wadi Hesa, com Hornby, enorme quantidade de explosivos e a seção treinada de Peake, composta de membros do corpo de cameleiros do exército egípcio, para o auxiliar nas demolições. Ganhar tempo, enquanto Allenby não se restabelecesse, era o que precisávamos fazer, e Nasir cooperaria muito no sentido das nossas aspirações se nos garantisse um mês de descanso, representando o papel de fantasma intangível em presença do exército turco. Se ele fracassasse, deveríamos esperar a libertação de Maan e o massacre, pelo inimigo revigorado, contra Aba el Lissan.

Nota

* *Quartermaster General*: general encarregado do serviço de acampamento, de abastecimento, de aprovisionamento etc. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 96

Nasir atacou a estação ferroviária de Hesa, à sua antiga maneira, cortando a linha ao norte e ao sul, na noite anterior, e abrindo intenso bombardeio contra os edifícios quando se fez luz bastante que lhe permitisse ver. Rasim era o artilheiro, e o canhão, nossa antigüidade Krupp de Medina, Wejh e Tafileh. Quando os turcos cederam, os árabes carregaram contra a estação, disputando os Beni Sakhrs e os Howeitats a primazia na arrancada.

Não tivemos, naturalmente, morto algum; dava-se sempre isto, com semelhante tática. Hornby e Peake reduziram a praça a um monte de ruínas. Fizeram saltar o poço, os reservatórios, as locomotivas, as bombas de água, os edifícios, três pontes, muito material rodante e cerca de seis quilômetros de trilhos. No dia seguinte, Nasir foi para o norte, destruindo a estação de Faraifra. Peake e Hornby prosseguiram no seu trabalho, naquele dia e no dia seguinte. Em conjunto, aquilo parecia ser a nossa maior demolição. Resolvi subir para ali e ver pessoalmente.

Uma dúzia de homens meus seguiu comigo. Ao pé da colina de Rasheidiya, chegamos à árvore solitária, Shejerat el Tayar. Os meus Hauranis puxaram as rédeas por baixo dos seus ramos espinhosos, nos quais se espetavam muitos trapos e pedaços de roupagens ofertados pelos viajantes. Mohammed disse: "Sobre ti, oh Mustafá." Com relutância, Mustafá desceu da sela e, peça por peça, despiu-se de todas as roupas, até ficar quase nu; a seguir deitou-se, encurvando-se sobre a pirâmide claudicante. Os outros homens apearam; cada qual apanhou um espinho e, em procissão solene, todos foram fincá-los (duros e agudos como se fossem de bronze) profundamente na carne de Mustafá, onde permaneceram. Os Ageyls ficaram boquiabertos, contemplando a cerimônia mas, antes que estivesse finda, desceram também dos seus animais à maneira de símios, com um arreganho lascivo, e fincaram os seus espinhos no corpo de Mustafá, onde isto pudesse ser mais doloroso. Mustafá estremeceu sem dizer palavra, até que ouviu

Mohammed dizer: “Levanta-te”, empregando inflexão feminina. Mustafá arrancou, tristemente, os espinhos, e tornou a montar. Abdulla não sabia do motivo da punição; e as maneiras dos Hauranis mostravam que eles não desejavam que eu lhes perguntasse. Chegamos a Hesa para encontrar Nasir, com seiscentos homens, ocultos entre rochedos e moitas, com receio da aviação inimiga, que já havia matado muitos. Uma bomba tombara numa poça, enquanto onze camelos estavam bebendo, atirando-os todos, mortos, e em círculo, ao lado da água, entre flores esmagadas de loendro. Escrevemos ao nosso vice-marechal-do-ar, Salmond, pedindo um vingativo contra-ataque.

A estrada de ferro ainda se encontrava nas mãos de Nasir, e fosse onde fosse que encontrassem explosivos, Hornby e Peake entravam em ação. Já haviam feito saltar um corte e estavam preparando nova demolição de trilhos, deixando de cabeça para baixo todas as seções, em um só bloco, à medida que iam sendo cortadas. De Sultani, ao norte, até Jurf, os danos se ampliaram. Vinte e dois quilômetros. Nasir compreendia perfeitamente o alcance da constância da sua atividade, e parecia haver grande esperança a respeito da sua continuação. Descobriu uma gruta confortável, à prova de bomba, entre dois rochedos de pedra calcária que, articulados como dentes, irrompiam da verde encosta da colina. O calor e as moscas, no vale, ainda não eram formidáveis. Havia água sempre a escorrer — abundavam as pastagens. Por trás, ficava Tafileh; e, se Nasir fosse duramente premido pelo inimigo, bastar-lhe-ia enviar uma mensagem e o campesinato montado das aldeias, ao dorso de robustos jumentos, tilintando por causa das campainhas de som agudo, despencaria da crista, para o socorrer.

No dia da nossa chegada, o turcos enviaram uma força do corpo de cameleiros, de cavaleiros e de infantaria, para reocupar Faraifra, como primeiro contra-ataque. Nasir ergueu-se imediatamente e a enfrentou. Enquanto as metralhadoras mantinham abaixadas as cabeças dos turcos, os Abu Tayis carregaram contra eles, chegando a cerca de cem metros da muralha claudicante que era a única defesa e apanharam todos os camelos e alguns cavalos. Expor animais de sela à vista dos beduínos era meio seguro de os perder.

Depois, eu desci em companhia de Auda, chegando perto da bifurcação do vale, quando ouvimos, acima das nossas cabeças, o ronco e o lamento de motores Mercedes. A natureza silenciou em presença deste ruído dominador; até os pássaros e os insetos emudeceram. Rastejamos por entre diques derrocados e ouvimos a primeira bomba cair, mais abaixo no vale, onde o acampamento de Peake se ocultava sob um bosque de loendro de três metros de altura. As máquinas voavam na nossa direção, pois as bombas seguintes explodiram mais

perto; a última caiu justamente à nossa frente, com um estrondo estilhaçante e poeirento, junto dos camelos recentemente capturados.

Quando a fumaça se dissipou, dois deles esperneavam em agonia, estendidos no chão. Um homem sem rosto, jorrando sangue por uma franja de carne rubra perto do pescoço, estrebuchou, rugindo, na direção dos nossos rochedos. Tropeçou pesadamente sobre uma pedra, depois sobre outra, titubeou, bateu o espaço com os braços estendidos, enlouquecidos pelo sofrimento. A certa altura, caiu, quieto, e nós, que havíamos fugido para longe dele, aventuramo-nos a voltar para mais perto: mas estava morto.

Regressei para junto de Nasir, que se achava são e salvo na sua gruta, em companhia de Nawaf el Faiz, irmão de Mithgal, chefe dos Beni Sakhrs. Nawaf, homem torturoso, era tão cheio de orgulho e tomava tanto cuidado no sentido de o manter, que aceitaria qualquer mesquinharia secreta a fim de o poder conservar publicamente; mas naquele momento estava como que louco, como todos os membros do clã dos Faiz, incerto como eles; e volúvel, com os olhos a piscar.

O nosso conhecimento, datando de antes da guerra, havia sido secretamente renovado no ano anterior quando três de nós rastejaram depois do crepúsculo para dentro das tendas das suas famílias ricas, perto de Ziza. Fawaz, o mais velho dos Faiz, era um árabe notável, membro da junta de Damasco, figura preeminente na conspiração da independência. Recebeu-me com palavras de alegre amizade e de grande hospitalidade, alimentou-nos ricamente e apresentou, depois de conversarmos, as suas mais opulentas cobertas de cama.

Eu tinha dormido uma ou duas horas quando uma voz rouca murmurou palavras, através de espessa barba cheirando a tabaco, ao meu ouvido. Era Nawaf, o irmão, dizendo que, por trás da amistosa aparência, Fawaz havia enviado cavaleiros a Ziza, e que logo as tropas estariam ali para me buscar. Tínhamos sido, sem dúvida, colhidos. Meus árabes acocoraram-se nos seus postos, tencionando lutar como animais encantoados e matar, pelo menos, alguns dos inimigos, antes de morrerem por sua vez. Esta tática me desagradou. Quando o combate chegasse ao corpo-a-corpo, mãos nuas contra mãos nuas, eu estaria liquidado. O desgosto de ter sido tocado me revoltava mais do que o pensamento da morte ou da derrota: talvez porque uma dessas terríveis lutas, na minha juventude, me houvesse inspirado para sempre o temor do contato, ou porque eu reverenciasse o meu espírito e desprezasse o meu corpo, por tal forma que eu não queria ficar devendo nada ao segundo pela vida do primeiro.

Murmurando, pedi conselho a Nawaf. Ele arrastou-se para trás, até a cortina da tenda; nós o seguimos, puxando as minhas poucas coisas contidas em pequeno

alforje. Por trás da próxima tenda, que era a de Nawaf, achavam-se os camelos, ajoelhados e arreados. Montamos, circunspectamente. Nawaf pôs-se à frente com a sua égua e guiou-nos, com a carabina embalada posta de través por cima das coxas, até a estrada de ferro, e depois além da linha, em pleno deserto. Ali, deu-nos a direção, pelas estrelas, da nossa meta pressuposta, em Bair. Poucos dias mais tarde, o xeque Fawaz estava morto.

CAPÍTULO 97

Expliquei a Feisal que o trabalho de destruição da estrada de ferro por Nasir duraria outro mês; e quando os turcos se livrassem dele, ainda haveria um terceiro mês, antes que pudessem atacar-nos em Aba el Lissan. Por esse tempo, os nossos novos camelos deveriam estar prontos para emprego na nossa própria ofensiva. Sugeri que se pedisse a seu pai, o rei Hussein, a transferência, para Akaba, das unidades regulares que então estavam com Ali e Abdulla. O seu reforço elevaria as nossas tropas a dez mil homens uniformizados.

Dividi-los-íamos em três partes. O grupo imóvel constituiria uma força de retenção, para manter a tranqüilidade em Maan. Mil homens, montando os novos camelos, atacariam o setor de Deraa-Damasco. O restante formaria uma segunda expedição, de dois ou três mil elementos de infantaria, a fim de marchar pela região dos Beni Sakhrs e estabelecer ligação com Allenby em Jericó. A incursão montada, de longo alcance, tomando Deraa ou Damasco, compeliria os turcos a retirar, da Palestina, uma divisão ou mesmo duas, no intuito de restaurar os seus meios de comunicação. Enfraquecendo assim o inimigo, daríamos a Allenby a oportunidade de avançar a sua linha, pelo menos até Nablus. A queda de Nablus cortaria a comunicação lateral que tornava fortes os turcos em Moab; e compeliria o inimigo a recuar para Amã, proporcionando-nos a posse tranqüila do leito do Jordão. Praticamente, eu propunha que se empregassem os árabes Hauranis, para atingirmos Jericó, a meio caminho de Damasco, que era a nossa meta. Feisal concordou com a proposta, e deu-me cartas dirigidas a seu pai, aconselhando-o. Infelizmente, o velho homem, já agora, andava pouco inclinado a aceitar o seu conselho, vendo de maus olhos, e com ciúmes, o filho que obtinha êxitos tão notáveis e vinha sendo desproporcionadamente auxiliado pelos britânicos. Para tratar com o rei, apoiei-me na ação conjunta de Wingate e Allenby, seus pagadores. Resolvi subir ao Egito, em pessoa, a fim de os levar a escrever cartas ao rei Hussein, com o necessário ar empertigado.

No Cairo, Dawnay concordou, tanto com a transferência dos regulares do sul, como com a ofensiva independente. Fomos ter com Wingate, discutimos com ele e convencemo-lo de que as idéias eram boas. Ele escreveu cartas ao rei Hussein, aconselhando encarecidamente o reforço de Feisal. Fiz pressão para que tornasse claro, ao rei, que a continuação do subsídio de guerra dependeria da sua aceitação do nosso conselho; mas ele se recusou a ser premente, e redigiu a carta em termos de tal polidez que se inutilizariam em presença do duro e desconfiado homem de Meca.

Contudo, este esforço nos prometia tanto que fomos ter com Allenby, para solicitar os seus bons ofícios junto do rei. No grande quartel-general, notamos uma sensível diferença de atmosfera. O lugar, como sempre, agitava-se de energias e esperanças, mas agora a lógica e a coordenação eram manifestas em grau nada comum. Allenby tinha uma curiosa cegueira na escolha dos homens, devido, em parte, à sua positiva grandeza, que parecia tornar supérflua a existência de boas qualidades nos seus subordinados; mas Chetwode, não contente com isso, interpusera-se de novo, fazendo com que se nomeasse Bartholomew, seu próprio chefe de estado-maior, para o terceiro lugar da hierarquia. Bartholomew não possuía a imaginação múltipla de Dawnay, mas era mais complicado, embora mais polido como soldado, mais cuidadoso e mais prudente, parecendo cordial chefe de turma.

Desenrolamos, aos seus olhos, o nosso plano que determinava o início da operação para o outono, esperando, pelos nossos avanços, tornar-lhe possível um arremesso vigoroso mais tarde em nosso apoio. Ele ouviu sorrindo, e disse que nos encontrávamos três dias atrasados. O novo exército estava chegando em tempo, da Mesopotâmia e da Índia; prodigiosos progressos, no arrolamento e no treino, estavam sendo feitos. A 15 de junho, a meditada opinião de uma conferência privada fora a de que o exército seria capaz de uma ofensiva geral e sustentada no mês de setembro.

O céu desanuviava-se, com efeito, sobre nossa cabeça; e fomos ter com Allenby, que disse, francamente, que em fins de setembro procederia a um grande ataque, a fim de executar o plano de Smuts, até Damasco e Aleppo. O nosso papel seria o decidido na primavera; deveríamos fazer a incursão contra Deraa, montando os dois mil camelos novos. As datas e os pormenores seriam fixados nas semanas seguintes, à medida que os cálculos de Bartholomew fossem tomando corpo.

As nossas esperanças de vitória haviam sido desfeitas tão freqüentemente que não era possível que eu tomasse tais coisas como garantias. Assim, como recurso

de reserva, obtive o beneplácito de Allenby para a transferência dos contigentes vestidos de cáqui, às ordens de Ali e de Abdulla; e parti, fortalecido, a caminho de Jidá, onde não obtive mais êxito do que esperava. O rei tinha recebido o sopro do meu propósito e se refugiou, sob pretexto de Ramadã, em Meca, sua inacessível capital. Conversamos por telefone, e o rei Hussein amparou-se na desculpa da incompetência dos seus operadores telefonistas do posto de Meca, toda vez que o assunto se tornou perigoso. Meu espírito sobrecarregado não estava disposto a farsas, e assim desfiz a ligação, pus de novo as cartas de Feisal, de Wingate e de Allenby no meu saco, sem abri-las, e regressei ao Cairo pelo primeiro vapor.

LIVRO IX

MANOBRA PARA UM GOLPE FINAL

CAPÍTULOS 98 A 106

Allenby, em rápida incorporação de tropas frescas, vindas da Mesopotâmia e da Índia, ultrapassou por tal forma a expectativa que ficou em condições de planejar uma ofensiva de outono. A quase igualdade das forças de cada lado significava que a vitória dependeria da sua habilidade em iludir os turcos, persuadindo-os de que todo o perigo, para eles, ainda se situava além do Jordão.

Nós contribuiríamos, ficando quietos por seis semanas, para fingir uma fraqueza que tentasse os turcos a nos atacar.

Os árabes deveriam, então, sair a campo no momento crítico, cortando as comunicações ferroviárias da Palestina.

Este engodo dentro de outro engodo exigia o maior cuidado na escolha do momento exato para cada operação, pois o equilíbrio das forças seria destruído, tanto pela retirada prematura dos turcos da Palestina, como pelo seu ataque precipitado contra os árabes de além-Jordão. Tomamos emprestado, de Allenby, alguns elementos do corpo imperial de cameleiros, a fim de acentuar a aparência da nossa situação crítica; entrementes, os preparativos para o ataque a Deraa prosseguiram, sem mais contratempo do que uma importuna demonstração da má vontade do rei Hussein.

CAPÍTULO 98

A 11 de julho, Dawnay e eu estávamos de novo conversando sobre Allenby e Bartholomew, sobre a sua generosidade e sobre a sua confiança, contemplando o funcionamento íntimo da mente de um general. Era uma experiência; técnica, tranqüilizadora e muito valiosa para mim, pois eu era, também, um vago general, à minha extravagante maneira. Bols achava-se em licença enquanto os planos iam sendo elaborados. Sir Walter Campbell também se encontrava ausente; Bartholomew e Evans, seus delegados, conspiravam para recompor o transporte do exército, independentemente das formações; e o fizeram com tamanha elasticidade que qualquer perseguição poderia ser sustentada.

A confiança de Allenby era como um muro. Antes do ataque, foi ver tropas aglomeradas em segredo, à espera do sinal, e disse-lhes que se sentia seguro, com a sua ajuda, de conseguir trinta mil prisioneiros; e isto, quando toda a nossa partida dependia de um acaso! Bartholomew mostrava-se muito ansioso. Disse que seria trabalho desesperado o de organizar todo o exército até setembro, e que, ainda que tudo ficasse pronto (na verdade, algumas brigadas só existiram como tais, pela primeira vez, quando seus homens foram arrolados), não deveríamos presumir que o ataque se desenrolasse como fora planejado. O assalto só poderia ser desfechado no setor da costa, em frente a Ramleh, cabeça de linha, único lugar em que a necessária reserva de material poderia ser concentrada. Isto parecia tão evidente que ele não conseguia sonhar, sequer, que os turcos estivessem cegos, embora no momento as disposições adaptadas pelo inimigo fizessem supor que ele ignorasse o fato.

O plano de Allenby visava a reunir o grosso da infantaria e toda a cavalaria sob os laranjais e os olivais de Ramleh, exatamente antes do dia 19 de setembro. Simultaneamente, esperava fazer, no vale do Jordão, demonstrações tais que persuadissem os turcos de que ali se estivesse procedendo a uma concentração. As duas incursões contra Salt fixaram os olhares dos turcos exclusivamente além

do Jordão. Todos os movimentos, ali, fossem de britânicos ou de árabes, eram seguidos de contraprecauções da parte dos turcos, o que revelava o quanto eles estavam amedrontados. No setor da costa, área de perigo verdadeiro, o inimigo mantinha homens em número absurdamente insignificante. O êxito dependia de mantermos os turcos neste fatal desapreço.

Depois do êxito de Meinertzhagen, os fingimentos que, para o general comum, seriam apenas *hors d'oeuvres* espirituais antes da batalha, tornaram-se para Allenby ponto essencial de estratégia. Bartholomew erigiria, portanto (perto de Jericó) todas as tendas de refugo do Egito; transferiria os hospitais veterinários e os campos de enfermos para ali; organizaria simulacros de campos, colocaria simulacros de cavalos e simulacros de tropas, onde houvesse espaço plausível; lançaria novas pontes através do rio; reuniria e poria contra a região inimiga todos os canhões capturados; e, nos dias previamente marcados, garantiria o movimento de corpos não-combatentes ao longo das estradas poeirentas, a fim de dar a impressão de concentrações urgentes, para o assalto. Ao mesmo tempo, a Força Aérea Real encheria o ar com esquadrilhas enconomicamente formadas, compostas de aeroplanos de combate do último tipo. A preponderância destes privaria o inimigo, durante vários dias, da vantagem dos reconhecimentos aéreos.

Bartholomew desejava ver-nos secundar os seus esforços, com todo o vigor e todo empenho, do nosso lado, em Amã. Não obstante, advertiu-nos de que, mesmo com isto, o êxito ficaria a pender de um fio, porque os oficiais turcos poderiam salvar-se, bem como ao seu exército, e dar-nos de novo o trabalho da concentração, com o simples expediente do recuo de onze ou doze quilômetros, no seu setor de costa. O exército britânico seria, então, como um peixe a debater-se em terra firme, com as estradas de ferro, a artilharia pesada, os simulacros, os armazenamentos e os campos, tudo, enfim, erradamente situado; e não teria sequer olivais para ocultar nova concentração, na próxima vez. Assim, embora garantindo que os britânicos estavam fazendo o máximo possível, implorou-nos para que não empenhássemos os árabes, por sua causa, numa posição da qual não poderiam escapar.

A nobre perspectiva fez com que Dawnay e eu voltássemos para o Cairo, cheios de cálculos e de cogitações. As notícias de Akaba aventavam de novo a questão da defesa do planalto contra os turcos, os quais haviam repelido Nasir de Hesa e premeditavam um golpe contra Aba el Lissan, lá pelos fins de agosto, quando o nosso destacamento de Deraa deveria partir. A menos que conseguíssemos atrasar os turcos durante uma quinzena, esta ameaça poderia paralisar-nos. Requeria-se, com urgência, qualquer novo fator.

Nesta conjuntura, Dawnay teve a inspiração de pensar no batalhão sobrevivente do corpo imperial de cameleiros. Talvez que o grande quartel-general no-lo emprestasse, para baralharmos os cálculos dos turcos. Telefonamos a Bartholomew, que tudo compreendeu, e apoiou o nosso pedido, primeiro junto de Bols, em Alexandria, e depois junto de Allenby. Após ativa troca de telegramas, obtivemos o que desejávamos. O coronel Buxton, com trezentos homens, foi-nos emprestado por um mês sob duas condições: primeira, que deveríamos fornecer-lhe imediatamente o esquema de operações; segunda, que seu grupo não deveria sofrer perdas de vidas. Bartholomew sentiu a necessidade de se desculpar por esta condição, reconfortante e magnificente, que ele julgava antimilitar!

Dawnay e eu sentamo-nos diante de um mapa e medimos o que Buxton deveria marchar, desde o canal até Akaba; depois, pelo caminho de Rumm, a fim de tomar Modwwara em ataque noturno; daí, para Bair, a fim de destruir a ponte e o túnel perto de Amã; e regressar à Palestina, a 30 de agosto. A atividade dos seus homens nos proporcionaria um mês pacífico, durante o qual os nossos dois mil camelos novos poderiam aprender a pastar, mesmo transportando os fardos suplementares de forragem e de víveres de que a força de Buxton teria necessidade.

Enquanto elaborávamos estes esquemas, chegou de Akaba outro, ainda mais minucioso, organizado graficamente por Young, para Joyce, de conformidade com o nosso entendimento, sobre as operações independentes dos árabes em Hauran. Indicava, por números, os víveres, as munições, a forragem e o transporte de dois mil homens de todos os graus, de Aba el Lissan para Deraa. Tomava em consideração todos os nossos recursos e apresentava programas pelos quais os centros de reabastecimento ficariam completos e o ataque poderia começar em novembro.

Mesmo que Allenby não houvesse reorganizado o seu exército, este esquema viria abaixo, integralmente. Dependia do reforço imediato do exército árabe de Aba el Lissan, que o rei Hussein nos recusara; ademais, novembro ficava muito perto do inverno, com as suas estradas lamacentas e impraticáveis no Hauran.

O tempo e os efetivos poderiam ser objeto de opinião; mas Allenby tencionava atacar a 19 de setembro, e queria que lançássemos a ofensiva entre quatro e dois dias antes que ele o fizesse. Suas palavras, para mim, diziam que três homens e um menino, com pistolas, em frente a Deraa, a 16 de setembro, concretizariam a sua concepção; mais do que mil homens valeria uma semana antes, ou uma semana depois. A verdade era que ele não se importava com o

nosso poder de combate, uma vez que não nos contava como parte da sua pujança tática. A nossa utilidade, para ele, era moral, psicológica, diatésica; manter o comando inimigo com a idéia fixa na frente de além-Jordão. O que havia de inglês em mim compartilhava do seu ponto de vista, mas, ao meu lado árabe, tanto a agitação como a batalha pareciam igualmente importantes uma para servir o êxito conjunto, outra para se estabelecer o auto-respeito entre os árabes, sem o que a vitória não seria completa e salutar.

Assim, sem hesitação, pusemos de lado o esquema de Young e voltamos a elaborar o nosso. Para se chegar a Deraa, partindo de Aba el Lissan, seria preciso uma quinzena; o corte de três linhas ferroviárias e a organização da força no deserto exigiriam outra semana. Os nossos realizadores de incursões deveriam transportar víveres para três semanas. O quadro que isto representava estava na minha cabeça — pois havíamos praticado aquilo durante dois anos — e assim, de imediato, dei a Dawnay o meu cálculo, segundo o qual os nossos dois mil camelos, numa única jornada, sem depósitos avançados, nem colunas suplementares de reabastecimento, deveriam bastar para quinhentos homens de infantaria regular montada, para a bateria de canhões de montanha franceses, de 0.65, de tiro rápido, para reduzido número de metralhadoras, para dois carros blindados, sapadores, tratadores de camelos e dois aeroplanos, até que déssemos cumprimento à nossa missão. Isto pareceu-me como sendo interpretação excessivamente generosa da metáfora dos três homens e um menino de Allenby. Dissemo-lo a Bartholomew, e recebemos a aprovação do grande quartel-general.

Young e Joyce não ficaram muito satisfeitos quando voltei para lhes dizer que o seu grande plano fora rasgado. Não classifiquei os projetos como sendo extremamente desequilibrados e excessivamente tardios: atirei a culpa da mudança à reorganização de Allenby. A minha nova proposta — para a qual, de antemão, eu havia pleiteado o seu consentimento — era uma intrincada combinação, para o próximo mês e meio de afobamento, a ser realizada por uma incursão estraga-festa do corpo britânico de cameleiros e por um arremesso principal destinado a surpreender os turcos perto de Deraa.

Joyce tinha o sentimento de que eu me equivocava. A introdução de estrangeiros desvirilizaria os árabes; e deixá-los partir um mês depois seria ainda pior. Young atirou um "impossível", estabanado e combativo, contra a minha idéia. O corpo de cameleiros tomaria para si os camelos de carga, os quais, de outra maneira, poderiam permitir que a força de Deraa atingisse a sua meta. Procurando realizar duas coisas ambiciosas, eu acabaria não fazendo nenhuma delas. Discuti o meu caso e tivemos uma batalha.

Em primeiro lugar, acusei Joyce, no que dizia respeito ao corpo imperial de cameleiros. Os ingleses chegariam certa manhã a Akaba — nenhum árabe suspeitaria disso — e desapareceriam de maneira igualmente súbita, a caminho de Rumm. De Modwwara à ponte de Kissir, eles marchariam pelo deserto, longe das vistas do exército árabe, bem como dos ouvidos das aldeias. Da incerteza daí resultante, o serviço inimigo de espionagem concluiria que o todo da defunta brigada de cameleiros se encontrava, agora, na frente de Feisal. Semelhante adição da força de choque de Feisal faria com que os turcos se tornassem muito cautelosos a respeito da segurança da sua estrada de ferro; enquanto isso, o aparecimento de Buxton, em Kissir, para fazer aparentemente reconhecimentos preliminares, emprestaria maior crédito às mais loucas histórias relativas à nossa intenção de em breve atacar Amã. Joyce, desarmado por estes raciocínios, passou a me apoiar com a sua opinião favorável.

Para com as dificuldades de transporte de Young, eu tinha pouca simpatia. Ele, recém-vindo, dizia que os meus problemas eram insolúveis; mas eu havia feito coisas semelhantes ao acaso, sem sequer a metade da sua habilidade e da sua concentração; e sabia que não eram nem mesmo difíceis. Quanto ao corpo de cameleiros, deixamo-lo que se debatesse com os pesos e com os horários, posto que o exército britânico era o seu elemento; e embora não nos prometesse coisa alguma (a não ser que nada seria possível), ainda assim tudo foi feito, e feito dois ou três dias antes do tempo necessário. A incursão contra Deraa era assunto diferente, e, ponto por ponto, discutia a sua concepção a propósito da natureza e do equipamento da mesma.

Enviei a forragem, que era o item mais difícil, além de Bair. Young tornou-se irônico a respeito da paciência resistente dos cameleiros; mas, naquele ano, a pastagem se apresentava farta na região Azrak-Deraa. Dos víveres para os homens, retirei a provisão destinada ao segundo ataque e à jornada de regresso. Young observou, em voz alta, que os homens não combateriam bem estando com fome. Expliquei-lhe que viveríamos dos produtos da região. Young pensou que se tratasse de uma região pobre para nela se viver. Eu considerava-a muito boa.

Ele disse que a marcha de dez dias, para o regresso, depois dos ataques, seria um longo jejum; mas eu não tinha a intenção de voltar a Akaba. Depois — poderia ele perguntar se seria a derrota ou a vitória o que estava na minha cabeça? Fiz-lhe observar que cada homem tinha um camelo sob si próprio e que, se matássemos apenas seis camelos por dia, a tropa toda se alimentaria abundantemente. Contudo, isto não o tranqüilizou. Prossegui, reduzindo-lhe a gasolina, os carros, as munições e tudo o mais, à devida proporção, sem margem

de reserva, que bastaria para o que planejávamos. Em resposta, ele tornou-se agressivamente técnico. Expus-lhe, então, o meu antigo teorema segundo o qual vivíamos em virtude da nossa irregularidade, batendo os turcos em conseqüência da nossa incerteza. O esquema de Young era falho, porque exato.

Ao contrário, nós iríamos conduzir uma coluna de mil homens montados em camelos a Azrak, onde a concentração ficaria completa a 13 de setembro. No dia 16, envolveríamos Deraa e cortaríamos as suas linhas ferroviárias. Dois dias mais tarde recuaríamos para o oriente da estrada de ferro do Hedjaz, a fim de esperar pelos acontecimentos do lado de Allenby. Como reserva contra qualquer acidente, compraríamos cevada em Djebel Druse e a armazenaríamos em Azrak.

Nuri Shaalan acompanhar-nos-ia com um contingente de Ruallas; viriam, também, os Serdiyehs, os Serahins, bem como os camponeses Hauranis da "Terra Côncava", sob o comando de Talal el Hareidhin. Young achou deplorável esta aventura. Joyce, que havia gostado da nossa agitada conferência, dizia que era jogo para se tentar, embora pensando que eu fosse ambicioso. Entretanto, não havia dúvida que ambos fariam o que lhes estivesse ao alcance, posto que as coisas já estavam assentadas; Dawnay cooperara na organização, obtendo para nós, do grande quartel-general, o empréstimo de Stirling, hábil oficial de estado-maior, dotado de tato, e muito prudente. A paixão de Stirling para com os cavalos constituía uma credencial de intimidade com Feisal e seus chefes.

Entre os oficiais árabes, distribuíram-se algumas condecorações britânicas — recompensas de sua valentia ao redor de Maan. Estas demonstrações da estima de Allenby acoroçoaram o exército árabe. Nuri Said ofereceu-se para comandar a expedição de Deraa, para o que a sua coragem, a sua autoridade e o seu sangue-frio o indicavam como chefe ideal. Ele começou a escolher, para isso, os quatrocentos melhores homens do exército.

Pisani, o comandante francês estimulado por uma Cruz Militar e aspirando, ansiosamente à D.S.O.*, tomou posse dos quatro canhões Schneider que Cousse nos remetera depois de partida de Brémond; passou longas horas de agonia com Young, procurando colocar as munições regulamentares, a forragem para as mulas, os seus homens e a sua própria cozinha privada sobre metade dos camelos requisitados. O campo agitava-se de ardor e de preparativos, e tudo prometia sair bem.

As nossas rixas de família afiguravam-se-nos incômodas, mas inevitáveis. O caso árabe agora ia além da nossa organização sumária de socorro. Mas o próximo seria, talvez, o último ato, e com alguma paciência conseguiríamos fazer com que os recursos presentes servissem. As dificuldades limitavam-se a nós

mesmos, e, graças ao magnífico altruísmo de Joyce, conservamos suficiente espírito de camaradagem para evitar uma completa ruptura, por maior que parecesse a minha imposição; e eu tinha uma reserva de confiança bastante para conduzir o jogo todo, se necessário, exclusivamente sobre os meus ombros. Eles costumavam julgar-me jactancioso, quando eu lhes dizia isto; mas a minha confiança não era tanto habilidade para realizar determinada coisa de modo perfeito, e sim preferência para realizá-la de qualquer forma, em vez de permitir que tudo se afundasse por defeito.

Nota

* “Distinguished Service Order”, condecoração militar inglesa. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 99

Estávamos, agora, em fins de julho e pelos fins de agosto a expedição de Deraa deveria pôr-se a caminho. Entrementes, era preciso guiar o corpo de cameleiros de Buxton na execução do seu programa, avisar Nuri Shaalan, ensinar aos carros blindados a rota para Azrak, e encontrar campos de aterragem para os aeroplanos. Um mês de azáfama. Nuri Shaalan, o mais distante, foi o primeiro a ser abordado. Foi chamado para encontrar-se com Feisal em Jefer, lá pelo dia 7 de agosto. A força de Buxton pareceu-nos ser a segunda necessidade. Contei a Feisal, sob compromisso de segredo, a sua vinda. Para se garantir que esta força não sofreria perdas, os seus componentes deveriam atacar Modwwara com surpresa absoluta. Eu os guiaria, pessoalmente, até Rumm, na primeira marcha crítica, por entre as franjas dos Howeitats, ao redor de Akaba.

Para isto, desci a Akaba, onde Buxton me permitiu explicar, a cada uma das suas companhias, o respectivo itinerário, bem como a índole impaciente dos aliados aos quais, sem que ninguém pedisse, vinham ajudar; disse-lhes que oferecessem a outra face, se houvesse rixas; em parte porque eram mais bem-educados do que os árabes, e, portanto, menos minados por preconceitos; e em parte por serem muito pouco numerosos. Depois destas solenidades, veio a opressiva marcha pela garganta do Itm, por baixo dos rochedos vermelhos de Nejed e por cima das colinas do Imran — lenta preparação para a grandeza de Rumm —, até que atravessamos a brecha em frente ao rochedo Khuzail, e que passamos para o santuário interior das fontes e para a sua frescura que compelia à adoração. Ali, a paisagem recusava-se a ser acessória, tomando o céu todo, e nós, criaturas tagarelas, transformamo-nos em poeira a seus pés.

Em Rumm, os nossos homens tiveram a primeira experiência com a água em condições de igualdade com os árabes; e acharam-na penosa. Entretanto, mostraram-se maravilhosamente dóceis; Buxton era velho oficial do Sudão, falando árabe e compreendendo as maneiras dos nômades; era muito paciente,

bem-humorado e simpático. Hazaa foi útil, admoestando os árabes; e Stirling e Marshall, que acompanhavam a coluna, estavam familiarizados com os Beni Atiyehs. Graças à sua diplomacia, bem como ao cuidado da tropa e dos oficiais britânicos, nada de desagradável dali por diante aconteceu.

Fiquei em Rumm, no primeiro dia, emudecido em presença da irrealidade daqueles rapazes de aparência sadia, semelhantes a rígidos colegiais metidos em camisas esportivas e em calções, a passear, anônimos e irresponsáveis, por entre os rochedos que haviam sido o meu domínio privado. Três anos de Sinai lhes haviam queimado o róseo do rosto, onde os olhos azuis piscavam fracamente, em confronto com o fitar sombrio e apaixonado dos olhares beduínos. Quanto ao resto, eram gente de face ampla, fronte baixa e sobrancelhas cerradas, de formas rudes, ao lado dos árabes bem desenhados, cujas gerações de casamentos consangüíneos haviam proporcionado um brilho que os fazia parecer mais velhos do que os primitivos, frustrados e honestos ingleses. Os soldados continentais pareciam pesados ao lado dos nossos rapazes atléticos; mas, comparados com os meus elásticos Nejdi, eram os ingleses, por sua vez, que pareciam pesadões.

A seguir, cavalguei para Akaba, através do Itm de altas muralhas, apenas acompanhado agora pelos seis guardas, silenciosos e reservados, que me seguiam como sombras, harmoniosamente, imersos na sua areia, nos seus bosques e nas suas montanhas naturais; e uma grande saudade se estendeu sobre mim, acentuando enormemente a minha vida proscrita em meio àqueles árabes, enquanto eu explorava os seus mais altos ideais e transformava o seu amor para com a liberdade, mais uma vez, em instrumento destinado a ajudar os ingleses a vencer.

Era tarde e, sobre a orla do Sinai, à nossa frente o sol, já baixo, descambava, com o seu globo extravagantemente brilhante para os meus olhos, porque eu me achava mortalmente cansado daquela vida e desejava, como raras vezes antes me acontecera, ver os céus melancólicos da Inglaterra. Este crepúsculo era vívido, estimulante, bárbaro; revivia as cores do deserto — como, de fato, fazia todas as tardes, em novo milagre de força e de calor — ao passo que as minhas saudades se relacionavam com a fraqueza, a frescura e a garoa cinzenta, querendo que o mundo não fosse tão cristalinamente claro, nem tão nitidamente marcado no bem e no mal.

Nós, os ingleses, que vivíamos anos no exterior, entre estrangeiros, andávamos sempre amparados pelo orgulho da nossa pátria relembrada, esta estranha entidade que nada tinha em comum com os seus habitantes, porquanto os que mais amavam a Inglaterra eram freqüentemente os que menos gostavam

de ingleses. Aqui, na Arábia, em plena necessidade de luta, eu estava negociando com a minha honestidade para amparar a Inglaterra, inevitavelmente.

Em Akaba, o resto da minha escolta se encontrava reunido para a vitória, pois eu prometera aos homens de Hauran que passariam esta grande festa nas suas aldeias libertas: e a data estava próxima. Assim, pela última vez, fizemos uma demonstração sobre a praia lambida pelo vento, junto às vagas do mar, com o sol a bater sobre as ondas brilhantes, cintilando como que para rivalizar com os meus homens esplendorosos e cambiantes. Eram sessenta. Raramente havia o Zaagi conseguido reunir tanta tropa num só grupo, e enquanto galopávamos para as montanhas escuras, a caminho de Guweira, ele tratou de enfileirar os seus comandados à maneira dos Ageyls, com centro e alas, e com poetas e cantores à direita e à esquerda. Assim, a nossa viagem foi musical. Feriu-o o fato de eu não levar um pendão, como um príncipe.

Eu seguia sobre a minha Ghazala, a velha camela avó, agora novamente em magnífica condições. Seu filhote morrera havia pouco tempo e Abdulla, que cavalgava depois de mim, trazia a pele seca por trás da sela, como rabicho. Partimos bem, graças ao cantarolar dos Zaagis, mas, depois de uma hora, Ghazala ergueu bem alto a cabeça e começou a caminhar inquieta, levantando as patas como um dançarino de espada.

Procurei apressá-la; mas Abdulla passou como uma flecha ao meu lado, despiu a capa e saltou da sela, tendo, à mão, a pele do filhote. Desceu, com forte chocalhar de seixos, à frente de Ghazala, que já havia parado, gemendo docemente. No chão, diante dela, Abdulla estendeu a pequena pele e puxou-lhe a cabeça para baixo, para que a visse. Ghazala deixou de gemer e lambeu três vezes a pele seca com seus beiços enormes; depois, ergueu de novo a cabeça e, com um lamento, tornou a caminhar. Isto aconteceu várias vezes naquele dia; mas depois o animal pareceu esquecer.

Em Guweira, Siddons estava com um aeroplano à minha espera. Nuri Shaalan e Feisal queriam que eu fosse imediatamente para Jefer. O ar era fino e remoinhante, de maneira que quase roçamos pela crista do Shtar. Fiquei a meditar sobre se não iríamos de encontro às rochas, quase desejando que assim fosse. Sentia-me certo de que Nuri reclamaria o cumprimento da nossa desonrosa semibarganha, cuja execução parecia ainda mais impura do que o pensamento que a ditara. A morte em aeroplano seria uma evasiva decente; entretanto, mal cheguei a desejá-la, não por causa de medo, porquanto me sentia excessivamente cansado para me amedrontar; nem por escrúpulo, pois as nossas vidas me pareciam absolutamente nossas, sendo nós livres de a conservar ou de a

rejeitar; mas por hábito, porque, ultimamente, vinha arriscando a minha vida somente quando isto parecia proveitoso à nossa causa.

Ocupava-me pondo em ordem os escaninhos do meu espírito e encontrava, ali, o instinto e a razão, como sempre, em árduo combate. O instinto dizia: "Morra", mas a razão dizia que isto equivaleria apenas a cortar as peias do espírito e deixá-lo ir em liberdade: seria melhor andar em busca de qualquer morte mental, de qualquer cansaço lento do cérebro, para o afundar ainda mais para baixo destes enigmas. Um acidente seria mais vil do que uma falta deliberada. Se eu não hesitava em arriscar a vida, que razão poderia haver para patinhar e sujá-la? Contudo, a vida e a honra pareciam pertencer a categorias diferentes, não podendo uma ser trocada pela outra; e, quanto à honra, não a havia perdido, porventura, no ano anterior, quando garantira aos árabes que a Inglaterra manteria a palavra empenhada?

Ou então, seria a honra como as folhas da Sibila, que, quanto mais se perdem, mais fica valendo o pouco que resta? Seria a parte igual ao todo? O segredo em que eu me fechara não me proporcionava o arbítrio da responsabilidade. O excesso de trabalho físico, entretanto, acabava fazendo-me desejar mais ainda, enquanto a dúvida constante, a perene interrogativa, ligava o meu espírito numa vertiginosa espiral, nunca me deixando folga para pensar.

Chegamos por fim, vivos, a Jefer, onde vieram ao nosso encontro Feisal e Nuri, com o mais conciliatório dos espíritos, e sem menção alguma quanto ao preço que eu deveria pagar. Parecia incrível que aquele ancião se houvesse livremente unido à nossa juventude. Porque ele era muito velho; lívido, gasto, com tristeza e remorsos cinzentos ao seu redor, e um sorriso amargo, única mobilidade do seu rosto. Sobre suas pestanas, as pálpebras faziam bolsas com pregas cansadas, através das quais, vindo do sol a pique, uma luz vermelha rebrilhava nas suas pupilas, fazendo-as parecer piras acesas, em que o homem lentamente se ia queimando. Apenas o negro morto dos cabelos tingidos, apenas a pele morta do rosto, com a complicada rede de linhas, traíam os seus setenta anos.

Houve conversação cerimoniosa a propósito deste chefe de poucas palavras, pois, com ele, estavam todos os chefes da sua tribo, famosos xeques tão encorpados pelas sedas das próprias roupagens, ou pelos presentes de Feisal, que farfalhavam, parecendo mulheres, quando se moviam em lentas mudanças de posição, como se fossem bois. O primeiro dentre eles era Faris: como Hamlet, não perdoava a Nuri o assassínio de seu pai, Sottam — homem magro, com bigodes caídos e face branca, quase sobrenatural, que enfrentava a secreta censura

do mundo com maneiras macias e voz lisa e insinuante. *Yifham*, chilreou ele, para mim, com espanto. "Ele entende o nosso árabe." Trad e Sultan ali estavam, de olhos redondos, graves, e francos; respeitáveis figuras de homens e grandes chefes de cavalaria. Também Mijhem, o rebelde, fora levado para ali por Feisal, reconciliando-se com seu tio, malgrado deste, que parecia apenas tolerar um pouco a presença do sobrinho, frio e de pequena estatura, muito embora as maneiras de Mijhem fossem avidamente amistosas.

Mijhem era igualmente um grande chefe, rival de Trad no comando de incursões, mas de coração fraco e cruel. Sentava-se junto de Khalid, irmão de Trad, outro saqueador alegre e cheio de saúde, semelhante a Trad no rosto, mas sem ser homem tão completo como ele. Durzi ibn Dughmi entrou com imponência e saudou-me, o que me fez lembrar, com desagrado, a avareza dele, em Nebk: homem de nariz em gancho, sinistro, de um olho só; pesado, ameaçador e avarento, mas bravo. Ali estava o Khaffaji, o mimado rebento da velhice de Nuri, que procurou igualdade e camaradagem da minha parte por causa de seu pai, mas não por qualquer objetivo pessoal: era suficientemente jovem, e não se alegrava com o vislumbre de uma aventura de guerra, nem se orgulhava das suas novas armas já prontas.

Bender, o rapaz que sempre ria, companheiro de idade e de brinquedos de Khaffaji, pilhou-me de surpresa, à presença de todos eles, solicitando um lugar na minha escolta. Havia sido informado, pelo meu Rahail, seu meio-irmão, a respeito das amarguras e das alegrias imoderadas dos componentes da guarda, e a servidão fascinava-o com o seu feitiço malsão. Defendi-me, e quando ele tornou a solicitar, descartei-me murmurando que eu não era rei para ter criados Shaalans. O sombrio olhar de Nuri encontrou-se com o meu durante um instante, aprovando.

A meu lado, sentava-se Rahail, pavoneando a própria lascívia em roupagens estridentes. Sob a desculpa de conversação, sussurrou-me o nome de cada chefe. Ninguém precisava indagar da minha identidade, porquanto as minhas roupas e a minha aparência eram estranhas no deserto. Equivalia a ganhar notoriedade o ser, como eu era, o único homem sempre barbeado de fresco; e eu dobrava esta mesma notoriedade usando constantemente a suspeita seda pura, da mais branca que havia (pelo menos do lado de fora), com cordões de turbantes mecanos, cor de ouro e carmesim, e adaga de ouro. Vestindo-me desta maneira, eu reclamava um direito que a consideração pública de Feisal para comigo confirmava.

Muitas vezes, em conclaves semelhantes, Feisal havia conquistado e inflamado novas tribos, e muitas vezes esse trabalho recaíra sobre mim; mas

nunca, até aquele dia, havíamos estado ativamente juntos, na mesma reunião, reforçando-nos e apoiando-nos um ao outro, de pólos opostos; e o trabalho decorreu como brincadeira de criança; os Ruallas fundiram-se no nosso fogo duplo. Poderíamos movê-los com um toque e uma palavra. Houve tensão, respiração suspensa e o rutilar de fé, dos seus olhos sutis, fixava-se sobre nós.

Feisal introduziu-lhes no espírito a noção da nacionalidade, numa frase que os fez pensar na história e no idioma árabes; a seguir, caiu em silêncio por um momento; porque, com aqueles iletrados senhores da língua, as palavras tinham vida, e eles gostavam de saborear uma a uma, sem mescla, ao paladar. Outra frase lhes mostrou o espírito de Feisal, seu companheiro e chefe, tudo sacrificando pela liberdade nacional; e, a seguir, novo silêncio, enquanto os homens imaginavam Feisal, dia e noite na tenda, ensinando, pregando, ordenando e conquistando amigos: e eles sentiram que alguma coisa daquela idéia esvoaçava por trás daquele homem imóvel como uma imagem, e que se sentava ali, à guisa de ícone, esvaziado de desejos, de ambições, de fraquezas e de erros; uma personalidade tão rica, escravizada por uma abstração, tendo um só olhar, um só braço, com um só sentido e um só propósito: viver ou morrer ao seu serviço.

Sem dúvida, Feisal parecia um homem pintado; não de carne e sangue, mas apesar disto, verdadeiro, porque a sua individualidade cedera sua terceira dimensão, à idéia, e renunciara às riquezas e aos artifícios do mundo. Feisal ficava oculto na sua tenda, velado, para continuar a ser nosso chefe, ao passo que, na verdade, era o melhor servidor da nacionalidade — seu instrumento, e não seu proprietário. Contudo, na penumbra da tenda, nada se nos afigurava mais nobre.

Ele prosseguiu, evocando, para os ouvintes, o inimigo entravado na eterna defensiva, cuja melhor finalidade fora haver feito não mais do que o necessário. Entretanto, nós, os capazes de abstinência, nadávamos calma e friamente no silêncio amigo do deserto, até o momento em que nos agradasse descer à terra.

A nossa conversa foi argutamente dirigida no sentido de aliviar a carga dos pensamentos secretos dos que nos ouviam; queríamos que a excitação fosse deles próprios, que as conclusões tivessem caráter nativo, sem ser enxertadas por nós. Logo os vimos despertarem-se; inclinamo-nos para trás, observando-os nos movimentos e nas palavras, enquanto eles se animavam uns aos outros com o mútuo calor, até que o ar se saturou de vibração e que, com frases ofegantes, os homens provaram o primeiro ímpeto de noções que iam muito além das suas vistas. Passaram então a apressar-nos, tornando-se eles os criadores, os ansiosos, e nós os estrangeiros e lerdos; esforçaram-se para fazer-nos compreender toda a intensidade da sua fé; esqueceram-se de nós; e, como um relâmpago,

apresentaram os meios e a finalidade do nosso desejo. Nova tribo foi acrescentada à nossa comitiva; entretanto, o "Sim" simples de Nuri, ao fim, teve mais peso do que tudo o que antes fora dito.

Na nossa pregação, nada havia que fosse deixado aos nervos. Fizemos o possível para excluir os sentidos, a fim de que o apoio deles fosse lento, duradouro, nada sentimental. Não queríamos saber de convertidos pelo arroz. Recusamo-nos, persistentemente, a deixar que o nosso ouro, famoso e abundante, corresse para aqueles que não estivessem espiritualmente convencidos. O dinheiro era uma confirmação; argamassa, e não pedra de construção. A compra de homens poria o nosso movimento na base do interesse; ao passo que os nossos partidários deveriam estar prontos para percorrer a estrada toda, sem outra mescla, em seus motivos, do que a fragilidade humana. Até eu, o estrangeiro, a fraude sem Deus inspirando uma nacionalidade alheia, sentia algo assim como uma libertação daquele odioso e perpétuo interrogar do "eu", na minha imitação da ligação deles a uma idéia; e isto a despeito da falta de instinto nas minhas realizações.

Porque, como era natural, não me seria possível iludir-me a mim próprio, por longo tempo; mas eu representava o meu papel com tanta mestria que ninguém, a não ser Joyce, Nesib e Mohammed el Dheilan, parecia perceber que eu estava representando.

Aos olhos dos homens instintivos, qualquer coisa acreditada por dois ou três seres recebia assim como uma sanção milagrosa, em favor da qual o conforto e a vida individual deveriam ser honestamente sacrificados. Aos olhos do homem racional, as guerras de nacionalidade eram um engodo, tanto quanto as guerras religiosas, e nada valia a pena de se lutar; nem podia a batalha, o ato de batalhar, conter qualquer partícula de virtude intrínseca. A vida era tão deliberadamente pessoal que nenhuma circunstância justificaria o homem que pusesse violentamente suas mãos sobre a de outro, muito embora a própria morte fosse o último ato da vontade livre do homem, graça salvadora e medida de intolerável sofrimento.

Fazíamos com que os árabes se esforçassem, na ponta dos pés, para alcançar o nosso credo, pois este conduzia ao trabalho, país perigoso onde os homens devem confundir o ato com o querer. O meu erro, a minha cegueira de chefia (ansioso por encontrar meios rápidos de convicção) proporcionaram-lhes esta imagem finita do nosso fim, quando este, de fato, só existia num interminável esforço no sentido da luz imaginada e inatingível. A nossa multidão, buscando a luz nas coisas, assemelhava-se a maltas de cães patéticos, farejando ao redor do

pé de um lampião. Só eu pajeava o abstrato e me via obrigado, pelo dever, a ir além do santuário.

A ironia estava no meu amor para com os objetos, maior do que o meu amor para com a vida ou as idéias; e na incongruência de eu responder ao contagiante chamado de ação, que punha peso e acento na diversidade das coisas. Tarefa árdua, para mim, a de manter-me a cavaleiro, entre o sentimento e a ação. Eu tivera apenas uma aspiração em toda a minha vida — o poder de expressar-me em qualquer forma imaginativa — mas havia sido excessivamente difuso, sem conseguir jamais uma técnica. Por fim, o acaso, com perverso humor, lançando-me como homem de ação, dera-me um lugar na revolta árabe, tema fácil e épico para homem de olhar e mão diretos; e ofereceu-me, assim, entrada para a literatura, que é arte sem técnica. E então me entusiasmei apenas pelo mecanismo. O tom épico era alheio ao meu temperamento, como o fora à minha geração. A memória não me oferecia guia para a epopéia, de maneira que eu não podia sentir, em mim mesmo, homens como Auda. Ele parecia-me fantástico como as montanhas de Rumm, e velho como Mallory.

Entre os árabes, eu era o desiludido, o cético, que lhes invejava a crença barata. A impostura despercebida parecia tão bem ajustada a ponto de se transformar em roupagem para o homem falso. Os ignorantes, os superficiais, os enganados, esses eram os felizes entre nós. Sentiam-se glorificados pela nossa burla. Oferecíamos-lhes o nosso amor-próprio, e eles ganhavam o mais profundo sentimento de suas vidas. Quanto mais condenávamos e desprezávamos a nós mesmos, mais nos podíamos orgulhar cinicamente delas, que eram nossas criaturas. Era tão fácil inflar o crédito alheio; tão impossível reduzir os seus motivos ao nível da nossa desapiedada verdade. Eram os nossos incautos, combatendo de todo o coração o inimigo. Voavam ao sopro das nossas intenções, como palha, não sendo, porém, palha, mas os mais bravos, os mais simples e os mais alegres dos homens. *Credo quia sum?* Mas o fato de ser acreditado por muitos não compensa, porventura, uma torção imposta à lealdade? O crescer unânime de devotadas esperanças de muitos anos, partindo de multidões míopes, pode dotar, até a um ídolo que não o consinta, do semblante de Deus, e O reforça, sempre que os homens dirigiam preces silenciosas a Ele.

CAPÍTULO 100

Sobre este texto, meu espírito andou tecendo sua teia, através do espaço poeirento, em meio aos raios de pensamentos e às partículas dançantes das idéias. Então eu vi que este preferir o Desconhecido ao Deus era uma idéia expiatória, que embalava apenas com uma falsa paz. Sofrer por ordem, ou porque se tratasse de dever — isto seria fácil. O soldado sofria apenas golpes involuntários; ao passo que a nossa vontade tinha de representar o papel de capataz até que os trabalhadores se exaurissem, de manter-se em lugar seguro e de impelir os outros ao perigo. Teria sido heróica a oferta da minha própria vida a uma causa na qual eu não conseguisse acreditar; mas era como roubo de almas o fazer os outros morrerem sinceramente pela minha imagem gravada. Porque eles aceitavam a nossa missão como verdadeira, estavam prontos para se fazerem matar por ela; e esta condição tornava os seus atos mais lógicos do que gloriosos; e a sua coragem bastarda, concebida qual balanço de lucros e perdas de conduta. Inventar uma missão e depois, de olhos abertos, perecer pela sua imagem, por ela mesma construída — isto seria, ao contrário, grandioso.

A questão toda do movimento parecia ser expressável apenas em termos de morte e de vida. Em regra, tínhamos noção da existência da nossa carne, só porque ela nos fazia sofrer. A alegria tornava-se mais aguda por causa do longo hábito do sofrimento; mas os nossos recursos, quanto ao padecer, pareciam maiores do que a nossa capacidade de alegria. A letargia desempenhava aqui o seu papel. Ambas as emoções nos eram de resto proporcionadas, pois o nosso sofrimento enchia-se de remoinhos que empanavam a sua pureza.

Um recife contra o qual muitos apenas conseguiram naufrágios de critério, era a vaidade segundo a qual a nossa resistência poderia conquistar a redenção, talvez de toda uma raça. Semelhante investidura falsa alimentava uma satisfação ardente, embora transitória, na qual sentíamos ter tomado para nós o sofrimento, de outrem, ou a experiência, talvez mesmo a personalidade. Aquilo era triunfo,

conjugação de amplitude; havíamos fugido ao nosso "eu" sufocante, conquistado a nossa inteireza geométrica, e obtido momentânea "mudança de espírito".

Todavia, na realidade, nós nos havíamos transformado em delegados do sofrimento alheio por amor a nós próprios ou, pelo menos, porque isto redundaria em nosso benefício: e só podíamos escapar desta certeza por meio de um fazer de conta, tanto em sentimento como em motivo.

A vítima, imolando-se voluntariamente, tomava para si mesma o raro dom do sacrifício; e nenhum orgulho, e poucos prazeres, no mundo, eram tão jubilosos, tão ricos, como esta preferência espontânea para com os males alheios, no intuito do aperfeiçoamento pessoal. Havia um egoísmo oculto nisto, como em todas as perfeições. Para cada oportunidade só poderia haver um sacrificado; arrebatar esta oportunidade, equivaleria a roubar aos companheiros o mal que lhes era devido. O seu substituto se rejubilava, ao passo que os seus irmãos ficavam feridos na própria hombridade. Aceitar humildemente esta esplêndida libertação constituía imperfeição da parte deles; a alegria dos árabes, por se salvarem a tal preço, representava pecado, porquanto os tornava acessórios, cúmplices na imposição do sofrimento ao mediador. O papel mais puro, para o mediador, deveria ser o de ficar em meio à multidão, ver o outro ganhar a pureza de um nome de redentor. Num dos caminhos, havia a autoproteção; no outro, a auto-imolação, a obra de tornar perfeito o vizinho. Hauptmann disse-nos que devemos receber tão generosamente como damos; mas parecíamos células de uma colmeia, das quais uma pode mudar-se, ou inflar-se, somente às expensas de todas as outras.

Sofrer por outrem, em plena simplicidade, dava um senso de grandeza. Nada havia mais elevado do que uma cruz para se contemplar o mundo. O orgulho e o júbilo deste destino iam além de toda vaidade. Entretanto, cada cruz, uma vez ocupada, roubava aos últimos chegados em tudo, menos no papel de copiadores; e as mais miseráveis das coisas eram as produzidas pela imitação do exemplo. A virtude do sacrifício estava dentro da alma da vítima.

Para ser honesta, a redenção precisava ser livre, realizada com espírito infantil. Quando o expiador se tornava consciente dos motivos ocultos e da glória futura do seu ato, os motivos e a glória se desperdiçavam nele. Assim, o altruísta introspectivo adjudicava-se uma parte sem valor, de fato perigosa, para si próprio, pois, se ele se mantivesse passivo, a sua cruz ficaria reservada a qualquer inocente. Salvar os simples de semelhante mal, dando-lhes um "eu" complicado, seria avareza no homem moderno. Porque este homem, crivado de pensamentos e de enigmas, não poderia compartilhar a crença deles, segundo a qual os outros

se redimiriam através da sua agonia e os outros, olhando para ele sem o compreender, deveriam sentir a vergonha que era o fadário do discípulo viril; ou deixariam de a sentir e incorreriam, portanto, na dupla punição da ignorância.

Ou seria então esta vergonha, também, uma abnegação, destinada a ser admitida e admirada em si mesma? Até que ponto seria justo deixar que os homens morressem porque não compreendiam? A cegueira e a loucura, imitando a atitude da justiça, eram punidas com mais severidade do que o mal propositado, pelo menos do atual estado de consciência e de remorso do homem vivente. Os homens complexos, que sabiam que o auto-sacrifício elevava o redentor, rebaixando os assalariados, e que se agarravam ao saber podiam assim deixar que um irmão louco tomasse o lugar da falsa nobreza, incorrendo mais tarde na mais pesada das sentenças. Parecia não haver caminho reto para nós, os chefes, neste acidentado terreno da conduta, nesta sucessão de círculos desconhecidos, em que motivos vergonhosos cancelavam ou sobrecarregavam os círculos e os motivos precedentes.

Contudo, não posso atribuir a minha aceitação da fraude árabe à fraqueza de caráter, nem à hipocrisia nativa, muito embora, como é natural, eu devesse ter alguma tendência, alguma aptidão para o dolo, pois do contrário não teria iludido tão bem os homens, nem persistiria durante dois anos em levar a bom êxito um embuste que outros haviam concebido e posto de pé. Não tive relação alguma com a revolta árabe, no começo. Ao fim, era eu o responsável pelo fato de ela ser um embaraço para os seus inventores. Em que momento exato, nesse ínterim, a minha culpa passou de acessória a principal, e nos termos de que dispositivo deveria eu ser condenado, não cabia a mim dizer. Baste que, desde a marcha para Akaba, eu me haja arrependido amargamente do meu emaranhamento na revolta, com uma amargura bastante para corroer as minhas horas inativas, mas insuficiente para me libertar de todos os liames que me prenderam a ela. Daí, o vacilar da minha vontade e as queixas intermináveis e insípidas.

CAPÍTULO 101

Siddons levou-me em vôo de regresso a Guweira, naquela tarde, e à noite contei a Dawnay, recém-chegado de Akaba, que a vida estava cheia, mas que transcorria suavemente. Na manhã seguinte, fomos informados, por aeroplanos, sobre a maneira pela qual a força de Buxton se havia comportado em Modwwara. Resolvera-se assaltá-la antes da madrugada, principalmente com emprego de bombas, em três grupos, um para entrar na estação, indo os outros dois para os principais redutos.

De conformidade com isto, antes da meia-noite, cadarços brancos foram dispostos como guias em direção ao ponto zero. O início das operações foi marcado para as quinze para as quatro, mas houve dificuldade no encontro do caminho, de maneira que a luz do dia já estava quase sobre a tropa quando a ação começou contra o reduto sul. Depois da explosão de certo número de bombas, no reduto e seus arredores, os homens lançaram-se ao assalto, tomando-o facilmente; e viram, assim, que o grupo destinado à estação havia conseguido o seu objetivo apenas um momento antes. Estes acontecimentos exacerbaram o reduto do meio, que se ergueu, mas tão-somente para ser derrotado. Seus homens se renderam vinte minutos depois.

O reduto norte, que possuía um canhão, parecia mais animado, e semeou obuses prodigamente no pátio da estação e contra as nossas tropas que já o ocupavam. Buxton, sob a proteção do reduto sul, dirigiu o fogo dos canhões de Brodie, os quais, com a usual precisão, alojaram tiros depois de tiros. Siddons apareceu na amplidão, com os seus aeroplanos, e bombardeou o inimigo, enquanto o corpo de cameleiros do norte, de leste e de oeste submeteu os baluartes a severo fogo de metralhadoras Lewis. Às sete horas das manhã, os últimos inimigos se renderam. Nossas perdas foram quatro mortos e dez feridos. Os turcos tiveram vinte e um mortos, deram-nos cento e cinqüenta prisioneiros e perderam dois canhões de campanha e três metralhadoras.

Buxton mandou imediatamente que os turcos pusessem sob pressão de vapor a bomba de água, de maneira que se pudesse dar de beber aos seus camelos; entrementes, os homens fizeram saltar os poços e destruíram as bombas para as locomotivas, com dois mil metros de trilho. Ao anoitecer, cargas colocadas ao pé da grande torre de água fizeram-na saltar, espalhando pedras por toda a planície; Buxton, pouco depois, deu ordem de marcha aos seus homens, e os quatrocentos camelos, erguendo-se como um só e mugindo como no dia do juízo final, partiram a caminho de Jefer. Dawnay seguiu para Aba el Lissan, radiante de satisfação, a fim de saudar Feisal. Allenby enviara-o para que apresentasse a Feisal uma mensagem de prudência. Dawnay deveria, pois, pedir-lhe para que nada de temerário levasse a efeito, visto como a arrancada britânica seria puro jogo de azar; se esta arrancada fracassasse, os árabes estariam à margem ruim do Jordão, caso precisassem de socorro. De maneira particular, Allenby pedia a Feisal que não se lançasse contra Damasco, mas que se mantivesse firme até que os acontecimentos se mostrassem francamente favoráveis.

Esta precaução, oportuna e razoável, fora tomada por minha causa. Exasperado, certa noite no grande quartel-general gritei, abruptamente, que para mim o ano de 1918 parecia ser a última oportunidade, e que portanto deveríamos tomar Damasco de qualquer forma, acontecesse o que acontecesse em Deraa ou em Ramleh; porque era melhor tomá-la e perdê-la do que não chegar nunca a conquistá-la.

Feisal sorriu inteligentemente ao sermão de Dawnay e respondeu que ele tentaria, naquele outono, conquistar Damasco, ainda que os céus caíssem e que se os britânicos não fossem capazes de tomar a sua parte no ataque, ele salvaria o seu povo concluindo paz separada com a Turquia.

Havia longo tempo que Feisal estava em contato com elementos da Turquia, sendo que a correspondência era aberta pelo paxá Jemal. Por instinto, quando sereno, Jemal era islamita, e para ele a revolta de Meca constituía um julgamento. Estava pronto a fazer fosse o que fosse para recompor semelhante brecha na fé. Suas cartas eram, por esta razão, reveladoras. Feisal enviou-as a Meca e ao Egito, esperando que os outros nelas lessem o que nós líamos; mas os pontos referidos foram tomados ao pé da letra, e nós recebemos ordem de responder que, agora, a espada era o nosso juiz. Isto parecia imponente; mas, na guerra, semelhante oportunidade diatésica não deveria ser perdida.

É verdade que a acomodação com Jemal não se afigurava possível. Havia ceifado as melhores cabeças da Síria, e renegaríamos o sangue dos nossos amigos

se o admitíssemos na nossa paz; mas, indicando isto, subitamente, na nossa resposta, poderíamos ampliar a brecha nacional religiosa na Turquia.

Nossos objetivos particulares eram as seções antialemãs do estado-maior, sob a direção de Mustafá Kemal, que estavam cônscias demais da "turcaria" da sua missão, para negar o direito de autonomia às províncias árabes do império otomano. Assim, Feisal remeteu respostas tendenciosas; e a correspondência prosseguiu brilhantemente. Os soldados turcos começaram a se queixar dos beatos, que punham as relíquias antes da estratégia. Os nacionalistas escreveram que Feisal apenas estava pondo em atividade prematura e desastrosa as convicções próprias, deles, a respeito da justa, da inevitável independência de ação da Turquia.

O conhecimento desta fermentação afetou a resolução de Jemal. Desde logo, ofereceram-nos a autonomia do Hedjaz. A seguir, a Síria foi contemplada com o mesmo benefício; depois, a Mesopotâmia. Feisal ainda não parecia satisfeito; assim, o delegado de Jemal (enquanto o seu senhor se achava em Constantinopla) acrescentou, corajosamente, uma coroa à parte oferecida ao rei Hussein, em Meca. Por fim, os turcos disseram-nos que viam certa procedência na reclamação da família do profeta, relativamente à chefia espiritual do islã!

O lado cômico destas cartas não devia empanar o auxílio real que representavam na divisão do estado-maior turco. Os muçulmanos da velha guarda acreditavam que o xerife era pecador imperdoável. Os modernistas julgavam-no sincero mas impaciente nacionalista, desgarrado pelas promessas britânicas. Alimentavam o desejo de corrigi-lo, mais por meio de argumentos do que pela derrota militar.

O trunfo mais forte de que eles dispunham era o tratado Sykes-Picot, sobre a divisão da Turquia, à maneira antiga, entre a Inglaterra, a França e a Rússia, denunciado pelos soviéticos. Jemal aproveitara o ensejo para ler-lhe as cláusulas mais lamentáveis, num banquete, em Beirute. Por um momento, esta revelação nos feriu; com justiça, de resto, porquanto nós e os franceses pensávamos colocar um emplastro sobre a divergência política, obtendo uma fórmula suficientemente vaga para que cada qual a interpretasse à sua maneira.

Felizmente, havia muito tempo eu revelara a Feisal a existência do tratado, convencendo-o de que a única saída seria auxiliar tanto os britânicos que, depois da paz, estes não fossem capazes, por vergonha, de o derribar a tiros, por causa do cumprimento das cláusulas; ao passo que, se os árabes fizessem o que eu tencionava, não haveria conversação unilateral sobre tiros. Supliquei-lhe que

confiasse, não nas nossas promessas, como seu pai, mas na sua própria força de ação.

Muito oportunamente, nesta conjuntura, o gabinete britânico, de maneira alegre, estendeu também a mão esquerda. Prometeu aos árabes, ou melhor, a uma comissão não-autorizada de sete Gothamitas, no Cairo, que os árabes conservariam, como seu próprio, o território que conquistassem à Turquia na guerra. A animadora notícia circulou por toda a Síria.

Para auxiliar os turcos abatidos e para nos mostrar que podiam dar-nos tantas promessas quantos fossem os grupos, os britânicos, afinal, apuseram, ao documento A do xerife, B dos seus aliados, e C da comissão árabe, um documento D dirigido a Lord Rothschild, nova potência, a cuja raça se prometia algo de equívoco na Palestina. O velho Nuri Shaalan, franzindo o nariz, voltou a mim com a sua pasta de documentos, perguntando, intrigado, qual deles deveria ser acreditado. Como da outra vez, repeti voluvelmente: "O último em data" e a honra que o emir emprestava à sua palavra fê-lo compreender o humor da minha resposta. Sempre, dali por diante, ele fez o mais que pôde, para a nossa causa comum, advertindo-me, apenas, quando falhava numa promessa, de que ela havia sido substituída por outra intenção mais recente!

Contudo, Jemal continuou esperando, sendo, como era, homem obstinado e brutal. Depois da derrota de Allenby em Salt, enviou-nos o emir Mohammed Said, irmão do egrégio Abd el Kadir. Mohammed Said, degenerado de fronte baixa e língua má, era tão tortuoso como o irmão, mas menos bravo. Mostrou-se muito modesto quando diante de Feisal, e ofereceu-lhe a paz de Jemal.

Feisal disse-lhe que ele tinha chegado em momento oportuno. Poderia oferecer a Jemal a atitude lealista do exército árabe se a Turquia evacuasse Amã e entregasse o governo desta província às mãos dos árabes. O idiota argelino, pensando ter obtido esplêndido êxito, correu de regresso a Damasco: ali, Jemal quase o enforcou para sua penitência.

Mustafá Kemal, alarmado, pediu a Feisal que não brincasse nas mãos de Jemal, prometendo que, quando os árabes estivessem instalados na sua capital, todos os descontentes, na Turquia, se juntariam a eles, utilizando-se do seu território como base para atacar Enver e os seus aliados alemães na Anatólia. Mustafá esperava que a adesão de todas as forças turcas, a oriente do Taurus, lhe permitisse marchar diretamente contra Constantinopla.

Os acontecimentos, afinal, fizeram abortar estas complicadas negociações, que não foram reveladas ao Egito, nem a Meca, em virtude do mau êxito da nossa primeira confidência. Eu temia que os britânicos se melindrassem ao saber

que Feisal mantinha estas relações separadas. Contudo, por lealdade para com os guerreiros árabes, não podíamos fechar todas as vias de acomodação com a Turquia. Se a guerra européia fracassasse, era aquela a única saída para eles; e eu tinha sempre o medo opressor de que a Grã-Bretanha abandonasse Feisal e concluísse a sua própria paz em separado, não com os nacionalistas, mas com os conservadores turcos.

O governo britânico tinha ido muito longe, neste sentido, sem nada comunicar a respeito aos seus aliados menores. As nossas informações sobre os passos exatos, bem como sobre as propostas (que seriam fatais para numerosos árabes em pé de guerra ao nosso lado) chegaram, não oficialmente, mas por via privada. Aquela foi apenas uma das vinte vezes em que os amigos me auxiliariam muito mais do que o nosso governo: a ação e o silêncio deste eram, ao mesmo tempo, um exemplo, um estímulo e uma licença para que eu procedesse de igual maneira.

CAPÍTULO 102

Depois da conversa de paz, podíamos voltar ao trabalho limpo. Joyce e eu resolvemos fazer outra das nossas incursões em carros, desta vez contra Azrak, para destruir a pista que conduzia a Deraa. Com este intuito, corremos para Jefer, a fim de nos encontrarmos com o vitorioso corpo de cameleiros que vinha tranqüilamente, em esplêndida forma e brilhante aparência, pela planície reluzente, pouco antes do crepúsculo; oficiais e soldados mostravam-se encantados com o êxito de Modwwara, bem como com a liberdade que gozavam, sem ordens nem constrangimento, no deserto. Buxton disse que as tropas estavam prontas para ir onde quer que fosse.

Repousariam duas noites e retirariam rações para quatro dias dos seus depósitos, devidamente instalados perto da tenda de Auda, pelos cuidados de Young. Como fora previsto, no dia seguinte pela manhã Joyce e eu passamos aos nossos caminhões, tendo o expedito Rolls para nos conduzir; e corremos comodamente pelo Wadi Bair, junto de cujos poços acampava Alwain, parente de Auda, homem de rosto suave e silêncio opressivo; ocultava-se, para se possuir em paz, longe de Auda.

Paramos apenas os poucos minutos necessários para combinar, com ele, a segurança dos homens de Buxton; e depois partimos, levando um jovem e bem asselvajado Sherari para nos ajudar a encontrar a pista. Seu treino de cameleiro não o preparara para a escolha de caminhos destinados a um carro blindado de cinco toneladas, mas o seu conhecimento da rota serviria para outros carros que chegassem mais tarde.

O planalto de Erha oferecia boa marcha, com suas depressões de quartzo recheados de camadas de lama dura; e devoramos quilômetros após quilômetros, chegando às cabeceiras rasas do Wadi Jinz, bem dotadas de pastagens.

Numerosos camelos haviam sido reunidos ali, ansiosamente, pelos cameleiros maltrapilhos dos Abu Tayis, os quais, cavalgando de cabeça nua e de fuzil à mão,

iam cantando um canto de guerra. Quando ouviram o ronco do escapamento, correram ao nosso encontro, com informações urgentes de que homens montados tinham sido vistos de tocaia nas depressões do chão, lá adiante. Lançamos os carros na direção indicada e, depois de breve tempo, demos caça a cinco cameleiros, que batiam para o norte como lhes era possível. Alcançamo-los em dez minutos. Eles ajoelharam os camelos, graciosamente, e vieram ao nosso encontro como amigos — o único papel que ainda podiam representar, pois que homens nus não iriam querelar com homens mais rápidos e vestidos de ferro. Eram Jazi Howeitats, sem dúvida ladrões, mostrando-se, entretanto, gentis, e proferindo exclamações altas pelo prazer de me encontrarem ali, inesperadamente. Fui um pouco lacônico e ordenei-lhes que regressassem imediatamente às suas tendas. Retiraram-se de crista caída, na direção do ocidente.

Seguimos pela margem oriental do Um Kharug, encontrando o chão firme, mas a marcha lenta, por haver córregos tributários a atravessar; e tivemos de colocar estivas de espinheiros onde os velhos leitos das enchentes se mostravam fofos ou cheios de areia. Lá pelo fim do dia, os vales se apresentavam repletos de tufos de grama, boa pastagem para as nossas projetadas caravanas.

Pela manhã, o ar do norte e o vento fresco deste deserto eram tão frios, para nós, que fizemos refeição quente antes de acionarmos a manivela dos carros; depois, saímos na confluência do Um Kharug com o Dhirwa, sobre a ampla bacia do próprio Dhirwa, e passamos as suas imperceptíveis linhas divisórias, entrando no Jesha. Eram pequenos sistemas de cursos de água, correndo para o Sirhan, perto de Ammari, que eu pretendia visitar; porque, se algo de mal nos acontecesse em Azrak, o nosso refúgio mais próximo seria Ammari, se acessível aos carros. Estes batalhões de "se" pairavam continuamente em torno de cada plano novo.

O repouso noturno refrescou Rolls e Sanderson, que guiaram esplendidamente por cima da crista açafroada do pequeno Jesha, descendo para o grande vale. À tarde, vimos os bancos de greda, e contornamos as suas encostas acinzentadas, entrando no Sirhan, exatamente à altura dos olhos-d'água. Isto garantia uma retirada sempre segura, pois nenhum inimigo seria suficientemente móvel para nos fechar a passagem ao mesmo tempo e imediatamente tanto em Azrak como em Ammari.

Tornamos a encher os radiadores com a água horrível das poças em que Farraj e Daud haviam brincado e seguimos para o ocidente, passando pelas cristas descobertas, até chegarmos bem longe dos poços, a fim de evitar a

necessidade de grupos incursores tropeçarem conosco no escuro. Ali, Joyce e eu sentamo-nos e contemplamos o crepúsculo que ia do cinza ao cor-de-rosa, ao vermelho, e depois a um carmesim tão intoleravelmente profundo que suspendemos a respiração, esperando, trepidantes, que algum surto de labareda, ou de trovão, estilhaçasse a sua estonteante imobilidade. Nossos homens, entrementes, abriram latas de carne em conserva, ferveram água para o chá e dispuseram tudo, com biscoitos, sobre um cobertor que nos servia de mesa de jantar. Depois, outros cobertores apareceram, nos quais dormimos deliciosamente.

No dia seguinte cruzamos às pressas o delta do Ghadaf, até que saímos na imensa planície de lama seca, que se estendia por onze quilômetros, ao sul e a leste, desde os pantanais vizinhos ao velho castelo de Azrak.

Naquele dia, a miragem diluía os seus contornos aos nossos olhos por meio de borrões de azul-aço, que eram os troncos das tamargueiras a erguerem-se alto, no espaço, esfumadas pela bruma quente. Eu queria chegar às fontes de Mejaber, cujo leito arborizado permitiria que nos aproximássemos do inimigo sem sermos percebidos; Rolls fez o seu carro pular para a frente, numa corrida palpitante através da vasta largura. A terra fendia-se à nossa frente, e um penacho, como de tornado, ondeava ao longo da rota, atrás de nós.

Ao fim, os freios chiaram, protestando, quando diminuímos a marcha através de uma plantação de tamargueiras, sobre montículos de areia produzidos pelo vento. Ziguezagueamos por entre as árvores, pelas faixas de chão duro, até que as tamargueiras cessaram, dando lugar à areia úmida, semeada de arbustos espinhosos. Os carros pararam por trás da colina de Ain el Assad, perfeitamente ao abrigo, naquela depressão de corregos, entre cujas árvores vívidas a água transparente gotejava como jóias.

Subimos, com vagar, ao cabeço das tumbas que dominava as grandes poças e vimos que os bebedouros estavam vazios. Uma miragem pairava sobre os espaços descampados; mas aqui, onde o chão ostentava arbustos, nenhuma onda de calor podia estacionar, e o sol forte mostrava-nos o vale numa luz tão cristalinamente clara como as suas águas correntes; tudo se apresentava deserto, a não ser pelos pássaros selvagens e pelos bandos de gazelas que, alarmados com o rumor dos nossos tubos de escapamento, se reuniam timidamente, como que preparando-se para a fuga.

Rolls conduziu o seu caminhão além do viveiro romano de peixes; contornamos o campo ocidental de lava, marchamos ao longo do pantanal agora endurecido e coberto de ervas, indo até às muralhas azuis do forte silencioso,

onde as palmeiras farfalhavam como seda, por trás de cuja imobilidade talvez se ocultasse mais medo do que paz. Senti-me culpado por introduzir os carros rumorosos, com suas equipagens de homens do norte em uniformes cáqui, no silêncio longínquo deste lugar legendário e oculto; mas a minha antecipação se desorientava, porque eram os homens que pareciam reais e o cenário que se assemelhava a bastidores de teatro. O frescor e a certeza dos homens (a nitidez das tropas britânicas em uniforme) honravam mais Azrak do que a sua quieta solidão.

Paramos apenas um momento. Joyce e eu subimos à torre ocidental, e concordamos a respeito das enormes vantagens de Azrak como base de operações; para minha tristeza, entretanto, ali não havia pastos, de maneira que poderíamos demorar-nos em semelhante lugar apenas durante o intervalo entre a primeira e a segunda incursão. Depois, atravessamos o lóbulo norte da planície de lama, adequado terreno de pouso para os aeroplanos que Siddons estava acrescendo à nossa coluna volante. Entre outras qualidades, havia a da visibilidade. As nossas máquinas, voando trezentos quilômetros até aqui, até esta sua nova base, não poderiam deixar de ver aquele círculo imenso a refletir a luz do sol.

Regressamos a Ain el Assad, onde se encontrava o carro blindado, e conduzimo-lo, em marcha mais rápida, de novo para o deserto aberto de chão de quartzo. Estávamos ao meio da tarde e fazia muito calor, sobretudo no metal cintilante das torres de aço do carro; mas os tumultuosos motoristas mantiveram a marcha e, antes do crepúsculo, encontramo-nos na colina divisória que separava os vales de Jesha, à procura de caminho mais breve e mais cômodo do que o da nossa vinda.

A noite surpreendeu-nos não muito longe, ao sul de Ammari, e acampamos no topo de um barranco, onde a brisa, preciosa depois da canícula do dia, vinha até nós, carregada dos aromas das encostas floridas de Djebel Druse. O frescor da brisa nos fez apreciar com alegria o chá quente dos nossos homens, bem como os cobertores com os quais havíamos atapetado os ângulos da carroceria da viatura.

Aquela excursão foi um deleite para mim, pois que eu não tinha responsabilidade, a não ser a da rota. Além disto, havia a guloseima das reflexões do rapaz Sherari, reflexões naturalmente confiadas a mim, porquanto só eu usava roupas iguais às dele e só eu falava o seu dialeto. Ele, pobre pária, nunca havia sido antes tratado como coisa digna da menor consideração, e ficava atônito em presença das maneiras dos ingleses. Nem uma vez foi batido, nem sequer ameaçado.

Disse-me que cada soldado meu se mantinha à parte, como uma família, e que ele percebia algo assim como um constrangimento nos seus uniformes justos e escassos, de complicada aparência. Ele, Sherari, ao contrário, movia-se folgadamente nas suas roupagens, com o seu turbante e a sua capa. Os soldados possuíam apenas blusas e calções, polainas e botinas, e a brisa não tinha por onde se lhes pegar. Com efeito, os meus homens estavam usando aquelas coisas por tanto tempo, de dia e de noite, no calor e no suor, atarefados com os carros poeirentos e oleosos, que as roupas se haviam colado ao corpo, como a casca à árvore.

Ademais, estavam todos barbeados de fresco, e vestiam-se por igual; os olhos do rapaz, que na maior parte das vezes distinguia um homem de outro pelas roupas, aqui se via desconcertado em presença da uniformidade exterior. Para os discernir, precisava conhecer-lhes as formas individuais, como se estivessem nuas. Nossos homens não cozinhavam o alimento, bebiam coisas quentes e raramente falavam uns aos outros; a certa altura, uma só palavra bastava para os lançar a todos em gargalhadas incompreensíveis, inumanas e sem compostura. O xerife acreditava que os soldados fossem meus escravos, e que havia pouco repouso e pouca satisfação em sua vida, embora, para um Sherari, fosse grande luxo viajar como o vento, mesmo estando sentado; era também privilégio raro comer carne, carne em conserva, todos os dias.

Na manhã do dia seguinte, corremos ao longo da crista a fim de chegarmos a Bair à tardinha. Infelizmente, houve aborrecimentos causados pelos pneus. O carro blindado pesava excessivamente, não podendo correr sobre seixos; sempre se afundava um pouco, tornando penosa a marcha em terceira velocidade. Isto aquecia os envoltórios. Tivemos de suportar uma vexatória série de estouros, de paradas para aplicação do macaco e mudança de roda, ou de pneu. O dia estava quente e tínhamos pressa, de maneira que as repetidas aplicações de macaco e de bomba desgastou o nosso bom humor. Ao meio-dia, atingimos o grande cimo dorsal que conduzia a Ras Muheiwir. Prometi aos automobilistas agastados que a marcha seria esplêndida.

E foi. Todos nós nos reanimamos, e os próprios pneus se comportaram melhor quando nos pusemos a correr ao longo da cumeada sinuosa, balouçando em longas curvas, de oriente a ocidente e de novo a oriente, olhando ora à esquerda, para os vales rasos que desciam para Sirhan, ora à direita, até a estrada de ferro do Hedjaz. As manchas cintilantes, no mormaço da distância, eram as brancas estações ferroviárias iluminadas pelo sol a dardejar.

Já quase noite, chegamos ao termo da crista, afundamos na depressão e rodamos a sessenta quilômetros por hora pelas alturas de Hadi. As trevas estavam próximas quando atravessamos as colinas de Ausaji, a caminho dos poços de Bair, onde o vale se achava animado por fogueiras; Buxton, Marshall e o corpo de cameleiros armavam ali o seu acampamento, depois de duas marchas cômodas, partindo de El Jefer.

Havia irritação de impaciência entre eles, pois Bair ainda tinha apenas dois poços, e os dois estavam repletos de gente. De um, os Howeitats e os Beni Sakhrs tiravam água para seiscentos dos seus camelos, que chegavam sedentos das pastagens, a sudoeste, depois de marchar todo um dia; no outro se aglomerava a multidão de mil Drusos, refugiados sírios, mercadores de Damasco e armênios, a caminho de Akaba. Estes viajantes pouco práticos fechavam o nosso acesso à água, com suas rumorosas disputas.

Sentamo-nos, com Buxton, em conselho de guerra. Young havia remetido a Bair, pontualmente, rações para quatorze dias, destinada a homens e a animais. Disto, lá só restavam oito dias de víveres para os homens e dez de forragem para os animais. Os condutores de camelos da coluna de abastecimentos, que ia para a frente apenas pela poderosa vontade de Young, haviam partido de Jefer em estado de semi-amotinamento, por causa do medo que o deserto inspirava. Perderam, roubaram ou venderam, no caminho, o resto das provisões de Buxton.

Suspeitei dos queixosos armênios, mas nada lhes pôde ser arrancado, e tivemos de acomodar o plano às novas condições criadas. Buxton depurou a sua coluna de tudo quanto não era essencial, ao passo que eu reduzi os dois carros blindados a um só, e mudei de rota.

CAPÍTULO 103

Preguiçosamente, docilmente, ajudei o corpo de cameleiros na longa tarefa de dar água aos animais nos poços de doze metros de profundidade e apreciei a gentileza de Buxton e dos seus trezentos companheiros. O vale parecia animado pela sua presença; e os Howeitats, que nunca imaginaram que houvesse tantos ingleses no mundo, não podiam deixar de os contemplar. Sentia-me orgulhoso da minha raça, da calma ostensiva daqueles homens e da sua ordenada atividade, na tarefa que eles próprios se haviam imposto. Ao lado deles, os árabes pareciam estrangeiros na Arábia; também a conversação de Buxton dava prazer, pois era homem cordial e compreensivo, muito instruído e arrojado; e isto apesar de se ocupar muito com a preparação da longa marcha forçada.

Passei, pois, várias horas à parte, comigo mesmo, tomando nota mentalmente do ponto em que me encontrava, naquele meu trigésimo aniversário. Recordei-me, estranhamente, de que quatro anos antes eu pensara em ser general e em ser ordenado cavaleiro, assim que completasse os trinta anos de idade. Estas honrarias temporais (se eu sobrevivesse às quatro próximas semanas), encontravam-se agora ao meu alcance — com a diferença de que o sentimento da falsidade da minha conduta, para com os árabes, me havia curado desta crua ambição; entretanto, permitia-me aspirar a uma boa reputação entre os homens.

Este desejo me fazia suspeitar da minha própria sinceridade para comigo mesmo. Só um ator excessivamente bom poderia impor, assim, uma opinião favorável de si próprio. Ali estavam os árabes acreditando em mim, Allenby e Clayton confiando em mim, e a minha escolta disposta a morrer por mim; e comecei a perguntar, aos meus botões, se todas as reputações estáveis do mundo se baseariam, como a minha, na fraude.

Os louvores em retribuição aos meus atos tinham, agora, de ser aceitos. Qualquer protesto verídico, feito por mim, seria denominado modéstia, autodepreciação; coisas até encantadoras — porque os homens estavam sempre

prontos a acreditar em histórias românticas. Irritava-me esta estúpida confusão entre a timidez, que era conduta mental, com a modéstia, que era ponto de vista. Eu não me sentia modesto, mas envergonhava-me da minha falta de destreza, do meu invólucro físico e do meu retraimento solitário, que não me davam companheiros e que apenas me proporcionavam um conhecimento limitado, angular, desconfortante, como o de um cristal.

Com os homens, eu tinha sempre a impressão de perder terreno. Isto me levava a excesso de minúcia — vício próprio dos que são amadores em sua arte. Visto que a minha guerra era superpensada, por eu não ser soldado, também a minha atividade era superlaboriosa, por eu não ser homem de ação. Tratava-se de esforços intensamente conscientes, tendo sempre o meu "eu" destacado, a espiar as realizações, e a criticá-las lateralmente.

Para serem acrescentadas a esta atitude, havia as estafantes conseqüências da fome, do cansaço, do calor ou do frio, e a animalidade do viver no seio dos árabes. Tudo isto conduzia à anormalidade. Em vez de fatos e de números, os meus livros de notas continham estados de espírito, de sonhos e de introspecções induzidas ou deduzidas das nossas situações, e tudo expresso em palavras abstratas, ao ritmo solavancado dos camelos a marchar.

Naquele dia de aniversário, em Bair, para satisfazer o meu sentimento de sinceridade, comecei a dissecar as minhas crenças e os meus motivos, indo às apalpadelas na minha própria escuridão. Esta timidez (autodesconfiança) punha uma máscara, as mais das vezes de indiferença ou de petulância, sobre o meu rosto, e me intrigava. Meus pensamentos dilaceravam, interrogativos, esta paz aparente, sabendo que se tratava apenas de máscara; porque, a despeito de eu procurar não me demorar nunca na contemplação do que fosse interessante, havia momentos demasiadamente fortes e que não podiam ser controlados, quando o meu apetite explodia e me atemorizava.

Eu tinha plena consciência do feixe de poderes e de entidades que estava em mim; era o seu caráter que me ocultava. Neste feixe, havia o meu imenso desejo de agradar — tão forte e tão nervoso que nunca pude abrir-me cordialmente a outrem. O terror do fracasso, em esforço tão importante, fazia-me recuar antes da tentativa; ademais, havia o caso do nível; porque a intimidade parecia vergonhosa, a menos que o outro pudesse oferecer correspondência perfeita, na mesma língua, de acordo com igual método e em virtude das mesmas razões.

Depois, havia a ânsia de ser famoso; e horror a que outrem soubesse que eu gostava de ser conhecido. O desprezo que eu alimentava para com a minha paixão de ser distinguido me levava a recusar todas as honrarias oferecidas.

Amava a independência quase como um beduíno, mas a impotência de visão me mostrava a minha forma muito melhor em quadros exteriores; as observações oblíquas, vindas de cima, feitas pelos outros, indicavam-me melhor a impressão por mim produzida. A ânsia de me ouvir e de me ver era o assalto contra a minha inviolada cidadela interior.

Evitava os seres mesquinhos, como reflexo do nosso fracasso na luta para a consecução da verdadeira intelectualidade. Quando os seres inferiores se impunham a mim, eu os odiava. Pôr a mão sobre uma coisa viva equivalia a sujar-me; e tremia se ela me tocasse, ou tomasse por mim um interesse muito solícito. Era uma repulsão atômica, como a trajetória intacta de um floco de neve. O oposto teria sido por mim escolhido, se minha cabeça não fosse tirânica. Aspirava ao absolutismo das mulheres e dos animais, e lamentava-me a mim próprio, sobretudo quando via um soldado com a namorada, ou um homem acariciando um cão, porque o meu desejo era o de ser igualmente superficial, igualmente perfeito; mas o meu carcereiro me detinha.

Sentimentos e ilusão combatiam sempre dentro de mim, mostrando-se a razão suficientemente forte para ganhar, mas não bastante poderosa para aniquilar os vencidos, nem para evitar que eu gostasse ainda mais deles; e, talvez, o conhecimento mais profundo do amor estivesse em amar o que o "eu" despreza. Contudo, isto eu apenas podia desejar; podia ver a felicidade na supremacia do material, mas não podia render-me a ela; podia procurar pôr o meu espírito a dormir, para que a sugestão soprasse através de mim, livremente; mas eu continuava amargamente desperto.

Eu gostava das coisas inferiores a mim, e procurava prazeres ou aventuras de encosta abaixo. Parecia haver, na degradação, uma certeza, uma segurança final. O homem podia elevar-se a qualquer altura, mas havia um nível animal abaixo do qual não lhe seria possível descer. Era uma satisfação com que a gente se repousava. A força das coisas, os anos e a dignidade artificial, haviam-ma negado cada vez mais; mas perdurava o gosto retrospectivo da liberdade de uma quinzena jovialmente submersa em Port Said, carregando carvão em vapores, durante o dia, em companhia de outros párias de três continentes, e enrolando-me à noite, para dormir, no quebra-mar perto de De Lesseps, onde as águas, passando, remoinhavam.

Sempre se debatia esta Vontade inquieta, pronta para explodir. Meu cérebro era rápido e silencioso como um gato selvagem, tendo os meus sentidos, como lama, a colar-lhe os pés, e o meu "eu" (sempre cônscio de si, bem como da sua timidez) a dizer à fera que era má educação pular, e vulgaridade alimentar-se da

presa. Assim enredado em nervos e em hesitações, o cérebro não podia ser coisa capaz de inspirar temor; contudo, era uma verdadeira fera, e este livro é a sua pele sarnosa, seca, esticada e armada para que os homens a contemplem.

Eu sobrepujava com rapidez as idéias. Também desconfiava dos peritos que, freqüentemente, eram inteligências confinadas dentro de altos muros, conhecendo de fato cada pedra da pavimentação do pátio do seu cárcere; ao passo que eu talvez soubesse de que pedreira as pedras eram cortadas e quais os salários ganhos pelos pedreiros. Eu contradizia os peritos por descaso, pois descobri que os materiais sempre são aptos a servir a qualquer objetivo, e que a Vontade é sempre guia seguro a conduzir para alguma das muitas estradas que partem do projeto e vão dar na realização. Não existia a carne.

Muitas coisas eu recolhera; brincara com elas, contemplara-as e atirara-as fora; porque a convicção da realização não estava em mim. A ficção me parecia mais sólida do que a atividade. Ambições de várias índoles me visitavam, mas não para ficar, visto que o meu "eu" crítico me levava a rejeitar-lhes os frutos, desdenhosamente. Sempre fui capaz de dominar as coisas ao seio das quais me vi lançado, mas a nenhuma delas me lancei voluntariamente. Com efeito, considerava-me como sendo um perigo para os homens comuns, pela capacidade espadanante e desgovernada que lhes punha à disposição.

Eu seguia; não instituía; na verdade, não tinha sequer o desejo de seguir. Era apenas a fraqueza que me afastava do suicídio mental, de alguma tarefa lenta capaz de sufocar, com o correr do tempo, a fornalha do meu cérebro. Desenvolvera idéias de outros homens, auxiliando-os, mas nunca havia criado uma coisa que fosse propriamente minha, uma vez que não conseguia aprovar a criação. Quando os outros homens criavam, servia e procurava contribuir para que o resultado fosse tão bom quanto possível; pois, se era pecado criar, seria pecado aumentado pela vergonha criar um estropiado ou um coxo.

Sempre, trabalhando, havia procurado servir, porque o escrutar do chefe era por demais preeminente. A sujeição à ordem realizava a economia de pensamento, de doloroso pensamento, e a armazenagem frigorífica do caráter e da Vontade conduzia, sem sofrimento, ao olvido da atividade. Fazia parte do meu fracasso o fato de nunca encontrar um chefe que me utilizasse. Todos eles, por causa de incapacidade, de timidez, ou de afeição, permitiram que eu ficasse com as mãos excessivamente livres; como se eles não conseguissem ver que a escravidão voluntária era o profundo orgulho de um espírito mórbido, e que o sofrimento padecido por erro alheio constituía a sua mais jubilosa condecoração. Em vez disto, deram liberdade, de que abusei em insípidas complacências. Todo

pomar digno de ser roubado deve ter um guarda, cães, muros altos e arame farpado. Nada de impunidade sem alegria!

Feisal era espírito corajoso, fraco, ignorante, procurando realizar um trabalho para o qual só um gênio, um profeta ou um grande criminoso seria indicado. Eu servia-o mais por piedade, e este motivo nos degradava a ambos. Allenby chegava-se mais à minha aspiração de um senhor, mas eu tinha de o evitar, não ousando curvar-me, de medo que ele me mostrasse os pés de barro com aquela palavra amiga que poderia estilhaçar a minha fidelidade. Contudo, que doido esse homem foi para nós, que integridade prismática, tendo a pura qualidade da grandeza, o instinto e a compacticidade dentro de si.

Havia qualidades, como a coragem, que não podiam apresentar-se sós, mas que precisavam mesclar-se a um meio, bom ou mau, para aparecer. A grandeza, em Allenby, mostrava ser outra coisa, em categoria; auto-suficiente, faceta de caráter e não de intelecto. Isto tornava supérfluas, nele, as qualidades normais; inteligência, imaginação, agudeza, expediente, pareciam coisas estúpidas ao seu lado. Não era homem para ser julgada pelo nosso padrão, da mesma forma como a finura da quilha de um navio não deve ser julgada pelo gume das navalhas. Dispensava os julgamentos comuns pela virtude da sua força interior.

Ouvir outras pessoas serem louvadas fazia-me desesperar ciumentamente de mim próprio, porque eu tomava os louvores pelo seu valor aparente; ao passo que, se me louvassem, ainda que dez vezes mais, reduziria tudo a nada. Transformara-me em perene corte marcial de mim próprio, inevitavelmente, porque, para mim, as fontes íntimas da ação se me afiguravam nuas, dotadas do conhecimento da oportunidade explorada. O digno crédito deverá ter sido pensado de antemão, previsto, preparado, tomado de mira. O "eu", conhecendo o detrimento, via-se forçado à depreciação do apreço sem crítica de terceiros. Era a desforra da minha treinada faculdade de historiador sobre a evidência do julgamento público, o menor denominador comum para os que sabiam, mas sem possibilidade de apelo, porque o mundo era vazio.

Quando uma coisa se punha ao meu alcance, não mais a queria; o deleite estava no desejo. Tudo o que o espírito poderia concretamente desejar era atingível, como todas as ambições de todos os homens sadios; e, quando um desejo ganhava corpo, eu costumava lutar até que só precisasse abrir a mão e pegar. Aí, retirava-me, contente por ver que aquilo estava dentro das minhas forças. Procurava apenas certificar-me disto, para meu próprio uso, sem me preocupar de maneira alguma em fazer com que os outros o soubessem.

Havia certa fascinação especial, nos começos, que me impelia a lutar duradouramente a fim de livrar a minha personalidade de vícios, e projetá-la em meio novo, para que a minha curiosidade, ao ver a sua sombra nua, ficasse saciada. Este "eu" invisível parecia refletir-se da maneira mais clara possível na água morta do espírito de outro homem, embora descurante. Os julgamentos considerados, que tinham em si coisas do passado e do futuro, afiguravam-se-me destituídos de valor quando comparados com a primeira vista reveladora, com o instintivo abrir-se ou fechar-se de alguém assim que se encontrava com um estranho.

Muitos dos meus feitos partiram desta curiosidade egoística. Quando em meio a companheiros novos, entregava-me a pequenos e extravagantes problemas de conduta, observando o efeito desta ou daquela aproximação sobre os ouvintes, abordando os companheiros como alvos apresentados à minha destreza intelectual; até que eu mal pudesse dizer a mim mesmo onde a pilhéria começava ou acabava. Esta mesquinharia concorria para me pôr constrangido diante de outros homens, pois receava que o capricho me levasse a coligi-los como troféus de boa pontaria; de resto, eles interessavam-se por muitas coisas que a minha consciência rejeitava. Falavam comigo de alimentos e de enfermidades, de jogos e de prazeres; e eu sentia que reconhecer que possuíamos corpo era degradação bastante, não sendo necessário acentuar mais as suas fraquezas e os seus atributos. Era como vergonha para mim o vê-los enlamearem-se no físico, coisa que só poderia ser igual à glorificação da cruz do homem. Com efeito, a verdade era que eu não gostava do "eu" que eu podia ver e ouvir.

CAPÍTULO 104

Acabava de chegar a este ponto útil, quando se verificaram perturbações vindas das tendas dos Toweihas. Homens, gritando, correram na minha direção. Reuni todas as forças para apaziguar uma luta entre os árabes e o corpo de cameleiros mas, em vez disto, recebi, ao contrário, um apelo para os ajudar contra uma incursão dos Shammars, feita duas horas antes, longe, pelos lados de Snainirat. Oitenta camelos haviam sido levados. Para não parecer inteiramente desatencioso, mandei montar sobre os nossos camelos de reserva os quatro ou cinco homens cujos amigos ou parentes tinham sido vítimas, e mandei-os para lá.

Buxton e seus homens partiram ao meio da tarde, ao passo que eu fiquei por ali, até o anoitecer, vendo os meus homens carregarem os nossos duzentos e setenta quilos de material explosivo ao dorso dos trinta camelos de carga egípcios. Os meus descontentes guardas da escolta deviam, nesta viagem, conduzir ou puxar a caravana de explosivos.

Tínhamos pensado que Buxton dormiria um pouco aquém do Hadi, e assim fomos para lá: mas não vimos fogueiras de acampamento, nem a pista continha rastros. Olhamos por sobre a crista da colina, onde soprava um vento cruel, do norte, vindo do Hermon, que chicoteava as nossas faces. As encostas, por ali adiante, eram negras e silenciosas e, para nós, moradores de cidade, acostumados às exalações de fumaça, de suor, ou de fermento de terra revolvida de fresco, devia haver qualquer coisa de penetrante, de inquietador, quase de perigoso, naquele vento cortante do deserto. Por isto, demos alguns passos para trás e ocultamo-nos por baixo da orla da crista, a fim de dormir confortavelmente no seu ar confinado.

Pela manhã, contemplamos a distância através de oitenta quilômetros de chão vazio, e ficamos a cismar em torno da falta dos nossos companheiros, mas Daher gritou, de súbito, do lado do Hadi, pois viu a coluna de Buxton subir serpenteando pelo sudeste. A caravana havia perdido desde logo a pista e

acampado até a madrugada. Meus homens fizeram comentários bem-humorados contra o xeque Slaeh, seu guia, que conseguia perder-se entre Thlaithukhwat e Bain: tal como um londrino, digamos, entre Marble Arch e Oxford Circus.

Fosse como fosse, aquela era uma manhã perfeita, com o sol quente às nossas costas e o vento fresco batendo-nos nas faces. O corpo de cameleiros contornou esplendidamente as pontas geladas dos três picos e entrou nas verdes profundezas do Dhirwa. A tropa já parecia diferente das companhias rígidas, respeitosas, que haviam chegado a Akaba, pois que o cérebro moldável de Buxton e a sua observação amiga haviam assimilado a experiência da guerra irregular, modificando as normas de treino de acordo com as novas necessidades.

Buxton alterou a formação da coluna, rompendo a sua subdivisão regulamentar de duas companhias nitidamente distintas; alterou a ordem de marcha, de maneira que, em vez das antigas linhas impecáveis, os seus componentes vinham como coágulos, em grupos que se dispersavam ou se reuniam, sem delonga, a cada variação da pista ou da superfície do chão. Reduziu as cargas e procedeu a nova amarração das mesmas, alongando assim o passo dos camelos e a quilometragem diária. Acabou com o sistema da infantaria, que era o de fazer altos em horas fixas, com excessiva freqüência (para deixar que os camelos se espojassem!) e o trato dos animais passou a ser menos atencioso. Nos velhos tempos, os cameleiros mimavam os seus animais, acariciando-os como se fossem cães pequineses, e cada parada se animava de rumorosas massagens nas bossas peladas, produzidas pelo cobertor de sela; ao passo que, agora, o tempo livre era empregado em pastagem.

Conseqüentemente, o nosso corpo imperial de cameleiros se tornou rápido, elástico, resistente, silencioso; exceto quando os homens montavam em grupos, porque então os trezentos camelos machos começavam a mugir em concerto, emitindo uma onda de sons audível a vários quilômetros, na noite. Cada marcha fazia com que os homens se tornassem mais habilidosos, mais à vontade sobre os animais, mais prontos, mais delgados, mais rápidos. Os guerreiros comportavam-se como colegiais em férias e a fácil promiscuidade, entre oficiais e tropa, criava uma atmosfera deliciosa.

Meus camelos haviam sido domesticados para marchar à maneira árabe, de joelhos dobrados, com grandes balanços das patas, e passo um pouco mais longo e um pouco mais rápido do que o normal. Os camelos de Buxton iam para a frente com o seu passo nativo, indiferentes aos homens que se empoleiravam nos seus dorsos, os quais se mantinham fora de contato direto com eles por causa das botas de pregos e das selas de madeira e de aço, feitas em Manchester.

Por conseguinte, embora eu partisse, em cada etapa, ao lado de Buxton, com a caravana, logo passava à frente com os meus cinco criados; e isto se dava principalmente quando eu montava a minha Baha, animal imensamente alto, de amplos ossos e porte altaneiro, que recebera o nome derivado de sua voz de balido, resultado de uma bala que lhe atravessara o queixo. Era finamente domesticada, mas de mau gênio, meio selvagem, e nunca tinha paciência para a marcha comum. Ao contrário, com o focinho levantado e o pêlo eriçado pelo vento, punha-se a dançar uma giga incômoda, odiosa aos meus Ageyls, porque lhes forçava os rins tenros, mas que para mim não deixava de ser divertida.

Desta maneira, ganhávamos cinco quilômetros à frente dos britânicos, procurávamos um recanto com ervas ou espinheiros seivosos, deitávamo-nos ao suave frescor do ar e deixávamos os animais pastando, até que os outros nos alcançassem; e era um belo espetáculo a chegada do corpo de cameleiros.

Através da miragem de calor que piscava por cima das lascas brilhantes de pedra das dunas, víamos, em primeiro lugar, apenas a massa escura e pontilhada da coluna, oscilando no mormaço. À medida que se avizinhavam, as massas costumavam dividir-se em pequenos grupos, que oscilavam, que se encontravam e se repeliam uns aos outros. Por fim, já perto de nós, distinguíamos os cavaleiros, individualmente, como se fossem grandes pássaros marítimos, metidos até o peito na prata da miragem, tendo a figura de Buxton, atlética, esplendidamente montada, à frente, a chefiar os homens queimados de sol, sorridentes e metidos em uniformes cáqui.

Era curioso ver como eles cavalgavam de maneira diversa um do outro. Alguns sentavam-se naturalmente, a despeito da incomodidade das selas; outros faziam sobressair as partes traseiras, inclinando-se para a frente, como aldeães árabes; outros balançavam nas selas, como fazem os australianos sobre seus cavalos. Os meus homens, julgando pelas aparências, predispunham-se à zombaria. E eu contava-lhes a maneira pela qual, daqueles trezentos homens, eu escolheria quarenta companheiros que montariam melhor, combateriam melhor e suportariam mais sofrimentos, do que quaisquer outros quarenta homens do exército de Feisal.

Ao meio-dia, perto de Ras Muheiwer, paramos uma ou duas horas porque, embora o calor daquele dia fosse menos intenso do que o de agosto no Egito, Buxton não desejava levar os seus homens avante sem repouso. Os arreios dos camelos foram desapertados, enquanto nós nos deitamos, comemos e procuramos dormir, desafiando a multidão de moscas que marchara conosco desde Bair, em colônias, sobre as nossas costas suadas. Entrementes, a minha

escolta passara, resmungando pela indignidade que para eles representava a condução de camelos de carga; faziam crer que, antes, nunca haviam sido envergonhados assim, e rezavam profanamente para que o mundo nada viesse a saber da minha tirania para com eles.

A amargura que manifestavam era dobrada, pois os animais de carga não passavam de camelos Somali, cuja maior velocidade subia a apenas cinco quilômetros por hora. A força de Buxton marchava a perto de seis quilômetros horários, e eu a mais de oito; de maneira que as marchas eram, para o Zaagi e os seus quarenta ladrões, um tormento de lentidão, sendo a sua monotonia rompida tão-somente pelos camelos recalcitrantes ou pelas cargas deslocadas.

Zombávamos do seu desajeitado comportamento; chamávamo-los vaqueiros e cules, oferecendo-nos para comprar-lhes as mercadorias quando chegassem ao mercado; até que, afinal, também eles se riram da própria sorte. Depois do primeiro dia, mantiveram-se ao nosso nível, alongando a marcha através da noite (apenas um pouco, porque aqueles brutos atacados de oftalmia ficavam cegos no escuro), e roubando tempo das paradas para as refeições e para os repousos do meio-dia. Conduziram a caravana até o fim, sem perder um animal, e com todas as cargas; excelente realização para semelhantes senhores dourados; a única possível, de resto, porque, sob aquele aspecto divertido, eram os melhores cameleiros que se podiam alugar na Arábia.

Naquela noite, dormimos em Ghadaf. O carro blindado alcançou-nos quando paramos, trazendo o seu guia Sherari dependurado à franja da torre, a mostrar os dentes, em triunfo. Uma ou duas horas mais tarde chegou o Zaagi, informando que tudo corria bem. Pediu a Buxton que não matasse, diretamente, na estrada, os camelos que porventura se derreassem na marcha; porque seus homens faziam, de cada nova carcaça, novo motivo para festa e atraso.

Abdulla perturbou-se ao ouvir o motivo por que os britânicos matavam os animais abandonados. Observei-lhe que nós, árabes, nos matávamos uns aos outros quando gravemente feridos em combate; mas Abdulla retrucou que isto se dava para nos livrarmos das torturas que nos poderiam causar vergonha. Acreditava que mal haveria homem vivo que não escolhesse a morte gradual, por fraqueza, no deserto, em vez da morte imediata; com efeito, ao seu critério, a morte mais lenta era a mais misericordiosa de todas, visto que a ausência de esperança evitaria a amargura da luta perdida, deixando a natureza do homem desvencilhada para se apresentar à misericórdia de Deus. O modo de pensar inglês, segundo o qual era mais piedoso matar tudo rapidamente, exceto um homem, não podia ser por ele tomado a sério.

CAPÍTULO 105

Nosso dia seguinte foi como o anterior: um contínuo arrastar de sessenta quilômetros. O outro, foi o último antes do ataque à ponte. Tomei metade dos meus homens da caravana de bagagem e mandei-os à frente, pela nossa linha de marcha, para coroarem cada um dos topos de colina. Isto foi bem executado, mas não nos deu proveito algum pois, ao meio da manhã, tendo Muaggar, nosso ponto de emboscada, em plena vista, marchávamos vigorosamente e cheios de esperança quando um aeroplano turco veio do sul, voou ao longo da nossa coluna, e desceu à nossa frente, em Amã.

Entramos cansados em Muaggar, pelo meio-dia, ocultando-nos nas subestruturas da plataforma do templo romano. As nossas sentinelas tomaram posição na crista, de onde dominaram as planícies segadas até a estrada de ferro do Hedjaz. Por aquelas encostas de colinas, quando a contemplávamos através dos binóculos, as pedras acinzentadas pareciam alinhar-se como rebanhos de carneiros a pastar.

Enviamos os meus camponeses para as aldeias que ficavam abaixo de nós, a fim de obter notícias e aconselhar o povo a que se mantivesse dentro de casa. Voltaram para dizer que a sorte estava lutando contra nós. Ao redor do trigo joeirado, na eira, encontravam-se soldados turcos, pois os coletores de taxas estavam medindo os montes sob a guarda de seções de infantaria montada. Três destes grupos, quarenta homens, ficariam aquela noite nas três aldeias mais próximas da grande ponte — aldeias através de cujas muralhas nós teríamos necessariamente de ir e vir.

Reunimo-nos apressadamente em conselho. O aeroplano tinha-nos ou não nos tinha visto? Isto provocaria, na pior das hipóteses, o reforço da guarda da ponte, mas eu sentia pouco receio quanto ao efeito de semelhante providência. Os turcos julgariam que éramos a guarda avançada da terceira incursão contra Amã, e mostrar-se-iam mais inclinados a concentrar do que a destacar tropas. Os

homens de Buxton eram ótimos guerreiros, e ele havia organizado planos admiráveis. O êxito parecia certo.

A dúvida manifestava-se quanto ao custo da ponte, ou melhor, quanto ao seu valor em vidas britânicas, por causa da proibição de perdas, estabelecida por Bartholomew.

A presença dos homens montados em mulas significava que a nossa retirada não decorreria sem embaraços. O corpo de cameleiros ficou de apear a cerca de um quilômetro e meio da ponte (Ah! os seus barulhentos camelos!) e avançar a pé. O rumor do assalto — sem se falar no estrondo de três toneladas de explosivos, contra os pilares da ponte — iria despertar o distrito. As patrulhas turcas, nas aldeias, cairiam sobre o nosso parque de camelos — verdadeiro desastre para nós — ou, pelo menos, nos perseguiriam em terreno acidentado enquanto nos retirássemos.

Os homens de Buxton não poderiam dispersar-se como bando de pássaros depois da explosão e tornar a encontrar a via de regresso para Muaggar. Em todo combate noturno, alguns se separam e se perdem. Teríamos de esperar por eles, e possivelmente perderíamos ainda mais na tarefa. O custo integral seria de cinqüenta homens e eu dava, à ponte, o valor de menos de cinco. A sua destruição se destinava a atemorizar e a perturbar os turcos para que nos deixassem em paz, até ao dia 30 de agosto, quando a nossa longa coluna tomaria o caminho de Azrak. Aquele era o dia 20. O perigo parecera iminente em julho, mas agora estava quase dissipado.

Buxton concordou. Resolvemos dar ordem de regresso e partir sem demora. Neste momento, outros aviões turcos subiram de Amã e passaram em revista as rudes montanhas ao norte de Muaggar, à nossa procura.

Nossos homens resmungaram, desapontados, quando souberam da alteração resolvida. Tinham posto o máximo orgulho nesta longa incursão, e ardiam de desejo de contar, ao incrédulo Egito, que o programa havia sido integralmente executado.

Para ganhar o que fosse possível, enviei Saleh e os outros chefes com a incumbência de encher de enormes boatos as aldeias, a respeito do nosso número, anunciando que éramos a força de reconhecimento do exército de Feisal, destinada a tomar Amã de assalto, na lua nova. Esta era a história de que os turcos receavam ter notícia, a operação que imaginavam, o golpe que os aterrorizava. Estenderam a sua cavalaria, cautelosamente, até dentro de Muaggar, e encontraram ali a confirmação das extravagantes notícias dos aldeães, pois o topo da montanha estava juncado de latas de carne em conserva, vazias, e as

encostas do vale se apresentavam recortadas pelos profundos trilhos de enormes carros. Havia muitos rastros pela região! Este alarme fez com que os inimigos parassem e, sem a menor perda para nós, manteve-os em expectativa durante uma semana. A destruição da ponte dar-nos-ia quinze dias de ganho.

Esperamos até que as trevas se tornassem densas e depois partimos para Azrak, a oitenta quilômetros de distância. Dizíamos que a incursão se ia transformando em excursão; e conversamos sobre as ruínas romanas e os pavilhões de caça de Ghassanide. O corpo de cameleiros tinha a prática, quase o costume das viagens noturnas, de maneira que a sua marcha se efetuava como se fosse de dia; as diferentes unidades nunca se desgarraram, nem perderam contato entre si. Havia lua brilhante, e marchamos até ela se tornar pálida, pela manhã; passamos pelo solitário palácio de Kharaneh à meia-noite, excessivamente despreocupados, pelo que não nos desviamos para um lado a fim de contemplar a sua estranheza. Parte da culpa disto coube à lua, cuja brancura deixava os nossos espíritos gelados e sem sombras, como ela própria; de maneira que ficamos sentados em silêncio, sobre nossas selas — nada mais do que sentados em silêncio.

A princípio, temi encontrar incursores árabes, que poderiam atacar o corpo de cameleiros por ignorância; por isso, pus-me à frente, com os meus homens, cerca de oitocentos metros adiante da coluna. À medida que avançávamos, íamos percebendo a existência de pássaros noturnos, que voavam, saindo de debaixo dos nossos pés, aos bandos, negros e grandes. Os bandos se multiplicavam, até que pareceu que a terra toda estivesse atapetada de pássaros de tão espessos que eram os grupos que partiam, sem o menor barulho, em plena tontura, voando ao nosso redor, como penas em silencioso turbilhão de vento. As curvas ondeantes que eles faziam aparafusavam-se no meu cérebro. O número e a quietude das aves aterrorizaram os meus homens, que desamarraram os fuzis e dispararam balas após balas contra o tumulto. Depois de três quilômetros, a noite se fez vazia de novo; e, por fim, deitamo-nos e dormimos em meio a fragrantes absintos, até que o sol nos despertou.

À tarde, já cansados, chegamos a Kusair el Amra, pequeno pavilhão de caça de Harith, rei-pastor, patrono de poetas; o edifício erguia-se contra um belo fundo de espessas folhagens ciciantes. Buxton instalou o quartel-general na sombra fria do seu pátio, e nós ficamos a repousar ali, decifrando os afrescos gastos das paredes, com mais gargalhadas do que proveito moral. Dos homens, alguns se abrigaram em várias salas, outros ficaram com os camelos, estendidos por baixo das árvores, para cochilar até a noite. Os aeroplanos não nos haviam

encontrado — nem podiam descobrir-nos. No dia seguinte, estaríamos em Azrak, e teríamos água fresca para substituir a imundície de Bair que, com o passar dos dias, ia se tornando excessivamente desagradável ao paladar.

Também Azrak era região famosa, rainha daqueles oásis, mais bela do que Amruh, com sua relva e sua água corrente. Prometi um banho a todos; os ingleses, que não se haviam lavado desde Akaba, mostravam-se ansiosos por isso. Amruh apresentava-se maravilhosa. Perguntaram-me, com espanto, quem eram aqueles reis de Ghassan, à vista das estranhas salas e pinturas. Pude contar-lhes histórias vagas da sua poesia e das suas guerras cruentas; mas tudo parecia ser muito distante no tempo, e punha ouropéis numa idade.

No dia seguinte, marchamos comodamente para Azrak. Quando atingimos a última crista de seixos de lava e vimos o círculo das tumbas de Mejabar, a mais bela disposição de cemitérios, trotei à frente, com os meus homens, para me garantir contra acidentes no lugar e para sentir de novo o seu encanto remoto antes que os outros chegassem. Os soldados pareciam tão seguros de si que eu receei que Azrak perdesse a sua rareza e voltasse à maré da vida que a havia abandonado mil anos antes.

Entretanto, ambos os receios eram ingênuos. Azrak estava vazia de árabes, linda como sempre, e ainda mais bela pouco mais tarde, quando as suas límpidas poças se tornaram brilhantes, povoadas pelos corpos brancos dos nossos homens a nadar, enquanto o sopro leve do vento, passando pelas margens, se pontilhava de gritos alegres e ecoava os mergulhos além da água. Fizemos um grande buraco e enterramos as nossas toneladas de explosivos, para a expedição de Deraa, em setembro; e, depois, corremos por ali afora, colhendo frutos escarlates e doces, dos arbustos de Saa. "Uvas Sheraris" era como os meus guardas, indulgentes em face do nosso capricho, os denominavam.

Ali nós repousamos dois dias, retidos pelo frescor dos tanques. Buxton cavalgou comigo até o forte, a fim de examinarmos o altar de Diocleciano e de Maximiano, com a intenção de acrescentar uma palavra a favor do rei Jorge V; mas a nossa visita foi envenenada pelas moscas cinzentas, e afinal arruinada por um trágico acidente. Um árabe, atirando contra os peixes no tanque do forte, deixou cair o fuzil, que disparou e matou instantaneamente o tenente Rowan, da Cavalaria Escocesa. Sepultamo-lo no pequeno cemitério de Mejaber, cuja paz imaculada havia longo tempo que me fascinava.

Ao terceiro dia, marchamos além de Ammari, atravessando Jesha, até perto de Thlaithukhwat, a velha região cujas variações quase imperceptíveis eu conseguira conhecer. Junto do Hadi, sentimo-nos em casa e realizamos uma

marcha noturna, durante a qual os homens gritavam: "Estamos nós bem alimentados? Não. Estamos vendo vida? Sim", e os gritos trovejavam ao longo das encostas, por trás de mim. Quando se cansaram de dizer a verdade, eu pude ouvir o rascar das suas coisas enganchadas nas selas de madeira — eles tinham onze ou quinze penduricalhos para carregar toda vez que partiam, em lugar do alforje árabe, que tudo continha e que se tirava por cima da sela num único movimento.

Eu estava tão ensimesmado no corpo negro da caravana, cuja massa e cuja cauda se estendia atrás de mim, que também perdi a minha pista entre Hadi e Bair. Todavia, até a madrugada, guiamo-nos pelas estrelas (a próxima refeição dos homens seria feita em Bair, pois no dia anterior as últimas reservas se haviam esgotado) e o dia rompeu sobre nós num vale arborizado que era, sem dúvida, o Wadi Bair; mas, por minha vida, eu não podia dizer se nos encontrávamos acima ou abaixo dos poços. Confessei minha falta a Buxton e a Marshall, e ficamos a tatear durante algum tempo até que, por acaso, Sagr ibn Shaalan, um dos nossos velhos aliados dos longínquos dias de Wejh, apareceu na rota e nos reconduziu ao caminho certo. Uma hora mais tarde, o corpo de cameleiros recebia novas rações e tendas velhas, junto dos poços, onde Salama, o previdente médico egípcio, calculando o regresso para aquele mesmo dia, já havia enchido os bebedouros com água suficiente para a metade dos animais.

Resolvi ir a Aba el Lissan com os carros blindados, pois Buxton, agora, se encontrava em região conhecida e entre amigos, podendo agir sem o meu auxílio. Assim, rodamos rapidamente pela escarpa abaixo até a planície de Jefer, que atravessamos a noventa quilômetros por hora, indo eu no carro da frente. Levantamos tal nuvem de pó que perdemos de vista o outro veículo, o qual, quando chegamos à orla sul da planície, ainda não era visível. Tratava-se, provavelmente, de aborrecimentos causados pelos pneus, e ficamos à espera dele, contemplando as ondas algodoadas da miragem que se estendiam ao longo do chão. O vapor escuro, sob o céu pálido (que se tornava cada vez mais azul nos pontos mais altos), deslocava-se uma dúzia de vezes numa só hora, dando-nos alarmes falsos da chegada dos nossos amigos; mas, por fim, através do acinzentado da amplidão, vimos aproximar-se, serpenteando, uma mancha preta, a arrastar uma longa cauda de poeira cintilante de sol.

Era Greenhill que rasgava a bruma, em boa velocidade, através do ar enrugado, que volteava ao redor da sua torre quente de metal, aquecendo-a tanto que o seu aço descoberto marcava os braços e os joelhos nus da equipagem sempre que o enorme veículo dava solavancos no solo pulverizado pelo calor; e o

tapete de poeira esperava que o vento abaixo do outono o varresse pelo descampado em irrespiráveis rajadas de cegar.

O nosso carro estava parado, com os pneus afundados e, enquanto esperávamos, os homens derramaram gasolina sobre um montículo de terra e ferveram chá para nós — chá militar, tão cheio de folhas como água de inundação e amarelado pelo leite de lata, excelente para gargantas ressecadas. Enquanto bebíamos, os outros se aproximavam, informando-nos, depois, a respeito de dois estouros das câmaras-de-ar Beldam, no calor daquela corrida a quilômetro e meio por minuto, através da planície escorchadora. Demos-lhes do nosso chá e, rindo, sacudiram o pó do rosto com as mãos sujas de óleo. Pareciam envelhecidos, com o grisalho da poeira nas pestanas e nas sobrancelhas, bem como nos poros das faces, exceto nos lugares em que o suor escorrera, abrindo linhas de bordas negras sobre a pele vermelha.

Beberam apressadamente (porque o sol ia tombando e ainda tínhamos oitenta quilômetros de trajeto a vencer), atiraram fora os restos do fundo das taças e, no chão, as gotas se separaram, correndo como prata líquida sobre a superfície poeirenta até que se coagularam em manchas que pareciam furos, sobre o pó cinzento, alisado pelo vento. Depois, seguimos pela estrada de ferro em ruínas até Aba el Lissan, onde Joyce, Dawnay e Young nos informaram que tudo corria maravilhosamente bem. De fato, os preparativos estavam terminados e eles se aprontavam para se retirar — Joyce com destino ao Cairo, a fim de consultar o dentista — e Dawnay a caminho do grande quartel-general, a fim de dizer a Allenby da nossa prosperidade e da nossa obediência.

CAPÍTULO 106

O navio de Joyce chegou de Jidá, com o correio de Meca. Feisal abriu a sua *Kibla* (jornal do rei Hussein) e deu de cara com uma Proclamação Real, dizendo que havia loucos que estavam chamando Jaafar oficial general e comandante-em-chefe do exército árabe do norte, quando na verdade não havia semelhante cargo, nem sequer grau algum acima do de capitão, no exército árabe, no qual o xeque Jaafar, como qualquer outro, estava cumprindo o seu dever!

Isto fora publicado pelo rei Hussein (depois de saber que Allenby condecorara Jaafar), sem prevenir Feisal; e o fora apenas para causar despeito aos árabes citadinos do norte, aos oficiais da Síria e da Mesopotâmia, aos quais, de pronto, passara a desprezar por sua lassidão e a temer pelos seus feitos. Hussein sabia que estes lutavam, não para lhe dar o poder, mas para fazer a independência das respectivas pátrias e governá-las; e a ambição do poder tornou-se insopitável no velho homem.

Jaafar entrou e apresentou a sua demissão a Feisal. Seguiram-se-lhe os nossos oficiais divisionários e seus estados-maiores, com os comandantes de regimentos e de batalhões. Pedi-lhes que não prestassem atenção aos humores de um velho de setenta anos, que vivia fora do mundo, em Meca, e cuja grandeza eles próprios haviam feito; e Feisal recusou-se a aceitar os pedidos de demissão, observando que as nomeações (uma vez que seu pai não lhe aprovara os serviços) tinham partido dele mesmo, e que só ele ficava desacreditado pela proclamação.

Nesta presunção, telegrafou a Meca e recebeu um telegrama de resposta que o classificava como sendo traidor e fora-da-lei. Feisal replicou renunciando ao comando da frente de Akaba. Hussein nomeou Zeid para o suceder. Zeid recusou-se prontamente. As mensagens cifradas de Hussein tornaram-se indecifráveis de furor, e a vida militar de Aba el Lissan parou de súbito. Dawnay, de Akaba, antes que o navio zarpasse, chamou-me ao telefone e perguntou-me,

com tristeza, se todas as esperanças estavam perdidas. Respondi que as coisas dependiam da sorte, mas que provavelmente nos sairíamos bem.

Três caminhos se apresentavam à nossa frente. O primeiro, conseguir pressão sobre o rei Hussein para que retirasse a própria proclamação. O segundo, prosseguir, ignorando-a. O terceiro, declarar oficialmente a independência de Feisal em relação ao pai. Cada um destes caminhos tinha os seus partidários, tanto entre os ingleses como entre os árabes. Telegrafamos a Allenby, para que suavizasse o incidente. Hussein era obstinado e poderoso, e requerer-se-iam semanas para forçá-lo a passar, da posição em que se colocara, à apresentação de desculpas. Normalmente, poderíamos dispor destas semanas; mas, naquela hora, encontrávamo-nos na infeliz emergência de ter de fazer partir, dentro de três dias, ou nunca mais, a expedição contra Deraa. Precisávamos encontrar meios de levar avante a guerra, enquanto o Egito procurasse a solução.

Meu primeiro dever foi o de enviar mensagem expressa a Nuri Shaalan, advertindo-o de que eu não poderia encontrar-me com ele na reunião das suas tribos em Kaf, mas que estaria em Azrak, desde o primeiro dia da lua nova, a seu serviço. Expediente triste, pois Nuri poderia suspeitar da minha mudança e faltar também à reunião; e, sem os Ruallas, metade da nossa eficiência e da nossa importância, em Deraa, a 16 de setembro, desapareceria. Entretanto, estávamos obrigados a arriscar esta perda menor, uma vez que sem Feisal, sem os regulares e sem os canhões de Pisani não haveria expedição. No intuito de acalmar os espíritos, eu devia esperar em Aba el Lissan.

Meu segundo dever foi o de dar partida às caravanas, a caminho de Azrak — a de bagagens, a de víveres, a de gasolina e a de munição. Young preparou-as, erguendo-se, como sempre, à altura das circunstâncias que não dependiam da sua vontade. Ele próprio constituía o seu primeiro obstáculo; mas, vencido este, ninguém o conseguia reter. Nunca esquecerei a face radiante de Nuri Said, depois de uma conferência mista, indo ao encontro de um grupo de oficiais árabes, com estas alegres palavras: "Não importa, meus companheiros; ele fala aos ingleses tal como fala conosco!" Agora, tratava de fazer com que cada caravana partisse — não em tempo, é verdade, mas apenas com um dia de atraso — sob o comando dos oficiais designados, de conformidade com o programa. Havíamos criado o princípio da emanação de ordens, aos árabes, somente através dos seus próprios chefes, de maneira a não se estabelecer precedente algum, seja para a obediência, seja para a desobediência: e todos lá se foram, como cordeiros.

Meu terceiro dever era o de fazer face às tropas amotinadas. Estas haviam ouvido rumores falsos a respeito da crise. Em particular, o mal-entendido se

manifestou entre os artilheiros, que uma tarde chegaram às vias de fato com os seus oficiais e correram para virar os canhões na direção das tendas dos comandantes. Contudo, Rasim, o comandante da artilharia, previra o fato, reunindo uma pirâmide de blocos de culatras dentro da sua tenda. Tirei proveito deste momento cômico para encontrar-me com os homens. Mostraram-se hostis a princípio, mas logo depois, por causa da curiosidade, começaram a falar comigo, porquanto eu fora, para eles, apenas um nome excêntrico, um inglês meio beduíno.

Contei-lhes o caso da tempestade numa xícara de café, que estava causando transtornos entre as altas personalidades, e eles riram alegremente. Seus rostos voltavam-se para Damasco, não para Meca; zombavam de tudo o que não fosse o seu exército. O temor deles era o de que Feisal houvesse desertado, pois que, durante vários dias, não saíra. Prometi conduzi-lo imediatamente à presença dos amotinados. Quando Feisal, com Zeid, na atitude do costume, atravessou as linhas dentro do Vauxhall, que Bols mandara pintar de verde especialmente para ele, os insubmissos se convenceram do próprio erro.

Meu quarto dever foi o de dar partida às tropas, com destino a Azrak, no dia marcado. Para o cumprir, a confiança das forças nos oficiais deveria ser restabelecida. Apelou-se para o tato de Stirling. Nuri Said era ambicioso, como qualquer soldado deve ser; quis utilizar-se da oportunidade que se lhe oferecia e imediatamente concordou em mover-se até Azrak, à espera das desculpas de Hussein. Se estas não fossem satisfatórias, ele e suas forças poderiam voltar, ou romper o juramento de fidelidade; se fossem adequadas, como eu lhe garantia que seriam, os serviços imerecidamente prestados nesse ínterim, pelo exército do norte, fariam subir o rubor às faces do velho rei.

Os oficiais concordaram com argumentos mais grosseiros. Apressamo-nos em esclarecer que as grandes questões, como a dos víveres e dos soldos, dependeriam inteiramente da manutenção da organização. Aquiesceram, e as colunas separadas, de infantaria montada, de metralhadores, sapadores egípcios, Ghurkas, e artilheiros de Pisani partiram pelos respectivos caminhos, de acordo com o programa de Stirling e de Young, apenas com dois dias de atraso.

Minha última obrigação consistia em restaurar a supremacia de Feisal. Tentar algo de sério, entre Deraa e Damasco, sem ele, seria inútil. Poderíamos levar a efeito o ataque contra Deraa, que era o que Allenby esperava de nós; mas a captura de Damasco — que era o que eu esperava dos árabes, a razão pela qual eu me juntara a eles na batalha, aceitando dez mil sofrimentos e consumindo meu espírito e minha força — dependia do fato de estar Feisal presente, conosco,

na linha de fogo, despido de deveres militares, mas pronto para colher e explorar o valor político do que os nossos corpos conquistassem para ele. Espontaneamente, Feisal ofereceu-se para vir conosco, sob minhas ordens.

Quanto às desculpas de Meca, Allenby e Wilson fariam o possível para as obter, monopolizando os cabos telegráficos. Se fracassassem, minha conduta seria a de prometer a Feisal o apoio direto do governo britânico e de levá-lo para dentro de Damasco como príncipe soberano. Isso seria possível; mas eu queria evitá-lo, deixando de empregar este recurso, ou empregando-o somente em última hipótese. Os árabes, até aqui, na sua revolta, haviam feito história pura, e eu não desejava que a nossa aventura chegasse ao lamentável estado de cisão, antes da vitória comum e da paz.

O rei Hussein conduziu-se realmente à risca, protestando com desembaraço e emprego de infinitos circunlóquios, e sem revelar compreensão alguma do grave efeito da sua intervenção nos assuntos do exército do norte. Para esclarecer-lhe o espírito, enviamos-lhe expressões claras, que obtiveram respostas abusivas, mas circunspectas. Seus telegramas vinham através do Egito e pelo rádio, aos nossos operadores em Akaba, sendo remetidos a mim, por automóvel, para entrega a Feisal. As cifras árabes eram simples e eu mutilava as passagens indesejáveis, recompondo os números de maneira a nada significarem antes de os entregar, em código, a Feisal. Por meio deste fácil recurso, o humor da sua camarilha não se irritava inutilmente.

O jogo prosseguiu por vários dias, sem que Meca repetisse qualquer mensagem assinalada como truncada, mas telegrafando, em seu lugar, nova versão, e reduzindo-lhe o tom a cada reedição, relativamente à primitiva aspereza. Finalmente lá chegou uma longa mensagem, de que a primeira metade continha desculpas aleijadas e a retirada da desastrosa proclamação; a segunda metade não passava de repetição da ofensa, sob nova forma. Suprimi a cauda e levei o cabeçalho assinalando com um "muito urgente" à tenda de Feisal, onde ele se achava sentado em meio ao círculo de todos os oficiais de estado-maior.

O secretário decifrou o despacho e passou o texto às mãos de Feisal. Minhas alusões haviam despertado certa expectativa, e todos os olhos se voltaram para Feisal quando ele leu. Sentiu-se surpreso, e olhou interrogativamente para mim, pois as palavras submissas não eram próprias da obstinação rixenta de seu pai. A seguir, Feisal se recompôs, leu as desculpas em voz alta e, ao fim, disse, com emoção: — "O telégrafo salvou toda a nossa honra."

Irrompeu um coro de exclamações de alegria, durante o qual Feisal se inclinou de lado para murmurar ao meu ouvido: "Eu quis dizer a honra de quase

todos nós." Isto foi feito com tanta graça que eu ri, e disse modestamente: "Não posso compreender o que quer dizer." Ele respondeu: "Ofereci-me para servir, nesta última marcha, sob as suas ordens: não é isto o bastante?" "Porque não condiz com a sua honra." Ele murmurou: "Coloca sempre a minha à frente da sua." A seguir, pôs-se energicamente de pé, dizendo: "Agora, senhores, louvem a Deus e trabalhem."

Em três horas, fixamos os horários e designamos os nossos sucessores em Aba el Lissan, com suas esferas de ação e seus deveres. Apresentei despedidas. Joyce acabava de regressar a nós, vindo do Egito, e Feisal prometeu que iria, com ele e Marshall, a Azrak, para se juntar a mim no dia 12, o mais tardar. Todo o acampamento se mostrava feliz quando entrei num caminhão Rolls e parti em direção ao norte, esperando poder ainda reunir os Ruallas ao comando de Nuri Shaalan, em tempo hábil para o nosso ataque contra Deraa.

LIVRO X

A LIBERTAÇÃO DE DAMASCO

CAPÍTULOS 107 A 122

Nossa coluna móvel de aeroplanos, carros blindados, árabes regulares e beduínos reuniu-se em Azrak a fim de cortar as três comunicações ferroviárias com Deraa. A linha foi por nós cortada perto de Mafrak; a linha norte, em Arar; a ocidental, em Mezerib. Contornamos Deraa e nos reunimos a despeito das incursões aéreas, no deserto.

No dia seguinte, Allenby atacou, e em poucas horas destruiu os exércitos turcos, sem deixar possibilidades de reconstituição.

Voei para a Palestina a fim de obter auxílios em aeroplanos, e recebi ordens para executar a segunda fase da arrancada para o norte.

Transladamo-nos para a parte traseira de Deraa, no intuito de apressar o seu abandono. O general Barrow uniu-se a nós; em sua companhia, avançamos para Kiswe, onde encontramos o Corpo Montado Australiano. Nossas forças unidas entraram em Damasco, sem oposição. Manifestou-se alguma confusão na cidade. Esforçamo-nos no sentido de a dissipar; Allenby chegou, aplainando todas as dificuldades. A seguir, permitiu que eu me retirasse.

CAPÍTULO 107

Foi um prazer indizível deixar para trás estas brumas. Achegamo-nos uns aos outros, com expressões de gratidão, enquanto viajamos — Winterton, Nasir e eu. Lord Winterton era o nosso último adepto, oficial experimentado, do corpo de cameleiros de Buxton. O xerife Nasir, que havia sido a ponta de lança do exército árabe desde os primeiros dias de Medina, fora escolhido por nós, para o trabalho de campanha, também nesta última oportunidade. Ele merecia a honra de Damasco, porquanto suas haviam sido as honras de Medina, de Wejh, de Akaba e de Tafileh; e de muitos dias infecundos, à margem.

Um Ford, pequeno e resistente, pairava em meio à poeira, atrás de nós, enquanto o nosso esplêndido carro devorava os quilômetros já familiares. Outrora eu me sentia orgulhoso por viajar de Azrak a Akaba em três dias; mas agora vencíamos o percurso em dois, e dormíamos sonos excelentes, o que nos repousava do triste conforto de sermos levados, à vontade, em Rolls-Royce, como os grandes da guerra.

Observamos de novo como era fácil a sua vida; o corpo maciamente refestelado e os tendões descansados ajudavam o cérebro deles a concentrar-se em trabalhos teóricos, ao passo que o nosso cérebro e o nosso corpo se deitavam apenas para o torpor de umas horas de sono, ao rubor da madrugada e ao rubor do crepúsculo — as duas únicas fases do dia inconvenientes para a marcha. Muitos e muitos dias permanecemos vinte e duas, das vinte e quatro horas, na sela, cada qual tomando por sua vez a incumbência de nos guiar através da escuridão, enquanto os outros deixavam que suas cabeças tombassem para a frente, sobre a maçã do arção, em instantes de olvido.

Não que isto fosse mais do que leve olvido: mesmo no mais profundo dos nossos sonos, os pés continuavam a fazer pressão sobre os ombros dos camelos a fim de os manter a passo de marcha; e o cameleiro logo despertava se o equilíbrio se perdia ainda que fosse um pouco, um passo falso ou numa curva. Depois,

tínhamos tido chuva, neve ou sol, batendo sobre nós; pouco alimento, pouca água e nenhuma segurança seja contra os turcos, seja contra os árabes. Contudo, aqueles meses forçados, no seio das tribos, permitiram-me planejar as operações com uma certeza que parecia lunática temeridade aos recém-chegados, mas que decorria, de fato, do conhecimento preciso dos meus materiais.

Agora, o deserto já não era normal; com efeito, estava vergonhosamente populoso. Nunca ficávamos fora da vista dos soldados, de pequenas colunas de camelos, de tropas, de homens de tribo e de bagagens, movendo-se lentamente para o norte, por cima da interminável planície de Jefer. Depois de passar por esta atividade (de bom agouro, para nossa concentração pontual em Azrak) roncamos, conseguindo o meu excelente motorista, Green, mais uma vez, correr a cento e sete quilômetros por hora. O semi-rígido Nasir, que se sentava ao fundo do carro, mal podia sacudir a mão para cada amigo que íamos encontrando.

Em Bair viemos a saber, da parte dos alarmados Beni Sakhrs, que os turcos, no dia anterior, se haviam lançado de súbito para o ocidente, partindo de Hesa, a caminho de Tafileh. Mifleh pensou que eu estivesse louco, ou alegre de maneira absolutamente inoportuna, quando me ri, de chofre, a estas notícias, que, quatro dias antes teriam suspenso a expedição de Azrak; mas, agora, quando já tínhamos partido, o inimigo poderia tomar Aba el Lissan, Guweira, a própria Akaba — e seria bem-vindo! O nosso formidável boato de avançada contra Amã puxara-lhes as pernas para fora das estribeiras, e os inocentes se apressavam para contra-atacar o nosso assalto simulado. Cada homem que eles enviavam para o sul era um homem, ou melhor, dez homens perdidos.

Em Azrak, encontramos alguns criados de Nuri Shaalan e o carro de Crossley, com um oficial aviador, um homem do ar, algumas peças de recâmbio e um galpão de lona desmontável para os dois aviões que protegeriam a nossa concentração. Passamos a nossa primeira noite no aeródromo e sofremos por causa disto. Uma grande mosca de camelo, blindada, picando como um vespão, ocupou as nossas partes expostas até o crepúsculo. Seguiu-se um repouso abençoado, quando o prurido se tornou mais suave, na noite fria — mas o vento mudou de direção e fortes rajadas de poeira salgada, que nos cegavam, varreram-nos durante três horas. Deitamo-nos, puxamos os cobertores para cima da cabeça, mas não pudemos dormir. A cada meia hora tínhamos de retirar a areia que ameaçava sepultar-nos. À meia-noite o vento cessou. Saímos de nossos ninhos, suados, e preparamo-nos enfim, repousadamente, para dormir, quando

uma nuvem de mosquitos, cantando, rolou sobre nós — e então lutamos até a madrugada.

Conseqüentemente, ao alvorecer, mudamos de acampamento, passando para as alturas do cabeço de Mejaber, quilômetro e meio a ocidente dos pontos de água e trinta metros acima dos pântanos, aberto a todos os ventos que sopravam. Repousamos um pouco, depois armamos o galpão, e a seguir saímos para o banho na água prateada. Despimo-nos ao lado dos tanques espelhentos, cujas margens branco-pérola e cujo leito escuro refletiam o céu com um brilho lunar. "Delicioso!", gritei, mergulhando-me e nadando ao léu. "Mas por que é que continua fazendo exclamações por baixo da água?", indagou Winterton, pouco depois. Aí, uma mosca de camelo picou-o por trás; ele compreendeu, e pulou para a água a seguir. Nadamos, mantendo desesperadamente as nossas cabeças molhadas, para dissuadir as revoadas cinzentas: mas as moscas estavam afoitas de fome, e não tinham medo da água; depois de cinco minutos, tivemos de sair e tornar a vestir freneticamente as nossas roupas, com o sangue a correr de vinte das suas picadas de adaga.

Nasir mantinha-se de pé e ria-se de nós; mais tarde encaminhamo-nos juntos em direção ao forte, para a sesta do meio-dia. A velha torre de ângulos de Ali ibn el Hussein, único teto em todo o deserto, era fresca e tranqüila. O vento agitava as copas das palmeiras, lá fora, com estalidos de gelo: palmeiras descuradas, excessivamente ao norte para que suas tâmaras vermelhas fossem boas; mas os troncos eram grossos e tinham folhas baixas, derramando uma sombra agradável. A esta sombra, a esta quietude, sobre o seu tapete, Nasir sentou-se. A fumaça acinzentada do seu cigarro atirado fora ondulava no ar quente, palpitava e se dissipava através das manchas de sol que cintilavam por entre as folhas. "Sou feliz", disse ele. Todos nós éramos felizes.

À tarde, chegou um carro blindado, completando a nossa defesa necessária, embora o perigo de ataque inimigo fosse diminuto. Três tribos cobriam a região, entre nós e a estrada de ferro. Havia apenas quarenta cavaleiros em Deraa, nenhum em Amã; de resto, os turcos ainda não tinham recebido notícias a nosso respeito. Um dos seus aeroplanos surgiu, na manhã do dia nove, fez um círculo, despreocupadamente, e foi-se embora, talvez sem nos ver. Nosso acampamento, naquelas alturas, proporcionava-nos esplêndida observação das estradas de Deraa e de Amã. Durante o dia, nós, doze ingleses, com Nasir e seu escravo, entregávamo-nos à preguiça, passeávamos, tomávamos banho ao crepúsculo, íamos ver curiosidades, pensávamos; e dormíamos confortavelmente à noite; ou

melhor, eu dormia assim: gozava o precioso intervalo entre os amigos conquistados de Aba el Lissan e o inimigo do próximo mês.

A preciosidade talvez estivesse, em parte, em mim mesmo, pois naquela marcha para Damasco (e já era isto na nossa imaginação) meu equilíbrio se alterou. Eu sentia a força retesada do entusiasmo árabe atrás de mim. O apogeu da pregação de anos e anos estava atingido, e agora um país unido arrancava a caminho da sua capital histórica. Confiante em que esta arma, temperada por mim próprio, fosse suficiente para a inteireza do meu propósito, eu parecia esquecer os companheiros ingleses, que permaneciam à margem do meu pensamento, na sombra da guerra ordinária. Deixei de os tornar partícipes da minha certeza.

Muito tempo depois vim a saber que Winterton se levantava todas as madrugadas e examinava o horizonte, com receio de que o meu descaso nos expusesse a alguma surpresa; e em Umtaiye, como em Sheikn Saad, os ingleses, por vários dias, pensaram que fôssemos uma esperança perdida. Na realidade, eu sabia (e terei eu dito isto?) que estávamos tão a salvo como qualquer pessoa no mundo, em tempo de guerra. Por causa do orgulho que eles tinham, eu nunca percebia as suas dúvidas sobre os meus planos.

Estes planos compreendiam a simulação contra Amã e a destruição real das estradas de ferro de Deraa; dificilmente iríamos além disto, pois sempre fora meu costume, ao escutar as alternativas, manter em suspenso as ações ulteriores.

O público freqüentemente atribuía méritos aos generais, porque via apenas as ordens e os resultados; o próprio Foch dizia (antes que ele comandasse tropas) que os generais ganhavam as batalhas; mas nenhum general jamais pensou ser isto verdade. A campanha síria de setembro de 1918 foi, talvez, do ponto de vista científico, na história inglesa, a mais perfeita campanha em que a força fez pouco e o cérebro a maior parte. O mundo inteiro, e especialmente aqueles que os serviam, reconheceram o mérito da vitória a Allenby e a Bartholomew: mas estes dois nunca veriam o fato pelo mesmo prisma, sabendo como as suas idéias rudimentares iam sendo descobertas e se tornando mais precisas pela aplicação, e como os seus homens, muitas vezes sem o saber, as aperfeiçoavam.

Em virtude do nosso estabelecimento em Azrak, a primeira parte do nosso plano — a simulação — estava realizada. Havíamos enviado os nossos "cavaleiros de São Jorge", soberanos de ouro, aos milhares, aos Beni Shakrs, comprando toda a cevada que houvesse em seus campos; pediamos-lhes que não mencionassem o fato, porque precisaríamos da cevada para os nossos animais e para os dos nossos aliados britânicos dentro de quinze dias. Dhiab de Tafileh —

adolescente, incompleto e desajeitado — difundiu a notícia instantaneamente, por toda Kerak.

Ademais, Feisal mandou que os Zebns fossem para Bair, a serviço; e Hornby, que, agora (talvez um pouco prematuramente) usava roupagens árabes, ativou os preparativos para um grande assalto contra Madeba. Seu plano era o de partir no dia 19, assim que soubesse que Allenby havia arrancado; esperava ligar-se em Jericó, de maneira que, se fracassássemos em Deraa, a nossa força poderia regressar e reforçar o seu movimento: este seria, então, não uma simulação, mas a segunda velha corda do nosso arco. Entretanto, os turcos quebraram este arco já retorcido com o avanço sobre Tafileh e Hornby teve de defender Shobek contra eles.

Para a nossa segunda parte, que era o caso de Deraa, tínhamos de planejar um ataque de fato. Como preliminar, determinamos cortar a ferrovia perto de Amã, impedindo assim o reforço de Amã para Deraa e mantendo a convicção inimiga de que a nossa simulação contra ela constituía assalto real. Pareceu-me que (tendo os egípcios para a realização da destruição efetiva) este preliminar poderia ser empreendido pelos Ghurkas, cujo destacamento não distrairia do objetivo principal o grosso das nossas forças.

Este objetivo principal se resumia em cortar as estradas de ferro no Hauran, e mantê-las cortadas ao menos por uma semana; e parecia haver três caminhos para isto. O primeiro, marchar para o norte de Deraa, a caminho da estrada de ferro de Damasco, como na minha incursão com Tallal, no inverno, e cortá-la; a seguir, passar para a linha ferroviária do Yarmuk. O segundo, marchar para o sul de Deraa, a caminho de Yarmuk, como se fizera com Ali ibn el Hussein, em novembro de 1917. O terceiro, invadir diretamente a cidade de Deraa.

O terceiro esquema só poderia ser empreendido se a Força Aérea prometesse bombardear, durante a luz do dia, a estação ferroviária de Deraa, tão pesadamente, que o seu efeito equivalesse a bombardeio de artilharia, habilitando-nos a arriscar o assalto contra ela com os nossos poucos homens. Salmond esperava fazer isto; mas o fato dependeria do número de aeroplanos pesados que ele recebesse ou montasse em tempo. Dawnay voaria para ali, com a sua última palavra, a 11 de setembro. Até então, manteríamos os nossos planos em pé de igualdade, no nosso critério.

Das nossas forças de apoio, a minha escolta foi a primeira a chegar, contornando o Wadi Sirhan acima, a 9 de setembro: os homens vinham felizes, mais gordos do que os cameleiros, refeitos e divertidos, depois do mês de festividades com os Ruallas. Informaram que Nuri estava quase pronto e

resolvido a se juntar a nós. O contágio do vigor inicial da nova tribo acelerara-lhes o sangue e o espírito, o que nos rejubilou.

No dia 10, os dois aeroplanos vieram, procedentes de Akaba. Murphy e Junor, os pilotos, aterrissaram para deleite das moscas de cavalo, que cabriolavam no ar, ao redor da sua suculência. No dia 11, os outros carros blindados e Joyce entraram, com Stirling, mas sem Feisal. Marshall também ficara para o escoltar no dia seguinte; as coisas corriam sempre bem onde Marshall, alma capaz, as dirigia com humor cultivado, que não era tão barulhento como persistente. Young, Peake, Scott-Higgins e as bagagens chegaram a seguir. Azrak tornou-se multipovoada e os lagos novamente ressoaram de vozes e mergulhos de corpos morenos e esbeltos, morenos e fortes, cor de bronze ou brancos, na sua água transparente.

No dia 11, chegou o aeropolano da Palestina. Infelizmente, Dawnay caíra outra vez enfermo, e o oficial de estado-maior que lhe tomou o lugar (sendo novato) sofreu severamente por causa da agitação do ar; esqueceu-se das notas que fora incumbido de nos trazer. A sua concreta segurança, aquele olhar por cima do mundo, peculiar ao inglês acabado, desapareceram em face dos solavancos, e principalmente do solavanco final produzido pela nossa despreocupação, lá no deserto, sem piquetes nem postos de observação, sem sinaleiros, nem sentinelas, nem telefones, nem reservas aparentes, nem linha de defesa, nem refúgios ou bases.

Assim, ele esqueceu-se da informação mais importante, que era a de, a 6 de setembro, Allenby, com uma nova inspiração, haver dito a Bartholomew: "Por que enfadar-nos com Messudieh? Remetamos a nossa cavalaria diretamente a Afuleh e a Nazaré", alterando, assim, todo o plano, e substituindo um objetivo fixo por uma avançada enorme e indefinida. Não formamos noção alguma disto; mas, interrogando rigorosamente o piloto, ao qual Salmond informara, obtivemos uma idéia clara dos nossos recursos em bombardeios. Eram menos do que o mínimo para Deraa; assim, pedimos apenas um bombardeio que embaraçasse o inimigo, enquanto circundássemos a cidade pelo norte, a fim de assegurarmos a destruição da linha ferroviária de Damasco.

No dia seguinte, Feisal chegou trazendo, atrás de si, as suas tropas, Nuri Said em trajes de gala, Jemil, o artilheiro, os argelinos de Pisani e outros itens de nosso esforço de "três homens e um rapaz". As moscas cinzentas tinham agora dois mil camelos com que engordar e, fatigadas, abandonaram Junor e seus mecânicos semidrenados.

À tarde apareceu Nuri Shaalan, com Trad e Khalid, Faris, Durzi e os Khaffajis. Auda abu Tayi chegou; com Mohammed el Dheilans, vieram também Fahad e Adhub, os chefes dos Zebns com ibn Bani, o chefe dos Serabins e ibn Genj dos Serdiyehs. Majid ibn Sultan, dos Adwans, perto de Salt, galopou até lá para saber a verdade sobre o nosso ataque contra Amã. Mais tarde, ao anoitecer, houve salva de carabinas ao norte, e Talal el Hareidhin, meu velho companheiro, chegou todo amarrotado pelo galope, com quarenta ou cinqüenta camponeses atrás de si. Seu rosto rubro estava radiante de alegria pela nossa chegada, por ele, tanto tempo esperada. Drusos e citadinos sírios, Isawiyehs e Hawarnehs aumentaram a companhia. Até a cevada, para o nosso regresso, se a aventura fracassasse (possibilidade que raramente considerávamos), começou a chegar em uma interminável caravana de carga. Todos se mostravam robustos e saudáveis. Menos eu. A multidão destruíra o meu prazer em Azrak, e desci pelo vale, a caminho do nosso remoto Ain el Essad, lá ficando o dia todo em meu velho leito entre tamargueiras onde o vento, entre os ramos verdes cobertos de pó, brincava produzindo os mesmos sussurros das árvores inglesas. O vento me disse que eu estava mortalmente cansado dos árabes, semitas insignificantes, que atingiam alturas e profundidades fora do nosso alcance, nada vendo, porém, além da nossa vista. Percebiam o nosso absoluto, na sua ilimitada capacidade para o bem e para o mal; e por dois anos eu fingira proveitosamente ser companheiro deles!

Naquele dia convenci-me, de maneira definitiva, que a minha paciência, quanto à falsa posição para a qual eu havia sido levado, estava esgotada. Uma semana, duas semanas, três, e eu insistiria em libertar-me. Meus nervos estavam em frangalhos; e podia sentir-me feliz por haver ocultado a ruína por tão longo tempo.

Enquanto isso, Joyce tomou sobre seus ombros a responsabilidade que o meu desfalecimento colocava em risco. Por sua ordem, Peake, com o corpo de cameleiros egípcios agora transformado em companhia de sapadores, Scott-Higgins, com seus guerreiros Ghurkas, e dois carros blindados para segurança partiram para cortar a estrada de ferro perto de Ifdein.

O plano era de Scott-Higgins, assaltar um fortim depois do anoitecer com os seus agentes indianos — ágeis a pé, pois que eram como fardos quando viajavam sobre os camelos. Peake deveria, então, demolir, até a madrugada. De manhã, os carros blindados proteger-lhe-iam a retirada para o leste, através da planície, pela qual nós, o grosso da força, estaríamos em marcha em direção ao norte, partindo de Azrak, a caminho de Umtaiye, grande poça de água de chuva a vinte e cinco

quilômetros abaixo de Deraa, e nossa base avançada. Demos-lhes guias Ruallas e vimo-los partir, esperançosos, para esta importante preliminar.

CAPÍTULO 108

Exatamente ao romper da aurora a nossa coluna marchou. Dos homens, mil formavam o contingente de Aba el Lissan: trezentos eram cavaleiros nômades de Nuri Shaalan. Ele tinha também dois mil cameleiros Ruallas; pedimos-lhe que mantivesse estes últimos no Wadi Sirhan. Não parecia prudente, antes do dia supremo, lançar tantos beduínos perturbadores da ordem por entre as aldeias de Hauran. Os cavaleiros eram xeques, ou servidores de xeques, homens ricos, sob nosso controle.

Negócios com Nuri e Feisal mantiveram-me o dia todo em Azrak; mas Joyce deixara à minha disposição um caminhão, o "Neblina Azul", com o qual, na manhã seguinte, alcancei o exército, para encontrar os homens almoçando entre as asperezas recobertas de grama do Giaan el Khunna. Os camelos, contentes por se verem fora do círculo árido de Azrak, estavam enchendo o estômago, a toda pressa, com aquele ótimo alimento.

Joyce tinha más novas. Peake acabava de se juntar a nós, informando haver fracassado na tentativa de atingir a linha ferroviária por causa de perturbações com os acampamentos árabes nas vizinhanças do ponto previsto para a projetada demolição. Nós contávamos com a ruptura da estrada de ferro de Amã, e o fracasso era grave. Abandonei o carro, tomei uma carga de explosivos e montei sobre o meu camelo, para seguir à frente do exército. Os outros deram a volta, procurando evitar as ásperas línguas de lava que corriam para o ocidente na direção da estrada de ferro; mas eu, os Ageyls e outros bem montados, cortamos em linha reta, por um atalho de ladrões, desembocando na planície descampada, perto de Um el Jemal em ruínas.

Eu ia pensando intensamente a respeito da demolição de Amã, em busca do expediente que fosse melhor e mais rápido; e o enigma daquelas ruínas acrescentou-se aos meus cuidados. Parecia haver evidências de ação de espírito obtuso, naquelas cidades romanas fronteiriças — Um el Jemal, Um el Surab e

Umtaiye. Tais edificações incoerentes, em meio ao que era, então e agora, uma arena deserta, acusavam os seus construtores de insensibilidade; constituía quase uma asserção vulgar do direito do homem (direito romano) a viver sem mudanças de costumes em todo o seu domínio. Edifícios italianizados — que só podiam ser pagos pela taxação de províncias mais dóceis — naquelas bordas do mundo revelavam uma cegueira prosaica para com o transitório da política. Uma casa que sobrevivia tanto ao propósito do seu construtor era um orgulho excessivamente trivial para conferir honra à mente responsável pela sua concepção.

Um el Jemal parecia ser agressiva e impudente e a estrada de ferro, além dela, afigurava-se tão penosamente intacta que fiquei cego para a batalha aérea entre Murphy, no nosso Bristol de caça, e um aeroplano inimigo de dois lugares. O Bristol foi seriamente atingido, antes de fazer com que o turco se precipitasse em chamas. O nosso exército se tornou espectador deleitado, mas Murphy, considerando o dano excessivamente grande para ser reparado com os poucos materiais que tinha em Azrak, rumou para a Palestina na manhã seguinte. Assim, a nossa exígua Força Aérea ficou reduzida ao BE 12, tipo tão fora de uso que já não servia para combate, e que de pouca utilidade seria em reconhecimento. Percebemo-lo naquele dia: entrementes, sentíamo-nos tão alegres como o exército, pela vitória do nosso homem.

Umtaiye foi atingida logo antes do crepúsculo. As tropas achavam-se ainda a oito ou nove quilômetros atrás, de maneira que assim que os nossos animais beberam tomamos o rumo da estrada de ferro, a seis quilômetros colina abaixo, a ocidente, tencionando executar uma ligeira demolição. A escuridão permitiu que nos aproximássemos sem causar alarme e, com grande alegria, descobrimos que o chão era adequado para carros blindados; exatamente diante de nós havia duas boas pontes.

Estas observações me levaram a resolver voltar para ali na manhã seguinte, com carros e mais explosivos, a fim de eliminar a ponte maior, de quatro arcos. Sua destruição daria aos turcos vários dias de trabalho árduo, livrando-nos de Amã durante o tempo que durasse a nossa primeira incursão contra Deraa; assim ficaria conseguido o objetivo da frustrada demolição de Peake. Foi uma descoberta feliz; cavalgamos de regresso, examinando o terreno enquanto a escuridão se condensava, a fim de reconhecer a melhor pista para os carros.

Assim que subimos pela última colina, linha divisória alta e reta que ocultava inteiramente Umtaiye a quem estivesse na estrada de ferro, bem como aos seus possíveis guardas, o fresco vento de nordeste soprou de cheio, contra nossos

rostos, o cheiro quente e a poeira de três mil metros; e, da crista, as ruínas pareciam tão impressionantemente diversas do que haviam sido três horas antes, que paramos para contemplar. O chão côncavo apresentava-se festivamente salpicado por uma via-láctea de pequenas fogueiras, acendidas há pouco, ainda a tremeluzir com os reflexos das labaredas na fumaça. Ao redor delas, os homens faziam pão ou preparavam café, enquanto outros conduziam os barulhentos camelos de e para o ponto de água.

Desci ao acampamento penumbroso, que era o dos ingleses, e lá me sentei, com Joyce, Winterton e Young, contando-lhes o que deveríamos fazer em primeiro lugar na manhã seguinte. Ao nosso lado, soldados britânicos estavam deitados e fumavam, arriscando-se sem queixas naquela expedição, só porque nós o ordenávamos. Coisa típica, tão inerente ao nosso caráter nacional como o volúvel e gargalhante tumulto, lá adiante, era peculiar ao caráter árabe. Nas crises, uma raça se recolhia em si mesma; a outra expandia-se.

Pela manhã, enquanto o exército quebrava o jejum e degelava ao sol, o frio da madrugada infiltrado nos seus músculos, explicamos aos chefes árabes, em conselho, a viabilidade da linha para uma incursão de carro; e ficou determinado que dois carros blindados rodariam até a ponte, atacando-a, enquanto o grosso do exército continuaria a marcha para Tell Arar, na estrada de ferro de Damasco, a seis quilômetros ao norte de Deraa. Instalar-se-iam as tropas ali, ocupando a linha pela madrugada do dia seguinte, 17 de setembro; e nós, com os carros, daríamos cabo daquela ponte e nos juntaríamos às forças antes do assalto.

Cerca de duas horas da tarde, quando rodávamos para a estrada de ferro, assistimos ao grandioso espetáculo da revoada dos nossos aeroplanos de bombardeio, roncando sustentadamente na direção de Deraa para a primeira incursão. A cidade havia sido, até ali, cuidadosamente poupada aos ataques aéreos; de maneira que os danos no seio da guarnição desacostumada, desprotegida e desarmada foram pesados. O moral dos homens sofreu tanto quanto o tráfego ferroviário; e até a nossa arremetida pelo norte, que forçou o inimigo a ver-nos, todos os esforços turcos se concentraram na construção de abrigos à prova de bomba.

Titubeamos através de zonas cobertas de ervas, entre degraus e campos de pedra áspera, nos nossos dois caminhões e nos nossos dois carros blindados; mas tudo chegou bem, atrás da última colina, exatamente aquém do nosso objetivo. Sobre a elevação ao sul da ponte, ficava o fortim de pedra.

Resolvemos deixar os caminhões ali, a coberto. Transferi-me, com setenta quilos de explosivos, preparados e prontos para a detonação, num carro blindado;

pretendia rodar tranqüilamente pelo vale abaixo, na direção da ponte, até que seus arcos, abrigando-nos do fogo do fortim, me permitissem colocar e acender as cargas demolidoras. Enquanto isso, o outro, o carro de combate efetivo, atacaria o fortim a pequena distância, a fim de cobrir a minha operação.

Os dois carros partiram simultaneamente. Quando nos viram, os homens da guarnição — sete ou oito turcos — saíram de suas trincheiras e, de fuzis à mão, avançaram contra nós em ordem dispersa: agiam levados, ou pelo pânico, ou pela incompreensão, ou por uma coragem puramente inumana.

Em poucos minutos, o segundo carro entrou em ação contra eles: quatro outros turcos apareceram ao lado da ponte e atiraram contra nós. Os nossos metralhadores acertaram o tiro e deflagraram uma breve rajada. Um homem tombou, outro ficou ferido; o resto correu um pouco, pensou melhor e voltou, fazendo sinais amigos. Tomamos-lhes os fuzis e remetemo-los vale acima, para os caminhões, cujos motoristas estavam contemplando-nos atenciosamente do topo da crista. O fortim rendeu-se no mesmo instante. Ficamos muito satisfeitos por tomarmos a ponte, bem como a sua seção de linhas, em cinco minutos, sem perda alguma.

Joyce desceu correndo com o seu caminhão; trouxe mais explosivos; e atarefamo-nos junto da ponte, pequena e bela obra de arte, de vinte e cinco metros de comprimento e quatro metros e meio de altura, honrada com uma brilhante laje de mármore branco que ostentava o nome e os títulos do sultão Abd el Hamid. Nos buracos de drenagem abertos nos tímpanos, seis pequenas cargas foram inseridas em ziguezague, e, com a sua explosão, todos os arcos foram cientificamente estilhaçados; esta demolição concretizou um ótimo exemplo das mais perfeitas e elegantes destruições, pois deixou o esqueleto da ponte de fato intacto, mas cambaleante, de maneira que o inimigo teria de remover estes escombros antes de tentar a reconstrução.

Quando terminamos, patrulhas inimigas estavam perto de nós — o suficiente para nos oferecer o pretexto da retirada. Os poucos prisioneiros, aos quais dávamos valor apenas pelas informações que nos poderiam proporcionar, tomaram lugar sobre as nossas cargas; e saímos aos solavancos. Infelizmente, fomos aos solavancos de modo excessivamente descuidado, por causa da nossa satisfação e, no primeiro curso de água, houve rumor de ruptura por baixo do meu carro. Um dos lados da carroceria abaixava-se roçando no pneumático da roda traseira; e paramos.

A parte frontal da mola traseira cristalizara-se perto do chassi, o que produziu a ruptura integral, que nada, senão a oficina, poderia reparar. Olhamo-

nos uns aos outros, desesperados, pois estávamos a apenas trezentos metros da estrada de ferro, e íamos perdendo o carro, quando o inimigo apareceu, dez minutos após. Um Rolls, no deserto, ficava acima de qualquer preço; e embora estivéssemos rodando com os nossos, durante dezoito meses, não sobre as estradas polidas existentes na imaginação dos seus fabricantes, mas através das regiões mais selvagens, em grande velocidade, de dia e de noite, transportando uma tonelada de mercadorias e quatro ou cinco homens ao mesmo tempo, aquele foi o nosso primeiro acidente estrutural numa flotilha de nove carros.

Rolls, o motorista, o nosso homem mais robusto e mais cheio de expedientes, mecânico de mão-cheia, cuja habilidade e cujos conselhos muito contribuíram para a manutenção dos nossos carros em ordem de marcha, quase que se punha a chorar o infortúnio. Nosso grupo — oficiais e soldados, ingleses, árabes e turcos — aglomerou-se ao redor dele, contemplando-lhe ansiosamente o rosto. Quando Rolls formou a noção de que ele, mero soldado, tinha de assumir o comando da emergência, a própria barba, em suas faces, pareceu enrijar-se numa sombria determinação. Por fim, disse que só havia um recurso. Poderíamos erguer, com o macaco, a ponta caída da mola e apoiá-la ao estribo, quase que na sua antiga posição. Com o auxílio de cordas, as delicadas cantoneiras do estribo suportariam o peso adicional.

Levávamos, em cada carro, uma tábua para colocar entre os pneumáticos duplos, quando o carro empacasse na areia ou na lama. Três espessuras dessa tábua proporcionariam a altura necessária. Não tínhamos serra, mas crivamos a madeira de balas, até que a pudemos separar. Os turcos ouviram estes tiros e pararam, cautelosos. Joyce ouviu-nos e voltou correndo para auxiliar. Passamos a nossa carga para o seu carro, aplicamos o macaco à mola e o chassi, apoiado nos calços de madeira, lançou todo o peso sobre eles (que o suportaram esplendidamente); demos à manivela e partimos. Rolls reduzia a marcha a passo de homem a cada pedra ou valeta, enquanto nós, prisioneiros e tudo, corríamos ao lado, com gritos de animação, limpando a pista.

No acampamento, firmamos os calços com fios telegráficos tomados ao inimigo, ligando-os todos ao chassi; a mola também foi amarrada ao chassi, até que o conjunto pareceu tão forte quanto possível, e tornamos a passar as cargas para o nosso carro. Tão resistente era o estribo que realizamos os serviços comuns, com o mesmo carro, durante três semanas, e o levamos afinal a Damasco, nesse estado. Grande foi Rolls, e grande foi Royce! Para nós, valiam centenas de homens, naqueles desertos.

Esta cerzidura do carro retardou-nos várias horas, e quando ficou terminada dormimos em Umtaiye, confiando em que, se partíssemos antes da madrugada, não chegaríamos muito atrasados ao encontro com Nuri Said, sobre a linha de Damasco, pela manhã do dia seguinte; e poderíamos contar-lhe que, por uma semana, a estrada de ferro de Amã estaria paralisada pela perda da ponte principal. Este era o lado da vinda mais rápida de reforços de Deraa, e a sua inutilização punha a salvo a nossa retaguarda. Com isso, auxiliamos até o pobre Zeid, que lá estava por trás de nós, em Aba el Lissan: porque os turcos, aglomerados em Tafileh, não poderiam sustentar o ataque enquanto as comunicações não fossem restabelecidas. A nossa última campanha estava começando auspiciosamente.

CAPÍTULO 109

Pontualmente, antes da aurora, pusemo-nos a caminho pela pista dos carros de Stirling, ansiosos por alcançá-los antes da batalha. Infelizmente, o chão não nos ajudava. Desde logo, tivemos uma descida má, e a seguir chapadões difíceis de dolerite solta, através dos quais rodavam penosamente. Mais tarde, subimos por encostas aradas. O solo era impróprio para os carros, pois, com a seca do verão, aquela terra vermelha se rachava em fendas da profundidade de um metro e da largura de cerca de seis centímetros. Os carros blindados, de cinco toneladas, ficaram reduzidos à primeira velocidade, e quase empacaram.

Alcançamos o exército árabe lá pelas oito horas da manhã, na crista da encosta que ia dar na estrada de ferro, quando as tropas se desdobravam para atacar o pequeno reduto da guarda da ponte, que ficava entre nós e a colina de Tell Arar, cujo topo dominava a região lateral na direção de Deraa.

Os cavaleiros Rualla, chefiados por Trad, correram pela longa encosta abaixo e subiram o leito do curso de água, vicejante de alcaçuz, a caminho da linha. Young saiu atrás deles, no seu Ford. Da crista, pensávamos que a estrada de ferro seria tomada sem se disparar um tiro; mas, enquanto contemplávamos a região, o posto turco, por nós descurado, disparou, de súbito, uma rajada de tiros de fuzil, e os nossos bravos, que haviam estado em esplêndidas atitudes sobre a linha ferroviária conquistada (cismando sobre o que deveriam fazer a seguir, neste mundo) desapareceram.

Nuri Said mandou descer os canhões de Pisani e deflagrou alguns tiros. A seguir, os Ruallas e as tropas assaltaram facilmente o reduto, tendo só um morto. Assim, os quinze quilômetros ao sul da linha de Damasco ficaram sendo francamente nossos, às nove horas da manhã. Era aquela a única linha ferroviária para a Palestina e para o Hedjaz, e eu mal podia convencer-me da nossa felicidade; mal acreditava que a nossa palavra dada a Allenby poderia ser cumprida tão simplesmente e tão cedo.

Os árabes correram pela crista abaixo, em torrentes de homens, e inundaram o topo redondo de Tell Arar, a fim de lançar a vista por cima das longínquas planícies, cuja lisura o sol matutino punha em falso relevo, lançando mais sombra do que luz. Os nossos soldados podiam ver Deraa, Mezerib e Ghazale, as três estações-chave, a olhos nus.

Eu estava vendo além disto: ao norte, para Damasco, a base turca, único elo do inimigo com Constantinopla e com a Alemanha, já agora cortada; ao sul, para Amã, Maan e Medina, todas cortadas; a ocidente, para Liman von Sanders, isolado em Nazaré; para Nablus; para o vale do Jordão. Aquele era o dia 17 de setembro, dia prometido, quarenta e oito horas antes que Allenby lançasse para a frente a massa da sua força. Em quarenta e oito horas, os turcos talvez resolvessem mudar a própria posição, para enfrentar o novo perigo representado por nós; mas não o poderiam fazer antes que Allenby irrompesse. Bartholomew havia dito: "Diga-me se Allenby estará na sua linha de Auja, no dia anterior à nossa arrancada, e eu lhe direi se nós venceremos." Pois bem: ele estava; assim, nós ganharíamos. A questão era saber quanto.

Eu queria ver a linha toda destruída em um momento; mas as coisas pareciam ter parado. O exército havia feito a sua parte: Nuri Said estava colocando metralhadoras ao redor da colina de Arar, para reter qualquer irrupção que partisse de Deraa; mas por que é que não havia demolição alguma em andamento? Corri para baixo e encontrei os egípcios de Peake almoçando. Era como o jogo de bolas de Drake, e emudeci de admiração.

Todavia, em uma hora, eles se reuniram para a realização rítmica das demolições, por grupos; e já os artilheiros franceses, que também levavam explosivos, haviam descido, resolutamente, para a ponte próxima. Não eram muito bons para o trabalho mas, à segunda tentativa, causaram algum dano.

Da colina do Tell Arar, antes que a miragem começasse a dançar, examinamos cuidadosamente Deraa, através do meu potente binóculo, desejando ver o que os turcos guardavam nos armazéns para nós, naquele dia. A primeira descoberta foi inquietante. O aeródromo estava em plena azáfama, com turmas que empurravam aviões após aviões para o campo. Pude contar oito ou nove, já alinhados. Afora isto, as coisas apresentavam-se como esperávamos. Alguns soldados de infantaria se alternavam na posição de defesa, e as suas metralhadoras disparavam na nossa direção: mas nós nos encontrávamos a seis quilômetros de distância. As locomotivas punham-se sob pressão; mas os trens não eram blindados. Atrás de nós, na direção de Damasco, a região apresentava-

se silenciosa como um mapa. De Mezerib, à nossa direita, não partia movimento algum. Mantínhamos a iniciativa.

A nossa esperança era deflagrar seiscentas cargas, em forma de tulipa, colocando fora de uso seis quilômetros de trilhos. O processo das tulipas fora inventado por Peake e por mim, para aquela oportunidade. Oitocentos e cinqüenta gramas de explosivos foram enterrados por baixo do centro do dormente central, em cada seção de dez metros de trilhos. Os dormentes eram de aço, e a sua forma de caixa deixava uma câmara-de-ar que a expansão do gás enchia, fazendo encurvar o centro do dormente para cima. Se a carga fosse devidamente colocada, o metal não se romperia, mas erguer-se-ia como bolha, a sessenta centímetros de altura, no ar. Esta elevação empurrava os trilhos para cima, à altura de oito centímetros; a tração, para o centro, avizinhava-os de quinze centímetros; e, como os pregos se agarravam às franjas inferiores, os trilhos torciam-se para dentro de maneira considerável. A distorção tríplice punha-os fora de toda possibilidade de conserto. Três ou cinco dormentes ficavam igualmente arruinados, cavando-se uma trincheira através do socalco: tudo isto com uma carga só, deflagrada por um pavio tão curto, que o primeiro, explodindo enquanto o terceiro estivesse sendo aceso, lançava os destroços, sem o menor perigo, por cima da cabeça do operador.

Seiscentas destas cargas imporiam bem uma semana de trabalhos aos turcos. E isto seria a generosa interpretação dos "três homens e um rapaz com pistolas", de Allenby. Voltei-me para regressar em direção às tropas e, neste momento, duas coisas aconteceram. Peake deflagrou a primeira carga, como um álamo de fumaça negra, acompanhado de detonação surda; e o primeiro avião turco surgiu, vindo sobre nós. Nuri Said e eu aconchegamo-nos admiravelmente por baixo de um afloramento de rocha, fendido por profundas trincheiras naturais, na face sul da colina. Ali esperamos, friamente, a bomba; mas era apenas um aeroplano de reconhecimento, um Pfalz, que nos observou e voltou para Deraa, com as informações.

Más notícias devem ter sido, porque três aviões de dois lugares, quatro de escolta e um velho Albatroz de ventre amarelo, subiram ao espaço em rápida sucessão e fizeram círculos sobre nós, lançando bombas, ou atirando contra nós com as metralhadoras. Nuri pôs os seus metralhadores de Hotchkiss nas fendas da rocha, e lançou rajadas em resposta aos aviões. Pisani ergueu o cano dos seus quatro canhões de montanha, e fez partir alguns *shrapnels* otimistas. Isto perturbou o inimigo, que passou a fazer círculos mais amplos, voltando muito mais alto. A pontaria deles tornou-se incerta.

Dispersamos as tropas e os camelos, enquanto os irregulares se separaram por si. Esta difusão, diminuindo o máximo possível a nossa densidade, era a única esperança de salvação, visto que a planície não apresentava abrigo sequer para um coelho; e o nosso coração desfalecia quando víamos os milhares de homens que tínhamos, pontilhando o chão, lá embaixo. Era coisa estranha ficar no topo da colina e olhar para aqueles cinco quilômetros quadrados abundantemente semeados de homens e de animais, estourando a intervalos irregulares em bulbos preguiçosos e silenciosos de fumaça, onde as bombas caíam (parecendo inteiramente separadas dos respectivos estrondos), ou emitindo borrifos de poeira onde os grupos de metralhadoras chicoteavam o chão.

As coisas pareciam agitadas, mas os egípcios prosseguiram trabalhando tão metodicamente como haviam almoçado. Quatro grupos enterravam tulipas, enquanto Peake e um dos seus oficiais acendiam as séries, uma por uma, à medida que iam sendo colocadas. As duas chapas de explosivos, em cada carga tipo tulipa, não eram suficientes para produzir explosões espetaculares, e pareceu-nos que os aeroplanos não viam o que se estava passando; pelo menos, não varreram particularmente os trabalhadores com bombas; à medida que a demolição progredia, o grupo encaminhava-se cada vez mais para fora da zona de perigo, passando para a tranqüila paisagem, ao norte. Seguíamos o progresso dos grupos pelo estrago dos postes telegráficos. Nas partes virgens, os postes erguiam-se corretamente, seguros pelos fios esticados; mas, por trás de Peake, inclinavam-se e cambaleavam de qualquer maneira, ou caíam.

Nuri Said, Joyce e eu, reunimo-nos em conselho, ponderando sobre a maneira pela qual chegaríamos à seção Yarmuk da linha da Palestina, a fim de coroar a nossa demolição das estradas de ferro de Damasco e do Hedjaz. À vista da oposição que nos foi assinalada, deveríamos empregar nisto quase todos os nossos homens, o que parecia pouco prudente em virtude da constante observação aérea. As bombas poderiam causar-nos muitas perdas durante a marcha pela planície aberta; e o grupo de demolição de Peake ficaria à mercê de Deraa, se os turcos reunissem coragem para assaltar. Por enquanto, os inimigos mantinham-se temerosos; mas o tempo poderia torná-los bravos.

Enquanto hesitávamos, as coisas resolveram-se maravilhosamente. Junor, o piloto do aeroplano BE 12, que se achava só em Azrak, tivera informações, pelo desafortunado Murphy, do aparecimento de aviões inimigos nas redondezas de Deraa, e por sua própria iniciativa resolveu tomar o posto de comando do Bristol de caça, a fim de levar avante o programa aéreo. Assim, quando as coisas se afiguravam mais intrincadas, da nossa parte, ele entrou de súbito no circo.

Nós o contemplávamos com sentimentos confusos, pois o seu aeroplano, desanimadoramente velho, tornava-o carne fria para qualquer dos aparelhos de caça, ou de dois lugares, do inimigo: mas Junor assombrou-os, quando deflagrou rajadas com as suas duas metralhadoras. Os inimigos dispersaram-se, para observar mais cuidadosamente este opositor inesperado. Junor voou para o ocidente, atravessando a linha, e os aparelhos inimigos foram atrás dele, em perseguição, com aquela amável fraqueza dos homens do ar para com os seus semelhantes, por mais importante que fosse o objetivo terrestre.

Fomos deixados em perfeita paz. Nuri aproveitou a ocasião para reunir trezentos e cinqüenta regulares, com dois canhões de Pisani; e lançou-os a toda pressa sobre a corcova que ficava por trás de Tell Arar, primeira etapa da sua marcha para Mezerib. Se os aeroplanos nos dessem meia hora de trégua, não notariam, provavelmente, quando regressassem, a diminuição do número de homens na colina, nem a existência dos grupos dispersos que marchavam ao longo de todas as encostas e de todas as depressões, na direção do hirsuto ocidente. Esta região cultivada oferecia, a quem estivesse no ar, a aparência de uma colcha; ademais, o chão estava coberto de pés de milho, e os cardos apresentavam-se à altura das nossas selas em grandes extensões.

Expedimos os camponeses depois dos soldados, e meia hora mais tarde eu já estava reunindo a minha escolta, para que pudéssemos chegar a Mezerib antes dos outros quando, de novo, ouvimos o roncar de motores; e, para nosso assombro, Junor reapareceu, ainda vivo, embora perseguido, por três lados, pelos aviões inimigos que cuspiam balas. Ele revirava e deslizava esplendidamente, atirando para trás. O próprio número dos inimigos os embaraçava; mas, como era natural, o caso só poderia ter um fim.

Com a fraca esperança de que Junor conseguisse descer intacto, corremos na direção da estrada de ferro, onde havia uma faixa de terreno, não muito alinhavada pelos diques. Todos ajudaram a limpá-la em grande pressa, enquanto Junor ia sendo obrigado a voar cada vez mais baixo. Lançou-nos uma mensagem anunciando que a sua gasolina estava esgotada. Trabalhamos febrilmente, durante cinco minutos e, depois, erguemos um sinal de aterragem. Ele mergulhou na nossa direção mas, quando o fez, o vento soprou de lado, em ângulo agudo, relativamente ao aparelho. De qualquer forma, a faixa limpa era muito pequena. Ele tocou em terra lindamente, mas o vento soprou de través mais uma vez. Seu trem de aterrissagem se soltou e o aeroplano virou sobre si mesmo, fora da faixa.

Corremos para o salvar, mas Junor já havia saído do aeroplano, sem outro ferimento além de um corte no queixo. Tirou a metralhadora Lewis, depois as Vickers e as respectivas fitas de munições. Lançamos tudo sobre o Ford de Young, e retiramo-nos no momento em que um dos aparelhos de dois lugares, dos turcos, mergulhava caprichosamente e deixava cair uma bomba junto dos destroços.

Junor, cinco minutos mais tarde, pediu nova tarefa. Joyce deu-lhe um Ford para seu uso pessoal, e ele correu audaciosamente até a linha ferroviária, perto de Deraa; fez saltar um trecho de trilhos ali, antes que os turcos o vissem. Os inimigos acharam que aquele zelo era excessivo e abriram fogo contra ele, com suas metralhadoras; mas Junor saiu de novo no seu Ford, ileso pela terceira vez.

CAPÍTULO 110

A minha escolta esperava, em duas longas linhas, na encosta da colina. Joyce permanecia em Tell Arar, como força de cobertura, com cem homens de Nuri Said, com os Ruallas, os Ghurkas e os carros; enquanto isso, nós deslizávamos de través, a fim de demolir a estrada de ferro da Palestina. Meu grupo dava a impressão de ser composto de beduínos e eu determinei sair abertamente para Mezerib, pela rota mais breve, pois estávamos muito atrasados.

Infelizmente, chamamos a atenção do inimigo. Um aeroplano passou sobre nós, lançando bombas — uma, duas, três —, todas erradas; a quarta caiu no nosso meio. Dois dos meus homens tombaram. Seus camelos, em massas sanguinolentas, espernearam no solo. Os homens não tiveram sequer um arranhão e saltaram para a garupa, atrás de dois seus amigos. Outro aeroplano flutuou sobre nós, com o motor parado. Duas novas bombas, e um choque — o que fez o meu camelo dar uma pirueta e me pôs meio fora da sela, com um ferimento queimante no cotovelo direito. Tive a impressão de haver sido gravemente ferido e comecei a chorar, pela pena que aquilo representava: ser posto fora de combate precisamente quando mais um dia de controle significaria um êxito enorme. O sangue escorreu pelo meu braço abaixo; talvez, se eu não olhasse para ele, o braço se comportasse ainda como se não estivesse ferido.

Meu camelo desviou-se de lado, ao espocar das balas de metralhadora. Agarrei-me ao arção e vi que meu braço estava ali, e que ainda era eficiente. Eu julgara que houvesse sido arrancado. Minha mão esquerda afastou a capa e apalpou, explorando o ferimento — e percebeu apenas uma lasca de metal, pequena e quente, excessivamente leve para causar dano verdadeiro depois de atravessar as dobras acumuladas da minha capa. Esta bagatela mostrava até que ponto meus nervos estavam exacerbados. Coisa bastante curiosa: foi a primeira vez que me vi ferido por estilhaço vindo do ar.

Pusemo-nos em ordem dispersa e marchamos à grande, conhecendo o terreno de cor; parávamos apenas para dizer aos jovens camponeses que encontrávamos que, agora, o trabalho estava em Mezerib. As sendas, pelos campos, apresentavam-se cheias desses moços, procedentes, a pé, de todas as aldeias, para nos auxiliar. Mostravam-se ardorosos; mas os nossos olhos haviam pousado por tanto tempo na magreza morena dos homens do deserto que aqueles alegres rapazes de aldeia, com suas faces rosadas, seus cabelos colantes e seus braços e suas pernas arredondados pareciam moças. Haviam arregaçado as roupagens acima do joelho para caminhar mais depressa; e os mais ativos corriam ao nosso lado, através dos campos, zombando e deixando atrás os meus veteranos.

Assim que chegamos a Mezerib, Durzi ibn Dughmi veio ao nosso encontro com a notícia de que os soldados de Nuri Said se achavam a apenas três quilômetros atrás de nós. Demos de beber aos camelos, e nós também bebemos demoradamente, pois aquele havia sido um dia longo, quente e ainda não estava terminado. Depois, da parte traseira do velho forte, olhamos por cima do lago, e vimos movimento na estação ferroviária francesa.

Alguns dos camponeses de pernas brancas nos contaram que os turcos a ocupavam com forças. Contudo, a aproximação era excessivamente tentadora. Abdulla conduziu o assalto, porque os meus dias de aventura estavam terminados, com a desculpa tosca de que a minha pele deveria reservar-se para emergências que justificassem o seu sacrifício. Além disto, eu queria entrar em Damasco. O trabalho daquele dia era muito fácil. Abdulla encontrou trigo e também farinha; e pequena soma de armas, cavalos e adornos. Isto excitou os meus amigos de acaso. Novos adeptos vieram correndo por cima da grama, como moscas ao mel. Tallal chegou, no seu costumeiro galope. Atravessamos o rio, caminhamos juntos para a colina do outro lado, metidos até os joelhos na erva, e vimos, por fim, a estação turca a trezentos metros à nossa frente. Deveríamos conquistá-la antes de atacar a grande ponte abaixo de Tell el Shehab. Tallal avançava descuidadamente. Os turcos apareceram à direita e à esquerda: "Vai tudo bem", disse ele, "eu conheço o chefe da estação": mas quando estivemos a duzentos metros de distância, vinte carabinas deflagraram uma escandalosa salva contra nós. Caímos, ilesos, em meio às ervas (quase todas eram cardos), e rastejamos com cautela para trás, enquanto Tallal blasfemava.

Meus homens ouviram, ou a Tallal ou à fuzilaria, e vieram, aos poucos, do lado do rio; mas nós ordenamos que regressassem, temendo houvesse metralhadoras nos edifícios da estação. Nuri Said foi pontual. Chegou em

companhia de Nasir, e consideramos juntos o assunto. Nuri observou que o atraso em Mezerib nos faria perder a ponte, que constituía objetivo muito maior. Concordei, mas pensei que este pássaro à mão pudesse bastar — pois a demolição da linha principal, por Peake, ficaria uma semana sem reparos — e que o fim da semana oferecesse nova situação.

Pisani, portanto, montou os seus canhões e fez fogo, com alvo à vista, utilizando-se de obuses poderosos. Sob a proteção destes tiros, com as nossas vinte metralhadoras a formar um forro sobre as nossas cabeças, Nuri marchou para a frente, enluvado e de espada à mão, para receber a rendição dos quarenta soldados deixados vivos.

A caminho desta rica estação, centenas de camponeses Hauhanis correram, gritando, tomados de frenesi, a fim de perpetuar o saque. Homens, mulheres e crianças lutaram como cães em torno de qualquer objeto. Portas e janelas, batentes e caixilhos, e até degraus de escadas, foram levados dali. Um homem, cheio de esperanças, fez saltar o cofre-forte, e encontrou dentro dele selos do correio. Outros arrombaram uma fileira de vagões, no desvio, lá encontrando toda espécie de mercadorias. Toneladas de coisas foram levadas. Contudo, mais ainda ficou esparramado no chão.

Young e eu cortamos os fios telegráficos, pois se tratava de uma importante rede de cabos e de linhas locais, sendo na verdade o principal recurso de comunicação do exército da Palestina com a base. Era agradável imaginar a nova blasfêmia de Liman von Sanders, em Nazaré, a cada fio cortado pelas nossas tesouras, que retinia pelo chão. Realizamos este trabalho vagarosamente, com solenidade, para retesar a indignação. A desesperançada falta de iniciativa dos turcos tornava o seu exército um corpo "dirigido", de maneira que, pela destruição dos telégrafos, dávamos grandes passos no sentido de o transformar em motim sem chefe. Depois do telégrafo, fizemos saltar as agulhas de desvio, e colocamos tulipas: não muitas, mas o suficiente para aborrecer. Enquanto trabalhávamos, uma locomotiva leve desceu pela linha, vindo de Deraa, em inspeção. Os rumores e as nuvens de poeira das nossas tulipas perturbaram-na. Retirou-se discretamente. Mais tarde, um aeroplano nos visitou.

Entre o material rodante capturado sobre vagões de carga, encontramos dois caminhões apinhados de especiarias para alguma cantina alemã. Os árabes, desconfiando de latas e de vidros de conserva, haviam estragado quase tudo; mas conseguimos algumas sopas e alguma carne, e mais tarde Nuri Said nos deu aspargos em conserva. Encontrara um árabe abrindo a caixa para saber o que nela se continha, e gritara-lhe: "Ossos de porco", horrorizado, quando o conteúdo

apareceu à luz. O camponês cuspiu e deixou cair tudo; Nuri, rapidamente, pôs tudo o que lhe foi possível nos seus alforjes.

Os caminhões continham enormes tanques de gasolina. Atrás deles, havia alguns vagões de lenha. Ateamos fogo a tudo, ao crepúsculo, quando a pilhagem já estava terminada e quando as tropas e os homens de tribo se retiravam para a grama fofa, junto do escoadouro do lago.

As esplêndidas labaredas, espalhando-se ao longo da linha de vagões, iluminaram a nossa refeição noturna. A lenha queimava-se produzindo um clarão firme, e as línguas de fogo, bem como as explosões de gasolina, subiam, fulgurando, ainda mais altas do que os reservatórios de água. Deixamos que os homens fizessem pão, tomassem sopa e repousassem, antes da tentativa noturna contra a ponte de Shehab, que ficava a cinco quilômetros, do lado do ocidente. Tínhamos pensado em atacar ao anoitecer, mas o desejo de nos alimentar fez-nos parar; depois, tivemos bandos de visitantes, porquanto a coluna luminosa do incêndio anunciava a nossa presença a metade do Hauran.

Os visitantes eram os nossos olhos, e tinham de ser bem recebidos. Minha tarefa estava em avistar-me com todos que trouxessem notícias e deixá-los falar por si, para depois arrumar e combinar as verdades vindas de diferentes pontos, num quadro completo, dentro do meu espírito. Quadro completo, porque me dava segurança no julgamento; mas não consciente, nem lógico, pois os meus informantes eram tantos que me informavam até confundir-me; e o meu espírito, sozinho, arqueava sob todas aquelas exigências.

Homens afluíram, vindo em torrentes, do norte, sobre cavalos, sobre camelos e a pé, às centenas e centenas, numa terrível grandeza de entusiasmo, pensando que aquilo fosse a ocupação final do país, e que Nasir poria a chancela na sua vitória tomando Deraa, à noite. Os próprios magistrados de Deraa vieram para nos abrir a sua cidade. Aceitando o oferecimento, passaríamos a ser senhores do fornecimento de água à estação ferroviária, que deveria inevitavelmente ceder; contudo, mais tarde, se a ruína do exército turco fosse lenta, seríamos repelidos de novo para fora dali e perderíamos os homens da planície entre Deraa e Damasco, em cujas mãos a nossa vitória final se encontrava. Ótimo cálculo, embora nada novo; mas, em conjunto, os argumentos eram ainda contrários à tomada de Deraa. Mais uma vez tivemos de afastar os nossos amigos, com desculpas que estivessem ao alcance da sua compreensão.

CAPÍTULO 111

Trabalho lento; e quando, por fim, estávamos prontos, nosso visitante apareceu: o jovem chefe de Tell el Shehab. Sua aldeia era a chave da ponte. Descreveu a posição; a grande guarda; como ela se achava situada. Obviamente, o problema seria mais difícil do que havíamos suposto, se a sua narrativa fosse verdadeira. Duvidamos disto, pois seu pai, recentemente falecido, nos havia sido hostil, e o filho parecia-nos devotado à nossa causa de maneira excessivamente súbita. Contudo, o rapaz terminou sugerindo que voltaria depois de uma hora, com o oficial comandante da guarnição, seu amigo. Mandamo-lo buscar o seu turco, e ordenamos às tropas ansiosas que se deitassem para outro breve repouso.

Logo o menino voltou com um capitão, um armênio, ansioso por fazer mal ao seu governo, de qualquer maneira possível. Mostrava-se também muito nervoso. Foi trabalho áspero convencê-lo das nossas luzes. Seus subalternos, disse-nos, eram turcos leais, sendo alguns oficiais não comissionados. Propôs que nos aproximássemos da aldeia e que ali ficássemos, secretamente, enquanto três ou quatro dos nossos homens mais decididos iriam ocultar-se no seu quarto. Ele chamaria os seus subordinados, um por um; e cada qual, assim que entrasse, seria amarrado pelos nossos homens.

Isto parecia irromper de livros de aventura; concordamos entusiasticamente. Eram nove horas da noite. Às onze, em ponto, nós nos alinharíamos ao redor da aldeia, à espera de que o xeque levasse os nossos robustos homens à casa do comandante. Os dois conspiradores partiram satisfeitos, enquanto despertamos o exército que dormia o sono da exaustão, ao lado dos camelos carregados. As trevas eram densas.

Meus guardas de escolta prepararam cargas de gelatina para a demolição da ponte. Enchi meus bolsos de detonadores. Nasir enviou homens a cada seção do corpo de cameleiros, a fim de comunicar a próxima aventura, para que todos se colocassem ao seu nível: era preciso que montassem silenciosamente, sem o

desastre dos mugidos de camelos. Os cameleiros aprontaram-se. Em longa linha dupla, a nossa força desceu, às apalpadelas, uma senda sinuosa, ao lado de um canal de irrigação, sobre a crista da colina divisória. Se houvesse traição à nossa frente, aquela pista nua seria uma armadilha fatal, sem recursos à direita nem à esquerda, estreita, tortuosa e escorregadia por causa da água do canal. Nasir e eu fomos em primeiro lugar, com os nossos homens, os quais caminhavam com os ouvidos treinados atentos a todo rumor, e com os olhos em guarda constante. Diante de nós, havia uma cascata, cujo barulho opressivo emprestara caráter àquela inesquecível noite quando, com Ali ibn el Hussein, tentamos destruir esta ponte pelo outro paredão da colina. Apenas, nesta noite, estávamos mais próximos, de maneira que o barulho líquido subia opressivamente e enchia os nossos ouvidos.

Agora deslizamos muito lenta e cuidadosamente, sem fazer rumor, por irmos a pés nus, enquanto, por trás de nós, a soldadesca mais pesada ondulava, retendo a respiração. Também as tropas não produziam ruídos, porque os camelos se moviam sempre em silêncio, durante a noite, e nós havíamos amarrado as cargas para que não se sacudissem e as selas para que não rangessem. Aquela quietude tornava a escuridão ainda mais escura, e mais profunda a ameaça daqueles vales murmurantes, de ambos os lados. Ondas de ar úmido, vindas do rio, chegavam até nós, batendo-nos geladamente nas faces; e então Rahail veio abaixo, rapidamente, pela minha esquerda; agarrou-me pelo braço, apontando para uma lenta coluna de fumaça branca que subia do vale.

Corremos para a borda da encosta, e espiamos; mas o abismo era todo cor de cinza, por causa da neblina que se erguia da água, e só vimos a ofuscação e o pálido vapor espiralando acima do banco de bruma horizontal. Em algum lugar, por ali abaixo, ficava a estrada de ferro; e suspendemos a marcha, com receio de que se tratasse da suspeitada armadilha.

Três do nosso grupo, comigo, desceram, pé ante pé, pela encosta escorregadia, até que pudemos ouvir vozes. Aí, de súbito, a fumaça se quebrou e espiralou, com trepidação de torneira de vapor que se abre e, a seguir, houve o chiar dos freios, como se uma locomotiva tornasse a parar. Deveria haver um longo trem à espera, lá embaixo; tranqüilizados, marchamos de novo para o esporão, bem abaixo da aldeia.

Estendemo-nos em linha, através da passagem, e esperamos cinco minutos, dez minutos. Passaram lentamente. A noite densa, antes do surgir da lua, impunha-nos silêncio por sua compacticidade, e teria compelido à paciência os nossos inquietos companheiros mesmo sem as advertências adicionais dos cães e

sem a intermitente voz interrogativa das sentinelas junto da ponte. Afinal, permitimos que os homens deslizassem em silêncio, dos camelos ao chão, e ficamos a cismar sobre aquela demora, sobre a vigilância dos turcos e sobre o significado daquele trem silencioso, parado debaixo de nós, no vale. Nossas capas de lã ficaram duras e pesadas de neblina, e começamos a tremer.

Depois de longo tempo, uma mancha mais clara apareceu através da escuridão. Era o menino xeque, que vinha mantendo aberta a sua capa escura para nos mostrar a camisa branca, como uma bandeira. Murmurou que o plano fracassara. Um trem (aquele que estava na colina), acabava de chegar com um coronel alemão e as reservas alemãs e turcas, vindas de Afuleh, enviadas por Liman von Sanders, a fim de socorrer Deraa tomada de pânico.

Haviam prendido o pequeno armênio, por ausentar-se do seu posto. O inimigo dispunha de metralhadoras a granel, e as sentinelas patrulhavam as vizinhanças com zelo incessante. De fato, surgiu um forte piquete na senda, a menos de cem metros do ponto em que nos sentávamos; a extravagância daquela mútua situação me fez rir, embora silenciosamente.

Nuri Said ofereceu-se para tomar a praça pela força. Tínhamos bombas suficientes e foguetes luminosos; o número e a preparação estariam do nosso lado. Era uma oportunidade excelente; mas eu estava calculando o valor do objetivo em termos de vidas e, como sempre, achava-o muito caro. Sem dúvida, muitas coisas feitas na guerra eram excessivamente caras, e seguiríamos bom exemplo se nos atirássemos contra a praça. Mas eu, apesar dos meus protestos, sentia-me secretamente orgulhoso por haver planejado as nossas campanhas; assim, disse a Nuri que votava contra. Naquele dia, havíamos cortado duas vezes a estrada de ferro Damasco-Palestina; e o fato de atrair para ali a guarnição de Afuleh era o terceiro benefício para Allenby. Nosso compromisso já estava sobejamente honrado.

Nuri, depois de pensar um instante, concordou. Dissemos boa-noite ao rapazola, que procurara honestamente fazer muito por nós. Passamos pela linha toda, murmurando a cada homem que voltasse em silêncio. Depois sentamo-nos, em grupo, com as nossas carabinas (a minha trazia a inscrição em ouro Lee-Enfield, era troféu dos Dardanelos e fora dada por Enver a Feisal, anos antes), à espera de que os nossos homens passassem além da zona de perigo.

Coisa estranha: este foi o momento mais duro da noite. Agora que o trabalho estava terminado, mal podíamos resistir à tentação de molestar aqueles estraga-prazeres alemães. Seria tão fácil atirar um Very luminoso dentro do seu acampamento; e os homens solenes correriam com pressa ridícula para as suas

armas, e pôr-se-iam a atirar intensamente contra o flanco da colina, silencioso, nu e vazio, aos seus pés. Idêntica idéia se apresentou, independentemente, a Nasir, a Nuri Said e a mim. Emitimo-la abruptamente, ao mesmo tempo, e de pronto cada qual se sentiu envergonhado pela infantilidade dos outros dois. Por meio de precauções mútuas, tratamos de manter a nossa respeitabilidade. Em Mazerib, depois da meia-noite, sentíamos que alguma coisa deveria ser feita, para vingar a ponte confiscada. Assim, dois grupos dos meus companheiros, com guias fornecidos pelos homens de Tallal, foram além de Shehab, e cortaram a linha duas vezes, do outro lado da ponte, em depressões desertas. Os ecos das explosões proporcionaram má noite ao destacamento alemão. Foguetes luminosos foram acesos, e as vizinhanças foram revistadas, para se descobrir algum ataque em gestação.

Sentimo-nos satisfeitos por lhes impor uma noite tão fatigante como a nossa, pois, desta forma, também eles se mostrariam desalentados na manhã seguinte. Os nossos amigos continuavam a acorrer a cada minuto, para beijar as nossas mãos e jurar fidelidade eterna. Seus cavalos nervosos riscavam o nosso campo brumoso, por entre as centenas de homens adormecidos e de camelos inquietos, cujos enormes maxilares mastigaram toda a noite a fina grama engolida durante as horas do dia.

Antes da madrugada, os outros canhões de Pisani e o resto das tropas de Nuri Said chegaram de Tell Arar. Havíamos escrito a Joyce que, pela manhã, voltaríamos pelo sul, ao encontro de Nisib, a fim de completar o círculo em torno de Deraa. Sugeri-lhe que fosse diretamente para trás de Umtaiye, e que ali esperasse por nós; porque aquele ponto, com a água abundante, as esplêndidas pastagens e a igualdade de distância entre Deraa, Djebel Druse e o deserto Rualla, parecia o lugar ideal para nos encontrarmos, à espera de notícias sobre a sorte de Allenby. Tendo Umtaiye em nossas mãos, cortávamos de igual maneira, de Damasco, o quarto exército turco de além-Jordão (nosso alvo especial); e ficávamos em condições de renovar rapidamente as nossas demolições do tronco ferroviário assim que o inimigo estivesse prestes a terminar os consertos.

CAPÍTULO 112

Com relutância, dispusemo-nos para mais outro dia de esforços e despertamos o exército, que passou em enorme tumulto através da estação de Mezerib. As nossas fogueiras estavam extintas e o lugar apresentava-se mal. Young e eu, à vontade, colocamos tulipas, enquanto as tropas se diluíam pelo chão irregular, a caminho de Remthe, a fim de ficar fora da vista, tanto de Deraa como de Shehab. Os aeroplanos turcos roncavam sobre nossas cabeças, à nossa procura, de maneira que mandamos os camponeses, através de Mazerib, de volta às suas aldeias. Conseqüentemente, os homens do ar informaram que éramos numerosos, talvez oitocentos ou novecentos, e que os nossos movimentos centrífugos pareciam orientar-se por todas as direções ao mesmo tempo.

Para aumentar o espanto inimigo, as cargas de longo pavio dos artilheiros franceses fizeram saltar a torre de água de Mezerib, com formidável estrondo, horas depois da nossa passagem. Os alemães marchavam de Shehab para Deraa, naquele momento, e o choque inexplicável fez com que estes mal-humorados voltassem para ali, pondo-se em guarda até tarde do dia.

Entrementes, já nos achávamos bem longe, marchando com energia a caminho de Nisib, cujo topo de colina atingimos pelas quatro horas da tarde. Demos breve repouso à infantaria montada enquanto dispúnhamos os artilheiros e as metralhadoras na crista da primeira colina, de onde o chão se afundava rapidamente até a estação ferroviária.

Colocamos as peças ali, ao abrigo, e pedimos às forças que abrissem fogo, resolutamente, contra os edifícios da estação, a dois mil metros de distância. As seções de Pisani agiram, emulando-se umas às outras, de maneira que, dentro em pouco, buracos dilacerados apareceram nos telhados e nos galpões. Ao mesmo tempo, conduzimos os metralheiros à frente, à esquerda, para que atirassem contra as trincheiras, que responderam com fogo intenso e obstinado. Entretanto, as nossas tropas tinham abrigos naturais e a vantagem do sol da tarde

pelas costas. Assim, não sofremos coisa alguma. Nem o inimigo. Logicamente, isto era apenas um jogo, não estando a conquista da estação no nosso plano. O nosso objetivo real era a grande ponte ao norte da aldeia. A crista, por baixo dos nossos pés, curvava-se como longo chifre até aquela obra, servindo como uma das margens do vale, cuja abertura a ponte fora construída para abarcar. A aldeia ficava na outra encosta. Os turcos sustentavam a ponte por meio de pequeno reduto, mantendo o contato com ela mediante fuzileiros postados na aldeia, ao abrigo das muralhas.

Viramos dois dos canhões de Pisani e seis metralhadoras para o posto da ponte, pequeno mas profundamente entrincheirado, esperando forçar os seus defensores a sair. Cinco metralhadoras dirigiram o fogo contra a aldeia. Em quinze minutos, os notáveis do lugar vieram a nós, muito perturbados. Nuri apresentou, como condição para a cessação do fogo, a expulsão imediata dos turcos de suas casas. Prometeram-lhe. Assim, a estação e a ponte ficaram divididas.

Redobramos o vigor contra estes objetivos. O fogo, partindo das quatro alas, tornou-se violento, graças às nossas vinte e cinco metralhadoras, encontrando-se os turcos também abundantemente equipados. Por fim, pusemos os quatro canhões de Pisani contra o reduto; e, depois de algumas salvas, julgamos ver a sua guarda deslizar das trincheiras bombardeadas, através da ponte, para se abrigar atrás da terraplenagem da estrada de ferro.

A terraplenagem tinha seis metros de altura. Se a guarda da ponte preferisse defendê-la através dos seus arcos, ficaria em posição que muito nos custaria. Entretanto, calculávamos que a atração dos companheiros da estação levaria os seus componentes para fora dali. Chamei a metade da minha escolta, a qual, conduzindo explosivos, tomou caminho ao longo da crista da metralhadora até chegar à distância de um arremesso de pedra do reduto.

Era uma nobre tarde aquela, dourada, suave e indescritivelmente tranqüila; estranha moldura para o nosso canhoneio incessante. A luz em declínio amortecia os ângulos das dunas, pois os seus raios macios as modelavam, tornando-lhes os contornos mais sutis, numa delicada complexidade de planos. A seguir, o sol desceu outro segundo, e a superfície se fez penumbrosa, acima da qual, por um momento, emergiram cintilantemente os seixos que a juncavam; todas as facetas ocidentais (refletindo) tremeluziam, como um diamante negro junto de uma flama.

Tarde bem inadequada para morrer, é o que os meus homens pareciam pensar; pela primeira vez, seus nervos cederam, e eles se recusaram a sair dos

abrigos expondo-se às balas repipocantes do inimigo. Sentiam-se cansados, e os camelos estavam tão extenuados que apenas podiam caminhar; sabiam, de resto, que uma bala, acertando na carga de gelatina explosiva, projetá-los-ia à altura do céu.

A tentativa para os animar com pilhérias fracassou; por fim, abandonei-os; escolhi apenas Hemeid, o mais moço e o mais tímido dentre eles, para vir comigo até ao topo da colina. Ele tremia como se estivesse em pleno pesadelo, mas me seguiu sem dizer palavra. Fomos pela encosta da colina abaixo, até a orla extrema, para examinar de perto a ponte.

Nuri Said estava ali, chupando o seu cachimbo de sarça e brincando com os artilheiros, os quais sustentavam uma barragem por cima das estradas escuras que ficavam entre a ponte, a aldeia e a estação. Nuri, sentindo-se feliz, propôs-me planos de ataque e de assaltos alternados contra aquela estação, que não desejávamos assaltar. Discutimos teorias durante dez minutos, perfilados sobre o céu; Hemeid encolhia-se na sela quando as balas, algumas das quais ricocheteadas, silvavam passando por nós, ou quando os ricochetes zuniam, como abelhas lentas e famintas, aos nossos ouvidos. Os poucos tiros mergulhavam nos seixos, fazendo saltar poeira calcária que depois pairava, transparente, por um momento, na luz refletida.

Nuri concordou em cobrir os meus movimentos na direção da ponte, da melhor maneira que lhe fosse possível. Expedi Hemeid de regresso, com o meu camelo, para dizer aos restantes da guarda que eu os feriria pior do que com balas se não o seguissem através da zona de perigo, para se encontrarem comigo: porque eu tencionava dar voltas até ficar certo de que o posto da ponte estava vazio.

Enquanto eles hesitavam, apareceu Abdulla, o imperturbável, o imprevidente, o aventureiro, que nada temia; surgiram também os Zaagis. Estes, loucos de raiva por me haverem deixado descer só, correram para os atemorizados, que atravessaram a colina com apenas seis arranhões de balas. O reduto estava, de fato, abandonado; assim, apeamos, e fizemos sinal para que Nuri cessasse o fogo. No silêncio, deslizamos discretamente através dos arcos da ponte, encontrando-os também desocupados.

A toda pressa, empilhamos explosivos contra os pilares, que tinham a espessura de cerca de dois metros e a altura de sete; boa ponte, a minha septuagésima nona, e estrategicamente muito crítica, visto como deveríamos viver do lado oposto a ela, em Umtaiye, até que Allenby avançasse e viesse aliviar-nos. Assim, determinei não deixar sequer uma pedra dela no seu lugar.

Nuri, entrementes, apressava a infantaria, os artilheiros e os metralhadores, à luz espessa do crepúsculo, a caminho da linha, com ordens de ir até um quilômetro além, dentro do deserto, passar em forma de coluna, e esperar.

Contudo, a passagem de tantos camelos por cima da linha tomaria tempo tediosamente longo. Sentamo-nos e tagarelamos por baixo da ponte, com os fósforos à mão, para acender imediatamente o pavio (a despeito das tropas) se houvesse qualquer alarme. Felizmente, tudo correu bem e, depois de uma hora, Nuri deu-me o meu sinal. Meio minuto depois (a minha preferência por pavios de quinze centímetros!), exatamente quando entrei no reduto turco, os trezentos e cinqüenta quilos de explosivos estouraram num só estrondo, e o ar negro tornou-se sibilante por causa das pedras que voavam. A explosão foi ensurdecedora à minha distância de vinte metros, e deve ter sido ouvida a meio caminho de Damasco.

Nuri, muito preocupado, veio buscar-me. Havia dado o sinal de "tudo pronto" antes de saber que uma companhia de infantaria montada estava faltando. Felizmente, os meus guardas ardiam por um trabalho que os redimisse. Talal el Hareidhin tomou-os consigo, indo colinas acima, enquanto Nuri e eu ficamos junto à bocarra escancarada que tinha sido a ponte e acendemos uma tocha elétrica, a fim de oferecer-lhes ponto fixo de referência para o regresso.

Mahmud voltou dentro de meia hora, triunfalmente, conduzindo a unidade perdida. Disparamos tiros para chamar os outros que a haviam ido procurar, e depois marchamos três ou quatro quilômetros, no descampado, a caminho de Umtaiye. O chão tornou-se muito acidentado, leito de cascalhos de dolerite escorregadia; assim, foi com alegria que demos ordem de alto, e que nos deitamos em meio aos oficiais, para o merecido sono.

CAPÍTULO 113

Parecia, entretanto, que Nasir e eu tínhamos de abandonar o hábito de dormir. Os estrondos que produzíramos em Nisib haviam anunciado a nossa presença tão amplamente como as labaredas de Mezerib. Mal nos havíamos aquietado, e já visitantes afluíram a nós, de três lados, para discutir os últimos acontecimentos. Dizia-se que estávamos procedendo a incursões e não à ocupação; que, mais tarde, correríamos para longe, como fizeram os ingleses em Salt, deixando que os nossos amigos locais pagassem as conseqüências.

A noite, hora após hora, foi interrompida por estes recém-vindos que clamavam ao redor do nosso acampamento, gritando para indicar a sua posição, como almas perdidas; e, à maneira camponesa, os que iam sendo recebidos babavam sobre nossas mãos, protestando que éramos os seus mais elevados senhores e eles os nossos mais humildes criados. Talvez a acolhida, aos olhos deles, ficasse aquém do padrão usual; mas, em compensação, aplicaram-nos a tortura de nos manter despertos — penosamente despertos. Tínhamos estado em tensão durante três dias e três noites; pensando, ordenando, executando; e, agora, já na iminência do repouso, era amargo esbanjar também esta quarta noite, no jogo dúbio, velho e sem lustre, de angariar amigos.

E o seu moral destroçado impressionava-nos cada vez pior; Nasir puxou-me para um lado e murmurou que sem dúvida, existia um foco de descontentamento ali por perto. Mandei que os meus guardas camponeses fossem mesclar-se aos aldeães e descobrir a verdade; e, pelas informações que trouxeram, parecia que a causa da desconfiança residia no primeiro povoado, em Taiyibe, que havia sido sacudido pelo regresso dos carros blindados de Joyce, no dia anterior, por alguns incidentes ocasionais e pelo justo receio de que ficara sendo o ponto mais exposto, por causa da nossa retirada.

Chamei Aziz, e juntos galopamos diretamente para Taiyibe, por cima de ásperos trechos de lava, sem pistas, semeados de muralhas de pedra lascada. Na

choupana do chefe, reunia-se o conclave que infestara os nossos visitantes. A assembléia discutia sobre quem se deveria enviar para implorar mercê aos turcos; foi quando entramos, sem ser anunciados. A nossa simples chegada ofuscou-os a todos, pela suprema segurança que pressupunha. Falamos ao léu durante uma hora, sobre colheitas e preços de custo, e bebericamos café; depois, erguemo-nos para sair. Atrás de nós, as tagarelices irromperam de novo; mas agora o espírito inconstante dos aldeães virava de acordo com o nosso vento, que lhe parecia mais forte, e não enviaram palavra alguma ao inimigo, muito embora fossem, no dia seguinte, bombardeados, por tão opiniática cumplicidade conosco.

Chegamos de regresso antes da madrugada e deitamo-nos para dormir. De súbito, ouviu-se forte detonação vinda do lado da estrada de ferro, e uma bala explodiu além das nossas hostes adormecidas. Os turcos haviam remetido um trem blindado, carregando um canhão de campanha. Da minha parte, eu teria deixado passar, pois o meu sono fora suficientemente longo, o bastante para me fazer desejar loucamente dormir mais: mas o exército dormira seis horas, e agora punha-se em movimento.

Corremos através do horrível terreno. Um aeroplano surgiu, e começou a fazer voltas, a fim de auxiliar os artilheiros. As balas mantiveram o passo com a nossa linha de marcha. Dobramos de velocidade, e dividimo-nos em procissão de ordem bem dispersa. O aeroplano, que orientava o tiro, começou a ratear de súbito, inclinou-se de lado, na direção da linha, e pareceu aterrissar. O canhão disparou mais um tiro feliz, que matou dois camelos; mas, em seguida, perdeu a precisão, e, depois de cerca de cinqüenta tiros, pusemo-nos fora do seu alcance. A peça passou a castigar Taiyibe.

Joyce, em Umtaiye, fora despertado pela nossa fuzilaria, e saiu para nos dar as boas-vindas. Por trás da sua alta figura as ruínas estavam cobertas por um bando variegado de homens — amostras de cada aldeia e de cada tribo do Hauran, gente vinda para prestar homenagem e oferecer-nos, pelo menos em palavras, os seus serviços. Para desgosto profundo de Nasir, deixei estes homens com ele, saí com Joyce e Winterton; contei-lhes o caso do aeroplano que descera, e sugeri que um carro blindado fosse forçá-lo a retirar-se. Precisamente a esta altura, mais dois aviões inimigos apareceram e aterrissaram nas redondezas do mesmo ponto.

Entretanto, o almoço, o primeiro depois de longo tempo, ia ficando pronto. Assim, sentamo-nos, e Joyce contou como os homens de Taiyibe haviam atirado contra ele quando por lá passara, presumivelmente para mostrarem a sua opinião a respeito de estrangeiros que irritavam ninhos de vespas de turcos, e que depois fugiam!

O almoço terminou. Chamamos por um carro voluntário que fosse investigar o aeródromo inimigo. Todos se fizeram à frente, com uma boa vontade silenciosa e uma disposição que me apertaram a garganta, pela emoção. Finalmente, Joyce escolheu dois carros — um para Junor e outro para mim — e rodamos oito quilômetros a caminho do vale em cuja boca me parecera que os aviões houvessem aterrissado.

Com os carros em surdina, deslizamos pela encosta. Quando chegamos a cerca de dois mil metros da estrada de ferro, o chão fez um cotovelo, desembocando numa pradaria chata, em cuja borda oposta se achavam os três aeroplanos. Magnífico. Saltamos para a frente, parando diante de um fosso profundo, dotado de margens retas, de terra quebradiça, perfeitamente intransponível.

Corremos loucamente ao longo do fosso, por uma estrada diagonal, até que chegamos a mil metros. Assim que paramos, dois dos aeroplanos partiram. Abrimos fogo, acertando o tiro através das nuvens de poeira; mas já os aparelhos se despegavam do solo, balançando e repipocando, pela amplidão, sobre nossas cabeças.

O terceiro aeroplano estava de mau humor. Seu piloto e seu observador davam furiosamente à hélice, enquanto nós íamos atirando cada vez de mais perto. Finalmente, ambos os homens do ar saltaram para a trincheira da estrada de ferro, e deflagramos tiros após tiros na fuselagem, até que esta dançou sob a rajada. Assestamos mil e quinhentas balas no alvo (os turcos queimaram o aparelho, naquela tarde) e depois voltamos ao ponto de partida.

Infelizmente, os dois aviões que partiram tinham tido tempo de ir a Deraa e de regressar, cheios de despeito. Um não foi hábil, e lançou as suas quatro bombas de grande altura, errando o alvo, de muito. O outro piloto voou baixo, largando uma bomba por vez, com o máximo cuidado. Rodamos à frente, sem defesa, devagar, por entre pedras, sentindo-nos como sardinhas numa lata condenada, à medida que as bombas explodiam cada vez mais perto. Um dos aparelhos lançou uma chuva de pequenos pedaços de ferro sobre o posto do condutor do carro, mas apenas produziu cortes nos nós das nossas falanges. O outro fez estourar um pneumático dianteiro, o que quase levou o nosso carro a capotar.

Dentre todos os perigos, prefiro o que for solitário. De qualquer maneira, atingimos Umtaiye em boas condições, e informamos Joyce a respeito do que acontecera. Havíamos provado aos turcos que aquele aeródromo não se adequava ao seu uso; e que Deraa ficava igualmente exposta ao assalto dos carros. Mais

tarde, deitei-me à sombra do carro e dormi; todos os árabes do deserto, e todos os aeroplanos turcos que vieram e nos bombardearam, não produziram efeito algum contra a minha paz. No entrechocar-se dos acontecimentos, os homens se tornavam febrilmente infatigáveis, mas, naquele dia, já havíamos terminado o nosso primeiro ciclo, com felicidade; e era necessário que eu repousasse, para clarear meu espírito e estudar as próximas operações. Como de costume, assim que me deitei caí no sono, e dormi até a tarde.

Estrategicamente, nossa tarefa consistia em sustentar Umtaiye, que nos dava domínio, à vontade, das três estradas de ferro de Deraa. Se sustentássemos aquela posição por mais outra semana, estrangularíamos os exércitos turcos, por pouco que Allenby fizesse. Contudo, taticamente, Umtaiye era lugar perigoso. Uma tropa inferior em número, exclusivamente composta de regulares, sem possuir cortinas de guerrilhas, não poderia sustentá-la com segurança; todavia, a isto logo ficaríamos reduzidos, se a nossa insuficiência aérea continuasse tão patente.

Os turcos tinham pelo menos nove aeroplanos. Nós estávamos reunidos a dezenove quilômetros do seu aeródromo, no deserto descampado, perto do único ponto possível de fornecimento de água, com grandes hordas de camelos e muitos cavalos necessariamente a pastar ao nosso redor. O começo do bombardeio dos turcos fora suficiente para inquietar os irregulares que representavam os nossos olhos e os nossos ouvidos. Logo abandonariam tudo e iriam para suas casas, e a nossa utilidade seria dada por finda; Taiyibe, também, primeira aldeia que nos cobria contra as irrupções de Deraa, ficava sem defesa e a tremer, sob ataques repetidos. Se quiséssemos permanecer em Umtaiye, seria preciso que Taiyibe se sentisse satisfeita conosco.

Evidentemente, o nosso primeiro dever era obter reforço aéreo de Allenby, que havia combinado nos fosse remetido um avião de informações, para Azrak, dois dias depois. Julguei conveniente ir em pessoa falar com Allenby. Eu poderia estar de regresso no dia 22. Umtaiye resistiria até lá, pois nós podíamos sempre despistar os aeroplanos inimigos por algum tempo, movendo-nos para Um el Surab, cidade romana mais próxima.

Fosse em Umtaiye, fosse em Um el Surab, para nos mantermos a salvo era preciso que continuássemos com a iniciativa. O lado de Deraa estava temporariamente fechado, pela desconfiança dos camponeses: — só restava a linha do Hedjaz. A ponte do quilômetro 149 estava quase concertada. Precisávamos demoli-la de novo, e derrubar outra, ao sul, a fim de impedir o acesso aos trens que transportassem material e trabalhadores para os consertos. Um esforço tentado por Winterton, no dia anterior, revelara que a primeira

demolição era assunto para tropas e metralhadoras. A segunda constituía objetivo de incursão. Saí para ver se a minha escolta conseguiria efetuá-la, comigo, no nosso trajeto, a caminho de Azrak.

Alguma coisa não estava certa. Meus guardas tinham os olhos vermelhos, mostravam-se hesitantes, tremiam; por fim, compreendi que, enquanto eu estivera longe, pela manhã, os Zaagis, Abdulla e outros chefes haviam castigado impiedosamente os que titubearam em Nisib. Era direito deles, porquanto, desde Tafileh, eu entregara a disciplina à própria companhia; mas o efeito, no momento, foi o de os tornar inúteis para os meus propósitos. Aquela punição fora precedida pelo medo; mas a memória da sua aplicação provocava uma indomabilidade ainda mais selvagem no círculo das vítimas mais robustas, abrindo a possibilidade de crimes de violência no seio das testemunhas. Os homens, agora, seriam perigosos para mim, para eles próprios, ou para o inimigo, de acordo com o capricho da oportunidade, se entrássemos em ação naquela noite.

Assim, ao contrário, sugeri a Joyce a conveniência de os egípcios e os Ghurkas regressarem a Akaba; propus-lhe, a seguir, que me emprestasse um carro blindado, para eu ir com eles até a estrada de ferro, sua primeira etapa, e ali fazer o que pudesse ser feito. Fomos ter com Nasir e Nuri Said, e contamos-lhes que eu estaria de volta no dia 22, trazendo aeroplanos de combate, a fim de nos livrarmos dos reconhecimentos e dos bombardeios aéreos inimigos. Entrementes, pagaríamos indenizações em dinheiro a Taiyibe, pelos danos causados pelos turcos, e Joyce construiria campos de pouso ali e em Um el Surab, à vista do meu regresso com reforços aéreos.

A demolição daquela noite foi uma confusão fantástica. Partimos ao crepúsculo para o vale aberto, cinco quilômetros folgados longe da estrada de ferro. Os embaraços poderiam ameaçar-nos da estação de Mafrak. Meu carro blindado, secundado por Junor que ia no seu Ford, montaria guarda a este lado, contra avanços hostis. Os egípcios iriam diretamente à linha e atearíam fogo às suas cargas de explosivos.

Servindo de guia, perdi a rota. Erramos por três horas em pleno labirinto de vales, incapazes de encontrar a estrada de ferro, ou os egípcios, ou o nosso ponto de partida. Por fim, vimos uma luz e rumamos para ela, encontrando-nos em frente a Mafrak. Voltamos para tomar posição, e ouvimos o resfolegar de uma locomotiva rodando para fora da estação, a caminho do norte. Demos caça à sua flama intermitente, esperando aprisioná-la entre nós e a ponte destruída: mas,

antes que a alcançássemos, vimos clarões e ouvimos explosões, bem adiante, pois Peake pusera fogo às suas trinta cargas.

Alguns homens montados galoparam, passando por nós, em direção ao sul. Atiramos contra eles, e depois o trem de patrulha regressou, fugindo a toda velocidade do perigo representado por Peake. Corremos paralelamente ao trem, e abrimos fogo contra a linha com as nossas Vickers, enquanto Junor expedia uma chuva verde de balas luminosas, com a sua Lewis, à cata do alvo, através da escuridão. Acima do nosso tiroteio e do barulho da locomotiva, ouvimos os rugidos dos turcos, tomados de terror perante aquele ataque luminoso. Atiraram em resposta, asselvajadamente, mas quando o fizeram o nosso grande carro de súbito rateou e parou. Uma bala havia furado a extremidade não blindada do tanque de gasolina, único ponto desprotegido de todos os nossos carros. Foi preciso uma hora para que conseguíssemos sanar o problema.

A seguir, rodamos ao longo da linha silenciosa, até os trilhos retorcidos e os túneis hiantes, mas não pudemos encontrar os nossos amigos. Voltamos, pois, cerca de um quilômetro e meio, e ali, por fim, acabei de dormir, em três horas completas de perfeito sono, antes da madrugada. Despertei refeito e reconheci o lugar. Provavelmente, fora apenas a minha quinta noite sem dormir que tornara os meus sentidos um pouco embotados. Fomos para diante, passando os egípcios com os Ghurkas, e chegamos a Azrak no começo da tarde. Lá se encontravam Feisal e Nuri Shaalan, ansiosos por ouvir notícias nossas. Explicamos tudo, pormenorizadamente; e depois fui ter com Marshall, no hospital provisório. Ele tinha aos seus silenciosos cuidados todos os nossos feridos graves; mas estes eram menos do que ele esperava, de maneira que pôde dar-me uma padiola para me servir de cama.

De madrugada, Joyce apareceu inesperadamente. Cuidara ser seu dever, durante aquela pausa, descer até Aba el Lissan, a fim de auxiliar Zeid e Jaafar, em face de Maan, e fazer Hornby avançar por entre os Beni Sakhrs. Depois, chegou o aeroplano da Palestina, e recebemos a primeira e entusiasmante notícia da vitória de Allenby. Este havia esmagado, furado a linha e repelido os turcos, de maneira inconcebível. A fisionomia da nossa guerra estava mudada; advertimos Feisal a toda pressa, dando-lhe conselhos para que a revolta geral tirasse proveito da situação. Uma hora mais tarde, encontrava-me são e salvo na Palestina.

De Ramleh, a Força Aérea deu-me um automóvel para me conduzir ao quartel-general; e ali encontrei o grande homem impassível, só percebendo brilho, em seus olhos, quando Bols, a cada quinze minutos, entrava

precipitadamente, trazendo notícias de êxitos cada vez maiores. Allenby estava tão certo do êxito antes de começar a operação que para ele o resultado constituía quase um aborrecimento; mas nenhum general, por mais científico que fosse, poderia ver o seu intrincado plano levado a termo, em linha tão vasta, em todos os seus pormenores, com inteiro êxito, e deixar de sentir alegria interior; principalmente se sentisse (como ele deveria sentir) a vitória qual recompensa da largueza de visão e de critério que lhe fizera conceber movimentos tão antiortodoxos, rasgar o regulamento dos próprios serviços administrativos para que estes serviços se adequassem aos movimentos e sustentá-los com todos os recursos morais e materiais, militares ou políticos, que se encontravam ao seu alcance.

Ele esboçou, para mim, suas intenções futuras. A histórica Palestina era sua, e os turcos destroçados, nas montanhas, esperavam pelo afrouxamento da perseguição. Mas nada! Bartholomew e Evans estavam preparados para executar três outras arrancadas: uma através do Jordão, para Amã, a ser efetuada pelos neozelandeses de Chaytor, outra através do Jordão para Deraa, a ser efetuada por Barrow e os seus indianos; a terceira através do Jordão, para Kuneitra, a ser efetuada pelos australianos de Chauvel. Claytor repousaria em Amã; Barrow e Chauvel, atingindo os primeiros objetivos, convergiriam para Damasco. Nós deveríamos auxiliar os três; e eu não podia conduzir a efeito a minha atrevida ameaça de tomar Damasco enquanto não estivéssemos todos juntos.

Expliquei os meus projetos, e como tudo estava sendo arruinado pela nossa impotência aérea. Ele apertou o botão da campainha e, em poucos minutos, Salmond e Borton vieram conferenciar conosco. Seus aeroplanos haviam tomado parte indispensável no esquema de Allenby (que perfeição a deste homem, que podia empregar a infantaria e a cavalaria, a artilharia e a Força Aérea, a marinha e os carros blindados, as simulações e os irregulares, cada qual da melhor maneira possível!) e tinham cumprido a sua missão. Não havia mais turcos no céu — exceto do nosso lado, como eu apressadamente observei. Tanto melhor, disse Salmond; enviariam dois Bristols de combate para Umtaiye, os quais ficariam conosco enquanto deles precisássemos. Tínhamos nós peças de substituição? Gasolina? Nem uma gota? Como seria possível conduzi-la para lá? Somente por via aérea? Uma unidade de combate inteiramente aérea? Inaudito!

Salmond e Borton, porém, eram homens ávidos de novidades. Prepararam cargas para um DH 9 e um Handley-Page, enquanto Allenby se mantinha sentado junto de nós, ouvindo e sorrindo, certo de que tudo seria feito. A cooperação das forças aéreas, no desenvolvimento do seu esquema, fora pronta e

elástica, e a ligação completa, bem informada e rápida. Foi a Força Aérea Real que converteu a retirada turca em derrota, que aboliu as suas comunicações telefônicas e telegráficas, que bloqueou as suas colunas de caminhões e que dispersou as suas unidades de infantaria.

Os chefes da aviação voltaram-se para mim, perguntando-me se os nossos campos de pouso eram suficientemente bons para um Handley-Page completamente carregado. Eu havia visto o grande aparelho apenas uma vez, no galpão, mas, sem hesitar, eu disse "Sim", embora fosse melhor enviar um técnico comigo, num dos Bristols, no dia seguinte, para maior garantia. O técnico estaria de volta pelo meio-dia, e o Handley chegaria às três horas. Salmond ergueu-se: "Muito bem, senhor, faremos o que for necessário." Saí e fui almoçar.

O quartel-general de Allenby era um lugar perfeito: casa fresca, arejada, toda pintada de branco, a cal, à prova de moscas, e musicalizada pelo sussurro do vento nas árvores existentes do lado de fora. Senti-me imoral, gozando brancas toalhas de mesa, café, soldados-criados, enquanto a nossa gente, em Umtaiye, se estendia como lagarto por entre as pedras, comendo pão sem fermento, e esperando que o próximo aeroplano inimigo a bombardeasse. Senti-me agitado, como a luz poeirenta do sol, que dardejava arabescos nas veredas, através dos rasgões, por entre as folhas; porque, depois de longo viver no deserto parco, flores e ervas pareciam inquietar; e o verde luxuriante da terra lavrada, a invadir tudo, tornava-se vulgar na sua fecundidade.

Todavia, Clayton, Deedes e Dawnay eram a própria amizade; o mesmo se dava com o estado-maior da Força Aérea; o bom humor e a força consciente do comandante-chefe eram como um banho de conforto para uma pessoa rota de fadiga, depois de longos dias de exaustão. Bartholomew manuseou mapas, explicando o que se deveria fazer. Acrescentei-lhe alguma coisa quanto ao conhecimento do inimigo, pois eu era o seu oficial de inteligência mais bem colocado; em paga, a sua perspectiva mostrou-me ser certa a vitória, acontecesse o que acontecesse ao nosso pequeno grupo extenuado que bloqueava o inimigo, lá embaixo. Contudo, pareceu-me que uma opção permanecia nas mãos dos árabes: deixar que esta vitória fosse apenas uma nova vitória, ou, arriscando-se eles mais uma vez, torná-la definitiva. Não que isto, assim exposto, fosse uma opção real; mas, quando o corpo e o espírito se encontram tão desgastados pela fadiga, como estavam os meus naquele momento, procuram, quase que instintivamente, o meio aplausível de evitar o caminho do perigo.

CAPÍTULO 114

Antes do alvorecer, no aeródromo australiano, estavam dois Bristols e um DH 9. Num deles, encontrava-se Ross Smith, meu velho piloto, que fora escolhido para voar no novo Handley-Page, aeroplano único em sua classe no Egito, menina dos olhos de Salmond. O fato de no-lo haver emprestado para voar sobre a linha inimiga, em tarefa tão humilde como o transporte de bagagem dava a medida da sua boa vontade para conosco.

Atingimos Umtaiye uma hora depois, e vimos que o exército desaparecera; assim, acenei ao piloto para que nos levasse de volta a Um el Surab; e lá estavam os homens, com o grupo defensivo de carros e com os árabes que se ocultavam ao rumor suspeito dos motores por aqui, por lá, por toda parte; os camelos perspicazes dispersavam-se, um a um, pela planície, enchendo-se do maravilhoso pasto. Young, quando viu as nossas insígnias, ergueu o sinal de aterrissagem e colocou bombas de fumaça sobre a turfa, que o seu cuidado e o de Nuri Said haviam limpado de pedras.

Ross Smith, depois de descer, percorreu ansiosamente, passo a passo, o comprimento e a largura da área preparada, e observou-lhe as imperfeições; mas foi juntar-se a nós, onde os pilotos estavam almoçando, com o rosto iluminado. O campo estava "OK" para o Handley-Page. Young falou-nos dos repetidos bombardeios do dia anterior e da antevéspera, que haviam matado alguns regulares e alguns artilheiros de Pisani, pondo certo cansaço de viver em todos, de maneira que eles mudaram, à noite, para Um el Surab. Os idiotas turcos ainda estavam bombardeando Umtaiye, embora os nossos homens para ali fossem apenas em horas tranqüilas, do meio dia ou da noite, para buscar água.

Vim a saber, também, da última demolição de estrada de ferro feita por Winterton: fora uma noite divertida, na qual ele se encontrara com um soldado desconhecido e lhe explicara, em péssimo árabe, como as coisas corriam bem. O soldado agradeceu a Deus por Sua mercê e desapareceu nas trevas; momentos

após, abriu-se o fogo de metralhadoras, à esquerda e à direita! Não obstante, Winterton conseguira acender todas as suas cargas de explosivos, retirando-se em boa ordem, sem perda. Nasir veio a nós, informando-nos estar este homem ferido e este morto, aquele clã preparado para se juntar a nós, aqueles outros já chegados, mas outros ainda em retirada para as respectivas aldeias — e, enfim, todas as tagarelices da região. Os três aeroplanos brilhantes restauraram a confiança dos árabes, que louvaram os ingleses, bem como a própria bravura e a própria resistência deles, enquanto eu lhes contei a epopéia quase incrível dos êxitos de Allenby — Nablus conquistada, Afuleh conquistada, com Beisan, Semakh e Haifa. O espírito dos meus ouvintes seguia-me como labareda. Tallal pegou fogo, vangloriando-se; ao passo que os Ruallas clamaram pela marcha imediata contra Damasco. Até a minha escolta, que ainda trazia as provas da severidade dos Zaagis, nos olhos lamacentos e nos rostos crispados, emitiu aclamações, começando a alisar um pouco as penas diante da multidão, em plena madrugada de felicidade. Uma emoção de auto-afirmação e de confiança correu por todo o acampamento. Determinei levar para ali Feisal e Nuri Shaalan, a fim de participarem do esforço final.

Entrementes, chegou a hora do almoço, com um cheiro de salchicha no ar. Sentamo-nos em círculo, muito solícitos; mas a sentinela, de sobre a torre quebrada, gritou: "Aeroplano à vista", ao ver um aeroplano vindo de Deraa. Os nossos australianos, tropeçando aloucadamente a caminho de seus aviões ainda quentes, puseram os motores em movimento num instante. Ross Smith, com seu observador, saltou para dentro de um, e subiu como gato pelo céu acima. Atrás dele partiu Peters, ao passo que o terceiro piloto ficou ao lado do DH 9, a olhar duramente para mim.

Fingi não o compreender. Metralhadoras Lewis, subidas em vertical, miras, anéis que giravam, pínulas, botões que subiam e desciam em barras paralelas e balouçantes, atirar, apontar por este lado do anel ou por aquele, de conformidade com a variação da velocidade e a direção do aparelho do inimigo — de tudo me haviam ensinado a teoria, e eu poderia até repetir uma parte dela: mas isto estava na minha cabeça, e as normas de ação não eram mais do que artimanhas de ação, enquanto não corressem para fora da cabeça vazia até as mãos, pela força da prática. Não: eu não subiria para combater no ar; pouco me importava o conceito que eu perderia aos olhos do piloto. Ele era australiano, de raça que se deleita com riscos adicionais, e não árabe, para cuja galeria eu deveria agir.

Ele era muito respeitoso, e nada disse; apenas, olhou em ato de reproche para mim, enquanto contemplávamos a batalha no ar. Lá havia um aparelho inimigo

de dois lugares e três aviões de caça. Lá Smith achegou-se ao maior e, depois de cinco minutos de intenso espocar de metralhadoras, o alemão mergulhou de súbito na direção da estrada de ferro. Quando ele passou, com um lampejo, por trás da baixa colina, um penacho de fumaça subiu ao espaço e, do ponto da queda, ergueu-se uma nuvem fofa e escura. Um "Ah!" saiu da boca dos árabes, vindo até nós. Cinco minutos mais tarde, Ross Smith estava de volta, e saltava alegremente para fora do seu aeroplano, jurando que a frente árabe era o seu lugar.

As nossas salsichas ainda estavam quentes; comemo-las, e bebemos chá (nossas últimas provisões inglesas, abertas para os visitantes), mas estávamos apenas nas uvas de Djebel Druse quando de novo a sentinela agitou a capa e grunhiu: "Aeroplano!". Desta feita, Peters ganhou a corrida, Ross Smith ficou em segundo lugar, com Traill, desconsolado, na reserva; mas o tímido inimigo voltou para trás tão depressa que Peters só o alcançou perto de Arar — mas ali ele abateu a presa, em combate. Mais tarde, quando a onda da guerra rolou por aquelas regiões, encontramos os escombros sem remédio e dois corpos alemães carbonizados.

Ross Smith desejava ficar para sempre naquela frente árabe, com um inimigo a cada meia hora; e invejava profundamente a Peters os seus dias vindouros. Entretanto, ele devia regressar, para buscar o Handley-Page com gasolina, víveres e peças de substituição. O terceiro aeroplano destinava-se a Azrak, para buscar o observador ali deixado no dia precedente; e viajei a seu bordo até lá, para ver Feisal.

O tempo tornava-se abundante para os que voavam: estávamos de novo em Azrak, trinta horas depois de a haver deixado. Mandei que os Ghurkas e os egípcios voltassem a se reunir ao exército, para novas demolições ao norte. Depois, com Feisal e Nuri Shaalan, embrulhei-me dentro do Vauxhall verde e saímos todos para Um el Surab, a fim de assistir à aterrissagem do Handley-Page.

Corremos a toda velocidade pelo quartzo macio ou pelas planícies de lama, deixando que o robusto carro palpitasse à larga: mas a sorte mostrou-se hostil. Foi-nos comunicada uma disputa, e tivemos de nos desviar para o acampamento local dos Serahins. Contudo, tiramos proveito da perda, ordenando que os guerreiros fossem para Umtaiye, e fizemos com que eles transmitissem a notícia da vitória para lá da estrada de ferro, assumindo, ao mesmo tempo, a incumbência de fechar as estradas que passavam pelas montanhas de Ajlun aos destroçados exércitos turcos que procurassem fugir para lugar seguro.

Depois, o nosso carro relampagueou de novo em direção ao norte. Trinta quilômetros aquém de Um el Surab percebemos um Bedawi, só, a correr para o sul, todo agitado, com os cabelos grisalhos e a barba também grisalha flutuando ao vento; sua camisa (enfiada por dentro da corda do abdome) inflava-se por trás dele. Desviou a trajetória para passar perto de nós e, erguendo os braços ossudos, gritou: "O maior aeroplano do mundo", antes de desaparecer ao sul, a fim de espalhar a sua grande notícia por entre as tendas.

Em Um el Surab, o Handley apresentava-se majestoso, sobre a grama, tendo os Bristols e o 9A como avezinhas por baixo da envergadura das suas asas. Ao redor dele, os árabes o admiravam, dizendo: "De fato, afinal nos mandaram o aeroplano do qual os outros eram filhotes." Antes da noite, a notícia do novo recurso de Feisal espalhou-se pelo Djebel Druse e pela depressão de Hauran afora, fazendo com que todos sentissem que a balança se inclinava do nosso lado.

O próprio Borton tinha vindo no aeroplano, para combinar o auxílio. Conversamos com ele, enquanto os nossos homens retiraram, da caixa de bombas e da fuselagem, uma tonelada de gasolina; óleo e peças sobressalentes para os Bristols de caça; chá, açúcar e rações para as nossas tropas; cartas, telegramas Reuter e remédios para nós. A seguir, a grande máquina de vôo ergueu-se no começo do crepúsculo, a caminho de Ramleh, com um estudado programa de bombardeio noturno contra Deraa e Mafrak, a fim de se completar aquela ruína do tráfego ferroviário inimigo que os nossos explosivos haviam encetado.

Nós, de nossa parte, manteríamos a pressão dos explosivos. Allenby designara-nos o quarto exército turco, para que o embaraçássemos e o contivéssemos, até que Chaytor o forçasse para fora de Amã; e, depois, deveríamos reduzi-lo a destroços, na retirada. Esta retirada era apenas questão de dias; e era igualmente certo, como as coisas o podem ser na guerra, que poderíamos sublevar as planícies entre nós e Damasco, na semana seguinte. Assim, Feisal resolveu acrescentar, à nossa coluna, os cameleiros Ruallas de Nuri Shaalan, vindos de Azrak. Isto elevaria a nossa força a quatro mil, sendo mais de três quartos compostos de irregulares; mas podíamos contar com eles, pois Nuri, o duro, silencioso e cínico ancião, mantinha a tribo entre os seus dedos, como uma ferramenta.

Ele representava uma raridade no deserto, por ser homem sem o menor sentido da discussão. Ou queria, ou não queria, e não se falava mais. Quando os outros acabavam de falar, ele anunciava a sua vontade em poucas frases rudes, e esperava, calmamente, pela obediência; e esta vinha, porque todos o temiam. Era

velho e prudente, o que significava cansado e desiludido: tão velho que eu sempre me admirava de ele poder juntar-se ao nosso entusiasmo.

Repousei no dia seguinte, na tenda de Nasir, entre seus visitantes camponeses; e comparei as notícias excessivamente abundantes, fornecidas pelo seu espírito alerta e pela sua boa vontade. Durante o meu dia de repouso, Nuri Said, com Pisani e dois canhões, Stirling, Winterton, Young, seus carros blindados e uma considerável força, saíram abertamente para a estrada de ferro, limparam-na pelos meios militares do costume, destruíram um quilômetro de trilhos e incendiaram a tentativa de estrutura de madeira com a qual os turcos estavam consertando a ponte derrocada por Joyce e por mim, antes do nosso primeiro ataque contra Deraa. Nuri Shaalan, na sua capa de tecido fino, conduziu pessoalmente os seus cavaleiros Ruallas, galopando em companhia dos melhores dentre eles. Sob os seus olhos, a tribo revelou um valor que arrancou louvores do próprio Nuri Said.

CAPÍTULO 115

A operação de Nuri, naquele dia, foi o golpe final para os turcos; depois disto, desistiram de restaurar a linha ferroviária entre Amã e Deraa. Nós não sabíamos do fato, pois tínhamos o espectro da ponte pairando sobre nós e sentíamos a urgência de colocar fora de serviço um trecho ainda maior. Assim, na madrugada seguinte. Winterton, Jemil e eu saímos em carros, para o exame da linha ao sul da estação de Mafrak. Fomos recebidos com fogo de metralhadoras, de vigor, direção e intensidade além de tudo a que estávamos habituados. Mais tarde, capturamos os peritos, e viemos a saber que se tratava de uma guarnição alemã de metralhadora. No momento, recuamos um pouco, intrigados, e depois fomos mais para baixo, para uma ponte tentadora. Meu plano era correr por baixo dela no carro, até que o arco nos possibilitasse a colocação da carga contra o pilar abrigado. Por isto, transferi-me para um carro blindado, coloquei trinta quilos de explosivos na parte traseira do mesmo, e disse ao motorista que avançasse até ficar bem sob o arco.

Winterton e Jemil vieram atrás, no carro de socorro. "Faz muito calor", resmungou Jemil. "Fará mais calor ainda no ponto para o qual nos dirigimos", replicou Winterton, enquanto avançamos devagar, por cima de chão indiferente, sobre o qual caíam balas perdidas. Íamos escolhendo o nosso caminho para a frente, a cerca de cinqüenta metros da colina, e ouvindo balas de metralhadoras suficientes para uma semana de batalha a raspar o nosso carro, quando alguém de trás da colina, lançou contra nós uma granada de mão.

Esta nova condição tornou possível o meu plano de chegar embaixo da ponte. Porque uma pancada na parte traseira do carro faria estourar o nosso explosivo, reduzindo-nos todos a frangalhos; e porque o carro seria impotente contra uma granada lançada ao nível do chão. Retiramo-nos, perplexos, sem compreender esta defesa assim esbanjada em torno de um trecho de estrada de ferro; mostramo-nos, também, muito interessados, e até divertidos, em face da valorosa

oposição, depois de tão longa facilidade. Na nossa imaginação, o Fracasso era um homem de pouca estatura, compacto, furioso, dardejando olhares em todas as direções, por baixo de sobrancelhas emaranhadas, em busca de um termo para exprimir os próprios aborrecimentos; ao seu lado, a Vitória parecia uma bela mulher esbelta, de pele branca, mais ou menos lânguida. Tínhamos de tentar novamente, depois do escurecer. Em Um el Surab soubemos que Nasir desejava fixar o seu acampamento, outra vez, em Umtiye. Esta era a primeira etapa da nossa jornada para Damasco; assim, o seu desejo me encantou, e nós nos mudamos; ganhamos, por isso, uma boa desculpa para nada fazer naquela noite contra a linha. Ao contrário, sentamo-nos e contamos histórias vívidas, à espera da meia-noite, quando o Handley-Page deveria bombardear a estação de Mafrak. O aeroplano veio; bombas após bombas de cinqüenta quilos, tombaram entre os desvios cheios de vagões, até que estes se incendiaram e que a fuzilaria dos turcos cessou.

Dormimos, depois de dar o prêmio da noite a uma história sobre o paxá Enver, após a retomada turca de Sharkeui. Enver foi ver a aldeia num pequeno vapor, com o príncipe Jemil e suntuoso estado-maior. Os búlgaros, quando entraram na cidade, massacraram os turcos; quando se retiraram, os camponeses búlgaros também se foram. Assim, os turcos não encontravam quase ninguém para matar. Um barba-grisalha foi conduzido a bordo, para suportar as iras do comandante-em-chefe. Por fim, Enver cansou-se disto. Acenou para dois dos seus capangas e, abrindo a porta da fornalha, disse: "Lancem-no ali dentro." O velho rugiu, mas os oficiais eram mais fortes, e a porta foi batida sobre o corpo que se debatia. "Nós nos viramos, sentindo-nos mal, para sair dali, mas Enver, com a cabeça a pender de um lado, a ouvir, parou-nos. Assim, nós também ouvimos, até que houve uma explosão dentro da fornalha. Ele sorriu e meneou a cabeça, dizendo: 'As cabeças deles estouram sempre, desta maneira.'"

Durante a noite toda, bem como no dia seguinte, o incêndio dos vagões prosseguiu cada vez maior. Era a prova da derrota dos turcos, que os árabes vinham difundindo desde o dia anterior. Diziam que o quarto exército corria para cima de Amã, em desordem multitudinária. Os Beni Hassans, que estavam caçando os desgarrados e os destacamentos fracos, comparavam os turcos a ciganos em marcha.

Reunimo-nos em conselho. Nosso trabalho contra o quarto exército estava terminado. Os remanescentes que escapassem às mãos dos árabes chegariam a Deraa, como vagabundos desarmados. Nosso novo empreendimento deveria ser o de forçar a rápida desocupação de Deraa, de maneira a evitar que os turcos

transformassem os fugitivos em grupos de retaguarda. Assim, propus marchássemos para o norte, além de Tell Arar, atravessando a estrada de ferro na madrugada do dia seguinte, e indo desembocar na aldeia de Sheikh Saad. Esta aldeia se situava em terreno que nos era familiar, possuindo água abundante, observação perfeita e retirada garantida para o ocidente, para o norte, e até para o sudoeste, caso fôssemos diretamente atacados. A posição separava Deraa de Damasco; e também de Mezerib.

Tallal secundou-me com fervor. Nuri Shaalan deu o seu sinal de caça: — Nasir e Nuri Said aprovaram. Preparamo-nos para desfazer o acampamento. Os carros blindados não poderiam ir conosco. Era melhor que ficassem em Azrak, até que Deraa caísse; e queríamos tê-los para nos ajudar a entrar em Damasco. Os Bristols de caça, da mesma forma, já haviam realizado a sua missão, limpado o ar de aeroplanos turcos. Podiam regressar à Palestina, levando notícias da nossa mudança para Sheikh Saad.

Fizeram círculos, bem alto. Nós, olhando para a sua linha de vôo, notamos uma grande nuvem de poeira acrescentada à fumaça lenta que subia de Mafrak em ruínas. Um dos aviões voltou e lançou-nos garatujas informando-nos que enorme corpo de cavalaria hostil marchava diretamente da estrada de ferro, na nossa direção.

Desagradável notícia, pois não nos encontrávamos em condições de combater. Os carros se haviam ido, os aeroplanos se haviam ido, uma companhia da infantaria montada havia marchado, e as mulas de Pisani estavam carregadas e alinhadas em coluna. Fui ter com Nuri Said, que estava, com Nasir, sobre um monte de cinza, no topo da colina, e acenei perguntando se deveríamos fugir ou ficar. Afinal, pareceu mais prudente fugir, visto que Sheikh Saad seria bastião mais proveitoso. Assim, apressamos os regulares para longe dali.

Contudo, dificilmente as coisas poderiam ser deixadas dessa forma. Nuri Shaalan e Tallal conduziram os cavaleiros Ruallas e Haurans para trás, a fim de retardar a perseguição. Encontraram um aliado inesperado, pois os nossos carros blindados, no seu caminho para Azrak, tinham visto o inimigo. Ao fim de contas, os turcos não eram cavalaria vindo para nos atacar, mas elementos desgarrados e desiludidos, em busca do caminho mais breve para suas casas. Fizemos algumas centenas de prisioneiros a morrer de sede e tomamos muitos meios de transporte; causamos tal pânico que o grosso da tropa, na planície, cortou os arreios que atrelavam os animais às carretas e fugiu sobre os cavalos em pêlo. A infecção do terror difundiu-se pela linha abaixo, e as tropas, a quilômetros de distância, longe de qualquer interferência árabe, atirando fora

tudo o que traziam e até os próprios fuzis, correram como loucos, a caminho de uma suposta segurança, em Deraa.

Entretanto, esta interrupção nos retardou; porque dificilmente poderíamos fazer marchar um corpo regular de cameleiros, trajando uniforme cáqui através do Hauran, durante a noite, sem possuirmos bastante cavalaria local que fosse anunciando, aos aldeães desconfiados, que não eram turcos. Assim, já tarde do dia, paramos, para que Tallal, Nasir e Nuri Shaalan nos alcançassem.

Este alto deu a alguns elementos o tempo de passar em revista os nossos atos, e novos problemas surgiram quanto à conveniência de se atravessar de novo a estrada de ferro, colocando-nos na perigosa posição de Sheikh Saad, justamente na trajetória da retirada das principais forças turcas. Finalmente, perto da meia-noite, Sabin apareceu onde eu estava deitado, mas desperto, em meio à tropa, sobre o meu tapete. Sugeriu que tínhamos feito o bastante. Allenby havia-nos designado para vigiar o quarto exército turco. Nós acabávamos de assistir à fuga desordenada deste exército. Nosso dever estava cumprido; e podíamos honrosamente voltar para Bosra, a trinta quilômetros a leste do nosso caminho, onde os Drusos estavam se reunindo, sob o comando de Nesib el Bekri, para nos auxiliar. Esperaríamos, com eles, que os britânicos tomassem Deraa, e que nos fosse dada a recompensa na vitoriosa cessação da campanha.

Esta atitude ia além de mim, porquanto, se nos retirássemos para Djebel Druse, daríamos por terminado o nosso serviço ativo antes que a batalha fosse ganha, abandonando o último embate nas mãos de Allenby. Eu me sentia muito zeloso da honra árabe, a cujo serviço eu iria para a frente, custasse o que custasse. Os árabes entraram na guerra para conquistar a liberdade, e a retomada da antiga capital, pela força das suas próprias armas, era o sinal que eles melhor compreendiam.

O "dever", assim como as gentes o louvam, era uma pobre coisa. Evidentemente, atirando-nos por trás de Deraa, para dentro de Sheikh Saad, faríamos mais pressão contra os turcos do que qualquer unidade britânica estaria em condições de o fazer. Isto proibiria os turcos de lutar novamente, deste lado de Damasco; e, para semelhante vantagem, as nossas poucas vidas seriam um humilde pagamento. Damasco representava o fim daquela guerra no Oriente e, ao que eu pensava, também o fim da guerra geral; porque as potências centrais eram interdependentes, e a ruptura do seu elo mais fraco — a Turquia — faria vir abaixo todo o conjunto. Portanto, em virtude de todos os raciocínios razoáveis — estratégicos táticos, políticos, e até morais, tínhamos de prosseguir.

O espírito obstinado e resistente de Sabin não estava para se deixar convencer. Voltou com Pisani e Winterton e começou a discutir; falava lentamente, porque Nuri Said estava deitado no tapete próximo, apenas meio adormecido, e ele queria incluí-lo na conferência.

Acentuou, pois, o aspecto militar: o nosso dever cumprido e o perigo da estrada de ferro do Hedjaz. Esta delonga nos impedia de atravessá-la naquela noite. No dia seguinte, seria loucura tentar semelhante operação. A linha estaria guardada, de ponta a ponta, por dezenas de milhares de turcos vindos de Deraa. Se nos permitissem a travessia, apenas conseguiríamos entrar em perigo ainda maior. Joyce, disse ele, designara-o para conselheiro militar naquela expedição; e era seu dever fazer observar, embora com relutância, que, como oficial regular, ele conhecia o seu ofício.

Fosse eu oficial regular, teria encontrado algo de irregular naquela sua obstinação em inquietar os outros. Tal como estavam as coisas, suportei as suas recriminações, suspirando pacientemente, toda vez que me pareceu que isto poderia irritá-lo. Por fim, ao acaso, eu disse que queria dormir, pois teríamos de nos levantar bem cedo para cruzar a linha e era minha intenção ir à frente, em companhia da minha escolta, entre os beduínos, estivessem estes onde estivessem; parecia-me estranho que Nuri Shaalan e Tallal ainda não nos houvessem alcançado. De qualquer maneira, agora eu queria dormir.

Pisani, que havia atravessado a sua longa vida militar sempre na qualidade de subordinado, disse, com correção, que receberia ordens e obedeceria. Gostei dele por isto, e procurei dissipar as suas dúvidas honestas, recordando-lhe que havíamos trabalhado dezoito meses juntos sem que ele tivesse jamais o menor motivo para me classificar como temerário. Respondeu, com uma risada bem francesa, que julgava aquilo tudo verdadeira temeridade, mas que era soldado.

O instinto de Winterton fazia-o colocar-se do lado mais fraco e mais esportivo, em tudo, menos na caça à raposa. Nuri Said manteve-se deitado, em silêncio, durante a nossa conversação, fingindo dormir; mas, quando Sabin se retirou, virou de lado, murmurando: "É verdade?" Respondi que não via risco extraordinário em atravessar a linha ao meio da tarde e que, com cautela, evitaríamos ciladas em Sheikh Saad. Ele deitou-se de novo, satisfeito.

CAPÍTULO 116

Nasir, Nuri Shaalan e Talal haviam passado adiante de nós, na escuridão. As nossas forças, depois de se reunirem, marcharam, tendo a brisa a seu favor, a caminho do norte, através de aldeias felizes, de terras amanhadas. Sobre os campos ceifados, cujas palhas pareciam mais arrancadas do que cortadas, germinavam cardos, altos como crianças, mas agora amarelos, secos e mortos. O vento arrancava-os pela raiz oca, e rolava suas cabeças eriçadas ao longo do chão nivelado, soprando cardo contra cardo e enclavinhando os espinhos até que, em enormes bolas, as plantas rolavam, como medas de ferro, por cima da terra arroteada.

Mulheres árabes, saindo ao ar livre com seus jumentos para buscar água, correram ao nosso encontro e gritaram que um aeroplano havia aterrissado pouco antes, ali perto. Trazia na fuselagem, como insígnia, os círculos da marca dos camelos xerifianos. Peake foi à sua procura e encontrou dois australianos cujos Bristols haviam sido atingidos no radiador, sobre Deraa. Mostraram-se contentes, os pilotos, embora assombrados, por verem amigos à frente. Depois de vedar todos os orifícios, tomamos água das mulheres, para encher os radiadores, e eles partiram de regresso, sãos e salvos.

Numerosos cavaleiros chegavam a todo instante, juntando-se a nós; de cada aldeia, os jovens mais audaciosos corriam a pé, a fim de entrar para as nossas fileiras. Enquanto marchávamos, cerradamente unidos contra a luz dourada do sol, podíamos, afinal, contemplarmo-nos a nós mesmos, em conjunto: rapidamente nos transformamos em personalidade, em organismo; e com este orgulho cada homem se sentia elevado. Lançávamos pilhérias obscenas, no intuito de dissipar aquela beleza opressora.

Ao meio-dia, entramos em campos de melancias. O exército atirou-se a elas, enquanto fomos espiar a linha, que se estendia, tremeluzindo, descoberta, sob a luz do sol, lá adiante. Quando estávamos olhando, um trem passou para baixo.

Só na noite anterior é que a estrada de ferro havia sido consertada: e este era o terceiro trem. Avançamos sem oposição sobre a linha, em horda que tinha três quilômetros de frente, e começamos a demolir as coisas apressadamente, cada qual usando o explosivo que possuía, e fazendo-o apenas de acordo com a sua imaginação. As nossas centenas de novatos se mostravam cheios de zelo, e suas demolições, embora inexperientes, foram consideráveis.

Claro que o nosso regresso surpreendera o inimigo estonteado: devíamos ampliar e melhorar esta oportunidade. Fomos ter com Nuri Shaalan, Auda e Tallal, e perguntamos qual o esforço local que cada um empreenderia. Tallal, o enérgico, atacaria Ezraa, o grande depósito de trigo, ao norte; Auda preferiu Khirbet el Ghazala, a estação correspondente, ao sul; Nuri levaria seus homens para a estrada principal, a caminho de Deraa, à cata de grupos turcos.

Três boas idéias. Os chefes saíram para as transformar em atos, enquanto nós, recolocando a nossa coluna em forma, prosseguimos na nossa rota, além da arruinada colônia de Sheikh Miskin, muito esquelética ao luar. Seus canais cheios de água puseram confusão entre os milhares de homens de maneira que fizemos alto na planície repleta de restolhos, do outro lado, à espera da madrugada. Alguns acenderam fogueiras contra a neblina penetrante do Hauran argiloso; outros dormiram como se encontravam, sobre o chão escorregadio de orvalho. Homens perdidos andaram ao léu, chamando os seus amigos, com aquele agudo lamento dos árabes de aldeia, emitido a plena garganta. A lua descambou, e o mundo se fez negro e muito frio.

Despertei a minha escolta; esta marchou tão aceleradamente que entramos em Sheikh Saad com a madrugada. Quando passamos por entre as rochas, atingindo o campo por trás das árvores, a terra ressurgiu à vida com o novo sol. Os ares matutinos puseram um brilho de prata nos olivais, e vários homens saíram de uma tenda de pêlo de cabra, à direita, para nos chamar e nos oferecer hospitalidade. Perguntamos de quem era o acampamento. "De ibn Smeir", responderam-me. Isto ameaçava complicações. Rashid era inimigo de Nuri Shaalan, ainda não reconciliado, e com ele nos encontrávamos por acaso. Mandei que se advertisse imediatamente Nasir. Felizmente, ibn Smeir estava longe. Assim, sua família nos hospedaria temporariamente, e Nuri, como hóspede, tinha de observar as regras.

Foi um alívio, porquanto já tínhamos, entre a nossa oficialidade, centenas de inimigos mortais, com suas dívidas de sangue apenas suspensas pela paz de Feisal. O esforço de os manter no mesmo jogo, de empregar suas cabeças escaldadas em esferas separadas, de equilibrar a oportunidade e o serviço, para

que a nossa direção fosse considerada acima dos ciúmes — tudo isto era bastante mau. A condução da guerra, na França, teria sido muito mais árdua se cada divisão, quase que cada brigada, do nosso exército se odiasse mutuamente com ódio mortal e se uma entrasse em luta toda vez que se encontrasse de súbito com outra. Entretanto, conseguíramos mantê-los quietos durante dois anos e, agora, seria questão de poucos dias.

Os grupos da incursão noturna voltaram, cheios de pilhagem. Ezraa havia sido fracamente defendida por Abd el Kader, o argelino, com os seus sequazes, alguns voluntários e tropas. Quando Tallal chegou, os voluntários passaram para o seu lado, as tropas fugiram e os sequazes eram tão poucos que Abd el Kader teve de abandonar a praça sem combater. Nossos homens estavam excessivamente carregados, por causa de saque enorme, e não o perseguiram.

Auda chegou, vangloriando-se. Havia tomado el Ghazala de assalto, capturado um trem abandonado, canhões e duzentos homens, dos quais alguns eram alemães. Nuri Shaalan anunciou quatrocentos prisioneiros, com mulas e metralhadoras. A oficialidade e a tropa dos turcos haviam sido encurraladas em aldeias distantes, a fim de ganhar o próprio sustento.

Um aeroplano inglês voou, fazendo voltas e mais voltas, e procurando saber se éramos a força árabe. Young estendeu sinais no chão, e para ele foi lançada uma mensagem informando que a Bulgária se havia rendido aos Aliados. Não sabíamos que houvesse ofensiva nos Bálcãs, de maneira que a notícia ficou como que órfã, e, portanto, sem significação para nós. Sem dúvida, o fim, não somente da Grande Guerra, mas da nossa guerra, estava próximo. Ainda um esforço poderoso, e a nossa provação estaria terminada; depois, cada qual ficaria livre para tratar dos seus assuntos, esquecendo-se da loucura: porque, para a maior parte de nós, aquela era a primeira guerra, e todos víamos, no seu fim, repouso e paz...

O exército chegara. Os bosques tornaram-se apinhados quando cada destacamento escolheu o melhor lugar vazio e apeou, ora ao lado de figueiras, ora sob palmas, ora sob olivais, de cuja folhagem os pássaros irrompiam em bandos assustados, com gritos multitudinários. Nossos homens levaram os camelos à corrente do rio que serpenteava através de arbustos verdes, de flores e de árvores frutíferas cultivadas, coisas para nós estranhas durante os anos daquela vida errante pelo deserto de pedra.

O povo de Sheikh Saad veio ver, timidamente, o exército de Feisal, que havia sido por eles admitido como sendo coisa lendária, e que agora se encontrava na sua aldeia, conduzido por nomes famosos ou temíveis — Talal, Nasir, Nuri,

Auda. Nós o contemplávamos, em paga, invejando-lhe secretamente a vida camponesa.

Enquanto os nossos homens dissipavam, de suas pernas, a rigidez oriunda do cavalgar, fomos para o topo das ruínas, com cinco ou seis companheiros, a fim de contemplar a planície ao sul e estudar as medidas de segurança ali adotadas contra nós. Para nossa admiração, percebemos, exatamente além das muralhas, uma pequena companhia de regulares em uniforme — turcos, austríacos, alemães — com oito metralhadoras sobre animais de carga. Procediam da Galiléia, indo a caminho de Damasco, depois da derrota infligida por Allenby; iam sem esperanças, mas sem maiores cuidados, marchando à vontade, julgando-se a oitenta quilômetros de distância de qualquer guerra.

Não demos alarme algum, a fim de poupar sofrimentos às nossas tropas cansadas: — apenas Durzi ibn Dughmi, com os Khaffaji e outros do seu clã, montaram sem fazer barulho e caíram sobre eles por estreito atalho. Os oficiais fizeram gestos de resistência e foram imediatamente mortos. Os homens atiraram suas armas ao chão e, em cinco minutos foram revistados, roubados, arrebanhados em fila e conduzidos ao longo dos canais de irrigação, por entre os jardins, a um recanto aberto que parecia conveniente para servir de prisão. Sheikh Saad pagava-nos, depressa e bem, o nosso esforço.

Bem longe, ao oriente, apareceram três ou quatro manchas negras de gente, caminhando para o norte. Lançamos os Howeitats contra aquilo e, depois de uma hora, eles regressaram às gargalhadas, cada homem a trazer uma mula ou um cavalo de carga, pobres brutos cansados, feridos, revelando claramente as aperturas do exército batido. Os cavaleiros eram soldados desarmados, que procuravam fugir em face dos ingleses. Os Howeitats desdenharam semelhantes prisioneiros. “Demo-los aos rapazes e às moças das aldeias, como criados”, escarneceu Zaal, com o seu sorriso de lábios finos.

Chegaram-nos notícias do ocidente, segundo as quais as pequenas companhias de turcos estavam se retirando para as aldeias locais, em conseqüência dos ataques de Chauvel. Expedimos contra eles grupos armados de Haims, tribo camponesa que se havia juntado a nós na noite anterior, em Sheikh Miskin, como subordinada de Nasir, tencionando fazer o que lhe fosse possível. O levante em massa, que havíamos preparado durante tão longo tempo, estava, agora, em plena enchente, erguendo-se cada vez mais alto, à medida que novas vitórias iam armando mais rebeldes. Em dois dias, poderíamos ter sessenta mil homens armados, em movimento.

Arrancamos ainda algumas bagatelas na estrada de Damasco; e então vimos pesado rolo de fumaça, a subir da montanha que ocultava Deraa. Um homem veio trotando, para informar Talal de que os alemães haviam ateado fogo aos aeroplanos e aos armazéns, e já estavam prontos para desocupar a cidade. Um avião inglês lançou a comunicação de que as tropas de Barrow estavam perto de Remthe, e de que duas colunas turcas, uma de quatro mil homens, outra de dois mil, batiam em retirada na nossa direção, vindo de Deraa e de Mezerib, respectivamente.

Parecia-me que estes seis mil homens eram tudo o que restava do quarto exército, de Deraa, bem como do sétimo exército, que estivera resistindo contra o avanço de Barrow. Com a sua destruição, ficaria terminada a nossa tarefa ali. Contudo, até que nos acertássemos, tínhamos de conservar Sheikh Saad. Assim, deixaríamos passar a coluna maior, de quatro mil, pondo apenas no seu encalço Khalid e os seus Ruallas, com alguns camponeses do norte, a fim de lhe oprimir os flancos e a retaguarda.

CAPÍTULO 117

Os dois mil mais próximos pareciam ser mais do nosso tamanho. Opor-lhes-íamos metade dos nossos regulares, e dois canhões de Pisani. Talal mostrava-se ansioso, porquanto a rota indicada dos fugitivos os levaria através de Tafas, sua própria aldeia. Fez-nos determinar a ida para lá, a toda pressa, e a tomada da colina ao sul. Infelizmente, a velocidade era vago termo relativo, com homens muito cansados. Galopei, com a minha tropa, até Tafas, esperando ocupar posição secundária, além da aldeia, e contrariar a operação de retirada, enquanto os outros chegassem. A meio caminho, na estrada, encontramos árabes montados, conduzindo um punhado de prisioneiros maltrapilhos, a caminho de Sheikh Saad. Conduziam-nos impiedosamente, e as lesões causadas pelos empurrões punham listras azuis de través nas costas pálidas dos infelizes; mas eu os abandonei à sua sorte, por se tratar de turcos do batalhão de polícia de Deraa, sob cujas iniqüidades os rostos dos camponeses das redondezas numerosas vezes se lavaram de lágrimas e de sangue.

Os árabes disseram-nos que a coluna turca — regimento de lanceiros do paxá Jemal — já estava entrando em Tafas. Quando chegamos ao alcance da vista, percebemos que a coluna havia tomado a aldeia (de onde ressoou um tiro ocasional), e parado nos seus arredores. Pequenos penachos de fumaça subiam de entre as casas. No terreno em rampa, deste lado, metidos até aos joelhos entre cardos, havia grupos de velhos, de mulheres e de crianças, que nos contaram terríveis histórias a respeito do que acontecera quando os turcos invadiram a aldeia, uma hora antes.

Ficamos de tocaia, e vimos a força inimiga marchar para fora do ponto de reunião, por trás das casas. Seus componentes rumaram, em boa ordem, na direção de Miskin, indo os lanceiros à frente e à retaguarda, algumas formações compostas de infantaria dispostas em coluna, com apoio de metralhadoras pelos flancos, canhões e a massa do transporte ao centro. Abrimos fogo contra a cabeça

da coluna, quando esta apontou além das casas. Dois canhões de campanha foram assestados contra nós, em resposta. Os *shrapnels*, como de costume, foram muito além, passando folgadamente sobre nossas cabeças.

Nuri chegou em companhia de Pisani. À frente das tropas cavalgavam Auda Abu Tayi, expectante, e Talal, quase enlouquecido pelas narrativas que o seu povo difundira a respeito dos sofrimentos da aldeia. Os últimos turcos estavam, agora, abandonando-a. Deslizamos atrás deles, para pôr termo à suspensão de ânimo de Talal, enquanto a nossa infantaria tomou posição e atirou vigorosamente com as Hotchkiss; Pisani avançou a sua meia-bateria; de modo que o alto explosivo francês pôs a retaguarda turca em confusão.

A aldeia mantinha-se quieta, sob seus lentos penachos de fumaça branca, enquanto nos aproximávamos, cautelosamente. Alguns montes acinzentados pareciam ocultar-se pela grama, abraçando o chão à maneira rígida dos cadáveres. Desviamos os olhos destas coisas, sabendo que se tratava de mortos; mas, de um dos montes, uma pequena figura saiu, cambaleando, como para escapar de nós. Era uma criança, de três ou quatro anos de idade, cuja roupa suja se apresentava manchada de vermelho ao ombro e de um lado, por causa do sangue que jorrava de um ferimento amplo, talvez um golpe de lança, justamente no ponto em que o pescoço e o restante do corpo se uniam.

A criança correu poucos passos, depois parou e gritou para nós, com voz de surpreendente robustez (tudo o mais permanecia em silêncio): "Não me bata, Baba." Abd el Aziz, sufocando qualquer coisa — aquela era a sua aldeia, e a criança deveria ser da sua família — voou do seu camelo ao chão e caiu de joelhos sobre a grama, ao lado da criança. A sua subitaneidade assustou-a, pois ela elevou os braços e tentou gritar; mas, ao invés disto, caiu como um pequeno monte, enquanto o sangue recomeçava a escorrer pelas suas roupas; depois, eu penso, a criança morreu.

Marchamos ao longo de outros corpos de homens e de mulheres, bem como de mais quatro crianças mortas, todos parecendo muito sujos à luz do dia; e fomos a caminho da aldeia; sabíamos que a sua quietude significava morte e horror. Junto à muralha, havia paredes baixas, de lama seca, currais e, sobre uma delas, ostentava-se algo vermelho e branco. Olhei de mais perto, e vi. Era o corpo de uma mulher, a cavaleiro da parede, de dorso para baixo, ali pregada por uma baioneta de serrilha, cujo cabo emergia odiosamente para o ar de entre as suas pernas nuas. Estava grávida e, junto dela, jaziam outros corpos de mulheres, talvez vinte ao todo, assassinadas de maneira diversa, mas sempre dispostas de acordo com o mesmo gosto obsceno.

Os Zaagis estouraram em estrépitos selvagens de gargalhadas, tornados ainda mais desoladores pelo sol morno e pelo ar claro daquela tarde de planalto. Eu disse: "O melhor de vocês me trará o maior número possível de turcos mortos"; voltamo-nos contra o inimigo que desaparecia e matamos a tiros, no nosso caminho, todos os que haviam caído à margem da estrada e vinham implorar a nossa piedade. Um turco ferido, meio nu, incapaz de se manter de pé, sentou-se e chorou para que o víssemos. Abdulla desviou a cabeça do seu camelo, mas o Zaagi, com blasfêmias, passou por cima dele e despejou-lhe três balas da sua arma automática contra o peito nu. O sangue jorrou com as pulsações do coração, latejou, latejou, latejou, cada vez mais lento.

Talal vira o que nós havíamos visto. Emitiu um rugido de animal ferido; depois, galopou para um montículo, e lá se ficou por um instante, imóvel sobre a sua égua, com o corpo sacudido por tremores e olhando fixamente na direção dos turcos. Aproximei-me para lhe falar, mas Auda colheu as minhas rédeas, fazendo-me parar. Muito lentamente, Talal puxou o turbante para cima do rosto; e, então, pareceu que de súbito ele se reanimasse, pois riscou as esporas contra os flancos da égua e galopou para a frente, curvando-se por inteiro e balançando sobre a sela, diretamente a caminho do grosso da tropa inimiga.

Foi longa a cavalgada, pelo suave declive abaixo e através de uma depressão. Nós nos deixamos ficar ali, como se fôssemos de pedra, enquanto ele relampejou para adiante; o tamborilar dos cascos do seu animal chegava aos nossos ouvidos de maneira sobrenaturalmente alta, pois havíamos deixado de atirar e os turcos tinham cessado o fogo. Os dois exércitos ficaram em suspenso; e Talal cavalgou sempre para a frente, na tarde indecisa, até chegar a apenas pouca distância dos turcos. Aí, ele endireitou o corpo e lançou o seu grito de guerra, "Talal, Talal", por duas vezes, num rugido tremendo. Imediatamente, fuzis e metralhadoras do inimigo crepitaram; ele e sua égua, atravessados vezes e mais vezes pelas balas, caíram mortos, entre as pontas das lanças.

Auda tinha aspecto frio e sinistro. "Deus que o receba em sua misericórdia; nós os faremos pagar o seu preço." Sacudiu a rédea e moveu-se lentamente na direção do inimigo. Reunimos os camponeses, agora bêbados de terror e de sangue, e expedimo-los para este e para aquele lado da coluna em retirada. O velho leão de batalha despertou no coração de Auda, tornando-o de novo o nosso chefe natural e fatal. Por meio de hábil manobra, arrastou os turcos para mau terreno e cortou a sua formação em três partes.

A terceira parte, que era a menor, compunha-se principalmente de metralhadores alemães e austríacos, agrupados ao redor de três automóveis, e de

um grupo de oficiais e soldados montados.

Estes combateram magnificamente e repeliram-nos mais de uma vez, a despeito da nossa violência. Os árabes lutavam como demônios, com os olhos cegos pelo suor, tendo o pó a queimar-lhes a garganta; a labareda da crueldade e da vingança, que ardia em seus corpos, contorcia-os por tal forma que suas mãos mal podiam apertar o gatilho. Por minha ordem, não tomamos prisioneiros, pela única vez na nossa guerra.

Por fim, abandonamos esta dura seção atrás de nós e perseguimos as outras duas mais rápidas. Estavam tomadas de pânico; e, à hora do crepúsculo, já havíamos destruído tudo, menos alguns insignificantes fragmentos, que ganhavam terreno à custa de perdas. Grupos de camponeses juntaram-se a nós, durante o nosso avanço. A princípio, havia cinco ou seis homens para cada arma; depois, um recebia uma baioneta, outro uma espada, o terceiro uma pistola. Uma hora mais tarde, os que haviam estado a pé montavam jumentos. Depois, cada homem tinha um fuzil e um cavalo capturado. Ao cair da noite, os cavalos já estavam carregados, e a rica planície se apresentava juncada de homens e de animais mortos. Tomados pela loucura oriunda do horror visto em Tafas, matamos sem repouso, chegando até a atirar contra as cabeças dos já caídos e dos animais; como se a sua morte e o seu sangue a escorrer pudessem atenuar a nossa agonia.

Apenas um grupo de árabes, que não havia recebido notícias nossas, tomou como prisioneiros os últimos duzentos homens da seção central. A trégua foi breve. Eu tinha subido, a fim de ver do que se tratava, disposto a fazer com que estes remanescentes fossem deixados vivos, como testemunhas do preço pago por Tallal; mas um homem, que jazia no chão, por trás deles, gritou alguma coisa aos árabes, os quais, com o rosto pálido, me conduziram até ele, para que eu visse. Era um dos nossos — com o fêmur estilhaçado. O sangue havia escorrido pelo chão vermelho, e ele ia morrendo; mas mesmo assim, não fora poupado. À maneira da batalha daquele dia, o homem fora castigado ulteriormente, por meio de baionetas marteladas através dos seus ombros e da outra perna, até entrarem no solo, pregando-o à terra, como um inseto de coleção.

Ele mantinha-se com o espírito inteiramente lúcido. Quando dissemos: "Hassan, quem lhe fez isto?", ele girou os olhos na direção dos prisioneiros, desesperadamente colados uns aos outros. Nada disseram nos últimos momentos, antes que abríssemos fogo. Por fim, o monte deixou de se mover; e Hassan estava morto; montamos de novo e cavalgamos para casa, lentamente (a casa era o meu

tapete a três ou quatro horas de distância dali, em Sheikh Saad), no escurecer, que nos parecia tão frio, agora, quando o sol se havia ido.

Entretanto, apesar dos ferimentos, das dores e do cansaço, eu não podia deixar de pensar em Tallal, o esplêndido chefe, o fino cavaleiro, o companheiro de estrada, forte e cortês; e, depois de algum tempo, mandei vir o meu outro camelo e, com um dos meus guardas, marchei pela noite adentro, a fim de me juntar aos nossos homens que davam caça à coluna maior, de Deraa.

A escuridão era muito densa, com o vento a bater em grandes rajadas, vindo do sul e do oriente; e só por meio dos rumores dos tiros, bem como pelos clarões ocasionais dos canhões, conseguíamos, afinal, chegar ao campo da luta. Cada planície, cada vale tinha os seus turcos cambaleando às cegas, para o norte. Os nossos homens se mantinham no encalço. A queda da noite tornara-os mais audaciosos, e já se encontravam no corpo-a-corpo. Cada aldeia, assim que a onda da batalha rolava para ela, punha-se a combater; e o vento negro, gelado, era selvagem, trazendo sempre os ecos dos tiros de fuzis, dos gritos, das rajadas de metralha do lado dos turcos, bem como do tropel dos galopes, quando pequenos grupos de ambos os campos se entrechocavam de maneira fantástica.

O inimigo havia tentado acampar ao crepúsculo, mas Khalid o havia sacudido, pondo-o de novo em marcha. Alguns caminhavam, alguns paravam. Muitos caíam no sono, à margem da estrada, rotos de fadiga. Os turcos tinham perdido a ordem e a coesão, fugindo ao léu através do furacão, em grupos desgarrados, prontos a atirar e a fugir a qualquer contato conosco, e mesmo com os seus; os árabes estavam igualmente dispersos e sentiam-se quase que igualmente incertos.

As exceções eram os destacamentos alemães; e aqui, pela primeira vez, eu me senti orgulhoso dos inimigos que mataram os meus irmãos. Encontravam-se a três mil quilômetros da pátria, sem esperanças e sem guias, em condições realmente atrozes, capazes de romper os nervos mais firmes. Ainda assim, suas seções se mantinham unidas, firmemente alinhadas, dando de proa através dos escombros turcos e árabes, como navios blindados, de rosto erguido e em silêncio. Quando atacados, paravam, tomavam posição e atiravam à voz de comando. Não havia pressa, nem gritos, nem hesitação. Eram formidáveis.

Ao fim, encontrei-me com Khalid, e pedi-lhe que chamasse os Ruallas e deixasse aqueles destroços ao tempo e aos camponeses. Trabalho mais pesado, talvez, havia lá para o sul. Ao escurecer, notícias passaram através da nossa planície, dizendo que Deraa se encontrava vazia, e que Trad, irmão de Khalid, com boa metade dos Anazehs para lá se dirigiram, em sondagem. Receei que

sofresse um revés, visto que ainda devia haver turcos no local, e que outros talvez estivessem lutando a caminho da cidade, pela estrada de ferro e pelas montanhas de Irbid. Com efeito, a menos que Barrow — que nos haviam informado que estacionara em Remthe — houvesse perdido o contato com o inimigo, ainda deveria estar seguindo na retaguarda de combate.

Eu quis que Khalid apoiasse o irmão. Uma ou duas horas depois de ele gritar a sua ordem na direção do vento, centenas de cavaleiros e de cameleiros se juntaram ao seu redor. Na marcha para Deraa, carregou e aniquilou vários destacamentos de turcos, ao piscar das estrelas, e chegou para encontrar Trad em domínio seguro. Este conseguira avançar aos últimos clarões do crepúsculo, tomando a estação a galope, saltando por cima das trincheiras e dispersando os raros elementos turcos que ainda procuravam resistir.

Com auxílio local, os Ruallas saquearam o acampamento e encontraram o que pilhar sobretudo nos armazéns em chamas, cujos tetos, tomados pelo fogo, lhes punham a vida em perigo; mas esta era uma das noites em que a humanidade se tornava louca, em que a morte parecia impossível, muito embora numerosos homens morressem à direita e à esquerda; noite em que a vida alheia não passava de brinquedo para se quebrar e atirar fora.

Sheikh Saad passou uma tarde agitada de alarmes, de tiros e de gritos, havendo ameaças, da parte dos camponeses, de matar os prisioneiros, como preço adicional de Tallal e de sua aldeia. Os ativos xeques encontravam-se longe, dando caça aos turcos, e a sua ausência, em companhia dos seus partidários, despojava o acampamento árabe de chefes experimentados, bem como de olhos e de ouvidos. Dívidas de sangue entre clãs, já adormecidas, despertaram de novo na sede de sangue daquela tarde de matança, e Nasir, Nuri Said, Young e Winterton tiveram de retesar todos os nervos para manter a paz.

Cheguei depois da meia-noite e encontrei os mensageiros de Trad que acabavam de vir de Deraa. Nasir partiu para juntar-se a ele. Eu teria desejado dormir, pois aquela era a minha quarta noite de cavalgada; mas o espírito não me permitia sentir o cansaço do corpo, de maneira que, lá pelas duas da madrugada, montei sobre o terceiro camelo e corri pelo caminho de Deraa, de novo através da pista de Tafas, contra o vento que soprava da aldeia.

Nuri Said e seu estado-maior percorriam a mesma pista, precedendo a infantaria montada; os nossos dois grupos cavalgaram juntos, até quando a meia-luz do dia surgiu. Depois, minha impaciência e o frio não toleravam mais que viajasse a passo de cavalo. Dei liberdade à camela — a grande e rebelde Baha — e ela se esticou contra o campo, forçando os meus cansados sequazes a correr

quilômetros após quilômetros, com passos que subiam e desciam como pistão de motor; de maneira que entrei em Deraa completamente só, em plena madrugada.

Nasir encontrava-se na prefeitura, escolhendo um governador militar e organizando a polícia; mandara revistar a praça; completei-lhe as idéias colocando guardas junto às bombas e aos galpões de máquinas e do que restava das oficinas e dos armazéns. Depois, durante uma hora de palestra, expus publicamente um programa do que a situação iria exigir dos árabes, se é que eles não quisessem perder terreno. O pobre Nasir contemplava-me aturdido.

Perguntei pelo general Barrow. Um homem, apenas chegado do ocidente, contou que ele, viajante, havia sido alvo de tiroteio pelos ingleses, quando estes se desdobraram para atacar a cidade. No intuito de evitar semelhantes acidentes, os Zaagis e eu marchamos pelo Buweib acima, em cuja crista era visível a existência de poderoso posto de metralhadores indianos. Estes ensaiaram suas armas contra nós, orgulhosos por terem alvos tão esplendidamente vestidos. Entrementes, apareceu um oficial, com alguns ingleses de tropa, e a eles eu me expliquei. Encontravam-se, de fato, em meio a um movimento envolvente contra Deraa, e, enquanto nós olhávamos, seus aeroplanos bombardearam o infeliz Nuri Said, no momento em que este entrou na estação ferroviária. Esta era a sua punição por haver perdido a corrida comigo, vindo de Sheikh Saad; mas, querendo suspender o castigo, corri para baixo, onde o general Barrow estava inspecionando os postos avançados, em automóvel.

Contei-lhe que havíamos passado a noite na cidade, e que a fuzilaria que ele ouvira tinham sido salvas de alegria. Mostrou-se lacônico comigo; mas eu sentia pouca piedade para com ele, porque passara um dia e uma noite abeberando-se junto aos pobres poços de Remthe, embora seu mapa lhe mostrasse que o lago e o rio de Mezerib ficavam em frente, na estrada pela qual o inimigo estava fugindo. Entretanto, suas ordens eram para ir a Deraa, e a Deraa ele iria.

Pediu-me que marchasse a seu lado: mas os seus cavalos odiavam a minha camela, e assim o estado-maior trotou ao longo do fosso, enquanto eu, sobriamente, viajava pelo meio da estrada. Ele disse-me que deveríamos colocar sentinelas na aldeia, para manter a população em ordem. Expliquei-lhe, delicadamente, que os árabes haviam instalado o próprio governo militar. Junto aos poços, ele disse-me que os seus sapadores deveriam inspecionar as bombas. Respondi aplaudindo aquela assistência. Tínhamos aceso as fornalhas e esperávamos começar a dar água aos cavalos dentro de uma hora. Resmungou que parecíamos estar como em casa; ele tomaria a seu cargo apenas a estação ferroviária. Apontei para a locomotiva rodando a caminho de Mezerib (onde o

nosso pequeno xeque havia evitado que os turcos fizessem saltar a ponte de Tell el Shehab, agora transformada em propriedade árabe) e pedi que as suas sentinelas recebessem ordens para não intervir no funcionamento normal da linha.

Ele não recebera ordens quanto à situação dos árabes. Clayton prestou-nos este serviço, pensando que merecíamos o que exigíssemos; assim, Barrow — que viera julgando os árabes como se fossem povo conquistado —, embora estonteado em face da minha calma afirmação de que ele era meu hóspede, não tinha direito a escolher, devendo apenas seguir a linha imposta por tal segurança. Minha cabeça funcionou a toda velocidade, nestes momentos, em torno da nossa ação conjunta, para impedir que se verificassem os primeiros passos fatais pelos quais os britânicos sem imaginação, com a melhor das vontades do mundo, freqüentemente despiam os cordatos nativos da disciplina da responsabilidade, criando uma situação que exigia anos de agitação, de sucessivas reformas e de tumultos para ser corrigida.

Eu estudara Barrow e estava pronto para lidar com ele. Anos antes, ele publicara a sua profissão de fé no Medo, como sendo este o principal incentivo comum da ação do povo, na guerra e na paz. Ora, eu considerava o medo como sendo um motivo humilde, de valor excessivamente exagerado; o medo, embora estimulante, era bem venenoso; cada injeção de medo só servia para consumir ainda mais o sistema ao qual se aplicava. Eu não podia aliar-me à crença pedante que levava os homens ao céu pelo terror: melhor seria, pois, que Barrow e eu nos separássemos imediatamente. Meu comportamento para com o inevitável era provocá-lo. Portanto, mantinha-me de espinha ereta e cabeça alta.

Barrow entregou-se pedindo-me que lhe arranjasse forragem e víveres. De fato, logo pudemos ir para diante em bons termos. Na praça, mostrei-lhe o pequeno pendão de seda de Nasir, hasteado ao balcão calcinado da sala do governo, tendo por baixo uma sentinela bocejante. Barrow endireitou-se e fez continência, com maneiras rápidas; uma emoção de prazer, em face da saudação do general, correu pela massa dos oficiais e dos soldados árabes.

Em compensação, esforçamo-nos no serviço de manter esta auto-afirmação dentro dos limites da necessidade política. Em todos os árabes, gravamos a convicção de que aquelas tropas indianas eram hóspedes, devendo-se-lhes permitir, e até auxiliar, fizessem tudo quanto desejassem. Esta doutrina nos conduziu a conclusões inesperadas. Todas as galinhas desapareceram da aldeia, e três *sowars* indianos levaram o pendão de Nasir, cobiçando as franjas de prata e a ponta da sua haste elegante. Isto estabeleceu o contraste entre o general inglês

que saudara e a tropa indiana que roubava: contraste bem recebido por causa do preconceito de raça dos árabes em relação aos indianos.

Entrementes, em todos os pontos, tomávamos homens e canhões. Nossos prisioneiros podiam ser contados aos milhares. Assim, entregamo-los aos britânicos, que os contaram de novo; muitos deles foram colocados em pensão, nas aldeias. Azrak recebeu notícias completas da vitória. Feisal chegou um dia mais tarde, sendo que a fila dos nossos carros blindados acompanhou o seu Vauxhall. Ele instalou-se na estação. Visitei-o para lhe apresentar o meu relatório de regente: — quando a história terminou, a sala sacudiu-se toda, como num ligeiro tremor de terra.

CAPÍTULO 118

Barrow, agora com a sede mitigada e alimentado, deveria deixar-nos e ir encontrar-se com Chauvel, perto de Damasco, a fim de juntos entrarem na cidade. Pediu-nos que tomássemos o flanco direito, o que me convinha, pois ali, ao longo da linha do Hedjaz se encontrava Nasir, apegado ao grosso da retirada turca, reduzindo-lhe o número pelo ataque contínuo, de dia e de noite. Eu tinha ainda muito que fazer e, portanto, esperei outra noite, em Deraa, saboreando a sua quietude depois que as tropas se foram; porque a estação ficava no limite da região descampada, e os indianos, ao seu redor, me irritavam pelo seu aspecto de gente desambientada. A essência do deserto era o indivíduo movendo-se solitariamente; era o filho da estrada, à margem do mundo, como se estivesse dentro de uma tumba. Aquelas tropas, em rebanhos, como carneiros lentos, não pareciam merecer o privilégio do espaço.

Meu espírito percebia, na oficialidade e nas fileiras indianas, algo de insignificante e de confinado; um ar de se considerarem a si próprios humildes; quase que uma subserviência cuidadosa e estimada, dessemelhante da abrupta masculinidade do beduíno. A maneira dos oficiais ingleses, para com seus homens, punha horror na minha escolta, que nunca, antes, havia visto nem concebido a desigualdade pessoal.

Eu percebi, ali, a iniqüidade do homem: e odiava tanto Deraa, que ia dormir, todas as noites, em meio aos meus homens, no velho aeródromo. Junto dos galpões calcinados, os meus guardas, caprichosos como o mar, disputavam de acordo com o seu costume; e ali, naquela noite, pela última vez, Abdulla foi me levar arroz cozido na terrina de prata. Depois do jantar, tentei, no vazio, pensar em coisas futuras; mas meu espírito estava branco, meus sonhos se dissipavam como círios assoprados pelo forte vento do êxito. À nossa frente, situava-se a meta excessivamente tangível, mas por trás ficava o esforço de dois anos, com a sua miséria esquecida, ou glorificada. Ressoavam nomes através da minha cabeça,

cada um dos quais era, na imaginação, superlativo: — Rumm, a magnífica; a brilhante Petra; Azrak, a remota; Batra, a imaculada. Todavia, os homens tinham mudado. A morte levara os nobres; e a nova estridência, dos que haviam sido deixados, me fazia mal.

O sono não vinha e, assim, antes da luz do dia, acordei Stirling e os meus condutores e os quatro passamos para o Neblina Azul, nosso caminhão Rolls, partindo em direção a Damasco, ao longo da suja estrada que foi primeiro sulcada e depois bloqueada pelas colunas de transporte e pela retaguarda da divisão de Barrow. Cortamos de través, indo até a estrada de ferro francesa, cujo leito oferecia passagem desimpedida, embora enrugada; ali, ganhamos velocidade. Ao meio-dia, vimos o pendão de Barrow junto de um rio, onde seus cavalos estavam bebendo. Minha escolta estava perto, de maneira que tomei minha camela e marchei até lá. Como outros cavaleiros reputados, Barrow se havia mostrado desdenhoso em relação ao camelo; e sugerira, em Deraa, que dificilmente nos manteríamos a passo com a sua cavalaria, que se estava encaminhando para Damasco em três marchas forçadas.

Assim, quando me viu montando confortavelmente, mostrou-se surpreso, e perguntou-me quando havíamos deixado Deraa. "Esta manhã." Seu rosto caiu. "Onde pararão esta noite?" "Em Damasco", disse eu, alegremente; e marchei para a frente, tendo feito outro inimigo. Dava-me um pouco de remorso zombar dele, porque ele fora generoso em face dos meus pedidos: mas a paliçada era alta, ficava além das suas vistas, e eu não me importava com o que pensasse de mim, contanto que ganhássemos.

Voltei para junto de Stirling e pusemo-nos todos novamente em marcha. Em cada aldeia, deixávamos notas para os guardas avançados britânicos, informando-os sobre o lugar em que nos encontrávamos e a que distância de nós se achava o inimigo. Dava-nos pruridos, a Stirling e a mim, ver a precaução do avanço de Barrow; batedores inspecionando vales vazios, seções coroando toda montanha deserta, e toda uma cortina de proteção à frente, estendida com tanto cuidado, sobre região tão amiga. Isto marcava a diferença entre os nossos movimentos certos e o processo das apalpadelas da guerra normal.

Não poderia haver crise alguma antes de Kiswe, onde deveríamos encontrar Chauvel, e onde a linha ferroviária do Hedjaz se aproximava da nossa estrada. Na estrada de ferro, encontravam-se Nasir, Nuri Shaalan e Auda, com suas tribos; ainda perseguiam aquela coluna de quatro mil (mas, na verdade, muito mais perto de sete mil) assinalada pelo nosso aeroplano nas vizinhanças de Sheikh

Saad, três laboriosos dias antes. Eles haviam combatido incessantemente, por todo este tempo de repouso para nós.

Quando nos aproximamos, ouvimos fuzilaria intensa, e vimos *shrapnels* explodindo por trás de uma crista, à nossa direita, onde ficava a estrada de ferro. Logo apareceu a cabeça da coluna turca, de cerca de dois mil homens, em grupos maltrapilhos, a parar de quando em vez para atirar com seus canhões de montanha. Corremos à frente, tencionando alcançar os seus perseguidores, com o nosso grande Rolls muito azul na estrada, ao descoberto. Alguns cavaleiros árabes saíram de trás dos turcos, galoparam na nossa direção; e vieram aos solavancos, desajeitadamente, através dos fossos de irrigação. Reconhecemos Nasir, pelo seu cavalo baio, esplêndido animal ainda impetuoso, mesmo depois de centenas de quilômetros de combate a galope; seguiam-lhe o velho Nuri Shaalan e cerca de trinta dos seus criados. Disseram-nos que aqueles poucos eram tudo o que restava dos sete mil turcos. Os Rualla apegavam-se desesperadamente de ambos os flancos, ao passo que Auda abu Tayi acabava de cavalgar por trás de Djebel Mania, a fim de reunir os Wuld Alis, seus amigos, para que permanecessem de tocaia contra a coluna, que esperavam arrastar por cima da montanha, para dentro da cilada. Anunciaria o nosso aparecimento a chegada de auxílio, por fim?

Contei-lhe que os britânicos, em força, vinham logo atrás. Se conseguissem retardar o inimigo apenas por uma hora... Nasir olhou para a frente e viu uma quinta murada e arborizada, que barrava a planície. Chamou Nuri Shaalan, e ambos se apressaram para ali, a fim de reter os turcos.

Marchamos cinco quilômetros de volta, até encontrar os indianos de vanguarda, e contei ao seu coronel, velho e rabugento, qual o presente que os árabes nos faziam. Pareceu não sentir muito prazer, com a necessidade de decompor a bela ordem da sua marcha, mas por fim destacou um esquadrão e expediu-o através da planície, lentamente, a caminho dos turcos, os quais assestaram os pequenos canhões na sua direção. Uma ou duas granadas estouraram quase em meio às fileiras e, então, para nosso horror (pois Nasir se havia colocado em perigo, à espera de corajoso auxílio), o coronel ordenou a retirada e recuou, a toda pressa, pelo lado da estrada. Stirling e eu, enlouquecidos de fúria, corremos a ele, pedindo-lhe que não tivesse medo dos canhões de montanha, que não eram mais pesados do que pistolas Very: mas nem a amabilidade, nem a raiva, fizeram com que o velho homem se movesse um centímetro. Pela terceira vez corremos para trás, ao longo da pista, em busca de uma autoridade superior.

Um burocrático oficial de estado-maior nos disse que, lá adiante, estava o general Gregory. Abençoamo-lo, pois o orgulho profissional de Stirling punha-o quase em lágrimas diante daquele desmando. Puxamos o oficial para dentro do carro e encontramos o seu general, ao qual emprestamos o nosso automóvel, para que o chefe da brigada pudesse enviar ordens urgentes à cavalaria. Um cavaleiro partiu, rápido, à procura da artilharia a cavalo, que abriu fogo precisamente quando o último raio de luz subia pela colina, até o topo, refugiando-se entre as nuvens. A guarda nacional de Middlessex apareceu e foi impelida para o meio dos árabes, a fim de carregar contra a retaguarda turca; e, quando a noite caiu, assistimos à derrota do inimigo, que abandonou canhões, meios de transporte e todas as bagagens e correu em tumulto pelo monte acima, a caminho dos dois picos de Mania, fugindo pelo que pensava ser terra vazia, do lado de lá.

Entretanto, na terra vazia encontrava-se Auda; e, naquela noite da sua última batalha, o velho homem matou, saqueou e capturou até que a madrugada lhe pôs fim à tarefa. Lá se liquidou o quarto exército, que fora nosso bloco embaraçante durante dois anos.

O vigor feliz de Gregory deu-nos coragem para nos defrontarmos com Nasir. Rodamos para Kiswe, onde havíamos combinado encontrá-lo antes da meia-noite. Depois de nós, chegou o grosso das tropas indianas. Procuramos um recanto isolado; mas já havia homens aos milhares, por toda parte.

Os movimentos e as contracorrentes de tantos espíritos tão afobados impeliam-me de cá para lá, incessantemente, como eles próprios. Na noite, a minha cor era invisível. Eu podia andar como me agradasse, como qualquer árabe sem importância: e este encontrar-me a mim próprio dentro, mas separado da minha pele, tornava-me estranhamente só. Os homens dos nossos carros blindados eram pessoas para mim, em virtude do seu pequeno número e da longa camaradagem; e também nos seus "eus" o eram, pois aqueles meses de exposição ao sol dardejante e ao vento brutal os havia desgastado e polido, transformando-os em indivíduos. Em semelhante turba de soldadesca inadaptada, composta de britânicos, australianos e indianos, eles caminhavam tão estrangeiros e tão tímidos como eu mesmo; distinguiam-se também pela sujeira, porque, depois de semanas de uso, suas roupas se haviam moldado ao corpo, pelo suor e pelo desgaste, tornando-se mais tegumentos do que envoltórios.

Os outros, porém, eram realmente soldados, verdadeira novidade depois de dois anos de irregularidade. E veio-me ao espírito, de fresco, a idéia de que o segredo do uniforme era criar a multidão compacta, dignificada, impessoal: dar-lhe a unicidade e a robustez de um homem de pé. Aquela libré da morte, que

soprava os seus portadores da vida ordinária, era sinal de que eles haviam vendido suas vontades e seus corpos ao Estado: obrigando-se a si próprios a um serviço que não era menos abjeto por ser voluntário no começo. Alguns deles haviam obedecido ao instinto que os levava para fora da lei; outros tinham fome; outros se sentiam sedentos de glória, com a imaginação avivada pelo suposto colorido da vida militar; mas, dentre todos, só recebiam satisfação os que haviam procurado degradar-se a si próprios, porque, para os pacifistas, eles ficavam abaixo da humanidade. Só mulheres lúbricas podiam ser seduzidas por tais roupas acusadoras; o soldo do militar, que não era meio de viver, como o ordenado do trabalhador, mas apenas dinheiro de bolso, parecia ser despendido mais proveitosamente quando lhes permitia beber de quando em quando, e esquecer.

Os forçados das galés viviam com a violência sobre si. Os escravos podiam ser libertos, se o conseguissem, pela intenção. Mas o soldado entregava ao seu proprietário o uso das vinte e quatro horas diárias do seu corpo, bem como a condução exclusiva da sua mente e das suas paixões. O encarregado tinha licença para odiar a lei que o confiava, e toda a humanidade que ficava fora, se tivesse sede de ódio; mas o soldado genioso era mau soldado; na verdade, não era soldado. Suas afeições deviam ser peças alugadas, no tabuleiro de xadrez do rei.

Que estranho poder o da guerra, que nos impunha como dever o nosso próprio aviltamento! Aqueles australianos, ombreando comigo em jogos de cavalaria nada cerimoniosos, haviam atirado fora metade da civilização com os seus trajes civis. Dominavam esta noite, excessivamente seguros de si mesmos, não podendo, portanto, ser cuidadosos; e, entretanto, enquanto balançavam preguiçosamente os corpos ágeis, feitos de curvas, sem apresentar nunca uma linha reta, e sendo apenas possuidores de olhos velhos e desiludidos — eu os sentia falhos de temperamento, ocos, instintivos; sempre a caminho de grandes coisas; com a elasticidade inquietante das lâminas meio puxadas da bainha. Inquietante: mas não terrível.

Os rapazes ingleses não eram instintivos, nem negligentes, como os australianos, mas se mantinham com um cuidado de olhares lentos, quase acarneirados. Eram corretos no vestir, e quietos; iam timidamente aos pares. Os australianos paravam aos grupos, mas caminhavam sós; os ingleses colavam-se dois a dois, numa celibatária amizade que expressava o nível sempre igual da categoria: — a comunidade dos uniformes do exército. “Fechar os claros”, era como chamavam a isto: ambição de tempo de guerra, que consistia em manter, dentro de quatro ouvidos, pensamentos suficientemente profundos para ferir.

Em torno dos soldados, dependuravam-se os árabes: homens de olhar grave, de outra esfera. Meu trapaceiro dever me banira entre eles, por dois anos. Naquela noite, eu me sentia mais perto dos nativos do que das tropas, e ressentia-me por isso, como se fora uma vergonha. O contraste indiscreto misturava-se às saudades da pátria, aguçava as minhas faculdades e tornava fértil o meu desgosto; cheguei ao ponto não somente de sentir a desigualdade da raça, e ouvir a dessemelhança do idioma, mas também de discernir os seus olores: a acidez coagulada, pesada, pairante, do suor secado no algodão, sobre as multidões árabes; o cheiro bestial dos soldados ingleses: a aura quente e urinosa de homens enfurnados em roupas de lã; a pungência ácida, sufocante e amoniacal, da respiração; a fermentação ardente do cheiro de gasolina.

CAPÍTULO 119

A nossa guerra estava acabada. Ainda assim, dormimos aquela noite em Kiswe, pois os árabes nos disseram que as estradas eram perigosas e não tínhamos desejos de morrer estupidamente na escuridão, às portas de Damasco. Os esportivos australianos encaravam a campanha como sendo marcha em linha reta, tendo Damasco por extremidade; mas, na realidade, todos estávamos sob o comando de Allenby; a vitória havia sido o fruto lógico unicamente do seu gênio e das atribulações de Bartholomew.

O esquema tático destes chefes colocara devidamente os australianos ao norte e a oeste de Damasco, de través sobre as suas estradas de ferro, antes que a coluna do sul pudesse entrar na cidade; e nós, os comandantes árabes, tínhamos esperado pelos mais lentos britânicos, porque Allenby nunca duvidara da execução que dávamos ao que fosse ordenado. Sua força estava na calma convicção de que receberia obediência tão perfeita como era perfeita a confiança que depositava.

Ele esperava que estivéssemos presentes à entrada em Damasco, em parte porque sabia até que ponto esta capital representava muito mais do que mero troféu, aos olhos dos árabes; e em parte, por motivos de prudência. O movimento de Feisal fizera com que as regiões inimigas se tornassem amigas dos Aliados, à medida que estes avançavam, o que permitira que os comboios partissem sem escolta e que as cidades fossem administradas sem guarnição. No seu envolvimento de Damasco, os australianos poderiam ser forçados, a despeito das ordens, a entrar na cidade. Se alguém lhes resistisse, estaria comprometido o futuro. Uma noite nos foi dada para que fizéssemos os damascenos receber o exército britânico como sendo seu aliado.

Isto constituía uma revolução na conduta, senão na opinião; mas a junta de Feisal, em Damasco, havia sido preparada durante vários meses para tomar as rédeas assim que os turcos desmoronassem. Precisávamos apenas entrar em

contato com os membros dessa junta, referir-lhes os movimentos dos Aliados e expor-lhes o que se requeria. Quando as trevas se fizeram densas, Nasir expediu cavaleiros Ruallas para a cidade, a fim de encontrar Ali Riza, presidente da nossa junta, ou Shukri el Ayubi, seu assistente, e de os informar que os reforços estariam à disposição no dia seguinte, se organizassem o governo imediatamente. Com efeito, isto já fora realizado às quatro horas da tarde, antes que tomássemos aquela iniciativa. Ali Riza estava ausente, por ter sido nomeado, no último momento, pelos turcos, comandante da retirada do exército da Galiléia, sob a pressão de Chauvel; mas Shukri encontrara o inesperado apoio dos irmãos argelinos Mohammed Said e Abd el Kader. Com o auxílio dos seus sequazes, a bandeira árabe foi hasteada na prefeitura antes do crepúsculo, quando os últimos destroços de alemães e de turcos desfilaram por ali adiante. Disseram que o general da retaguarda saudara o pendão, de maneira irônica.

Dissuadi Nasir de entrar na cidade. Aquela deveria ser noite de confusão, e conviria mais, à sua dignidade, entrar serenamente, ao raiar do dia. Elle e Nuri Shaalan interceptaram o segundo corpo de cameleiros Ruallas, que havia partido comigo, de Deraa, naquela manhã, e enviaram todos os seus componentes para diante, para dentro de Damasco, a fim de apoiar os xeques Ruallas. Assim, lá pela meia-noite, quando fomos repousar, já possuíamos quatro mil dos nossos homens armados na cidade.

Eu queria dormir, pois meu trabalho começaria no dia seguinte; mas não pude. Damasco era o apogeu da nossa incerteza de dois anos, e o meu espírito foi distraído pelos resíduos de todas as idéias que haviam sido empregadas ou rejeitadas naquele espaço de tempo. Além disto, Kiswe era sufocante com as exalações de árvores excessivamente numerosas e de excessivos seres humanos: microcosmo do mundo tumultuado que ficava à nossa frente.

Quando os alemães deixaram Damasco, incendiaram os armazéns de armas e munições, de maneira que a cada tantos minutos éramos surpreendidos por explosões, cujo primeiro estrondo punha o céu todo branco de labaredas. A cada estouro desta natureza, a terra parecia tremer; nós erguíamos os olhos para o norte, e víamos o céu pálido crivado de gornes representados por pontos amarelos, quando os obuses, lançados a terrificantes alturas de cada armazém que explodia, estouravam por sua vez, como feixes de rojões. Voltando-me para Stirling, murmurei-lhe: "Damasco está incendiada", e senti-me muito mal por pensar na grande cidade reduzida a cinzas, como preço da sua liberdade.

Quando a aurora surgiu, fomos até o topo da colina que dominava o oásis da cidade, com medo de olhar para o norte, por causa das ruínas que esperávamos;

mas, em vez de ruínas, os jardins silenciosos ali estavam, com seu verde empanado pela neblina que subia do rio, em cuja moldura palpitava a cidade, linda como sempre, tal uma pérola ao sol da manhã. Os estrondos da noite se haviam reduzido a uma coluna alta e espessa de fumaça, que subia, em fúnebre negror, dos pátios dos armazéns de Kadem, ponto terminal da estrada de ferro do Hedjaz.

Rodamos, descendo pela estrada de barrancos marginais retilíneos, através dos campos irrigados, nos quais os camponeses apenas começaram o trabalho cotidiano. Um cavaleiro a galope, impressionado por ver os nossos turbantes no carro, parou, fazendo alegre saudação, e apresentando um cacho de uvas amarelas. "Boas notícias: Damasco saúda-os." Vinha da parte de Shukri.

Nasir encontrava-se logo além, levamos-lhes as notícias, para que tivesse a honra da entrada, privilégio merecido pelas suas cinqüenta batalhas. Com Nuri Shaalan atrás de si, exigiu um galope final ao seu cavalo, e desapareceu lá embaixo, ao fim da longa estrada, numa nuvem de pó, que se manteve pairando, relutante, no ar, entre os espelhos de água. Para permitir-lhe bom avanço, Stirling e eu aproximamo-nos de uma pequena corrente, muito fresca, na profundidade de um canal a pique. Ali paramos, lavamo-nos e barbeamo-nos.

Alguns soldados indianos olhavam para nós, para o nosso carro, para os calções militares e para a túnica em farrapos do condutor. Eu estava com vestimenta puramente árabe; Stirling, a não ser pelo seu turbante, era todo um oficial britânico de estado-maior. O suboficial que conduzia os soldados indianos, obtuso e de mau humor, julgou que nos havia feito prisioneiros. Quando nos libertamos da sua voz de prisão, pensamos dever ir ter com Nasir.

Muito tranqüilamente, rodamos pela longa rua acima, a caminho dos edifícios governamentais, à margem do Barada. O percurso estava regurgitando de gente, compactamente alinhada pelas calçadas, pela estrada, pelas janelas, pelos balcões e pelos topos das casas. Muito choravam, alguns aclamavam timidamente, outros, mais arrojados, gritavam os nossos nomes: mas a maior parte olhava, olhava, com a alegria a cintilar nos olhos. Um estremecimento, assim como um longo suspiro, da porta até o coração da cidade, marcou a nossa passagem.

Na prefeitura, tudo era diferente. Os patamares e as escadarias estavam apinhadas de multidão ondulante: gritava-se, abraçava-se, dançava-se, cantava-se. A turba apertou-se para nos abrir caminho até a antecâmara, onde se encontravam o reluzente Nasir e Nuri Shaalan, sentados. De cada lado deles, apresentavam-se Abd el Kader, meu velho inimigo, e Mohammed Said, seu

irmão. Eu fiquei mudo de estupor. Mohammed Said saltou para a frente e gritou que eles, netos de Abd el Kader, o emir, com Shukri el Ayubi, da casa dos Saladinos, haviam formado o governo e proclamado Hussein "rei dos árabes", no dia anterior, aos ouvidos dos turcos e dos alemães humilhados.

Enquanto ele disparatara, voltei-me para Shukri, que não era estadista, mas homem adorado, quase mártir aos olhos do povo, pelo que havia sofrido da parte de Jemal. Contou-me que os argelinos, únicos em toda Damasco, estiveram ao lado dos turcos até que os viram fugir. Depois, com os seus sequazes também argelinos, irromperam no seio da junta de Feisal, reunida em sessão secreta, e assumiram brutalmente o controle.

Grandes fanáticos, cujas idéias eram teológicas, não lógicas; eu me voltei para Nasir, tencionando, por seu intermédio, desmascarar aquela imprudência, já no começo; mas sobreveio outro assunto. A multidão que rugia ao nosso redor se dividiu, como se um aríete a estivesse atravessando; os homens iam para a direita e para a esquerda, por entre cadeiras e mesas destroçadas, enquanto a terrificante tonitruância de uma voz triunfava, pondo, de súbito, um silêncio de morte em tudo.

No espaço aberto, apresentavam-se Auda abu Tayi e Sultan el Atrash, chefe dos Drusos, agredindo-se mutuamente. Seus sequazes pularam para a frente, ao passo que eu saltei para a rixa, a fim de os separar; e fui de encontro a Mohammed el Dheilan, que se precipitara com o mesmo propósito. Juntos, separamo-los, e forçamos Auda a recuar um passo, enquanto Hussein el Atrash empurrava Sultan, mais leve, para o seio da multidão, e dali para uma sala ao lado.

Auda estava excessivamente cego de raiva para se mostrar consciente. Levamo-lo para a grande sala do conselho do edifício; recinto imenso, pomposo, dourado, quieto como sepultura, visto que todas as portas, menos a nossa, estavam fechadas. Colocamos Auda numa cadeira e sustentamo-lo ali, enquanto ele, tomado de fúria, espumava e rugia, até que a sua voz se fez áfona, que o corpo se retorceu em convulsões, que os braços vaguearam em busca de qualquer arma ao alcance e que o seu rosto se congestionou de sangue; estava com a cabeça descoberta e com os longos cabelos a cair sobre os olhos.

O ancião havia sido golpeado em primeiro lugar, por Sultan, e o seu ingovernável espírito, bêbado do vinho da livre vontade que bebera durante a vida toda, ansiava por lavar o insulto em sangue Druso. Zaal entrou, com os Hubsis; os quatro ou cinco que éramos, unimo-nos para conter Auda: mas meia hora se passou antes que ele se acalmasse o suficiente para nos ouvir falar, e outra

meia hora ainda se foi antes que obtivéssemos a sua promessa de desistir da satisfação, por três dias, colocando-a nas mãos de Mohammed e nas minhas. Saí e fiz com que Sultan el Atrash fosse levado secretamente da cidade, a toda pressa; e depois procurei Nasir e Abd el Kader, a fim de pôr em ordem o seu governo.

Tinham se retirado. Os argelinos haviam persuadido Nasir a ir à casa deles, para tomar alguns refrescos. Era um bom acontecimento, pois tínhamos coisas públicas mais urgentes. Deveríamos provar que os velhos dias estavam passados, que um governo nativo estava no poder: para isto, Shukri seria o meu melhor instrumento, como governador de fato. Assim, no Neblina Azul, saímos para nos mostrar à multidão, sendo a investidura de Shukri, por si só, a própria bandeira da revolução aos olhos dos citadinos.

Quando chegamos, havia centenas de pessoas saudando-nos; agora, contavam-se milhares de pessoas para cada centena de então. Cada homem, cada mulher, cada criança, daquela cidade de um quarto de milhão de almas, pareciam encontrar-se nas ruas, à espera apenas da fagulha do nosso aparecimento para acender os entusiasmos. Damasco tornou-se louca de alegria. Os homens atiravam ao ar os seus turbantes, para saudar; as mulheres rasgavam os seus véus. Os donos-de-casa lançavam flores, colgaduras, tapetes, à rua, diante de nós; suas esposas inclinavam-se, mostrando os dentes em risadas, através das gelosias, e borrifando-nos com colheres de banho de perfumes.

Os pobres dervixes transformaram-se, por si, em nossos guardas a pé, à frente e por trás do carro, gemendo, gritando e cortando o próprio corpo, com frenesi; e, por cima da algazarra local e dos gritos das mulheres, subia o cachoar compassado das vozes dos homens, repetindo: "Feisal, Nasir, Shukri, Urens", em ondas que começavam aqui, rolavam ao longo das praças, atravessavam o mercado e iam pelas ruas abaixo, para a porta do oriente, ao redor das muralhas, e de volta por Meidan acima; e transformava-se em muralha de aclamações, ao redor de nós, junto da cidadela.

Disseram-me que Chauvel estava chegando; nossos automóveis se encontraram nos bairros do sul. Descrevi-lhe a exaltação da cidade, apresentando-lhe a razão pela qual o nosso novo governo não podia garantir serviços administrativos antes do dia seguinte, quando eu o esperaria para discutirmos as suas necessidades e as minhas. Entrementes, assumi plena responsabilidade pela ordem pública: pedi-lhe, apenas, que mantivesse seus homens fora da cidade, porque, naquela noite, haveria tal carnaval como jamais a cidade tivera através de seiscentos anos, e a hospitalidade poderia comprometer a disciplina das forças.

Chauvel, embora de má vontade, seguiu o meu conselho, sendo as suas hesitações dominadas pela minha certeza. Como Barrow, ele não tinha instruções sobre o que fazer com a cidade conquistada; e, como havíamos tomado posse, conhecendo a nossa meta, nada lhe restava a escolher, senão deixar-nos ir para a frente. Seu chefe de estado-maior, que realizara o seu trabalho técnico, Godwin, soldado, sentiu-se encantado por poder fugir à responsabilidade do governo civil. Seus argumentos reforçaram a minha atitude.

De fato, esta foi confirmada pelas palavras imediatas de Chauvel, que pediu licença para si próprio a fim de dar uma volta pela cidade. Dei-lhe tão alegremente, que ele perguntou se seria conveniente que fizesse entrada formal, com suas tropas, no dia seguinte. Disse-lhe "sem dúvida" e pensamos um pouco sobre o trajeto. Relampejou pela minha cabeça o prazer dos nossos homens, em Deraa, quando Barrow lhes saudara a bandeira — e citei o fato como exemplo bom de ser seguido diante da prefeitura, quando, em marcha, passasse por ali. Era um pensamento ocasional, meu próprio, mas ele percebeu-lhe o significado: grave dificuldade se saudasse qualquer bandeira que não fosse a britânica. Tive o ensejo de lhe fazer caretas, a esta loucura; mas, ao contrário, por bondade, fiz-lhe companhia, vendo igual dificuldade no fato de ele passar pela bandeira árabe, deliberadamente, ignorando-lhe a existência. Chapinhamos ao redor deste problema enquanto a multidão, jubilante e incônscia, nos aclamava. Como solução, sugeri-lhe que abandonasse a passagem pela prefeitura e inventasse outro percurso, passando, digamos, pelo edifício dos correios. Disse isto por farsa, pois que a minha paciência já se havia esgotado; mas ele tomou tudo a sério, como idéia viável; e, em compensação, faria concessões ao meu ponto de vista e ao dos árabes. Em lugar de uma "entrada", faria uma "travessia em marcha": isto significava que, em vez de ir no meio, ele iria à frente, ou que, em vez de ir à testa, iria ao meio. Esqueci, ou não ouvi bem qual destas duas coisas foi por ele dita, pois eu não me importaria que ele entrasse rastejando por baixo ou voando por cima das suas tropas, ou que se partisse em dois, para marchar de ambos os lados.

CAPÍTULO 120

Enquanto discutíamos sobre ridículas cerimônias, um mundo de trabalho esperava, dentro e fora, por cada um de nós. Era amargo descer a semelhante papel; também, aquele jogo de agarra, que eu ganhara, me deixara gosto ruim na boca, estragando a minha entrada tanto quanto eu estragava a de Chauvel. As aves quiméricas das promessas tão generosamente enviadas aos árabes, nos dias de necessidade da Inglaterra, chegavam ao ninho, agora, para confusão dela própria. Entretanto, o plano que eu traçara para nós ia se revelando correto. Mais doze horas e estaríamos a salvo, tendo os árabes uma praça tão forte que suas mãos poderiam mantê-la mesmo através da longa porfia de apetites políticos, prestes a explodir, em torno da nossa suculenta pilhagem.

Regressamos furtivamente à prefeitura, para me encontrar com Abd el Kader, mas ele ainda não voltara. Mandei procurá-lo, bem como ao irmão e a Nasir: e recebi a lacônica resposta de que estavam dormindo. Eu deveria ter feito o mesmo; mas, ao contrário, quatro ou cinco do nosso grupo se puseram a comer uma refeição de acaso, no salão opulento, sentados em cadeiras douradas, com arabescos, retorcidos, em torno de mesa dourada, cujas pernas também se contorciam obscenamente.

Expliquei ponto por ponto, ao mensageiro, o que eu desejava. Ele desapareceu e, dentro de poucos minutos, um primo dos argelinos subiu, muito agitado, e disse que eles se encontravam a caminho. Isto era mentira deslavada, mas eu respondi que estava bem, pois dentro de meia hora pretendia requisitar tropas britânicas para os procurar cuidadosamente. Ele saiu a toda pressa; e Nuri Shaalan perguntou-me tranqüilamente o que eu tencionava fazer.

Disse-lhe que deporia Abd el Kader e Mohammed Said, nomeando Shukri em seu lugar, até que Feisal chegasse; e eu o disse daquela maneira suave, porque não tinha vontade de ferir os sentimentos de Nasir, nem possuía força propriamente minha, se os homens resistissem. Ele perguntou se os ingleses não

viriam. Respondi "Certamente"; mas o triste era que, depois, poderia ser que não se retirassem. Ele pensou um momento, e disse: "Terá os Ruallas ao seu lado, se fizer tudo o que diz, e imediatamente." Sem esperar, o ancião saiu para que a sua tribo fosse passada em revista por mim. Os argelinos vieram ter comigo, com sua escolta e com a flama do assassínio nos olhos. mas, no caminho, viram os homens de tribo de Nuri Shaalan, sombriamente reunidos; Nuri Said, com seus regulares, na praça; e, mais para cá, os meus indômitos guardas, passeando na antecâmara. Perceberam claramente que o jogo estava armado: contudo, foi uma reunião tempestuosa.

Na minha qualidade de representante de Feisal, proclamei a abolição do governo civil por eles organizado em Damasco e nomeei Shukri el Ayubi governador militar. Nuri Said assumia o comando das tropas; Azmi ia para o cargo de ajudante geral; Jemil, para o de chefe da segurança pública. Mohammed Said, em amarga resposta, denunciou-me como sendo cristão e inglês, e apelou para Nasir, a fim de que este se pronunciasse.

O pobre Nasir, inteiramente fora da sua sagacidade habitual, só conseguiu sentar-se e assumir um aspecto desconsolado em face desta pendência entre amigos. Abd el Kader pôs-se de pé e amaldiçoou-me virulentamente, inflamando-se de paixão. Seus argumentos pareciam dogmáticos, irracionais; assim, não lhes dei atenção. Isto o enlouqueceu mais ainda: de súbito, saltou para a frente, com a adaga desembainhada.

Como um corisco, Auda caiu sobre ele, eriçado pela fúria contida da manhã, e ansioso por combater. Seria o paraíso, para ele, dilacerar alguém, naquele instante, com seus grandes dedos. Abd el Kader foi dominado; e Nuri Shaalan encerrou o incidente dizendo ao tapete (enorme e gritante tapete aquele) que os Ruallas eram meus, e que nada seria posto em dúvida. Os argelinos ergueram-se e saíram da sala, altamente ressentidos. Eu estava convencido de que deveriam ser presos e fuzilados; mas não consegui temer-lhes a força de malfeitores, nem quis dar, aos árabes, um exemplo de assassínio preventivo como processo de política.

Passamos a trabalhar. Nosso objetivo era um governo árabe, com alicerces amplos e nativos, capaz de empregar o entusiasmo e o auto-sacrifício da rebelião, traduzidos em termos de paz. Tínhamos de poupar algo da antiga e profética personalidade que pairava sobre a subestrutura, para arrastarmos aqueles noventa por cento da população que tinham sido sólidos demais para se rebelar, e em cuja solidez o novo Estado deveria repousar.

Os rebeldes, e sobretudo os rebeldes vitoriosos, eram, necessariamente, maus súditos e piores governantes. O triste dever de Feisal seria libertar-se daqueles amigos de guerra, substituindo-os por elementos que houvessem sido mais úteis ao governo turco. Nasir era filósofo político excessivamente pequeno para compreender isto. Nuri Said compreendia; também Nuri Shaalan compreendia.

Reuniram rapidamente o núcleo de um estado-maior e mergulharam em trabalho, como uma equipe. A história ensinava-nos que os passos eram monótonos: nomeações, repartições e rotina departamental. Primeiro, a polícia. Escolheram-se um comandante e assistentes; delimitaram-se distritos; estabeleceram-se salários provisórios, indenizações, uniformes, responsabilidades. A máquina começou a funcionar. Depois, veio uma queixa sobre o fornecimento de água. O conduto estava cheio de homens mortos e de animais. Uma inspetoria, com seu corpo de trabalhadores, resolveu isto. Regulamentos de emergência foram afixados.

O dia ia passando, o mundo estava nas ruas: amotinado. Escolhemos um engenheiro para supervisionar a usina elétrica, encarregando-o de iluminar, a todo custo, a cidade durante a noite. O restabelecimento da iluminação das ruas seria a nossa melhor prova de paz. Isto foi feito, e à rutilante quietude das lâmpadas se deveu a maior parte da ordem da primeira tarde de vitória: nossa nova polícia mostrou-se zelosa, e os graves xeques dos muitos bairros auxiliaram as patrulhas.

A seguir, o serviço sanitário. As ruas apresentavam-se juncadas de destroços do exército derrotado, vendo-se carros e carretas em abandono, bagagens, material, cadáveres. O tifo, a disenteria e a pelagra reinavam entre os turcos, e os enfermos haviam morrido em cada sombra ao longo da linha de marcha. Nuri preparou turmas de varredores, para se proceder à primeira limpeza das estradas pestilentas e das praças abertas; dividiu os seus médicos entre os hospitais, com promessas de remédios e alimentos para o dia seguinte, se fosse possível encontrá-los.

Depois, o corpo de bombeiros. As máquinas locais haviam sido destruídas pelos alemães, e os armazéns do exército ainda ardiam, pondo em perigo a cidade. Mecânicos foram chamados publicamente; os homens treinados, impelidos ao trabalho, foram remetidos para circunscrever as labaredas. Depois, as prisões. Guardas e encarcerados haviam desaparecido delas, juntos. Shukri transformou isto em virtude, decretando anistias civil, política e militar. Os cidadãos deviam ser desarmados — ou, pelo menos, dissuadidos de andar com fuzis. Uma proclamação foi o meio de ação, seguida por bem-humorada

zombaria que desembocou em atividade de polícia. Isto deveria facilitar a consecução da nossa finalidade, sem perturbações, em três ou quatro dias.

Serviço de socorro. Os damascenos haviam cambaleado de fome por muitos dias. A distribuição dos víveres danificados, tirados dos armazéns do exército, foi conseguida. Depois disto, seria preciso fornecer alimentos para a generalidade. A cidade poderia reduzir-se à fome em dois dias: não havia armazenamentos em Damasco. Obter abastecimentos temporários, das aldeias vizinhas, era fácil, se restaurássemos a confiança, garantíssemos a segurança das estradas e substituíssemos os animais de transporte, que os turcos levaram consigo, por outros, do grosso das nossas capturas. Os britânicos não dariam a sua parte. Satisfizemos o momento com os nossos próprios animais: o nosso transporte de exército.

A rotina do abastecimento do lugar exigia a cooperação da estrada de ferro. Os guarda-chaves, os maquinistas, os foguistas, os mecânicos, o pessoal de tráfego, tudo teve de ser encontrado e reengajado imediatamente. A seguir, os telégrafos: os quadros interiores estavam à disposição; precisávamos encontrar diretores e mandar trabalhadores de linha para consertar todo o sistema. O correio poderia esperar um ou dois dias, mas o alojamento para nós próprios e para os britânicos era urgente; o mesmo se dava com o restabelecimento da normalidade do comércio, com a abertura das lojas e com as suas necessidades corolárias de mercado e de moeda aceitável.

A moeda era horrível. Os australianos haviam pilhado milhões em notas turcas, as únicas em uso, reduzindo-as a nenhum valor por atirá-las fora aos punhados. Um homem de tropa deu uma nota de quinhentas libras a um menino que lhe segurou o cavalo por três minutos. Young tentou o seu aprendizado de economista, lastrando as notas com o último resto do nosso ouro de Akaba; mas novos valores tiveram de ser fixados, o que implicava a existência de uma tipografia; e mal estava isto satisfeito, quando se requereu um jornal. Além do mais, como herdeiros do governo turco, os árabes deviam manter os registros do fisco e da propriedade; exigia-se o registro da população. Enquanto isto, os velhos funcionários tomavam férias jubilantes.

As requisições nos envenenaram, quando ainda estávamos meio famintos. Chauvel não tinha forragem, possuindo quarenta mil cavalos para alimentar. Se a forragem não lhe fosse remetida, ele iria procurá-la, e a liberdade assoprada poderia transformar-se em incêndio. A constituição política da Síria dependia da sua satisfação; e deveríamos esperar pouca mercê dos seus julgamentos.

Tomando tudo por tudo, aquela foi uma tarde atribulada. Atingimos um fim aparente, distribuindo delegações de poderes (com freqüência, na nossa pressa, a mãos indignas) e realizando cortes drásticos na autoridade. Stirling, o suave, Young, o capaz, e Kirkbride, o sumário, apoiaram, da melhor maneira, os esforços inteligentes dos oficiais árabes.

O nosso objetivo era constituir uma fachada, mais do que um edifício adequado. Aquilo correu tão furiosamente bem que, quando deixei Damasco, a 4 de outubro, os sírios tinham o seu governo *de facto*, que durou dois anos, sem conselheiros estrangeiros, numa terra ocupada, devastada pela guerra, e contra a vontade de importantes elementos do seio dos Aliados.

Mais tarde, eu estava sentado, só, no meu quarto, trabalhando e pensando de maneira tão firme como o permitiam as turbulentas memórias daquele dia, quando os *muezzins* começaram a emitir o chamado para a última prece, através da noite úmida, por sobre as luminárias da cidade em festa. Um, com voz clara, de especial doçura, gritou para dentro da minha janela, estando na mesquita vizinha. Encontrei-me a distinguir involuntariamente as suas palavras: "Deus, só Deus é grande; eu testemunho que não há deuses, mas Deus; e Mohammed, seu profeta. Venham à reza: venham à paz. Só Deus é grande; não há deuses — mas Deus."

Ao fim, abaixou a voz em dois tons, quase como que para falar à maneira comum, e acrescentou, suavemente: "E Ele é muito bondoso para conosco, neste dia, ó povo de Damasco." O clamor cessou, e cada qual pareceu obedecer ao chamado para a prece, naquela primeira noite da liberdade perfeita. Ao passo que o meu espírito, na pausa dominante, me mostrava a minha solidão e a falta de razão no movimento deles: porquanto, somente para mim, entre todos os ouvintes, o acontecimento era triste e a frase sem significado.

CAPÍTULO 121

Todo tremente, um cidadão me despertou, informando-me que Abd el Kader estava se rebelando. Mandei-o a Nuri Said, e senti-me feliz porque o aloucado argelino cavava a sua própria fossa. Ele chamara os seus homens, dissera-lhes que aqueles xerifes eram apenas criaturas inglesas, e conjurara-os a vibrar um golpe pela religião e pelo califa, enquanto ainda fosse tempo. Seus homens, simples sequazes com o hábito inveterado da obediência, receberam-lhe as palavras como sendo verdadeiras e partiram para mover guerra contra nós.

Os Drusos, a cujos serviços tardios eu, naquela noite, recusara secamente qualquer compensação, deram-lhe ouvidos. Eram sectários, nada se incomodando com o islã, ou o califa, ou os turcos, ou Abd el Kader: mas uma sublevação anticristã significava pilhagem, e talvez massacre de maronitas. Assim, correram às armas e começaram a assaltar lojas abertas.

Nós nos contivemos até o raiar do dia, porque o nosso número não era tão elevado para que pudéssemos perder a nossa vantagem em armas e lutar no escuro, pois as trevas tornavam iguais um homem e um louco. Mas quando a madrugada apontou, levamos os homens aos subúrbios superiores, impelindo os amotinados na direção dos distritos ribeirinhos do centro da cidade, onde as ruas atravessavam pontes, sendo fáceis de controlar.

Então, vimos como era pequeno o movimento. Nuri Said havia coberto os rebelados com seções de metralhadoras que, em uma longa rajada de balas, lhes barraram o caminho por cima de muros vazios. Foi para além destes que os nossos grupos de assalto impeliram os dissidentes. O barulho aterrador fez com que os Drusos, abandonando a pilhagem, fugissem por aléias laterais. Mohammed Said, não tão bravo como o irmão, foi preso em sua casa, e fechado na prefeitura. De novo, tive ânsias de o mandar fuzilar, mas esperei até que prendêssemos o outro.

Entretanto, Abd el Kader fugiu a caminho do campo. Ao meio-dia, tudo estava terminado. Quando as coisas começaram, eu chamara Chauvel, que, imediatamente, oferecera as suas tropas. Eu agradecera-lhe, pedindo que uma segunda companhia de cavaleiros fosse levada para o quartel turco (posto mais próximo) onde ficaria pronta ao primeiro chamado; mas a luta foi excessivamente insignificante para semelhante chamada.

A sua melhor conseqüência foi a repercussão entre os homens de imprensa, reunidos num hotel cujo muro formava o termo de uma barragem. Eles não tinham molhado a pena em muito sangue, durante aquela campanha, que marchara mais rápida do que os seus automóveis; mas aqui estava um maná, à janela dos seus dormitórios, e eles escreveram e telegrafaram até que Allenby, encontrando-se em Ramleh, se sentiu receoso, a ponto de me enviar um despacho de imprensa que recordava duas guerras balcânicas e cinco massacres armênios, mas nunca uma carnificina como a daquele dia: as ruas estavam juncadas de cadáveres, o sangue corria pelas sarjetas, e o rio Barada, em enchente, tingia de carmesim todas as fontes da cidade! Minha resposta foi um elenco dos mortos, citando o nome das cinco vítimas, e os ferimentos de dez feridos. Dos mortos, três tombaram sob o revólver impiedoso de Kirkbride.

Os Drusos foram expulsos da cidade, perdendo cavalos e fuzis que ficaram nas mãos dos cidadãos de Damasco, que havíamos constituído, na emergência, em guardas civis. Estes guardas deram à cidade um ar de guerra, patrulhando até bem tarde do dia, quando as coisas voltaram à calma e o tráfego pelas ruas se tornou normal; doces, bebidas geladas, flores e pequenas bandeiras do Hedjaz passaram a ser de novo vendidos pelos vendedores ambulantes, como anteriormente.

Retornamos à organização dos serviços públicos. Um acontecimento, divertido para mim, pessoalmente, foi a visita oficial da parte do cônsul espanhol, pessoa gentil, falando inglês, que se apresentou como encarregado de negócios de dezessete nacionalidades (inclusive todos os combatentes, exceto os turcos) e que andava em vã procura da autoridade legalmente constituída da cidade.

No almoço, um médico australiano me implorou, em nome da humanidade, que me ocupasse do hospital turco. Passei em revista, no meu espírito, os nossos três hospitais, o militar, o civil e o de missionários, e disse-lhe que cuidávamos de todos na medida em que os meios nos permitiam. Os árabes não podiam inventar remédios, nem Chauvel nos poderia fornecê-los. O médico estendeu-se mais; descreveu uma enorme sucessão de edifícios imundos, sem sequer um único oficial médico, nem enfermeiro, abarrotado de mortos e de moribundos; na

maior parte, tratava-se de casos de disenteria, havendo pelo menos alguns de tifóide; apenas se podia esperar que não se verificassem outros, de tifo ou cólera.

Pela descrição, reconheci o quartel turco, ocupado por duas companhias australianas da reserva da cidade. Encontravam-se as sentinelas às portas? Sim, disse ele, aquele era o lugar delas, mas a caserna estava cheia de turcos enfermos. Dirigi-me para lá e parlamentei com a guarda, que desconfiou do meu aparecimento, só e a pé. Tinha ordens para manter afastados todos os nativos, com receio de que massacrassem os doentes — o que era desconsideração para com a maneira árabe de se fazer a guerra. Por fim, o meu falar inglês levou-me para além do pavilhão cujo jardim estava povoado pelos duzentos miseráveis prisioneiros, todos exaustos e desesperados.

Através da grande porta do quartel, chamei alguém pelos corredores cheios de ecos e de poeira. Ninguém respondeu. O pátio, enorme, deserto, captando sol, estava repleto de imudície. O guarda contou-me que milhares de prisioneiros, dali, tinham ido, no dia anterior, para o acampamento, além da cidade. Depois desse momento, ninguém mais entrara, nem saíra. Caminhei pela ampla aléia central, a cuja esquerda havia um vestíbulo fechado, negro depois do sol rutilante do pátio estucado.

Entrei, para encontrar um mau cheiro de adoecer uma pessoa; e, quando os meus olhos se habituaram, vi um espetáculo desolador. O piso de pedra estava coberto de corpos mortos, um ao lado do outro, alguns em uniforme completo, outros com roupas de baixo, outros, ainda, inteiramente nus. Deveria haver trinta cadáveres, borbulhantes de ratos que haviam roído úmidas galerias vermelhas por dentro deles. Poucos eram cadáveres ainda frescos, talvez de apenas um ou dois dias; outros deveriam ter estado ali muito tempo. De alguns, a carne, putrefazendo-se, apresentava-se amarela, azul e negra. Muitos já estavam inflados duas ou três vezes o tamanho normal, oferecendo rostos enormes, rindo por bocas negras, rasgadas de través, em maxilares hirsutos. De outros, as partes mais moles estavam a cair. Uns poucos tinham estourado, liquefazendo-se pela decomposição.

Mais além, havia o panorama da grande sala, de onde pensei que viessem lamentos. Caminhei para ali, saltando pelo capacho fofo dos cadáveres, cujas roupas, amarelas de fezes, estalidavam secamente sob meu peso. Dentro da sala, o ar era espesso e silencioso, e o batalhão arrumado de camas ocupadas estava tão quieto que pensei que também esta gente estivesse morta, conservando-se cada homem rígido em seu catre malcheiroso, de onde a imundície líquida gotejara para se endurecer no chão cimentado.

Dei alguns passos à frente, entre as fileiras, segurando a minha túnica branca bem junto de mim, para não mergulhar meus pés descalços nas poças a escorrer; de súbito, ouvi um suspiro e voltei-me abruptamente para dar com os olhos amendoados, abertos, de um homem retesado, enquanto as palavras *Aman, aman* (piedade, piedade, perdão) eram assoprados pelos seus lábios retorcidos. Uma emoção escura ondulou por ali, quando muitos enfermos tentaram erguer as mãos; depois, houve um leve farfalhar, como de folhas murchas, quando as mãos tornaram a cair, inúteis, sobre as cobertas.

Nenhum deles tinha força para falar, mas havia algo que me fazia rir naquele sussurro uníssono, como se fora emitido sob voz de comando. Sem dúvida, tinham tido oportunidade para ensaiar os apelos, durante os últimos dois dias, a cada vez que algum soldado curioso havia lançado o olhar para ali e se retirado.

Corri através da arcada, a caminho do jardim, onde os australianos se haviam organizado em linhas, e pedi-lhes uma turma de trabalhadores. Recusaram. Ferramentas? Não tinham. Médicos? Ocupados. Kirkbride apareceu; os médicos turcos, ouvimos dizer, estavam no primeiro andar. Arrombamos uma porta para encontrar sete homens em pijama, sobre camas desfeitas, numa grande sala, fervendo caramelos. Convencemo-los rapidamente de que seria mais prudente separar os vivos dos mortos; ficaram de me preparar, dentro de meia hora, o elenco dos respectivos números. A figura robusta e pesada de Kirkbride, bem como as suas botas, indicavam-no para supervisionar este trabalho: entrementes, fui ver o paxá Ali Riza, pedindo-lhe que nos destacasse um dos quatro médicos do exército árabe.

Quando este chegou, forçamos os cinqüenta prisioneiros mais capazes do pavilhão a fazer parte da turma de enterradores. Compramos biscoitos e alimentamo-los; depois, armamo-los com ferramentas turcas e pusemo-los no quintal, a fim de que cavassem uma vala comum. Os oficiais australianos protestaram, dizendo tratar-se de lugar inadequado, pois o cheiro que se ergueria os expulsaria do jardim. A minha resposta brusca foi a de que, por Deus, eu esperava sinceramente que isto se desse.

Era crueldade obrigar a trabalhar homens tão cansados e enfermos como os nossos miseráveis turcos; mas a pressa não nos permitia escolha. Pelos pontapés e socos dos seus oficiais, não-comissionados, que nos serviam a nós, os vencedores, por fim se tornaram obedientes. Começamos a operação com um buraco de cerca de dois metros de profundidade, a um lado do jardim. Procuramos aprofundá-lo mais, mas havia uma camada de cimento no fundo; disse, pois, que bastaria, se

lhe alargássemos a abertura. Ali perto, havia muita cal viva, que cobriria os cadáveres de maneira eficaz.

Os médicos comunicaram-nos que havia cinqüenta e seis mortos, duzentos moribundos, setecentos enfermos leves. Formamos um grupo de padioleiros, destinado a descer os corpos, dos quais alguns eram levantados com facilidade, mas outros precisavam ser recolhidos aos pedaços, com pás. Os padioleiros apenas tinham forças para se manter em trabalho: com efeito, antes do fim, acrescentamos os cadáveres de dois deles ao monte de homens mortos da vala.

O fosso parecia pequeno para todos, mas tão fluida era a massa que cada recém-vindo, quando atirado para dentro, caía suavemente, apenas fazendo subir, como em geléia, os bordos da pilha, sob seu peso. Antes que o trabalho terminasse, bateu a meia-noite, e eu me autorizei a ir para a cama, exausto, visto como não havia dormido sequer três horas desde que deixáramos Deraa, quatro dias passados. Kirkbride (menino em anos, a realizar trabalho de dois homens naqueles dias) ficou para terminar o enterro e derramar terra e cal sobre a vala.

No hotel, esperava-me um feixe de assuntos urgentes: algumas sentenças de morte, nova organização judiciária e falta de cevada no dia seguinte se o trem não funcionasse. Acrescentava-se uma queixa de Chauvel, porque alguns soldados árabes se mostravam negligentes quanto ao fazer continência aos oficiais *australianos*!

CAPÍTULO 122

P ela manhã, de conformidade com o processo brusco das calamidades, estas terminaram e o nosso barco navegou sob céu claro. Os carros blindados vieram, e o prazer manifestado pelo rosto calmo dos nossos homens me animou. Pisani chegou, e fez-me rir, de tão estonteado que estava este bom soldado por causa do tumulto da política. Agarrara-se ao dever militar como a um leme para sair daquilo. Damasco apresentava-se normal, com as lojas abertas, os vendedores ambulantes comerciando, o serviço de bondes elétricos restabelecido, e trigo, vegetais e frutas chegando bem.

As ruas estavam sendo irrigadas para apagar a terrível poeira do tráfego de caminhões de três anos de guerra. As multidões eram lentas e felizes, e numerosos soldados ingleses passeavam na cidade, desarmados. O serviço telegráfico fora restabelecido com a Palestina e com Beirute, que os árabes haviam ocupado naquela noite. Desde os dias de Wejh, eu os advertira de que, quando conquistassem Damasco, deveriam deixar o Líbano de presente aos franceses e tomar Trípoli em seu lugar; porque, como porto, Trípoli valia mais do que Beirute, e a Inglaterra intrometer-se-ia honestamente no assunto, a favor dos árabes, na regulamentação da paz. Aborreci-me, pois, com o erro deles, embora me sentisse satisfeito por se mostrarem suficientemente adultos para rejeitar os meus conselhos.

Até o hospital funcionava melhor. Eu pedira a Chauvel que o tomasse a seu cuidado, mas ele não o quis. No momento, julguei que pretendesse provocar a nossa exaustão, para justificar a retirada do governo da cidade de nossas mãos. Entretanto, daí por diante, comecei a perceber que a tensão existente entre nós decorria de ilusão dos meus nervos rotos, que quase me enlouqueceram naqueles dias. Sem dúvida, Chauvel ganhou a última rodada e fez-me sentir humilhado porque, quando soube que eu estava para partir, apareceu no seu carro, com Godwin, e agradeceu-me espontaneamente o auxílio que eu lhe prestara nas suas

dificuldades. Ainda assim, o hospital ia melhorando por si. Cinqüenta prisioneiros haviam limpado o pátio, queimando o lixo piolhento. Outra turma havia cavado uma segunda vala enorme, no jardim, e ia enchendo-a cuidadosamente, à medida que as oportunidades se apresentavam. Outros tinham passado de sala em sala, lavando todos os enfermos, metendo-os em camisas mais limpas e virando-lhes os colchões, para que ficassem com o lado toleravelmente decente para cima. Achamos alimentos apropriados para todos, menos para os casos críticos, e cada sala foi munida de enfermeiro que falasse turco, tendo-se em vista a hipótese de algum doente chamar. Uma sala foi desembaraçada, pintada e desinfetada, a fim de se transferirem para ali os enfermos menos graves e de se arrumarem as suas salas, vez por vez.

Neste andar, três dias bastariam para se colocarem as coisas em ordem, e eu já estava imaginando orgulhosamente outros melhoramentos quando um major-médico subiu, perguntando-me secamente se eu falava inglês. Com um sobrecenho de desgosto pelas minhas roupas e pelas minhas sandálias, indagou: "Está de plantão?" Modestamente, sorri, com afetação, dizendo que, de certa maneira, eu estava, e então ele explodiu: "Escandaloso, insensato, ultrajante, devia ser fuzilado..." A esta investida, cacarejei como galinha, com a risada selvagem do cansaço extremo; era extraordinariamente divertido ser assim anatematizado, precisamente quando eu me orgulhava por haver melhorado o que era aparentemente irremediável.

O major não tinha entrado na tumba de ontem, nem lhe sentira o cheiro, nem nos vira enterrando aqueles cadáveres em extrema decomposição, cuja memória me sobressaltara no leito, e me fizera suar e tremer, poucas horas antes. O major fitou-me, murmurando: "Fera sangüinária." Sacudi-me de novo, repetindo a risada, e ele me esbofeteou em plena face; a seguir, saiu majestosamente, deixando-me mais envergonhado do que zangado, pois, no meu coração, eu sentia que ele tinha razão, e que fosse quem fosse que conduzisse ao êxito uma rebelião do fraco contra os seus senhores, deveria sair tão conspurcado quanto ao conceito de que, depois, nada no mundo o faria de novo sentir-se limpo. De qualquer maneira, tudo estava perto do fim.

Quando regressei ao hotel, as multidões o assediavam e, à porta, estava o Rolls-Royce cinzento, que eu sabia ser de Allenby. Corri para dentro e encontrei-o ali, com Clayton, Cornwallis e outras nobres personalidades. Em dez palavras, deu a sua aprovação por haver imposto impertinentemente governos árabes, tanto ali como em Deraa, acima do caos da vitória. Confirmou a nomeação de Ali Riza Rikabi para seu governador militar, sob as ordens de

Feisal, seu comandante de exército, e delimitou a esfera árabe, bem como a de Chauvel.

Este concordou em tomar a si o meu hospital e a responsabilidade do funcionamento da estrada de ferro. Em dez minutos, todas as dificuldades enlouquecedoras se dissiparam. Percebi, confusamente, que os dias ásperos do meu combater solitário estavam passados. Aquele que estivera sempre só ganhara a partida contra todas as estranhezas do mundo, e eu podia deixar o meu corpo repousar nesta confiança de sonho, nesta decisão e nesta bondade que era Allenby.

A seguir, disseram-nos que o trem especial de Feisal acabava de chegar de Deraa. Enviou-se-lhe uma mensagem a toda pressa, pela boca de Young, e esperamos até que ele chegasse, na maré de ovações que se espraiava contra as nossas janelas, paredes acima. Era conveniente que os dois chefes se encontrassem pela primeira vez no coração da vitória; e que eu ainda servisse de intérprete entre ambos.

Allenby deu-me um telegrama do ministério das Relações Exteriores da Inglaterra, reconhecendo aos árabes o estado de beligerantes e pediu-me que o traduzisse para o emir; mas nenhum de nós sabia o que aquilo significava em inglês, e menos ainda em árabe; e Feisal, sorrindo por entre as lágrimas que as boas-vindas do seu povo lhe provocavam, pô-lo de lado, para agradecer ao comandante-em-chefe pela confiança que havia depositado, nele e no seu movimento. Os dois formavam um estranho contraste: Feisal, de olhos grandes, sem cor e gasto, como uma adaga fina; Allenby, gigantesco, rubro e alegre, representante exato da Potência que havia lançado uma cintura de humor e de vigoroso comércio ao redor do mundo.

Quando Feisal se foi, fiz a Allenby o último (e penso que também o primeiro) pedido que jamais lhe fiz para mim — licença para me ir embora. Por um momento, ele não quis compreender; mas eu lhe apresentei razões, recordando-lhe a sua promessa de um ano atrás, e fazendo-o observar como a Nova Lei se estabeleceria mais facilmente se o aguilhão da minha presença desaparecesse da mente do povo. Ao fim, ele concordou; e, então, de súbito, eu soube o quanto eu estava triste.

Damasco pareceu não ser bainha para a minha espada, quando desembarquei na Arábia; mas a sua conquista me desvendou a exaustão dos meus principais estímulos de atividade. O motivo mais poderoso, de princípio a fim, havia sido de ordem pessoal, não mencionado aqui, mas que esteve presente em mim, ao que penso, em todas as horas destes dois anos. Os sofrimentos e as alegrias da ação podem ter subido muito alto, como torres, por entre os meus dias; mas, refluindo como o ar, este ímpeto secreto se reformou, para ser o elemento persistente da vida, até quase o fim. Estava morto, antes que chegássemos a Damasco.

A seguir, o motivo mais forte havia sido a vontade belicosa de ganhar a guerra: subjugava-me a convicção de que, sem o auxílio árabe, a Inglaterra não poderia pagar o tributo à vitória no setor turco. Quando Damasco caiu, a guerra oriental — provavelmente toda a guerra — se encaminhou para o fim.

Depois, fui impelido pela curiosidade. Super flumina Babylonis, *lida quando criança, fizera-me aspirar a ser, eu próprio, o núcleo de um movimento nacional. Tomamos Damasco, e tive medo. Mais de três dias de poder arbitrário teriam feito repontar, em mim, a raiz da autoridade.*

Restava a ambição histórica, insubstancial como motivo por si mesma. Eu sonhara, na City School, em Oxford, forçar a tomar forma, enquanto eu vivesse, a nova Ásia, que o tempo estava impelindo inexoravelmente na nossa direção. Meca devia conduzir a Damasco; Damasco à Anatólia, e, depois, a Bagdá; e, a seguir, havia o Iêmen.

Fantasias, é o que estas poderão parecer, aos que forem capazes de considerar a minha estréia como sendo esforço comum.

ÍNDICE

Aar
Aba el Lissan
Aba el Naam
Abd el Aziz
Abd el Ghani el Areisi
Abd el Hamid
Abd el Kader el Abdu
Abd el Kader el Jezairi
Abd el Kerim el Beidawi
Abd el Latif
Abd el Mayin (Mayein)
Abd el Rahman
Abdul Hamid
Abdulla, Emir
Abdulla, filho de Tafas
Abdulla, serviçal
Abdulla el Deleimi
Abdulla el Feir
Abdulla el Nahabi
Abdulla ibn Thawab
Abtan
Abu Ajaj
Abu Markha
Abu Raga
Abu Saad
Abu Sawana
Abu Tageiga
Abu Tarfeiyat
Abu Tayi
Abu Tiyur
Abu Zereibat
Acre
Aden
Adhub
Afuleh
Ageila

Agida
Agidat el Jemelein
Ahmed
Aid, xerife
Ais
Aish
Akaba
Albânia
Aleppo
Alexandria
Ali
Ali abu Fitna
Ali Fuad, paxá
Ali ibn el Hussein, Harith
Ali Riza
Ali Riza, paxá
Ali, emir
Allenby
Alwain
Amã
Amk
Ammari
Amruh
Anatólia
Annad, filho de Auda
Antar
Antióquia
Arabah
Arábia
Arfaja
Aridh
Arish
Arslan
Assad
Assaf
Atatir
Atwi
Auda abu Tayi
Auda ibn Zuweid
Awad
Awali
Aziz el Masri
Aziz de Tafas
Azmi
Azrak

Bagdá
Bair
Barada

Barrow, general
Bartholomew
Basra
Batn
Batra
Bedr ibn Shefia
Bedri
Beersheba
Behjet, paxá
Beidha
Beirute
Beisan
Bell, general Lynden
Bell, Gertrude
Bender
Beni Ayub
Beni Sakhr
Bir Abbas
Bir el Amri
Bir el Emir
Bir el Fagir
Bir el Sheikh
Bir el Waheidi
Bir ibn Hassani
Bir Said
Biseita
Blaidat
Blunt
Bols, general
Borton
Bosra
Boyle
Bray, capitão
Brémond, coronel
Brodie
Bruka
Burmester
Buseira
Butum
Buxton

Cairo
Campbell, *Sir* Walter
Chauvel, general
Chaytor
Chetf
Chetwode
Churchill, Winston
Clayton, general

Constantinopla
Cornwallis
Cousse, major
Cox
Crocker, capitão
Croil
Ctesiphon

Dahoum
Dakhil-Allah el Kadhi
Dalmeny
Damasco
Dana
Dardanelos
Daud
Davenport
Dawasir
Dawnay, general Alan
Dawnay, general Guy
Deedes
Delagha
Deraa
Dhaba
Dhahal
Dhaif-Allah5
Dheilan
Dhiab de Tafileh
Dhiab, xeque
Dhifran
Dhirwa
Dhuleil
Diraa
Doughty
Druse, Djebel
Durzi ibn Dughmi

Egito
El Haj
Emir de Meca. *Ver* Hussein
Enver, paxá
Erha
Erzerum
Eshref Bey
Eufrates
Evans
Ezraa

Fagair
Fahad
Fahad el Hansha
Faiz el Ghusein
Fakhri, paxá
Falkenhayn, general
Fara
Faraifra
Faris
Farraj
Fauzan el Harith
Fawaz
Feilding, Everard
Feisal, emir
Fejr
Ferhan el Aida
Fitzmaurice
Fura
Fuweilah

Gaa
Gaha
Galiléia
Galípoli
Gara
Garland
Gasim
Gasim abu Dumeik
Gasim el Shimt
Gattar
Gaza
Ghadaf
Ghadir el Abyadh
Ghadir el Haj
Ghalib Bey
Ghassanid
Ghazale
Ghor
Ghowashia
Ghutti
Gilman
Godwin
Goslett
Graves
Green
Greenhill
Gregory, general
Grey, *Sir* Edward
Guweira

Habban
Hadi
Hafira
Haifa
Hajar
Halil, paxá
Halim
Hallat Ammar
Hama
Hamd el Arar
Hamd ibn Jazi
Hamdh
Hamed
Hamid Fakhri, paxá
Hammad el Tugtagi
Hamra
Hamud, escravo
Hamza
Hanbag
Hasa
Hassan Shah
Hassan Sharaf
Hauran
Hazaa, xerife
Hedia
Hedjaz
Hejris
Hemeid
Henakiya
Herbert, Aubrey
Hermon
Hesa
Hesna
Hogarth
Holditch, coronel
Homs
Hornby
Houl
Howeimil, primo de Zaal
Hubsi the, primo de Auda
Hussein, Harithi
Hussein, Rei
Hussein el Atrash
Hussein Mabeirig

Ibn Bani
ibn Beidawi
ibn Dakhil
ibn Dgheithir

ibn Genj
ibn Jad
ibn Mahanna
ibn Rashid
ibn Saud
ibn Shaalan
ibn Smeir
ibn Thawab
ibn Zaal
ibn Zari
Ibrahim, paxá
Iêmen
Imran
Iraque
Irbid
Isawiya
Ismaília
Itm

Jaafar, paxá
Jabar, xerife
Jaffa
Jasim
Jauf
Jedida
Jefer
Jeida
Jemal, paxá
Jemil, o artilheiro
Jemil, príncipe
Jerdun
Jericó
Jerusalém
Jesha
Jeshi
Jidá(Djedda)
Jinz
Jizil
Jordão, Vale do
Joyce
Junor, piloto
Jurf

Kadem
Kalaat el Muadhdham
Kaseins do Sirhan
Kasim
Kerak

Kerbela
Kethira
Khabr Ajaj
Khadra
Khalid
Khalil
Khallaf
Kharma
Khartum
Khau
Khauthila
Khazen
Kheibar
Kheif
Kheif Hussein
Khirbet el Ghazala
Khoreiba
Khtalid, irmã de Trad
Khubt
Khuzail
Kirkbride
Kissir
Kiswe
Kitan
Kitchener, *Lord*
Kosseir
Kress, von
Kubri
Kuntilla
Kurna
Kurr
Kusair el Amra
Kut
Kuwait

Lamotte
Lebda
Lewis
Líbano
Liman von Sanders
Linberry
Lloyd
Lutfi
Lyttleton

Maan
MacRury
Madahrij

Mafrak
Mahmas
Mahmud
Maigua
Majid ibn Sultan
Malcolm, Neil
Mania
Mar Morto
Mar Vermelho
Mared
Marrakh
Marshall
Masahali
Mastur, xerife
Masturah
Matar
Maulud
Maxwell
Maynard
Mcmahon, *Sir* Henry
Meca, xerife de. *Ver* Hussein, Rei
Meca
Medain Salih
Medina
Mehmed Jemal, paxá
Meinertzhagen
Merjan
Mesopotâmia
Messarih
Messudieh
Metaab
Methar
Mezerib
Mifleh el Gomaan
Mifleh ibn Bani
Mifleh de Beni Sakhr
Mijhem
Minifir
Mirzuk el Tikheimi
Miskin
Mithgal, chefe dos Beni Sakhr
Mitla, montanhas de
Miya
Moab, montanhas de
Modwwara
Mohammed
Mohammed, filho de Auda
Mohammed Ali abu Sharrain
Mohammed Ali el Beidawi
Mohammed el Dheilan, primo de Auda

Mohammed el Ghasib
Mohammed el Kadhi
Mohammed ibn Shefia
Mohammed Said, Emir
Mohsin
Mosul
Motlog el Awar
Moweilleh
Mreigha
Mteir, xeque
Muadhdham
Muaggar
Mubarak
Mufaddhi
Mukheymer
Murabba
Murphy, piloto
Murray, *Sir* Archibald
Murrmiya
Musa
Musa
Muscat
Mushagraf
Muslimieh
Mustafá Kemal
Mustafá

Nablus
Nafibey
Nagh el Shtar
Nakhl Mubarak
Nasib (Nesib) el Bekri
Nasir de Medina, xerife
Nawaf
Nawaf el Faiz, irmão de Mithgal
Nazaré
Nebk
Nefudh
Nejed
Nejd
Nejef
Nekhl
Neville
Newcombe
Niazi Bey
Nisib
Nitria
Nuri Said

Odroh
Ohod, Djebel
Orontes
Osman
Othman
Owais
Owdi ibn Zuweid

Palestina
Palgrave
Parker, coronel
Passo de Tasha
Peake
Pérsia
Peters
Petra
Petra nabatiana
Picot, M.
Pisani, capitão
Poço do Rei
Prost, sargento

Raal, Djebel
Rabegh
Rafa
Raha
Rahail
Raja el Khuluwi
Rameid
Ramleh
Ras Gara
Ras Muheiwir
Rasheidiya
Rashid
Rasim
Reimi
Remthe
Reshidiya
Rolls, motorista
Ross
Ross Smith
Rowan, tenente
Rubiaan
Rudhwa, Djebel
Rufeiya, Djebel
Ruhi
Rumh
Rumm

Saad
Sabin
Safra
Safra el Jesha
Salama
Saleh ibn Shefia
Saleh, xeque
Salem, escravo
Salmond
Salt
Sami
Sanderson
Sayed Ali
Sayid Taleb
Scott, irlandês
Scott-Higgins
Sebeil
Seil Raugha
Selhub
Selim, el Jezairi
Semakh
Semna
Serahin
Serd, Djebel
Serj
Seyal abu Arad
Shahm
Shakespear, capitão
Shakir, xerife
Shamiya
Shammar
Sharraf
Shatt
Shea
Shedia
Shefikel Eyr
Shehab
Shehad (Shahad)
Sheikh Saad
Shellala
Sherm Habban
Shobek
Showak
Shtar
Shukri el Ayubi
Siddons
Sinai
Sirhan
Síria
Siyul el Kelb

Snagge, capitão
Snainirat
Stent
Stirling
Stokes
Storrs, Ronald
Subh, Djebel
Sudão
Suez
Suhriman Rifada
Sukhur
Suleiman Rifada
Suleiman
Sultan el Abbud
Sultani
Suvla
Sykes

Tadmor
Tafas el Rashid
Tafas
Tafileh
Taif
Taif, primo de Feisal
Taiyibe
Talaat
Talal el Hareidhin
Tallal
Taraba
Tebuk
Tehama
Teima
Tell Arar
Tell el Shehab
Tell Shahm
Tewfik Bey
Themed
Thlaithukhwat
Thorne
Thrace
Tleih
Townshend
Trad
Traill
Trípoli
Tubaik
Tullibardine
Turaa
Turki

Turquia

Ugula
Uheida
'Ula (el 'Ula)
Um el Jemal
Um el Surab
Um Keis
Um Kharug
Um Lejj
Umtaiye
Urfa

Vickery

Wade
Waheida
Warren
Wasta
Wejh
Wemyss, almirante
Widian
Wilson, coronel
Wingate, *Sir* Reginald
Winterton
Wood, engenheiro
Wright

Xuri

Yarmuk, vale
Yasin el Hashimi
Yenbo
Yisin
Young
Yusuf, xeque

Zaal
Zeid, emir
Zeitun
Zeki
Zerga
Zibliyat Hills
Ziza

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Os sete pilares da sabedoria

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/os-sete-pilares-da-sabedoria-13218ed14606.html

Skoob do autor
http://www.skoob.com.br/autor/1780-t-e-lawrence

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/2875209.T_E_Lawrence?
from_search=true&search_version=service

Wikipédia do autor
https://pt.wikipedia.org/wiki/T._E._Lawrence